

MARTIN  CLARET



ALEXANDRE DUMAS

CONDE
de
MONTE
CRISTO
+

Handwritten text consisting of approximately 20 lines of symbols. The symbols are primarily vertical strokes with horizontal bars, resembling a stylized script or shorthand. Some symbols include additional features like diagonal lines or small crosses. The text is arranged in a grid-like pattern across the page.

CONDE
de
MONTE
CRISTO
+

ALEXANDRE DUMAS

TRADUÇÃO:
HERCULANO VILLAS-BOAS

Handwritten text consisting of approximately 20 lines of stylized, repetitive characters. The characters are arranged in a grid-like pattern, resembling a form of shorthand or a specific dialect of a script. The characters are primarily vertical strokes with horizontal bars, often forming groups of three or four. Some characters include additional diagonal or cross-like elements. The overall appearance is that of a dense, rhythmic sequence of marks.

SUMÁRIO

O Conde de Monte-Cristo no limiar do novo milênio

PARTE I

- I. Marselha. — A chegada
- II. Pai e filho
- III. Os Catalães
- IV. A conspiração
- V. O banquete de noivado
- VI. O substituto do procurador do rei
- VII. O interrogatório
- VIII. O castelo de If
- IX. A noite de noivado
- X. O pequeno gabinete das Tulherias
- XI. O monstro da Córsega
- XII. Pai e filho
- XIII. Os Cem Dias
- XIV. O prisioneiro furioso e o prisioneiro louco
- XV. O número 34 e o número 27
- XVI. Um sábio italiano
- XVII. A cela do abade
- XVIII. O tesouro
- XIX. O terceiro acesso
- XX. O cemitério do castelo de If
- XXI. A ilha de Tiboulén

PARTE II

- XXII. Os contrabandistas

XXIII. A ilha de Monte-Cristo
XXIV. Encantamento
XXV. O desconhecido
XXVI. A pousada da ponte do Gard
XXVII. A história
XXVIII. Os registros das prisões
XXIX. A casa Morrel
XXX. O cinco de setembro
XXXI. Itália. — Simbad, o Marujo
XXXII. O despertar
XXXIII. Os bandidos romanos
XXXIV. Luigi Vampa
XXXV. Aparições
XXXVI. A malhação
XXXVII. O carnaval de Roma
XXXVIII. Os subterrâneos de São Sebastião
XXXIX. O encontro

PARTE III

XL. Os convidados
XLI. O almoço
XLII. A apresentação
XLIII. O senhor Bertuccio
XLIV. A casa de Auteuil
XLV. A vendeta
XLVI. A chuva púrpura
XLVII. Crédito ilimitado
XLVIII. Os cavalos malhados
XLIX. Ideologia
L. Haydée
LI. A família Morrel
LII. Píramo e Tisbe
LIII. Toxicologia
LIV. Robert, o diabo
LV. A alta e a baixa

LVI. O major Cavalcanti
LVII. Andrea Cavalcanti
LVIII. O pomar de alfafa

PARTE IV

LIX. O senhor Noirtier de Villefort
LX. O testamento
LXI. O telégrafo
LXII. Meios de livrar um jardineiro dos roedores que devoram os seus pêssegos
LXIII. Os fantasmas
LXIV. O jantar
LXV. O mendigo
LXVI. Cena conjugal
LXVII. Planos de casamento
LXVIII. O gabinete do procurador do rei
LXIX. Um baile de verão
LXX. As informações
LXXI. O baile
LXXII. Pão e sal
LXXIII. A senhora de Saint-Méran
LXXIV. A promessa
LXXV. O mausoléu da família Villefort
LXXVI. A ata
LXXVII. Os progressos de Cavalcanti Filho
LXXVIII. Haydée

PARTE V

LXXIX. Escrevem-nos de Janina
LXXX. A limonada
LXXXI. A acusação
LXXXII. O quarto do padeiro aposentado
LXXXIII. A invasão
LXXXIV. A mão de Deus

LXXXV. Beauchamp
LXXXVI. A viagem
LXXXVII. O julgamento
LXXXVIII. A provocação
LXXXIX. O insulto
XC. A noite
XCI. O duelo
XCII. Mãe e filho
XCIII. O suicídio
XCIV. Valentine
XCV. A confissão
XCVI. Pai e filha
XCVII. O contrato
XCVIII. A estrada da Bélgica
XCIX. A Pousada do Sino e da Garrafa
C. A lei
CI. A aparição
CII. Locusta
CIII. Valentine
CIV. Maximilien
CV. A assinatura de Danglars
CVI. O cemitério Père-Lachaise
CVII. A partilha
CVIII. O fosso dos leões
CIX. O juiz
CX. O julgamento
CXI. A peça de acusação
CXII. Expição
CXIII. A partida
CXIV. O passado
CXV. Peppino
CXVI. A carta de Luigi Vampa
CXVII. O perdão
CXVIII. O cinco de outubro

PREFÁCIO

O CONDE DE MONTE-CRISTO NO LIMIAR DO NOVO MILÊNIO

Oleg Almeida*

A história da literatura universal arrola poucos romances cujo impacto estético possa ser comparado, ao menos remotamente, com o de *O Conde de Monte-Cristo*. Editada há 170 anos,¹ esta obra-prima de Alexandre Dumas foi lida por milhões de pessoas, traduzida para todas as línguas imagináveis, adaptada às mais diversas culturas e mentalidades. No decorrer do século XX, tão rico em novas manifestações artísticas, seus carismáticos personagens apareceram nas telas do cinema e da televisão, passaram a atuar em peças de teatro e musicais, até se acharam inseridos nos bizarros quadrinhos de alguns gibis. Eles são conhecidos no mundo inteiro, esses heróis e vilões que representam, bem convincentes em sua nobreza ou infâmia, as principais virtudes e falhas da natureza humana: quem, por exemplo, nunca assistiu a um dos inúmeros filmes produzidos na França e nos Estados Unidos, na Rússia e na Itália, no México e na Coreia do Sul, que contam e recontam suas aventuras vertiginosas? Não obstante, tenho plena certeza de que a inédita tradução desta obra, presentemente lançada pela Martin Claret, vai atrair muita gente disposta a lê-la, ou melhor, a saboreá-la. É que a história do misterioso conde europeu e oriental, revoltado frente a seus pares e humilde perante Deus, inflexível em suas decisões e atormentado por dúvidas — numa

palavra, de um homem extraordinário que o destino obriga a encarar uma porção de circunstâncias excepcionais —, merece ser lida, ou então relida, nem que seja apenas para sentirmos, folheando as páginas, uma tensão constante, não raro perturbadora, que ela impõe mesmo aos mais frios e sóbrios dos seus leitores; é que o prazer que ela nos proporciona não se esgota num piscar de olhos.

Ressalte-se logo que não vou resumir aqui o romance de Dumas, nem sequer aludir às suas peripécias mirabolantes: uma daquelas narrações que prendem nossa atenção desde o primeiro capítulo e não a soltam mais até o desfecho. Todo o seu encanto se perderia com uma só menção inoportuna. Limitar-me-ei a dizer que se embasa num dramático fato real, ocorrido na época de Napoleão e relatado, sob o título “O diamante e a vingança”, nas *Memórias tiradas dos arquivos da polícia de Paris...*, de Jacques Peuchet,² que o escritor curioso revolveu, como um incansável garimpeiro, em busca de ideias e reminiscências capazes de atizar a sua indômita criatividade. Espero que tal fato, ora citado em traços gerais, venha a servir de aperitivo ao suntuoso banquete literário do qual vamos desfrutar em seguida!

“A polícia é o precipício que há de devorar tudo... Imensa é a quantidade de coisas que ela sabe” — leu Dumas a frase inaugural de “O diamante e a vingança”, dando de ombros em face dessa aparente banalidade. Não sabia ainda que a verdadeira revelação estava por vir. Meio distraído, saltou para outra página e...

“Em 1807 morava em Paris um artesão que consertava calçados em domicílio, chamado François Picaud. Aquele pobre-diabo, moço jovem e bem-apeσοado, estava prestes a desposar uma mocinha fresca, jeitosa, atraente, de quem gostava muito, como o homem do povo gosta, aliás, da noiva que escolhe, ou seja, como se não houvesse outras mulheres, visto que só existe, para o homem do povo, uma maneira de arranjar uma mulher: a de casar-se com ela. Então, tendo esse belo projeto em mente e vestindo seu traje dominical, François Picaud vai visitar um cafeteiro, de idade e posição iguais às dele, porém mais abastado que o artesão e conhecido pela inveja extravagante de tudo quanto prosperasse ao

seu redor.” Mathieu Loupian, o cafeteiro em questão, recebeu-o em seu estabelecimento, na presença de três outros homens que não apenas conheciam o jovem artesão, mas passavam mesmo por seus bons amigos.

“— Pois bem — diz o dono do café. — Hein, Picaud, mas como estás *bravo!* Até parece que vais dançar (...).

— Farei melhor ainda, meu caro Loupian: vou casar.

— E quem foi que escolheste pra te botar chifres? — pergunta um dos ouvintes, um tal de Allut.”

A turma se põe a rir: por enquanto, nada prenuncia desgraça alguma.

“(…) — Brincadeiras à parte — diz o cafeteiro —, com quem te casas, Picaud?

— Com a filha dos Vigoroux.

— Marguerite, a riquinha?

— Ela mesma.

— Mas ela tem cem mil francos! — exclama o cafeteiro, consternado.

— Eu lhe pagarei com amor e com felicidade...” E, radiante como está, Picaud insiste em convidar a todos para o seu próximo casamento. “Os quatro amigos mal podem articular, em resposta, umas palavras insignificantes, tanto a felicidade de seu companheiro os deixa atordoados.” Logo que Picaud sai do café, “entreolham-se”. A semente de um baixo conluio está plantada.

“— Ele tem sorte, aquele palerma!

— É um bruxo.

— Uma garota tão linda, tão rica!

— Com um *pé-rapado!*

— E o casório vai ser na terça.

— Sim, daqui a três dias.

— Aposto — diz Loupian — que atrasarei a festa.

— O que vais fazer?

— Bem... pregar uma peça.

— Mais uma das tuas?

— Uma brincadeira excelente... O comissário está chegando aqui. Direi que suspeito Picaud de ser um espião dos ingleses,

entendem? Desse jeito, ele será intimado, interrogado, levará um susto, e seu casamento terá de esperar, ao menos, por uma semana.

— Loupian — diz Allut —, tua piada é de mau gosto. Não conheces Picaud... Ele é capaz, se descobrir a armação, de se vingar duramente.

— Uh, uh! — disseram os outros. — A gente tem que brincar no carnaval.”

E eis que os amigos da onça denunciaram o infeliz noivo a um ambicioso comissário de polícia, que também frequentava aquele café e para quem quaisquer meios de subir na vida eram perfeitamente lícitos. Às vésperas do seu casamento, “na noite de domingo para segunda, o desditoso Picaud foi levado de sua casa com tanto sigilo que ninguém o viu partir; mas, desde aquele dia, seus rastros se perdem completamente; nem seus familiares nem seus amigos conseguem obter a mínima informação acerca do seu destino, e deixam de procurá-lo...”.³ Não se brincava, na França napoleônica, com os espões estrangeiros, fossem eles presos em flagrante, fossem tão somente supostos.

Alexandre Dumas ficou entusiasmado com o que acabava de ler. “Mas que enredo fantástico!” — deve ter pensado, já vislumbrando, através dessas linhas despreziosas, o esplendor de sua futura obra. — “Só que um sapateiro enamorado de uma burguesinha endinheirada... Que cafonice! O público não é mais tão ingênuo como nos velhos tempos: quem é que vai acreditar numa coisa dessas? E tantos nomes sem graça, um mais batido que o outro: François, Marguerite... Ora bolas!” — animou-se de supetão, percebendo que nem tudo estava perdido. — “E se o herói da trama se chamasse... digamos, Edmond Dantès... e fosse um jovem marinheiro forte, corajoso e prestes a assumir o comando de um grande navio mercante? O mar, como o pano de fundo, seria decerto mais expressivo que os bairros pobres de Paris! Logicamente, o início da nossa história transcorreria ali no Sul, de preferência em Marselha, cidade que respira brisas salgadas e paixões arrebatadoras. Nesse caso, não faria mal se o bravo rapaz

estivesse namorando uma moça catalã (como se sabe, uma pitada de exotismo sempre vem a calhar...), bela e orgulhosa feito uma ninfa mediterrânea, e poderíamos batizá-la de... Mercedes, que nome lindo! O cafajeste de Loupian, em vez de mexer com a culinária, exerceria o ofício de contador no mesmo navio que Dantès: afinal de contas, nossos piores inimigos são os que estão perto de nós e têm algo a dividir conosco... E o nome dele seria, quem sabe, Danglars. Quanto àquele precavido Allut, ele, sim, consertaria sapatos e atenderia por Caderousse. E o comissário de polícia, que promoveríamos a procurador do rei, também surgiria no palco... Eureka: raios me partam se o prato não está pronto para entrar no forno!” E foi assim que Alexandre Dumas construiu os cenários de seu romance monumental e concebeu toda uma galeria de vultos pasmosos a povoá-lo; e foi assim que a hermética concha de sua fantasia expeliu uma das maiores pérolas que as letras mundiais viram nascer!

Bem realista nas detalhadíssimas descrições da alta-roda parisiense, que o excelso protagonista vira amiúde de cabeça para baixo, *O Conde de Monte-Cristo* é notavelmente romântico no que diz respeito às sensações e ações deste, sejam os sofrimentos que aturou nas masmorras onde foi mantido pelo rancor de seus próximos, sejam os amores que marcaram toda a sua existência e culminaram num desenlace inesperado. Diria mais que isso: ele continua romântico nos dias de hoje, quando boa parte da humanidade, insatisfeita com o esquematismo dos rumos espirituais que tem seguido, retoma certos caminhos do passado a fim de recuperar seus valores depreciados ou esquecidos, e a singularidade do homem que o imortalizou no século retrasado não se assemelha menos, na visão do leitor contemporâneo, à de Manfred, Lara e outras criaturas do Lorde Byron⁴ que no momento de sua aparição. Os felizardos que já foram à França e devassaram a cela de Edmond Dantès no sinistro Castelo de If, situado nas redondezas de Marselha, ou enveredaram pela rua Monte-Cristo que desemboca, a leste de Paris, na rua Alexandre Dumas, como se o fabuloso conde prezasse a eterna vizinhança de seu criador, não

deixarão de concordar comigo: por mais antiquado que o considerem vários céticos de plantão, o romantismo literário se revela vivo e efetivo no limiar do novo milênio!

É claro que um texto dessa envergadura, extenso e multiface em extremo, cujo desdobrar transforma as pessoas comuns em entes supremos e faz o milagroso byroniano completar, com toda a naturalidade, o morno cotidiano, precisaria de uma tradução impecável para agradar a quem o lesse ou meramente refrescasse seus lances na memória. Resta-me comentar, à guisa de conclusão, que cheguei a examinar a de Herculano Villas-Boas da primeira até a última linha, com olhos tão atentos e desconfiados como só podem ser os de um tradutor incumbido de revisar e, se necessário, de criticar um trabalho de seu colega, reconhecendo-a por fim esmerada o suficiente para recomendá-la agora aos leitores jovens, na maioria das vezes muito exigentes com relação àquilo que o mercado livreiro lhes oferece. A meu ver, tanto o estilo desta tradução — culto sem exagero, enérgico sem aspereza e refinado sem melosidade — quanto sua estrita, quase justalinear, adequação ao original francês, hão de tornar a sua leitura enriquecedora e prazerosa.

* Oleg Almeida (1971, Bielorrússia): poeta, ensaísta e tradutor, sócio da União Brasileira de Escritores (UBE/São Paulo), colaborador das mídias impressas e eletrônicas. Autor dos livros de poesia *Memórias dum hiperbóreo* (2008), *Quarta-feira de Cinzas e outros poemas* (2011) e *Antologia cosmopolita* (2013) e de numerosas traduções do russo (*Diário do subsolo*, *O jogador*, *Crime e castigo* e *Memórias da casa dos mortos*, de Fiódor Dostoiévski; *Pequenas tragédias*, de Alexandr Púchkin; *Canções alexandrinas*, de Mikhail Kuzmin; coletânea *Contos russos*) e do francês (*O esplim de Paris*: pequenos poemas em prosa de Charles Baudelaire; *Os cantos de Bilítis*, de Pierre Louÿs).

¹ A edição definitiva do romance (Alexandre Dumas. *Le Comte de Monte-Cristo, au bureau de L'Écho des feuilletons*, 2 vol.), publicada em 1846, foi reproduzida pelas Edições Flammarion em 1998 e usada por Herculano Villas-Boas para efetuar a tradução que segue.

² Jacques Peuchet. *Mémoires tirés des archives de la police de Paris, pour servir à l'histoire de la morale et de la police, depuis Louis XIV jusqu'à nos jours*. Tome V. Paris, Bourmangé Éditeur, 1838: hoje em dia, o valor desta fonte documental é inestimável, tendo os arquivos policiais, de onde seu autor extraiu um vasto material sensacionalista, sido queimados durante a “Semana sangrenta”, em maio de 1871.

³ Jacques Peuchet. Op. cit., pp. 197-202 (tradução de Oleg Almeida).

⁴ George Gordon Byron, vulgo Lorde Byron (1788 – 1824): o máximo expoente do romantismo poético europeu, cujos heróis, dotados de qualidades sobre-humanas, inflamaram a imaginação do mundo inteiro em princípios do século XIX.

PARTE
I

I. MARSELHA. — A CHEGADA No dia 24 de fevereiro de 1815, a sentinela de Nossa Senhora da Guarda sinalizou a chegada do navio de três mastros *Faraó*, proveniente de Esmirna, Trieste e Nápoles.

Como de hábito, um piloto costeiro logo partiu do porto, passou perto do castelo de If e abordou o navio entre o cabo de Morgiou e a ilha de Rion.

Também como de hábito, a plataforma do forte São João logo se encheu de curiosos, pois em Marselha a chegada de um navio é sempre um grande acontecimento — principalmente quando esse navio, como o *Faraó*, foi construído, preparado e aparelhado nos estaleiros da velha Fócia, pertencendo a um armador da cidade.¹

Mas o navio avançava; atravessara facilmente o estreito que algum abalo vulcânico cavara entre a ilha de Calasareigne e a ilha de Jaros; dobrara Pomègue e avançava, com os seus três mastros, a sua grande vela e a sua brigantina — mas tão lentamente, com ar tão triste, que os curiosos, com aquele instinto que pressente uma desgraça, já se perguntavam que acidente poderia ter ocorrido a bordo. Todavia, os que entendiam de navegação imaginavam: se tivesse acontecido algum acidente, não poderia ter sido com o próprio navio, que avançava com todas as condições de uma embarcação muito bem governada: a âncora já estava preparada, os cabos já estavam soltos; perto do piloto, que se preparava para manobrar o *Faraó* pela estreita passagem ao porto de Marselha, encontrava-se um jovem de gestos rápidos e olho vivo vigiando cada movimento do navio, repetindo cada ordem do piloto.

A vaga inquietude a pairar sobre a multidão atingira especialmente um dos espectadores da esplanada de São João: ele não conseguiu esperar a chegada do navio ao porto; saltou a um

barquinho e mandou remar rumo ao *Faraó*, alcançando-o diante da enseada de La Réserve.

Ao ver esse homem se aproximar, o jovem marinheiro abandonou o seu posto ao lado do piloto e, de chapéu na mão, apoiou-se à amurada do navio.

Ele era um jovem de dezoito a vinte anos, alto, esbelto, com belos olhos negros e cabelos de ébano; em toda a sua pessoa havia aquele ar de calma e resolução próprio dos homens acostumados a lutar com o perigo desde a infância.

— Ah, é você, Dantès?! — exclamou o homem no barco. — Mas o que foi que aconteceu? O que provocou esse ar de tristeza espalhado por todo o navio?

— Uma grande desgraça, senhor Morrel! — respondeu o jovem. — Uma grande desgraça, principalmente para mim: na altura de Civitavecchia nós perdemos o bravo capitão Leclère.

— E a carga? — perguntou ansioso o armador.

— Ela chegou bem, senhor Morrel: quanto a isso, acho que o senhor vai ficar satisfeito; mas o pobre capitão Leclère...

— Mas o que foi que lhe aconteceu? — perguntou o armador, parecendo visivelmente aliviado. — O que aconteceu a esse bravo capitão?

— Ele morreu.

— Caiu no mar?

— Não, senhor... Morreu de febre cerebral, em meio a terríveis sofrimentos.

Em seguida, voltando-se a seus homens: — Olá... ei! — disse ele. — Todos a postos para ancorar!

A tripulação obedeceu. Os oito ou dez marinheiros que a compunham lançaram-se imediatamente uns às cordas, outros aos cabos, outros às adriças, outros às vergas, outros enfim a recolher as velas.

O jovem marinheiro lançou um olhar preguiçoso ao começo da manobra e, vendo que as suas ordens se cumpriam, voltou-se para o seu interlocutor.

— E como foi que aconteceu essa desgraça? — continuou o armador, retomando a conversa no ponto em que o jovem

marinheiro a interrompera.

— Meu Deus, senhor, da maneira mais inesperada: depois de longa conversa com o comandante do porto, o capitão Leclère saiu de Nápoles muito agitado... Vinte e quatro horas depois, ele foi tomado pela febre... Três dias depois, estava morto...

“Fizemos os funerais costumeiros e ele descansa, decentemente envolvido em uma rede, com uma bola de ferro de dezesseis quilos nos pés e outra na cabeça, na altura da ilha de El Giglio. Trouxemos para a viúva a sua cruz de honra e a sua espada. Mas que sina — continuou o jovem, com sorriso triste —: guerrear dez anos contra os ingleses, depois morrer na cama, como todo mundo.”

— Ora, o que esperava, seu Edmond — replicou o armador, que parecia cada vez mais consolado —: todos nós somos mortais, é preciso que os velhos deem lugar aos novos, sem isso não haveria progresso, e, se me garante que a carga...

— Está em bom estado, senhor Morrel, respondo por ela. Quanto a essa viagem, aconselho-o a não esperar menos de 25 mil francos de lucro.

Então, quando acabavam de ultrapassar a torre redonda: — Preparar para guardar as velas da gávea, o cutelo e a brigantina! — exclamou o jovem marinheiro. — Depressa!

A ordem foi executada quase tão depressa quanto em um navio de guerra.

— Arriar e guardar tudo!

A esse comando, todas as velas foram arriadas e o navio avançou de forma quase imperceptível, impelido apenas pelo seu próprio impulso.

— Agora, se quiser subir, senhor Morrel — disse Dantès, percebendo a impaciência do armador —, ali está o seu contador, o senhor Danglars, saindo de sua cabine: ele lhe dará todas as informações que desejar. Quanto a mim, preciso vigiar a ancoragem e pôr o navio de luto.

O armador não esperou repetirem. Agarrou o cabo lançado por Dantès e, com agilidade que honraria um marinheiro, subiu os degraus fixados no casco do navio, enquanto o jovem, voltando a seu posto de imediato, cedia a palavra a quem anunciara pelo nome

de Danglars, que de fato, saindo de sua cabine, caminhava na direção do armador.

O recém-chegado era um homem de vinte e cinco ou vinte e seis anos, de traços bem sombrios, obsequioso com os superiores, insolente com os subordinados; assim, além do título de contador, que para os marinheiros é sempre motivo de repulsa, em geral era tão malvisto pela tripulação quanto Edmond Dantès, pelo contrário, era estimado.

— Então, senhor Morrel — disse Danglars —, já soube da desgraça, não soube?

— Sim, eu soube. Pobre capitão Leclère! Ele era um homem bom, honesto!

— E era principalmente um excelente marinheiro, envelhecido entre o céu e a água, como convém a um homem encarregado dos interesses de uma casa tão importante quanto a casa Morrel e filhos — respondeu Danglars.

— Mas — disse o armador, seguindo com os olhos Dantès, que preparava a ancoragem —, mas me parece que não é preciso ser um marinheiro tão velho quanto você diz, Danglars, para conhecer bem o seu ofício. Ali está o nosso amigo Edmond, que faz muito bem o seu trabalho, parece-me, como homem que não precisa pedir conselhos a ninguém.

— Sim — disse Danglars, lançando a Dantès um olhar torto em que brilhava um lampejo de ódio —, sim, ele é jovem, decidido... Mal o capitão morreu, ele assumiu o comando, sem consultar ninguém, e nos fez perder um dia e meio na ilha de Elba, em vez de rumar direto para Marselha.

— Quanto a assumir o comando do navio — disse o armador —, era seu dever, como imediato... Quanto a perder um dia e meio na ilha de Elba, seria um erro, a não ser que o navio tivesse alguma avaria a reparar.

— O navio estava passando tão bem quanto eu, quanto eu desejo que o senhor esteja passando, senhor Morrel, e esse dia e meio foi perdido por puro capricho, só pelo prazer de descer a terra.

— Dantès — disse o armador, voltando-se para o jovem —, vem cá.

— Perdão, senhor — disse Dantès —, já vou, um instante. —
Então, dirigindo-se à tripulação: — Ancorar! — disse ele.

Logo a âncora foi lançada, a corrente deslizou ruidosamente. Dantès permaneceu em seu posto, apesar da presença do piloto, até que essa última manobra fosse concluída. Então disse: — Colocar a bandeira a meio mastro, guardar o pavilhão, cruzar as vergas!

— Olhe, senhor — disse Danglars —, ele já se acha capitão, juro.

— E realmente ele o é — disse o armador.

— Sim, senhor Morrel, se for nomeado pelo senhor e por seu sócio.

— Ora, por que não lhe daríamos esse posto? — disse o armador. — Ele é jovem, eu sei, mas me parece apto para o cargo, já é bem experiente.

Uma nuvem passou pela testa de Danglars.

— Perdão, senhor Morrel — disse Dantès, aproximando-se —, agora que o navio está ancorado, sou todo seu: o senhor me chamou, não chamou?

Danglars deu um passo para trás.

— Eu queria lhe perguntar: por que você parou na ilha de Elba?

— Não sei bem, senhor: foi para cumprir uma última ordem do capitão Leclère, que ao morrer me entregou um pacote para o grão-marechal Bertrand.²

— Então, Edmond, você o viu?

— Quem?

— O grão-marechal.

— Vi.

Morrel olhou ao redor e levou Dantès para um canto.

— E como vai o imperador Napoleão? — perguntou vivamente.

— Bem, pelo que pude ver com os meus próprios olhos.

— Então você também viu o imperador?

— Ele entrou na sala do marechal quando eu estava lá.

— E você falou com ele?

— Quer dizer, foi ele que falou comigo, senhor — disse Dantès, sorrindo.

— E o que foi que lhe disse?

— Ele me fez perguntas sobre o navio... Quando o navio partiu para Marselha, qual a rota seguida, a carga que levava... Acho que, se o navio estivesse vazio, se eu fosse o dono, ele tentaria comprá-lo; mas eu lhe disse que não passava de um imediato, que o navio pertencia à casa Morrel e filhos. “Ah, ah!”, ele me disse, “eu a conheço... Os Morrel são armadores de pai para filho... Havia um Morrel que servia no mesmo regimento que eu, quando estávamos no quartel de Valência.”

— Nossa, é verdade! — exclamou o armador, muito alegre. — Era o Policar Morrel, meu tio, que se tornou capitão. Se você disser ao meu tio que o imperador se lembrou dele, Dantès, ele vai chorar, o velho veterano rabugento... Vamos, vamos — continuou o armador, batendo amavelmente no ombro do jovem —, você fez bem, Dantès, de seguir o último desejo, as instruções do capitão Leclère, e de fazer escala na ilha de Elba... Embora, se souberem que você entregou um pacote ao marechal e conversou com o imperador, isso possa comprometê-lo...

— No que acha, senhor, que isso poderia me comprometer? — disse Dantès. — Eu nem sei o que foi que entreguei... E o imperador só me fez perguntas que faria ao primeiro que aparecesse. Mas perdão — continuou Dantès —, o pessoal da alfândega e da saúde já está chegando, o senhor me permite, não é?

— Vai, vai, meu caro Dantès.

O jovem afastou-se; enquanto ele se afastava, Danglars aproximou-se.

— Então — perguntou ele —, parece que ele lhe deu boas razões para ter atracado em Porto-Ferraio?

— Excelentes, meu caro senhor Danglars.

— Ah, que bom — respondeu Danglars —, é sempre penoso ver um camarada faltar a seu dever.

— Dantès cumpriu seu dever — respondeu o armador — e não há nada a lhe reprovar. Foi o capitão Leclère que lhe ordenou essa

escala.

— Por falar no capitão Leclère, ele não lhe entregou uma carta dele?

— Quem?

— Dantès.

— A mim, não! Havia uma carta?

— Acho que, além do pacote, o capitão Leclère confiou-lhe uma carta.

— De que pacote você está falando, Danglars?

— Mas do pacote que Dantès entregou, ao passar por Porto-Ferrajo.

— Como você sabe que havia um pacote a ser entregue em Porto-Ferrajo?

Danglars enrubesceu.

— Eu estava passando pela porta do capitão, a porta estava entreaberta, eu o vi entregar um pacote e uma carta a Dantès.

— Ele não me falou nada — disse o armador —, mas, se houver uma carta, ele vai entregá-la a mim.

Danglars refletiu por um momento.

— Então, senhor Morrel, por favor — disse ele —, não fale disso a Dantès, devo ter me enganado.

Nesse instante, o jovem retornava; Danglars afastou-se.

— Então, meu caro Dantès, já está livre? — perguntou o armador.

— Sim, senhor.

— A coisa não tomou lá muito tempo.

— Não, entreguei aos fiscais a lista de nossas mercadorias... E, quanto à estocagem, além do piloto costeiro ela mandou um homem a quem entreguei os nossos papéis.

— Então já não tem mais nada a fazer aqui?

Dantès lançou um rápido olhar ao redor.

— Não, está tudo em ordem — disse ele.

— Então você pode vir jantar conosco?

— Desculpe, senhor Morrel, desculpe, por favor, mas devo a primeira visita ao meu pai. Mas não deixo de agradecer-lhe pela honra do convite.

— É justo, Dantès, é justo. Sei que você é um bom filho.

— E — perguntou Dantès, hesitando um pouco — o senhor sabe se o meu pai está bem?

— Acho que sim, meu caro Edmond, embora não o tenha visto.

— Sim, ele nunca sai de seu quartinho.

— Isso ao menos prova que durante a sua ausência nada lhe faltou.

Dantès sorriu.

— Meu pai é orgulhoso, senhor... Mesmo se tudo lhe faltasse, duvido que viesse a pedir alguma coisa a alguém neste mundo, a não ser a Deus.

— Bem, depois dessa sua primeira visita, contamos com você.

— Desculpe, mais uma vez, senhor Morrel, mas depois dessa primeira visita tenho uma segunda que não me é menos cara ao coração.

— Ah, é verdade, Dantès! Esqueci que nos Catalães há alguém que o espera com tanta impaciência quanto seu pai: a bela Mercedes!

Dantès sorriu.

— Ah, ah — disse o armador —, isso já não me surpreende mais, ela veio três vezes me pedir notícias do *Faraó*. Peste! Edmond, você não tem do que se queixar, tem uma bela amante!

— Ela não é minha amante, senhor — disse seriamente o jovem marinheiro —: é minha noiva.

— Dá na mesma — disse o armador, rindo.

— Não para nós, senhor — respondeu Dantès.

— Vamos, vamos, meu caro Edmond — prosseguiu o armador —, não vou mais retê-lo, você cuidou tão bem de meus negócios que lhe dou toda a liberdade de cuidar dos seus... Está precisando de dinheiro?

— Não, senhor... Guardei todos os meus ordenados durante a viagem, isto é, quase três meses de soldo.

— Você é um rapaz previdente, Edmond.

— Além disso, tenho um pai pobre, seu Morrel.

— Sim, sim, sei que você é um bom filho. Então vá ver o seu pai: eu também tenho um filho, e brigaria com quem o retivesse longe de

mim, depois de três meses de viagem.

— Então o senhor me permite? — disse o jovem, despedindo-se.

— Sim, se não tiver mais nada a me dizer...

— Não.

— Ao morrer, o capitão Leclère não lhe entregou uma carta para mim?

— Seria impossível ele escrever, senhor, mas isso me lembra: gostaria de lhe pedir uma licença de alguns dias.

— Para se casar?

— Sim, e depois para ir a Paris.

— Bom, bom! Leve o tempo que quiser, Dantès... O trabalho de descarregar o navio nos tomará bem umas seis semanas, e nós não voltaremos ao mar antes de três meses... Mas daqui a três meses você deve estar de volta. O *Faraó* — continuou o armador, batendo no ombro do jovem marinheiro — não poderia partir sem o seu capitão.

— Sem o seu capitão? — exclamou Dantès, com os olhos brilhando de alegria. — Preste bem atenção no que está dizendo, senhor, pois acaba de realizar as mais secretas esperanças do meu coração. É sua intenção me nomear capitão do *Faraó*?

— Se eu fosse sozinho, apertaria a sua mão, meu caro Dantès, e lhe diria: “Está feito”... Mas tenho um sócio, e você conhece o provérbio italiano: “*Chi ha compagno, ha padrone*”.³ Mas ao menos meio caminho já foi percorrido, pois, de dois votos, você já tem um. Confie em mim para conseguir o outro: farei o melhor que puder.

— Ah, senhor Morrel — exclamou o jovem marinheiro, apertando as mãos do armador com lágrimas nos olhos —, senhor Morrel, agradeço-lhe em nome do meu pai e de Mercedes.

— Muito bem, Edmond, muito bem, há um Deus no céu para as pessoas de bem, que diabo! Vá ver seu pai, vá ver Mercedes, depois venha me ver.

— Mas o senhor não quer que eu o leve a terra?

— Não, obrigado... Vou ficar acertando as minhas contas com Danglars. Você ficou satisfeito com ele durante a viagem?

— Depende do sentido da sua pergunta, senhor... Se for como bom camarada, não, pois creio que ele não gosta de mim desde o dia em que cometi a tolice, depois de uma pequena briga que tivemos, de propor-lhe ficarmos dez minutos na ilha de Monte-Cristo para resolver a nossa briga... Proposta que cometi o erro de lhe fazer e que ele teve razão de recusar. Se for como contador que o senhor pergunta, acho que não há nada a repreender, o senhor vai ficar satisfeito com sua maneira de fazer seu trabalho.

— Mas — perguntou o armador — vejamos, Dantès: se você fosse o capitão do *Faraó*, gostaria de manter Danglars?

— Capitão ou imediato, senhor Morrel — respondeu Dantès —, sempre terei a maior consideração pelos que gozam da confiança dos meus armadores.

— Vamos, vamos, Dantès: vejo que, em todos os sentidos, você é um bom rapaz. Não vou mais retê-lo: pode ir, vejo que está ardendo de impaciência.

— Então vou ter a minha licença? — perguntou Dantès.

— Vá, fique tranquilo.

— Posso pegar o seu bote?

— À vontade.

— Até a vista, senhor Morrel, e mil vezes obrigado.

— Até a vista, meu caro Edmond, boa sorte!

O jovem marinheiro saltou ao bote, sentou-se à popa e mandou rumar para a Canebière. Dois marujos logo se inclinaram a seus remos e o barco deslizou tão veloz quanto possível entre mil barcos a obstruir a espécie de rua estreita que leva, entre duas fileiras de navios, da entrada do porto ao cais de Orléans.

O armador seguiu-o com o olhar até a amurada, sorrindo: viu-o saltar às pedras do cais e logo perder-se em meio à colorida multidão que, das cinco da manhã às nove da noite, lota a famosa rua Canebière, onde os modernos fócios são tão altivos que dizem, com a maior seriedade do mundo e com aquela pronúncia que dá tanta personalidade ao que dizem: — “Se Paris tivesse a rua Canebière, Paris seria uma pequena Marselha”.

Ao voltar-se, o armador viu atrás de si Danglars, que aparentemente parecia esperar as suas ordens, mas na verdade

seguia, como ele, o jovem marinheiro com o olhar.

Mas havia grande diferença na expressão do duplo olhar a seguir o mesmo homem.

II. PAI E FILHO

Deixemos Danglars — às voltas com o gênio do ódio — tentar soprar ao ouvido do armador malignas suposições contra o seu camarada e sigamos Dantès, que, depois de percorrer toda a extensão da rua Canebière, toma a rua de Noailles, entra em uma pequena casa localizada no lado esquerdo das alamedas de Meilhan, sobe depressa os quatro andares de uma escada escura e, segurando o apoio com uma mão, comprimindo a outra contra o coração a bater, detém-se ante uma porta entreaberta, que deixa ver ao fundo um pequeno quarto.

Nesse quarto vivia o pai de Dantès.

A notícia da chegada do *Faraó* ainda não alcançara o velho, que, montado em uma cadeira, entretinha-se a arranjar com mão trêmula capuchinhas e clematites que subiam pela grade de sua janela.

De repente, sentiu-se agarrado pela cintura e uma voz bem conhecida exclamou atrás dele: — Papai, papai querido!

O velho deu um grito e voltou-se; então, ao ver o filho, atirou-se a seus braços, muito trêmulo e pálido.

— O que você tem, papai? — exclamou o jovem, inquieto. — Está doente?

— Não, não, querido Edmond, meu filho, minha criança! Não... mas eu não estava esperando você, e a alegria, a emoção de vê-lo assim tão de repente... Ah, meu Deus, parece que vou morrer.

— Bem, acalme-se, papai! Sou eu, eu mesmo! Dizem que a felicidade não faz mal, por isso entrei aqui assim sem avisar. Vejamos, sorria para mim, em vez de me olhar desse jeito, com olhos desvairados. Eu voltei e nós vamos ser felizes.

— Ah, que bom, menino! — disse o velho. — Mas como é que vamos ser felizes? Você não vai mais me deixar? Vamos, conte-me as suas alegrias!

— Que o Senhor me perdoe — disse o jovem —, alegrar-me com uma felicidade provocada pelo luto de uma família! Mas Deus sabe que eu não desejava essa felicidade... Aconteceu, não consigo lamentá-la: o bom capitão Leclère morreu, papai, e é provável que, com o apoio do senhor Morrel, eu assumo o cargo dele. Entende, papai? Eu, capitão, aos vinte anos! Com cem luíses de ordenado, com participação nos lucros! Não é mais do que realmente poderia esperar um pobre marinheiro como eu?

— Sim, meu filho, sim, realmente — disse o velho —, é muita sorte.

— Então quero que, com o primeiro dinheiro que eu receber, o senhor se mude para uma casinha com jardim, para plantar as suas clematites, capuchinhas e madressilvas... Mas o que é que você tem, papai? Parece que está passando mal...

— Paciência, paciência! Não é nada.

Faltando forças ao velho, ele caiu para trás.

— Vamos, vamos! — disse o jovem. — Um copo de vinho vai animá-lo, papai. Onde está o vinho?

— Não, obrigado, não traga... Não precisa — disse o velho, tentando reter o filho.

— Precisa sim, papai, precisa sim: diga onde está.

O rapaz abriu dois ou três armários.

— Inútil... — disse o velho —, não há mais vinho.

— Como, não há mais vinho?! — disse Dantès também empalidecendo, olhando sucessivamente as bochechas cavadas e pálidas do velho e os armários vazios. — Como, não há mais vinho?! Ficou sem dinheiro, papai?

— Não me falta nada, já que você está aqui — disse o velho.

— Mas — balbuciou Dantès, enxugando o suor que corria na testa —, mas há três meses, ao partir, deixei-lhe duzentos francos...

— Sim, Edmond, é verdade... Mas ao partir você esqueceu uma pequena dívida com Caderousse, o vizinho: ele me lembrou, disse que, se eu não pagasse, cobraria do senhor Morrel. Então, entende, temendo que isso o prejudicasse...

— Então?...

— Então eu paguei.

— Mas — exclamou Dantès — eu devia a Caderousse cento e quarenta francos!...

— Sim — balbuciou o velho.

— E você pagou com os duzentos francos que lhe deixei?

O velho fez um sinal com a cabeça.

— Então você passou três meses com sessenta francos?! — murmurou o jovem.

— Você sabe que preciso de muito pouco — disse o velho.

— Ah, meu Deus, meu Deus, me perdoe! — exclamou Edmond, ajoelhando-se diante do ancião.

— O que é isso?

— Ah, você me rasgou o coração.

— Bah, você está aqui — disse o velho sorrindo —, agora tudo está esquecido, tudo está bem...

— Sim, eu estou aqui — disse o jovem —, com um belo futuro e um pouco de dinheiro... Tome, papai — disse ele —, pegue, mande buscar alguma coisa agora mesmo.

E esvaziou os bolsos sobre a mesa, derramando uma dúzia de moedas de ouro, cinco ou seis escudos de cinco francos e alguns trocados.

A fisionomia do velho Dantès alegrou-se.

— De quem é isso?! — perguntou.

— Ora, é meu, é seu, é nosso!... Tome, compre mantimentos, seja feliz, amanhã haverá mais.

— Calma, calma... — disse o velho sorrindo. — Com a sua licença, usarei moderadamente a sua bolsa: se me vissem comprar muita coisa ao mesmo tempo, diriam que tive de esperar você chegar para fazer compras.

— Faça como quiser... Mas, antes de tudo, contrate uma empregada, papai... Não quero mais que fique sozinho. Trouxe café de contrabando e excelente fumo em um cofrinho no porão, amanhã vai recebê-lo. Mas silêncio! Vem vindo alguém...

— É Caderousse, deve ter sabido que você chegou, sem dúvida vem lhe dar as boas-vindas.

— Bom: mais lábios que dizem uma coisa enquanto o coração pensa outra! — murmurou Edmond. — Mas não importa: é um

vizinho que já nos serviu no passado, seja bem-vindo.

De fato, no momento em que Edmond terminava o seu murmúrio, apareceu, emoldurada pela porta do patamar, a cabeça morena e barbuda de Caderousse. Era um homem de vinte e cinco ou vinte e seis anos; ele segurava um pedaço de tecido que, como alfaiate, preparava-se para transformar em forro de casaco.

— Ah, então você voltou, Edmond? — disse ele, com pronúncia marsehesa das mais acentuadas, com enorme sorriso que mostrava os seus dentes brancos como marfim.

— Como vê, vizinho Caderousse, e pronto para lhe ser útil no que for preciso — respondeu Dantès, mal dissimulando a sua frieza ao oferecer os seus serviços.

— Obrigado, muito obrigado... Felizmente, não preciso de nada, e até mesmo muitas vezes são os outros que precisam de mim... — Dantès fez um gesto. — Não estou me referindo a você, rapaz: emprestei-lhe dinheiro, você me devolveu... Isso acontece entre bons vizinhos, estamos quites.

— Nunca estamos quites com quem nos faz um favor — disse Dantès —, pois quando já não devemos mais dinheiro devemos gratidão.

— Para que falar nisso? O que passou, passou. Falemos de seu feliz regresso, rapaz. Aliás, eu estava indo para o porto, para comprar pano marrom, e encontrei o nosso amigo Danglars: “Você, em Marselha?”

“Pois é, como você”, ele me respondeu.

“Eu o imaginava em Esmirna.”

“Eu bem que poderia estar lá... Estou chegando de lá.”

“E Edmond, onde está, o pequeno?”

“Na casa do pai, sem dúvida”, respondeu Danglars; então eu vim — continuou Caderousse — para ter o prazer de apertar a mão do meu amigo!

— Esse bom Caderousse — disse o velho — gosta tanto da gente!

— Claro que gosto de vocês, que os estimo muito, pois as pessoas honestas são tão raras! Mas parece que você voltou rico,

rapaz? — continuou o alfaiate, lançando um olhar furtivo ao punhado de ouro e prata que Dantès despejara sobre a mesa.

O jovem notou o brilho de cobiça a iluminar os olhos negros do vizinho.

— Ah, meu Deus — disse ele, displicente —, esse dinheiro não é meu... Estava falando a meu pai de meu receio de algo ter lhe faltado na minha ausência... Para me tranquilizar, ele esvaziou a sua bolsa em cima da mesa. Vamos, papai — continuou Dantès —, guarde esse dinheiro no seu cofrinho... A não ser que o nosso vizinho Caderousse esteja precisando dele: nesse caso, estará à sua disposição.

— Não, rapaz — disse Caderousse —, não preciso de nada não, graças a Deus: a profissão alimenta o profissional. Guarde o seu dinheiro, guarde: dinheiro nunca é demais... O que não me impede de ser grato à sua oferta, como se a tivesse aceitado.

— É de coração — disse Dantès.

— Não duvido... Pois bem, então, espertinho, você anda nas melhores relações com o senhor Morrel?

— O senhor Morrel sempre foi muito bondoso comigo — respondeu Dantès.

— Então, você fez mal em se recusar a jantar com ele.

— Como assim, “recusar a jantar”? — disse o velho Dantès. — Então ele o convidou para jantar?

— Sim, papai — respondeu Edmond, rindo da surpresa do pai ante o excesso de honras.

— E por que se recusou, meu filho? — perguntou o velho.

— Para vê-lo o mais cedo possível, papai — respondeu o jovem. — Estava louco para vê-lo.

— Isso deve ter contrariado o bom senhor Morrel — replicou Caderousse. — Quando se pretende ser capitão de navio, é um erro contrariar o seu armador.

— Eu lhe expliquei a razão de minha recusa — disse Dantès — e ele compreendeu, espero.

— Ah, mas para ser capitão é sempre bom bajular um pouco os seus patrões.

— Espero me tornar capitão sem isso — respondeu Dantès.

— Ótimo, ótimo!... Isso vai agradar a todos os seus velhos amigos, e sei de alguém lá longe, além da cidadela de São Nicolau, que não vai ficar insatisfeita...

— Mercedes? — perguntou o velho.

— É, papai — disse Dantès —, e, se você me permitir, agora que já nos vimos, agora que sei que você está bem e nada lhe falta, peço-lhe licença para visitar os Catalães.

— Vá, meu filho, vá — disse Dantès pai —, Deus o abençoe em sua mulher, como me abençoou em meu filho!

— Sua mulher! — disse Caderousse. — Como você anda depressa, pai Dantès! Ela ainda não é mulher dele, parece!

— Não... Mas ao que tudo indica não tardará a sê-lo — respondeu Edmond.

— Tudo bem, tudo bem — disse Caderousse —, você faz bem em se apressar, meu rapaz...

— Por quê?

— Porque Mercedes é uma bela jovem, e às belas jovens não faltam pretendentes... Principalmente a essa jovem, seguida por dezenas.

— Verdade? — disse Edmond com um sorriso em que brilhava leve tom de inquietude.

— Ah, sim — respondeu Caderousse —, e até mesmo bons partidos... Mas, sabe, você vai ser capitão: ninguém vai poder lhe dizer não!

— Então — disse Dantès com um sorriso que mal escondia a sua preocupação —, se eu não fosse capitão...

— Ah, ah! — riu Caderousse.

— Ora, vamos — disse o jovem —, tenho melhor opinião sobre as mulheres em geral, sobre Mercedes em particular, e estou convencido de que ela vai me ser fiel, seja eu capitão ou não.

— Ótimo, ótimo!... — exclamou Caderousse. — Quando se vai casar, é sempre bom acreditar... Mas não importa, acredite em mim, rapaz: não perca tempo para ir contar-lhe que chegou e participar-lhe as suas esperanças.

— Vou vê-la — disse Edmond.

Beijou o pai, despediu-se de Caderousse com um gesto e saiu.

Caderousse ali permaneceu por um instante; depois de despedir-se do velho Dantès, também desceu e foi encontrar-se com Danglars, que o esperava na esquina da rua Senac.

— E então — perguntou Danglars —, você o viu?

— Acabei de vê-lo — disse Caderousse.

— E ele falou que espera ser capitão?

— Ele fala como se já fosse capitão...

— Paciência! — disse Danglars. — Acho que ele anda um pouco apressado.

— Nossa, parece que o senhor Morrel já lhe prometeu o cargo...

— Então ele está muito feliz?

— Melhor: ele está insolente... Até me ofereceu os seus serviços, como se já fosse um grande personagem... Até se ofereceu para me emprestar dinheiro, como se fosse um banqueiro.

— E você recusou?

— Claro... Embora eu pudesse muito bem aceitar, pois fui eu quem lhe deu as primeiras moedas de ouro que ele tocou. Mas agora esse senhor Dantès não vai mais precisar de ninguém: vai ser capitão...

— Bah — disse Danglars —, ele ainda não é capitão.

— Nossa, seria ótimo se não se tornasse — disse Caderousse —, ou então vai ser impossível conversar com ele...

— Se nós quisermos — disse Danglars —, ele vai continuar a ser o que é... Talvez até mesmo venha a ser menos do que é.

— O que você está dizendo?

— Nada, estava falando sozinho... E ele continua apaixonado pela bela catalã?

— Loucamente apaixonado... Ele foi vê-la, mas ou eu me engano muito ou ele vai ter algum aborrecimento por lá.

— Explique-se.

— Por quê?

— É mais importante do que imagina. Você não gosta de Dantès, não é?

— Não gosto de gente arrogante.

— Pois bem... Então me diga o que sabe dessa catalã.

— Não sei nada com certeza, mas vi coisas que, como disse, me levam a acreditar que esse futuro capitão vai ter algum aborrecimento ali no meio do caminho das Vieilles-Infirmieries.

— Mas o que foi que você viu? Vamos, me diga...

— Pois bem: vi que, sempre que Mercedes vem à cidade, vem acompanhada por um cara alto, um catalão de olhos escuros, pele bronzeada, bem moreno, fogoso, que ela chama de primo.

— Ah, sério? E você acha que esse primo está lhe fazendo a corte?

— Acho que sim: que diabo pode fazer um garotão de vinte e um anos com uma bela jovem de dezessete?

— E você disse que Dantès estava indo aos Catalães?

— Eu o vi sair.

— Se formos até lá, podemos parar no restaurante La Réserve e, bebendo um copo de vinho de La Malgue, aguardar notícias.

— E quem nos daria as notícias?

— Estaremos no meio do caminho: pela expressão de Dantès, já saberemos o que acontece.

— Vamos — disse Caderousse. — Mas você paga?

— Claro — respondeu Danglars.

Ambos se encaminharam rapidamente ao lugar combinado. Ao chegar, mandaram trazer uma garrafa e dois copos.

O comerciante — o pai Pamphile — acabara de ver Dantès passar, dez minutos atrás.

Certos de que Dantès estava nos Catalães, sentaram-se sob a abundante folhagem dos plátanos e dos sicômoros, sob os ramos onde alegres bandos de pássaros cantavam um dos primeiros dias da primavera.

III. OS CATALÃES

A cem passos do lugar onde os dois amigos, olhares fixos no horizonte, ouvidos atentos, saboreavam o vinho espumante de La Malgue, erguia-se — atrás de uma colina nua roída pelo sol e pelo mistral⁴ — a aldeia dos Catalães.

Um dia, certa colônia misteriosa partiu da Espanha e veio abordar a língua de terra onde se encontra até hoje. Ela chegava não se sabe de onde e falava uma língua desconhecida. Um dos líderes, que sabia a língua provençal, pediu à comuna de Marselha que lhes desse aquele promontório nu e árido, para onde eles tinham trazido as suas naves, como os velhos marinheiros dos tempos antigos. O pedido foi concedido e três meses depois, nas vizinhanças de doze ou quinze navios que haviam trazido esses boêmios do mar, uma pequena aldeia se formou.

Essa aldeia, construída de forma bizarra e pitoresca, metade moura, metade espanhola, é a que hoje vemos habitada pelos descendentes daqueles marinheiros que falam a língua de seus ancestrais. Três ou quatro séculos depois, ainda permanecem fiéis àquele pequeno promontório, onde se aninharam como um bando de pássaros do mar, sem se mesclarem à população marselhesa, casando-se entre si e conservando os hábitos e costumes de sua pátria-mãe, bem como a sua língua.

É preciso que os nossos leitores nos sigam pela única rua dessa pequena aldeia e entrem conosco numa dessas casas onde o sol pinta, por fora, aquela bela cor de folha seca particular aos monumentos da região e, por dentro, com uma camada de cal, aquela cor branca que forma o único adorno das pousadas espanholas.

Uma bela jovem, de cabelos negros como ébano, olhos aveludados como os da gazela, estava de pé, encostada a uma parede, esfregando, entre os dedos finos e de desenho antigo, um ramo de urze, arrancando-lhe as flores, espalhando a poeira de flores pelo chão; ademais, os seus braços nus até os cotovelos, bronzeados, mas que pareciam modelados nos braços da Vênus de Arles, estremeciam, numa espécie de impaciência febril, e ela batia a terra com o seu pé macio e flexível, de maneira que entrevia-se a forma pura, altiva e audaciosa de sua perna aprisionada em meia de algodão vermelha com detalhes cinza e azuis.

A três passos dela, sentado em uma cadeira a balançar em movimentos bruscos, apoiando o cotovelo em um velho móvel em ruínas, um rapaz alto, de vinte ou vinte e dois anos, olhava-a com

uma expressão em que lutavam a inquietude e o despeito; os seus olhos interrogavam, mas o olhar firme e fixo da jovem dominava o seu interlocutor.

— Vamos, Mercedes — dizia o jovem —, a Páscoa está chegando, é o melhor momento para o casamento, não é? Responda-me!

— Já lhe respondi cem vezes, Fernand, mas realmente é preciso que você seja um grande inimigo de si mesmo para me perguntar de novo e novamente!

— Pois bem, diga-me mais uma vez, eu lhe suplico, repita-me mais uma vez para que eu possa acreditar. Diga-me pela centésima vez que você recusa o meu amor, que a sua mãe aprovava... Faça-me compreender perfeitamente que você brinca com a minha felicidade, que a minha vida e a minha morte nada significam para você. Ah, meu Deus, meu Deus! Passei dez anos sonhando ser o seu marido, Mercedes: como perder essa esperança que é o meu único motivo de viver?!

— Eu nunca alimentei essa esperança, Fernand — respondeu Mercedes. — Você não pode me reprovar uma única provocação... Eu sempre lhe disse: “Eu o amo como a um irmão, mas nunca exija de mim nada além dessa amizade fraterna, pois o meu coração pertence a outro”. Sempre lhe disse isso, não é verdade, Fernand?

— É, sei muito bem, Mercedes — respondeu o jovem. — Sim, você sempre me concedeu o cruel mérito da franqueza. Mas se esquece de que entre os catalães é uma lei sagrada casar-se entre si!

— Você está enganado, Fernand... Não é uma lei, é apenas um costume... E, acredite, não invoque esse costume em seu favor. Você caiu no serviço militar, Fernand; a liberdade que lhe dão é simples tolerância; de repente você pode ser chamado a defender as bandeiras... Uma vez soldado, o que faria de mim, isto é, de uma pobre órfã triste e sem fortuna, que só tem como único bem uma cabana quase em ruínas, onde pendem algumas velhas redes, miserável herança deixada pelo meu pai à minha mãe e pela minha mãe a mim? Ela morreu há um ano, Fernand, então veja, vivo quase que da caridade pública! Às vezes você finge que lhe sou útil; isto

para ter o direito de dividir a sua pesca comigo; e eu aceito, Fernand, porque você é filho do irmão de meu pai; porque nós crescemos juntos; acima de tudo, porque você ficaria muito magoado se eu o rejeitasse. Mas percebo muito bem que esse peixe que vou vender, de onde tiro o dinheiro para comprar os fios que teço, percebo muito bem, Fernand, que isso não passa de caridade.

— E que importa, Mercedes, se, pobre e solitária como você é, agrada-me mais que a filha do armador mais orgulhoso, do banqueiro mais rico de Marselha?! O que me é necessário? Só preciso de uma mulher honesta e de uma boa dona de casa. Onde eu encontraria essas duas numa só, a não ser em você?

— Fernand — respondeu Mercedes, balançando a cabeça —, a gente se torna uma má dona de casa, e não se pode garantir continuar a ser uma mulher honesta, quando se ama a outro homem, não a seu marido. Contente-se com a minha amizade, pois eu lhe digo e repito: é tudo o que posso prometer, e só prometo o que tenho certeza de poder lhe dar.

— Sim, eu entendo — disse Fernand —, você suporta pacientemente a sua própria miséria, mas tem medo da minha... Pois bem, Mercedes: se você me amar, tentarei a fortuna; se você me der a felicidade, ficarei rico: posso ampliar o meu negócio de pescador; posso me tornar auxiliar num escritório; posso até mesmo me tornar comerciante!

— Você não pode nada disso, Fernand... Você é soldado, e, se ainda está nos Catalães, é porque não estamos em guerra. Então continue a ser pescador; não crie ilusões que fariam a realidade parecer ainda mais terrível, e contente-se com a minha amizade, pois não posso lhe dar outra coisa.

— Pois bem, você tem razão, Mercedes: vou ser marinheiro... Em vez da roupa de nossos pais que você despreza, vou usar um boné branco, uma camisa listrada e uma jaqueta azul com âncoras nos botões. Não é assim que devo me vestir para agradá-la?

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Mercedes, lançando-lhe um olhar imperioso. — O que você quer dizer? Não compreendo...

— Quero dizer, Mercedes, que você só é tão dura e cruel comigo porque espera alguém que se veste assim... Mas aquele que você espera é inconstante, com certeza, e, se não o é, o mar o é por ele...

— Fernand — exclamou Mercedes —, eu o imaginava bom, mas estava enganada! Fernand, você não tem coração, em favor de seu ciúme invocar a ira de Deus! Bem, sim, não escondo, espero e amo aquele a quem você se refere e, se ele não voltar, em vez de acusar essa inconstância que você invoca, direi no entanto que ele morreu me amando.

O jovem catalão fez um gesto de ira.

— Eu o compreendo, Fernand: você o odeia porque não o amo, você cruzaria a sua faca catalã contra o seu punhal! De que isso lhe adiantaria? Perderia a minha amizade, se fosse vencido, ou veria a minha amizade transformar-se em ódio, se fosse vencedor. Acredite-me: procurar briga com um homem não é um bom meio de agradar à mulher que ama esse homem. Não, Fernand: não se entregue assim a maus pensamentos. Se não pode me ter como mulher, contente-se em me ter como amiga, como irmã... Aliás — acrescentou ela, com olhos turvos e umedecidos pelas lágrimas —, espere, espere, Fernand: como você disse agora mesmo, o mar é traiçoeiro, já faz quatro meses que ele partiu, há quatro meses conto tantas tempestades!

Fernand ficou impassível; não procurou enxugar as lágrimas que corriam pelo rosto de Mercedes; entretanto, trocava cada uma dessas lágrimas por um copo de seu próprio sangue; mas essas lágrimas corriam por outro.

Ele levantou-se, deu uma volta pela cabana e voltou, parando diante de Mercedes, com os olhos sombrios e os punhos cerrados.

— Vejamos, Mercedes — disse ele —, responda-me mais uma vez: você tem certeza?

— Amo Edmond Dantès — disse a jovem friamente — e ninguém, a não ser Edmond, será meu marido.

— E você sempre o amará?

— Enquanto estiver viva.

Como um homem desiludido, Fernand baixou a cabeça, deu um suspiro que parecia um gemido; depois, de repente, levantou a cabeça, cerrou os dentes, seu nariz tremeu.

— Mas e se ele morreu? — disse ele.

— Se ele morreu, morrerá.

— Mas e se ele a esqueceu?

— Mercedes! — gritou uma voz alegre, à porta da casa. — Mercedes!

— Ah — exclamou a jovem, enrubescendo de alegria, movida pelo amor —, bem vê que ele não me esqueceu, pois está aqui!

Correu à porta e abriu-a, exclamando: — Vem, Edmond! Estou aqui.

Pálido e trêmulo, Fernand recuou como um viajante ao ver uma serpente e, ao ver a sua cadeira, atirou-se a ela.

Edmond e Mercedes estavam nos braços um do outro. O sol ardente de Marselha, penetrando através dos vãos da porta, inundava-os de luz. Por um momento, não viram nada que os cercava. Imensa felicidade isolava-os do mundo, só diziam palavras entrecortadas, manifestações de uma alegria tão intensa que pareciam expressões de dor.

De repente, Edmond vislumbrou o rosto sombrio de Fernand, que se desenhava na sombra, pálido e ameaçador; com um movimento que ele mesmo não percebia, o jovem catalão colocara a mão sobre a sua faca à cintura.

— Ah, perdão — disse Dantès, também franzindo as sobrancelhas —, não tinha visto que éramos três.

Então, voltando-se para Mercedes: — Quem é esse senhor? — perguntou.

— Esse senhor será o seu melhor amigo, pois ele é meu amigo, é meu primo, é meu irmão, é Fernand, isto é, o homem que depois de você, Edmond, mais amo no mundo... Não o reconhece?

— Ah, sim, é verdade — disse Edmond e, sem soltar Mercedes, cuja mão segurava com força, estendeu cordialmente a outra mão ao catalão.

Mas Fernand, longe de responder ao gesto amistoso, permaneceu mudo e imóvel como uma estátua.

Então Edmond passou o seu olhar investigador de Mercedes, comovida e trêmula, a Fernand, sombrio e ameaçador.

Esse olhar disselhe tudo.

A cólera subiu-lhe à face.

— Mercedes, eu não sabia que, vindo com tanta pressa à sua casa, encontraria um inimigo.

— Um inimigo?! — exclamou Mercedes, com um olhar irado dirigido ao primo. — Um inimigo em minha casa, você quer dizer, Edmond?! Se eu acreditasse nisso, tomaria o seu braço e iria para Marselha, deixaria esta casa para nunca mais voltar.

Os olhos de Fernand faiscaram.

— E se lhe acontecesse uma desgraça, meu Edmond — continuou ela, com a mesma calma implacável, que mostrava a Fernand que a jovem compreendera profundamente os seus sinistros pensamentos —, se lhe acontecesse uma desgraça, eu subiria ao cabo de Morgiou e me atiraria de cabeça nas pedras.

Fernand empalideceu terrivelmente.

— Mas você se enganou, Edmond — continuou ela —: aqui não há inimigos, aqui só há Fernand, meu irmão, que vai apertar a sua mão como a mão de um amigo devotado.

A essas palavras, a jovem fixou o seu olhar imperioso no catalão, que, como se fascinado pelo olhar, aproximou-se lentamente de Edmond e estendeu-lhe a mão.

O seu ódio, como uma onda impotente, embora furiosa, vinha se quebrar contra a ascendência que aquela mulher exercia sobre ele.

Mas, assim que tocou a mão de Edmond, percebeu que já havia feito tudo o que poderia fazer e correu para fora da casa.

— Oh — exclamou, correndo como louco, mergulhando as mãos nos cabelos —, oh! Quem me livrará desse homem? Que desgraça, pobre de mim!

— Ei, catalão! Ei, Fernand! Vai correndo para onde? — disse uma voz.

O jovem logo se deteve, olhou ao redor e viu Caderousse à mesa, ao lado de Danglars, sob os ramos da folhagem.

— Ei — disse Caderousse —, por que não vem até aqui? Tem tanta pressa que nem tem tempo de dizer bom-dia aos amigos?

— Principalmente quando eles ainda têm uma garrafa quase cheia à sua frente... — acrescentou Danglars.

Fernand olhou os dois homens com ar estúpido e nada respondeu.

— Ele parece estar arrasado — disse Danglars, cutucando o joelho de Caderousse. — Será que nos enganamos e, ao contrário do que esperávamos, Dantès saiu-se bem?

— Ora, vamos ver — disse Caderousse. Voltando-se para o jovem, acrescentou: — Pois bem, então vejamos, catalão: decida-se!

Fernand enxugou o suor a escorrer pela testa e entrou lentamente debaixo das trepadeiras; a sombra parecia dar um pouco de calma a seus sentidos, a brisa parecia dar certo bem-estar a seu corpo esgotado.

— Bom dia — disse ele —, vocês me chamaram, não foi?

E mais caiu do que sentou numa das cadeiras ao redor da mesa.

— Eu o chamei porque você estava correndo como louco, tive medo que fosse atirar-se ao mar — brincou Caderousse. — Mas que diabo, quando temos amigos, devemos não só oferecer-lhes um copo de vinho, mas também impedi-los de engolir três ou quatro litros d'água.

Fernand deu um gemido que mais parecia um soluço e deixou cair a cabeça sobre os punhos cruzados na mesa.

— Pois bem, quer que eu lhe diga, Fernand — continuou Caderousse, começando a conversa com a grosseira brutalidade das pessoas do povo quando a curiosidade as faz esquecer qualquer diplomacia —, bem, você está parecendo um amante arrasado!

E acompanhou a brincadeira com uma gargalhada.

— Bah — respondeu Danglars —, um belo rapaz como este não foi feito para ser infeliz no amor... Você está brincando, Caderousse.

— Não — disse Caderousse —, veja só como ele suspira. Vamos, vamos, Fernand, levante o nariz e responda: não é nada amável não responder aos amigos que nos perguntam de nossa saúde.

— A minha saúde vai bem — disse Fernand, cerrando os punhos, mas sem erguer a cabeça.

— Ah, veja, Danglars — disse Caderousse, piscando ao amigo —, veja só: Fernand, que você está vendo, esse bom e bravo catalão, um dos melhores pescadores de Marselha, está apaixonado por uma bela jovem chamada Mercedes... Mas infelizmente parece que a bela jovem, por sua vez, está apaixonada pelo imediato do *Faraó*: e, como o *Faraó* chegou hoje mesmo ao porto, compreende?

— Não, não compreendo — disse Danglars.

— O pobre Fernand deve ter sido despedido — continuou Caderousse.

— Bem, e daí? — perguntou Fernand, erguendo a cabeça e olhando Caderousse como um homem em busca de alguém para despejar a sua ira. — Mercedes não depende de ninguém, não é? Ela não é livre para amar quem bem entender?

— Ah, se você pensa assim — disse Caderousse —, então é diferente!... Mas eu o imaginava um catalão... E me disseram que os catalães não se deixavam suplantar por um rival... Disseram até mesmo que Fernand era o mais terrível em sua vingança.

Fernand sorriu tristemente.

— Um apaixonado nunca é terrível — disse ele.

— Pobre moço! — disse Danglars, fingindo lamentar profundamente a sorte do rapaz. — O que você queria: ele não esperava ver Dantès voltar assim tão de repente... Ele o imaginava talvez morto, ou infiel, quem sabe! Essas coisas são tanto mais terríveis quanto nos acontecem assim de repente.

— Ah, nossa, em todo caso — disse Caderousse, bebendo e falando ao mesmo tempo, já sentindo os efeitos do vinho espumante de La Malgue —, em todo caso, Fernand não é o único contrariado pela feliz chegada de Dantès... Não é verdade, Danglars?

— Não, você falou a verdade, eu quase ousaria dizer que isso poderia provocar alguma desgraça a Dantès.

— Mas não importa — continuou Caderousse, servindo um copo de vinho a Fernand, enchendo pela oitava ou décima vez o próprio copo, enquanto Danglars mal provava o seu —, não importa:

enquanto isso, ele se casa com Mercedes, com a bela Mercedes... Pelo menos, ele voltou pra isso.

Enquanto isso, Danglars fixava um penetrante olhar no jovem: as palavras de Caderousse caíam como chumbo em seu coração.

— E quando vai ser o casamento? — perguntou ele.

— Ah, ainda não aconteceu! — murmurou Fernand.

— Não, mas vai acontecer — disse Caderousse —, isso é tão certo quanto Dantès se tornar capitão do *Faraó*... Não é mesmo, Danglars?

Danglars estremeceu ante o golpe inesperado e voltou-se para Caderousse, estudando a sua fisionomia para ver se o golpe fora premeditado: não leu nada além de inveja naquela fisionomia já quase embotada pela ebriedade.

— Pois bem — disse ele, enchendo os copos —, então bebamos ao capitão Edmond Dantès, ao marido da bela catalã!

Caderousse levou o à boca com mão pesada e virou-o inteiramente. Fernand pegou o seu copo e quebrou-o contra o chão.

— Ah, ah, ah! — exclamou Caderousse. — Que estou vendo ali, lá no alto da colina, no caminho dos Catalães? Olha só, Fernand: você enxerga melhor do que eu... Acho que já estou começando a ver em dobro... Você sabe, o vinho é traiçoeiro: parecem dois namorados andando lado a lado, de mãos dadas... Deus me perdoe! Nem desconfiam que estamos vendo: veja, estão se beijando!

Danglars não perdia nenhuma emoção de Fernand, cuja fisionomia se transtornava a olhos vistos.

— Conhece-os, senhor Fernand? — perguntou Danglars.

— Sim — respondeu Fernand em voz surda —, é o senhor Edmond e a senhorita Mercedes.

— Ah, veja só — exclamou Caderousse —, e eu que não os estava reconhecendo! Ei, Dantès! Ei, moça bonita! Venham aqui um momento, digam: quando vai ser o casamento? Porque o senhor Fernand é tão teimoso que não quer nos contar!

— Quer ficar quieto? — disse Danglars, fingindo repreender Caderousse, que, com a tenacidade dos ébrios, inclinava-se para além do jardim. — Comporte-se, não vá cair, deixe os namorados

namorarem em paz. Olha, mire-se no exemplo do senhor Fernand: ele sabe se comportar.

Talvez Fernand, extremamente irritado, ferido por Danglars como o touro pelos bandarilheiros, fosse finalmente atirar-se, pois já tinha se levantado e parecia preparar-se para saltar contra o rival; mas Mercedes, risonha e encantadora, ergueu a sua bela cabeça e lançou um olhar fulminante: Fernand lembrou-se da ameaça que ela lhe fizera — morrer, se Edmond morresse — e, desencorajado, desabou em sua cadeira.

Danglars olhou sucessivamente os dois homens: um embrutecido pela embriaguez, outro dominado pelo amor.

— Não vou tirar nada desses idiotas — murmurou a si mesmo —, e tenho muito medo de ficar entre um bêbado e um covarde: eis um invejoso que se embriaga de vinho, enquanto deveria embriagar-se de fel; eis um grande imbecil a quem acabam de roubar a sua amante debaixo de seu nariz e que se contenta em chorar e se lamentar como uma criança. Entretanto, ele tem olhos flamejantes como os dos espanhóis, sicilianos e calabreses, que tão bem sabem se vingar; tem punhos capazes de esmagar a cabeça de um boi, como se fossem martelos de açougueiro. Certamente será vencido pela sorte de Edmond, que vai se casar com a bela garota, vai ser capitão e zombar de nós; a não ser que... — um sorriso lívido desenhou-se nos lábios de Danglars —, a não ser que eu faça alguma coisa... — acrescentou ele.

— Olá — continuava a gritar Caderousse, meio levantado, punhos sobre a mesa —, olá, Edmond! Então você já não reconhece mais os amigos? Ou já está orgulhoso demais para falar com eles?

— Não, meu caro Caderousse — respondeu Dantès —, não estou orgulhoso, mas estou feliz, e imagino que a felicidade nos cega até mais do que o orgulho.

— Em tempo, enfim uma explicação! — exclamou Caderousse. — Ah, bom dia, senhora Dantès...

Mercedes cumprimentou seriamente.

— Esse ainda não é o meu nome — disse ela — e na minha terra garantem que dá azar chamar as moças pelo nome do noivo,

antes que o noivo seja o marido; então me chame de Mercedes, por favor.

— Precisamos perdoar nosso bom vizinho Caderousse — disse Dantès —, ele se engana por tão pouco tempo!

— Então o casamento é para breve, senhor Dantès? — perguntou Danglars, cumprimentando o casal de jovens.

— O mais breve possível, senhor Danglars; hoje, todos os preparativos, na casa do meu pai; amanhã ou depois, no mais tardar, o banquete de noivado, aqui no restaurante La Réserve. Os amigos vão comparecer, espero; ou seja, você também está convidado, senhor Danglars... Você também, Caderousse.

— E Fernand? — perguntou Caderousse, rindo ebiamente. — Fernand também está convidado?

— O irmão de minha mulher é meu irmão — disse Edmond —, e nós, Mercedes e eu, encararíamos com profundo pesar a sua ausência em um momento como esse.

Fernand abriu a boca para responder, mas a voz sumiu em sua garganta: ele não conseguiu articular uma única palavra.

— Hoje os preparativos, amanhã ou depois o banquete de noivado... diabo! Quanta pressa, capitão.

— Danglars — disse Edmond, sorrindo —, eu lhe digo, como Mercedes dizia agora mesmo a Caderousse: não me chame pelo título que ainda não tenho, isso daria azar.

— Perdão — respondeu Danglars. — Eu só disse que você parecia ter pressa... Que diabo, temos tempo: o *Faraó* só vai voltar ao mar daqui a três meses.

— Sempre temos pressa de ser felizes, senhor Danglars, pois, quando se sofreu por muito tempo, é difícil acreditar na felicidade. Mas não é só o egoísmo que me leva a agir: preciso partir para Paris.

— Ah, é verdade? Para Paris? É a primeira vez que vai a Paris, Dantès?

— É.

— Para quê?

— Não é por mim; é um último pedido de nosso pobre capitão Leclère; você compreende, Danglars, é sagrado. Aliás, fique

tranquilo, só vou levar o tempo de ir e voltar.

— Sim, claro, eu compreendo — disse Danglars em voz alta.

A seguir, murmurando:

— A Paris, certamente para entregar em seu endereço a carta que o grão-marechal lhe entregou. Nossa, essa carta me sugere uma ideia, uma ótima ideia! Ah, Dantès, meu amigo, você ainda não é o número um no registro do *Faraó*.

Então, voltando-se a Edmond, que já se afastava: — Boa viagem! — gritou-lhe.

— Obrigado — respondeu Edmond, voltando a cabeça e acompanhando esse movimento com gesto amistoso.

Então os dois namorados seguiram o seu caminho tranquila e alegremente, como dois eleitos a subir aos céus.

IV. A CONSPIRAÇÃO

Danglars acompanhou com os olhos Edmond e Mercedes até que o casal de namorados desaparecesse numa esquina do forte São Nicolau; então, virando-se, viu Fernand, que desabara pálido e trêmulo em sua cadeira, enquanto Caderousse balbuciava a letra de uma canção ébria.

— Ah, mas que coisa! Meu caro senhor — disse Danglars a Fernand —, esse casamento não me parece fazer a felicidade de todo o mundo.

— Ele me deixa desesperado — disse Fernand.

— Então você amava Mercedes?

— Eu a adorava.

— Há muito tempo?

— Desde que nós nos conhecemos... Eu sempre a amei.

— E vai ficar aí arrancando os cabelos, em vez de buscar algum remédio?! Mas que diabo! Eu nem imaginava que era assim que agiam os homens de sua terra.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Fernand.

— Como é que eu vou saber? O que é que eu tenho a ver com isso? Acho que não sou eu que estou apaixonado pela senhorita

Mercedes: é você. Quem procura acha, diz o Evangelho.⁵

— Eu já achei.

— O quê?

— Eu queria apunhalar o *homem*, mas a mulher me disse que, se alguma desgraça acontecesse a seu noivo, ela se mataria.

— Bah, todos dizem essas coisas, mas não fazem...

— É que você não conhece Mercedes, senhor: quando ela ameaça, ela faz.

— Imbecil! — murmurou a si mesmo Danglars. — Que ela se mate ou não se mate, que me importa, desde que Dantès não venha a ser capitão?

— Antes que Mercedes morresse — prosseguiu Fernand, em tom de inabalável decisão —, eu mesmo morreria.

— Isso é que é amor! — disse Caderousse, com voz cada vez mais ébria. — Isso é que é amor, ou já não entendo mais nada!

— Vejamos — disse Danglars —, você me parece ser um bom rapaz; e eu queria, diabos me levem, eu queria ajudá-lo; mas...

— Sim — disse Caderousse —, vejamos.

— Meu caro — continuou Danglars —, você já está três quartos cheio... Vire a garrafa e ficará completamente... Beba e não se meta mais na conversa: em nosso assunto, é preciso estar sóbrio.

— Eu, bêbado? — disse Caderousse. — Ora, vamos! Eu poderia beber mais quatro dessas garrafinhas, que não são maiores do que frascos de água-de-colônia! Ô pai Pamphile: mais vinho!

E, para provar as suas palavras, Caderousse bateu o copo contra a mesa.

— O senhor dizia... — disse Fernand, esperando avidamente a continuação da frase interrompida.

— Eu dizia... Não me lembro mais. Esse bêbado do Caderousse me fez perder o fio da meada.

— Bêbado tanto quanto você quiser... Tanto pior para os que têm medo do vinho: eles temem que seus maus pensamentos sejam revelados pelo vinho.

E Caderousse começou a cantar os dois últimos versos de uma canção muito em moda na época: *Todos os maus provam água,*

*Como provou o dilúvio.*⁶

— O senhor dizia — disse Fernand — que queria me ajudar, mas acrescentava...

— Sim, eu acrescentava... Para ajudá-lo, basta que Dantès não se case com a mulher que você ama; e me parece que o casamento pode muito bem não acontecer, mesmo se Dantès não morrer.

— Só a morte pode separá-los — disse Fernand.

— Você raciocina como um molusco, meu amigo — disse Caderousse. — Aqui está Danglars, que é fino, esperto como um grego, para provar-lhe que você está enganado. Prove, Danglars... Eu disse que você pode. Diga-lhe que não é preciso que Dantès morra... Aliás, seria um aborrecimento se Dantès morresse. Ele é um bom rapaz, gosto dele. À sua saúde, Dantès!

Fernand levantou-se, impaciente.

— Deixe-o falar — disse Danglars segurando o jovem. — Aliás, por mais ébrio que esteja, ele não está tão errado. A ausência separa tanto quanto a morte; suponha que entre Edmond e Mercedes ergam-se as muralhas de uma prisão: eles ficariam tão separados quanto se existisse entre eles uma pedra tumular.

— Sim, mas da prisão a gente sai — disse Caderousse, que, com o que lhe restava de sobriedade, agarrava-se à conversa —, e quando se sai da prisão, quando a gente se chama Edmond Dantès, a gente se vinga...

— Que importa! — murmurou Fernand.

— Aliás — continuou Caderousse —, por que botariam Dantès na prisão? Ele não roubou, não matou, não assassinou...

— Cale-se! — disse Danglars.

— Eu não quero me calar! — disse Caderousse. — Quero que me digam por que trancariam Dantès na cadeia... Eu gosto de Dantès. À sua saúde, Dantès!

E virou outro copo de vinho.

Danglars seguia os progressos da embriaguez nos olhos turvos do alfaiate e, voltando-se para Fernand: — Então, compreende? — disse ele. — Não é preciso matá-lo!

— Não, certamente, se, como você dizia agora mesmo, fosse possível prender Dantès... Mas como seria possível?

— Se pensarmos bem — disse Danglars —, seria possível... Mas por que diabos eu me meteria nisso? Que tenho eu a ver com isso?

— Não sei o que você tem a ver — disse Fernand, agarrando-lhe o braço —, o que sei é que tem algum motivo pessoal para odiar Dantès. Quem odeia não se engana sobre os sentimentos dos outros.

— Eu? Tenho motivo para odiar Dantès? Não tenho motivo nenhum, juro! Apenas vi você infeliz, Fernand, e a sua infelicidade me interessou. Mas, já que você acha que tenho algum interesse pessoal, adeus, caro amigo: vire-se sozinho!

E Danglars fingiu que ia embora.

— Não — disse Fernand, retendo-o —, fique! Afinal, pouco me importa se você odeia Dantès ou não... Eu odeio Dantès, confesso abertamente. Diga-me o que fazer e eu o farei, contanto que ele não morra, pois Mercedes me disse que, se matassem Dantès, ela se mataria.

Caderousse, que deixara a cabeça cair sobre a mesa, ergueu o rosto e, olhando Fernand e Danglars com olhar pesado e estúpido: — Matar Dantès? — disse ele. — Quem está falando em matar Dantès? Eu não quero que o matem: ele é meu amigo, esta manhã ele se ofereceu para dividir o seu dinheiro comigo, assim como eu dividi o meu com ele: não quero que matem Dantès!

— E quem falou em matá-lo, imbecil?! — exclamou Danglars. — Só estávamos brincando... Beba à saúde dele — acrescentou, enchendo o copo de Caderousse — e deixe-nos em paz!

— Sim, claro, à saúde de Dantès — exclamou Caderousse, esvaziando o copo —, à sua saúde!... À sua saúde... Aqui!

— Mas que fazer... Que fazer? — perguntou Fernand.

— Ainda não sabe o que fazer?

— Não, estou lhe perguntando.

— É verdade — disse Danglars —, os franceses têm essa superioridade sobre os espanhóis: os espanhóis ruminam, os franceses inventam.

— Então invente! — disse Fernand, impaciente.

— Garçom — exclamou Danglars —, pena, tinta e papel!

— Pena, tinta e papel! — murmurou Fernand.

— Sim, eu sou contador: pena, tinta e papel são os meus instrumentos... Sem os meus instrumentos não sei fazer nada.

— Pena, tinta e papel! — gritou Fernand, por sua vez.

— Tudo o que o senhor deseja se encontra naquela mesa — disse o garçom, mostrando os objetos solicitados.

— Então, traga-os.

O garçom pegou o papel, a tinta e a pena, colocando-os na mesa sob as trepadeiras.

— Quando penso — disse Caderousse, deixando a mão cair sobre o papel — que com isso podemos matar um homem mais facilmente do que se o esperássemos escondidos no mato para assassiná-lo!... Sempre tive mais medo de uma pena, de um tinteiro e de uma folha de papel do que de uma espada ou de uma pistola.

— O palhaço ainda não está tão bêbado quanto parece — disse Danglars —, dê-lhe mais bebida, Fernand.

Fernand encheu o copo de Caderousse; este, como verdadeiro bebedor, tirou a mão do papel e levou-a ao copo.

O catalão seguiu seus movimentos até que Caderousse, quase vencido pelo novo ataque ao vinho, repousou, ou melhor, deixou o copo cair sobre a mesa.

— Então? — disse o catalão, vendo que o resto de lucidez de Caderousse começava a desaparecer depois do último copo de vinho.

— Então, eu dizia, por exemplo — disse Danglars —, se, depois de uma viagem como a que Dantès acaba de fazer, passando por Nápoles e pela ilha de Elba, alguém o denunciasse ao procurador do rei como agente bonapartista...

— Eu mesmo o denuncio! — disse vivamente o jovem.

— Sim... Mas então iriam fazer você assinar a sua declaração, iriam acareá-lo com o denunciado: eu lhe forneceria os meios de sustentar a sua acusação, é claro... Mas Dantès não poderia ficar eternamente na prisão: um dia ou outro ele sairia, e, nesse dia, pobre de quem o tivesse colocado lá!

— Oh, só peço uma coisa — disse Fernand —: que ele venha brigar comigo!

— Sim, e Mercedes? Mercedes, que o odiaria, se você arranhasse a pele de seu amado Edmond!

— É verdade... — disse Fernand.

— Não, não — continuou Danglars —, se nós resolvêssemos fazer algo assim, veja, seria preciso fazê-lo corretamente, assim, como faço agora, mergulhando a pena no tinteiro, escrevendo com a mão esquerda, para que a letra não seja reconhecida, uma pequena denúncia nesse sentido...

E Danglars, unindo as palavras à ação, escreveu com a mão esquerda, com letra sinuosa, que não tinha nenhuma semelhança com a sua letra costumeira, as linhas seguintes, que passou a Fernand e que Fernand leu a meia-voz: O senhor procurador do rei é avisado, por um amigo do trono e da religião, que o chamado Edmond Dantès, imediato do navio *Faraó*, que chegou nesta manhã de Esmirna, depois de passar por Nápoles e Porto-Ferrajo, foi encarregado por Murat de levar uma carta ao usurpador, e pelo usurpador de levar uma carta ao comitê bonapartista de Paris.

Encontrarão a prova de seu crime ao prendê-lo; pois encontrarão essa carta com ele, ou na casa de seu pai, ou em sua cabine, a bordo do *Faraó*.

— Muito bem — prosseguiu Danglars. — Assim, a sua vingança seria bem feita, pois de forma alguma recairia em você: a coisa andaria por si mesma... Só seria preciso dobrar esta carta, como a estou dobrando, e escrever em cima: “Ao senhor procurador do rei”... Tudo estaria dito.

E, brincando, Danglars escreveu o endereço.

— Sim, tudo estaria dito — exclamou Caderousse, que, num último esforço de sobriedade, ouvira a leitura, compreendendo instintivamente toda a desgraça que tal denúncia poderia provocar.

— Sim, tudo estaria dito, mas seria uma infâmia.

E estendeu o braço para pegar a carta.

— Sim — disse Danglars, empurrando-a para além do alcance de sua mão —, por isso o que estou dizendo e fazendo é só uma brincadeira... Eu seria o primeiro a ficar muito chateado se

acontecesse alguma desgraça a Dantès, ao bom Dantès! Assim, veja...

Ele pegou a carta, amassou-a em suas mãos e jogou-a num canto do jardim.

— Em tempo — disse Caderousse —, Dantès é meu amigo, não quero que lhe façam mal.

— Ah, mas quem diabos falou em lhe fazer mal?! Eu é que não, nem Fernand! — exclamou Danglars, levantando-se e olhando o jovem que permanecera sentado, olhando furtivamente o papel denunciador lançado a um canto.

— Nesse caso — disse Caderousse —, que nos sirvam vinho: quero beber à saúde de Edmond e da bela Mercedes.

— Você já bebeu demais, borracho — disse Danglars —, e se continuar bebendo vai ser obrigado a dormir aqui, pois não vai mais conseguir se aguentar em pé.

— Eu — disse Caderousse, levantando-se com a arrogância dos ébrios —, eu, não me aguentar em pé?! Aposto que escalo até o campanário da igreja das Accoules, e sem cambalear!

— Está bem, combinado — disse Danglars —, eu aposto, mas amanhã: já é hora de voltar... Então me dê o braço e vamos voltar.

— Vamos voltar — disse Caderousse —, mas pra isso não preciso lhe dar o braço... Você vem, Fernand? Vai voltar com a gente lá pra Marselha?

— Não — disse Fernand —, vou voltar para os Catalães.

— Você faz mal... Vem com a gente pra Marselha... Vem...

— Nem preciso ir a Marselha nem quero ir.

— Mas como é que você me fala uma coisa dessas? Você não quer, meu velho?! Bom, então fique à vontade! Liberdade pra todo o mundo! Vem, Danglars, e deixe esse senhor voltar aos Catalães, se assim deseja.

Danglars aproveitou esse momento de boa disposição de Caderousse para empurrá-lo rumo a Marselha; entretanto, tomou um atalho mais fácil para Fernand e, em vez de retornar pelo cais da Rive-Neuve, foi pelo portão Saint-Victor.

Caderousse seguia-o cambaleando, apoiado em seu braço.

Depois de andar vinte passos, Danglars virou-se e viu Fernand apanhar o papel e colocá-lo no bolso; então, afastando-se do restaurante, o jovem tomou o caminho do Pillon.

— Bem, mas o que ele está fazendo? — disse Caderousse. — Ele mentiu pra gente: disse que ia pros Catalães, mas vai pra cidade! Ei, Fernand! Errou o caminho, meu rapaz!

— É você que se engana — disse Danglars —, ele segue direto o caminho das Vieilles-Infirmeries.

— É verdade! — disse Caderousse. — Muito bem, eu jurava que ele tinha virado à direita! Realmente, o vinho é traiçoeiro.

— Vamos, vamos — murmurou Danglars —, acho que agora a coisa está no bom caminho, só é preciso deixá-la andar sozinha.

V. O BANQUETE DE NOIVADO

O dia seguinte era belo. O sol levantou-se puro e brilhante — os primeiros raios púrpura espalharam rubis nas cristas espumantes das ondas.

O banquete fora preparado no primeiro andar do mesmo restaurante La Réserve cujo jardim nós já conhecemos. Era um grande salão iluminado por cinco ou seis janelas; acima de cada janela (quem puder, explique este fenômeno), inscrevia-se o nome de uma das grandes cidades da França.

Uma balaustrada de madeira, como de madeira era toda a construção, reinava ao longo de cada janela.

Embora o banquete estivesse marcado para o meio-dia, às onze da manhã o local já estava cheio de convidados impacientes. Eram os privilegiados marinheiros do *Faraó* e alguns soldados amigos de Dantès. Em homenagem aos noivos, todos haviam tirado do baú as melhores roupas. Entre os convidados circulava o rumor de que os armadores do *Faraó* honrariam com sua presença o banquete de núpcias de seu imediato; seria uma honra tão grande concedida a Dantès que ninguém conseguia acreditar.

Entretanto, ao chegar com Caderousse, Danglars confirmou o rumor. Naquela manhã ele se encontrara com o senhor Morrel em

pessoa e o armador garantira que viria ao banquete.

De fato, instantes depois, o senhor Morrel fez a sua entrada no salão e foi saudado pelos marinheiros do *Faraó* com gritos de alegria e aplausos unânimes. Para eles, a presença do armador era a confirmação do boato que corria: Dantès seria nomeado capitão; e, como Dantès era muito estimado a bordo, os bravos homens assim agradeciam ao armador por ao menos uma vez sua escolha estar em harmonia com a vontade geral. Assim que Morrel entrou, elegeram Danglars e Caderousse para irem até o noivo: tinham a missão de avisá-lo da chegada do importante personagem, cuja entrada provocara tanta sensação, e pedir-lhe que se apressasse.

Danglars e Caderousse partiram depressa, mas ainda não tinham dado cem passos quando, na altura do armazém de pólvora, viram um pequeno grupo aproximar-se.

O grupo compunha-se de quatro moças, amigas de Mercedes e catalãs como ela, que acompanhavam a noiva, a quem Edmond dava o braço. Ao lado da futura esposa caminhava o pai de Edmond; atrás deles vinha Fernand, com o seu maligno sorriso.

Nem Mercedes nem Edmond notaram o sorriso maligno de Fernand. Os pobres jovens estavam tão felizes que só viam a si mesmos e o belo céu puro a abençoá-los.

Danglars e Caderousse cumpriram a sua missão de mensageiros; depois de trocarem com Edmond apertos de mão vigorosos e bastante amistosos, Danglars tomou o seu lugar ao lado de Fernand — e Caderousse, ao lado do pai de Dantès, que era o centro de todas as atenções.

O ancião vestira a sua bela casaca de tafetá ornada de grandes botões de aço facetados. As suas pernas magras, mas fortes, ostentavam magníficas meias de algodão com pintas negras, que a uma légua de distância cheiravam a contrabando inglês. De seu chapéu de três pontas pendia um laço de fitas brancas e azuis. Enfim, ele se apoiava em uma bengala de madeira torcida, no alto curvada como os antigos cajados dos pastores. Parecia um daqueles dândis que em 1796 desfilavam nos jardins recém-abertos do Luxemburgo e das Tulherias.

Perto dele, como dissemos, infiltrara-se Caderousse: a esperança de uma boa refeição acabara de reconciliar o alfaiate com os Dantès; restavam em sua memória vagas lembranças do que acontecera na véspera — como ao despertarmos de manhã encontramos em nosso espírito as sombras dos sonhos que tivemos durante o sono.

Aproximando-se de Fernand, Danglars lançara ao amante desapontado um olhar profundo. Fernand caminhava atrás dos noivos, totalmente esquecido por Mercedes, que em seu egoísmo juvenil, encantador, apaixonado, só tinha olhos para Edmond. Fernand estava pálido, mas de repente enrubescia em súbitos acessos que logo desapareciam para dar lugar à crescente palidez. De vez em quando Fernand olhava na direção de Marselha; então um tremor nervoso e involuntário sacudia os seus membros. Ele parecia esperar, ou ao menos prever, algum grande acontecimento.

Dantès estava vestido com simplicidade. Como membro da marinha mercante, usava um casaco entre o uniforme militar e o traje civil; nesse casaco, a sua boa aparência, realçada pela alegria e pela beleza da noiva, era perfeita.

Mercedes estava belíssima: com os seus olhos de ébano e os seus lábios de coral, parecia uma grega de Chipre ou de Quios. Caminhava com passos livres e espontâneos — como caminham as arlesianas e andaluzas. Uma mulher da capital talvez tentasse esconder a sua alegria sob um véu, ou ao menos sob o veludo de suas pálpebras; mas Mercedes sorria, mirava todos os que a cercavam, o seu sorriso e o seu olhar falavam tão francamente que pareciam dizer: — “Se vocês são meus amigos, alegrem-se comigo, pois na verdade estou muito feliz!”.

Assim que os noivos e seus acompanhantes foram vistos do La Réserve, o senhor Morrel desceu e também se aproximou deles, seguido pelos marinheiros e soldados que o cercavam, aos quais o armador renovara a promessa feita a Dantès: o noivo seria o sucessor do capitão Leclère. Ao vê-lo aproximar-se, Edmond deixou os braços da noiva e deu o braço a Morrel. Então o armador e a jovem deram o exemplo, subindo à frente a escada de madeira que

levava ao salão onde o banquete seria servido, e que rangeu durante cinco minutos, sob os passos pesados dos convidados.

— Meu pai — disse Mercedes ao sogro, parando no meio da mesa —, venha à minha direita, por favor... À minha esquerda vou colocar aquele que para mim foi um irmão — acrescentou ela, com uma doçura que penetrou profundamente o coração de Fernand como uma punhalada. Os seus lábios empalideceram; sob a tez morena de seu rosto viril, podia-se ver o sangue retirar-se aos poucos para fluir ao coração.

Enquanto isso, Dantès executara os mesmos movimentos: à sua direita, colocara o senhor Morrel; à sua esquerda, Danglars; depois, com a mão, fizera sinal para que todos se sentassem onde quisessem.

Ao redor da mesa, já serviam os salsichões de Arles, bem passados, com acentuado aroma; as lagostas em couraças brilhantes; os mariscos em concha rosa; os ouriços, que pareciam castanhas cercadas de espinhos; os caracóis, que, segundo os gastrônomos do Sul, substituiriam superiormente as ostras do norte; enfim, todos aqueles pratinhos delicados que as vagas ondas carregam às margens arenosas, que os pescadores agradecidos designam pelo nome genérico de frutos do mar.

— Mas que silêncio estranho! — disse o velho Dantès, saboreando um copo de vinho dourado como topázio, que o velho Pamphile em pessoa servia a Mercedes. — Nem parece que aqui há trinta pessoas que só querem rir.

— Ah, um marido nem sempre está alegre — disse Caderousse.

— Na verdade — disse Dantès —, neste momento estou feliz demais para estar alegre. Se foi isso que quis dizer, vizinho, tem razão! Às vezes a alegria causa efeitos estranhos, machuca tanto quanto a dor.

Danglars observou Fernand, cuja natureza impressionável absorvia e espelhava cada emoção.

— Então vamos — disse Caderousse —, você teme alguma coisa? Parece, ao contrário, que tudo corre conforme os seus desejos.

— É justamente isso o que me apavora — disse Dantès —, parece-me que o homem não foi feito para ser feliz assim tão facilmente! A felicidade é como aqueles palácios das ilhas encantadas onde os dragões guardam as portas. É preciso lutar para conquistá-la, e eu, na verdade, não sei por que mereci a felicidade de ser o marido de Mercedes.

— O marido, o marido... — disse Caderousse, rindo. — Ainda não, meu capitão... Experimente só bancar o marido, você vai ver como vai ser recebido!

Mercedes enrubesceu.

Fernand atormentava-se em sua cadeira, estremecia ao menor ruído, de vez em quando enxugava poças de suor que brilhavam na sua testa como as primeiras gotas de uma tempestade.

— Ora, vizinho Caderousse — disse Dantès —, não vale a pena me desmentir por tão pouco... Mercedes ainda não é a minha mulher, é verdade... (Olhou o relógio.) Mas em uma hora e meia ela será minha mulher!

Todos deram gritos de surpresa, menos o pai de Dantès, com seu vasto sorriso a mostrar dentes ainda belos. Mercedes sorriu e não enrubesceu mais. Fernand agarrou convulsivamente o cabo de sua faca.

— Em uma hora!... — disse Danglars, também empalidecendo. — Como assim?

— Sim, meus amigos — respondeu Dantès —, graças à influência do senhor Morrel, o homem depois de meu pai a quem mais devo neste mundo, todas as dificuldades foram vencidas. Nós compramos os proclamas; às duas e meia, o prefeito de Marselha nos espera na prefeitura. Ora, como acaba de soar uma hora e um quarto, acho que não me equivoco muito ao dizer que em uma hora e trinta minutos Mercedes se chamará senhora Dantès.

Fernand fechou os olhos; uma nuvem de fogo queimava as suas pálpebras; ele apoiou-se na mesa para não desmaiar e, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu evitar um gemido surdo a perder-se em meio ao ruído dos risos e felicitações dos presentes.

— Isto é que é saber agir, não é? — disse o pai de Dantès. — É isto que se chama perder o seu tempo, na opinião de vocês?

Chegando ontem de manhã, ele se casa hoje às três horas! Os marinheiros é que sabem fazer as coisas...

— Mas e as outras formalidades? — objetou timidamente Danglars. — O contrato, as escrituras...?

— O contrato — disse Dantès, rindo —, o contrato está pronto: Mercedes não tem nada, eu também não! Nós nos casamos em regime de comunhão de bens, pronto! Não é preciso escrever muito, não vai ficar lá muito caro...

A brincadeira excitou nova explosão de alegria e de *bravos*.

— Então o que pensávamos ser um banquete de noivado — disse Danglars — é muito simplesmente um banquete de casamento...

— Não — disse Dantès —, vocês não vão perder nada, podem ficar tranquilos... Amanhã de manhã vou partir para Paris. Quatro dias para ir, quatro dias para voltar, um dia para cumprir bem a missão que me delegaram, no dia primeiro de março estarei de volta, no dia dois de março teremos o verdadeiro banquete de casamento.

A perspectiva de uma nova festa redobrou a hilaridade, a tal ponto que o pai de Dantès, que ao começo do banquete queixava-se do silêncio, agora fazia, em meio à conversa generalizada, vãos esforços para exprimir o seu voto de prosperidade aos futuros esposos.

Dantès adivinhou a intenção de seu pai e respondeu com um sorriso cheio de amor. Mercedes começou a olhar a hora no cuco do salão e fez um leve sinal a Edmond.

Ao redor da mesa havia aquela hilaridade ruidosa e aquela liberdade individual que acompanham, entre as pessoas de condição inferior, o fim das refeições. Os que estavam descontentes com os seus lugares tinham se levantado da mesa e buscavam novos vizinhos. Todo o mundo começava a falar ao mesmo tempo, mas ninguém se preocupava em responder ao que o interlocutor dizia, entregando-se apenas a seus próprios pensamentos.

A palidez de Fernand praticamente passara às bochechas de Danglars; quanto ao próprio Fernand, ele já não mais vivia: parecia

um condenado num lago de fogo.⁷ Fora um dos primeiros a se levantar e passeava através do salão, buscando afastar os ouvidos do ruído das canções e do tilintar dos copos.

Caderousse aproximou-se dele no momento em que Danglars, de quem parecia fugir, vinha encontrá-lo num canto do salão.

— Na verdade — disse Caderousse, de quem os bons modos de Dantès (e sobretudo os bons vinhos do viúvo Pamphile) tinham arrancado qualquer vestígio de todo aquele ódio que a inesperada felicidade de Dantès semeara em sua alma —, na verdade, Dantès é um bom rapaz... Quando o vejo sentado ao lado de sua noiva, digo a mim mesmo: seria uma lástima submetê-lo àquela brincadeira de mau gosto que vocês tramavam ontem.

— Mas — disse Danglars —, como você viu, a coisa não foi adiante... O pobre Fernand estava tão transtornado que no começo me deu pena, mas ele já mudou de ideia, agora é padrinho de casamento de seu rival, então já não há mais nada a dizer.

Caderousse olhou Fernand: ele estava roxo.

— O sacrifício de Fernand é tanto maior — continuou Danglars — quanto a noiva realmente é bela... Peste! Mas que cara de sorte, o meu futuro capitão... Eu só queria me chamar Dantès durante umas doze horas.

— Vamos? — perguntou a doce voz de Mercedes. — Já soaram duas horas, esperam-nos às duas e um quarto.

— Sim, sim, vamos! — disse Dantès, levantando-se depressa.

— Vamos! — repetiram em coro todos os convidados.

No mesmo instante, Danglars, que não perdia de vista Fernand sentado no parapeito da janela, viu-o abrir olhos desvairados, levantar-se com gestos quase convulsivos e cair sentado no apoio da janela; quase no mesmo instante um barulho surdo ecoou na escada; o ruído de passos pesados, o rumor confuso de vozes misturadas ao tinir de armas, cobriram as exclamações dos convidados, por mais ruidosas que fossem, e atraíram a atenção geral, que logo se manifestou através de inquieto silêncio.

O barulho aproximou-se; três pancadas soaram à porta: cada um olhou o seu vizinho com ar de espanto.

— Em nome da lei! — gritou uma voz vibrante, à qual nenhuma voz respondeu.

Logo a porta se abriu e um comissário, com a sua faixa à cintura, entrou no salão, seguido por quatro soldados armados, comandados por um cabo.

A inquietação deu lugar ao terror.

— O que está acontecendo? — perguntou o armador, avançando até o comissário, que ele conhecia. — Certamente houve algum engano, senhor...

— Se houve engano, senhor Morrel — respondeu o comissário —, acredite: o engano logo será reparado; enquanto isso, trago um mandado de prisão... Embora seja com pesar que cumpro a minha missão, não posso deixar de cumpri-la: qual dos senhores é Edmond Dantès?

Todos os olhares se voltaram para o jovem, que, muito emocionado, mas mantendo a compostura, deu um passo à frente e disse: — Sou eu, senhor... O que deseja?

— Edmond Dantès — disse o comissário —, em nome da lei, eu o prendo!

— O senhor me prende? — disse Edmond, empalidecendo levemente. — E por que me prende?

— Ignoro, senhor, mas seu primeiro interrogatório o informará.

O senhor Morrel compreendeu que não havia nada a fazer contra a inflexibilidade da situação: um comissário com a sua faixa à cintura já não é mais um homem, é a fria, surda e muda estátua da lei.

O velho, ao contrário, correu ao oficial: há coisas que o coração de um pai ou de uma mãe jamais poderia compreender; ele implorou e suplicou: lágrimas e súplicas nada puderam; entretanto, o seu desespero era tão grande que o comissário ficou comovido.

— Pode ficar tranquilo, senhor... — disse ele. — Talvez o seu filho tenha esquecido alguma formalidade da alfândega ou da saúde, tudo indica que, quando fornecer as informações desejadas, ele será posto em liberdade.

— Ah, mas que coisa! O que significa isto? — perguntou Caderousse, franzindo as sobrancelhas, a Danglars, que fingia estar

surpreso.

— Como é que vou saber? — respondeu Danglars. — Como você, assisto ao que acontece, mas não compreendo nada: estou confuso...

O olhar de Caderousse buscou Fernand: ele havia desaparecido.

Então toda a cena da véspera apresentou-se a seu espírito com terrível lucidez: parecia que a catástrofe acabara de tirar o véu que a embriaguez da véspera lançara entre ele e a sua memória.

— Oh, oh — fez ele em voz rouca —, seria esta a continuação da brincadeira de que falava ontem, Danglars? Nesse caso, pobre de quem fez essa brincadeira, pois ela é muito triste.

— De maneira alguma! — exclamou Danglars. — Pelo contrário, você sabe muito bem que rasguei o papel.

— Você não o rasgou — disse Caderousse —, apenas atirou-o num canto.

— Cale-se, você não viu nada: você estava bêbado...

— Onde está Fernand? — perguntou Caderousse.

— Como vou saber? — respondeu Danglars. — Deve estar cuidando da vida... Mas, em vez de pensarmos nisso, vamos socorrer esses pobres aflitos.

Realmente, durante essa conversa, Dantès apertara sorrindo a mão de todos os seus amigos e tornara-se prisioneiro dizendo: — Fiquem tranquilos: o engano vai ser esclarecido, provavelmente nem chegarei à prisão.

— Oh, claro, com certeza, garanto que sim — disse Danglars, que, como dissemos, naquele momento aproximava-se do grupo principal.

Dantès desceu a escada, cercado pelos soldados, atrás do comissário de polícia. Uma viatura, com a porta já aberta, esperava-o à entrada: ele subiu à carruagem; então dois soldados e o comissário também subiram; a porta se fechou e a viatura tomou o caminho de Marselha.

— Adeus, Dantès! Adeus, Edmond! — exclamou Mercedes, aflita, na balaustrada.

O prisioneiro ouviu esse último grito, que saía como um soluço do coração partido de sua noiva; à janela da carruagem, gritou: —

Até a vista, Mercedes! — e desapareceu em uma curva do forte São Nicolau.

— Esperem-me aqui — disse o armador —: pego o primeiro carro que encontrar, corro a Marselha e lhes trago notícias.

— Vá — gritaram todas as vozes —, vá! E volte logo!

Depois dessa dupla partida, houve um momento de terrível assombro entre todos aqueles que ali ficaram.

O velho e Mercedes permaneceram algum tempo separados, cada um deles entregue à sua própria dor; mas finalmente os seus olhos se encontraram: reconheceram-se como duas vítimas abaladas pelo mesmo golpe e lançaram-se aos braços um do outro.

Enquanto isso, Fernand voltou, serviu-se um copo d'água, bebeu-o e sentou-se em uma cadeira.

Casualmente, sentou-se na cadeira vizinha àquela em que caíra Mercedes ao deixar os braços do velho.

Com gesto instintivo, Fernand afastou a sua cadeira.

— Foi ele — disse Caderousse, que não perdia de vista o catalão, a Danglars.

— Não acredito — respondeu Danglars —, ele é tolo demais... Em todo caso, que o golpe recaia em quem o desferiu.

— Você se esquece de quem o aconselhou — disse Caderousse.

— Ah, nossa — disse Danglars —, se fôssemos responsáveis por tudo o que dizemos ao acaso!

— Somos, quando o que dizemos ao acaso provoca uma desgraça.

Enquanto isso, os grupos comentavam a prisão de todas as maneiras.

— E você, Danglars — disse uma voz —, o que acha desse acontecimento?

— Talvez Dantès tenha trazido alguns pacotes de mercadorias proibidas — disse Danglars.

— Mas, se assim fosse, você saberia, Danglars: você é o contador.

— Sim, é verdade... Mas o contador só sabe dos pacotes que lhe declaram: só sei que carregamos algodão... Que recebemos a

carga em Alexandria, do senhor Pastret, e em Esmirna, do senhor Pascal... É só o que sei.

— Ah, agora me lembro — murmurou o pobre pai, juntando-se à conversa —, ontem ele me disse que trouxe uma caixa de café e uma caixa de tabaco.

— Estão vendo — disse Danglars —, é isso... Na nossa ausência, a alfândega deve ter feito uma visita ao *Faraó*, deve ter descoberto o segredinho.

Mercedes não acreditava em nada daquilo; até então contido, de repente o seu sofrimento explodiu em lágrimas.

— Vamos, vamos, tenha esperança! — disse o pai de Dantès, sem saber muito bem o que dizia.

— Esperança! — repetiu Danglars.

— Esperança! — tentou murmurar Fernand, mas essa palavra o sufocava; os seus lábios se moveram, mas som algum saiu de sua boca.

— Senhores! — gritou um dos convidados, que vigiava à janela. — Senhores, um carro! Ah, é o senhor Morrel! Coragem, coragem! Ele nos traz boas notícias, com certeza!

Mercedes e o velho pai correram ao armador, encontrando-o à porta. O senhor Morrel estava muito pálido.

— Então? — exclamaram numa só voz.

— Então, meus amigos — respondeu o armador, sacudindo a cabeça —, a coisa é mais grave do que pensávamos.

— Oh, senhor — exclamou Mercedes —, ele é inocente!

— Acredito — respondeu o senhor Morrel —, mas é acusado.

— De quê? — perguntou o velho Dantès.

— De ser um agente bonapartista.

Entre os leitores, os que viveram a época em que esta história se passa vão lembrar que terrível acusação era então aquela a que o senhor Morrel se referia.

Mercedes deu um grito; o velho deixou-se cair numa cadeira.

— Ah — murmurou Caderousse —, você me enganou, Danglars, a brincadeira foi feita... Mas não vou deixar o velho e a noiva morrerem de tanto sofrer: vou contar-lhes tudo.

— Cale-se, infeliz — exclamou Danglars, agarrando a mão de Caderousse —, ou não respondo por você... Quem lhe garante que Dantès não é mesmo culpado? O navio parou na ilha de Elba, Dantès desembarcou, passou um dia inteiro em Porto-Ferraio... Se encontrarem com ele alguma carta comprometedor, quem o ajudar será considerado cúmplice.

Com o rápido instinto do egoísmo, Caderousse compreendeu toda a solidez do argumento: olhou Danglars com olhos embrutecidos pelo temor e pela dor, e, como dera um passo adiante, deu dois passos para trás.

— Então é melhor aguardar... — murmurou ele.

— Sim, aguardemos... — disse Danglars. — Se ele for inocente, vai ser colocado em liberdade... Se for culpado, inútil comprometer-se por causa de um conspirador.

— Vamos embora: não posso mais ficar aqui.

— Sim, venha — disse Danglars, encantado por encontrar um companheiro de retirada —, venha, vamos deixá-los sair dessa como puderem.

Partiram; Fernand, voltando a ser o apoio da jovem, tomou Mercedes pela mão e levou-a aos Catalães. Os amigos de Dantès, por sua vez, levaram o velho quase desfalecido às alamedas de Meilhan.

Logo o rumor de que Dantès acabara de ser preso como agente bonapartista espalhou-se por toda a cidade.

— Você acreditaria nisso, meu caro Danglars? — perguntou o senhor Morrel, alcançando o seu contador e Caderousse, pois também voltava à cidade com toda pressa para saber alguma notícia de Edmond diretamente do substituto do procurador do rei, o senhor de Villefort, que ele conhecia um pouco. — Acreditaria nisso?

— Ora, cavalheiro — respondeu Danglars —, eu tinha lhe dito que Dantès, sem motivo algum, fez escala na ilha de Elba, e essa escala, o senhor sabe, parecera-me suspeita.

— Mas falou dessas suspeitas a alguém além de mim?

— Evitaria falar, cavalheiro — disse Danglars em voz baixa. — O senhor sabe: por causa de seu tio, o senhor Policar Morrel, que

serviu Napoleão e não esconde as suas simpatias, suspeitam que o senhor lamenta a queda de Napoleão... Eu temeria prejudicar Edmond e o senhor... Há coisas que é dever do subordinado falar a seu armador e calar aos demais.

— Muito bem, Danglars, muito bem! — disse o armador. — Você é um bom rapaz... Assim, logo pensei em você, caso o pobre Dantès se tornasse capitão do *Faraó*...

— Como assim, senhor?

— Eu tinha perguntado a Dantès o que ele achava de você, se teria alguma objeção a conservá-lo em seu posto, pois, não sei por quê, julguei ver certa frieza entre vocês.

— E o que ele lhe respondeu?

— Que realmente julgava ter havido, em circunstâncias que não me contou, alguns problemas entre vocês, mas que confiava em todos os que tinham a confiança de seu armador.

— Hipócrita! — murmurou Danglars.

— Pobre Dantès — exclamou Caderousse —, realmente, ele era um excelente rapaz.

— Sim, mas, enquanto isso — disse Morrel —, o *Faraó* está sem capitão...

— Oh — disse Danglars —, é preciso esperar, já que só podemos partir daqui a três meses, esperar que então Dantès esteja livre.

— Com certeza... Mas e até lá?

— Pois bem, até lá, aqui estou, senhor Morrel — disse Danglars —, o senhor sabe: conheço o manejo de um navio tão bem quanto um capitão de longo curso; servir-se de mim lhe trará até mesmo vantagens: quando Edmond sair da prisão, o senhor não precisará despedir ninguém; simplesmente ele voltará a seu posto, e eu voltarei ao meu.

— Obrigado, Danglars — disse o armador. — De fato, isso resolveria todos os problemas. Então assumo o comando, eu o autorizo, vigie o desembarque: por maiores que sejam as catástrofes pessoais, os negócios nunca devem ser prejudicados.

— Pode ficar tranquilo, senhor... Mas ao menos poderemos visitar o bom Edmond?

— Logo lhe direi, Danglars... Vou tentar falar com o senhor de Villefort e interceder em favor do prisioneiro. Bem sei que Villefort é um monarquista fanático, mas que diabo! Por mais monarquista e procurador do rei que seja, ele também é um homem: não julgo que ele seja mau.

— Não — disse Danglars —, mas ouvi dizer que ele era ambicioso, o que é quase o mesmo.

— Enfim — disse Morrel, suspirando —, veremos: suba a bordo, logo o alcanço.

E separou-se dos dois amigos para tomar o caminho do palácio da justiça.

— Está vendo como o caso está se desenrolando? — disse Danglars a Caderousse — E agora, ainda tem vontade de apoiar Dantès?

— Não, claro, mas de qualquer forma é terrível uma brincadeira ter tantas consequências.

— Ora, quem fez a brincadeira? Não foi você nem eu, não é verdade? Foi Fernand. Bem sabe que atirei o papel num canto, até pensei que tinha rasgado o papel.

— Não, não! — disse Caderousse. — Oh, quanto a isso, não resta dúvida, vi o papel num canto do jardim todo amassado, todo enrolado, até mesmo gostaria que ele permanecesse ali!

— O que você esperava? Fernand deve tê-lo apanhado, deve tê-lo copiado, ou mandado copiar, talvez não tenha nem mesmo se dado a esse trabalho, e acho... Meu Deus! Talvez ele o tenha enviado com a minha letra! Felizmente disfarcei a minha caligrafia.

— Mas então você sabia que Dantès conspirava?

— Eu não sabia de nada... Como lhe disse, imaginei fazer uma brincadeira, nada mais... Parece que, como Arlequim, eu disse a verdade rindo.

— É a mesma coisa — disse Caderousse. — Eu daria tudo para que todo esse negócio não tivesse acontecido, ou ao menos para que eu não tivesse nada a ver com isso. Você vai ver: isso ainda vai nos trazer alguma desgraça, Danglars!

— Se trazer alguma desgraça a alguém, será ao verdadeiro culpado, e o verdadeiro culpado é Fernand, não nós. Que desgraça

você acha que poderia nos acontecer? Só temos que ficar calmos, sem dizer uma palavra sobre tudo isso, e a tempestade vai passar sem raios e sem trovões.

— Amém! — disse Caderousse, acenando o adeus a Danglars, dirigindo-se às alamedas de Meilhan, balançando a cabeça, falando sozinho, como costumam fazer as pessoas muito preocupadas.

— Bom — disse Danglars —, as coisas estão tomando o rumo que eu esperava: agora sou o capitão interino e, se esse imbecil do Caderousse conseguir ficar quieto, serei capitão de verdade... Mas e se a justiça libertar Dantès? Oh, mas — acrescentou sorrindo — a justiça é a justiça, conformo-me a ela.

A essas palavras, saltou a um barco e ordenou que o barqueiro o levasse a bordo do *Faraó*, onde, como lembramos, o armador iria alcançá-lo.

VI. O SUBSTITUTO DO PROCURADOR DO REI Na rua do Grand-Cours, em frente à fonte das Medusas, numa dessas casas antigas de arquitetura aristocrática construídas por Puget,⁸ também celebravam, no mesmo dia e à mesma hora, um banquete de noivado.

Mas os atores dessa cena não eram pessoas do povo, marinheiros e soldados: pertenciam à alta sociedade marsehesa. Eram velhos magistrados que haviam se demitido de seus cargos sob o usurpador Napoleão; antigos oficiais que haviam desertado de nossas fileiras para passar às do exército de Condé; jovens educados por famílias ainda intranquilas quanto à sobrevivência, mas que pagavam quatro ou cinco substitutos no serviço militar, no ódio àquele homem que cinco anos de exílio transformariam em mártir e quinze anos de Restauração transformariam em Deus.

Estavam à mesa e a conversa rolava, ao fogo de todas as paixões da época — paixões tanto mais terríveis, intensas e encarniçadas no Sul quanto havia quinhentos anos os ódios religiosos vinham somar-se aos ódios políticos.

O imperador, rei da ilha de Elba, depois de ter sido soberano de parte do mundo, reinando sobre uma população de cinco a seis mil almas, depois de ter ouvido cento e vinte milhões de súditos em dez línguas diferentes gritarem “Viva Napoleão!”, era tratado ali como um homem eternamente perdido para a França e para o trono. Os magistrados apontavam os erros políticos; os militares falavam das batalhas de Moscou e de Leipzig; as mulheres, de seu divórcio de Josefina. Para aquelas pessoas, monarquistas alegres e triunfantes não pela queda do homem, mas pelo aniquilamento do princípio, parecia que a vida recomeçava, depois de longo pesadelo.

Um ancião condecorado com a cruz de São Luís levantou-se e propôs a seus convidados um brinde à saúde do rei Luís XVIII; era o marquês de Saint-Méran.

A esse brinde, que lembrava ao mesmo tempo o exilado de Hartwell e o rei pacificador da França, o rumor foi grande; os copos chocaram-se à moda inglesa, as mulheres tiraram as flores dos cabelos e espalharam-nas sobre a toalha. Havia um entusiasmo quase poético.

— Eles haveriam de convir, se aqui estivessem — disse a marquesa de Saint-Méran, mulher de olhar severo, lábios finos e postura aristocrática, ainda elegante, apesar de seus cinquenta anos —, esses revolucionários que nos expulsaram, e que de nossa parte deixamos tranquilamente conspirar em nossos velhos castelos, que eles compraram por um pedaço de pão, sob o Terror... Eles teriam de convir: a verdadeira devoção estava do nosso lado, pois nós apoiamos a monarquia decadente, enquanto eles, ao contrário, saudavam o sol nascente e faziam fortuna, enquanto nós perdíamos as nossas fortunas... Eles teriam de convir: o nosso rei era realmente Luís, o Bem-Amado, enquanto o usurpador deles nunca foi senão Napoleão, o maldito... Não é mesmo, Villefort?

— Marquesa, a senhora dizia...? Perdoe-me, eu não estava ouvindo a conversa.

— Ah, deixe essas duas crianças em paz, marquesa — disse o velho que propusera o brinde. — Essas crianças vão se casar, naturalmente querem falar de outras coisas, não de política...

— Peço-lhe perdão, minha mãe — disse uma jovem e bela pessoa de cabelos loiros, com olhos de veludo a nadar em fluido perolado. — Devolvo-lhe o senhor Villefort, que eu havia monopolizado por um instante. Senhor de Villefort, minha mãe lhe fala.

— Estou pronto a responder à senhora, se bem quiser renovar a pergunta que mal escutei — disse Villefort.

— Está perdoada, Renée — disse a marquesa com sorriso de ternura que surpreendia a todos ver florescer nesse rosto severo; mas o coração da mulher é assim: por mais árido que se torne ao soprar dos preconceitos e exigências da etiqueta, conserva sempre um canto fértil e risonho, que Deus consagrou ao amor materno. — Está perdoada... Agora, eu dizia, Villefort, que os bonapartistas não tinham nem nossa convicção, nem nosso entusiasmo, nem nossa devoção.

— Oh, senhora, eles têm ao menos algo que substitui tudo isso: o fanatismo. Napoleão é o Maomé do Ocidente; para todos esses homens vulgares, mas supremamente ambiciosos, ele é não apenas um legislador e um mestre, mas também um modelo: o modelo da igualdade.

— Da igualdade? — exclamou a marquesa. — Napoleão, o modelo da igualdade? Então, que faria o senhor de Robespierre? Parece-me que rouba a sua posição para dá-la ao corso... Isso me parece uma usurpação.

— Não, senhora — disse Villefort —, deixo cada um em seu pedestal: Robespierre, na praça Luís XV, em seu cadafalso; Napoleão, na praça Vendôme, em sua coluna; mas um perpetrou a igualdade que rebaixa, outro a igualdade que eleva; um rebaixou os reis ao nível da guilhotina, outro elevou o povo ao nível do trono. Isso não significa — acrescentou Villefort, rindo — que ambos não sejam revolucionários infames, que o dia 9 do Termidor e o dia 4 de fevereiro de 1814 não sejam dois dias felizes para a França, dignos de serem igualmente festejados pelos amigos da ordem e da monarquia; mas também explica como, mesmo caído para nunca mais se levantar, espero, Napoleão conservou os seus radicais. O

que esperava, marquesa? Cromwell, que não foi nem metade do que foi Napoleão, também tinha os seus radicais!

— Sabia que as suas palavras, Villefort, cheiram revolução a uma légua de distância? Mas eu o perdoo: não se pode ser filho de girondino sem conservar certo cheiro de sua terra.

Intenso rubor invadiu o rosto de Villefort.

— Meu pai era girondino, madame, é verdade — disse ele. — Mas meu pai não votou pela morte do rei; meu pai foi perseguido pelo mesmo Terror que perseguia a senhora, e quase perdeu a cabeça no mesmo cadafalso onde caiu a cabeça de seu pai.

— Sim — disse a marquesa, sem que a lembrança sangrenta provocasse qualquer alteração em seus traços. — Só que seria por princípios diametralmente opostos que ambos subiriam ao cadafalso; prova é que toda a minha família permaneceu ligada aos príncipes exilados, enquanto seu pai teve pressa de se aliar ao novo governo, e, depois de o cidadão Noirtier ser girondino, o conde Noirtier veio a ser senador.

— Mamãe, mamãe — disse Renée —, a senhora bem sabe que combinamos não falar mais de todas essas terríveis lembranças.

— Senhora — disse Villefort —, eu me juntarei à senhorita de Saint-Méran para pedir-lhe mui humildemente o esquecimento do passado. Para que lamentar coisas perante as quais a própria vontade de Deus é impotente? Deus pode mudar o futuro, mas não pode modificar o passado. O que nós podemos, nós outros, os homens, é, se não o renegar, ao menos lançar um véu sobre o passado. Pois bem, eu me separei não apenas das ideias, mas também do nome de meu pai. Meu pai foi bonapartista, talvez até mesmo ainda o seja, e se chama Noirtier; eu sou monarquista e me chamo de Villefort. Deixe um resto de seiva revolucionária morrer no velho tronco e veja apenas, senhora, o rebento que se afasta desse tronco, sem poder e, eu diria mesmo, sem querer separar-se totalmente.

— Bravo, Villefort! — disse o marquês. — Bravo! Muito bem respondido! Eu também sempre prego à marquesa o esquecimento do passado, mas inutilmente; você terá mais sorte, espero.

— Sim, está bem — disse a marquesa —, esqueçamos o passado, não peço outra coisa, está combinado... Mas, Villefort, ao menos seja inflexível no futuro. Não se esqueça, Villefort: responsabilizamo-nos por você perante Sua Majestade, que também quis esquecer, por recomendação nossa (ela estendeu-lhe a mão), assim como eu esqueço, a seu pedido. Mas, se algum conspirador cair em suas mãos, lembre-se: todos os olhos estão concentrados em você, pois sabem que pertence a uma família talvez ligada aos conspiradores.

— Ai, senhora — disse Villefort —, a minha profissão e principalmente o tempo em que vivemos obrigam-me a ser severo. Eu o serei. Já fiz algumas acusações políticas e, nesse sentido, já dei as minhas provas. Infelizmente, estamos longe do fim.

— Você acha? — perguntou a marquesa.

— Receio que sim. Napoleão, na ilha de Elba, está muito perto da França; a sua presença quase à vista de nossas costas alimenta as esperanças de seus partidários. Marselha está cheia de oficiais a meio soldo; todo dia, sob um pretexto qualquer, eles tentam brigar com os monarquistas; daí os duelos entre pessoas das classes elevadas, daí os assassinatos entre o povo.

— Sim — disse o conde de Salvieux, velho amigo do senhor de Saint-Méran e camareiro do conde de Artois —, sim, mas vocês sabiam que a Santa Aliança pode expulsar Napoleão de lá?

— Sim, era o que se falava quando deixamos Paris — disse Saint-Méran. — E para onde o mandam?

— Para Santa Helena.

— Santa Helena? O que é isso? — perguntou a marquesa.

— É uma ilha situada a duas mil léguas daqui, além do equador — respondeu o conde.

— Finalmente! Como disse Villefort, é uma grande loucura deixar um homem desses entre a Córsega, onde nasceu, e Nápoles, onde ainda reina o seu cunhado, diante dessa Itália que ele queria transformar em reino de seu filho.

— Infelizmente — disse Villefort —, temos os tratados de 1814: não podemos tocar em Napoleão sem ferir esses tratados.

— Pois bem: feriremos — disse o senhor de Salvieux. — Por acaso ele respeitou algum tratado, quando se tratava de fuzilar o infeliz duque de Enghien?

— Sim — disse a marquesa —, está combinado, a Santa Aliança vai livrar a Europa de Napoleão, e Villefort vai livrar Marselha de seus partidários. Ou o rei reina ou não reina: se reina, o seu governo deve ser forte e os seus agentes inflexíveis; esse é o meio de prevenir o mal.

— Infelizmente, senhora — disse Villefort, sorrindo —, um substituto do procurador do rei sempre chega quando o mal já foi feito.

— Então cabe a ele reparar o mal.

— Eu também poderia lhe dizer, senhora, que nós não reparamos o mal: apenas o vingamos.

— Oh, senhor de Villefort! — disse uma bela jovem, filha do conde de Salvieux e amiga da senhorita de Saint-Méran. — Trate de fazer um belo julgamento enquanto estivermos em Marselha... Nunca vi um tribunal: dizem que é algo bastante curioso.

— De fato, senhorita, bastante curioso... — disse o substituto. — Pois nele assistimos a um drama verdadeiro, em vez de uma tragédia fictícia. Em vez de sofrimentos representados, nele acontecem sofrimentos reais. O homem que lá vemos, quando cai o pano e fecham-se as cortinas, em vez de voltar para casa, jantar com a família e dormir tranquilamente, para recomeçar a sua jornada no dia seguinte, volta para a prisão, onde encontra o carrasco. Logo verá que, para as pessoas ansiosas por emoções, não há espetáculo comparável. Pode ficar tranquila, senhorita: assim que surgir a oportunidade, eu a avisarei.

— Ele nos causa arrepios... e ri! — disse Renée, muito pálida.

— O que você queria... é um duelo... Já pedi, cinco ou seis vezes, a pena de morte para presos políticos ou comuns... Pois bem, quem sabe quantos punhais, a esta hora, afiam-se nas sombras ou já se erguem contra mim?

— Oh, meu Deus — exclamou Renée, cada vez mais assombrada —, está falando sério, senhor de Villefort?

— Eu não poderia falar mais sério, senhorita — disse o jovem magistrado, com um sorriso nos lábios. — E com esses belos julgamentos que a senhorita deseja para satisfazer a sua curiosidade, que eu também desejo para satisfazer a minha ambição, a situação só se agrava. Imagina que todos esses soldados de Napoleão, acostumados a avançar às cegas contra o inimigo, vacilam quando queimam um cartucho ou marcham com a baioneta? Bem, eles vacilariam para matar um homem que imaginam ser o seu inimigo pessoal? Mais do que vacilaram para matar um russo, um austríaco ou um húngaro que nunca viram? Aliás, é preciso que seja assim; se assim não fosse, a nossa profissão não se justificaria. Eu mesmo, quando vejo luzir no olho do acusado o intenso brilho da raiva, sinto-me encorajado, exalto-me: já não se trata mais de um julgamento, mas de um combate; luto contra ele, ele responde, desdobro-me, e o combate termina, como todas as lutas, em uma vitória ou em uma derrota. Eis o que é argumentar! É o perigo que leva à eloquência. Um réu que me sorrisse depois de minha réplica me faria julgar que falei mal, que o meu discurso foi irrelevante, sem vigor, insuficiente. Imagine só a sensação de orgulho de um procurador do rei convencido da culpabilidade do acusado quando vê o réu empalidecer, inclinar-se ao peso das provas, aos raios da eloquência! Aquela cabeça que se abaixa vai cair...

Renée deu um leve grito.

— Isso é que é falar! — disse um dos convidados.

— Em tempos como os nossos, esse é que é o homem de quem precisamos! — disse outro.

— Aliás, em seu último caso, você foi soberbo, meu caro Villefort — disse um terceiro. — Sabe, aquele homem que matou o pai, bem, você acabou com ele... Matou-o, literalmente, antes que o carrasco o tocasse.

— Oh, quanto aos parricidas — disse Renée —, oh, pouco me importa, não há castigo suficiente para homens assim... Mas para os infelizes réus políticos!...

— Mas isso é pior ainda, Renée, pois o rei é o pai de toda a nação; querer derrubar ou matar o rei é querer matar o pai de trinta

e dois milhões de homens.

— Oh, é o mesmo, senhor de Villefort — disse Renée. — Você me promete ser indulgente com aqueles que eu lhe recomendar?

— Fique tranquila — disse Villefort, com o seu mais encantador sorriso —, faremos as minhas acusações juntos.

— Minha querida — disse a marquesa —, cuide de seus beija-flores, de seus cãezinhos e de suas roupinhas... Deixe seu futuro marido fazer o trabalho dele. Hoje em dia as armas descansam e a toga está na moda... Nesse sentido, há uma frase latina de grande profundidade.

— *Cedant arma togae*⁹ — disse Villefort, curvando-se.

— Não me atrevo a falar latim — respondeu a marquesa.

— Acho que eu preferiria que você fosse médico — disse Renée. — O anjo exterminador, por mais anjo que seja, sempre me apavora.

— Boa Renée! — murmurou Villefort, envolvendo a jovem em um olhar apaixonado.

— Minha filha — disse o marquês —, o senhor de Villefort vai ser o médico moral e político desta província; pode acreditar, é um belo papel a representar.

— E será um meio de fazer esquecer o papel representado pelo seu pai — acrescentou a incorrigível marquesa.

— Senhora — disse Villefort, com sorriso triste —, já tive a honra de lhe dizer que o meu pai arrependeu-se dos erros do passado, ao menos assim o espero... E tornou-se zeloso amigo da ordem e da religião, mais monarquista do que eu, talvez, pois ele o é com o arrependimento, eu apenas com a paixão.

Depois dessa frase sinuosa, Villefort, para julgar o efeito de sua eloquência, olhou os convivas da mesma maneira como, depois de uma frase equivalente, olharia o auditório no tribunal.

— Bem, meu caro Villefort — disse o conde de Salvieux —, foi exatamente isso o que respondi ao ministro da casa real, anteontem, nas Tulherias... Ele me indagava sobre esse singular matrimônio entre o filho de um girondino e a filha de um oficial do exército de Condé... E o ministro compreendeu muito bem. Esse

modelo de união conjugal é o de Luís XVIII. Pois o rei, sem que desconfiássemos, ouvia a nossa conversa e interrompeu-nos dizendo: “Villefort” (note bem, o rei não disse *Noirtier*, disse *Villefort*); “Villefort”, assim falou o rei, “você está no bom caminho... É um jovem já maduro e é de minha sociedade. Vejo com prazer o marquês e a marquesa de Saint-Méran escolherem-no como genro... Eu teria lhes aconselhado essa união, mas eles se anteciparam, pedindo-me permissão para contraí-la”.

— O rei disse isso, conde? — exclamou Villefort, maravilhado.

— Eu lhe repeti as próprias palavras do rei e, se o marquês quiser ser franco, há de confessar: o que acabo de contar coincide perfeitamente com o que lhe disse o rei pessoalmente, há seis meses, sobre o projeto de casamento de sua filha com você.

— É verdade — disse o marquês.

— Oh, mas então eu devo tudo a esse digno príncipe! Então, o que eu não faria para servi-lo!

— Muito bem — exclamou a marquesa —, é assim que gosto de vê-lo... Se agora nos aparecesse um conspirador, ele seria muito bem recebido.

— E eu, mamãe — disse Renée —, peço a Deus que ele não a ouça, só envie aos julgamentos de Villefort ladrõezinhos, pobres falidos e tímidos vigaristas... Assim eu poderia dormir tranquila.

— É como se você quisesse que o médico só cuidasse de enxaquecas, sarampo e picadas de vespas, de coisas que só afetam a epiderme... — disse Villefort, rindo. — Se você quiser me ver promovido a procurador do rei titular, ao contrário, deseje aquelas terríveis doenças cuja cura honra o médico.

Nesse instante, como se o acaso só esperasse Villefort formular tal desejo para satisfazê-lo, um criado entrou e lhe disse algumas palavras ao ouvido. Então Villefort deixou a mesa desculpando-se e, momentos depois, voltou radiante de alegria.

Renée olhou-o com amor: visto assim, com os seus olhos azuis, bronzeado, com as suíças negras a emoldurar a sua face, ele realmente era um jovem belo e elegante; assim, todo o espírito da jovem pareceu suspenso em seus lábios, esperando que ele explicasse o motivo de sua breve ausência.

— Bem — disse Villefort —, agora mesmo, senhorita, você queria casar-se com um médico... Ao menos tenho essa semelhança com os discípulos de Esculápio¹⁰ (assim se falava ainda em 1815): a hora presente nunca é minha, incomodam-me até mesmo quando estou ao seu lado, até mesmo em meu banquete de noivado.

— E por que razão o incomodaram, senhor? — perguntou a bela jovem, um tanto inquieta.

— Ai, por causa de um doente que, pelo que me disseram, está nas últimas: desta vez é um caso grave, a doença pode levar ao cadafalso.

— Oh, meu Deus! — exclamou Renée empalidecendo.

— Verdade? — disseram em coro todos os presentes.

— Parece que simplesmente acabam de descobrir uma pequena conspiração bonapartista.

— Será possível?! — exclamou a marquesa.

— Eis a carta denunciadora.

E Villefort leu:

O senhor procurador do rei é avisado, por um amigo do trono e da religião, que o chamado Edmond Dantès, imediato do navio *Faraó*, que chegou nesta manhã de Esmirna, depois de passar por Nápoles e Porto-Ferraio, foi encarregado por Murat de levar uma carta ao usurpador, e pelo usurpador de levar uma carta ao comitê bonapartista de Paris.

Encontrarão a prova de seu crime ao prendê-lo; pois encontrarão essa carta com ele, ou na casa de seu pai, ou em sua cabine, a bordo do *Faraó*.

— Mas — disse Renée — essa carta, que aliás não passa de uma carta anônima, é dirigida ao senhor procurador do rei, não a você.

— Sim, mas o procurador do rei está ausente... Na sua ausência, a carta foi entregue a seu secretário, que tinha ordens de abrir as cartas... Então ele abriu esta, mandou me procurarem e, como não me encontraram, deu ordem de prisão.

— Então o culpado está preso? — perguntou a marquesa.

— Isto é, o acusado... — disse Renée.

— Sim, senhora — disse Villefort —, e, como tive a honra de dizer agora mesmo à senhorita Renée, se encontrarem tal carta, o

doente ficará muito doente.

— E onde está esse infeliz? — perguntou Renée.

— Ele está na minha casa.

— Vá, meu amigo — disse o marquês —, não falte a seus deveres para ficar em nossa companhia enquanto o serviço do rei o espera em outro lugar... Então vá logo para onde o serviço do rei o aguarda.

— Oh, senhor de Villefort — disse Renée, juntando as mãos —, seja indulgente: é o dia de seu noivado!

Villefort deu a volta à mesa e, aproximando-se da cadeira da jovem, apoiando-se em seu encosto: — Para não a deixar preocupada — disse ele —, farei tudo o que puder, querida Renée... Mas, se os indícios forem seguros, se a acusação for verdadeira, será necessário cortar essa erva daninha bonapartista.

Renée estremeceu à palavra *cortar*, pois aquela erva que seria necessário cortar tinha uma cabeça.

— Ora — exclamou a marquesa —, não dê ouvidos a essa pequena, Villefort: ela vai se acostumar...

E a marquesa estendeu a Villefort uma mão seca que ele beijou, olhando Renée, dizendo-lhe com os olhos: — Neste momento, é a sua mão que beijo, ou ao menos que desejaria beijar.

— Triste presságio! — murmurou Renée.

— Realmente, senhorita — disse a marquesa —, você é de uma infantilidade desesperadora: eu lhe pergunto, o que o destino do Estado tem a ver com as suas fantasias sentimentais e com as suas sensibilidades afetivas?

— Oh, mamãe! — murmurou Renée.

— Perdoe a má monarquista, senhora marquesa — disse Villefort —, prometo-lhe fazer o meu trabalho de substituto do procurador do rei conscienciosamente, isto é, de forma terrivelmente severa.

Mas, ao mesmo tempo que o magistrado dirigia essas palavras à marquesa, o noivo lançava furtivamente um olhar à sua noiva, e esse olhar dizia: — Fique tranquila, Renée... Em favor de seu amor, serei indulgente.

Renée respondeu a esse olhar com o mais suave de seus sorrisos, e Villefort saiu levando o paraíso no coração.

VII. O INTERROGATÓRIO

Assim que Villefort se viu fora da sala de jantar, abandonou a máscara alegre para assumir o ar sério de um homem chamado à suprema função de pronunciar-se sobre a vida de seu semelhante. Entretanto, apesar da mudança de sua fisionomia — mudança que o substituto, como deve fazer um bom ator, havia mais de uma vez estudado diante do espelho —, dessa vez foi difícil para ele franzir a sobancelha e ensombrecer o seu semblante. De fato, a não ser pela lembrança da linha política seguida por seu pai — o que poderia comprometer o seu futuro, se não se afastasse dele completamente —, Gérard de Villefort era, nesse momento, tão feliz quanto é possível a um homem vir a sê-lo: já rico por si mesmo, aos vinte e sete anos já ocupava um lugar elevado na magistratura, iria casar-se com uma bela jovem, que ele amava não apaixonadamente, mas com razão, como pode amar um substituto do procurador do rei; além de sua notável beleza, a noiva — a senhorita de Saint-Méran — pertencia a uma das famílias mais influentes da época; além da influência de seus pais, que, não tendo outros filhos, podiam consagrá-la inteiramente a seu genro, ela também traria ao marido um dote de cinquenta mil escudos, que, graças às *esperanças* — palavra atroz, criada pelos alcoviteiros casamenteiros —, um dia poderia ainda ser aumentada por uma herança de meio milhão. Todos esses elementos reunidos resultavam então, para Villefort, num total de felicidade radiante, a tal ponto que lhe parecia ver manchas no sol quando contemplava por muito tempo a sua vida interior com os olhos da alma.

Ele encontrou à porta o comissário de polícia a esperá-lo. Ao ver aquele homem sombrio, logo caiu das alturas do terceiro céu à terra material onde andamos; compôs a sua fisionomia, como dissemos, e, aproximando-se do oficial de justiça: — Aqui estou, senhor —

disse ele —, li a carta: fez bem em prender esse homem... Agora me forneça todos os detalhes que obteve sobre ele e a conspiração.

— Da conspiração, senhor, ainda não sabemos nada... Todos os papéis apreendidos com ele foram reunidos num só maço e estão selados em seu gabinete. Quanto ao prisioneiro, como o senhor viu pela própria carta-denúncia, chama-se Edmond Dantès, é imediato a bordo do veleiro de três mastros *Faraó*, que faz comércio de algodão com Alexandria e Esmirna e pertence à casa Morrel e filhos, de Marselha.

— Antes de servir na marinha mercante, ele havia servido na marinha militar?

— Oh, não, senhor... Ele é muito jovem.

— Que idade?

— Dezenove... vinte anos no máximo.

Nesse momento, quando Villefort, seguindo a Grande Rua, chegava à esquina da rua dos Conselhos, um homem que parecia esperá-lo no meio do caminho abordou-o: era o senhor Morrel.

— Ah, senhor de Villefort! — exclamou o bravo homem ao ver o substituto —, fico feliz por encontrá-lo. Imagine que acabam de cometer o mais estranho engano, o mais insólito: acabam de prender o imediato de meu navio, Edmond Dantès.

— Sei disso, senhor — disse Villefort —, vim interrogá-lo.

— Ah, o senhor não conhece o acusado — continuou Morrel, levado pela amizade ao jovem Edmond —, eu o conheço... Imagine o homem mais manso, o homem mais honesto, eu até ousaria dizer: o homem que melhor conhece o seu ofício, em toda a marinha mercante. Ah, senhor de Villefort, eu o recomendo muito sinceramente, de todo o coração.

Villefort, como vimos, pertencia à parte nobre da cidade: Morrel, à parte plebeia; o primeiro era monarquista radical: o segundo era suspeito de secreto bonapartismo. Villefort olhou Morrel com desdém e respondeu-lhe friamente: — O senhor sabe que é possível ser manso na vida privada, honesto nas relações comerciais, sábio em seu ofício, sem deixar de ser muito culpado, politicamente falando: o senhor sabe, não é mesmo?

E o magistrado sublinhou as últimas palavras, como se estivesse se referindo ao próprio armador — enquanto o seu olhar interrogador parecia querer penetrar no fundo do coração daquele homem bastante ousado para interceder por outro, quando deveria saber que ele mesmo precisaria de indulgência.

Morrel enrubesceu, pois a sua consciência não estava muito tranquila quanto às suas próprias opiniões políticas; aliás, as confidências que Dantès lhe fizera sobre a conversa com o grão-marechal, as palavras a ele dirigidas pelo imperador Napoleão, perturbavam um pouco o seu espírito. Todavia, acrescentou no tom do mais profundo interesse: — Suplico-lhe, senhor de Villefort: seja justo como deve sê-lo, bom como sempre, e *devolva-nos* logo o pobre Dantès!

O *devolva-nos* soou revolucionário aos ouvidos do substituto do procurador do rei.

— Ei, ei! — disse ele a si mesmo —, *devolva-nos*... Será que esse Dantès é membro de alguma seita de carbonários para que o seu protetor use assim sem pensar a forma coletiva? Ele foi preso numa taverna, acho que foi isso o que me disse o comissário... Estava acompanhado de muita gente: devia ser alguma reunião política.

Então respondeu em voz alta: — Senhor, pode ficar tranquilo: o seu apelo à minha justiça não será vão, se o acusado for inocente... Mas se, pelo contrário, ele for culpado, vivemos em tempos difíceis, senhor, e a impunidade seria um mau exemplo: então eu seria obrigado a cumprir o meu dever.

Então, como chegara à porta de sua casa, ao lado do palácio da justiça, entrou majestosamente, depois de despedir-se com glacial polidez do infeliz armador, que permaneceu petrificado no lugar onde Villefort o deixara.

O vestíbulo estava cheio de guardas e de agentes policiais; escondido entre eles, envolto em olhares faiscantes de ódio, de pé, calmo e imóvel, encontrava-se o prisioneiro.

Villefort atravessou o vestíbulo, lançou rápido olhar a Dantès e, depois de pegar um maço de papéis entregue por um agente, desapareceu dizendo: — Tragam o prisioneiro.

Por mais rápido que tivesse sido o seu olhar, bastara a Villefort para fazer uma ideia geral do homem que teria de interrogar: reconhecera a inteligência na fronte larga e aberta, a coragem no olhar fixo e na sobrancelha franzida, a franqueza nos lábios carnudos e entreabertos, que deixavam ver a dupla fileira de dentes brancos como marfim.

A primeira impressão fora favorável a Dantès; mas Villefort ouvira tantas vezes dizerem, como se fosse um lema de profunda política, que era preciso *desconfiar de seu primeiro impulso* proveniente da bondade que aplicou o lema à sua primeira impressão, sem levar em conta a diferença existente entre o *impulso* e a *impressão*.

Então sufocou os bons instintos que queriam invadir o seu coração para dali assaltarem o seu espírito, compôs diante do espelho a sua fisionomia dos dias importantes e sentou-se, sombrio e ameaçador, diante de sua escrivaninha.

Um instante depois entrou Dantès.

O jovem continuava pálido, mas estava calmo e sorridente; cumprimentou o seu juiz com polidez natural, depois procurou com os olhos uma cadeira, como se estivesse no salão do armador Morrel.

Só então encontrou o olhar opaco de Villefort — olhar característico dos homens da justiça, que não querem que leiam os seus pensamentos, fazendo do olhar um vidro fosco. Tal olhar informou-o de que se encontrava diante da justiça, figura de traços sombrios.

— Quem é você e como se chama? — perguntou Villefort, folheando as notas que o agente lhe entregara à entrada, notas que havia uma hora já se tornavam volumosas, tanto a corrupção da espionagem logo se liga a esse corpo infeliz que chamam de réus.

— Eu me chamo Edmond Dantès, senhor — respondeu o jovem em voz calma e clara. — Sou imediato a bordo do navio *Faraó*, que pertence aos Senhores Morrel e filhos.

— Sua idade? — prosseguiu Villefort.

— Dezenove anos — respondeu Dantès.

— O que fazia no momento em que o prenderam?

— Eu assistia ao banquete de meu próprio noivado, senhor — disse Dantès, em voz levemente comovida, tão doloroso era o contraste entre aqueles momentos de alegria e a lúgubre cerimônia que agora acontecia, tanto o rosto sombrio de Villefort fazia brilhar com toda a sua luz a radiante figura de Mercedes.

— Você assistia ao banquete de seu próprio noivado? — perguntou o substituto, estremecendo sem querer.

— Sim, senhor, em breve vou me casar com uma mulher que amo há três anos.

Por mais impassível que fosse habitualmente, Villefort ficou impressionado com a coincidência, e aquelas palavras comovidas de Dantès, surpreendido em meio à sua felicidade, despertaria uma fibra simpática no fundo da alma de Villefort: ele também iria se casar, ele também estava feliz; acabavam de perturbar a sua felicidade para que ele ajudasse a destruir a alegria de um homem que, como ele, já alcançava a felicidade.

“Esta coincidência, esta aproximação filosófica”, pensou Villefort, “causará grande efeito quando eu voltar ao salão do senhor de Saint-Méran.” — Enquanto Dantès esperava novas perguntas, Villefort criou de antemão em seu espírito aquelas palavras antitéticas com o auxílio das quais os oradores constroem suas frases ansiosas por aplausos, que às vezes são confundidas com a verdadeira eloquência.

Quando o seu pequeno *speech*¹¹ interior já estava preparado, Villefort sorriu, imaginando o seu efeito, e voltou a Dantès: — Continue, senhor — disse ele.

— O que o senhor quer que eu continue?

— A esclarecer a justiça.

— Que a justiça me diga em que ponto deseja ser esclarecida, e eu lhe direi tudo o que sei... Mas — acrescentou Dantès, por sua vez, com um sorriso — previno-a de que não sei muita coisa.

— Serviu no tempo do usurpador Napoleão?

— Eu ia ser incorporado à marinha militar quando ele foi derrubado.

— Dizem que as suas opiniões políticas são radicais — disse Villefort, a quem não tinham dito uma palavra a respeito, mas que não se incomodava em formular a pergunta como se fizesse uma acusação.

— As minhas opiniões políticas, senhor? Ai, tenho quase vergonha de dizer, mas nunca tive o que chamam de opinião: tenho apenas dezenove anos, como tive a honra de lhe dizer; não sei nada, não estou destinado a representar papel algum; o pouco que sou, ou que serei, se me derem o cargo que ambiciono, deverei ao senhor Morrel. Assim, todas as minhas opiniões, eu não diria políticas, mas pessoais, limitam-se a três sentimentos: amo meu pai, respeito o senhor Morrel e adoro Mercedes. Eis tudo o que posso dizer à justiça; o senhor vê que é pouco interessante para ela.

Enquanto Dantès falava, Villefort olhava o seu rosto tão manso e ao mesmo tempo tão franco, sentindo voltar à memória as palavras de Renée, que mesmo sem conhecer o acusado pedira-lhe que fosse indulgente. Com a prática que o substituto já adquirira lidando com o crime e com os criminosos, a cada frase de Dantès ele via aparecer a prova de sua inocência. De fato, aquele jovem — quase poderíamos dizer, aquela criança — simples, natural, eloquente, com aquela eloquência do coração que nunca se encontra quando se procura, cheio de afeição por todos, pois era feliz, e a felicidade torna bons até mesmo os maus, contagiava até seu juiz com a doce afabilidade que transbordava em seu coração. Edmond só tinha na voz, no olhar e nos gestos — por mais rude e severo que Villefort fosse com ele — carinho e bondade para aquele que o interrogava.

— Por Deus — disse Villefort a si mesmo —, eis um jovem encantador: acho que não vou ter muita dificuldade em fazer Renée me ver com bons olhos seguindo a primeira recomendação que ela me fez... Isso vai me valer um bom aperto de mão diante de todos e um beijo encantador em algum canto.

A esses doces devaneios, o semblante de Villefort iluminou-se de tal forma que, ao ver a sua expressão, acompanhando todos os movimentos da fisionomia do juiz, Edmond sorriu, como se os devaneios fossem seus.

— O senhor tem inimigos? — perguntou Villefort.

— Inimigos, eu? — indagou Dantès. — Tenho a sorte de ser muito pouco importante para ter inimigos. A minha maneira de ser é um pouco enérgica, mas sempre procuro abrandá-la para com os subordinados. Tenho dez ou doze marinheiros sob as minhas ordens: se lhes perguntarem, senhor, eles vão dizer que gostam de mim e me respeitam, não como um pai, sou jovem demais para isso, mas como um irmão mais velho.

— Mas, se não há inimigos, talvez haja invejosos: aos dezenove anos, vai ser nomeado capitão, o que na sua situação é um posto bem elevado... Vai se casar com uma bela mulher que o ama, o que é uma felicidade rara em qualquer lugar da terra... Esses dois favores de seu destino podem ter lhe proporcionado invejosos.

— Sim, o senhor tem razão. Deve conhecer os homens melhor do que eu... É possível. Mas, se entre os meus amigos encontram-se invejosos, confesso: prefiro não conhecer, para não ser obrigado a odiá-los.

— O senhor está errado. Na medida do possível, devemos sempre ver claramente o que nos cerca; na verdade, você me parece um jovem tão digno que vou me afastar das regras de praxe da justiça e ajudá-lo a se esclarecer, comunicando-lhe a denúncia que o trouxe diante de mim: eis a carta-denúncia; reconhece a letra?

E Villefort tirou a carta do bolso e mostrou-a a Dantès. Edmond olhou-a e leu. Uma nuvem passou por sua cabeça e ele disse: — Não, senhor: não reconheço essa letra... Está disfarçada, mas parece autêntica. Em todo caso, foi uma mão hábil que a caligrafou. Tenho muita sorte — acrescentou, olhando Villefort com gratidão — de lidar com um homem como o senhor, pois, de fato, o meu invejoso é um verdadeiro inimigo.

Pelo brilho irradiado pelos olhos do jovem ao pronunciar essas palavras, Villefort pôde distinguir toda a violenta energia escondida sob a sua brandura inicial.

— Agora, vejamos — disse o substituto —, responda-me francamente, senhor, não como um acusado a seu juiz, mas como um homem vítima de um engano responde a alguém que se interessa por ele: o que há de verdadeiro nessa acusação anônima?

Villefort lançou com repugnância na escrivadinha a carta que Dantès acabara de lhe devolver.

— Tudo e nada, senhor, eis a pura verdade, por minha honra de marinheiro, pelo meu amor a Mercedes, pela vida de meu pai.

— Fale, senhor — disse Villefort em voz alta.

Então, para si mesmo, acrescentou: — Se Renée pudesse me ver, acho que ela ficaria contente comigo, já não me chamaria mais de cortador de cabeças!

— Bem... ao deixarmos Nápoles, o capitão Leclère ficou doente, com febre cerebral... Como não tínhamos médico a bordo, como ele não queria parar em nenhum lugar da costa, com pressa de chegar à ilha de Elba, a sua doença piorou, a tal ponto que, ao fim do terceiro dia, percebendo que ia morrer, ele me chamou à sua cabeceira.

“‘Meu caro Dantès’, ele me disse, ‘jure, pela sua honra, fazer o que vou lhe dizer... É dos mais altos interesses.’

“‘Juro, capitão’, eu lhe respondi.

“‘Bem... como, depois que eu morrer, o comando do navio será seu, na qualidade de imediato, você vai assumir o comando, rumar para a ilha de Elba, desembarcar em Porto-Ferraio, encontrar o grão-marechal, entregar-lhe esta carta... Talvez então lhe entreguem outra carta e o encarreguem de alguma missão. Essa missão, que eu iria cumprir, Dantès, você vai cumpri-la em meu lugar, e será honrado por isso.’

“‘Vou cumpri-la, capitão, mas talvez eu não possa chegar ao grão-marechal com tanta facilidade quanto o senhor imagina.’

“‘Aqui está um anel que você mandará entregarem a ele’, disse o capitão, ‘o que vencerá qualquer dificuldade.’”

— Então ele me deu um anel — prosseguiu Edmond.

“Em tempo: duas horas depois, ele foi dominado pelo delírio... No dia seguinte, estava morto.”

— E o que você fez então? — perguntou Villefort.

— O que eu deveria fazer, senhor... O que qualquer um faria em meu lugar: em qualquer caso, o pedido de um moribundo é sagrado... Mas, entre os marinheiros, o pedido de um superior é uma ordem que deve ser cumprida. Então rumei para a ilha de Elba,

aonde cheguei no dia seguinte... Dei ordens para ninguém abandonar o navio e desembarquei sozinho. Como previa, tive dificuldades para me aproximar do grão-marechal... Mas enviei-lhe o anel, que devia me servir de senha, e todas as portas se abriram para mim. Ele me recebeu, interrogou-me sobre os últimos detalhes da morte do infeliz Leclère e, como o finado capitão previra, entregou-me uma carta, encarregando-me de entregá-la pessoalmente em Paris. Eu lhe prometi isso, pois eram os últimos desejos de meu capitão. Desci a terra, resolvi rapidamente todos os assuntos a bordo... Então corri para ver a minha noiva, que encontrei mais bela e mais apaixonada do que nunca. Graças ao senhor Morrel, passamos por cima de todas as dificuldades eclesiásticas... Enfim, senhor, eu participava, como lhe disse, do banquete de meu noivado, ia me casar dentro de uma hora, planejava partir amanhã para Paris, quando, por causa desta denúncia, que agora o senhor parece desprezar tanto quanto eu, fui preso.

— Sim, sim — murmurou Villefort —, tudo isso me parece ser verdade, e, se você fosse culpado, seria de imprudência... E essa imprudência seria legitimada pelas ordens de seu capitão. Entregue-me a carta que lhe deram na ilha de Elba, dê-me a sua palavra de que vai apresentar-se assim que for chamado, e vá encontrar os seus amigos.

— Então estou livre, senhor?! — exclamou Dantès, radiante de alegria.

— Sim, mas me entregue a carta.

— Ela deve estar à sua frente, senhor... Pois ela foi apreendida com os meus outros papéis: estou vendo alguns deles nesse maço.

— Espere — disse o substituto a Dantès, que pegava as suas luvas e o seu chapéu —, espere... A quem a carta é endereçada?

— *Ao Senhor Noirtier, rua Coq-Héron, Paris.*

Um raio que caísse sobre Villefort não o atingiria de forma tão rápida e imprevista; ele caiu em sua poltrona, de onde se soerguera para alcançar o maço de papéis apreendidos com Dantès, e, folheando-o depressa, pegou a carta fatal, lançando-lhe um olhar cheio de inefável terror.

— Senhor Noirtier, rua Coq-Héron, nº 13... — murmurou, empalidecendo cada vez mais.

— Sim, senhor — respondeu Dantès, surpreso —, conhece-o?

— Não — respondeu depressa Villefort —, um fiel servidor do rei não conhece conspiradores.

— Então, trata-se de uma conspiração? — perguntou Dantès, que começava, depois de ter se acreditado livre, a retomar um terror maior do que o primeiro. — Em todo caso, senhor, como lhe disse, eu ignorava completamente o conteúdo da mensagem que levava.

— Sim — continuou Villefort, em voz surda —, mas sabe o nome do destinatário?

— Para entregá-la pessoalmente, senhor, era preciso que o soubesse.

— E você não mostrou essa carta a ninguém? — disse Villefort, lendo e empalidecendo enquanto lia.

— A ninguém, senhor, palavra de honra!

— Ninguém sabe que você era portador de uma carta proveniente da ilha de Elba e dirigida ao senhor de Noirtier?

— Ninguém, senhor, a não ser quem me entregou a carta.

— Já é demais, isto já é demais! — murmurou Villefort.

A expressão de Villefort ensombrecia-se cada vez mais, à medida que ele aproximava-se do fim; os seus lábios pálidos, as suas mãos trêmulas, os seus olhos ardentes transmitiam ao espírito de Dantès as mais dolorosas apreensões.

Depois da leitura, Villefort deixou cair a cabeça entre as mãos, permanecendo por um momento aniquilado.

— Ô, meu Deus, o que é que o senhor tem? — perguntou Dantès, timidamente.

Villefort não respondeu; mas, depois de alguns instantes, ergueu o rosto pálido, transtornado, e leu a carta mais uma vez.

— E você diz que não conhece o conteúdo desta carta? — perguntou Villefort.

— Palavra de honra, repito, senhor — disse Dantès —, eu o ignoro. Mas, meu Deus, que tem o senhor? Está passando mal? Quer que eu toque a campainha, quer que chame alguém?

— Não, senhor — disse Villefort, levantando-se depressa —, não faça nada, não diga uma palavra: a mim cabe dar as ordens aqui, não ao senhor.

— Senhor — disse Dantès, sentindo-se ferido —, era para ajudá-lo, nada mais.

— Não preciso de nada... Tive um mal-estar passageiro, nada mais: ocupe-se do senhor mesmo, não de mim, e responda.

Dantès esperou o interrogatório anunciado por essa ordem, mas em vão: Villefort caiu novamente em sua poltrona, passou a mão gelada na testa banhada de suor, leu a carta pela terceira vez.

— Oh, se ele souber o conteúdo desta carta — murmurou Villefort — e vier a saber que Noirtier é o pai de Villefort, é o meu pai, estou perdido, perdido para sempre!

De vez em quando, olhava Edmond, como se o seu olhar pudesse quebrar a barreira invisível que encerra no coração os segredos guardados pelos lábios.

— Oh, sem dúvida! — exclamou de repente.

— Mas, em nome do céu, senhor! — exclamou o jovem infeliz —, se o senhor desconfia de mim, se tem suspeitas, interrogue-me: estou pronto a lhe responder.

Villefort fez um violento esforço sobre si mesmo e, em tom que pretendia ser firme: — Senhor — disse ele —, as mais graves acusações resultam de seu interrogatório... Assim, ao contrário do que eu esperava a princípio, não posso lhe dar liberdade imediata... Antes de tomar tal medida, devo consultar o juiz de instrução. Entretanto, o senhor viu como o tratei.

— Oh, sim, senhor — exclamou Dantès —, e lhe agradeço, pois para mim o senhor foi bem mais um amigo do que um juiz.

— Pois bem, senhor: vou retê-lo ainda algum tempo como prisioneiro, o menor tempo possível... A principal acusação que existe contra o senhor é esta carta, e, como o senhor pode ver...

Villefort aproximou-se da lareira, atirou a carta ao fogo e ficou contemplando-a, até que ela fosse reduzida a cinzas.

— E, como o senhor pode ver — continuou ele —, eu a destruí.

— Oh! — exclamou Dantès —, o senhor é mais do que a justiça, o senhor é a bondade!

— Mas, escute — continuou Villefort —, depois de tal ato, compreende que pode confiar em mim, não é?

— Ô, senhor, ordene, e seguirei as suas ordens.

— Não — disse Villefort, aproximando-se do jovem —, não, não são ordens que quero lhe dar, você compreende, são conselhos.

— Diga: vou segui-los como se fossem ordens.

— Vou conservá-lo aqui no palácio da justiça até a noite... Talvez um outro venha interrogá-lo: diga-lhe tudo o que me disse, mas nem uma palavra sobre essa carta.

— Prometo-lhe, senhor.

Era Villefort que parecia suplicar: era o réu que tranquilizava o juiz.

— Compreende? — disse Villefort, olhando as cinzas, que ainda conservavam a forma da carta, a flutuar acima das chamas. — Agora, a carta está destruída: só nós dois sabemos que ela existiu; ninguém vai lhe apresentar essa carta: se alguém lhe falar dela, negue-a, negue-a com veemência, e estará salvo.

— Negarei, senhor, pode ficar tranquilo — disse Dantès.

— Muito bem! — disse Villefort, levando a mão ao cordão da campainha; no momento de soar, deteve-se: — Era a única carta que você levava? — perguntou Villefort.

— A única.

— Jura?

Dantès estendeu a mão.

— Juro — disse ele.

Villefort soou.

O comissário de polícia entrou.

Villefort aproximou-se do oficial público e disselhe algumas palavras ao ouvido; o comissário respondeu com um simples sinal de cabeça.

— Siga este senhor — disse Villefort a Dantès.

Dantès inclinou-se, lançou um último olhar reconhecido a Villefort e saiu.

Assim que a porta se fechou atrás dele, faltaram forças a Villefort, que caiu quase desmaiado numa poltrona.

Instantes depois, murmurou: — Oh, meu Deus, de que dependem a vida e a fortuna!... Se o procurador do rei estivesse em Marselha, se o juiz de instrução fosse chamado em vez de mim, eu estaria perdido... E esse papel, esse maldito papel me lançaria no abismo. Ah, papai, papai, será você sempre um obstáculo para a minha felicidade neste mundo? Tenho de lutar eternamente contra o seu passado?

Então de repente um clarão inesperado pareceu passar por seu espírito e iluminou o seu rosto, um sorriso desenhou-se em seus lábios ainda crispados, os seus olhos desvairados tornaram-se fixos e pareceram deter-se num só pensamento.

— É isto! — disse Villefort. — Sim, aquela carta, que quase me condena, vai fazer a minha fortuna, talvez... Vamos, Villefort: mãos à obra!

Depois de certificar-se de que o prisioneiro já não estava mais no vestíbulo, o substituto do procurador do rei também saiu, encaminhando-se rapidamente para a casa de sua noiva.

VIII. O CASTELO DE IF

Ao atravessar o vestíbulo, o comissário de polícia fez um sinal a dois guardas, que se colocaram um à direita, outro à esquerda de Dantès; abriram uma porta que levava dos aposentos do procurador do rei ao palácio da justiça; seguiram por algum tempo através de um daqueles grandes corredores sombrios que fazem estremecer os que passam por ali, mesmo se não têm nenhum motivo para estremecer.

Assim como os aposentos de Villefort se comunicavam com o palácio da justiça, o palácio da justiça comunicava-se com a prisão, sombrio monumento colado ao palácio, a olhar curiosamente, através de todos os seus buracos, para os sinos das Accoules à sua frente.

Depois de muitos desvios pelo corredor por onde seguia, Dantès viu abrir-se uma porta com uma janela de ferro; com um martelo de ferro, o comissário de polícia deu três pancadas que, para Dantès,

repercutiram como se tivessem sido desferidas em seu coração; a porta abriu-se, os dois guardas empurraram levemente o prisioneiro, que ainda hesitava. Dantès atravessou o terrível limiar e a porta fechou-se ruidosamente atrás dele.

Ele respirava outros ares, ares insalubres e pesados: estava na prisão.

Levaram-no a uma cela bem limpa, mas cheia de grades e ferrolhos; afinal, o aspecto de seu alojamento não lhe deu muito medo: aliás, as palavras do substituto do procurador do rei, pronunciadas em tom que a Dantès parecera tão cheio de interesse, ecoavam em seus ouvidos como uma doce promessa de esperança.

Já eram quatro horas quando Dantès foi levado ao seu quarto. Como dissemos, era dia 1º de março; o prisioneiro não demorou a ver-se no escuro do inverno.

Então, o sentido da audição nele foi ampliado pelo sentido da visão que cessava: ao menor barulho que chegava até ele, certo de que vinham colocá-lo em liberdade, levantava-se rapidamente e dava um passo em direção à porta; mas logo o barulho diminuía, movendo-se em outra direção, e Dantès voltava a cair em seu banco.

Enfim, por volta das dez horas da noite, no momento em que Dantès começava a perder as esperanças, novo ruído foi ouvido, desta vez parecendo dirigir-se à sua cela: de fato, passos ecoaram no corredor e cessaram à sua porta, uma chave girou na fechadura, os ferrolhos rangeram; a maciça barreira de carvalho abriu-se, deixando ver de repente, na cela sombria, a deslumbrante luz de duas tochas.

Ao clarão das duas tochas, Dantès viu brilharem os sabres e mosquetões de quatro guardas.

Ele tinha dado dois passos adiante; ao ver toda aquela força, permaneceu imóvel em seu lugar.

— Vieram me buscar? — perguntou Dantès.

— Sim — respondeu um dos guardas.

— Da parte do senhor substituto do procurador do rei?

— Acho que sim.

— Bem — disse Dantès —, estou pronto a segui-los.

A certeza de que vinham buscá-lo por ordem do senhor de Villefort tirava todo o temor do jovem infeliz: então ele avançou com espírito calmo, andar natural e colocou-se espontaneamente no meio de sua escolta.

Uma carruagem esperava à porta da rua; o cocheiro estava sentado em seu assento, um oficial de polícia estava sentado ao lado do cocheiro.

— Então essa carruagem é para mim? — perguntou Dantès.

— É para você — respondeu um dos guardas —: suba.

Dantès quis fazer algumas observações, mas a portinha se abriu; sentiu que o empurravam; não havia nem possibilidade nem intenção de resistir — num instante, viu-se sentado no fundo do carro, entre dois guardas; os outros dois sentaram-se no banco dianteiro e a pesada máquina começou a rodar com sinistro ruído.

O prisioneiro lançou os olhos às janelinhas: elas eram gradeadas; tinha apenas mudado de prisão; mas esta andava, transportando-o, rodando rumo a destino ignorado. Através das grades apertadas, onde mal passava a mão, Dantès reconheceu, entretanto, a rua Caisserie: viu que, pelas ruas Saint-Laurent e Taramis, desciam rumo ao cais.

Logo viu, entre as suas grades e as grades do monumento por onde passavam, brilharem as luzes da Consigne.

O carro parou, o oficial desceu, aproximando-se da casa de guarda; uma dúzia de soldados saiu e perfilou-se; à luz dos lampiões do cais, Dantès via brilharem os seus fuzis.

— Será por mim — perguntou a si mesmo — que mobilizam tanta força militar?

O oficial, abrindo a portinhola trancada a chave, embora sem pronunciar uma só palavra, respondeu à sua pergunta, pois Dantès viu, entre as duas fileiras de soldados, um caminho aberto para ele do carro ao porto.

Os dois guardas que estavam sentados no banco da frente desceram primeiro; depois fizeram Dantès descer; então os que estavam aos seus lados o seguiram. Marcharam para um bote que um marinheiro da alfândega mantinha à beira do cais, preso por

uma corrente. Os soldados olharam Dantès passar com ar de estúpida curiosidade. Num instante instalaram-no na popa do barco, sempre entre os seus quatro guardas, enquanto o oficial sentou-se na proa. Violento abalo afastou o barco da terra; quatro remadores remaram vigorosamente rumo ao Pilão. A um grito dado no barco, a corrente que fecha o porto abaixou-se; Dantès viu-se no que chamam de Frioul, ou seja, fora do porto.

O primeiro impulso do prisioneiro, ao ver-se ao ar livre, havia sido um impulso de alegria. O ar é quase a liberdade. Então respirou a plenos pulmões aquela brisa vivaz que traz em suas asas todos os aromas misteriosos da noite e do mar. Mas logo deu um suspiro: passavam diante do La Réserve, onde fora tão feliz naquele mesmo dia, nas horas que precederam a sua prisão — através de duas janelas abertas amplamente, os alegres sons de um baile chegavam até ele.

Dantès juntou as mãos, ergueu os seus olhos aos céus e rezou.

O barco seguiu o seu caminho; ultrapassara a Caveira, estava diante da enseada do Farol;¹² iria dobrar a bateria, manobra incompreensível para Dantès.

— Mas para onde me levam? — perguntou ele a um dos guardas.

— Logo vai saber.

— Mas ainda...

— Fomos proibidos de lhe dar qualquer explicação.

Dantès era quase soldado; questionar subordinados a quem era proibido responder pareceu-lhe algo absurdo: calou-se.

Então os mais estranhos pensamentos passaram pelo seu espírito: como não poderiam navegar muito em semelhante barco, como não havia nenhum navio ancorado na direção para onde iam, pensou que iriam deixá-lo em algum lugar distante da costa e dizer-lhe que estava livre; não estava amarrado, não tinham tentado algemá-lo, o que lhe parecia bom sinal; aliás, o substituto de procurador, tão bom com ele, não lhe dissera que, se não pronunciasse o nome fatal de Noirtier, não teria nada a temer?

Villefort não tinha, diante dele, destruído aquela carta perigosa, a única prova que existia contra ele?

Então esperou, quieto e pensativo, tentando desvendar a escuridão da noite, com o olho do marinheiro habituado às trevas, acostumado ao espaço.

Tinham ultrapassado a ilha Ratonneau, à direita, onde brilhava um farol, e, quase margeando a costa, tinham chegado às alturas da enseada dos Catalães. Então os olhares do prisioneiro redobram a atenção: era ali que estava Mercedes, e a todo instante parecia-lhe ver desenhar-se na margem escura a forma vaga e indecisa de uma mulher.

Por que algum pressentimento não revelaria a Mercedes que o seu namorado se encontrava a trezentos passos dela?

Nos Catalães só brilhava uma luz. Tentando adivinhar a origem dessa luz, Dantès percebeu que ela iluminava o quarto de sua noiva. Em toda a pequena colônia, Mercedes era a única pessoa que estava acordada. Se gritasse bem alto, o jovem poderia ser ouvido por sua noiva.

Absurda vergonha o impediu. Que diriam aqueles homens a olhá-lo, se o ouvissem gritar como louco?

Então permaneceu em silêncio, com os olhos fixos naquela luz. Enquanto isso, o barco continuava a navegar; mas o prisioneiro não pensava no barco, pensava em Mercedes.

Um acidente de percurso fez a luz desaparecer. Dantès voltou-se e viu que o barco ganhava o alto-mar.

Enquanto olhava, absorto em seus pensamentos, tinham trocado os remos pelas velas: agora o barco avançava levado pelo vento.

Apesar de não querer fazer outras perguntas ao guarda, Dantès aproximou-se dele e, tomando-lhe a mão: — Camarada — disselhe —, em nome de sua consciência, na sua qualidade de soldado, peço-lhe: tenha piedade de mim, responda-me... Eu sou o capitão Dantès, francês bom e leal, embora acusado de não sei que traição: para onde me levam? Diga-me, e, palavra de marinheiro: cumprirei o meu dever e me resignarei quanto a meu destino.

O guarda coçou a orelha e olhou o colega. Este fez um gesto que aproximadamente queria dizer: — “Parece que, na altura em

que estamos, não há nada de inconveniente nisso”. — O guarda voltou-se para Dantès: — Você é marseelhês e marinheiro — disse ele — e me pergunta para onde vamos?

— Sim, porque, palavra de honra: ignoro completamente.

— Nem desconfia?

— De maneira alguma.

— Não é possível.

— Juro pelo que há de mais sagrado no mundo. Então me responda, por favor!

— Mas e as minhas ordens?

— As suas ordens não o proíbem de me informar o que saberei dentro de dez minutos, de meia hora, de uma hora talvez... Daqui até lá, você pode me poupar séculos de incerteza. Peço-lhe como se fosse meu amigo: veja, não quero me amotinar nem fugir; aliás, não posso: para onde vamos?

— A não ser que você esteja com uma venda nos olhos, ou nunca tenha saído do porto de Marselha, deveria adivinhar para onde vai...

— Não...

— Então olhe ao seu redor.

Dantès levantou-se, lançou naturalmente os olhos ao ponto para onde o barco parecia se dirigir e, duzentos metros adiante, viu elevar-se o rochedo negro e íngreme onde se ergue, como uma redundância das pedras, o sombrio castelo de If.

Aquela forma estranha, aquela prisão ao redor da qual reina tão profundo terror, aquela fortaleza que há três séculos faz Marselha reviver as suas tristes tradições, surgindo assim de repente diante de Dantès, que nem a imaginava, fez o jovem sentir o que sente o condenado à morte ao ver o cadafalso.

— Ah, meu Deus! — exclamou ele. — O castelo de If! O que vamos fazer lá?

O guarda riu.

— Levam-me para lá como prisioneiro? — continuou Dantès. — Mas o castelo de If é uma prisão do Estado, destinada apenas aos grandes réus políticos. Eu não cometi nenhum crime. No castelo de If há juízes de instrução, há magistrados?

— Acho que só há um governador de presídio — disse o guarda —, carcereiros, guardas e bons muros. Vamos, amigo, vamos: não finja tanta surpresa... Porque, na verdade, você me faz pensar que retribui a minha bondade zombando de mim...

Dantès apertou a mão do guarda com toda a força.

— Então você acha — disse ele — que estão me levando para o castelo de If como prisioneiro?

— É provável — disse o guarda —, mas, em todo caso, camarada, não me aperte assim tão forte.

— Sem qualquer investigação, sem qualquer formalidade? — perguntou Dantès.

— As formalidades já foram cumpridas, a investigação já foi concluída.

— Assim, apesar da promessa do senhor de Villefort?...

— Não sei se o senhor de Villefort lhe prometeu alguma coisa — disse o guarda —, só sei que vamos para o castelo de If. Pois bem, o que está fazendo? Ei, guardas, aqui!

Com um movimento rápido como o raio, que, entretanto, fora adivinhado pelo experiente olhar do guarda, Dantès tentara atirar-se ao mar: quatro braços fortes o impediram, quando os seus pés já deixavam o fundo do barco.

Ele caiu no assoalho uivando de raiva.

— Bom! — exclamou o guarda, dando-lhe uma joelhada no peito —, bom! É assim que você cumpre a sua palavra de marinheiro? Então confie nas pessoas boazinhas! Bom, agora, caro amigo, faça um movimento, um só, e eu lhe meto uma bala na cabeça! Desobedeci às ordens uma vez, mas, juro, não vou desobedecer de novo.

E de fato apontou sua carabina a Dantès, que sentiu a ponta do cano apoiada à sua têmpora.

Por um momento, pensou em fazer o movimento proibido, dar violento fim à inesperada desgraça que se abatera sobre ele, levando-o de repente nas suas garras de abutre. Mas, justamente por ser inesperada, Dantès pensou que a desgraça não poderia ser duradoura; então as promessas de Villefort voltaram-lhe à

lembrança; enfim, naturalmente, aquela morte no fundo de um barco, nas mãos de um guarda, pareceu-lhe terrível e cruel.

Então desabou no assoalho do barco, dando um grito de raiva e mordendo as mãos furiosamente.

Quase no mesmo instante, violento choque abalou o barco. Um barqueiro saltou às rochas que a proa do barquinho acabara de tocar, uma corda rangeu desenrolando-se ao redor de uma roldana: Dantès compreendeu que tinham chegado a seu destino e amarravam o bote.

De fato, os seus guardas, agarrando-o pelos braços e pela gola do casaco, forçaram-no a se levantar, obrigaram-no a descer a terra e arrastaram-no aos degraus que sobem ao portal da cidadela, enquanto o oficial, armado com um mosquetão de baioneta, seguia atrás dele.

Aliás, Dantès não resistiu inutilmente: a sua lentidão vinha mais da inércia do que da oposição; estava atordoado e cambaleava como um ébrio. Mais uma vez viu soldados em fileiras nas escarpas íngremes, percebeu degraus que o forçaram a levantar os pés, viu que passavam por uma porta a fechar-se atrás dele; mas tudo isso maquinalmente, como através de um nevoeiro, sem nada perceber claramente. Já não via nem mesmo o mar, a imensa nostalgia dos prisioneiros que olham o espaço com a sensação terrível de não poder atravessá-lo.

Por um momento, houve uma pausa: ele procurou organizar as suas ideias. Olhou ao redor: estava em um pátio quadrado, formado por quatro altas muralhas; ouvia-se o passo lento e regular das sentinelas; cada vez que elas passavam diante de dois os três reflexos, projetados nas muralhas pelo clarão de algumas luzes a brilhar dentro do castelo, via-se cintilar o cano de seus fuzis.

Ali ficaram durante cerca de dez minutos. Certos de que Dantès já não poderia mais fugir, os guardas o tinham soltado. Pareciam esperar ordens: as ordens chegaram.

— Onde está o prisioneiro? — perguntou uma voz.

— Aqui — responderam os guardas.

— Que ele me siga: vou levá-lo à sua cela.

— Vá — disseram os guardas, empurrando Dantès.

O prisioneiro seguiu o seu condutor, que de fato o conduziu a uma peça quase subterrânea, onde as muralhas nuas e suadas pareciam impregnadas de um vapor de lágrimas. Uma espécie de lampião pousado em um banquinho, com uma mecha a boiar em gordura fétida, iluminava as paredes brilhantes da terrível morada, mostrando a Dantès o seu condutor, espécie de carcereiro subordinado, malvestido e de rosto horrível.

— Este é seu quarto para esta noite — disse ele. — É tarde: o governador do presídio está dormindo. Amanhã, quando ele acordar, quando souber das ordens sobre você, talvez vá mudar o seu domicílio... Até lá, aqui tem pão, água nesse jarro, palha ali no canto, tudo o que um prisioneiro pode desejar. Boa noite.

Antes que Dantès pensasse em abrir a boca para responder, antes que percebesse onde o carcereiro colocara o pão, antes que percebesse onde se encontrava o jarro, antes que voltasse os olhos para o canto onde o aguardava a palha destinada a servir-lhe de leite, o carcereiro agarrara o lampião e, fechando a porta, furtara ao prisioneiro a luz pálida que lhe mostrara, como um raio, as paredes encharcadas de sua cela.

Então ele se viu só, entre as trevas e o silêncio, tão mudo e sombrio quanto aquelas abóbadas cheias de um frio glacial que ele sentia descer à sua testa febril.

Quando os primeiros raios de sol trouxeram um pouco de claridade àquela caverna, o carcereiro voltou com a ordem de deixar o prisioneiro onde estava. Dantès continuava no mesmo lugar. Uma mão de ferro parecia tê-lo pregado no mesmo local onde parara na véspera; mas o seu olhar profundo escondia-se em inchaços provocados pelo vapor úmido de suas lágrimas. Ele estava imóvel e olhava para o chão.

Passara a noite inteira assim, de pé, sem dormir um só instante.

O carcereiro aproximou-se dele, deu a volta ao seu redor, mas Dantès parecia não o ver.

Bateu-lhe no ombro. Dantès estremeceu e balançou a cabeça.

— Então você não dormiu? — perguntou o carcereiro.

— Não sei — respondeu Dantès.

O carcereiro olhou-o, pasmo.

— Não está com fome? — continuou.

— Não sei — repetiu Dantès.

— Quer alguma coisa?

— Quero ver o governador.

O carcereiro deu de ombros e saiu.

Dantès seguiu-o com os olhos, estendeu as mãos à porta entreaberta, mas a porta se fechou.

Então o seu peito pareceu ser rasgado pelo choro. As lágrimas, a inchar-lhe o peito, jorravam como dois córregos; ele encostou a testa ao chão e rezou por muito tempo, lembrando toda a sua vida passada, perguntando-se que crime cometera nesta vida, ainda tão breve, para merecer tão cruel castigo.

O dia passou assim. Mal comeu alguns pedaços de pão — mal bebeu algumas gotas d'água. Às vezes ficava sentado e absorto em seus pensamentos, às vezes dava voltas ao redor de sua cela, como um animal selvagem encerrado numa jaula de ferro.

Um pensamento, sobretudo, deixava-o fora de si: durante a travessia entre Marselha e a ilha, não sabendo para onde o levavam, permanecera tão calmo, tão tranquilo... Se soubesse, em várias ocasiões poderia ter se atirado ao mar e, uma vez na água, graças às suas habilidades de nadador, graças à prática que o tornara um dos melhores mergulhadores de Marselha, desaparecer debaixo d'água, poderia escapar de seus guardiães, chegar à costa, fugir, esconder-se em alguma enseada deserta, esperar um navio genovês ou catalão, chegar à Itália ou à Espanha, de lá escrever a Mercedes para ir encontrá-lo. Quanto à sobrevivência, em país algum ficaria preocupado com ela: em toda parte, os bons marinheiros são raros; falava italiano como um toscano, falava espanhol como um filho da velha Castela; viveria livre e feliz com Mercedes, com seu pai — pois seu pai iria encontrá-lo; mas agora era prisioneiro, encerrado no castelo de If, nessa prisão intransponível, sem saber o que acontecia a seu pai, a Mercedes — tudo isso por ter acreditado na palavra de Villefort: era de enlouquecer... Por isso Dantès rolava furiosamente na palha fresca que o carcereiro lhe trouxera.

No dia seguinte, à mesma hora, o carcereiro voltou.

— E aí — perguntou o carcereiro —, hoje está mais calmo?

Dantès não respondeu.

— Vamos — continuou o carcereiro —, coragem... Vamos, diga: deseja alguma coisa que eu possa arrumar?

— Desejo falar com o governador do presídio.

— Ora — disse o carcereiro, impaciente —, já não lhe disse que isso é impossível?

— Impossível por quê?

— Porque, pelos regulamentos da prisão, não é permitido a um prisioneiro pedir isso.

— Então o que é que é permitido aqui? — perguntou Dantès.

— Uma comida melhor, pagando por ela, passeio, às vezes livros.

— Não preciso de livros, não tenho vontade nenhuma de passear, acho a comida boa; então só quero uma coisa: ver o governador.

— Se você me encher, repetindo sempre a mesma coisa — disse o carcereiro —, não lhe trago mais comida.

— Bom — disse Dantès —, não me traga mais comida, vou morrer de fome, nada mais.

O tom dessas palavras provava ao carcereiro que o prisioneiro ficaria feliz em morrer; assim, como cada prisioneiro, afinal de contas, rendia cerca de dez soldos diários a seu carcereiro, o de Dantès calculou o prejuízo que lhe resultaria dessa morte e retomou um tom mais brando: — Escute: o que você deseja é impossível... Não me peça mais isso, pois o governador do presídio nunca veio visitar um prisioneiro a pedido dele... Seja mais sensato, você poderá passear; é possível que um dia, enquanto passeia o governador apareça: então você vai poder lhe fazer perguntas e, se ele quiser responder, isso é lá com ele.

— Mas — disse Dantès — quanto tempo eu posso ficar esperando sem que o governador apareça?

— Ora — disse o carcereiro —, um mês, três meses, seis meses, um ano talvez.

— É muito tempo — disse Dantès —, quero vê-lo agora mesmo.

— Ah! — disse o carcereiro —, não se concentre assim num único desejo impossível, ou em quinze dias você fica louco.

— Ah, você acha? — disse Dantès.

— É: louco... É sempre assim que começa a loucura, nós tivemos um caso aqui: foi oferecendo o tempo todo um milhão ao governador, para o colocarem em liberdade, que a cuca do abade que vivia nesta cela antes de você ficou lelé.

— E há quanto tempo ele saiu desta cela?

— Dois anos.

— Foi posto em liberdade?

— Não, foi posto no calabouço.

— Escute — disse Dantès —, eu não sou abade, eu não sou louco... Talvez fique louco, mas infelizmente, a esta hora, ainda gozo de perfeito juízo: vou lhe fazer outra proposta.

— Qual?

— Não vou lhe oferecer um milhão, porque não tenho... Mas vou lhe oferecer cem escudos, se quiser, assim que você for a Marselha, descer até a aldeia dos Catalães e entregar uma carta a uma jovem que se chama Mercedes... nem mesmo uma carta, só duas linhas.

— Se eu levasse essas duas linhas e fosse descoberto, perderia o meu emprego de mil libras por ano, sem contar os benefícios e a comida... Então você bem pode ver que eu seria um grande imbecil se me arriscasse a perder mil libras para ganhar cem escudos.

— Bem — disse Dantès —, escute, guarde bem isto: se você se recusar a levar duas linhas a Mercedes, ou ao menos avisá-la de que estou aqui, um dia vou esperá-lo escondido atrás da minha porta e, quando você entrar, vou lhe quebrar a cabeça com esse banco.

— Ameaças! — exclamou o carcereiro, dando um passo para trás e colocando-se na defensiva. — Mas realmente você não está lá muito bem da cabeça... Foi assim que o abade começou; em três dias, você vai ficar louco varrido, como ele... Felizmente, no castelo de If nós temos calabouços.

Dantès pegou o banco e girou-o ao redor da cabeça.

— Está bem, está bem! — disse o carcereiro. — Bem, já que você quer de qualquer jeito, vão avisar o governador.

— Até que enfim! — disse Dantès, pondo o banco no chão e sentando-se nele, com a cabeça baixa e os olhos desvairados, como se realmente estivesse enlouquecendo.

O carcereiro saiu e, instantes depois, voltou com quatro soldados e um cabo.

— Por ordem do governador — disse o carcereiro —, desçam o prisioneiro para o andar de baixo.

— Para o calabouço, então — disse o cabo.

— Para o calabouço: os loucos têm de ficar com os loucos.

Os quatro soldados agarraram Dantès, que caiu em uma espécie de prostração e seguiu-os sem resistência.

Fizeram-no descer quinze degraus e abriram a porta de um calabouço, onde ele entrou murmurando: — Ele tem razão: os loucos têm de ficar com os loucos.

A porta se fechou e Dantès seguiu em frente de mãos estendidas até sentir a parede; então, sentou-se em um canto e ficou imóvel, enquanto os seus olhos, aos poucos se habituando à escuridão, começavam a distinguir os objetos.

O carcereiro tinha razão: faltava muito pouco para que Dantès enlouquecesse.

IX. A NOITE DE NOIVADO

Villefort, como dissemos, tinha tomado o caminho da praça do Grand-Cours e, entrando na casa da senhora de Saint-Méran, encontrou os convidados que deixara à mesa no salão tomando café.

Renée esperava com uma impaciência que era partilhada por todo o resto daquela sociedade. Assim, ele foi acolhido com uma exclamação geral.

— Então, cortador de cabeças, defensor do Estado, Brutus monarquista — exclamou um —, o que há de novo? Conte-nos!

— Então, estamos ameaçados de um novo regime de Terror? — perguntou outro.

— O bicho-papão da Córsega saiu de sua caverna? — perguntou um terceiro.

— Senhora marquesa — disse Villefort, aproximando-se da futura sogra —, venho pedir-lhe mil desculpas por ser obrigado a deixá-la dessa forma... Senhor marquês: poderia ter a honra de dizer-lhe duas palavrinhas em particular?

— Ah, mas então é realmente grave? — perguntou a marquesa, percebendo a nuvem a pairar sobre Villefort.

— Tão grave que me vejo obrigado a pedir-lhes licença por alguns dias... Então — continuou, voltando-se para Renée —, podem ver como a coisa é grave.

— Vai partir, senhor? — exclamou Renée, incapaz de esconder a emoção provocada pela notícia inesperada.

— Ai, sim, senhorita — respondeu Villefort —, é preciso.

— E para onde vai? — perguntou a marquesa.

— Isso é segredo de justiça, senhora... Entretanto, se alguém tem encomendas para Paris, um de meus amigos vai partir esta noite e se encarregará delas com prazer.

Todos se olharam.

— Você me pediu uma entrevista? — disse o marquês.

— Sim, passemos a seu gabinete, por favor.

O marquês tomou o braço de Villefort e saiu com ele.

— Bem — perguntou o marquês entrando em seu gabinete —, o que se passa? Fale.

— Coisas que imagino da maior gravidade, que exigem minha partida para Paris agora mesmo. Agora, marquês, desculpe a indiscreta brutalidade da pergunta: possui títulos do Estado?

— Toda a minha fortuna está em títulos... Seiscentos a setecentos mil francos, aproximadamente.

— Bem: venda-os, marquês... Venda-os, ou ficará arruinado.

— Mas como você quer que eu os venda daqui?

— O senhor tem um corretor, não tem?

— Tenho.

— Dê-me uma carta para ele: que ele os venda sem perder um minuto, sem perder um segundo... Talvez até mesmo eu chegue tarde demais.

— Diabo! — disse o marquês —, não percamos tempo.

Sentou-se à mesa e escreveu uma carta a seu corretor, ordenando-lhe vender a qualquer preço.¹³

— Agora que tenho esta carta — disse Villefort, guardando-a cuidadosamente em sua carteira —, preciso de outra.

— Para quem?

— Para o rei.

— Para o rei?

— É.

— Mas não me atrevo a escrever assim à Sua Majestade.

— Então, não vou pedi-la ao senhor, mas peço-lhe que a peça ao senhor de Salvieux. É preciso que ele me dê uma carta com a qual eu possa chegar à Sua Majestade sem submeter-me a todas as formalidades de solicitação de audiência, que poderiam me fazer perder um tempo precioso.

— Mas você não conta com o ministro da justiça, que tem livre acesso às Tulherias, por meio de quem você pode chegar ao rei a qualquer hora?

— Sim, claro, mas seria inútil partilhar com outro o mérito da notícia que levo. Compreende? O ministro da justiça me relegaria, naturalmente, ao segundo plano... Levaria todo o crédito da iniciativa. Só lhe digo uma coisa, marquês: se eu for o primeiro a chegar às Tulherias, a minha carreira estará assegurada, pois prestarei ao rei um serviço que ele nunca mais poderá esquecer.

— Nesse caso, meu caro, vá arrumar as suas malas... Vou chamar de Salvieux, vou fazê-lo escrever a carta que lhe servirá de salvo-conduto.

— Bem, não perca tempo, pois dentro de um quarto de hora preciso estar na carruagem.

— Mande o seu carro parar aqui na porta.

— Claro... O senhor me desculpará junto à marquesa, não é? E junto à senhorita de Saint-Méran, que deixo com profundo pesar, bem neste dia.

— Você encontrará as duas em meu gabinete, poderá dar-lhes o seu adeus.

— Mil vezes obrigado!... Cuide de minha carta.

O marquês tocou a campainha; apareceu um laçao.

— Diga ao conde de Salvieux que o espero.

— Agora vá — continuou o marquês, dirigindo-se a Villefort.

— Bom, eu vou e volto.

E Villefort saiu correndo, mas à porta pensou: um substituto do procurador do rei, se fosse visto andando assim em passos precipitados, poderia perturbar o repouso de toda a cidade; então retomou o seu andar normal, que era bem magistral.

À porta, viu na sombra uma espécie de branco fantasma a esperá-lo de pé, imóvel.

Era a bela jovem catalã, que, sem notícias de Edmond, saíra ao cair da tarde do Farol para vir saber pessoalmente o motivo da prisão de seu noivo.

Quando Villefort se aproximou, ela afastou-se do muro onde se apoiava e apareceu à sua frente. Dantès mencionara a sua noiva ao substituto; Mercedes não precisou dizer seu nome para que Villefort a reconhecesse. Ficou surpreso com a beleza e dignidade dessa mulher e, quando ela lhe perguntou o que acontecera a seu noivo, pareceu a Villefort que era ele o acusado, ela o juiz.

— O homem de quem está falando — disse bruscamente Villefort — é um grande criminoso: não posso fazer nada por ele, senhorita.

Mercedes deixou escapar um soluço; quando Villefort fez menção de se retirar, ela deteve-o novamente.

— Mas ao menos onde está ele — perguntou Mercedes —, para que eu possa me informar se está vivo ou morto?

— Não sei, já não é de minha alçada — respondeu Villefort.

Incomodado por aquele olhar meigo e por aquela atitude suplicante, repeliu Mercedes e entrou em sua casa, fechando rapidamente a porta, como a separar-se daquele sofrimento que lhe traziam.

Mas o sofrimento não se deixa repelir dessa forma. Como o dardo fatal de que fala Virgílio, a vítima leva-o consigo.¹⁴ Villefort entrou, fechou a porta, mas ao chegar a seu salão as pernas

também lhe faltaram; deu um suspiro que parecia um soluço e deixou-se cair em uma poltrona.

Então, no fundo daquele coração enfermo, nasceu a primeira semente de uma úlcera mortal. O homem que ele sacrificava à sua ambição, o inocente que pagava pelo seu pai culpado, apareceu-lhe pálido e ameaçador, dando a mão à noiva, pálida como ele, arrastando atrás de si o remorso — não o remorso que faz o enfermo saltar, como os furiosos da fatalidade antiga, mas aquele zumbido surdo e doloroso que, em dados momentos, fere o coração e o magoa, à lembrança de uma ação passada — mágoa de dores lancinantes a cavar um mal que vai se aprofundando até à morte.

Então ainda houve na alma daquele homem um momento de hesitação. Várias vezes, ele já havia pedido — sem outra emoção além da luta do juiz contra o acusado — a pena de morte para os réus; estes, executados graças à sua eloquência fulminante a convencer os juízes ou o júri, não haviam lhe deixado sequer uma nuvem sobre a fronte, pois eram culpados, ou ao menos Villefort julgava-os culpados. Mas desta vez era diferente: acabava de condenar à prisão perpétua um inocente — um inocente às portas de ser feliz —, destruindo não apenas a sua liberdade, mas também a sua felicidade: desta vez, ele já não era mais juiz, mas carrasco.

Ao pensar nisso, sentia aquele zumbido surdo que mencionamos, que nunca havia sentido antes, a ecoar no fundo de seu coração, a encher o seu peito de vagas apreensões. Assim, por meio de violento sofrimento instintivo, o ferido é alertado de que nunca aproximará sem tremer o dedo de seu ferimento aberto e sangrento antes que o ferimento cicatrize.

Mas o ferimento de Villefort era daqueles que não cicatrizam — ou só cicatrizam para reabrir-se, tornando-se mais sangrentos e dolorosos do que antes.

Naquele momento, se a doce voz de Renée ecoasse em seus ouvidos para pedir-lhe indulgência, se a bela Mercedes entrasse e lhe dissesse: — “Em nome de Deus, que nos vê e nos julga, devolva-me o meu noivo” —, sim, aquela cabeça já meio dobrada pela necessidade se curvaria totalmente e, com as suas mãos geladas, ele teria, certamente, arriscando-se a todas as

consequências, assinado a ordem para libertarem Dantès; mas voz alguma murmurou naquele silêncio; a porta só se abriu para a entrada do camareiro de Villefort a vir lhe dizer: os cavalos já estavam atrelados à carruagem.

Villefort levantou-se, ou melhor, saltou como um homem a vencer uma luta interior, correu à escrivaninha, colocou nos bolsos todo o ouro que se encontrava em uma das gavetas, andou pela sala, perturbado, mão na testa, articulando palavras sem sentido; afinal, percebendo que seu camareiro já colocara a capa em seus ombros, saiu, correu ao carro e ordenou, numa palavra, que seguissem para a rua do Grand-Cours, para a casa do senhor de Saint-Méran.

O infeliz Dantès estava condenado.

Como prometera o senhor de Saint-Méran, Villefort encontrou a marquesa e Renée no gabinete. Ao ver Renée, o jovem estremeceu: imaginou que ela iria lhe pedir novamente a liberdade de Dantès. Mas, ai!, é preciso dizer, para vergonha de nosso egoísmo, que a bela jovem só estava preocupada com uma coisa: com a partida de Villefort.

Ela amava Villefort — Villefort ia partir no momento de vir a ser o seu marido. Villefort não poderia dizer quando voltaria, e Renée, em vez de lamentar Dantès, maldisse o homem que, com o seu crime, separava-a de seu noivo.

Que diria então Mercedes?

Na esquina da rua da Loge, a pobre Mercedes encontrara Fernand, que a seguira; ela voltara aos Catalães e quase a morrer, desesperada, atirara-se à sua cama. Ante a cama, Fernand colocara-se de joelhos e, tomando a sua mão gelada, que Mercedes nem pensara em retirar, cobriu-a de beijos ardentes que Mercedes nem mesmo sentia.

Ela passou a noite assim. A lamparina apagou-se quando não havia mais óleo: ela não percebeu a escuridão, como não percebera a luz, e o dia chegou sem que ela o percebesse.

O sofrimento colocara em seus olhos uma venda que só lhe permitia ver Edmond.

— Ah, você está aí! — disse ela enfim, voltando-se para Fernand.

— Desde ontem, não a abandono — respondeu Fernand, suspirando dolorosamente.

O senhor Morrel não se dera por vencido: soubera que depois do interrogatório Dantès fora levado à prisão; então correria a todos os seus amigos, batera à porta dos marseheses que poderiam ter alguma influência, mas já se espalhara o rumor de que o jovem tinha sido preso como agente bonapartista; e, como nessa época até os mais aventureiros achavam um sonho insensato qualquer tentativa de Napoleão para voltar ao trono, Morrel só encontrara por toda parte frieza, temor ou recusa — voltara para casa desesperado, todavia confessando que a situação era grave e ninguém poderia fazer nada.

Caderousse, por sua vez, estava muito inquieto e atormentado: em vez de sair, como fizera Morrel, em vez de tentar alguma coisa em favor de Dantès — por quem, aliás, nada poderia fazer —, trancara-se com duas garrafas de vinho de Cassis, tentando afogar a inquietude na ebriedade. Mas, no estado de espírito em que se encontrava, duas garrafas eram muito pouco para liquidar o seu juízo; então, estava ébrio demais para ir buscar mais vinho, muito pouco ébrio para que a embriaguez extinguisse as suas recordações, acotovelado diante de duas garrafas vazias, em uma mesa cambaleante, vendo dançar, nos reflexos de sua vela de pavio longo, todos os espectros que Hoffmann¹⁵ semeou em seus manuscritos úmidos de ponche como poeira negra e fantástica.

Só Danglars não estava atormentado nem inquieto — Danglars estava até mesmo muito alegre, pois tinha se vingado de um inimigo e assegurado a bordo do *Faraó* o lugar que temia perder: Danglars era um daqueles homens de cálculo que nascem com uma pena atrás da orelha e um tinteiro no lugar do coração. Para ele, tudo neste mundo era subtração ou multiplicação — um número lhe parecia muito mais precioso do que um homem, quando esse número podia aumentar o total que esse homem podia diminuir.

Danglars, portanto, tinha se deitado à hora costumeira e dormia tranquilamente.

Villefort, depois de receber a carta do senhor de Salvieux, beijar Renée nas duas faces, beijar a mão da senhora de Saint-Méran, apertar a mão do marquês, corria na carruagem pela estrada de Aix.

Dantès pai morria de dor e preocupação.

Quanto a Edmond, sabemos o que lhe acontecia.

X. O PEQUENO GABINETE DAS TULHERIAS

Deixemos Villefort a caminho de Paris, onde, graças aos três cocheiros que ele paga, queima etapas, e penetremos, através dos dois ou três salões a precedê-lo, neste pequeno gabinete das Tulherias, de janela em forma de arco, tão famoso por ter sido o gabinete preferido de Napoleão e de Luís XVIII, e por hoje ser o gabinete de Luís Filipe.¹⁶

Aqui, neste gabinete, sentado ante uma mesa de noqueira que trouxera de Hartwell¹⁷ — graças a uma dessas manias familiares aos grandes personagens, ele adorava essa mesa —, o rei Luís XVIII ouvia, com muita desatenção, um homem de cinquenta ou cinquenta e dois anos, de cabelos grisalhos, fisionomia aristocrática e aparência irretocável, enquanto fazia anotações à margem de um volume de Horácio — edição de Gryphius,¹⁸ bastante incorreta, embora estimada —, que fazia muitos empréstimos às sagazes observações filológicas de Sua Majestade.

— O senhor dizia que...? — perguntou o rei.

— Que eu não poderia estar mais preocupado, sir.

— Verdade? Sonhou com sete vacas gordas e sete vacas magras?¹⁹

— Não, sir, pois isso só nós anunciaria sete anos de abundância e sete anos de fome... mas, com um rei tão previdente quanto Vossa Majestade, a fome não é de se temer.

— De que outro flagelo então se trata, meu caro Blacas?²⁰

— Sir: creio... tenho todos os motivos para crer que uma tempestade se forma lá no lado do Sul.

— Pois bem, meu caro duque — respondeu Luís XVIII —, creio que está mal informado; ao contrário, sei, positivamente, que o tempo anda muito bom por aqueles lados.

Sendo um homem de espírito, Luís XVIII adorava a piada fácil.

— Sir — disse o senhor de Blacas —, ao menos, para tranquilizar este seu fiel servidor, Vossa Majestade não poderia enviar ao Languedoc, à Provença e ao Dauphiné homens de confiança que lhe fizessem um relatório sobre o estado de espírito dessas três províncias?

— *Canimus surdis*²¹ — respondeu o rei, continuando a anotar em seu Horácio.

— Sir — respondeu o cortesão, rindo, para dar a entender que compreendia o hemistíquio do poeta de Venusa —, Vossa Majestade pode ter perfeitamente razão, ao contar com o bom estado de espírito de França... Mas temo não estar totalmente enganado ao temer alguma iniciativa desesperada.

— Da parte de quem?

— Da parte de Bonaparte, ou ao menos de seu partido.

— Bom, meu caro Blacas — disse o rei —, com esses seus terrores, você me impede de trabalhar.

— A mim, com essa sua segurança, Vossa Majestade impede-me de dormir.

— Espere um pouco, meu caro, espere: estou em uma nota muito feliz sobre o *Pastor quum traheret...*²² Espere um pouco, depois você continua.

Fez-se um momento de silêncio, enquanto Luís XVIII escrevia, em letra tão miúda quanto possível, uma nova nota à margem de seu Horácio; depois de escrever a nota: — Continue, meu caro duque — disse o rei, levantando-se, com o ar satisfeito de um homem que imagina ter tido uma ideia quando comenta a ideia de outro. — Continue, estou ouvindo.

— Sir — disse Blacas, que por um momento tivera a esperança de confiscar Villefort em proveito próprio —, vejo-me obrigado a

dizer-lhe: não são simples boatos desprovidos de fundamento, simples notícias no ar, que me preocupam. É um homem inteligente, merecedor de toda a minha confiança, encarregado por mim de vigiar o Sul (o duque hesitou ao pronunciar as últimas palavras), que chegou a galope para me dizer: “Um grande perigo ameaça o Rei”. Então, corri para cá, majestade.

— *Mala ducis avi domum*²³ — continuou Luís XVIII, anotando.

— Vossa Majestade ordena-me não tocar mais nesse assunto?

— Não, meu caro duque, mas estenda a mão.

— Qual?

— A que você quiser... Ali, à esquerda.

— Aqui, majestade?

— Eu lhe digo à esquerda e você procura à direita..., eu quis dizer à minha esquerda... Agora está certo; você deve encontrar aí o relatório do ministro da polícia, datado de ontem... Mas veja: o senhor Dandré acaba de chegar... não é? Você não disse Dandré?

²⁴ — interrompeu-se Luís XVIII, dirigindo-se ao porteiro do palácio, que realmente acabara de anunciar o ministro da polícia.

— Sim, majestade, o senhor barão Dandré — disse o porteiro real.

— É justo, barão — disse Luís XVIII com imperceptível sorriso —: entre, barão: conte ao duque as suas últimas novidades sobre o senhor de *Buonaparte*... Não, não nos esconda nada sobre a situação, por mais grave que ela seja. Veja, a ilha de Elba é um vulcão?, vamos ver sair dela as lavas da guerra flamejante e toda arrepiada?, *bella, horrida bella?*²⁵

O senhor Dandré balançou-se com muita graça no encosto de uma cadeira em que apoiava as mãos e disse: — Vossa Majestade teve a bondade de consultar o relatório de ontem?

— Sim, sim... Mas conte ao próprio duque, que não conseguiu encontrá-lo, o conteúdo do relatório... Conte os detalhes do que anda fazendo o usurpador lá na ilha dele.

— Senhor — disse o barão ao duque —, todos os servidores de Sua Majestade devem aplaudir as últimas notícias que nos chegam da ilha de Elba. Bonaparte...

O senhor Dandré olhou o rei Luís XVIII, que, ocupado na redação de uma nota, sequer ergueu a cabeça.

— Bonaparte — prosseguiu o barão — está morrendo de tédio... Passa dias inteiros assistindo ao trabalho de seus mineiros de Porto Longone.

— E, para se distrair, ele se coça... — disse o rei.

— Ele se coça? — perguntou o duque. — O que Vossa Majestade quer dizer com isso?

— Ah, sim, meu caro duque... Então você se esqueceu? Esse grande homem, esse herói, esse semideus, sofre de uma doença de pele que o devora, o *prurigo*...

— E tem mais, senhor duque — continuou o ministro da polícia —, nós temos quase certeza: em pouco tempo, o usurpador vai ficar louco.

— Louco?

— Louco de pedra: os seus miolos estão amolecendo, às vezes ele chora rios de lágrimas, às vezes ri como doido... Às vezes, passa horas à margem, atirando pedras na água, e, quando a pedra ricocheteia cinco ou seis vezes, fica tão feliz quanto se tivesse ganhado outra Marengo ou uma nova Austerlitz... Vamos e convenhamos: isso não é sintoma de loucura?

— Ou de sabedoria, senhor barão... ou de sabedoria... — disse Luís XVIII, rindo. — Era atirando pedras no mar que os grandes capitães da Antiguidade se divertiam... Veja Plutarco, sobre a vida de Cipião, o Africano.

Entre os dois despreocupados, Blacas continuava inquieto. Villefort não lhe dissera tudo, temendo perder todos os créditos de seu segredo, mas mesmo assim contara-lhe o suficiente para deixá-lo bastante preocupado.

— Vamos, Dandré, vamos... — disse Luís XVIII. — Blacas ainda não se convenceu... Conte-lhe a conversão do usurpador...

O ministro da polícia curvou-se.

— Conversão do usurpador? — murmurou o duque, olhando o rei e Dandré, que se revezavam como dois pastores de Virgílio.²⁶ — O usurpador se converteu?

— Totalmente, meu caro duque.

— Mas a que foi que ele se converteu?

— Aos bons princípios... Explique, barão.

— Vou explicar, senhor duque — disse o ministro, com a maior seriedade do mundo. — Recentemente, Napoleão passou uma revista: como dois ou três de seus velhos *veteranos*, como ele os chama, manifestaram o desejo de voltar à França, ele autorizou-os, exortando-os a servir ao seu bom rei... Foram essas as suas próprias palavras, senhor duque, tenho certeza.

— Então, Blacas, que acha disso? — perguntou o rei, triunfante, por um instante deixando de examinar o enorme volume aberto à sua frente.

— Acho, senhor, que ou o senhor ministro da polícia está enganado, ou então eu é que estou enganado... Mas como é impossível que o ministro da polícia se engane, já que ele guarda a integridade e a honra de Vossa Majestade, é provável que eu tenha me enganado. Entretanto, sir, se eu fosse Vossa Majestade, gostaria de interrogar a pessoa de quem lhe falei... Até insistiria para que Vossa Majestade conceda-lhe essa honra.

— Com prazer, duque... Sob a sua proteção, receberei quem você quiser... Mas quero recebê-lo de armas na mão. O senhor ministro não teria algum relatório mais recente? Pois este é datado de 20 de fevereiro, e já estamos no dia 3 de março!

— Não tenho, majestade... Mas, de uma hora para outra, espero receber um. Estou fora desde cedo, talvez na minha ausência já tenha chegado.

— Vá até a prefeitura... Se não tiver chegado, pois bem, pois bem — continuou rindo Luís XVIII —, faça um! Não é assim que se costuma fazer?

— Oh, majestade — exclamou o ministro —, graças a Deus, quanto ao relatório, não é preciso inventar nada... Todo santo dia chegam aos nossos escritórios as denúncias mais detalhadas, enviadas por uma multidão de pobres coitados que esperam um pouco de reconhecimento por serviços que eles não prestam, mas bem que gostariam de prestar. Eles apostam no acaso, esperando

que um dia, de alguma forma, algum acontecimento inesperado realize as suas previsões.

— Muito bem: vá, senhor — disse Luís XVIII —, e lembre-se de que o espero.

— É só o tempo de ir e voltar, majestade... Em dez minutos, estou de volta.

— E eu, majestade — disse o senhor de Blacas —, eu vou buscar o meu mensageiro.

— Espere, espere! — disse Luís XVIII. — Em verdade, Blacas, você deve mudar as suas armas... Vou lhe dar uma águia de asas abertas, levando entre as garras uma presa que em vão tenta lhe escapar, com esta divisa: *Tenax*.²⁷

— Majestade: estou ouvindo — disse Blacas, roendo as unhas de impaciência.

— Eu queria consultá-lo sobre esta passagem: *Molli fugiens anhelitu*,²⁸ você sabe, trata-se do veado fugindo do lobo. Você não é caçador, não é especialista em lobos? Com essas qualidades, como vê o *molli anhelitu*?

— É admirável, majestade... Mas o meu mensageiro é como o veado de que fala, pois acaba de percorrer 220 léguas em carruagem, tudo isso em apenas três dias.²⁹

— Isso é que é se dar muito cansaço e muito trabalho, meu caro duque, quando temos o telégrafo, que só leva três ou quatro horas, sem perturbar o fôlego de forma alguma.

— Ah, majestade: recompensa muito mal esse pobre jovem que chega de tão longe, com tanto ardor, para dar à Vossa Majestade um conselho útil... Ao menos pelo senhor de Salvieux, que o recomenda, receba-o bem: suplico-lhe.

— O senhor de Salvieux, o camareiro-mor de meu irmão?

— Ele mesmo.

— Realmente, ele está em Marselha.

— É de lá que ele me escreve.

— Então ele também lhe fala dessa conspiração?

— Não, mas ele me recomenda o senhor de Villefort, e me encarrega de introduzi-lo junto a Vossa Majestade.

— O senhor de Villefort? — exclamou o rei. — Então esse mensageiro se chama *senhor de Villefort*?

— Sim, majestade.

— E foi ele que veio de Marselha?

— Em pessoa.

— Por que você não me disse logo o nome dele? — continuou o rei, deixando transparecer em seu rosto um começo de preocupação.

— Majestade, imaginava que não conhecia o nome dele.

— Não, Blacas, não... Ele é um homem sério, educado, principalmente ambicioso, e, nossa, você conhece de nome o pai dele.

— O pai dele?

— É... Noirtier.

— Noirtier, o girondino? Noirtier, o senador?

— Sim, exatamente.

— E Vossa Majestade empregou o filho desse homem?

— Blacas, meu amigo, você não entende nada... Eu lhe disse que Villefort era ambicioso: pelo sucesso, Villefort é capaz de sacrificar tudo, até mesmo o próprio pai.

— Então, majestade: devo mandá-lo entrar?

— Agora mesmo, duque. Onde ele está?

— Deve estar me esperando lá embaixo, em meu carro.

— Vá buscá-lo.

— Vou correr até lá.

O duque saiu com a vivacidade de um jovem; o ardor de seu sincero monarquismo dava-lhe vinte anos.

Luís XVIII ficou sozinho, voltando os olhos a seu Horácio entreaberto, murmurando: *Justum et tenacem propositi virum*.³⁰

Blacas voltou tão depressa quanto havia saído; mas, à entrada, foi obrigado a invocar a autoridade do rei. O casaco cheio de pó de Villefort, as suas roupas nada conformes aos hábitos da corte, excitara a suscetibilidade do senhor de Brézé, surpreso de ver naquele jovem a pretensão de aparecer vestido daquele jeito perante o rei. Mas o duque removeu todas as dificuldades com uma

só frase: — “Ordens de Sua Majestade” —, e apesar das censuras que o mestre de cerimônias continuava a fazer por questão de princípio, Villefort foi introduzido.

O rei estava sentado no mesmo lugar em que o duque o deixara. Ao abrir a porta, Villefort viu-se diante dele: o primeiro movimento do jovem magistrado foi paralisar-se.

— Entre, senhor de Villefort — disse o rei —, entre!

Villefort cumprimentou e deu alguns passos à frente, esperando que o rei o interrogasse.

— Senhor de Villefort — continuou Luís XVIII —, aqui está o duque de Blacas, afirmando que você tem algo importante a nos dizer.

— Sir, o duque tem razão: espero que Vossa Majestade concorde com ele.

— Primeiro e antes de tudo, senhor: em sua opinião, o mal é assim tão grande quanto querem me fazer acreditar?

— Majestade: acho-o imperioso... Mas, graças aos esforços que fiz, não é irreparável, espero.

— Fale detalhadamente, se desejar, senhor — disse o rei, que também começava a abandonar-se à emoção que transtornara o rosto de Blacas e alterava a voz de Villefort —: fale e, acima de tudo, comece pelo começo: gosto da ordem em todas as coisas.

— Sir — disse Villefort —: farei a Vossa Majestade um relatório fiel; entretanto, imploro-lhe que me desculpe se a agitação em que me encontro lançar alguma obscuridade às minhas palavras.

Um olhar lançado ao rei, ao fim dessa introdução insinuante, assegurou a Villefort a benevolência de seu augusto ouvinte; ele continuou: — Sir: vim o mais rápido que pude a Paris, para informar Vossa Majestade que descobri, no exercício de minhas funções, não uma dessas tramas vulgares e sem consequências, como as maquinadas diariamente entre as últimas fileiras do povo e do exército... Mas uma verdadeira conspiração, uma tempestade que ameaça nada menos do que o trono de Vossa Majestade. Sir, Napoleão, isto é, o usurpador, armou três navios... Prepara algum plano, talvez insensato, mas talvez também terrível, por mais insensato que seja. A esta hora, ele deve ter deixado a ilha de Elba,

para desembarcar onde? Ignoro, mas com certeza para tentar desembarcar em Nápoles, ou nas costas da Toscana, ou até mesmo na França. Vossa Majestade não ignora que o soberano da ilha de Elba conservou relações com a Itália e com a França.

— Sim, senhor, sei-o — disse o rei muito comovido —, e até mesmo, nos últimos tempos, soubemos que aconteceram reuniões bonapartistas na rua Saint-Jacques... Mas continue, por favor: como soube desses detalhes?

— Sir, eles são o resultado de um interrogatório a que submeti um homem de Marselha que há muito tempo eu vigiava, que mandei prender no mesmo dia em que parti, sir... Esse homem, marinheiro turbulento, de um bonapartismo que me era suspeito, esteve secretamente na ilha de Elba... Lá, encontrou-se com o grão-marechal, que o encarregou de uma missão verbal a um bonapartista de Paris, cujo nome eu não consegui fazê-lo dizer... Mas a missão era encarregar o bonapartista de preparar os ânimos para um regresso (note que é o interrogatório que o revela, sir), para um regresso que não pode deixar de estar próximo.

— Ah, onde está esse homem? — perguntou Luís XVIII.

— Na prisão, sir.

— E a coisa lhe parece grave?

— Tão grave, sir, que os fatos me surpreenderam em meio a uma festa de família, no próprio dia de meu noivado; mas abandonei tudo, noiva e amigos, adiei todos os planos, para vir depositar aos pés de Vossa Majestade tanto os temores que me atingiram quanto a certeza de minha devoção.

— É verdade — disse Luís XVIII —, não havia um projeto de união entre o senhor e a senhorita de Saint-Méran?

— A filha de um dos mais fiéis servidores de Vossa Majestade, sir.

— Sim, sim... Mas voltemos àquela trama, senhor de Villefort.

— Sir: temo que seja mais do que uma trama; temo que seja uma conspiração, sir!

— Uma conspiração, nestes tempos — disse Luís XVIII, sorrindo —, é algo fácil de planejar, mas difícil de realizar, justamente porque, restaurados recentemente ao trono de nossos ancestrais, temos os

olhos abertos ao mesmo tempo para o passado, para o presente e para o porvir... Há dez meses, os meus ministros redobram a vigilância para que o litoral do Mediterrâneo seja bem guardado. Se Bonaparte desembarcar em Nápoles, toda a coligação estaria de pé antes mesmo que ele chegasse a Piombino... Se desembarcar na Toscana, colocaria os pés em país inimigo... Se desembarcar na França, será com um punhado de homens, e nós o venceremos facilmente, odiado como ele é pela população. Então, fique tranquilo, senhor... Mas não deixe de contar com o nosso reconhecimento real.

— Ah, aqui está o senhor Dandré! — exclamou o duque de Blacas.

Neste momento, de fato, apareceu ao limiar da porta o ministro da polícia, pálido, trêmulo, com olhar vacilante, como se estivesse fascinado.

Villefort deu um passo para retirar-se; mas um aperto de mão de Blacas o reteve.

XI. O MONSTRO DA CÓRSEGA

Ao ver aquele rosto transtornado, Luís XVIII empurrou violentamente a mesa à sua frente.

— Que tem, senhor barão? — exclamou ele. — Parece transtornado: essa perturbação e essa hesitação devem-se ao que dizia o senhor de Blacas? Ao que o senhor de Villefort acaba de confirmar?

O senhor de Blacas, por sua vez, aproximava-se agilmente do barão; mas o terror do cortesão impedia que o orgulho do estadista exultasse. De fato, em tais circunstâncias, para ele seria melhor ser humilhado pelo chefe de polícia do que humilhá-lo em um assunto como aquele.

— Sir... — balbuciou o barão.

— E então? — perguntou Luís XVIII.

Cedendo então a um movimento desesperado, o ministro da polícia atirou-se aos pés de Luís XVIII, que recuou um passo,

franzindo as sobrancelhas.

— Vai falar?! — perguntou.

— Oh, sir, que terrível desgraça! Poderia eu lamentar o bastante? Nunca vou me consolar, sir!

— Senhor — disse Luís XVIII —: ordeno-lhe que fale.

— Pois bem, sir: o usurpador deixou a ilha de Elba no dia 28 de fevereiro e desembarcou no dia 1º de março.

— Desembarcou onde? — perguntou vivamente o rei.

— Na França, sir... Em um pequeno porto, perto de Antibes, no golfo Juan.

— O usurpador desembarcou na França, perto de Antibes, no golfo Juan, a duzentas e cinquenta léguas de Paris, no dia 1º de março, e o senhor só soube dessa notícia hoje, no dia 3 de março?!... Eh! Senhor, isso que está me dizendo é impossível: ou lhe deram uma informação falsa, ou o senhor está louco...

— Ai, sir: é a mais pura verdade!

Luís XVIII fez um indescritível gesto de cólera e terror, erguendo-se e aprumando-se como se um golpe inesperado o tivesse atingido ao mesmo tempo no coração e na face.

— Na França — exclamou ele —, o usurpador na França!!! Mas não estavam vigiando esse homem? Mas quem sabe não estavam conspirando com ele?!

— Oh, sir! — exclamou o duque de Blacas —, não é a um homem como o senhor Dandré que podemos acusar de traição. Sir, estávamos todos cegos, e o ministro da polícia compartilhou a cegueira geral, nada mais.

— Mas... — disse Villefort; então, detendo-se de repente: — Ah, perdão, sir, perdão — disse, inclinando-se —, o meu zelo me impele, que Vossa Majestade queira me perdoar.

— Fale, senhor: fale à vontade — disse Luís XVIII. — Só o senhor preveniu-nos do mal: ajude-nos a encontrar o remédio.

— Sir — disse Villefort —, o usurpador é detestado no Sul... Parece-me que, se ele se aventurar lá pelo Sul, podemos facilmente levantar contra ele a Provença e o Languedoc.

— Sim, sem dúvida — disse o ministro —, mas ele avança por Gap e Sisteron.

— Ele avança... ele avança! — disse Luís XVIII. — Então está marchando para Paris?

O ministro da polícia manteve um silêncio equivalente ao mais completo consentimento.

— E Dauphiné, senhor — perguntou o rei a Villefort —, acha que pode levantar-se, como Provença?

— Sir: lamento dizer a Vossa Majestade uma verdade cruel... Mas o espírito de Dauphiné está longe de equivaler ao da Provença e do Languedoc. Os montanheses são bonapartistas, sir.

— Vamos — murmurou Luís XVIII —, ele estava bem informado. E quantos homens estão com ele?

— Não sei, sir — disse o ministro da polícia.

— Como, não sabe? Esqueceu-se de informar-se sobre esse detalhe? É verdade que ele é de pouca importância... — acrescentou o rei, com sorriso esmagador.

— Sir, eu não poderia me informar... O despacho só informava o desembarque e a rota seguida pelo usurpador.

— E como lhe chegou esse despacho? — perguntou o rei.

O ministro baixou a cabeça; vivo rubor invadiu-lhe o rosto.

— Pelo telégrafo, sir — balbuciou ele.

Luís XVIII deu um passo à frente e cruzou os braços como os cruzava Napoleão.

— Então — disse ele, empalidecendo de cólera —, sete exércitos coligados derrubaram esse homem... Um milagre dos céus recolocou-me no trono de meus pais, depois de vinte e cinco anos de exílio... Durante esses vinte e cinco anos, estudei, sondei, analisei os homens e as coisas desta França que me era prometida... para, depois de realizar os meus sonhos, uma força que eu amassava em minhas mãos explodir e me esmagar!

— Sir, é a fatalidade! — murmurou o ministro, sentindo que um peso daqueles, leve para o destino, bastava para esmagar um homem.

— Então é verdade o que diziam de nós os nossos inimigos: “Nada aprenderam, nada esqueceram”? Se eu tivesse sido traído

como ele, eu ainda me consolaria... Mas estar cercado de pessoas por mim elevadas às mais altas dignidades, pessoas que deveriam velar por mim mais do que por si mesmas, pois a minha sorte é a delas... Pessoas que antes de mim nada eram, depois de mim nada serão... E ser miseravelmente aniquilado, por incapacidade, por inépcia? Ah, sim, senhor, tem razão, é a fatalidade...

O ministro mantinha-se curvado sob essa esmagadora sentença; Blacas enxugava a testa coberta de suor; Villefort sorria interiormente, pois sentia crescer a sua importância.

— Cair! — continuou Luís XVIII, que voltava os olhos para o abismo em que se precipitava a monarquia. — Cair e saber de sua queda pelo telégrafo! Oh! Eu preferiria subir ao cadafalso de meu irmão Luís XVI, em vez de descer desta forma a escada das Tulherias, enxotado pelo ridículo!... O senhor nem faz ideia do que é o ridículo na França, mas deveria fazer!

— Sir — murmurou o ministro —, piedade, sir!

— Aproxime-se, senhor de Villefort — prosseguiu o rei, dirigindo-se ao jovem, que em pé, imóvel e afastado, observava o andamento daquela conversa em que o destino de um reino oscilava ao acaso. — Aproxime-se e diga a este senhor que há muito tempo ele poderia ter sabido tudo o que não soube!

— Sir, era materialmente impossível adivinhar os projetos que aquele homem escondia de todo o mundo.

— Materialmente impossível! Sim, eis uma grande expressão, senhor... Infelizmente, há grandes expressões, bem como há grandes homens: eu os medi... Materialmente impossível, para um ministro que dispõe de uma administração, de repartições, agentes, alcaguetas, espiões e um milhão e quinhentos mil francos de verbas secretas, saber o que se passa a sessenta léguas das costas da França! Muito bem! Veja este senhor, que não tinha nenhum desses recursos à sua disposição... Veja este senhor, simples magistrado: ele sabia mais do que você com toda a sua polícia! Ele teria salvado a minha coroa, se tivesse, como você, o direito de usar um telégrafo...

O olhar do ministro da polícia voltou-se, com expressão de profundo despeito, para Villefort, que inclinou a cabeça com a

modéstia do triunfo.

— Não o estou dizendo para o senhor, Blacas — continuou Luís XVIII —, pois, se nada descobriu, ao menos teve a feliz ideia de perseverar em suas suspeitas: outro talvez considerasse as revelações do senhor Villefort insignificantes, ou então motivadas por ambições financeiras...

Essas palavras aludiam às que o ministro da polícia pronunciara com tanta confiança uma hora antes.

Villefort compreendeu o jogo do rei. Outro talvez se deixasse levar pela embriaguez do elogio; mas ele temia tornar-se um inimigo mortal do ministro da polícia, apesar de perceber que este já se encontrava irremediavelmente perdido. De fato, o ministro, que não tinha, na plenitude de seus poderes, adivinhado o segredo de Napoleão, poderia, nas convulsões de sua agonia, penetrar o segredo de Villefort — para tanto, bastaria interrogar Dantès. Assim, em vez de atacar o ministro, veio em seu socorro.

— Sir — disse Villefort —, a rapidez dos acontecimentos deve provar a Vossa Majestade que só Deus poderia impedi-los, provocando uma tempestade... O que Vossa Majestade acredita resultar de minha profunda perspicácia deve-se, pura e simplesmente, ao acaso; aproveitei esse acaso como servidor devotado, nada mais. Não me conceda mais do que mereço, sir, para depois não vir a renegar a primeira impressão que teve de mim.

O ministro da polícia agradeceu ao jovem com um olhar eloquente; Villefort compreendeu que colhera os frutos pretendidos: sem nada perder do reconhecimento do rei, acabara de fazer um amigo com quem poderia contar, caso fosse necessário.

— Está bem — disse o rei. — E agora, senhores — continuou, voltando-se para Blacas e para o ministro da polícia —, não preciso de vocês, podem se retirar: o que resta a fazer cabe ao ministro da guerra.

— Felizmente, sir — disse Blacas —, podemos contar com o exército. Vossa Majestade sabe de que forma todos os relatórios nos pintam o exército como devotado a seu governo.

— Nunca me fale em relatórios: agora, duque, eu sei como podemos confiar neles... Ah, por falar nisso, senhor barão, o que soube de novo no caso da rua Saint-Jacques?

— No caso da rua Saint-Jacques?! — bradou Villefort, não conseguindo conter a exclamação.

Mas logo se deteve:

— Perdão, sir — disse ele —, minha devoção a Vossa Majestade sempre me leva a esquecer não o respeito que lhe tenho, esse respeito encontra-se profundamente gravado em meu coração, mas as regras da etiqueta.

— Dito e feito, senhor — disse Luís XVIII —, hoje adquiriu o direito de me interrogar.

— Sir — respondeu o ministro da polícia —, hoje eu vinha justamente dar a Vossa Majestade as novas informações que obtive sobre esse caso, quando a atenção de Vossa Majestade foi desviada à terrível catástrofe do golfo... Agora essas informações já não seriam mais de interesse algum para o rei.

— Pelo contrário, senhor, pelo contrário — disse Luís XVIII —, esse caso me parece ter relações diretas com o que agora nos ocupa... A morte do general Quesnel talvez nos coloque na pista de alguma grande conspiração interna.

Ao ouvir o nome do general Quesnel, Villefort estremeceu.

— Realmente, senhor — disse o ministro da polícia —, tudo leva a crer que essa morte não resulta de suicídio, como se imaginou a princípio, mas de assassinato: ao que parece, o general Quesnel saía de uma associação bonapartista quando desapareceu. Um desconhecido viera procurá-lo naquela manhã e marcaram encontro na rua Saint-Jacques... Infelizmente, o camareiro do general, que o penteava no momento em que o desconhecido entrou no gabinete, ouviu-o claramente mencionar a rua Saint-Jacques, mas não se lembra do número...

Enquanto o ministro da polícia dava essas informações ao rei Luís XVIII, Villefort, que parecia suspenso nos lábios do ministro, enrubescia e empalidecia.

O rei voltou-se para ele.

— Não é a sua opinião, como é a minha, senhor de Villefort, que o general Quesnel, supostamente ligado ao usurpador, mas na verdade totalmente dedicado a mim, morreu vítima de uma emboscada bonapartista?

— Provavelmente, sir — respondeu Villefort. — Mas não se sabe nada mais?

— Estão na pista do homem que marcou o encontro.

— Estão na pista? — repetiu Villefort.

— Sim, o camareiro o descreveu: é um homem de cinquenta ou cinquenta e dois anos, de cabelos escuros, olhos negros, sobrancelhas grossas, bigodes... Vestia uma sobrecasaca azul abotoada... Levava um laço de oficial da Legião de Honra na lapela. Ontem, seguiram um indivíduo de aparência igual ao que acabo de descrever, mas o perderam na esquina das ruas Jussienne e Coq-Héron.

Villefort apoiara-se às costas de uma poltrona: à medida que o ministro da polícia falava, sentia as suas pernas lhe faltarem; mas, ao ouvir que o desconhecido escapara à perseguição do agente que o seguia, respirou.

— Procure esse homem, senhor! — disse o rei ao ministro da polícia. — Pois, se o general Quesnel, que nos seria tão útil neste momento, foi vítima de assassinato, como tudo me leva a crer, quero que os seus assassinos, bonapartistas ou não, sejam cruelmente punidos.

Villefort precisou de todo o seu sangue-frio para não demonstrar o terror que lhe inspirava essa recomendação do rei.

— Estranho! — continuou o rei, com certo humor. — A polícia acredita já ter dito tudo quando diz: “um assassinato foi cometido”... E já ter feito tudo quando acrescenta: “estamos na pista dos culpados”...

— Sir: ao menos quanto a isso, Vossa Majestade ficará satisfeita, espero.

— Bem, veremos... Não vou retê-lo por mais tempo, barão... Senhor de Villefort: deve estar cansado dessa longa viagem, vá descansar. Sem dúvida, está na casa de seu pai?

Os olhos de Villefort ficaram sem vida.

— Não, sir — disse ele —, estou no hotel de Madrid, ali na rua de Tournon.

— Mas você o viu?

— Sir, fui direto para a casa do senhor duque de Blacas.

— Mas, ao menos, vai vê-lo?

— Creio que não, sir.

— Ah, é justo — disse Luís XVIII, sorrindo de maneira que provava: todas as suas repetidas perguntas não tinham sido feitas sem certa intenção —, já ia me esquecendo: está de mal com o senhor Noirtier... Mais um sacrifício feito à causa monarquista, preciso recompensá-lo.

— Sir, a bondade que Vossa Majestade me testemunha é uma recompensa tão além de todas as minhas ambições que nada mais tenho a pedir ao rei.

— Não importa, senhor: não o esqueceremos, fique tranquilo... Enquanto isso (o rei tirou a cruz da Legião de Honra que costumava usar sobre a casaca azul, ao lado da cruz de São Luís, acima da placa da Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de São Lázaro, e entregou-a a Villefort)... Enquanto isso — disse o rei —, tome esta cruz.

— Sir — disse Villefort —, Vossa Majestade se engana: esta cruz é a de oficial.

— Nossa, senhor — disse Luís XVIII —, leve-a assim mesmo... Não tenho tempo de mandar pedir outra. Blacas: vele para que a patente seja entregue ao senhor de Villefort.

Os olhos de Villefort encheram-se de lágrimas de orgulhosa alegria; ele tomou a cruz e beijou-a.

— E agora — perguntou Villefort — quais são as ordens que Vossa Majestade me faz a honra de dar?

— Descanse tanto quanto lhe for necessário e lembre-se de que, se não tem forças para me servir em Paris, em Marselha poderá ser-me da maior utilidade.

— Sir — respondeu Villefort, curvando-se —, dentro de uma hora já estarei longe de Paris.

— Vá, senhor — disse o rei —, e, se eu o esquecer (a memória dos reis é curta), não tenha medo de lembrar-me... Senhor barão:

dê ordens para chamarem o ministro da guerra. Blacas: fique aqui.

— Ah, senhor — disse o ministro da polícia a Villefort, à saída do palácio das Tulherias —, você entrou pela porta certa: a sua fortuna está garantida.

— Será longa a minha fortuna? — murmurou Villefort, despedindo-se do ministro, cuja carreira havia terminado, e procurando com os olhos um carro para voltar a seu quarto.

Um fiacre passou pelo cais: Villefort lhe fez um sinal, o fiacre aproximou-se, Villefort deu o seu endereço e lançou-se ao fundo do carro, deixando-se embalar em seus sonhos ambiciosos.

Dez minutos depois, Villefort chegava a seu quarto; encomendou os cavalos para duas horas depois e ordenou que lhe servissem uma refeição.

Já ia sentar-se à mesa quando a campainha tocou, acionada por mão firme e franca: o camareiro foi abrir; Villefort ouviu uma voz dizer o seu nome.

— Quem já pode saber que eu estou aqui? — perguntou-se o jovem.

Nesse momento, o camareiro voltou.

— Então — disse Villefort —, o que é? Quem tocou? Quem me procura?

— Um estranho que não quis dizer o nome dele.

— Como? Um estranho que não quis dizer o nome dele? E o que ele deseja?

— Deseja falar com o senhor.

— Comigo?

— É.

— Ele disse o meu nome?

— Disse.

— Como é a sua aparência?

— Bom, senhor... É um homem de uns cinquenta anos.

— Alto ou baixo?

— Do tamanho do senhor, mais ou menos.

— Moreno ou loiro?

— Moreno, bem moreno: cabelos negros, olhos negros, sobancelhas negras.

— E a roupa? — perguntou ansiosamente Villefort. — Que roupa ele está usando?

— Uma grande casaca azul abotoada de cima a baixo... Condecorado com a Legião de Honra.

— É ele! — murmurou Villefort, empalidecendo.

— Meu Deus! — disse, aparecendo à porta, o indivíduo que já descrevemos duas vezes. — Isso são modos?... Em Marselha é costume os filhos deixarem os pais esperando na porta?

— Papai! — exclamou Villefort. — Então eu não estava enganado... Eu já desconfiava que era você.

— Então, se você já desconfiava que era eu — disse o recém-chegado, colocando a bengala num canto e o chapéu numa cadeira —, permita-me lhe dizer, meu querido Gérard: não é muito amável de sua parte me fazer esperar assim...

— Deixe-nos, Germain — disse Villefort.

O criado saiu, dando sinais de visível surpresa.

XII. PAI E FILHO

O senhor Noirtier — era ele mesmo quem acabara de entrar — seguiu com os olhos o criado até que este fechasse a porta; então, sem dúvida temendo que ele escutasse à entrada, foi abrir a porta: o cuidado não era inútil — a rapidez com que o mordomo Germain se retirou provava que ele não estava isento do pecado que perdeu os nossos primeiros pais. Então Noirtier deu-se ao trabalho de ir fechar pessoalmente a porta do vestíbulo e a do quarto, puxou os ferrolhos e estendeu a mão a Villefort, que acompanhara todos aqueles movimentos com uma surpresa da qual ainda não voltara.

— Ah, sim... Você sabia, meu querido Gérard — disse ele ao jovem, olhando-o com um sorriso cuja significação seria bem difícil definir —, sabia que não parece muito contente em me ver?

— Pelo contrário, papai — disse Villefort —, estou encantado... Mas eu estava tão longe de esperar sua visita que ela me surpreendeu um pouco.

— Mas, meu caro amigo — prosseguiu Noirtier, sentando-se —, parece-me que eu poderia dizer-lhe o mesmo. Como! Você me anunciou que o seu noivado seria em Marselha, no dia 28 de fevereiro, e no dia 3 de março já está em Paris?

— Se estou aqui, papai — disse Gérard, aproximando-se de Noirtier —, não se queixe, pois foi por você que eu vim, e esta minha viagem talvez venha a salvar a sua vida.

— Ah, realmente? — disse Noirtier, alongando-se preguiçosamente na poltrona onde estava sentado. — Realmente? Então me conte isso, senhor magistrado, deve ser curioso.

— Papai, ouviu falar de certa associação bonapartista que se encontra na rua Saint-Jacques?

— Nº 53? Sim, sou o vice-presidente dessa associação.

— Ah, papai... Seu sangue-frio me arrepia. Sua coragem me faz tremer.

— O que esperava, meu caro? Quando se foi perseguido pelos montanheses; quando se deixou Paris numa carroça de feno; quando se foi caçado nos areais de Bordeaux pelos alcaguetas de Robespierre, podemos acostumar-nos a muitas coisas. Mas continue... Bem, mas o que foi que aconteceu nessa associação da rua Saint-Jacques?

— Aconteceu que lá convocaram o general Quesnel; o general Quesnel saiu às nove da noite de casa, e dois dias depois foi encontrado no rio Sena.

— E quem lhe contou essa bela história?

— O rei em pessoa, senhor.

— Bem! Eu, em troca de sua história — prosseguiu Noirtier —, vou lhe dar uma novidade.

— Papai, acho que já sei o que vai me dizer.

— Ah, já sabe do desembarque de Sua Majestade o imperador?

— Fale baixo, papai, por favor: primeiro por você mesmo, depois também por mim. Sim, eu já sabia dessa notícia, até mesmo soube antes de você, pois há três dias pego a estrada de Marselha a Paris com raiva de não poder lançar duzentas léguas à minha frente os pensamentos que me estouram os miolos.

— Há três dias?! Você está louco? Há três dias, o imperador nem tinha embarcado.

— Não importa: eu já sabia de seus planos.

— Como assim?

— Através de uma carta enviada a você da ilha de Elba.

— A mim?

— A você... Encontrei a carta na carteira do mensageiro. Se essa carta caísse nas mãos de outro, a essa hora, papai, talvez você estaria sendo fuzilado.

O pai de Villefort começou a rir.

— Vamos, vamos — disse ele —, parece que a Restauração aprendeu com o Império a maneira de logo resolver todos os problemas... Fuzilado! Mas como você anda depressa, meu querido! E essa carta, onde está? Conheço-o bem demais para temer que você deixaria alguém achar essa carta.

— Eu a queimei, com medo de conservar algum fragmento dela, que seria a sua condenação.

— E a condenação do seu futuro... — respondeu friamente Noirtier. — Sim, eu entendo... Mas não tenho nada a temer, já que você me protege.

— Faço mais do que isso, senhor: salvo a sua vida.

— Ah, diabo! Isso está se tornando muito dramático... Explique-se.

— Senhor, voltemos a essa associação da rua Saint-Jacques.

— Parece que essa associação mora no coração dos senhores policiais: por que não a procuraram melhor? Teriam encontrado...

— Não encontraram, mas estão na pista.

— É a expressão consagrada, conheço-a muito bem: quando a polícia está em falta, ela diz que está na pista... E o governo espera tranquilamente o dia em que ela virá lhe dizer, baixando as orelhas, com o rabo entre as pernas, que a pista foi perdida...

— Sim, mas encontraram um cadáver... O general Quesnel foi morto, e em todos os países do mundo isso se chama assassinato.

— Assassinato, você disse? Mas nada prova que o general tenha sido vítima de assassinato: todos os dias encontram no rio Sena pessoas que lá se jogaram por desespero, ou que se afogaram por não saber nadar.

— Papai, você sabe muito bem: o general não se afogou por desespero, e ninguém nada, ninguém se banha no rio Sena no mês de janeiro... Não, não, não se engane: essa morte foi muito bem qualificada como assassinato.

— E quem a qualificou assim?

— O rei em pessoa.

— O rei! Eu o imaginava bastante filósofo para compreender que em política não existe assassinato. Na política, meu querido, você sabe, como eu, não há homens, mas ideias; não há sentimentos, mas interesses; na política, não se mata um homem: suprime-se um obstáculo, nada mais. Quer saber o que foi que aconteceu? Pois bem, vou lhe contar. Imagínávamos poder contar com o general Quesnel: ele tinha sido recomendado pela ilha de Elba; um de nós vai à casa dele, convida-o para ir até a rua Saint-Jacques, a uma reunião onde ele encontraria amigos; ele vem, lá lhe contam todo o plano, a partida da ilha de Elba, o desembarque planejado; então, quando ele já ouviu tudo, entendeu tudo, já não resta mais nada a lhe informar, ele diz que é monarquista: então todos se olham; mandam-lhe fazer o juramento: ele o faz, mas de tão má vontade, realmente, que era tentar Deus jurar daquela maneira; bem, apesar de tudo, deixaram o general sair livre, totalmente livre. Ele não voltou para casa, meu querido, o que você queria? Ele saiu de nosso clube; deve ter errado o caminho, simplesmente. Assassinato? Na verdade, Villefort, você me surpreende: você, substituto do procurador do rei, construir uma acusação baseada em

provas tão frágeis? Alguma vez eu me atrevi a lhe dizer, enquanto você exercia a sua profissão de monarquista e mandava cortar a cabeça de um dos meus: “Meu filho, você cometeu um assassinato!”? Não, eu disse: “Muito bem, senhor; você lutou, você venceu: amanhã, a revanche.”

— Mas, papai, preste atenção: essa revanche vai ser terrível, quando a tivermos.

— Não entendi.

— Você conta com a volta do usurpador.

— Confesso que sim.

— Você está enganado, papai: ele não vai avançar dez léguas no interior da França sem ser perseguido, acossado, encurralado, caçado como um animal selvagem.

— Meu querido amigo: neste momento, o imperador está na estrada, a caminho de Grenoble; no dia 10, ou 12, estará em Lyon; no dia 20, ou 25, estará em Paris.

— As populações vão se levantar...

— Para ir ao encontro dele.

— Ele só leva consigo alguns homens; contra ele enviarão exércitos...

— Que o escoltarão para a entrada na capital. Na verdade, meu querido Gérard, você ainda é uma criança... Você se julga bem informado porque um telégrafo lhe disse, três dias depois do desembarque: “O usurpador desembarcou em Cannes com alguns homens, nós o estamos perseguindo”... Mas onde está ele, o que ele está fazendo? Você não sabe nada: estão perseguindo-o, isso é tudo o que você sabe. Bem, assim vão persegui-lo até Paris, sem disparar uma única bala de festim.

— Grenoble e Lyon são cidades fiéis: vão formar uma barreira intransponível.

— Grenoble vai lhe abrir as portas com entusiasmo, Lyon inteira irá ao encontro dele. Acredite, estamos tão bem informados quanto vocês, e a nossa polícia vale tanto quanto a sua: quer uma prova? Você não queria que eu soubesse de sua viagem, mas eu soube de sua chegada meia hora depois de você cruzar a barreira; você não deu o seu endereço a ninguém, a não ser ao seu cocheiro; pois

bem, descobri seu endereço, prova é que cheguei aqui bem no momento em que você ia sentar-se à mesa: então toque, mande pôr mais um prato, jantaremos juntos.

— Realmente — respondeu Villefort, olhando o pai com surpresa —, realmente, você me parece andar muito bem informado.

— Ah, meu Deus, nada mais simples: vocês, que detêm o poder, só contam com os meios criados pelo dinheiro; nós, que o esperamos, contamos com os meios criados pela dedicação.

— Dedicação... — disse Villefort, rindo.

— Sim, dedicação: é assim que se chama, francamente, a ambição que espera.

E o pai de Villefort estendeu pessoalmente a mão ao cordão da campainha para chamar o criado que o filho não chamava.

Villefort segurou-lhe o braço.

— Papai, espere — disse o jovem —, mais uma palavrinha.

— Diga.

— Por pior que seja a polícia do rei, ela sabe algo terrível.

— O quê?

— A aparência do homem que, na manhã do dia em que o general Quesnel desapareceu, foi à casa dele.

— Ah, ela sabe disso, essa excelente polícia? E como é essa aparência?

— Pele morena, cabelos, suíças e olhos negros, casaca azul abotoada até o queixo, laço de oficial da Legião de Honra na lapela, chapéu de abas largas e bengala de cana.

— Ah, ah! Ela sabe disso? — disse Noirtier. — Então, nesse caso, por que não agarraram esse homem?

— Porque ela o perdeu ontem, ou anteontem, na esquina da rua Coq-Héron.

— Eu não lhe disse que a sua polícia era estúpida?

— Sim, mas de uma hora para outra ela pode encontrá-lo.

— Sim — disse Noirtier, olhando despreocupado ao redor —, sim, se esse homem não fosse avisado, mas ele o foi... E — acrescentou, sorrindo — ele vai mudar de rosto e de roupa.

A essas palavras, ele levantou-se, tirou a casaca e a gravata, andou até uma mesa onde se encontravam dispostos todos os

utensílios do estojo de toalete do filho, pegou uma navalha, ensabou o rosto e, com mão perfeitamente firme, abateu aquelas suíças comprometedoras, que davam à polícia uma pista tão preciosa.

Villefort olhava-o agir com um terror que não era isento de admiração.

Cortadas as suíças, Noirtier deu outra aparência a seus cabelos; em lugar da gravata negra, colocou uma gravata colorida que estava numa mala aberta; em lugar de sua casaca azul abotoada, vestiu uma larga casaca marrom de Villefort; experimentou diante do espelho o chapéu de abas reviradas do jovem: pareceu satisfeito com a sua aparência e, deixando a bengala de cana no canto da lareira onde a colocara, fez assobiar na mão nervosa um pequeno cajado de bambu, e o elegante substituto dava a seu andar a desenvoltura que era uma de suas principais qualidades.

— E então?! — disse ele, voltando-se para o filho estupefato, quando essa espécie de metamorfose ao vivo se consumou. — E então?! Acha que a sua polícia vai me reconhecer agora?

— Não, papai — balbuciou Villefort —; ao menos, espero que não.

— Agora, meu querido Gérard — continuou Noirtier —, confio em sua prudência para livrar-se de todos os objetos que deixo a seus cuidados.

— Oh, pode ficar tranquilo, papai — disse Villefort.

— Sim, claro! Agora acho que você tem razão: realmente, você pode muito bem ter me salvado a vida... Mas fique tranquilo: em breve, vou retribuir-lhe o favor.

Villefort balançou a cabeça.

— Não acredita?

— Ao menos espero que esteja enganado.

— Você vai rever o rei?

— Talvez.

— Quer passar por um profeta aos olhos dele?

— Os profetas da desgraça não são bem-vindos na corte, papai.

— Sim, mas um dia ou outro acabam lhes fazendo justiça...

Imagine uma segunda Restauração: então você seria considerado

um grande homem.

— Enfim, que devo dizer ao rei?

— Diga-lhe isto: “Sir: engana-se sobre as inclinações da França, sobre a opinião das cidades, sobre o espírito do exército... Aquele que em Paris chamam de ‘o monstro da Córsega’, que em Nevers ainda chamam de ‘usurpador’, já se chama Bonaparte em Lyon, imperador em Grenoble... Imagina-o caçado, perseguido, em fuga; mas ele avança rápido como a águia a refletir a sua imagem. Os soldados que julga mortos de fome, mortos de cansaço, prontos a desertar, aumentam como flocos ao redor da bola de neve a precipitar-se. Parta, sir, parta: abandone a França a seu verdadeiro senhor, àquele que não a comprou, mas a conquistou; parta, sir, não por correr algum perigo: o seu adversário é bastante forte para perdoá-lo; mas por ser humilhante, para um neto de São Luís, dever a vida ao homem de Arcole, Marengo e Austerlitz”. Diga-lhe isso, Gérard... Ou melhor: vá, não lhe diga nada; esconda a sua viagem; não se vanglorie do que veio fazer e do que fez em Paris; pegue a estrada; se correu como louco para vir, devore o espaço para voltar; chegue a Marselha à noite; entre em sua casa pela porta de trás; lá, fique bem manso, quieto, escondido, principalmente bem inofensivo, pois desta vez, juro, agiremos como pessoas enérgicas, que conhecem os seus inimigos. Vá, meu filho, vá, meu querido Gérard, e obedecendo a essas ordens paternas, ou, se você preferir, seguindo respeitosamente os conselhos de um amigo, nós o manteremos em seu cargo. O que será — acrescentou Noirtier, sorrindo — um meio de você me salvar a vida mais uma vez, se um dia a gangorra política voltar a colocá-lo em cima e a mim embaixo... Adeus, meu querido Gérard... Na sua próxima viagem, hospede-se em minha casa.

E, a essas palavras, Noirtier saiu, com a tranquilidade que não o abandonara em momento algum, enquanto durara essa conversa tão difícil.

Pálido e agitado, Villefort correu à janela, entreabriu a cortina e viu-o passar, calmo e impassível, entre alguns homens que pareciam terríveis, escondidos nos cantos e esquinas da rua, e que

talvez estivessem ali para prender o homem das suíças negras, de casaca azul e chapéu de abas largas.

Villefort permaneceu assim, de pé, sem fôlego, até seu pai desaparecer na encruzilhada Bussy. Então correu aos objetos deixados pelo pai, colocou bem no fundo de sua mala a gravata negra e a casaca azul, amassou o chapéu, enfiando-o no fundo de um armário, quebrou a bengala de cana em três pedaços, lançando-os ao fogo, colocou um boné de viagem, chamou o camareiro, com um olhar proibiu-lhe mil perguntas que ele queria fazer, pagou a conta do hotel, saltou à sua carruagem, que o esperava já atrelada, soube em Lyon que Bonaparte acabara de entrar em Grenoble e, em meio à agitação que reinava por toda a estrada, chegou a Marselha, tomado por todas as apreensões que, ao lado da ambição e das primeiras honras, invadem o coração do homem.

XIII. OS CEM DIAS

O senhor Noirtier era um bom profeta e, como ele dissera, as coisas aconteceram rapidamente. Todos conhecem esse retorno da ilha de Elba — retorno estranho, milagroso, que, sem exemplo no passado, provavelmente permanecerá sem igual no futuro.

Luís XVIII não tentou aparar aquele golpe tão duro senão fragilmente: a sua falta de confiança nos homens debilitava a sua confiança nos acontecimentos. A realeza, ou melhor, a monarquia recém-reconstituída por ele tremia em suas bases ainda incertas, e um só gesto do imperador fez desmoronar todo aquele edifício, mistura informe de velhos preconceitos e novas ideias. Assim, Villefort só recebera de seu rei um reconhecimento não apenas inútil no momento, mas até mesmo perigoso, bem como aquela condecoração — a cruz de oficial da Legião de Honra — que ele teve a prudência de não exhibir, embora o senhor de Blacas, como lhe recomendara o rei, tivesse lhe enviado cuidadosamente a patente.

Napoleão teria, certamente, destituído Villefort, não fosse a proteção de Noirtier, que se tornou todo-poderoso na corte dos Cem

Dias, tanto pelos perigos que correria quanto pelos serviços que prestara. Assim, como lhe prometera, o girondino de 1793 e o senador de 1806 protegeu aquele que o protegera na véspera.

Todo o poder de Villefort limitou-se então, durante essa evocação do Império — cuja segunda queda, aliás, era bem fácil de prever —, a abafar o segredo que Dantès quase divulgara.

Só o procurador do rei foi demitido, suspeito de pouco fervor em seu bonapartismo.

Entretanto, assim que o poder imperial foi restabelecido — ou seja, assim que o imperador Napoleão mudou-se para o palácio das Tulherias (que Luís XVIII acabara de deixar), lançando ordens numerosas e divergentes daquele mesmo pequeno gabinete onde introduzimos os nossos leitores seguindo Villefort, naquela mesa de nogueira onde o imperador encontrou a tabaqueira de Luís XVIII ainda aberta e meio cheia —, Marselha, apesar da atitude dos seus magistrados, começou a sentir ferver em si as centelhas de guerra civil que nunca se apagam no Sul. Então pouco faltou para que as represálias fossem além de alguns tumultos, que encerravam os monarquistas em suas casas, e ofensas públicas, na perseguição dos que se aventuravam a sair.

Através de uma reviravolta muito natural, o digno armador, que qualificamos como pertencente ao partido popular, passou a ser, naquele momento, não diremos todo-poderoso, pois o senhor Morrel era um homem prudente e ligeiramente tímido, como todos os que fizeram uma lenta e laboriosa fortuna comercial, mas capaz — embora superado pelos zelosos bonapartistas que o achavam moderado —, capaz, dizia eu, de erguer a voz para fazer ouvir uma reclamação: essa reclamação, como é fácil de adivinhar, referia-se a Dantès.

Villefort permanecera de pé, apesar da queda de seu superior, e o seu casamento, embora decidido, fora entretanto adiado para tempos mais propícios. Se o imperador conservasse o trono, seria outra aliança que conviria a Gérard e seu pai se encarregaria de arrumá-la; se uma segunda Restauração trouxesse Luís XVIII de volta à França, a influência do senhor de Saint-Méran redobraria,

assim como a sua, e aquela aliança se tornaria mais conveniente do que nunca.

O substituto do procurador do rei era então, momentaneamente, o primeiro magistrado de Marselha, quando certa manhã a sua porta se abriu e anunciaram-lhe o senhor Morrel.

Qualquer outro correria, muito solícito, ao encontro do armador e, com esse excesso de solícitude, mostraria a sua fraqueza; mas Villefort era um homem superior e tinha, se não a prática, ao menos o instinto de todas as coisas. Deixou Morrel esperando no vestíbulo, como faria nos tempos da Restauração, não por estar atendendo alguém, mas pela simples razão de que era hábito um substituto do procurador do rei deixar os outros esperando no vestíbulo; depois de um quarto de hora, empregado na leitura de dois ou três jornais de tendências diferentes, ordenou que o armador fosse introduzido.

Morrel esperava encontrar Villefort abatido, mas encontrou-o como o vira há seis semanas, ou seja, calmo, firme e cheio daquela fria polidez — a mais intransponível de todas as barreiras — que separa o homem educado do homem vulgar.

Ele havia entrado no gabinete de Villefort certo de que o magistrado tremeria ao vê-lo: ao contrário, era ele que se via arrepiado e perturbado diante daquele personagem inquisidor a esperá-lo, com o cotovelo apoiado à escrivaninha e o queixo apoiado à mão.

Deteve-se à porta. Villefort olhou-o como se tivesse certa dificuldade em reconhecê-lo. Enfim, depois de alguns segundos de exame e de silêncio, durante os quais o digno armador virava e revirava o chapéu entre as mãos: — Senhor Morrel, creio? — disse Villefort.

— Sim, senhor: sou eu mesmo — respondeu o armador.

— Então, aproxime-se — continuou o magistrado, fazendo com a mão um sinal protetor — e diga-me a que circunstâncias devo a honra de sua visita.

— Não adivinha, senhor? — perguntou Morrel.

— Não, de forma alguma... O que não impede que eu esteja muito disposto a lhe ser agradável, se tratar-se de algo a meu alcance.

— É algo que depende inteiramente de sua vontade, senhor — disse Morrel.

— Então, explique-se.

— Senhor — continuou o armador, retomando a segurança à medida que falava, tranquilizado pela justiça de sua causa e pela clareza de sua posição —, o senhor deve estar lembrado: dias antes de sabermos do desembarque de Sua Majestade o imperador, vim pedir o seu perdão a um jovem infeliz, a um marinheiro, imediato a bordo de meu navio... Ele era acusado, se o senhor está lembrado, de manter relações com a ilha de Elba: essas relações, que eram um crime naquela época, hoje merecem louvor. Então o senhor servia a Luís XVIII e não o poupou: era o seu dever. Agora o senhor serve Napoleão e deve protegê-lo: também é o seu dever. Assim, venho perguntar-lhe: o que foi que lhe aconteceu?

Villefort fez violento esforço sobre si mesmo.

— Como é o nome desse homem? — perguntou Villefort. — Tenha a bondade de dizer-me o seu nome.

— Edmond Dantès.

Evidentemente, Villefort gostaria tanto de aguardar o tiro de seu adversário em um duelo, a vinte e cinco passos de distância, quanto de ouvir aquele nome pronunciado a queima-roupa, mas nem pestanejou.

“Comportando-me assim”, disse Villefort a si mesmo, “não poderão me acusar de ter transformado a prisão desse jovem em uma questão puramente pessoal.”

— Dantès? — repetiu ele. — Edmond Dantès, o senhor disse?

— Sim, senhor.

Então Villefort abriu um enorme volume guardado em uma estante próxima, recorreu ao índice, do índice passou a alguns documentos e, voltando-se para o armador: — Tem certeza de não estar enganado, senhor? — disselhe com o ar mais natural.

Se Morrel fosse um homem mais perspicaz — ou mais esclarecido sobre o caso —, acharia estranho o substituto do procurador do rei dignar-se a responder-lhe sobre assuntos completamente alheios à sua competência; ter-se-ia perguntado por

que Villefort não o enviara logo aos registros de prisões, aos diretores de presídios, ao governador do departamento.

Procurando em vão o medo em Villefort, à medida que qualquer medo parecia ausente, Morrel não viu nele mais do que condescendência: Villefort encontrara o tom exato.

— Não, senhor — disse Morrel —, não estou enganado... Aliás, conheço o pobre rapaz há dez anos, ele já trabalha para mim há quatro. Se o senhor está lembrado, vim há um mês e meio pedir-lhe que o perdoasse, como hoje venho pedir-lhe que seja justo com o pobre rapaz; na época, o senhor me recebeu muito mal, respondeu-me de mau humor. Ah, como os monarquistas eram duros com os bonapartistas, naquele tempo!

— Senhor — respondeu Villefort, aparando o golpe com a agilidade e o sangue-frio habituais —: eu era monarquista quando achava que os Bourbons eram não apenas os legítimos herdeiros do trono, mas também os escolhidos da nação; mas o milagroso retorno que acabamos de testemunhar provou-me que eu estava enganado. Venceu o gênio de Napoleão: o monarca legítimo é o monarca amado.

— Em tempo! Muito bem! — exclamou Morrel, com sua ingênua franqueza. — Sinto prazer em vê-lo falar assim; é um bom sinal quanto à sorte de Edmond.

— Então espere — prosseguiu Villefort, folheando outro volume de registros —, achei: é um marinheiro, não é, noivo de uma catalã? Sim, sim... Oh, agora me lembro: o caso era muito sério.

— Como assim?

— O senhor sabe: ao sair de meu gabinete, ele foi levado à prisão do palácio da justiça.

— Sim, e então?

— Então, fiz o meu relatório para Paris; enviei os documentos encontrados com ele. Era o meu dever, compreende?... E, uma semana depois de sua detenção, o prisioneiro desapareceu.

— Desapareceu? — exclamou Morrel. — Mas o que podem ter feito do pobre rapaz?

— Oh, fique tranquilo... Deve ter sido levado para a prisão de Fenestrelles, ou de Pignerol, ou das ilhas Santa Margarida... É o

que se chama desterro, em termos administrativos... E um belo dia o senhor vai vê-lo voltar e assumir o comando de seu navio.

— Que ele venha quando quiser, seu lugar está guardado. Mas por que ele ainda não voltou? Parece-me que o primeiro cuidado da justiça bonapartista deveria ter sido libertar os que foram encarcerados pela justiça monarquista.

— Não acuse temerariamente, meu caro senhor Morrel — respondeu Villefort —, em todos os casos é preciso proceder legalmente. A ordem de prisão tinha vindo de cima, é preciso que de cima venha também a ordem de soltura. Ora, Napoleão voltou há apenas quinze dias; ainda não houve tempo para expedir as cartas de abolição.

— Mas — perguntou Morrel — não há meio de apressar as formalidades, agora que nós triunfamos? Tenho alguns amigos, alguma influência; posso conseguir o relaxamento da ordem de prisão.

— Não houve ordem de prisão.

— Do registro, então.

— Não há registro de presos por motivos políticos: às vezes, os governos têm interesse em fazer desaparecer um homem, sem que ele deixe vestígios de sua passagem; os registros de prisões guiariam as buscas.

— Era assim no tempo dos Bourbons, talvez... Mas agora...

— É assim em todos os tempos, meu caro senhor Morrel... Os governos se sucedem e se parecem; a máquina penitenciária montada no reino de Luís XIV continua a mesma nos dias de hoje, exceto a Bastilha. O imperador sempre foi mais rigoroso quanto ao regulamento de suas prisões do que o próprio grande rei; e o número de prisioneiros sem registro algum é incalculável.

Tanta benevolência desfaria até certezas — e Morrel não tinha sequer suspeitas.

— Mas enfim, senhor de Villefort — disse ele —, que conselho me daria para apressar o retorno do pobre Dantès?

— Só um conselho, senhor: faça uma petição ao ministro da justiça.

— Oh, senhor, sabemos muito bem o que é uma petição: o ministro recebe duzentas petições por dia e não lê nem quatro.

— Sim — respondeu Villefort —, mas lerá uma petição enviada por mim, anotada por mim, encaminhada diretamente por mim.

— E o senhor se encarregaria de fazer chegar-lhe essa petição?

— Com o maior prazer... Dantès poderia ser culpado naquela época; mas agora é inocente; e é meu dever mandar devolverem a liberdade àquele a quem foi meu dever mandar prenderem.

Assim, Villefort livrava-se do perigo de um inquérito improvável, mas possível — inquérito que o perderia irremediavelmente.

— Mas como é que se escreve ao ministro?

— Sente-se aqui, senhor Morrel — disse Villefort, cedendo o seu lugar ao armador —: vou lhe ditar.

— Você teria essa bondade?

— Claro... Não percamos tempo; já perdemos tempo demais.

— Sim, senhor; lembremos que o pobre rapaz talvez esteja esperando, sofrendo e se desesperando.

Villefort estremeceu ao imaginar esse prisioneiro amaldiçoando-o no silêncio e na escuridão; mas já tinha ido longe demais para recuar: Dantès deveria ser esmagado pelas engrenagens de sua ambição.

— Pronto, senhor! — disse o armador, sentado na poltrona de Villefort, com a pena na mão.

Então Villefort ditou uma apelação em que, com as melhores intenções — não havia do que desconfiar —, exagerava o patriotismo de Dantès e os serviços prestados por ele à causa bonapartista; nessa apelação, Dantès tornava-se um dos mais ativos agentes do retorno de Napoleão; era evidente que, ao ver semelhante peça, o ministro faria justiça instantaneamente, se a justiça já não tivesse sido feita.

Concluída a petição, Villefort releu-a em voz alta.

— É isso! — disse ele. — Agora fique descansado: deixe comigo.

— E a petição vai ser enviada logo, senhor?

— Hoje mesmo.

— Recomendada pelo senhor?

— A melhor recomendação que posso dar, senhor, é atestar a verdade de tudo o que o senhor diz nesta apelação.

E Villefort também se sentou e, num canto da petição, atestou a sua veracidade.

— E agora, senhor, o que mais é preciso fazer? — perguntou Morrel.

— Esperar — respondeu Villefort. — Eu me responsabilizo por tudo.

Essa garantia devolveu as esperanças a Morrel; despediu-se do substituto do procurador do rei encantado com ele; foi contar ao velho pai de Dantès que não tardaria a rever o filho.

Em vez de enviar a petição a Paris, Villefort conservou-a preciosamente em suas mãos: feito para salvar Dantès no presente, o documento comprometia-o irremediavelmente no futuro, supondo algo que a situação da Europa e a marcha dos acontecimentos já permitiam supor: uma segunda restauração da monarquia na França.

Assim, Dantès permaneceu prisioneiro: perdido nas profundezas de seu calabouço, não ouviu o formidável estrondo da queda do trono de Luís XVIII — nem outro ainda mais terrível: o do colapso do Império napoleônico.

Mas Villefort, sim, acompanhara tudo com olhos vigilantes, escutara tudo com ouvidos atentos. Por duas vezes, durante essa curta aparição imperial chamada de Cem Dias, Morrel voltara à carga, sempre insistindo na libertação de Dantès: Villefort sempre o acalmava com promessas e esperanças — até que aconteceu a batalha de Waterloo. Então Morrel não apareceu mais no gabinete de Villefort: o armador já fizera pelo jovem amigo tudo o que era humanamente possível fazer; persistir em novas tentativas, sob essa segunda restauração da monarquia, seria comprometer-se inutilmente.

Luís XVIII retornou ao trono. Villefort — para quem Marselha estava cheia de lembranças que se transformavam em remorsos — pediu e obteve o cargo de primeiro procurador do rei, vago em Toulouse; quinze dias depois de mudar-se para a nova residência,

casou-se com a senhorita Renée de Saint-Méran, filha de um pai que andava melhor do que nunca na corte.

Assim, durante os Cem Dias, bem como depois de Waterloo, Dantès permaneceu preso, esquecido, se não pelos homens, ao menos por Deus.

Danglars compreendeu todo o alcance do golpe que infligira a Dantès ao ver Napoleão voltar à França. A sua denúncia acertara precisamente o alvo e — como todos os homens com certa inclinação para o crime e média inteligência para a vida comum — chamou essa estranha coincidência de *um decreto da Providência*.

Mas quando Napoleão voltou a Paris e a sua voz ecoou novamente, imperiosa e potente, Danglars sentiu medo; a todo instante, esperava ver a volta de Dantès — Dantès já sabendo de tudo, Dantès ameaçador e com força para todas as vinganças; então manifestou ao senhor Morrel o desejo de abandonar o trabalho no mar — Morrel recomendou-o a um comerciante espanhol: Danglars passou a ser caixeiro no fim de março, ou seja, dez ou doze dias depois da volta de Napoleão ao palácio das Tulherias; então Danglars partiu para Madri e não se ouviu mais falar dele.

Fernand não entendeu nada. Dantès estava ausente: era tudo o que ele queria. O que acontecera a Dantès? Fernand não quis nem saber. Mas, durante toda a trégua proporcionada por essa ausência, passou metade do tempo tentando enganar Mercedes sobre os motivos da ausência, outra metade imaginando planos de raptá-la e emigrar; de vez em quando — nas horas sombrias de sua vida — sentava-se na ponta do cabo do Farol, naquele lugar de onde se veem ao mesmo tempo Marselha e a aldeia dos Catalães, olhando, triste e imóvel como uma ave de rapina, se não via, por um daqueles dois caminhos, voltar o belo jovem, andar livre, cabeça erguida, que, também para ele, tornara-se o mensageiro de cruel vingança. Então Fernand se decidia: estouraria os miolos de Dantès com um tiro de fuzil, depois se mataria, dizia ele a si mesmo, para tornar heroico o seu crime. Mas Fernand se iludia: esse homem jamais se mataria, pois continuava cheio de esperanças.

Entrementes, entre tantas dolorosas reviravoltas, o Império fez uma derradeira convocação de soldados — ao ouvir a voz retumbante do imperador Napoleão, todos os homens em condições de pegar armas correram para fora da França.

Fernand partiu, como os outros, abandonando a sua cabana e Mercedes, roído por sombria e terrível ideia: às suas costas, talvez o seu rival voltasse e se casasse com aquela que ele amava.

Se algum dia Fernand tivesse de se matar, só poderia fazê-lo depois de deixar Mercedes.

As atenções para com Mercedes, a pena que parecia sentir da desgraça da jovem, os cuidados para fazer as menores vontades da catalã, haviam provocado o efeito que as aparências de devoção sempre provocam nos corações generosos: Mercedes sempre tivera amizade a Fernand; essa amizade foi ampliada por um novo sentimento: a gratidão.

— Meu irmão — disse ela, amarrando a mochila do soldado às costas do catalão —, meu irmão, meu único amigo: não se deixe matar, não me deixe sozinha neste mundo onde choro, onde ficarei só, se você se for.

Essas palavras pronunciadas na hora da despedida deram alguma esperança a Fernand. Se Dantès não voltasse, um dia Mercedes poderia vir a ser dele.

Mercedes ficou sozinha naquela terra nua, que nunca lhe parecera tão árida, a olhar o mar imenso ao horizonte. Toda banhada em lágrimas, como aquela louca da dolorosa história que nos contam, viam-na andar sem parar ao redor da pequena aldeia dos Catalães: às vezes detendo-se sob o sol ardente do Sul, de pé, imóvel, muda como uma estátua, a olhar Marselha; outras vezes sentada na praia, ouvindo o gemido do mar, eterno como a sua dor, perguntando-se sem cessar se não valeria mais a pena inclinar-se adiante, abandonar-se ao seu próprio peso, abrir o abismo e desaparecer, em vez de continuar a sofrer assim todas as cruéis alternativas de uma espera sem esperança.

Não foi coragem que faltou a Mercedes para realizar esse projeto: foi a religião que veio em seu auxílio e salvou-a do suicídio.

Caderousse foi convocado, como Fernand; mas, como era oito anos mais velho que o catalão e era casado, só foi chamado na terceira convocação e foi enviado à retaguarda, no litoral.

O velho Dantès, que só se amparava na esperança, perdeu a esperança quando o imperador caiu.

Cinco meses, cento e cinquenta longos dias depois de ter sido separado de seu filho, quase à mesma hora em que o filho fora preso, Dantès pai deu o seu último suspiro, nos braços de Mercedes.

O senhor Morrel cuidou de todas as despesas de seu enterro e pagou as pobres pequenas dívidas que o velho contraíra durante a sua enfermidade.

Havia mais do que caridade em agir assim: havia coragem. O Sul estava em chamas e socorrer, mesmo em seu leito de morte, o pai de um bonapartista tão perigoso quanto Dantès era um crime.

XIV. O PRISIONEIRO FURIOSO E O PRISIONEIRO LOUCO

Cerca de um ano após o retorno de Luís XVIII, aconteceu uma visita do inspetor geral das prisões.³¹

Do fundo de sua masmorra, Dantès ouviu o revolver e ranger de todos os preparativos: em cima, eles faziam um barulho ensurdecedor, mas ali embaixo eram ruídos inaudíveis para quaisquer ouvidos, a não ser para os de um prisioneiro acostumado a ouvir — no silêncio da noite — a aranha a tecer a sua teia³² e a queda periódica da gota d'água que leva uma hora para se formar no teto do calabouço.

Ele adivinhou que acontecia algo extraordinário entre os vivos: vivia há tanto tempo em uma cova que bem poderia considerar-se morto.

De fato, o inspetor visitava, um depois do outro, os quartos, as celas e os calabouços. Vários prisioneiros foram interrogados: precisamente aqueles que a afabilidade ou a estupidez

recomendavam à benevolência da administração; o inspetor perguntou-lhes como era a comida, que reclamações tinham a fazer.

Eles responderam unanimemente que a comida era horrível e reivindicaram a liberdade.

Então o inspetor perguntou-lhes se não tinham outra coisa a lhe dizer.

Eles balançaram a cabeça. Que outro bem, a não ser a liberdade, podem querer os prisioneiros?

O inspetor voltou-se sorrindo e disse ao governador do presídio: — Não sei por que nos obrigam a fazer essas inúteis visitas de inspeção. Quem viu um prisioneiro já viu cem... Quem ouviu um prisioneiro já ouviu mil... É sempre a mesma coisa: mal alimentados e inocentes... Vocês não têm outros?

— Sim, nós temos os prisioneiros perigosos ou loucos, que guardamos nos calabouços.

— Vamos vê-los — disse o inspetor, com ar de profundo cansaço —, façamos o nosso trabalho até o fim... Vamos descer aos calabouços.

— Espere — disse o governador —: mandemos chamar ao menos dois guardas; às vezes, os prisioneiros, cansados da vida, para serem condenados à morte, cometem inúteis atos de desespero: o senhor poderia ser vítima de um desses atos.

— Então tome as suas precauções — disse o inspetor.

De fato, mandaram buscar dois soldados e começaram a descer uma escada tão nauseante, infecta e cheia de mofo que passar por aquele lugar agredia ao mesmo tempo a visão, o olfato e a respiração.

— Oh — exclamou o inspetor, parando no meio da escada —, que diabo pode viver ali?

— Um conspirador dos mais perigosos, especialmente recomendado como um homem capaz de tudo.

— Ele está sozinho?

— Naturalmente.

— Há quanto tempo ele está aqui?

— Há um ano, mais ou menos.

— E está no calabouço desde que chegou?

— Não, senhor... desde que tentou matar o carcereiro encarregado de lhe trazer a comida.

— Ele tentou matar o carcereiro?

— Sim, senhor... esse mesmo carcereiro que nos ilumina o caminho. Não é verdade, Antoine? — perguntou o governador.

— Ele tentou me matar mesmo... — respondeu o carcereiro.

— Ah, mas que coisa... Esse homem é louco?

— Pior do que isso — disse o carcereiro —: é um demônio.

— Querem apresentar queixa contra ele? — perguntou o inspetor ao governador.

— Inútil, senhor... Assim ele já está sendo bem castigado... Aliás, agora ele já está quase louco e, pela experiência de nossas observações, em menos de um ano ficará completamente alienado.

— Meu Deus, melhor para ele — disse o inspetor —: ficando completamente louco, sofrerá menos.

Como vemos, esse inspetor era um homem cheio de humanidade e muito digno das funções filantrópicas que desempenhava.

— O senhor tem razão — disse o governador —, as suas reflexões mostram que o senhor estudou profundamente o assunto. Então, nós temos em outro calabouço, a apenas sete metros deste (podemos ir lá por outra escada), um velho abade, antigo chefe de partido na Itália... Ele está aqui desde 1811, ficou lelé da cuca no final de 1813, desde então não é fisicamente reconhecível: chorava, agora ri... Emagrecia, agora engorda... Não quer vê-lo, em vez deste aqui? A sua loucura é divertida, não vai deixá-lo muito triste...

— Quero ver ambos — respondeu o inspetor. — Devemos cumprir bem as nossas missões.

Era a primeira visita do inspetor geral e ele queria dar boa impressão às autoridades.

— Então entremos neste aqui primeiro — acrescentou.

— Claro — respondeu o governador, fazendo um gesto ao carcereiro, que abriu a porta.

Ao ranger das maciças fechaduras, ao grito dos gonzos enferrujados a girar em seus eixos, Dantès, agachado em um canto de seu calabouço, recebendo com indescritível alegria um tênue raio

de sol filtrado através de estreito respiradouro gradeado, ergueu a cabeça.

Ao ver um homem desconhecido, iluminado por dois carcereiros com tochas, protegido por dois soldados, e o governador a falar-lhe de chapéu na mão, Dantès adivinhou do que se tratava: vendo enfim surgir a ocasião de suplicar a uma autoridade superior, saltou adiante, juntando as mãos.

Os soldados logo cruzaram as baionetas, imaginando que o prisioneiro avançava contra o inspetor com más intenções.

O próprio inspetor deu um passo para trás.

Dantès percebeu que fora apresentado como um homem temível.

Então ele reuniu em seu olhar tudo o que o coração do homem pode conter de mansidão e humildade: exprimindo-se com uma espécie de eloquência piedosa que surpreendeu os presentes, tentou tocar a alma do visitante.

O inspetor ouviu as palavras de Dantès até o fim; então se dirigiu ao governador: — Ele está se tornando devoto... — disse baixinho o inspetor. — Já está se inclinando a sentimentos mais mansos... Olhe: o medo já provoca os seus efeitos... Recuou diante das baionetas... Ora, um louco não recua diante de nada: a esse respeito, já fiz observações bem curiosas, no hospício de Charenton.

Então, dirigindo-se ao prisioneiro: — Em suma — disse ele —, que deseja?

— Desejo saber que crime cometi; desejo que me deem juízes; desejo que o meu caso seja julgado; desejo enfim que me fuzilem, se eu for culpado, mas também que me coloquem em liberdade, se for inocente.

— A sua comida é boa? — perguntou o inspetor.

— Sim... acho que sim... não sei... Mas isso pouco importa; o que importa, não apenas a mim, pobre prisioneiro, mas também a todos os funcionários que fazem a justiça, mas também ao rei que nos governa, é que um inocente não seja vítima de uma denúncia infame e não morra enclausurado amaldiçoando os seus carrascos.

— O senhor está muito humilde hoje — disse o governador —, mas nem sempre foi assim. Falava de outra maneira, meu caro amigo, no dia em que tentou matar o seu guarda.

— É verdade, senhor — disse Dantès —, e muito humildemente peço perdão a esse homem, que sempre foi bom para mim... Mas o que esperava? Eu estava louco, eu estava furioso...

— E não está mais?

— Não, senhor... Porque o cativo me dobrou, quebrou, aniquilou... Estou aqui há tanto tempo!

— Tanto tempo?... Quando foi preso? — perguntou o inspetor.

— No dia 28 de fevereiro de 1815, às duas horas da tarde.

O inspetor calculou.

— Estamos no dia 30 de julho de 1816... Então, que me diz? Está preso há apenas dezessete meses...

— Apenas dezessete meses?! — disse Dantès. — Ah, senhor... não sabe o que são dezessete meses de prisão: são dezessete anos, dezessete séculos... Principalmente para um homem que, como eu, já estava tão perto da felicidade; para um homem que, como eu, ia se casar com a mulher amada; para um homem que via abrir-se à sua frente uma carreira honrosa, mas a quem agora tudo falta; que, do meio do mais belo dia, cai na noite mais profunda; que vê a sua carreira destruída; que nem sabe se a mulher que o amava ainda o ama; que ignora se o seu pai idoso está vivo ou morto... Dezessete meses de prisão, para um homem acostumado ao ar do mar, à independência do marinheiro, ao espaço, à imensidão, ao infinito, senhor... Dezessete meses de prisão são mais do que merecem todos os crimes designados pelos nomes mais odiosos da língua humana. Então, tenha piedade de mim, senhor, e peça para mim não perdão, mas rigor; não indulgência, mas julgamento: juízes, senhor, só peço juízes; não é possível recusar juízes a um acusado.

— Está bem — disse o inspetor —, veremos.

Então, dirigindo-se ao governador: — Em verdade — disse ele —, esse pobre-diabo me dá pena. Quando subirmos, mostre-me o seu livro de registros.

— Certamente — disse o governador. — Mas creio que encontrará anotações terríveis contra ele.

— Senhor — continuou Dantès —, sei que não pode me fazer sair daqui por sua própria vontade; mas pode transmitir o meu pedido às autoridades; pode provocar uma investigação; pode, enfim, me levar a julgamento: um julgamento é tudo o que lhe peço; quero saber que crime cometi, a que pena estou condenado; afinal, veja, a incerteza é o pior de todos os suplícios.

— Ilumine-me — disse o inspetor.

— Senhor — exclamou Dantès —: pelo seu tom de voz, percebo que está comovido. Senhor: diga-me que posso ter esperanças.

— Não posso lhe dizer isso — respondeu o inspetor —, só posso lhe prometer examinar o seu processo.

— Oh, então, senhor, estou livre! Estou salvo.

— Quem mandou prendê-lo? — perguntou o inspetor.

— O senhor de Villefort — respondeu Dantès. — Procure-o, fale com ele.

— O senhor de Villefort não está mais em Marselha, já faz um ano... Ele está em Toulouse.

— Ah, isso já não me surpreende — murmurou Dantès —, meu único protetor anda longe.

— O senhor de Villefort tinha algum motivo para odiá-lo? — perguntou o inspetor.

— Nenhum, senhor... Até mesmo foi bondoso comigo.

— Então posso confiar nas anotações que ele deixou sobre o senhor, ou que ele me fornecer?

— Inteiramente, senhor.

— Está bem, aguarde.

Dantès caiu de joelhos, erguendo as mãos aos céus, murmurando uma oração, recomendando a Deus aquele homem que descera até à sua prisão, como o Salvador a ir libertar as almas do inferno.

A porta se fechou; mas a esperança que descera com o inspetor permanecia encerrada na masmorra de Dantès.

— Quer ver o registro de prisão agora mesmo? — perguntou o governador. — Ou quer passar para o calabouço do abade?

—Acabemos com os calabouços de uma vez — respondeu o inspetor. — Se eu subir à luz do dia, talvez perca a coragem de continuar essa triste missão.

— Ah, aquele prisioneiro é diferente desse... A loucura dele é menos triste que a razão de seu vizinho.

— E qual é a loucura dele?

— Oh, estranha loucura: ele se imagina possuidor de um tesouro imenso... No primeiro ano de prisão, mandou oferecer ao governo um milhão, se o governo o colocasse em liberdade; no segundo ano, dois milhões; no terceiro, três milhões, e assim por diante. Ele já está no quinto ano de prisão: vai pedir para lhe falar em particular e vai lhe oferecer cinco milhões...

— Ah, ah!... Realmente, é engraçado... — disse o inspetor. — E como se chama esse milionário?

— Abade Faria.

— Nº 27! — disse o inspetor.

— É aqui. Abra, Antoine!

O carcereiro obedeceu: o olhar curioso do inspetor mergulhou no calabouço do *abade louco*.

Era assim que costumavam chamar o prisioneiro.

No meio da cela, num círculo desenhado no chão com um pedaço de gesso arrancado da parede, estava deitado um homem quase nu — as suas roupas estavam em farrapos. Ele estava desenhando, naquele círculo, linhas geométricas muito claras — parecia tão absorto na solução de seu problema quanto Arquimedes quando foi morto por um soldado de Marcelo. Assim, nem se moveu ao ruído da porta do calabouço a se abrir — só pareceu despertar quando a luz das tochas iluminou com extraordinário brilho o solo úmido onde trabalhava. Então, voltou-se e viu com surpresa o numeroso grupo que acabara de descer a seu calabouço.

Logo se levantou rapidamente, pegou uma coberta jogada aos pés de sua cama miserável e cobriu-se depressa, para parecer mais decente aos olhos dos estranhos.

— Que deseja? — perguntou o inspetor, sem variar a sua fórmula.

— Eu, senhor? — respondeu o abade, parecendo surpreso. — Eu não desejo nada...

— O senhor não compreendeu — continuou o inspetor. — Eu sou agente do governo, tenho a missão de descer às prisões e ouvir as reclamações dos prisioneiros.

— Oh, então, senhor, isso é outra coisa — exclamou vivamente o abade —, espero que a gente se entenda.

— Veja — disse o governador em voz baixa —, isso não começa exatamente como lhe falei?

— Senhor — continuou o prisioneiro —, eu sou o abade Faria; nasci em Roma; durante vinte anos, fui secretário do cardeal Rospigliosi; fui preso, não sei muito bem por quê, no início de 1811; desde então reclamo a minha liberdade às autoridades italianas e francesas.

— Por que às autoridades francesas? — perguntou o governador.

— Porque fui preso em Piombino e presumo que, como Milão e Florença, Piombino tornou-se a capital de algum departamento francês.

O inspetor e o governador olharam-se rindo.

— Diabo, meu caro — disse o inspetor —, as suas notícias da Itália não são muito recentes...

— Elas datam do dia em que fui preso, senhor — disse o abade Faria. — E como Sua Majestade, o imperador, tinha criado o reino de Roma para o filho que o céu acabara de lhe enviar, presumo que, prossequindo o curso de suas conquistas, ele realizou o sonho de Maquiavel e César Bórgia: transformar toda a Itália em um só e único reino.

— Senhor — disse o inspetor —, felizmente a Providência divina trouxe algumas alterações a esse plano gigantesco do qual me parece ser ardoroso partidário.

— É o único meio de transformar a Itália em um Estado forte, independente e feliz — respondeu o abade.

— É possível — respondeu o inspetor —, mas eu não vim aqui para fazermos um curso de política ultramontana, mas para

perguntar-lhe, o que já fiz, se tem alguma reclamação a fazer sobre a maneira como é alimentado e alojado.

— A comida é igual à de todas as prisões — respondeu o abade —, ou seja, muito ruim. Quanto ao alojamento, como pode ver, é úmido e insalubre, mas todavia bastante conveniente para um calabouço. Agora, não é disso que se trata, mas sim de revelações da mais alta importância e do mais alto interesse que tenho a fazer ao governo.

— Lá vamos nós... — disse em voz baixa o governador ao inspetor.

— É por isso que fico feliz em vê-lo — continuou o abade —, apesar de o senhor ter me distraído em um cálculo muito importante: se der certo, talvez mude o sistema de Newton. Pode me fazer o favor de conceder-me uma entrevista particular?

— Hein?! O que foi que eu lhe disse? — perguntou o governador ao inspetor.

— Conhece o seu pessoal... — respondeu este último, sorrindo. Então, dirigindo-se a Faria: — Senhor — disse ele —, o que me pede é impossível.

— Entretanto, senhor — prosseguiu o abade —, e se for para fazer o governo ganhar uma quantia enorme?... Por exemplo, uma quantia de cinco milhões?

— Nossa — disse o inspetor, voltando-se por sua vez para o governador —, o senhor adivinhou até a quantia...

— Então, vejamos — disse o abade, percebendo que o inspetor fazia menção de retirar-se —, não é necessário que fiquemos absolutamente sozinhos... O senhor governador vai poder assistir à nossa conversa...

— Meu caro senhor — disse o governador —, infelizmente já sabemos de cor o que vai nos dizer. Trata-se de seus tesouros, não é verdade?

Faria olhou aquele brincalhão com olhos em que um observador desinteressado certamente veria brilhar a luz da razão e da verdade.

— Claro — disse ele —, de que mais quer que eu fale, além disso?

— Senhor inspetor — continuou o governador —, posso lhe contar essa história tão bem quanto o abade, pois há quatro ou cinco anos ela me esquentava as orelhas.

— Isso prova, senhor governador — disse o abade —, que o senhor é como aquelas pessoas de que fala a Escritura, que têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem.³³

— Meu caro senhor — disse o inspetor —, o governo é rico e graças a Deus não precisa de seu dinheiro... Então, guarde-o para o dia em que sair da prisão.

Os olhos do abade dilataram-se; ele agarrou a mão do inspetor.

— Mas e se eu não sair da prisão? — disse ele. — Se, contra toda e qualquer justiça, me retiverem neste calabouço, se eu morrer sem legar o meu segredo a ninguém, esse tesouro vai se perder? Não é melhor o governo aproveitá-lo, e eu também? Posso chegar a até seis milhões, senhor... Sim, vou ceder seis milhões, vou me contentar com o resto, se quiserem me devolver a liberdade.

— Juro — disse o inspetor em voz baixa —, se não soubéssemos que esse homem está louco... Ele fala num tom tão convencido, pensaríamos que está dizendo a verdade.

— Eu não sou louco, senhor, estou falando a verdade — disse Faria, que com os seus ouvidos aguçadíssimos, como só os prisioneiros os têm, não perdera uma única palavra do inspetor. — Esse tesouro de que falo existe realmente; ofereço-me para assinar um acordo com o senhor: então me levará ao local indicado por mim... Cavarão a terra diante dos nossos olhos e, se eu estiver mentindo, se não encontrarem nada, se eu for louco, como diz, pois bem...: então, devolva-me a essa mesma masmorra; aqui ficarei eternamente, aqui vou morrer, sem nada mais pedir ao senhor, nem a ninguém.

O governador começou a rir.

— Fica muito longe, o seu tesouro? — perguntou ele.

— A cem léguas daqui, mais ou menos — disse Faria.

— A coisa não é mal imaginada... — disse o governador. — Se todos os prisioneiros quisessem se divertir passeando cem léguas com os seus guardas, se os guardas concordassem em fazer

passeios assim, seria uma excelente oportunidade para os prisioneiros darem no pé na primeira ocasião... E numa viagem dessas a ocasião não deixaria de se apresentar.

— É uma maneira de fugir bem conhecida — disse o inspetor —: esse senhor não teve sequer o mérito de inventá-la.

Então, dirigindo-se ao abade: — Eu lhe perguntei se é bem alimentado — disse ele.

— Senhor — respondeu Faria —: jure-me pelo Cristo libertar-me, se eu disse a verdade, e lhe conto o lugar em que o tesouro está enterrado.

— É bem alimentado?! — repetiu o inspetor.

— Senhor, assim não se arrisca a nada, veja bem, não é para que eu tenha uma chance de fugir, pois vou ficar na prisão, enquanto o senhor faz a viagem.

— Não respondeu à minha pergunta — replicou o inspetor, impaciente.

— Nem o senhor à minha proposta — exclamou o abade. — Então, maldito seja, como os outros insensatos que não quiseram acreditar em mim! Se não querem o meu ouro, eu o guardarei... Se me recusam a liberdade, Deus me dará a liberdade. Vão, não tenho mais nada a lhes dizer.

E, livrando-se de sua coberta, o abade retomou o seu pedaço de gesso e voltou a sentar-se no meio de seu círculo, onde continuou a traçar as suas linhas e os seus cálculos.

— O que ele está fazendo? — perguntou o inspetor, retirando-se.

— Está contando os seus tesouros... — respondeu o governador.

Faria respondeu ao sarcasmo com um olhar cheio de supremo desprezo.

Eles saíram. O carcereiro fechou a porta atrás deles.

— Talvez ele realmente tenha tido alguns tesouros — disse o inspetor, subindo a escada.

— Ou então talvez tenha sonhado que os tinha — respondeu o governador — e no dia seguinte tenha acordado louco.

— Realmente — disse o inspetor, com a simplicidade da corrupção —, se fosse rico, não estaria na cadeia.

Assim terminou a aventura para o abade Faria. Ele continuou prisioneiro e, depois dessa visita, a sua fama de louco divertido aumentou ainda mais.

Calígula ou Nero — esses grandes caçadores de tesouros, a querer poder o impossível — dariam ouvidos às palavras desse pobre homem, concederiam o ar que ele queria, o espaço estimado a tão alto preço e a liberdade pela qual ele pagaria tão caro. Mas os reis de nossos dias, mantendo-se no limite do provável, já não têm a audácia da vontade; temem a orelha a escutar as suas ordens, o olho a desvendar as suas ações; já não se sentem mais superiores pela sua essência divina: são homens coroados, nada mais. Antigamente, acreditavam ser, ou ao menos diziam ser filhos de Júpiter, conservando algo das características do deus que era seu pai: não se controla facilmente o que se passa além das nuvens; hoje é mais fácil ver os reis de perto. Ora, assim como sempre horrorizou ao governo despótico mostrar à luz do dia os efeitos da prisão e da tortura — assim como é raro uma vítima das Inquisições reaparecer com os seus ossos quebrados e as suas feridas sangrentas —, assim também a loucura, essa úlcera que nasce na abjeta lama dos calabouços, como resultado das torturas morais, quase sempre é cuidadosamente escondida no lugar onde surge, ou, se de lá sai, enterra-se em algum hospício sombrio, onde os médicos já não reconhecem, nas ruínas informes entregues pelo carcereiro fatigado, nem o homem, nem o pensamento.

O abade Faria, enlouquecido na prisão, estava condenado por sua própria loucura a uma prisão perpétua.

Quanto a Dantès, o inspetor manteve a sua palavra. Ao subir à sala do governador, quis ver o registro de prisão. A nota sobre o prisioneiro era assim: EDMOND DANTÈS { Furioso bonapartista; participou ativamente do retorno da ilha de Elba. Manter no mais alto sigilo, sob a mais estreita vigilância.

Essa nota tinha letra e tinta diferentes do restante do registro, o que provava ter sido acrescentada depois da prisão de Dantès.

A acusação era enfática demais para que se tentasse combatê-la. Então o inspetor escreveu, abaixo da chave: “Nada a fazer.”

Essa visita tinha, por assim dizer, reavivado Dantès; desde que entrara na prisão, esquecera-se de contar os dias; mas o inspetor mencionara uma nova data e Dantès não a esquecera. Então, escreveu na parede, com um pedaço de gesso arrancado do teto: — *30 de julho de 1816.* — E, a partir desse momento, fez um traço a cada dia, para não mais perder a noção do tempo.

Os dias se passaram, depois as semanas, depois os meses: Dantès não parava de esperar; primeiro imaginara que estaria livre em quinze dias. Se o inspetor dedicasse a seu caso metade do interesse que demonstrara, quinze dias lhe bastariam. Transcorridos esses quinze dias, Dantès pensou que seria absurdo imaginar que o inspetor se ocuparia de seu caso antes de voltar a Paris; ora, ele só poderia voltar a Paris depois de terminar a sua inspeção, e a sua inspeção poderia durar um mês, dois meses: então estabeleceu um prazo de três meses, em vez de quinze dias. Transcorridos três meses, outro cálculo veio em seu socorro: então calculou seis meses; transcorridos seis meses, ao fazer as contas, um dia depois do outro, descobriu que já esperara dez meses e meio. Nesses dez meses, nada mudara no regime de sua prisão; nenhuma novidade consoladora lhe chegara; o carcereiro interrogado estava mudo, como de hábito. Dantès começou a desconfiar de seus sentidos, a achar que o que ele imaginava ser uma lembrança de sua memória não era mais do que uma alucinação de seu cérebro — aquele anjo consolador que aparecera em sua cela teria descido nas asas de um sonho.

Ao final de um ano, o governador do presídio foi substituído, pois conseguira a direção do forte de Ham; levou consigo vários subordinados, entre eles o carcereiro de Dantès. Chegou o novo governador; para ele, seria muito difícil decorar os nomes de todos os prisioneiros: guardou apenas os seus números. Nesse horrível hotel havia cinquenta celas; os seus habitantes passaram a ser chamados pelo número da cela que ocupavam — o infeliz jovem

deixou de ser chamado por seu prenome, Edmond, ou por seu sobrenome, Dantès: passou a se chamar nº 34.

XV. O NÚMERO 34 E O NÚMERO 27

Dantès passou por todos os estágios da desgraça que esmaga os prisioneiros esquecidos em uma prisão.

Ele começou pelo orgulho, que era uma continuação da esperança e uma consciência de sua inocência; depois chegou até a duvidar de sua inocência — o que não deixava de justificar as opiniões do governador sobre a sua alienação mental; enfim, caiu do alto de seu orgulho, suplicou — não ainda a Deus, mas aos homens; Deus é o último recurso. O infeliz, que deveria começar pelo Senhor, só começou a esperar Dele depois de esgotar todas as demais esperanças.

Então Dantès suplicou que tivessem a bondade de tirá-lo daquele calabouço para colocá-lo em outro, mesmo que mais escuro e profundo. Uma mudança, mesmo que para pior, era sempre uma mudança — distrairia Dantès por alguns dias. Suplicou que lhe concedessem o passeio, o ar, livros, instrumentos. Nada disso lhe foi concedido; mas não importava, ele não parava de pedir. Acostumara-se a falar com o novo carcereiro, embora ele fosse — se é que isso era possível — mais mudo do que o anterior; mas falar com um homem, mesmo com um mudo, ainda era um prazer. Dantès falava para ouvir o som da própria voz: tentara falar quando estava sozinho; mas então tivera medo.

Muitas vezes, no tempo em que ainda estava em liberdade, Dantès imaginara com espanto aquelas celas de prisioneiros, cheias de vagabundos, bandidos e assassinos, cujos prazeres ignóbeis uniam estranhas orgias a amizades assustadoras. Mas então chegou a desejar ser jogado numa daquelas alcovas, para ver outros rostos além do daquele carcereiro impassível que se recusava a falar; invejava os trabalhos forçados, com o seu infame uniforme, a corrente no pé, a marca no ombro. Ao menos os

galerianos viviam com os seus semelhantes, respiravam o ar, viam o céu: os galerianos é que eram felizes.

Certo dia, Edmond suplicou ao carcereiro que lhe arrumasse um companheiro — qualquer companheiro, mesmo que fosse aquele abade louco de quem ouvira falar. Sob a couraça do carcereiro, por mais rude que ele seja, sempre resta um pouco do homem. Este, embora o seu rosto não demonstrasse, no fundo do coração sempre lamentara a sorte do jovem infeliz, para quem o cativo era tão duro; transmitiu o pedido do nº 34 ao governador; mas este, tão prudente quanto se fosse um político, imaginou que Dantès queria amotinar os prisioneiros, tramar alguma conspiração, tentar fugir com a ajuda de um amigo: recusou.

Dantès esgotara o círculo dos recursos humanos. Como previmos que iria acontecer, voltou-se então para Deus.

Todas as devotas ideias espalhadas pelo mundo, adotadas pelos infelizes vencidos pelo destino, vieram então reanimar o seu espírito; lembrou-se das orações que a mãe lhe ensinara e encontrou nelas um sentido até então ignorado; pois para o homem feliz a oração vem a ser um período monótono e vazio de sentido, até o dia em que o sofrimento explica ao desgraçado a sublime linguagem mediante a qual ele fala a Deus.

Então rezou, não com fervor, mas com raiva. Rezando em voz alta, já não tinha medo de suas palavras; então caía numa espécie de êxtase; via Deus manifestar-se em cada palavra que pronunciava; atribuía cada ato de sua vida humilde e perdida à vontade daquele Deus poderoso, extraía lições, propunha-se tarefas a realizar e, ao fim de cada oração, acrescentava o pedido interesseiro que os homens dirigem mais aos homens do que a Deus: e perdoa as nossas ofensas, assim como nós perdoamos os que nos têm ofendido.³⁴

Apesar de suas preces fervorosas, Dantès permaneceu prisioneiro.

Então o seu espírito tornou-se sombrio, uma nuvem se adensou diante de seus olhos. Dantès era um homem simples e sem cultura; para ele, o passado permanecia coberto por aquele véu sombrio

que o conhecimento soergue. Na solidão de seu calabouço, no deserto de seu pensamento, não conseguia reconstruir os tempos passados, reanimar os povos extintos, reerguer as cidades antigas que a imaginação agiganta e poetiza, que passam diante dos olhos, imensas e iluminadas pelos fogos celestes como os quadros babilônicos de Martin;³⁵ ele só dispunha de um passado tão breve, de um presente tão sombrio, de um futuro tão duvidoso: talvez, dezenove anos de luz para meditar durante uma noite eterna! Nenhuma distração poderia então vir em seu auxílio: o seu espírito enérgico, que adoraria alçar voo através dos tempos, era obrigado a permanecer prisioneiro como uma águia em uma gaiola. Então ele se agarrava a uma ideia: a da felicidade destruída sem motivo aparente, por estranha fatalidade; essa ideia obcecava-o: virava-a, revirava-a em todas as suas faces, devorava-a por assim dizer com dentes vorazes, como o impiedoso Ugolino devora o crânio do arcebispo Roger,³⁶ no inferno de Dante. Dantès só tivera uma fé passageira, baseada no poder; perdeu-a, como outros a perdem, depois do sucesso. Mas não a aproveitara.

A fúria sucedeu ao ascetismo. Edmond lançava blasfêmias que levavam o carcereiro a recuar de horror — feria o corpo contra as paredes da prisão, tinha acessos de fúria contra tudo o que o cercava, principalmente contra si mesmo, à menor contrariedade provocada por um grão de areia, por um fio de palha, por um sopro de ar. Então aquela carta-denúncia que ele havia visto, que Villefort lhe mostrara, que chegara a tocar, voltava-lhe ao espírito: via cada linha inscrita em chamas na parede, como o *Mane, Tecel, Parsin* de Baltazar.³⁷ Dizia a si mesmo: havia sido o ódio dos homens, não a vingança de Deus, que o mergulhara no abismo em que se encontrava; desejava àqueles desconhecidos todos os suplícios imaginados pela sua ardente imaginação; achava que para eles os mais terríveis suplícios seriam brandos demais, sobretudo breves demais; pois o suplício era sucedido pela morte; e na morte encontrava-se, se não o repouso, ao menos algo semelhante — a insensibilidade.

De tanto pensar que, para os seus inimigos, a calma seria a morte, e quem deseja punir cruelmente precisa recorrer a outros meios além da morte, Dantès caiu na morna imobilidade das ideias de suicídio: pobre de quem, impulsionado pela desgraça, detém-se diante dessas ideias sombrias. Eis um dos mares mortos que se estendem como o azul das ondas puras, mas onde o nadador sente cada vez mais os pés se atolarem em uma areia movediça que o atrai, aspira-o, devora-o. Uma vez atraído dessa maneira, se o socorro divino não vier em seu auxílio, tudo está acabado — cada esforço que ele tenta fazer mergulha-o mais e mais na morte.

Entretanto, esse estado de agonia moral é menos terrível do que o sofrimento a precedê-lo, do que o castigo a talvez sucedê-lo; ele é uma espécie de consolação vertiginosa, a mostrar o abismo imenso, mas ao fundo do abismo o nada. Ali chegando, Edmond encontrou algum consolo nessa ideia: todas as suas dores, todos os seus sofrimentos, bem como o cortejo de espectros que arrastava consigo, pareciam alçar voo naquele canto da prisão onde o anjo da morte podia pousar o seu pé silencioso: Dantès contemplou com calma a sua vida passada, com terror a sua vida futura e escolheu o meio-termo que lhe parecia ser um lugar de asilo.

— Às vezes — disse a si mesmo então —, em minhas longas viagens, quando eu ainda era um homem, quando esse homem, livre e poderoso, dava a outros homens ordens que eram cumpridas, vi o céu se cobrir, o mar estremecer e rugir, a tempestade nascer em um canto do céu e, como uma águia gigantesca, tocar ambos os horizontes, com ambas as suas asas; então percebi que o meu navio não era mais do que um frágil refúgio, pois o meu navio, leve como uma pluma nas mãos de um gigante, tremia e arrepiava-se todo. Logo, aos sons apavorantes das ondas imensas, a visão dos rochedos afiados anunciava-me a morte, e a morte me aterrava, e eu fazia todos os esforços para escapar dela, e reunia todas as forças do homem, toda a inteligência do marinheiro, para lutar com Deus!... Porque então eu era feliz: regressar à vida era regressar à felicidade; aquela morte, eu não a chamara, não a escolhera; enfim aquele sono, naquele leito de algas e de pedras, me parecia duro demais; eu me

indignava, eu que acreditava ser uma criatura feita à imagem e semelhança de Deus: depois da morte, servir de comida às gaivotas e aos abutres? Mas agora é diferente: perdi tudo o que me levava a amar a vida, agora a morte me sorri como uma ama de leite à criança que vai embalar; mas agora eu morreria com vontade, durmo cansado e quebrado, como dormia naquelas noites de desespero e de raiva, quando dava três mil voltas ao redor de meu quarto, andava trinta mil passos, cerca de dez léguas.

Assim que esse pensamento germinou no espírito do jovem, ele tornou-se mais manso, mais sorridente, aceitou melhor a cama dura e o pão preto, comeu menos, não dormiu mais, achou quase suportável aquele resto de existência que certamente deixaria quando bem entendesse, como se deixa a roupa usada.

Havia duas maneiras de morrer: uma era simples — vinha a ser amarrar o lenço em uma barra da janela e enforcar-se; a outra vinha a ser fingir comer e deixar-se morrer de fome. A primeira era bem repugnante a Dantès. Crescera em meio ao horror aos piratas, gente que se enforca nas vergas dos navios; assim o enforcamento vinha a ser para ele uma espécie de suplício infame, que não queria infligir a si mesmo; então escolheu a outra maneira e começou a executá-la no mesmo dia.

Em meio às reviravoltas que contamos, cerca de quatro anos haviam se passado. Ao final do segundo ano, Dantès deixara de contar os dias, voltara àquela ignorância do tempo da qual o inspetor o tirara.

Dantès dissera: — “Quero morrer” — e escolhera a forma de morte; então, estava bem resolvido e, com medo de voltar atrás em sua decisão, jurara a si mesmo morrer daquela maneira. — “Quando me servirem a refeição matinal e a refeição noturna”, pensara, “vou jogar a comida pela janela e fingir que comi.”

Agiu como se prometera agir. Duas vezes por dia, através da pequena abertura entre as grades que mal lhe deixava ver o céu, jogava a sua comida, a princípio alegremente, depois decidido, depois arrependido; precisava lembrar o juramento que se fizera para ter forças de continuar a cumprir a sua terrível decisão. Os mesmos alimentos que antes lhe pareciam repugnantes, a fome,

com os seus dentes afiados, levava-o a achar deliciosos aos olhos, tentadores ao olfato: às vezes segurava durante uma hora o prato que continha aquelas delícias, com o olhar fixo no pedaço de carne passada, no peixe infecto, no pão preto mofado. Eram os últimos instintos de vida a lutar em seu interior, e a de vez em quando abalar a sua decisão. Então o seu calabouço não lhe parecia assim tão sombrio, a sua situação lhe parecia menos desesperadora: ainda era jovem, devia ter vinte e cinco ou vinte e seis anos, ainda lhe restavam mais cinquenta anos de vida pela frente — ou seja, duas vezes mais do que já vivera. Durante esse imenso lapso de tempo, quantos acontecimentos não poderiam arrombar as portas, derrubar as muralhas do castelo de If, devolver-lhe a liberdade! Então aproximava os dentes da comida que, como Tântalo voluntário, afastava da própria boca; mas então a lembrança de seu juramento voltava-lhe ao espírito, a sua generosa natureza tinha muito medo de desprezar-se a si mesma por faltar ao juramento. Então consumiu, rigoroso e implacável, o pouco de vida que lhe restava — até que um dia já não teve mais forças para levantar-se e atirar pela janela o jantar que lhe traziam.

No dia seguinte, já não via, mal ouvia; o carcereiro pensou tratar-se de uma doença grave; Edmond esperava uma morte próxima.

O dia passou assim: Edmond sentia-se dominado por vago entorpecimento — que não deixava de ser certo bem-estar. Os movimentos nervosos de seu estômago tinham se acalmado; os ardores de sua sede tinham diminuído; quando fechava os olhos, via uma multidão de luzes brilhantes como fogos-fátuos a correr à noite em terrenos pantanosos: era o crepúsculo desse país desconhecido que se chama morte.

De repente, à noite, ao redor das nove horas, Dantès ouviu um ruído surdo na parede, perto de onde estava deitado.

Tantos animais imundos faziam ruídos naquela prisão que aos poucos Edmond acostumara o seu sono a não se perturbar por tão pouco; mas dessa vez, fosse porque os sentidos estavam exaltados pela abstinência, fosse porque realmente o barulho era mais forte que de costume, fosse porque naquele momento supremo tudo ganha importância, Edmond soergueu a cabeça para ouvir melhor.

Era um arranhar sempre igual, que parecia denunciar uma garra enorme, ou poderoso dente, ou enfim a pressão de algum instrumento sobre as pedras.

Embora enfraquecido, o cérebro do jovem foi tomado por essa banal ideia constantemente apresentada ao espírito dos prisioneiros — a liberdade. O ruído chegava exatamente no momento em que todos os ruídos iriam cessar para ele — parecia-lhe que Deus enfim sentira piedade de seus sofrimentos e enviava-lhe tal ruído para que ele se detivesse à beira do túmulo onde o seu pé já vacilava. Quem sabe um de seus amigos, um daqueles seres bem-amados em quem sempre pensava ao infinito, não se ocupava dele nesse momento, não buscava diminuir a distância que os separava?

Mas não, sem dúvida Edmond se enganava, era um daqueles sonhos que flutuam às portas da morte.

Todavia, Edmond continuava a ouvir o ruído: o ruído durou cerca de três horas, depois Edmond ouviu uma espécie de desmoronamento, depois o ruído cessou.

Horas depois, voltou mais forte e mais próximo. Edmond já se interessava por aquele trabalho que lhe fazia companhia; de repente, o carcereiro chegou.

Uma semana depois que decidira morrer — quatro dias depois de começar a executar esse plano —, Edmond não dirigira a palavra ao carcereiro, não lhe respondera quando ele perguntara de que doença julgava sofrer, voltando-se para a parede quando era olhado com muita atenção. Mas naquele dia o carcereiro poderia ouvir aquele ruído surdo, alarmar-se, dar-lhe um fim, destruindo assim não sei que esperança a encantar os últimos momentos de Dantès.

O carcereiro trazia o desjejum.

Dantès soergueu-se em seu leito e, erguendo a voz, começou a falar de todos os assuntos possíveis: a má qualidade da comida que ele trazia, o frio que o afligia no calabouço, reclamando e censurando para ter o direito de falar mais alto, enchendo a paciência do carcereiro, que justamente naquele dia pedira para o prisioneiro enfermo uma sopa e pão fresco, e que lhe trazia a sopa e o pão.

Felizmente, ele imaginou que Dantès estivesse delirando; colocou a comida em cima da terrível mesa manca onde sempre a colocava e retirou-se.

Então, livre, Edmond voltou a escutar com alegria.

O ruído tornara-se tão nítido que agora o jovem o ouvia sem esforço.

— Não há dúvida — disse a si mesmo —, se esse ruído continua, mesmo à luz do dia, é porque algum prisioneiro infeliz como eu trabalha para se libertar. Ah, se eu estivesse ao lado dele, como o ajudaria!

Então, de repente, uma nuvem sombria cobriu a aurora de esperança naquele cérebro acostumado à desgraça, que dificilmente poderia livrar-se às alegrias humanas; logo surgiu a ideia de que o barulho poderia ser causado pelo trabalho de operários que o governador contratara para reparar alguma cela vizinha.

Era fácil livrar-se da dúvida, mas como arriscar uma pergunta? Certamente seria muito fácil esperar a chegada do carcereiro, deixá-lo ouvir o ruído, ver a cara que faria ao escutá-lo; mas dar-se tal prazer não seria trair interesses muito preciosos por prazer tão breve? Infelizmente, a cabeça de Edmond, sino vazio, estava ensurdecida pela vibração de uma ideia; ele estava tão fraco que o seu espírito flutuava como vapor; não conseguia concentrar-se em um só pensamento. Edmond só viu um meio de dar clareza à sua reflexão, lucidez a seu juízo: voltou os olhos para o caldo ainda fumegante que o carcereiro acabara de colocar sobre a mesa, levantou-se, cambaleou até ela, pegou a tigela, levou-a aos lábios, engoliu o líquido que ela continha com indescritível sensação de bem-estar.

Então teve coragem de se controlar: ouvira dizer que infelizes náufragos salvos, morrendo de fome, tinham morrido por ter gulosamente devorado um prato muito substancial. Edmond pousou na mesa o pão que quase já levava à boca e foi deitar-se. Edmond não queria morrer.

Logo sentiu que a luz do dia voltava a seus sentidos; todas as suas ideias vagas e quase incompreensíveis retomavam o seu lugar

naquele maravilhoso tabuleiro de xadrez onde uma casa a mais pode bastar para estabelecer a superioridade do homem sobre os animais. Conseguiu pensar e fortalecer o seu pensamento com o raciocínio.

Então disse a si mesmo:

— É preciso fazer o teste, mas sem comprometer ninguém. Se esse trabalhador for um operário do presídio, assim que eu bater contra a minha parede ele vai parar o seu trabalho para tentar adivinhar quem bate e por que bate. Mas como o seu trabalho é não só permitido, mas também encomendado, logo vai voltar à sua obra. Se, ao contrário, for um prisioneiro, o ruído que eu fizer o assustará; ficará com medo de ser descoberto; vai parar a sua obra e só vai retomá-la à noite, quando achar que todo mundo já está deitado, dormindo.

Logo Edmond levantou-se de novo. Dessa vez as suas pernas já não vacilavam, os seus olhos já não se ofuscavam. Andou até um canto da cela, destacou uma pedra minada pela umidade e bateu-a contra a parede, precisamente no lugar em que os ruídos eram mais fortes.

Bateu três vezes.

À primeira pancada, os ruídos cessaram, como por encanto.

Edmond escutou com toda a sua alma. Uma hora se passou, duas horas se passaram, nenhum novo ruído se fez ouvir; Edmond provocara um silêncio absoluto do outro lado do muro.

Cheio de esperança, Edmond comeu alguns pedaços de pão, engoliu alguns goles d'água e, graças à poderosa constituição com que a natureza o dotara, achou-se quase tão forte quanto antes.

O dia terminou, o silêncio continuava.

A noite veio, o barulho não recomeçou.

— É um prisioneiro! — pensou Edmond, com inexprimível alegria.

Então a sua cabeça se abrasou — a vida voltou-lhe violentamente, com toda a força da atividade.

A noite passou sem que se ouvisse o menor ruído.

Nessa noite Edmond não fechou os olhos.

O dia raiou; o carcereiro voltou, trazendo a comida. Edmond já devorara a anterior; devorou também a nova, escutando sem cessar aquele ruído que não retornava, temendo que ele tivesse cessado para sempre, andando dez ou doze léguas em seu calabouço, sacudindo durante horas inteiras as barras de ferro de seu respiradouro, devolvendo a elasticidade e o vigor a seus membros mediante um exercício esquecido há muito tempo, dispondo-se enfim a retomar a luta corpo a corpo contra o destino por vir, como faz o lutador que vai entrar na arena, alongando os seus braços e esfregando o seu corpo com óleo. Então, nos intervalos dessa atividade febril, tentava ouvir se o ruído não retornava; impacientava-se com a prudência daquele prisioneiro que não adivinhava: tinha sido desviado da sua obra de liberdade por outro prisioneiro, que tinha ao menos tanta pressa de libertar-se quanto ele.

Três dias se passaram, setenta e duas horas fatais, contadas minuto a minuto.

Enfim, certa noite, quando o carcereiro acabara de fazer a sua última visita, quando pela centésima vez Dantès colara o ouvido ao muro, pareceu-lhe que um abalo imperceptível repercutia surdamente em sua cabeça, em contraste com as pedras silenciosas.

Dantès recuou para acalmar o seu cérebro abalado, deu algumas voltas pela cela, voltou a colar o ouvido no mesmo lugar.

Já não havia mais dúvida: fazia-se algo do outro lado; o prisioneiro percebera o perigo de sua obra e a modificara, sem dúvida para continuá-la com mais segurança, substituindo a alavanca pelo cinzel.

Animado pela descoberta, Edmond resolveu ajudar o infatigável trabalhador. Começou afastando a cama: atrás dela é que parecia realizar-se a obra de libertação; procurou com os olhos um objeto que lhe permitisse raspar a parede, derrubar o cimento úmido e finalmente soltar uma pedra.

Não achou nada. Não tinha faca nem instrumento cortante; de ferro, só as barras da janelinha, e tantas vezes se assegurara de

que as barras estavam bem fixadas que nem mesmo valia a pena tentar sacudi-las.

Toda a sua mobília era uma cama, uma cadeira, uma mesa, um balde, um cântaro.

Na cama bem que havia traves de ferro, mas elas eram presas à madeira por parafusos. Seria preciso uma chave de fenda para soltar os parafusos e arrancar as traves.

Na mesa e na cadeira, nada. O balde já tivera uma alça, mas a alça fora retirada.

Dantès só tinha um recurso: quebrar o cântaro e, com uma lasca afiada de arenito, lançar mãos à obra.

Deixou o cântaro cair no chão — o cântaro desfez-se em pedaços.

Dantès escolheu algumas lascas afiadas, escondeu-as na enxerga da cama, deixou as outras espalhadas pelo chão. A quebra de um cântaro era um acidente tão banal que ninguém desconfiaria de nada.

Edmond tinha a noite inteira para trabalhar; mas no escuro a obra ia mal, pois era preciso trabalhar tateando: logo percebeu que danificava o instrumento informe contra a pedra muito dura. Então colocou a cama no lugar e esperou amanhecer. Ao lado da esperança, voltara-lhe a paciência.

A noite inteira ele escutou e ouviu o mineiro desconhecido a continuar a sua obra subterrânea.

O dia raiou, o carcereiro entrou. Dantès disselhe que na véspera, bebendo direto do cântaro, este escapara de suas mãos e quebrara-se ao cair. Resmungando, o carcereiro foi buscar um novo cântaro, sem nem mesmo se dar ao trabalho de levar os cacos da velha jarra.

Voltou instantes depois, recomendou mais cuidado ao prisioneiro e saiu.

Dantès escutou com inefável alegria o ranger da fechadura que antes, sempre que se fechava, apertava-lhe o coração. Escutou o barulho de passos a afastar-se; então, quando cessou o barulho, correu à sua caminha, empurrou-a e, à luz do frágil raio de sol a penetrar em seu calabouço, conseguiu ver o trabalho inútil que

fizera na noite anterior, tentando raspar a pedra em vez de raspar o gesso que a cercava.

A umidade tornara aquele gesso quebradiço.

Com o coração a bater de alegria, Dantès viu que aquele gesso desmanchava-se em pedacinhos; os fragmentos eram quase átomos, é verdade; entretanto, ao cabo de meia hora, Dantès arrancara um punhado. Um matemático poderia calcular: em cerca de dois anos desse trabalho, supondo que não se encontrasse pedra, seria possível cavar um túnel de setenta centímetros de largura e sete metros de comprimento.

Então o prisioneiro lamentou não ter empregado naquele trabalho as longas horas sucessivamente transcorridas, as horas cada vez mais lentas, perdidas na esperança, na oração e no desespero.

Havia cerca de seis anos estava encerrado nesse calabouço — que trabalho, por mais lento que fosse, já não estaria concluído?

Essa ideia deu-lhe novo ânimo.

Em três dias, conseguiu, com precauções extraordinárias, remover todo o cimento e desnudar a pedra: a muralha era feita de pequenas pedras fabricadas, entre as quais, para reforçar a solidez, de vez em quando havia uma pedra cortada. Era uma dessas pedras cortadas que ele quase raspava e que agora era preciso abalar em seu alvéolo.

Dantès tentou com as unhas, mas as suas unhas eram impotentes para tanto.

As lascas do cântaro introduzidas nas fendas quebravam-se quando Dantès tentava usá-las como alavanca.

Depois de uma hora de inúteis esforços, Dantès levantou-se com suor e angústia na testa.

Então desistiria assim, logo no início? Seria preciso esperar, inerte, inútil, que o seu vizinho, do outro lado, talvez esgotado, fizesse tudo?

Então uma ideia lhe passou pelo espírito; ficou de pé, sorrindo; a fronte úmida de suor secou sozinha.

Todos os dias, o carcereiro trazia a sopa de Dantès em uma caçarola de latão. A caçarola continha a sua sopa e a de outro

prisioneiro, pois Dantès percebera que ou a caçarola estava cheia, ou pela metade, conforme o guarda comesse a distribuí-la por ele ou por seu companheiro.

A caçarola tinha um cabo de ferro; era esse cabo de ferro que Dantès cobiçava: por ele pagaria, se lhe pedissem, dez anos de sua vida.

O carcereiro derramava o conteúdo da caçarola no prato de Dantès. Depois de tomar a sua sopa com uma colher de madeira, Dantès lavava o prato, que assim era usado diariamente.

À noite, Dantès colocou o prato no chão, a meio caminho entre a porta e a mesa; ao entrar, o carcereiro pisou no prato e quebrou-o em mil pedaços.

Dessa vez, não havia nada a dizer contra Dantès: ele cometera o erro de deixar o prato no chão, é verdade, mas o carcereiro cometera o erro de não olhar por onde andava.

Então o carcereiro limitou-se a resmungar.

Depois procurou ao redor onde colocar a sopa; a baixela de Dantès limitava-se àquele único prato: não havia escolha.

— Deixe a caçarola — disse Dantès —, o senhor pode pegá-la amanhã, quando trazer o meu desjejum.

Esse conselho agradou a preguiça do carcereiro, que assim não precisaria subir, descer e subir de novo.

Ele deixou a caçarola.

Dantès vibrou de alegria.

Dessa vez, comeu animadamente a sopa e a carne que, conforme é hábito nas prisões, colocam na sopa. Então, depois de esperar uma hora para ter certeza de que o carcereiro não mudaria de ideia, afastou a cama, pegou a caçarola e introduziu a ponta do cabo entre a pedra cortada — já sem argamassa — e as pedras vizinhas, usando o cabo como alavanca.

Leve oscilação mostrou a Dantès que a obra progredia.

De fato, ao cabo de uma hora, a pedra era arrancada da parede, onde deixou um buraco de quase meio metro de diâmetro.

Dantès recolheu com cuidado toda a argamassa, levou-a a um canto da cela, cavou a terra cinza com uma lasca de seu cântaro e cobriu a argamassa com terra.

Então, querendo aproveitar aquela noite em que o acaso — ou melhor, o sábio plano que imaginara — colocara em suas mãos um instrumento tão precioso, continuou a cavar com vontade.

Ao raiar do dia, recolocou a pedra em seu buraco, encostou a cama à parede e deitou-se.

O desjejum consistia em um pedaço de pão: o carcereiro entrou e colocou o pedaço de pão sobre a mesa.

— E então? Não vai me trazer outro prato? — perguntou Dantès.

— Não... — disse o guarda. — Você quebra tudo, destruiu o seu cântaro, me fez quebrar o seu prato... Se todos os prisioneiros fizessem tanto estrago, o governo não daria conta de mantê-los. Fique com a caçarola, vou derramar a sua sopa dentro dela, assim talvez você não quebre a sua louça.

Dantès ergueu os olhos ao céu e juntou as mãos sob a coberta.

Essa peça de ferro que lhe deixavam fazia nascer em seu coração um sentimento de gratidão aos céus mais intenso do que lhe provocaram em sua vida passada as maiores dádivas que recebera.

Mas percebera: desde que começara a trabalhar, o outro prisioneiro já não trabalhava.

Não importava, não era motivo para interromper a sua tarefa; se o vizinho não vinha até ele, ele iria até o vizinho.

Trabalhou o dia inteiro sem parar; graças ao novo instrumento, à noite já tinha extraído do muro mais de dez punhados de entulho de pedras, gesso e argamassa.

Quando chegou a hora da visita, endireitou o melhor possível o cabo torcido da caçarola e colocou-a no lugar costumeiro. O guarda nela derramou a porção habitual de sopa e carne, ou melhor, de sopa e peixe, pois era dia magro — três dias da semana eram dias magros para os prisioneiros. O que seria mais um meio de calcular o tempo — se havia muito tempo Dantès já não tivesse abandonado o seu cálculo.

Depois de derramar a sopa, o guarda retirou-se.

Dessa vez, Dantès quis ter certeza de que realmente o vizinho cessara os seus trabalhos.

Escutou.

Tudo era silêncio, como nos três dias em que os trabalhos haviam sido interrompidos.

Dantès suspirou — evidentemente, o vizinho desconfiava dele.

Entretanto, não se desencorajou: queria trabalhar a noite inteira; mas ao cabo de duas ou três horas de empenho encontrou um obstáculo.

O ferro já não funcionava: deslizava em uma superfície plana.

Dantès apalpou o obstáculo e percebeu que atingira uma viga.

A viga atravessava, ou melhor, obstruía completamente o buraco que Dantès começara a fazer.

Agora era preciso cavar por cima ou por baixo.

O pobre jovem não imaginara esse obstáculo.

— Oh, meu Deus! Meu Deus! — exclamou ele. — Eu tinha lhe pedido tanto... Esperava que tivesse me ouvido. Meu Deus, depois de me ter tirado a liberdade da vida, meu Deus, depois de me ter tirado a calma da morte, meu Deus, por que me chamou de volta à existência? Tenha piedade de mim, não me deixe morrer no desespero!

— Quem está falando de Deus e de desespero ao mesmo tempo? — articulou uma voz que parecia surgir de baixo da terra e, abafada pela opacidade, chegava ao jovem em tom sepulcral.

Edmond sentiu os cabelos se arrepiarem — recuou, de joelhos.

— Ah — murmurou —, ouço falar um homem!

Havia quatro ou cinco anos, Edmond só ouvia falar o carcereiro; e, para o prisioneiro, o carcereiro não é um homem: é uma porta viva anexa à porta de carvalho; é uma barra de carne anexa às barras de ferro.

— Em nome dos céus! — exclamou Dantès. — Você que falou: fale de novo, ainda que sua voz tenha me aterrado... Quem é você?

— E quem é você? — perguntou a voz.

— Um pobre prisioneiro — disse Dantès, sem criar dificuldades para responder.

— De que país?

— Francês.

— Seu nome?

— Edmond Dantès.

— Profissão?

— Marinheiro.

— Há quanto tempo está aqui?

— Desde 28 de fevereiro de 1815.

— Seu crime?

— Eu sou inocente.

— Mas de que é acusado?

— De ter conspirado para o retorno do imperador.

— Como?! Para o retorno do imperador? Então o imperador já não está mais no trono?

— Ele abdicou em Fontainebleau, em 1814, e foi exilado na ilha de Elba. Mas e você, desde quando está aqui, para ignorar tudo isso?

— Desde 1811.

Dantès estremeceu; aquele homem tinha quatro anos de prisão a mais do que ele.

— Está bem, não cave mais — disse a voz, falando muito rápido.

— Mas me diga: a que altura se encontra a escavação que você fez?

— Ao nível do chão.

— Como a escondeu?

— Atrás da minha cama.

— Moveram sua cama, desde que está preso?

— Nunca.

— Para onde dá a sua cela?

— Para um corredor.

— E o corredor?

— Para o pátio.

— Que pena! — murmurou a voz.

— Oh, meu Deus, qual é o problema? — exclamou Dantès.

— É que eu me enganei... a imperfeição dos meus desenhos me iludiu... a falta de um compasso me perdeu. Dois milímetros de erro em meu plano equivalem a cinco metros na realidade: pensei que esse muro que você está cavando fosse o da cidadela!

— Mas então você sairia no mar?

— Era o que eu queria.

— E se conseguisse?

— Eu começaria a nadar, chegaria a uma das ilhas que cercam o castelo de If, isto é, à ilha de Daume, ou à ilha de Tiboulen, ou até mesmo ao litoral... então estaria salvo.

— Conseguiria nadar até lá?

— Deus me daria forças... Agora tudo está perdido.

— Tudo?

— É. Tape o seu buraco com cuidado, não trabalhe mais, não faça nada, e espere as minhas notícias.

— Ao menos, quem é você... Diga-me, quem é você?

— Eu sou... Eu sou o nº 27.

— Então não confia em mim? — perguntou Dantès.

Edmond imaginou ouvir algo como um riso amargo atravessar a abóbada e chegar até ele.

— Oh, eu sou um bom cristão — exclamou Edmond, adivinhando instintivamente que aquele homem pretendia abandoná-lo. — Juro pelo Cristo: eu morreria, mas não deixaria os seus carrascos e os meus entreverem a menor sombra da verdade. Mas em nome dos céus: não me prive de sua presença, não me prive de sua voz, ou, juro, pois já estou no fim de minhas forças, atiro-me de cabeça contra o muro, e você será o culpado pela minha morte.

— Que idade você tem? Sua voz me parece a de um jovem.

— Não sei a minha idade, pois desde que estou aqui não conto o tempo. O que sei é que eu ia fazer dezenove anos quando fui preso, no dia 28 de fevereiro de 1815.

— Ainda não completou vinte e seis anos — murmurou a voz. — Vamos: nessa idade, ainda não se é um traidor.

— Oh, não, não! Juro — repetiu Dantès. — Já lhe disse e lhe repito: deixo que me cortem em pedaços, mas não o traio.

— Fez bem em falar, fez bem em me pedir... Pois eu ia fazer outro plano e me afastar de você. Mas a sua idade me tranquiliza: vou até você, espere.

— Quando?

— Preciso calcular as nossas chances, depois eu lhe dou um sinal.

— Mas não me abandone... não me deixe só... Virá até mim, ou me permite ir até você? Nós fugiremos juntos, e, se não pudermos fugir, falaremos: você das pessoas que ama, eu das pessoas que amo. Você deve amar alguém.

— Eu sou sozinho no mundo.

— Então amaré a mim: se é jovem, serei o seu camarada; se é velho, serei o seu filho. Tenho um pai que deve ter setenta anos, se ainda vive; eu só amava a ele e a uma jovem que se chamava Mercedes. Meu pai não me esqueceu, tenho certeza... Mas ela, Deus sabe se ela ainda se lembra de mim. Eu o amarei como amava o meu pai.

— Está bem — disse o prisioneiro —, até amanhã.

Essas poucas palavras foram ditas num tom que convenceu Dantès; ele não insistiu mais; levantou-se, escondeu cuidadosamente o entulho tirado do muro, como já fizera antes, e colocou a sua cama contra a parede.

A partir de então, Dantès entregou-se inteiramente à sua felicidade; certamente já não iria mais ficar sozinho — talvez até mesmo viesse a ser livre; na pior das hipóteses, se continuasse prisioneiro, teria um companheiro; ora, o cativo compartilhado não é mais do que meio cativo. Os lamentos compartilhados são quase preces; preces que se fazem a dois são quase ações de graças.

Dantès passou o dia inteiro andando pelo calabouço, coração disparado de alegria. De vez em quando, tanta alegria o sufocava. Sentava-se em sua cama, mãos contra o peito. Ao menor ruído que ouvia no corredor, corria à porta. Uma vez ou duas, o temor de que o separassem daquele homem que não conhecia, mas que já amava como a um amigo, passou-lhe pela cabeça. Então, decidiu-se: se o carcereiro afastasse a sua cama, baixasse a cabeça para examinar o buraco, ele lhe quebraria a cabeça com a laje que ficava embaixo de seu cântaro.

Seria condenado à morte, sabia muito bem; mas já não estava quase morrendo de tédio e de desespero quando aquele ruído

milagroso o devolvera à vida?

À noite o carcereiro apareceu; Dantès estava na cama; ali, parecia-lhe guardar melhor o túnel inacabado; sem dúvida, olhou o visitante inoportuno com olhar estranho, pois este lhe disse: — Ora, vamos, vai ficar louco de novo?!

Dantès nada respondeu, temendo que a emoção da voz o traísse.

O carcereiro retirou-se, balançando a cabeça.

Naquela noite, Dantès imaginou que o vizinho aproveitaria o silêncio e a escuridão para continuar a conversa, mas se enganava; a noite passou sem que ruído algum correspondesse à sua espera febril. Mas no dia seguinte, depois da visita matutina, quando acabara de afastar a cama da parede, ouviu soarem três pancadas a intervalos regulares; ajoelhou-se.

— É você? — disse ele. — Eu estou aqui!

— O seu carcereiro já foi? — perguntou a voz.

— Já — respondeu Dantès —, só volta à noite. Temos doze horas de liberdade.

— Então posso agir? — disse a voz.

— Ah, sim, sim, sem tardar, agora mesmo, eu lhe suplico!

Logo a porção de terra onde Dantès, meio enfiado na abertura, apoiava ambas as mãos, pareceu ceder a seus pés; ele pulou para trás, enquanto uma massa de terra e de pedras soltas precipitava-se em um buraco que acabara de abrir-se abaixo da abertura que ele mesmo fizera; então, no fundo daquele buraco negro, cuja profundidade ele desconhecia, viu aparecer uma cabeça, ombros, enfim um homem inteiro, que saiu agilmente do túnel que fizera.

XVI. UM SÁBIO ITALIANO

Dantès tomou nos braços aquele novo amigo, esperado por tanto tempo, com tanta impaciência, e levou-o à janela, para que a mínima luz a penetrar no calabouço o iluminasse inteiramente.

Ele era um personagem de pequena estatura, cabelos embranquecidos pelo sofrimento, mais do que pela idade, olhos

penetrantes escondidos em densas sobranceiras a embranquecer, barba ainda negra a descer até o peito: o rosto magro — cavado por rugas profundas — e a linha ousada de seus traços característicos revelavam um homem mais habituado a praticar as faculdades morais do que as forças físicas. A testa do recém-chegado estava coberta de suor.

Era impossível distinguir as formas primitivas de suas roupas, pois elas estavam em farrapos.

Parecia ter ao menos sessenta e cinco anos, embora certo vigor em seus movimentos indicasse que ele talvez tivesse menos anos do que os sugeridos pelo longo cativeiro.

Acolheu com certo prazer as entusiasmadas demonstrações do jovem; a sua alma gelada pareceu por um instante reaquecer-se e derreter ao contato com aquela alma ardente. Retribuiu a cordialidade com certo calor, embora a sua decepção pudesse ser grande ao encontrar outro calabouço onde imaginara encontrar a liberdade.

— Primeiro — disse ele —, vejamos se há meio de esconder dos olhos dos carcereiros os traços da minha passagem. Toda a nossa tranquilidade no futuro depende de eles não saberem que estive aqui.

Então ele inclinou-se à abertura do túnel, pegou a pedra, que levantou com facilidade, apesar de pesada, e encaixou-a no buraco.

— Esta pedra foi arrancada de maneira errada — disse dele, balançando a cabeça. — Você não tem instrumentos?

— E você — perguntou Dantès, surpreso — tem instrumentos?

— Fiz alguns. A não ser uma lima, tenho tudo de que preciso: cinzel, alicate, alavanca...

— Oh, estou curioso para ver os produtos de sua paciência e de sua habilidade — disse Dantès.

— Olhe: aqui está um cinzel.

E mostrou-lhe uma lâmina forte e afiada com cabo de madeira.

— Como fez isso? — perguntou Dantès.

— Com uma estaca da minha cama. Foi com esse instrumento que cavei todo o túnel que me trouxe até aqui; dezessete metros, mais ou menos.

— Dezessete metros?! — exclamou Dantès, com uma espécie de terror.

— Fale mais baixo, meu jovem, fale mais baixo... Eles vivem escutando às portas dos prisioneiros.

— Acham que estou sozinho.

— Não importa.

— Você disse que cavou dezessete metros para chegar até aqui?

— Foi: essa é mais ou menos a distância que separa a minha cela da sua; mas eu calculei mal a minha curva, por falta de instrumentos de geometria para criar a minha escala de proporção; em vez de catorze metros de elipse, eram dezessete... Como lhe disse, eu imaginava chegar ao muro exterior, perfurar o muro e me atirar no mar. Segui o corredor para onde dá a sua cela, em vez de passar por baixo... Todo o meu trabalho está perdido: esse corredor dá para um pátio cheio de guardas.

— É verdade — disse Dantès —, mas esse corredor só limita um lado da minha cela, e minha cela tem quatro lados.

— Sim, sem dúvida, mas bem neste lado o muro é feito pelo rochedo; seriam necessários dez anos do trabalho de dez mineiros munidos de todos os instrumentos para perfurar o rochedo. Esse outro lado deve dar para o alicerce do apartamento do governador... Nós cairíamos nos porões, evidentemente trancados a chave, e seríamos capturados... O outro lado dá... espere... para onde dá o outro lado?

O outro lado era o da janelinha por onde entrava a luz: essa janelinha estreitava-se até o orifício por onde a luz entrava, por onde uma criança certamente não conseguiria passar — além disso, era protegida por três fileiras de barras de ferro que tranquilizariam o mais desconfiado carcereiro quanto aos riscos de fuga.

Enquanto fazia a pergunta, o recém-chegado arrastou a mesa para perto da janelinha.

— Suba nessa mesa — disse ele a Dantès.

Dantès obedeceu, subiu à mesa e, adivinhando as intenções do companheiro, apoiou as costas à parede e estendeu-lhe as mãos.

O companheiro, que dera como nome o número de sua cela, e cujo verdadeiro nome Dantès ainda ignorava, subiu então mais agilmente do que a sua idade permitiria imaginar, com a habilidade de um gato — ou de um lagarto —, primeiro à mesa, da mesa às mãos de Dantès, das mãos aos ombros de Dantès; assim, curvado, — a abóbada do calabouço o impedia de ficar ereto —, enfiou a cabeça entre a primeira fila de barras: então conseguiu ver de alto a baixo.

Instantes depois, retirou de repente a cabeça.

— Ah, ah, bem que eu desconfiava — exclamou.

E deixou-se escorregar ao longo do corpo de Dantès até a mesa, e da mesa pulou ao chão.

— Do que você desconfiava? — perguntou o jovem ansioso, também pulando para perto dele.

O velho prisioneiro refletia.

— Sim — disse ele —, é isso... O quarto lado de seu calabouço dá para um corredor externo, espécie de caminho da guarda, onde as patrulhas passam e as sentinelas vigiam.

— Tem certeza?

— Eu vi o quepe do soldado, vi a ponta de seu fuzil: só saí de repente por temer que ele também me visse.

— E então? — perguntou Dantès.

— Você bem vê: é impossível fugir pelo seu calabouço.

— Então? — continuou o jovem em seu tom indagador.

— Então — disse o velho prisioneiro —, seja feita a vontade de Deus!

E um matiz de profunda resignação espalhou-se pelos traços do velho.

Cheio de surpresa mesclada a admiração, Dantès mirou aquele homem que assim renunciava, com tanta filosofia, a uma esperança cultivada por tanto tempo.

— Agora, quer me dizer quem é você? — perguntou Dantès.

— Ah, meu Deus, sim, se é que isso ainda possa interessá-lo, agora que não posso lhe ser útil em nada.

— Você pode ser útil para me consolar, para me amparar, pois você me parece ser forte entre os fortes.

O abade sorriu tristemente.

— Eu sou o abade Faria — disse ele —, prisioneiro desde 1811, como sabe, no castelo de If. Mas antes passei três anos trancado na fortaleza de Fenestrelle. Em 1811 me transferiram do Piemonte para a França. Foi então que eu soube que o destino, que naquela época parecia submisso a Napoleão, tinha lhe dado um filho; esse filho no berço foi nomeado rei de Roma. Então eu estava longe de desconfiar do que você me disse antes: que, três anos depois, o colosso seria derrubado... Então, quem reina na França? Napoleão II?

— Não. Luís XVIII.

— Luís XVIII? O irmão de Luís XVI?! Os desígnios celestes são estranhos e misteriosos. Então qual foi a intenção divina ao rebaixar o homem que elevara e elevar a quem rebaixara?

Dantès seguia com os olhos aquele homem que, por um momento, esquecia o seu próprio destino para poder ocupar-se dos destinos do mundo.

— Sim, claro — continuou ele —, é como na Inglaterra: depois de Carlos I, Cromwell! Depois de Cromwell, Carlos II... E talvez, depois de Jaime II, algum genro, algum parente, algum príncipe de Orange... Um holandês que se tornará rei... Então, novas concessões ao povo, depois uma Constituição, depois a liberdade! Você vai ver, meu jovem — disse ele, voltando-se para Dantès, olhando-o com olhos brilhantes, profundos, como devem ser os olhos dos profetas. — Você ainda tem idade para ver: você vai ver.

— Sim, se eu sair daqui.

— Ah, sim, justamente — disse o abade Faria. — Nós somos prisioneiros... Há momentos em que me esqueço... Então, só porque os meus olhos atravessam as muralhas que me encerram, eu me imagino em liberdade.

— Mas por que você está preso?

— Eu? Porque em 1807 sonhei o plano que Napoleão quis realizar em 1811... Porque, como Maquiavel, em meio a todos aqueles principезinhos que reduziam a Itália a um ninho de pequenos reinos tirânicos e frágeis, eu quis a formação de um grande e único império, compacto e forte... Porque imaginei

encontrar o meu César Bórgia num idiota coroado que fingia me compreender para melhor me trair... Era o plano de Alexandre VI e de Clemente VII... Esse plano sempre vai fracassar, pois foi empreendido inutilmente: Napoleão não pôde concluí-lo; decididamente, a Itália está mal!

E o velho baixou a cabeça.

Dantès não compreendia como um homem poderia arriscar a sua vida por semelhantes interesses; é verdade que, se conhecera Napoleão — por tê-lo visto e lhe falado —, por outro lado ignorava completamente quem eram os papas Alexandre VI e Clemente VII.

— Você não é — disse Dantès, começando a partilhar a opinião de seu carcereiro, que era a opinião geral no castelo de If — o padre que imaginam... doente?

— Que imaginam louco, você quer dizer, não é?

— Eu não me atrevi a dizê-lo... — disse Dantès, sorrindo.

— Sim, sim — continuou Faria, rindo amargamente. — Sim, sou eu que imaginam louco... Sou eu quem há muito tempo diverte os hóspedes desta prisão, e que faria as crianças rirem, se houvesse crianças na casa do sofrimento sem esperança.

Por um momento, Dantès permaneceu imóvel e mudo.

— Então você desistiu de fugir? — perguntou Dantès.

— Acho que é impossível fugir... Seria revoltar-se contra Deus, tentar o que Deus não quer que se realize.

— Por que desistir? Seria muito pedir à Providência o êxito logo na primeira tentativa... Não pode recomeçar em outra direção o que fez até aqui?

— Mas você sabe o que fiz para falar assim em recomeçar? Sabe que precisei de quatro anos para fabricar os instrumentos que tenho? Sabe que há dois anos raspo e cavo uma terra dura como granito? Sabe que precisei arrancar pedras que antes eu imaginava não poder mover, sabe quantos dias inteiros passei nesse trabalho titânico, e à noite, às vezes, eu ficava feliz se tivesse removido uma polegada quadrada dessa velha argamassa, que ficou tão dura quanto a própria pedra? Sabe que para esconder toda essa terra, todas as pedras que eu enterrava, tive de perfurar o vão de uma escada, enterrando em sua caixa todos os escombros... que agora

a caixa está cheia, que eu não saberia mais onde colocar um punhado de pó? Sabe, enfim, que eu imaginava estar terminando todo o meu trabalho, que eu imaginava ter exatamente a força de realizar essa tarefa, e que agora Deus não só adia o término, mas também o transporta não sei para onde? Ah, eu lhe digo e lhe repito, já não farei mais nada para tentar reconquistar a minha liberdade, já que a vontade de Deus é que eu a perca eternamente, para sempre.

Edmond baixou a cabeça para não mostrar àquele homem que a alegria de ter um companheiro o impedia de ter, como deveria, pena da dor sentida pelo prisioneiro por não poder fugir.

O abade Faria deixou-se cair na cama de Edmond — Edmond ficou de pé.

O jovem nunca tinha pensado em fugir. Há coisas que parecem tão impossíveis que nem nos ocorre tentá-las: nós as evitamos instintivamente. Cavar dezessete metros debaixo da terra, consagrar a essa tarefa um trabalho de três anos, para chegar, se conseguisse, a um precipício vertical sobre o mar; precipitar-se de quinze, vinte, trinta metros talvez, para quebrar, ao cair, a cabeça contra alguma pedra, se as balas das sentinelas não o matarem antes; ser obrigado, se escapar de todos esses perigos, a nadar uma légua — era demais para não se resignar, e vimos como Dantès levava a sua resignação quase até à morte.

Mas agora que o jovem vira um velho agarrar-se à vida com tanta energia, dando-lhe o exemplo das decisões desesperadas, começou a refletir e a avaliar a sua coragem. Outro tentara o que ele nem mesmo tivera a ideia de fazer; outro menos jovem, menos forte, menos hábil do que ele, arranjava, com habilidade e paciência, todos os instrumentos de que precisava para essa incrível tarefa que só um erro de cálculo levava a fracassar; outro tinha feito tudo aquilo; então nada seria impossível a Dantès: Faria cavara dezessete metros, ele cavaria o dobro; aos cinquenta anos, Faria dedicara três anos à sua obra — ele tinha a metade da idade de Faria: cavaria durante seis anos; Faria, abade, sábio, homem da Igreja, não temera arriscar-se à travessia do castelo de If à ilha de Daume, ou de Ratonneau, ou de Lemaire; ele, Edmond, o marujo — ele, Dantès, o ousado mergulhador, que tantas vezes fora buscar

um ramo de coral no fundo do mar, hesitaria em nadar uma légua?³⁸ Quanto tempo seria preciso para nadar uma légua? Uma hora? Bem, ele não ficara horas inteiras no mar, sem se aproximar da margem? Não, não, Dantès só precisava ser encorajado por um exemplo. Tudo o que outro fizera, ou poderia ter feito, Dantès o faria.

O jovem refletiu por um momento.

— Descobri o que você estava procurando! — disse ele ao velho.

Faria estremeceu.

— Você descobriu?! — exclamou ele, erguendo a cabeça com um ar que revelava: se Dantès estivesse falando a verdade, o desânimo de seu companheiro não duraria muito. — Diga: o que foi que você descobriu?

— O túnel que você abriu para vir de sua cela até aqui se estende na mesma direção da galeria externa, não é?

— É.

— Do túnel à galeria só há uns quinze passos.

— No máximo.

— Bem, no meio do túnel, abriremos um caminho em forma de braço de uma cruz. Dessa vez você vai calcular melhor. Então desembocamos na galeria externa. Matamos a sentinela e fugimos. Para que esse plano dê certo, só é preciso coragem, o que não lhe falta; pois força não me falta. Nem falo de paciência, você já deu provas, eu também darei.

— Um momento — respondeu o abade. — Você não sabe, meu caro companheiro, de que espécie é a minha coragem, nem como pretendo empregar as minhas energias. Quanto à paciência, acho que fui bastante paciente recomeçando a cada manhã a tarefa da noite, a cada noite a tarefa do dia. Mas então, ouça-me bem, meu jovem: parecia-me que eu servia a Deus libertando uma de suas criaturas que, sendo inocente, não pudera ser condenada.

— Bem, e então? — perguntou Dantès. — Tudo não continua na mesma? Diga: depois que me viu, passou a se achar culpado?

— Não, mas não quero me tornar culpado. Até aqui, eu imaginava enfrentar apenas coisas: você me propõe enfrentar homens. Perfurei um muro e destruí uma escada, mas não vou perfurar um peito, não vou destruir uma vida.

Dantès fez leve movimento de surpresa.

— Como — disse Dantès —, podendo se libertar, seria detido por tais escrúpulos?

— Mas e você — disse Faria —, por que, numa noite qualquer, não matou o seu carcereiro com o pé de sua mesa, vestiu as roupas dele e tentou fugir?

— É que essa ideia não tinha me ocorrido — disse Dantès.

— É que você tem tanto horror instintivo a tal crime, tanto horror, que nem pensou nisso — continuou o velho. — Nas coisas simples e permitidas, os nossos apetites naturais nos avisam que não devemos nos desviar da linha de nosso direito. O tigre, que derrama sangue por natureza, pois esta é a sua condição e o seu destino, só precisa de uma coisa: que seu olfato o avise que há uma presa a seu alcance. Logo ele salta a essa presa, cai em cima dela e a dilacera. Esse é o seu instinto: ele o obedece. Mas ao homem, ao contrário, o sangue é repugnante; não são as leis sociais que repudiam o assassinato: são as leis naturais.

Dantès ficou confuso: era essa, de fato, a explicação do que se passava involuntariamente em seu espírito, ou melhor, em sua alma, pois há pensamentos que vêm da cabeça e há pensamentos que vêm do coração.

— E mais — continuou Faria —, estou preso há cerca de doze anos e revi em meu espírito todas as fugas célebres. Raramente vi evasões bem-sucedidas. As fugas bem-sucedidas, as evasões coroadas de pleno êxito, são as fugas planejadas com cuidado, lentamente preparadas: foi assim que o duque de Beaufort escapou do castelo de Vincennes... O abade Dubuquoi, do For-l'Évêque... Latude, da Bastilha.³⁹ Também há as fugas permitidas pelo acaso: essas são as melhores... Esperemos uma oportunidade, acredite em mim, e, se surgir essa oportunidade, nós a aproveitaremos.

— Você é que poderia ter ficado esperando — disse Dantès, suspirando. — Os seus árduos trabalhos eram uma ocupação de todos os momentos, e, quando você não tinha os seus trabalhos para se distrair, tinha as suas esperanças para consolá-lo.

— Por outro lado — disse o abade —, eu não me ocupava só disso.

— Então o que fazia?

— Estudava, ou escrevia...

— Então lhe fornecem papel, penas, tinta?

— Não — disse o abade —, eu os faço.

— Faz papel, penas e tinta?! — exclamou Dantès.

— Faço.

Dantès olhou aquele homem com admiração; ainda não conseguia acreditar no que ele dizia. Faria perceber essa leve suspeita.

— Quando você for à minha cela — disselhe —, vou lhe mostrar uma obra inteira, resultado dos pensamentos, pesquisas e reflexões de toda a minha vida, que eu meditei à sombra do Coliseu, em Roma, ao pé da coluna de São Marcos, em Veneza, às margens do rio Arno, em Florença, sem nem desconfiar que um dia os meus carcereiros me dariam tempo livre para escrevê-la entre quatro paredes no castelo de If. Essa obra é um *Tratado sobre a possibilidade de uma monarquia unificada na Itália*. Vai ser um grande volume in-quarto.

— E como a escreveu?

— Em duas camisas. Inventei um preparado que deixa o pano liso e compacto como o pergaminho.

— Então você é químico?

— Um pouco... Conheci Lavoisier e fui ligado a Cabanis.⁴⁰

— Mas, para escrever uma obra como essa, deve ter sido necessário fazer pesquisas históricas... Então você tinha livros?

— Em Roma, tinha cerca de cinco mil volumes em minha biblioteca. De tanto lê-los e relê-los, descobri: com cento e cinquenta obras bem escolhidas, temos, se não o resumo completo de todos os conhecimentos humanos, ao menos tudo o que é útil a

um homem saber. Passei três anos de minha vida lendo e relendo esses cento e cinquenta volumes, de forma que já os sabia quase de cor quando fui preso. Na prisão, com leve esforço de memória, lembrei-os na íntegra. Assim, eu poderia lhe recitar Tucídides, Xenofonte, Plutarco, Tito Lívio, Tácito, Strada, Jordanes, Dante, Montaigne, Shakespeare, Espinosa, Maquiavel e Bossuet. E lhe cito apenas os mais importantes.

— Mas então você sabe muitas línguas?

— Falo cinco línguas vivas: alemão, francês, italiano, inglês e espanhol; com o auxílio do grego antigo, entendo o grego moderno; apenas falo-o mal, mas o estou estudando neste momento.

— Está estudando? — perguntou Dantès.

— Estou... Fiz um vocabulário das palavras que conheço, organizando-as, combinando-as, virando-as e revirando-as, de forma que elas me bastem para exprimir o meu pensamento. Sei aproximadamente mil palavras: é tudo de que preciso, a rigor, embora haja cem mil palavras, imagino, nos dicionários. Apenas eu não seria eloquente, mas me faria compreender à maravilha: isso me basta.

Cada vez mais maravilhado, Edmond começava a achar quase sobrenaturais as faculdades daquele homem estranho. Querendo pegá-lo em algum erro, continuou: — Mas, se não lhe deram penas, como conseguiu escrever esse tratado tão volumoso?

— Fiz penas excelentes, que seriam preferidas às penas comuns, se a matéria-prima fosse conhecida, com as cartilagens das cabeças desses enormes badejos que às vezes nos servem nos dias magros. Assim sempre vejo com grande prazer chegarem as quartas, sextas e sábados, pois esses dias me trazem a esperança de aumentar a minha provisão de penas, e confesso que os meus trabalhos históricos são a minha ocupação preferida... Voltando ao passado, esqueço o presente; caminhando livre e independente através da história, já nem lembro mais que sou prisioneiro.

— Mas e a tinta? — perguntou Dantès. — Como você fabrica a tinta?

— Em meu calabouço havia uma lareira — disse Dantès. — Sem dúvida, essa lareira foi tapada tempos antes de eu chegar, mas

durante muitos anos fizeram fogo nela: seu interior está todo coberto de fuligem. Dissolvo nessa fuligem um cálice do vinho que me dão todos os domingos: isto me fornece excelente tinta. Para as notas especiais, que precisam atrair os olhos, espeto os dedos e escrevo com o meu sangue.

— E quando é que poderei ver tudo isso? — perguntou Dantès.

— Quando quiser — respondeu Faria.

— Ah, agora mesmo! — exclamou o jovem.

— Então, siga-me — disse o abade.

E ele entrou na passagem subterrânea, onde desapareceu; Dantès o seguiu.

XVII. A CELA DO ABADE

Depois de passar pela passagem subterrânea — curvando-se, mas mesmo assim com muita facilidade —, Dantès chegou ao outro lado do corredor, que dava para a cela do abade. Ali a passagem se estreitava, mal havia espaço suficiente para um homem deslizar rastejando. A cela do abade era coberta de lajes; levantando uma dessas lajes, no canto mais escuro do calabouço, o abade começara a laboriosa tarefa a cujo final Dantès assistira.

Assim que entrou, uma vez de pé, o jovem examinou a cela atentamente. À primeira vista, ela não parecia ter nada de especial.

— Bom — disse o abade —, não é mais que meio-dia e um quarto, ainda temos algumas horas pela frente.

Dantès olhou ao redor de si, procurando o relógio em que o abade pudera ler a hora de forma tão precisa.

— Veja esse raio de sol que entra pela minha janela — disse o abade — e veja as linhas que tracei na parede. Graças a essas linhas, que correspondem ao duplo movimento da terra e à elipse que ela descreve ao redor do sol, sei a hora com mais precisão do que se tivesse um relógio, pois um relógio se atrasa, enquanto o sol e a terra nunca se atrasam.

Dantès não compreendera nada dessa explicação; vendo o sol nascer atrás das montanhas e se pôr no mar Mediterrâneo, sempre

imaginara que era o sol que se movia, não a terra. Esse duplo movimento do globo que ele habitava, movimento que entretanto ele não percebia, parecia-lhe quase impossível; em cada uma das palavras de seu interlocutor ele via mistérios científicos tão admiráveis de escavar quanto as minas de ouro e diamantes que visitara em uma viagem que fizera, quase criança ainda, a Gujarate e Golconda, na Índia.

— Vamos — disse ele ao abade —, tenho pressa de ver os seus tesouros.

O abade aproximou-se da lareira, deslocou com o cinzel — que sempre tinha à mão — a pedra que originalmente formava a chaminé e escondia um buraco bem profundo; nessa cavidade estavam todos os objetos que mencionara a Dantès.

— O que você quer ver primeiro? — perguntou o abade.

— Mostre-me a sua grande obra sobre a realeza na Itália.

Faria tirou do precioso esconderijo três ou quatro rolos de pano enrolados em si mesmos, como folhas de papiro — eram tiras de tecido com cerca de quatro polegadas de largura e dezoito de comprimento. Essas tiras, numeradas, eram cobertas de escrita que Dantès conseguiu ler, pois era redigida na língua materna do abade, ou seja, em italiano, idioma que, como provençal, Dantès compreendia perfeitamente.

— Olhe — disselhe o abade —, está tudo aí... Há cerca de uma semana escrevi a palavra *fim* embaixo da sexagésima oitava tira. Duas camisas minhas e todos os lenços que eu tinha estão aí... Se algum dia eu voltar a ser livre e houver em algum lugar da Itália um impressor que ouse me imprimir, a minha reputação estará garantida.

— Sim — respondeu Dantès —, claro... Então agora me mostre, por favor, as penas com que escreveu esta obra.

— Olhe — disse Faria.

E mostrou ao jovem um pequeno bastão com seis polegadas de comprimento, grosso como o cabo de um pincel; na ponta e ao redor do bastão, amarrada por um fio, havia uma daquelas cartilagens que o abade mencionara a Dantès, ainda manchada de tinta, alongada no bico e fendida como uma pena comum.

Dantès examinou-a, procurando com os olhos o instrumento que ele teria usado para talhar com tanta precisão.

— Ah, claro — disse Faria —, o canivete... não é?... É a minha obra-prima; eu o fiz, assim como esta faca, com um velho candelabro de ferro.

O canivete cortava como navalha. E a faca tinha a vantagem de poder servir ao mesmo tempo como faca e como punhal.

Dantès examinou os diversos objetos com a mesma atenção com que às vezes examinara, nas lojas de curiosidades de Marselha, instrumentos executados por selvagens, trazidos dos mares do Sul pelos capitães de longo curso.

— Quanto à tinta — disse Faria —, você sabe como eu a fabrico: faço-a à medida que preciso dela.

— Agora, algo me surpreende — disse Dantès —: os dias lhe bastarem para todo esse trabalho...

— Eu também tinha as noites — respondeu Faria.

— As noites? Então você é da natureza dos gatos: vê claro no escuro da noite?

— Não... mas Deus deu ao homem a inteligência para socorrer a pobreza de seus sentidos: eu me dei a luz.

— Como assim?

— Da carne que me trazem, tiro a gordura, derreto-a e extraio uma espécie de óleo bem compacto. Olhe: veja só a minha vela.

E o abade mostrou a Dantès uma espécie de lampião semelhante aos usados na iluminação pública.

— Mas e o fogo?

— Olhe: veja só essas duas pedras e o pano queimado.

— Mas e os fósforos?

— Fingi ter uma doença de pele e pedi enxofre; eles me deram.

Dantès colocou os objetos que segurava na mesa e baixou a cabeça, esmagado pela perseverança e pela força daquele espírito.

— Isto não é tudo — prosseguiu Faria —, pois não se deve colocar todos os seus tesouros em um único esconderijo; fechemos este.

Colocaram a laje em seu lugar; o abade espalhou um pouco de poeira em cima, passando o pé para esconder qualquer vestígio de

remoção da laje, aproximou-se de sua cama e afastou-a.

Atrás da cabeceira, escondido por uma pedra a vedá-lo quase hermeticamente, havia um buraco e no buraco uma escada de corda com quase dez metros de comprimento.

Dantès examinou-a: era de uma solidez a toda prova.

— Quem lhe forneceu a corda necessária para essa obra maravilhosa? — perguntou Dantès.

— Primeiro, algumas camisas que eu tinha; depois, os lençóis de minha cama: durante três anos de cativeiro em Fenestrelle, eu os desfiei. Quando me transferiram para o castelo de If, achei um meio de trazer esses fios comigo; continuei a tarefa aqui.

— Mas não perceberam que os lençóis de sua cama já não tinham mais bainha?

— Eu os recosturava.

— Com quê?

— Com esta agulha.

Abrindo os farrapos de suas roupas, o abade mostrou a Dantès uma haste comprida e aguda, ainda com linha, que trazia consigo.

— Sim — continuou Faria —, primeiro pensei em entortar essas barras e fugir por esta janela, um pouco maior que a sua, como vê... Eu a alargaria um pouco mais na hora da fuga; mas percebi que essa janelinha dá para um pátio interno e desisti desse plano por ser arriscado demais. Mas guardei a escada para uma ocasião inesperada, para uma dessas fugas de que lhe falei, proporcionadas pelo acaso.

Enquanto parecia examinar a escada, dessa vez Dantès pensava em outra coisa; uma ideia lhe passara pelo espírito: aquele abade tão inteligente, tão engenhoso e profundo, talvez visse claro na escuridão da desgraça do próprio jovem, enquanto ele mesmo ali nunca conseguira nada enxergar.

— Com que sonha? — perguntou o abade, sorrindo, imaginando que o ar absorto de Dantès exprimisse alguma admiração levada ao extremo.

— Penso em duas coisas: primeiro, na imensa soma de inteligência que você teve de empregar para chegar aonde chegou... O que faria se fosse livre?

— Nada, talvez: esse transbordamento de meu cérebro se evaporaria em banalidades... Precisamos da desgraça para escavar certas minas misteriosas escondidas na inteligência humana; precisamos da pressão para fazer a pólvora explodir. O cativo concentrou num único ponto todas as minhas faculdades que flutuavam aqui e ali; elas se chocaram num espaço apertado; e, como sabe, do choque das nuvens resulta a eletricidade, da eletricidade o relâmpago, do relâmpago a luz.

— Não, eu não sei nada — disse Dantès, esmagado pela própria ignorância. — Parte das palavras que você pronuncia são para mim palavras sem sentido. Você tem muita sorte de ser assim tão sábio!

O abade sorriu.

— Você disse agora mesmo que pensava em duas coisas?

— Disse.

— Você só me contou a primeira... Qual é a segunda?

— A segunda é que você me contou a sua vida, mas não conhece a minha...

— A sua vida, meu jovem, é muito curta para conter acontecimentos importantes.

— Ela contém uma desgraça imensa — disse Dantès —, uma desgraça que não mereci. E para não blasfemar contra Deus, como já cheguei a fazer algumas vezes, eu queria poder agarrar os homens que causaram a minha desgraça.

— Então você se considera inocente do crime de que é acusado?

— Totalmente inocente... Juro pela vida das duas pessoas que me são mais queridas: meu pai e Mercedes.

— Vejamos — disse o abade fechando o seu esconderijo e recolocando a cama no lugar —, então me conte a sua história.

Então Dantès contou o que chamava a sua história, que se limitava a uma viagem à Índia, a duas ou três viagens ao Levante... Enfim chegou à sua última travessia, à morte do capitão Leclère, ao pacote entregue a ele pelo grão-marechal, à conversa com o grão-marechal, à carta entregue por ele e dirigida a certo senhor Noirtier... Enfim, à chegada a Marselha, à conversa com seu pai, aos amores com Mercedes, ao banquete de noivado, à prisão, ao interrogatório, à prisão provisória no palácio da justiça, enfim à prisão definitiva no castelo de If. Depois, Dantès já não sabia mais nada, nem mesmo há quanto tempo era prisioneiro.

Ao fim do relato, o abade refletiu profundamente.

— Há — disse ele, instantes depois — um axioma do direito de grande profundidade, relacionado ao que eu lhe dizia há pouco: a não ser que maus pensamentos nasçam em uma mente distorcida, a natureza humana repele o crime. Mas a civilização nos dá necessidades, vícios, apetites fictícios que às vezes nos levam a sufocar os nossos bons instintos e nos conduzem ao mal. Daí a máxima: Se quer descobrir o culpado, pergunte primeiro a quem o crime cometido pode ser útil!

“A quem o seu desaparecimento poderia ser útil?”

— A ninguém, meu Deus! Eu era tão insignificante...

— Não responda assim, pois nessa resposta não há lógica nem filosofia; tudo é relativo, meu caro amigo, desde o rei que incomoda o seu futuro sucessor até o empregado que incomoda o pretendente: se o rei morrer, o sucessor herdará uma coroa; se o empregado morrer, o pretendente herdará mil e duzentas libras de ordenado. Essas mil e duzentas libras de ordenado são o seu orçamento; são-lhe tão necessárias para viver quanto os doze milhões de um rei. Cada indivíduo, desde o mais baixo até o mais alto grau da escala social, reúne ao redor de si toda uma pequena multidão de interesses, com os seus turbilhões e os seus átomos colados, como os mundos de Descartes.⁴¹ Mas esses mundos sempre se expandem enquanto se elevam. É como uma espiral invertida a se manter na ponta através de um jogo de equilíbrio, de uma dança. Então voltemos a você e a seu mundo. Você ia ser nomeado capitão do *Faraó*?

— Ia.

— Ia se casar com uma bela jovem?

— Ia.

— Alguém tinha interesse em que você não se tornasse capitão do *Faraó*? Alguém tinha interesse em que você não se casasse com Mercedes? Primeiro responda à primeira pergunta... A ordem é a chave de todos os problemas. Alguém tinha interesse em que você não se tornasse capitão do *Faraó*?

— Não... Eu era muito estimado a bordo... Se os marinheiros pudessem eleger um líder, tenho certeza de que me elegeriam. Só um homem tinha algum motivo para me querer mal... Tempos antes, eu tinha discutido com ele, propondo-lhe um duelo que ele recusou.

— Ora, vamos! Como se chamava esse homem?

— Danglars.

— O que ele era a bordo?

— Contador.

— Se viesse a ser capitão, você o manteria em seu posto?

— Não, se a decisão dependesse de mim, pois eu tinha imaginado ver certas incorreções em suas contas.

— Bem. Agora, alguém presenciou a sua última conversa com o capitão Leclère?

— Não, nós estávamos sozinhos.

— Alguém poderia ter ouvido a conversa?

— Sim, a porta estava aberta. E até mesmo... Espere... Sim, sim, Danglars passou bem no momento em que o capitão Leclère me entregava o pacote destinado ao grão-marechal.

— Bom — disse o abade —, estamos na pista... Alguém o acompanhou a terra, quando fez escala na ilha de Elba?

— Ninguém.

— Entregaram-lhe uma carta?

— Sim, o grão-marechal...

— O que fez com essa carta?

— Eu a guardei na minha carteira.

— Então você levava a sua carteira consigo? Como uma carteira contendo uma carta oficial poderia caber no bolso de um marinheiro?

— Você tem razão... A minha carteira estava a bordo.

— Então só ao chegar a bordo você guardou a carta na carteira?

— Sim.

— Entre Porto-Ferrajo e o navio, como conservou essa carta?

— Segurei-a em minha mão.

— Quando voltou ao *Faraó*, todos puderam ver que você segurava uma carta?

— Sim.

— Danglars também?

— Danglars também.

— Agora, escute bem; procure lembrar-se de tudo: você se lembra em que termos era redigida a denúncia?

— Oh, sim! Eu a reli três vezes, cada palavra está gravada em minha memória.

— Repita-me a denúncia.

Dantès concentrou-se por um momento.

— É assim — disse ele —, textualmente: O senhor procurador do rei é avisado, por um amigo do trono e da religião, que o chamado Edmond Dantès, imediato do navio *Faraó*, que chegou

nesta manhã de Esmirna, depois de passar por Nápoles e Porto-Ferraio, foi encarregado por Murat de levar uma carta ao usurpador, e pelo usurpador de levar uma carta ao comitê bonapartista de Paris.

Encontrarão a prova de seu crime ao prendê-lo; pois encontrarão essa carta com ele, ou na casa de seu pai, ou em sua cabine, a bordo do *Faraó*.

O abade encolheu os ombros.

— É claro como a luz do dia — disse ele —, e você deve ter um coração muito ingênuo, muito bom, para não ter logo adivinhado tudo.

— Você acha? — exclamou Dantès. — Ah, seria muito infame!

— Como era a letra habitual de Danglars?

— Uma letra bonita... cursiva...

— Como era a letra da carta anônima?

— Uma letra inclinada.

O abade sorriu.

— Disfarçada, não é?

— Muito natural para ser disfarçada.

— Espere — disse o abade.

Pegou a sua pena — ou melhor, o que chamava de pena —, molhou-a na tinta e escreveu com a mão esquerda, num pano preparado para esse fim, as duas ou três primeiras linhas da denúncia.

Dantès recuou e olhou o abade quase com terror.

— Oh, é incrível — exclamou ele — como essa letra se parece com aquela...

— É porque a denúncia tinha sido escrita com a mão esquerda...

Percebi uma coisa — continuou o abade.

— O quê?

— Todas as letras traçadas com a mão direita são únicas, todas as letras traçadas com a mão esquerda são parecidas.

— Então você já viu tudo, tudo observou?

— Vamos continuar?

— Oh, sim, claro.

— Passemos à segunda pergunta.

— Estou ouvindo.

— Alguém tinha interesse em que você não se casasse com Mercedes?

— Sim! Um jovem que a amava.

— O nome dele?...

— Fernand.

— Nome espanhol?

— Ele era catalão.

— Acha que ele seria capaz de escrever a carta?

— Não!... Ele poderia me dar uma facada, nada mais.

— Claro, está na natureza espanhola: um assassinato, sim; uma covardia, não.

— Aliás — continuou Dantès —, ele ignorava todos os detalhes mencionados na denúncia.

— Você não tinha contado esses detalhes a ninguém?

— A ninguém.

— Nem mesmo à sua amante?

— Nem mesmo à minha noiva.

— Foi o Danglars.

— Oh!... Agora tenho certeza disso...

— Espere... Danglars conhecia Fernand?

— Não... Sim... Estou me lembrando...

— Do quê?

— Na antevéspera de meu casamento, vi-os sentados juntos, debaixo das árvores do pai Pamphile. Danglars estava amistoso e brincalhão. Fernand estava pálido e nervoso.

— Eles estavam sozinhos?

— Não, havia com eles um terceiro companheiro, eu o conhecia muito bem, sem dúvida tinham acabado de se conhecer, um alfaiate chamado Caderousse... Mas ele já estava bêbado... Espere... Espere... Como não me lembrei disso? Perto da mesa onde estavam bebendo tinha um tinteiro, papel, penas... (Dantès levou a mão à testa.) — Oh! Infames! Infames!

— Quer saber mais alguma coisa? — disse o abade, rindo.

— Sim, claro, já que você se aprofunda em tudo, já que vê tudo claro... Quero saber por que só fui interrogado uma vez, por que

não me deram juízes, como fui condenado sem julgamento.

— Oh, isto já é um pouco mais grave — disse o abade. — A justiça tem vias sombrias e misteriosas que são difíceis de penetrar. O que fizemos até aqui para descobrir os seus dois inimigos era brincadeira de criança... Sobre essa nova circunstância, você vai ter de me dar as mais precisas informações.

— Vejamos, interrogue-me, já que na verdade você vê mais claro em minha vida do que eu mesmo...

— Quem o interrogou? Foi o procurador do rei, o substituto ou o juiz de instrução?

— Foi o substituto.

— Ele era jovem ou velho?

— Jovem: vinte e sete ou vinte e oito anos.

— Bem!... Ainda não corrompido, mas já ambicioso — disse o abade. — Como ele o tratou?

— De maneira mais educada do que severa.

— Você lhe contou tudo?

— Tudo.

— E as maneiras dele mudaram durante o interrogatório?

— Por um momento, elas se alteraram, quando ele lia a carta que me comprometia... Ele pareceu chocado com a minha desgraça.

— Com a sua desgraça?

— É.

— E você tem certeza de que era a sua desgraça que ele lamentava?

— Ao menos ele me deu uma grande prova de sua simpatia.

— Que prova?

— Queimou o único documento que podia me comprometer.

— Que documento? A denúncia?

— Não, a carta.

— Tem certeza?

— Isto aconteceu bem na minha frente.

— Isso é outra coisa... Esse homem poderia ser mais perverso do que você imagina.

— Você me faz estremecer, palavra de honra! — exclamou Dantès. — Então o mundo todo está cheio de tigres e de crocodilos?

— Está... Mas os tigres e crocodilos bípedes são mais perigosos do que os quadrúpedes...

— Vamos em frente, vamos.

— Com prazer... Você disse que ele queimou a carta?

— Sim, e me disse: “Veja bem, esta é a única prova contra o senhor, e eu a destruo”...

— Essa conduta é sublime demais para ser sincera.

— Você acha?

— Tenho certeza. A quem era endereçada a carta?

— Ao Sr. Noirtier, rua Coq-Héron, nº 13, Paris.

— Acha possível que esse substituto tivesse algum interesse em esconder essa carta?

— Talvez... Duas ou três vezes, ele me fez prometer, em meu interesse, disse ele, não falar dessa carta a ninguém, e me fez jurar nunca mencionar o nome que estava escrito no endereço.

— Noirtier?... — repetiu o abade. — Noirtier?... Conheci um Noirtier na corte da ex-rainha da Etrúria... Um Noirtier que tinha sido girondino durante a revolução... Como se chamava o seu substituto?

— De Villefort.

O abade morreu de rir.

Dantès olhou-o aturdido.

— Que foi? — disse ele.

— Está vendo este raio de luz? — perguntou o abade.

— Estou vendo.

— Bem, agora para mim tudo está mais claro do que este raio transparente e luminoso. Pobre criança, pobre jovem! E esse magistrado foi bom pra você?

— Foi.

— Esse digno substituto queimou, destruiu a carta?

— Sim.

— Esse honesto provedor do carrasco fez você jurar nunca pronunciar o nome de Noirtier?

— Fez.

— Esse Noirtier... pobre cego que você é... sabe quem era esse Noirtier?

“Esse Noirtier era o pai dele!”

Um raio, caindo aos pés de Dantès e cavando um abismo no fundo do qual se abrisse o inferno, produziria um efeito menos rápido, menos elétrico, menos esmagador do que essas palavras inesperadas. Ele levantou-se, agarrando a cabeça com as duas mãos, como a impedi-la de explodir.

— O pai dele! O pai dele! — exclamou Dantès.

— Sim, o pai dele, que se chama Noirtier de Villefort — continuou o abade.

Então uma luz fulgurante atravessou o cérebro do prisioneiro — tudo o que permanecera obscuro para ele foi instantaneamente esclarecido por uma luz brilhante. Aquelas hesitações de Villefort durante o interrogatório, aquela carta destruída, aquele juramento exigido, aquela voz quase suplicante do magistrado que, em vez de ameaçar, parecia implorar — tudo lhe voltou à memória; ele deu um grito, cambaleou por um instante, como ébrio; então, correndo ao túnel que levava da cela do abade à sua: — Oh — disse ele —, preciso ficar sozinho para pensar em tudo isso.

E, chegando a seu calabouço, caiu em sua cama, onde o carcereiro encontrou-o à noite, sentado, olhar fixo, traços contraídos, mas imóvel e mudo como uma estátua.

Durante essas horas de reflexão, que transcorreram como segundos, ele tomara uma decisão terrível e fizera um juramento extraordinário!

Uma voz arrancou Dantès desse devaneio: era a voz do abade Faria, que também recebera a visita de seu carcereiro e vinha convidar Dantès para cear com ele. A sua qualidade de louco reconhecido e, sobretudo, de louco divertido, dava ao velho prisioneiro alguns privilégios, como o de ter pão um pouco mais branco e uma pequena garrafa de vinho aos domingos. Ora, havia justamente chegado o domingo e o abade viera convidar o jovem companheiro a partilhar o seu pão e vinho.

Dantès seguiu-o: todas as linhas de seu rosto tinham se recomposto e retomado o seu lugar habitual, mas com uma rigidez e uma firmeza, se assim podemos dizer, que acusavam uma tomada de decisão. O abade olhou-o fixamente: — Lamento ter ajudado em suas investigações e ter falado o que falei — fez ele.

— Por quê? — perguntou Dantès.

— Porque introduzi em seu coração um sentimento que não existia nele: a vingança.

Dantès sorriu.

— Vamos mudar de assunto — disse ele.

O abade olhou-o por mais alguns instantes e balançou tristemente a cabeça; então, como lhe pedira Dantès, mudou de assunto.

O velho prisioneiro era um desses homens cuja conversação — como a das pessoas que sofreram demais — contém numerosos ensinamentos e encerra contínuo interesse; mas não era egoísta — esse sofredor nunca falava de seus sofrimentos.

Dantès ouvia cada uma de suas palavras com admiração: algumas correspondiam a ideias que já tinham lhe ocorrido, a conhecimentos ligados à sua condição de marinheiro; outras abordavam coisas desconhecidas e, como as auroras boreais a iluminar os navegantes nas latitudes austrais, mostravam ao jovem paisagens e horizontes novos iluminados por fantásticos clarões. Dantès compreendeu a felicidade que alguém inteligente sentiria ao seguir aquele espírito elevado às alturas morais, filosóficas ou sociais a que ele costumava se alçar.

— Você deveria me ensinar um pouco do que sabe — disse Dantès —, ao menos para não se aborrecer comigo. Agora me parece que você deve preferir a solidão a um companheiro sem educação e sem importância como eu. Se quiser me ensinar, prometo não lhe falar mais em fugir.

O abade sorriu.

— Ah, meu filho — disse ele —, a ciência humana é bem limitada... Se eu lhe ensinar as matemáticas, a física, a história, as quatro ou cinco línguas vivas que falo, você saberá tudo o que sei...

Ora, levaria uns dois anos para transmitir toda essa ciência de meu espírito ao seu.

— Dois anos?! — exclamou Dantès. — Você acha que eu poderia aprender tudo isso em dois anos?

— Em suas aplicações, não; em seus princípios, sim; aprender não é saber; há sabidos e sábios: a memória faz os sabidos, a filosofia faz os sábios.

— Mas não se pode aprender filosofia?

— A filosofia não se aprende; a filosofia é a união entre as ciências adquiridas e o gênio que as aplica; a filosofia é a nuvem brilhante em que Cristo pousou o pé para subir ao céu.

— Vamos — disse Dantès —, o que você vai me ensinar primeiro? Tenho pressa de começar, tenho sede de ciência.

— Tudo! — exclamou o abade.

De fato, à noite, os dois prisioneiros já traçavam um plano de estudo que começou a ser executado no dia seguinte. Dantès tinha uma memória prodigiosa, uma extrema facilidade para aprender: a inclinação matemática de seu espírito tornava-o apto a tudo compreender pelo cálculo, enquanto a poesia do marinheiro corrigia tudo que pudesse ter de demasiadamente concreta a demonstração reduzida à segura das cifras ou à exatidão das linhas; aliás, ele já sabia italiano e um pouco de grego moderno, que aprendera em suas viagens ao Oriente. Com essas duas línguas, logo compreendeu o mecanismo de todas as outras e, seis meses depois, já começava a falar espanhol, inglês e alemão.

Como ele dissera ao abade Faria, fosse porque a distração que lhe davam os estudos parecia-lhe um espaço alternativo de liberdade, fosse por ele ser — como já vimos — rígido cumpridor de suas promessas, já não falava mais em fugir e para ele os dias transcorriam rápidos e muito instrutivos. Um ano depois, ele já era outro homem.

Quanto ao abade Faria, Dantès percebia que, apesar da distração que a sua presença trouxera ao cativo, ele entristecia-se a cada dia. Um pensamento incessante e eterno parecia assaltar o espírito do abade; ele caía em profundos devaneios, suspirava

involuntariamente, levantava-se de repente, cruzava os braços, passeava sombrio ao redor de sua cela.

Certo dia, ele parou de repente no meio de um desses círculos cem vezes repetidos que descrevia ao redor de sua cela e exclamou: — Ah, se não houvesse sentinela!

— Não haverá sentinela quando você bem entender — disse Dantès, que seguira o seu pensamento através da caixa craniana como através de um cristal.

— Ah, já lhe falei — tornou o abade —, o assassinato me repugna.

— Mas esse assassinato, se for cometido, será por nosso instinto de preservação, por um sentimento de legítima defesa pessoal.

— Não interessa, eu não poderia...

— Mas pensa nisso?

— O tempo todo, o tempo todo... — murmurou o abade.

— E você achou um meio, não é verdade? — disse Dantès, animado.

— Sim, acaso pusessem na galeria uma sentinela cega e surda.

— Ela vai ficar cega, vai ficar surda... — respondeu o jovem num tom decidido que espantou o abade.

— Não, não — exclamou ele —, impossível.

Dantès quis detê-lo nesse assunto, mas o abade sacudiu a cabeça e recusou-se a responder.

Três meses se passaram.

— Você é forte? — um dia perguntou o abade a Dantès.

Sem responder, Dantès pegou o cinzel, torceu-o como uma ferradura e endireitou-o.

— Promete só matar a sentinela em último caso?

— Prometo... palavra de honra.

— Então — disse o abade —, podemos executar o nosso plano.

— E de quanto tempo precisamos para executá-lo?

— Um ano, no mínimo.

— Mas já podemos começar a trabalhar?

— Agora mesmo.

— Oh, veja só, perdemos um ano! — exclamou Dantès.

— Acha que perdemos? — perguntou o abade.

— Oh, desculpe, desculpe! — exclamou Dantès, enrubescendo.

— Ch! — disse o abade. — Um homem é um homem, sempre, e você ainda é um dos melhores que conheci. Olhe, este é o meu plano: Então o abade mostrou a Dantès um desenho que traçara: era a planta de sua cela, da cela de Dantès e do corredor que as unia. No meio dessa galeria, desenhara um túnel semelhante ao utilizado nas minas. Esse túnel levaria os prisioneiros até debaixo da galeria onde passeava a sentinela; ali chegando, eles abririam um vasto buraco e soltariam uma das lajes que formavam o piso da galeria; em dado momento, a laje cederia ao peso do soldado, que desapareceria, sugado pelo buraco — Dantès saltaria a ele no momento em que, aturdido pela queda, o guarda não pudesse se defender e o amarraria, e o amordaçaria, e então os dois, passando por uma janela dessa galeria, desceriam pela muralha externa, com a ajuda da escada de corda, e fugiriam.

Dantès bateu palmas e os seus olhos brilharam de alegria; esse plano era tão simples que deveria ser bem-sucedido.

No mesmo dia, os dois mineiros lançaram-se à obra, com tanto mais ardor quanto o trabalho sucedia longo repouso e provavelmente era a continuação do pensamento íntimo e secreto de cada um deles.

Nada os interrompia, salvo a hora em que cada um era obrigado a voltar à sua cela para receber a visita do carcereiro. Aliás, tinham adquirido o hábito de prever, ao menor ruído de passos, o momento em que aquele homem desceria, e nunca nenhum dos dois era pego de surpresa. A terra que extraíam da nova galeria, que acabaria enchendo o primeiro túnel, era lançada aos poucos, com extremo cuidado, pelas janelas do calabouço de Dantès ou de Faria; pulverizavam-na cuidadosamente e o vento da noite a levava para longe, sem que ela deixasse vestígios.

Mais de um ano se passou nesses trabalhos, executados com um cinzel, uma faca e uma alavanca de madeira como únicos instrumentos; durante esse ano, enquanto trabalhavam, Faria continuara a instruir Dantès, falando-lhe às vezes num idioma, às vezes em outro, ensinando-lhe a história das nações e dos grandes

homens que deixam atrás de si, de tempos em tempos, um desses traços luminosos chamados de glória. O abade, homem sociável e de alta sociedade, também tinha em suas maneiras uma espécie de majestade melancólica da qual Dantès, graças ao espírito de assimilação com que o dotara a natureza, sabia extrair aquela polidez elegante que lhe faltava e aqueles modos aristocráticos que habitualmente só se adquirem pelo contato com classes elevadas ou pela convivência com homens superiores.

Quinze meses depois, o túnel estava terminado; a escavação se encontrava embaixo da galeria; ouvia-se a sentinela ir e vir; os dois operários, vendo-se obrigados a esperar uma noite escura e sem lua para que a evasão fosse mais provável, só temiam uma coisa: ver o solo desmoronar antes da hora, sob os pés do soldado. Remediarão esse inconveniente colocando como suporte uma espécie de pequena viga que encontraram nos alicerces. Dantès estava ocupado a colocá-la quando de repente ouviu o abade Faria — que ficara na cela do jovem, onde se ocupava, por sua vez, em afiar um pino para segurar a escada de corda — chamá-lo em tom angustiado. Dantès voltou rapidamente e viu o abade de pé, no meio da cela, pálido, com a testa suada e as mãos crispadas.

— Oh, meu Deus! — exclamou Dantès. — O que houve? O que você tem?

— Depressa, depressa! — exclamou o abade —, escute-me.

Dantès olhou o rosto lívido de Faria, os seus olhos cercados por um círculo azulado, os lábios brancos, os cabelos em pé; aterrado, deixou cair por terra o cinzel que segurava.

— Mas o que houve? — exclamou Dantès.

— Estou perdido! — exclamou o abade. — Escute-me... Um mal terrível, talvez mortal, vai me dominar; o acesso está chegando, eu o sinto; ele já me atacou uma vez, um ano antes de minha prisão. Para esse mal só há um remédio, vou lhe dizer: corra depressa até a minha cela, erga o pé da cama; esse pé é oco, nele você vai encontrar um frasco de cristal meio cheio de licor vermelho; traga-me, ou melhor, não, não, aqui eu poderia ser surpreendido... Ajude-me a voltar à minha cela enquanto ainda tenho forças. Quem sabe o que vai acontecer e quanto tempo vai durar esse acesso?

Sem perder a cabeça, embora o choque a abalá-lo fosse imenso, Dantès desceu ao túnel, arrastando consigo o seu infeliz companheiro, e conduziu-o, com esforço infinito, até a outra extremidade, até a cela do abade, colocando-o na cama.

— Obrigado — disse o abade, com todos os seus membros a tremer, como se saísse da água gelada. — Eis o mal chegando, vou cair em catalepsia; talvez não faça um movimento, talvez não exprima um só lamento; mas talvez também espume, endureça, grite; não deixe que não ouçam os meus gritos, isto é o principal, pois se ouvirem provavelmente vão me transferir para outra cela, seríamos separados para sempre. Quando você me vir imóvel, frio e morto, por assim dizer, só então, ouça bem, descerre os meus dentes com a faca, deixe escorrer em minha boca oito ou dez gotas desse licor, então talvez eu me recupere.

— Talvez?! — exclamou dolorosamente Dantès.

— Ajude-me, ajude-me! — exclamou o abade. — Eu me... eu me m...

O acesso foi tão repentino e violento que o infeliz prisioneiro não pôde sequer terminar a frase começada; uma nuvem passou em sua frente, rápida e sombria como as tempestades no mar; a crise dilatou-lhe os olhos, torceu-lhe a boca, arroxou-lhe as faces; ele agitou-se, espumou, rugiu; mas, como ele mesmo recomendara, Dantès abafou os seus gritos com a coberta. Isso durou duas horas. Então, mais inerte do que uma pedra, mais pálido e mais frio do que o mármore, mais quebrado do que um caniço pisoteado, caiu, enrijeceu-se mais ainda numa última convulsão e ficou lívido.

Edmond esperou que essa morte aparente invadissem o corpo e gelasse até mesmo o coração; então pegou a faca, introduziu a lâmina entre os dentes, descerrou com infinito esforço os maxilares rígidos, contou, uma a uma, dez gotas do licor vermelho e esperou.

Uma hora se passou sem que o velho fizesse o menor movimento. Dantès temia ter esperado demais: olhava-o com as mãos enterradas nos cabelos. Enfim, leve coloração surgiu em suas faces: seus olhos, sempre abertos e imóveis, devolveram-lhe a expressão do olhar, frágil suspiro escapou de sua boca, ele esboçou um movimento.

— Salvo! Salvo! — exclamou Dantès.

O enfermo ainda não conseguia falar, mas estendeu a mão à porta com visível ansiedade. Dantès escutou: ouviu os passos do carcereiro; já eram quase sete horas e Dantès não tivera oportunidade de medir o tempo.

O jovem correu ao túnel, enfiou-se nele, recolocou a laje acima de sua cabeça e voltou à sua cela.

No instante seguinte, a sua porta também se abriu e o carcereiro encontrou o prisioneiro sentado em sua cama, como de hábito.

Assim que o guarda virou as costas, assim que o som de seus passos perdeu-se no corredor, Dantès, devorado pela angústia, sem pensar em comer, retomou o caminho que acabara de percorrer e, soerguendo a laje com a testa, entrou na cela do abade.

Este recobrou a consciência, mas continuava estendido em sua cama, inerte e sem forças.

— Eu já não esperava mais revê-lo — disse ele a Dantès.

— Por quê? — perguntou o jovem. — Pensou que ia morrer?

— Não, mas estava tudo pronto para a sua fuga, imaginava que você já tivesse fugido.

O rubor da indignação coloriu o rosto de Dantès.

— Sem você?! — exclamou ele. — Você me acha realmente capaz disso?

— Agora vejo que eu estava enganado — disse o doente. — Ah, estou bem fraco, quebrado, aniquilado...

— Coragem, as suas forças voltarão — disse Dantès, sentando-se perto da cama de Faria e tomando-lhe as mãos.

O abade sacudiu a cabeça.

— Na última vez — disse ele —, o acesso durou meia hora, depois tive fome e me levantei sozinho... Hoje, já não consigo mais mexer a minha perna, nem o meu braço direito... Minha cabeça está confusa, o que indica um derrame cerebral. Na terceira vez, vou ficar completamente paralisado, ou vou morrer subitamente.

— Não, não, pode ficar tranquilo, não vai morrer... Esse terceiro acesso, se acontecer, vai encontrá-lo livre. Nós o salvaremos, como desta vez, até melhor que desta vez, pois teremos todos os recursos necessários.

— Meu amigo — disse o velho —, não se iluda... A crise que acaba de passar me condenou a uma prisão perpétua: para fugir, é preciso poder andar...

— Bem, esperaremos uma semana, um mês, dois meses, se for preciso; nesse intervalo, as suas forças voltarão; tudo está preparado para a nossa fuga, temos a liberdade de escolher a hora e o momento. No dia em que sentir-se com forças suficientes para nadar, bem, nesse dia, colocaremos o nosso plano em prática.

— Já não posso mais nadar — disse Faria —, este braço está paralisado, não por um dia, mas para sempre. Levante-o, você mesmo, e veja só como ele pesa.

O jovem levantou aquele braço, que caiu, insensível. Edmond deu um suspiro.

— Agora está convencido, Edmond, não está? — perguntou Faria. — Acredite em mim, sei o que digo: desde o primeiro ataque desse mal, não parei de refletir sobre ele. Já o esperava, pois é uma herança de família; o meu pai morreu na terceira crise, o meu avô também. O médico que me preparou esse licor não é outro senão o famoso Cabanis; ele me predisse o mesmo destino.

— O médico se engana — exclamou Dantès. — Quanto à sua paralisia, ela não me incomoda: vou colocá-lo em meus ombros e vou nadar segurando-o.

— Menino — disse o abade —, você é marinheiro, é nadador... Logo, deve saber que um homem carregando tamanho fardo não daria nem cinquenta braçadas no mar. Pare de se deixar iludir com quimeras que não enganam nem mesmo o seu excelente coração... Então vou ficar aqui até soar a hora da minha libertação, que agora já não pode mais ser outra senão a morte. Quanto a você, fuja, parta! Você é jovem, hábil e forte, não se preocupe comigo, eu o livro de sua promessa.

— Está bem — disse Dantès. — Pois bem, então eu também vou ficar. Então, levantando-se e estendendo a mão solenemente ao ancião: — Pelo sangue de Cristo, juro: só vou deixá-lo depois de sua morte!

Faria mirou aquele jovem tão nobre, tão simples, tão gentil, e leu em seus traços, animados pela expressão da mais pura devoção, a

sinceridade de seu afeto e a lealdade de seu juramento.

— Vamos — disse o enfermo —, aceito... Obrigado.

Então, estendendo-lhe a mão: — Talvez você venha a ser recompensado por essa devoção tão desinteressada — disse ele. — Mas, como eu não posso partir, e você não quer partir, precisamos tapar o subterrâneo que fizemos debaixo da galeria: marchando, o soldado pode descobrir o som oco do lugar minado, chamar a atenção de um inspetor... Então seríamos descobertos e separados. Vá fazer esse trabalho; infelizmente, já não posso mais ajudá-lo; trabalhe a noite inteira, se for preciso, e só volte amanhã de manhã, depois da visita do carcereiro; preciso lhe dizer algo importante.

Dantès pegou a mão do abade, que o tranquilizou com um sorriso, e saiu, com a obediência e o respeito que dedicava ao velho amigo.

XVIII. O TESOURO

Na manhã seguinte, quando Dantès voltou à cela do companheiro de prisão, encontrou Faria sentado, com expressão tranquila.

Sob o raio de sol a deslizar através da estreita janela de sua cela, ele mantinha aberto, na mão esquerda — como lembramos, a única que ainda se movia —, um pedaço de papel, ao qual o hábito de ficar enrolado em um magro volume imprimira a forma de um cilindro difícil de desenrolar.

Sem nada dizer, ele mostrou o papel a Dantès.

— O que é isto? — perguntou o jovem.

— Olhe bem — disse o abade, sorrindo.

— Estou olhando com toda a minha atenção — disse Dantès — e não vejo nada, só um papel meio queimado, onde estão traçados caracteres góticos com uma tinta diferente.

— Este papel, meu amigo — disse Faria —, é... Agora posso lhe contar tudo, pois você já me deu provas: este papel é o meu tesouro... A partir de agora, metade lhe pertence.

Frio suor brotou na testa de Dantès. Até àquele dia (durante tanto tempo!), evitara falar com Faria desse tesouro — motivo da acusação de loucura que pesava sobre o pobre abade. Com a sua delicadeza instintiva, Edmond preferira não tocar nessa corda dolorosamente vibrante; Faria, por sua vez, calara-se. O jovem tomara o silêncio do velho como um retorno à razão; então, aquelas poucas palavras pronunciadas por Faria, depois de uma crise tão penosa, pareciam anunciar uma grave recaída da alienação mental.

— O seu tesouro? — balbuciou Dantès.

Faria sorriu.

— Sim — disse ele. — Em todos os sentidos, Edmond, você é um nobre coração, e compreendo, pela sua palidez e pelo seu choque, o que se passa em seu interior neste momento. Não, fique tranquilo, eu não sou louco... Esse tesouro existe, Dantès, e, se não me foi dado possuí-lo, você o possuirá: ninguém quis me escutar nem acreditar em mim porque me achavam louco... Mas você, que deve saber que não sou louco, escute-me e depois acredite se quiser.

— Ai — murmurou Dantès consigo mesmo —, ele teve uma recaída! Só me faltava essa! — (Então, em voz alta:) — Meu amigo — disse ele a Faria —, o seu acesso talvez o tenha cansado... Não quer descansar um pouco?... Amanhã, se quiser, ouvirei a sua história, mas hoje só quero cuidar de você, nada mais. Aliás — continuou Edmond, sorrindo —, será que estamos precisando urgentemente de um tesouro?

— Urgentemente, Edmond! — respondeu o velho. — Quem sabe se amanhã, depois de amanhã talvez, não vai acontecer o terceiro acesso? Imagine que então tudo estaria acabado! Sim, é verdade... Muitas vezes pensei com amargo prazer nessas riquezas, que fariam a fortuna de dez famílias, perdidas para os homens que me perseguiram: essa ideia me servia como vingança, eu a saboreava lentamente, nas trevas de meu calabouço, no desespero de meu cativo. Mas agora que perdoei o mundo por amor a você; agora que o vejo jovem e cheio de futuro; agora que penso em toda a felicidade que você pode ter com essa revelação, temo qualquer

demora, tremo à ideia de não garantir a um herdeiro tão merecedor quanto você a posse de tantas riquezas escondidas.

Edmond desviou os olhos suspirando.

— Você persiste em sua incredulidade, Edmond... — continuou Faria —, as minhas palavras ainda não o convenceram... Vejo que precisa de provas... Bem, leia este papel, que nunca mostrei a ninguém.

— Amanhã, meu amigo — disse Edmond, com horror a entregar-se à loucura do velho —, pensei que tínhamos combinado só falar disso amanhã.

— Só falaremos disso amanhã, mas leia este papel agora.

— Não vou irritá-lo — pensou Edmond.

E pegando o papel, ao qual faltava a metade, sem dúvida consumida por algum acidente, leu: desse tesouro, que pode chegar a dois de escudos romanos, no canto mais dist da segunda abertura, que

declaro pertencer-lhe em total pro deiro.

25 de abril de 149.

— E então? — perguntou Faria quando o jovem acabou de ler.

— Mas — respondeu Dantès — aqui só vejo linhas truncadas... palavras sem sentido... letras interrompidas pela ação das chamas... ininteligíveis.

— Para você, meu amigo, que as lê pela primeira vez... Mas não para mim, que cansei as pestanas em cima delas, durante muitas noites, e que reconstruí cada frase, completei cada pensamento...

— E você imagina ter encontrado o sentido que falta?

— Tenho certeza que sim, você vai julgar por si mesmo... Mas primeiro escute a história desse papel: — Silêncio! — exclamou Dantès. — Escuto... passos!... Estão se aproximando... vou-me embora... Adeus.

E Dantès, feliz por escapar à história e à explicação que não deixariam de lhe confirmar a loucura de seu amigo, deslizou como uma cobra pelo estreito túnel, enquanto Faria, levado pelo terror a fazer algo, empurrava com o pé a laje, cobrindo-a com palha, para

esconder aos olhos os sinais de remoção que não tivera tempo de eliminar.

Era o governador do presídio, que, informado pelo carcereiro do acidente de Faria, vinha verificar pessoalmente a sua gravidade.

Faria recebeu-o sentado, evitou qualquer gesto comprometedor e conseguiu esconder do governador a paralisia que já atingira mortalmente metade de sua pessoa. Seu temor era que o governador, com pena dele, quisesse transferi-lo para outra cela mais salubre e assim o separasse de seu jovem companheiro; mas felizmente isso não aconteceu — o governador retirou-se convencido de que o seu pobre louco, por quem no fundo do coração sentia certa afeição, só fora atingido por leve indisposição.

Entrementes, Edmond, sentado em sua cama, com a cabeça em suas mãos, buscava coordenar as suas ideias; desde que conhecera Faria, tudo no abade era tão racional, tão elevado, tão lógico, que não podia conceber aquela suprema sabedoria sobre tudo aliada à loucura sobre uma única coisa: era Faria que estava enganado sobre o seu tesouro? Ou era todo mundo que estava enganado sobre Faria?

Dantès ficou o dia inteiro em sua cela, não ousando voltar à cela do amigo. Assim tentava adiar o momento em que teria a certeza de que o abade estava louco. Esta convicção seria terrível para ele.

Mas à noite, passada a hora da visita costumeira, Faria, não vendo o jovem aparecer, tentou atravessar o espaço que o separava dele. Edmond estremeceu ao ouvir os dolorosos esforços que o velho fazia para arrastar-se: a perna dele estava inerte e ele não conseguia mover o braço. Edmond viu-se obrigado a puxá-lo para si, pois ele nunca conseguiria sair sozinho pela estreita abertura que desembocava na cela de Dantès.

— Aqui estou irremediavelmente destinado a persegui-lo... — disse o velho, com radiante sorriso meigo. — Você imaginava poder escapar da minha generosidade, mas não há de ser nada... Então me escute.

Edmond viu que não poderia evitá-lo — ajudou o velho a sentar-se em sua cama e sentou-se perto dele, em seu banquinho.

— Você sabe — disse o abade — que eu era o secretário, o amigo, o íntimo do cardeal Spada, o último dos príncipes com esse nome. Devo a esse digno senhor toda a felicidade que desfrutei nesta vida. Ele não era rico, embora as riquezas de sua família fossem proverbiais e eu sempre ouvia dizerem: “Rico como um Spada”... Mas, como o rumor público, ele vivia dessa fama de opulência. Seu palácio era o meu paraíso. Eduquei os seus sobrinhos, que morreram, e, quando ele ficou sozinho no mundo, retribuí-lhe tudo o que fizera por mim durante dez anos, dedicando-me totalmente a suas vontades.

“Logo a casa do cardeal já não tinha mais segredos para mim; eu sempre via o monsenhor trabalhar consultando livros antigos e compulsando avidamente os manuscritos de família, em meio à poeira. Um dia, quando eu lhe censurava as inúteis vigílias e a espécie de abatimento que delas resultava, ele me olhou sorrindo amargamente e abriu-me um livro: a história da cidade de Roma. Ali, no vigésimo capítulo da Vida do papa Alexandre VI, havia as seguintes linhas, que jamais esquecerei:⁴²

As grandes guerras da Romanha haviam terminado. César Bórgia, que completara a sua conquista, precisava de dinheiro para comprar a Itália inteira. O papa também precisava de dinheiro para acabar com Luís XII, rei da França, ainda terrível, apesar de seus últimos reveses. Tratava-se, portanto, de fazer uma boa especulação, o que seria difícil naquela pobre Itália esgotada.

Sua Santidade teve uma ideia. Resolveu nomear dois cardeais.

“Escolhendo dois dos grandes personagens de Roma — dois ricos, principalmente —, eis o que o Santo Padre lucrava com a especulação: primeiro, poderia vender os altos cargos e magníficos empregos que esses dois cardeais antes ocupavam; ademais, poderia contar com um ótimo preço para a venda desses dois chapéus.

“Restava uma terceira parte da especulação, que logo vai aparecer...

“Primeiro, o papa e seu filho César Bórgia escolheram os dois futuros cardeais: eles eram Jean Rospigliosi, que sozinho detinha quatro das mais altas dignidades da Santa Sé, e César Spada, um

dos romanos mais nobres e ricos. Ambos sabiam o preço de semelhante favor do papa. Eles eram ambiciosos. Uma vez escolhidos, César logo encontrou compradores para os seus antigos cargos.

“Assim, Rospigliosi e Spada pagaram para ser cardeais; outros oito pagaram para herdar os antigos cargos dos dois cardeais recém-nomeados. Nos cofres dos especuladores entraram oitocentos mil escudos.

“Já é tempo de passarmos à última parte da especulação. O papa, enchendo Rospigliosi e Spada de gentilezas, conferindo-lhes as insígnias do cardinalato, certo de que eles, para quitar a dívida não fictícia de sua gratidão, deveriam reunir e realizar as suas fortunas para fixarem-se em Roma, o papa e César Bórgia convidaram os dois cardeais para jantar.

“Isso foi motivo de uma disputa entre o Santo Padre e seu filho. César achava que podiam recorrer a um dos meios sempre à disposição de seus amigos íntimos, a saber: primeiro, a famosa chave com a qual pediam a certas pessoas para abrirem certo armário... Na chave havia uma pequena ponta de ferro, negligência do operário. Quando alguém se esforçava para abrir o armário de fechadura emperrada, espetava-se naquela pequena ponta e morria no dia seguinte. Também havia o anel com cabeça de leão, que César colocava no dedo, quando dava certos apertos de mão... O leão mordida a pele das mãos escolhidas, e a mordida era mortal, ao fim e ao cabo de vinte e quatro horas.

“César propôs ao pai mandar os cardeais abrirem o armário, ou dar a cada um deles um cordial aperto de mão, mas Alexandre VI respondeu-lhe: “— Não economizemos em um jantar, quando se trata desses excelentes cardeais, Spada e Rospigliosi. Algo me diz que vamos recuperar esse dinheiro. Aliás, você se esquece, César: uma indigestão se declara imediatamente, enquanto uma picada ou uma mordida só infeccionam um ou dois dias depois.’ — César rendeu-se ao raciocínio. Assim, os cardeais foram convidados a esse jantar.

“A mesa foi servida na vinha que o papa possuía perto de São Pedro in Vinculis, encantadora residência de que os cardeais já

tinham ouvido falar bastante.

“Maravilhado com a sua nova dignidade, Rospigliosi preparou seu estômago e sua melhor aparência. Spada, homem prudente, que só amava a seu sobrinho, jovem capitão bastante promissor, pegou papel, pena e escreveu o seu testamento.

“A seguir, mandou dizer ao sobrinho que o esperasse nas proximidades da vinha, mas parece que o criado não o encontrou.

“Spada conhecia o costume dos convites. Desde que o cristianismo, eminentemente civilizador, trouxera os seus progressos a Roma, já não era mais um centurião que chegava da parte do tirano para lhe dizer: — ‘César quer que morras...’; — era um emissário *a latere*⁴³ que vinha, sorriso nos lábios, dizer-lhe da parte do papa: — ‘Sua Santidade deseja que jante com ele...’

“Lá pelas duas horas, Spada partiu para a vinha de São Pedro in Vinculis, onde o papa o esperava. A primeira figura a surpreender os olhos de Spada foi a de seu sobrinho todo enfeitado, todo gracioso, a quem César Bórgia enchia de gentilezas. Spada empalideceu; César, atirando-lhe um olhar cheio de ironia, deixou transparecer que tudo previra, que a cilada estava bem armada.

“Jantaram. Spada só pudera perguntar ao sobrinho: — ‘Recebeu a minha mensagem?’ — O sobrinho respondeu que não e entendeu perfeitamente a importância da pergunta. Já era tarde demais, pois ele acabara de beber um copo de excelente vinho, servido separadamente a ele pelo copeiro do papa. No mesmo instante, Spada viu aproximar-se outra garrafa, liberalmente oferecida a ele. Uma hora depois, um médico declarava ambos envenenados por cogumelos fatais. Spada morria à saída da vinha, o sobrinho expirava à porta de sua casa, fazendo um sinal que a sua mulher não compreendeu.

“Logo César e o papa apressaram-se a devassar a herança, a pretexto de investigar os papéis dos falecidos. Mas a herança consistia nisto — num pedaço de papel onde Spada escrevera: Lego a meu bem-amado sobrinho meus cofres, meus livros, entre os quais o meu belo breviário com cantos de ouro, desejando que ele guarde essa lembrança de seu afetuoso tio.

“Os herdeiros procuraram em toda parte, admiraram o breviário, passaram a mão leve nos móveis, surpresos de ver que Spada, o homem rico, era na verdade o mais pobre dos tios; tesouros, nenhum: só tesouros de ciência, guardados na biblioteca e nos laboratórios.

“Isso era tudo. César e seu pai procuraram, revistaram e espionaram: não encontraram nada, ou ao menos encontraram muito pouca coisa: mil escudos talvez em objetos preciosos, outros mil em moeda corrente; mas ao chegar em casa o sobrinho tivera tempo de dizer à esposa: “— Procure entre os papéis de meu tio: há um verdadeiro testamento.’ “Procuraram — talvez até mais do que os augustos herdeiros haviam procurado. Em vão: só restavam dois palácios e uma vinha atrás do Palatino. Mas naquela época os bens imobiliários tinham ínfimo valor; os dois palácios e a vinha ficaram com a família, indignos da rapacidade do papa e de seu filho.

“Os meses e os anos se passaram. Alexandre VI morreu envenenado, como você sabe, por engano. César, envenenado ao lado dele, sobreviveu para mudar de pele como uma serpente e vestir uma nova, na qual o veneno deixara manchas semelhantes às que vemos na pele dos tigres; enfim, obrigado a deixar Roma, ele se faria matar obscuramente numa escaramuça noturna e quase esquecida pela história.

“Depois da morte do papa, depois do exílio de seu filho César, todos esperavam ver a família retomar as maneiras principescas que tinha no tempo do cardeal Spada, mas não foi assim. Os Spada permaneceram em uma abastança duvidosa, eterno mistério pesou sobre aquele caso sombrio — segundo o rumor público, César, melhor político que seu pai, roubara do papa a fortuna dos dois cardeais; digo dois porque o cardeal Rospigliosi, que não tomara nenhuma precaução, foi totalmente espoliado.

“Até agora”, interrompeu-se Faria sorrindo, “isto não lhe parece muito insano, não é verdade?”

— Oh, meu amigo — disse Dantès —, pelo contrário, parece-me que leio uma crônica cheia de interesse. Por favor, continue.

— Continuo:

“A família acostumou-se à sua obscuridade. Os anos se passaram; entre os seus descendentes, uns se tornaram soldados, outros diplomatas; alguns se tornaram homens da Igreja, outros banqueiros; uns enriqueceram, outros acabaram de se arruinar. Chego ao último da família, àquele de que fui secretário, ao conde de Spada.

“De tanto ouvi-lo se queixar da desproporção entre a sua fortuna e a sua condição, aconselhara-o a investir os poucos bens que lhe restavam em rendas vitalícias; ele seguiu o meu conselho e assim dobrou a sua renda.

“O famoso breviário permanecera na família: era o conde de Spada que o possuía; tinham-no conservado de pai para filho, pois a estranha cláusula do único testamento encontrado transformara-o em verdadeira relíquia guardada com supersticiosa veneração pela família; era um livro iluminado pelas mais belas figuras góticas, tão pesado de ouro que um criado sempre o carregava à frente do cardeal, nos dias de grande solenidade.

“Ao ver papéis de todas as espécies, títulos, contratos e pergaminhos, guardados nos arquivos da família, todos provenientes do cardeal envenenado, comecei também, como antes de mim vinte servidores, vinte intendentess, vinte secretários, a examinar aquela imensa papelada: apesar do trabalho e da dedicação das minhas pesquisas, não encontrei absolutamente nada. Entretanto, eu tinha lido, eu tinha até mesmo escrito uma história exata e quase dia a dia da família Bórgia, com a única intenção de verificar se esses príncipes tinham enriquecido com a morte do meu cardeal César Spada, e só vira ali a adição dos bens do cardeal Rospigliosi, seu companheiro de infortúnio.

“Então eu estava quase certo de que a herança não beneficiara nem os Bórgia, nem a família Spada, mas permanecera sem dono, como aqueles tesouros dos contos árabes que dormem no seio da terra, guardados por um gênio. Eu buscava, contava, calculava mil e uma vezes as rendas e despesas da família Spada durante trezentos anos: tudo era inútil, eu permanecia em minha ignorância, como o conde de Spada em sua miséria.

“Meu patrão morreu. Além da renda vitalícia, ele tinha os papéis de família, a biblioteca, com cinco mil volumes, e o seu famoso breviário. Legou-me tudo isso, além de mil escudos romanos que tinha em dinheiro vivo, com a condição de que eu mandasse rezar missas de aniversário e fizesse uma árvore genealógica e uma história de sua família, o que fiz fielmente...

“Fique tranquilo, meu caro Edmond, já estamos próximos do fim.

“Em 1807, um mês antes de minha prisão, quinze dias depois da morte do conde de Spada, no dia 25 de dezembro (logo vai entender por que essa memorável data gravou-se em minha memória), eu relia pela milésima vez esses papéis, organizando-os; pois agora o palácio pertencia a um estranho, eu iria deixar Roma e morar em Florença, levando as doze mil libras que possuía, minha biblioteca e meu famoso breviário, quando, cansado daquele estudo assíduo, indisposto por uma refeição pesada, deixei cair a cabeça sobre as mãos e adormeci: eram três horas da tarde.

“Acordei quando o relógio soava seis horas.

“Ergui a cabeça: a escuridão era total. Soei para trazerem luz: ninguém apareceu. Então resolvi servir-me a mim mesmo. Esse era, aliás, um hábito de filósofo que eu precisava adquirir. Com uma mão, peguei uma vela já preparada; com a outra, como não havia fósforos na caixa, procurei um papel para acendê-lo na última chama que ainda dançava na lareira; mas no escuro, temendo pegar um papel precioso em vez de um papel inútil, eu vacilava, quando me lembrei de ter visto, no famoso breviário que estava na mesa ao meu lado, um velho papel amarelado na ponta, que parecia servir de marcador e atravessara séculos, mantido em seu lugar pela veneração dos herdeiros. Procurei tateando aquela folha inútil, encontrei-a, amassei-a e, aproximando-a da chama a se apagar, acendi-a.

“Mas sob os meus dedos, como por magia, à medida que o fogo se alastrava, vi letras amareladas saltarem do papel branco e aparecerem na folha; então fui dominado pelo medo; apertei o papel nas mãos, abafei o fogo, acendi diretamente a vela na lareira, reabri com inexprimível emoção a carta amassada e percebi que uma tinta misteriosa e simpática traçara aquelas letras que só eram visíveis

ao contato com o intenso calor. Pouco mais de um terço do papel tinha sido consumido pela chama: é o papel que você leu hoje de manhã; releia-o, Dantès; depois, quando tiver relido, vou completar as frases interrompidas e o sentido incompleto.”

E Faria, calando-se, passou o papel a Dantès, que dessa vez releu avidamente as seguintes palavras traçadas com tinta ruiva, semelhante à ferrugem: No dia de hoje, 25 de abril de 1498, ten Alexandre VI e temendo que, não ele queira herdar de mim e me re e Bentivoglio, mortos envenenados, meu herdeiro universal, que es por tê-lo visitado comigo, isto é, nas ilha de Monte-Cristo, tudo o que eu pos drarias, diamantes, joias; que só pode chegar a aproximadamente dois mil encontrará levantando a vigésima pedr enseada do Leste em linha reta. Duas abertu nestas cavernas: o tesouro está no canto mais dist tesouro que lhe lego e cedo em to único herdeiro.

25 de abril de 1498.

CÉS

— Agora — continuou o abade — leia este outro papel.

E mostrou a Dantès uma segunda folha com outros fragmentos de linhas.

Dantès pegou-a e leu:

do sido convidado a jantar por Sua Santidade contente de ter-me feito pagar o chapéu
serve o destino dos cardeais Caprara declaro a meu sobrinho Guido Spada, condi num
lugar que ele conhece cavernas da pequena
suía em lingotes, moedas de ouro, pe eu sei da existência desse tesouro, que hões de
escudos romanos, e que ele a, a partir da pequena
ras foram feitas ante da segunda;
tal propriedade, como a meu AR † SPADA.

Faria seguia-o com o olhar em chamas.

— E agora — disse Faria, quando viu Dantès chegar à última linha — aproxime os dois fragmentos e julgue por si mesmo.

Dantès obedeceu; os dois fragmentos aproximados formavam o seguinte conjunto: No dia de hoje, 25 de abril de 1498, ten...do sido convidado a jantar por Sua Santidade Alexandre VI e temendo que, não... contente de ter-me feito pagar o chapéu, ele queira herdar de mim e me re...serve o destino dos cardeais Caprara e Bentivoglio,

mortos envenenados,... declaro a meu sobrinho Guido Spada, meu herdeiro universal, que es...condi num lugar que ele conhece, por tê-lo visitado comigo, isto é, nas... cavernas da pequena ilha de Monte-Cristo, tudo o que eu pos...suía em lingotes, moedas de ouro, pedrarias, diamantes, joias; que só... eu sei da existência desse tesouro, que pode chegar a aproximadamente dois mil...hões de escudos romanos, e que ele encontrará levantando a vigésima pedr...a, a partir da pequena enseada do Leste, em linha reta. Duas abertu...ras foram feitas nestas cavernas: o tesouro está no canto mais dist...ante da segunda; tesouro que lhe lego e cedo em to...tal propriedade, como a meu único herdeiro.

25 de abril de 1498.

CÉS...AR † SPADA.”

— E então, compreende, finalmente? — perguntou Faria.

— É a declaração do cardeal Spada e o testamento que procuravam há tanto tempo? — perguntou Edmond, ainda incrédulo.

— Sim... mil vezes sim.

— Quem o reconstruiu assim?

— Eu, que, com o auxílio do fragmento restante, adivinhei o resto calculando o comprimento das linhas pelo comprimento do papel e penetrando no sentido oculto por meio do sentido visível... como nos guiamos em um subterrâneo por um raio de luz que vem do alto.

— E o que fez quando achou que descobrira o segredo?

— Eu quis partir e parti no mesmo instante, levando comigo o começo da minha grande obra sobre um reino unificado na Itália. Mas havia muito tempo a polícia imperial, que naquela época, ao contrário do que Napoleão passou a querer quando teve um filho, queria ver as províncias divididas e me vigiava: ela estava longe de adivinhar o motivo de minha súbita partida, suspeitou de mim e, quando eu embarcava em Piombino, fui preso.

“Agora — continuou Faria, olhando Dantès com expressão quase paternal —, agora, meu amigo, você sabe tanto quanto eu: se um dia fugirmos juntos, metade de meu tesouro é sua; se eu morrer aqui e você fugir sozinho, o tesouro é todo seu.”

— Mas — perguntou Dantès, hesitando — esse tesouro não tem algum proprietário mais legítimo do que nós neste mundo?

— Não, não, pode ficar tranquilo: a família extinguiu-se completamente; aliás, o último conde Spada tornou-me o seu herdeiro; legando-me esse breviário simbólico, legou-me o que ele continha; não, não, pode ficar tranquilo: se nós pusermos a mão nessa fortuna, poderemos usufruir dela sem remorsos.

— E você disse que esse tesouro chega a...

— A dois milhões de escudos romanos... Em nossa moeda, treze milhões, aproximadamente.

— Impossível! — disse Dantès, assustado com a enormidade da soma.

— Impossível? E por quê? — continuou o velho. — A família Spada era uma das mais antigas e mais poderosas famílias do século XV. Aliás, naqueles tempos, quando não havia especulação financeira nem indústria, essas aglomerações de ouro e de joias não eram raras... Até hoje há famílias romanas morrendo de fome ao lado de um milhão em diamantes e pedrarias, transmitidos em morgadio, sem poder vendê-los.

Edmond imaginava sonhar: flutuava entre a incredulidade e a alegria.

— Só guardei segredo por tanto tempo — continuou Faria —, só não lhe contei antes, primeiro, para prová-lo; depois, para surpreendê-lo; se tivéssemos fugido antes de meu ataque de catalepsia, eu o conduziria à ilha de Monte-Cristo; agora — acrescentou suspirando — é você que me conduzirá até lá. Bem, Dantès! Não me agradece?

— Esse tesouro lhe pertence, meu amigo — disse Dantès. — Pertence só a você, não tenho nenhum direito a ele: não sou seu parente.

— Você é meu filho, Dantès — exclamou o velho. — Você é o filho do meu cativo; minha condição condenava-me ao celibato: Deus enviou-o a mim para consolar ao mesmo tempo o homem que não podia ser pai e o prisioneiro que não podia ser livre.

E Faria estendeu o braço que lhe restava ao jovem, que se atirou a seu pescoço, chorando.

XIX. O TERCEIRO ACESSO

Agora que o tesouro — que havia tanto tempo era o motivo das meditações do abade — podia garantir a felicidade futura daquele a quem Faria realmente amava como filho, ele dobrara de valor a seus olhos: todos os dias Faria insistia na partilha do tesouro, explicando a Dantès tudo o que um homem com treze ou catorze milhões, em nossos tempos modernos, podia fazer de bem a seus amigos. Então a expressão de Dantès se ensombrecia, pois o juramento de vingança que fizera vinha-lhe à memória e ele também imaginava tudo o que um homem com treze ou catorze milhões de fortuna, em nossos tempos modernos, podia fazer de mal a seus inimigos.

O abade não conhecia a ilha de Monte-Cristo, mas Dantès a conhecia: passara várias vezes diante dessa ilha, situada a vinte e cinco milhas de Pianosa, entre a Córsega e a ilha de Elba, e uma vez até fizera escala nela. A ilha de Monte-Cristo era, sempre fora, ainda é completamente deserta; é um rochedo de forma quase cônica que parece ter sido trazido do fundo do abismo à superfície do mar por algum cataclismo vulcânico.

Dantès desenhava o mapa da ilha para Faria — e Faria dava conselhos a Dantès sobre os meios a empregar para encontrar o tesouro.

Mas Dantès estava longe de ser tão entusiasta, sobretudo de ser tão confiante quanto o ancião. Certamente agora tinha certeza de que Faria não era louco — a maneira como chegara à descoberta que lhe dera a fama de louco redobrava a sua admiração por ele; mas também não podia acreditar que o tesouro, se tivesse existido, ainda existisse — quando não via o tesouro como quimera, via-o ao menos como ausente.

Entretanto, como se o destino quisesse arrancar aos prisioneiros a sua última esperança, levá-los a compreender que estavam condenados a uma prisão perpétua, nova desgraça os atingiu: a galeria à beira-mar, que havia tempos ameaçava ruir, tinha sido reconstruída; tinham reparado os alicerces e tapado com enormes

blocos de pedra o buraco já meio preenchido por Dantès. Não fosse esse cuidado — que, como lembramos, havia sido sugerido ao jovem pelo abade —, a desgraça seria ainda maior, pois descobririam a tentativa de fuga e sem dúvida os separariam: nova porta, mais forte e mais implacável que as outras, se ergueria diante deles.

— Como vê — disse o jovem a Faria, com doce tristeza —, Deus quer me tirar até o mérito do que você chama de minha devoção à sua pessoa. Eu lhe prometi ficar eternamente ao seu lado; agora não sou livre para descumprir a minha promessa; como você, eu não terei esse tesouro; nunca sairemos daqui. Aliás, o meu verdadeiro tesouro, como vê, meu amigo, não é o que me esperaria debaixo dos sombrios rochedos de Monte-Cristo: é a sua presença, é o nosso convívio de cinco ou seis horas por dia, apesar de nossos carcereiros; são os clarões de inteligência com que você iluminou a minha mente; são as línguas que você implantou em minha memória e que nela brotam com todas as suas ramificações filológicas. As várias ciências que você me tornou tão fáceis, graças à profundidade do conhecimento que tem delas, graças à clareza dos princípios a que as reduziu, são o meu tesouro, amigo: assim você me tornou rico e feliz. Acredite-me e console-se: para mim isso vale mais do que toneladas de ouro e caixas de diamantes... Mesmo se essas riquezas não fossem problemáticas, como aquelas nuvens que de manhã vemos flutuar sobre o mar, imaginando que vemos terra firme, mas que se evaporam, volatizam-se e desaparecem enquanto nos aproximamos. Tê-lo perto de mim sempre que possível, ouvir a sua voz eloquente, ornar o meu espírito, retemperar a minha alma, fazer todo o meu ser capaz de grandes e terríveis coisas se um dia eu for livre, preenchê-lo tão bem que o desespero a que me entregava quando o conheci já não tem mais espaço, essa é a minha fortuna; essa fortuna não é quimérica: é bem verdadeira, devo-a a você, e nem mesmo todos os soberanos da terra, mesmo se fossem Césares Bórgias, conseguiriam me roubar essa fortuna.

Assim, os dois infelizes tiveram, se não dias felizes, ao menos dias que passavam tão rapidamente quanto os dias que se

seguiriam: Faria, que durante longos anos guardara silêncio sobre o tesouro, agora falava dele o tempo todo. Como previra, ficara com o braço direito e a perna esquerda paralisados; perdera praticamente toda esperança de usufruir do tesouro; mas sempre sonhava para o jovem companheiro a libertação ou a fuga — Edmond usufruiria por ele. Com medo de que a carta um dia se perdesse, obrigara Dantès a decorá-la — e Dantès aprendera-a de cor, da primeira à última palavra. Então destruía a segunda parte, certo de que, se descobrissem e apreendessem a primeira, não saberiam decifrar o seu verdadeiro sentido. Às vezes Faria passava horas inteiras dando instruções a Dantès — instruções que poderiam lhe ser úteis no dia em que se libertasse. Então, uma vez livre, no dia, na hora, no momento em que se visse livre, Dantès teria apenas um só e único pensamento: chegar a Monte-Cristo, de algum jeito, e lá ficar sozinho, sob algum pretexto que não levantasse suspeitas; uma vez ali, uma vez só, trataria de encontrar as cavernas maravilhosas e de revistar o lugar indicado: o lugar indicado, como lembramos, era o canto mais distante da segunda abertura.

Entretanto, as horas passavam se não rápidas, ao menos suportáveis: Faria, como dissemos, sem recuperar os movimentos da mão e do pé, reconquistara toda a lucidez de sua inteligência; aos poucos, além dos conhecimentos morais que mencionamos, ensinara ao jovem companheiro o trabalho paciente e sublime do prisioneiro, que do nada sabe fazer alguma coisa; então, estavam eternamente ocupados, Faria com medo de envelhecer, Dantès com medo de lembrar-se de seu passado quase extinto, a flutuar no mais profundo de sua memória apenas como uma luz distante perdida na noite; tudo caminhava assim, como nas existências em que a desgraça nada abala e que decorrem, maquinais e calmas, sob o olhar da Providência.

Mas sob a calma aparente havia no coração do jovem, e talvez no do velho, muitos impulsos contidos e suspiros abafados que se evidenciavam quando Faria ficava só e Edmond voltava à própria cela.

Certa noite, Edmond despertou sobressaltado, imaginando que o chamavam.

Abriu os olhos e tentou devassar a densidade das trevas.

Seu nome — ou melhor, uma voz de lamento que tentava pronunciar o seu nome — chegou até ele.

Ergueu-se na cama, com o suor da angústia na fronte, e escutou. Não havia mais dúvida: o lamento vinha do calabouço de seu companheiro.

— Meu Deus! — murmurou Dantès. — Será que...?...

Empurrou a cama, tirou a pedra, lançou-se ao túnel, chegou à outra extremidade: a laje estava levantada.

À luz informe e vacilante da lamparina, que já mencionamos, Edmond viu o velho pálido, ainda de pé, agarrando-se à cama. Os seus traços eram perturbados pelos horríveis sintomas que Edmond já conhecia e que tanto o aterraram quando os vira pela primeira vez.

— Bem, meu amigo — disse Faria, resignado —, você compreende, não é?... Não preciso lhe dizer nada!

Edmond deu um grito de dor e, perdendo completamente a cabeça, correu à porta, gritando: — Socorro! Socorro!

Faria ainda teve forças para agarrar-lhe o braço.

— Silêncio — exclamou ele —, ou você estará perdido. Pensemos apenas em você, meu amigo, em tornar-lhe o cativo suportável, ou a sua fuga possível. Precisaria de anos para refazer sozinho tudo o que fiz aqui, que seria destruído instantaneamente, se os guardas souberem de nossos túneis. Aliás, fique tranquilo, meu amigo: o calabouço que vou deixar não vai ficar vazio por muito tempo; outro infeliz tomará o meu lugar. A esse outro você vai aparecer como um anjo salvador. Talvez ele seja jovem, forte e paciente como você: vai poder ajudá-lo em sua fuga, enquanto eu o atrapalhava. Não terá mais um quase cadáver amarrado a você, paralisando todos os seus movimentos. Decididamente, enfim Deus faz algo por você: dá-lhe mais do que lhe tira, e bem que já chegou a minha hora de morrer.

Edmond só conseguiu juntar as mãos e exclamar: — Oh, meu amigo... meu amigo, cale-se!

Depois, recuperando as forças, por um instante abaladas pelo golpe imprevisto, e a coragem, abatida pelas palavras do velho: —

Oh — exclamou ele —, já o salvei uma vez, vou salvá-lo outra vez!

E ergueu o pé da cama, tirando o frasco que ainda continha um terço do licor vermelho.

— Tome — disse ele —, ainda há um pouco desta bebida salvadora. Rápido, rápido: diga-me o que preciso fazer desta vez... Há novas instruções? Fale, meu amigo: estou ouvindo.

— Já não há mais esperança — respondeu Faria, balançando a cabeça —, mas não importa: Deus quer que o homem que criou, no coração do qual enraizou tão profundamente o amor à vida, faça tudo o que puder para conservar esta existência às vezes tão penosa, mas sempre tão querida.

— Oh, sim, sim — exclamou Dantès —, e eu vou salvá-lo, com certeza!

— Bem, então tentemos! O frio me domina... Sinto o sangue afluir a meu cérebro... Este terrível tremor, que faz meus dentes baterem, parece desconjuntar os meus ossos, começa a sacudir todo meu corpo... Em cinco minutos, o mal vai explodir... Em quinze minutos, não serei mais que um cadáver.

— Oh! — exclamou Dantès, com o coração partido de dor.

— Você fará como da primeira vez, mas não esperará tanto tempo... Todas as energias vitais já estão bem gastas a esta hora, e a morte — continuou ele, mostrando o braço e a perna paralisados — terá de fazer apenas metade de seu trabalho. Se, depois de colocar, em vez de dez, doze gotas em minha boca, você vir que não reajo, então despeje o restante. Agora, coloque-me em minha cama, pois já não consigo mais ficar de pé.

Edmond tomou o velho nos braços e colocou-o na cama.

— Agora, meu amigo — disse Faria —, única consolação de minha vida miserável, você, que o céu me deu um pouco tarde demais, mas que enfim me deu, presente inestimável... que agradeço... Na hora de me separar de você para sempre, deseje-lhe toda a felicidade, toda a prosperidade que você merece: meu filho, eu o abençoo!

O jovem ajoelhou-se, apoiando a cabeça na cama do velho.

— Mas, sobretudo, escute bem o que lhe digo neste momento supremo: o tesouro dos Spada existe... Deus permita que não haja

mais para mim nem distância, nem obstáculo. Eu o vejo no fundo da segunda caverna: os meus olhos atravessam as profundezas da terra e estão deslumbrados de tantas riquezas. Se você conseguir fugir, lembre-se: o pobre abade que todo mundo imaginava louco não o era... Corra a Monte-Cristo, desfrute de nossa fortuna, desfrute-a: você já sofreu demais.

Violento tremor interrompeu o velho; Dantès ergueu a cabeça: viu aqueles olhos injetarem-se de vermelho, como se uma onda de sangue subisse do peito à frente.

— Adeus! Adeus! — murmurou o velho, apertando convulsivamente a mão do jovem. — Adeus!...

— Oh! Ainda não, ainda não! — exclamou o jovem. — Não nos abandone... Ô meu Deus! Ajude-o... socorra-o... ajude-me...

— Silêncio! Silêncio! — murmurou o moribundo. — Que não nos separem, se você me salvar!

— Você tem razão. Oh! Sim, sim, fique tranquilo: vou salvá-lo! Aliás, embora você esteja sofrendo muito, parece estar sofrendo menos que da primeira vez.

— Oh, não se iluda! Sofro menos porque tenho menos forças para sofrer. Na sua idade, tem-se fé na vida, é o privilégio da juventude, acreditar e ter esperança... Mas os velhos veem a morte mais claramente. Oh!... eis a morte... ela vem... acabou... minha visão se perde... minha razão foge... Dê-me a sua mão, Dantès!... adeus!... adeus!...

E levantando-se com um último esforço que reunia todas as suas faculdades: — Monte-Cristo! — disse ele. — Não se esqueça de Monte-Cristo!

E voltou a cair em sua cama.

A crise foi terrível: membros a contorcerem-se, pálpebras a incharem, espuma de sangue, corpo sem movimento, foi o que restou no leito de sofrimento em lugar do ser inteligente que ali se deitara instantes antes.

Dantès pegou a lamparina, pousou-a na cabeceira da cama, sobre uma pedra saliente, de onde a sua luz trêmula iluminava com reflexo estranho e fantástico aquela face descomposta e aquele corpo rígido e inerte.

Com os olhos fixos, Dantès esperou corajosamente o momento de administrar o remédio salvador.

Quando imaginou chegado o momento, pegou a faca, descerrou os dentes, que ofereceram menos resistêcia do que da primeira vez, contou, uma a uma, dez gotas e esperou; o frasco ainda continha cerca de vinte gotas.

Esperou dez minutos, um quarto de hora, meia hora — nenhum movimento. Trêmulo, de cabelos em pé, fronte gelada de suor, contava os segundos pelas batidas de seu coração.

Então pensou que já era tempo de tentar o último recurso: aproximou o frasco dos lábios roxos de Faria e, sem precisar descerrar os maxilares, que permaneciam abertos, derramou todo o licor restante.

O remédio produziu um efeito galvânico: violento tremor sacudiu os membros do velho, seus olhos abriram-se de maneira assustadora, ele deu um suspiro que parecia um grito, depois todo aquele corpo em convulsão voltou pouco a pouco à imobilidade.

Os olhos, entretanto, permaneceram abertos.

Meia hora, uma hora, uma hora e meia se passaram. Durante esta hora e meia de angústia, Edmond, inclinado sobre o seu amigo, com a mão pousada em seu coração, sentiu sucessivamente aquele corpo esfriar e aquele coração interromper os batimentos cada vez mais surdos e profundos. Enfim, nada se movia; o último batimento do coração cessou, a face ficou lívida, os olhos permaneceram abertos, mas o olhar era opaco.

Eram seis horas da manhã, o dia começava a aparecer, e seu raio pálido, invadindo o calabouço, empalidecia a luz agonizante da lamparina. Reflexos estranhos passavam pelo rosto do cadáver, dando-lhe de tempos em tempos aparência de vida. Enquanto durou aquela luta entre a noite e o dia, Dantès ainda pôde duvidar; mas, quando o dia venceu, compreendeu que estava sozinho com um cadáver.

Então um terror profundo e invencível apossou-se dele; já não ousava mais apertar aquela mão que pendia para fora da cama, já não ousava mais deter os seus olhos naqueles olhos fixos e brancos que várias vezes ele tentou fechar, mas inutilmente: sempre se

reabriam. Apagou a lamparina, escondeu-a cuidadosamente e fugiu, recolocando o melhor possível a laje acima de sua cabeça.

Aliás, era tempo: o carcereiro estava chegando.

Dessa vez, ele começou a visita por Dantès; ao sair de sua masmorra, iria à de Faria, a quem levava o desjejum e a roupa de cama.

Aliás, nada naquele homem indicava que ele sabia o que acontecera.

Ele saiu.

Então Dantès foi tomado de inexprimível impaciência para saber o que iria acontecer no calabouço de seu infeliz amigo; então entrou no túnel e chegou a tempo de ouvir as exclamações do carcereiro, que pedia socorro.

Logo chegaram os outros carcereiros; depois se ouviu aquele passo pesado e regular, habitual aos soldados mesmo quando fora de serviço. Atrás dos soldados, entrou o governador.

Edmond ouviu o barulho da cama, na qual agitavam o cadáver; ouviu a voz do governador, ordenando que lhe jogassem água no rosto e, ao ver que apesar da água o prisioneiro não reagia, mandando chamar o médico.

O governador saiu: algumas palavras de compaixão chegaram aos ouvidos de Dantès, misturadas a risos de zombaria.

— Ora, vamos — dizia um —, o louco foi ao encontro de seus tesouros... boa viagem!

— Com todos os seus milhões, não terá como pagar a sua mortalha — dizia outro.

— Oh — disse uma terceira voz —, as mortalhas do castelo de If não custam caro...

— Talvez — disse um dos primeiros interlocutores —, como é um homem da Igreja, façam algumas despesas com ele.

— Então ele vai ter as honras do saco.

Edmond escutava, não perdia uma palavra, mas não compreendia muito do que diziam. Logo as vozes se calaram: pareceu-lhe que os assistentes deixavam a cela.

Entretanto, não ousou entrar: podiam ter deixado algum carcereiro guardando o morto.

Então permaneceu mudo, imóvel, retendo a respiração.

Ao fim de cerca de uma hora, o silêncio foi invadido por leve barulho, que foi crescendo.

Era o governador que voltava, acompanhado do médico e de vários oficiais.

Fez-se um momento de silêncio: era evidente que o médico aproximava-se da cama e examinava o cadáver.

Logo começaram as perguntas.

O médico analisou o mal que vitimara o prisioneiro e declarou-o morto.

Perguntas e respostas se faziam com uma displicência que indignava Dantès — parecia-lhe que todo mundo deveria sentir pelo pobre abade um pouco da afeição que ele lhe dedicava.

— Lamento essa notícia — disse o governador, reagindo à declaração de que o velho estava realmente morto —, ele era um prisioneiro gentil, inofensivo, divertido com a sua loucura, sobretudo fácil de vigiar.

— Oh — disse o carcereiro —, nem precisaria ser vigiado: esse aí ficaria aqui cinquenta anos, garanto, sem tentar fugir uma única vez.

— Entretanto — tornou o governador —, creio que seria urgente, apesar de sua convicção... não que duvide de sua ciência, mas por ser de minha responsabilidade... assegurar-nos de que o prisioneiro está realmente morto.

Fez-se um momento de silêncio absoluto, durante o qual Dantès, sempre à escuta, estimou que o médico estava examinando e apalpando o cadáver mais uma vez.

— Pode ficar tranquilo — disse então o médico —, ele está morto: sou eu que lhe garanto.

— Como o senhor sabe — disse o governador, insistindo —, nesses casos, nós não nos contentamos com um simples exame... Apesar de todas as aparências, queira terminar a sua tarefa, cumprindo todas as formalidades prescritas pela lei.

— Mande aquecer os ferros — disse o médico. — Mas, em verdade, é uma precaução bastante inútil...

A ordem de aquecer os ferros fez Dantès estremecer.

Ouviram-se passos apressados, o ranger da porta, algumas idas e vindas pelo interior da cela — instantes depois, um guarda entrou, dizendo: — Eis o braseiro com um ferro.

Fez-se então um momento de silêncio; depois se ouviu a vibração da carne a queimar; o cheiro pesado e nauseante atravessou a própria parede atrás da qual Dantès escutava horrorizado.

Ao sentir o cheiro de carne humana carbonizada, a testa do jovem encheu-se de suor: ele pensou que iria desmaiar.

— Como vê, senhor, ele está bem morto — disse o médico. — Esta queimadura no calcanhar é decisiva: o pobre louco está curado de sua loucura e livre de seu cativoiro.

— Ele não se chamava Faria? — perguntou um dos oficiais que acompanhavam o governador.

— Sim, senhor, e, segundo ele, esse era um nome antigo... Aliás, ele era muito culto, até mesmo bem razoável sobre tudo o que não tivesse nada a ver com o seu tesouro... Mas sobre o tesouro, convenhamos, ele era intratável.

— Essa é a doença que chamamos de monomania — disse o médico.

— Você nunca precisou se queixar dele? — perguntou o governador ao carcereiro encarregado de levar a comida do abade.

— Nunca, senhor governador — respondeu o carcereiro —, nunca, jamais! Pelo contrário: antigamente ele até mesmo me divertia muito contando histórias... Um dia, minha mulher ficou doente: ele até mesmo me deu uma receita que a curou.

— Ha, ha! — fez o médico. — Eu ignorava que estava lidando com um colega... Espero, senhor governador — acrescentou, rindo —, que o senhor o trate de acordo...

— Sim, sim, fique tranquilo: ele vai ser decentemente sepultado no saco mais novo que pudermos encontrar... Fica satisfeito?

— Devemos cumprir essa última formalidade diante do senhor? — perguntou um guarda.

— Naturalmente, mas apressem-se: não posso passar o dia inteiro aqui nesta cela.

Novas idas e vindas fizeram-se ouvir; instantes depois, um barulho de pano amarrotado chegou aos ouvidos de Dantès, as molas da cama rangeram, passos pesados como os de um homem a carregar um fardo ecoaram na laje, depois a cama rangeu de novo sob o peso que nela colocavam.

— Até a noite! — disse o governador.

— Vai haver missa? — perguntou um dos oficiais.

— Impossível — respondeu o governador. — Ontem, o capelão do Castelo veio me pedir licença para fazer uma pequena viagem de uma semana a Hyères: disselhe que na sua ausência eu responderia por todos os prisioneiros; se o pobre abade não tivesse tanta pressa, teria o seu réquiem.

— Bah, bah! — disse o médico, com a impiedade habitual às pessoas de sua profissão —, ele é homem da Igreja: Deus o tratará de acordo... não dará ao inferno o infernal prazer de enviar-lhe um padre...

Uma explosão de riso sucedeu à brincadeira sem graça.

Enquanto isso, prosseguia a operação de amortalhamento.

— Até a noite! — disse o governador, quando ela terminou.

— A que horas? — perguntou o guarda.

— Às dez ou onze horas...

— O morto vai ser vigiado?

— Para quê? Fechem o calabouço, como se ele estivesse vivo, e nada mais.

Então os passos se afastaram, as vozes foram se enfraquecendo, fez-se ouvir o ranger da porta com a sua fechadura barulhenta e com os seus ferrolhos ruidosos; um silêncio mais sombrio que o da solidão, o silêncio da morte, invadiu tudo, até a alma gelada do jovem.

Então ele ergueu lentamente a laje com a cabeça e lançou um olhar investigador à cela.

A cela estava vazia: Dantès saiu do túnel.

XX. O CEMITÉRIO DO CASTELO DE IF

Estendido na cama, fragilmente iluminado pela luz nebulosa a penetrar pela janela, via-se um saco de pano grosseiro; sob as suas dobras desenhava-se confusamente uma forma longa e rígida: era a última mortalha de Faria, a mortalha que, segundo os carcereiros, não era muito cara. Assim, estava tudo acabado. Já existia uma separação material entre Dantès e seu velho amigo; ele já não poderia mais ver aqueles olhos que permaneciam abertos, como a olhar além da morte; já não poderia mais apertar aquela mão industriosa que lhe erguera o véu a cobrir as coisas ocultas. Faria, o útil, o bom companheiro, a quem Dantès se habituara com tanta força, agora só existia em sua lembrança. Então ele sentou-se à cabeceira daquela cama terrível e mergulhou em sombria e amarga melancolia.

Só! Voltava a ser só! Recaíra no silêncio: encontrava-se em face do nada!

Só! Nem mesmo a visão, nem mesmo a voz do único ser humano que ainda o ligava à terra! Não seria melhor, como Faria, ir pedir a Deus a revelação do enigma da vida, mesmo correndo o risco de atravessar a porta lúgubre do sofrimento?

A ideia de suicídio, banida por seu amigo, afastada por sua presença, voltou então a erguer-se como um fantasma ao lado do cadáver de Faria.

— Se eu pudesse morrer — disse ele —, iria para onde ele vai: eu o reencontraria, certamente. Mas como morrer? É muito fácil — continuou, rindo. — Vou ficar aqui, vou me lançar sobre o primeiro que entrar, vou estrangulá-lo, vão me guilhotinar.

Mas como nos grandes sofrimentos, como nas grandes tempestades, o abismo se encontra entre duas cristas de ondas, Dantès recuou à ideia daquela morte infamante — passou bruscamente do desespero à ardente sede de vida e de liberdade.

— Morrer? Ah, não! — exclamou ele. — Não vale a pena ter vivido tanto, ter sofrido tanto, para agora morrer! Seria bom morrer antigamente, quando tomei essa decisão, anos atrás... Mas agora realmente seria ajudar demais a desgraça do meu destino. Não, quero viver, quero lutar até o fim... Não, quero reconquistar a felicidade que me roubaram. Antes de morrer, eu me esquecia,

tenho carrascos a punir, e talvez também, quem sabe?, alguns amigos a recompensar... Mas agora vão me esquecer aqui, só vou sair de meu calabouço como Faria saiu.

Todavia, a essas palavras, Edmond ficou imóvel, com os olhos fixos, como um homem surpreendido por uma ideia súbita, mas a quem tal ideia assusta; de repente, levantou-se, levou a mão à testa, como se tivesse vertigens, deu duas ou três voltas pela cela e voltou a parar diante da cama...

— Ah, ah — murmurou ele —, quem me envia este pensamento? É você, meu Deus? Já que só os mortos saem daqui livremente, vou tomar o lugar dos mortos...

E sem dar-se tempo de voltar atrás nessa decisão, como que para não dar ao pensamento a oportunidade de destruir essa resolução desesperada, inclinou-se ao horrível saco, abriu-o com a faca que Faria fizera, retirou o cadáver do saco, levou-o para a sua cela, deitou-o em sua cama, tapou-lhe a cabeça com os farrapos de pano que ele mesmo costumava puxar sobre a sua cabeça, cobriu-o com a sua coberta, beijou pela última vez aquela testa gelada, tentou fechar aqueles olhos rebeldes, que continuavam sempre abertos, aterradores pela ausência de pensamento, virou aquela cabeça para a parede, para que o carcereiro, ao trazer o jantar, pensasse que ele próprio estivesse deitado, como de hábito, voltou ao túnel, puxou a cama para o muro, entrou na outra cela, pegou no armário a agulha, a linha, tirou os seus trapos para que sentissem perfeitamente sua carne nua sob o pano, entrou no saco rasgado, colocou-se na posição em que estava o cadáver e fechou a costura por dentro.

Se por azar entrassem naquele momento, poderiam ouvir o seu coração bater.

Bem que Dantès poderia ter esperado a visita noturna do carcereiro, mas temia que até lá o governador mudasse de ideia e que levassem o cadáver.

Então a sua última esperança estaria perdida.

Em todo caso, agora o seu plano estava definido.

Eis o que ele pretendia fazer.

Se durante o trajeto os coveiros percebessem que estavam carregando um vivo, em vez de um morto, Dantès não lhes daria tempo de agir: com vigorosa facada, abriria o saco de alto a baixo e, aproveitando-se do terror deles, escaparia; se tentassem agarrá-lo, usaria a faca.

Se o levassem até o cemitério e o colocassem numa cova, deixaria cobrirem-no de terra. Depois, como seria noite, mal os coveiros lhe dessem as costas, abriria uma passagem através da terra macia e fugiria: esperava que o peso não fosse muito grande para poder levantá-lo.

Se estivesse enganado, se, pelo contrário, a terra fosse muito pesada, morreria asfixiado, tanto melhor!, tudo estaria acabado.

Dantès não comera desde a véspera, mas de manhã não pensara na fome, agora também não. A sua posição era desconfortável demais para dar-lhe tempo de fixar o pensamento em qualquer outra coisa.

O primeiro perigo que Dantès corria era o carcereiro, levando-lhe o jantar às sete horas, perceber a substituição feita: felizmente, vinte vezes, fosse por misantropia, fosse por cansaço, Dantès recebera o carcereiro deitado e nesse caso, normalmente, o homem colocava o pão e a sopa em cima da mesa e retirava-se sem nada lhe falar.

Mas dessa vez o carcereiro poderia abandonar os seus hábitos de mutismo, falar algo a Dantès e, ao ver que Dantès nada lhe respondia, aproximar-se da cama e descobrir tudo.

Quando as sete da noite se aproximaram, as angústias de Dantès começaram realmente. Sua mão, apertada contra o coração, tentava abafar o batimento cardíaco, enquanto a outra mão enxugava o suor de sua testa a escorrer pelas têmporas. De vez em quando, arrepios percorriam-lhe o corpo todo e apertavam-lhe o coração como um torno gelado. Então imaginava que iria morrer. As horas transcorriam sem provocar nenhum movimento no Castelo — Dantès compreendeu que escapara desse primeiro perigo: era um bom sinal. Enfim, à hora marcada pelo governador, ouviram-se passos na escada. Edmond compreendeu que o momento tinha chegado, reuniu toda a sua coragem, contendo a respiração; que

maravilha se pudesse conter ao mesmo tempo, da mesma forma, as loucas pulsações de suas artérias.

Pararam à porta — os passos eram duplos. Dantès adivinhou: eram os dois coveiros que vinham buscá-lo. Esta suspeita transformou-se em certeza quando ouviu o barulho que faziam pousando a padiola.

A porta se abriu — uma luz velada chegou aos olhos de Dantès. Através do saco a cobri-lo, viu duas sombras aproximarem-se de sua cama. Uma terceira sombra continuava à porta, com uma lanterna à mão. Os dois homens que tinham se aproximado da cama agarraram o saco, cada um por uma extremidade.

— Como ele ainda é pesado, para um velho tão magro! — disse um deles, erguendo-o pela cabeça.

— Dizem que a cada ano os ossos ficam meia libra mais pesados — disse o outro, segurando-o pelos pés.

— Fizeste o nó? — perguntou o primeiro.

— Eu seria bem besta se nos carregasse com mais um peso inútil — disse o segundo —, vou fazer o nó lá.

— Tens razão: vamos embora.

— Que nó é esse? — perguntou-se Dantès.

Transportaram o pretense morto da cama à padiola. Edmond endurecia-se para melhor desempenhar o papel de finado. Pousaram-no na padiola: o cortejo, iluminado pelo homem da lanterna, que caminhava à frente, subiu a escada.

De repente, o ar fresco e livre da noite inundou Edmond. Dantès reconheceu o vento do mar. Foi uma sensação repentina, cheia de delícias e de angústias.

Os carregadores andaram vinte passos; então pararam e pousaram a padiola no chão.

Um dos carregadores afastou-se — Dantès ouviu os seus sapatos ecoarem nas lajes.

— Então onde estou? — perguntou-se Edmond.

— Sabes que ele não é lá nada leve? — disse o que ficara perto de Dantès, sentando-se ao lado da maca.

O primeiro impulso de Dantès foi fugir — felizmente, conteve-se.

— Então me ilumina, animal! — disse o carregador que se afastara —, ou nunca vou encontrar o que estou procurando...

O homem da lanterna obedeceu à ordem, embora ela tivesse sido dada em termos pouco convenientes.

— O que ele está procurando? — perguntou-se Dantès. — Uma pá, naturalmente.

Uma exclamação alegre mostrou que o coveiro encontrara o que procurava.

— Até que enfim — disse o outro —, já era tempo.

— É — respondeu ele —, mas ele não perdeu por esperar.

A essas palavras, ele aproximou-se de Edmond, que ouviu depositarem perto dele um corpo pesado e sonoro: no mesmo instante, uma corda amarrou os seus pés, pressionando-os de forma intensa e dolorosa.

— Bem, o nó está feito? — perguntou o coveiro que ficara inativo.

— E bem feito — disse o outro —, eu te garanto.

— Então vamos.

E a padiola carregada seguiu o seu caminho.

Deram cerca de cinquenta passos, depois pararam para abrir uma porta; então voltaram a caminhar. Quanto mais avançavam, mais o barulho das ondas a se quebrarem contra os rochedos que sustentavam o castelo chegava nitidamente aos ouvidos de Dantès.

— Mas que tempo terrível! — disse um dos carregadores. — Esta noite o mar não está para peixe.

— É verdade: o abade corre um grande risco de ficar molhado! — disse o outro; e eles morreram de rir.

Dantès não entendeu muito bem a brincadeira, mas os seus cabelos não deixaram de ficar arrepiados.

— Bom, enfim chegamos! — disse o primeiro.

— Adiante, adiante — disse o outro —, bem te lembras: o último ficou no meio do caminho, arrebatado contra os rochedos, e no dia seguinte o governador disse que nós éramos preguiçosos...

Deram mais quatro ou cinco passos, sempre a subir; então Dantès sentiu que o pegavam pela cabeça e pelos pés e o balançavam.

— Uma... — disseram os coveiros.

— Duas...

— Três!

Nesse instante, Dantès sentiu-se realmente lançado a um vazio imenso, a atravessar o ar como um pássaro ferido, a cair, sempre a cair com um terror que lhe gelava o coração. Apesar de puxado para baixo por algo pesado a precipitar o seu voo rápido, pareceu-lhe que essa queda durava um século. Enfim, com um barulho terrível, entrou como uma flecha na água gelada, que o levou a dar um grito, abafado no mesmo instante pela submersão.

Dantès tinha sido lançado ao mar e para o fundo do mar puxava-o uma bola de ferro de dezesseis quilos amarrada a seus pés.

O mar era o cemitério do castelo de If.

XXI. A ILHA DE TIBOULEN

Atordoado, quase sufocado, Dantès teve entretanto presença de espírito para prender a respiração — e como a sua mão direita, como havíamos dito, preparada para qualquer coisa que viesse a acontecer, segurava a faca pronta, rasgou rapidamente o saco, livrou o braço, depois a cabeça; todavia, apesar de seus movimentos para erguer a bola de ferro, continuou a sentir-se arrastado para o fundo do mar. Então curvou-se, procurando a corda que amarrava as suas pernas, e com supremo esforço cortou-a exatamente no momento em que já sufocava. Então, com vigorosas pernadas, subiu livre à superfície do mar, enquanto a bola levava a profundezas desconhecidas o saco grosseiro que quase se transformara em sua mortalha.

Dantès mal respirou e mergulhou outra vez: o primeiro cuidado era não ser visto.

Quando emergiu pela segunda vez, já estava a cinquenta metros de onde caíra; acima de sua cabeça, viu um céu sombrio e tempestuoso; na superfície do céu, o vento varria nuvens velozes, às vezes revelando cantos azuis ampliados pelas estrelas; diante dele estendia-se a superfície sombria e murmurante: as ondas

começavam a fervilhar, como à aproximação da tempestade, enquanto atrás dele, mais escuro que o mar, mais escuro que o céu, elevava-se, como um fantasma a ameaçar, o gigante de granito: sua ponta sombria parecia um braço estendido para capturar a sua presa; na mais alta rocha havia uma lanterna iluminando duas sombras.

Parecia-lhe que aquelas duas sombras inclinavam-se ao mar, inquietas: realmente, aqueles estranhos coveiros deviam ter ouvido o grito que ele dera ao atravessar o espaço. Então Dantès mergulhou novamente, fez um longo trajeto entre duas águas: nos velhos tempos, fizera essa manobra muitas vezes, geralmente atraindo ao redor de si, na enseada do Farol, muitos admiradores, que diziam ser ele o melhor nadador de Marselha.

Quando voltou à superfície do mar, a lanterna havia desaparecido.

Era preciso orientar-se: entre todas as ilhas a cercar o castelo de If, Ratonneau e Pomègue são as mais próximas; mas ambas são habitadas, assim como a pequena ilha de Daume: então a ilha mais segura era a de Tiboulen, ou a de Lemaire; ambas encontram-se a uma légua do castelo de If.

Mas Dantès não desistiu de alcançar uma dessas duas ilhas; todavia, como descobrir essas ilhas no meio da noite a adensar-se a cada instante a seu redor?

Nesse momento, viu brilhar, como uma estrela, o farol de Planier.

Dirigindo-se diretamente ao farol, passaria um pouco à direita da ilha de Tiboulen; então, desviando um pouco para a esquerda, deveria encontrar essa ilha bem no meio do caminho.

Mas, como dissemos, havia ao menos uma imensa légua entre o castelo de If e aquela ilha.

Muitas vezes, na prisão, Faria repetira ao jovem, ao vê-lo abatido e preguiçoso: — Dantès, nunca se abandone a esta inércia... Você vai se afogar, se tentar fugir e as suas forças não estiverem em forma.

Sob as vagas pesadas e amargas, essas palavras ecoavam nos ouvidos de Dantès; então teve pressa de cavalgar as águas e quebrar as ondas para ver se realmente não tinha perdido as suas

forças; viu alegremente que a forçada inatividade nada lhe tirara de sua potência e agilidade — sentiu que continuava a ser senhor do elemento em que brincava desde criança.

Aliás, o medo, veloz perseguidor, dobrava o vigor de Dantès: escutava, inclinado sobre a crista das ondas, se algum rumor chegava até ele. Cada vez que se elevava ao topo de uma onda, seu olhar veloz abraçava o horizonte visível e tentava mergulhar na densa escuridão; cada onda um pouco mais elevada que as outras lhe parecia ser um barco a persegui-lo: então multiplicava os esforços, que naturalmente impeliam-no adiante, mas a repetição desses esforços logo esgotaria as suas forças.

Nadava, todavia, e aquele castelo terrível já estava quase derretido pela neblina noturna: já não o via, mas ainda o sentia.

Já tinha se passado uma hora: nessa hora, Dantès, exaltado⁴⁴ pelo sentimento de liberdade a invadir todo o seu ser, continuava a fender as ondas no rumo que escolhera.

— Vejamos — dizia-se ele —, vamos, já faz uma hora que estou nadando, mas como o vento é contrário devo ter perdido um quarto da minha velocidade... Todavia, a não ser que tenha errado a direção, agora já não devo estar muito longe da ilha de Tiboulen.

“Mas e se me enganei?”

Um arrepio percorreu todo o corpo do nadador; por um instante, tentou boiar, para descansar; mas o mar estava cada vez mais agitado — logo compreendeu que essa forma de descansar com que contara era impossível.

— Tudo bem — disse ele —, que seja, irei até o fim, até meus braços se esgotarem, até as câimbras invadirem o meu corpo, então me afogarei!

Então nadou com a força e com o impulso do desespero.

De repente, pareceu-lhe que o céu, já tão obscuro, ensombrecia-se ainda mais — que uma nuvem densa, pesada, compacta, descia até ele; ao mesmo tempo, sentiu violenta dor no joelho: a imaginação, com a sua incalculável velocidade, disselhe então que era o impacto de uma bala, que ele logo ouviria o barulho do tiro de fuzil; mas não houve barulho. Dantès estendeu a mão e sentiu algo

a resistir, moveu a outra perna e tocou a terra: então percebeu o que era aquilo que ele imaginara ser uma nuvem.

A vinte passos dele, elevava-se uma porção de estranhos rochedos: parecia ser uma imensa lareira petrificada no momento da mais ardente combustão — era a ilha de Tiboulen.

Dantès ergueu-se, deu alguns passos adiante e estendeu-se, agradecendo a Deus, sobre as pontas de granito, que então lhe pareceram mais suaves do que jamais lhe parecera a cama mais macia.

Então, apesar do vento, apesar da tempestade, apesar da chuva que começava a cair, esgotado de cansaço como estava, adormeceu, caindo naquele delicioso sono do homem cujo corpo dorme, mas cuja alma vela com a consciência de uma felicidade inesperada.

Uma hora depois, Edmond despertou com o ronco de um imenso trovão: a tempestade desencadeara-se no espaço e abalava o ar com o seu voo brilhante; de tempos em tempos, um raio descia do céu como uma serpente em chamas, iluminando as ondas e as nuvens a rolar, umas diante das outras, como as vagas de imenso caos.

Com o seu olhar de marinheiro, Dantès não se enganara: chegara à primeira das duas ilhas, que é realmente a de Tiboulen. Sabia que ela era nua, deserta, infértil e não oferecia a menor proteção; mas quando a tempestade se acalmasse ele voltaria a mergulhar no mar e nadaria até a ilha Lemaire, também árida e deserta, todavia mais ampla — logo, mais hospitaleira.

Uma pedra saliente ofereceu momentâneo abrigo a Dantès: ele ali se refugiou e quase ao mesmo tempo a tempestade desabou com toda a sua fúria.

Edmond sentia a pedra em que se abrigara estremecer; as ondas, quebrando contra a base da gigantesca pirâmide, salpicavam nele; por mais seguro que estivesse, encontrava-se no meio daquele profundo barulho, no meio daqueles relâmpagos deslumbrantes, tomado por uma espécie de vertigem: parecia-lhe que a ilha tremia embaixo dele e de um momento para outro iria,

como um navio ancorado, romper as amarras e arrastá-lo para o meio do imenso redemoinho.

Então se lembrou: havia vinte e quatro horas não comia — tinha fome, tinha sede.

Dantès estendeu as mãos e a boca e bebeu a água da tempestade na cavidade de uma pedra.

Quando se levantou, um relâmpago — que parecia rasgar o céu até aos pés do trono deslumbrante de Deus — iluminou o espaço; à luz desse relâmpago, entre a ilha de Lemaire e o cabo Croisille, um quarto de légua adiante, Dantès viu aparecer, como um espectro a deslizar da crista de uma onda ao abismo, um pequeno navio pesqueiro carregado ao mesmo tempo pela tempestade e pelas ondas; um segundo depois, na crista de outra onda, o fantasma reapareceu, aproximando-se com incrível velocidade. Dantès quis gritar, procurou algum farrapo para agitá-lo no ar, avisando-os que eles iriam naufragar, mas eles já o sabiam muito bem. À luz de outro relâmpago, o jovem viu quatro homens agarrados aos mastros e às traves; um quinto homem segurava-se à barra do leme quebrado. Os homens que ele via sem dúvida também o viram, pois gritos desesperados, trazidos pela rajada sibilante, chegaram a seus ouvidos. Acima do mastro, torcido como caniço, tremulava no ar, socando o vento, uma vela em farrapos; de repente, as amarras que a prendiam se romperam e ela desapareceu, levada pelas sombrias profundezas do céu, como os grandes pássaros brancos desenhados nas nuvens negras.

Ao mesmo tempo, ouviu-se um abalo terrível: gritos de agonia chegaram até Dantès. Agarrado como esfinge à sua pedra, de onde mergulhava no abismo, novo relâmpago mostrou-lhe o pequeno navio destruído e, entre os destroços, cabeças, faces desesperadas, braços estendidos ao céu.

Então tudo voltou às trevas — o terrível espetáculo tivera a duração do relâmpago.

Dantès correu pelas pedras escorregadias, arriscando-se a também rolar e cair no mar; olhou, escutou, mas não ouviu nem viu mais nada: nem gritos, nem esforços humanos; só a tempestade,

grande obra divina, continuava a rugir com os ventos e a espumar com as vagas.

Pouco a pouco, o vento se acalmou; o céu levou para oeste grandes nuvens cinza e, por assim dizer, desbotadas pela tempestade; o azul reapareceu com as estrelas mais cintilantes do que nunca: logo, a leste, longa faixa vermelha desenhou no horizonte ondulações de azul-marinho; as ondas saltaram — súbito clarão percorreu as suas cristas de espuma, transformando-as em crinas de ouro.

O dia raiava.

Dantès ficou imóvel e mudo ante o imenso espetáculo, como se o visse pela primeira vez; realmente, enquanto permanecera encerrado no castelo de If, esquecera a aurora.

Voltou-se para a fortaleza, interrogando ao mesmo tempo, com amplo olhar panorâmico, a terra e o mar.

O barco sombrio saía do seio das ondas com a imponente majestade das coisas imóveis, que parecem ao mesmo tempo vigiar e comandar.

Deviam ser cinco horas da manhã; o mar continuava a se acalmar.

— Em duas ou três horas — pensou Edmond —, o carcereiro vai entrar em minha cela, encontrar o cadáver de meu pobre amigo, reconhecê-lo, procurar-me em vão, dar o alarme... Então eles vão achar o buraco, o túnel... Vão interrogar os homens que me jogaram no mar: eles devem ter ouvido o meu grito. Logo, barcos cheios de soldados armados vão correr atrás do pobre fugitivo: bem sabem que ele não está longe. O canhão vai avisar todo o litoral: ninguém deve ajudar um homem que se encontra errante, nu e faminto. Os espões e policiais de Marselha vão ser avisados e vão vasculhar toda a costa, enquanto o governador do castelo de If vai mandar vasculharem o oceano. Então, caçado no mar, cercado na terra, que vai ser de mim? Tenho fome, tenho frio, perdi até a faca salvadora que me impedia de nadar; estou à mercê do primeiro camponês que quiser ganhar vinte francos entregando-me; já não tenho nem forças, nem ideias, nem planos. Ah, meu Deus, meu Deus, veja se

já não sofri bastante, se não pode fazer por mim mais do que eu mesmo pude fazer.

No momento em que Edmond, numa espécie de delírio provocado pelo esgotamento de suas forças e pelo vazio de seu cérebro, pronunciava essa prece ardente, ansiosamente voltado para o castelo de If, avistou na ponta da ilha de Pomègue, desenhando a sua vela latina no horizonte, como uma gaivota em voo rasante sobre as águas, um barco que só o olhar do marinheiro poderia reconhecer como um veleiro genovês sobre a linha ainda nebulosa do mar. O barquinho vinha do porto de Marselha e ganhava o largo rasgando a espuma brilhante com a proa aguda, que abria um caminho mais fácil para os seus flancos redondos.

— Ah — exclamou Dantès —, pensar que em meia hora eu poderia alcançar esse barco, se não temesse ser interrogado, reconhecido como fugitivo e reconduzido a Marselha! Que fazer? Que dizer? Que fábula inventar para poder iludi-los? Esses homens são todos contrabandistas, quase piratas. A pretexto de fazerem breve curso, saqueiam o litoral; prefeririam me vender a praticar uma boa ação de graça.

“Esperemos.

“Mas esperar não é possível: morro de fome, em poucas horas o resto de forças que me restam vai desaparecer; aliás, está próxima a hora da visita; o alarme ainda não foi dado, talvez não desconfiem de nada: posso passar por um dos marinheiros desse pequeno barco que naufragou à noite. Essa fábula é bem verossímil; ninguém vai me contradizer, pois todos se afogaram. Vamos!”

Ao dizer-se essas palavras, Dantès voltou os olhos para o lugar em que o pequeno navio naufragara e estremeceu. Na saliência de um rochedo, ficara preso o boné frígio de um marinheiro afogado — perto dali, flutuavam alguns destroços do casco, traves inertes que o mar puxava e repuxava contra a base da ilha, onde batiam como peças manipuladas.

Num instante, Dantès decidiu-se: mergulhou no mar, nadou até o boné, colocou-o na cabeça, agarrou uma das traves e nadou para a linha em que o veleiro deveria passar.

— Agora estou salvo — murmurou.

Esta convicção devolveu-lhe as forças.

Logo viu o veleiro: com os bons ventos, ele corria velozmente entre o castelo de If e a torre de Planier. Por um instante, Dantès temeu que em vez de aproximar-se da costa o pequeno navio ganhasse o alto-mar, como faria se o seu destino fosse a Córsega ou a Sardenha; mas pelas suas manobras o nadador logo percebeu que, como quase todos os navios que vão para a Itália, ele pretendia passar entre a ilha de Jaros e a ilha de Calasareigne.

Todavia, o nadador e o navio aproximavam-se insensivelmente um do outro; em uma de suas manobras, apenas um quarto de légua separou o barco de Dantès. Então ele subiu à crista das ondas, agitando o seu boné, em sinal de socorro; mas ninguém o avistou do barco, que virou de lado e começou nova manobra. Dantès quis chamar; mas o seu olho mediu a distância e compreendeu que a sua voz não chegaria ao navio, levada e abafada pela brisa marinha e pelo barulho das ondas.

Foi então que ele se felicitou pela precaução tomada ao agarrar uma trave. Enfraquecido como estava, talvez não pudesse mais manter-se à tona até alcançar o barco; certamente, se o barco passasse sem vê-lo — o que era bem provável —, não conseguiria chegar à costa.

Embora tivesse quase certeza da rota seguida pelo barco, Dantès acompanhou-o ansiosamente com os olhos, até o momento em que o viu mudar de rumo e vir a seu encontro.

Então nadou em sua direção, mas, antes que se encontrassem, o barco mudou de rumo.

Logo, Dantès, com esforço supremo, ficou quase de pé sobre as águas, agitando o seu boné, dando um grito assustador, como os gritos dos marinheiros a se afogar, gritos que parecem lamentos de algum gênio do mar oceano.

Dessa vez, viram-no e ouviram-no. O barco interrompeu a sua manobra e veio em sua direção. Edmond logo viu que eles se preparavam para lançar um bote ao mar.

Momentos depois, o bote, tripulado por dois homens, veio em sua direção, abrindo o mar com duplo remo. Então Dantès largou a

trave, pensando não precisar mais dela, e nadou vigorosamente para poupar meio caminho aos homens do bote.

Entretanto, o nadador contara com forças quase ausentes; então percebeu a utilidade daquela trave de madeira que já flutuava, inerte, a cem metros dele. Os seus braços começaram a ficar duros, as suas pernas tinham perdido a flexibilidade, os seus movimentos se tornavam rígidos e bruscos, o seu peito ofegava.

Ele deu outro grito, os dois remadores redobram esforços, um deles gritou em italiano: — Coragem!

A palavra chegou-lhe bem no momento em que uma onda passou por cima de sua cabeça e cobriu-o de espuma — ele não tivera forças para superá-la.

Ele emergiu batendo o mar com os movimentos incontrolados e desesperados de um homem que se afoga, deu outro grito, sentiu-se tragado pelo mar, como se ainda carregasse nos pés a bola fatal.

A água passou por cima de sua cabeça: através da água, viu o céu branco, com manchas negras.

Violento esforço devolveu-o à superfície do mar.

Então lhe pareceu que o agarravam pelos cabelos, depois não viu mais nada, não ouviu mais nada — tinha desmaiado.

Quando reabriu os olhos, Dantès estava no convés do navio, que seguia o seu caminho; seu primeiro olhar foi para ver o rumo: continuavam a afastar-se do castelo de If.

Dantès estava tão exausto que a exclamação de alegria que deu foi tomada por um suspiro de dor.

Como dissemos, ele estava deitado no convés: um marinheiro esfregava os seus membros com uma coberta de lã; outro — que ele reconheceu como o que lhe gritara “coragem!” — introduzia o orifício de uma cabaça em sua boca; um terceiro — velho marinheiro, ao mesmo tempo piloto e capitão — olhava-o com o sentimento de piedade egoísta que geralmente os homens sentem diante de uma desgraça que não os atingiu até ontem, mas que amanhã pode atingi-los.

Algumas gotas de rum a jorrar da cabaça reanimaram o coração desanimado do jovem, enquanto as fricções que o marinheiro

ajoelhado diante dele continuava a aplicar com a lã devolviam elasticidade a seus membros.

— Quem é você? — perguntou o capitão, em mau francês.

— Eu sou — respondeu Dantès, em mau italiano — um marinheiro maltês. — Nós vínhamos de Siracusa: estávamos carregados de vinhos e tecidos. O dilúvio desta noite nos surpreendeu no cabo de Morgiou: batemos contra os rochedos que vocês veem ali adiante.

— De onde está vindo?

— Daqueles rochedos: tive a sorte de me agarrar a eles, enquanto o nosso pobre capitão ali quebrava a cabeça. Os nossos três outros companheiros se afogaram. Acho que sou o único sobrevivente; vi o seu navio: temendo ficar muito tempo esperando nessa ilha isolada e deserta, aventurei-me em cima de um destroço de nosso navio para tentar nadar até vocês. Obrigado — acrescentou Dantès —, vocês me salvaram a vida... Eu estava perdido quando um dos marinheiros me agarrou pelos cabelos.

— Fui eu — disse um marinheiro de expressão franca e aberta, emoldurado por longas suíças negras —, já era tempo, você já estava afundando...

— Sim — disse Dantès, estendendo-lhe a mão —, é verdade, meu amigo: eu lhe agradeço mais uma vez.

— Nossa — disse o marinheiro —, eu quase hesitei... Com essa barba de seis polegadas e esses cabelos de um pé de comprimento, você mais parecia um bandido do que um homem honesto.

Realmente, Dantès lembrou-se: desde que chegara ao castelo de If, não cortara os cabelos nem fizera a barba.

— Sim — disse ele —, foi uma promessa que eu fiz a Nossa Senhora ao Pé da Gruta, em um momento de perigo: ficar dez anos sem cortar os cabelos e a barba. Hoje se completam os dez anos da promessa: nesse aniversário, quase me afoguei.

— Agora, que vamos fazer de você? — perguntou o capitão.

— Ai — respondeu Dantès —, o que quiserem: o barco em que eu estava naufragou, o capitão morreu. Como veem, escapei da mesma sorte, mas completamente nu. Felizmente, sou muito bom

marinheiro; deixem-me no primeiro porto em que passarem, sempre vou arranjar emprego num navio mercante.

— Você conhece o Mediterrâneo?

— Navego nele desde a infância.

— Você conhece os bons ancoradouros?

— Há poucos portos, mesmo os mais difíceis, onde eu não possa entrar e sair de olhos fechados.

— Bem, o que me diz, capitão? — perguntou o marinheiro que gritara “coragem!” a Dantès. — Se o camarada estiver dizendo a verdade, o que o impede de ficar conosco?

— Sim, se ele estiver dizendo a verdade... — disse o capitão, com ar de dúvida. — Mas, na situação em que se encontra o pobre-diabo, muito se promete, cumpre-se o que se pode.

— Eu vou cumprir mais do que prometo — disse Dantès.

— Oh, oh — fez o capitão, rindo —, veremos...

— Quando quiserem... — acrescentou Dantès, levantando-se.

— Para onde vão?

— Para Livorno.

— Bem, então, em vez desse trajeto sinuoso, que os levam a perder um tempo precioso, por que simplesmente não navegam a pleno vento?

— Porque iríamos direto para a ilha de Rion.

— Vão passar a mais de vinte braças da ilha.

— Então pegue o leme — disse o capitão —, vamos ver a sua ciência...

O jovem foi sentar-se ao leme; tocando-o de leve, verificou se o barco era obediente; vendo que, sem ser muito fiel, ele não se recusava: — Aos braços e aos cabos! — disse ele.

Os quatro marinheiros que formavam a tripulação correram a seus postos, enquanto o capitão observava-os agir.

— Içar! — continuou Dantès.

Os marinheiros obedeceram com bastante precisão.

— E agora, amarrem bem!

Essa ordem foi executada como as anteriores; em vez de continuar a navegar sinuosamente, o pequeno navio começou a

avançar para a ilha de Rion e passou perto dela, deixando-a a estibordo, a uma vintena de braças, como previra Dantès.

— Bravo! — exclamou o capitão.

— Bravo! — repetiram os marinheiros.

E todos olharam maravilhados aquele homem: seu olhar reencontrara a inteligência, seu corpo reencontrara o vigor que estavam longe de suspeitar nele.

— Como veem — disse Dantès, deixando o leme —, posso ser-lhes de alguma utilidade, ao menos durante a viagem. Se não me quiserem mais em Livorno, bem, deixem-me lá... Com os meus primeiros meses de soldo, vou reembolsá-los pela comida e pelas roupas que terão de me emprestar.

— Está bem, está bem — disse o capitão. — Podemos nos entender, se você for razoável.

— Um homem é um homem — disse Dantès. — Dê-me o que dá aos camaradas e tudo estará dito.

— Não é justo — disse o marinheiro que tirara Dantès do mar —, pois você sabe mais do que nós.

— Que diabo você tem a ver com isso, Jacopo? — perguntou o capitão. — Cada um é livre para se empregar pelo salário que lhe convém.

— É justo — disse Jacopo —, só fiz uma simples observação.

— Bem, você faria bem melhor se emprestasse a esse bravo rapaz, que está completamente nu, uma calça e uma blusa, se tiver alguma sobrando.

— Não tem — disse Jacopo —, mas tenho uma camisa e uma calça.

— É tudo de que preciso — disse Dantès. — Obrigado, meu amigo.

Jacopo deixou-se deslizar pela escotilha e voltou instantes depois com as duas peças, que Dantès vestiu com indescritível alegria.

— E agora, ainda precisa de mais alguma coisa? — perguntou o capitão.

— De um pedaço de pão e de outro gole daquele excelente rum que já experimentei... Há muito tempo não como nada.

De fato, havia cerca de quarenta horas.

Trouxeram a Dantès um pedaço de pão e Jacopo passou-lhe a cabaça.

— Leme a bombordo! — gritou o capitão, voltando-se para o timoneiro.

Dantès lançou um olhar para o mesmo lado, levando a cabaça à boca — mas a cabaça ficou no meio do caminho.

— Olha — disse o capitão —: o que está acontecendo no castelo de If?

De fato, pequena nuvem branca — nuvem que atraía a atenção de Dantès — acabara de aparecer, coroando as torres da muralha sul do castelo de If.

Um segundo depois, o barulho de uma explosão distante veio morrer a bordo do barco.

Os marinheiros ergueram a cabeça, olhando um para o outro.

— O que é isso? — perguntou o capitão.

— Algum prisioneiro deve ter fugido essa noite — disse Dantès — e dispararam o canhão de alarme.

O capitão lançou um olhar ao jovem, que, ao dizer essas palavras, levava a cabaça à boca; mas viu-o saborear o licor que ela continha com tanta calma e satisfação que, se tinha alguma suspeita, a suspeita apenas atravessou o seu espírito e logo desapareceu.

— Esse rum é diabolicamente forte — disse Dantès, enxugando com a manga da camisa a testa molhada de suor.

— Em todo caso — murmurou o patrão, olhando-o —, se for ele o fugitivo, tanto melhor... Adquiri um homem de valor.

Alegando estar fatigado, Dantès então pediu para sentar-se ao leme. Encantado de ser substituído em suas funções, o timoneiro consultou com o olhar o patrão, que com a cabeça fez-lhe sinal de que podia entregar o leme ao novo companheiro.

Sentando-se ao leme, Dantès pôde ficar com os olhos fixos na costa de Marselha.

— Que dia do mês é hoje? — perguntou Dantès a Jacopo, que viera sentar-se ao lado dele, ao perder de vista o castelo de If.

— 28 de fevereiro — respondeu Jacopo.

— De que ano? — perguntou também Dantès.

— Como... de que ano?! Você perguntou de que ano?

— Sim — disse o jovem —, perguntei-lhe de que ano.

— Você esqueceu em que ano estamos?

— O que você queria! Tive tanto medo essa noite — disse rindo Dantès — que quase perdi a cabeça... tanto que a minha memória ficou toda confusa... então lhe pergunto: no dia 28 de fevereiro de que ano nós estamos?

— Do ano de 1829 — disse Jacopo.

Fazia exatamente catorze anos, dia a dia, que Dantès fora preso.

Entrara no castelo de If com dezenove anos; saía aos trinta e três.

Doloroso sorriso surgiu em seus lábios; perguntou-se o que teria acontecido a Mercedes durante todo esse tempo em que ela deveria tê-lo imaginado morto.

Então um lampejo de ódio brilhou em seus olhos ao pensar naqueles três homens a quem devia tão longo e cruel cativo.

E ele renovou contra Danglars, Fernand e Villefort aquela promessa de implacável vingança que já pronunciara na prisão.

E essa promessa já não era mais uma vã ameaça, pois, naquela hora, o veleiro mais veloz do mar Mediterrâneo não conseguiria alcançar o pequeno navio a singrar a plenas velas rumo a Livorno.

¹ Marselha, “cidade fociana”, foi fundada ao redor de 600 a.C. por habitantes da antiga cidade grega de Fócía. (N.T.) ² O “Grande Marechal do Palácio” Henri Gatien Bertrand (1773, em Châteauroux – 1844, idem), conde e general fiel a Napoleão Bonaparte. (N.T.) ³ “Quem tem sócio tem patrão.” Provérbio toscano. (N.T.) ⁴ Mistral: forte vento noroeste nas costas do mar Mediterrâneo. (N.T.) ⁵ “Buscai e achareis.” Mateus 7: 7. (N.T.) ⁶ Louis-Philippe de Ségur (1753 – 1830), *Canção moral — Contos, fábulas, canções e versos* (1801). (N.T.) ⁷ Apocalipse 19: 20; 20: 10-15. (N.T.) ⁸ Pierre Puget (Marselha, 1620 – 1694), pintor, escultor e arquiteto francês. (N.T.) ⁹ “Que as armas cedam à toga.” Cícero, *Dos deveres*, I, 22. (N.T.) ¹⁰ Deus da medicina, filho de Apolo, fulminado por Zeus, na mitologia greco-romana. Nome romano do grego Asclépio. (N.T.) ¹¹ Fala, discurso. Em inglês no original. (N.T.) ¹² No original, “Pharo”, palácio em Marselha. (N.T.) ¹³ “Como o marquês aumenta a sua imensa fortuna? Vendendo títulos, quando fica sabendo, no Castelo, que amanhã pode haver algum golpe de Estado.” Stendhal, *O vermelho e o negro* (1830), livro II: capítulo XIII. (N.T.) ¹⁴ Virgílio, *Eneida*, canto IV, versos 70ss. (N.T.) ¹⁵ O escritor, compositor e pintor alemão E. T. A. Hoffmann (24/1/1776, Königsberg – 25/6/1822, Berlim), autor de *Histórias estranhas* (1817). (N.T.) ¹⁶ Louis-Philippe (duque de Orléans, 1773 – 1850), rei da França entre 1830 e 1848. Neste capítulo, além do humor, Dumas também mostra o seu talento dramaturgico, o talento do autor de peças como *A rainha Margot* e *Kean*. (N.T.) ¹⁷ Antes de assumir o trono, o rei Luís XVIII (que nasceu em Versalhes, em 17/11/1755) exilara-se no castelo de Hartwell, perto de Londres, de 1810 a 1814. (N.T.) ¹⁸ “Sébastien Gryph, impressor alemão residente em Lyon, publicou uma bela edição de Horácio em 1540”, anota Jacques Bony. (N.T.) ¹⁹ Gênesis 41: 1-36. (N.T.) ²⁰ Duque de Blacas d’Aulps (Pierre-Louis-Jean-Casimir, nascido em Vérignon, Provença, 1771), companheiro de exílio do rei. No momento desta cena (março de 1815), Blacas é o ministro da Casa do Rei. (N.T.) ²¹ “Falamos a surdos”, “Cantamos para os surdos”, em latim; Virgílio, *Bucólicas*, X, 8. (N.T.) ²² “O pastor que transportava”, em latim; Horácio, *Odes*, I, 15. (N.T.) ²³ “Trouxeste-a para casa: infeliz presságio”, em latim; Horácio, *Odes*, I, 15. (N.T.) ²⁴ Barão d’André (nascido em 1759), que no momento desta cena era o ministro da polícia. (N.T.) ²⁵ “Vejo guerras, terríveis guerras, / e o rio todo coberto de espuma de sangue.” (Em latim no original.) Virgílio, *Eneida*, livro VI (“Descida aos infernos”), versos 86-87. (“*Bella, horrida bella, / et Thybrim multo spumantem sanguine cerno.*”) (N.T.) ²⁶ Virgílio, *Bucólicas*, VII. (N.T.) ²⁷ “Tenaz”, “que segura a sua presa”, em latim. (N.T.) ²⁸ “Covarde, fugirás, sem fôlego.” Horácio, *Odes*, I, 15. (N.T.) ²⁹ A légua francesa equivalia a quatro quilômetros. (N.T.) ³⁰ “O homem justo e tenaz em seus propósitos.” Horácio, *Odes*, III, 3. (N.T.) ³¹ A peça *O inspetor geral*, de Nikolai Gogol, é de 1836. (N.T.) ³² Cf. Paul Éluard, *O castelo de If* (1937): “Bela voz casa grande Os ecos decoram As teias de aranha”. (N.T.) ³³

Jeremias 5: 21. Marcos 8: 18. (N.T.) ³⁴ “Pai Nosso”; Mateus 6: 12. (N.T.) ³⁵ John Martin (1789 – 1854), artista plástico romântico inglês, ilustrador da Bíblia. (N.T.) ³⁶ Dante (1265 – 1321), *A divina comédia, 1: Inferno*, cantos 32-33. (N.T.) ³⁷ “Medido, Pesado, Dividido”. Daniel 5: 25-28. (N.T.) ³⁸ Uma légua marítima equivale a 5 quilômetros e 555 metros. (N.T.) ³⁹ A evasão do duque de Beaufort é tema de uma cena do romance *Vinte anos depois* (1845 — continuação de *Os três mosqueteiros*), de Alexandre Dumas. As fugas de Dubuquoi e Latude são contadas na *História da Bastilha* (1844), de Auguste Maquet. (N.T.) ⁴⁰ Pierre-Jean-Georges Cabanis (5/6/1757, Cosnac – 5/5/1808, Rueil-Malmaison), filósofo, médico e fisiologista, autor de *Relações entre o físico e o moral no homem* (1802), em que afirma a unidade entre corpo e alma, propondo um monismo naturalista oposto ao dualismo cartesiano. (N.T.) ⁴¹ *O mundo do sr. Descartes, ou O tratado da luz e dos outros principais objetos dos sentidos. Com um Discurso sobre a ação dos corpos...* (obra de René Descartes escrita em 1633, publicada em 1664). Voltaire, *Sátiras — Os sistemas* (1772 — notas): “Descartes com os seus turbilhões a girar na plenitude”... (N.T.) ⁴² Alexander Gordon (1692 – 1755), *A vida do papa Alexandre VI e de seu filho César Bórgia* (1729). (N.T.) ⁴³ “Lateral”, “ao lado”, “da roda”, em latim. (N.T.) ⁴⁴ “A simples palavra liberdade é tudo o que me exalta ainda.” André Breton, *Manifesto do surrealismo* (1924). (N.T.)

FAARTE

//

XXII. OS CONTRABANDISTAS

Dantès ainda não passara sequer um dia a bordo e já descobrira com quem estava lidando. Sem ter frequentado a escola do abade Faria, o digno capitão da Jovem-Amélia — era esse o nome do navio genovês — sabia quase todas as línguas que se falam ao redor desse grande lago que se chama mar Mediterrâneo, desde o árabe até o provençal. Isso lhe proporcionava, livrando-o dos intérpretes — pessoas sempre aborrecidas e às vezes indiscretas —, grandes facilidades de comunicação, fosse com os navios que encontrava no mar, fosse com os barquinhos que via ao longo do litoral, fosse enfim com as pessoas sem nome, sem pátria, sem profissão aparente, frequentes nas pedras dos cais vizinhos dos portos marítimos; pessoas que vivem de recursos misteriosos e ocultos que devemos acreditar ter sido legados diretamente pela Providência, pois não têm nenhum meio de sobrevivência visível a olho nu: adivinha-se que Dantès estava a bordo de um navio contrabandista.

Assim, a princípio, o capitão recebera Dantès a bordo com certa desconfiança: ele era muito conhecido por todos os fiscais da costa; como entre ele e os senhores fiscais havia uma troca de artimanhas — umas mais hábeis do que outras —, primeiro ele imaginara que Dantès fosse simplesmente um agente da senhora Alfândega, e que empregava esse engenhoso meio para descobrir alguns dos segredos do ofício. Mas a maneira brilhante com que Dantès se saiu na prova ao manobrar o navio convencera-o quase completamente; ademais, em seguida, quando vira aquela leve fumaça flutuar como uma pena acima da muralha do castelo de If, quando ouvira aquele distante barulho da explosão, por um instante pensara que acabava de receber a bordo aquele a quem — como às entradas e saídas

dos reis — concediam as honras do canhão. É preciso dizer que isso o inquietaria menos do que se o recém-chegado fosse um fiscal. Mas essa outra hipótese, como a primeira, logo desaparecera ao observar a absoluta tranquilidade de seu recruta.

Assim, Edmond teve a vantagem de saber quem era o seu capitão — sem que o seu capitão pudesse saber quem era ele. Por mais que o velho marinheiro e seus camaradas o atacassem de todos os lados, ele manteve-se firme e não fez nenhuma confissão: mencionava inúmeros detalhes de Nápoles e Malta, que conhecia tão bem quanto Marselha, mantendo, com uma firmeza que honrava a sua memória, a sua primeira versão. Então foi o genovês, com toda a sua sutileza, que se deixou enganar por Edmond — em favor de Edmond falavam a sua simpatia, a sua experiência náutica, sobretudo a mais sábia dissimulação.

E afinal talvez o genovês fosse como aquelas pessoas de espírito que sempre sabem apenas o que precisam saber — e só acreditam no que têm interesse em acreditar.

Foi portanto nessa situação recíproca que chegaram a Livorno.

Ali Edmond deveria passar por uma nova prova: saber se ele se reconheceria a si mesmo, depois de catorze anos sem se ver ao espelho; conservara uma ideia bastante precisa do que fora na juventude — agora iria ver o que viera a ser o homem. Aos olhos de seus camaradas, a sua promessa estava cumprida: já desembarcara vinte vezes em Livorno, conhecia um barbeiro na rua Saint-Ferdinand; entrou na barbearia para cortar a barba e o cabelo.

O barbeiro olhou surpreso aquele homem de longa cabeleira, barba cerrada e negra, que parecia uma das belas cabeças de Ticiano. Naquela época ainda não era moda usar barba e cabelos tão compridos: hoje, um barbeiro só se surpreenderia ao ver um homem dotado de tão grandes vantagens físicas consentir voluntariamente em privar-se delas.

O barbeiro livornês lançou-se a seu trabalho sem fazer observações.

Terminada a tarefa, quando Edmond sentiu o queixo inteiramente raspado, quando os seus cabelos foram reduzidos ao comprimento normal, pediu um espelho e olhou-se.

Como dissemos, ele tinha então trinta e três anos — aqueles catorze anos de prisão tinham, por assim dizer, provocado grande transformação moral em sua fisionomia.

Dantès chegara ao castelo de If com o rosto redondo, risonho e despreocupado de um jovem feliz, para quem os primeiros passos na vida foram fáceis, vendo o futuro como continuação natural do passado — tudo isso mudara.

O seu rosto oval se alongara; a boca risonha ganhara linhas firmes e decididas que indicavam resolução; as sobrancelhas tinham se arqueado sob uma ruga única e pensativa; os seus olhos traziam as marcas de profunda tristeza — do fundo dessa tristeza, de tempos em tempos, brilhavam os sombrios clarões da misantropia e do ódio; a sua pele, por tanto tempo afastada da luz do dia e dos raios de sol, assumira o tom mate que faz a beleza aristocrática dos homens do norte, quando o rosto é emoldurado por cabelos negros; o profundo saber que adquirira refletia em todo o seu rosto uma auréola de inteligente segurança; ademais, embora a sua estatura fosse bem elevada, adquirira o vigor sólido de um corpo que sempre concentrava as suas forças em si mesmo.

A solidez das formas arredondadas e musculosas sucedera a elegância das formas nervosas e franzinas. Quanto à sua voz, as preces, os soluços e as juras haviam-na transformado ora em um timbre de estranha doçura, ora em uma pronúncia rude e quase rouca.

Ademais, vivendo o tempo todo com pouca luz ou na escuridão, os seus olhos tinham adquirido a singular faculdade de distinguir os objetos nas trevas, como os olhos das hienas e dos lobos.

Edmond sorriu ao se ver: era impossível que seu melhor amigo — se todavia ainda lhe restasse algum amigo — o reconhecesse: ele próprio não reconhecia a si mesmo.

O capitão da Jovem-Amélia, empenhado em manter entre os seus tripulantes um homem do valor de Edmond, oferecera-lhe alguns adiantamentos em sua participação nos lucros futuros e Edmond aceitara; ao sair do barbeiro, que operara nele essa primeira metamorfose, seu primeiro cuidado foi entrar numa loja e comprar um traje completo de marinheiro: como sabemos, esse traje

é muito simples — compõe-se de uma calça branca, uma camisa listrada e um boné frígio.

Vestido assim, devolvendo a Jacopo a camisa e a calça que lhe emprestara, Edmond apareceu diante do capitão da Jovem-Amélia, a quem foi obrigado a repetir a sua história. O capitão não reconhecia nesse marinheiro faceiro e elegante o homem de barba cerrada, de cabelos cheios de algas, corpo impregnado de água do mar, que recolhera nu e moribundo ao convés de seu navio.

Impelido por sua boa aparência, renovou a Dantès as ofertas de emprego; mas Dantès, que tinha os seus planos, só as aceitou por três meses.

Ademais, a tripulação da Jovem-Amélia era muito ativa e submissa às ordens de um capitão que adquirira o hábito de não perder tempo. Uma semana depois da chegada a Livorno, os gordos flancos do navio já estavam cheios de musselina estampada, algodão clandestino, pólvora inglesa e tabaco que os órgãos oficiais tinham se esquecido de selar. Tratava-se de fazer tudo isso sair de Livorno, porto franco, e desembarcar na costa da Córsega, de onde certos especuladores se encarregariam de fazer a carga entrar na França.

Partiram; Edmond fendeu novamente aquele mar azul — primeiro horizonte de sua juventude — que tantas vezes revira em seus sonhos na prisão. À sua direita deixou a Górgona, à sua esquerda a Pianosa, e avançou para a pátria de Paoli e Napoleão.

No dia seguinte, ao subir ao convés — o que sempre fazia bem cedinho —, o capitão encontrou Dantès apoiado na amurada do navio, olhando com estranha expressão um aglomerado de rochedos graníticos que o sol nascente inundava de luz rosa: era a ilha de Monte-Cristo.

A Jovem-Amélia deixou-a a três quartos de légua a estibordo, aproximadamente, e seguiu a sua rota para a Córsega.

Contornando aquela ilha de nome tão significativo para ele, Dantès pensava que só precisaria saltar ao mar e em meia hora estaria naquela terra prometida. Mas então o que faria, sem instrumentos para encontrar o seu tesouro, sem armas para

defender-se? Aliás, que diriam os marinheiros? Que pensaria o capitão? Era preciso esperar.

Felizmente Dantès sabia esperar: por catorze anos esperara a liberdade; agora que era livre, bem que poderia esperar a riqueza por seis meses ou um ano.

Não teria aceitado a liberdade sem a riqueza, se a tivessem oferecido?

Aliás, aquela riqueza não seria uma quimera? Nascida no cérebro enfermo do pobre abade Faria, não teria morrido com ele?

Realmente, aquela carta do cardeal Spada era estranhamente precisa.

E Dantès repetia do começo ao fim a carta em sua memória — não esquecera uma única palavra.

A noite chegou; Edmond viu a ilha passar por todas as cores que o crepúsculo traz consigo e desaparecer completamente na escuridão — mas ele, com o seu olhar acostumado às trevas da prisão, sem dúvida continuava a contemplá-la, pois permaneceu sozinho na amurada.

No dia seguinte, despertaram na altura de Aleria. Passaram o dia costeando; à noite, acenderam fogueiras na costa. Pela disposição dessas fogueiras, tiveram certeza de que podiam desembarcar, pois no mastro do pequeno navio içaram uma lanterna, em vez da bandeira, e aproximaram-se da margem à distância de um tiro de fuzil.

Em meio às circunstâncias solenes, Dantès percebera que o capitão da Jovem-Amélia, ao aproximar-se da terra, instalara no eixo duas espingardas semelhantes a fuzis de fortaleza que, sem fazer muito barulho, podiam enviar uma bela bala bem pesada a mil passos de distância.

Mas naquela noite a precaução foi supérflua; tudo transcorreu na mais completa paz e serenidade. Quatro botes aproximaram-se silenciosamente do navio, que para fazer-lhes as honras também lançou seu próprio bote ao mar; os cinco botes esgrimiram-se tão bem que às duas horas da manhã toda a carga a bordo da Jovem-Amélia já se encontrava em terra firme.

O capitão da Jovem-Amélia era um homem tão correto que na mesma noite foi feita a partilha do lucro: cada homem recebeu cem libras toscanas — em nossa moeda, aproximadamente oitenta francos.

Mas a expedição não terminara; zarparam para a Sardenha. Trataram de recarregar o navio que acabavam de descarregar.

A segunda operação foi tão bem-sucedida quanto a primeira; a Jovem-Amélia andava com muita sorte.

A nova carga destinava-se ao ducado de Luca. Compunha-se quase inteiramente de charutos Havana e vinhos de Xerez e de Málaga.

Ali houve problemas com a alfândega, essa eterna inimiga do capitão da Jovem-Amélia. Um fiscal caiu por terra, dois marinheiros foram feridos. Dantès era um desses dois marinheiros — uma bala atravessara-lhe o ombro esquerdo.

Dantès ficara quase feliz com essa escaramuça, quase contente com esse ferimento: esses rudes educadores haviam lhe ensinado com que olho encarar o perigo, com que ânimo suportar a dor. Ele encarara o perigo rindo — ao levar o tiro, dissera estoicamente, como o filósofo grego: — “Dor, não és um mal”.

Ademais, ele examinara o aduaneiro mortalmente ferido e, fosse pelo calor do sangue na ação, fosse pelo resfriamento dos sentimentos humanos, essa visão só lhe causara leve impressão. Dantès estava no caminho que queria percorrer — aproximava-se do objetivo que queria alcançar: o seu coração já estava se petrificando em seu peito.

E Jacopo, que ao vê-lo cair imaginara-o morto, correrá até ele, carregará-o e cuidará dele como excelente camarada.

Este mundo não era tão bom quanto o via o doutor Pangloss;¹ mas também não era tão mau quanto o via Dantès — por que aquele homem, que nada poderia esperar de seu companheiro, a não ser herdar a sua parte nos lucros, sentira tão viva aflição ao vê-lo morto?

Felizmente, como dissemos, Edmond estava apenas ferido. Graças a certas ervas, colhidas em certas épocas e vendidas aos

contrabandistas por velhas mulheres sardas, o ferimento logo sarou. Então Edmond quis tentar Jacopo: em troca dos cuidados que recebera, ofereceu-lhe a sua parte nos lucros — mas Jacopo recusou-se, indignado.

Como fruto dessa espécie de simpática devoção que Jacopo mostrara a Edmond desde o primeiro instante em que o vira, Edmond sentia por Jacopo certa espécie de afeição. Mas Jacopo não pedia mais: adivinhara instintivamente em Edmond a suprema superioridade de sua posição — superioridade que Edmond conseguira esconder dos demais. E o bravo marinheiro estava satisfeito com o pouco que Edmond lhe concedia.

Assim, durante as longas jornadas a bordo, quando o navio, deslizando com segurança pelo mar azul, só precisava, graças ao vento favorável a inchar as suas velas, da mão do timoneiro, Edmond, com um mapa marítimo nas mãos, transformava-se em educador de Jacopo, como o pobre abade Faria transformara-se em educador de Edmond. Mostrava-lhe o relevo das costas, explicava-lhe as variações da bússola, ensinava-o a ler naquele grande livro aberto acima de nossas cabeças, livro que chamamos de céu, onde Deus escreveu no azul com letras de diamante.

E quando Jacopo lhe perguntava: “Para que ensinar todas essas coisas a um pobre marinheiro como eu?”

Edmond respondia:

“Quem sabe um dia você venha a ser capitão de navio: o seu compatriota Bonaparte veio a ser imperador!”

Esquecíamos-nos de dizer que Jacopo era corso.

Dois meses e meio tinham se passado nessas sucessivas viagens. Edmond tornara-se tão hábil piloto quanto fora ousado marinheiro; ele havia travado conhecimento com todos os contrabandistas do litoral; havia aprendido todos os sinais maçônicos mediante os quais os semipiratas se reconhecem.

Ele havia passado e repassado vinte vezes diante de sua ilha de Monte-Cristo, mas ainda não tivera uma única oportunidade de nela desembarcar.

Tomara, portanto, uma decisão: Assim que terminasse o compromisso com o capitão da Jovem-Amélia, alugaria um pequeno

barco por conta própria (Dantès poderia alugá-lo, pois nas diversas viagens reunira uma centena de piastras) e, alegando qualquer pretexto, rumaria para a ilha de Monte-Cristo.

Ali faria, com toda a liberdade, as suas buscas.

Não com toda a liberdade... — sem dúvida, seria espionado por quem o conduzisse.

Mas neste mundo bem que é preciso correr algum risco.

A prisão tornara Edmond prudente — bem que ele preferiria não se arriscar.

Mas em vão vasculhara a imaginação — por mais fecunda que ela fosse, não via meio de chegar à ilha tão desejada, a não ser conduzido.

Dantès flutuava nessa hesitação quando o capitão, que depositara tanta confiança nele e tinha tanta vontade de mantê-lo a seu serviço, certa noite tomou-o pelo braço e levou-o a uma taverna da via del Oglio, onde costumavam se reunir os melhores contrabandistas de Livorno.

Era lá que habitualmente tratavam dos negócios das costas. Duas ou três vezes, Dantès já entrara naquela Bolsa marítima e, vendo aqueles ousados corsários, abastecidos por todo um litoral de aproximadamente duas mil léguas de extensão, perguntara-se de que poder não disporia um homem que conseguisse impor a sua vontade a todos aqueles fios reunidos ou divergentes.

Dessa vez tratava-se de um grande negócio: de um navio carregado de tapetes turcos, tecidos do Oriente e caxemiras; era preciso encontrar um terreno neutro onde a troca pudesse efetuar-se — depois, tentar lançar esses objetos nas costas da França.

Se conseguissem, os lucros seriam enormes: chegariam a cinquenta ou sessenta piastras para cada um.

O capitão da Jovem-Amélia propôs, como local de desembarque, a ilha de Monte-Cristo, que era completamente deserta e não tinha soldados nem fiscais: parecia ter sido colocada no meio do oceano, no tempo do Olimpo pagão, por Mercúrio, o deus dos comerciantes e dos ladrões, classes que fizemos separadas, se não distintas, e que a Antiguidade, ao que parece, agrupava na mesma categoria.

Ao ouvir o nome de Monte-Cristo, Dantès estremeceu de alegria; levantou-se para esconder a sua emoção e deu uma volta pela taverna enfumaçada, aonde todos os idiomas do mundo conhecido vinham se fundir na língua franca.

Quando se aproximou dos dois interlocutores, já estava decidido: a parada seria em Monte-Cristo e partiriam para essa expedição já na noite seguinte.

Consultado, Edmond foi de opinião que a ilha oferecia toda a segurança possível e que os grandes empreendimentos, para triunfarem, precisavam ser realizados rapidamente.

Nada foi alterado no plano estabelecido. Estava combinado que zarpariam na noite seguinte e, o mar estando belo e o vento favorável, tratariam de se encontrar na outra noite, nas águas da ilha neutra.

XXIII. A ILHA DE MONTE-CRISTO

Por uma dessas inesperadas felicidades que às vezes acontecem às pessoas por muito tempo abandonadas pela sorte, finalmente Dantès iria chegar a seu destino de maneira simples e natural, colocando o pé na ilha sem despertar a menor suspeita a ninguém.

Só uma noite o separava dessa partida tão esperada.

Essa noite foi uma das mais febris da vida de Dantès. Durante essa noite, todas as possibilidades boas e más apresentaram-se sucessivamente a seu espírito: ao fechar os olhos, via a carta do cardeal Spada escrita em caracteres flamejantes no muro; se dormia por um momento, os sonhos mais insensatos formavam redemoinhos em sua mente. Descia a cavernas com chão de esmeraldas, paredes de rubis, estalactites de diamantes. As pérolas caíam gota a gota, como costumam cair as gotas da água subterrânea.

Maravilhado, encantado, Edmond enchia os bolsos de pedrarias; então saía à luz do dia e as pedrarias se transformavam em simples seixos. Então tentava voltar às cavernas maravilhosas, apenas

vislumbradas, mas o caminho torcia-se em espirais sem fim: a entrada tornara-se invisível. Buscava inutilmente em sua memória fatigada a palavra mágica e misteriosa que abria as cavernas esplêndidas de Ali Babá para o pescador árabe. Tudo era inútil: o tesouro desaparecido voltava a ser propriedade dos gênios da terra, aos quais tivera por um momento a esperança de arrebatá-lo.

O dia chegou quase tão febril quanto havia sido a noite, mas trouxe a lógica em socorro à imaginação e Dantès conseguiu fixar um plano até então vago e flutuante em sua mente.

A noite chegou e, com ela, os preparativos para a partida. Para Dantès, tais preparativos eram um meio de esconder toda a sua agitação. Aos poucos adquirira a autoridade de comandar os companheiros como se fosse o senhor do navio; e, como as suas ordens eram sempre claras, precisas e fáceis de executar, os seus companheiros obedeciam-no não apenas com prontidão, mas também com prazer.

O velho marinheiro deixava-o agir: ele também reconhecera a superioridade de Dantès sobre os outros marinheiros e sobre ele mesmo. Via no jovem o seu sucessor natural e lamentava não ter uma filha para prender Edmond por meio dessa alta aliança.

Às sete horas da noite, tudo estava pronto; às sete e dez, dobraram o farol, bem no momento em que o farol se acendia.

O mar estava calmo; com o vento fresco a vir do sudeste, navegavam sob um céu azul onde Deus também acendia sucessivamente os seus faróis, onde cada um é um mundo. Dantès declarou que todo o mundo poderia deitar-se — ele se encarregaria do leme.

Quando o maltês (era assim que chamavam Dantès) fazia semelhante declaração, isso bastava — todos iam dormir tranquilos.

Isso acontecia algumas vezes. Lançado à solidão no mundo, às vezes Dantès sentia imperiosa necessidade de solidão. Ora, que solidão seria ao mesmo tempo mais imensa e mais poética que a de um navio a flutuar isolado no mar, na escuridão da noite, no silêncio da imensidão, sob o olhar do Senhor?

Dessa vez, a solidão era povoada por seus pensamentos, a noite, iluminada por suas ilusões, o silêncio, animado por suas

promessas.

Quando o capitão acordou, o navio avançava a todo pano: não havia um fio de tela que não fosse inflado pelo vento; navegavam a mais de duas léguas e meia por hora.

A ilha de Monte-Cristo crescia no horizonte.

Edmond entregou o barco a seu capitão e também foi deitar-se em sua rede; mas, apesar de sua noite de insônia, não conseguiu pregar o olho um só momento.

Duas horas depois, subiu ao convés: o navio dobrava a ilha de Elba. Estavam nas alturas de Marciana, além da ilha plana e verde de Pianosa. Viam lançar-se ao azul do céu o cume flamejante de Monte-Cristo.

Dantès ordenou ao timoneiro que virasse a barra a bombordo, para deixar a Pianosa à direita; calculara que essa manobra encurtaria a viagem em dois ou três nós.

Lá pelas cinco horas da tarde, tiveram a visão completa da ilha. Percebiam-se os seus menores detalhes, graças à limpidez atmosférica característica da luz projetada pelos raios do sol poente.

Edmond devorava com os olhos aquela massa de pedras que passava por todas as cores crepusculares, do rosa vivo ao azul-marinho; de tempos em tempos, rajadas ardentes subiam-lhe ao rosto; sua testa empurpura-se e uma nuvem púrpura passou diante de seus olhos.

Nunca um jogador com toda a sua fortuna em jogo sentiu, num lance de dados, as angústias que Edmond sentia em seus acessos de esperança.

A noite chegou: às dez horas, lançaram âncora — a Jovem-Amélia era a primeira a chegar.

Apesar do habitual domínio de si mesmo, Dantès não conseguiu se conter: foi o primeiro a saltar à praia; se ousasse, como Brutus, beijaria o solo.

Era noite fechada; mas às onze horas a lua ergueu-se do meio do mar, prateando cada movimento das águas; então os seus raios, enquanto ela se levantava, começaram a lançar-se, em brancas cascatas de luz, sobre as pedras amontoadas daquele novo cume do Olimpo.

A ilha era familiar à tripulação da Jovem-Amélia: era uma de suas escalas habituais. Quanto a Dantès, vira-a em cada uma de suas viagens ao Oriente, mas nunca a pisara.

Interrogou Jacopo.

— Onde vamos passar a noite? — perguntou.

— Ora, a bordo do barco — respondeu o marinheiro.

— Não ficaríamos melhor nas cavernas?

— Que cavernas?

— Ora, nas cavernas da ilha...

— Não sei de caverna alguma... — disse Jacopo.

Um suor frio escorreu pela testa de Dantès.

— Não há cavernas em Monte-Cristo? — perguntou.

— Não.

Por um instante, Dantès ficou atordoado; então pensou que essas cavernas poderiam ter sido demolidas por um acidente qualquer — ou mesmo vedadas, com o maior cuidado, pelo cardeal Spada.

Nesse caso, a questão seria encontrar a entrada perdida. Seria inútil procurá-la durante a noite. Assim, Dantès deixou a busca para o dia seguinte. Aliás, um sinal emitido a meia légua no mar, logo respondido pela Jovem-Amélia por sinal semelhante, indicou que era hora de pôr mãos à obra.

O barco retardatário, tranquilizado pelo sinal combinado de que podia aproximar-se em segurança, logo apareceu, branco e silencioso como um fantasma, e veio lançar âncora a duzentos metros da costa.

Logo começou o transporte.

Enquanto trabalhava, Dantès pensava no grito de alegria que, com uma só palavra, poderia provocar em todos aqueles homens, se dissesse em voz alta o incessante pensamento a zumbir baixinho em seu ouvido e em seu coração. Mas, longe de revelar o magnífico segredo, temia já ter falado demais e ter despertado suspeitas com as suas idas e vindas, as suas perguntas repetidas, as suas observações minuciosas e a sua preocupação contínua. Felizmente, ao menos nessa ocasião, um passado de muito sofrimento refletia

em sua face uma tristeza infinita — os brilhos de alegria entrevistos nessa nuvem eram fugazes como relâmpagos.

Assim, ninguém desconfiava de nada — no dia seguinte, quando Dantès, pegando um fuzil, chumbo e pólvora, manifestou o desejo de ir matar uma das cabras selvagens que se viam saltar de pedra em pedra, atribuíram a excursão de Dantès ao amor pela caça ou ao desejo de solidão. Apenas Jacopo insistiu em segui-lo: Dantès não quis se opor, temendo que recusar-se a ser acompanhado inspirasse algumas suspeitas. Mas, assim que percorreu um quarto de légua, encontrou a ocasião de atirar e matar um cabrito — então, logo mandou Jacopo levá-lo a seus companheiros, convidando-os a cozinhá-lo, e, quando estivesse pronto, dar-lhe um sinal para ele ir comer a sua porção, disparando um tiro de fuzil; alguns frutos secos e um frasco de vinho de Monte-Pulciano deveriam completar o banquete.

Dantès seguiu o seu caminho, virando-se de vez em quando. Ao chegar ao topo de um rochedo, viu — mil pés abaixo dele — os seus companheiros, aos quais Jacopo acabara de se juntar, ativamente ocupados em preparar o almoço, aumentado, graças à perícia de Edmond, por uma peça capital.

Edmond olhou-os por um momento com o sorriso bondoso e triste de um homem superior.

— Em duas horas — disse ele —, esses homens vão partir, cinquenta piastras mais ricos, para ir arriscar a vida tentando ganhar outras cinquenta... Depois voltarão, seiscentas libras mais ricos, a dilapidar o seu tesouro numa cidade qualquer, com a altivez dos sultões e a confiança dos nababos. Hoje a esperança me leva a desprezar a sua riqueza, que me parece extrema miséria; amanhã a decepção talvez me leve a ver nessa extrema miséria a suprema felicidade... Oh, não — exclamou Edmond —, isso não vai acontecer; o sábio, o infalível Faria, não se enganaria apenas sobre o tesouro. Aliás, melhor morrer do que continuar a levar essa vida miserável e inferior.

Assim, Dantès, que havia três meses só aspirava à liberdade, já não achava a liberdade suficiente e aspirava à riqueza; a culpa não

era de Dantès, mas de Deus, que, limitando o poder do homem, criou-lhe desejos infinitos!

Entretanto, por uma senda perdida entre duas muralhas de rochas, seguindo uma trilha cavada pela torrente — trilha que provavelmente nunca fora pisada por nenhum pé humano —, Dantès aproximara-se do lugar onde supunha que deveriam encontrar-se as cavernas. Seguindo as margens do oceano, examinando os menores objetos com séria atenção, imaginou ver em certas pedras entalhes esculpidos por mão humana.

O tempo, que lança sobre todas as coisas físicas o seu manto de musgo, como sobre todas as coisas morais o seu manto de esquecimento, parecia ter respeitado aqueles sinais traçados com certa regularidade e com a aparente finalidade de indicar uma pista. De vez em quando, entretanto, os sinais desapareciam sob tufo de murta — que cresciam em grandes ramos carregados de flores — ou sob líquens parasitas. Então Edmond tinha de afastar os ramos ou levantar o limbo para reencontrar os sinais indicadores que o guiavam através desse labirinto. Aliás, tais sinais tinham dado grandes esperanças a Edmond. Por que o próprio cardeal não os teria traçado para que eles pudessem, em caso de alguma catástrofe que não previra tão completa, servir de guia a seu sobrinho? Aquele lugar deserto era bem o que convinha a um homem que quisesse esconder um tesouro. Mas esses sinais infiéis já não teriam atraído outros olhos que não aqueles para os quais tinham sido traçados? A ilha das sombrias maravilhas teria guardado fielmente o seu magnífico segredo?

Entretanto, a cerca de sessenta passos do porto, pareceu a Edmond — sempre escondido de seus companheiros pelos acidentes do terreno — que os sinais cessavam; mas não levavam a nenhuma caverna. Uma grande pedra redonda, pousada em uma base sólida, era o único destino a que pareciam conduzir. Edmond pensou: em vez de ter chegado ao fim dos sinais, talvez estivesse, muito pelo contrário, no início; então deu meia-volta e retornou por onde viera.

Enquanto isso, os companheiros preparavam o almoço — iam buscar água na fonte, transportavam o pão e os frutos a terra,

cozinhavam o cabrito. Bem no momento em que o tiravam do espeto improvisado, viram Dantès — rápido e ousado como um cabrito — saltar de pedra em pedra; dispararam um tiro de fuzil para dar-lhe o sinal. O caçador logo mudou de direção e voltou correndo até eles. Mas no momento em que todos seguiam com os olhos a espécie de voo que ele executava e chamavam a sua manobra de temeridade, como a dar razão a seus receios Edmond pisou em falso: viram-no cambalear no cume de uma pedra, dar um grito e desaparecer.

Todos saltaram ao mesmo tempo, pois todos gostavam de Edmond, apesar de sua superioridade; mas foi Jacopo quem chegou primeiro.

Encontrou Edmond estendido, sangrando, quase sem sentidos; devia ter caído de uma altura de doze ou quinze pés. Introduziram-lhe na boca algumas gotas de rum — esse remédio, que já se mostrara tão eficaz, produziu o mesmo efeito da primeira vez.

Edmond abriu os olhos, queixando-se de intensa dor no joelho, de grande peso na cabeça e de insuportáveis pontadas agudas nas costas. Quiseram carregá-lo até a praia; mas quando o tocaram, embora Jacopo dirigisse a tarefa, ele disse gemendo que não tinha forças para aguentar o transporte.

Compreenderam que o almoço estava fora de questão para Dantès; mas ele exigiu que os seus camaradas, que não tinham as mesmas razões para fazer dieta, continuassem o seu almoço. Alegou que só precisava de um pouco de repouso: ao voltarem, o encontrariam melhor.

Os marinheiros não se fizeram de rogados: estavam com fome, o cheiro do cabrito chegava até eles, e entre lobos do mar não se fazem muitas cerimônias.

Uma hora depois, voltaram. Tudo o que Edmond pudera fazer fora arrastar-se pelo espaço de dez passos para apoiar-se em uma pedra coberta de musgo.

Longe de se acalmarem, as dores de Dantès pareciam crescer em intensidade. O velho capitão, obrigado a partir na mesma manhã para ir depositar a sua carga nas fronteiras entre o Piemonte e a França, entre Nice e Fréjus, insistiu para que Dantès tentasse se

levantar. Dantès fez esforços sobre-humanos para atender ao convite; mas a cada esforço voltava a cair, gemendo e empalidecendo.

— Ele quebrou as costelas — disse baixinho o capitão. — Não importa! O maltês é um bom companheiro, não podemos abandoná-lo. Vamos tentar levá-lo até o navio.

Mas Dantès disse que preferiria morrer onde estava a suportar as dores lancinantes provocadas pelo menor movimento.

— Bem — disse o capitão —, aconteça o que acontecer, ninguém poderá dizer que abandonamos sem socorro um bravo companheiro como você. Só vamos partir de noite.

Essa declaração surpreendeu muito os marinheiros, embora nenhum deles a repelisse, ao contrário. O capitão era um homem muito rígido: era a primeira vez que o viam renunciar a uma decisão, ou mesmo adiar a sua execução.

Assim, Dantès não admitiu que fizessem em seu favor tão grave infração às regras da disciplina estabelecida a bordo.

— Não — disse ele ao capitão —, eu fui sem jeito, é justo sofrer as consequências de meu erro. Deixem-me uma pequena provisão de biscoitos, um fuzil, pólvora e balas para matar cabras, ou mesmo para me defender, e uma picareta para construir uma espécie de casa, se vocês demorarem muito a vir me buscar.

— Mas você vai morrer de fome — disse o capitão.

— Prefiro morrer de fome — respondeu Edmond — a sofrer as dores insuportáveis que um único movimento provocaria.

O capitão voltou-se para a direção do navio, que balançava, preparando-se para zarpar no pequeno porto, pronto para voltar ao mar quando os preparativos terminassem.

— Então, maltês: o que você quer que a gente faça? — perguntou ele. — Não podemos abandoná-lo assim, mas também não podemos ficar...

— Partam, partam! — exclamou Dantès.

— Ficaremos pelo menos uma semana longe — disse o capitão — e ainda precisaremos nos desviar de nossa rota para vir buscá-lo.

— Escutem — disse Dantès —: se daqui a dois ou três dias encontrarem algum barco pesqueiro, ou qualquer outro, vindo para

essas paragens, recomendem-me: pagarei vinte e cinco piastras para voltar a Livorno. Se não encontrarem, voltem.

O capitão abanou a cabeça.

— Escute, patrão Baldi, tem um jeito de conciliar tudo — disse Jacopo —: parta, eu vou ficar com o ferido, para cuidar dele.

— E você vai renunciar à sua parte na partilha — perguntou Dantès — para ficar comigo?

— Vou — disse Jacopo —, e sem me arrepender.

— Vamos, você é um bravo rapaz, Jacopo — disse Edmond —, Deus vai retribuir a sua boa vontade... Mas não preciso de ninguém, obrigado: um dia ou dois de repouso vão me deixar bom... Espero encontrar nesses rochedos certas ervas excelentes para os ferimentos.

E estranho sorriso surgiu nos lábios de Dantès; ele apertou a mão de Jacopo efusivamente; mas permaneceu inabalável em sua decisão de ficar — e de ficar sozinho.

Os contrabandistas forneceram a Edmond o que ele pedira e afastaram-se, não sem se voltarem várias vezes, fazendo-lhe, a cada vez que se voltavam, todos os sinais de um cordial adeus — Edmond respondia apenas com a mão, como se não pudesse mover o resto do corpo.

Então, quando desapareceram: — Estranho — murmurou Dantès, rindo —, encontrar justamente entre homens como esses tantas provas de amizade, tantos gestos de devoção.

Então, arrastou-se com cuidado até o cume de um rochedo que lhe oferecia a visão do mar: dali viu o navio terminar os seus preparativos, levantar âncora, balançar graciosamente como uma gaivota a alçar voo e partir.

Uma hora depois, o navio desaparecera completamente — ao menos, do lugar em que se encontrava o ferido, era impossível vê-lo.

Então Dantès levantou-se, mais ágil e veloz do que os cabritos a saltarem entre as murtas e as aroeiras naqueles rochedos selvagens, pegou o seu fuzil com uma mão, a sua picareta com a outra e correu àquela pedra onde terminavam os entalhes que descobrira nos rochedos.

— E agora — exclamou, lembrando-se daquela história do pescador árabe que Faria lhe contara —, agora, abre-te, Sésamo!

XXIV. ENCANTAMENTO

O sol já completara cerca de um terço de sua trajetória e seus raios de maio, quentes e vivificantes, batiam nos rochedos, que também pareciam sensíveis a seu calor; milhares de cigarras invisíveis nas moitas transmitiam o seu murmúrio monótono e contínuo; as folhas das murtas e das oliveiras agitavam-se, trêmulas, formando um ruído quase metálico; a cada passo que dava sobre o granito escaldante, Edmond fazia fugirem lagartos que pareciam esmeraldas; ao longe, sobre declives muito inclinados, viam-se saltar as cabras selvagens que às vezes atraíam caçadores; numa palavra, a ilha era habitada, viva, vibrante, animada — entretanto, Edmond ali se sentia sozinho, entregue às mãos de Deus.

Ele sentia não sei que emoção bem próxima do medo; era aquela desconfiança da clara luz do dia, que leva a supor, mesmo no deserto, que olhos inquisidores estão fixos em nós.

Este sentimento foi tão forte que, no momento de lançar-se ao trabalho, Edmond parou, largou a picareta, pegou o fuzil, subiu mais uma vez à pedra mais elevada da ilha e de lá lançou vasto olhar a tudo o que o cercava.

Entretanto — é preciso dizer —, o que atraiu a sua atenção não foi nem aquela Córsega poética, da qual se distinguia até as casas, nem aquela Sardenha quase desconhecida a segui-la, nem a ilha de Elba de lembranças gigantescas, nem enfim aquela linha imperceptível a estender-se no horizonte e que ao olhar experiente do marinheiro revelava Gênova, a soberba, e Livorno, a mercantil; não: foi o veleiro que partira ao alvorecer e o navio que acabara de partir.

O veleiro estava quase desaparecendo no estreito de Bonifácio; o navio, seguindo a rota oposta, costeava a Córsega, preparando-se para dobrá-la.

Essa visão tranquilizou Edmond.

Então ele mirou os objetos mais próximos ao redor; viu-se no ponto mais elevado da ilha cônica, frágil estátua daquele imenso pedestal; abaixo dele, nenhum homem; ao redor dele, nenhum barco: nada além do mar azul a vir bater na base da ilha, do mar que esse eterno choque bordava com uma franja de prata.

Então ele desceu em passos rápidos, mas cheios de prudência; nesse momento, temia muito um acidente semelhante àquele que simulara de maneira tão hábil e feliz.

Como dissemos, Dantès dera meia-volta e retornara por onde viera, seguindo os entalhes deixados nos rochedos: vira que essa direção levava a uma espécie de pequena enseada escondida como uma antiga banheira de ninfas; a enseada era bem larga na entrada e bem profunda em seu centro: um pequeno veleiro do gênero das tartanas poderia nela entrar e permanecer escondido. Então, seguindo o fio das induções — fio que, nas mãos do abade Faria, Edmond vira guiar o espírito de maneira tão engenhosa no dédalo das probabilidades —, imaginou que o cardeal Spada, procurando não ser visto, navegara até a enseada, nela escondera o seu barquinho, seguira a linha indicada pelos entalhes e, no fim da linha, enterrara o seu tesouro.

Fora essa suposição que levava Dantès até a pedra circular.

Só uma coisa preocupava Edmond e perturbava todas as ideias que tinha sobre dinâmica: como fora possível, sem empregar forças consideráveis, içar aquela pedra, que talvez pesasse cinco ou seis toneladas, da espécie de base onde ela repousava?

De repente ocorreu uma ideia a Dantès.

Em vez de ser içada, pensou ele, a pedra teria descido.

E ele mesmo correu para cima da pedra, procurando a sua base original.

De fato, logo viu que tinha sido feita uma pequena rampa; a pedra deslizara de sua base e viera parar na posição atual; outra rocha, do tamanho de uma pedra cortada comum, servira-lhe de calço; pequenas pedras e seixos tinham sido cuidadosamente dispostos para esconder qualquer sinal de remoção; essa espécie de pequena obra de construção tinha sido coberta de terra vegetal:

o capim crescera, o musgo se espalhara, algumas sementes de murta e aroeira tinham brotado e a velha pedra parecia colada ao solo.

Dantès removeu a terra com cuidado: comprovou — ou imaginou comprovar — toda aquela engenhosa construção.

Então começou a atacar com a picareta a muralha intermediária cimentada pelo tempo.

Depois de dez minutos de trabalho, a muralha cedeu: abriu-se um buraco por onde passava um braço.

Dantès foi cortar a oliveira mais dura que conseguiu encontrar, tirou os galhos, introduziu-a no buraco e utilizou-a como alavanca.

Mas a pedra era ao mesmo tempo muito pesada e muito bem calçada pela pedra inferior para que alguma força humana, mesmo que fosse a do próprio Hércules, pudesse movê-la.

Então Dantès pensou que deveria atacar o próprio calço.

Mas com que meio?

Dantès olhou a seu redor, como fazem os homens embaraçados; seu olhar pousou em um chifre de carneiro montês cheio de pólvora que seu amigo Jacopo lhe deixara.

Sorriu: a invenção infernal ia fazer a sua obra.

Com a ajuda da picareta, Dantès cavou, entre a pedra superior e a inferior, um canal de mina, como costumam fazer os pioneiros quando querem poupar ao braço humano muito cansaço, e encheu o duto de pólvora; então, desfiando o seu lenço e esfregando-o na pólvora, fez uma mecha.

Colocando fogo na mecha, Dantès afastou-se.

A explosão não se fez esperar: num instante, a pedra superior foi erguida pela incalculável força, a pedra inferior voou em pedaços; pela pequena abertura que Dantès já tinha feito, escapou todo um mundo de insetos vibrantes, e uma cobra enorme, guardiã daquele caminho misterioso, desenrolou-se em suas espirais azuladas e desapareceu.

Dantès aproximou-se: a pedra superior, agora sem apoio, inclinava-se para o abismo; o corajoso explorador contornou-a, escolheu o lugar mais vacilante, apoiou sua alavanca numa saliência e, como Sísifo, aplicou toda a sua força contra a pedra.

Já abalada pela explosão, a pedra vacilou; Dantès redobrou os esforços: parecia um titã a mover montanhas para guerrear com o senhor dos deuses. Enfim a pedra cedeu, rolou, saltou, precipitou-se e desapareceu, engolida pelo mar.

Deixara descoberto um espaço circular, deixara à vista uma argola de ferro encravada no meio de uma laje quadrada.

Dantès deu um grito de alegria e surpresa: nunca um resultado tão magnífico coroara uma primeira tentativa.

Quis continuar; mas as suas pernas tremiam tanto, seu coração batia tão forte, uma nuvem tão ardente cobria-lhe os olhos que foi obrigado a parar.

Esse momento de hesitação teve a duração do relâmpago. Edmond enfiou a alavanca na argola, ergueu-a com força e a laje solta abriu-se, descobrindo a rampa íngreme de uma espécie de escada que se enterrava nas sombras de uma caverna cada vez mais escura.

Outro teria se precipitado, dado gritos de alegria; Dantès deteve-se, empalideceu, desconfiou.

— Vejamos — pensou —, sejamos um homem! Acostumados à adversidade, não nos deixemos abater por uma decepção; ou então teria sido por nada que tanto sofri! O coração se parte quando, depois de dilatar-se além da medida ao sopro ardente da esperança, volta a si e encerra-se na fria realidade! Faria teve um sonho: o cardeal Spada não escondeu nada nesta caverna, talvez até mesmo nunca tenha vindo aqui, ou, se veio, César Bórgia, o corajoso aventureiro, o incansável e sombrio ladrão, veio depois dele, descobriu a pista, seguiu os mesmos sinais que segui, como eu levantou esta pedra e, chegando antes, não deixou nada para mim.

Por um momento ficou imóvel, pensativo, olhar fixo naquela abertura sombria e profunda.

— Ora, agora que já não espero mais nada, agora que acho ser loucura manter qualquer esperança, a continuação desta aventura é para mim uma questão de curiosidade, nada mais.

E permaneceu imóvel, a meditar.

— Sim, sim, esta é uma aventura adequada à vida cheia de sombra e de luz daquele nobre bandido, à teia de acontecimentos estranhos que formam a trama colorida de sua vida; esse fabuloso acontecimento encadeia-se perfeitamente aos outros eventos de sua existência; sim, Bórgia veio até aqui, certa noite, com uma tocha na mão, uma espada na outra, enquanto a vinte passos dele, talvez ao lado desta pedra, conservavam-se dois esbirros, sombrios e ameaçadores, interrogando a terra, o ar e o mar, enquanto o seu senhor entrava como vou entrar, revolvendo as trevas com o seu braço temível e flamejante.

“Sim; mas o que César teria feito com os esbirros a quem entregou esse segredo?”, perguntou-se Dantès.

“O mesmo que fizeram”, respondeu sorrindo, “com os coveiros de Alarico, que foram enterrados com o enterrado.”

“Entretanto, se ele esteve aqui”, continuou Dantès, “se ele encontrou esse tesouro e se apossou dele, César Bórgia, o homem que comparava a Itália a uma alcachofra, que comia a alcachofra folha a folha, Bórgia sabia muito bem que o tempo vale ouro: não perderia tempo recolocando essa pedra em sua base.”

“Desçamos.”

Então ele desceu com o sorriso da dúvida nos lábios, murmurando a última palavra da sabedoria humana: — “Talvez!...”

Mas, em vez das trevas que esperava encontrar, em vez de uma atmosfera opaca e viciada, Dantès não viu mais do que suave brilho disseminado em luz azulada; o ar e a luz infiltravam-se não apenas pela abertura que acabara de ser feita, mas também pelas fendas de pedras invisíveis do lado de fora, através das quais se via o azul do céu onde brincavam os ramos trêmulos dos carvalhos verdes e os elos espinhosos e rastejantes dos espinheiros.

Depois de alguns segundos de permanência na caverna, onde a atmosfera mais quente do que úmida, mais aromática do que inodora, estava para a temperatura da ilha como a luz azul estava para o sol, o olhar de Dantès, acostumado, como dissemos, às trevas, conseguiu sondar os cantos mais recônditos da caverna: ela era de granito; suas facetas laminadas brilhavam como diamantes.

— Ai — pensou Edmond, sorrindo —, são esses com certeza todos os tesouros que o cardeal deixou, e aquele bom abade, vendo em sonho esses muros resplandecentes, deve ter acalentado as mais ricas esperanças.

Mas Dantès lembrou-se das palavras do testamento, que sabia de cor: — “No canto mais distante da segunda abertura” —, dizia o testamento.

Dantès penetrara apenas na primeira caverna — agora precisava achar a entrada da segunda.

Dantès orientou-se: essa segunda caverna deveria naturalmente enterrar-se no interior da ilha; examinou as camadas de pedras — foi bater numa parede que lhe parecia ser aquela onde deveria estar a abertura, provavelmente escondida com o maior cuidado.

A picareta ressoou por um instante, extraindo da pedra um som oco, tão duro que fazia escorrer suor pela testa de Dantès; finalmente, pareceu ao minerador perseverante que uma porção da muralha granítica respondia com um eco mais surdo e mais profundo ao apelo que lhe fazia; aproximou o olhar ardente da muralha e percebeu, com o tato do prisioneiro, o que talvez ninguém mais perceberia: ali deveria haver uma abertura.

Entretanto, para não fazer esforços inúteis, Dantès, que como César Bórgia aprendera o valor do tempo, sondou as outras paredes com a picareta, interrogou o solo com a coronha do fuzil, cavou a areia nos lugares suspeitos e, nada encontrando, nada reconhecendo, voltou ao lugar da muralha que respondia com um som animador.

Bateu de novo e com mais força.

Então viu algo singular: aos golpes do instrumento, uma espécie de reboco, como o que se aplica nas paredes para pintar a fresco, soltava-se e caía em escamas, descobrindo uma pedra branca e mole, igual às nossas pedras cortadas comuns. Tinham fechado a abertura do rochedo com pedras de outra natureza, depois tinham passado uma camada de reboco nessas pedras, depois sobre o reboco tinham imitado a cor e a cristalinidade do granito.

Então Dantès bateu com a ponta aguda da picareta, que penetrou uma polegada na porta-muralha.

Era ali que precisaria cavar.

Por um estranho mistério da organização humana, quanto mais as provas de que Faria não se enganara deveriam, acumulando-se, tranquilizar Dantès, mais o seu ânimo enfraquecido abandonava-se à dúvida e quase ao desânimo: as últimas descobertas, que deveriam ter lhe dado novas forças, tiraram-lhe as forças que restavam: a picareta oscilou, quase escapando de suas mãos; pousou-a no solo, enxugou a testa e saiu à luz do dia, dando a si mesmo o pretexto de ir ver se alguém o estava espiando, mas na verdade saiu porque precisava de ar, porque sentia que ia desmaiar.

A ilha estava deserta — o sol, no zênite, parecia cobri-la com o seu olho de fogo; ao longe, pequenos barcos de pescadores abriam as suas asas sobre o mar azul-safira.

Dantès ainda não comera nada, mas não tinha tempo para comer num momento como aquele; engoliu um gole de rum e voltou à caverna com o ânimo fortalecido.

A picareta, que lhe parecera tão pesada, voltou a ficar leve; ergueu-a como se fosse uma pluma e recomeçou vigorosamente o trabalho.

Depois de dar alguns golpes, percebeu que as pedras não estavam fixadas, mas apenas colocadas umas sobre as outras e recobertas com o reboco que mencionamos; ele introduziu em uma das fissuras a ponta da picareta, forçou o cabo e viu com alegria a pedra rolar como que em gonzos e cair a seus pés.

A partir desse momento, Dantès só precisou puxar cada pedra para si com o bico de ferro da picareta, e cada pedra, uma depois da outra, rolou para perto da primeira.

À primeira abertura, Dantès já poderia entrar; mas demorar alguns instantes era adiar a certeza e agarrar-se à esperança.

Enfim, depois de hesitar por mais alguns instantes, Dantès passou da primeira caverna à segunda.

Essa segunda caverna era mais baixa, mais escura e de aspecto mais assustador do que a primeira; no ar, que nela só penetrava pela abertura que ele acabara de fazer, havia aquele aroma de mofo que Dantès se admirara de não encontrar na primeira caverna. Por

algum tempo, Dantès esperou o ar exterior penetrar e reavivar aquela atmosfera morta, depois entrou.

À esquerda da abertura havia um canto profundo e escuro.

Mas, como dissemos, para os olhos de Dantès já não existia mais escuridão.

Ele sondou com o olhar a segunda caverna: estava vazia, como a primeira.

O tesouro, se existisse, estaria enterrado naquele canto escuro.

Tinha chegado a hora da angústia; entre a suprema alegria e o supremo desespero, só restavam a Dantès dois pés de terra a revistar.

Andou até o canto e, como se impelido por súbita decisão, cavou o solo com coragem.

Ao quinto ou sexto golpe da picareta, o ferro ressoou no ferro.

Nunca um toque fúnebre, nunca um dobrar de sinos produziu tanto efeito em quem o ouviu. Dantès não poderia encontrar nada que o deixasse mais pálido.

Sondou ao lado do lugar onde já sondara — encontrou a mesma resistência, mas não o mesmo som.

— É um cofre de madeira revestido de ferro — disse ele.

Nesse momento, uma sombra rápida passou, interceptando a luz do dia.

Dantès deixou cair a picareta, pegou o fuzil, passou pela abertura e correu à luz do dia.

Uma cabra selvagem pulara por cima da primeira entrada da caverna e pastava a poucos passos dali.

Era uma bela oportunidade de assegurar o seu jantar, mas Dantès receou que a detonação do fuzil atraísse alguém.

Refletiu por um instante, cortou uma árvore inflamável, foi acendê-la na fogueira ainda fumegante onde os contrabandistas tinham cozinhado o seu almoço e voltou com essa tocha.

Ele não queria perder nenhum detalhe do que iria ver.

Aproximou a tocha do buraco informe e inacabado — percebeu que não se enganara: os seus golpes tinham acertado alternadamente o ferro e a madeira.

Fixou a sua tocha na terra e voltou ao trabalho.

Num instante, uma área de aproximadamente três pés de comprimento e dois pés de largura foi escavada — então Dantès descobriu um cofre de madeira de carvalho revestido de ferro esculpido. No meio da tampa, numa placa de prata que a terra não conseguira enferrujar, brilhavam as armas da família Spada — isto é, uma espada disposta em faixa vertical sobre um escudo oval, como os escudos italianos, encimada por um chapéu de cardeal.

Dantès reconheceu as armas facilmente: o abade Faria desenhara-as para ele tantas vezes!

Agora já não havia mais dúvida: o tesouro realmente estava ali — não tomariam tantos cuidados para colocar naquele lugar um cofre vazio.

Num instante, toda a terra ao redor do cofre foi escavada — Dantès viu aparecerem sucessivamente a fechadura central, colocada entre dois cadeados, e as alças das faces laterais; tudo aquilo era esculpido como se esculpia naquele tempo em que arte tornava preciosos os mais vis metais.

Dantès pegou o cofre pelas alças e tentou levantá-lo: era impossível.

Dantès tentou abri-lo: a fechadura e os cadeados estavam trancados: os fiéis guardiães pareciam não querer entregar o seu tesouro.

Dantès introduziu a ponta aguda de sua picareta entre o cofre e a tampa, forçando o cabo da picareta: a tampa rangeu e então saltou. Uma ampla abertura nas tábuas tornava as ferragens inúteis — elas caíram, por sua vez, ainda apertando em suas garras tenazes as tábuas despedaçadas em sua queda, e o cofre descobriu-se.

Uma febre vertiginosa tomou conta de Dantès; ele pegou o fuzil, engatilhou-o e colocou-o a seu lado. Primeiro fechou os olhos, como fazem as crianças para descobrir, na luminosa noite cintilante de sua imaginação, mais estrelas do que podem contar em um céu ainda claro; então reabriu os olhos e ficou encantado.

Três compartimentos dividiam o cofre.

No primeiro, brilhavam reluzentes escudos de ouro com reflexos dourados.

No segundo, lingotes mal polidos, mas bem arranjados, que do ouro não tinham nada menos que o peso e o valor.

No terceiro, enfim, metade cheio, Edmond revolveu aos punhados os diamantes, as pérolas, os rubis, que, cascata cintilante, caindo uns sobre os outros, faziam o barulho do granizo nas vidraças.

Depois de ter tocado, apalpado, enterrado as suas mãos trêmulas no ouro e nas pedrarias, Edmond ergueu-se e começou a correr através das cavernas com a vibrante exaltação de um homem à beira da loucura. Subiu a uma pedra de onde podia ver todo o mar e nada viu: estava sozinho, completamente sozinho, com aquelas riquezas incalculáveis, inauditas, fabulosas, que pertenciam a ele; mas estava sonhando ou estava acordado? Estava tendo um sonho fugaz ou abraçava a realidade corpo a corpo?

Sentia necessidade de rever o seu ouro — entretanto, sentia que naquele momento não teria forças para suportar essa visão. Por um momento, apoiou ambas as mãos no alto da cabeça, como a impedir que a razão lhe fugisse; então correu através de toda a ilha, sem seguir não digo nenhuma trilha — na ilha de Monte-Cristo não há trilhas —, mas sem seguir nenhuma direção, espantando as cabras selvagens, assustando as aves marinhas com os seus gritos e os seus gestos. Então, por um atalho, retornou, ainda na dúvida, correndo da primeira caverna à segunda, vendo-se novamente diante daquela mina de ouro e diamantes.

Dessa vez caiu de joelhos, apertando o coração disparado com as mãos convulsivas, murmurando uma prece que só Deus poderia entender.

Logo, sentiu-se mais calmo, portanto mais feliz, pois só agora começava a acreditar em sua felicidade.

Então começou a contar a sua fortuna: havia mil lingotes de ouro de duas a três libras cada um; em seguida empilhou vinte e cinco mil escudos de ouro — cada um podia valer oitenta francos na nossa moeda atual —, todos com a efígie do papa Alexandre VI e de seus antecessores, e percebeu que o compartimento estava metade cheio; enfim, mediu dez vezes a capacidade de suas duas mãos em pérolas, pedras preciosas, diamantes — muitos deles,

lapidados pelos melhores ourives da época, tinham um valor artístico notável, mesmo se comparado ao valor intrínseco.

Dantès viu o sol se pôr e eclipsar-se pouco a pouco. Receou ser surpreendido se permanecesse na caverna — saiu com o fuzil à mão. Um bocado de biscoito e alguns goles de vinho foram a sua ceia. Depois ele recolocou a pedra, deitou-se em cima dela e dormiu apenas algumas horas, cobrindo com seu corpo a entrada da caverna.

Aquela noite foi uma das duas ou três noites mais deliciosas e, ao mesmo tempo, mais terríveis que aquele homem de emoções fulminantes já vivera.

XXV. O DESCONHECIDO

Alvoreceu. Havia muito Dantès esperava o dia de olhos abertos. Aos primeiros raios de sol, levantou-se e, como na véspera, subiu à pedra mais elevada da ilha para explorar os arredores: como na véspera, tudo estava deserto.

Edmond desceu, levantou a pedra, encheu os bolsos de pedras preciosas, recolocou o melhor que pôde as tábuas e ferragens do cofre, cobriu-o de terra, pisoteou a terra, jogou areia em cima, para o lugar parecer recém-remexido como o resto do solo; saiu da caverna, recolocou a laje, colocou em cima da laje pedras de vários tamanhos; colocou terra nos vãos, plantou nesses vãos murtas e aroeiras, regou as novas plantas para elas parecerem antigas, apagou os traços acumulados de seus passos ao redor, esperou com impaciência o retorno de seus companheiros. De fato, agora já não se tratava mais de passar o tempo olhando aquele ouro e aqueles diamantes, permanecendo em Monte-Cristo como um dragão a vigiar inúteis tesouros. Agora era preciso voltar à vida entre os homens e assumir na sociedade a posição, a influência e o poder fornecidos neste mundo pela riqueza, a primeira e a maior das forças de que pode dispor a criatura humana.

Os contrabandistas regressaram no sexto dia. Dantès reconheceu de longe as formas e movimentos da Jovem-Amélia;

arrastou-se até o porto, como Filocteto ferido perto de Troia, e quando os seus companheiros desembarcaram anunciou-lhes ainda gemendo sensíveis melhoras; então, por sua vez, escutou o relato dos aventureiros. Eles tinham sido bem-sucedidos, é verdade; mas, mal entregaram a carga, foram avisados de que um navio-vigia em Toulon acabara de desembarcar e aproximava-se deles. Então tinham fugido a todo pano, lamentando que Dantès — que sabia imprimir ao navio uma velocidade tão superior — não estivesse lá para pilotá-lo. De fato, logo viram o navio caçador; mas com a ajuda da noite, dobrando o cabo da Córsega, conseguiram escapar.

Em suma, aquela viagem não havia sido nada má; todos, principalmente Jacopo, lamentaram que Dantès não estivesse presente, a fim de receber a sua parte nos lucros obtidos — parte que se elevava a cinquenta piastras.

Edmond permaneceu impenetrável; sequer sorriu à enumeração das vantagens que partilharia se pudesse ter deixado a ilha; e, como a Jovem-Amélia só viera a Monte-Cristo para buscá-lo, ele embarcou na mesma noite e acompanhou o capitão até Livorno.

Em Livorno, foi à casa de um hebreu e vendeu, a cinco mil francos cada um, quatro de seus menores diamantes. O hebreu poderia ter perguntado como um marinheiro encontrava-se na posse de tais objetos preciosos; mas não fez perguntas: ganhava mil francos em cada um deles.

No dia seguinte, Dantès comprou um barco novinho, dando-o a Jacopo, acrescentando ao presente cem piastras para que Jacopo pudesse contratar uma tripulação; isto com a condição de que Jacopo fosse a Marselha saber notícias de um ancião chamado Louis Dantès — residente nas alamedas de Meilhan — e de uma jovem que morava na aldeia dos Catalães e se chamava Mercedes.

Foi a vez de Jacopo imaginar que sonhava: então Edmond lhe contou que tornara-se marinheiro por um impulso caprichoso, porque a sua família recusava-lhe o dinheiro necessário para levar a vida; mas ao chegar a Livorno recebera a herança de um tio que o nomeara o seu único sucessor. A elevada educação de Dantès dava a essa história tanta verossimilhança que Jacopo nem por um

instante duvidou que o seu velho companheiro estivesse dizendo a verdade.

Por outro lado, como o contrato de Edmond a bordo da Jovem-Amélia expirara, ele despediu-se do velho marinheiro, que primeiro tentou retê-lo, mas que ao saber, como Jacopo, da história da herança, logo renunciou à esperança de levar seu ex-marujo a mudar de ideia.

No dia seguinte, Jacopo içou as velas rumo a Marselha; deveria encontrar Edmond em Monte-Cristo.

No mesmo dia, Dantès partiu sem dizer aonde ia, despedindo-se da tripulação da Jovem-Amélia com uma gratificação esplêndida, e do velho capitão com a promessa de um dia ou outro dar-lhe notícias.

Dantès foi para Gênova.

No momento em que chegava, testavam um pequeno iate encomendado por um inglês que, tendo ouvido falar que os genoveses eram os melhores construtores do Mediterrâneo, desejava ter um iate construído em Gênova; o inglês concordara em pagar quarenta mil francos: Dantès ofereceu sessenta mil, desde que o barco lhe fosse entregue naquele mesmo dia. O inglês tinha ido dar uma volta na Suíça, enquanto esperava que seu barco ficasse pronto. Só voltaria dentro de três semanas ou um mês: o construtor pensou que teria tempo de colocar outro iate no estaleiro. Dantès levou o construtor à casa de um hebreu, passou com ele aos fundos da loja e o hebreu contou os sessenta mil francos ao construtor.

O construtor ofereceu a Dantès os seus serviços para arrumar uma tripulação; mas Dantès agradeceu-lhe, dizendo que tinha o costume de navegar sozinho: a única coisa que desejava era que lhe construíssem na cabine, à cabeceira da cama, um armário secreto, com três compartimentos também secretos. Deu as medidas desses compartimentos, que foram construídos no dia seguinte.

Duas horas depois, Dantès deixava o porto de Gênova, escoltado pelos olhares de uma multidão de curiosos, que queriam ver o senhor espanhol que tinha o costume de navegar sozinho.

Dantès saiu-se à maravilha: com o auxílio do leme, sem precisar abandoná-lo, fez o seu barco fazer todas as manobras desejadas; o iate parecia uma criatura inteligente pronta a obedecer ao menor impulso dado — o próprio Dantès chegou à conclusão de que os genoveses mereciam a sua fama de melhores construtores do mundo.

Os curiosos seguiram o pequeno barco com os olhos até o perderem de vista — então começaram as discussões para saber aonde ele ia: uns inclinaram-se pela Córsega, outros pela ilha de Elba; alguns quiseram apostar que ele ia para a Espanha, outros sustentaram que ia para a África; ninguém pensou em mencionar a ilha de Monte-Cristo.

Era entretanto para Monte-Cristo que ia Dantès.

Ali chegou ao fim do segundo dia; a nave era um excelente veleiro e percorrera a distância em apenas trinta e cinco horas. Dantès reconhecera perfeitamente o relevo da costa — em vez de abordar o porto habitual, lançou âncora na pequena enseada.

A ilha estava deserta; ninguém parecia ter desembarcado nela desde que Dantès partira; ele dirigiu-se a seu tesouro; tudo estava do jeito que deixara.

No dia seguinte, a sua imensa fortuna era levada a bordo do iate e encerrada nos três compartimentos do armário secreto.

Dantès esperou mais uma semana. Durante oito dias, manobrou o iate ao redor da ilha, estudando-a como um cavaleiro estuda o seu cavalo: ao cabo desse tempo, conhecia todas as suas qualidades e defeitos; prometeu-se aumentar as qualidades e corrigir os defeitos.

No oitavo dia, Dantès viu uma pequena embarcação aproximar-se da ilha a toda vela e reconheceu o barco de Jacopo; fez-lhe um sinal: Jacopo respondeu-lhe — duas horas depois, o barco estava ao lado do iate.

Havia uma triste resposta para cada uma das duas perguntas feitas por Edmond.

O velho Dantès morrera.

Mercedes desaparecera.

Edmond escutou as duas notícias com fisionomia calma; mas logo desceu a terra, proibindo que o seguissem.

Duas horas depois ele voltou: dois homens do barco de Jacopo passaram a seu iate, para ajudá-lo na manobra, e ele deu ordens para rumarem a Marselha.

Previra a morte de seu pai; mas Mercedes — o que lhe acontecera?

Edmond não poderia dar instruções suficientes a um auxiliar sem divulgar o seu segredo; aliás, havia ainda outras informações que desejava obter — para obtê-las, só contava consigo mesmo. Em Livorno, seu espelho lhe contara que não corria o risco de ser reconhecido; aliás, agora tinha à sua disposição todos os meios de se disfarçar. Assim, certa manhã, o iate, seguido pelo pequeno barco, entrou bravamente no porto de Marselha e parou bem em frente ao lugar onde, naquela noite de fatal memória, tinham-no embarcado para o castelo de If.

Não foi sem certa emoção que Dantès viu aproximar-se dele um guarda da vigilância sanitária. Mas, com a perfeita segurança que adquirira, Dantès apresentou-lhe um passaporte inglês que comprara em Livorno e, mediante esse salvo-conduto estrangeiro, muito mais respeitado na França do que o francês, desceu a terra sem dificuldade.

Ao pôr os pés na rua Canebière, a primeira coisa que Dantès viu foi um dos marinheiros do Faraó. Esse homem servira sob suas ordens e encontrava-se ali a propósito para tranquilizar Dantès quanto às mudanças em sua aparência. Dirigiu-se diretamente a esse homem e fez-lhe diversas perguntas — ele respondeu sem demonstrar, pelas palavras ou pela expressão de seu rosto, que alguma vez havia visto o homem que lhe dirigia a palavra.

Então Dantès deu ao marinheiro uma moeda, retribuindo-lhe as informações; instantes depois, ouviu o bravo homem correr atrás dele.

Dantès voltou-se.

— Perdão, senhor — disse o marinheiro —, mas deve estar enganado... Pensou que me deu uma moeda de quarenta soldos, mas me deu um duplo napoleão.

— Realmente, meu amigo — disse Dantès —, eu me enganei... Mas, como a sua honestidade merece recompensa, aqui está mais

outra moeda: peço-lhe que a aceite para beber à minha saúde com os seus camaradas.

O marinheiro olhou Edmond com tanta surpresa que nem pensou em agradecer-lhe; viu-o afastar-se e disse: — É algum novo-rico chegando da Índia.

Dantès seguiu o seu caminho; cada passo que dava oprimia-lhe o coração com novas emoções: todas aquelas lembranças da infância, lembranças indestrutíveis, eternamente presentes em seu pensamento, despertavam a cada canto de praça, a cada esquina das ruas, a cada cruzamento. Chegando ao fim da rua de Noailles, ao avistar as alamedas de Meilhan, sentiu os joelhos se dobrarem, quase caiu sob as rodas de uma carruagem. Enfim chegou à casa onde morara o seu pai. As ervas e as capuchinhas tinham desaparecido da mansarda, onde antigamente a mão do ancião cuidava delas com tanta dedicação.

Edmond apoiou-se em uma árvore e ficou por alguns momentos pensativo, olhando os últimos andares daquele pobre prédio; enfim avançou até a porta e atravessou o limiar, perguntando se não havia um apartamento vago — embora estivesse ocupado, insistiu tanto tempo para visitar o do quinto andar que o porteiro subiu e pediu às pessoas que lá moravam, da parte de um estrangeiro, permissão para ver as duas peças que o compunham.

As pessoas que habitavam o pequeno apartamento eram um jovem e uma jovem que tinham acabado de se casar havia apenas uma semana.

Ao ver o casal de jovens, Dantès deu profundo suspiro.

Aliás, nada lembrava a Dantès o apartamento de seu pai: já não era mais o mesmo papel de parede; todos os velhos móveis, amigos de infância de Edmond, presentes em sua lembrança com todos os seus detalhes, tinham desaparecido. Só as paredes eram as mesmas.

Dantès voltou-se para a cama: estava no mesmo lugar da cama do velho locatário; sem querer, os olhos de Edmond encheram-se de lágrimas: bem nesse lugar, o velho devia ter dado o seu último suspiro, chamando o seu filho.

O casal de jovens olhava com surpresa aquele homem de expressão severa derramar em suas faces duas grandes lágrimas sem que a sua fisionomia se perturbasse. Entretanto, como toda dor traz consigo a sua religião, os jovens não fizeram nenhuma pergunta ao desconhecido — apenas se afastaram para deixá-lo chorar à vontade; quando ele se retirou, o casal o acompanhou, dizendo-lhe que podia voltar quando quisesse: a sua pobre casa sempre lhe seria hospitaleira.

Ao atravessar o andar de baixo, Edmond parou diante de outra porta e perguntou se o alfaiate Caderousse continuava morando ali. Mas o porteiro respondeu-lhe que o homem a quem se referia fizera maus negócios — agora ele tinha uma pequena pousada na estrada de Bellegarde a Beaucaire.

Dantès desceu, pediu o endereço do dono do prédio das alamedas de Meilhan e foi até a casa dele, fazendo-se anunciar com o nome de lorde Wilmore (era o nome e o título grafados em seu passaporte) e comprou o pequeno prédio pela quantia de vinte e cinco mil francos. Eram ao menos dez mil francos acima de seu valor. Mas, se o dono pedisse meio milhão, Dantès bem que teria pagado.

No mesmo dia, os jovens do quinto andar foram avisados pelo tabelião que fizera o contrato: o novo proprietário deixava-os escolher qualquer apartamento do prédio, sem aumentar de forma alguma o aluguel, desde que lhe cedessem as duas peças que ocupavam.

Durante mais de uma semana, esse estranho acontecimento entreteve todos os moradores das alamedas de Meilhan, provocando mil conjecturas — nenhuma delas era exata.

Mas o que mais confundiu todos os cérebros e perturbou todos os espíritos foi à noite verem o mesmo homem que viram entrar no prédio das alamedas de Meilhan passear na pequena aldeia dos Catalães e entrar em uma pobre casa de pescadores, onde ficou mais de uma hora pedindo notícias de várias pessoas que tinham morrido ou desaparecido havia mais de quinze ou dezesseis anos.

No dia seguinte, as pessoas na casa de quem ele entrara para fazer todas aquelas perguntas ganharam de presente um barco

catalão novinho, guarnecido com duas redes de arrasto e uma de arrastão.

Essa brava gente bem que quis agradecer ao generoso interrogador, mas ao deixá-los ele havia sido visto, depois de dar algumas ordens a um marinheiro, montando a cavalo e saindo de Marselha pelo portão de Aix.

XXVI. A POUSADA DA PONTE DO GARD

Aqueles que, como eu, já percorreram a pé o Sul da França, puderam notar entre Bellegarde e Beaucaire, quase no meio do caminho entre a aldeia e a cidade — todavia, mais perto de Beaucaire que de Bellegarde —, uma pequena pousada onde pende, em uma placa de ferro a ranger ao menor vento, um grotesco desenho da ponte do Gard.² Essa pequena pousada, se tomarmos como ponto de referência o curso do rio Ródano, situa-se do lado esquerdo da estrada, dando as costas para o rio; ela é acompanhada pelo que no Languedoc chama-se de jardim — isto é, a face oposta à que abre a porta para os viajantes dá para um cercado onde rastejam algumas oliveiras secas e algumas figueiras silvestres de folhagem prateada pela poeira; entre elas, crescem — como únicos legumes — alhos, pimentas e cebolinhas; enfim, num dos cantos, como uma sentinela esquecida, um grande pinheiro guarda-sol lança melancolicamente o seu tronco flexível, enquanto a sua copa, aberta em leque, arde ao sol de trinta graus.

Todas essas árvores, grandes ou pequenas, curvam-se inclinadas naturalmente para a direção por onde passa o vento do mar Mediterrâneo — o mistral —, um dos três flagelos da Provença; os dois outros, como se sabe — ou como não se sabe —, são as enchentes do rio Durance e o Parlamento.

Aqui e ali, na planície ao redor — que se assemelha a um grande lago de poeira —, vegetam algumas espigas de trigo, que os horticultores da região cultivam provavelmente por curiosidade, e cada uma delas serve de poleiro a uma cigarra que persegue, com o seu canto áspero e monótono, os viajantes perdidos nesse deserto.

Havia cerca de sete ou oito anos, essa pequena pousada era mantida por um homem e uma mulher que tinham como criados apenas uma camareira chamada Trinette e um cavaliariço que atendia pelo nome de Pacaud — dupla cooperação que, aliás, satisfazia amplamente as necessidades do serviço, desde que um canal cavado entre Beaucaire e Aigues-Mortes fizera os barcos sucederem vitoriosamente o transporte terrestre, e o coche suceder a diligência.

Como para tornar ainda mais animadas as lamentações do infeliz hoteleiro que arruinava, esse canal passava entre o rio Ródano a alimentá-lo e a estrada que ele substituía, a cerca de cem metros da pousada que acabamos de descrever breve, mas fielmente.

O hoteleiro que mantinha essa pequena pousada podia ser um homem de quarenta ou quarenta e cinco anos, alto, magro e nervoso, autêntico tipo do Sul, com os seus olhos fundos e brilhantes, o seu nariz em bico de águia e os seus dentes brancos como os de um animal carnívoro. Os seus cabelos, que apesar dos primeiros sinais de idade pareciam não querer decidir-se a embranquecer, assim como a barba, que ele usava como um colar, eram espessos, crespos, pouco interrompidos por alguns fios brancos. A sua pele, naturalmente morena, cobrira-se de nova camada castanha, graças ao hábito que o pobre-diabo adquirira de manter-se da manhã à noite na soleira de sua porta, para ver se não lhe chegava algum freguês, a pé ou de carruagem; espera quase sempre frustrada, durante a qual ele não opunha ao calor escaldante do sol outra proteção para o rosto além de um lenço vermelho atado à cabeça, à maneira dos muleiros espanhóis. Esse homem era o nosso velho conhecido Gaspard Caderousse.

A sua mulher, que em solteira se chamava Madeleine Radelle, ao contrário dele era uma mulher pálida, magra e doentia; nascida nas redondezas de Arles, mesmo conservando os traços primitivos da beleza tradicional de suas patrícias, vira o seu rosto arruinar-se lentamente ante os acessos quase contínuos de uma daquelas febres ocultas tão comuns entre as populações vizinhas dos lagos de Aigues-Mortes e dos pântanos de Camargue. Assim ela se

mantinha quase sempre sentada e tiritante ao fundo de seu quarto situado no primeiro andar, estendida em uma poltrona ou recostada em sua cama, enquanto o marido montava à porta a sua guarda habitual — guarda que ele prolongava com tanto mais vontade quanto, cada vez que se encontrava com a sua cara-metade não muito cara, esta o perseguia com as suas eternas queixas contra o destino, queixas a que o marido habitualmente só respondia com estas palavras filosóficas: “Cale-se, Carconte! É a vontade de Deus!”

Esse apelido originava-se no fato de Madeleine Radelle ter nascido na aldeia de Carconte, situada entre Salon e Lambesc. Ora, seguindo uma tradição da região, que quer que se chamem as pessoas quase sempre por um apelido em vez de chamá-las pelo nome, o seu marido substituíra essa designação a *Madeleine* — suave demais, agradável demais, talvez, para a sua linguagem rude.

Entretanto, apesar dessa pretensa resignação aos decretos da Providência, não se imagine que o nosso albergueiro deixasse de sentir profundamente o estado de miséria a que o reduzira aquele miserável canal de Beaucaire, ou que ele fosse invulnerável às incessantes queixas com que a sua mulher o perseguia. Como toda a gente do Sul, ele era um homem sóbrio e sem grandes necessidades, mas vaidoso nas coisas exteriores; assim, nos tempos de sua prosperidade, não deixara passar uma ferra de gado, uma procissão da Tarasca, sem lá mostrar-se com a sua cara Carconte — ele, naqueles trajes pitorescos dos homens do Sul, mesclados ao catalão e ao andaluz; ela, com a encantadora roupa típica das mulheres de Arles, que parece emprestar da Grécia e da Arábia; mas, pouco a pouco, correntes de relógio, colares, cintos de mil cores, decotes, corpetes bordados, casacas de veludo, meias de lojas elegantes, polainas sarapintadas, sapatos com fivelas de prata desapareceram e Gaspard Caderousse, não podendo mais mostrar-se à altura de seu esplendor passado, renunciara por si mesmo e por sua mulher a todas essas pompas mundanas, ouvindo, roendo por dentro o coração, os ecos alegres daquelas pompas chegarem até seu pobre albergue, que ele continuava a manter mais como um abrigo do que como um negócio.

Assim, Caderousse passava, como de hábito, parte da manhã diante da porta, passeando o olhar melancólico entre um pequeno gramado pelado, onde ciscavam algumas galinhas, e os dois extremos da estrada deserta, a apontar de um lado para o sul, de outro para o norte, quando de repente a voz amarga de sua mulher obrigou-o a abandonar o seu posto; entrou resmungando e subiu ao primeiro andar — mas deixou a porta escancarada, como a convidar os viajantes a não o esquecerem ao passar.

No momento em que Caderousse entrava, a estrada que mencionamos, percorrida pelos seus olhares, estava tão nua e solitária quanto o deserto ao meio-dia; estendia-se, clara e infinita, entre duas fileiras de árvores magras — entendia-se perfeitamente que nenhum viajante, livre para escolher qualquer outra hora do dia, então se aventuraria através daquele terrível Saara.

Entretanto, malgrado todas as probabilidades, se Caderousse tivesse permanecido em seu posto, poderia ter visto aparecer, na direção de Bellegarde, um cavaleiro e um cavalo a se aproximarem naquele trote franco e amistoso que indica as melhores relações entre cavalo e cavaleiro; o cavalo era um cavalo castrado, a avançar agradavelmente a furta-passo; o cavaleiro era um padre vestido de negro e coberto por um chapéu de três bicos, apesar do escaldante calor do sol, então a pino; ambos marchavam a trote bastante razoável.

Ao chegar à frente da porta a dupla se deteve: seria difícil decidir se foi o cavalo que deteve o homem ou o homem que deteve o cavalo; mas em todo caso o cavaleiro pisou o solo e, puxando o animal pelas rédeas, foi amarrá-lo no pau de um guarda-vento muito gasto que só tinha uma dobradiça; então, aproximando-se da porta, enxugando com um lenço de algodão vermelho a sua testa coberta de suor, o padre bateu três vezes na soleira da porta com a ponta ferrada da bengala que levava à mão.

Então um grande cão negro levantou-se e deu alguns passos, latindo e mostrando os seus dentes brancos e afiados — dupla demonstração hostil a provar a sua falta de hábitos sociais.

Logo um passo pesado sacudiu a escada de madeira colada à parede, por onde descia, curvando-se e recuando, o dono da pobre

pousada em cuja porta se encontrava o padre.

— Aqui estou — dizia Caderousse, muito surpreso —, aqui estou?!... Cale a boca, Margotin! Não tenha medo, senhor: ele late, mas não morde. Deseja vinho, não é? Afinal, o calor está infernal... Ah, perdão! — interrompeu-se Caderousse, ao ver com que espécie de viajante lidava —, perdão, eu não sabia a quem tinha a honra de receber... Que deseja, que quer, senhor abade? Estou às suas ordens.

O padre olhou aquele homem durante dois ou três segundos com uma atenção estranha, parecendo até mesmo querer atrair a si toda a atenção do hoteleiro; então, vendo que os traços do hoteleiro não exprimiam nenhum sentimento além da surpresa de não obter resposta alguma, julgou que já era tempo de interromper aquela surpresa e disse, em acentuado sotaque italiano: — Não é o senhor Caderousse?

— Sim, senhor — disse o hoteleiro, talvez ainda mais surpreso com a pergunta do que estivera com o silêncio —, é verdade, eu sou Gaspard Caderousse, para servi-lo.

— Gaspard Caderousse... Sim, creio que é este o nome e o sobrenome... Antes o senhor morava nas alamedas de Meilhan, não é verdade? No quarto andar?

— Isso!

— E ali exercia a profissão de alfaiate?

— Sim, mas o negócio não deu certo: faz tanto calor naquela horrível Marselha que lá todos vão acabar andando nus. Mas, por falar em calor, senhor abade, não quer se refrescar não?

— Quero... Dê-me uma garrafa de seu melhor vinho, por favor, e retomaremos nossa conversa onde paramos.

— Como melhor lhe parecer, senhor abade — disse Caderousse.

E, para não perder a ocasião de servir uma das últimas garrafas de vinho de Cahors que lhe restavam, Caderousse correu a levantar um alçapão que se encontrava no próprio soalho daquela espécie de peça do andar térreo, que servia ao mesmo tempo de sala e cozinha.

Quando voltou, ao cabo de cinco minutos, encontrou o abade sentado em um banco, com o cotovelo apoiado em uma mesa comprida, enquanto Margotin, parecendo ter feito as pazes com o estranho, entendendo que aquele viajante, extraordinariamente, iria tomar alguma coisa, estendia em sua coxa o pescoço pelado e o olhar carinhoso.

— O senhor está sozinho? — perguntou o abade ao anfitrião, enquanto este colocava à sua frente a garrafa e um copo.

— Oh, meu Deus, sim! Sozinho, ou quase, senhor abade, pois a minha mulher não pode me ajudar em nada, já que está sempre doente, a pobre Carconte...

— Ah, o senhor é casado! — exclamou o padre com algum interesse, lançando ao redor um olhar que parecia medir o magro valor da pobre mobília do casal infeliz.

— Está vendo que não sou rico, não é verdade, senhor abade?... — perguntou Caderousse, suspirando. — Mas o que o senhor queria? Não basta ser um homem honesto para prosperar neste mundo.

O abade fixou sobre o estrangeiro um olhar penetrante.

— Sim, um homem honesto... Disso posso me vangloriar, senhor — disse o anfitrião, sustentando o olhar do abade, com uma mão sobre o peito, balançando a cabeça de cima para baixo —, e em nossos tempos nem todo mundo pode dizer o mesmo...

— Tanto melhor, se isso de que se vangloria é verdade — disse o abade. — Pois cedo ou tarde, tenho a firme convicção, o homem honesto é recompensado, e o mau, punido.

— É de sua condição dizer isso, senhor abade... É de sua condição dizer isso — repetiu Caderousse, com amarga expressão. — Assim, somos livres para não acreditar no que o senhor diz.

— Está errado ao falar assim, senhor — disse o abade —, pois em breve poderei lhe mostrar uma prova do que disse.

— Que quer dizer? — perguntou Caderousse, com ar surpreso.

— Quero dizer que antes de tudo preciso ter certeza de que o senhor é aquele que procuro.

— Que provas o senhor quer que lhe dê?

— Em 1814... ou 1815... o senhor conheceu um marinheiro chamado Dantès?

— Dantès?!... Se eu o conheci o pobre Edmond?!... Juro que sim! Ele era um dos meus melhores amigos! — exclamou Caderousse, com um rubor púrpura a invadir-lhe o rosto, enquanto os olhos claros e firmes do abade pareciam dilatar-se para cobrirem inteiramente o interrogado.

— Sim, creio que realmente ele se chamava Edmond.

— Se ele se chamava Edmond, o pequeno?! Claro que sim! Tanto quanto eu me chamo Gaspard Caderousse... E o que lhe aconteceu, senhor, a esse pobre Edmond? — prosseguiu o hoteleiro. — O senhor o conheceu? Ele ainda vive? Está livre? É feliz?

— Ele morreu prisioneiro, mais desesperado e miserável do que os forçados que arrastam a sua bola de ferro na cadeia de Toulon.

Uma palidez mortal sucedeu no rosto de Caderousse o rubor que antes o dominara. Ele virou-se e o abade viu-o enxugar uma lágrima com um canto do lenço vermelho que lhe servia de chapéu.

— Pobre pequeno! — murmurou Caderousse. — Pois bem, eis mais uma prova do que eu lhe dizia, senhor abade, que o bom Deus só era bom para os maus. Ah — continuou Caderousse na linguagem colorida da gente do Sul —, o mundo vai de mal a pior... Então que caiam do céu dois dias de pólvora e uma hora de fogo... que tudo seja dito!

— O senhor parece que gostava desse rapaz com todo o seu coração... — aventurou o abade.

— Sim, eu gostava muito dele — disse Caderousse —, embora tenha de me reprovar por um instante ter invejado a sua felicidade. Mas depois, juro, palavra de Caderousse: lamentei muito o seu infeliz destino.

Fez-se um momento de silêncio durante o qual o olhar fixo do abade não cessou um instante de interrogar as mudanças de fisionomia do hoteleiro.

— E o senhor conheceu o pobre pequeno? — prosseguiu Caderousse.

— Fui chamado a seu leito de morte para oferecer-lhe os últimos socorros da religião — respondeu o abade.

— E de que morreu ele? — perguntou Caderousse em voz estrangulada.

— E de que se morre na prisão, quando nela se morre aos trinta anos, a não ser da própria prisão?

Caderousse enxugou o suor que corria em sua testa.

— O que é estranho em tudo isso — disse o abade — é que Dantès, em seu leito de morte, sempre me jurou, beijando os pés de Cristo, que ignorava a verdadeira causa de seu cativo.

— É verdade, é verdade... — murmurou Caderousse —, ele não poderia saber... Não, senhor abade: ele não estava mentindo, o pobre pequeno.

— Por isso ele me encarregou de esclarecer a sua desgraça, que ele mesmo nunca conseguiu esclarecer, e de reabilitar a sua memória, caso a sua memória estivesse manchada.

E o olhar do abade, tornando-se cada vez mais fixo, devorou a expressão quase sombria que apareceu no rosto de Caderousse.

— Um inglês rico — continuou o abade —, seu companheiro de infortúnio, que saiu da prisão durante a segunda Restauração, era dono de um diamante de grande valor. Ao sair da prisão, quis deixar a Dantès, que, quando o inglês estava doente, cuidou dele como de um irmão, uma prova de sua gratidão, dando-lhe esse diamante. Em vez de usá-lo para subornar os carcereiros, que aliás poderiam pegar o diamante e depois traí-lo, Dantès conservou-o preciosamente para o caso de sair da prisão; se ele saísse, a sua fortuna já estaria assegurada apenas com a venda desse diamante.

— Então era, como disse o senhor — perguntou Caderousse, com olhos brilhantes —, um diamante de grande valor?

— Tudo é relativo — disse o abade —: de grande valor para Edmond; esse diamante fora avaliado em cinquenta mil francos.

— Cinquenta mil francos?! — exclamou Caderousse. — Mas então ele era grande como uma noz?

— Não, nem tanto — disse o abade —, mas vai julgar por si mesmo: eu o tenho aqui comigo.

Caderousse pareceu procurar sob as roupas do abade a pedra mencionada.

O abade tirou do bolso uma caixinha de pele de asno negra, abriu-a e fez brilhar aos olhos encantados de Caderousse a cintilante maravilha montada em um anel admiravelmente trabalhado.

— E isso vale cinquenta mil francos?

— Sem contar a montagem, que também tem certo valor — disse o abade.

E fechou o estojo, colocando no bolso o diamante que continuava a brilhar no fundo do pensamento de Caderousse.

— Mas por que esse diamante se encontra em suas mãos, senhor abade? — perguntou Caderousse. — Edmond nomeou-o seu herdeiro?

— Não, mas sim o seu executor testamentário. Eu tinha três bons amigos e uma noiva, ele me disse... Todos os quatro, tenho certeza, lamentam-me amargamente... Um desses bons amigos chamava-se Caderousse.

Caderousse estremeceu.

— O outro — continuou o abade, sem parecer perceber a emoção de Caderousse —, o outro se chamava Danglars... O terceiro, ele acrescentou, embora fosse meu rival, também gostava de mim.

Um sorriso diabólico iluminou os traços de Caderousse, que fez um gesto para interromper o abade.

— Espere — disse o abade —, deixe-me terminar... Se tiver alguma observação a fazer, logo a fará. O outro, embora fosse meu rival, também gostava de mim e se chamava Fernand... Quanto à minha noiva, o seu nome era... Já não me lembro mais do nome da noiva... — disse o abade.

— Mercedes — disse Caderousse.

— Ah, sim: é isto — continuou o abade com um suspiro abafado —, Mercedes...

— E então? — perguntou Caderousse.

— Dê-me a garrafa d'água — disse o abade.

Caderousse apressou-se a obedecer.

O abade encheu o copo e bebeu alguns goles.

— Onde estávamos? — perguntou ele, colocando o copo sobre a mesa.

— A noiva se chamava Mercedes...

— Sim, é isso. Vai a Marselha... É sempre Dantès quem está falando, compreende?

— Perfeitamente.

— Vende esse diamante, divide em cinco partes, partilha entre esses bons amigos, as únicas criaturas que me amaram na terra!

— Como, cinco partes? — perguntou Caderousse. — O senhor só mencionou quatro pessoas...

— Porque a quinta morreu, ao que me disseram... A quinta era o pai de Dantès...

— Ai, sim! — disse Caderousse, comovido pelas paixões a entrecrocarem-se em seu interior. — Ai, sim, o pobre homem, ele morreu!

— Soube desse acontecimento em Marselha — respondeu o abade, fazendo esforços para parecer indiferente. — Mas essa morte aconteceu há tanto tempo que não consegui ficar sabendo de detalhe algum... O senhor sabe algo do fim desse ancião?

— Ah — disse Caderousse —, quem pode saber algo disso melhor do que eu?!... Eu morava porta a porta com o bom velho... Ah, meu Deus, sim, apenas um ano depois do desaparecimento de seu filho, ele morreu, o pobre velho!

— E morreu de quê?

— Os médicos chamaram a doença de... gastroenterite, acho... Os que o conheciam disseram que ele morreu de dor... E eu, que quase o vi morrer, digo que ele morreu de...

Caderousse interrompeu-se.

— Morreu de quê? — continuou ansiosamente o padre.

— Pois bem... morreu de fome!

— De fome?! — exclamou o abade, saltando em seu banco. — De fome?! Os mais vis animais não morrem de fome! Os cães a vagar pelas ruas encontram uma mão caridosa que lhes atira um pedaço de pão... e um homem, um cristão, morreu de fome, no

meio de outros homens que se diziam cristãos como ele?! Impossível! Oh, é impossível!

— Eu disse o que disse — continuou Caderousse.

— E você está enganado — disse uma voz na escada. — O que você tem a ver com isso?

Os dois homens voltaram-se e viram, através das barras do corrimão da escada, a cabeça enferma da Carconte; ela se arrastara até ali e, sentada no último degrau, escutava a conversa com a cabeça apoiada nos joelhos.

— E você, o que tem a ver com isso, mulher?! — perguntou Caderousse. — Este senhor pede informações, a polidez exige que eu as forneça...

— Sim, mas a prudência exige que você as recuse... Quem lhe disse com que intenções querem fazê-lo falar, imbecil?

— Com excelentes intenções, senhora, eu lhe garanto... — disse o abade. — Portanto, o seu marido não tem nada a temer, se responder francamente.

— Nada a temer, sim! Começam com belas promessas, então se contentam em dizer que não há nada a temer, então vão embora sem nada cumprir do que prometeram, e uma bela manhã a desgraça desaba sobre o pobre mundo, sem que se saiba de onde vem.

— Fique tranquila, boa mulher: a desgraça não lhe virá da minha parte, eu lhe garanto.

A Carconte resmungou algumas palavras que não se puderam entender, deixou recair sobre os joelhos a cabeça que por um instante soerguera e voltou a tremer de febre, deixando o marido livre para continuar a conversa, mas acomodada de maneira a não perder uma única palavra.

Enquanto isso, o abade bebera alguns goles d'água e se recompusera.

— Mas então esse infeliz ancião tinha sido completamente abandonado por todo o mundo para morrer de uma morte dessas? — continuou ele.

— Oh, senhor — continuou Caderousse —: não que Mercedes, a catalã, ou o senhor Morrel, o abandonaram... Mas o pobre velho

tinha profunda antipatia a Fernand, o mesmo Fernand — prosseguiu Caderousse, com sorriso irônico — que Dantès lhe disse ser um de seus amigos...

— Então ele não era amigo? — perguntou o abade.

— Gaspard! Gaspard! — murmurou a mulher, do alto de sua escada. — Presta atenção no que vai dizer...

Caderousse fez um gesto de impaciência e, sem conceder outra resposta àquela que o interrompia: — É possível ser amigo de quem cobiça a sua mulher? — respondeu ele ao abade. — Dantès, que era um coração de ouro, chamava todas essas pessoas de seus amigos... Pobre Edmond!... De fato, foi melhor ele não ter sabido de nada... Seria muito difícil perdoá-los na hora da morte... E, digam o que disserem — continuou Caderousse em sua linguagem, à qual não faltava certa espécie de rude poesia —, ainda tenho mais medo da maldição dos mortos do que do ódio dos vivos.

— Imbecil! — exclamou a Carconte.

— Então você sabe o que Fernand fez contra Dantès? — continuou o abade.

— Se eu sei... claro que sim!

— Então fale.

— Gaspard: faça o que quiser... você é que manda — disse a mulher. — Mas, se confia em mim, não diga nada.

— Desta vez, acho que você tem razão, mulher — disse Caderousse.

— Então não vai dizer nada? — continuou o abade.

— Para quê?! — disse Caderousse. — Se o pequeno estivesse vivo e me procurasse para saber de uma vez por todas quem eram os seus amigos, quem os seus inimigos, eu lhe diria... Mas ele está debaixo da terra, pelo que o senhor disse... Já não pode mais ter ódio, já não pode mais se vingar... Vamos esquecer tudo isso.

— Então o senhor quer — disse o abade — que eu dê a essas pessoas, que o senhor considera indignas e falsas amizades, uma recompensa que era destinada à fidelidade?

— É verdade, o senhor tem razão — disse Caderousse. — Aliás, agora, o que seria para eles o legado do pobre Edmond? Uma gota d'água a cair sobre o oceano!

— Sem contar que essas pessoas poderiam esmagá-lo com um gesto... — disse a mulher.

— Como assim? Então essas pessoas se tornaram ricas e poderosas?

— Então o senhor não conhece a história delas?

— Não... Conte-me.

Caderousse pareceu refletir por um momento.

— Não, na verdade — disse ele —, seria longo demais.

— O senhor é livre para se calar, meu amigo — disse o abade no tom da mais profunda indiferença —, respeito os seus escrúpulos... Aliás, a sua atitude é a de um homem realmente bom: não falemos mais disso... De que eu estava encarregado? De uma simples formalidade. Então vou vender esse diamante.

E tirou o diamante do bolso, abriu o estojo e o fez brilhar diante dos olhos encantados de Caderousse.

— Então venha ver, mulher! — exclamou Caderousse em voz rouca.

— Um diamante! — disse a Carconte, levantando-se e descendo em passos firmes a escada. — O que é que é esse diamante?

— Você não ouviu, mulher? — perguntou Caderousse. — É um diamante que o pequeno Edmond nos legou: a seu pai primeiro, a seus três amigos, Fernand, Danglars e eu, e a Mercedes, a sua noiva. O diamante vale cinquenta mil francos.

— Oh, mas que bela joia! — exclamou ela.

— Então a quinta parte dessa quantia nos pertence? — perguntou Caderousse.

— Sim, senhor — respondeu Edmond —, mais a parte do pai de Dantès, que me creio autorizado a repartir entre vocês quatro.

— E por que entre nós quatro? — perguntou a Carconte.

— Porque vocês eram os quatro amigos de Edmond.

— Os amigos não são aqueles que traem! — murmurou surdamente a mulher, por sua vez.

— Sim, sim — disse Caderousse —, é o que eu dizia: é quase uma profanação, quase um sacrilégio, recompensar a traição, o crime talvez...

— Vocês quiseram assim — continuou tranquilamente o abade, colocando o diamante no bolso da batina. — Agora, dê-me o endereço dos amigos de Edmond, para que eu possa executar suas últimas vontades.

O suor corria em grandes gotas pela testa de Caderousse; ele viu o abade levantar-se, dirigir-se para a porta, como a lançar um olhar de aviso a seu cavalo, e voltar.

Caderousse e sua esposa olharam-se com inefável expressão.

— O diamante seria todinho nosso... — disse Caderousse.

— Você acha? — respondeu a mulher.

— Um homem da Igreja não vai querer nos enganar.

— Faça como quiser — disse a mulher. — Quanto a mim, não vou me meter nisso.

E ela retomou o caminho da escada, tremendo; os seus dentes batiam, apesar do escaldante calor que fazia.

No último degrau, ela deteve-se por um instante.

— Pense bem, Gaspard! — exclamou ela.

— Eu já estou decidido — disse Caderousse.

A Carconte voltou a seu quarto, dando um suspiro; ouviu-se o soalho ranger sob seus passos até que ela alcançasse a sua poltrona, onde caiu sentada pesadamente.

— O que o senhor decidiu? — perguntou o abade.

— Contar-lhe tudo — respondeu Caderousse.

— Na verdade, creio que é o melhor a fazer — disse o padre. — Não que eu queira saber coisas que o senhor gostaria de me esconder... Mas, afinal, se o senhor puder me levar a distribuir o legado segundo a vontade do testador, será melhor.

— Espero que sim — respondeu Caderousse, com as faces inflamadas pelo rubor da esperança e da cobiça.

— Estou escutando — disse o abade.

— Espere — disse Caderousse —, poderiam nos interromper no momento mais interessante, seria desagradável... Aliás, ninguém precisa saber que o senhor esteve aqui.

Caderousse foi até a porta de sua pousada e fechou-a — como precaução extra, colocou na porta a barra noturna.

Enquanto isso, o abade escolhera o seu lugar para escutar à vontade; sentara-se em um canto, de modo a ficar na sombra, enquanto a luz cairia em cheio no rosto de seu interlocutor. Quanto a ele, cabeça inclinada, mãos unidas — ou melhor, crispadas —, preparava-se para escutar com toda a atenção.

Caderousse aproximou um banco e sentou-se diante do abade.

— Lembre-se de que não o obrigo a nada! — disse a voz trêmula da Carconte, como se através do soalho pudesse ver a cena que se anunciava.

— Está bem, está bem... — disse Caderousse —, não falemos mais disso, assumo toda a responsabilidade.

E ele começou.

XXVII. A HISTÓRIA — Antes de tudo — disse Caderousse —, preciso pedir que me prometa uma coisa, senhor.

— O quê? — perguntou o abade.

— Se vier a fazer qualquer uso dos detalhes que lhe darei, que nunca ninguém saiba que esses detalhes vieram de mim, pois as pessoas que vou mencionar são ricas e poderosas: bastaria me tocarem com a ponta do dedo para me esmagarem como um verme.

— Pode ficar tranquilo, meu amigo — disse o abade —: eu sou padre, as confissões morrem em meu interior. Lembre-se: não temos outro objetivo senão cumprir dignamente as últimas vontades de nosso amigo; então fale sem constrangimento e sem ódio; fale a verdade, toda a verdade; não conheço, provavelmente nunca conhecerei as pessoas de que vai me falar; aliás, sou italiano, não sou francês; pertenço a Deus, não aos homens; e vou voltar para o meu convento, de onde só saí para cumprir as últimas vontades de um moribundo.

Essa promessa positiva pareceu dar certa segurança a Caderousse.

— Pois bem, nesse caso — disse Caderousse —, quero... até digo mais, devo desenganá-lo dessas amizades que o pobre Edmond imaginava sinceras e devotadas.

— Começemos pelo pai dele, por favor — disse o abade. — Edmond me falou bastante desse ancião, a quem dedicava profundo amor.

— A história é triste, senhor — disse Caderousse, balançando a cabeça. — Provavelmente conhece o seu início.

— Sim — respondeu o abade —, Edmond me contou os acontecimentos até o momento em que foi preso numa pequena taverna perto de Marselha.

— No restaurante La Réserve! Ah, meu Deus, sim!... Ainda vejo tudo, como se ainda estivesse lá.

— Não foi durante o próprio banquete de noivado?

— Foi, e o banquete teve um início alegre, mas um triste fim: um comissário de polícia chegou acompanhado de quatro fuzileiros e Dantès foi preso.

— Aí termina tudo o que sei, senhor... — disse o padre. — O pobre Dantès nada mais sabia da própria história de sua vida, pois nunca mais voltou a ver nenhuma daquelas cinco pessoas que mencionei, nem ouviu falar delas...

— Pois bem, uma vez preso Dantès, o senhor Morrel correu em busca de informações: elas eram bem tristes... O velho pai voltou sozinho para casa, tirou a sua roupa de núpcias chorando, passou o dia inteiro andando pelo quarto, à noite nem se deitou, pois eu morava embaixo dele, ouvi-o andar a noite inteira... Eu mesmo também não dormi, devo lhe dizer, pois o sofrimento desse pobre pai me fazia muito mal: cada um de seus passos me partia o coração, como se ele realmente estivesse pisando em meu peito.

“No dia seguinte, Mercedes veio a Marselha implorar a proteção do senhor de Villefort: ela nada conseguiu... Mas, ao mesmo tempo, ela foi visitar o velho. Quando o viu tão triste, tão abatido, quando soube que ele passara a noite sem dormir, que nada comera desde a véspera, quis levá-lo consigo para cuidar dele, mas o velho não consentiu.

“Não, dizia ele, não vou deixar a minha casa, pois é a mim que meu pobre filho ama antes de tudo, e, se ele sair da prisão, é para mim que correrá, para me ver em primeiro lugar. O que ele diria se eu não estivesse aqui esperando o meu filho?

“Eu escutava tudo isso no corredor, pois queria que Mercedes convencesse o velho a acompanhá-la... Aqueles passos ecoando noite e dia em minha cabeça não me deixavam descansar um instante.”

— Mas você não subia até o quarto do velho para consolá-lo? — perguntou o padre.

— Ah, senhor — respondeu Caderousse —, só podemos consolar aqueles que querem ser consolados; ele não queria: aliás, não sei por quê, mas me parecia que ele não queria me ver. Entretanto, certa noite, eu estava ouvindo os seus soluços, não consegui resistir e subi; mas quando cheguei à porta ele já não estava mais chorando: estava rezando... Suas palavras eloquentes, súplicas comoventes, eu seria incapaz de repetir, senhor: era mais do que comovente, mais do que sofrimento... Assim, eu que não sou beato, que não gosto de jesuítas, aquele dia pensei: “Que sorte, em verdade, ser sozinho... o bom Deus não ter me dado filhos... pois, se eu fosse pai e sentisse uma dor igual à do pobre velho, não conseguiria encontrar em minha memória ou em meu coração tudo o que ele diz ao bom Deus, e logo iria me jogar no mar, para não sofrer mais”.

— Pobre pai! — murmurou o padre.

— A cada dia, ele ficava mais sozinho, mais isolado... O senhor Morrel e Mercedes sempre vinham vê-lo, mas sua porta estava sempre trancada... Embora eu tivesse certeza de que ele estava em casa, ele não respondia. Um dia, contrariando o costume, ele recebeu Mercedes: a pobre criança, também desesperada, tentou confortá-lo; ele lhe disse: “Acredite, minha filha: ele morreu... Não somos nós que o esperamos, é ele que nos espera: fico muito feliz, pois sou o mais velho, logo vou ser o primeiro a revê-lo.”

“Por melhor que sejamos, como sabe, logo deixamos de procurar as pessoas que nos entristecem; o velho Dantès acabou ficando totalmente sozinho: eu só via subir a seu apartamento, de vez em quando, pessoas desconhecidas, que desciam com algum embrulho mal escondido... Depois eu compreendi o que eram aqueles embrulhos: aos poucos, ele vendia tudo o que tinha para sobreviver.

“Finalmente, o bom velho já não tinha mais nada; devia três alugueis: ameaçaram despejá-lo; ele pediu mais uma semana, concederam. Soube desses detalhes porque, ao sair da casa dele, o proprietário entrou em minha casa.

“Durante os três primeiros dias, ouvi-o caminhar, como de hábito; mas no quarto dia já não ouvi mais nada... Aventurei-me a subir: a porta estava fechada; mas, através da fechadura, eu o vi tão pálido, tão abatido, que, julgando-o muito doente, mandei avisar o senhor Morrel e corri à casa de Mercedes: ambos se apressaram a vir. O senhor Morrel trouxe um médico: o médico diagnosticou gastroenterite e ordenou dieta. Eu estava lá, senhor: nunca vou esquecer o sorriso do velho ao ouvir essa ordem.

“Então ele passou a abrir a sua porta; tinha uma desculpa para não comer mais: o médico lhe ordenara dieta.”

O abade deu uma espécie de gemido.

— Essa história o interessa, não é verdade, senhor? — perguntou Caderousse.

— Sim — respondeu o abade —, ela é comovente.

— Mercedes voltou; ela encontrou-o tão mudado que, como da primeira vez, quis transportá-lo para a casa dela. Também era a opinião do senhor Morrel, que queria transportá-lo à força; mas o velho gritou tanto que eles ficaram com medo... Mercedes permaneceu à cabeceira de sua cama. O senhor Morrel saiu fazendo um sinal à catalã: deixaria uma bolsa em cima da lareira. Mas, armado pelas ordens do médico, o velho não quis comer nada. Enfim, depois de nove dias de desespero e abstinência, o velho expirou, amaldiçoando aqueles que tinham provocado a sua desgraça, dizendo a Mercedes: “Se você voltar a ver o meu Edmond, diga-lhe que morri abençoando-o.”

O abade levantou-se, deu duas voltas pela sala, levando uma mão trêmula à garganta seca.

— E o senhor acha que ele morreu...

— De fome, senhor... de fome — disse Caderousse. — Garanto que isso é tão verdadeiro quanto aqui se encontrarem dois cristãos.

O abade, com mão convulsiva, pegou o copo d'água ainda cheio pela metade e esvaziou-o de um só trago, voltando a sentar-se com

os olhos vermelhos e as faces pálidas.

— Reconheça que foi uma grande desgraça! — exclamou ele em voz rouca.

— Tanto maior, senhor, quanto Deus não tem nada a ver com ela, só os homens a provocaram.

— Então passemos a esses homens — disse o abade. — Mas lembre-se — acrescentou, com um ar quase ameaçador —, prometeu me contar tudo: vamos ver! Quem são esses homens que fizeram o filho morrer de desespero e o pai morrer de fome?

— Dois homens com inveja dele, senhor... Um por amor, outro por ambição: Fernand e Danglars.

— E de que forma manifestou-se essa inveja? Diga-me.

— Eles denunciaram Edmond como agente bonapartista.

— Mas qual dos dois o denunciou? Qual dos dois foi o verdadeiro culpado?

— Ambos, senhor: um escreveu a carta, outro a colocou no correio.

— E onde essa carta foi escrita?

— No próprio restaurante La Réserve, na véspera do casamento.

— Foi bem assim, bem assim — murmurou o abade —, ô, Faria! Faria! Como conhecias bem os homens e as coisas!

— O que disse, senhor? — perguntou Caderousse.

— Nada — continuou o padre. — Continue.

— Foi Danglars que escreveu a denúncia com a mão esquerda, para que a sua letra não fosse reconhecida, e Fernand a enviou.

— Mas — exclamou de repente o abade — você também não estava lá?!

— Eu?! — exclamou Caderousse, surpreso. — Quem lhe disse que eu estava lá?

O abade viu que havia ido longe demais.

— Ninguém — disse ele. — Mas, para estar tão a par de todos os detalhes, você deve tê-los testemunhado.

— É verdade — disse Caderousse em voz abafada —, eu estava lá...

— E o senhor não se opôs a essa infâmia? — perguntou o abade. — Então o senhor foi cúmplice...

— Senhor — disse Caderousse —, ambos tinham me feito beber tanto que eu quase tinha perdido a razão. Só via através de nuvens. Eu disse tudo o que pode dizer um homem nesse estado... Mas ambos me responderam que era só uma brincadeira que queriam fazer, que essa brincadeira não teria consequências...

— No dia seguinte, senhor, no dia seguinte, logo viu que ela teria consequências... Mas não falou nada, e estava lá, enquanto ele era preso...

— Sim, senhor: eu estava lá, eu queria falar, eu queria dizer tudo, mas Danglars me impediu.

“E se por acaso ele for culpado, ele me disse, se realmente ele desembarcou na ilha de Elba, se realmente se encarregou de entregar uma carta para o comitê bonapartista de Paris, se encontrarem essa carta com ele, os que o defenderem vão passar por cúmplices.

“Eu tinha medo da política, como ela era feita então, confesso... Calei-me, foi uma covardia, concordo, mas não foi um crime.”

— Compreendo... O senhor deixou acontecer, nada mais.

— Sim, senhor — respondeu Caderousse —, e esse é o meu remorso, noite e dia. Sempre peço perdão a Deus, juro, tanto mais que esse ato, o único de que posso seriamente me reprovar no curso de toda a minha existência, foi sem dúvida a causa de meus infortúnios. Expio um momento de egoísmo... Então, é o que sempre digo à Carconte, quando ela se queixa: “Cale-se, mulher: é a vontade de Deus!”

E Caderousse baixou a cabeça, dando todos os sinais de um verdadeiro arrependimento.

— Bem, senhor — disse o abade —, falou francamente... Acusar-se assim é merecer o perdão.

— Infelizmente — disse Caderousse —, Edmond morreu e não me perdoou!

— Ele nada sabia... — disse o abade.

— Mas agora talvez saiba — continuou Caderousse. — Dizem que os mortos sabem tudo.

Fez-se um momento de silêncio: o abade se levantara e passeava pensativo; voltou a seu lugar e sentou-se.

— O senhor já mencionou, duas ou três vezes, certo senhor Morrel... — disse ele. — Quem era esse homem?

— Era o armador do Faraó... o patrão de Dantès.

— E que papel ele representou em todo esse triste episódio? — perguntou o abade.

— O papel de um homem honesto, corajoso e afeiçoado, senhor. Ele intercedeu vinte vezes por Edmond... Quando o imperador Napoleão voltou ao poder, Morrel escreveu, implorou, ameaçou, tanto que na segunda Restauração ele veio a ser muito perseguido como bonapartista... Dez vezes, como lhe disse, ele foi à casa do pai Dantès, tentando levá-lo para a casa dele, e na véspera ou antevéspera da morte do velho Dantès, como lhe disse, deixou em cima da lareira uma bolsa, com a qual pagaram as dívidas do ancião e providenciaram o seu enterro... Assim ao menos o pobre velho pôde morrer como havia vivido, sem aborrecer ninguém. Eu ainda guardo essa bolsa, uma grande bolsa de seda vermelha.

— E — perguntou o abade — esse senhor Morrel ainda vive?

— Vive — disse Caderousse.

— Nesse caso — continuou o abade —, deve ser um homem abençoado por Deus... deve ser rico... feliz?...

Caderousse sorriu amargamente.

— Sim, tão feliz quanto eu... — disse ele.

— O senhor Morrel seria infeliz?! — exclamou o abade.

— Ele está na miséria, senhor... E pior: ele está desonrado.

— Como assim?

— Sim — prosseguiu Caderousse —, assim mesmo... Depois de vinte e cinco anos de trabalho, depois de alcançar o mais honroso lugar no comércio de Marselha, o senhor Morrel está completamente arruinado. Em dois anos, perdeu cinco navios, passou por três incríveis falências, só tem esperanças naquele mesmo Faraó que o pobre Dantès comandou, e que deve voltar das Índias com um carregamento de cochilha e de índigo. Se esse navio, como os outros cinco, naufragar, ele estará perdido.

— E — disse o abade — ele tem mulher, tem filhos, o infeliz?

— Tem... Tem uma mulher que, em meio a tudo isso, comporta-se como uma santa... Tem uma filha que ia se casar com um homem que ela amava, mas a família dele não quer deixar que se case com uma jovem arruinada... Ele tem um filho, enfim, tenente do exército... Mas, como o senhor compreende muito bem, tudo isso redobra a dor desse pobre caro homem, em vez de abrandá-la. Se ele fosse sozinho, estouraria os miolos, tudo estaria dito.

— É terrível! — murmurou o padre.

— É assim que Deus recompensa a virtude, senhor — disse Caderousse. — Veja, eu que nunca cometi uma má ação, fora a que lhe contei: estou na miséria... Eu, depois de ver a minha pobre mulher morrer de febre, sem poder fazer nada por ela, vou morrer de fome, como morreu o pai de Dantès, enquanto Fernand e Danglars rolam em ouro.³

— Como assim?

— Porque tudo dá certo para eles, enquanto para as pessoas honestas tudo dá errado...

— O que aconteceu a Danglars? Ele é o mais culpado, não é verdade, o instigador?

— O que aconteceu a ele? Deixou Marselha... Com a recomendação do senhor Morrel, que ignorava o seu crime, empregou-se como secretário de um banqueiro espanhol... Na época da guerra da Espanha, encarregou-se de parte dos fornecimentos do exército francês e fez fortuna... Então, com esse primeiro dinheiro, investiu nos fundos: triplicou, quadruplicou os seus capitais, e, ficando viúvo com a morte da filha de seu banqueiro, casou-se com uma viúva: a senhora de Nargonne, filha do senhor de Servieux, camareiro do atual rei, que goza de enorme influência. Tornou-se milionário, foi nomeado barão... Assim, hoje ele é o barão Danglars: tem um palácio na rua do Mont-Blanc, dez cavalos em suas estrebarias, seis lacaios em sua antecâmara, não sei quantos milhões em seus cofres...

— Ah! — fez o abade em tom singular. — E ele é feliz?

— Ah! Feliz, quem poderia dizê-lo? A felicidade ou a infelicidade, eis o segredo das paredes... As paredes têm ouvidos, mas não têm

língua: se se é feliz com uma grande fortuna, Danglars é feliz.

— E Fernand?

— Fernand também se tornou bem diferente!

— Mas como poderia fazer fortuna um pobre pescador catalão sem recursos e sem educação? Isto me foge, confesso.

— Isto também foge a todo mundo... Em sua vida deve existir algum estranho segredo que ninguém sabe.

— Mas afinal através de que degraus visíveis ele alcançou essa grande fortuna, ou essa grande posição?

— Ele alcançou ambas, senhor, ambas! Ele tem fortuna e posição ao mesmo tempo.

— É um conto de fadas que está me contando!

— Fato é que parece mesmo um conto de fadas... Mas escute e logo vai compreender.

“Dias antes do retorno de Napoleão, Fernand caiu no serviço militar. Os Bourbons o deixaram bem tranquilo, lá nos Catalães... Mas Napoleão voltou, decretou um recrutamento extraordinário, Fernand foi obrigado a partir. Eu também parti... Mas, como eu era mais velho que Fernand, como eu acabara de me casar com a minha pobre mulher, só fui enviado ao litoral.

“Já Fernand foi alistado nas tropas ativas, foi enviado ao fronte, com o seu regimento, e participou da batalha de Ligny.

“Na noite que se seguiu à batalha, ele estava de plantão, na porta de um general que tinha relações secretas com o inimigo. Naquela mesma noite, o general tinha combinado desertar e juntar-se aos ingleses. Convidou Fernand a acompanhá-lo... Fernand aceitou, abandonou o seu posto e acompanhou o general.

“O que mandaria Fernand a um conselho de guerra, se Napoleão permanecesse no trono, serviu-lhe de recomendação aos Bourbons. Ele voltou à França com a patente de subtenente; e, como a proteção do general, que goza de grande prestígio, não o abandonou, tornou-se capitão em 1823, quando da guerra da Espanha; isto é, no momento em que Danglars arriscava as suas primeiras especulações. Fernand era espanhol, foi enviado a Madri para lá estudar o espírito de seus compatriotas... Lá encontrou Danglars, entendeu-se com ele, prometeu a seu general um apoio

entre os monarquistas da capital e das províncias, recebeu promessas, por sua vez assumiu compromissos, guiou o seu regimento por trilhas que só ele conhecia, por desfiladeiros guardados pelos monarquistas... Enfim, nessa curta campanha, prestou tais serviços que depois da tomada do Trocadero foi nomeado coronel e recebeu a cruz de oficial da Legião de Honra, com o título de conde.”

— Destino, destino! — murmurou o abade.

— Sim, mas escute: isso não é tudo. Terminada a guerra da Espanha, a carreira de Fernand estava comprometida pela longa paz que prometia reinar na Europa. Mas a Grécia se levantara contra a Turquia, acabava de iniciar a sua guerra de independência; todos os olhos se voltaram para Atenas: era moda lamentar e apoiar os gregos. Sem protegê-los abertamente, o governo francês tolerava as migrações parciais, como o senhor sabe. Fernand solicitou e obteve permissão para ir servir na Grécia, permanecendo todavia sob o controle do exército francês.

“Algum tempo depois, soube-se que o conde de Morcerf — era o nome que Fernand usava — entrara para o serviço de Ali Paxá, com a patente de general instrutor.

“Ali Paxá foi assassinado, como o senhor sabe... Mas, antes de morrer, recompensou os serviços de Fernand, deixando-lhe uma soma considerável, com a qual Fernand voltou para a França, onde a sua patente de tenente-general foi confirmada.

— De modo que hoje... — perguntou o abade.

— De modo que hoje — prosseguiu Caderousse — ele tem um magnífico palácio em Paris, na rua do Helder, nº 27.

O abade abriu a boca, hesitou por um instante; mas, fazendo um esforço sobre si mesmo, perguntou: — E Mercedes?... Disseram que ela desapareceu...

— Desapareceu — disse Caderousse —, sim, como o sol desaparece para se levantar no dia seguinte mais brilhante.

— Então ela também fez fortuna? — perguntou o abade, com sorriso irônico.

— Neste momento, Mercedes é uma das maiores damas de Paris — respondeu Caderousse.

— Continue — disse o abade. — Parece que estou escutando a história de um sonho. Mas eu mesmo vi coisas tão extraordinárias que as que me conta não me surpreendem muito.

— Primeiro, Mercedes ficou desesperada com o golpe que levou Edmond. Eu lhe falei de seus apelos ao senhor de Villefort e de sua devoção ao pai de Dantès. Em meio a seu desespero, novo sofrimento veio atingi-la: a partida de Fernand... Ela ignorava o crime de Fernand, via-o como um irmão.

“Fernand partiu, Mercedes ficou sozinha.

“Ela passou três meses chorando: nada de notícias de Edmond, nada de notícias de Fernand... Nada diante de seus olhos, a não ser um velho que ia morrendo de desespero.

“Certa noite, depois de passar o dia inteiro sentada, como de hábito, no cruzamento dos dois caminhos que vão de Marselha aos Catalães, ela voltou para casa mais abatida do que nunca: nem seu amante nem seu amigo voltavam por algum daqueles dois caminhos, ela não tinha notícias nem de um nem de outro.

“De repente, pareceu-lhe ouvir passos familiares: ela virou-se ansiosamente, a porta se abriu, viu aparecer Fernand em seu uniforme de subtenente.

“Não era a metade por quem ela chorava, mas era uma porção de sua vida passada que voltava a ela.

“Mercedes pegou as mãos de Fernand com uma emoção que ele imaginou ser amor, mas que era apenas a alegria de não estar mais sozinha no mundo, de enfim rever um amigo, depois de longos momentos de tristeza e solidão. E depois, é preciso dizer, Fernand nunca havia sido odiado: apenas não era amado, nada mais; outro possuía todo o coração de Mercedes: esse outro estava ausente... tinha desaparecido... talvez estivesse morto. Ao pensar nisso, Mercedes explodia em lágrimas e se contorcia de dor; mas essa hipótese, que antes ela repelia quando sugerida por alguém, agora voltava sozinha a seu espírito; aliás, o velho Dantès também não parava de lhe dizer: ‘Nosso Edmond está morto: se não estivesse morto, já teria voltado para nós’.

“O velho morreu, como lhe disse; se estivesse vivo, talvez Mercedes nunca viesse a ser mulher de outro: o ancião estaria lá para censurar a sua infidelidade. Fernand sabia disso. Quando soube da morte do velho, ele voltou. Dessa vez, era tenente. Na viagem anterior, não dissera a Mercedes uma palavra de amor; nessa viagem, lembrou-a de que a amava.

“Mercedes pediu-lhe mais seis meses para esperar e chorar Edmond.”

— De fato — disse o abade, sorrindo amargamente —, já fazia dezoito meses, afinal... Que mais pode pedir o amante mais adorado?

Então ele murmurou as palavras do poeta inglês: — “Frailty, thy name is woman”!...⁴

— Seis meses depois — continuou Caderousse —, eles se casaram na igreja das Accoules.

— A mesma igreja onde Edmond iria se casar... — murmurou o padre. — Só mudou o noivo, nada mais.

— Então Mercedes se casou — continuou Caderousse. — Mas embora, aos olhos de todos, parecesse calma, ela não deixou de desmaiar ao passar em frente ao La Réserve, onde, dezoito meses antes, celebrara-se o seu noivado com Edmond, que ela veria que ainda amava, se ousasse olhar no fundo do coração.

“Fernand, mais feliz, mas não mais tranquilo, pois nessa época eu o vi: o tempo todo, ele temia a volta de Edmond... Fernand logo tratou de desterrar a sua mulher e de exilar-se: permanecer nos Catalães trazia ao mesmo tempo muitos perigos e muitas lembranças. Uma semana depois do casamento, eles partiram.”

— E o senhor reviu Mercedes? — perguntou o padre.

— Sim: durante a guerra da Espanha, em Perpignan, onde Fernand a deixara... Ela se dedicava então à educação de seu filho.

O abade estremeceu.

— De seu filho?! — perguntou ele.

— Sim — respondeu Caderousse —, do pequeno Albert.

— Mas, para educar esse filho — continuou o abade —, ela mesma tinha sido educada? Parece-me que ouvi Edmond dizer que

ela era filha de um simples pescador, bela, mas inculta.

— Oh — disse Caderousse —, então ele mal conhecia a própria noiva! Mercedes viria a ser rainha, senhor, se a coroa só pousasse nas cabeças mais belas e inteligentes. A sua fortuna se ampliava, e ela se ampliava com sua fortuna... Ela aprendia desenho, aprendia música, aprendia tudo. Aliás, cá entre nós, acho que ela só fazia tudo isso para se distrair, para esquecer, e só metia tantas coisas na cabeça para combater o que havia em seu coração. Mas agora tudo deve ser dito — continuou Caderousse —: a fortuna e as honras a consolaram, sem dúvida. Ela é rica, é condessa, e, no entanto...

Caderousse calou-se.

— E, no entanto, o quê? — perguntou o abade.

— E, no entanto, tenho certeza: ela não é feliz — disse Caderousse.

— E o que o leva a pensar assim?

— Bem... Quando me vi na desgraça, imaginei que os meus velhos amigos me ajudariam de alguma forma. Fui até a casa de Danglars, que nem sequer me recebeu... Fui até a casa de Fernand, que mandou o seu camareiro me dar cem francos.

— Então o senhor não viu nenhum dos dois?

— Não... Mas a senhora de Morcerf me viu.

— Como assim?

— Quando eu estava saindo, uma bolsa caiu a meus pés; nela havia vinte e cinco luíses: ergui a cabeça depressa e vi Mercedes fechando a persiana...

— E o senhor de Villefort? — perguntou o abade.

— Oh, ele não era meu amigo; eu não o conhecia; não tinha nada a lhe pedir.

— Mas não sabe o que aconteceu a ele... que papel ele desempenhou na desgraça de Edmond?

— Não... Só sei que, algum tempo depois de mandar prendê-lo, ele se casou com a senhorita de Saint-Méran, e logo foi embora de Marselha. Sem dúvida, a felicidade deve ter sorrido a ele, como aos outros: certamente é rico como Danglars, honrado como Fernand... Só eu, como vê, fiquei pobre, miserável, esquecido de Deus.

— O senhor se engana, meu amigo — disse o abade —: às vezes, Deus pode parecer se esquecer, quando a sua justiça descansa; mas sempre chega o momento em que se lembra: aqui está a prova.

A essas palavras, o abade tirou o diamante do bolso e, apresentando-o a Caderousse: — Tome, meu amigo — disse ele —: pegue este diamante, pois é seu.

— Como! Todo meu?! — exclamou Caderousse. — Ah, o senhor está brincando?!

— Este diamante devia ser repartido entre os seus amigos: como Edmond só tinha um único amigo, a partilha torna-se inútil. Pegue este diamante e venda-o... Ele vale cinquenta mil francos, repito, e esta soma, espero, bastará para tirá-lo da miséria.

— Oh, senhor! — exclamou Caderousse, avançando timidamente uma mão, enxugando com a outra o suor a brilhar em sua testa. — Oh, senhor: não brinque com a felicidade ou desespero de um homem!

— Sei o que é a felicidade, sei o que é o desespero: nunca brincaria com esses sentimentos. Então, tome, mas em troca...

Caderousse, que já tocava o diamante, retirou a mão.

O abade sorriu.

— Em troca — continuou o abade —, dê-me essa bolsa de seda vermelha que o senhor Morrel deixou em cima da lareira do velho Dantès... e que, como o senhor disse, ainda se encontra em suas mãos.

Cada vez mais surpreso, Caderousse caminhou até um grande armário de carvalho, abriu-o e passou ao abade uma velha bolsa comprida, de seda vermelha desbotada, cercada por duas argolas de cobre que antigamente eram douradas.

O abade pegou-a e, por sua vez, entregou o diamante a Caderousse.

— Oh! O senhor é um homem de Deus — exclamou Caderousse —, pois, em verdade, ninguém sabia que Edmond lhe tinha dado esse diamante, o senhor poderia conservá-lo.

— Bem — disse a si mesmo o abade —, ao que parece, você o conservaria...

O abade levantou-se, pegou o chapéu e as luvas.

— Ah, sim — disse o abade —: tudo o que me disse é bem verdade, não é?... Posso acreditar em todos os detalhes?

— Veja, senhor abade — disse Caderousse —, aqui está no canto da parede um Cristo de madeira benzida... Aqui está, sobre o baú, o livro dos Evangelhos da minha mulher: abra este livro, vou jurar em cima dele, com a mão estendida para o Cristo; vou jurar pela salvação da minha alma, pela minha fé de cristão; eu lhe contei todas essas coisas como elas realmente aconteceram, como o anjo dos homens vai contá-las ao ouvido de Deus, no dia do Juízo Final!

— Está bem — disse o abade, convencido pela ênfase dessas palavras de que Caderousse dissera a verdade —, está bem: que esse dinheiro lhe seja útil! Adeus: volto para longe dos homens, que tanto mal se fazem, uns aos outros.

Livrando-se com grande dificuldade dos entusiastas agradecimentos de Caderousse, o próprio abade retirou a barra da porta, saiu, montou em seu cavalo, despediu-se pela última vez do hoteleiro, que se desmanchava em ruidosos adeuses, e partiu pela mesma estrada em que viera.

Quando Caderousse voltou-se, viu atrás de si a Carconte, mais pálida e trêmula do que nunca.

— É bem verdade o que ouvi? — perguntou ela.

— O quê? Que ele deu o diamante inteirinho só para nós? — perguntou Caderousse, quase louco de alegria.

— É.

— Nada mais verdadeiro: aqui está...

A mulher olhou-o por um instante; então disse em voz surda: — E se for falso?

Caderousse empalideceu, cambaleou.

— Falso — murmurou ele —, falso?!... E por que esse homem me daria um diamante falso?

— Para ouvir os seus segredos sem pagar, imbecil!

Caderousse ficou por um momento aturdido, sob o peso dessa hipótese.

— Oh! — disse ele, um instante depois, pegando o chapéu, colocando-o sobre o lenço vermelho amarrado ao redor de sua

cabeça. — Logo vamos saber.

— Como?

— Hoje tem feira em Beaucaire; lá há joalheiros de Paris: vou mostrar-lhes o diamante. Você, mulher, guarda a casa: em duas horas estarei de volta.

E Caderousse correu para fora da casa, tomando a direção contrária à que tomara o desconhecido.

— Cinquenta mil francos! — murmurou a Carconte, ao ver-se sozinha. — É um bom dinheiro..., mas não é uma fortuna.

XXVIII. OS REGISTROS DAS PRISÕES

Um dia depois da cena que acabamos de contar — cena que se passou no meio do caminho entre Bellegarde e Beaucaire —, um homem de trinta a trinta e dois anos, vestido de fraque azul-claro, calça nanquim e colete branco, com aspecto e sotaque britânicos, apresentou-se ao prefeito de Marselha.

— Senhor — disse ele —, sou o representante da casa Thomson e French, de Roma. Há dez anos mantemos relações com a casa Morrel e filhos, de Marselha. Investimos cerca de cem mil francos nessas relações, e não deixamos de estar preocupados, pois dizem que a casa Morrel ameaça ruína: então estou vindo expressamente de Roma para pedir-lhe informações sobre essa casa.

— Senhor — respondeu o prefeito —, de fato sei que há quatro ou cinco anos o senhor Morrel parece estar sendo perseguido pela desgraça: ele perdeu quatro ou cinco navios, um atrás do outro, e sofreu três ou quatro falências... Mas não cabe a mim, embora eu mesmo seja seu credor de dez mil francos, dar qualquer informação sobre o estado de sua fortuna. Se me perguntar o que penso do senhor Morrel, como prefeito direi que se trata de um homem muito honesto, que até agora cumpriu todos os seus compromissos com perfeita pontualidade. Isto é tudo o que lhe posso dizer, senhor: se quiser saber mais, dirija-se ao senhor de Boville, o inspetor das prisões, na rua de Noailles, nº 15. Creio que ele investiu duzentos mil francos na casa Morrel; se realmente há algo a temer, como o

seu investimento é maior do que o meu, provavelmente o encontrará mais informado do que eu.

O inglês pareceu apreciar a suprema delicadeza do prefeito: despediu-se, saiu e encaminhou-se ao endereço indicado naquele passo característico dos filhos da Grã-Bretanha.

O senhor de Boville estava em seu gabinete: ao vê-lo, o inglês fez um gesto de surpresa que parecia mostrar não ser a primeira vez que se encontrava diante daquele homem que vinha visitar. Quanto ao senhor de Boville, estava tão desesperado que era evidente: todas as faculdades de seu espírito, absortas no pensamento que então o ocupava, não deixavam à sua memória ou imaginação tempo para perder-se no passado.

Com a frieza de sua nação, o inglês fez-lhe, mais ou menos nos mesmos termos, a mesma pergunta que fizera ao prefeito de Marselha.

— Oh, senhor — exclamou o senhor de Boville —, infelizmente os seus temores não poderiam ser mais fundados: está vendo um homem desesperado. Investi duzentos mil francos na casa Morrel: esses duzentos mil francos eram o dote de minha filha, que eu contava casar em quinze dias... Esses duzentos mil francos seriam reembolsados: cem mil no dia 15 deste mês, cem mil no dia 15 do próximo mês. Eu havia comunicado ao senhor Morrel o meu desejo de que esse reembolso fosse feito pontualmente; ele esteve aqui, senhor, há apenas meia hora, para me dizer: se o seu navio Faraó não voltar até o dia 15, ele se verá na impossibilidade de me fazer esse pagamento.

— Mas — disse o inglês — isso parece ser uma concordata.

— Diga, senhor, que isso parece ser uma falência! — exclamou o senhor de Boville, desesperado.

O inglês pareceu refletir por um momento; depois disse: — Então, senhor, esse crédito lhe inspira receios?

— Melhor dizendo, já o vejo como perdido.

— Pois bem, eu compro esse crédito.

— O senhor?

— Sim, eu.

— Mas com um desconto enorme, certamente?

— Não, por duzentos mil francos: nossa casa — acrescentou o inglês rindo — não faz essa espécie de negócios.

— E vai pagar...

— Em dinheiro.

E o inglês tirou do bolso um maço de cédulas bancárias que talvez chegasse ao dobro da soma que o senhor de Boville temia perder.

Um brilho de alegria percorreu o rosto do senhor de Boville; mas ele fez um esforço para controlar-se e disse: — Senhor, devo preveni-lo: ao que tudo indica, não conseguirá nem seis por cento dessa quantia.

— Pouco me importa — respondeu o inglês —, importa à casa Thomson e French, em nome da qual negocio. Talvez ela se interesse em acelerar a ruína de uma casa rival. Mas o que sei, cavalheiro, é que estou pronto a lhe pagar essa soma, em troca da transferência de seu crédito; só lhe peço uma comissão de corretagem...

— Como não, senhor, é mais do que justo! — exclamou Boville. — A comissão costuma ser de um e meio por cento; quer dois por cento? Três? Cinco? Quer mais, enfim? Diga!

— Senhor — respondeu o inglês rindo —, eu sou como a minha casa: não faço essa espécie de negócios... Não, minha comissão de corretagem é de natureza inteiramente diferente.

— Então fale, senhor, estou escutando.

— O senhor é o inspetor das prisões?

— Há mais de catorze anos.

— Mantém os registros de entrada e de saída?

— Naturalmente.

— Esses registros são acompanhados de anotações sobre os prisioneiros?

— Cada prisioneiro tem as suas anotações.

— Bem, senhor: em Roma, fui educado por um pobre-diabo, por um abade que de repente desapareceu. Depois soube que ele se tornara prisioneiro no castelo de If... Gostaria de saber alguns detalhes da sua morte.

— Como ele se chamava?

— Abade Faria.

— Oh, lembro-me perfeitamente! — exclamou o senhor de Boville. — Ele era louco...

— Diziam que era.

— Oh, ele o era, com certeza.

— É possível... E qual seria a sua espécie de loucura?

— Ele pretendia possuir um tesouro imenso... Oferecia loucas somas ao governo para colocá-lo em liberdade.

— Pobre-diabo! E ele morreu?

— Sim, senhor: há cerca de cinco ou seis meses, no último mês de fevereiro.

— O senhor tem uma memória fantástica, para lembrar-se assim tão bem das datas...

— Lembro-me dessa data porque a morte do pobre-diabo foi acompanhada de uma circunstância singular.

— Pode-se saber que circunstância? — perguntou o inglês, com uma expressão de curiosidade que um profundo observador se surpreenderia de encontrar em sua fria e fleumática fisionomia.

— Oh, meu Deus, claro, senhor: o calabouço do abade ficava a cerca de dezessete metros do calabouço de um agente bonapartista, de um daqueles que mais haviam contribuído para o retorno do usurpador em 1815, de um homem muito decidido, muito perigoso...

— Verdade?! — exclamou o inglês.

— Verdade! — respondeu o senhor de Boville. — Eu mesmo tive a oportunidade de ver esse homem em 1816 ou 1817... Só era possível descer a seu calabouço com uma escolta de soldados: aquele homem me causou profunda impressão... Nunca me esquecerei de sua fisionomia.

O inglês sorriu sem perceber.

— E o senhor dizia — continuou ele — que os dois calabouços...

— Ficavam a cerca de dezessete metros um do outro, mas parece que esse Edmond Dantès...

— Esse homem perigoso se chamava...

— Edmond Dantès... Sim, senhor, parece que esse Edmond Dantès conseguiu arrumar ferramentas, ou fabricou-as, pois

encontraram um túnel através do qual os prisioneiros se comunicavam.

— Esse túnel, certamente, tinha sido feito com a intenção de fugir?

— Exatamente... Mas, infelizmente para os prisioneiros, o abade Faria foi vitimado por um ataque de catalepsia e morreu.

— Compreendo... Isso deve ter liquidado os planos de fuga.

— Para o morto, sim — respondeu o senhor de Boville —, mas não para o vivo... Pelo contrário: esse Dantès viu nisso um meio de apressar a sua fuga; ele imaginava, provavelmente, que os prisioneiros mortos no castelo de If eram enterrados num cemitério comum; ele transportou o finado para a cela dele, tomou o lugar dele no saco onde o haviam costurado e esperou a hora do enterro.

— Era um meio arriscado, mostrava certa coragem — disse o inglês.

— Oh, como lhe disse, cavalheiro, ele era um homem muito perigoso... Felizmente, ele mesmo livrou o governo dos temores que tinha a seu respeito.

— Como assim?

— Como? O senhor não compreende?

— Não.

— O castelo de If não tem cemitério... Simplesmente lançam os prisioneiros ao mar, depois de acorrentarem a seus pés uma bola de ferro de dezesseis quilos.

— Então? — fez o inglês, como se não conseguisse compreender.

— Então acorrentaram uma bola de dezesseis quilos a seus pés e lançaram-no ao mar.

— Verdade?! — exclamou o inglês.

— Sim, senhor — continuou o inspetor. — Compreende qual deve ter sido a surpresa do prisioneiro ao se ver atirado de alto a baixo dos rochedos... Gostaria de ver a expressão dele naquele momento.

— Seria difícil vê-la.

— Não importa — disse o senhor de Boville, a quem a certeza de recuperar os seus duzentos mil francos dava muito bom humor

—, não importa! Imagino a expressão dele...

E começou a rir.

— Eu também — disse o inglês.

E também começou a rir, mas como riem os ingleses, ou seja, com a ponta dos dentes.

— Então — continuou o inglês, o primeiro a recuperar o sangue-frio —, então o fugitivo se afogou...

— Completamente...

— Então o governador do castelo livrou-se ao mesmo tempo do furioso e do louco?

— Exatamente...

— Mas foi lavrada uma espécie de ata desse acontecimento? — perguntou o inglês.

— Sim, claro: uma certidão de óbito. Compreende: os parentes de Dantès, se existissem, poderiam se interessar em saber se ele está vivo ou morto.

— Então agora eles podem ficar tranquilos se herdarem dele... Ele está morto e bem morto.

— Oh, meu Deus, claro... E lhes entregaremos a certidão quando quiserem.

— Assim seja — disse o inglês. — Mas voltemos aos registros.

— É verdade. Essa história nos levou longe... Perdão.

— Perdão de quê? Da história? Absolutamente... Ela me pareceu curiosa.

— Ela é realmente curiosa. Então, gostaria de ver, cavalheiro, tudo o que se relaciona com o seu pobre abade, que era a doçura em pessoa, não?

— Teria prazer em ver.

— Passe a meu gabinete: vou mostrar-lhe tudo isso.

Ambos passaram ao gabinete do senhor de Boville.

Tudo se encontrava realmente em perfeita ordem: cada registro tinha o seu número, cada documento a sua pasta. O inspetor cedeu ao inglês a sua poltrona; colocou diante dele o registro do castelo de If, dando-lhe toda a liberdade de folhear, enquanto ele mesmo, sentado a um canto, lia o seu jornal.

O inglês encontrou facilmente o documento relativo ao abade Faria; mas parecia que a história contada pelo senhor de Boville o interessara profundamente: depois de tomar conhecimento dessas primeiras peças, continuou a revistar até encontrar o maço de Edmond Dantès. Ali encontrou cada coisa em seu lugar: denúncia, interrogatório, petição de Morrel, anotações do senhor de Villefort... Dobrou cuidadosamente a denúncia, colocou-a no bolso, leu o interrogatório e viu que o nome de Noirtier não era citado; percorreu a petição datada de 10 de abril de 1815, na qual Morrel, seguindo o conselho de Villefort, exagerava com as melhores intenções, já que Napoleão então reinava, os serviços que Dantès prestara à causa imperial, serviços que a anotação de Villefort tornava incontestáveis. Então ele compreendeu tudo. Aquela petição a Napoleão, guardada por Villefort, tornara-se, na segunda Restauração, uma arma terrível nas mãos do procurador do rei. Então não se surpreendeu mais ao folhear o registro com essa anotação em chave diante de seu nome: EDMOND DANTÈS { Furioso bonapartista; participou ativamente do retorno da ilha de Elba. Manter no mais alto sigilo, sob a mais estreita vigilância.

Abaixo dessas linhas estava escrito, com outra letra: Em vista da nota acima, nada a fazer.

Entretanto, ao comparar a letra da chave com a letra da anotação colocada abaixo da petição de Morrel, teve a certeza: a anotação da chave tinha letra idêntica à da outra; ambas as letras eram idênticas, ou seja, escritas pela mão de Villefort.

Quanto à linha abaixo da chave, o inglês compreendeu: ela deveria ter sido escrita por algum inspetor que se interessara passageiramente pela situação de Dantès, mas a informação no interior da chave tornava impossível dar sequência a esse interesse.

Como dissemos, o inspetor, por discrição e para não incomodar o aluno do abade Faria em suas investigações, afastara-se e lia o *Drapeau blanc*.

Assim, não viu o inglês dobrar e colocar no bolso a denúncia escrita por Danglars sob as árvores do restaurante La Réserve, com o carimbo do correio de Marselha em 27 de fevereiro, entrega das 6 horas da tarde.

Entretanto, é preciso dizer, mesmo se tivesse visto, dava tão pouca importância àquele papel, dava tanta importância aos seus duzentos mil francos, que não se oporia ao que o inglês viesse a fazer, por mais incorreto que fosse.

— Obrigado — disse o inglês, fechando ruidosamente o registro. — Já tenho o que preciso... Agora é minha vez de cumprir minha promessa: faça-me uma simples transferência de seu crédito; reconheça, nessa transferência, ter recebido os duzentos mil francos; vou contar o dinheiro.

E cedeu seu lugar na escrivaninha ao senhor de Boville, que se acomodou sem cerimônia e apressou-se a fazer a transferência solicitada, enquanto o inglês contava as cédulas bancárias sobre o armário.

XXIX. A CASA MORREL

Quem tivesse deixado Marselha alguns anos antes e tivesse conhecido a casa Morrel, ao voltar agora veria grande mudança.

Em vez daquela atmosfera cheia de vida, riqueza e felicidade a emanar, por assim dizer, de uma casa em plena prosperidade; em vez das fisionomias alegres a se mostrarem através das cortinas das janelas, daqueles funcionários atarefados a atravessar os corredores com uma pena atrás da orelha; em vez daquele pátio abarrotado de fardos, a ecoar os gritos e os risos dos carregadores, encontraria, à primeira vista, não sei o que de tristeza e de morte. Naquele corredor deserto, naquele pátio vazio, dos numerosos empregados que antigamente animavam os escritórios só restavam dois: o primeiro era um jovem de vinte e três ou vinte e quatro anos chamado Emmanuel Raymond, que estava apaixonado pela filha do senhor Morrel e permanecera na casa contra a vontade de seus pais, que queriam tirá-lo de lá; o outro era um velho caixeiro, caolho, chamado Coclès, apelido que lhe tinham dado os jovens que outrora povoavam aquela imensa colmeia a zumbir, agora quase desabitada — o apelido substituíra tão bem e tão completamente o seu

verdadeiro nome que, muito provavelmente, ele nem responderia se o chamassem pelo nome.

Coclès permanecera a serviço do senhor Morrel, e na situação desse bravo homem ocorrera uma mudança singular. Ele fora ao mesmo tempo promovido a tesoureiro e rebaixado a criado.

Nem por isso deixara de ser o mesmo Coclès, bom, paciente, devotado, mas inflexível a respeito da aritmética, único assunto pelo qual enfrentaria o mundo inteiro — até mesmo o senhor Morrel —, conhecendo apenas a sua tábua de Pitágoras, que sabia infalivelmente na ponta da língua, por mais que a revirassem e tentassem induzi-lo a erro.

Aliás, em meio à tristeza geral que invadira a casa Morrel, Coclès era o único que permanecia impassível. Mas não nos enganemos: essa impassibilidade não provinha de falta de afeição — provinha, ao contrário, de inabalável convicção. Assim como os ratos, que, dizem, são os primeiros a abandonar o barco condenado pelo destino a naufragar no mar, de maneira que esses hóspedes egoístas já o abandonaram completamente no momento em que o navio levanta âncora, assim também, como dissemos, toda aquela multidão de caixeiros e empregados que ganhava a vida na casa do armador aos poucos havia abandonado o escritório e o armazém; ora, Coclès vira todos se afastarem sem sequer pensar em indagar o motivo de sua partida; como dissemos, para Coclès tudo se reduzia a uma questão de números e, nos vinte anos em que permanecera na casa Morrel, sempre vira os pagamentos se efetuarem francamente com tal pontualidade que não admitia que essa pontualidade pudesse se interromper e os pagamentos serem suspensos, como um moleiro que possui um moinho alimentado pelas águas de caudaloso rio não admite que o rio possa deixar de correr. De fato, até então, nada viera abalar a convicção de Coclès. O pagamento do último fim de mês efetuara-se com rigorosa pontualidade. Coclès notara um erro de setenta cêntimos cometido pelo senhor Morrel em seu prejuízo — no mesmo dia, restituíra os catorze soldos excedentes ao senhor Morrel, que com sorriso melancólico aceitara-os e jogara-os em uma gaveta quase vazia, dizendo: — Muito bem, Coclès! Você é a pérola dos caixeiros.

E Coclès não poderia ter saído mais satisfeito, pois um elogio do senhor Morrel — esta pérola das pessoas honestas de Marselha — lisonjeava mais Coclès do que uma gratificação de cinquenta escudos.

Mas, depois desse fim de mês vitoriosamente transcorrido, o senhor Morrel passara por horas cruéis; para enfrentar o fim de mês, reunira todas as suas economias e pessoalmente, temendo que o rumor de sua penúria se espalhasse em Marselha ao verem-no recorrer a meios extremos, fizera uma viagem à feira de Beaucaire para vender algumas joias pertencentes à mulher e à filha e parte de sua prataria. Mediante esse sacrifício, ainda dessa vez tudo se passara de forma perfeitamente honrosa para a casa Morrel; mas o caixa ficara completamente vazio. Assustado com os rumores que corriam, o crédito retirara-se com o seu habitual egoísmo, e para fazer face aos cem mil francos a reembolsar no dia 15 do mês corrente ao senhor de Boville, e aos outros cem mil que venceriam no dia 15 do próximo mês, a única esperança do senhor Morrel era o retorno do Faraó — um barco que levantara âncora ao mesmo tempo que o Faraó chegara a porto seguro e informara de sua partida.

Mas esse barco, que como o Faraó vinha de Calcutá, já chegara havia quinze dias, enquanto do Faraó não se tinha notícias.

Foi nesse estado de coisas que, no dia seguinte àquele em que fechara com o senhor de Boville o importante negócio que mencionamos, o enviado da casa Thomson e French, de Roma, apresentou-se na casa do senhor Morrel.

Emmanuel recebeu-o. O jovem, que se assustava ao ver uma cara nova — pois uma cara nova anunciava um novo credor que, preocupado, vinha interrogar o dono da casa —, o jovem, dizíamos, quis poupar ao patrão o aborrecimento dessa visita: interrogou o recém-chegado; mas o recém-chegado declarou que não tinha nada a dizer ao senhor Emmanuel e que era com o senhor Morrel em pessoa que queria falar.

Suspirando, Emmanuel chamou Coclès. Coclès apareceu e o jovem ordenou-lhe conduzir o estrangeiro ao senhor Morrel.

Coclès foi à frente e o estrangeiro o seguiu.

Na escada, encontraram uma bela jovem de dezesseis ou dezessete anos que olhou o estrangeiro com inquietação.

Coclès não notou a sua expressão, que entretanto pareceu não escapar ao estranho.

— O senhor Morrel está em seu gabinete, não está, senhorita Julie? — perguntou o caixeiro.

— Sim, ao menos acho que sim — disse a jovem hesitando. — Olhe primeiro, Coclès, e, se meu pai estiver lá, anuncie esse senhor.

— Seria inútil anunciar-me, senhorita — respondeu o inglês. — O senhor Morrel não conhece o meu nome. Este bravo homem só precisa dizer que sou o representante da casa Thomson e French, de Roma, com a qual a casa do senhor seu pai mantém relações.

A jovem empalideceu e continuou a descer a escada, enquanto Coclès e o estrangeiro continuavam a subir.

Ela entrou no escritório onde estava Emmanuel, e Coclès, com a ajuda de uma chave em seu poder — o que mostrava a grande confiança que o patrão tinha nele —, abriu uma porta ao fim do corredor do segundo andar, introduziu o estranho numa sala de espera, abriu outra porta, fechando-a atrás de si, e, depois de deixar o enviado da casa Thomson e French sozinho por um instante, reapareceu fazendo-lhe sinal para entrar.

O inglês entrou; encontrou o senhor Morrel sentado diante de uma mesa, pálido, diante das assustadoras colunas do livro que registrava o seu passivo.

Ao ver o estranho, o senhor Morrel fechou o livro, levantou-se e ofereceu-lhe uma cadeira; então, ao ver o estrangeiro sentar-se, também sentou.

Catorze anos haviam mudado bastante o digno negociante, que, com trinta e seis anos no começo desta história, agora chegava aos cinquenta: os seus cabelos tinham embranquecido; a sua testa estava sulcada por rugas de preocupação; o seu olhar, enfim, outrora tão firme e decidido, tornara-se vago e indeciso, parecendo sempre temer ser obrigado a fixar-se numa ideia ou num homem.

O inglês olhou-o com um sentimento de curiosidade evidentemente mesclado ao interesse.

— Senhor — disse Morrel, cujo mal-estar parecia redobrar a esse exame —, deseja me falar?

— Sim, senhor... Já sabe quem me enviou, não?

— A casa Thomson e French, ao menos foi o que disse o meu caixeiro.

— E lhe disse a verdade, cavalheiro. No mês corrente e no próximo, a casa Thomson e French tinha a pagar na França trezentos ou quatrocentos mil francos. Sabendo de sua rigorosa pontualidade, reuniu todos os papéis que conseguiu encontrar com a sua assinatura, encarregando-me, à medida que esses papéis vencerem, de receber os fundos do senhor e empregá-los.

Morrel deu profundo suspiro e passou a mão pela testa coberta de suor.

— Então, cavalheiro — perguntou Morrel —, tem promissórias assinadas por mim?

— Sim, senhor, de valor bastante considerável.

— Que valor? — perguntou Morrel, tentando dar segurança à sua voz.

— Aqui está — disse o inglês, tirando do bolso um maço de papéis —, primeiro, uma transferência de duzentos mil francos feita à nossa casa pelo senhor de Boville, o inspetor das prisões. Reconhece estar devendo este valor ao senhor de Boville?

— Sim, senhor... É um investimento que ele fez em minha firma a quatro e meio por cento, há quase cinco anos.

— E que o senhor deve reembolsar...

— Metade no dia quinze deste mês, metade no dia quinze do próximo mês.

— Exato... E depois, aqui, trinta e dois mil e quinhentos francos, no final do corrente... São promissórias assinadas pelo senhor e passadas à nossa ordem por terceiros...

— Eu as reconheço — disse Morrel, com o rubor da vergonha a tingir o seu rosto, pensando que pela primeira vez na vida talvez não pudesse honrar a sua assinatura. — Isto é tudo?

— Não, senhor... Também tenho, para o fim do próximo mês, estes valores, que nos foram transmitidos pela casa Pascal e pela casa Wild e Turner, de Marselha, cerca de cinquenta e cinco mil francos... No total, duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos...

Impossível descrever como sofria o infeliz Morrel durante essa enumeração.

— Duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos?!... — repetiu ele maquinalmente.

— Sim, senhor — respondeu o inglês. — Ora — continuou ele, depois de um momento de silêncio —, não esconderei, senhor Morrel, que, mesmo levando em conta a sua irretocável honestidade até o presente, segundo o rumor público de Marselha o senhor não estaria em condições de cumprir as suas obrigações.

Ante essa sentença quase brutal, Morrel empalideceu terrivelmente.

— Cavalheiro — disse ele —, até o presente, se há mais de vinte e quatro anos recebi a casa das mãos de meu pai, se ele mesmo a geriu por trinta e cinco anos, até o presente nenhuma nota assinada por Morrel e filho foi apresentada ao caixa sem ser paga.

— Sim, bem sei — respondeu o inglês. — Mas, de homem honrado para homem honrado, fale francamente, cavalheiro: pagará estes papéis com a mesma pontualidade?

Morrel estremeceu: olhou o interlocutor com mais segurança do que o fizera até então.

— A perguntas feitas com tal franqueza — disse ele — é preciso dar uma resposta franca. Sim, senhor: pagarei, se, como espero, o meu navio chegar a porto seguro, pois a sua chegada me devolverá o crédito que os sucessivos naufrágios de que fui vítima me arrancaram. Mas se, por desgraça, o Faraó, esse último recurso com que conto, me faltar...

As lágrimas subiram aos olhos do pobre armador.

— Bem — perguntou o interlocutor —, e se esse último recurso lhe faltar?...

— Bem — continuou Morrel —, senhor, é cruel dizer... Mas, já acostumado à desgraça, preciso acostumar-me à vergonha... Bem, creio que então me veria obrigado a suspender os meus pagamentos.

— Então não tem amigos a quem possa recorrer nesta circunstância?

Morrel sorriu tristemente.

— Como o senhor sabe — disse ele —, nos negócios não há amigos, há apenas negociantes.

— É verdade — murmurou o inglês. — Então só lhe resta uma esperança?

— Só uma.

— A última esperança?

— A última.

— De modo que, se essa esperança lhe faltar...

— Estarei perdido, senhor, completamente perdido.

— Quando eu vinha para cá, um navio entrava no porto.

— Eu sei, senhor. Um jovem que permaneceu fiel à minha má sorte passa parte do tempo num mirante no topo da casa, na esperança de ser o primeiro a vir me dar uma boa notícia. Soube por ele da chegada desse navio.

— E não é o seu?

— Não, é um navio de Bordéus, a Gironda... Ele também vem da Índia, mas não é o meu.

— Talvez ele saiba algo do Faraó, talvez lhe traga alguma notícia.

— É preciso lhe dizer, senhor!... Tenho quase tanto receio de saber notícias de meu três-mastros quanto de ficar na incerteza... A incerteza ainda é esperança.

Então o senhor Morrel acrescentou em voz surda: — Esse atraso não é natural: o Faraó partiu de Calcutá no dia 5 de fevereiro... Deveria ter chegado há mais de um mês.

— O que é isto? — disse o inglês, apurando os ouvidos. — O que significa esse barulho?

— Oh, meu Deus, meu Deus! — exclamou Morrel empalidecendo. — O que mais aconteceu?

De fato, faziam grande barulho na escada; iam e vinham — ouviu-se até mesmo um grito de dor.

Morrel levantou-se para ir abrir a porta, mas as forças lhe faltaram e ele voltou a cair em sua poltrona.

Os dois homens ficaram frente a frente, Morrel com o corpo inteiro a tremer, o estrangeiro a olhá-lo com expressão de profunda piedade. O barulho cessara; entretanto, Morrel parecia esperar

alguma coisa: aquele barulho tinha uma causa e deveria ter uma sequência.

Parecia ao estrangeiro que subiam suavemente a escada e que passos de diversas pessoas pararam no corredor.

Introduziram uma chave na fechadura da primeira porta: ambos ouviram as dobradiças da porta rangerem.

— Só duas pessoas têm a chave dessa porta — murmurou Morrel —: Coclès e Julie.

Ao mesmo tempo, a segunda porta abriu-se e viu-se aparecer a jovem, pálida, com as faces banhadas de lágrimas.

Morrel levantou-se muito trêmulo e apoiou-se no braço de sua poltrona, pois já não conseguia ficar em pé. A sua voz queria interrogar, mas ele já não tinha mais voz.

— Oh, papai! — exclamou a jovem, juntando as mãos. — Perdoe a sua filha por ser mensageira de má notícia.

Morrel empalideceu terrivelmente; Julie lançou-se a seus braços.

— Oh, papai, papai!... — exclamou ela. — Coragem!

— Então o Faraó naufragou? — perguntou Morrel em voz estrangulada.

A jovem não respondeu, mas fez um sinal afirmativo, apoiando a cabeça no peito do pai.

— E a tripulação? — perguntou Morrel.

— Foi salva — disse a jovem —, foi salva pelo navio de Bordéus que acaba de entrar no porto.

Morrel ergueu as mãos aos céus, com expressão de resignação e de sublime gratidão.

— Obrigado, meu Deus — disse Morrel —, ao menos só feres a mim.

Por mais fleumático que fosse o inglês, uma lágrima umedeceu-lhe a pálpebra.

— Entrem — disse Morrel —, entrem: presumo que todos estejam à porta.

De fato, mal pronunciara essas palavras, a senhora Morrel entrou, soluçando; Emmanuel a seguia; ao fundo da sala de espera, viam-se as fisionomias rudes de sete ou oito marinheiros seminus.

Ao ver esses homens, o inglês estremeceu; deu um passo em sua direção, mas conteve-se e recuou ao canto mais escuro e distante do gabinete.

A senhora Morrel sentou-se na poltrona e tomou a mão do marido entre as suas, enquanto Julie continuava apoiada ao peito do pai. Emmanuel ficara a meio caminho e parecia servir de elo entre o grupo da família Morrel e os marinheiros que se mantinham à porta.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou Morrel.

— Aproxime-se, Penelon — disse o jovem —, conte o que aconteceu.

Um velho marinheiro, bronzeado pelo sol do equador, avançou, rodando entre as mãos os restos de um chapéu.

— Bom dia, senhor Morrel! — disse ele, como se tivesse deixado Marselha na véspera e chegasse de Aix ou Toulon.

— Bom dia, meu amigo! — disse o armador, não conseguindo evitar um sorriso entre as lágrimas. — Mas onde está o capitão?

— Quanto ao que é do capitão, senhor Morrel, ele ficou doente, está em Palma... Mas, se Deus quiser, não há de ser nada não, o senhor o verá chegar em alguns dias, tão bem de saúde quanto o senhor e eu.

— Está bem... Agora fale, Penelon — disse o senhor Morrel.

Penelon passou o tabaco mascado da bochecha direita para a esquerda, colocou a mão diante da boca, virou-se, lançou à sala de espera um longo jato de saliva escura, adiantou o pé e, gingando nos quadris: — Na ocasião, senhor Morrel — disse ele —, a gente estava alguma coisa como entre o cabo Branco e o cabo Bojador, navegando com uma bela brisa sul-sudoeste, depois de se arrastar durante uma semana de calmaria, quando o capitão Gaumard se aproximou de mim, devo dizer que eu estava no leme, e me disse: Pai Penelon, que acha dessas nuvens que se levantam lá no horizonte?

“Eu estava justamente olhando as nuvens naquele momento.

“— O que acho, capitão?! Acho que elas estão subindo um pouco mais rápido do que é de direito, estão ficando mais escuras do que convém a nuvens sem más intenções.

“— É a minha opinião também — disse o capitão —, vou tomar as minhas precauções. Estamos com velas demais para o vento que vai fazer agora mesmo... Olá, ei! Preparar para recolher as velas dos mastros e baixar a vela da proa!

“Já era tempo... A ordem ainda não tinha sido executada e o vento já estava na nossa garupa, o navio já andava de banda.

“— Bom — disse o capitão —, ainda temos velas demais. Preparar para guardar a vela principal! — Cinco minutos depois, a vela principal estava guardada, navegamos com a mezena, as gáveas e os joanetes.”

“— Bem, pai Penelon — me disse o capitão —, por que está sacudindo a cabeça?

“— É que em seu lugar, veja só, eu não ficaria bem no meio do belo caminho.

“— Acho que tem razão, velho — disse ele —, vamos ter ventania.

“— Ah, por exemplo, capitão — eu respondo —, quem comprar como ventania o que está se passando lá vai lucrar alguma coisa em cima... Vamos ter uma bela e boa tempestade, ou eu não me conheço mais!

“Quer dizer, a gente via o vento vindo, como a gente vê a poeira em Montredon... Felizmente ele estava lidando com um homem que sabia.

“— Preparar para colocar dois rizes nas velas da gávea! — gritou o capitão. — Soltar as bolinas, bracear ao vento, recolher as gáveas, carregar as talhas nas vergas!”

— Não era o suficiente naquelas paragens — disse o inglês. — Eu colocaria quatro rizes e me livraria da mezena.

Essa voz firme, sonora e inesperada fez todo mundo estremecer. Penelon colocou a mão sobre os olhos e olhou aquele que antecipava com tanto atrevimento a manobra de seu capitão.

— A gente fez melhor que isso, senhor — disse o velho marinheiro com certo respeito —, guardamos a brigantina e botamos barravento pra correr na frente da tempestade. Dez minutos depois, guardamos as velas da gávea e seguimos a seco, sem velas.

— O navio era muito velho para arriscar tanto — disse o inglês.

— Ah, bem, justamente! Foi o que nos perdeu... Ao fim e ao cabo de doze horas, balançamos como se o diabo tivesse pegado as armas e se declarou água a bordo. “Penelon”, disse o capitão, “acho que nós afundamos, meu velho... Então me dá o leme e desce até o porão.”

“Eu lhe dei o leme, desci... Já tinha um metro de água. Subi gritando: Às bombas! Às bombas! Ah! Bem, pois é: já era tarde demais! Botamos mãos à obra... Mas acho que, quanto mais água a gente tirava, mais água entrava.

“Ah, nossa! Eu disse ao fim e ao cabo de quatro horas de trabalho: já que afundamos, vamos deixar afundar, só se morre uma vez!

“— É assim que você dá o exemplo, mestre Penelon?! — disse o capitão. — Eh bem! Espera, espera!

“Ele foi pegar um par de pistolas lá na cabine.”

“— O primeiro que largar a bomba — disse ele —, eu estouro os seus miolos!”

— Muito bem! — disse o inglês.

— Não há nada que dê tanta coragem quanto os bons motivos — continuou o marinheiro —, tanto mais que durante todo esse tempo o tempo tinha clareado e o vento tinha amainado... Mas não deixa de ser verdade que a água continuava subindo, não muito, talvez duas polegadas por hora, mas enfim ela subia... Duas polegadas por hora, olha: isso não parece nada... Mas em doze horas isso dá vinte e quatro polegadas, e vinte e quatro polegadas são quase setenta centímetros... Mais um metro que já tinha entrado antes, quase um metro e setenta... Ora, quando um navio tem quase um metro e setenta de água no ventre, ele pode passar por hidrópico...

“— Vamos — disse o capitão —, já chega, e o senhor Morrel não vai ter nada a nos censurar: fizemos o que pudemos para salvar o navio... Agora é preciso tratar de salvar os homens. Ao bote, meninos, mais rápido!”

— Escute, senhor Morrel — continuou Penelon —, a gente gostava muito do Faraó... Mas, por mais que o marinheiro ame o seu navio, ele ama ainda mais a própria pele. Então nós não

pedimos que ele repetisse... Então, olha, o navio gemia e parecia nos dizer: — ‘Então, vão embora, mas então, vão embora!’ — E ele não estava mentindo não, o pobre Faraó... A gente sentia o navio literalmente afundar debaixo dos nossos pés. Tanto é que num piscar de olhos o bote estava no mar, éramos oito, os oito dentro do bote.

“O capitão desceu por último, ou melhor, não, ele não desceu, ele não queria abandonar o navio, fui eu que o agarrei e o joguei aos camaradas, depois pulei, por minha vez. Já era tempo. Quando eu acabava de pular, a ponte caiu com um barulho que parecia a salva de um navio de guerra de quarenta e oito canhões.

“Dez minutos depois, o navio mergulhou a proa, então a popa, depois começou a girar sobre si mesmo como um cão correndo atrás do rabo... Depois, boa noite, companheiros, brrrrrum!... Tudo está dito, adeus, Faraó!

“Quanto a nós, ficamos três dias sem beber nem comer... Tanto que a gente já falava em tirar a sorte para saber quem ia alimentar os outros, quando vimos a Gironda: nós fizemos sinais, ela nos viu, colocou a proa em nossa direção, enviou o seu bote e nos recolheu. Foi assim que aconteceu, senhor Morrel, palavra de honra! Pela fé de marinheiro! Não é verdade, companheiros?”

Um murmúrio geral de aprovação indicou que o narrador conquistara todos os votos com a veracidade do fundo e com o pitoresco dos detalhes.

— Bem, meus amigos — disse o senhor Morrel —, vocês são bravos homens, eu já sabia antecipadamente que a desgraça que me acontecia não tinha outro culpado além de meu destino. É a vontade de Deus, não culpa dos homens. Adoremos a vontade de Deus. Agora, quanto lhes é devido de soldo?

— Oh, bah, não falemos disso, senhor Morrel.

— Ao contrário, falemos sim — disse o armador, com sorriso triste.

— Pois bem, devem-nos três meses... — disse Penelon.

— Coclès, pague duzentos francos a cada um desses bravos homens. Em outros tempos, meus amigos — continuou Morrel —, eu acrescentaria: “Dê também duzentos francos de gratificação a

cada um”. Mas os tempos são infelizes, meus amigos, o pouco dinheiro que me resta já não me pertence. Desculpem-me, portanto, e não me estimem menos por isso.

Penelon fez uma careta de comoção, virou-se para os seus companheiros, trocou algumas palavras com eles e virou-se novamente.

— Quanto a isso, senhor Morrel — disse ele, passando o tabaco de mascar para a outra bochecha e lançando à sala de espera um segundo jato de saliva, que foi fazer companhia ao primeiro —, quanto a isso...

— O quê?

— Quanto ao dinheiro...

— E então?

— E então, senhor Morrel!... Os camaradas disseram que no momento vão precisar de cinquenta francos cada um, vão esperar pelo resto.

— Obrigado, meus amigos, obrigado — exclamou o senhor Morrel, tocado até o fundo do coração. — Vocês são bravos, têm um bom coração valente, mas aceitem, aceitem, e, se encontrarem um bom serviço, aceitem também, vocês estão livres.

As últimas palavras provocaram um efeito prodigioso sobre os dignos marinheiros: eles olharam-se uns aos outros com ar aterrado. Penelon, a quem faltava ar, quase engoliu o seu tabaco — felizmente, levou a mão à garganta a tempo.

— Como, senhor Morrel — disse ele em voz estrangulada —, como, o senhor nos despede?! Então o senhor está descontente conosco?

— Não, meus filhos — disse o armador. — Não, não estou descontente com vocês, muito pelo contrário. Não, não os despeço. Mas que querem, já não tenho mais navios, já não preciso mais de marinheiros.

— Como, o senhor não tem mais navios?! — disse Penelon. — Pois bem, o senhor mandará construir outros, nós esperamos. Graças a Deus, sabemos o que é navegar contra vento e maré.

— Já não tenho mais dinheiro para mandar construir navios, Penelon — disse o armador com triste sorriso. — Assim, não posso

mais aceitar a sua oferta, por mais gentil que ela seja.

— Pois bem, se o senhor não tem mais dinheiro, então não precisa nos pagar, faremos como fez o pobre Faraó, navegaremos a seco, sem vela, nada mais!

— Basta, basta, meus amigos! — disse Morrel, sufocando de emoção. — Vamos, por favor, vão. Nós nos reencontraremos em tempos melhores. Emmanuel — acrescentou o armador —: acompanhe-os, faça com que meus desejos sejam cumpridos.

— Pelo menos, é até breve, não é verdade, senhor Morrel? — perguntou Penelon.

— Sim, meus amigos, ao menos assim o espero, vão.

E ele fez um sinal a Coclès, que saiu à frente. Os marinheiros seguiram o caixeiro e Emmanuel seguiu os marinheiros.

— Agora — disse o armador à sua esposa e à sua filha —, deixem-me sozinho por um instante, preciso conversar com esse senhor.

E indicou com os olhos o representante da casa Thomson e French, que permanecera de pé e imóvel em seu canto durante toda aquela cena, na qual só tomara parte com as poucas palavras que reproduzimos.

As duas mulheres ergueram os olhos ao estrangeiro, que tinham esquecido completamente, e retiraram-se; mas ao retirar-se a jovem lançou àquele homem um sublime olhar de súplica, a que ele respondeu com um sorriso que um frio observador ficaria surpreso de ver desenhar-se naquela fisionomia de gelo. Os dois homens ficaram sozinhos.

— Bem, cavalheiro — disse Morrel, deixando-se cair em sua poltrona —, o senhor viu tudo, ouviu tudo, não tenho mais nada a lhe informar.

— Eu vi, cavalheiro — disse o inglês —, que lhe aconteceu uma nova tragédia, imerecida como as outras, e isso confirma o meu desejo de lhe ser útil.

— Oh, senhor! — exclamou Morrel.

— Vejamos — continuou o estrangeiro —, sou um de seus principais credores, não é verdade?

— Ao menos, é aquele que possui as promissórias de mais curto prazo.

— Deseja um prazo maior para me pagar?

— Um prazo maior poderia salvar-me a honra — disse Morrel. — Logo, salvar-me a vida.

— De quanto tempo precisa?

Morrel hesitou.

— Dois meses — disse ele.

— Bem — disse o estrangeiro —, dou-lhe três meses.

— Mas acha que a casa Thomson e French...

— Fique tranquilo, senhor: assumo toda a responsabilidade. Hoje estamos no dia 5 de junho...

— Sim.

— Bem, renove todas essas promissórias para o dia 5 de setembro... E no dia 5 de setembro, às onze horas da manhã (o pêndulo marcava precisamente onze horas naquele momento), eu me apresentarei em sua casa.

— Eu o esperarei, senhor — disse Morrel —, então ou será pago, ou estarei morto.

As últimas palavras foram pronunciadas tão baixinho que o estrangeiro não pôde ouvi-las.

As promissórias foram renovadas, rasgaram-se as velhas, e o pobre armador ao menos passou a ter três meses pela frente para juntar os seus últimos recursos.

O inglês recebeu os seus agradecimentos com a particular fleuma de sua nação e despediu-se de Morrel, que o levou até à porta, abençoando-o.

Na escada, encontrou Julie. A jovem fingia descer, mas na verdade o esperava.

— Oh, senhor! — disse ela, juntando as mãos.

— Senhorita — disse o estrangeiro —, um dia vai receber uma carta, assinada por... Simbad, o marujo... Faça exatamente o que essa carta lhe disser, por mais estranhas que lhe pareçam as recomendações.

— Sim, senhor — respondeu Julie.

— Promete-me fazê-lo?

— Eu lhe juro.

— Bem, adeus, senhorita. Continue sendo sempre a boa e santa filha que você é, e tenho grandes esperanças de que Deus a recompensará, dando-lhe Emmanuel como marido.

Julie deu um pequeno grito, ficou vermelha como uma cereja e agarrou-se ao corrimão para não cair.

O estrangeiro continuou o seu caminho, fazendo-lhe um gesto de adeus.

No pátio, encontrou Penelon, que segurava um maço de cem francos em cada mão e parecia não poder decidir-se a levá-los.

— Venha — disse-lhe o estrangeiro —, preciso lhe falar, meu amigo XXX. O CINCO DE SETEMBRO

Esse prazo concedido pelo representante da casa Thomson e French, no momento em que Morrel menos esperava, pareceu ao pobre armador uma daquelas voltas aos bons tempos que anunciam ao homem que finalmente o destino cansou de se abater sobre ele. No mesmo dia, contou o que acontecera à filha, à esposa e a Emmanuel, e um pouco de esperança, se não de tranquilidade, voltou à família. Infelizmente, porém, Morrel não tinha negócios apenas com a casa Thomson e French, que se mostrara tão compreensiva. Como ele dissera, nos negócios há negociantes, não amigos. Quando pensava nisso profundamente, não conseguia compreender o comportamento generoso dos senhores Thomson e French; só o explicava por um raciocínio inteligentemente egoísta que a casa deveria ter feito: “Mais vale apoiar um homem que nos deve quase trezentos mil francos, para receber tudo daqui a três meses, do que apressar a sua ruína e só receber seis ou oito por cento do capital”.

Infelizmente, por ódio ou cegueira, nem todos os que negociavam com Morrel raciocinaram da mesma maneira — alguns até mesmo raciocinaram da maneira oposta. Assim, as promissórias assinadas por Morrel foram apresentadas ao caixa com escrupuloso rigor e, graças ao prazo concedido pelo inglês, foram religiosamente pagas por Coclès. Assim, Coclès conservou a sua fatídica tranquilidade. Só o senhor Morrel via com terror: se tivesse que reembolsar no dia 15 os cem mil francos do senhor de Boville e, no

dia 30, os trinta e dois mil e quinhentos francos de promissórias para as quais conseguira um prazo, assim como para a dívida com o inspetor das prisões, naquele mês viria a ser um homem arruinado.

Na opinião de todo o comércio de Marselha, Morrel não conseguiria resistir aos sucessivos reveses a abatê-lo. Assim, a surpresa foi grande quando o viram chegar ao fim do mês com os pagamentos em dia. Mas nem por isso a confiança voltou aos espíritos — o rumor público apenas transferiu para o fim do próximo mês a declaração de falência do infeliz armador.

O mês inteiro transcorreu em meio a esforços inauditos de Morrel para reunir todos os seus recursos. Nos bons tempos, os seus papéis, independentemente do prazo, eram aceitos com confiança, até mesmo solicitados. Agora, quando tentava negociar papéis a noventa dias, Morrel encontrava todos os bancos fechados para ele. Felizmente, receberia alguns pagamentos, poderia contar com eles; tais recebimentos aconteceram: assim, Morrel conseguiu honrar os seus compromissos quando chegou o fim de julho.

Ademais, não se viu mais em Marselha o representante da casa Thomson e French; ele desaparecera no dia seguinte ou dois dias depois de sua visita a Morrel; ora, como em Marselha ele só se encontrara com o prefeito, com o inspetor das prisões e com o senhor Morrel, a sua passagem pela cidade não deixara outro traço além da lembrança que dele guardavam essas três pessoas. Quanto aos marinheiros do Faraó, parece que encontraram outro emprego, pois também desapareceram.

Por sua vez, o capitão Gaumard, recuperado da indisposição que o retivera em Palma, retornou. Hesitava em apresentar-se ao senhor Morrel, mas este soube de sua chegada e foi vê-lo pessoalmente. Pelo relato de Penelon, o digno armador já sabia como o capitão se comportara corajosamente durante todo o naufrágio, e foi ele quem tentou consolá-lo. Levava-lhe o montante de seus salários, que o capitão Gaumard não ousaria ir receber.

Quando já descia a escada, o senhor Morrel encontrou Penelon, que a subia. Parecia que Penelon fizera bom emprego de seu pagamento, pois toda a sua roupa era nova. Ao ver o armador, o digno timoneiro pareceu muito embaraçado; afastou-se para o canto

mais distante do corredor, passou sucessivamente o tabaco mascado da bochecha esquerda para a direita, da direita para a esquerda, arregalando os olhos espantados, respondendo apenas com uma pressão tímida ao aperto de mão que lhe ofereceu o senhor Morrel com sua cordialidade habitual. Morrel atribuiu o embaraço de Penelon à elegância de seu traje: era evidente que o bravo homem não se dera a tal luxo por conta própria; então já estava trabalhando a bordo de algum outro navio — sua vergonha vinha de já não estar mais de luto pelo naufrágio do Faraó. Talvez até mesmo tivesse vindo contar ao capitão Gaumard a sua sorte e as ofertas de seu novo patrão.

— Brava gente — disse Morrel, afastando-se —, possa o seu novo patrão estimá-la como eu a estimava, e ser mais feliz do que fui!...

Agosto transcorreu em tentativas infinitamente repetidas de Morrel para recuperar o antigo crédito ou conseguir novos créditos. No dia 20 de agosto, soube-se em Marselha que ele comprara uma passagem na diligência — então disseram que a declaração de falência ocorreria no final do mês corrente e que Morrel partia antecipadamente para não assistir ao desenlace cruel, delegado sem dúvida a seu gerente Emmanuel e a seu caixeiro Coclès. Mas, contrariando todas as previsões, quando chegou o dia 31 de agosto o caixa abriu-se, como de hábito. Coclès apareceu atrás da grade, calmo como o justo de Horácio,⁵ examinou com a mesma atenção os papéis que lhe apresentavam e, da primeira à última, pagou as promissórias com a mesma exatidão. Apareceram inclusive dois reembolsos previstos pelo senhor Morrel: Coclès pagou-os com a mesma pontualidade das promissórias assinadas pelo armador. Já não entendiam mais nada: com a tenacidade característica dos profetas das más notícias, adiaram a falência para o final de setembro.

No dia 1º, Morrel retornou: era esperado com grande ansiedade por toda a sua família; dessa viagem a Paris deveria resultar a sua última oportunidade de salvação. Morrel tinha pensado em Danglars, atualmente milionário, que lhe devia favores, pois havia

sido graças à recomendação de Morrel que Danglars entrara a serviço do banco espanhol onde começara a sua imensa fortuna. Atualmente, diziam, Danglars tinha seis ou oito milhões, gozava de um crédito ilimitado; sem tirar um cêntimo do bolso, Danglars poderia salvar Morrel: só precisaria avalizar um empréstimo e Morrel estaria salvo. Havia muito tempo Morrel pensava em Danglars; mas há repulsas instintivas que não dominamos — Morrel adiará tanto quanto possível recorrer a esse supremo recurso. E Morrel tivera razão, pois retornava arrasado, humilhado pela recusa.

Assim, ao regressar, Morrel não exprimira queixa alguma, não expressara nenhuma recriminação; abraçara chorando a esposa e a filha, estendera uma mão amiga a Emmanuel, fechara-se em seu gabinete do segundo andar e chamara Coclès.

— Desta vez — disseram as duas mulheres a Emmanuel —, estamos perdidos.

Então, em breve reunião entre elas, foi combinado que Julie escreveria ao irmão, aquartelado em Nîmes, para que ele viesse sem demora.

As pobres mulheres sentiam instintivamente que precisavam reunir todas as suas forças para suportar o golpe a ameaçá-las.

Aliás, embora só tivesse vinte e dois anos, Maximilien Morrel já tinha grande influência sobre o pai.

Ele era um rapaz firme e correto. No momento em que se tratara de abraçar uma carreira, seu pai não quisera impor-lhe previamente um futuro e consultara as inclinações do jovem Maximilien. Então o jovem dissera que queria seguir a carreira militar; assim, fizera excelentes estudos, entrara por concurso na Escola Politécnica, dela saíra como subtenente do 53^o regimento. Havia um ano ocupava esse posto e tinham prometido promovê-lo a tenente na primeira oportunidade. No regimento, Maximilien Morrel era considerado rígido observador não apenas de todas as obrigações impostas ao soldado, mas também de todos os deveres propostos ao homem: sempre o chamavam de *estoico*. Não é preciso dizer que muitos daqueles que lhe davam esse apelido repetiam-no por ouvir dizer — nem mesmo sabiam o significado da palavra.

Era esse jovem que a mãe e a irmã chamavam em seu socorro para apoiá-las na grave circunstância em que se viam.

Elas não estavam enganadas quanto à gravidade da circunstância, pois, instantes depois de o senhor Morrel entrar em seu gabinete com Coclès, Julie viu este último sair pálido, trêmulo, com a fisionomia completamente transtornada.

Ela quis interrogá-lo quando ele passou a seu lado; mas o bravo homem, continuando a descer a escada com uma pressa que não lhe era habitual, contentou-se em exclamar, erguendo os braços aos céus: — Ah, senhorita... Senhorita, que terrível desgraça! Quem jamais poderia imaginar uma coisa dessas?!

Instantes depois, Julie viu-o subir de novo levando dois ou três grandes livros de registros, uma pasta e um saco de dinheiro.

Morrel consultou os livros, abriu a pasta, contou o dinheiro.

Todos os seus recursos limitavam-se a seis ou oito mil francos; os seus recebimentos até o dia 5, a quatro ou cinco mil; o que perfazia, no máximo, um ativo de catorze mil francos para pagar uma promissória de duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos. Não havia meio de levantar tal quantia.

Entretanto, ao descer para jantar, Morrel parecia muito calmo. Essa calma espantou mais as duas mulheres do que o faria o mais profundo abatimento.

Depois do jantar, Morrel costumava sair; ia tomar o seu café no Círculo dos Fócios e ler o *Semáforo*: naquele dia não saiu e voltou a subir a seu escritório.

Quanto a Coclès, parecia absolutamente perplexo. Durante parte do dia, permanecera no pátio, sentado em uma pedra, com a cabeça descoberta, sob um sol de trinta graus.

Emmanuel tentava tranquilizar as mulheres, mas não era muito eloquente. O jovem estava bastante a par dos negócios da casa para não perceber que uma grande catástrofe ameaçava desabar sobre a família Morrel.

A noite chegou: as duas mulheres permaneciam acordadas, esperando que ao descer de seu gabinete Morrel fosse até a sala; mas ouviram-no passar diante da porta em passo de gato, sem dúvida temendo ser chamado.

Elas aguçaram os ouvidos: ele entrou em seu quarto e trancou a porta por dentro.

A senhora Morrel mandou a filha ir se deitar; então, meia hora depois de Julie retirar-se, ela levantou-se, tirou os sapatos e deslizou no corredor para espiar pela fechadura o que estava fazendo o seu marido.

No corredor, viu uma sombra que se retirava: era Julie, que, também preocupada, antecipara-se à mãe.

A jovem foi ao encontro da senhora Morrel.

— Ele está escrevendo — disse ela.

As duas mulheres adivinharam-se sem precisar falar.

A senhora Morrel inclinou-se ao nível da fechadura. De fato, Morrel estava escrevendo; mas o que a filha não percebera a senhora Morrel percebeu: o marido estava escrevendo em papel timbrado.

Veio-lhe a terrível ideia de que ele estava escrevendo o seu testamento; ela estremeceu dos pés à cabeça, mas teve forças para não dizer nada.

No dia seguinte, o senhor Morrel parecia muito tranquilo; como de hábito, permaneceu em seu escritório; desceu para almoçar, como sempre; mas depois do jantar fez a filha sentar-se a seu lado, abraçou a menina, por muito tempo manteve-a apertada contra o peito.

À noite, Julie disse à mãe que, embora ele parecesse tranquilo, ela notara que o coração do pai batia violentamente.

Os dois dias seguintes se passaram de maneira semelhante. No dia 4 de setembro, à noite, o senhor Morrel pediu à filha que lhe devolvesse a chave de seu gabinete.

Julie estremeceu ao ouvir tal pedido, que lhe pareceu sinistro. Por que o pai lhe pedia que devolvesse aquela chave que ela sempre tivera consigo, que na infância só lhe tiravam para puni-la?

A jovem contemplou o senhor Morrel.

— Que fiz de errado, papai — disse ela —, para você me tirar essa chave?

— Nada, minha filha — respondeu o infeliz Morrel, a quem essa pergunta tão simples fez brotar lágrimas nos olhos —, nada, apenas

estou precisando dela.

Julie fingiu procurar a chave.

— Devo tê-la deixado em meu quarto — disse ela.

E saiu; mas, em vez de dirigir-se a seu quarto, desceu e correu a consultar Emmanuel.

— Não devolva essa chave a seu pai — disse Emmanuel — e amanhã de manhã, se possível, não o deixe.

Ela tentou interrogar Emmanuel, mas o jovem nada mais sabia, ou nada mais queria dizer.

Durante toda a noite de 4 para 5 de setembro, a senhora Morrel permaneceu com o ouvido colado à parede. Até às três da madrugada, ouviu o marido andar agitado em seu quarto.

Só às três da manhã ele atirou-se na cama.

As duas mulheres passaram a noite juntas. Desde a tarde da véspera, esperavam Maximilien.

Às oito da manhã, o senhor Morrel entrou no quarto delas. Estava calmo, mas lia-se a agitação da noite em seu rosto pálido e abatido.

As mulheres não ousaram perguntar-lhe se tinha dormido bem.

Morrel foi melhor do que nunca para a esposa, mais paternal do que nunca para a filha. Não conseguia parar de olhar e abraçar a pobre menina.

Julie lembrou-se da recomendação de Emmanuel e quis acompanhar o pai quando ele saiu; mas ele repeliu-a docemente: — Fique ao lado de sua mãe — disse-lhe.

Julie quis insistir.

— Obedeça! — disse Morrel.

Era a primeira vez que Morrel dizia à filha: — “Obedeça!” — Mas disse-o em tom tão cheio de paternal doçura que Julie não ousou dar um passo à frente.

Ela permaneceu no mesmo lugar, de pé, muda, imóvel. Momentos depois, a porta se abriu: ela sentiu dois braços a cercarem, uma boca colar em sua frente.

Ergueu os olhos e deu um grito de alegria.

— Maximilien! Meu irmão! — exclamou ela.

Ao ouvir esse grito, a senhora Morrel correu e lançou-se aos braços do filho.

— Mamãe — disse o jovem olhando sucessivamente a senhora Morrel e a irmã —, então o que há? O que aconteceu? A sua carta me assustou e corri para cá.

— Julie — disse a senhora Morrel, fazendo sinal ao jovem —, vá contar a seu pai que Maximilien acaba de chegar.

A jovem correu para fora do apartamento, mas ao pé da escada encontrou um homem segurando uma carta.

— Não é a senhorita Julie Morrel? — perguntou o homem, com acentuado sotaque italiano.

— Sim, senhor — respondeu Julie, balbuciante —, mas o que deseja? Não o reconheço.

— Leia esta carta — disse o homem, estendendo-lhe um bilhete. Julie hesitava.

— Trata-se da salvação de seu pai — disse o mensageiro.

A jovem arrancou-lhe o bilhete das mãos.

Então, abriu-o rapidamente e leu: Vá imediatamente às alamedas de Meilhan, entre no prédio nº 15, peça na portaria a chave do apartamento do quinto andar, entre nesse apartamento, pegue no canto da lareira uma bolsa de seda vermelha e leve essa bolsa a seu pai.

É importante que seu pai a receba antes das onze horas.

A senhorita prometeu obedecer-me cegamente: lembro-lhe a sua promessa.

SIMBAD, O MARUJO.

A jovem deu um grito de alegria, ergueu os olhos: procurou o homem que lhe entregara o bilhete para interrogá-lo, mas ele havia desaparecido.

Então levou os olhos ao bilhete para lê-lo novamente e percebeu que havia um *post-scriptum*.

Leu:

É importante que a senhorita cumpra essa missão pessoalmente e sozinha; se for acompanhada, ou se mandar alguém em seu lugar, o porteiro dirá que não sabe do que se trata.

Este *post-scriptum* diminuiu consideravelmente a alegria da jovem. Não teria algo a temer? Não seria alguma armadilha que lhe preparavam? A sua inocência permitia-lhe ignorar que perigos corria uma jovem de sua idade, mas não é preciso conhecer o perigo para temê-lo — pode-se até mesmo observar: são justamente os perigos desconhecidos que inspiram os maiores terrores.

Julie hesitava... Resolveu pedir conselho.

Mas, devido a um estranho sentimento, não foi à mãe ou ao irmão que recorreu: foi a Emmanuel.

Ela desceu, contou-lhe o que lhe acontecera naquele dia em que o representante da casa Thomson e French viera ao gabinete de seu pai; contou-lhe a recente cena da escada, repetiu-lhe a promessa que ela fizera, mostrou-lhe a carta.

— É preciso ir até lá, senhorita... — disse Emmanuel.

— Ir até lá? — murmurou Julie.

— Sim... Eu vou acompanhá-la.

— Mas você não viu que devo ir sozinha? — perguntou Julie.

— Você vai sozinha — respondeu o jovem —: eu vou esperá-la na esquina da rua do Museu; se você demorar a ponto de me deixar preocupado, então vou a seu encontro e garanto: pobres daqueles de quem você se queixar!

— Então, Emmanuel — disse, hesitando, a jovem —, você acha que devo aceitar o convite?

— Deve... O mensageiro não lhe disse que se trata da salvação de seu pai?

— Mas afinal, Emmanuel, que perigo ele corre? — perguntou a jovem.

Emmanuel hesitou por um momento, mas a vontade de convencer a jovem de uma só vez e sem demora venceu.

— Escute — disse ele —, hoje é dia 5 de setembro, não é?

— É.

— Hoje, às onze horas, o seu pai terá de pagar quase trezentos mil francos.

— Sim, nós sabemos.

— Então — disse Emmanuel —, ele não tem nem quinze mil no caixa.

— Então o que vai acontecer?

— Vai acontecer que se hoje, até às onze horas, o seu pai não encontrar alguém que o ajude, ao meio-dia se verá obrigado a declarar falência.

— Ah, venha, venha! — exclamou a jovem, arrastando o jovem consigo.

Enquanto isso, a senhora Morrel contara tudo a seu filho.

O jovem bem sabia que, em consequência das sucessivas desgraças que vitimaram seu pai, grandes mudanças tinham reduzido drasticamente as despesas da casa; mas não sabia que as coisas tinham chegado a tal ponto.

Ele ficou arrasado.

Depois, de repente, ele correu para fora do apartamento, subiu depressa a escada, pois imaginava que o pai estava em seu gabinete, mas bateu em vão.

Quando estava à porta do gabinete, ouviu a porta do apartamento abrir-se, voltou-se e viu o pai. Em vez de ir direto para o gabinete, o senhor Morrel voltara a seu quarto, de onde só agora saía.

O senhor Morrel deu um grito de surpresa ao ver Maximilien; não sabia que o jovem havia chegado. Ele permaneceu imóvel no mesmo lugar, apertando com o braço esquerdo um objeto que escondera sob a casaca.

Maximilien desceu rapidamente a escada e atirou-se aos braços do pai, mas de repente recuou, deixando apenas a mão direita apoiada ao peito do pai.

— Papai — disse ele, tornando-se pálido como a morte —, então me diga, por que tem um par de pistolas debaixo da casaca?

— Oh, é isso que eu temia! — exclamou Morrel.

— Papai, papai! Em nome do céu — exclamou o jovem —, para que essas armas?

— Maximilien — respondeu Morrel, olhando o filho fixamente —, você é um homem, e um homem honrado; venha, vou lhe contar.

E Morrel subiu em passos firmes a seu gabinete, enquanto Maximilien o seguia cambaleando.

Morrel abriu a porta e fechou-a atrás do filho, depois atravessou a sala de espera, aproximou-se da escrivaninha, colocou as pistolas no canto da mesa e apontou para o filho um livro-registro aberto.

O livro mostrava o exato estado da situação.

Dentro de meia hora, Morrel teria de pagar duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos.

Possuía um total de quinze mil e duzentos e cinquenta e sete francos.

— Leia — disse Morrel.

O jovem leu e ficou por um momento esmagado.

Morrel não dizia uma palavra: o que poderia dizer para acrescentar à inexorável sentença dos números?

— E já fez de tudo, papai — disse o jovem, ao fim de um momento —, para tentar evitar essa desgraça?

— Fiz — respondeu Morrel.

— Não espera nenhum pagamento?

— Nenhum.

— Esgotou todos os seus recursos?

— Todos.

— E em meia hora — disse Maximilien, com voz sombria — o nosso nome estará desonrado?!

— O sangue lava a desonra — disse Morrel.

— Tem razão, papai: eu o compreendo.

Então, estendendo a mão às pistolas: — Há uma para você, uma para mim — disse ele —: obrigado!

Morrel deteve a sua mão.

— E a sua mãe... e a sua irmã... quem vai alimentá-las?

Um arrepio percorreu todo o corpo do rapaz.

— Papai — disse ele —, pensa em pedir-me para sobreviver?

— Sim, é o que lhe digo — disse Morrel —, pois este é seu dever... Tem um espírito calmo e forte, Maximilien... Você não é um homem comum, Maximilien... Não lhe peço nada, não lhe ordeno nada, apenas lhe digo: examine a situação como se fosse um estranho e julgue por si mesmo.

O jovem refletiu por um instante; então uma expressão de sublime resignação surgiu em seus olhos; apenas arrancou dos

ombros, com movimentos lentos e tristes, a dragona e a contradragona, insígnias de sua patente.

— Está bem — disse ele, estendendo a mão a Morrel —, morra em paz, papai! Eu viverei.

Morrel fez um gesto para ajoelhar-se diante do filho, Maximilien puxou-o para si, os dois nobres corações bateram por um instante um contra o outro.

— Sabia que não é culpa minha? — disse Morrel.

Maximilien sorriu.

— Sei, papai: você é o homem mais honesto que conheci em minha vida.

— Está bem, tudo está dito: agora volte para perto de sua mãe e de sua irmã.

— Papai — disse o jovem, ajoelhando-se —, abençoe-me!

Morrel pegou a cabeça do filho entre as mãos, aproximou-a e beijou-a várias vezes: — Ah, sim, sim! — exclamou ele. — Eu o abençoo em meu nome e em nome de três gerações de homens irrepreensíveis; então escute o que eles lhe dizem através de minha voz: o edifício que a desgraça destruiu pode ser reconstruído pela Providência. Ao me verem morto de semelhante morte, os mais inflexíveis terão piedade de você; talvez lhe deem o tempo que me teriam recusado; então faça com que a palavra *infame* não seja pronunciada; ponha mãos à obra: trabalhe, jovem, lute árdua e corajosamente; vivam, você, sua mãe e sua irmã, do estritamente necessário, para que, dia a dia, os bens daqueles a quem devo aumentem e frutifiquem em suas mãos. Pense que será um belo dia, um grande dia, um dia solene, o da reabilitação; o dia em que, aqui neste escritório, você dirá: meu pai morreu porque não podia fazer o que faço hoje; mas morreu tranquilo e calmo, porque ao morrer sabia que eu o faria.

— Ah, papai, papai! — exclamou o jovem. — Se, todavia, você pudesse viver!

— Se eu viver, tudo muda; se eu viver, o interesse se transforma em dúvida, a piedade se transforma em fúria; se eu viver, não serei mais do que um homem que faltou à sua palavra, que falhou em seus compromissos; enfim, não serei mais do que um falido. Se eu

morrer, pelo contrário, pense nisso, Maximilien: meu cadáver não será mais que o de um homem honesto e infeliz. Vivo, os meus melhores amigos evitarão a minha casa; morto, Marselha inteira me seguirá chorando à minha última morada. Vivo, você terá vergonha de meu nome; morto, você erguerá altivamente a cabeça e dirá: “— Sou filho daquele que se matou porque, pela primeira vez, foi obrigado a faltar à sua palavra.”

O jovem deu um gemido, mas pareceu resignado. Era a segunda vez que a convicção entrava não em seu coração, mas em seu espírito.

— E agora — disse Morrel — deixe-me sozinho, e trate de afastar as mulheres.

— Não quer rever a minha irmã? — perguntou Maximilien.

Para o jovem, uma última e surda esperança escondia-se nesse encontro — por isso o sugeria.

O senhor Morrel balançou a cabeça.

— Eu a vi de manhã — disse ele — e já me despedi dela.

— Não tem alguma recomendação especial a me fazer, papai? — perguntou Maximilien em voz comovida.

— Sim, de fato, meu filho: uma recomendação sagrada.

— Diga, papai.

— A casa Thomson e French foi a única que por humanidade, ou talvez por egoísmo, mas não cabe a mim ler no coração dos homens, teve piedade de mim. O seu representante, o mesmo que, dentro de dez minutos, vai aparecer aqui para receber o montante de uma promissória de duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos, não direi que me concedeu, mas ofereceu-me três meses. Que essa casa seja a primeira a ser reembolsada, meu filho... Que esse homem lhe seja sagrado.

— Está bem, papai — disse Maximilien.

— E agora, mais uma vez, adeus — disse Morrel —; vai, vai, preciso ficar sozinho; você vai encontrar o meu testamento na escrivaninha do meu quarto.

O jovem continuou de pé, imóvel, tendo apenas força de vontade, mas não de execução.

— Escute, Maximilien — disse o pai —: suponha que eu seja um soldado, como você; que eu tenha recebido a ordem de tomar um reduto, e que você saiba que eu devo morrer ao tomá-lo; não me diria o que disse há pouco: “Vai, papai, pois ficar é desonra, mais vale a morte do que a vergonha!”?

— Sim, sim — disse o jovem —, sim. — E apertando convulsivamente Morrel em seus braços: — Vai, papai — disse ele.

E correu para fora do gabinete.

Quando o filho saiu, por um instante Morrel ficou de pé, com os olhos fixos na porta; então estendeu a mão, encontrou o cordão da campainha e puxou-o.

Instantes depois, Coclès apareceu.

Ele já não era mais o mesmo homem: aqueles três dias de condenação o haviam esmagado. Esta ideia: “a casa Morrel vai parar de pagar” prostrava-o no chão mais do que o fariam vinte anos a mais nas costas.

— Meu bom Coclès — disse Morrel, em tom inexprimível —, você vai ficar na sala de espera. Quando esse senhor, que já veio há três meses, você se lembra, o representante da casa Thomson e French, aparecer, anuncie-o.

Coclès não respondeu; fez um sinal com a cabeça, foi sentar-se na sala de espera e aguardou.

Morrel caiu em sua cadeira; os seus olhos fixaram-se no pêndulo: restavam-lhe sete minutos, nada mais; o ponteiro andava com uma rapidez incrível; parecia-lhe que o via se mover.

O que então se passou, nesse momento supremo, no espírito desse homem que ainda jovem, em consequência de um raciocínio talvez falso, mas ao menos justificável, ia separar-se de tudo o que amava no mundo e deixar a vida, que tinha a seu favor todas as doçuras da família, é impossível exprimir; para se ter uma ideia, seria preciso ver a sua testa coberta de suor, todavia resignada, e os seus olhos molhados de lágrimas, todavia erguidos para o céu.

O ponteiro não parava de andar; as pistolas estavam carregadas; ele estendeu a mão, pegou uma pistola, murmurou o nome da filha.

Depois pousou a arma fatal, pegou a pena e escreveu algumas palavras.

Então lhe pareceu que não se despedira o suficiente de sua filha querida.

Depois, voltou-se para o relógio: já não contava mais os minutos, mas os segundos.

Pegou a arma, com a boca entreaberta, olhos fixos no ponteiro; então estremeceu ao barulho que ele mesmo fazia ao engatilhar a pistola.

Nesse momento, um suor mais frio brotou em sua testa, uma angústia mais mortal apertou-lhe o coração.

Ouviu a porta da escada ranger em seus gonzos.

Ouviu a porta de seu gabinete se abrir.

O relógio ia dar onze horas.

Morrel não se voltou; esperava as palavras de Coclès: “O representante da casa Thomson e French...”

E aproximava a arma da boca...

De repente ouviu um grito: era a voz de sua filha.

Voltou-se e viu Julie: a pistola escapou-lhe das mãos.

— Papai! — exclamou a jovem, sem fôlego, quase morrendo de alegria. — Salvo! Você está salvo!

E ela lançou-se a seus braços, erguendo na mão uma bolsa vermelha de seda.

— Salvo, minha filha?! — exclamou Morrel. — O que você quer dizer?

— Sim, salvo! Veja, veja! — exclamou a jovem.

Morrel pegou a bolsa e estremeceu: vaga recordação lembrou-lhe que esse objeto lhe pertencera.

De um lado estava a promissória de duzentos e oitenta e sete mil e quinhentos francos.

A promissória estava paga.

Do outro lado estava um diamante do tamanho de uma avelã, com essas três palavras escritas em um pedacinho de pergaminho: “Dote de Julie.”

Morrel passou a mão pela testa: imaginava sonhar.

Nesse momento, o relógio soou onze horas.

Para ele, o som vibrava como se cada pancada do martelo de aço vibrasse em seu próprio coração.

— Vamos, minha filha — disse ele —: explique-se. Onde encontrou esta bolsa?

— Em um apartamento das alamedas de Meilhan, número 15, no canto da lareira de um pobre quartinho do quinto andar.

— Mas — exclamou Morrel — esta bolsa não é sua.

Julie estendeu ao pai a carta que recebera pela manhã.

— E você foi sozinha a essa casa? — perguntou Morrel, depois de ler.

— Emmanuel me acompanhou, papai. Ele devia me esperar na esquina da rua do Museu... Mas, que coisa estranha: quando eu voltei, ele já não estava mais lá.

— Senhor Morrel! — exclamou uma voz na escada. — Senhor Morrel!

— É a voz dele — disse Julie.

Neste momento, Emmanuel entrou, com o rosto transfigurado pela alegria e pela emoção.

— O Faraó! — exclamou ele. — O Faraó!

— O Faraó o quê? Você ficou louco, Emmanuel? Você bem sabe que o Faraó naufragou.

— O Faraó!... Senhor: avistaram o Faraó! O Faraó está entrando no porto...

Morrel caiu em sua cadeira: as forças lhe faltavam; a sua inteligência recusava-se a classificar essa série de acontecimentos incríveis, insólitos, fabulosos.

Mas seu filho também entrou: — Papai — exclamou Maximilien —, então você disse que o Faraó naufragou? A vigia o avistou, dizem que ele está entrando no porto.

— Meus amigos — disse Morrel —: se fosse verdade, seria preciso acreditar em um milagre de Deus! Impossível, impossível!

Mas o que era real e não menos incrível era aquela bolsa que ele segurava em suas mãos, aquela promissória quitada, aquele maravilhoso diamante.

— Ah, senhor! — exclamou Coclès por sua vez. — Que significa isto, o Faraó?

— Vamos, meus filhos — disse Morrel, levantando-se —, vamos ver, e, se for uma notícia falsa, que Deus tenha piedade de nós.

Eles desceram; no meio da escada, a senhora Morrel os esperava: a pobre mulher não se atrevera a subir.

Num instante, chegaram à rua Canebière.

Havia uma multidão no porto.

Toda essa multidão abriu alas para Morrel passar.

— O Faraó, o Faraó! — exclamavam todas as vozes.

De fato, coisa maravilhosa, insólita: em frente à torre de São João, um navio levava na popa essas palavras escritas em letras brancas: — *O Faraó; Morrel e filhos, de Marselha* — e era exatamente igual ao outro Faraó, e como o outro carregava tecidos e índigo; ancorava e recolhia as suas velas; na ponte, o capitão Gaumard dava as suas ordens, o mestre Penelon fazia sinais ao senhor Morrel.

Já não havia mais dúvida: o testemunho dos sentidos estava ali — dez mil pessoas confirmavam esse testemunho.

Enquanto Morrel e seu filho se abraçavam no cais, ante os aplausos de toda a cidade a testemunhar aquele prodígio, um homem, com o rosto meio coberto por uma barba negra, escondido atrás da guarita de uma sentinela, contemplava aquela cena com ternura, murmurando estas palavras: — Seja feliz, nobre coração... Seja abençoado por todo o bem que fez e que ainda fará, e que minha gratidão permaneça na sombra, como as suas boas ações.

E, com um sorriso em que se revelavam a alegria e a felicidade, deixou o seu esconderijo; sem que ninguém lhe desse atenção — todos estavam ocupados com o acontecimento do dia —, ele desceu uma das pequenas escadas que servem de ancoradouro e chamou três vezes: — Jacopo! Jacopo! Jacopo!

Então um bote veio até ele, acolheu-o a bordo e levou-o a um iate ricamente equipado; ele lançou-se ao convés com a agilidade de um marinheiro; então olhou mais uma vez Morrel, que, chorando de alegria, distribuía cordiais apertos de mão a toda aquela multidão, agradecendo com vago olhar àquele benfeitor desconhecido que ele parecia procurar no céu.

— E agora — disse o homem desconhecido —, adeus bondade, humanidade, gratidão... Adeus a todos os sentimentos que alargam o coração!... Substituí a Providência para recompensar os bons... Que o Deus vingador ceda-me o seu lugar para punir os maus!

A essas palavras, fez um sinal e, como se só esperasse esse sinal para partir, o iate logo rumou para o alto-mar.

XXXI. ITÁLIA. — SIMBAD, O MARUJO

No início do ano de 1838, encontravam-se em Florença dois jovens pertencentes à mais elegante sociedade de Paris. Um era o visconde Albert de Morcerf;⁶ o outro, o barão Franz d'Épinay. Eles tinham combinado que passariam o carnaval em Roma, onde Franz, que morava na Itália havia cerca de quatro anos, serviria de cicerone a Albert.

Ora, como não é corriqueiro passar o carnaval em Roma, principalmente quando não se pretende dormir na praça do Povo ou no Campo-Vaccino, eles escreveram ao mestre Pastrini, dono do hotel de Londres, na praça da Espanha, pedindo que lhes reservasse um apartamento confortável.

Mestre Pastrini respondeu que só dispunha de dois quartos e um banheiro situados *al secondo piano*,⁷ que lhes oferecia pela módica quantia de um luís por dia. Os dois jovens aceitaram; então, querendo aproveitar o tempo que lhe restava, Albert partiu para Nápoles.

Quanto a Franz, ficou em Florença. Depois de gozar por algum tempo a vida proporcionada pela cidade dos Médicis, depois de passear bastante naquele Éden chamado Casines, depois de ser recebido nos palácios magníficos que fazem as honras de Florença, como já conhecia a Córsega, berço de Napoleão Bonaparte, ele teve a fantasia de conhecer a ilha de Elba, grande anfitriã de Napoleão.

Certa noite, portanto, ele soltou uma *barchetta*⁸ da argola de ferro que a prendia ao porto de Livorno, deitou-se no fundo, sobre a

sua capa, e só disse aos marinheiros estas palavras: — “Para a ilha de Elba!”

A barca deixou o porto como a ave marinha deixa o ninho e no dia seguinte Franz desembarcava em Porto-Ferraio.

Franz atravessou a ilha imperial, depois de seguir todos os traços que os passos do gigante nela deixara, e foi embarcar em Marciana.

Duas horas depois de deixar a terra, voltou a pisá-la ao descer na Pianosa, onde diziam que o esperavam infinitos voos de perdizes vermelhas.

A caçada foi das piores. Com muito esforço, Franz matou algumas magras perdizes e, como qualquer caçador que se cansa à toa, voltou à barca bastante mal-humorado.

— Ah, se Vossa Excelência quisesse — disse o capitão —, faria uma bela caçada!

— E onde isso?

— Está vendo essa ilha? — continuou o capitão, apontando o dedo para o sul e mostrando uma massa cônica que saía do meio do mar pintado pelo mais belo índigo.

— Bem, que ilha é essa? — perguntou Franz.

— É a ilha de Monte-Cristo — respondeu o livornês.

— Mas eu não tenho licença para caçar nessa ilha.

— Vossa Excelência não precisa de licença: a ilha é deserta.

— Ah, nossa — disse o jovem —, uma ilha deserta no meio do mar Mediterrâneo, que coisa curiosa...

— Coisa natural, Excelência... Essa ilha é um banco de rochedos... Em toda a sua superfície, talvez não haja um alqueire de terra cultivável.

— E a quem pertence essa ilha?

— À Toscana.

— Que caça encontraria lá?

— Milhares de cabras selvagens.

— Que vivem de lambar pedras... — disse Franz, com sorriso cético.

— Não, mas ruminando as urzes, as murtas e as aroeiras que crescem entre as pedras.

— E onde eu dormiria?

— Em terra firme, nas cavernas, ou a bordo, em sua capa. Aliás, se Vossa Excelência quiser, podemos partir logo depois da caçada... Sabe que a gente navega tão bem de noite quanto de dia... Na falta de vela, temos os remos.

Como sobrava tempo a Franz antes de reencontrar o seu companheiro, como já não precisava mais se preocupar com onde se alojar em Roma, aceitou a proposta, para compensar a frustração da primeira caçada.

À sua resposta afirmativa, os marinheiros trocaram entre si algumas palavras em voz baixa.

— Bem, e então? — perguntou Franz. — O que há de novo? Surgiu algum empecilho?

— Não — disse o capitão. — Mas temos que prevenir Vossa Excelência: a ilha se encontra em contumácia.

— Que quer dizer isso?

— Quer dizer que, como Monte-Cristo é desabitada, como às vezes serve de escala a contrabandistas e piratas que vêm da Córsega, da Sardenha ou da África, se algum sinal denunciar a nossa passagem pela ilha, ao voltar a Livorno seremos obrigados a ficar em quarentena por seis dias...

— Diabo, isso muda tudo! Seis dias? Exatamente o tempo que Deus precisou para criar o mundo... É um pouco demais, meus filhos.

— Mas quem diria que Sua Excelência esteve em Monte-Cristo?

— Oh, eu não! — exclamou Franz.

— Nós também não! — exclamaram os marinheiros.

— Neste caso, vamos para Monte-Cristo.

O capitão comandou a manobra; apontaram a proa para a ilha e a barca começou a navegar em sua direção.

Franz esperou a manobra acabar e, quando a nova rota já tinha sido tomada, quando a vela fora inflada pela brisa, quando os quatro marinheiros retomaram os seus lugares — três à proa, um ao leme —, voltou à conversa.

— Meu caro Gaetano — disse ele ao capitão —, acho que acaba de me dizer que a ilha de Monte-Cristo servia de refúgio a piratas,

que me parecem ser uma caça bem diferente das cabras.

— Sim, Excelência, e é verdade.

— Eu bem que sabia da existência de contrabandistas, mas achava que, depois da tomada de Argel e da destruição da regência, os piratas só existissem nos romances de Coopere do capitão Marryat.⁹

— Pois bem, Vossa Excelência se engana... Existem piratas, assim como existem bandidos... Dizem que foram liquidados pelo papa Leão XII, mas todo dia assaltam viajantes até nas portas de Roma. Não ouviu dizer que há apenas seis meses o encarregado de negócios da França na Santa Sé foi assaltado a quinhentos passos de Velletri?

— É verdade.

— Pois bem: se, como nós, Vossa Excelência morasse em Livorno, de vez em quando ouviria dizer que um naviozinho carregado de mercadorias, ou que um belo iate inglês esperado em Bastia, Porto-Ferraio ou Civitavecchia, não chegou, ninguém sabe o que lhe aconteceu, sem dúvida se espatifou contra algum rochedo... Pois bem, esse rochedo que ele encontrou é uma barca baixa e estreita, tripulada por seis ou oito homens que o surpreenderam ou o pilharam em uma noite escura e tempestuosa, perto de alguma ilha selvagem e desabitada, assim como os bandidos surpreendem e pilham uma diligência perto de algum bosque.

— Mas afinal — continuou Franz, que continuava estendido na barca — por que os que sofrem esses ataques não se queixam? Por que não apelam contra esses piratas ao governo francês, sardo ou toscano?

— Por quê? — perguntou Gaetano, com um sorriso.

— Sim... Por quê?

— Primeiro, porque transportam do navio ou do iate para a barca tudo o que tem valor... Depois amarram os pés e as mãos da tripulação, colocam no pescoço de cada homem uma bola de ferro de dez quilos, fazem um buraco do tamanho de uma barrica no casco do navio capturado, sobem para o convés, fecham as escotilhas e passam para a barca. Dez minutos depois, o navio

começa a ranger e gemer, pouco a pouco vai afundando. Primeiro mergulha um lado, depois o outro; então ele volta à tona, depois mergulha de novo, afundando cada vez mais. De repente ecoa um barulho igual ao de um tiro de canhão: é o ar arrebatando o convés. Então o navio se agita como um afogado se debatendo, com movimentos cada vez mais pesados. Logo, a água, comprimida demais nas cavidades, jorra das fendas, como as colunas líquidas lançadas pelas ventas de uma baleia gigante. Enfim, o navio dá o seu último suspiro, dá uma última volta ao redor de si mesmo e desaparece, cavando no abismo um vasto funil que turbilhona por um instante, preenche-se aos poucos e acaba desaparecendo completamente, tanto que ao cabo de cinco minutos só o olho de Deus descobriria no fundo daquele mar tranquilo o navio desaparecido.

— Agora compreende — acrescentou o capitão, sorrindo — por que o navio não volta ao porto, por que a tripulação não dá queixa?

Se Gaetano tivesse contado essa história antes de propor a expedição, provavelmente Franz pensaria duas vezes antes de partir; mas já haviam partido e pareceu-lhe covardia recuar. Franz era um desses homens que não correm atrás do perigo, mas que quando o perigo se apresenta mostram inalterável sangue-frio para combatê-lo: era um desses homens de vontade tranquila que encaram um perigo na vida como um adversário em um duelo, que calculam os seus movimentos, estudam as suas forças, recuam o bastante para retomar fôlego, não o bastante para parecerem covardes, e, compreendendo num só olhar todas as suas vantagens, matam de um só golpe.

— Bah — disse Franz —, já atravessei a Sicília e a Calábria, naveguei durante dois meses no Arquipélago,¹⁰ mas nunca vi nem sombra de bandido ou de pirata.

— Mas eu não disse isso a Vossa Excelência — fez Gaetano — para levá-lo a desistir de seu plano... Apenas respondi às suas perguntas.

— Sim, meu caro Gaetano, e a sua conversa é das mais interessantes... Então, como quero ter o prazer de ouvi-lo tanto

quanto possível, vamos para Monte-Cristo.

Entretanto, aproximavam-se rapidamente do fim da viagem — sopravam bons ventos e a barca navegava a seis ou sete milhas por hora. À medida que se aproximavam, a ilha parecia sair crescente do seio do mar; e, através da atmosfera límpida dos últimos raios de sol, distinguia-se, como balas de canhão num arsenal, o amontoado de pedras empilhadas umas sobre as outras; entre as pedras, apareciam as moitas vermelhas e as árvores verdes. Quanto aos marinheiros, embora parecessem perfeitamente tranquilos, era evidente que sua vigilância estava desperta: seus olhares interrogavam o vasto espelho por onde deslizavam, onde somente alguns barcos de pescadores com as suas velas brancas povoavam o horizonte, balançando como gaivotas nas cristas das ondas.

Estavam a cerca de apenas quinze milhas de Monte-Cristo quando o sol começou a se pôr atrás da Córsega, cujas montanhas apareciam à direita, recortando o céu com os seus dentes sombrios; a massa de pedras, semelhante ao gigante Adamastor, erguia-se ameaçadora diante da barca, roubando-lhe o norte dourado do sol; aos poucos a sombra subiu do mar, parecendo expulsar de sua frente os últimos reflexos da luz a extinguir-se; enfim, o raio luminoso foi lançado ao cimo do cone, onde parou por um momento, como as plumas inflamadas de um vulcão; enfim, a sombra, sempre ascendente, invadiu progressivamente o cume, como invadira a base, e a ilha apareceu como uma montanha cinza a tornar-se negra. Meia hora depois, era noite escura.

Felizmente os marinheiros se encontravam em suas paragens habituais — conheciam até o menor rochedo do arquipélago toscano; não fosse assim, no meio da profunda escuridão a envolver a barca, Franz não deixaria de ficar um tanto preocupado. A Córsega desaparecera completamente; a própria ilha de Monte-Cristo tornara-se invisível; mas, como o lince, os marinheiros pareciam ter o poder de ver entre as trevas, e o piloto, sempre no leme, não mostrava a menor hesitação.

O sol já se deitara havia cerca de uma hora quando Franz imaginou perceber, um quarto de milha à esquerda, uma massa sombria; mas era tão impossível adivinhar o que era aquela massa

que Franz, temendo provocar os risos dos marinheiros, confundindo algumas nuvens flutuantes com terra firme, manteve-se em silêncio. Todavia, de repente, um grande clarão surgiu na margem; a terra poderia assemelhar-se a uma nuvem, mas o fogo não era um meteoro.

— O que é esse clarão? — perguntou Franz.

— Ch! — disse o capitão. — É uma fogueira...

— Mas você não disse que a ilha era desabitada?

— Eu disse que a ilha não tinha população fixa, mas também disse que esta ilha é uma escala para contrabandistas...

— E para piratas?

— E para piratas — disse Gaetano, repetindo as palavras de Franz. — Foi por isso que dei ordens de ultrapassar a ilha: como vê, agora a fogueira está atrás de nós.

— Mas essa fogueira — continuou Franz — me parece mais um motivo de tranquilidade que de preocupação... Quem quisesse se esconder não acenderia essa fogueira.

— Ah, isso não quer dizer nada — fez Gaetano. — Se pudesse julgar, no meio da escuridão, a posição da ilha, veria que, no lugar em que está, essa fogueira não pode ser vista nem da costa, nem da Pianosa... Só pode ser vista do alto-mar.

— Então receia que essa fogueira nos anuncie má companhia?

— É disso que precisamos ter certeza — continuou Gaetano, com os olhos sempre fixos naquela estrela terrestre.

— E como ter certeza?

— Você vai ver.

Ao dizer essas palavras, Gaetano reuniu-se com os seus companheiros e, depois de cinco minutos de discussão, executaram em silêncio uma manobra e logo mudaram de rumo; então retomaram a rota anterior e, segundos depois da mudança de rumo, a fogueira desapareceu, escondida por algum acidente geográfico.

Então o piloto ao leme imprimiu nova direção ao pequeno navio, que se aproximou visivelmente da ilha e logo se viu a cerca de apenas cinquenta metros dela.

Gaetano desceu a vela e a barca ficou imóvel.

Tudo isso tinha sido feito no maior silêncio — aliás, desde a mudança de rumo, não fora pronunciada nenhuma palavra a bordo.

Gaetano, que propusera a expedição, assumira toda a responsabilidade por ela. Os quatro marinheiros não tiravam os olhos dele, enquanto preparavam os remos e colocavam-se a postos para remar — o que, graças à escuridão, não era difícil.

Quanto a Franz, preparava as suas armas com o sangue-frio que já vimos nele; tinha dois fuzis de cano duplo e uma carabina: carregou-os, verificou a carga e esperou.

Enquanto isso, o capitão tirara o capote e a camisa, prendera a calça ao redor da cintura e, como estava descalço, não precisara tirar os sapatos e as meias. Uma vez nesses trajes — ou melhor, livre desses trajes —, colocou um dedo nos lábios, fazendo sinal para conservarem o mais profundo silêncio, e, deixando-se cair no mar, nadou até a margem com tanto cuidado que era impossível ouvir o menor ruído. Apenas pelos sulcos fosforescentes abertos por seus movimentos era possível seguir os seus traços.

Logo até mesmo os sulcos desapareceram: era óbvio que Gaetano tocara a terra.

Todos na barca ficaram imóveis durante meia hora; então viram aparecer perto da margem e aproximarem-se da barca os mesmos sulcos luminosos. Instantes depois, em duas braçadas, Gaetano chegou à barca.

— E então? — perguntaram ao mesmo tempo Franz e os quatro marinheiros.

— Então! — disse Gaetano. — São contrabandistas espanhóis... Entre eles só há dois bandidos corsos.

— E que fazem esses dois bandidos corsos no meio desses contrabandistas espanhóis?

— Ah, meu Deus, Excelência — continuou Gaetano, em tom de profunda caridade cristã —, bem que é preciso ajudar-se uns aos outros. Os ladrões sempre se veem acossados em terra firme pelos gendarmes ou carabineiros... Então, eles encontram uma barca e, nessa barca, bons rapazes como nós. Eles vêm nos pedir hospitalidade em nossa casa flutuante. Como recusar ajuda a um pobre diabo que é perseguido? Nós o recebemos e, para maior

segurança, ganhamos o largo. Isto não nos custa nada e salva a vida ou, ao menos, a liberdade de um de nossos semelhantes, que, na próxima oportunidade, vai retribuir o favor que lhe fizemos indicando-nos um bom lugar onde poderemos desembarcar nossas mercadorias sem ser molestados pelos curiosos.

— Ah, é isso! — disse Franz. — Então você mesmo também é um pouco contrabandista, meu caro Gaetano?

— Ah, o que queria, Excelência! — disse ele com um sorriso impossível de descrever. — A gente faz um pouco de tudo... É preciso viver.

— Então você mantém relações com os homens que estão agora em Monte-Cristo?

— Mais ou menos... Nós outros marinheiros somos como os maçons: nós nos reconhecemos por certos sinais.

— E você acha que não teríamos nada a temer se também desembarcarmos?

— Absolutamente nada... Contrabandistas não são ladrões.

— Mas e esses dois bandidos corsos... — continuou Franz, já calculando todas as probabilidades de perigo.

— Ah, meu Deus! — suspirou Gaetano. — Ser bandidos não é culpa deles: é culpa das autoridades.

— Como assim?

— Claro: eles são perseguidos por ter feito uma pele, nada mais... Como se vingar-se não estivesse na natureza do corso!

— O que você entende por “ter feito uma pele”? Ter assassinado um homem? — perguntou Franz, prosseguindo as suas investigações.

— Eu entendo ter matado um inimigo — continuou o capitão —, o que é bem diferente.

— Pois bem! — fez o jovem. — Então vamos pedir hospitalidade aos contrabandistas e aos bandidos. Acha que eles vão nos conceder?

— Naturalmente.

— Quantos são?

— Quatro, Excelência: mais os dois bandidos, seis.

— Pois bem! Nós também somos seis... Assim, caso esses senhores demonstrem más intenções, dispomos de forças iguais: logo, capazes de contê-los. Assim, pela última vez, vá para Monte-Cristo.

— Sim, Excelência... Mas nos permite tomar mais algumas precauções?

— Como assim, meu caro! Seja sensato como Nestor, prudente como Ulisses. Faço mais do que permitir: exorto-o a tomá-las.

— Pois bem! Então, silêncio — fez Gaetano.

Todos se calaram.

Para um homem que, como Franz, via todas as coisas tais como eram, a situação, sem ser perigosa, não deixava de ter certa gravidade. Ele se achava na mais profunda escuridão, isolado, no meio do mar, com marinheiros que não o conheciam, que não tinham motivo algum para lhe ser dedicados; sabiam que ele levava no cinto alguns milhares de francos e, se não com inveja, ao menos com curiosidade, tinham dez vezes olhado as suas armas, que eram muito belas. Por outro lado, ele ia desembarcar, sem outra escolta a não ser esses homens, em uma ilha que tinha um nome muito religioso, mas que não parecia prometer a Franz hospitalidade maior do que o Calvário a Cristo, graças a seus contrabandistas e a seus bandidos. Ademais, aquela história de navios afundados, que julgara exagerada durante o dia, à noite parecia-lhe mais verdadeira. Assim, situado entre um duplo perigo talvez imaginário, mantinha os olhos naqueles homens e o fuzil à mão.

Entretanto, os marinheiros já tinham içado novamente as velas e retomado os mesmos sulcos cavados em tantas idas e vindas. Através da escuridão, Franz, já um pouco acostumado às trevas, entrevia o gigante de granito que o barco costeava; enfim, ultrapassando novamente o canto de um rochedo, viu a fogueira brilhar mais do que nunca e, ao redor da fogueira, cinco ou seis homens sentados.

O brilho da fogueira estendia-se a cem metros pelo mar. Gaetano costeou o brilho, mantendo todavia a barca na parte não iluminada; então, quando a barca ficou diante da fogueira, rumou para a luz e entrou bravamente no círculo luminoso entoando uma

canção de pescadores — ele cantava sozinho, seus companheiros apenas repetiam o refrão em coro.

Aos primeiros sons da canção, os homens sentados ao redor da fogueira levantaram-se e se aproximaram do ancoradouro, com os olhos fixos na barca, tentando visivelmente julgar as suas forças e adivinhar as suas intenções. Logo pareceram satisfeitos e — à exceção de um só homem, que ficou de pé na margem — voltaram a sentar-se ao redor da fogueira, diante da qual assava um cabrito inteiro.

Quando o barco chegou a vinte metros da terra, o homem que estava de pé na margem fez maquinalmente, com a sua carabina, o gesto de uma sentinela que espera uma patrulha e gritou “quem vem lá?” em dialeto sardo.

Franz armou friamente a sua carabina.

Então Gaetano trocou algumas palavras com aquele homem — Franz não entendeu nada, mas evidentemente falavam dele.

— Vossa Excelência prefere dizer o seu nome ou se manter incógnito? — perguntou o capitão.

— O meu nome deve ficar perfeitamente desconhecido... Então, diga-lhe apenas — continuou Franz — que sou um francês viajando a bel-prazer.

Quando Gaetano transmitiu essa resposta, a sentinela deu uma ordem a um dos homens sentados diante da fogueira: ele logo se levantou e desapareceu entre as pedras.

Fez-se silêncio. Cada um parecia preocupado com os seus próprios assuntos: Franz com o seu desembarque, os marinheiros com as suas velas, os contrabandistas com o seu cabrito; entretanto, em meio a essa aparente despreocupação, todos se observavam uns aos outros.

O homem que se afastara reapareceu, de repente, no lado oposto àquele em que desaparecera. Ele fez um sinal de cabeça à sentinela, que se voltou para o lado da barca, contentando-se em pronunciar estas únicas palavras: — *S’accomodi*.

O *s’accomodi* italiano é intraduzível; quer dizer, ao mesmo tempo, venha, entre, seja bem-vindo, sinta-se em casa, você é quem manda... É como aquela frase turca de Molière que tanto

espantava o burguês fidalgo pela imensidão de coisas que continha.¹¹

Os marinheiros não pediram que repetissem: em quatro remadas, a barca tocou a terra. Gaetano saltou à praia, trocou algumas palavras em voz baixa com a sentinela; os seus companheiros desceram uns atrás dos outros; então, finalmente, chegou a vez de Franz.

Ele levava um de seus fuzis ao peito; Gaetano levava o outro; um dos marinheiros levava a sua carabina. As suas roupas eram ao mesmo tempo as de um artista e as de um dândi — não inspiraram aos anfitriões nenhuma suspeita; logo, nenhuma preocupação.

Amarraram a barca à margem, deram alguns passos para procurar um acampamento cômodo; mas certamente o local escolhido não era o preferido pelo contrabandista que conservava o posto de vigia, pois ele gritou a Gaetano: — Aí não, por favor.

Gaetano balbuciou uma desculpa e, sem insistir, dirigiu-se para o lado oposto, enquanto dois marinheiros, para iluminar o caminho, foram acender tochas na fogueira.

Deram cerca de trinta passos e pararam em uma pequena esplanada, toda cercada de pedras, nas quais tinham cavado espécies de assentos, semelhantes a pequenas guaritas, onde poderiam vigiar sentados. Ao redor, em veios de terra vegetal, cresciam alguns carvalhos anões e grossas moitas de murta. Franz abaixou uma tocha e percebeu, ante um monte de cinzas, que não era o primeiro a descobrir o conforto daquele local, que devia ser um dos lugares preferidos pelos visitantes nômades da ilha de Monte-Cristo.

Quanto à sua expectativa de acontecimentos extraordinários, ela desaparecera; assim que colocara o pé em terra firme, assim que percebera as disposições, se não amistosas, ao menos indiferentes de seus anfitriões, toda a sua preocupação desaparecera e, ao cheiro do cabrito a assar no acampamento vizinho, a preocupação transformara-se em apetite.

Ele trocou duas palavras sobre o recente acontecimento com Gaetano, que lhe respondeu: nada seria mais simples do que uma

ceia, quando se tinha, como eles, em sua barca, pão, vinho, seis perdizes e uma boa fogueira para assá-las.

— Aliás — acrescentou Gaetano —, se Vossa Excelência acha tão tentador o cheiro desse cabrito, posso ir oferecer a nossos vizinhos duas das nossas perdizes em troca de um pedaço do seu quadrúpede.

— Faça isso, Gaetano, faça... — disse Franz. — Realmente, você nasceu com o gênio da negociação.

Enquanto isso, os marinheiros tinham arrancado braçadas de urzes, tinham feito ramos de murtas e de carvalhos verdes, nos quais tinham posto fogo, o que formava uma fogueira bastante respeitável.

Assim, Franz esperava com impaciência — sem deixar de aspirar o aroma do cabrito — o retorno do capitão, quando o capitão voltou e dirigiu-se a ele parecendo muito preocupado.

— E então — perguntou Franz —, que há de novo? Rejeitaram a nossa oferta?

— Pelo contrário — fez Gaetano. — O chefe, a quem contaram que você era um jovem francês, convidou-o a cear com ele.

— Que bom! — disse Franz. — Mas esse chefe é um homem muito civilizado, não vejo por que recusar, tanto mais que levo a minha contribuição para a ceia.

— Oh, não é nada disso: a ceia já vai ser mais do que farta... Mas ele o convida à casa dele com uma condição...

— À casa dele?! — exclamou o jovem. — Então ele mandou construir uma casa?

— Não... Mas não deixa de ter uma casa muito confortável, ao menos é o que dizem.

— Então conhece esse chefe?

— Já ouvi falar dele.

— Falar bem ou mal?

— Bem e mal.

— Diabo, e qual é a condição?

— É você deixar vendiar os olhos e só tirar a venda quando ele mesmo lhe pedir.

Franz sondou como pôde o olhar de Gaetano para saber o que escondia aquele convite.

— Ah, nossa! — disse Gaetano, adivinhando o pensamento de Franz. — Sei muito bem: a coisa merece reflexão...

— O que faria em meu lugar? — perguntou o jovem.

— Eu, como não tenho nada a perder, iria.

— Você aceitaria?

— Sim, ao menos por curiosidade.

— Então há algo curioso a ver na casa desse chefe?

— Escute — disse Gaetano em voz baixa —, não sei se o que dizem é verdade...

Parou para ver se ninguém mais o ouvia.

— E o que dizem?

— Dizem que esse chefe mora num subterrâneo perto do qual o palácio Pitti é insignificante.

— Que sonho! — disse Franz, sentando-se.

— Oh, não é sonho — continuou o capitão —, é realidade! Cama, o piloto do Saint-Ferdinand, um dia entrou lá e saiu maravilhado, dizendo que tesouros semelhantes só existem nos contos de fadas.

— Ah, claro... Mas, sabe — disse Franz —, com essas palavras você me faria descer à caverna de Ali Babá!

— Eu lhe disse o que me disseram, Excelência.

— Então você me aconselha a aceitar?

— Oh, eu não disse isso! Vossa Excelência agirá segundo a sua vontade. Eu não desejaria lhe dar conselhos num momento desses.

Franz refletiu por um momento; compreendeu que aquele homem tão rico não poderia querer roubá-lo — a ele que só levava consigo poucos milhares de francos; como nada entrevia em tudo aquilo além de uma excelente ceia, aceitou.

Gaetano foi levar a resposta.

Entretanto, como dissemos, Franz era prudente: quis saber todos os detalhes possíveis sobre o anfitrião estranho e misterioso. Então, voltou-se para o marinheiro que, durante esse diálogo, depenara as perdizes com a gravidade de um homem orgulhoso de

suas funções, perguntando-lhe como aqueles homens poderiam ter desembarcado, já que não se viam barcas, veleiros ou tartanas.

— Eu não estou preocupado com isso — disse o marinheiro —, sei em que barco eles navegam.

— É um belo barco?

— Desejo um barco igual a Vossa Excelência para dar a volta ao mundo.

— Qual é a sua potência?

— Pode levar cerca de cem tonéis. Além disso, é um barco de fantasia; um iate, como dizem os ingleses; mas construído, veja só, de modo a enfrentar o mar em qualquer tempo.

— E onde foi construído?

— Não sei. Mas acho que é genovês.

— E como um chefe de contrabandistas — continuou Franz — ousa mandar construir um iate destinado a seu comércio ilegal no porto de Gênova?

— Eu não disse que o proprietário desse iate é um contrabandista — disse o marinheiro.

— Não, mas acho que Gaetano disse.

— Gaetano tinha visto a tripulação de longe, mas ainda não tinha falado com ninguém.

— Mas, se esse homem não é um chefe de contrabandistas, quem é ele?

— Um rico senhor que viaja por prazer.

Vamos, pensou Franz, o personagem se torna mais misterioso, já que as versões são diferentes.

— E como ele se chama?

— Quando lhe perguntam o nome, ele diz que se chama Simbad, o Marujo. Mas duvido que esse seja o seu verdadeiro nome.

— Simbad, o Marujo?

— É.

— E onde mora esse senhor?

— No mar.

— De que país ele é?

— Não sei.

— Você o viu?

— Algumas vezes.

— Como é esse homem?

— Vossa Excelência vai julgar por si mesmo.

— E onde ele vai me receber?

— Naturalmente, no palácio subterrâneo de que falou Gaetano.

— E vocês nunca tiveram a curiosidade, quando fizeram escala aqui e a ilha estava deserta, de tentar entrar nesse palácio encantado?

— Ah, claro, Excelência — disse o marinheiro —, mais de uma vez... Mas as nossas tentativas sempre foram vãs. Revistamos a caverna de todos os lados e nunca encontramos a menor passagem. Além disso, dizem que a porta não se abre com uma chave, mas com uma palavra mágica.

— Vamos, decididamente — murmurou Franz —, agora embarquei em um conto das *Mil e uma noites*.

— Sua Excelência o espera — disse atrás dele uma voz que ele reconheceu como a da sentinela.

O recém-chegado estava acompanhado por dois homens da tripulação do iate.

Como única resposta, Franz pegou seu lenço e passou-o àquele que lhe dirigia a palavra.

Sem dizerem uma única palavra, vendaram-lhe os olhos com um cuidado que mostrava o temor de que ele cometesse alguma indiscrição; então o fizeram jurar que de maneira alguma tentaria tirar a venda.

Ele jurou.

Então os dois homens o tomaram, cada um por um braço, e ele avançou guiado por ambos e precedido pela sentinela.

Cerca de trinta passos depois, pelo aroma cada vez mais apetitoso do cabrito, ele percebeu que passava diante do acampamento; então, fizeram-no continuar o trajeto por mais cinquenta passos, avançando evidentemente para o lado onde não tinham deixado Gaetano entrar — proibição que agora se explicava. Pela mudança de atmosfera, ele logo compreendeu que entrava em um subterrâneo; ao cabo de alguns segundos de marcha, ouviu um

estalo e pareceu-lhe que a atmosfera mudara mais uma vez, tornando-se quente e perfumada; enfim sentiu que seus pés pisavam em um tapete grosso e mole; os seus guias o soltaram. Fez-se um momento de silêncio e uma voz disse em bom francês, embora com certo sotaque estrangeiro: — Seja bem-vindo a minha casa, senhor... Pode tirar a sua venda.

Como bem imaginamos, Franz não esperou repetirem o convite; tirou o seu lenço e encontrou-se diante de um homem de trinta e oito a quarenta anos, vestindo um traje tunisiano — isto é, um boné vermelho com longa borla de seda azul, um casaco de tecido negro todo bordado em ouro, calças em tom sangue-de-boi largas e bufantes, polainas da mesma cor bordadas em ouro como o casaco, chinelos amarelos; uma magnífica caxemira envolvia-lhe a cintura e um pequeno punhal agudo e curvo atravessava o cinturão.

Embora de palidez quase lívida, aquele homem tinha uma expressão notavelmente bela; os seus olhos eram vivos e penetrantes; o nariz, reto e quase nivelado com a testa, indicava o tipo grego em toda a sua pureza, e os dentes brancos como pérolas salientavam-se admiravelmente sob o bigode negro a emoldurá-los.

Apenas a sua palidez era estranha; ele parecia um homem encerrado havia muito tempo em um túmulo, sem poder recuperar o tom de pele dos vivos.

Sem ser muito alto, tinha um bom porte e — como os homens do Sul — tinha mãos e pés pequenos.

Mas o que surpreendeu Franz — que chamara de sonho o relato de Gaetano — foi a suntuosidade da decoração.

Toda a sala era forrada de tapeçarias turcas de cor carmesim e adornada por flores douradas. No fundo havia uma espécie de sofá encimado por um troféu de armas árabes com bainhas de prata dourada e punhos resplandecentes de pedrarias; no teto havia um lustre de cristal de Veneza, de forma e cor encantadoras, e os pés pousavam em um tapete da Turquia onde se enterravam até o tornozelo; portinholas pendiam da porta por onde Franz entrara e de outra porta que dava passagem a outra sala, que parecia esplendidamente iluminada.

Por um instante, o anfitrião deixou Franz entregue à sua surpresa; aliás, Franz devolveu-lhe o exame com exame e não tirava os olhos dele.

— Senhor — disse-lhe enfim —, mil vezes perdão pelas precauções que lhe exigiram para introduzi-lo em minha casa... Mas, como na maior parte do tempo esta ilha fica deserta, se o segredo desta caverna fosse conhecido, ao voltar, sem dúvida, eu encontraria esta pousada em péssimo estado, o que me seria muito desagradável, não pelo prejuízo que me causaria, mas porque eu já não teria mais a certeza de poder, quando quiser, me separar do resto do mundo. Agora, vou tentar fazê-lo esquecer-se dessa pequena contrariedade, oferecendo-lhe o que certamente não esperava encontrar aqui, isto é, uma ceia aceitável e camas razoáveis.

— Dou-lhe a minha palavra, meu caro anfitrião — respondeu Franz —, não precisa se desculpar por isso. Sempre vejo vendarem os olhos das pessoas que penetram nos palácios encantados, como Raoul, nos *Huguenots*,¹² e realmente não tenho do que me queixar, pois o que me mostra iguala-se às maravilhas das *Mil e uma noites*.

— Ai, eu lhe direi como Lúculo: se soubesse da honra de sua visita, eu teria me preparado. Mas, afinal, coloco o meu eremitério à sua disposição... Tal como é, a minha ceia lhe é oferecida. Estamos servidos, Ali?

Quase ao mesmo tempo a portinhola levantou-se e um negro núbio, preto como o ébano e vestido de uma simples túnica branca, assinalou ao seu senhor que ele poderia passar para a sala de jantar.

— Agora — disse o desconhecido a Franz —, não sei se compartilha a minha opinião, mas acho que nada incomoda mais do que ficar duas ou três horas frente a frente sem saber por que nome ou por que título se chamar. Note que respeito demais as leis da hospitalidade para lhe perguntar o seu nome ou o seu título... Só lhe peço que me diga um nome qualquer pelo qual eu possa dirigir-lhe a palavra. Quanto a mim, para deixá-lo à vontade, eu lhe direi que costumam me chamar de Simbad, o Marujo.

— E eu — disse Franz — lhe direi que, como só me falta a famosa lâmpada maravilhosa para me encontrar na situação de Aladim, não vejo nenhum empecilho a ser, por ora, chamado de Aladim. Isso não vai nos tirar do Oriente, para onde sou tentado a crer que fui transportado pelo poder de algum bom gênio.

— Pois bem, senhor Aladim — disse o estranho anfitrião —, ouviu dizer que estamos servidos, não é? Então queira dar-se ao trabalho de entrar na sala de jantar... O seu humilde servo passa à sua frente para mostrar-lhe o caminho.

E a essas palavras, levantando a portinhola, de fato Simbad passou à frente de Franz.

Franz passava de encantamento a encantamento: a mesa estava esplendidamente servida. Uma vez convencido desse aspecto importante, passeou os olhos ao redor. A sala de jantar era não menos esplêndida do que a alcova que acabara de deixar; era toda de mármore, com baixos-relevos antigos de imenso valor; nas duas extremidades dessa sala, que era oblonga, duas magníficas estátuas carregavam cestos sobre as cabeças. Os cestos continham duas pirâmides de frutos magníficos: abacaxis da Sicília, romãs de Málaga, laranjas das ilhas Baleares, pêssegos da França e tâmaras de Túnis.

Quanto à ceia, compunha-se de um faisão assado, cercado por melros da Córsega, de um presunto de javali com geleia, de um quarto de cabrito ao molho tártaro, de um linguado magnífico e de uma gigantesca lagosta.

Os intervalos entre os grandes pratos eram preenchidos por pratinhos de guisados.

As bandejas eram de prata; os pratos, de porcelana do Japão.

Franz esfregou os olhos para ver se não estava sonhando.

Apenas a Ali era permitido servir os pratos e ele saía-se muito bem. O convidado elogiou-o para seu anfitrião.

— Sim — respondeu o anfitrião, fazendo as honras da ceia com a maior desenvoltura —, sim, é um pobre-diabo muito dedicado, faz o melhor que pode. Ele não se esquece de que lhe salvei a vida, e como, ao que parece, dava valor à própria cabeça, mostra-me alguma gratidão por eu tê-la salvado.

Ali se aproximou de seu senhor, tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Seria muito indiscreto, senhor Simbad — indagou Franz —, perguntar-lhe em que circunstâncias praticou essa boa ação?

— Ah, meu Deus, é muito simples — respondeu o anfitrião. — Parece que o peralta andava rondando, bem de perto, o serralho do governador de Túnis, mais do que seria conveniente para um sujeito de sua cor; assim, foi condenado pelo governador a ter a língua, a mão e a cabeça cortadas; a língua no primeiro dia, a mão no segundo, a cabeça no terceiro. Eu sempre tive vontade de ter um mudo a meu serviço; esperei que lhe cortassem a língua; então propus ao governador que mo desse em troca de um magnífico fuzil de dois canos, que na véspera me parecera despertar os desejos de Sua Alteza. Ele hesitou por um momento, pois queria muito dar um fim ao pobre-diabo. Mas eu acrescentei a esse fuzil um punhal de caça inglês com o qual cortara o sabre de Sua Alteza; assim, o governador decidiu poupar-lhe a mão e a cabeça, mas com a condição de que nunca mais pusesse os pés em Túnis. A recomendação não era necessária. Quando o infiel avista as costas da África, por mais longe que elas estejam, corre para o fundo do porão: ninguém consegue tirá-lo de lá, se não estivermos bem longe da terceira parte do mundo.

Franz ficou calado e pensativo por um momento, sem saber o que pensar da bonomia cruel com que o anfitrião lhe contara aquela história.

— E, como o famoso marujo de quem tomou o nome — disse ele, mudando de assunto —, passa a vida viajando?

— Sim... É uma promessa que fiz num tempo em que eu não imaginava poder cumpri-la — disse o desconhecido, sorrindo. — Fiz algumas promessas como essa e, espero, todas elas serão cumpridas...

Embora Simbad tivesse pronunciado essas palavras com o maior sangue-frio, os seus olhos emitiram um olhar de estranha ferocidade.

— O senhor sofreu muito? — perguntou-lhe Franz.

Simbad estremeceu e olhou-o fixamente.

— Por que acha isso? — perguntou ele.

— Por tudo — disse Franz. — Por sua voz, seu olhar, sua palidez, pela própria vida que o senhor leva.

— Eu? Levo a vida mais feliz possível, uma verdadeira vida de paxá; sou o rei da criação; se um lugar me agrada, nele fico; se me aborreço, parto; sou livre como um pássaro, tenho asas como os pássaros; as pessoas que me cercam me obedecem a um sinal. De vez em quando, divirto-me zombando da justiça humana, roubando-lhe um bandido que ela procura, um criminoso que ela persegue. Além disso, tenho a minha própria justiça, baixa e alta, sem adiamentos e sem apelos, que condena ou absolve, com a qual ninguém tem nada a ver. Ah, se o senhor tivesse experimentado a minha vida, não desejaria outra; e nunca mais voltaria ao mundo, a não ser que tivesse algum grande plano a realizar.

— Uma vingança, por exemplo? — disse Franz.

O desconhecido fixou no jovem um daqueles olhares que mergulham no fundo do coração e dos pensamentos.

— Por que uma vingança? — perguntou ele.

— Porque — respondeu Franz — o senhor me parece um homem que, perseguido pela sociedade, tem uma conta terrível a acertar com ela.

— Pois bem — fez Simbad, rindo o seu estranho riso, que mostrava os seus dentes brancos e afiados —, o senhor se enganou... Tal qual me vê, sou uma espécie de filantropo e talvez um dia eu vá a Paris para fazer concorrência ao senhor Appert¹³ e ao homem da capa azul.

— E será a primeira vez que o senhor fará essa viagem?

— Oh, meu Deus, sim. Pareço ser muito pouco curioso, não é verdade? Mas, asseguro-lhe, não é minha culpa se demorei tanto; um dia ou outro, irei!

— E pretende fazer logo essa viagem?

— Ainda não sei, depende de circunstâncias relacionadas a combinações incertas.

— Gostaria de estar lá, quando o senhor for, para retribuir-lhe como puder a hospitalidade que tão amplamente me oferece em Monte-Cristo.

— Aceitaria a sua oferta com o maior prazer — disse o hóspede.
— Mas, infelizmente, se eu for, será, talvez, incógnito...

Entretanto, a ceia continuava e parecia ter sido servida apenas para Franz: o desconhecido mal tocara com a ponta dos dentes um ou dois pratos do esplêndido festim que oferecia e que o inesperado convidado honrara tão amplamente. Enfim, Ali trouxe a sobremesa — ou melhor, tirou os cestos das mãos das estátuas e pousou-os sobre a mesa.

Entre os dois cestos, colocou uma pequena taça de prata dourada, fechada por uma tampa do mesmo metal.

O respeito com que Ali trouxera essa taça despertou a curiosidade de Franz. Ele ergueu a tampa e viu uma espécie de pasta esverdeada semelhante a geleia de angélica, mas que lhe era perfeitamente desconhecida.

Recolocou a tampa, tão ignorante do que a taça continha quanto antes de erguê-la, e, levando os olhos ao anfitrião, viu-o rir de seu desapontamento.

— Não consegue adivinhar — disse-lhe o anfitrião — que espécie de comestível contém esse pequeno vaso e isso o intriga, não é verdade?

— Confesso que sim.

— Pois bem, essa espécie de compota verde não é nem mais nem menos do que a ambrosia que Hebe servia à mesa de Júpiter!

— Mas esta ambrosia — disse Franz —, sem dúvida, ao passar à mão dos homens, perdeu o seu nome celestial para assumir um nome humano... Em linguagem vulgar, como se chama esse ingrediente, pelo qual, aliás, não sinto lá muita simpatia?

— Ah, eis justamente o que revela a nossa origem material — exclamou Simbad. — Muitas vezes passamos assim ao lado da felicidade sem vê-la, sem olhá-la; ou, se a vemos e a olhamos, sem reconhecê-la. Se for um homem positivo e se o ouro for o seu deus, experimente isto, e as minas do Peru, de Gujarate e de Golconda lhe serão abertas. Se for um homem de imaginação, se for poeta, experimente isto e as barreiras do possível vão desaparecer; os campos do infinito vão se abrir, o senhor passeará com o coração livre, com o espírito livre, no domínio sem fronteiras do devaneio. Se

for ambicioso, se corre atrás das grandezas da terra, experimente isto e em uma hora será rei; não rei de um pequeno reino escondido em algum canto da Europa, como a França, a Espanha ou a Inglaterra; mas rei do mundo, rei do universo, rei da criação. O seu trono se erguerá na montanha em que Satã tentou Jesus; e, sem precisar lhe fazer homenagem, sem ser obrigado a beijar-lhe as garras, será o soberano senhor de todos os reinos da terra. Não é tentador o que lhe ofereço, diga, não é algo muito fácil, já que basta fazer isto? Olhe.

A essas palavras, ele destampou por sua vez a pequena taça de prata dourada que continha a substância tão louvada, serviu-se uma pequena colher da compota mágica, levou-a à boca e saboreou-a lentamente, com os olhos semicerrados e a cabeça inclinada para trás.

Franz concedeu-lhe todo o tempo de absorver o seu prato preferido; depois, quando o viu voltar um pouco a si, disse: — Mas afinal o que vem a ser esse prato tão precioso?

— Ouviu falar do Velho da Montanha? — perguntou-lhe o anfitrião. — O mesmo que quis mandar assassinar Filipe Augusto?

— Claro.

— E então? Sabe que ele reinava em um rico vale encimado pela montanha que lhe deu esse nome pitoresco. Nesse vale havia magníficos jardins plantados por Hassen-ben-Sabah, e nesses jardins havia pavilhões isolados. Era nesses pavilhões que ele fazia entrar os seus eleitos e lá fazia-os comer, segundo Marco Polo, certa erva que os transportava ao Paraíso, em meio a plantas sempre floridas, a frutos sempre maduros, a mulheres sempre virgens. Ora, o que esses jovens felizes tomavam por realidade era um sonho; mas um sonho tão doce, tão inebriante, tão voluptuoso, que eles vendiam corpo e alma a quem proporcionava esse sonho; e, obedecendo às suas ordens como às de Deus, iam ferir no fim do mundo a vítima indicada, morriam nas torturas sem se queixar, só de pensar que a morte que sofriam era apenas uma transição para a vida de delícias da qual essa erva sagrada, servida ao senhor, lhes dava um antegosto.

— Então — exclamou Franz —, é haxixe! Sim, conheço isso, ao menos de nome.¹⁴

— Disse justamente a palavra exata, senhor Aladim; é haxixe, o melhor e mais puro haxixe de Alexandria, haxixe de Abugor, o grande fabricante, o homem único, o homem a quem se deveria construir um palácio com esta inscrição: “Ao mercador da felicidade, o mundo agradecido”.

— Sabe que sinto muita vontade de julgar por mim mesmo a veracidade ou o exagero de seus elogios? — perguntou Franz.

— Julgue por si mesmo, meu hóspede; julgue; mas não se limite a uma primeira experiência. Como em todas as coisas, é preciso habituar os sentidos a uma impressão nova, doce ou violenta, triste ou alegre. Há uma luta da natureza contra essa divina substância, da natureza que não é feita para a alegria e que se agarra à dor. É preciso que a natureza vencida sucumba no combate, é preciso que a realidade ceda ao sonho; então o sonho reinará como senhor, então é o sonho que se torna a vida e a vida que se torna o sonho: mas que diferença nesta transfiguração! Ou seja, comparando as dores da existência real com os gozos da existência fictícia, o senhor nunca mais desejará viver, desejará sempre sonhar. Quando deixar o seu mundo pessoal pelo mundo dos outros, lhe parecerá passar de uma primavera napolitana a um inverno lapônio, lhe parecerá deixar o paraíso pela terra, o céu pelo inferno. Experimente o haxixe, meu hóspede! Experimente!

Como única resposta, Franz pegou uma colher daquela pasta maravilhosa, com a mesma quantidade tomada pelo anfitrião, e levou-a à boca.

— Diabo! — fez ele, depois de engolir a compota divina. — Ainda não sei se o resultado vai ser tão agradável quanto o senhor diz, mas a coisa não me parece tão saborosa como afirma.

— Porque as papilas de seu paladar ainda não estão preparadas para a sublimidade da substância que elas degustam. Diga-me: desde a primeira vez gostou das ostras, de chá, de cerveja, de trufas, de todas as coisas que depois passou a adorar? Compreende os romanos temperarem os faisões com resina fétida e

os chineses comerem ninhos de andorinhas? Ah, meu Deus, não... Pois bem, o mesmo acontece com o haxixe: se comê-lo durante oito dias seguidos, nenhum alimento no mundo lhe parecerá igualar esse fino sabor que agora talvez lhe pareça insípido e nauseante. Aliás, passemos para o quarto ao lado, isto é, ao seu quarto, e Ali nos servirá café e nos dará cachimbos.

Ambos levantaram-se e, enquanto aquele que se dera o nome de Simbad — que assim nomeamos de vez em quando, de modo a poder lhe dar um nome qualquer, como a seu convidado — dava algumas ordens a seu criado, Franz entrou no quarto ao lado.

Este tinha uma decoração mais simples, embora não menos rica. Tinha uma forma redonda e um grande divã contornava-o inteiramente. Mas divã, paredes, teto e chão eram todos forrados de peles magníficas, suaves e macias como os mais macios tapetes; eram peles de leões do Atlas, com poderosas juba; eram peles de tigres de Bengala, com listras quentes; peles de panteras do Cabo alegremente coloridas, como a que aparece em Dante; enfim, peles de ursos da Sibéria, de raposas da Noruega; e todas essas peles estavam abundantemente jogadas umas sobre as outras, de modo que se julgaria estar andando sobre a mais densa grama e repousando sobre a cama mais sedosa.

Ambos deitaram-se no divã; cachimbos compridos, com tubos de jasmim e bocais de âmbar, encontravam-se ao alcance da mão, todos preparados para que não se precisasse fumar o mesmo duas vezes. Cada um deles pegou um cachimbo. Ali os acendeu e saiu para ir buscar o café.

Houve um momento de silêncio, durante o qual Simbad abandonou-se aos pensamentos que pareciam ocupá-lo o tempo todo, mesmo enquanto conversava, e Franz abandonou-se ao devaneio mudo no qual quase sempre se cai ao fumar excelente tabaco que parece levar com a fumaça todas as penas do espírito, dando em troca ao fumante todos os sonhos da alma.

Ali trouxe o café.

— Como o prefere? — perguntou o desconhecido. — À francesa ou à turca, forte ou fraco, com ou sem açúcar, coado ou fervido? À sua escolha: há café preparado de todas as formas.

— Prefiro à turca — respondeu Franz.

— E com razão — exclamou o anfitrião. — Isso prova que tem inclinações à vida oriental. Ah, os orientais, veja, são os únicos homens que sabem viver! Quanto a mim — acrescentou ele, com um daqueles singulares sorrisos que não escapavam ao jovem —, quando tiver liquidado os meus negócios em Paris, vou morrer no Oriente... Então, se quiser me encontrar, terá de ir me procurar no Cairo, em Bagdá ou em Ispahan.

— Palavra — disse Franz —, vai ser a coisa mais fácil do mundo, pois acho que estão me nascendo asas de águia, e, com essas asas, vou dar a volta ao mundo em vinte e quatro horas.

— Ah, ah! É o efeito do haxixe... Pois bem: abra as suas asas e voe para as regiões sobre-humanas... Não tema nada, velamos pelo senhor, e se, como as asas de Ícaro, as suas se derreterem ao sol, estaremos presentes para recebê-lo.

Então ele disse algumas palavras em árabe a Ali, que fez um gesto de obediência e retirou-se, mas sem distanciar-se.

Quanto a Franz, estranha transformação operava-se nele. Toda a fadiga física do dia e toda a preocupação do espírito provocada pelos acontecimentos da noite desapareciam, como no primeiro momento de repouso em que ainda estamos lúcidos para sentir o sono chegar. O seu corpo parecia ganhar uma leveza imaterial, o seu espírito esclarecia-se de maneira inaudita, os seus sentidos pareciam duplicar as suas faculdades; o horizonte não parava de se ampliar, mas já não era mais aquele horizonte sombrio, onde pairava vago terror, que ele vira antes do sono: era um horizonte azul, transparente, vasto, com tudo o que o mar tem de azul, com tudo o que o sol tem de faíscas douradas, com tudo o que a brisa tem de perfumes; depois, em meio aos cantos dos marinheiros — cantos tão límpidos, tão claros, que com eles faríamos uma harmonia divina, se pudéssemos descrevê-los —, ele via aparecer a ilha de Monte-Cristo, já não mais como um obstáculo ameaçador sobre as ondas, mas como um oásis perdido no deserto; depois, à medida que a barca se aproximava, os cantos multiplicavam-se, pois uma harmonia encantadora e misteriosa subia daquela ilha a

Deus, como se alguma fada, como Lorelei,¹⁵ ou algum encantador, como Anfion, ali quisesse atrair uma alma ou construir uma cidade.

Enfim a barca tocou a margem, mas sem esforço, sem abalo, como os lábios tocam os lábios, e ele entrou na caverna sem que cessasse aquela música encantadora. Desceu, ou melhor, pareceu-lhe descer alguns degraus, respirando aquele ar fresco e perfumado como os ares que deviam existir ao redor da caverna de Circe, compostos de tais perfumes que levam o espírito a sonhar, de tais ardores que levam os sentidos a queimar, e reviu tudo o que havia visto antes de seu sono, desde Simbad, o anfitrião fantástico, até Ali, o criado mudo; depois, tudo pareceu eclipsar-se e confundir-se diante de seus olhos, como as últimas sombras de uma lanterna mágica que se apaga, e ele encontrou-se na sala das estátuas, iluminada apenas por uma daquelas lamparinas antigas e pálidas que no meio da noite velam o sono ou a volúpia.

Eram exatamente as mesmas estátuas ricas de formas, de luxúria e de poesia, com olhos magnéticos, sorrisos lascivos, cabeleiras opulentas. Eram Frineia, Cleópatra, Messalina, as três grandes cortesãs; depois, no meio dessas sombras impudicas, deslizava, como um raio puro, como um anjo cristão no meio do Olimpo, uma dessas figuras castas, uma dessas sombras calmas, uma dessas visões doces que pareciam velar a fronte virginal ante todas aquelas impurezas de mármore.

Então lhe pareceu que as três estátuas dedicavam os seus três amores a um único homem, e que esse homem era ele, que elas aproximavam-se da cama onde ele sonhava um segundo sono, com os pés perdidos em suas longas túnicas brancas, os seios nus, os cabelos desenrolando-se como uma onda, numa daquelas poses ante as quais os deuses sucumbiam, mas ante as quais os santos resistiam, com um daqueles olhares inflexíveis e ardentes como o da serpente ao pássaro, e que ele se entregava àqueles olhares dolorosos como um aperto, voluptuosos como um beijo.

Pareceu a Franz que fechara os olhos e que através do último olhar que lançara ao redor entrevira a estátua pudica que se velava

inteiramente; depois, com os olhos fechados para as coisas reais, os seus sentidos abriram-se às impressões impossíveis.

Então foi uma volúpia sem trégua, um amor sem repouso, como o que o profeta prometia a seus eleitos. Então todas aquelas bocas de pedra ganharam vida, todos aqueles peitos se aqueceram, a tal ponto que para Franz, que pela primeira vez sentia os efeitos do haxixe, esse amor era quase uma dor, essa volúpia era quase uma tortura, quando ele sentia aproximar-se de sua boca alterada os lábios dessas estátuas, flexíveis e frios como os anéis de uma serpente. Entretanto, quanto mais os seus braços tentavam repelir aquele amor desconhecido, mais os seus sentidos rendiam-se ao encanto daquele devaneio misterioso; assim, depois de uma luta em que lançou toda a sua alma, abandonou-se sem reservas e acabou entregando-se ofegante, ardendo de cansaço, esgotado de volúpia, aos beijos daquelas amantes de mármore, aos encantos daquele sonho insólito.

XXXII. O DESPERTAR

Quando Franz voltou a si, os objetos exteriores pareciam ser uma segunda parte de seu sonho; imaginou-se em um sepulcro onde mal penetrava, como um olhar de pena, como um raio de sol; estendeu a mão e sentiu a pedra; sentou-se: estava deitado em sua capa, sobre um leito de folhas secas muito macio e muito perfumado.

Toda aquela visão desaparecera e, como se as estátuas tivessem sido somente sombras saídas de seus túmulos durante o sonho, tinham fugido ao vê-lo despertar.

Ele deu alguns passos na direção da luz; a toda a agitação do sonho, sucedia a calma da realidade. Viu-se em uma caverna, avançou na direção da entrada e através da porta em arco viu um céu e um mar azuis. O ar e a água resplandeciam aos raios de sol da manhã; na praia, os marinheiros, sentados, conversavam e riam: a dez passos, no mar, a barca balançava graciosamente sobre a sua âncora.

Então ele saboreou por algum tempo aquela brisa fria que batia em sua testa; escutou o distante barulho das ondas a moverem-se à margem, a deixar nas pedras uma renda de espuma branca como prata; entregou-se sem refletir, sem pensar, àquele divino encanto que há nas coisas da natureza, sobretudo quando se sai de um sonho fantástico; depois, aos poucos, aquela vida exterior, tão calma, tão pura, tão ampla, lembrou-lhe a inverossimilhança de seu sono e as lembranças começaram a voltar à sua memória.

Lembrou-se de sua chegada à ilha, de ser apresentado a um chefe de contrabandistas, de um palácio subterrâneo cheio de esplendores, de uma ceia excelente e de uma colherada de haxixe.

Entretanto, diante dessa realidade em pleno dia, parecia-lhe que já fazia ao menos um ano que tudo aquilo havia acontecido, de tal forma o sonho que tivera estava presente em seu pensamento e ganhava importância em seu espírito. Assim, de vez em quando, a sua imaginação fazia sentar-se entre os marinheiros, ou correr pelo rochedo, ou balançar-se na barca, uma daquelas sombras que tinham estrelado a sua noite com os seus olhares e com os seus beijos. Ademais, sentia a cabeça perfeitamente livre e o corpo perfeitamente descansado; nada pesava em sua mente; ao contrário, sentia certo bem-estar geral, certa faculdade de absorver o ar e o sol maior do que nunca.

Então, aproximou-se alegremente dos marinheiros.

Assim que o viram, ergueram-se, e o capitão aproximou-se dele.

— O senhor Simbad — disse o capitão — encarregou-nos de apresentar todos os cumprimentos a Vossa Excelência e dissenos que lhe expressássemos o seu pesar por não poder se despedir... Mas ele espera que o desculpe ao saber que algo muito urgente o chama a Málaga.

— Ah, sim, meu caro Gaetano — disse Franz —, então tudo isso é realmente verdade? Existe um homem que me recebeu nesta ilha, que me proporcionou uma régia hospitalidade e que partiu enquanto eu dormia?

— Tanto existe que o senhor pode ver o seu pequeno iate se afastar a todo pano: se quiser pegar a luneta, provavelmente vai reconhecer o seu anfitrião no meio da tripulação.

Enquanto dizia essas palavras, Gaetano estendia o braço na direção de um pequeno navio que navegava na direção da ponta meridional da Córsega.

Franz pegou a luneta, regulou o foco e apontou-a para o lugar indicado.

Gaetano não estava enganado: na popa do barco, o misterioso estrangeiro encontrava-se de pé, voltado para ele, como ele segurando uma luneta; vestia exatamente o mesmo traje com que recebera na véspera o seu convidado e agitava um lenço em sinal de adeus.

Franz devolveu-lhe a saudação, também tirando o seu lenço e agitando-o da mesma maneira.

Ao cabo de um segundo, leve nuvem de fumaça desenhou-se na popa do barco, afastou-se graciosamente e subiu lentamente ao céu; então fraca detonação chegou até Franz.

— Olhe, escute — disse Gaetano —, ele está lhe dizendo adeus!

O jovem pegou a sua carabina e descarregou-a no ar, mas sem esperança de que o barulho pudesse atravessar a distância entre a ilha e o iate.

— O que Vossa Excelência ordena? — perguntou Gaetano.

— Primeiro, que me acenda uma tocha.

— Hã? Sim, entendi — disse o capitão —, para procurar a entrada da casa encantada... Bem, com prazer, Excelência, se isso o diverte, vou lhe dar a tocha que pediu. Eu também tive essa ideia que lhe ocorre, tive a mesma fantasia três ou quatro vezes... Mas acabei desistindo. Giovanni — acrescentou ele —: acenda uma tocha e traga à Sua Excelência.

Giovanni obedeceu. Franz pegou a tocha e entrou no subterrâneo, seguido por Gaetano.

Ele reconheceu o lugar onde despertara em seu leito de folhas ainda amassado; mas em vão passou a tocha por toda a superfície exterior da caverna: não viu nada — a não ser, pelos vestígios de fumaça, que outros antes dele já tinham feito inutilmente a mesma investigação.

Todavia, não deixou sem exame um milímetro daquela muralha de granito impenetrável como o futuro; não viu uma fenda sem nela

introduzir a lâmina de sua faca de caça; não notou uma saliência sem pressioná-la, na esperança de que ela cedesse; mas tudo foi inútil e ele perdeu duas horas nessa busca sem resultado algum.

Ao fim dessas horas, desistiu: Gaetano ficou triunfante.

Quando Franz voltou à praia, o iate era apenas um pequeno ponto branco no horizonte; recorreu à sua luneta, mas mesmo com o instrumento era impossível distinguir qualquer coisa.

Gaetano lembrou-lhe que ele viera para caçar cabras, o que havia esquecido completamente. Ele pegou o seu fuzil e começou a percorrer a ilha, parecendo um homem a cumprir um dever, mais do que a se divertir, e um quarto de hora depois já tinha matado uma cabra e dois cabritos. Mas aquelas cabras, embora selvagens e alertas como camurças, eram muito parecidas com as nossas cabras domésticas: Franz não as via como caça.

Ademais, ideias bem mais poderosas dominavam o seu espírito. Desde a véspera, ele era realmente o herói de um conto das *Mil e uma noites* e era irresistivelmente atraído para a caverna.

Então, apesar da inutilidade de sua primeira investigação, começou a fazer outra, depois de pedir a Gaetano que mandasse assar um dos dois cabritos. Essa segunda visita durou muito tempo: quando ele voltou o cabrito já estava assado e o almoço já estava pronto.

Franz sentou-se no mesmo lugar que ocupara na véspera quando tinham vindo convidá-lo a cear, da parte daquele anfitrião misterioso, e viu mais uma vez, como uma gaivota embalada na crista de uma onda, o pequeno iate que continuava a navegar para a Córsega.

— Mas — disse ele a Gaetano — você me disse que o senhor Simbad navegava para Málaga, mas a mim me parece que ele ruma diretamente para Porto-Vecchio.

— Já não se lembra — disse o capitão — que eu lhe disse que entre as pessoas da tripulação havia então dois bandidos corsos?

— É verdade!... E ele vai deixá-los na costa — disse Franz.

— Exatamente. Ah, ele é um indivíduo — exclamou Gaetano — que não teme nem Deus nem o diabo, ao que dizem, e vai se

desviar cinquenta léguas de sua rota para fazer um favor a um pobre homem...

— Mas esse tipo de favor bem que poderia complicá-lo com as autoridades do país onde ele pratica essa espécie de filantropia...

— disse Franz.

— Ah, é? — disse Gaetano, rindo. — O que podem as autoridades fazer contra ele? Ele está pouco se lixando! Só precisam tentar agarrá-lo. Primeiro, seu iate não é um navio, é um pássaro: ele ficaria três nós à frente dos doze de uma fragata... E depois, alcançando a costa, ele não encontrará amigos por toda parte?

O que era mais claro em tudo aquilo é que o senhor Simbad, o anfitrião de Franz, tinha a honra de manter relações com os contrabandistas e bandidos de todo o litoral do Mediterrâneo — o que não deixava de colocá-lo em posição bastante estranha.

Quanto a Franz, nada mais o retinha em Monte-Cristo; perdera toda a esperança de descobrir o segredo da caverna; então, apressou-se a almoçar, ordenando a seus homens que preparassem a barca.

Meia hora depois, Franz estava a bordo.

Lançou um último olhar ao iate: estava prestes a desaparecer no golfo de Porto-Vecchio.

Deu o sinal de partida.

No momento em que a barca punha-se em movimento, o iate desaparecia.

Com o iate, desaparecia o último vestígio de realidade da noite anterior: assim, ceia, Simbad, haxixe e estátuas, para Franz tudo começava a condensar-se no mesmo sonho.

A barca navegou o dia inteiro, a noite inteira; no dia seguinte, quando o sol nasceu, a ilha de Monte-Cristo também havia desaparecido.

Assim que pisou em terra firme, Franz se esqueceu, ao menos momentaneamente, dos acontecimentos que tinham acabado de se passar, para completar as suas atividades de prazer e de civilidade em Florença e só pensar em alcançar o seu companheiro, que o esperava em Roma.

Então partiu e, no sábado à noite, a diligência deixou-o na praça da Alfândega.

Como dissemos, o seu quarto tinha sido reservado com antecedência — ele só precisava chegar ao hotel do mestre Pastrini: não era muito fácil, pois a multidão lotava as ruas e Roma já estava tomada por aquele rumor surdo e febril que antecede os grandes eventos. Ora, em Roma há quatro grandes eventos por ano: o carnaval, a semana santa, o Corpus-Christi e o São Pedro.

Durante todo o resto do ano, a cidade recai em sua monótona apatia, estado intermediário entre a vida e a morte, que a torna semelhante a uma espécie de estação entre este mundo e o outro; estação sublime, escala cheia de poesia e de caráter, que Franz já fizera cinco ou seis vezes, e a cada vez a encontrara ainda mais maravilhosa e mais fantástica.

Enfim, atravessou aquela multidão cada vez mais compacta, cada vez mais agitada, e chegou ao hotel. À primeira pergunta, responderam-lhe, com aquela impertinência própria aos cocheiros de fiacres reservados e aos hoteleiros sem vagas, que já não havia mais lugar para ele no hotel de Londres. Então enviou o seu cartão ao mestre Pastrini e mandou chamar Albert de Morcerf. O expediente deu certo e mestre Pastrini acorreu pessoalmente, desculpando-se por fazer Sua Excelência esperar, repreendendo os seus empregados, tomando o candelabro da mão do cicerone que já se apossara do viajante, preparando-se para levá-lo até Albert, quando Albert veio ao seu encontro.

O apartamento reservado compunha-se de dois pequenos quartos e um banheiro. Os dois quartos davam para a rua, circunstância que mestre Pastrini valorizou, como se acrescentasse méritos incalculáveis. O resto do andar estava alugado a um personagem muito rico, que imaginavam ser siciliano ou maltês; mas o hoteleiro não pôde dizer ao certo a qual das duas nações pertencia o viajante.

— Muito bem, mestre Pastrini — disse Franz —, mas precisaríamos urgentemente de uma ceia qualquer para esta noite, e de uma carruagem para amanhã e para os próximos dias.

— Quanto à ceia — respondeu o hoteleiro —, os senhores serão servidos agora mesmo... Mas quanto à carruagem...

— Como, quanto à carruagem! — exclamou Albert. — Um instante, mestre! Não brinque, mestre Pastrini! Precisamos de uma carruagem...

— Senhor — disse o hoteleiro —, vamos fazer tudo o que pudermos para conseguir uma carruagem... Isso é tudo o que posso lhe dizer.

— E quando teremos a resposta? — perguntou Franz.

— Amanhã de manhã — respondeu o hoteleiro.

— Mas que diabo! — disse Albert. — Pagaremos mais, tudo bem: sabemos como é... Drake e Aaron cobram vinte e cinco francos nos dias comuns; trinta ou trinta e cinco francos nos domingos e feriados; digamos mais cinco francos de gorjeta por dia: isso dá quarenta francos, e não se fala mais nisso.

— Receio muito que esses senhores, mesmo oferecendo-lhes o dobro, não possam dar um jeito.

— Então, que mandem atrelar os cavalos à minha carruagem... Está um pouco avariada pela viagem, mas não faz mal.

— Não vão encontrar cavalos.

Albert olhou Franz como um homem a quem tinham dado uma resposta que parecia incompreensível.

— Entendeu, Franz?! Não há cavalos... — disse ele. — Mas e cavalos de diligência, não poderíamos arrumar?

— Estão todos alugados há quinze dias... Agora só temos os que são absolutamente necessários ao serviço.

— Que me diz disto? — perguntou Franz.

— Digo que, quando uma coisa ultrapassa a minha inteligência, costumo não insistir nela e mudar de assunto. A ceia está pronta, mestre Pastrini?

— Sim, Excelência.

— Bem... primeiro vamos cear.

— Mas e a carruagem e os cavalos? — disse Franz.

— Fique tranquilo, meu amigo, eles virão sozinhos... Só é preciso chegar ao preço.

E, com aquela admirável filosofia que não considera nada impossível enquanto a sua bolsa está recheada ou a sua carteira abastecida, Morcerf ceou, deitou-se, adormeceu profundamente e sonhou que desfilava no carnaval em uma carruagem de seis cavalos.

XXXIII. OS BANDIDOS ROMANOS

No dia seguinte, Franz foi o primeiro a despertar e, assim que despertou, tocou a campainha.

O tilintar da sineta ainda vibrava quando o mestre Pastrini entrou em pessoa.

— Pois bem!... — disse o hoteleiro triunfante, sem sequer esperar que Franz lhe perguntasse. — Eu bem que desconfiava ontem, Excelência, quando não quis lhe prometer nada: os senhores chegaram muito tarde, já não há mais uma única carruagem em Roma... Para os três últimos dias, naturalmente.

— Sim — disse Franz —, ou seja, para os dias em que a carruagem é absolutamente necessária.

— Que há? — perguntou Albert, entrando. — Não há carruagem?

— Exatamente, meu caro amigo — respondeu Franz —, você logo adivinhou de primeira.

— Pois bem, mas que bela cidade é esta sua cidade eterna!

— Ou seja, Excelência — disse o mestre Pastrini, desejando que a capital do mundo cristão mantivesse certa dignidade aos olhos de seus hóspedes —, ou seja, já não há mais carruagem a partir de domingo de manhã, até terça-feira à noite, mas daqui até domingo os senhores encontrarão cinquenta carruagens, se quiserem.

— Ah, já é alguma coisa — disse Albert. — Hoje é quinta-feira... Quem sabe o que pode acontecer até domingo?

— Vão chegar de dez a doze mil viajantes — respondeu Franz —: a dificuldade vai ser maior ainda.

— Meu amigo — disse Morcerf —, gozemos o presente e não agouremos o futuro.

— Ao menos — perguntou Franz — podemos ter uma janela?

— Uma janela para onde?

— Para a rua do Corso, ora!

— Ah, sim, claro! Uma janela!... — exclamou o mestre Pastrini.

— Impossível... Completamente impossível! Restava uma janela no quinto andar do palácio Dória, mas ela foi alugada a um príncipe russo a vinte cequins por dia.

Os dois jovens olharam-se aturdidos.

— Pois bem, meu caro — disse Franz a Albert —, sabe o que é melhor fazer? É melhor irmos passar o carnaval em Veneza... Ao menos, lá, se não encontrarmos carruagem, encontraremos gôndolas.

— Ah, nossa, não! — exclamou Albert. — Resolvi passar o carnaval em Roma e vou passar, nem que seja em cima de pernas de pau.

— Ora — exclamou Franz —, eis uma excelente ideia, principalmente para apagar os *moccoletti*...¹⁶ Nós vamos nos fantasiar de polichinelos-vampiros, ou de habitantes das Landes, e faremos um sucesso muito louco.

— Vossas Excelências ainda desejam uma carruagem até domingo?

— Ora — exclamou Albert —, acha que vamos percorrer as ruas de Roma a pé, como oficiais de justiça?

— Vou me apressar a cumprir as ordens de Vossas Excelências — disse o mestre Pastrini —, mas previno-os: a carruagem lhes custará seis piastras por dia.

— E eu, meu caro senhor Pastrini — disse Franz —, eu que não sou o nosso vizinho milionário, previno-o por minha vez: visto que é a quarta vez que venho a Roma, sei o preço das carruagens, nos dias comuns, nos domingos e feriados... Nós lhe daremos doze piastras por hoje, amanhã e depois de amanhã, e o senhor ainda terá um belíssimo lucro.

— Entretanto, Excelência!... — exclamou o mestre Pastrini, ensaiando rebelar-se.

— Vamos, meu caro hoteleiro, vamos — disse Franz —, ou eu mesmo vou combinar o meu preço com o seu *affettatore*,¹⁷ que

também é o meu... Ele é um velho amigo, já me roubou muito dinheiro na vida, e, na esperança de me roubar ainda mais, vai aceitar um preço menor do que o que lhe ofereço: então o senhor vai perder o seu lucro e a culpa será toda sua.

— Não se incomode, Excelência — disse o mestre Pastrini, com aquele sorriso do especulador italiano que se confessa vencido —, farei o meu melhor, espero que fique satisfeito.

— Maravilha... Assim é que se fala.

— Quando quer a carruagem?

— Em uma hora.

— Em uma hora ela estará na porta.

Uma hora depois, de fato, a carruagem esperava os dois jovens: era um modesto fiacre que, em vista da solenidade da circunstância, tinha sido promovido a carruagem; mas, embora a sua aparência fosse medíocre, os dois jovens ficariam muito felizes se pudessem dispor de um carro como aquele nos últimos três dias de carnaval.

— Excelência — exclamou o cicerone, ao ver Franz meter o nariz à janela —, devo mandar a carruagem aproximar-se do palácio?

Por mais habituado que Franz estivesse à ênfase italiana, seu primeiro impulso foi olhar ao redor: era bem a ele que aquelas palavras se dirigiam.

Franz era a Excelência, a carruagem era o fiacre, o palácio era o hotel de Londres.

Todo o gênio laudatório da nação encontrava-se naquela simples frase.

Franz e Albert desceram. A carruagem aproximou-se do palácio. Suas Excelências alongaram as suas pernas sobre as banquetas; o cicerone saltou para o assento de trás.

— Para onde Vossas Excelências desejam ser conduzidos?

— Mas para São Pedro, primeiro, e depois para o Coliseu — disse Albert, como verdadeiro parisiense.

Mas Albert não sabia de algo: era preciso um dia para ver São Pedro, um mês para estudá-lo; o dia resumiu-se, portanto, a ver São Pedro.

De repente os dois amigos perceberam que o sol se punha.

Franz tirou o relógio: eram quatro e meia.

Logo tomaram o caminho do hotel. À porta, Franz ordenou ao cocheiro que estivesse pronto às oito horas. Queria mostrar a Albert o Coliseu ao luar, como lhe mostrara São Pedro à luz do dia. Quando mostramos a um amigo uma cidade que já conhecemos, exibimos a mesma galanteria que ao mostrar uma mulher de quem fomos amantes.

Portanto, Franz traçou ao cocheiro o seu itinerário — ele devia sair pela porta do Povo, contornar a muralha exterior e entrar pela porta de São João. Assim, o Coliseu lhes apareceria sem nenhum preparativo, sem que o Capitólio, o Fórum, o arco de Sétimo Severo, o templo de Antonino e Faustina, a Via Sacra servissem de degraus colocados no caminho para diminuir o impacto.

Sentaram-se à mesa: mestre Pastrini prometera a seus hóspedes um festim excelente; serviu-lhes um jantar passável — não havia nada a comentar.

Depois do jantar, ele mesmo apareceu: Franz logo imaginou que era para receber os seus cumprimentos e apressou-se a fazê-los, quando às primeiras palavras ele o interrompeu: —Excelência — disse ele —, estou lisonjeado com a sua aprovação... Mas não foi por isso que subi ao seu quarto...

— Foi para nos dizer que arrumou uma carruagem? — perguntou Albert acendendo o seu charuto.

— Menos ainda... E até mesmo, Excelência, faria bem em não pensar mais nisso e tomar o seu partido. Em Roma, ou as coisas são possíveis, ou impossíveis. Quando lhe dizem que são impossíveis, acabou-se.

— Em Paris, é bem mais cômodo: quando a coisa é impossível, paga-se o dobro e no mesmo instante se consegue o que se pede.

— É o que me dizem todos os franceses — disse o mestre Pastrini, um tanto ferido —, o que me leva a não compreender por que é que eles viajam.

— Mas também — disse Albert, soltando fleumaticamente a fumaça para o teto, inclinando-se para trás, balançando-se, apoiado apenas nos pés traseiros de sua poltrona — são apenas os loucos e idiotas como nós que viajam... As pessoas sensatas não

abandonam a sua mansão na rua do Helder, a avenida de Gand e o café de Paris.

Nem é preciso dizer que Albert morava na rua mencionada, fazia todo dia o passeio da moda, jantava todo dia no único café onde se janta, desde que não se tenha brigado com os garçons.

Mestre Pastrini ficou em silêncio por um momento; evidentemente, preparava a sua resposta, que provavelmente não lhe parecia muito clara.

— Mas, enfim — disse Franz, por sua vez, interrompendo as reflexões geográficas de seu anfitrião —, o senhor veio por algum motivo... Não quer contar-nos o motivo de sua visita?

— Ah, justamente... É isto: os senhores encomendaram a carruagem para as oito horas?

— Justamente.

— Pretendem visitar o Colosseo?

— Quer dizer, o Coliseu?

— É exatamente a mesma coisa.

— Que seja... Os senhores disseram ao cocheiro que saísse pela porta do Povo, contornasse os muros e entrasse pela porta de São João?

— Foram exatamente essas as minhas palavras.

— Pois bem: esse itinerário é impossível.

— Impossível?!

— Ou, pelo menos, muito perigoso.

— Perigoso?! E por quê?

— Por causa do famoso Luigi Vampa.

— Primeiro, meu caro anfitrião, quem é esse famoso Luigi Vampa?! — perguntou Albert. — Talvez ele seja muito famoso em Roma, mas lhe aviso que é bastante ignorado em Paris.

— Como?!... Os senhores não o conhecem?

— Não tive essa honra.

— Nunca ouviu falar o nome dele?

— Nunca.

— Pois bem, ele é um bandido perto do qual os De Cesaris e os Gasparone são espécies de crianças de coro.

— Atenção, Albert! — exclamou Franz. — Até que enfim, um bandido!

— Previno-o, meu caro hoteleiro: não vou acreditar numa palavra do que vai nos dizer. Uma vez combinado isso, fale tanto quanto quiser, estou ouvindo. “Era uma vez...” Pois bem, então vamos!

O mestre Pastrini voltou-se para Franz, que lhe parecia ser o mais razoável dos dois jovens. É preciso fazer justiça ao bravo homem: ele já tinha hospedado muitos franceses na vida, mas nunca compreendera certo aspecto do temperamento francês.

— Excelência — disse ele, muito sério, dirigindo-se, como dissemos, a Franz —, se me vê como um mentiroso, inútil contar-lhe o que pretendia lhe contar... Todavia, posso lhe garantir: era no interesse de Vossas Excelências...

— Albert não lhe disse que o senhor é um mentiroso, meu caro senhor Pastrini... — disse Franz. — Só lhe disse que não vai acreditar... Mas eu vou acreditar... Fique tranquilo... Pode falar.

— Entretanto, Excelência, o senhor compreende muito bem: se colocam em dúvida a veracidade de minhas palavras...

— Meu caro — continuou Franz —, o senhor é mais suscetível do que Cassandra, que, apesar de ser profetisa, ninguém ouvia... Enquanto o senhor, pelo menos, está seguro de metade de seu auditório. Vejamos, sente-se e diga-nos quem é esse senhor Vampa.

— Eu já lhe disse, Excelência: ele é um bandido como ainda nunca vimos igual, desde o famoso Mastrilla.

— Pois bem: qual é a relação entre esse bandido e a ordem que dei a meu cocheiro, de sair pela porta do Povo e entrar pela porta de São João?

— A relação — respondeu mestre Pastrini — é que o senhor pode muito bem sair por uma porta, mas duvido que entre pela outra...

— E por quê? — perguntou Franz.

— Porque quando a noite vem já não se está mais seguro a cinquenta passos dessas portas.

— Palavra de honra? — exclamou Albert.

— Senhor visconde — disse o mestre Pastrini, ainda ferido até o fundo do coração pela dúvida de Albert quanto à sua veracidade —, o que digo não é para o senhor: é para o seu companheiro de viagem, que conhece Roma, que sabe que com essas coisas não se brinca.

— Meu caro — disse Albert dirigindo-se a Franz —, eis uma admirável aventura que desfrutaremos: enchemos a nossa carruagem de pistolas, bacamartes e fuzis de cano duplo, Luigi Vampa vem nos pegar, nós o pegamos... Nós o trazemos para Roma, em homenagem à Sua Santidade, que nos pergunta o que pode fazer para recompensar tão valioso serviço. Então nós pedimos, pura e simplesmente, uma carruagem e dois cavalos de suas cavaliças, e assistimos ao carnaval de carro... Sem contar que provavelmente o povo romano, agradecido, vai nos coroar no Capitólio e nos proclamar, como Cúrcio e Horácio Cocles, salvadores da pátria.

Enquanto Albert fazia a sua proposta, mestre Pastrini fazia uma cara que em vão tentaríamos descrever.

— E, primeiro — perguntou Franz a Albert —, onde arranjaríamos essas pistolas, bacamartes, fuzis de dois canos com que você quer forrar o nosso carro?

— Fato é que não vai ser em meu arsenal — disse Albert. — Em Terracina me levaram até o meu punhal... E você?

— Aconteceu o mesmo comigo em Aquapendente.

— Pois é, meu caro hoteleiro — disse Albert, acendendo outro charuto na brasa do anterior —, sabe que essa circunstância é muito cômoda para os ladrões, e que ela me parece ter sido providenciada por eles mesmos?

Sem dúvida, mestre Pastrini achou a brincadeira comprometedor, pois só respondeu parcialmente; mesmo assim, dirigindo a palavra apenas a Franz, como à única criatura razoável com quem seria possível entender-se convenientemente.

— Vossa Excelência sabe que não devemos nos defender quando somos atacados por bandidos...

— Como?! — exclamou Albert, cuja valentia se revoltava à ideia de deixar-se roubar sem dizer nada. — Como?! Não se deve?!

— Não, pois toda defesa seria inútil. O que o senhor pretenderia fazer contra uma dúzia de bandidos que saem de um fosso, de um casebre ou de um aqueduto, e que lhe caem em cima todos ao mesmo tempo?

— Eh, nossa, quero que me matem! — exclamou Albert.

O hoteleiro virou-se para Franz com um ar que queria dizer: “Decididamente, Excelência, o seu camarada é louco”.

— Meu caro Albert — disse Franz —, a sua resposta é sublime... Equivale ao *Que ele morresse* do velho Corneille:¹⁸ mas, quando Horácio respondia isso, tratava-se da salvação de Roma e a coisa valia a pena. Mas, quanto a nós, repare, trata-se simplesmente de satisfazer um capricho... Seria ridículo arriscar a nossa vida por um capricho.

— Ah, *per Bacco!* — exclamou mestre Pastrini. — Muito bem... Em tempo... Isso é que se chama falar.

Albert serviu-se de um copo de *lacrima-christi*, bebendo em pequenos goles, murmurando palavras ininteligíveis.

— Então, mestre Pastrini — disse Franz —, agora que o meu companheiro está calmo e que o senhor já percebeu as minhas intenções pacíficas, agora vejamos: quem é esse senhor Luigi Vampa? Ele é pastor ou patrício? Jovem ou velho? Alto ou baixo? Descreva-o, para que, se acaso o encontrarmos pelo mundo, como Jean Sbogar ou Lara, possamos ao menos reconhecê-lo.¹⁹

— Não poderia dirigir-se a ninguém melhor do que a mim, Excelência, para ter detalhes mais exatos, pois eu conheci Luigi Vampa ainda criança, e um dia, quando eu mesmo caí em suas mãos, viajando de Ferentino a Alatri, felizmente, para mim, ele lembrou-se que há muito tempo nos conhecíamos... Então ele me deixou ir, não apenas sem me fazer pagar resgate, mas também depois de me dar de presente um bellissimo relógio e me contar a sua história.

— Mostre o relógio — disse Albert.

Mestre Pastrini tirou do bolso um magnífico Bréguet com o nome do autor, o timbre de Paris e uma coroa de conde.

— Aqui está — disse ele.

— Peste! — fez Albert. — Dou-lhe os meus parabéns... Tenho um quase igual — ele tirou o relógio do bolso do colete — e ele me custou três mil francos.

— Escutemos a história — disse Franz, por sua vez, puxando uma poltrona e fazendo sinal a mestre Pastrini para sentar-se.

— Vossas Excelências me permitem? — disse o anfitrião.

— Ora — disse Albert —, o senhor não é um pregador, meu caro, para falar de pé.

O hoteleiro sentou-se, depois de fazer a cada um de seus futuros ouvintes respeitosa saudação, que tinha por objetivo mostrar que ele estava pronto a dar sobre Luigi Vampa as informações que desejassem.

— Ah, sim! — disse Franz, detendo mestre Pastrini no momento em que ele abria a boca. — O senhor disse que conheceu Luigi Vampa ainda criança... Ele ainda é muito jovem?

— Como, jovem?! Claro que sim, ele tem apenas vinte e dois anos!... Oh, esse cara vai longe, com certeza!

— Que acha disso, Albert? Que beleza, aos vinte e dois anos já ser famoso... — disse Franz.

— Sim, claro... Nessa idade, Alexandre, César e Napoleão, que depois fizeram algum barulho pelo mundo, não estavam tão adiantados quanto ele.

— Então — continuou Franz, dirigindo-se ao hoteleiro —, o herói da história que vamos ouvir tem apenas vinte e dois anos.

— Apenas... Como tive a honra de dizer-lhes.

— Ele é alto ou baixo?

— De estatura média: mais ou menos como Vossa Excelência — disse o hoteleiro, apontando Albert.

— Obrigado pela comparação — disse Albert, inclinando-se.

— Vamos em frente, mestre Pastrini! — exclamou Franz, rindo da suscetibilidade de seu amigo. — E a que classe da sociedade ele pertencia?

— Ele era um simples pastor, empregado na fazenda do conde de San-Felice, situada entre a Palestrina e o lago de Gabri. Ele tinha nascido em Pampinara, aos cinco anos começara a trabalhar para o conde. O pai dele, que também era pastor em Anagni, tinha um

pequeno rebanho e vivia da lã de seus carneiros e do leite de suas ovelhas, que vinha vender em Roma.

“Quando criança, o pequeno Vampa já tinha um caráter estranho. Certo dia, aos sete anos, ele foi procurar o padre de Palestrina, pedindo-lhe que o ensinasse a ler. O que não era fácil, pois o jovem pastor não podia abandonar o seu rebanho. Mas o bom padre todos os dias ia rezar a sua missa num pobre pequeno burgo, muito pouco considerável para pagar um padre, e que, não tendo nem mesmo nome, era chamado de Burgo. Ele propôs a Luigi encontrá-lo em seu caminho quando voltava e assim receber a sua lição, avisando-o de que a lição seria curta: logo, Luigi teria de aproveitá-la.

“O menino aceitou alegremente.

“Todo dia, Luigi pastoreava o seu rebanho na estrada de Palestrina a Burgo; todo dia, às nove da manhã, o padre passava, o sacerdote e o menino sentavam-se à beira de um fosso, o pequeno pastor aprendia a sua lição no breviário do padre.

“Três meses depois, ele já sabia ler.

“Isso não era tudo: agora ele precisava aprender a escrever.

“O padre pediu a um professor de caligrafia em Roma três alfabetos: um em maiúsculas, um misto, um em minúsculas, e mostrou-lhe que copiando o alfabeto em ardósia, com uma pena de ferro, podia aprender a escrever.

“Na mesma noite, quando o rebanho chegou à fazenda, o pequeno Vampa correu ao ferreiro de Palestrina, pegou um prego grande, forjou-o, martelou-o, arredondou-o, transformando-o numa espécie de estilete antigo.

“No dia seguinte, reuniu uma provisão de pedras de ardósia e lançou-se à obra.

“Três meses depois, já sabia escrever.

“O padre, surpreso com aquela imensa inteligência, impressionado com aquela aptidão, deu-lhe de presente vários cadernos de papel, um pacote de penas e um canivete.

“Ele teve de fazer novos estudos, mas esses estudos não eram nada comparados aos primeiros. Uma semana depois, já manejava a pena como manejava o estilete.

“O padre contou essa história ao conde de San-Felice, que quis conhecer o pastorzinho, fazendo-o ler e escrever na frente dele; ordenou ao intendente que o fizesse comer com os criados e pagou-lhe duas piastras por mês.

“Com esse dinheiro, Luigi comprou livros e lápis.

“De fato, Luigi aplicava a todos os objetos a facilidade de imitação que possuía e, como Giotto quando criança, desenhava nas pedras de ardósia as suas ovelhas, árvores e casas.

“Depois, com a ponta de seu canivete, começou a esculpir a madeira e a lhe dar todas as espécies de formas. Era assim que Pinelli, o escultor popular, tinha começado.

“Uma menina de seis ou sete anos, isto é, um pouco mais nova do que Vampa, também guardava as ovelhas em uma fazenda perto de Palestrina; ela era órfã, nascera em Valmontone e se chamava Teresa.

“As duas crianças se encontravam, sentavam-se lado a lado, deixavam os seus rebanhos se misturarem e pastarem juntos, e conversavam, riam, brincavam... Depois, ao anoitecer, separavam os carneiros do conde de San-Felice dos carneiros do barão de Cervetri: as crianças se despediam e voltavam às respectivas fazendas, prometendo reencontrarem-se no dia seguinte.

“No dia seguinte, cumpriam a sua palavra, e assim cresciam, lado a lado.

“Vampa completou doze anos e a pequena Teresa, onze.

“Entretanto, os seus instintos naturais se desenvolviam.

“Além de gostar das artes, gosto que Luigi levava tão longe quanto lhe era possível naquele isolamento, ele era triste por temperamento, ardente por impulso, colérico por capricho, sempre irônico. Nenhum menino de Pampinara, de Palestrina ou de Valmontone conseguira ter alguma influência sobre ele ou tornar-se amigo dele. O seu temperamento voluntarioso, sempre disposto a exigir, sem jamais permitir-se alguma concessão, descartava qualquer gesto amistoso, qualquer demonstração de simpatia. Só Teresa comandava com uma palavra, com um olhar, com um gesto, toda aquela personalidade que cedia à mão de uma mulher, mas

que à mão de um homem, fosse ele quem fosse, resistiria até se quebrar.

“Ao contrário dele, Teresa era viva, esperta e alegre, mas extremamente vaidosa; as duas piastras que o intendente do conde de San-Felice pagava a Luigi, bem como o dinheiro de todas as pequenas obras esculpidas que ele vendia aos comerciantes de enfeites de Roma, transformavam-se em brincos de pérolas, em colares de vidro, em agulhas de ouro. Assim, graças à prodigalidade de seu jovem amigo, Teresa era a mais bela e a mais elegante camponesa dos arredores de Roma.

“As duas crianças continuaram a crescer, passando todos os seus dias juntas, entregando-se sem luta aos instintos de suas naturezas primitivas. Assim, em suas conversas, em seus desejos, em seus sonhos, Vampa sempre imaginava ser capitão de navio, general de exército ou governador de alguma província; Teresa imaginava-se rica, vestindo os mais belos vestidos e acompanhada por criados em traje de gala; depois de passarem o dia inteiro a pintar o seu futuro com esses loucos e brilhantes arabescos, eles se separavam para levar os seus carneiros aos estábulos, desciam da altura de seus sonhos à humildade de suas reais posições.

“Certo dia, o jovem pastor disse ao intendente do conde que vira um lobo sair das montanhas da Sabina e rondar o seu rebanho. O intendente deu-lhe um fuzil: era o que Vampa queria.

“Por acaso, esse fuzil era uma excelente arma de Brescia, que disparava a bala como uma carabina inglesa; mas um dia o conde, ao perseguir uma raposa ferida, quebrara a coronha da arma, que fora deixada de lado.

“A coronha quebrada não era uma dificuldade para um escultor como Vampa. Ele examinou a coronha original, calculou o que era preciso mudar para adaptá-la a si e fez outra coronha cheia de adornos tão maravilhosos que, se quisesse vendê-la na cidade, só pela madeira certamente pagariam quinze ou vinte piastras.

“Mas nem pensava em vendê-la: havia muito tempo o sonho do jovem era ter um fuzil. Em todos os países em que a independência substituiu a liberdade, a primeira necessidade que sente todo coração forte, toda organização poderosa, é a de ter uma arma que

assegure ao mesmo tempo o ataque e a defesa, e que, tornando terrível quem a carrega, faça com que ele seja quase sempre temido.

“A partir daquele dia, Vampa dedicou todos os seus momentos livres a exercitar-se com o fuzil; comprou pólvora e balas; para ele, tudo era alvo: o tronco da oliveira triste, frágil e cinza, que cresce nas encostas das montanhas da Sabina; a raposa que ao crepúsculo saía de sua toca para começar a sua caçada noturna; a águia a planar no ar. Logo ele se tornou tão habilidoso que Teresa superou o medo que a princípio sentira ao ouvir as detonações; ela se divertia vendo o seu jovem companheiro alojar a bala de seu fuzil onde quisesse metê-la, com tanta precisão quanto se a tivesse colocado com a mão.

“Certa noite, realmente, um lobo saiu de um bosque de pinheiros próximo ao lugar em que os dois jovens tinham o hábito de ficar: o lobo ainda não dera dez passos pela estepe e já estava morto.

“Muito orgulhoso de seu belo tiro, Vampa colocou o lobo nos ombros e carregou-o para a fazenda.

“Todos esses detalhes deram a Luigi certa reputação nos arredores da fazenda; o homem superior, em qualquer lugar em que se encontre, cria uma clientela de admiradores. Nas redondezas, falava-se desse jovem pastor como do mais hábil, do mais forte e do mais corajoso camponês nas dez léguas ao redor; e embora, por sua vez, Teresa, em um círculo ainda mais extenso, passasse por uma das mais belas jovens da Sabina, ninguém ousava dizer-lhe uma palavra de amor, pois sabiam que Vampa a amava.

“Entretanto, os dois jovens nunca haviam dito que se amavam. Tinham crescido um ao lado do outro como duas árvores que entrelaçam as suas raízes no solo, os seus ramos no ar, os seus perfumes no céu; mas o seu desejo de se ver era o mesmo; esse desejo tornara-se uma necessidade — eles aceitariam antes a morte do que um só dia de separação.

“Teresa tinha dezesseis anos; Vampa, dezessete.

“Nessa época, começou-se a falar muito em um bando de ladrões que se organizava nos montes Lepini. A bandidagem nunca foi seriamente extirpada da vizinhança de Roma. Às vezes faltam

chefes; mas quando um chefe se apresenta raramente falta-lhe um bando.

“O célebre Cucumetto, perseguido nos Abrúzios, expulso do reino de Nápoles, onde desencadeara uma verdadeira guerra, atravessara o Garigliano, como Manfred, e viera refugiar-se entre Sonnino e Juperno, às margens do rio Amaseno.

“Era ele quem se ocupava de reorganizar um bando, quem seguia os passos de De Cesaris e Gasparone, esperando superá-los em breve. Desapareceram muitos jovens de Palestrina, Frascati e Pampinara. Primeiro, todos se preocuparam — depois, logo souberam que eles tinham se juntado ao bando de Cucumetto.

“Passado algum tempo, Cucumetto se tornou o alvo de todas as atenções. Atribuía a esse chefe de bandidos gestos de audácia extraordinária e de revoltante brutalidade.

“Certo dia, ele raptou uma jovem: ela era filha do agrimensor de Frosinone. As leis dos bandidos são claras: primeiro, uma jovem pertence a quem a raptou; depois, os outros a sorteiam; e a infeliz serve aos prazeres de todo o bando, até que os bandidos a abandonem, ou que ela morra.

“Quando os pais são bastante ricos para resgatá-la, enviam um mensageiro para tratar do resgate; a cabeça da prisioneira garante a segurança do emissário. Se o resgate é recusado, a prisioneira é irrevogavelmente condenada.

“A jovem tinha o seu namorado no bando de Cucumetto: ele se chamava Carlini.

“Ao reconhecer o jovem, ela estendeu os braços para ele e imaginou-se salva. Mas o pobre Carlini, ao reconhecê-la, sentiu o seu coração se partir: ele bem sabia o destino que aguardava a sua amada.

“Entretanto, como ele era o favorito de Cucumetto, como durante três anos ambos tinham partilhado os mesmos perigos, como Carlini salvara a vida do chefe ao abater com um tiro de pistola um carabineiro que já levantara o sabre sobre a cabeça dele, esperou que Cucumetto tivesse alguma piedade.

“Então chamou o chefe de lado, enquanto a jovem, sentada contra o tronco de um grande pinheiro que se erguia no meio de

uma clareira da floresta, transformara em véu o pitoresco chapéu das camponesas romanas e escondia o rosto dos luxuriosos olhares dos bandidos.

“Então, contou-lhe tudo: os seus amores com a prisioneira, as suas promessas de fidelidade, bem como toda noite, desde que chegaram às redondezas, ambos se encontravam em uma ruína.

“Bem naquela noite, Cucumetto mandara Carlini a uma aldeia vizinha: ele não pudera comparecer ao encontro; mas Cucumetto aparecera ali por acaso, disse ele, e então havia raptado a jovem.

“Carlini suplicou ao chefe que fizesse uma exceção em seu favor e respeitasse Rita, dizendo-lhe que o pai da jovem era rico e pagaria um bom resgate.

“Cucumetto pareceu render-se às súplicas do amigo, encarregando-o de encontrar um pastor que pudessem enviar à casa do pai de Rita, em Frosinone.

“Então Carlini aproximou-se alegremente da jovem, dizendo-lhe que ela estava salva, e convidou-a a escrever ao pai uma carta, contando o que lhe acontecera, anunciando-lhe que o resgate estava fixado em trezentas piastras.

“O prazo máximo concedido ao pai era de doze horas, ou seja, até o dia seguinte às nove da manhã.

“Escrita a carta, Carlini logo a pegou e correu à planície para encontrar um mensageiro.

“Encontrou um jovem pastor que guardava o seu rebanho. Os mensageiros naturais dos bandidos são os pastores, que vivem entre a cidade e a montanha, entre a vida selvagem e a vida civilizada.

“O jovem pastor logo partiu, prometendo chegar a Frosinone dentro de uma hora.

“Carlini voltou todo alegre para encontrar a sua namorada e contar-lhe a boa notícia.

“Encontrou o bando na clareira, onde ceava alegremente as provisões confiscadas aos camponeses como tributo; entre os alegres convivas, procurou em vão Cucumetto e Rita.

“Perguntou onde eles estavam; os bandidos responderam com uma grande gargalhada. Um suor frio correu pela testa de Carlini —

ele sentiu a angústia agarrá-lo pelos cabelos.

“Repetiu a pergunta. Um dos convivas encheu um copo de vinho de Orvietto e estendeu-lhe, dizendo: “— À saúde do bravo Cucumetto e da bela Rita!

“Nesse instante, Carlini pensou ouvir um grito de mulher. Adivinhou tudo. Pegou o copo, quebrou-o na cara de quem o havia estendido e correu na direção do grito.

“Cem passos adiante, atrás de uma moita, encontrou Rita desmaiada nos braços de Cucumetto.

“Ao ver Carlini, Cucumetto levantou-se segurando uma pistola em cada mão.

“Os dois bandidos olharam-se por um momento: um com o sorriso da luxúria nos lábios, o outro com a palidez da morte no rosto.

“Parecia que algo terrível ia acontecer entre os dois homens. Mas aos poucos os traços de Carlini se distenderam; a sua mão, que ele levava a uma das pistolas à cintura, caiu ao lado de seu corpo.

“Rita estava deitada entre ambos.

“A lua iluminava esta cena.

“— Pois então — disse-lhe Cucumetto —, cumpriu a missão de que estava encarregado?

“— Sim, capitão — respondeu Carlini —, e amanhã antes das nove horas o pai da Rita vai estar aqui com o dinheiro.

“— Maravilha... Enquanto isso, vamos passar uma noite alegre. Essa jovem é encantadora: é verdade que tem bom gosto, mestre Carlini... Então, como não sou egoísta, vamos voltar para perto dos camaradas e tirar na sorte a quem ela vai pertencer agora.

“— Então decidiu entregá-la à lei costumeira? — perguntou Carlini.

“— E por que faria exceção em seu favor?

“— Imaginei que a meu pedido...

“— E o que você é mais que os outros?

“— É justo.

“— Mas fique tranquilo — prosseguiu Cucumetto, rindo —, cedo ou tarde sua vez vai chegar.

“Os dentes de Carlini cerraram-se com força.”

“— Vamos — disse Cucumetto dando um passo na direção dos convivas —, você não vem?”

“— Já vou...”

“Cucumetto afastou-se sem tirar os olhos de Carlini: certamente temia que ele o atacasse por trás. Mas nada no bandido denunciava intenções hostis.

“Ele estava em pé, de braços cruzados, ao lado de Rita ainda desmaiada.

“Por um momento, Cucumetto imaginou que o jovem ia tomá-la nos braços e fugir com ela. Mas agora pouco lhe importava: já tivera de Rita tudo o que desejava; e, quanto ao dinheiro, trezentas piastras repartidas por todo o bando dava uma quantia tão pequena que ele pouco ligava.

“Então seguiu o seu caminho rumo à clareira; mas, para seu grande espanto, Carlini ali chegou quase ao mesmo tempo.

“— O sorteio, o sorteio! — gritaram em coro os bandidos ao verem o chefe.

“E os olhos de todos aqueles homens brilharam de embriaguez e de lascívia, enquanto as chamas da fogueira lançavam a todos os vultos um clarão avermelhado que os tornava semelhantes a demônios.

“O que eles pediam era justo; assim, o chefe fez com a cabeça um sinal anunciando-lhes que concordava com o pedido.

“Colocaram todos os nomes num chapéu, o nome de Carlini como os dos outros, e o mais jovem do bando tirou uma cédula da urna improvisada.

“Esta cédula trazia o nome de Diavolaccio.

“Era o mesmo que sugerira a Carlini brindar à saúde do chefe, a quem Carlini respondera quebrando-lhe o copo na cara.

“Um grande ferimento, aberto da têmpora à boca, deixava correr fluxos de sangue.

“Ao ver-se assim favorecido pela sorte, Diavolaccio deu uma gargalhada.

“— Capitão — disse ele —, agora mesmo, Carlini não quis beber à sua saúde: convide-o a beber à minha... Talvez ele seja mais

condescendente com o senhor do que comigo.

“Todos esperavam uma explosão da parte de Carlini; mas, para grande surpresa de todos, ele pegou um copo com uma mão, uma garrafa com a outra; então, enchendo o copo: “— À sua saúde, Diavolaccio — disse ele, em voz perfeitamente calma, e virou o conteúdo do copo sem que a sua mão tremesse.

“Então, sentando-se perto do fogo: “— A minha parte da ceia! — pediu ele. — A corrida que acabo de fazer me abriu o apetite.

“— Viva Carlini! — gritaram os bandidos.

“— Na hora certa! Isso é que se chama ver as coisas como bom companheiro... — E todos refizeram o círculo ao redor da fogueira, enquanto Diavolaccio se afastava.

“Carlini comia e bebia como se nada tivesse acontecido.

“Os bandidos o olhavam com surpresa, nada compreendendo daquela impassibilidade, quando ouviram atrás deles o som de passos pesados.

“Voltaram-se e viram Diavolaccio segurando a jovem em seus braços.

“Ela estava com a cabeça atirada para trás e os seus longos cabelos pendiam até o chão.

“À medida que se aproximavam do círculo de luz projetada pela fogueira, percebia-se a palidez da jovem e a palidez do bandido.

“Essa aparição tinha algo de tão estranho e solene que todos se levantaram, a não ser Carlini, que continuou sentado, bebendo e comendo, como se nada se passasse ao redor.

“Diavolaccio continuava a se aproximar, em meio ao mais profundo silêncio, e colocou Rita aos pés do capitão.

“Então todos perceberam o motivo da palidez da jovem e da palidez do bandido.

“Rita tinha uma faca enfiada até o cabo abaixo de seu seio esquerdo.

“Todos os olhos voltaram-se para Carlini: a bainha em seu cinturão estava vazia.

“— Ah, ah! — fez o chefe. — Agora entendo por que Carlini ficou pra trás.

“Toda natureza selvagem é capaz de apreciar uma ação enérgica; embora nenhum dos bandidos talvez fosse capaz de fazer o que Carlini acabara de fazer, todos compreenderam o que ele fizera.

“— Pois bem! — disse Carlini, também se levantando e aproximando-se do cadáver, com a mão na coronha de uma de suas pistolas. — Alguém mais quer disputar esta mulher comigo?

“— Não — disse o chefe —, ela é sua!

“Então Carlini tomou-a nos braços por sua vez e levou-a para além do círculo de luz projetada pela chama da fogueira.

“Cucumetto dispôs as sentinelas como de hábito e os bandidos deitaram-se envoltos em suas capas ao redor da fogueira.

“À meia-noite a sentinela deu o alarme: num instante, o chefe e seus companheiros estavam de pé.

“Era o pai de Rita, que trazia pessoalmente o resgate pela filha.

“— Olhe — disse ele a Cucumetto, estendendo-lhe um saco de dinheiro —, aqui estão trezentas piastras: devolva-me a minha filha.

“Mas sem pegar o dinheiro o chefe fez-lhe sinal para segui-lo.

“O velho obedeceu; ambos se afastaram sob as árvores; através dos ramos, filtravam-se os raios de lua. Enfim, Cucumetto deteve-se, estendendo a mão e mostrando ao velho duas pessoas ao pé de uma árvore: “— Olhe — disse-lhe ele —: peça a sua filha a Carlini, ele lhe prestará contas.

“E o chefe voltou para seus companheiros.

“O velho permaneceu imóvel e com os olhos fixos. Sentia que alguma desgraça estranha, imensa, inaudita, pairava sobre a sua cabeça.

“Enfim deu alguns passos até o grupo informe que não conseguia identificar.

“Pelo barulho que ele fazia ao se aproximar, Carlini levantou a cabeça: as formas das duas pessoas começaram a aparecer mais distintas aos olhos do velho.

“Uma mulher estava deitada por terra, com a cabeça pousada nos joelhos de um homem sentado, que permanecia inclinado sobre ela; ao se levantar, esse homem descobriu o rosto da mulher que ele apertava contra o peito.

“O velho reconheceu a sua filha; Carlini reconheceu o velho.

“— Eu o esperava... — disse o bandido ao pai de Rita.”

“— Miserável! — disse o velho. — O que fez?

“E olhava com terror Rita, pálida, imóvel, ensanguentada, com uma faca cravada em seu peito.

“Um raio de lua a atingia e a iluminava com a sua luz sombria.

“— Cucumetto tinha violado a sua filha — disse o bandido —, e, como eu a amava, eu a matei... Pois, depois dele, ela ia servir de brinquedo para todo o bando.

“O velho não disse uma palavra; apenas ficou pálido como um espectro.

“— Agora — disse Carlini —, se agi errado, vingue-a.

“E arrancou a faca do seio da jovem, e, levantando-se, ofereceu a faca ao velho com uma mão, enquanto com a outra abria a capa e mostrava-lhe o peito nu.

“— Fez bem — disse-lhe o velho em voz surda. — Abrace-me, meu filho.

“Carlini lançou-se soluçando aos braços do pai de sua namorada. Eram as primeiras lágrimas derramadas por aquele homem de sangue.

“— Agora — disse o velho a Carlini —, ajude-me a enterrar a minha filha.

“Carlini foi buscar duas pás; o pai e o namorado começaram a cavar a terra ao pé de um carvalho cujos ramos frondosos cobririam o túmulo da jovem.

“Quando o túmulo estava cavado, o pai beijou-a primeiro, então o namorado a beijou; depois, um tomando-a pelos pés, o outro pelas axilas, colocaram a jovem na cova.

“Então, ajoelharam-se dos dois lados e rezaram as orações dos mortos.

“Então, quando terminaram, cobriram o cadáver de terra, até que a cova ficasse cheia.

“Então, estendendo-lhe a mão: “— Eu lhe agradeço, meu filho! — disse o velho a Carlini. — Agora, deixe-me sozinho.

“— Mas, todavia... — disse-lhe Carlini.

“— Deixe-me, eu lhe ordeno.

“Carlini obedeceu, foi juntar-se a seus camaradas, envolveu-se em sua capa, logo pareceu dormir profundamente, como os outros.

“Na véspera, tinham decidido que levantariam acampamento.

“Uma hora antes do amanhecer, Cucumetto acordou os seus homens e deu a ordem de partir.

“Mas Carlini não quis deixar a floresta sem saber o que acontecera ao pai de Rita.

“Dirigiu-se para o lugar em que o deixara.

“Encontrou o velho enforcado em um dos galhos do carvalho que dava sombra ao túmulo de sua filha.

“Então, sobre o cadáver de um e a cova da outra, jurou vingar a ambos.

“Mas não pôde cumprir o juramento: dois dias depois, num encontro com os carabineiros romanos, Carlini foi morto.

“A única surpresa foi que, frente a frente com os inimigos, morrera de uma bala nas costas.

“A surpresa cessou quando um dos bandidos contou a seus camaradas que, quando Carlini caíra, Cucumetto estava dez passos atrás de Carlini.

“Na manhã em que partiram da floresta de Frosinone, ele seguira Carlini na escuridão, ouvira-o fazer aquele juramento e, como homem precavido, tinha se antecipado.

“Contavam-se ainda, sobre esse terrível chefe de bando, dez outras histórias não menos curiosas do que essa.

“Assim, de Fondi a Perugia, todo mundo tremia só de ouvir falar o nome de Cucumetto.

“Essas histórias tinham sido muitas vezes o assunto das conversas entre Luigi e Teresa.

“A jovem tremia muito ao ouvir essas histórias, mas Vampa tranquilizava-a com um sorriso, batendo em seu bom fuzil, que disparava tão bem; depois, se ela não se tranquilizava, ele lhe mostrava a cem passos algum corvo empoleirado num galho morto, colocava a arma diante do olho, puxava o gatilho e o animal atingido caía ao pé da árvore.

“Todavia, o tempo passava; os dois jovens tinham decidido se casar quando Vampa tivesse vinte anos e Teresa dezenove. Ambos

eram órfãos, só teriam de pedir permissão a seus patrões; já a tinham pedido e obtido.

“Certo dia, quando conversavam sobre os seus projetos de futuro, ouviram dois ou três tiros; então, de repente, um homem saiu do bosque perto do qual os dois jovens costumavam apascentar os seus rebanhos e correu até eles.

“Ao chegar ao alcance da voz: “— Estão me perseguindo! — exclamou ele. — Podem me esconder?”

“Os dois jovens logo perceberam que o fugitivo devia ser algum bandido; mas entre os camponeses e bandidos romanos existe uma simpatia inata que faz com que os camponeses sempre estejam prontos a ajudar os bandidos.

“Sem falar nada, Vampa então correu à pedra que escondia a entrada de sua caverna, descobriu-a, puxando a pedra, fez sinal ao fugitivo para esconder-se naquele refúgio desconhecido de todos, recolocou a pedra e voltou a sentar-se ao lado de Teresa.

“Quase ao mesmo tempo, quatro carabineiros a cavalo apareceram à beira do bosque; três pareciam estar atrás do fugitivo; o quarto arrastava pelo pescoço um bandido prisioneiro.

“Os três carabineiros exploraram o lugar com um olhar, viram os dois jovens, galoparam até eles e os interrogaram.

“Eles nada haviam visto.

“— Pena — disse o chefe dos carabineiros —, porque nós estamos atrás do chefe.

“— Cucumetto?! — não conseguiram impedir-se de exclamar ao mesmo tempo Luigi e Teresa.

“— Sim — respondeu o carabineiro. — E como a sua cabeça está a prêmio, a mil escudos romanos, vocês ganhariam quinhentos escudos se nos ajudassem a prendê-lo.

“Os dois jovens trocaram um olhar. O carabineiro teve um instante de esperança. Quinhentos escudos romanos são três mil francos, e três mil francos são uma fortuna para dois pobres órfãos que vão se casar.

“— Sim, que pena — disse Vampa —, mas não o vimos.

“Então os carabineiros vasculharam o lugar em diversas direções, mas inutilmente.

“Então, um atrás do outro, desapareceram.

“Então Vampa foi retirar a pedra e Cucumetto saiu.

“Através das frestas da porta de granito, ele vira os dois jovens conversarem com os carabineiros; adivinhara o assunto da conversa; lera no rosto de Luigi e de Teresa a inabalável decisão de não o entregar: tirou do bolso uma bolsa cheia de ouro e ofereceu-a aos jovens.

“Mas Vampa ergueu a cabeça com orgulho; quanto a Teresa, os seus olhos brilharam ao imaginar tudo o que poderia comprar em ricas joias e belos vestidos com aquela bolsa cheia de ouro.

“Cucumetto era um satã muito hábil: tomara a forma de um bandido, em vez de tomar a forma de uma serpente; surpreendeu aquele olhar, reconheceu em Teresa uma digna filha de Eva e retornou à floresta, voltando-se várias vezes a pretexto de saudar os seus libertadores.

“Passaram-se vários dias sem que Cucumetto fosse visto, sem que se ouvisse falar dele.”

XXXIV. LUIGI VAMPA “A época do carnaval se aproximava. O conde de San-Felice anunciou um grande baile de máscaras; todos os que Roma considerava os mais elegantes foram convidados.

“Teresa tinha grande vontade de ir a esse baile. Luigi pediu a seu protetor, o intendente, permissão para ambos assistirem ao baile escondidos entre os criados da casa. A permissão foi concedida.

“O conde dava esse baile principalmente para agradar a sua filha Carmela, que ele adorava.

“Carmela tinha exatamente a mesma idade e a mesma altura de Teresa — e Teresa era ao menos tão bela quanto Carmela.

“Na noite do baile, Teresa colocou o seu mais belo vestido, os seus mais ricos enfeites, as suas mais brilhantes bijuterias. Usava o traje típico das mulheres de Frascati.

“Luigi vestia o traje tão pitoresco do camponês romano nos dias de festa.

“Ambos se misturaram aos criados e aos camponeses, como lhes haviam autorizado.

“A festa era magnífica. Não apenas a vila era ardentemente iluminada, mas milhares de lanternas coloridas estavam suspensas nas árvores do jardim. Assim, logo os convidados transbordaram do palácio para os terraços, dos terraços para as alamedas.

“Em cada cruzamento havia uma orquestra, comidas e bebidas; os passeantes se detinham, formavam-se quadrilhas, dançavam onde queriam dançar.

“Carmela estava trajada como mulher de Sonino. Tinha uma touca toda bordada de pérolas, os alfinetes em seus cabelos eram de ouro e diamantes, a sua cinta era de seda turca com grandes flores pregadas; o casaco e a saia de caxemira, o avental de musselina das Índias, os botões do corpete também eram pedrarias.

“Duas de suas amigas estavam vestidas uma como mulher de Netuno, a outra como mulher de Riccia.

“Quatro jovens das mais ricas e nobres famílias de Roma acompanhavam-nas com aquela liberdade italiana que não tem igual em nenhum outro país do mundo: estavam fantasiados, por sua vez, como camponeses de Albano, Velletri, Civita-Castellana e Sora.

“Nem é preciso dizer que esses trajes de camponeses e camponesas resplandeciam de ouro e pedrarias.

“Ocorreu a Carmela a ideia de formar uma quadrilha uniforme de casais, mas faltava uma mulher.

“Carmela olhava ao redor: nenhuma de suas convidadas tinha um traje semelhante ao seu e ao de suas amigas.

“O conde de San-Felice mostrou-lhe, entre as camponesas, Teresa apoiada ao braço de Luigi.

“— O senhor me permite, papai? — disse Carmela.

“— Naturalmente — respondeu o conde —, não estamos no carnaval?

“Carmela inclinou-se a um jovem que a acompanhava conversando e disse-lhe algumas palavras, apontando-lhe a jovem.

“O jovem seguiu com o olhar a bela mão que lhe servia de condutora, fez um gesto de obediência e foi convidar Teresa a figurar na quadrilha organizada pela filha do conde.

“Teresa sentiu uma espécie de chama invadir-lhe o rosto. Interrogou Luigi com o olhar: não havia meio de recusar. Luigi deixou escorregar lentamente o braço de Teresa, que ele segurava no seu; e Teresa, afastando-se, conduzida por seu elegante cavalheiro, foi tomar toda trêmula o seu lugar na quadrilha aristocrática.

“Certamente, aos olhos de um artista, o preciso e severo traje de Teresa teria um caráter bem diferente dos trajes de Carmela e suas amigas; mas Teresa era uma jovem frívola e vaidosa; os bordados da musselina, as folhagens em sua cinta, o brilho da caxemira a deslumbravam: o reflexo das safiras e diamantes a deixava louca.

“Luigi, por sua vez, sentia nascer nele um sentimento desconhecido: era uma espécie de dor surda a morder-lhe primeiro o coração e depois, estremecendo, a correr-lhe pelas veias e apossar-se de todo o seu corpo; ele seguia com o olhar os menores movimentos de Teresa e seu par. Quando as mãos de ambos se tocavam, ele sentia vertigens, as suas artérias batiam com violência, parecia que o som de um sino vibrava em seus ouvidos. Quando eles se falavam, embora Teresa escutasse tímida e de olhos baixos as palavras de seu par, como Luigi lia nos olhos ardentes do belo jovem que aquelas palavras eram louvores, parecia-lhe que a terra rodava a seus pés e que todas as vozes do inferno lhe sopravam ideias de morte e assassinato. Então, temendo deixar-se levar à loucura, agarrava-se com uma mão às folhagens da cerca viva a seu lado, com a outra apertava em gestos convulsivos o punhal de cabo esculpido que trazia à cintura e que às vezes, sem perceber, tirava quase inteiro da bainha.

“Luigi tinha ciúmes! Sentia que, levada por sua natureza vaidosa e orgulhosa, Teresa poderia lhe escapar.

“Entretanto, a jovem camponesa, inicialmente tímida e quase assustada, logo se recobrou. Já dissemos que Teresa era bela. Não era tudo: Teresa era graciosa — tinha aquela graça selvagem bem mais poderosa do que a nossa graça artificial e afetada. Ela quase

monopolizava as honras da quadrilha; e, se tinha inveja da filha do conde de San-Felice, não ousaríamos dizer que Carmela não tivesse ciúmes dela.”

“Assim, foi em meio a muitos elogios que o seu belo par reconduziu-a ao lugar onde a tomara, onde Luigi a esperava.

“Durante a contradança, a jovem lançara duas ou três vezes um olhar a Luigi e a cada vez o vira pálido, com os traços contraídos. Uma vez a lâmina daquele punhal, desembainhado pela metade, até mesmo ofuscara os seus olhos como um relâmpago sinistro.

“Foi então quase trêmula que ela retomou o braço de seu amante.

“A quadrilha fizera o maior sucesso — era evidente que já tratavam de fazer uma segunda edição. Apenas Carmela se opunha; mas o conde de San-Felice pediu à filha com tanta ternura que ela acabou consentindo.

“Logo um dos cavalheiros adiantou-se para convidar Teresa, sem a qual seria impossível realizar-se a contradança; mas a jovem já havia desaparecido.

“De fato, Luigi não sentira forças para suportar uma nova prova; e, um tanto por persuasão, um tanto à força, arrastara Teresa para outro lugar do jardim. Teresa cedera contra a vontade; mas ela vira a fisionomia perturbada do jovem — compreendera, pelo seu silêncio entrecortado por estremecimentos nervosos, que alguma coisa estranha se passava nele. Ela mesma sentia alguma agitação interior; e, mesmo sem ter feito nada de errado, sentia que Luigi estava no direito de fazer-lhe algumas censuras: sobre o quê? — ela ignorava; mas não deixava de sentir que essas censuras seriam merecidas.

“Entretanto, para grande surpresa de Teresa, Luigi permanecia mudo — palavra alguma entreabriu os seus lábios durante todo o resto do baile. Só quando o frio da noite já tinha expulsado os convidados dos jardins, quando as portas da vila se fecharam atrás deles para uma festa íntima, ele levou Teresa para a casa dela; então, quando ela ia entrar: “— Teresa — disse ele —, em que pensava enquanto dançava diante da jovem condessa de San-Felice?”

“— Eu pensava — respondeu a jovem, com toda a franqueza de sua alma — que eu daria metade da minha vida para ter um traje igual ao dela.

“— E o que lhe dizia o seu par?

— Ele me dizia que só dependia de mim ter aquele traje, que eu só precisaria dizer uma palavra para consegui-lo.

“— Ele tinha razão — respondeu Luigi. — Você o deseja tanto assim?

“— Desejo.

“— Pois bem, você vai tê-lo!

“Surpresa, a jovem ergueu a cabeça para interrogá-lo; mas a fisionomia do jovem era tão sombria, tão terrível, que a palavra congelou-se em seus lábios.

“Aliás, ao dizer aquelas palavras, Luigi se afastara.

“Teresa seguiu-o com o olhar pelas trevas enquanto pôde vê-lo. Depois, quando ele já tinha desaparecido, ela entrou em casa suspirando.

“Na mesma noite, aconteceu algo extraordinário, sem dúvida devido à imprudência de algum criado que se esquecera de apagar as luzes: o fogo alastrou-se pela vila San-Felice até às dependências do apartamento da bela Carmela. Despertada no meio da noite pela luz das chamas, ela pulara da cama, envolvera-se em seu roupão, tentara fugir pela porta; mas o corredor por onde teria de passar já tinha sido tomado pelo incêndio. Então voltara a seu quarto, gritando por socorro, quando de repente a sua janela, a vinte pés de altura, se abriu; um jovem camponês pulara a seu quarto, tomara-a nos braços e, com força e habilidade sobre-humanas, carregara-a para a relva do jardim, onde ela desmaiara. Quando recobrou os sentidos, o pai estava diante dela. Todos os criados a cercavam, tentando socorrê-la. Toda uma ala da vila havia sido queimada; mas que importava, já que Carmela estava sã e salva?

“Procuraram por toda parte o seu salvador, mas o salvador não apareceu; perguntaram a todo o mundo, mas ninguém o vira. Quanto a Carmela, estava tão perturbada que não o reconheceria.

“Aliás, como o conde era imensamente rico, à parte o perigo corrido por Carmela, que lhe pareceu, pela maneira milagrosa como ela escapara, mais uma nova graça da Providência do que uma verdadeira desgraça, as perdas ocasionadas pelas chamas foram pouca coisa para ele.

“No dia seguinte, na hora costumeira, os dois jovens se encontraram à beira da floresta. Luigi chegara primeiro. Ele foi ao encontro da jovem com grande alegria; parecia ter esquecido completamente a cena da véspera. Teresa estava visivelmente pensativa; mas, ao ver Luigi tão bem-disposto, afetou por sua vez a despreocupação risonha que se encontrava no fundo de seu caráter quando alguma paixão não vinha perturbá-la.

“Luigi tomou Teresa pelo braço e levou-a à entrada da caverna, onde parou. Compreendendo que havia algo extraordinário, a jovem olhou-o fixamente.

“— Teresa — disse Luigi —, ontem à noite você me disse que daria tudo no mundo para ter um traje igual ao da filha do conde...

“— Sim — disse Teresa, surpresa —, mas eu estava louca para exprimir tal desejo.

“— E eu lhe respondi: ‘Pois bem, você vai tê-lo’...

“— Sim — respondeu a jovem, cuja surpresa crescia a cada palavra de Luigi. — Mas com certeza você só disse isso para me agradar.

“— Nunca lhe prometi nada que não tenha lhe dado, Teresa — disse orgulhosamente Luigi. — Entre na caverna e se vista.

“A essas palavras, ele retirou a pedra e mostrou a Teresa a caverna iluminada por duas velas que ardiam de ambos os lados de um magnífico espelho; sobre a mesa rústica feita por Luigi estavam espalhados o colar de pérolas e os alfinetes de diamantes; sobre uma cadeira ao lado estava pendurado o resto do traje.

“Teresa deu um grito de alegria e, sem perguntar de onde vinha aquele traje, sem perder tempo agradecendo a Luigi, saltou à caverna transformada em vestiário.

“Atrás dela, Luigi recolocou a pedra, pois acabara de ver no topo de uma pequena colina, impedindo-o de ver a Palestrina, um viajante a cavalo que parou por um instante, como a procurar o seu

caminho, desenhando-se no azul do céu com aquela nitidez de contornos característica das distâncias das terras meridionais.

“Ao ver Luigi, o viajante pusera o cavalo a galope e fora até ele.

“Luigi não se enganara; o viajante, que ia da Palestrina a Tívoli, não sabia que caminho seguir.

“O jovem indicou-lhe o rumo; mas como um quarto de milha adiante o caminho se dividia em três veredas, como ali o viajante poderia se perder novamente, pediu a Luigi que lhe servisse de guia.

“Luigi tirou a capa e colocou-a no chão, lançou ao ombro a carabina e, livre da capa pesada, marchou à frente do viajante naquele passo rápido do montanhês que o passo do cavalo dificilmente acompanha.

“Em dez minutos, Luigi e o viajante chegaram à espécie de encruzilhada indicada pelo jovem pastor.

“Ao chegar ali, com um gesto majestoso como o de um imperador, Luigi apontou o caminho que o viajante deveria seguir: “— Este é o seu caminho, Excelência — disse ele —, agora não tem mais o que errar.

“— E aqui está a sua recompensa — disse o viajante, oferecendo ao jovem pastor algumas moedas de pequeno valor.

“— Obrigado — disse Luigi, retirando a mão. — Faço um favor, não o vendo.

“— Mas — disse o viajante, que aliás parecia acostumado àquela diferença entre o servilismo do homem das cidades e o orgulho do camponês —, se recusa uma gorjeta, ao menos aceite um presente...

“— Ah, sim, então é diferente...

“— Pois bem — disse o viajante —, pegue esses dois cequins de Veneza... Dê estas moedas à sua noiva, para fazer um par de brincos.

“— Então, senhor, pegue esse punhal — disse o jovem pastor —: entre Albano e Civita-Castellana, não encontraria um com punho mais bem esculpido.

“— Aceito... — disse o viajante. — Mas então sou eu que fico obrigado, pois esse punhal vale mais que dois cequins.

“— Para um comerciante, talvez... Mas para mim, que o esculpi, vale apenas uma piastra.

“— Como se chama? — perguntou o viajante.

“— Luigi Vampa — respondeu o pastor, com o mesmo ar com que responderia: ‘Alexandre, rei da Macedônia’... — E o senhor?

“— Eu — disse o viajante — me chamo Simbad, o Marujo.” — Franz d’Épinay deu um grito de surpresa.

— Simbad, o Marujo?! — exclamou Franz.

— Sim — disse o narrador. — Foi esse o nome que o viajante deu a Vampa como se fosse o seu.

— Pois bem, mas o que você tem contra esse nome? — interrompeu Albert. — É um nome muito bonito, e, devo confessar, as aventuras do dono desse nome me divertiram bastante em minha juventude.

Franz não insistiu mais. Esse nome de Simbad, o Marujo, como bem compreendemos, despertara nele todo um mundo de lembranças, como despertara na véspera o nome do conde de Monte-Cristo.

— Continue — disse Franz ao hoteleiro.

— Vampa botou os dois cequins no bolso com desdém, voltou lentamente pelo caminho por onde viera. Ao chegar a duzentos ou trezentos passos da caverna, imaginou ouvir um grito.

“Parou, escutando de que lado vinha aquele grito.

“Um segundo depois, ouviu o seu nome ser claramente chamado.

“O apelo vinha do lado da caverna.

“Ele pulou como um cabrito, armando o seu fuzil enquanto corria, e em menos de um minuto chegou ao cume da pequena colina oposta àquela em que vira o viajante.

“Ali, os gritos de ‘Socorro!’ chegaram-lhe mais distintos.

“Ele lançou os olhos ao espaço abaixo: um homem raptava Teresa, como o centauro Nesso raptara Djanira.

“Esse homem, que se dirigia ao bosque, já percorrera três quartos do caminho entre a caverna e a floresta.

“Vampa calculou a distância; aquele homem já estava ao menos duzentos passos à sua frente — seria impossível alcançá-lo antes

que ele chegasse ao bosque.

“O jovem pastor parou, como se os seus pés tivessem criado raízes. Apoiou a coronha do fuzil ao ombro, levantou lentamente o cano na direção do raptor, mirou-o por um segundo em sua corrida e disparou.

“O raptor parou de repente; os seus joelhos se dobraram e ele caiu, arrastando Teresa em sua queda.

“Mas Teresa logo se levantou; quanto ao fugitivo, permaneceu deitado, debatendo-se nas convulsões da agonia.

“Vampa logo correu para Teresa, pois a dez passos do moribundo as pernas também tinham lhe faltado e ela caíra de joelhos — o jovem temia terrivelmente que a bala que acabara de abater seu inimigo tivesse ao mesmo tempo ferido sua noiva.

“Felizmente não era nada: apenas o terror paralisara as forças de Teresa. Quando Luigi certificou-se de que ela estava sã e salva, voltou-se para o ferido.”

“Ele acabara de expirar com os punhos fechados, a boca contraída de dor, os cabelos eriçados pelo suor da agonia.

“Os seus olhos permaneciam abertos e ameaçadores.

“Vampa aproximou-se do cadáver e reconheceu Cucumetto.

“Desde o dia em que o bandido fora salvo pelos dois jovens, ficara apaixonado por Teresa e jurara que a jovem seria sua. Desde aquele dia, espiava-a; e, aproveitando o momento em que o seu amante a deixara sozinha para mostrar o caminho ao viajante, raptara-a, já a imaginava sua, quando a bala de Vampa, guiada pelo infalível olhar do jovem pastor, atravessou-lhe o coração.

“Vampa olhou-o por um momento, sem que a menor emoção transparecesse em sua fisionomia, enquanto Teresa, pelo contrário, ainda trêmula, só ousava aproximar-se do bandido morto em pequenos passos, lançando por cima do ombro do amante um olhar hesitante ao cadáver.

“Instantes depois, Vampa voltou-se para a sua amante.

“— Ah, ah! — fez ele. — Bem, já está vestida: é a minha vez de me vestir.

“De fato, Teresa estava vestida dos pés à cabeça com o traje da filha do conde de San-Felice.

“Vampa pegou o corpo de Cucumetto nos braços, levando-o para a caverna, enquanto Teresa por sua vez permanecia de pé.

“Se um segundo viajante então passasse, veria algo estranho: uma pastora a guardar as suas ovelhas com um vestido de caxemira, brincos e colar de pérolas, alfinetes de diamantes e botões de safiras, esmeraldas e rubis.

“Certamente ele se imaginaria de volta ao tempo de Florian e diria, ao voltar a Paris, que encontrara a pastora dos Alpes sentada ao pé dos montes Sabinos.²⁰

“Um quarto de hora depois, Vampa também saiu da caverna. Em seu gênero, seu traje não era menos elegante do que o de Teresa.

“Ele vestia uma túnica de veludo grená com botões de ouro cinzelados, colete de seda todo coberto de bordados, cachecol romano amarrado ao redor do pescoço, cartucheira adornada de ouro e de seda vermelha e verde, calças de veludo azul-celeste com fivelas de diamante abaixo dos joelhos, polainas de pele de gamo coloridas por mil arabescos e um chapéu onde flutuavam fitas de todas as cores; dois relógios pendiam de sua cintura e um magnífico punhal atravessava a cartucheira.

“Teresa deu um grito de admiração. Nesse traje, Vampa parecia uma pintura de Léopold Robert ou de Schnetz.

“Ele tinha vestido todo o traje de Cucumetto.

“O jovem percebeu o efeito que provocava em sua noiva — um sorriso de orgulho surgiu em sua boca.

“— Agora — disse ele a Teresa — está pronta para compartilhar o meu destino, seja ele qual for?

“— Ah, sim, estou sim! — exclamou a jovem, entusiasmada.

“— ... Para me seguir aonde eu for?

“— Até o fim do mundo.

“— Então pegue o meu braço e vamos, pois não temos tempo a perder.

“A jovem passou seu braço sob o braço do amante, sem sequer lhe perguntar para onde a levava, pois naquele momento ele lhe parecia belo, altivo e poderoso como um deus.

“E ambos se dirigiram para a floresta, nela enveredando em poucos minutos.

“Não é preciso dizer que Vampa conhecia todas as veredas da montanha; assim, avançou pela floresta sem hesitar um só momento, embora não houvesse nenhum caminho aberto, identificando a rota que deveria seguir pelo simples exame das árvores e das moitas; assim avançaram cerca de uma hora e meia.

“Então chegaram ao lugar mais fechado da mata. Um leito de rio seco levava a uma garganta profunda. Vampa seguiu esse estranho caminho, que, apertado entre duas margens e escurecido pela densa sombra dos pinheiros, parecia, a não ser pela fácil descida, aquela vereda do Averno de que fala Virgílio.

“Intimidada pela aparência daquele lugar selvagem e deserto, Teresa apertou-se contra o seu guia, sem dizer uma palavra; mas ao vê-lo avançar sempre no mesmo passo, com profunda calma a iluminar o seu rosto, ela mesma teve forças para esconder a emoção.

“De repente, a dez passos deles, um homem pareceu sair de uma árvore atrás da qual estava escondido e, apontando a arma para Vampa: “— Nenhum passo a mais — gritou ele —, ou você morre!

“— Ora, vamos — disse Vampa, levantando a mão com gesto de desprezo, enquanto Teresa, não mais escondendo seu terror, apertava-se contra ele —, acaso os lobos se devoram entre eles?

“— Quem é você? — perguntou a sentinela.

“— Eu sou Luigi Vampa, pastor da fazenda de San-Felice.

“— O que quer?”

“— Quero falar com os seus companheiros que estão na clareira de Rocca Bianca.

“— Então me siga — disse a sentinela —, ou melhor, já que sabe onde é a clareira, vá na frente.

“Vampa sorriu com ar de desprezo ante aquela precaução do bandido, passou à frente com Teresa e continuou o seu caminho com o mesmo passo firme e tranquilo que o levava até ali.

“Cinco minutos depois, o bandido fez-lhes sinal para que parassem.

“Os dois jovens obedeceram.

“O bandido imitou três vezes o grasnar do corvo.

“Um grasnido respondeu a esse triplo apelo.

“— Está bom — disse o bandido —, agora pode continuar a sua rota.

“Luigi e Teresa retomaram o caminho.

“Entretanto, à medida que avançavam, Teresa, trêmula, apertava-se contra o seu amante; de fato, através das árvores, viam-se armas e brilhavam canos de fuzis.

“A clareira de Rocca Bianca encontrava-se no cume de uma pequena montanha que outrora certamente fora um vulcão — vulcão extinto antes que Rômulo e Remo desertassem Alba para construírem Roma.

“Teresa e Luigi atingiram o cume e no mesmo instante viram-se diante de uns vinte bandidos.

“— Esse rapaz estava procurando vocês, quer falar com vocês — disse a sentinela.

“— E o que ele quer nos dizer? — perguntou aquele que, na ausência do chefe, era o capitão interino.

“— Quero dizer que já estou cheio dessa profissão de pastor — disse Vampa.

“— Ah, entendi — disse o chefe —, e vem nos pedir para ser admitido em nossas fileiras?

“— Seja bem-vindo! — gritaram vários bandidos de Ferrusino, Pampinara e Anagni que tinham reconhecido Luigi Vampa.

“— Sim, mas venho lhes pedir outra coisa além de ser seu companheiro.

“— E o que é que vem nos pedir? — perguntaram os bandidos, surpresos.

“— Venho lhes pedir para ser seu capitão — disse o jovem.

“Os bandidos gargalharam.

“— E o que foi que você fez para aspirar a essa honra? — perguntou o chefe.

“— Matei o meu chefe Cucumetto, aqui estão os despojos — disse Luigi —, e botei fogo na vila de San-Felice para dar um vestido de núpcias à minha noiva.

“Uma hora depois, Luigi era eleito capitão no lugar de Cucumetto.”

— Pois bem, meu caro Albert — disse Franz, voltando-se para o amigo —, agora o que você acha do cidadão Luigi Vampa?

— Acho que ele é um mito — respondeu Albert —, que ele nunca existiu.

— O que é que é um mito? — perguntou Pastrini.

— Levaria muito tempo explicar, meu caro hoteleiro! — respondeu Franz. — Então o senhor disse que mestre Vampa neste momento exerce a sua profissão nos arredores de Roma?

— E com uma ousadia de que nunca bandido algum antes dele tinha dado exemplo.

— Então a polícia não conseguiu agarrá-lo?

— Claro que não, ele conta com a ajuda dos pastores da planície, dos pescadores do rio Tibre e dos contrabandistas da costa... Quando o procuram na montanha, ele está no rio... Quando o perseguem no rio, ele ganha o alto-mar... Então, de repente, quando o imaginam refugiado nas ilhas del Giglio, del Guanouti ou de Monte-Cristo, ele aparece em Albano, Tívoli ou Riccia...

— E como ele se comporta com os viajantes?

— Ah, meu Deus, é bem simples... Conforme a distância que se está da cidade, ele lhes dá oito horas, doze horas ou um dia para pagar o resgate... Decorrido esse prazo, dá mais uma hora de clemência... No sexagésimo minuto dessa hora, se não recebe o dinheiro, estoura os miolos do prisioneiro com um tiro de pistola, ou planta-lhe o punhal no coração, e tudo está dito.

— Pois bem, Albert — disse Franz a seu companheiro —, continua disposto a ir ao Coliseu pelas avenidas exteriores?

— Perfeitamente — disse Albert —, se o caminho for mais pitoresco...

Nesse momento soaram nove horas, a porta se abriu e o cocheiro apareceu.

— Excelências — disse ele —, a carruagem os espera.

— Bem — disse Franz —, nesse caso, ao Coliseu!

— Pela porta do Povo, Excelências, ou pelas ruas?

— Pelas ruas, ora, pelas ruas! — exclamou Franz.

— Ah, meu caro — disse Albert levantando-se por sua vez e acendendo o terceiro charuto —, na verdade eu o imaginava mais corajoso.

Então os dois jovens desceram a escada e subiram à carruagem.

XXXV. APARIÇÕES

Franz encontrara um meio-termo para que Albert chegasse ao Coliseu sem passar diante de nenhuma ruína antiga — logo, sem que as preparações graduais arrancassem ao colosso uma só braça de suas gigantescas proporções. O meio-termo consistia em seguir a via Sistina, cortar à direita em frente à Santa Maria Maior e chegar à via do Colosseo, pela via Urbana e São Pedro in Vincoli.

Aliás, esse itinerário oferecia outra vantagem: a de em nada distrair Franz da impressão nele provocada pela história contada por mestre Pastrini, história em que se encontrava envolvido o seu misterioso anfitrião na ilha de Monte-Cristo. Assim, ele se metera em seu canto e se entregara a mil perguntas sem fim que fazia a si mesmo, sem encontrar nenhuma resposta satisfatória.

Outra coisa, aliás, também o lembrava de seu amigo Simbad, o Marujo: as misteriosas relações entre os bandidos e os marinheiros. O que mestre Pastrini lhe dissera sobre o refúgio que Vampa encontrava nos barcos dos pescadores e dos contrabandistas lembrava a Franz os dois bandidos corsos que vira ceando com a tripulação do pequeno iate, que se desviara de sua rota e escalara em Porto-Vecchio só para desembarcá-los. O nome que se atribuía o seu anfitrião em Monte-Cristo, pronunciado pelo dono do hotel de Londres, provava-lhe: ele desempenhava o mesmo papel filantrópico tanto nas costas de Piombino, de Civitavecchia, de Óstia e de Gaeta, quanto nas costas da Córsega, da Toscana e da Espanha; e como ele mesmo — pelo que Franz se lembrava — falara de Túnis e de Palermo, provava que abraçava um círculo de relações bastante extenso.

Por mais poderosas que fossem no espírito do jovem todas essas reflexões, elas desapareceram no momento em que viu elevar-se à sua frente o espectro sombrio e gigantesco do Coliseu; através de suas aberturas, a lua projetava os longos e pálidos raios que caem dos olhos dos fantasmas. A carruagem parou a alguns passos da Meta Sudans. O cocheiro veio abrir a portinhola; os dois jovens pularam para fora da carruagem e se viram diante de um cicerone que parecia ter brotado do chão.

Como o cicerone do hotel os seguira, agora tinham dois.

Impossível, aliás, evitar em Roma esse luxo dos guias: além do cicerone geral, que se apodera de nós no momento em que colocamos o pé no limiar da porta do hotel, e não nos larga mais até o dia em que colocamos o pé para fora da cidade, há também um cicerone especial ligado a cada monumento, eu diria mesmo a cada pedaço de monumento. Imagine então se faltariam cicerones no Colosseo, isto é, no monumento por excelência, que fazia Marcial dizer: Que Mênfis deixe de se vangloriar dos bárbaros milagres de suas pirâmides, que não se cantem mais as maravilhas da Babilônia; tudo deve ceder perante o imenso trabalho do anfiteatro dos Césares, e todas as vozes da fama devem se unir para vangloriar esse monumento.²¹

Franz e Albert nem tentaram se furtar à tirania dos cicerones. Aliás, isso seria muito difícil, pois só os guias têm o direito de percorrer o monumento com tochas. Então eles não opuseram nenhuma resistência e entregaram-se a seus condutores de pés e mãos amarrados.

Franz conhecia aquele passeio por já tê-lo feito dez vezes. Mas, como o seu novato companheiro punha pela primeira vez os pés no monumento de Flávio Vespasiano, devo confessar em seu favor: apesar do ignorante falatório de seus guias, ele estava fortemente impressionado. É que de fato, antes de vê-la, não se faz a menor ideia da majestade de tal ruína, cujas proporções são ainda ampliadas pela misteriosa claridade daquele luar meridional, cujos raios parecem um crepúsculo do Ocidente.

Assim, Franz, o pensador, não tinha dado nem cem passos sob os pórticos interiores e, abandonando Albert a seus guias — que não pretendiam renunciar ao imprescritível direito de mostrar-lhe, em todos os seus detalhes, o Fosso dos Leões, o Camarim dos Gladiadores, o Pódio dos Césares —, enfiou-se em uma escada meio arruinada e, deixando-os continuar a sua rota simétrica, foi muito simplesmente sentar-se à sombra de uma coluna, diante de um semicírculo que lhe permitia abarcar o gigante de granito em toda a sua majestosa extensão.

Franz já estava ali havia cerca de um quarto de hora, perdido, como dissemos, à sombra de uma coluna, ocupado a olhar Albert, que, acompanhado de seus dois portadores de tochas, acabara de sair de um vomitório localizado na outra extremidade do Coliseu; os guias, como sombras a seguir um fogo-fátuo, desciam de degrau em degrau para os lugares reservados às vestais, quando lhe pareceu ouvir rolar nas profundezas do monumento uma pedra desgarrada da escada em frente àquela por onde acabara de passar. Certamente não é raro uma pedra pisada pelos pés do tempo desgarrar-se e rolar no abismo, mas dessa vez parecia-lhe que a pedra cedera pisada pelos pés de um homem e que um ruído de passos chegava até ele, embora o causador dos sons fizesse tudo o que podia para abafá-los.

De fato, instantes depois, apareceu um homem saindo gradualmente da sombra enquanto subia a escada; o vão da escada diante de Franz era iluminado pela lua, mas os degraus desapareciam na escuridão.

Poderia ser, como ele, um turista que preferia a meditação solitária à insignificante tagarelice dos guias: a sua aparição não tinha nada que pudesse surpreendê-lo; mas pela hesitação com que subiu os últimos degraus, pelo modo como, ao chegar à plataforma, parou e pareceu escutar, era evidente que estava ali com um objetivo determinado e esperava alguém.

Em gesto instintivo, Franz escondeu-se como pôde atrás da coluna.

A três metros do pavimento onde ambos estavam, a abóbada estava esburacada: uma abertura redonda como a de um poço

permitia ver o céu todo constelado de estrelas.

Ao redor dessa abertura, que talvez havia centenas de anos dava passagem aos raios de lua, cresciam sarças: as suas folhas verdes e frágeis recortavam-se nitidamente sobre o azul-escuro do firmamento, enquanto grandes cipós e potentes brotos de trepadeiras pendiam do terraço superior e balançavam-se sob a abóbada como cordas flutuantes.

O personagem que ao chegar misteriosamente atraía a atenção de Franz encontrava-se situado a meia-luz, que não deixava distinguir os seus traços, mas que entretanto não era suficientemente escura para impedir Franz de ver os detalhes de sua roupa: ele estava envolto em grande capa marrom; uma das abas, caindo em seu ombro esquerdo, escondia-lhe a parte inferior do rosto, enquanto a parte superior era coberta pelo seu chapéu de abas largas. Apenas a extremidade de suas roupas era iluminada pela luz oblíqua que passava através da abertura, permitindo distinguir uma calça negra emoldurando galantemente uma bota envernizada.

Aquele homem evidentemente pertencia, se não à aristocracia, ao menos à alta sociedade.

Ele estava ali havia alguns minutos, mas já começava a dar visíveis sinais de impaciência, quando se ouviu leve ruído no terraço superior.

No mesmo instante, uma sombra pareceu interceptar a luz, um homem apareceu no oco da abertura, mergulhou seu olhar penetrante nas trevas e viu o homem de capa; ele logo agarrou um punhado de cipós pendentes e trepadeiras flutuantes, deixou-se deslizar e, ao chegar a cerca de um metro do solo, saltou agilmente ao chão. Vestia o traje completo de um habitante do Trastevere.²²

— Desculpe-me, Excelência — disse ele em dialeto romano —, por tê-lo feito esperar. Mas só me atrasei alguns minutos. Acabam de soar dez horas em São João de Latrão.

— Fui eu que cheguei adiantado, não você que chegou atrasado — respondeu o estranho no mais puro toscano. — Assim, nada de

cerimônia... Aliás, se me fizesse esperar, eu logo desconfiaria que teria sido por motivo alheio à sua vontade.

— E teria razão, Excelência... Venho do castelo Santo Ângelo... Tive todas as dificuldades do mundo para falar com Beppo.

— Quem é Beppo?

— Beppo é um funcionário da prisão a quem pago uma pequena renda para saber o que se passa dentro do castelo de Sua Santidade.

— Ah, ah! Vejo que é um homem precavido, meu caro!

— O que queria, Excelência! Nunca se sabe o que pode acontecer... Talvez eu também um dia venha a ser pego na rede, como esse pobre Peppino, e tenha necessidade de um rato para roer algumas malhas da minha prisão.

— O que soube, em suma?

— Haverá duas execuções terça-feira, às duas horas, como é hábito em Roma no início das grandes festas. Um condenado será *mazzolato*...²³ Ele é um miserável que matou um padre, que o havia criado, e em nada merece o nosso interesse. O outro será *decapitato*... É o pobre Peppino.

— O que queria, meu caro... Vocês inspiram tanto terror, não só ao governo pontifício, mas também aos reinos vizinhos, que eles querem a qualquer custo dar um exemplo.

— Mas Peppino nem sequer faz parte do meu bando... Ele é um pobre pastor que não cometeu crime algum além de nos fornecer víveres.

— O que o torna perfeitamente cúmplice. Então, veja como o tratam bem, em vez de o espremerem, como fariam com você, se um dia o agarrarem... Vão se contentar em guilhotiná-lo. Ademais, isso fará variar os prazeres do povo: haverá espetáculo para todos os gostos.

— Sem contar o espetáculo que estou preparando, que ninguém espera... — acrescentou o habitante de Trastevere.

— Meu caro amigo: permita-me lhe dizer — continuou o homem da capa — que você me parece muito inclinado a cometer alguma tolice.

— Estou disposto a qualquer coisa para impedir a execução do pobre-diabo, que só está em dificuldade por ter me servido... Pela Madona!... Eu me veria como um covarde se não fizesse alguma coisa por esse bravo rapaz.

— E o que você fará?

— Vou colocar uns vinte homens ao redor do cadafalso e, quando o trouxerem, a um sinal meu, atacaremos a escolta, de punhal em punho, e o levaremos.

— Isso me parece muito arriscado... Não tenho dúvida, o meu plano é melhor que o seu.

— E qual é seu plano, Excelência?

— Vou dar duas mil piastras a alguém que conheço... Ele vai conseguir adiar a execução de Peppino para o próximo ano... Então, ainda este ano, vou dar mais mil piastras a outro homem, que também conheço, e o farei fugir da prisão.

— Tem certeza de que será bem-sucedido?

— Absoluta — disse em francês o homem de capa.

— Como? — perguntou o de Trastevere.

— Digo, meu caro, que farei mais sozinho, com o meu ouro, do que você e toda a sua gente com os seus punhais, pistolas, carabinas e bacamartes... Então, deixe-me agir.

— Maravilha... Mas, se você fracassar, estaremos prontos para agir.

— Mantenham-se sempre prontos, se quiserem... Mas, podem ter certeza, vou conseguir o seu perdão.

— A execução vai ser depois de amanhã, terça-feira, lembre-se... Só tem um dia para agir.

— Está bem. Mas o dia tem vinte e quatro horas... Cada hora tem sessenta minutos... Cada minuto tem sessenta segundos... Em oitenta e seis mil e quatrocentos segundos, podemos fazer muitas coisas.

— Se conseguir, Excelência, como saberemos?

— É simples... Aluguei as três últimas janelas do palácio Rospoli... Se conseguir o adiamento, as duas janelas dos cantos estarão forradas de damasco amarelo... Mas a janela do meio estará forrada de damasco branco com uma cruz vermelha.

— Maravilha. E quem entregará o adiamento?

— Mande-me um de seus homens disfarçado de penitente e lhe entregarei. Graças a seu traje, ele poderá chegar até ao pé do cadafalso e entregar o ofício ao chefe da confraria, que a passará ao carrasco. Antes disso, envie essas notícias a Peppino... Não vá ele ficar louco ou morrer de medo... Nesse caso, faríamos por ele esforços inúteis.

— Escute, Excelência — disse o romano —, eu lhe sou muito devotado: o senhor sabe disso, não sabe?

— Ao menos assim o espero.

— Bem... Se salvar Peppino, no futuro será mais que devoção: será obediência.

— Preste atenção no que fala, meu caro! Um dia vou lembrá-lo... Pois talvez um dia eu também venha a precisar de você...

— Está bem então, Excelência... O senhor me encontrará na hora da necessidade, como eu o encontraria nessa mesma hora... Então, mesmo que estivesse no outro avesso do mundo, só precisaria me escrever: “Faça isso”, e eu o faria, palavra de...

— Ch! — disse o desconhecido —, ouvi barulho.

— São os turistas visitando o Coliseu à luz de tochas.

— Não é necessário que nos vejam juntos. Esses guias espiões poderiam reconhecê-lo... Por mais honrosa que seja a sua amizade, meu caro amigo, se soubessem como somos ligados, temo que nossa ligação me levaria a perder algo de meu crédito.

— Então, se conseguir o adiamento...?

— A janela do meio estará forrada de damasco com uma cruz vermelha.

— Se não conseguir...?

— Três forros amarelos.

— E então...?

— Então, meu caro amigo, poderá usar o seu punhal à vontade... Dou-lhe a permissão... Estarei lá para assistir.

— Adeus, Excelência... Conto com você... Conte comigo.

A essas palavras, o romano desapareceu pela escada, enquanto o desconhecido, mais do que nunca cobrindo o rosto com a capa,

passou a dois passos de Franz e desceu à arena pelas escadas externas.

Um segundo depois, Franz ouviu o seu nome ecoar nas abóbadas: era Albert que o chamava.

Antes de responder, esperou que os dois homens se afastassem, não querendo informar-lhes que haviam tido uma testemunha que, se não vira os seus rostos, não perdera uma palavra da conversa.

Dez minutos depois, Franz deslizava para o hotel da praça da Espanha, escutando com distração bem impertinente a ilustrada dissertação que Albert fazia, citando Plínio e Calpúrnio, sobre as redes protegidas por pontas de ferro que impediam os animais ferozes de lançar-se aos espectadores.

Ele o deixava falar sem contradizê-lo — tinha pressa de ficar sozinho para pensar sem distração no que acabara de se passar à sua frente.

Desses dois homens, um certamente lhe era estranho — era a primeira vez que o via e ouvia; mas o mesmo não acontecia quanto ao outro — embora Franz não tivesse visto o seu rosto, sempre envolto em sombra ou escondido pela capa, o timbre daquela voz tinha-o impressionado demais na primeira vez em que o ouvira para que pudesse repetir-se em seus ouvidos sem ser reconhecido. Naquelas entonações irônicas havia principalmente algo de estridente e metálico que o levava a estremecer tanto nas ruínas do Coliseu quanto na caverna de Monte-Cristo. Assim, Franz estava convencido de que aquele homem não era outro senão Simbad, o Marujo.

Assim, em qualquer outra circunstância, a curiosidade que lhe inspirara aquele homem era tão grande que logo se dirigiria a ele; mas nessa ocasião a conversa que acabara de ouvir era íntima demais para que não temesse, com razão, que sua aparição lhe fosse desagradável. Então, deixara-o afastar-se, como vimos — mas prometendo-se, se viesse a reencontrá-lo, não deixar escapar essa segunda oportunidade como deixara escapar a primeira.

Franz estava preocupado demais para dormir bem. Varou a noite passando e repassando em seu espírito todas as circunstâncias

relacionadas ao homem da caverna e ao desconhecido do Coliseu — circunstâncias que tendiam a identificar nesses dois personagens o mesmo indivíduo; e, quanto mais Franz pensava nisso, mais chegava a essa conclusão.

Adormeceu de manhã, o que o levou a acordar muito tarde. Albert — como verdadeiro parisiense — já fizera os seus planos para a noite. Mandara reservar um camarote no teatro Argentina.

Franz precisava escrever várias cartas para a França — deixou que Albert usasse a carruagem o dia inteiro.

Às cinco da tarde, Albert voltou; entregara as suas cartas de recomendação, conseguira convites para todas as suas noites, vira Roma.

Em um dia, Albert já tinha feito tudo isso.

E ainda tivera tempo para se informar sobre a peça que apresentavam e sobre os atores que a representavam.

A peça chamava-se *Parisina*;²⁴ os atores eram Coselli, Moriani e a Spech.

Como vemos, os nossos dois jovens não eram assim tão infelizes: iam assistir à representação de uma das melhores óperas do autor de *Lucia di Lammermoor*, interpretada por três dos mais famosos artistas da Itália.

Albert nunca conseguira se acostumar aos teatros ultramontanos, com lugares de orquestra inacessíveis, sem balcões e sem frisas; era duro para um homem que em Paris tinha a sua cadeira cativa no teatro Ópera Cômica e o seu lugar no camarote infernal no Ópera.

O que não impedia Albert de vestir-se brilhantemente sempre que ia ao Ópera com Franz: de vestir-se em vão, pois, é preciso confessar, para vergonha de um dos mais dignos representantes de nossa moda, havia quatro meses Albert cruzava a Itália em todos os sentidos, mas não tivera uma única aventura amorosa.

Às vezes Albert procurava brincar sobre isso; mas no fundo estava singularmente mortificado: — ele, Albert de Morcerf, um dos jovens mais requisitados, desperdiçar o seu latim em vão. O caso era tanto mais penoso enquanto, segundo o modesto hábito de

nossos caros compatriotas, Albert partira de Paris certo de que iria fazer na Itália o maior sucesso e voltaria fazendo as delícias da avenida de Gand ao contar as suas maravilhosas aventuras.

Ai!... — nada disso acontecera: as encantadoras condessas genovesas, florentinas e napolitanas estavam presas — não a seus maridos, mas a seus amantes, e Albert chegara à cruel conclusão de que ao menos as italianas levam sobre as francesas a vantagem de serem fiéis à sua infidelidade.

Não quero dizer que na Itália — como em toda parte — não haja exceções.

Entretanto, Albert era não apenas um cavalheiro perfeitamente elegante, mas também um homem de muito espírito; ademais, era visconde: visconde de recente nobreza, é verdade, mas hoje, quando já não é mais preciso dar provas de seus títulos, que importa se eles datam de 1399 ou de 1815! Além do mais, ele tinha cinquenta mil libras de renda. Como vemos, era mais do que o necessário para estar na moda em Paris. Era portanto de alguma forma humilhante não ter sido ainda seriamente notado por ninguém, em nenhuma das cidades por onde tinha passado.

Mas também ele esperava compensar em Roma, sendo o carnaval — em todos os países do mundo que celebram essa estimável instituição — uma época de liberdade em que até os mais severos deixam-se levar a algum ato de loucura. Ora, como o carnaval começaria no dia seguinte, era muito importante que Albert conseguisse aparecer antes que o carnaval começasse.

Assim, com essas louváveis intenções, Albert alugara um dos camarotes mais visíveis do teatro, fazendo para a ocasião uma toailete impecável. Era um camarote na primeira fila, equivalente à galeria francesa. Ademais, as três primeiras filas são igualmente aristocráticas — por isso são chamadas de nobres fileiras.

Ademais, aquele camarote — onde caberiam doze pessoas sem se apertarem — custara aos dois amigos pouco menos do que um camarote para quatro pessoas no Ambigu.

Albert também tinha outra esperança: se conseguisse tomar lugar no coração de uma bela romana, isso naturalmente o levaria a

conquistar um *posto*²⁵ na carruagem — logo, a ver o carnaval do alto de um veículo aristocrático, ou de uma varanda principesca.

Todas essas considerações deixavam Albert mais agitado do que nunca. Ele dava as costas aos atores, debruçava-se até a cintura para fora do camarote, mirava todas as belas mulheres com um binóculo de seis polegadas de comprimento.

O que não levava nenhuma bela mulher a recompensar com um único olhar — nem ao menos de curiosidade — todo o trabalho a que se dava Albert.

De fato, cada um falava de seus próprios assuntos, de seus amores, de seus prazeres, do carnaval que começaria no dia seguinte, da semana santa que se aproximava, sem nunca dar a menor atenção aos atores ou à peça, a não ser nos momentos principais, quando todos se voltavam para ouvir parte do recital de Coselli, ou para aplaudir algum lampejo brilhante de Moriani, ou para gritar bravo à Spech; e depois as conversas particulares voltavam ao curso habitual.

Quase ao fim do primeiro ato, a porta de um camarote até então vazio abriu-se e Franz viu entrar uma pessoa a quem tivera a honra de ser apresentado em Paris e que ele imaginara ainda estar na França. Albert viu os gestos que o amigo fez diante dessa aparição e, voltando-se para ele: — Você conhece essa mulher? — disse Albert.

— Conheço... O que acha dela?

— Encantadora, meu caro, e loira... Oh, mas que cabelos adoráveis! Ela é francesa?

— Ela é veneziana.

— Como se chama?

— Condessa G...²⁶

— Oh, eu a conheço de nome — exclamou Albert. — Dizem que além de ser bonita é muito inteligente. Palavra, quando lembro que poderia ter me apresentado a ela no último baile da senhora de Villefort... Ela estava lá, mas nem me apresentei à condessa... Como sou idiota!

— Quer que eu repare esse erro? — perguntou Franz.

— Como, você tem intimidade com ela para me levar a seu camarote?

— Tive a honra de falar com ela três ou quatro vezes na vida... Mas você sabe: apenas o estritamente necessário para não cometer uma gafe.

Nesse momento, a condessa viu Franz e fez-lhe com a mão gracioso sinal — ele respondeu com respeitosa inclinação de cabeça.

— Ah, sim... Mas me parece que você anda nas melhores relações com a condessa...? — disse Albert.

— Ora, pois é aí que você se engana... É aí que nós, franceses, sempre cometemos mil enganos... E o estranho é submeter todo mundo a nossos pontos de vista parisienses... Na Espanha, principalmente na Itália, nunca julgue a intimidade das pessoas pela liberdade das relações. Nós nos simpatizamos um com o outro, eu e a condessa, nada além disso.

— Simpatia de coração? — perguntou Albert rindo.

— Não, simpatia de espírito, nada mais — respondeu Franz seriamente.

— Desde quando?

— Desde que passeamos no Coliseu... Como eu e você.

— Ao luar?

— Sim.

— Sozinhos?

— Quase.

— E vocês conversaram...

— Sobre os mortos.

— Ah — exclamou Albert —, é verdade, isso é tão divertido... Bem, prometo a você: se tiver a felicidade de vir a ser o par dessa bela condessa, num passeio desses, nós só vamos conversar sobre os vivos.

— O que talvez venha a ser um erro.

— Antes disso, você vai me apresentar à condessa, como prometeu?

— Assim que cair o pano.

— Mas como esse maldito primeiro ato é longo!

— Escute o final, é muito belo... Coselli canta maravilhosamente.

— Sim, mas quanta graça!

— A Spech não poderia ser mais dramática.

— Você entende, depois que a gente ouviu a Sontag e a Malibran...

— Não acha a técnica de Moriani maravilhosa?

— Não gosto dos morenos que cantam loiro.

— Ah, meu caro — disse Franz, voltando-se, enquanto Albert continuava a olhar pelo binóculo —, na verdade, você é exigente demais.

Enfim, o pano caiu, para grande satisfação do visconde de Morcerf, que pegou seu chapéu, ajeitou rapidamente os cabelos, a gravata e os punhos, e lembrou a Franz que o esperava.

Como, de sua parte, a condessa — que Franz interrogava com os olhos — comunicou-lhe, com um gesto, que ele seria muito bem-vindo, Franz não tardou a satisfazer a pressa de Albert e, seguido pelo companheiro — que aproveitou a viagem para alisar as rugas que seus movimentos pudessem ter causado à gola da camisa e ao forro da casaca —, contornou o hemicírculo do teatro e foi bater à porta do camarote nº 4, ocupado pela condessa.

Logo o jovem que estava sentado ao lado da condessa, na frente do camarote, levantou-se e, conforme o hábito italiano, cedeu seu lugar ao recém-chegado, que por sua vez deveria ceder seu lugar assim que chegasse outra visita.

Franz apresentou Albert à condessa como um dos jovens franceses mais distintos pela posição social e pela inteligência — o que aliás era verdade, pois em Paris, no meio em que Albert vivia, ele era um perfeito cavalheiro. E Franz acrescentou: desesperado por não ter sabido aproveitar a estadia da condessa em Paris para ser apresentado a ela, Albert encarregara-o de reparar essa falta, missão que ele desempenhava suplicando à condessa — junto à qual ele mesmo precisaria de um introdutor — perdoar a sua indiscrição.

A condessa respondeu fazendo encantadora saudação a Albert e estendendo a mão a Franz.

Convidado pela condessa, Albert sentou-se no lugar vazio à frente — Franz sentou-se atrás da condessa, na segunda fila.

Albert encontrara um excelente assunto de conversa: Paris. Falava à condessa sobre os amigos em comum. Franz entendeu que ele estava em seu terreno. Deixou-o falar à vontade e, pedindo-lhe o gigantesco binóculo, começou por sua vez a explorar a sala.

Só, na frente de um camarote, na terceira fileira à frente deles, havia uma mulher incrivelmente bela, vestindo um traje grego, que ela usava com tanta naturalidade que certamente era o seu traje habitual.

Atrás dela, no escuro, desenhavam-se as formas de um homem cujo rosto era impossível distinguir.

Franz interrompeu a conversa entre Albert e a condessa para perguntar a ela se conhecia a bela albanesa, digna de atrair não apenas a atenção dos homens, mas também a das mulheres.

— Não... — disse a condessa. — Só sei que ela se encontra em Roma desde o início da estação... Porque na abertura da temporada teatral eu a vi naquele mesmo lugar... Há um mês ela não perde nenhuma representação, às vezes acompanhada pelo homem que agora está com ela, às vezes simplesmente seguida por um criado negro.

— O que acha dela, condessa?

— É muito bela... Medora²⁷ devia ser igual a essa mulher.

Franz e a condessa trocaram um sorriso. Ela voltou a conversar com Albert — Franz, com seu binóculo, voltou a admirar a albanesa.

O pano subiu com o balé. Era um daqueles bons balés italianos, encenados pelo famoso Henri, que como coreógrafo conquistara na Itália imensa reputação, que o infeliz acabou perdendo no Teatro Náutico; era um daqueles balés em que todo o mundo, do primeiro figurante ao último coadjuvante, toma parte tão ativa na ação que cento e cinquenta pessoas fazem ao mesmo tempo o mesmo gesto e levantam simultaneamente o mesmo braço ou a mesma perna.

Esse balé se chamava *Poliska*.

Franz estava preocupado demais com a sua bela grega para se ocupar do balé, por mais interessante que ele fosse. Quanto à grega, sentia visível prazer com esse espetáculo — prazer que contrastava sensivelmente com o absoluto desinteresse de seu acompanhante, que não fez um único gesto enquanto durou a obra-prima coreográfica; apesar do infernal barulho das trombetas, címbalos e campainhas da orquestra, o acompanhante parecia saborear as celestes doçuras de um sono tranquilo e radiante.

Enfim o bailado terminou — o pano caiu, entre frenéticos aplausos de uma plateia inebriada.

Graças a esse hábito de interromper a ópera com um balé, os intervalos são muito breves na Itália — os cantores têm tempo para descansar e mudar de roupa, enquanto os dançarinos executam as suas piruetas e desenvolvem os seus saltos.

A abertura do segundo ato começou; aos primeiros sons de cordas, Franz viu o dorminhoco despertar lentamente e aproximar-se da grega, que se virou para dizer-lhe algumas palavras e voltou a apoiar os cotovelos no balaústre do camarote.

O rosto de seu interlocutor continuava à sombra — Franz não conseguia ver nenhum de seus traços.

O pano subiu — a atenção de Franz foi necessariamente atraída para os atores; seus olhos afastaram-se por um instante do camarote da bela grega para concentrarem-se no palco.

O ato começa, como se sabe, com o dueto do sonho: Parisina, deitada, deixa escapar diante de Azzo o segredo de seu amor por Ugo; o marido traído passa por todas as fúrias do ciúme — até que, convencido de que a sua mulher lhe é infiel, acorda-a para contar-lhe que a sua vingança está próxima.

Esse dueto é um dos mais belos, mais expressivos e mais terríveis que saíram da pena fecunda de Donizetti. Franz ouvia-o pela terceira vez — embora não fosse considerado fanático amante da ópera, o dueto lhe causava profunda impressão. Logo, ia se unir aos aplausos do público, quando as suas mãos, prontas a se unirem, permaneceram afastadas, e o bravo que escapava de sua boca expirou em seus lábios.

O homem do camarote tinha se levantado, estava de pé e, ao ver o seu rosto iluminado, Franz acabara de reconhecer o misterioso habitante da ilha de Monte-Cristo — aquele que na véspera ele imaginara reconhecer, pelo corpo e pela voz, entre as ruínas do Coliseu.

Já não havia mais dúvida — o estranho viajante morava em Roma.

Naturalmente a expressão do rosto de Franz harmonizava-se com a perturbação que aquela aparição provocava em seu espírito, pois a condessa olhou-o, riu muito e perguntou-lhe o que ele tinha.

— Senhora condessa — respondeu Franz —, agora mesmo lhe perguntei se conhecia aquela mulher albanesa... Agora lhe perguntarei se conhece o seu marido.

— Não mais do que a ela — respondeu a condessa.

— Nunca reparou nele?

— Eis uma pergunta bem à francesa! Vocês bem sabem: para nós, italianas, não existe outro homem no mundo além daquele que amamos!

— É justo — respondeu Franz.

— Em todo caso — disse ela, colocando o binóculo de Albert em seus olhos e apontando-o para o camarote —, deve ser algum novo desterrado, algum finado que saiu do túmulo com a autorização do coveiro, pois ele me parece terrivelmente pálido.

— Ele é sempre assim — respondeu Franz.

— Então você o conhece? — perguntou a condessa. — Então sou eu que lhe pergunto quem é ele...

— Acho que já o vi... Parece-me que o reconheço.

— De fato — disse ela, fazendo um gesto com os seus belos ombros, como se um arrepio lhe percorresse o corpo inteiro —, compreendo: depois de vermos um homem como esse, já não podemos mais esquecê-lo.

A impressão que Franz tivera não era, portanto, algo pessoal: outra pessoa sentia o mesmo.

— E então — perguntou Franz à condessa, depois de ela usar o binóculo mais uma vez —, que acha desse homem?

— Acho que ele me parece ser lorde Ruthwen em carne e osso.

De fato, essa nova alusão a Byron impressionou Franz; se algum homem pudesse levá-lo a acreditar na existência dos vampiros, seria aquele homem.

— Preciso saber quem é ele — disse Franz, levantando-se.

— Oh, não! — exclamou a condessa. — Não, não me deixe... Conto com você para me levar até minha casa... Eu o prendo.

— Como, verdade? — disse-lhe Franz inclinando-se a seu ouvido. — Está mesmo com medo?

— Escute — disse-lhe ela —, Byron jurou-me que acreditava nos vampiros... Ele me disse que tinha visto vampiros... E pintou-me as suas fisionomias... Pois bem, esse homem é exatamente assim: cabelos negros, grandes olhos a refletirem uma chama estranha, uma palidez mortal... Depois, veja bem: ele não está com uma mulher igual a todas as outras, ele está com uma estrangeira... uma grega... uma cismática... certamente alguma mágica como ele... Por favor, não vá lá. Amanhã, comece as suas investigações, se quiser, mas hoje eu lhe aviso que está preso.

Franz insistiu.

— Escute — disse ela, erguendo-se —, vou-me embora: não posso ficar até o fim do espetáculo, há muita gente me esperando em minha casa... Seria tão pouco galante a ponto de me recusar a sua companhia?

Não havia outra resposta a dar a não ser pegar o chapéu, abrir a porta e oferecer o braço à condessa.

Foi o que ele fez.

A condessa estava realmente muito emocionada — o próprio Franz não conseguia escapar de certo terror supersticioso muito natural, pois o que na condessa era fruto de uma sensação instintiva nele era fruto de uma lembrança.

Franz percebeu que ela tremia ao subir à carruagem.

Acompanhou-a até a casa dela: não havia ninguém lá, ninguém a esperava; ele censurou-lhe o falso pretexto.

— Na verdade — disse-lhe ela —, não me sinto muito bem, preciso ficar sozinha... Ver aquele homem me deixou perturbada.

Franz tentou brincar.

— Não brinque — disse-lhe ela. — Aliás, você nem está com vontade de brincar. Então, prometa-me uma coisa.

— O quê?

— Prometa-me.

— Tudo o que você quiser, a não ser desistir de descobrir quem é aquele homem. Tenho motivos que não posso lhe contar para querer saber quem ele é, de onde vem, para onde vai.

— De onde vem, ignoro... Mas para onde vai, posso lhe dizer: ele vai para o inferno, com certeza.

— Voltemos à promessa a que queria me obrigar, condessa... — disse Franz.

— Ah... prometa voltar diretamente para o hotel, prometa não procurar ver esse homem hoje à noite. Há certas afinidades entre as pessoas que deixamos e as pessoas que encontramos. Não sirva de fio condutor entre esse homem e eu. Amanhã, corra atrás dele, se quiser... Mas jamais me apresente a ele, se não quiser que eu morra de medo... Então, boa noite... Trate de dormir... Bem sei que não dormirei.

A essas palavras, a condessa deixou Franz, que ficou indeciso, sem saber se ela se divertira às suas custas ou se realmente sentira muito medo.

De volta ao hotel, Franz encontrou Albert de roupão e de pijama, voluptuosamente estendido em uma poltrona, fumando o seu charuto.

— Ah, é você!... — disse ele. — Juro que só o esperava amanhã.

— Meu caro Albert — respondeu Franz —, fico feliz de encontrar a oportunidade de lhe dizer, de uma vez por todas, que você faz uma ideia errada das mulheres italianas... Parece-me, entretanto, que as suas desventuras amorosas já deveriam tê-lo livrado dessa ideia.

— O que você queria... Impossível entender essas mulheres demoníacas... Elas lhe dão a mão, apertam a sua mão... Falam-lhe baixinho, pedem para levá-las até a casa delas: com metade dessas maneiras, uma parisiense já teria perdido a sua reputação.

— E é justamente porque não têm nada a esconder, porque vivem às claras, em plena luz do sol, que as mulheres são tão sem-cerimoniosas no belo país onde ressoa o *si*, como disse Dante. Aliás, como você bem viu, a condessa estava mesmo com medo.

— Medo de quê? Daquele respeitável cavalheiro que estava à nossa frente, ao lado da bela grega? Eu quis ter certeza absoluta quando eles saíram e fui cruzar com eles no corredor. Não sei onde diabos vocês arranjam todas essas ideias do outro mundo!... Ele é um belo rapaz, muito bem-vestido, parece vestir-se na França, no Blin ou no Humann... É um pouco pálido, é verdade, mas você bem sabe que a palidez é um sinal de distinção.

Franz sorriu — Albert tinha grandes pretensões a ser pálido.

— Eu também — disse-lhe Franz — estou convencido de que as ideias da condessa sobre esse homem estão além do bom senso. Ele falou perto de você? Você ouviu algumas de suas palavras?

— Ele falou, mas em grego moderno. Reconheci o idioma por algumas palavras gregas desfiguradas. Preciso lhe contar, meu caro: no colégio eu era muito bom em grego.

— Então ele falava grego moderno?

— Provavelmente.

— Não há dúvida — murmurou Franz —, é ele.

— O que disse?...

— Nada... O que você estava fazendo?

— Preparando-lhe uma surpresa.

— Que surpresa?

— Sabia que é impossível arrumar uma carruagem?

— Ora, já fizemos tudo o que era humanamente possível para arrumar uma carruagem, mas em vão.

— Pois bem... tive uma ideia maravilhosa.

Franz olhou Albert como alguém que não confiava muito na imaginação do amigo.

— Meu caro — disse Albert —, você está me honrando com um olhar que bem mereceria um pedido de perdão.

— Estou pronto a pedir perdão, caro amigo, se a sua ideia for tão engenhosa quanto você pretende.

— Escute.

- Estou escutando.
- Não há meio de arrumar uma carruagem, não é?
- Não.
- Nem cavalos?
- Nem cavalos.
- Mas não podemos arrumar uma carroça?
- Talvez.
- E uma junta de bois?
- Provavelmente.

— Pois bem, meu caro! O nosso problema está resolvido. Vou mandar decorar a carroça, nós nos fantasiamos de camponeses napolitanos, representamos ao natural o magnífico quadro de Léopold Robert. Se, para maior semelhança, a condessa quiser vestir a fantasia de uma mulher de Puzzole ou de Sorrento, isso completará a mascarada, e ela é bastante bela para pensarem que é o modelo da mulher com a criança...

— Nossa — exclamou Franz —, desta vez tem razão, senhor Albert: teve uma excelente ideia.

— E bem nacional, inspirada nos reis indolentes, meu caro, nada mais!... Ah, senhores romanos: acham que nós vamos correr a pé pelas suas ruas, como *lazzaroni*,²⁸ só porque os senhores não têm carruagens nem cavalos?... Pois bem: vamos inventá-los!

— E já contou a alguém essa ideia genial?

— Contei ao nosso hoteleiro. Quando cheguei, mandei chamá-lo e contei-lhe o que eu queria... Ele me garantiu que nada seria mais fácil... Eu queria mandar dourar os chifres dos bois, mas ele me disse que isso levaria três dias: então, teremos de esquecer esse detalhe.

— E onde ele está?

— Quem?

— O nosso hoteleiro.

— Providenciando o negócio. Amanhã talvez já seja tarde demais.

— Então ele vai nos dar a resposta ainda hoje à noite?

— Estou o esperando.

Nesse momento a porta se abriu e mestre Pastrini mostrou a cabeça.

— *Permesso?*²⁹ — perguntou ele.

— Claro, à vontade! — exclamou Franz.

— E então — disse Albert —, arrumou a carroça e os bois que eu queria?

— Melhor do que isso — respondeu ele, com ar perfeitamente satisfeito consigo mesmo.

— Ah, meu caro hoteleiro, cuidado — disse Albert —, o melhor estraga o bom.

— Que Vossas Excelências confiem em mim — disse o mestre Pastrini, convicto.

— Mas, enfim, o que há? — perguntou Franz por sua vez.

— Sabiam que o conde de Monte-Cristo está hospedado neste mesmo andar? — disse o hoteleiro.

— Acho que sim — disse Albert —, já que é graças a ele que estamos alojados como dois estudantes da rua Saint-Nicolas-du-Chardonnet.

— Então, ele sabe do embarço em que se encontram... Mandou oferecer-lhes dois lugares em sua carruagem e dois lugares em suas janelas do palácio Rospoli.

Albert e Franz olharam-se.

— Mas devemos aceitar a oferta desse estranho? — perguntou Albert. — De um homem que nem conhecemos?

— Quem é esse conde de Monte-Cristo? — perguntou Franz a seu hoteleiro.

— Ele é um importante senhor siciliano ou maltês, não sei muito bem... mas ele é nobre como um Borghese... e é rico como uma mina de ouro.

— Parece-me que — disse Franz a Albert —, se esse cavalheiro tivesse maneiras tão boas quanto diz o nosso hoteleiro, ele deveria ao menos mandar-nos o seu convite de outra maneira, fosse escrevendo-nos, fosse...

Nesse momento, bateram à porta.

— Entre — disse Franz.

Um criado em traje de gala, perfeitamente elegante, apareceu à porta do quarto.

— Da parte do conde de Monte-Cristo para o senhor Franz d'Épinay e para o senhor visconde Albert de Morcerf — disse ele.

E mostrou ao hoteleiro dois cartões, que este passou aos jovens.

— O senhor conde de Monte-Cristo — continuou o criado — manda pedir a esses senhores licença para apresentar-se como vizinho amanhã de manhã em seus aposentos... Ele terá a honra de informar-se junto aos senhores a que horas eles estarão visíveis.

— Palavra — disse Albert a Franz —, não há nada a reprovar, tudo está aí.

— Diga ao conde — respondeu Franz — que seremos nós que teremos a honra de fazer-lhe a nossa visita.

O criado retirou-se.

— Isso é que se chama assalto de elegância — disse Albert. — Vamos: decididamente, o senhor tem razão, mestre Pastrini... Ele é um homem totalmente correto, esse seu conde de Monte-Cristo.

— Então aceitam o convite? — disse o hoteleiro.

— Claro, aceitamos — respondeu Albert. — Mas confesso: sinto pela nossa carroça e pelos camponeses... Não fosse a janela do palácio Rospoli para compensar o que perderemos, acho que eu não desistiria da ideia da carroça: que acha, Franz?

— Também acho que são as janelas do palácio Rospoli que me levam a aceitar — respondeu Franz a Albert.

De fato, essa oferta de dois lugares em uma janela do palácio Rospoli lembrara a Franz a conversa que ouvira nas ruínas do Coliseu entre o desconhecido e o romano — conversa na qual o homem de capa comprometera-se a obter o perdão do condenado. Ora, se o homem de capa fosse, como tudo levava Franz a crer, o mesmo cuja aparição na sala Argentina tanto o preocupara, sem dúvida alguma ele o reconheceria, e então nada o impediria de satisfazer a sua curiosidade.

Franz passou parte da noite sonhando com as duas aparições daquele homem e desejando que amanhecesse logo. De fato, no dia seguinte, tudo deveria esclarecer-se; e dessa vez, a não ser que o anfitrião de Monte-Cristo possuísse o anel de Gíges e, graças a

esse anel, a faculdade de tornar-se invisível, era evidente que ele não lhe escaparia. Assim, Franz acordou antes das oito horas. Quanto a Albert, como não tinha os mesmos motivos para acordar cedo, continuou a dormir profundamente.

Franz mandou chamar o hoteleiro, que se apresentou com a sua habitual solicitude.

— Mestre Pastrini — disse-lhe Franz —, hoje não deve haver uma execução?

— Sim, Excelência... Mas, se me pergunta para assisti-la de uma janela, lembrou-se tarde demais.

— Não... — disse Franz. — Aliás, se eu fizesse questão de assistir a esse espetáculo, penso que acharia lugar no monte Pincio.

— Oh, imagino que Vossa Excelência não queira misturar-se com toda a canalha que encontra nesse monte o seu anfiteatro natural.

— É provável que eu nem vá — disse Franz. — Mas gostaria de saber alguns detalhes.

— Que detalhes?

— Gostaria de saber quantos são os condenados, o nome deles e o gênero dos suplícios.

— Maravilha, Excelência! Acabam de me entregar as *tavolette*.

— E o que são as *tavolette*?

— As *tavolette* são pequenas tábuas de madeira penduradas em todas as esquinas, na véspera das execuções, nas quais se encontram o nome dos condenados, a causa das condenações e o modo dos suplícios. Esse aviso tem por objetivo convidar os fiéis a rezarem a Deus para que dê aos culpados um arrependimento sincero.

— E lhe entregaram essas *tavolette* para que o senhor junte as suas preces às dos fiéis? — perguntou Franz, com ar de dúvida.

— Não, Excelência... Eu combinei com o afixador e ele sempre me traz isso, assim como me traz os cartazes dos espetáculos: caso alguns dos meus hóspedes desejem assistir à execução, estarão bem informados.

— Ah, mas quanta consideração... quanta delicadeza! — exclamou Franz.

— Oh — disse o mestre Pastrini, sorrindo —, posso me orgulhar de fazer tudo o que se encontra a meu alcance para satisfazer os nobres estrangeiros que me honram com sua confiança.

— É o que estou vendo, meu caro hoteleiro! E é o que vou repetir a quem quiser ouvir, esteja certo. Agora, gostaria de ler uma dessas *tavolette*.

— Nada mais simples — disse o hoteleiro abrindo a porta —, mandei pendurar uma tabuinha aqui mesmo neste andar.

Saiu, pegou a *tavoletta* e trouxe-a a Franz.

Eis a tradução literal do cartaz patibular: Comunicamos a todos que nesta terça-feira, 22 de fevereiro, primeiro dia de carnaval, serão, por sentença do tribunal da Rota, executados, na praça do Povo, o chamado Andrea Rondolo, culpado de assassinato da pessoa mui respeitável e mui venerável de dom César Torlini, cônego da igreja de São João de Latrão, e o chamado Peppino, vulgo Rocca Priori, culpado de cumplicidade com o detestável bandido Luigi Vampa e com os homens de seu bando.

O primeiro será *mazzolato*, E o segundo, *decapitato*.

As almas caridosas são chamadas a pedir a Deus um arrependimento sincero desses dois desgraçados condenados.

Era bem o que Franz ouvira nas ruínas do Coliseu, na antevéspera — no programa, nada fora alterado: o nome dos condenados, a causa do suplício, o gênero da execução eram exatamente os mesmos.

Assim, segundo todas as probabilidades, o romano no Coliseu não seria outro senão o famoso bandido Luigi Vampa; e o homem de capa seria Simbad, o Marujo, que em Roma — como em Porto-Vecchio, como em Túnis — continuava a promover as suas expedições filantrópicas.

Entretanto, o tempo passava — já eram nove horas, Franz já ia acordar Albert, quando, para sua grande surpresa, viu-o sair já todo vestido do quarto. O carnaval assombrara-lhe a cabeça e ele despertara mais cedo do que o amigo imaginara.

— Bem — disse Franz ao hoteleiro —, agora, como ambos já estamos prontos, acha, meu caro senhor Pastrini, que já podemos

apresentar-nos ao conde de Monte-Cristo?

— Oh, claro, certamente! — respondeu o hoteleiro. — O conde de Monte-Cristo costuma acordar muito cedo: tenho certeza de que já está de pé há mais de duas horas.

— E acha que não é inconveniente apresentar-nos agora mesmo?

— De forma alguma.

— Nesse caso, Albert, se você já estiver pronto...

— Prontíssimo! — disse Albert.

— Vamos agradecer a cortesia do vizinho.

— Vamos!

Franz e Albert só precisavam atravessar o corredor; o hoteleiro antecipou-se e tocou para eles: um criado veio abrir.

— *I signori francesi!* — disse o hoteleiro.

O criado inclinou-se e, com um gesto, convidou-os a entrar.

Eles atravessaram duas peças mobiliadas com um luxo que não imaginavam existir no hotel do mestre Pastrini — enfim chegaram a um salão de perfeita elegância. Um tapete turco estendia-se no chão — os móveis mais confortáveis ofereciam almofadas macias e encostos reclinados. Magníficos quadros de mestres, intercalados por esplêndidos troféus de armas, estavam pendurados nas paredes; — grandes reposteiros de tapeçaria flutuavam nas portas.

— Se Vossas Excelências desejarem sentar-se — disse o criado —, vou prevenir o senhor conde.

E desapareceu por uma das portas.

Quando a porta se abriu, o som de uma viola chegou aos dois amigos, mas logo cessou; fechada quase no mesmo instante em que se abrira, a porta, por assim dizer, só deixara penetrar no salão uma lufada de harmonia.

Franz e Albert trocaram um olhar e olharam os móveis, quadros e armas. À segunda vista, tudo aquilo lhes parecia ainda mais magnífico do que à primeira.

— Bem — perguntou Franz ao amigo —, que me diz disto?

— Palavra, meu caro: digo que nosso vizinho deve ser algum investidor que apostou na baixa dos títulos espanhóis, ou algum príncipe que viaja incógnito.

— Ch! — disse-lhe Franz. — Já vamos saber: ele vem vindo.

De fato, o barulho de uma porta girando em seus gonzos acabara de chegar aos visitantes; quase ao mesmo tempo, a tapeçaria, erguendo-se, deu passagem ao dono de todas aquelas riquezas.

Albert avançou ao seu encontro, mas Franz ficou pregado em seu lugar.

Aquele que acabara de entrar não era outro senão o homem da capa no Coliseu, o desconhecido no camarote, o anfitrião misterioso em Monte-Cristo.

XXXVI. A MALHAÇÃO

— Meus senhores — disse o conde de Monte-Cristo, entrando —, queiram aceitar as minhas desculpas por não os ter procurado antes, mas temia ser indiscreto se me antecipasse. Aliás os senhores mandaram dizer que viriam: fiquei à sua disposição.

— Franz e eu temos de lhe agradecer mil vezes, senhor conde — disse Albert. — Realmente, o senhor nos tirou de um grande embaraço... Já estávamos em vias de inventar os mais fantásticos veículos no momento em que recebemos o seu amável convite.

— Ah, meu Deus... Senhores — continuou o conde, fazendo-lhes sinal para sentarem-se em um divã —, a culpa é daquele idiota do Pastrini, se os deixei por tanto tempo em meio a tantas dificuldades! Ele não me disse uma palavra sobre o embaraço de vocês... A mim que, sozinho e isolado como estou aqui, só buscava a oportunidade de conhecer os meus vizinhos... A partir do momento em que soube que podia lhes ser útil em algo, vim com que pressa agarrei a ocasião de apresentar-lhes os meus cumprimentos.

Os dois jovens inclinaram-se. Franz ainda não achara uma única palavra a dizer; ainda não decidira o que fazer e, como nada no conde mostrava intenção de reconhecê-lo ou desejo de ser reconhecido por ele, já não sabia se deveria, com uma palavra qualquer, aludir ao passado ou esperar que o futuro lhe trouxesse novas provas. Aliás, certo de que era ele o homem do camarote na véspera, não poderia jurar que era ele o homem do Coliseu na antevéspera. Então decidiu deixar as coisas acontecerem sem fazer perguntas diretas ao conde. Aliás, levava uma vantagem sobre ele: era senhor de seu segredo, enquanto o conde, ao contrário, em nada ameaçava Franz, que não tinha nada a esconder.

Entretanto, resolveu levar a conversa a um assunto que poderia apressar o esclarecimento de certas dúvidas.

— Senhor conde — disse Franz —, ofereceu-nos lugares em sua carruagem e em suas janelas do palácio Rospoli... Agora poderia nos dizer como conseguir um *posto*, como dizem os italianos, na praça do Povo?

— Ah, sim, é verdade... — disse o conde com ar distraído, olhando Morcerf atentamente. — Não vai acontecer na praça do Povo alguma coisa, talvez uma execução?

— Sim — respondeu Franz, vendo que o conde vinha por si mesmo ao terreno aonde o queria levar.

— Espere, espere... Acho que ontem eu disse ao meu intendente que cuidasse disso... Talvez também possa prestar-lhes esse pequeno favor.

Estendeu a mão a um cordão de campainha e puxou três vezes.

— Já pensou — disse o conde a Franz — no emprego do tempo e no modo de simplificar as idas e vindas dos criados? Eu estudei esse assunto: quando toco uma vez, é para meu camareiro; duas vezes, para meu mordomo; três vezes, para meu intendente. Desse modo, não perco nem um minuto, nem uma palavra. Vejam: aqui está o nosso homem.

Então viram entrar um indivíduo de quarenta e cinco a cinquenta anos que parecia assemelhar-se, como duas gotas d'água, ao contrabandista que o introduzira na caverna da ilha, mas que também não parecia reconhecê-lo de forma alguma. Percebeu que ele fora avisado.

— Senhor Bertuccio — disse o conde —, já cuidou, como lhe ordenei ontem, de me arrumar uma janela na praça do Povo?

— Sim, Excelência — respondeu o intendente —, mas já era tarde.

— Como! — disse o conde franzindo as sobrancelhas. — Eu não lhe disse que queria uma janela?

— E Vossa Excelência tem uma janela, a que estava alugada ao príncipe Lobaniev... Mas fui obrigado a pagar cento...

— Está bem, está bem, senhor Bertuccio: poupe a esses senhores todos os detalhes do caso... Conseguiu a janela, é tudo o

que importa... Dê o endereço da casa ao cocheiro e fique na escada para nos conduzir: é só. Vá.

O intendente saudou e deu um passo para se retirar.

— Ah — continuou o conde —, faça-me o favor de perguntar a Pastrini se recebeu a *tavoletta* e se quer me enviar o programa da execução.

— Não é preciso — disse Franz, tirando a sua caderneta do bolso. — Eu li esses cartazes, copiei-os, aqui está...

— Ótimo... Então, senhor Bertuccio, pode se retirar: já não preciso mais do senhor. Apenas nos avise quando o desjejum estiver servido. Estes senhores — continuou o conde, voltando-se para os dois amigos — me dariam a honra de comerem comigo?

— Mas na verdade, senhor conde — disse Albert —, não queríamos abusar.

— Não, pelo contrário, será um grande prazer... Um dia, um dos senhores, talvez ambos, me retribuirá tudo isso em Paris... Senhor Bertuccio, mande colocar três talheres.

Tirou a caderneta das mãos de Franz.

— Então nós dizíamos — continuou o conde, no tom de quem lia os classificados — que “serão executados, hoje, 22 de fevereiro, o chamado Andrea Rondolo, culpado de assassinato da pessoa mui respeitável e mui venerável de dom César Torlini, cônego da igreja de São João de Latrão, e o chamado Peppino, vulgo Rocca Priori, culpado de cumplicidade com o detestável bandido Luigi Vampa e com os homens de seu bando...”

“Hum! ‘O primeiro será *mazzolato*, e o segundo, *decapitato*’. Sim, é verdade — continuou o conde —, era exatamente assim que a coisa ia acontecer, a princípio, mas creio que desde ontem houve alguma mudança na ordem e andamento da cerimônia.”

— Bah! — protestou Franz.

— Sim... Ontem, na casa do cardeal Rospigliosi, onde passei a noite, falavam de algo como um adiamento concedido a um dos condenados.

— A Andrea Rondolo? — perguntou Franz.

— Não... — respondeu negligentemente o conde. — Ao outro... (ele deu uma olhada na caderneta, como a lembrar o nome) a

Peppino, vulgo Rocca Priori... Isso vai privá-los de uma guilhotinada, mas resta-lhes a malhação, ou *mazzolata*, que é um suplício muito curioso quando o vemos pela primeira vez, até mesmo pela segunda vez, enquanto o outro, que aliás vocês já devem conhecer, é muito simples, muito breve, não tem nada de inesperado. A *mandaia* não se engana, não treme, não fere em falso... Não precisa ser repetida trinta vezes, como no caso do soldado que cortou a cabeça do conde de Chalais, talvez por ordem de Richelieu. Ah, veja — acrescentou o conde em tom de desdém —, quanto aos suplícios, não me falem dos europeus: eles não entendem nada disso, na verdade estão no estágio infantil, ou melhor, senil, da crueldade.

— Na verdade, senhor conde — respondeu Franz —, até parece que o senhor fez um estudo comparado dos suplícios entre os diversos povos do mundo.

— Ao menos, são poucos os suplícios que não vi — replicou friamente o conde.

— E sentiu prazer ao assistir a esses horríveis espetáculos?

— A minha primeira reação foi de repulsa, a segunda de indiferença, a terceira de curiosidade.

— Curiosidade? A palavra é terrível, não acha?

— Por quê? Na vida, praticamente, só há uma preocupação importante: a morte. Bem: não é curioso estudar de que diferentes maneiras a alma pode sair do corpo? Como, conforme os caracteres, os temperamentos, até mesmo os costumes de cada país, os indivíduos suportam essa suprema passagem do ser ao nada? Quanto a mim, garanto-lhes uma coisa: quanto mais vemos morrer, mais se torna fácil morrer. Assim, em minha opinião, a morte talvez seja um suplício, mas não uma expiação.

— Não entendi muito bem — disse Franz. — Explique-se, pois nem poderia lhe dizer a que ponto as suas palavras excitaram a minha curiosidade.

— Escute — disse o conde; e seu rosto coloriu-se de fel, como o rosto de alguém se colore de sangue. — Se um homem causasse a morte, por torturas inauditas, entre tormentos sem fim, do pai de vocês, de sua mãe, de sua mulher, enfim, de uma dessas criaturas

que quando são arrancadas de seu coração deixam um vazio eterno e uma ferida sempre sangrenta, achariam suficiente a reparação que lhes concede a sociedade, porque o ferro da guilhotina passou entre a base do occipital e os músculos trapézios do assassino, porque o causador de anos de sofrimentos morais sentiu dores físicas por alguns segundos?

— Sim, eu sei — respondeu Franz —, a justiça humana é insuficiente para nos consolar... Ela pode derramar sangue em troca de sangue, nada mais... Temos de lhe pedir o que ela pode, não outra coisa.

— E também posso lhe citar um caso material — continuou o conde —, um caso em que a sociedade, atacada em suas próprias bases pela morte de um indivíduo, vinga a morte com a morte... Mas não há milhões de dores que dilaceram as entranhas de um homem sem que a sociedade se preocupe com elas de forma alguma? Sem que a sociedade lhe ofereça o insuficiente meio de se vingar de que falamos há pouco? Não há crimes para os quais o empalar dos turcos, a tina dos persas, o esmigalhar dos nervos dos iroqueses, seriam suplícios muito brandos, mas que a sociedade indiferente deixa sem castigo?... Responda-me: não existem esses crimes?

— Sim — respondeu Franz —, e é para puni-los que o duelo é tolerado.

— Ah, o duelo! — exclamou o conde. — Bela maneira, juro pela minha alma, de alcançar o seu objetivo, quando o objetivo é a vingança! Um homem raptou a sua amada, um homem seduziu a sua mulher, um homem desonrou a sua filha... De toda uma vida, que tinha o direito de esperar de Deus a porção de felicidade que Ele prometeu a cada ser humano ao criá-lo, ele fez uma existência de dor, de miséria ou de infâmia... E você se acha vingado porque nesse homem, que levou o seu espírito ao delírio e o seu coração ao desespero, deu uma estocada no peito ou meteu uma bala na cabeça? Ora, vamos! Sem contar que muitas vezes é ele que sai triunfante da luta, limpo aos olhos da sociedade e de alguma forma absolvido por Deus. Não, não — continuou o conde —, se algum dia tivesse de me vingar, não seria assim que me vingaria.

— Então desaprova o duelo? Então não se bateria em duelo? — perguntou Albert, por sua vez, surpreso de ver defenderem tão estranha teoria.

— Oh, claro que sim! — exclamou o conde. — Entenda: eu me bateria em duelo por um detalhe, por um insulto; por um desmentido, por uma bofetada... E sem ficar preocupado, pois graças à destreza que adquiri em todos os exercícios do corpo, ao lento hábito que adquiri do perigo, eu teria quase certeza de que mataria o meu homem. Oh, claro, eu me bateria em duelo por tudo isso... Mas, se me causassem uma dor lenta, profunda, infinita, eterna, eu causaria, se possível, uma dor semelhante à que me infligiram: olho por olho, dente por dente, como dizem os orientais, nossos mestres em todas as coisas, esses eleitos da criação que souberam criar para si uma vida de sonhos e um paraíso de realidades.

— Mas — disse Franz ao conde — com essa teoria, que o transforma em juiz e carrasco em causa própria, seria difícil manter-se numa medida em que se escapasse eternamente do poder da lei. O ódio é cego, a cólera é surda; aquele que se serve da vingança arrisca-se a beber uma bebida amarga.

— Sim, se ele for pobre e sem jeito... Não, se ele for milionário e habilidoso. Aliás, o pior que lhe poderia acontecer seria o último suplício que mencionamos, o suplício que a filantrópica revolução francesa colocou no lugar do esquartejamento e da roda. Pois bem, o que é o suplício, se ele se vingou? Na verdade, estou quase decepcionado: segundo todas as probabilidades, esse miserável Peppino não vai ser *decapitato*, como dizem os italianos... Se fosse, vocês veriam quanto tempo isso dura, se realmente valeria a pena falar disso... Mas, palavra, senhores, que assunto para um dia de carnaval! Por que começamos a falar disso? Ah, agora me lembro: os senhores me pediram um lugar em minha janela... Pois bem, que seja, os senhores o terão... Mas primeiro passemos à mesa, pois vão nos anunciar que estamos servidos.

De fato, um criado abriu uma das quatro portas do salão e pronunciou as palavras sacramentais: — *Al suo commodo!*³⁰

Os dois jovens levantaram-se e passaram à sala de jantar.

Durante a refeição, que era excelente e servida com infinito requinte, Franz buscou com os olhos o olhar de Albert para ler a impressão que certamente nele teriam provocado as palavras do anfitrião; entretanto, talvez porque em sua despreocupação habitual não tivesse prestado muita atenção, talvez porque a concessão que o conde de Monte-Cristo lhe fizera a respeito do duelo o tivesse reconciliado com ele, talvez enfim porque os antecedentes que relatamos, conhecidos apenas por Franz, apenas para ele tivessem multiplicado os efeitos das teorias do conde, não achou que o seu companheiro estivesse de alguma forma preocupado; muito pelo contrário, Albert fazia honra à refeição como homem condenado, havia quatro ou cinco meses, à cozinha italiana — isto é, a uma das piores cozinhas do mundo. Quanto ao conde, mal experimentava os pratos; parecia que ao sentar-se à mesa com os seus convidados cumpria um mero dever de cortesia, esperando que eles se fossem para pedir algum prato estranho ou diferente.

Involuntariamente, isso lembrava a Franz o terror que o conde inspirara à condessa G..., convencida de que ele — o homem que Franz lhe apontara no camarote em frente ao dela — era um vampiro.

Ao fim da refeição, Franz puxou o relógio.

— E então — disse o conde —, o que houve?

— Perdoe-nos, senhor conde — respondeu Franz —, mas ainda temos mil coisas a fazer.

— O quê?

— Nós não temos fantasias... E hoje a fantasia é obrigatória.

— Não se preocupe com isso. Acho que na praça do Povo nós temos um quarto particular... Mandarei levar para lá as fantasias que vocês quiserem... Nós nos fantasiaremos na hora.

— Depois da execução? — perguntou Franz.

— Claro... Depois, durante, antes... Como preferirem.

— Em frente ao cadafalso?

— O cadafalso faz parte da festa.

— Olhe, senhor conde, estive pensando... — disse Franz. — Realmente, agradeço a sua gentileza, mas vou me contentar em

aceitar um lugar na sua carruagem e um lugar na janela do palácio Rospoli... Vou deixá-lo livre para dispor de meu lugar na janela da praça do Povo.

— Mas, aviso-o, vai perder algo muito interessante — acrescentou o conde.

— O senhor vai me contar — disse Franz —, estou certo de que em sua boca o relato vai me impressionar quase tanto quanto se eu estivesse presente. Aliás, mais de uma vez, tentei me obrigar a assistir a uma execução, mas nunca fui capaz... E você, Albert?

— Vi executarem Castaing... — respondeu o visconde. — Mas acho que eu estava um pouco ébrio naquele dia... Era o dia de minha saída do colégio, tínhamos passado a noite em não me lembro que taverna...

— Aliás, se você não fez algo em Paris, isso não é razão para não fazê-lo no estrangeiro: quando viajamos, é para instruir-nos. Quando mudamos de lugar, é para ver. Imagine a cara que você fará se lhe perguntarem: “Como são as execuções em Roma?”; e você responder: “Não sei”... E afinal dizem que o condenado é um verme infame, um louco que matou a golpes de ferro um bondoso cônego que o criara como filho. Que diabo, quando se mata um homem da Igreja, usa-se uma arma mais conveniente do que um ferro de lareira, principalmente quando esse homem da Igreja talvez seja o nosso pai. Se você viajar à Espanha, verá as touradas, não é verdade? Bem, suponha que vamos ver uma tourada... Lembre-se dos antigos romanos do circo, das caçadas em que se matavam trezentos leões e uma centena de homens. Então, lembre-se daqueles oitenta mil espectadores que aplaudiam; daquelas sensatas matronas que lá levavam as suas filhas por casar; daquelas encantadoras vestais de mãos brancas que faziam com o polegar um encantador sinal que queria dizer: “Vamos, nada de preguiça! Acabem logo com esse homem que já está três quartos morto”.

— Você vai, Albert? — perguntou Franz.

— Claro que vou, meu caro! Como você, eu estava indeciso, mas a eloquência do conde me decidiu.

— Então vamos, já que você quer — disse Franz. — Mas, no caminho da praça do Povo, quero passar pela rua do Corso... É possível, senhor conde?

— A pé, sim... De carruagem, não.

— Bem, vou a pé.

— Precisa mesmo passar pela rua do Corso?

— Sim, preciso ver algo lá.

— Bem, passaremos pela rua do Corso; mandaremos a carruagem pegar a estrada do Babuíno e nos esperar na praça do Povo... Aliás, não me incomodo de passar pela rua do Corso, onde vou aproveitar para ver se algumas ordens que dei foram cumpridas.

— Excelência — disse o criado, abrindo a porta —, um homem vestido de penitente pede para lhe falar.

— Ah, sim — exclamou o conde —, já sei o que é... Senhores: queiram passar ao salão... Encontrarão, na mesa do meio, excelentes charutos Havana... Logo irei vê-los.

Os dois jovens levantaram-se e saíram por uma porta, enquanto o conde, depois de renovar as suas desculpas, saía por outra. Albert, apreciador de charutos, desde que estava na Itália não considerava pequeno sacrifício privar-se dos charutos do café de Paris — aproximou-se da mesa central e deu um grito de alegria ao ver autênticos puros.

— Bem — perguntou-lhe Franz —, que acha do conde de Monte-Cristo?

— O que acho dele? — perguntou Albert, visivelmente surpreso com a pergunta do companheiro. — Acho que ele é um homem encantador, faz maravilhosamente as honras de sua casa, viu muito, estudou muito, refletiu muito... Como Brutus, é da escola estoica... E — acrescentou, soltando amorosamente uma baforada de fumaça que subiu em espiral rumo ao teto —, acima de tudo, possui excelentes charutos.

Era essa a opinião de Albert sobre o conde; ora, como Franz sabia que Albert tinha a pretensão de só exprimir uma opinião sobre os homens e as coisas depois de madura reflexão, em nada tentou mudar essa opinião.

— Mas — disse Franz — não notou algo singular?

— O quê?

— A atenção com que ele o olhava.

— A mim?

— Sim, a você.

Albert refletiu.

— Ah — disse Albert, dando um suspiro —, não há nada de estranho nisso. Há um ano estou fora de Paris, devo estar com maneiras de outro mundo... O conde deve ter me tomado por um provinciano... Explique a ele, caro amigo, e diga-lhe, por favor, assim que possível, que não é nada disso.

Franz sorriu; um instante depois, o conde retornou.

— Aqui estou, senhores — disse ele —, inteiramente à disposição de vocês... As ordens foram dadas... A carruagem vai para a praça do Povo pelo seu caminho, nós vamos lá pelo nosso, pela rua do Corso, se assim desejarem. Então, senhor de Morcerf, pegue alguns charutos...

— Palavra, com grande prazer — disse Albert —, pois os charutos italianos são ainda piores do que os charutos estatais franceses... Quando o senhor for a Paris, retribuirei tudo isso.

— Não vou recusar... Espero ir até lá qualquer dia desses, e, já que me permite, vou bater à sua porta... Vamos, senhores, vamos: não temos tempo a perder... Já é meio-dia e meia, partamos.

Desceram os três. Então o cocheiro recebeu as últimas ordens de seu patrão e seguiu pela via do Babuíno, enquanto os três pedestres subiam pela praça da Espanha e pela via Frattina, que os levou direto do palácio Fiano ao palácio Rospoli.

Todas as atenções de Franz concentraram-se nas janelas do palácio Rospoli — ele não se esquecera do sinal combinado no Coliseu entre o homem de capa e o romano.

— Quais são as suas janelas? — perguntou Franz ao conde no tom mais natural possível.

— As três últimas — respondeu o conde com um descuido que não tinha nada de afetado: não podia adivinhar com que intenção o jovem lhe fazia a pergunta.

Franz logo olhou para as três janelas. As janelas laterais estavam forradas de damasco amarelo; a do meio, de damasco branco com uma cruz vermelha.

O homem da capa cumprira a palavra dada ao romano; já não havia mais dúvida: o homem da capa era realmente o conde. As três janelas ainda estavam vazias.

Aliás, faziam-se preparativos por todos os lados: colocavam-se cadeiras, erguiam-se andaimes, forravam-se janelas. As máscaras eram proibidas, as carruagens só poderiam circular ao som do sino — mas adivinhavam-se máscaras atrás de cada janela, carruagens atrás de cada porta.

Franz, Albert e o conde continuaram descendo a rua do Corso. À medida que se aproximavam da praça do Povo, a multidão tornava-se mais densa e, acima das cabeças da multidão, viam-se aparecer duas coisas: o obelisco encimado por uma cruz, indicando o centro da praça, e, diante do obelisco, bem à vista das três ruas — do Babuínio, do Corso e di Ripetta —, as duas traves principais do cadafalso, entre as quais brilhava o ferro arredondado da *mandaia*.

Na esquina, encontraram o intendente do conde à espera do patrão.

A janela, certamente alugada pelo preço exorbitante que o conde não quisera revelar a seus convidados, pertencia ao segundo andar do grande palácio situado entre a rua do Babuínio e o monte Pincio; como dissemos, era uma espécie de vestiário ligado a um quarto de dormir; fechando a porta do quarto, os ocupantes do vestiário ficariam à vontade; sobre as cadeiras encontravam-se elegantes fantasias de palhaço, de cetim branco e azul.

— Como me deixaram escolher as fantasias — disse o conde aos dois amigos —, mandei lhes arrumarem estas. Primeiro, é a última moda, este ano; depois, é o que há de mais cômodo para os confetes, pois não se vê a farinha sobre o tecido.

Franz só ouviu muito imperfeitamente as palavras do conde — talvez não desse o justo valor a essa nova gentileza: toda a sua atenção fora atraída pelo espetáculo que apresentava a praça do Povo e pelo terrível instrumento que naquela hora era o seu principal adorno.

Era a primeira vez que Franz via uma guilhotina: dizemos guilhotina porque a *mandaia* romana é bastante semelhante ao fatal instrumento francês. Mas o cutelo, que tem a forma de um crescente a cortar com a parte convexa, cai de uma altura menor.

Dois homens, sentados na prancha removível onde deitam o condenado, almoçavam enquanto esperavam e comiam — ao que Franz podia ver — pão e salsichas; um deles levantou a prancha, pegou uma garrafa de vinho, bebeu um gole e passou a garrafa ao seu camarada: esses dois homens eram os ajudantes do carrasco!

A essa visão, Franz sentiu o suor umedecer a raiz de seus cabelos.

Os condenados, transportados na noite da véspera dos Cárceres Novos para a pequena igreja de Santa Maria del Popolo, tinham passado a noite — cada um deles assistido por dois padres — numa capela ardente gradeada, diante da qual passeavam sentinelas rendidas de hora em hora.

Uma dupla fileira de carabineiros, colocada dos dois lados da porta da igreja, estendia-se até o cadafalso, ao redor do qual formava círculos, deixando livre uma passagem de cerca de três metros de largura e, ao redor da guilhotina, um espaço de uns cem passos de circunferência. Todo o resto da praça estava forrado de cabeças de homens e mulheres. Muitas mulheres tinham colocado os filhos nos ombros. Com os corpos acima da multidão, essas crianças estavam admiravelmente localizadas.

O monte Pincio parecia um vasto anfiteatro com todos os degraus cheios de espectadores; as varandas das duas igrejas, na esquina das ruas do Babuíno e di Ripetta, transbordavam de curiosos privilegiados; os degraus das galerias pareciam ondas móveis e coloridas que uma maré incessante empurrava contra o pórtico: cada saliência dos muros onde coubesse um homem tinha a sua estátua viva.

O que dizia o conde era, portanto, verdade: o espetáculo da morte era o que havia de mais curioso na vida.

Entretanto, em vez do silêncio que deveria comandar a solenidade do espetáculo, imenso barulho emergia da multidão — barulho composto de risos, vaias e exclamações de alegria; também

era evidente, como dissera o conde, que para todo aquele povo a execução não era mais do que o começo do carnaval.

De repente, o barulho cessou, como que por encanto — a porta da igreja acabara de se abrir.

Uma confraria de penitentes — cada membro vestindo um saco cinza aberto apenas nos olhos e segurando uma vela acesa — apareceu primeiro; à frente, caminhava o chefe da confraria.

Atrás dos penitentes vinha um homem de alta estatura. Esse homem estava nu — a não ser pelas ceroulas de malha, onde havia, do lado esquerdo, uma grande faca escondida em sua bainha; sobre o ombro direito ele carregava uma pesada maça de ferro. Esse homem era o carrasco.

Ele também calçava sandálias com cordões amarrados às canelas.

Atrás do carrasco, caminhavam, na ordem em que deviam ser executados, primeiro Peppino, a seguir Andrea.

Cada um deles era acompanhado por dois padres.

Nenhum dos dois tinha os olhos vendados.

Peppino caminhava em passos bem firmes; certamente havia sido avisado do que se preparava para ele.

Andrea era amparado por um padre em cada braço.

Ambos beijavam, de vez em quando, o crucifixo apresentado pelo confessor.

A essa visão, Franz sentiu as pernas lhe faltarem; olhou Albert: ele estava pálido como a sua camisa — num gesto maquinal, atirou para longe o charuto, embora só tivesse fumado a metade.

Só o conde parecia impassível. Inclusive até mesmo leve cor rubra parecia querer invadir a palidez lívida de suas faces.

O seu nariz dilatava-se como o de um animal feroz a farejar sangue — os seus lábios, ligeiramente abertos, deixavam ver dentes brancos, pequenos e afiados como os de um chacal.

Entretanto, apesar de tudo, o seu rosto tinha uma expressão de doçura sorridente que Franz nunca vira nele — os seus olhos negros principalmente eram de uma mansidão e de uma suavidade admiráveis.

Todavia, os dois condenados continuavam a marchar para o cadafalso — à medida que avançavam, era possível distinguir os traços de suas fisionomias. Peppino era um belo rapaz com cerca de vinte e cinco anos, pele bronzeada de sol, olhar livre e selvagem. Caminhava de cabeça erguida, parecendo farejar o vento para descobrir de que lado viria o seu libertador.

Andrea era baixo e gordo; o seu rosto, terrivelmente cruel, não indicava a idade — mas talvez ele tivesse ao redor de trinta anos. Na prisão, deixara a barba crescer. A sua cabeça caía sobre um dos ombros, as suas pernas dobravam-se sob ele; todo o seu ser parecia obedecer a um movimento maquinal já alheio à sua vontade.

— Parece-me — disse Franz ao conde — que o senhor me disse que só haveria uma execução...

— Eu lhe disse a verdade — respondeu o conde, friamente.

— Mas ali estão dois condenados...

— Sim... Mas, desses dois condenados, um vai morrer, enquanto o outro vai ter muitos anos de vida.

— Parece-me que, se vai haver perdão, já não há mais tempo a perder...

— Então, o perdão está chegando, veja — disse o conde.

De fato, no instante em que Peppino chegava ao pé da *mandaia*, um penitente — que parecia estar atrasado — atravessou a fileira sem que os soldados impedissem a sua passagem e, dirigindo-se ao chefe da confraria, entregou-lhe uma folha dobrada em quatro.

O ardente olhar de Peppino não perdera nenhum desses detalhes; o chefe da confraria desdobrou a folha, leu-a e ergueu o braço.

— O Senhor seja bendito! Sua Santidade seja louvada! — disse ele em voz alta e clara. — Há perdão para um dos condenados.

— Perdão! — exclamou o povo num só grito. — Há perdão!

À palavra “perdão”, Andrea pareceu pular e ergueu a cabeça.

— Perdão para quem? — gritou ele.

Peppino permaneceu imóvel, mudo e ofegante.

— Há perdão da pena de morte para Peppino, vulgo Rocca Priori — disse o chefe da confraria.

E passou o papel ao capitão a comandar os carabineiros, que, depois de lê-lo, devolveu-o.

— Perdão para Peppino! — exclamou Andrea, saindo inteiramente do estado de torpor em que parecia mergulhado. — Por que perdão para ele, e não para mim? Nós devíamos morrer juntos: prometeram-me que ele morreria antes de mim... Não têm o direito de me fazer morrer sozinho... Não quero morrer sozinho, não quero!

E ele arrancou-se dos braços dos dois padres, contorcendo-se, uivando, rugindo e fazendo esforços insensatos para romper as cordas que lhe amarravam as mãos.

O carrasco fez sinal a seus dois ajudantes, que saltaram do cadafalso e foram agarrar o condenado.

— O que está acontecendo? — perguntou Franz ao conde.

Como tudo acontecia em dialeto romano, ele não tinha entendido muito bem.

— O que está acontecendo! — exclamou o conde. — Não entende não? Acontece que aquela criatura humana que vai morrer está furiosa porque o seu semelhante não vai morrer com ela e, se a deixassem, ela o despedaçaria com as suas unhas e dentes para não o deixar gozar a vida da qual vai ser privada. Oh, homens! Homens! Raça de crocodilos! Como disse Karl Moor — exclamou o conde estendendo os dois punhos para toda aquela multidão —, como os reconheço bem aqui, como em todos os tempos são dignos de si mesmos!

De fato, Andrea e os dois ajudantes do carrasco rolavam pelo chão; o condenado continuava a gritar: — “Ele deve morrer, eu quero que ele morra, não têm o direito de me matar sozinho”.

— Olhem, olhem — continuou o conde, tomando as mãos dos dois jovens —, olhem, porque, pela minha alma, é curioso; eis um homem que estava resignado à sua sorte, que caminhava para o cadafalso, que ia morrer como um covarde, é verdade, mas enfim ia morrer sem resistência e sem recriminação: sabem o que lhe dava alguma força? Sabem o que o consolava? Sabem o que o fazia suportar o seu suplício com paciência? É que outro partilhava a sua angústia; é que outro ia morrer como ele; é que outro ia morrer

antes dele! Levem dois carneiros ao açougue, dois bois ao matadouro, façam um deles compreender que o seu companheiro não morrerá: o carneiro balirá de alegria, o boi mugirá de prazer; mas o homem, o homem que Deus fez à sua imagem, o homem a quem Deus impôs como primeira, única, suprema lei, o amor ao próximo, o homem a quem Deus deu uma voz para exprimir o seu pensamento, qual será o seu primeiro grito ao saber que o seu camarada está salvo? Uma blasfêmia. Honra ao homem, essa obra-prima da natureza, esse rei da criação!

E o conde começou a rir, mas com um riso terrível, que mostrava que ele devia ter sofrido horrivelmente para rir assim.

Entretanto, a luta continuava — era algo terrível de se ver. Os dois ajudantes levavam Andrea para o cadafalso; todo o povo tomara partido contra ele, e vinte mil vozes gritavam num só grito: — “À morte! À morte!”

Franz recuou; mas o conde tomou-o pelo braço e reteve-o diante da janela.

— Que está fazendo? — perguntou-lhe. — Sentindo piedade? Palavra, ela é bem a propósito! Se ouvisse os uivos de um cão raivoso, pegaria o seu fuzil, correria para a rua, mataria sem misericórdia, à queima-roupa, o pobre animal, que, afinal de contas, só seria culpado de ter sido mordido por outro cão, de ter retribuído o que lhe fizeram: e agora você tem piedade de um homem que nenhum outro homem mordeu, mas que todavia matou o seu benfeitor, e agora, não podendo mais matar, porque está de mãos amarradas, quer a todo custo ver morrer o seu companheiro de cativo, o seu camarada de infortúnio! Não, não, olhe, olhe!

A recomendação tornara-se quase inútil: Franz estava como que fascinado pelo horrível espetáculo. Os dois ajudantes tinham levado o condenado para o cadafalso e ali, apesar de seus esforços, de suas mordidas, de seus gritos, tinham-no obrigado a ajoelhar-se. Enquanto isso, o carrasco colocara-se de lado, com a maça preparada; então, a um sinal, os dois ajudantes se afastaram. O condenado tentou se levantar, mas, antes que tivesse tempo, a maça abateu-se sobre a sua têmpora esquerda; ouviu-se um barulho surdo e seco, a vítima caiu como um boi, o rosto contra o

chão; depois, bruscamente, virou-se de costas. Então o carrasco deixou cair a maça, tirou a faca da cintura, de um só golpe abriu-lhe a garganta e, logo subindo a seu ventre, começou a pisoteá-lo.

A cada pressão, um jato de sangue jorrava do pescoço do condenado.

Desta vez, Franz não aguentou mais: recuou e foi cair numa poltrona, quase desmaiado.

Albert, de olhos fechados, permaneceu de pé, mas agarrado às cortinas da janela.

O conde permanecia de pé e triunfante como o anjo mau.

XXXVII. O CARNAVAL DE ROMA Quando Franz voltou a si, viu Albert bebendo um copo d'água — sua palidez mostrava que ele precisava muito de água — e o conde já vestindo a sua fantasia de palhaço. Franz lançou maquinalmente os olhos à praça: tudo desaparecera — cadafalso, carrascos, vítimas; só restava o povo, ruidoso, atarefado, alegre; o sino do Monte-Citorio, que só dobrava à morte do papa e à abertura da *mascherata*,³¹ soava com toda a sua força.

— Então... — perguntou Franz ao conde. — Mas o que foi que aconteceu?

— Nada, absolutamente nada — disse o conde —, como você pode ver... Só que o carnaval começou: vamos nos vestir logo.

— Mas realmente — respondeu Franz ao conde —, de toda aquela horrível cena, só resta o traço de um sonho.

— É que foi só um sonho, um pesadelo, que você teve.

— Eu, sim... Mas e o condenado?

— Foi um sonho também... Mas ele continua dormindo, enquanto você acordou... Quem pode dizer qual dos dois é o privilegiado?

— Mas e Peppino — perguntou Franz —, o que foi que lhe aconteceu?

— Peppino é um rapaz sensato, sem o menor amor-próprio... Ao contrário dos homens que habitualmente ficam furiosos quando não são o centro das atenções, ele ficou encantado ao ver que a atenção geral dirigia-se ao seu camarada... Logo, ele aproveitou essa distração para misturar-se à multidão e desaparecer, sem nem mesmo agradecer aos dignos padres que o acompanhavam. Decididamente, o homem é um animal muito ingrato e muito egoísta... Mas vista-se: mire, veja como o senhor de Morcerf lhe dá o exemplo.

De fato, Albert vestia maquinalmente a sua calça de tafetá por cima da calça negra e das botas envernizadas.

— Bem, Albert — perguntou Franz —, está disposto a cair na folia? Veja bem: responda francamente.

— Não — disse Albert —, mas na verdade agora estou tranquilo; depois de ter visto uma coisa dessas, agora entendo o que disse o senhor conde: depois de nos habituarmos a semelhante espetáculo, ele se torna o único que ainda nos proporciona emoções.

— Sem contar que só nesse momento podemos fazer estudos de caracteres — disse o conde. — No primeiro degrau do cadafalso, a morte arranca a máscara que usamos durante toda a vida: a verdadeira cara aparece. Há de se convir: a de Andrea não era bonita de se ver... Que idiota hediondo!... Vamos nos vestir, senhores! Vamos nos vestir!

Seria ridículo para Franz bancar a dama elegante e não seguir o exemplo dado pelos seus companheiros. Então ele vestiu a sua fantasia e colocou a sua máscara, que certamente não era mais pálida do que a sua cara.

Depois de se vestirem, desceram. A carruagem esperava à porta, cheia de confetes e ramos de flores.

Entraram na fila.

Seria difícil imaginar mudança mais completa do que a que acabava de acontecer. Em vez daquele espetáculo de morte, sombrio e silencioso, a praça do Povo apresentava a visão de uma louca e sonora orgia. Uma multidão de máscaras aparecia, transbordando de todos os lados, saindo pelas portas, descendo pelas janelas; as carruagens desembocavam em todas as esquinas,

carregadas de pierrôs, arlequins, dominós, marqueses, trasteverinos, grotescos, cavalheiros, camponeses: todos gritando, gesticulando, atirando ovos cheios de farinha, confetes, ramos de flores; atacando, com palavras e objetos, amigos e estranhos, conhecidos e desconhecidos, sem que ninguém tivesse o direito de zangar-se, sem que ninguém fizesse outra coisa além de rir.

Franz e Albert pareciam homens que, para esquecerem profunda desgraça, são levados a uma orgia e, à medida que bebem e se embriagam, sentem um véu adensar-se entre o passado e o presente. Continuavam a ver, ou melhor, continuavam a sentir o reflexo do que tinham visto. Mas aos poucos a ebriedade geral contagiou-os; pareceu-lhes que as suas razões cambaleantes iriam abandoná-los; sentiam estranha necessidade de tomar parte naquela algazarra, naquele movimento, naquela vertigem. Um punhado de confetes, atirado em Morcerf de uma carruagem vizinha, cobriu-o de pó e, assim como a seus dois companheiros, picou-lhe o pescoço e toda a área do rosto não escondida pela máscara, como se lhe tivessem atirado cem alfinetes, e acabou de atraí-lo para a luta generalizada na qual já estavam envolvidas todas as máscaras que encontrava. Ele também se levantou na carruagem, enfiou as mãos nos sacos e, com todo o vigor e habilidade de que era capaz, também atirou ovos e doces em seus vizinhos.

Desde então, travara-se o combate. A lembrança do que tinham visto meia hora antes desapareceu completamente do espírito dos dois jovens, tanto o espetáculo colorido, movimentado e insensato que tinham diante dos olhos os distraíra. Quanto ao conde de Monte-Cristo, como dissemos, em momento algum parecera impressionado.

De fato, imagine-se essa grande e bela rua do Corso, inteiramente ladeada por palácios de quatro ou cinco andares, com todas as suas varandas enfeitadas por tapeçarias, com todas as suas janelas adornadas por cortinas; nas varandas e janelas, trezentos mil espectadores, romanos, italianos, estrangeiros vindos das quatro partes do mundo: todas as aristocracias reunidas — aristocracias de origem, de dinheiro, de espírito; mulheres

encantadoras, que, sob a influência do espetáculo, inclinam-se nas varandas, debruçam-se nas janelas, fazem chover sobre as carruagens que passam uma rajada de confetes, retribuída com ramos de flores; a densa atmosfera de confeitos que descem e de flores que sobem; a seguir, no chão das ruas, uma multidão alegre, incessante, louca, com fantasias insensatas: couves gigantescas a passear, cabeças de búfalos a mugir sobre corpos de homens, cães que parecem avançar sobre as patas dianteiras; em meio a tudo isso, uma máscara que se ergue e, nessa tentação de Santo Antônio sonhada por Callot, alguma Astarte mostra um rosto encantador, que se quer seguir, mas que é afastado por espécies de demônios semelhantes às que vemos nos sonhos, e teremos uma frágil ideia do que é o carnaval em Roma.

Na segunda volta, o conde mandou parar a carruagem e pediu permissão para separar-se de seus companheiros, deixando a carruagem à disposição deles. Franz ergueu os olhos: estavam em frente ao palácio Rospoli; na janela do meio, forrada de damasco branco com uma cruz vermelha, encontrava-se um dominó azul, sob o qual a imaginação de Franz reconheceu, sem dificuldade, a bela grega do teatro Argentina.

— Senhores — disse o conde ao descer da carruagem —, quando se cansarem de ser atores e quiserem voltar a ser espectadores, sabem que têm lugar em minhas janelas. Até lá, disponham de meu cocheiro, de minha carruagem e de meus criados.

Esquecemo-nos de dizer que o cocheiro do conde estava gravemente vestido com uma pele de urso negro, idêntica à de Odry em *O urso e o paxá*, e que os dois lacaios que se mantinham de pé atrás da capota usavam fantasias de macacos verdes, perfeitamente adaptadas a seus tamanhos, e máscaras de molas, com as quais faziam careta aos passantes.

Franz agradeceu ao conde a sua amável oferta; quanto a Albert, perdia-se em galanteios a uma carruagem cheia de camponesas romanas — parada, como a do conde, numa daquelas pausas tão comuns nos desfiles — e cobria-a de flores.

Infelizmente para Albert, a fila voltou a andar e, enquanto ele descia para a praça do Povo, a carruagem que lhe atraíra a atenção subia para o palácio de Veneza.

— Ah, meu caro — perguntou a Franz —, você não viu?

— O quê? — perguntou Franz.

— Ora, aquela carruagem cheia de camponesas romanas...

— Não vi.

— Bem, tenho certeza de que elas são mulheres encantadoras.

— Pena que está mascarado, meu caro Albert — disse Franz —, era o momento de se desferrar de suas decepções amorosas!

— Oh — respondeu Albert, meio rindo, meio sério —, bem, espero que o carnaval não passe sem me trazer compensações.

Apesar dessa esperança de Albert, o dia passou sem outra aventura além de dois ou três reencontros com a carruagem das camponesas romanas. Num desses reencontros, por acaso ou por cálculo de Albert, a sua máscara caiu.

Então ele pegou o resto das flores e atirou-as à carruagem das mulheres.

Certamente, uma das mulheres encantadoras que Albert adivinhava sob a galante fantasia de camponesa ficou tocada com esse belo gesto, pois ela retribuiu-lhe, quando o carro dos dois amigos voltou a passar, atirando-lhe um ramo de violetas.

Albert correu a apanhar o ramo. Como Franz não tinha nenhum motivo para acreditar que o ramo era destinado a ele, deixou Albert colhê-lo. Albert colocou-o triunfalmente na lapela e o carro prosseguiu a sua gloriosa corrida.

— Bem — disse-lhe Franz —, eis um princípio de aventura!

— Pode rir à vontade — respondeu Albert —, mas na verdade acho que sim... Nunca mais vou me separar desse ramo.

— Claro, estou vendo — disse Franz, rindo —, é um sinal de gratidão...

A brincadeira, aliás, logo assumiu um caráter de realidade: quando, sempre arrastados pelo desfile, Franz e Albert cruzaram novamente a carruagem das *contadine*,³² aquela que jogara o ramo a Albert bateu palmas ao ver a sua lapela.

— Bravo, meu caro, bravo! — exclamou Franz. — Tudo corre às mil maravilhas! Quer que eu vá embora? Não é melhor você ficar sozinho?

— Não — disse Albert —, não vamos nos apressar... Não quero bancar o tolo à primeira demonstração, em um encontro com hora marcada, como dizemos, para o baile do Ópera... Se a bela camponesa quiser ir mais longe, nós a encontraremos amanhã... ou melhor, ela nos encontrará. Então ela me dará sinal de vida, então verei o que devo fazer.

— Na verdade, meu caro Albert — disse Franz —, você é sábio como Nestor e prudente como Ulisses... E, para a sua Circe conseguir transformá-lo em um animal qualquer, ela terá de ser muito habilidosa... ou muito poderosa.

Albert tinha razão. A bela desconhecida certamente resolvera não levar a intriga adiante naquele dia: embora os jovens ainda dessem várias voltas, não viram mais a carruagem que procuravam com os olhos — com certeza ela desaparecera dobrando alguma rua.

Então eles voltaram ao palácio Rospoli, mas o conde também desaparecera com o dominó azul. Aliás, as duas janelas forradas de damasco amarelo continuavam ocupadas por pessoas certamente convidadas pelo conde.

Nesse momento, o mesmo sino que soara para a abertura da *mascherata* soou para o encerramento. A fila do Corso logo se desfez e num instante todas as carruagens desapareceram pelas ruas transversais.

Franz e Albert estavam então diante da via delle Maratte; o cocheiro enveredou por ela sem nada dizer e, chegando à praça da Espanha, contornando o palácio Poli, parou bem em frente ao hotel.

O mestre Pastrini veio receber os seus hóspedes no limiar de sua porta.

O primeiro cuidado de Franz foi perguntar do conde e exprimir pesar por não terem voltado a tempo — entretanto, Pastrini tranquilizou-o, dizendo-lhe que o conde de Monte-Cristo reservara uma segunda carruagem, que fora buscá-lo no palácio Rospoli às

quatro horas. Ademais, o conde encarregara-o de oferecer aos dois amigos a chave de seu camarote no teatro Argentina.

Franz consultou Albert sobre as suas disposições, mas Albert tinha grandes planos a realizar antes de pensar em ir ao teatro; assim, em vez de responder, perguntou se o mestre Pastrini poderia lhe arrumar um alfaiate.

— Um alfaiate para quê? — perguntou o nosso hoteleiro.

— Para nos fazer até amanhã fantasias de camponeses romanos tão elegantes quanto possível — disse Albert.

O mestre Pastrini balançou a cabeça.

— Fazer-lhes até amanhã duas fantasias?! — exclamou ele. — Bem, peço perdão a Vossas Excelências, um pedido bem à francesa... Duas fantasias! De hoje a oito, certamente não encontrarão um alfaiate que aceite pregar seis botões num colete, mesmo que lhe paguem um escudo por botão!

— Então devo desistir das fantasias que desejo?

— Não, porque já temos essas fantasias prontas... Podem deixar que vou cuidar disso... Amanhã, quando acordarem, vão encontrar uma coleção de chapéus, casacas e calças que vai deixá-los contentes.

— Meu caro — disse Franz a Albert —, confiemos em nosso hoteleiro, ele já nos deu provas de ser um homem de muitos recursos... Então vamos jantar tranquilamente e depois do jantar vamos ver *A italiana em Argel*.

— *A italiana em Argel*, tudo bem... — disse Albert. — Mas lembre-se, mestre Pastrini, eu e este senhor — continuou, apontando Franz — damos a maior importância a ter amanhã as fantasias que solicitamos.

O hoteleiro reiterou mais uma vez a seus hóspedes que não precisariam se preocupar com nada e que seriam servidos conforme as suas vontades; então Franz e Albert subiram para despir as suas roupas de palhaço.

Ao tirar as suas roupas, Albert segurou com o maior cuidado o seu ramo de violetas: era a senha para ser reconhecido no dia seguinte.

Os dois amigos sentaram-se à mesa; mas, enquanto jantava, Albert não pôde impedir-se de constatar a notável diferença existente entre os méritos do cozinheiro de mestre Pastrini e do cozinheiro do conde de Monte-Cristo. Ora, a verdade obrigou Franz a confessar, apesar das prevenções que parecia manter contra o conde, que o paralelo não era nada favorável ao chefe do mestre Pastrini.

À sobremesa, o criado perguntou a que hora os jovens queriam a carruagem. Albert e Franz entreolharam-se, temendo realmente estar abusando. O criado compreendeu.

— Sua Excelência, o conde de Monte-Cristo, deu ordens positivas para que a carruagem ficasse todo o dia às ordens de Vossas Senhorias... — disselhes o criado. — Portanto, Vossas Senhorias podem dispor dela sem receio de virem a estar abusando.

Os jovens decidiram aproveitar até o fim a cortesia do conde: ordenaram que atrelassem enquanto trocavam a roupa do dia — um tanto amarrotada pelos inúmeros combates que tinham travado — pela roupa da noite.

Tomada essa precaução, dirigiram-se ao teatro Argentina e instalaram-se no camarote do conde.

Durante o primeiro ato, a condessa G*** entrou em seu camarote: o seu primeiro olhar dirigiu-se para o lado onde na véspera vira o conde — assim, logo viu Franz e Albert no camarote daquele sobre quem manifestara, vinte e quatro horas antes, tão estranha opinião.

O seu binóculo dirigia-se a Franz com tanta insistência que ele logo percebeu: seria crueldade demorar muito tempo para satisfazer a curiosidade da condessa; assim, usando do privilégio concedido aos espectadores dos teatros italianos que consiste em transformar as salas de espetáculo em salões de recepção, os dois amigos abandonaram o seu camarote para apresentar as suas homenagens à condessa.

Assim que entraram em seu camarote, ela fez sinal a Franz para sentar-se no lugar de honra.

Albert, por sua vez, sentou-se atrás.

— Então — disse ela, mal esperando que Franz se acomodasse —, parece que não teve nada mais urgente a fazer do que travar conhecimento com o novo lorde Ruthwen... Vocês já se tornaram os melhores amigos do mundo!

— Sem que estejamos tão adiantados quanto diz em nossa intimidade recíproca, não posso negar, senhora condessa, que passamos o dia inteiro abusando da bondade dele — respondeu Franz.

— Como... o dia inteiro?

— Palavra de honra, é o termo certo: de manhã, aceitamos o seu desjejum... Durante toda a *mascherata*, percorremos o Corso em sua carruagem... Enfim, à noite, viemos ao espetáculo em seu camarote.

— Então você já o conhecia?

— Sim e não.

— Como assim?

— É uma longa história.

— Que vai me contar!

— Ela lhe daria muito medo.

— Mais uma razão.

— Ao menos espere que a história tenha um desfecho.

— Está bem, gosto das histórias completas... Enquanto isso, conte-me, como vocês entraram em contato? Quem o apresentou a ele?

— Ninguém... Pelo contrário, foi ele que se apresentou a nós.

— Quando?

— Ontem à noite, quando a deixei.

— E por intermédio de quem?

— Oh, meu Deus! Pelo bem prosaico intermédio de nosso hoteleiro!

— Então ele está hospedado no hotel de Londres, como vocês?

— Não apenas no mesmo hotel, mas também no mesmo andar.

— Como ele se chama? Certamente você sabe o nome dele...

— Perfeitamente... Conde de Monte-Cristo.

— Que nome é esse? Não é um nome de família...

— Não, é o nome de uma ilha, que ele comprou.

— E ele é conde?

— Conde toscano.

— Enfim, engoliremos esse, como os outros — prosseguiu a condessa, que pertencia a uma das famílias mais antigas da região de Veneza. — Aliás, que tipo de homem ele é?

— Pergunte ao visconde de Morcerf.

— Ouviu, cavalheiro? Remeteram-me ao senhor... — disse a condessa.

— Seríamos exigentes demais se não o achássemos simplesmente encantador, senhora... — respondeu Albert. — Um amigo de dez anos não faria por nós mais do que ele tem feito, e isso com uma graça, com uma delicadeza, com uma cortesia que realmente revelam um homem de sociedade.

— Vamos — disse a condessa, rindo —, vocês vão ver, o meu vampiro não é mais do que algum novo-rico que quer ser perdoado pelos seus milhões, que assume o papel de Lara para não ser confundido com o senhor de Rothschild... E ela, vocês a viram?

— Ela quem? — perguntou Franz, sorrindo.

— A bela grega de ontem.

— Não... Acho que ouvimos o som de sua viola, mas ela permaneceu perfeitamente invisível.

— Na verdade, quando você diz invisível, meu caro Franz — disse Albert —, é simplesmente para fazer mistério... Então quem você imagina que era aquele dominó azul que estava na janela forrada de damasco branco?

— E onde era essa janela forrada de damasco branco? — perguntou a condessa.

— No palácio Rospoli.

— Então o conde tinha três janelas no palácio Rospoli?

— Sim... Você passou pela rua do Corso?

— Claro que passei.

— Então, reparou em duas janelas forradas de damasco amarelo e em uma forrada de damasco branco com uma cruz vermelha? Essas três janelas eram do conde.

— Ah, sim... Mas então esse homem é um nababo... Sabem quanto custam três janelas como essas para oito dias de carnaval?

E no palácio Rospoli, ou seja, na melhor localização do Corso?

— Duzentos ou trezentos escudos romanos.

— Digamos dois ou três mil...

— Ah, diabo!

— E é a sua ilha que lhe dá essa bela renda?

— A sua ilha não lhe dá um tostão.

— Então por que ele a comprou?

— Por capricho.

— Então ele é um tipo original?

— Fato é que ele me pareceu bastante excêntrico — disse Albert. — Se morasse em Paris, se frequentasse os nossos espetáculos, eu lhe diria, minha cara, que ou ele é um mau humorista cheio de pose, ou um pobre-diabo perdido pela literatura... Na verdade, hoje de manhã ele teve duas ou três saídas dignas de Didier ou de Antony.

Nesse instante, entrou uma visita e, conforme o hábito, Franz cedeu o seu lugar ao recém-chegado; tal circunstância, além da troca de lugares, acabou mudando o rumo da conversa.

Uma hora depois, os dois amigos voltaram ao hotel. Mestre Pastrini já providenciara as suas fantasias para o dia seguinte — prometeu-lhes que ficariam contentes com a sua inteligente atividade.

De fato, no dia seguinte, às nove horas, ele entrava no quarto de Franz com um alfaiate a carregar oito ou dez fantasias de camponeses romanos. Os dois amigos escolheram duas fantasias semelhantes, mais ou menos de seus tamanhos, e encarregaram o hoteleiro de mandar costurar uns vinte metros de fita em cada chapéu e de lhes providenciar dois daqueles encantadores lenços de seda com faixas transversais e cores vivas que os homens do povo, nos dias de festa, costumam amarrar à cintura.

Albert tinha pressa de ver como o seu novo traje lhe cairia: vestiu uma casaca e uma calça de veludo azul, meias com cantos bordados, sapatos com fivelas e um colete de seda. Aliás, Albert só podia ganhar com esse traje pitoresco — quando a faixa envolveu a sua cintura elegante, quando o chapéu, levemente inclinado para o lado, deixou cair em seu ombro as serpentinas de fitas, Franz foi

obrigado a confessar que muitas vezes o traje representa um grande papel na superioridade física que atribuímos a certos povos. Os turcos, antigamente tão pitorescos, com as suas longas túnicas em cores vivas, agora não seriam terríveis, com as suas sobrecasacas azuis abotoadas e as suas toucas gregas, que os tornam semelhantes a garrafas de vinho com tampas vermelhas?

Franz fez os seus cumprimentos a Albert, que, aliás, de pé em frente ao espelho, sorria a si mesmo com um ar de satisfação que nada tinha de ambíguo.

Estavam nessa posição quando o conde de Monte-Cristo entrou.

— Cavalheiros — disselhes o conde —, como, por mais agradável que seja um companheiro de prazeres, a liberdade é ainda mais agradável, venho lhes dizer que hoje e nos próximos dias deixo à sua inteira disposição a carruagem que já lhes serviu ontem. O nosso hoteleiro já deve ter lhes dito que neste hotel disponho de três ou quatro carruagens; portanto, vocês não me privam de nada: usem a carruagem à vontade, seja para os seus prazeres, seja para os seus negócios. Nosso encontro, se nós tivermos algo a dizer-nos, será no palácio Rospoli.

Os dois jovens quiseram lhe fazer alguma observação, mas na verdade não tinham nenhum bom motivo para recusar uma oferta que aliás era-lhes agradabilíssima. Assim, acabaram aceitando.

O conde de Monte-Cristo ficou cerca de um quarto de hora ao lado deles, falando sobre todos os assuntos com extrema facilidade. Como já pudemos notar, ele estava a par da literatura de todos os países. Um olhar lançado às paredes de seu salão provara a Franz e Albert que o conde era um apreciador de quadros. Algumas palavras despretensiosas que ele deixou escapar de passagem provaram-lhes que as ciências não lhe eram estranhas; ele parecia ter estudado principalmente a química.

Os dois amigos não tinham a pretensão de retribuir ao conde o desjejum que ele lhes oferecera; seria brincadeira de muito mau gosto servir-lhe, em troca de sua mesa excelente, o habitual medíocre de mestre Pastrini. Disseram-lhe tudo isso francamente — o conde recebeu as suas desculpas como um homem que apreciava a sua delicadeza.

Albert estava encantado com as maneiras do conde, a quem apenas o seu conhecimento científico impedia de reconhecer como um autêntico fidalgo. A liberdade de dispor inteiramente da carruagem, principalmente, enchia-o de alegria: tinha os seus planos sobre as graciosas camponesas; e como, na véspera, elas tinham aparecido em uma carruagem extremamente elegante, não lhe desagradava continuar a aparecer, quanto ao veículo, em pé de igualdade.

À uma e meia da tarde, os dois jovens desceram; o cocheiro e os lacaios haviam tido a ideia de vestir as suas librés de gala sobre as suas fantasias de peles de animais — o que lhes dava um ar ainda mais grotesco que o da véspera, valendo-lhes todas as felicitações de Franz e Albert.

Albert prendera sentimentalmente o seu ramo de violetas murchas à lapela.

Ao primeiro som do sino, eles partiram e precipitaram-se à rua do Corso pela via Vittoria.

Na segunda volta, um ramo de violetas viçosas, atirado de uma carruagem cheia de palhaças, veio cair na carruagem do conde, mostrando a Albert: como ele e seu amigo Franz, as camponesas da véspera também tinham trocado de roupa e — por acaso, ou por um sentimento análogo ao que o movera — enquanto ele galantemente adotara a sua fantasia camponesa, elas por sua vez haviam adotado a sua fantasia de palhaço.

Albert colocou o novo ramo no lugar do outro, mas conservou o buquê murcho na mão — quando voltou a cruzar a carruagem delas, levou-o apaixonadamente aos lábios: gesto que pareceu divertir muito não apenas a jovem que lhe jogara o buquê, mas também as suas loucas companheiras.

O dia não foi menos animado do que o anterior; até mesmo, provavelmente, um profundo observador perceberia um acréscimo no barulho e na alegria. Por um momento, viram o conde em sua janela — mas, quando a carruagem voltou a passar, ele já havia desaparecido.

Nem precisamos dizer que a troca de galanteios entre Albert e a palhaça dos ramos de violetas durou o dia inteiro.

À noite, ao regressar, Franz encontrou uma carta da embaixada: anunciavam-lhe que ele teria a honra de ser recebido, no dia seguinte, por Sua Santidade, o Papa. Em todas as viagens que já fizera a Roma, solicitara e obtivera o mesmo favor; e, tanto por religião quanto por gratidão, não queria abandonar a capital do mundo cristão sem render as suas respeitadas homenagens aos pés de um dos sucessores de São Pedro que deu o raro exemplo de todas as virtudes.

Naquele dia, portanto, para ele já não se tratava mais de pensar em carnaval; pois, apesar da bondade a cercar a sua grandeza, é sempre com respeito cheio de profunda emoção que as pessoas preparam-se para inclinar-se diante desse nobre e santo ancião chamado Gregório XVI.

Ao sair do Vaticano, Franz voltou direto para o hotel, evitando até mesmo passar pela rua do Corso. Carregava um tesouro de pensamentos piedosos, ante os quais o contato com as loucas alegrias da *mascherata* seria uma profanação.

Às cinco horas e dez minutos, Albert chegou. Estava no auge da alegria — a palhaça voltara a vestir a sua roupa de camponesa e, ao cruzar a carruagem de Albert, ela levantara a sua máscara.

E ela era encantadora.

Franz transmitiu a Albert as mais sinceras felicitações — Albert aceitou-as como um homem que as merecia. Percebera, dizia ele, por certos sinais de elegância inimitável, que a sua bela desconhecida devia pertencer à mais alta aristocracia.

Estava decidido a escrever-lhe no dia seguinte.

Ao ouvir essas confidências, Franz notou que Albert parecia ter algo a lhe pedir, mas receava fazer o pedido. Franz insistiu, declarando-lhe antecipadamente que estava pronto a fazer, em prol de sua felicidade, todos os sacrifícios que se encontrassem ao seu alcance. Albert se fez de rogado — tanto quanto o exigia a sua amigável polidez; então, finalmente, confessou que Franz lhe faria um grande favor se no dia seguinte o deixasse usar sozinho a carruagem.

Albert atribuía à ausência do amigo a extrema bondade da bela camponesa ao erguer a sua máscara.

Como bem podemos compreender, Franz não era egoísta a ponto de embaraçar Albert no meio de uma aventura que prometia ser tão agradável para a sua curiosidade, tão lisonjeira para o seu amor-próprio. Conhecia muito bem a perfeita indiscrição de seu digno amigo para ter certeza de que ele o manteria a par dos menores detalhes de seus sucessos; e como, depois de dois ou três anos percorrendo a Itália em todos os sentidos, nunca tivera a oportunidade de conduzir semelhante intriga em seu proveito, não aborreceria a Franz saber o desenlace dessa aventura.

Assim, prometeu a Albert que no dia seguinte se contentaria em assistir ao espetáculo das janelas do palácio Rospoli.

De fato, no dia seguinte, Franz viu Albert ir e vir. Trazia um ramo enorme, provavelmente encarregado de portar a sua carta amorosa. Essa suposição transformou-se em certeza quando Franz reviu o mesmo ramo — notável por um círculo de camélias brancas — entre as mãos de uma encantadora palhaça vestida de cetim rosa.

Assim, a noite já não era mais de alegria — era de delírio. Albert não duvidava: a bela desconhecida lhe responderia pela mesma via. Franz antecipou-se a seus desejos, dizendo-lhe que todo aquele barulho o cansara — resolvera empregar o dia seguinte a rever o seu álbum e fazer anotações.

Aliás, Albert não se enganara em suas previsões: na noite seguinte, Franz viu-o entrar no quarto a saltar, segurando triunfalmente o canto de uma folha de papel.

— E então — exclamou ele —, eu estava enganado?

— Ela respondeu? — exclamou Franz.

— Leia...

Essa palavra foi pronunciada com uma entonação que não poderíamos reproduzir. Franz pegou o bilhete e leu: Terça-feira à noite, às sete horas, desça de sua carruagem em frente à via dei Pontefici e siga a camponesa romana que tirar o seu *moccoletto*. Quando chegar ao primeiro degrau da igreja de San-Giacomo, lembre-se, para que ela possa reconhecê-lo, de amarrar uma fita rosa no ombro de sua fantasia de palhaço.

Daqui até lá, não me verá mais.

Firmeza e discrição.

— E então — disse Albert, quando Franz terminou a leitura —, que acha disso, meu caro amigo?

— Mas eu acho — respondeu Franz — que a intriga assume todo o caráter de uma aventura muito agradável.

— Essa é também a minha opinião — disse Albert —, receio que você terá de ir sozinho ao baile do duque de Bracciano.

Naquela mesma manhã, Franz e Albert tinham recebido convites do célebre banqueiro romano.

— Cuidado, meu caro Albert — disse Franz —, toda a aristocracia vai estar presente na casa do duque... Se a sua bela desconhecida realmente pertence à aristocracia, não vai poder deixar de aparecer por lá.

— Que ela apareça por lá ou não, mantenho a minha opinião sobre ela — continuou Albert. — Você leu o bilhete?

— Li.

— Sabe que pobre educação recebem na Itália as mulheres do *mezzo cito*?

(Assim era chamada a burguesia.) — Sei — respondeu Franz.

— Então, releia o bilhete, examine a escrita, descubra-me um erro de sintaxe ou de ortografia.

(De fato, a escrita era encantadora e a ortografia, impecável.) — Você é predestinado... — disse Franz a Albert, devolvendo-lhe o bilhete pela segunda vez.

— Ria tanto quanto quiser, brinque à vontade — continuou Albert —, estou apaixonado.

— Oh, meu Deus! Você me assusta — exclamou Franz —, vejo que não apenas irei sozinho ao baile do duque de Bracciano, mas também é possível que eu tenha de voltar sozinho a Florença.

— Fato é que, se a minha desconhecida for tão amável quanto é bela, declaro-lhe que ficarei em Roma por pelo menos seis semanas... Adoro Roma e, aliás, sempre gostei muito de arqueologia.

— Vamos... Mais um ou dois encontros como esse e não desespero de vê-lo membro da Academia das Inscrições e Belas Letras.

Certamente, Albert iria discutir seriamente os seus direitos à cadeira acadêmica, mas vieram avisar aos dois jovens que a mesa estava servida. Ora, o amor, em Albert, não era de forma alguma contrário ao apetite. Assim, ele apressou-se, bem como o seu amigo, a sentar-se à mesa, deixando para retomar a discussão depois do jantar.

Depois do jantar, anunciaram o conde de Monte-Cristo. Havia dois dias que os jovens não o viam. Um negócio — dissera mestre Pastrini — chamara-o a Civitavecchia. Partira na noite da véspera e voltara havia apenas uma hora.

O conde estava encantador; talvez por conter-se, talvez porque a ocasião não despertava nele as fibras acrimoniosas que certas circunstâncias já haviam feito ressoar duas ou três vezes em suas acres e amargas palavras, ele se comportava quase como todo o mundo. Esse homem era para Franz um verdadeiro enigma. O conde não poderia duvidar: o jovem viajante o reconhecera; entretanto, desde o reencontro, nenhuma palavra em sua boca parecia indicar que se lembrasse de já tê-lo visto. Por sua vez, por mais vontade que tivesse Franz de aludir ao primeiro encontro, o temor de desagradar a um homem que o cumulava — a ele e a seu amigo — de gentilezas o retinha; assim, permaneceu tão reservado quanto o conde.

O conde soubera que os dois amigos tinham tentado alugar um camarote no teatro Argentina e que lhes responderam não haver mais lugar.

Assim, trazia-lhes a chave de seu camarote; esse era, ao menos aparentemente, o motivo de sua visita.

Franz e Albert fizeram algumas objeções, alegando o temor de privar do camarote o próprio conde; mas este lhes respondeu que nessa noite iria ao teatro Palli — o seu camarote no teatro Argentina ficaria vazio se não o aproveitassem.

Essa afirmativa levou os dois amigos a aceitar.

Aos poucos, Franz se habituara àquela palidez do conde que tanto o impressionara na primeira vez em que o vira. Não podia impedir-se de fazer justiça à beleza de seu rosto severo, cuja palidez era o único defeito — ou talvez a principal qualidade.

Verdadeiro herói de Byron, Franz não poderia vê-lo, ou melhor, não poderia sequer pensar nele sem lembrar-se daquela sombria fisionomia sobre os ombros de Manfred ou sob a touca de Lara. Ele tinha aquela ruga na testa que indica a presença incessante de um pensamento amargo; tinha aqueles olhos ardentes que leem até o mais profundo das almas; tinha aqueles lábios altivos e sarcásticos que dão às palavras que deles escapam o caráter particular de gravarem-se profundamente na memória dos ouvintes.

O conde já não era mais jovem; tinha ao menos quarenta anos; entretanto, compreendia-se perfeitamente que ele era feito para entusiasmar os jovens com quem se encontrava. Na verdade, por mais uma semelhança com os fantásticos heróis do poeta inglês, o conde parecia ter o dom do fascínio.

Albert não parava de falar na felicidade que ele e Franz tiveram de encontrar semelhante homem. Franz era menos entusiasta — entretanto, sofria a influência que exerce todo homem superior no espírito dos que o cercam.

Pensava naquele plano de ir a Paris que o conde já manifestara duas ou três vezes, sem duvidar: com o seu caráter excêntrico, o seu rosto característico e a sua fortuna colossal, o conde produziria grande efeito em Paris.

Entretanto, não gostaria de estar em Paris quando o conde lá fosse.

A noite passou como costumam passar as noites no teatro italiano — não a ouvir os cantores, mas a fazer visitas e a conversar. A condessa G... queria falar sobre o conde, mas Franz anunciou-lhe que tinha algo muito mais recente a informar-lhe; e, apesar das demonstrações de falsa modéstia a que Albert se entregou, contou à condessa o grande acontecimento que, havia três dias, era o motivo das preocupações dos dois amigos.

Como essas intrigas não são raras na Itália — ao menos se dermos crédito aos viajantes —, a condessa não se mostrou de forma alguma incrédula, felicitando Albert pelos começos de uma aventura que prometia terminar de maneira tão satisfatória.

Separaram-se prometendo reencontrar-se no baile do duque de Bracciano, ao qual Roma inteira fora convidada. A dama do ramo

manteve a sua promessa: nem no dia seguinte, nem no outro, deu a Albert algum sinal de vida.

Enfim chegou a terça-feira gorda, o último e mais ruidoso dos dias de carnaval. Na terça-feira, os teatros abrem às dez horas da manhã — afinal, depois das oito horas da noite, ingressa-se na quaresma. Na terça, todos os que, por falta de tempo, de dinheiro ou de entusiasmo, ainda não participaram das festas anteriores, misturam-se à bacanal, deixam-se arrastar à orgia, contribuem com a sua parcela de barulho e movimento para o movimento e barulho geral.

Das duas às cinco horas, Franz e Albert seguiram as filas e desfiles, trocaram punhados de confetes com as carruagens da fila oposta e com os pedestres que circulavam entre as patas dos cavalos, entre as rodas das carruagens, sem que acontecesse no meio dessa terrível confusão um único acidente, uma única discussão, uma única briga. Nesse sentido, os italianos são o povo por excelência. Para eles, as festas são verdadeiras festas. O autor desta história, que morou na Itália durante cinco ou seis anos, não se lembra de alguma vez ter visto uma única solenidade perturbada por um único desses acontecimentos que sempre servem de corolário às solenidades francesas.

Em sua fantasia de palhaço, Albert triunfava. Tinha no ombro um laço de fita rosa cujas pontas iam até o joelho. Para não haver nenhuma confusão entre ele e Franz, este conservara a sua fantasia de camponês romano.

Quanto mais o dia avançava, mais aumentava a confusão; não havia, em todas aquelas ruas, em todas aquelas carruagens, em todas aquelas janelas, uma boca que ficasse calada, um braço que ficasse ocioso — havia realmente uma tempestade humana formada por trovões de gritos e chuvas de confeitos, ramos, ovos, laranjas e flores.

Às três da tarde, o barulho de caixas repercutidas ao mesmo tempo na praça do Povo e no palácio de Veneza, atravessando com dificuldade o horrível tumulto, anunciou que as corridas iriam começar.

As corridas, como os *moccoli*, são um dos episódios peculiares dos últimos dias de carnaval. Ao barulho das caixas, as carruagens saíram no mesmo instante de suas fileiras e refugiaram-se nas ruas transversais mais próximas dos lugares em que se encontravam.

Todas essas evoluções realizam-se aliás com inconcebível habilidade e maravilhosa rapidez, sem que a polícia precise indicar a alguém o seu lugar ou traçar o seu percurso.

Os pedestres colaram-se aos muros dos palácios; a seguir, ouviu-se um grande barulho de cavalos e de bainhas de sabres.

Um esquadrão de carabineiros, quinze deles à frente, percorria a galope, em toda a sua amplitude, a rua do Corso, varrendo-a para dar passagem aos *barberi*.³³ Quando o esquadrão chegou ao palácio de Veneza, o repercutir de outro toque de caixas anunciou que a rua estava livre.

Quase ao mesmo tempo, em meio a um clamor imenso, universal, inaudito, viram-se passar como sombras sete ou oito cavalos excitados pelos clamores de trezentas mil pessoas e pelas castanhas de ferro a pular em seus dorsos; então o canhão do castelo de Santo Ângelo disparou três tiros, anunciando que o cavalo número três era o vencedor.

Logo, sem outro sinal além do disparo, as carruagens retomaram o seu movimento, refluindo para o Corso, transbordando por todas as ruas, como torrentes por um instante contidas que se lançam todas juntas ao leito do rio que alimentam; mais rápido do que nunca, o fluxo imenso retomou o seu curso entre as duas margens de granito.

Apenas um novo elemento de barulho e confusão viera somar-se à multidão: os vendedores de *moccoli* acabavam de entrar em cena.

Os *moccoli* ou *moccoletti* são velas que variam de tamanho — desde o círio pascal até o rato de porão — e despertam nos atores da grande cena que encerra o carnaval romano duas preocupações opostas: 1^a — Manter aceso o seu *moccoletto*; 2^a — Apagar o *moccoletto* dos outros.

Ao *moccoletto* acontece o mesmo que à vida: até agora, o homem só encontrou um meio de transmiti-la — e esse meio é

fornecido por Deus.

Mas ele descobriu mil meios de tirá-la; é verdade que para essa operação suprema o diabo o ajuda um pouco.

O *moccoletto* acende-se ao aproximar-se de uma chama qualquer.

Mas quem descreverá os mil meios inventados para apagar o *moccoletto*? — os sopros gigantescos, os extintores monstros, os leques sobre-humanos?

Assim, todos se apressaram a comprar *moccoletti* — Franz e Albert como os outros.

A noite aproximava-se rapidamente; aos gritos de *Moccoli!* — repetidos pelas vozes estridentes de mil vendedores —, duas ou três estrelas já começavam a brilhar sobre a multidão. Foi como um sinal.

Dez minutos depois, cinquenta mil luzes cintilavam, descendo do palácio de Veneza à praça do Povo, subindo da praça do Povo ao palácio de Veneza.

Parecia a festa dos fogos-fátuos.

Não se pode fazer nenhuma ideia dessa visão antes de vê-la.

Imagine todas as estrelas a desprenderem-se do céu e a virem misturar-se à terra em uma dança insensata.

Tudo acompanhado por gritos como nunca o ouvido humano ouviu no restante da face da terra.

É principalmente nesse momento que já não há mais distinção social.

O *facchino*³⁴ mistura-se ao príncipe, o príncipe ao trasteverino, o trasteverino ao burguês — todos soprando, apagando, reacendendo. Se o velho Éolo aparecesse naquele momento, seria proclamado rei dos *moccoli* — Bóreas seria o provável herdeiro da coroa.

Essa corrida louca e flamejante durou cerca de duas horas; a rua do Corso estava tão clara e iluminada quanto em pleno dia — distinguíam-se os traços das fisionomias dos espectadores, inclusive dos que se encontravam no quarto ou quinto andares.

De cinco em cinco minutos, Albert puxava o relógio; enfim, o ponteiro marcou sete horas.

Os dois amigos encontravam-se justamente na altura da via dei Pontefici; Albert saltou da carruagem com o seu *moccoletto* à mão.

Duas ou três máscaras tentaram aproximar-se de sua vela para apagá-la ou tomá-la; mas, como hábil pugilista, Albert atirou-as, uma por uma, a dez passos de distância e continuou a sua corrida para a igreja de San-Giacomo.

Os degraus estavam cheios de curiosos e de máscaras que lutavam para arrancar as velas das mãos dos outros. Franz seguia Albert com os olhos e viu-o colocar o pé no primeiro degrau; então, quase ao mesmo tempo, uma máscara, vestindo a bem conhecida fantasia da camponesa com o ramo de flores, estendeu o braço e, sem que então Albert oferecesse qualquer resistência, arrancou-lhe o *moccoletto*.

Franz estava longe demais para ouvir as palavras que eles trocaram; mas certamente elas não tinham nada de hostil, pois ele viu Albert e a camponesa afastarem-se de braços dados.

Por algum tempo, seguiu-os no meio da multidão, mas perdeu-os de vista na via Macello.

De repente, o som do sino que sinaliza o encerramento do carnaval ecoou; no mesmo instante, todos os *moccoli* se apagaram, como por encanto. Parecia que uma só e imensa rajada de vento aniquilara tudo.

Franz viu-se em meio à mais profunda escuridão.

Ao mesmo tempo, todos os gritos cessaram, como se a poderosa rajada que levava as luzes também tivesse levado o som.

Não se ouvia mais do que o rodar das carruagens a levar os mascarados para casa; não se via mais do que as raras luzes a brilhar através das janelas.

O carnaval terminara.

XXXVIII. OS SUBTERRÂNEOS DE SÃO SEBASTIÃO

Talvez nunca em sua vida Franz experimentara uma impressão tão profunda, uma passagem tão rápida da alegria à tristeza, quanto naquele momento; parecia que, ao sopro mágico de algum demônio noturno, Roma acabara de se transformar em imenso túmulo. Por um acaso que ampliava ainda mais a intensidade das trevas, a lua, que estava em seu quarto minguante, só deveria aparecer por volta das onze horas da noite; as ruas que o jovem atravessava estavam assim mergulhadas na mais profunda escuridão. Aliás, o trajeto era curto; ao cabo de dez minutos, a sua carruagem, ou melhor, a carruagem do conde parou diante do hotel de Londres.

O jantar já estava servido; mas, como Albert avisara que não esperava voltar tão cedo, Franz sentou-se à mesa sem ele.

Acostumado a vê-los jantar juntos, mestre Pastrini perguntou os motivos de sua ausência: Franz contentou-se em responder que Albert recebera um convite na antevéspera e o aceitara. A súbita extinção dos *moccoletti*, a escuridão que substituíra a luz, o silêncio que sucedera o barulho tinham deixado no espírito de Franz certa tristeza, não isenta de inquietação. Assim, jantou em profundo silêncio, apesar da oficiosa solícitude do hoteleiro, que entrou duas ou três vezes para perguntar se ele não estava precisando de nada.

Franz estava decidido a esperar Albert até o mais tarde possível. Assim, pediu a carruagem apenas para as onze horas, solicitando que mestre Pastrini o avisasse imediatamente se acaso Albert voltasse ao hotel. Às onze horas, Albert ainda não voltara. Franz vestiu-se e partiu, avisando o hoteleiro que passaria a noite na casa do duque de Bracciano.

A casa do duque de Bracciano é uma das mais encantadoras de Roma; a mulher do duque, uma das últimas herdeiras dos Colona, faz as honras da casa à perfeição: assim, as festas que o duque dá são célebres em toda a Europa. Franz e Albert tinham chegado a Roma com cartas de recomendação ao duque; assim, as primeiras palavras do duque a Franz foram para perguntar onde andava o seu companheiro de viagem. Franz respondeu-lhe que o deixara no momento em que iam apagar-se os *moccoli* — e que o perdera de vista na via Macello.

— Então ele não voltou? — perguntou o duque.

— Eu o esperei até agora — respondeu Franz.

— E sabe aonde ele ia?

— Não, não exatamente... Mas acho que se tratava de algum encontro.

— Diabo — disse o duque —, é um mau dia, ou melhor, é uma má noite para se atrasar... Não é verdade, senhora condessa?

Essas últimas palavras dirigiam-se à condessa G***, que acabara de chegar e passeava nos braços do senhor Torlonia, irmão do duque.

— Pelo contrário, acho que é uma noite encantadora — respondeu a condessa. — Os que estão aqui só vão se queixar de uma coisa: a noite passar muito depressa.

— Assim — respondeu o duque, sorrindo —, não falo das pessoas que estão aqui... Elas não correm outros perigos além de os homens se apaixonarem pela senhora... de as mulheres ficarem doentes de ciúmes ao vê-la tão bela... Falo dos que andam nas ruas de Roma.

— Ah, bom Deus — exclamou a condessa —, quem anda nas ruas de Roma a esta hora, a não ser que seja para vir ao baile?

— O nosso amigo Albert de Morcerf, senhora condessa, que deixei atrás de sua desconhecida, às sete da noite — disse Franz —, e depois não o vi mais.

— Como, e não sabe onde ele está?

— De forma alguma.

— E ele está armado?

— Está vestido de palhaço.

— Não devia tê-lo deixado ir — disse o duque a Franz —, já que conhece Roma melhor do que ele.

— Oh, bem, claro! Seria o mesmo que tentar deter o número três dos *barberi* que hoje ganhou o prêmio da corrida — respondeu Franz. — Aliás, afinal, o que acha que pode ter lhe acontecido?

— Quem sabe? A noite está muito escura... E o Tibre fica bem perto da via Macello.

Franz sentiu um arrepio percorrer-lhe as veias ao ver o duque e a condessa concordarem com as suas próprias preocupações.

— Também avisei o hotel que tinha a honra de passar a noite em sua casa, senhor duque — disse Franz —, devem vir me avisar que ele voltou.

— Olhe — disse o duque —, imagino, justamente, que um de meus criados o procura.

O duque não se enganava: ao ver Franz, o criado aproximou-se dele.

— Excelência — disse o criado —, o dono do hotel de Londres manda avisá-lo que um homem o espera no hotel com uma carta do visconde de Morcerf.

— Com uma carta do visconde? — exclamou Franz.

— É.

— E quem é esse homem?

— Ignoro.

— Por que ele não veio me trazer a carta?

— O mensageiro não me deu nenhuma explicação.

— E onde está o mensageiro?

— Ele partiu assim que me viu entrar na sala de baile para avisá-lo.

— Oh, meu Deus! — disse a condessa a Franz. — Vá depressa... Pobre jovem, talvez tenha lhe acontecido algum acidente.

— Vou correndo — disse Franz.

— Voltará a nos ver para dar-nos notícias? — perguntou a condessa.

— Sim, se não for nada grave... Se for, não garanto o que vai ser de mim.

— Em todo caso, tenha cuidado — disse a condessa.

— Ah, fique tranquila.

Franz pegou o seu chapéu e partiu a toda pressa. Dispensara a carruagem, ordenando que voltasse em duas horas; entretanto, felizmente, o palácio Bracciano, com uma face voltada para a rua do Corso, com outra voltada para a praça dos Santos Apóstolos, encontra-se a apenas dez minutos de caminhada até o hotel de Londres. Ao aproximar-se do hotel, Franz viu um homem de pé, no meio da rua: teve certeza de que era o mensageiro de Albert. Esse

homem estava envolto em uma grande capa. Foi ao seu encontro; mas, para grande surpresa de Franz, foi esse homem que logo lhe dirigiu a palavra.

— Que quer de mim, Excelência? — disse ele, dando um passo para trás, como alguém que deseja manter-se em guarda.

— Não é o senhor — perguntou Franz — que me traz uma carta do visconde de Morcerf?

— É Vossa Excelência que está hospedado no hotel de Pastrini?

— Sim.

— É Vossa Excelência o companheiro de viagem do visconde?

— Sim.

— Como se chama Vossa Excelência?

— Barão Franz d'Épinay.

— Então é a Vossa Excelência que essa carta é dirigida.

— Esperam resposta? — perguntou Franz, tomando-lhe a carta das mãos.

— Sim, ao menos o seu amigo espera...

— Então suba a meu quarto, vou dar-lhe a resposta.

— Prefiro esperar aqui — disse rindo o mensageiro.

— Por quê?

— Vossa Excelência compreenderá tudo quando ler a carta.

— Então o encontrarei aqui?

— Sem nenhuma dúvida.

Franz entrou no hotel; na escada, encontrou o mestre Pastrini.

— E então? — perguntou ele.

— Então o quê? — respondeu Franz.

— Viu o homem que queria lhe falar da parte de seu amigo? — perguntou ele a Franz.

— Sim, vi — respondeu Franz —, e ele me entregou esta carta. Mande iluminarem o meu quarto, por favor.

O hoteleiro ordenou a um criado conduzir Franz com uma vela. Franz percebera no mestre Pastrini um ar assustado — esse ar aumentara o seu desejo de ler logo a carta de Albert; aproximou-se da vela, assim que ela foi acesa, e desdobrou o papel. A carta estava escrita com a letra de Albert e assinada por ele. Franz releu-a duas vezes, tanto estava longe de esperar o que ela continha.

Ei-la textualmente reproduzida: Caro amigo: assim que receber a presente, faça o favor de pegar em minha carteira, que encontrará na gaveta quadrada da escrivaninha, a minha carta de crédito; junte-lhe a sua, se ela não for suficiente. Corra à casa de Torlonia, pegue imediatamente quatro mil piastras e entregue-as ao portador. É urgente que esta soma me seja enviada sem demora.

Não insisto mais, contando com você, como você poderia contar comigo.

*P.S. I believe now to italian bandetti.*³⁵

Seu amigo, ALBERT DE MORCERF.

Abaixo dessas linhas, encontravam-se, com letra desconhecida, algumas palavras em italiano: *Se alle sei della mattina le quattro mila piastre non sono nelle mie mani, alle sette il conte Alberto avra cessato di vivere.*³⁶

LUIGI VAMPA.

Essa última assinatura explicou tudo a Franz, que compreendeu a repugnância do mensageiro a subir até seu quarto: a rua parecera-lhe mais segura do que o quarto de Franz. Albert caíra nas mãos daquele famoso chefe de bandidos em cuja existência por tanto tempo se recusara a acreditar.

Não havia tempo a perder. Franz correu à escrivaninha, abriu-a, na gaveta indicada encontrou a carteira, na carteira a carta de crédito: ela era, no total, de seis mil piastras, mas dessas seis mil piastras Albert já gastara três mil. Quanto a Franz, não tinha nenhuma carta de crédito; como morava em Florença, como viera a Roma apenas para passar sete ou oito dias, trouxera uma centena de luíses — desses cem luíses, só lhe restavam cinquenta, no máximo.

Faltavam portanto de setecentas a oitocentas piastras para que ambos, Franz e Albert, pudessem reunir a quantia exigida. É verdade que Franz poderia contar, nesse caso, com os favores dos senhores Torlonia.

Ele se preparava portanto para voltar ao palácio Bracciano sem perder um instante quando, de repente, uma ideia luminosa atravessou-lhe o espírito.

Pensou no conde de Monte-Cristo. Franz ia mandar chamarem o mestre Pastrini quando o viu aparecer em pessoa no limiar de sua porta.

— Meu caro senhor Pastrini — disse-lhe ele vivamente —, acha que o conde se encontra em seus aposentos?

— Sim, Excelência, ele acaba de chegar.

— Já teve tempo de se deitar?

— Duvido.

— Então, bata em sua porta, por favor, e peça-lhe permissão para apresentar-me em seus aposentos.

O mestre Pastrini apressou-se a seguir as instruções recebidas; cinco minutos depois, voltava.

— O conde aguarda Vossa Excelência — disse ele.

Franz atravessou o corredor — um criado introduziu-o nos aposentos do conde. Este estava em um pequeno gabinete, cercado por divãs, que Franz ainda não conhecia. O conde veio a seu encontro.

— Ah, que bons ventos o trazem a esta hora? — perguntou o conde. — Acaso veio me convidar para cear? Seria muito amável de sua parte.

— Não, venho lhe falar de um assunto grave.

— De um assunto? — disse o conde, olhando Franz com aquele olhar profundo que lhe era habitual. — E de que assunto?

— Estamos sozinhos?

O conde foi até à porta e voltou: — Perfeitamente sozinhos — disse ele.

Franz mostrou-lhe a carta de Albert.

— Leia — disse Franz.

O conde leu a carta.

— Ah, ah! — exclamou ele.

— Leu o *post-scriptum*?

— Sim — disse o conde —, estou vendo: *Se alle sei della mattina le quattro mila piastre non sono nelle mie mani, alle sette il conte Alberto avra cessato di vivere.*

LUIGI VAMPA.

— Que acha disso? — perguntou Franz.

— Você tem a soma exigida?

— Sim, mas faltam oitocentas piastras.

O conde foi à sua escrivaninha, abriu-a e, puxando uma gaveta cheia de ouro: — Espero — disse ele a Franz — que não me faça a ofensa de dirigir-se a outro e não a mim...

— Como vê, ao contrário, vim direto ao senhor — disse Franz.

— E eu lhe agradeço... Pegue. — E fez sinal a Franz para servir-se na gaveta.

— Realmente é necessário enviar esta soma a Luigi Vampa? — perguntou o jovem, também olhando fixamente o conde.

— Ora! — exclamou o conde. — Julgue por si mesmo: o *post-scriptum* é claro.

— Parece-me que, se o senhor se desse ao trabalho de procurar, encontraria algum meio de simplificar muito a negociação — disse Franz.

— Qual? — perguntou o conde, surpreso.

— Por exemplo, se fôssemos juntos encontrar Luigi Vampa, estou certo de que ele não nos recusaria a liberdade de Albert...

— A mim? E que influência acha que tenho sobre esse bandido?

— Não acaba de lhe fazer um desses favores inesquecíveis?

— Qual?

— Não acaba de salvar a vida de Peppino?

— Ah, ah! — exclamou o conde. — Quem lhe disse isso?

— Que importa? Eu sei...

O conde ficou por um momento mudo e com as sobrancelhas franzidas.

— E se eu fosse encontrar Vampa, você me acompanharia?

— Se a minha companhia não lhe for desagradável...

— Pois bem, que seja! O tempo está bom... Um passeio no campo de Roma só pode nos fazer bem.

— É preciso levar armas?

— Para quê?

— Dinheiro?

— É inútil. Onde está o homem que trouxe o bilhete?

— Na rua.

— Espera a resposta?

— Sim.

— É preciso saber mais ou menos para onde vamos... Vou chamá-lo.

— Inútil, ele não quis subir...

— Ao seu quarto, talvez... Mas ao meu ele não fará objeções.

O conde foi até a janela que dava para a rua e assobiou de maneira especial. O homem de capa afastou-se do muro e avançou até o meio da rua.

— *Salite!*³⁷ — exclamou o conde, no tom em que daria uma ordem a seu criado. O mensageiro obedeceu sem demora, sem hesitação, até mesmo com pressa, e, subindo os quatro degraus do terraço, entrou no hotel. Cinco segundos depois, estava à porta do gabinete.

— Ah, é você, Peppino? — exclamou o conde.

Mas Peppino, em vez de responder, caiu de joelhos, pegou a mão do conde e beijou-a várias vezes.

— Ah, ah! — exclamou o conde. — Você ainda não se esqueceu de que lhe salvei a vida! Estranho... Já faz uma semana.

— Não, Excelência... Nunca me esquecerei — respondeu Peppino em tom de profunda gratidão.

— Nunca é muito tempo! Mas, enfim, já é muito você acreditar nisso. Levante-se e responda.

Peppino lançou um olhar inquieto a Franz.

— Oh, pode falar na frente de Sua Excelência — disse o conde —, ele é um de meus amigos... O senhor há de me permitir dar-lhe este título — disse em francês o conde, dirigindo-se a Franz. — Ele é necessário para motivar a confiança desse homem.

— Pode falar na minha presença — disse Franz —, eu sou amigo do conde.

— Que bom... — disse Peppino, voltando-se por sua vez para o conde. — Que Vossa Excelência me interrogue e eu responderei.

— Como o visconde Albert caiu nas mãos de Luigi?

— Excelência, a carruagem do francês cruzou várias vezes a carruagem onde estava Teresa.

— A amante do chefe?

— É. O francês lhe fez olhos doces, Teresa se divertiu a lhe responder... O francês lhe atirou ramos de flores, ela retribuiu... Tudo isso, naturalmente, com o consentimento do chefe, que estava na mesma carruagem.

— Como! — exclamou Franz. — Luigi Vampa estava na carruagem das camponesas romanas?

— Era ele quem a conduzia, disfarçado de cocheiro — respondeu Peppino.

— E depois? — perguntou o conde.

— Bem... Depois, o francês tirou a máscara... Teresa, sempre com o consentimento do chefe, fez o mesmo... O francês pediu um encontro, Teresa concedeu o encontro solicitado... Só que, em vez de Teresa, era Beppo quem estava nos degraus da igreja de San-Giacomo.

— Como! — interrompeu Franz mais uma vez. — Aquela camponesa que lhe arrancou o *moccoletto*?...

— Era um jovem de quinze anos — respondeu Peppino. — Mas para o seu amigo não há vergonha em ter sido apanhado... Beppo já enganou muitos outros, ora.

— E Beppo o levou para fora dos muros da cidade? — perguntou o conde.

— Justamente... Uma carruagem esperava no fim da via Macello... Beppo subiu na carruagem e convidou o francês a segui-lo... Não precisou dizer duas vezes. Ofereceu galantemente a direita a Beppo e sentou-se ao lado dele. Então Beppo lhe disse que iria levá-lo a uma vila a uma légua de Roma. O francês garantiu a Beppo que estava pronto a segui-lo até o fim do mundo. Logo o cocheiro subiu a rua di Ripetta, ganhou a porta San Paolo... A duzentos passos, no campo, como o francês estava muito excitado, ora, Beppo colocou-lhe um par de pistolas na garganta... Logo o cocheiro parou os cavalos, virou-se em seu assento e fez o mesmo. Ao mesmo tempo, quatro dos nossos, que estavam escondidos nas margens do rio Almo, correram para as portinholas. O francês bem que queria defender-se, até tentou estrangular Beppo, ao que me contaram, mas nada podia fazer contra cinco homens armados: teve

de se render... Fizeram o francês descer da carruagem, seguiram as margens do pequeno rio, levaram-no a Teresa e Luigi, que o esperavam nas catacumbas, nos subterrâneos de São Sebastião.

— Bem, mas — disse o conde, voltando-se para Franz — essa história me parece divertida. Que acha, você que é especialista?

— Acho que a acharia muito engraçada — respondeu Franz — se tivesse acontecido a outro, não ao pobre Albert.

— Fato é — disse o conde — que, se você não tivesse me encontrado aqui, essa boa fortuna custaria um pouco caro a seu amigo... Mas fique tranquilo: só vai custar-lhe o medo.

— E nós ainda vamos buscá-lo? — perguntou Franz.

— Claro! Tanto mais que ele se encontra em um lugar bastante pitoresco. Conhece os subterrâneos de São Sebastião?

— Não, nunca descí até lá, mas prometi a mim mesmo que um dia desceria.

— Bem, eis que surge a ocasião, seria difícil encontrar melhor oportunidade. Está de carruagem?

— Não.

— Não importa... Costumam ter uma sempre atrelada para mim, dia e noite.

— Sempre atrelada?

— Sim, sou um homem muito caprichoso... Devo lhe dizer: às vezes, quando me levanto, ou ao terminar o jantar, ou no meio da noite, me dá vontade de partir para algum lugar do mundo, e eu parto.

O conde tocou a campainha uma vez e seu camareiro apareceu.

— Mande a carruagem sair do estacionamento — disse ele — e tire as pistolas que estão nas bolsas... Não é preciso acordar o cocheiro: Ali conduzirá.

Instantes depois, ouviu-se o barulho da carruagem parando à porta.

O conde puxou o relógio.

— Meia-noite e meia... — disse ele. — Poderíamos sair daqui às cinco da manhã e ainda chegar a tempo... Mas talvez essa demora fizesse o seu companheiro passar uma noite terrível... Então é

melhor correremos para tirá-lo das mãos dos infiéis. Continua decidido a me acompanhar?

— Mais do que nunca.

— Bem, então vamos.

Franz e o conde saíram, seguidos por Peppino.

Encontraram a carruagem à porta. Ali segurava as rédeas — Franz reconheceu o criado mudo da caverna da ilha de Monte-Cristo.

Franz e o conde subiram à carruagem, que era coberta; Peppino sentou-se ao lado de Ali e partiram a galope. Ali já recebera as suas ordens, pois tomou a rua do Corso, atravessou o Campo-Vaccino, subiu a estrada São Gregório e chegou à porta de São Sebastião. Lá o porteiro quis criar algumas dificuldades, mas o conde de Monte-Cristo apresentou uma autorização do governador de Roma para entrar e sair da cidade a qualquer hora do dia ou da noite: então a barreira foi erguida, o porteiro recebeu um luís pelo trabalho e eles passaram.

A rota seguida pela carruagem era a antiga via Ápia, toda cercada de túmulos. De vez em quando, à luz da lua que começava a aparecer, parecia a Franz ver como que uma sentinela a sair de uma ruína; mas logo, a um sinal trocado entre Peppino e a sentinela, o vulto voltava à sombra e desaparecia.

Pouco antes do circo de Caracalla, a carruagem parou, Peppino foi abrir a portinhola, o conde e Franz desceram.

— Em dez minutos — disse o conde a seu companheiro — chegaremos.

Então o conde chamou Peppino de lado, deu-lhe uma ordem em voz baixa — Peppino partiu, depois de munir-se de uma tocha tirada da cabine da carruagem.

Passaram-se mais cinco minutos, durante os quais Franz viu o pastor enfiar-se em uma vereda, no meio dos acidentes de terreno que formam o solo convulsionado da planície de Roma, e desaparecer entre os altos arbustos avermelhados que se assemelham à juba eriçada de algum leão gigantesco.

— Agora — disse o conde —, vamos segui-lo.

Franz e o conde também enveredaram pelo mesmo caminho, que, cem passos depois, levou-os a uma vertente inclinada ao fundo de um pequeno vale.

Logo viram dois homens conversando nas sombras.

— Devemos continuar em frente? — perguntou Franz ao conde.
— Ou é melhor esperar?

— Vamos em frente... Peppino deve ter avisado a sentinela de nossa chegada.

De fato, um dos dois homens era Peppino — o outro era um bandido colocado como guarda.

Franz e o conde se aproximaram; o bandido saudou-os.

— Excelência — disse Peppino dirigindo-se ao conde —, se quiser me seguir, a entrada dos subterrâneos fica a dois passos daqui.

— Está bem — disse o conde —, vá na frente.

De fato, atrás de um monte de arbustos, no meio de algumas pedras, encontrava-se uma entrada pela qual um homem mal poderia passar.

Peppino foi o primeiro a deslizar pela fenda: assim que deu os primeiros passos, a passagem subterrânea alargou-se. Então parou, acendeu a tocha e voltou-se para ver se era seguido.

O conde fora o primeiro a entrar em uma espécie de respiradouro — Franz vinha atrás dele.

O terreno declinava suavemente e alargava-se à medida que avançavam; entretanto, Franz e o conde ainda eram obrigados a andar curvados, mal conseguiam avançar lado a lado. Assim caminharam mais cento e cinquenta passos; então foram detidos por um grito: — Quem vem lá?!

Ao mesmo tempo, em meio à escuridão, viram brilhar no cano de uma carabina os reflexos de sua própria tocha.

— É amigo! — exclamou Peppino; e avançou sozinho, dizendo algumas palavras em voz baixa à segunda sentinela, que, como a primeira, saudou-os, fazendo sinal aos visitantes noturnos que poderiam prosseguir o seu caminho.

Atrás da sentinela havia uma escada com cerca de vinte degraus; Franz e o conde desceram os vinte degraus e se viram em

uma espécie de encruzilhada mortuária. Cinco caminhos divergiam como os raios de uma estrela; as paredes das muralhas, cavadas de nichos superpostos em forma de lápides, indicavam que finalmente tinham entrado nas catacumbas.

Em uma das cavidades, cuja extensão era impossível precisar, viam-se, de dia, alguns reflexos de luz.

O conde pousou a mão no ombro de Franz.

— Quer ver um acampamento de bandidos em repouso? — disse-lhe o conde.

— Naturalmente — respondeu Franz.

— Bem, então venha comigo... Peppino: apague a tocha!

Peppino obedeceu — Franz e o conde viram-se em meio à mais profunda escuridão; todavia, cerca de cinquenta passos à frente deles, continuavam a dançar ao longo das muralhas alguns clarões avermelhados que se tornaram mais visíveis depois que Peppino apagou a tocha.

Avançaram em silêncio — o conde guiando Franz, como se tivesse a singular faculdade de ver nas trevas. Aliás, o próprio Franz distinguia com maior facilidade o seu caminho à medida que se aproximava dos reflexos que lhes serviam de guias.

Três arcadas — a do meio servindo como porta — davam-lhes passagem.

As arcadas abriam-se de um lado para a galeria onde estavam Franz e o conde; de outro, para um grande aposento quadrado, todo cercado de nichos semelhantes aos que já mencionamos. No meio desse aposento erguiam-se quatro pedras que outrora serviram de altar, como indicava a cruz que ainda as encimava.

Uma única lamparina, pousada em um vão de coluna, iluminava com luz pálida e vacilante a estranha cena que se oferecia aos olhos dos dois visitantes escondidos nas sombras.

Um homem estava sentado, com o cotovelo apoiado na coluna, e lia, dando as costas para as arcadas através das quais os recém-chegados o olhavam.

Ele era o chefe do bando: Luigi Vampa.

Ao redor dele, agrupados à vontade, deitados em suas capas ou recostados em uma espécie de banco de pedra a reinar ao redor de

todo o mausoléu, viam-se cerca de vinte bandidos: cada um deles mantinha a sua carabina ao alcance da mão.

No fundo, silenciosa, quase invisível, como se fosse uma sombra, uma sentinela passeava de um lado para outro à frente de uma espécie de abertura também quase invisível, pois as trevas pareciam adensar-se naquele lugar.

Quando o conde achou que os olhos de Franz já haviam gozado suficientemente o pitoresco quadro, levou o dedo aos lábios, recomendando-lhe silêncio, subiu os três degraus que levavam da galeria ao mausoléu, entrou no aposento pela arcada do meio e avançou até Vampa, que estava tão profundamente mergulhado na leitura que sequer ouviu o barulho de seus passos.

— Quem vem lá? — gritou a sentinela menos ocupada, ao ver à luz da lamparina uma espécie de sombra crescer atrás de seu chefe.

A esse grito, Vampa levantou-se depressa, ao mesmo tempo tirando uma pistola da cintura.

Num instante, todos os bandidos estavam de pé — vinte canos de carabina apontaram para o conde.

— Bem! — disse tranquilamente o conde em voz perfeitamente calma, sem que um único músculo de seu rosto se movesse. — Bem, meu caro Vampa, isso me parece muito alarido para receber um amigo!

— Baixar armas! — gritou o chefe, fazendo um sinal imperativo com uma mão, enquanto com a outra tirava respeitosamente o chapéu.

Então, voltando-se para o singular personagem que dominava toda essa cena: — Perdão, senhor conde — disse Vampa —, mas eu estava tão longe de esperar a honra de sua visita que nem o reconheci.

— Parece que você tem a memória curta em todos os sentidos, Vampa — disse o conde. — Não apenas esquece a fisionomia das pessoas, mas também as condições combinadas com elas.

— De que condições me esqueci, senhor conde? — perguntou o bandido, como um homem que, se cometeu um erro, só pede para repará-lo.

— Não combinamos — disse o conde — que não apenas a minha pessoa, mas também a de meus amigos, seriam sagradas para você?

— E no que faltei ao tratado, Excelência?

— Esta noite você raptou e trouxe para cá o visconde Albert de Morcerf... Bem! — continuou o conde em um tom que fez Franz estremecer. — Esse jovem é um de meus amigos, esse jovem está hospedado no mesmo hotel que eu, esse jovem acompanhou o Corso durante uma semana na minha própria carruagem... Entretanto, repito-lhe, você o raptou, trouxe-o para cá, e — acrescentou o conde, tirando a carta do bolso — pediu resgate por ele, como se ele fosse qualquer um.

— Por que vocês não me avisaram? — exclamou o chefe, voltando-se para os seus homens, que recuaram todos, diante de seu olhar. — Por que me expuseram a faltar à minha palavra a um homem como o senhor conde, que tem a vida de todos nós em suas mãos? Pelo sangue de Cristo! Se eu descobrisse que um de vocês sabia que o rapaz era amigo de Sua Excelência, estouraria os seus miolos com as minhas próprias mãos.

— Bem! — disse o conde, voltando-se para Franz. — Bem lhe disse que havia algum engano nessa história toda.

— O senhor não está sozinho? — perguntou Vampa, inquieto.

— Estou com a pessoa a quem essa carta era endereçada, a quem quis provar que Luigi Vampa é um homem de palavra. Venha, Excelência — disse ele a Franz —, aqui está Luigi Vampa, ele vai lhe dizer pessoalmente como está arrependido do erro que acaba de cometer.

Franz aproximou-se — o chefe deu alguns passos ao encontro de Franz.

— Seja bem-vindo entre nós, Excelência — disse-lhe Vampa. — Ouviu o que o conde acaba de dizer, ouviu o que lhe respondi... Digo mais: eu não queria, pelas quatro mil piastras fixadas pelo resgate de seu amigo, que semelhante coisa tivesse acontecido.

— Mas — disse Franz, olhando ao redor, inquieto — então onde está o prisioneiro? Não o estou vendo.

— Não lhe aconteceu nada, espero... — disse o conde, franzindo as sobrancelhas.

— O prisioneiro está ali — disse Vampa, apontando a abertura ante a qual passeava o bandido que estava de guarda —, vou lhe contar pessoalmente que ele está livre.

O chefe avançou para o lugar que apontara como o cárcere de Albert; Franz e o conde o seguiram.

— O que o prisioneiro está fazendo? — perguntou Vampa à sentinela.

— Juro, capitão — respondeu a sentinela —, não sei de nada não... Faz mais de uma hora que não ouço ele se mexer.

— Venham, Excelências! — exclamou Vampa.

O conde e Franz subiram sete ou oito degraus, sempre antecidos pelo chefe, que puxou um ferrolho e empurrou uma porta.

Então, à luz de uma lamparina igual àquela que iluminava o mausoléu, podia-se ver Albert, envolto em uma capa emprestada por um dos bandidos, deitado em um canto, dormindo profundamente.

— Ora, vamos! — disse o conde, sorrindo, com aquele sorriso que lhe era peculiar. — Nada mal para um homem que seria fuzilado às sete da manhã.

Luigi Vampa olhava Albert adormecido com certa admiração: via-se que não era insensível àquela demonstração de coragem.

— Tem razão, senhor conde... — disse Vampa. — Esse jovem deve ser de seus amigos.

Então, aproximando-se de Albert, tocando-lhe o ombro: — Excelência! — exclamou ele. — Poderia fazer a gentileza de acordar?

Albert espreguiçou-se, esfregou os olhos e abriu as pálpebras.

— Ah, ah! — exclamou ele. — É o senhor, capitão? Juro: deveria ter me deixado dormindo... Eu estava tendo um sonho encantador: estava sonhando que dançava o galope, na casa de Torlonia, com a condessa G***!

Puxou o relógio, que conservara para calcular por si mesmo o tempo transcorrido.

— Uma e meia da manhã! — exclamou ele. — Mas por que diabo você me acorda a essa hora?

— Para lhe dizer que está livre, Excelência.

— Meu caro — disse Albert, tranquilo, com perfeita liberdade de espírito —, no futuro, lembre-se bem dessa máxima de Napoleão, o Grande: “Só me acorde para as más notícias”. Se tivesse me deixado dormir, eu acabaria o meu galope, e lhe seria eternamente grato... Então pagaram o meu resgate?

— Não, Excelência.

— Bem, então, como posso estar livre?

— Alguém a quem nada posso recusar veio reclamá-lo.

— Veio aqui?

— Veio aqui.

— Ah, nossa, juro, esse alguém é bem gentil!

Albert olhou ao redor de si e viu Franz.

— Como — disse-lhe Albert —, é você, meu caro Franz, que trouxe a sua devoção até aqui?

— Eu, não — respondeu Franz —, mas sim o nosso vizinho, o senhor conde de Monte-Cristo.

— Ah, nossa! Senhor conde — disse alegremente Albert, arrumando a gravata e os punhos —, o senhor é um homem realmente precioso, espero que me considere como o seu eterno devedor, primeiro pelo empréstimo da carruagem, depois por esta história! — E estendeu a mão ao conde, que estremeceu no momento em que lhe deu a mão, mas mesmo assim não a retirou.

O bandido contemplava toda essa cena com ar estupefato; naturalmente estava habituado a ver os seus prisioneiros tremerem diante dele — mas esse conservava uma graça e uma ironia que não haviam sofrido qualquer alteração. Quanto a Franz, estava encantado de ver Albert sustentar, mesmo perante um bandido, a honra nacional.

— Meu caro Albert — disse-lhe Franz —, se quiser se apressar, ainda teremos tempo de terminar a noite na casa dos Torlonia, você continuará o seu galope onde o interrompeu, de forma que não guardará nenhuma mágoa do senhor Luigi Vampa, que realmente, em toda esta história, conduziu-se como um homem galante.

— Ah, realmente! — disse Albert. — Você tem razão, poderemos chegar lá às duas da manhã. Senhor Luigi — continuou Albert —, há alguma outra formalidade a cumprir para despedir-se de Vossa Excelência?

— Nenhuma, senhor — respondeu o bandido —, está livre como o ar.

— Neste caso, tenha uma boa e alegre vida... Venham, senhores, venham!

E, seguido por Franz e pelo conde, Albert desceu a escada e atravessou a grande sala quadrada; todos os bandidos estavam de pé, de chapéu na mão.

— Peppino — disse o chefe —, dê-me a tocha.

— Bem, então o que está fazendo? — perguntou o conde.

— Vou acompanhá-los — disse o capitão. — É a menor honra que posso prestar a Vossa Excelência.

E, tomando a tocha acesa das mãos do pastor, marchou à frente de seus hóspedes, não como um camareiro a desempenhar um papel servil, mas como um rei a preceder embaixadores.

Ao chegar à porta, inclinou-se.

— E agora, senhor conde — disse ele —, renovo-lhe as minhas desculpas, espero que não guarde nenhum ressentimento pelo que acaba de acontecer...

— Não, meu caro Vampa — disse o conde. — Aliás, você corrige os seus erros de forma tão galante que quase somos tentados a agradecer-lhe por tê-los cometido.

— Senhores! — exclamou o chefe, voltando-se para os jovens. — Talvez a oferta não lhes pareça muito atraente... Mas, se algum dia tiverem vontade de me fazer uma segunda visita, não importa onde eu esteja, serão bem-vindos.

Franz e Albert despediram-se. O conde saiu primeiro, Albert em seguida — apenas Franz ficou.

— Vossa Excelência tem alguma coisa a me perguntar? — indagou Luigi Vampa, sorrindo.

— Sim, confesso que sim — respondeu Franz —, estou curioso de saber que obra o senhor lia com tanta atenção quando chegamos.

— *Os Comentários de César* — disse o bandido —, é o meu livro preferido.

— Bem, você não vem? — perguntou Albert.

— Vou, sim — respondeu Franz —, aqui estou!

E, por sua vez, saiu pelo respiradouro.

Deram alguns passos ao ar livre.

— Ah, perdão! — exclamou Albert, voltando. — O senhor me permite, capitão?

E acendeu o seu charuto na tocha de Luigi Vampa.

— Agora, senhor conde — disse Albert —, o mais depressa possível! Faço questão de terminar a minha noite na casa do duque de Bracciano.

Encontraram a carruagem onde a haviam deixado; o conde disse uma única palavra em árabe a Ali — os cavalos partiram a todo galope.

Eram precisamente duas horas no relógio de Albert quando os dois amigos entraram no salão de dança.

O seu retorno foi um acontecimento; mas, como entraram juntos, todas as preocupações a respeito de Albert cessaram imediatamente.

— Senhora — disse o visconde de Morcerf, avançando à condessa —, ontem teve a bondade de me prometer um galope: venho um pouco tarde reclamar essa graciosa promessa... Mas ali está o meu amigo, que só fala a verdade, como sabe, para lhe dizer que a culpa não é minha.

Como, nesse momento, a música dava o sinal da valsa, Albert passou o braço ao redor da cintura da condessa e desapareceu com ela no turbilhão dos dançarinos.

Enquanto isso, Franz pensava no singular estremecimento que percorrera todo o corpo do conde de Monte-Cristo no momento em que ele se viu obrigado a apertar a mão de Albert.

XXXIX. O ENCONTRO

No dia seguinte, ao se levantar, as primeiras palavras de Albert foram para convidar Franz a fazer uma visita ao conde; já lhe agradecera na véspera, mas compreendia que um favor como aquele que o conde lhe fizera bem valia dois agradecimentos.

Franz — a quem um fascínio misturado a terror atraía para o conde de Monte-Cristo — não quis deixá-lo ir sozinho aos aposentos daquele homem e acompanhou-o; ambos foram introduzidos no salão: cinco minutos depois, o conde apareceu.

— Senhor conde — disse-lhe Albert, indo a seu encontro —, permita-me repetir-lhe esta manhã o que mal lhe disse ontem: nunca me esquecerei em que circunstância o senhor veio em meu auxílio, sempre me lembrarei de que lhe devo a vida, ou quase.

— Meu caro vizinho — respondeu o conde, rindo —, você exagera as suas obrigações para comigo. Não me deve mais do que uma pequena economia de uns vinte mil francos em seu orçamento de viagem, nada mais... Bem vê que nem vale a pena falar disso. De sua parte — acrescentou o conde —, receba todos os meus cumprimentos, você foi adorável em despreocupação e tranquilidade.

— Que queria, conde! — exclamou Albert. — Imaginei que eu tinha arrumado uma bela briga e um duelo se seguiria; quis ensinar uma coisa àqueles bandidos: os homens se batem em duelo em todos os países do mundo, mas só os franceses duelam rindo. Todavia, como a minha gratidão ao senhor não se torna menor por isso, venho lhe perguntar se eu, meus amigos e meus conhecidos não poderíamos lhe ser úteis em alguma coisa. O meu pai, o conde de Morcerf, que é de origem espanhola, tem uma alta posição na França e na Espanha... Venho me colocar, a mim e a todas as pessoas que me estimam, à sua disposição.

— Bem — disse o conde —, confesso-lhe, senhor de Morcerf: esperava a sua oferta e aceito-a de coração. Já o tinha escolhido para pedir-lhe um grande favor.

— Qual?

— Nunca fui a Paris... Não conheço Paris...

— É verdade? — exclamou Albert. — Conseguiu viver até agora sem ver Paris? Incrível!

— Assim é, todavia... Mas sinto, como você, que continuar ignorando a capital do mundo inteligente é algo impossível. Mais: talvez eu já tivesse feito essa viagem indispensável há muito tempo, se conhecesse alguém que pudesse me introduzir nessa sociedade onde não tenho relações com ninguém.

— Oh, um homem como o senhor? — exclamou Albert.

— Você é muito generoso... Mas como não vejo em mim outro mérito além de, como milionário, poder competir com o senhor Aguado ou com o senhor Rothschild, como não vou a Paris para jogar na Bolsa, esse pequeno detalhe me reteve. Agora a sua oferta me decide. Vejamos... você se compromete, meu caro senhor de Morcerf (o conde acompanhou essas palavras com um sorriso singular), compromete-se, quando eu for à França, a me abrir as portas dessa sociedade onde serei tão estranho quanto um hurão ou um cochinchinês?

— Oh, quanto a isso, senhor conde, à maravilha, de coração! — respondeu Albert. — E com tanto mais prazer (meu caro Franz, não vá zombar de mim!) quanto sou chamado a Paris por uma carta que recebi esta manhã mesmo, sobre a minha aliança com uma casa muito agradável, que tem as melhores relações com a sociedade parisiense.

— Aliança por casamento? — perguntou Franz, rindo.

— Ah, meu Deus, sim! Assim, quando você voltar a Paris, vai me encontrar estabelecido, talvez pai de família. O que cairá bem em minha gravidade natural, não é mesmo? Em todo caso, conde, repito-lhe: eu e os meus estamos, de corpo e alma, à sua disposição.

— Aceito — disse o conde —, pois, juro-lhe, só me faltava essa oportunidade para realizar planos que há muito tempo rumino.

Franz não duvidou nem por um instante que esses planos eram aqueles sobre os quais o conde deixara escapar algumas palavras na caverna de Monte-Cristo — observou o conde enquanto ele falava, tentando descobrir em sua fisionomia alguma revelação sobre os planos que o levariam a Paris; mas era muito difícil penetrar na alma daquele homem, principalmente quando ele a velava com um sorriso.

— Mas, então, vejamos, conde... — prosseguiu Albert, encantado com a perspectiva de apresentar a Paris um homem como Monte-Cristo. — Esse não é um daqueles projetos no ar, como fazemos mil em viagem, e que, construídos na areia, são levados ao primeiro soprar do vento?

— Não, palavra de honra — disse o conde. — Quero mesmo ir a Paris, preciso ir.

— E quando?

— Mas quando você estará lá?

— Eu? — disse Albert. — Oh, meu Deus! Em quinze dias, ou em três semanas, o mais tardar... O tempo de voltar.

— Bem — disse o conde —, dou-lhe três meses... Como vê, dou-lhe bastante tempo.

— E daqui a três meses — exclamou Albert, com alegria — virá bater à minha porta?

— Quer um encontro marcado com dia e hora? — disse o conde. — Previno-o: sou de uma pontualidade desesperadora.

— Com dia e hora! — disse Albert. — Isto é maravilhoso.

— Bem, que seja. — O conde estendeu a mão a um calendário suspenso perto do espelho. — Hoje estamos — disse ele — no dia 21 de fevereiro (ele puxou o relógio), são dez e meia da manhã... Quer me esperar no próximo dia 21 de maio, às dez e meia da manhã?

— Maravilha! — disse Albert. — O almoço estará pronto.

— Onde mora?

— Na rua do Helder, nº 27.

— Mora sozinho? Não vou incomodá-lo?

— Moro na mansão de meu pai, mas num pavilhão inteiramente separado, no fundo do pátio.

— Bem.

O conde pegou a sua agenda e escreveu: “Rua do Helder, nº 27, 21 de maio, às dez e meia da manhã”.

— E agora — disse o conde, guardando a agenda no bolso —, fique tranquilo: os ponteiros de seu relógio não serão mais precisos do que eu.

— Ainda vou vê-lo antes de partir? — perguntou Albert.

— Depende: quando vai partir?

— Vou partir amanhã, às cinco da tarde.

— Nesse caso, digo-lhe adeus. Tenho de ir a Nápoles, só vou voltar para cá sábado à noite ou domingo de manhã. E você — perguntou o conde a Franz —, também vai partir, senhor barão?

— Vou.

— Para a França?

— Não, para Veneza. Ainda vou ficar um ano ou dois na Itália.

— Então não nos veremos em Paris?

— Temo não ter essa honra.

— Então, senhores, boa viagem — disse o conde aos dois amigos, estendendo uma mão a cada um.

Era a primeira vez que Franz tocava a mão desse homem; estremeceu, pois ela era gelada como a mão de um finado.

— Uma última vez — disse Albert —, estamos combinados, palavra de honra, não é verdade? Rua do Helder, nº 27, dia 21 de maio, às dez e meia da manhã?

— No dia 21 de maio, às dez e meia da manhã, rua do Helder, nº 27 — repetiu o conde.

Então os dois jovens saudaram o conde e saíram.

— O que você tem? — disse Albert a Franz, entrando em seu quarto. — Parece estar muito preocupado.

— Sim — disse Franz —, confesso-lhe, o conde é um homem singular... Vejo com inquietação esse encontro marcado em Paris.

— Esse encontro... com inquietação? Ah, mas... Mas você ficou louco, meu caro Franz? — exclamou Albert.

— O que é que você queria — disse Franz —, louco ou não, é assim...

— Escute — tornou Albert —, fico feliz com a oportunidade de lhe dizer isto, mas sempre o achei muito frio com o conde, que ao contrário sempre achei perfeito conosco. Você tem algo de particular contra ele?

— Talvez.

— Já o tinha visto em algum lugar antes de encontrá-lo aqui?

— Justamente.

— Onde?

— Promete-me não dizer a ninguém uma palavra do que vou lhe contar?

— Prometo.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra.

— Está bem. Então escute.

E então Franz contou a Albert a sua excursão à ilha de Monte-Cristo, como lá encontrara uma tripulação de contrabandistas e, no meio dessa tripulação, dois bandidos corsos. Deteve-se em todos os detalhes da feérica hospitalidade que o conde lhe proporcionara em sua caverna das *Mil e uma noites*. Contou-lhe tudo, a ceia, o haxixe, as estátuas, a realidade e o sonho, e como ao despertar só lhe restara como prova, como lembrança de todos aqueles acontecimentos, o pequeno iate, no horizonte, velejando para Porto-Vecchio. Então passou a Roma, à noite no Coliseu, à conversa que ouvira entre o conde e Vampa, conversa sobre Peppino, na qual o conde prometera conseguir o perdão do bandido, promessa que o conde cumprira tão bem, como os nossos leitores puderam julgar.

Enfim, chegou à aventura da noite anterior, ao embaraço em que se encontrara ao ver que lhe faltavam seiscentas ou setecentas piastras para completar a soma exigida; enfim, à ideia que tivera de dirigir-se ao conde, ideia que resultara em desenlace tão pitoresco e satisfatório.

Albert escutava Franz com toda a sua atenção.

— E então? — disse-lhe, quando Franz terminou. — Onde vê em tudo isso algo a censurar? O conde é um viajante, o conde tem o seu próprio barco, porque é rico. Vá a Portsmouth ou a Southampton: vai ver os portos cheios de iates pertencentes a ingleses ricos que têm o mesmo capricho. Para que ele saiba onde parar em meio às suas viagens, para não ter de comer essa terrível cozinha que nos envenena... a mim há quatro meses, a você há quatro anos... para não ter de se deitar nessas abomináveis camas onde é impossível dormir, ele manda mobiliar uma caverna em Monte-Cristo: quando a sua caverna está mobiliada, teme que o

governo toscano o despeje e o seu investimento se perca... Então compra a ilha e adota o nome da ilha. Meu caro: reviste a sua memória, diga-me quantas pessoas que conhecemos não adotaram o nome de propriedades que nunca tiveram.

— Mas — disse Franz a Albert — e os bandidos corsos que se encontravam entre a tripulação?

— Bem, o que há de surpreendente nisso? Você sabe melhor do que ninguém, não é verdade, que os bandidos corsos não são ladrões, mas pura e simplesmente fugitivos que alguma vingança exilou de sua cidade ou de sua aldeia... Então, podemos vê-los sem nos comprometer... Eu mesmo lhe garanto: se algum dia for à Córsega, antes de apresentar-me ao governador e ao prefeito, vou apresentar-me aos bandidos de Colomba, se for possível encontrá-los... Acho-os encantadores.

— Mas e Vampa e o seu bando? — disse Franz. — Esses são bandidos que atacam para roubar... Você não há de negar, espero... Que me diz da influência do conde sobre homens como esses?

— Digo, meu caro, que, como ao que tudo indica devo a vida a essa influência, não cabe a mim criticá-la com muita energia. Assim, logo, em vez de considerá-la um crime capital, como você, deve compreender que eu a desculpe, se não por ter me salvo a vida, o que talvez seja um exagero, ao menos por ter me poupado quatro mil piastras, equivalentes a nada menos do que a vinte e quatro mil libras em nossa moeda, soma que ninguém acha que eu valeria na França... O que prova — acrescentou Albert, rindo — que ninguém é profeta em sua terra.

— Bem, então, justamente: de que terra é o conde? Que língua ele fala? Quais são os seus meios de existência? De onde vem a sua imensa fortuna? Como foi a primeira parte de sua vida misteriosa e desconhecida, a espalhar, nesta segunda parte, tons sombrios e misantrópicos? É isso que em seu lugar eu gostaria de saber.

— Meu caro Franz — disse Albert —, quando, ao receber a minha carta, viu que precisaríamos recorrer à influência do conde,

deve ter lhe dito: “O meu amigo Albert de Morcerf corre perigo: ajude-me a livrá-lo desse perigo...”. Não é verdade?

— É.

— Então ele deve ter lhe perguntado: “Quem é o senhor Albert de Morcerf? De onde vem o seu nome? De onde vem a sua fortuna? Quais são os seus meios de existência? De que terra ele é? Onde nasceu?”... Ele lhe perguntou tudo isso, não foi?

— Não, confesso que não.

— Ele agiu, nada mais. Ele me livrou das mãos do senhor Vampa, entre as quais, apesar de minhas aparências cheias de coragem, como você diz, eu desempenhava um péssimo papel, confesso... Então, meu caro, quando, em troca de um favor como esse, ele me pede que faça por ele o que fazemos todos os dias por qualquer príncipe russo ou italiano que passa por Paris, ou seja, apresentá-lo à sociedade, você acha que eu devo lhe recusar? Ora, vamos, Franz, você está louco!

É preciso dizer que, excepcionalmente, dessa vez Albert estava coberto de razão.

— Enfim — disse Franz, suspirando —, aja como quiser, meu caro visconde... Pois tudo o que você me disse está coberto de razão, confesso... Mas não deixa de ser verdade que o conde de Monte-Cristo é um homem muito estranho.

— O conde de Monte-Cristo é um filantropo. Ele não lhe disse por que vai a Paris. Bem, ele vai para concorrer aos prêmios Monthyon... E se ele só precisar de meu voto para consegui-los, e da influência desse senhor tão feio para obtê-los, então lhe darei o meu voto e lhe garantirei essa influência.

“Assim, meu caro Franz, não falemos mais nisso, sentemos à mesa, vamos fazer uma última visita a São Pedro.”

Cumpriram-se as palavras de Albert. E no dia seguinte, às cinco da tarde, os dois jovens separavam-se — Albert de Morcerf para regressar a Paris, Franz d'Épinay para passar uma quinzena em Veneza.

Mas, antes de subir à carruagem, Albert ainda entregou ao rapaz do hotel, com medo de que o seu convidado faltasse ao encontro, um cartão para o conde de Monte-Cristo, no qual, abaixo destas

palavras: “Visconde Albert de Morcerf ”, escrevera a lápis: “21 de maio, às dez e meia da manhã, Rua do Helder, 27.”

¹ Personagem da obra mais conhecida de Voltaire: o conto filosófico *Cândido, ou o otimismo* (1758). (N.T.) ² Cf. o início de *O vermelho e o negro* (1830), de Stendhal. (N.T.) ³ Alusão aos romances do marquês de Sade (*Juliette, ou os progressos do vício. — Justine, ou as desgraças da virtude*, 1791). (N.T.) ⁴ “Fragilidade, teu nome é mulher!” William Shakespeare, *Hamlet* (1600 – 1601), ato 1, cena 2, verso 146. (N.T.) ⁵ Alusão a Horácio, *Odes*, 3, 1. (N.T.) ⁶ Morcerf: nome de família presente no capítulo XXVI (“A História”). (N.T.) ⁷ “No segundo andar”; em italiano no original. (N.T.) ⁸ “Barquinha”, em italiano. (N.T.) ⁹ James Fenimore Cooper (1789-1851), “o primeiro grande romancista norte-americano”, autor de *O último dos moicanos* (1826) e *O pirata vermelho* (1827). — Frederick Marryat (1792 – 1848), oficial da marinha britânica, contou as suas histórias marítimas em livros como *O oficial da marinha* (1829) e *O navio fantasma* (1839). (N.T.) ¹⁰ Antigo nome do mar Egeu. (N.T.) ¹¹ Molière (15/1/1622, Paris – 17/2/1673, Paris), *O burguês fidalgo* (1670), ato 4, cena 4, final: ... “Sim, a língua turca é assim, ela diz muito em poucas palavras”. (N.T.) ¹² Giacomo Meyerbeer (1791, Berlim – 1864, Paris), *Os Huguenotes* (ópera de 1836), II, 4-5. (N.T.) ¹³ Benjamin Appert, personagem real, nascido em 1797, presente no início de *O vermelho e o negro* (1830), de Stendhal, e em *Os mártires desconhecidos* (1837), de Balzac. (N.T.) ¹⁴ Tema recorrente a partir de Thomas De Quincey (1785, Manchester – 1859, Edinburgh), *Confissões de um inglês comedor de ópio* (1821). (N.T.) ¹⁵ Nome de poemas de Heine e Nerval. (N.T.) ¹⁶ “Velinhas”, em italiano. (N.T.) ¹⁷ “Atravessador”, “intermediário”, em italiano. (N.T.) ¹⁸ Pierre Corneille (1606, Rouen – 1684, Paris), *Horácio* (tragédia de 1640), ato 3, cena 6. (N.T.) ¹⁹ Charles Nodier, *Jean Sbogar* (romance de 1818). Byron, “Lara” (poema de 1814). (N.T.) ²⁰ Jean-Pierre Claris de Florian (1755, Languedoc – Sceaux, 1794), *Claudine* (novela de 1793 sobre “a pastora dos Alpes”). (N.T.) ²¹ Marcial (c. 38-103 d.C.), *O livro dos espetáculos* (80 d.C.). (N.T.) ²² Bairro popular de Roma, na margem direita do rio Tibre. (N.T.) ²³ Executado no suplício do malho. Em italiano, no original. (N.T.) ²⁴ Gaetano Donizetti (1797, Bergamo – 1848, idem), *Parisina* (ópera de 1833, baseada em poema de Byron). (N.T.) ²⁵ “Lugar”, em italiano. (N.T.) ²⁶ Condessa Teresa Guiccioli, amante de Byron em Veneza, em 1818 – 1819 — anota Jacques Bony. (N.T.) ²⁷ Personagem de Byron, *O corsário* (1814). (N.T.) ²⁸ “Miséráveis”, em italiano. (N.T.) ²⁹ “Com licença?”, em italiano. (N.T.) ³⁰ “Quando quiserem”, em italiano. (N.T.) ³¹ “Mascarada”, carnaval, em italiano. (N.T.) ³² “Camponesas”, em italiano. (N.T.) ³³ “Cavalos de corrida”, em italiano. (N.T.) ³⁴ “Porteiro”, “carregador”, “servo”, em italiano. (N.T.) ³⁵ “Agora acredito em bandidos italianos.” Em inglês no original. (N.T.) ³⁶ “Se, às seis horas da manhã, as quatro mil piastras não estiverem em minhas mãos, às sete o conde Albert de Morcerf terá deixado de existir.” (Nota do autor.) ³⁷ “Suba!”, em italiano. (N.T.)

PARTIE

III

XL. OS CONVIDADOS

Nessa casa da rua do Helder — em Paris —, onde em Roma Albert de Morcerf marcara encontro com o conde de Monte-Cristo, na manhã do dia 21 de maio tudo se preparava para honrar a palavra do jovem.

Albert de Morcerf morava em um pavilhão situado no canto de um grande pátio, em frente a outro edifício destinado aos empregados. Apenas duas janelas desse pavilhão davam para a rua — as demais se abriam três para o pátio, duas para o jardim.

Entre o pátio e o jardim, construída com o mau gosto da arquitetura imperial, erguia-se a ampla residência conforme a moda do conde e da condessa de Morcerf.

Em toda a largura da propriedade, dando para a rua, reinava um muro encimado por vasos de flores espaçados, cortado no meio por um grande portão com lanças douradas, que servia à entrada das visitas; uma pequena porta quase colada à casinha do porteiro dava passagem aos criados ou aos donos para entrarem e saírem a pé.

Na escolha do pavilhão destinado aos aposentos de Albert adivinhavam-se os delicados cuidados de uma mãe que, não querendo separar-se do filho, compreendia entretanto que um jovem na idade do visconde precisava de total liberdade. Por outro lado, devemos acrescentar, também se reconhecia nessa escolha o inteligente egoísmo do jovem, entregue à vida livre e ociosa dos filhos de família, vida que lhe douravam como a do pássaro na gaiola.

Pelas duas janelas que davam para a rua, Albert de Morcerf podia dedicar-se às suas explorações exteriores. Ver o exterior é fundamental para os jovens, que sempre desejam vislumbrar o mundo que atravessa o seu horizonte, mesmo se esse horizonte for

apenas o da rua... Depois, feita a sua exploração, se esta parecesse merecer exame mais aprofundado, para entregar-se às suas investigações Albert de Morcerf podia sair por uma pequena porta — semelhante àquela que mencionamos perto da casinha do porteiro —, que merece menção especial.

Era uma portinha que parecia esquecida por todos, desde os tempos em que a casa fora construída, e que se imaginava condenada para todo o sempre, pois parecia muito discreta e empoeirada — mas a fechadura e os gonzos cuidadosamente lubrificados revelavam usos misteriosos e contínuos. Essa portinhola escondida concorria com as outras duas e zombava do porteiro, escapando à sua vigilância e jurisdição, abrindo-se como a famosa porta da caverna das *Mil e uma noites*, como o Sésamo encantado de Ali Babá, por meio de algumas palavras cabalísticas pronunciadas pelas vozes mais suaves, ou de alguns arranhões convencionados feitos pelos dedos mais delicados do mundo.

Ao fim de um corredor amplo e calmo, vestíbulo em comunicação com a portinha, abria-se à direita a sala de jantar de Albert, que dava para o pátio, e à esquerda a sua sala de visitas, que dava para o jardim. Maciços de trepadeiras abriam-se em leque diante das janelas, escondendo do pátio e do jardim o interior dessas duas salas — que, situadas no térreo, eram as únicas onde podiam penetrar os olhares indiscretos.

No primeiro andar, essas duas salas se repetiam, enriquecidas por uma terceira, sobre o vestíbulo. Essas três peças eram um salão, um quarto de dormir e uma alcova.

Na sala de visitas do térreo só havia uma espécie de divã argelino destinado aos fumantes.

A alcova do primeiro andar dava para o quarto de dormir e, por uma porta invisível, comunicava-se com a escada. Como vemos, todos os cuidados tinham sido tomados.

Acima do primeiro andar reinava um vasto ateliê, que fora ampliado com a derrubada de paredes e divisórias, pandemônio que o artista arrancara ao dândi. Ali se refugiavam e se acumulavam todos os sucessivos caprichos de Albert: as trompas de caça, os baixos e as flautas, uma orquestra completa, pois Albert tivera por

um instante não o gosto, mas a fantasia da música; os cavaletes, as paletas e os pastéis, pois à fantasia da música sucedera a fadiga da pintura; enfim, os floretes, as luvas de boxe, as espadas e as bengalas de todas as espécies; pois enfim, segundo as tradições dos jovens em moda na época em que nos encontramos, Albert de Morcerf cultivava, com infinitamente mais perseverança do que a dedicada à música e à pintura, as três artes que completam a educação leonina — isto é, a esgrima, o boxe e o bastão — e recebia sucessivamente nesta ampla sala, destinada a todos os exercícios corporais, Grisier, Cooks e Charles Leboucher.

O restante dos móveis dessa sala privilegiada era composto de velhos baús do tempo de Francisco I — baús cheios de porcelanas da China, vasos do Japão, louças de Lucca della Robbia, travessas de Bernard de Palissy; poltronas antigas, onde talvez tivessem sentado Henrique IV ou Sully, Luís XIII ou Richelieu, pois duas dessas poltronas, adornadas com um brasão esculpido, onde brilhavam sobre o azul os três lírios da França, encimados por uma coroa real, originavam-se evidentemente dos guarda-móveis do Louvre, ou ao menos de algum castelo real. Sobre essas poltronas, com fundos escuros e severos, confundiam-se ricos tecidos de cores vivas, tingidos pelo sol da Pérsia ou preparados pelos dedos das mulheres de Calcutá e de Chandernagor. Não poderíamos dizer o que faziam ali esses tecidos; esperavam, recreando os olhos, um destino que o próprio proprietário desconhecia; enquanto esperavam, iluminavam o apartamento com os seus reflexos sedosos e dourados.

No lugar mais visível erguia-se um piano, fabricado por Roller & Blanchet, de madeira rosa — piano à medida de nossos salões de liliputianos, encerrando todavia uma orquestra na sua estreita e sonora caixa, gemendo sob o peso das obras-primas de Beethoven, Weber, Mozart, Haydn, Grétry e Porpora.

A seguir, em toda parte, ao longo das paredes, acima das portas, no teto, espadas, punhais, adagas, maçãs, machados, armaduras completas douradas, marchetadas, incrustadas; herbários, blocos de minerais, aves empalhadas com crina, abrindo um voo imóvel

com as suas asas cor de fogo e os seus bicos que nunca se fecham.

Nem precisamos dizer que esse aposento era o preferido de Albert.

Entretanto, no dia do encontro, o jovem, vestindo-se, estabelecera o seu quartel-general na sala do térreo. Ali, sobre uma mesa cercada à distância por um divã amplo e macio, encontravam-se todos os tabacos conhecidos — desde o tabaco amarelo de Petersburgo até o tabaco negro do Sinai, passando pelo Maryland, pelo Porto Rico e pelo Lakatiê —, que resplandeciam em potes de louça esmaltada, que os holandeses adoram. Ao lado deles, em caixas de madeira aromática, encontravam-se classificados, por ordem de tamanho e de qualidade, os puros, os regalias, os havanas e os manilhas; enfim, em um armário bem aberto, uma coleção de cachimbos alemães, chibiques com bocais de âmbar adornados de coral, narguilés incrustados de ouro, com longos tubos de marroquim, enrolados como serpentes, esperando o capricho ou a simpatia dos fumantes. Albert presidira pessoalmente o arranjo, ou melhor, a desordem simétrica que depois do café os convidados a um almoço moderno gostam de contemplar através do vapor que escapa das suas bocas e sobe ao teto em longas e caprichosas espirais.

Às dez horas menos um quarto, entrou um camareiro. Era um pequeno cavalição de quinze anos que só falava inglês, atendia pelo nome de John e era o único criado de Morcerf. Naturalmente, nos dias comuns, o cozinheiro da mansão ficava às suas ordens, e nas grandes ocasiões o caçador do conde ficava à sua disposição.

Esse camareiro, que se chamava Germain e gozava da inteira confiança de seu jovem senhor, trazia à mão um maço de jornais, que colocou sobre a mesa, e um pacote de cartas, que entregou a Albert.

Albert lançou um olhar distraído às diversas epístolas, escolheu duas com caligrafias elegantes e envelopes perfumados, abriu-as e leu-as com certa atenção.

— Como vieram essas cartas? — perguntou Albert.

— Uma veio pelo correio, a outra foi trazida pelo camareiro da senhora Danglars.

— Mandé dizer à senhora Danglars que aceito o lugar que ela me oferece em seu camarote... Espere... Depois, durante o dia, passe na casa de Rosa... Diga-lhe que, como ela me convida, vou cear com ela ao sair do teatro da Ópera, e leve-lhe seis garrafas de vinhos sortidos, de Chipre, de Xerez e de Málaga, e um barril de ostras de Ostende... Compre as ostras no Borel... E não se esqueça de lhe dizer que são para mim.

— A que horas o senhor deseja ser servido?

— Que horas são?

— Dez menos um quarto.

— Bem, sirva precisamente às dez e meia... Debray talvez seja obrigado a ir a seu ministério... Aliás... (Albert consultou a sua agenda), é bem a hora que marquei com o conde... 21 de maio, às dez e meia da manhã... Embora eu não bote muita fé em sua promessa, quero ser pontual. A propósito, sabe se a senhora condessa já se levantou?

— Se o senhor visconde desejar, posso me informar.

— Sim... Peça-lhe uma de suas caixas de licores, a minha está incompleta, e diga-lhe que terei a honra de passar em seus aposentos lá pelas três horas, e que lhe peço licença para apresentar-lhe alguém.

O valete saiu. Albert atirou-se ao divã, rasgou o envelope de dois ou três jornais, examinou os espetáculos, fez uma careta ao ver que representariam uma ópera, em vez de um balé, buscou em vão nos anúncios de perfumaria um opiato para os dentes sobre o qual lhe haviam falado, repeliu sucessivamente os três jornais mais conhecidos de Paris, murmurando em meio a um bocejo prolongado: — De fato, esses jornais estão ficando cada vez mais chatos.

Nesse momento, uma carruagem ligeira estacionou diante do portão — instantes depois, o camareiro entrou para anunciar o senhor Lucien Debray. Um jovem alto e loiro, pálido, de olhos cinza e decididos, lábios finos e frios, casaca azul com botões de ouro cinzelados, gravata branca, óculo de tartaruga suspenso por um fio

de seda — óculo que graças a um esforço do nervo temporal e do nervo zigomático ele conseguia fixar de vez em quando na cavidade do olho direito —, entrou sem sorrir, sem falar, com um ar semioficial.

— Bom dia, Lucien, bom dia! — exclamou Albert. — Ah, você me espanta, meu caro, com a sua pontualidade! O que foi que eu disse? Pontualidade? Você, que eu esperava por último, você me chega cinco minutos antes das dez, enquanto o encontro afinal só está marcado para as dez e meia! Que milagre! Por acaso o ministério caiu?

— Não, caríssimo... — disse o jovem, incrustando-se no divã. — Fique tranquilo, sempre cambaleamos, mas nunca caímos... Começo a acreditar que passamos muito simplesmente à estagnação, sem contar que os negócios da Península vão nos consolidar completamente.

— Ah, sim, é verdade: vocês estão expulsando dom Carlos da Espanha.

— Não, caríssimo... Não vamos confundir... Apenas o trouxemos para o outro lado da fronteira da França... Oferecemos-lhe uma régia hospitalidade em Bourges.

— Em Bourges?

— Sim, ele não tem do que se queixar, que diabo! Bourges é a capital do rei Carlos VII. Como, você não sabia? É sabido desde ontem por toda Paris... E anteontem o caso já tinha transpirado na Bolsa, pois o senhor Dangler (não sei por que meio esse homem sabe as notícias ao mesmo tempo que a gente), pois o senhor Dangler jogou na alta e ganhou um milhão.

— E você ganhou uma nova condecoração, me parece... Pois não estou vendo uma fita azul acrescentada a seu broche?

— Ah, deram-me a medalha de Carlos III... — respondeu negligentemente Debray.

— Ora, vamos, não banque o indiferente: confesse que teve prazer em receber...

— Ora, sim... Como complemento do traje, uma medalha cai bem em uma casaca negra abotoada... É elegante.

— E — disse Morcerf, sorrindo — dá-nos um ar de príncipe de Gales... Ou de duque de Reichstadt.

— Então, é por isso que você me vê tão cedo, caríssimo.

— Porque recebeu a medalha de Carlos III e queria me contar essa boa notícia?

— Não... Porque passei a noite expedindo cartas: vinte e cinco despachos diplomáticos. Voltei para casa ao amanhecer, tentei dormir... Mas fiquei com dor de cabeça e me levantei para andar a cavalo durante uma hora. No bosque de Bolonha, fui dominado pelo tédio e pela fome, dois inimigos que raramente andam juntos, mas que, entretanto, coligaram-se contra mim... numa espécie de aliança monárquico-republicana... Então me lembrei do banquete em sua casa, hoje de manhã... E aqui estou: sinto fome, alimente-me... Sinto tédio, divirta-me...

— É meu dever de anfitrião, caro amigo — disse Albert, chamando o camareiro, enquanto Lucien remexia, com a ponta de sua bengala de pomo de ouro incrustado de turquesa, os jornais desdobrados. — Germain: um cálice de xerez e biscoito. Enquanto espera, meu caro Lucien, aqui estão os charutos de contrabando, claro... Você precisa experimentar... E convide o seu ministro a vender-nos charutos como esses, em vez dessas espécies de folhas de noqueira que ele condena os bons cidadãos a fumar.

— Peste! Eu jamais faria isso... A partir do momento em que eles lhe viessem do governo, você já não os quereria mais e os acharia detestáveis. Aliás, isso não cabe ao ministério do interior, mas ao das finanças: procure o senhor Humann, na seção das contribuições indiretas, no corredor A, número 26.

— Na verdade — disse Albert —, você me surpreende com a extensão de seus conhecimentos... Mas então experimente um charuto!

— Ah, meu caro visconde — disse Lucien, acendendo um manilha em uma vela rosa que ardia em um castiçal de prata dourada e recostando-se no divã —, ah, meu caro visconde, como você é feliz por não ter nada a fazer! Na verdade, você nem sabe quanto é feliz!

— E então o que você faria, meu caro pacificador dos reinos — prosseguiu Morcerf, com ligeira ironia —, se não fizesse nada? Mas como! Secretário particular de um ministro, lançado, ao mesmo tempo, na grande cabala europeia e nas pequenas intrigas de Paris... Tendo reis, melhor do que isso, rainhas a proteger, partidos a reunir, eleições a organizar... Fazendo mais, em seu gabinete, com a sua pena e o seu telégrafo, do que Napoleão fazia, em seus campos de batalha, com a sua espada e as suas vitórias... Possuindo vinte e cinco mil libras de renda, além de seu cargo... Com um cavalo pelo qual Château-Renaud ofereceu-lhe quatrocentos luíses, mas que você não quis vender... Com um alfaiate que nunca erra uma calça... Com camarote no teatro da Ópera, no Jockey-Club e no teatro das Variedades... Em tudo isso você não encontra com que se distrair? Então, tudo bem, eu vou distraí-lo.

— Como?

— Fazendo-o conhecer uma nova pessoa.

— Homem ou mulher?

— Homem.

— Oh, já conheço homens demais!

— Mas não conhece nenhum homem como esse de que falo.

— Então de onde é que ele vem? Do fim do mundo?

— De mais longe do que o fim do mundo, talvez.

— Ah, diabo, espero que não seja ele que traga o nosso almoço...

— Não, fique tranquilo, o nosso almoço está sendo preparado nas cozinhas maternas... Mas você está mesmo com fome?

— Sim, confesso, por mais humilhante que seja admiti-lo... Mas ontem eu jantei na casa do senhor de Villefort... E não sei se você já reparou, meu caro amigo: janta-se muito mal na casa desse pessoal do tribunal... Parece que eles estão sempre com remorsos.

— Ah, nossa, você deprecia os jantares dos outros... Como se fosse possível jantar muito bem na casa de seus ministros.

— Sim, mas pelo menos nós não convidamos as pessoas nobres... E, se não fôssemos obrigados a fazer as honras de nossa mesa a alguns miseráveis que pensam e, principalmente, votam

muito bem, evitaríamos como a peste jantar em nossas casas, pode crer.

— Então, meu caro, tome mais um cálice de xerez, pegue outro biscoito.

— Com prazer... O seu vinho espanhol é excelente... Você logo vê que tínhamos razão em pacificar esse país.

— Claro, mas e dom Carlos?

— Ora, dom Carlos beberá vinho de Bordeaux, e em dez anos casaremos o seu filho com a pequena rainha.

— O que lhe valerá o Tosão de Ouro, se você ainda estiver no ministério.

— Acho, Albert, que esta manhã você adotou como sistema me alimentar de fumo.

— Ah, você há de convir: ainda é o que mais engana o estômago... Mas, veja só, estou ouvindo a voz de Beauchamp no vestibulo... Vocês vão discutir, isso lhe dará mais paciência.

— Discutir o quê?

— Os jornais.

— Oh, meu caro amigo — disse Lucien, com soberano desprezo —, por acaso eu leio os jornais?

— Mais uma razão... Então vocês discutirão muito mais.

— O senhor Beauchamp! — anunciou o camareiro.

— Entre, entre, pena terrível! — exclamou Albert, levantando-se e indo ao encontro do jovem. — Olhe, aqui está o Debray, que o detesta, mesmo sem lê-lo, ao que ele diz, pelo menos.

— Ele tem razão — disse Beauchamp —, é como eu: eu o critico sem saber o que ele faz... Bom dia, comendador.

— Ah, você já soube? — respondeu o secretário do ministro, trocando com o jornalista um aperto de mão e um sorriso.

— Naturalmente! — respondeu Beauchamp.

— E o que se fala em sociedade?

— Em que sociedade? Neste ano da graça de 1838, temos muitas sociedades.

— Ah, na sociedade crítico-política, onde você é um dos leões.

— Mas dizem que é algo muito justo, que você semeia bem vermelho para que nasça um pouco de azul.

— Ora, vamos, nada mal — disse Lucien. — Por que você não é um dos nossos, meu caro Beauchamp?... Com a sua inteligência, faria fortuna em três ou quatro anos!

— Então, só espero uma coisa para seguir o seu conselho: um ministério que dure seis meses. Agora, só uma palavrinha, meu caro Albert, para deixar o pobre Lucien respirar um pouco. Nós vamos almoçar ou jantar?! Ainda preciso ir à Câmara... Como veem, em nossa profissão nem tudo são rosas.

— Só vamos almoçar... Só esperamos duas pessoas, vamos para a mesa assim que elas chegarem.

XLI. O ALMOÇO

— E que tipo de gente você espera para almoçar? — perguntou Beauchamp.

— Um cavalheiro e um diplomata — respondeu Albert.

— Então é o caso de esperar duas breves horas pelo cavalheiro, duas longas horas pelo diplomata... Voltarei na hora da sobremesa. Guarde-me morangos, café e charutos. Vou comer uma costeleta na Câmara.

— Nada disso, Beauchamp, pois mesmo se o cavalheiro fosse um Montmorency, e o diplomata um Metternich, almoçaremos exatamente às onze horas... Enquanto espera, faça como Debray: experimente meu xerez e meus biscoitos.

— Está bem, eu fico. Preciso mesmo me distrair esta manhã.

— Bom, você está como Debray! Parece-me, entretanto, que, quando o ministério está triste, a oposição deve ficar alegre.

— Ah, veja você, meu caro amigo: é que não sabe o que me ameaça. Esta manhã vou ouvir um discurso do senhor Danglars na Câmara dos Deputados... E à noite, na casa de sua mulher, uma tragédia de um par de França. Diabos levem o governo constitucional! E, já que tínhamos escolha, ao que dizem, por que escolhemos esse governo?

— Compreendo... Você precisa se abastecer de hilaridade.

— Então não fale mal dos discursos do senhor Danglars — disse Debray. — Ele vota com vocês, faz oposição.

— É aí que mora o mal... Então, espero que vocês o mandem discursar no Luxemburgo, para rir dele à vontade.

— Meu caro — disse Albert a Beauchamp —, vê-se bem que os negócios da Espanha estão resolvidos... Esta manhã você está com um mau humor revoltante. Mas lembre-se que a imprensa parisiense fala de meu casamento com a senhorita Eugénie Danglars. Então não posso, em sã consciência, deixá-lo falar mal da eloquência de um homem que um dia deverá me dizer: “Senhor visconde, como sabe, o dote de minha filha é de dois milhões”.

— Ora, vamos! — disse Beauchamp. — Esse casamento nunca vai se realizar. O rei tornou Danglars barão, poderá torná-lo par, mas não o fará cavalheiro, e o conde de Morcerf é uma espada aristocrática demais para consentir, por apenas dois milhões, em um casamento desigual. O visconde de Morcerf só poderá se casar com uma marquesa.

— Dois milhões! Mas é uma bela quantia — disse Morcerf.

— É o capital social de um teatro de bulevar ou de uma ferrovia entre o Jardim Botânico e a Râpée.

— Deixe-o falar, Morcerf — replicou Debray, despreocupadamente —, e case-se. Vai se casar com a etiqueta de uma bolsa, não é verdade? Bem, que lhe importa? Mais vale, nesta etiqueta, um brasão a menos e um zero a mais... Você tem sete aves em suas armas: dê três à sua mulher e ainda lhe restarão quatro. Uma a mais do que o senhor de Guise, que quase se tornou rei de França e era primo coirmão do imperador da Alemanha.

— Palavra: acho que tem razão, Lucien — respondeu Albert, distraído.

— Naturalmente! Aliás, todo milionário é nobre como um bastardo... Ou seja, pode sê-lo.

— Ch! Não diga isso, Debray... — disse Beauchamp, sorrindo. — Olhe quem está chegando: Château-Renaud!... Para curá-lo de sua mania de dizer paradoxos, ele vai lhe passar através do corpo a espada de Renaud de Montauban, seu ancestral.

— Então ele vai se arrepender — respondeu Lucien —, pois eu sou mau, muito mau.

— Bom — exclamou Beauchamp —, agora o ministério canta Béranger... Meu Deus, onde vamos parar?

— Senhor de Château-Renaud! Senhor Maximilien Morrel! — exclamou o valete, anunciando dois novos convidados.

— Agora estamos completos! — exclamou Beauchamp. — Já podemos almoçar... Se não me engano, Albert, você só estava esperando mais duas pessoas, não é verdade?

— Morrel?! — murmurou Albert, surpreso. — Morrel?! Quem é esse?

Mas, antes que Albert concluísse, o senhor de Château-Renaud, belo jovem de trinta anos, cavalheiro dos pés à cabeça — isto é, com a fisionomia de um Guiche e o espírito de um Mortemart —, apertara a mão de Albert.

— Permita-me, meu caro — disse-lhe Château-Renaud —, apresentar-lhe o senhor capitão de cavaleiros Maximilien Morrel, meu amigo e, mais, meu salvador. Ademais, o homem se apresenta muito bem por si mesmo. Cumprimente o meu herói, visconde...

E ele se afastou para mostrar o grande e nobre jovem de ampla testa, olhar penetrante e bigode negro, que nossos leitores se lembram de ter visto em Marselha, em uma circunstância talvez dramática demais para que ainda não o tenham esquecido. Um belo uniforme, meio francês, meio oriental, admiravelmente trajado, valorizava o seu peito largo, condecorado com a cruz da Legião de Honra, e sublinhava o desenho enérgico de seu porte.

O jovem oficial inclinou-se com polidez cheia de elegância; Morrel tinha graça em cada um de seus movimentos, pois era forte.

— Senhor — disse Albert com afetuosa cortesia —, o Sr. barão de Château-Renaud já sabia antecipadamente todo o prazer que me proporcionaria ao nos apresentar... O senhor é um de seus amigos: seja também um dos nossos.

— Muito bem — disse Château-Renaud —, e queira, meu caro visconde, se for preciso, que ele faça por você o que fez por mim.

— E então o que foi que ele fez? — perguntou Albert.

— Ah — disse Morrel —, nem vale a pena falar disso, e o senhor exagera.

— Como — exclamou Château-Renaud —, não vale a pena falar disso?! Não vale a pena falar da vida?!... Na verdade, o que está dizendo é filosófico demais, meu caro senhor Morrel... Bom para você que arrisca a vida todos os dias, mas para mim, que a arrisco por acaso uma vez na vida...

— O que vejo de mais claro em tudo isso, barão, é que o senhor capitão Morrel salvou-lhe a vida.

— Ah, meu Deus, sim, sinceramente — prosseguiu Château-Renaud.

— E quando foi que isso aconteceu? — perguntou Beauchamp.

— Beauchamp, meu amigo, sabe que estou morrendo de fome! — exclamou Debray. — Não me venha com histórias.

— Está bem — disse Beauchamp —, mas isso não impede que sentemo-nos à mesa... Château-Renaud vai nos contar isso à mesa.

— Senhores — disse Morcerf —, ainda são dez horas e um quarto, notem bem, e ainda esperamos um último convidado.

— Ah, é verdade, um diplomata... — acrescentou Debray.

— Um diplomata, ou sei lá o quê, não sei muito bem... Só sei que eu mesmo o encarreguei de uma missão que ele cumpriu tão satisfatoriamente que, se fosse rei, eu o nomearia imediatamente cavaleiro de todas as minhas ordens... Mesmo se dispusesse ao mesmo tempo do Tosão de Ouro e da Jarreteira.

— Então, já que ainda não vamos para a mesa — disse Debray —, sirva-se como nós de um copo de xerez e conte-nos isso, barão.

— Como todos vocês sabem, eu tinha decidido ir à África...

— Uma rota que os seus ancestrais já tinham traçado, meu caro Château-Renaud — acrescentou galantemente Morcerf.

— Sim, mas duvido que, como eles, você tenha ido para libertar o túmulo de Cristo.

— E você tem razão, Beauchamp — disse o jovem aristocrata. — Minha intenção era, muito simplesmente, dar alguns tiros de pistola, como amador. Como vocês sabem, detesto o duelo, desde que duas testemunhas, que eu tinha escolhido para apartar uma

briga, me obrigaram a quebrar o braço de um de meus melhores amigos... Ah, ora, do pobre Franz d'Épinay, que todos vocês conhecem muito bem.

— Ah, sim, é verdade — disse Debray —, vocês dois se bateram em duelo uma vez... Por que motivo?

— Diabos me levem se me lembro! — exclamou Château-Renaud. — Mas o que me lembro perfeitamente é que, envergonhado de deixar dormir um talento como o meu, quis experimentar nos árabes as novas pistolas que tinham acabado de me dar de presente. Então, embarquei para Orão... De Orão, fui para Constantina: cheguei bem a tempo de ver o fim do cerco. Lancei-me em retirada, como os outros. Durante quarenta e oito horas, aguentei muito bem a chuva de dia, a neve de noite... Enfim, na terceira madrugada, o meu cavalo morreu de frio. Pobre animal! Acostumado às mantas e ao aquecimento da estrebaria... Um cavalo árabe que apenas se achou um pouco desterrado ao se deparar com dez graus de frio na Arábia.

— É por isso que você quer comprar o meu cavalo inglês — disse Debray. — Acha que ele vai aguentar o frio melhor do que o seu cavalo árabe.

— Você está enganado... Jurei nunca mais voltar à África.

— Então você teve muito medo? — perguntou Beauchamp.

— Palavra: tive mesmo, confesso — respondeu Château-Renaud. — E havia motivo! O meu cavalo, portanto, tinha morrido... Eu batia em retirada, a pé... Seis árabes vieram a galope para cortar a minha cabeça... Abati dois deles com meus tiros de fuzil, dois com meus tiros de pistola, em pleno alvo... Mas ainda havia mais dois, e eu estava sem munição. Um deles me agarrou pelos cabelos... É por isso que agora uso cabelos curtos, nunca se sabe o que pode acontecer... O outro colocou o seu punhal curvo em meu pescoço; eu já sentia o frio feroz do ferro, quando este senhor que vocês estão vendo também disparou contra eles, matou aquele que me segurava pelos cabelos com um tiro de pistola, arrebentou os miolos daquele que se preparava para cortar a minha garganta com um golpe de sabre. Este senhor tinha resolvido salvar a vida de um homem naquele dia: quis o acaso que o homem fosse eu... Quando

eu ficar rico, vou mandar Klagmann ou Marochetti esculpir uma estátua ao Acaso.

— É verdade — disse Morrel, sorrindo. — Era dia 5 de setembro, ou seja, era o aniversário do dia em que meu pai foi milagrosamente salvo... Assim, enquanto posso, todo ano comemoro esse dia com alguma ação...

— Heroica, não é verdade? — interrompeu-o Château-Renaud. — Enfim, fui eu o escolhido, mas isso não é tudo. Depois de me salvar do ferro, ele me salvou do frio, dando-me não metade de sua manta, como fazia São Martinho, mas dando-me toda a sua manta... E depois me salvou da fome, partilhando comigo adivinhem o quê?

— Um patê feito por Félix? — perguntou Beauchamp.

— Não... O seu cavalo: cada um de nós comeu um pedaço, com grande apetite: era duro.

— O cavalo? — perguntou Morcerf, rindo.

— Não... o sacrifício — respondeu Château-Renaud. — Pergunte a Debray se ele sacrificaria o seu inglês por um estranho...

— Por um estranho, não — disse Debray —, mas por um amigo, talvez.

— Adivinhei que se tornaria meu amigo, senhor barão — disse Morrel. — Aliás, como já tive a honra de lhe dizer, heroísmo ou não, sacrifício ou não, naquele dia eu tinha de fazer uma oferenda à má sorte, como recompensa ao favor que há anos tinha nos feito a boa sorte.

— Essa outra história de que fala o senhor Morrel — continuou Château-Renaud — é uma admirável história que ele lhes contará um dia, depois de conhecê-los melhor... Agora, vamos preencher o estômago, não a memória. A que horas você vai almoçar, Albert?

— Às dez e meia.

— Precisamente? — perguntou Debray, tirando o relógio.

— Ah, vocês hão de me conceder os cinco minutos de perdão — disse Morcerf. — Pois eu também estou esperando um salvador.

— Salvador de quem?

— Salvador de mim, ora! — respondeu Morcerf. — Então você não acha que eu possa ser salvo como os outros, que só os árabes cortam a cabeça? O nosso almoço é um almoço filantrópico; teremos à nossa mesa, ao menos assim o espero, dois benfeitores da humanidade.

— O que faremos? — disse Debray. — Só temos um prêmio Monthyon...

— Bem, então, daremos esse prêmio a alguém que nada fez para merecê-lo — disse Beauchamp. — É assim que a Academia costuma se livrar desses embaraços.

— E de onde ele vem? — perguntou Debray. — Desculpe a insistência... Sei muito bem: você já respondeu a essa pergunta, mas de forma tão vaga que me permito repeti-la.

— Na verdade — disse Albert —, não sei de nada. Quando o convidei, três meses atrás, ele estava em Roma... Mas desde então quem pode dizer por que caminhos ele andou?

— E você o acha capaz de ser pontual? — perguntou Debray.

— Eu o acho capaz de tudo... — respondeu Morcerf.

— Preste atenção: depois dos cinco minutos de perdão, só temos mais dez minutos.

— Pois bem: aproveitarei esses minutos para dizer-lhes algumas palavras sobre o meu convidado.

— Perdão — disse Beauchamp —, há matéria para um folhetim no que vai nos contar?

— Sim, com certeza — disse Morcerf. — E até mesmo dos mais curiosos.

— Então diga, pois já vi que vou perder a Câmara... É preciso me recompensar.

— No último carnaval, eu estava em Roma...

— Nós já sabíamos... — disse Beauchamp.

— Sim, mas o que vocês não sabiam é que eu fui raptado por bandidos.

— Já não existem mais bandidos — disse Debray.

— Na verdade, existem... E bandidos terríveis, isto é, admiráveis... Eu mesmo encontrei bandidos de dar medo.

— Ora, vamos, meu caro Albert — disse Debray —, confesse que o seu cozinheiro está atrasado, que as ostras não chegaram de Marennes ou de Ostende e, como a senhora de Maintenon, você pretende substituir o prato por um conto... Diga logo, meu caro: nós somos bons companheiros, bons o suficiente para perdoá-lo e para escutar a sua história, por mais fabulosa que seja.

— E eu lhe digo: por mais fabulosa que seja, garanto-lhes que é verdadeira, do começo ao fim. Então, os assaltantes me raptaram e me levaram para um lugar muito triste, chamado os subterrâneos de São Sebastião.

— Eu conheço esse lugar — disse Château-Renaud. — Quase tive febre lá.

— E eu fiz mais do que isso — disse Morcerf. — Lá eu tive febre de verdade. Tinham me dito que eu era prisioneiro até pagar o resgate, uma miséria: quatro mil escudos romanos, ou vinte e seis mil libras de Tours. Infelizmente, eu só estava com mil e quinhentas... Eu estava no fim de minha viagem, o meu crédito já tinha se esgotado. Então escrevi a Franz. E graças a Deus Franz estava lá: podem lhe perguntar se alterei uma vírgula... Então escrevi a Franz: se ele não chegasse até às seis da manhã com os quatro mil escudos, às seis e dez eu me juntaria aos bem-aventurados santos e aos gloriosos mártires, na companhia de quem eu teria a honra de me encontrar... E o senhor Luigi Vampa, esse era o nome do chefe dos bandidos, cumpriria rigorosamente a sua palavra, podem acreditar.

— Mas afinal Franz chegou com os quatro mil escudos? — perguntou Château-Renaud. — Que diabos, ninguém se embaraça por causa de quatro mil escudos quando se chama Franz d'Épinay ou Albert de Morcerf!

— Não, ele chegou, pura e simplesmente, acompanhado pelo convidado que agora lhes anuncio e que espero apresentar-lhes.

— Ah, claro, mas então esse cavaleiro é um Hércules matando Caco, ou um Perseu libertando Andrômeda?

— Não, é um homem mais ou menos do meu tamanho.

— Armado até os dentes?

— Ele não estava nem mesmo com uma agulha de tricô.

— Mas pagou o seu resgate?

— Ele disse duas palavras ao ouvido do chefe e eu fiquei livre.

— E até mesmo lhe pediram desculpas por tê-lo prendido... — disse Beauchamp.

— Exato — respondeu Morcerf.

— Ah, sim... Mas então esse homem era Ariosto!

— Não, era muito simplesmente o conde de Monte-Cristo.

— Ninguém se chama conde de Monte-Cristo! — disse Debray.

— Também não acredito — acrescentou Château-Renaud, com o sangue-frio de um homem que conhece na ponta da língua o nobiliário europeu. — Quem é que conhece, em qualquer lugar, um conde de Monte-Cristo?

— Talvez ele venha da Terra Santa — disse Beauchamp. — Talvez um de seus ancestrais tenha possuído o Calvário, como os Montemart possuíram o mar Morto.

— Perdão — disse Maximilien —, mas acho que vou tirá-los do embarço, senhores: Monte-Cristo é uma pequena ilha que os marinheiros de meu pai sempre mencionavam... É um grão de areia no meio do mar Mediterrâneo, é um átomo no infinito.

— É exatamente assim, senhor — disse Albert. — Então, muito bem: desse grão de areia, desse átomo, é senhor e rei aquele de quem falo... Ele deve ter comprado esse título de conde em algum lugar da Toscana.

— Então o seu conde é muito rico?

— Nossa... acho que sim.

— Mas, se ele é, isso deve ser visível, me parece...

— É aí que você se engana, Debray...

— Já não estou entendendo mais nada.

— Você leu as *Mil e uma noites*?

— Nossa, mas que pergunta...

— Bem, e então: sabe se os seus personagens são ricos ou pobres? Se os seus grãos de trigo não são rubis ou diamantes? Eles parecem ser miseráveis pescadores, não é verdade? Você os trata como tais, e de repente eles lhe abrem alguma caverna misteriosa, onde você encontra um tesouro capaz de comprar toda a Índia.

— E daí?

— Daí, o meu conde de Monte-Cristo é um desses pescadores... Ele até mesmo tomou o nome das *Mil e uma noites*: ele se chama Simbad, o Marujo, e tem uma caverna cheia de ouro.

— E você viu essa caverna, Morcerf? — perguntou Beauchamp.

— Eu, não, mas Franz a viu. Mas silêncio! Não devemos tocar no assunto na frente do conde. Franz desceu na caverna de olhos vendados; lá, foi servido por mudos e por mulheres... Parece que perto delas Cleópatra não passa de uma pobre cortesã. Só que das mulheres ele não tem muita certeza: elas só chegaram depois que ele tinha comido haxixe. Portanto, é bem possível que o que ele tomou por mulheres fosse muito simplesmente uma quadrilha de estátuas.

Os jovens olharam Morcerf com um olhar que queria dizer: — Ah, sim, meu caro, você ficou louco ou está brincando conosco?

— Mas realmente — disse Morrel, pensativo — também ouvi um velho marinheiro chamado Penelon contar algo semelhante ao que o senhor de Morcerf acaba de dizer.

— Ah — exclamou Albert —, felizmente o senhor Morrel vem em meu socorro. Isso os contraria, não é verdade, ele lançar assim um novelo de linha em meu labirinto...?

— Perdão, meu caro amigo — disse Debray —, é que você nos conta coisas tão inacreditáveis...

— Ah, nossa, é que os seus embaixadores, os seus cônsules, não lhes contam nada disso! Eles não têm tempo, precisam molestar os seus compatriotas que viajam.

— Ah, bom, agora você se zanga e cai em cima de nossos pobres agentes... Ah, meu Deus, como quer que eles o protejam? Todo dia a Câmara rói os seus ordenados... Logo eles vão desaparecer. Quer ser embaixador, Albert? Vou mandar designá-lo para Constantinopla.

— Não! Para que o sultão, à primeira demonstração que eu fizer em favor de Maomé Ali, mande-me a corda para que meus secretários me estrangulem?

— Você viu muito bem — disse Debray.

— Sim, mas tudo isso não impede o meu conde de Monte-Cristo de existir!

— Ora, todo o mundo existe, belo milagre!

— Todo o mundo existe, naturalmente, mas não nas mesmas condições. Nem todo o mundo tem escravos negros, galerias principescas, armas de fortalezas, cavalos de seis mil francos cada um, amantes gregas!...

— Você viu a amante grega?

— Sim, eu a vi e ouvi. Via-a no teatro Valle, ouvia-a um dia em que almocei nos aposentos do conde.

— Então ele come, o seu homem extraordinário?

— Nossa, se ele come, é tão pouco que nem vale a pena falar disso.

— Vai ver, é um vampiro.

— Riam se quiserem... Mas essa era a opinião da condessa G..., que, como vocês sabem, conheceu lorde Ruthwen.

— Ah, mas que beleza! — disse Beauchamp. — Para um homem que não é jornalista, esse é o equivalente à famosa serpente marinha do jornal *Constitutionnel*... Um vampiro...: perfeito!

— Olhos ruivos, pupilas a se retraírem e dilatarem à vontade — disse Debray. — Ângulo facial desenvolvido, testa magnífica, pele lívida, barba negra, dentes brancos e afiados, polidez idem...

— Bem... Mas ele é exatamente assim, Lucien! — disse Morcerf. — A caracterização é perfeita, traço por traço. Sim, polidez afiada e incisiva... Muitas vezes esse homem me causava arrepios. Um dia nós estávamos assistindo juntos a uma execução; eu achei que ia passar mal, muito mais por vê-lo e ouvi-lo falar friamente de todos os suplícios da terra do que por ver o carrasco cumprir o seu ofício e ouvir os gritos do condenado.

— Ele não o levou para passear um pouco pelas ruínas do Coliseu, para sugar o seu sangue, Morcerf? — perguntou Beauchamp.

— Ou, depois de tê-lo libertado, ele não o fez assinar algum pergaminho cor de fogo, através do qual você lhe cedia a sua alma,

como Esaú cedeu o seu direito de primogênito?¹

— Brinquem!... Brinquem à vontade, meus senhores! — disse Morcerf, um tanto irritado. — Quando eu os olho, a vocês, belos parisienses, frequentadores do bulevar de Gand, a passear no bosque de Bolonha, e me lembro daquele homem, bem, então me parece que nós não somos da mesma espécie.

— Estou lisonjeado! — disse Beauchamp.

— Mas, afinal — acrescentou Château-Renaud —, o seu conde de Monte-Cristo não deixa de ser um homem galante, nas horas vagas, a não ser, entretanto, por seus pequenos acordos com os bandidos italianos.

— Ah, não existem bandidos italianos! — exclamou Debray.

— Não existem vampiros! — acrescentou Beauchamp.

— Não existe um conde de Monte-Cristo! — acrescentou Debray. — Meu caro Albert: ouça o som da badalada das dez e meia.

— Confesse que você teve apenas um pesadelo e vamos almoçar — disse Beauchamp.

Mas a vibração do pêndulo ainda não havia desaparecido quando a porta se abriu e Germain anunciou: — Sua Excelência, o conde de Monte-Cristo!

Todos os ouvintes deram um salto involuntário que revelava a preocupação que o relato de Morcerf provocara em suas almas. O próprio Albert não conseguiu evitar repentina emoção. Ninguém ouvira qualquer carruagem na rua ou passos no vestíbulo; a própria porta se abrira sem ruído.

O conde apareceu no limiar, vestido com a maior simplicidade, mas o mais elegante leão não encontraria em seu traje nada a censurar. Tudo era de um bom gosto requintado, tudo saíra das mãos dos mais elegantes fornecedores — a casaca, o chapéu, a roupa branca.

Ele parecia ter apenas trinta e cinco anos; o que impressionou a todos foi a sua extrema semelhança com o retrato que dele traçara Debray.

O conde avançou sorrindo para o meio do salão e foi direto a Albert, que indo ao seu encontro ofereceu-lhe a mão polidamente.

— A pontualidade — disse Monte-Cristo — é a polidez dos reis, como creio que disse um de seus soberanos. Mas nem sempre é a polidez dos viajantes, por maior que seja a sua boa vontade. Entretanto, meu caro visconde, espero que me desculpe, considerando a minha boa vontade, os dois os três segundos de atraso com que cheguei ao nosso encontro. Não se percorrem quinhentas léguas sem certos contratempos, principalmente na França, onde creio que seja proibido bater nos cocheiros.

— Senhor conde — respondeu Albert —, eu estava justamente anunciando a sua visita a alguns de meus amigos, que reuni em vista da promessa que me fez, e tenho a honra de apresentá-los. São eles o senhor conde de Château-Renaud, cuja nobreza remonta aos doze pares e cujos ancestrais tiveram assento na Távola Redonda; o senhor Lucien Debray, secretário particular do ministro do Interior; o senhor Beauchamp, terrível jornalista, o terror do governo francês, celebridade nacional, de quem talvez nunca tenha ouvido falar na Itália, onde o seu jornal não circula; enfim, o senhor Maximilien Morrel, capitão de cavaleiros.

A esse nome, o conde, que até então cumprimentara cortesmente, mas com frieza e impassibilidade bem inglesas, deu involuntariamente um passo adiante — leve rubor passou como relâmpago por suas faces pálidas.

— O senhor usa o uniforme dos novos vencedores franceses — disse o conde. — É um belo uniforme.

Seria impossível dizer que sentimento dava à voz do conde tão profunda vibração, fazendo brilhar, talvez contra a vontade, os seus olhos tão belos, calmos e límpidos, quando ele não tinha motivo algum para velá-los.

— Nunca tinha visto os nossos soldados africanos, cavalheiro? — perguntou Albert.

— Nunca — replicou o conde, retomando o pleno domínio de si mesmo.

— Bem, senhor: sob esse uniforme bate um dos corações mais valentes e mais nobres do exército.

— Oh, senhor conde... — interrompeu Morrel.

— Deixe-me falar, capitão... — disse Albert. — Acabamos de saber de uma ação tão heroica de nosso capitão que, embora só o tenha conhecido hoje, peço-lhe o favor de apresentá-lo como meu amigo.

A essas palavras, foi possível mais uma vez notar em Monte-Cristo aquele estranho olhar fixo, aquele rubor furtivo, aquele leve tremor da pálpebra que nele revelava a emoção.

— Ah, o capitão é um nobre coração — disse o conde —, tanto melhor!

Essa espécie de exclamação, de acordo com o próprio pensamento do conde, mas não com o que Albert acabara de dizer, surpreendeu a todos — principalmente a Morrel, que olhou Monte-Cristo com perplexidade. Mas ao mesmo tempo a entonação do conde havia sido tão doce, por assim dizer tão suave, que, por mais estranha que fosse a exclamação, seria impossível alguém zangar-se com ela.

— Por que ele duvidaria que o capitão o fosse? — perguntou Beauchamp a Château-Renaud.

— Na verdade — respondeu Château-Renaud, que, com a sua experiência da sociedade, com a perspicácia de seu olhar aristocrático, tentava penetrar os segredos de Monte-Cristo —, na verdade, Albert não nos enganou: o conde é um personagem singular... Que acha, Morrel?

— Palavra — disse Morrel —, ele tem um olhar franco e uma voz simpática, de forma que ele me agrada, apesar da bizarra reflexão que acaba de fazer a meu respeito.

— Senhores — disse Albert —, Germain me anuncia que estão servidos. Meu caro conde: permita-me mostrar-lhe o caminho.

Passaram em silêncio à sala de jantar. Cada um ocupou o seu lugar.

— Cavalheiros — disse o conde, sentando-se —, permitam-me uma confissão que será a minha desculpa por todos os inconvenientes que eu vier a cometer: eu sou estrangeiro, mas estrangeiro a tal ponto que é a primeira vez que venho a Paris. Assim, a vida francesa me é perfeitamente desconhecida; até o

presente, praticamente, só vivi a vida oriental: a mais contrária às boas tradições parisienses. Assim, peço-lhes que me desculpem se encontrarem em mim algo demasiadamente turco, árabe ou napolitano. Dito isso, meus senhores, almoçemos.

— Como ele diz tudo isso! — murmurou Beauchamp. — Realmente, é um grande senhor.

— Um grão-senhor estrangeiro — acrescentou Debray.

— Um grande senhor de todos os países, senhor Debray... — disse Château-Renaud.

Como lembramos, o conde era um conviva sóbrio. Albert fez essa observação, revelando o temor de que, desde o início, a vida parisiense desagradasse ao viajante pelo seu aspecto mais material, mas ao mesmo tempo mais necessário.

— Meu caro conde — disse Albert —, vê-me dominado por um temor: o de que a cozinha da rua do Helder não o agrade tanto quanto a cozinha da praça de Espanha, em Roma. Eu deveria ter lhe perguntado as suas preferências e ter mandado preparar alguns de seus pratos prediletos.

— Se me conhecesse melhor, cavalheiro — respondeu o conde, sorrindo —, não se preocuparia com cuidados quase humilhantes para um viajante como eu, que sobreviveu, sucessivamente, com *macaroni* em Nápoles, polenta em Milão, *olla podrida* em Valência, *pilau* em Constantinopla, *karrick* na Índia, ninhos de andorinha na China... Não existe cozinha para um cosmopolita como eu. Como de tudo, em toda parte; apenas como pouco; e hoje, enquanto censura a minha sobriedade, estou em meu dia de apetite, pois não como nada desde ontem de manhã.

— Como, desde ontem de manhã? — exclamaram os convidados. — Não come nada há vinte e quatro horas?

— Não — respondeu Monte-Cristo. — Eu tinha sido obrigado a me afastar de meu caminho e a pedir informações nos arredores de Nîmes, de modo que eu estava um pouco atrasado e não quis mais parar.

— E comeu em sua carruagem? — perguntou Morcerf.

— Não, eu dormi, como sempre me acontece quando me entedio sem ter coragem de me distrair, ou quando sinto fome sem

ter vontade de comer.

— Mas então o senhor controla o seu sono? — perguntou Morrel.

— Mais ou menos.

— Tem uma receita para isso?

— Infalível.

— Isto seria ótimo para nós, soldados na África, pois nem sempre temos o que comer e raramente temos o que beber — disse Morrel.

— É verdade — disse Monte-Cristo. — Infelizmente, a minha receita, excelente para um homem como eu, que leva uma vida muito incomum, seria perigosíssima se aplicada a todo um exército, que não despertaria quando fosse necessário.

— E pode-se saber qual é essa receita? — perguntou Debray.

— Oh, meu Deus, claro — disse Monte-Cristo. — Não faço segredo dela: é uma mistura de excelente ópio, que eu mesmo fui buscar em Cantão, para ter certeza de tê-lo puro, e do melhor haxixe que se colhe no Oriente, isto é, entre o rio Tigre e o Eufrates; juntam-se esses dois ingredientes em porções iguais e faz-se uma espécie de pílula que se engole quando necessário. O efeito começa em dez minutos. Pergunte ao senhor barão Franz d'Épinay; creio que um dia ele experimentou.

— É verdade — respondeu Morcerf —, ele me disse algumas palavras a respeito, chegou a guardar boas recordações...

— Mas — disse Beauchamp, que na sua qualidade de jornalista era muito incrédulo — sempre traz essa droga consigo?

— Sempre — respondeu Monte-Cristo.

— Seria indiscreto pedir-lhe para ver essas pílulas preciosas? — continuou Beauchamp, esperando apanhar o estrangeiro em contradição.

— Não, senhor — respondeu o conde; e tirou do bolso uma maravilhosa caixa de bombons esculpida em uma única esmeralda e fechada por um trinco de ouro que, abrindo-se no sentido anti-horário, dava passagem a uma bolinha esverdeada, do tamanho de uma ervilha. A bolinha tinha um cheiro acre e penetrante; havia quatro ou cinco iguais na esmeralda, que podia conter uma dúzia.

A caixa de bombons deu a volta à mesa, mas era mais para examinar aquela admirável esmeralda do que para ver ou cheirar as pílulas que os convidados a passavam de mão em mão.

— E é o seu cozinheiro que lhe prepara esse mimo? — perguntou Beauchamp.

— Não, senhor — disse Monte-Cristo —, não entrego assim os meus prazeres reais a mãos indignas. Sou um químico bastante bom: eu mesmo preparo as minhas pílulas.

— Que esmeralda admirável: é a maior que já vi, embora a minha mãe tenha algumas joias de família bastante notáveis — disse Château-Renaud.

— Eu tinha três como esta — disse Monte-Cristo. — Dei uma ao Grão-Senhor, que a mandou montar em seu sabre; outra a nosso Santo Padre, o papa, que mandou a incrustarem em sua tiara, ao lado de uma esmeralda quase igual, mas menos bela, que tinha sido dada a seu predecessor, Pio VII, pelo imperador Napoleão; guardei a terceira para mim e mandei lapidá-la, o que lhe tirou metade de seu valor, mas tornou-a mais apropriada ao destino que eu queria lhe dar.

Todos olhavam Monte-Cristo com surpresa; ele falava com tanta simplicidade que era evidente: ou estava falando a verdade, ou então estava louco — entretanto, a esmeralda em suas mãos levava todos a inclinarem-se naturalmente à primeira hipótese.

— E o que lhe deram esses dois soberanos em troca desse magnífico presente? — perguntou Debray.

— O Grão-Senhor concedeu-me a liberdade de uma mulher — respondeu o conde. — Nosso Santo Padre, o papa, concedeu-me a vida de um homem. De forma que uma vez em minha vida fui tão poderoso quanto se Deus me fizesse nascer nos degraus de um trono.

— E foi Peppino que o senhor libertou, não foi? — exclamou Morcerf. — Não foi nele que o senhor aplicou o seu direito de perdão?

— Talvez... — disse Monte-Cristo, sorrindo.

— Senhor conde, não faz ideia do prazer que sinto ao ouvi-lo falar assim! — disse Morcerf. — Eu já o havia anunciado a meus

amigos como um homem fabuloso, como um encantador das *Mil e uma noites*, como um feiticeiro da Idade Média... Mas os parisienses são pessoas de tal forma sutis em paradoxos que tomam por caprichos da imaginação as verdades mais incontestáveis, se essas verdades não se conformam a todas as condições de sua vida cotidiana. Por exemplo, aqui está Debray, que lê, e Beauchamp, que imprime, todos os dias, que assaltaram no bulevar um membro do Jockey-Club... Que assassinaram quatro pessoas na rua Saint-Denis, ou no subúrbio Saint-Germain... Que prenderam dez, quinze, vinte ladrões num café do bulevar do Templo ou nas Termas de Juliano... Mas eles contestam a existência dos bandidos dos Pântanos, dos campos de Roma ou das Lagunas Pontinas. Então, diga-lhes pessoalmente, por favor, senhor conde, que fui raptado por esses bandidos e que, não fosse a sua generosa intervenção, segundo todas as probabilidades, hoje eu estaria esperando a ressurreição eterna nos subterrâneos de São Sebastião, em vez de dar-lhes um almoço em minha indigna casinha da rua do Helder.

— Ora — disse Monte-Cristo —, você tinha me prometido nunca mais tocar nesse miserável assunto.

— Não fui eu que prometi, senhor conde — exclamou Morcerf —, foi algum outro a quem o senhor prestou o mesmo serviço, a quem o senhor deve ter confundido comigo... Aliás, muito pelo contrário, vamos tocar nesse assunto, por favor... Se o senhor resolver falar desse acontecimento, talvez não apenas me repita um pouco do que já sei, mas também diga muita coisa que ainda não sei.

— Mas parece-me — disse o conde, sorrindo — que você representou em todo esse caso um papel bastante importante para saber tão bem quanto eu o que aconteceu.

— Promete-me, se eu disser tudo o que sei — disse Morcerf —, dizer, por sua vez, tudo o que não sei?

— É muito justo — respondeu Monte-Cristo.

— Bem — continuou Morcerf —, mesmo que meu amor-próprio sofra com isso, durante três dias pensei ser o objeto dos mimos de uma moça mascarada que imaginei ser alguma descendente das

Túlias ou das Popeias, enquanto eu era pura e simplesmente o objeto dos mimos de uma aldeã; e notem que eu digo aldeã para não dizer camponesa. O que sei é que, como um tolo, mais tolo ainda do que aquele a que me referi há pouco, tomei por essa camponesa um jovem bandido de quinze ou dezesseis anos, de queixo imberbe e cintura fina, que, no momento em que me liberei para dar um beijo em seu casto ombro, colocou a pistola em minha garganta e, com a ajuda de sete ou oito companheiros, me conduziu, ou melhor, me arrastou para o fundo dos subterrâneos de São Sebastião, onde encontrei um chefe de bandidos muito letrado, palavra, lendo os *Comentários de César*, e que se dignou a interromper a sua leitura para dizer-me que, se no dia seguinte, às seis horas da manhã, eu não colocasse quatro mil escudos em sua caixa, no mesmo dia, às seis horas e um quarto, eu teria perfeitamente deixado de existir. A carta existe, encontra-se nas mãos de Franz, assinada por mim, com um post-scriptum do mestre Luigi Vampa. Se duvidarem, escrevo a Franz, que mandará autenticar as assinaturas. É isto o que sei. Agora, o que não sei, senhor conde, é como conseguiu impor tanto respeito aos bandidos de Roma, que respeitam tão poucas coisas. Confesso que Franz e eu ficamos admirados, maravilhados.

— Nada mais simples, cavalheiro — respondeu o conde. — Conheço o famoso Vampa há mais de dez anos. Quando ele ainda era um pastor muito jovem, um dia dei-lhe não sei que moeda de ouro, pois ele me indicara o meu caminho; então, para não me dever nada, ele me deu um punhal esculpido por ele mesmo: você deve ter visto esse punhal em minha coleção de armas. Mais tarde, esquecido dessa troca de pequenos presentes que deveria manter a amizade entre nós, ou por não ter me reconhecido, ele tentou me prender; mas fui eu, muito pelo contrário, que o apanhei, com uma dúzia de seus homens. Eu podia entregá-lo à justiça romana, que é sumária e seria ainda mais rápida em seu caso, mas não o fiz. Mandei-o embora, a ele e aos seus.

— Com a condição de não pecarem mais... — disse o jornalista, rindo. — Vejo com prazer que eles cumpriram sua palavra escrupulosamente.

— Não, senhor — respondeu Monte-Cristo. — Com a simples condição de sempre me respeitarem, a mim e aos meus. Talvez o que vou dizer lhes pareça estranho, a vocês senhores socialistas, progressistas, humanitários; mas nunca me preocupo com meu próximo, nunca tento proteger a sociedade que não me protege, e direi mesmo mais, que geralmente só se ocupa de mim para me prejudicar, e, suprimindo-os em minha estima e mantendo a neutralidade a seu respeito, é ainda a sociedade e o meu próximo que me devem retorno.

— Até que enfim! — exclamou Château-Renaud. — Eis o primeiro homem corajoso que ouço pregar lealmente e brutalmente o egoísmo: isto é muito belo! Bravo, senhor conde!

— Ao menos, é franco — disse Morrel. — Mas tenho certeza de que o senhor conde não se arrependeu por uma vez ter faltado aos princípios que, entretanto, ele acaba de nos expor de modo tão absoluto.

— Em que faltei a esses princípios, senhor Morrel? — perguntou Monte-Cristo, que de vez em quando não podia impedir-se de olhar Maximilien com tanta atenção que já por duas ou três vezes o valente jovem baixara os olhos ante o olhar claro e límpido do conde.

— Mas parece-me — disse Morrel — que ao libertar o senhor de Morcerf, que o senhor não conhecia, servia a seu próximo e à sociedade.

— Sociedade da qual ele é o mais belo ornamento — disse gravemente Beauchamp, esvaziando num só trago uma taça de vinho de Champagne.

— Senhor conde — exclamou Morcerf —, ei-lo tomado pelo raciocínio, o senhor, que é um dos lógicos mais rigorosos que conheço... E verá que logo lhe será claramente demonstrado que, longe de ser egoísta, o senhor é, ao contrário, um filantropo. Ah, senhor conde: diz-se oriental, levantino, malaio, hindu, chinês, selvagem... Chama-se Monte-Cristo, pelo nome de família, e Simbad, o Marujo, pelo nome de batismo, mas no mesmo dia em que coloca os pés em Paris mostra instintivamente o maior mérito

ou o maior defeito de nossos excêntricos parisienses: usurpa os vícios que não tem e esconde as virtudes que tem!

— Meu caro visconde — disse Monte-Cristo —, não vejo em tudo o que disse ou fiz uma única palavra que me valha, de sua parte e da parte desses senhores, o pretense elogio que acabo de receber. Para mim, você não era um estranho, pois eu o conhecia, pois havia lhe cedido dois quartos, pois tinha lhe dado um almoço, pois tinha lhe emprestado uma de minhas carruagens, pois tínhamos assistido juntos ao desfile de máscaras na rua do Corso, pois tínhamos assistido de uma janela da praça do Povo àquela execução que o impressionou tanto que quase passou mal. Ora, pergunto a todos esses senhores: poderia eu deixar o meu hóspede nas mãos daqueles terríveis bandidos, como vocês os chamam? Aliás, como sabe, ao salvá-lo eu tinha outras intenções: servir-me do senhor para introduzir-me nos salões de Paris, quando viesse a visitar a França. Por algum tempo, pôde considerar essa intenção como um projeto vago e fugaz; mas hoje, como vê, é uma bela e clara realidade que deve aceitar, ou faltaria à sua palavra.

— Vou cumprir a minha palavra — disse Morcerf. — Mas temo o seu desencanto, meu caro conde: o senhor, tão acostumado aos lugares acidentados, aos acontecimentos pitorescos, aos fantásticos horizontes... Entre nós não acontece nada do gênero a que sua vida aventureira o acostumou. O nosso Chimborazo é Montmartre; o nosso Himalaia é o monte Valérien; o nosso Grande Deserto é a planície de Grenelle, onde estão perfurando um poço artesiano para que as caravanas disponham de água. Nós temos ladrões, muitos mesmo, embora não tanto quanto se diz, mas esses ladrões temem infinitamente mais o menor policial do que o maior senhor; enfim, a França é um país tão prosaico, Paris é uma cidade tão civilizada, que não encontrará, procurando em nossos oitenta e cinco departamentos... eu digo oitenta e cinco departamentos, pois naturalmente não incluo a Córsega na França... não encontrará em nossos oitenta e cinco departamentos a menor montanha onde não haja um telégrafo, a menor caverna um tanto escura onde um comissário de polícia não tenha mandado colocar um bico de gás. Assim, só há um serviço que posso lhe prestar, meu caro conde, e,

para tanto, coloco-me à sua disposição: apresentá-lo em toda parte, ou fazê-lo ser apresentado pelos meus amigos, naturalmente. Aliás, não precisa de ninguém para isso; com o seu nome, a sua fortuna e o seu espírito (Monte-Cristo inclinou-se, com leve sorriso irônico), um homem apresenta-se em toda parte por si mesmo, é bem recebido em toda parte. Portanto, na verdade, só posso lhe ser útil para uma coisa: se alguma familiaridade com a vida parisiense, alguma experiência do conforto ou algum conhecimento de nossos bazares puderem me recomendar ao senhor, coloco-me à sua inteira disposição para encontrar-lhe uma casa conveniente. Não ousou propor-lhe partilhar os meus aposentos, como partilhei os seus em Roma, eu que não professo a doutrina do egoísmo, mas que sou egoísta por excelência; pois em minha casa, exceto eu, não moraria uma sombra, a não ser que fosse a sombra de uma mulher.

— Ah — exclamou o conde —, eis uma exceção bem conjugal. De fato, em Roma o senhor me disse algumas palavras sobre planos de casamento... Devo felicitá-lo pela sua felicidade próxima?

— O caso ainda anda em estado de projeto, senhor conde.

— E quem diz projeto — disse Debray — quer dizer eventualidade.

— Não! — exclamou Morcerf. — O meu pai faz questão, e em pouco tempo espero apresentar-lhe, se não a minha mulher, ao menos a minha futura: a senhorita Eugénie Danglars.

— Eugénie Danglars?! — repetiu Monte-Cristo. — Então espere... O pai dela não é o barão Danglars?

— Sim — respondeu Morcerf. — Mas barão da nova safra...

— Ora, que importa? — disse Monte-Cristo. — Se ele prestou ao Estado serviços que lhe valeram essa distinção...

— Enormes serviços... — disse Beauchamp. — Embora liberal na alma, em 1829 ele completou um empréstimo de seis milhões para o rei Carlos X, que, juro, tornou-o barão e cavaleiro da Legião de Honra, de forma que ele usa a fita não no bolso do colete, como poderíamos imaginar, mas ostenta-a na lapela da casaca.

— Ah — disse Morcerf, rindo —, Beauchamp! Beauchamp: guarde isso para o *Corsário* e o *Charivari*... Mas na minha presença poupe o meu futuro sogro.

Então, voltando-se para Monte-Cristo, disse: — Mas há pouco o senhor pronunciou o nome dele como alguém que já conhecia o barão...

— Eu não o conheço — disse Monte-Cristo, com indiferença. — Mas provavelmente não tardarei a conhecê-lo, pois tenho um crédito aberto a ele pelas casas Richard e Blount, de Londres, Arstein e Eskeles, de Viena, e Thomson e French, de Roma.

E, ao pronunciar esses dois últimos nomes, Monte-Cristo olhou Maximilien Morrel com o canto do olho.

Se o estrangeiro pretendia impressionar Maximilien Morrel, foi bem sucedido: Maximilien estremeceu, como se tivesse levado um choque elétrico.

— Thomson e French — disse Maximilien —, conhece essa casa, senhor conde?

— São os meus banqueiros na capital do mundo cristão — respondeu tranquilamente o conde. — Posso lhe ser útil em algo junto a eles?

— Oh, senhor conde, talvez possa ajudar-nos em investigações até agora infrutíferas... Há tempos, essa casa fez um grande favor à nossa casa, mas, não sei por que, sempre negou ter-nos feito esse favor.

— Às suas ordens, senhor — respondeu Monte-Cristo, inclinando-se.

— Mas — disse Morcerf —, ao falarmos sobre o senhor Danglars, nós nos afastamos bastante de nosso assunto. Falávamos em encontrar aposentos adequados ao conde de Monte-Cristo; então, vamos, senhores, unamo-nos em busca de uma ideia: onde abrigaremos este novo hóspede da grande Paris?

— No subúrbio Saint-Germain — disse Château-Renaud. — Lá o conde encontrará um encantador palacete com um pátio e um jardim.

— Bah, Château-Renaud — disse Debray —, você só conhece o seu triste e enfadonho subúrbio Saint-Germain... Não o ouça, senhor conde: hospede-se na Chaussée d'Antin: eis o verdadeiro centro de Paris.

— No Bulevar da Ópera! — exclamou Beauchamp. — No primeiro andar de uma casa com varanda. Para lá o senhor conde mandará levar almofadas de tecido prata, e verá, fumando o seu chibouque ou engolindo as suas pílulas, toda a capital a desfilar diante de seus olhos.

— E você não sugere nada, Morrel? — perguntou Château-Renaud. — Não teve nenhuma ideia?

— Tive, sim — disse o jovem capitão, sorrindo. — Pelo contrário, tive uma ideia, mas esperava o conde deixar-se seduzir por uma das brilhantes ofertas que acabaram de lhe fazer. Agora, como ele não se pronunciou, imagino poder ofertar-lhe um apartamento num palacete encantador, bem Pompadour, alugado há um ano, na rua Meslay, pela minha irmã...

— Você tem uma irmã? — perguntou Monte-Cristo.

— Sim, senhor... Uma ótima irmã.

— Casada?

— Há quase nove anos.

— Feliz? — perguntou novamente o conde.

— Tão feliz quanto uma criatura humana pode sê-lo. — respondeu Maximilien. — Ela casou-se com o homem que ela amava, com o homem que nos permaneceu fiel quando estávamos à beira da miséria: Emmanuel Herbaut.²

Monte-Cristo sorriu imperceptivelmente.

— Estou morando lá durante este semestre — continuou Maximilien — e, como o meu cunhado Emmanuel, estarei à disposição do senhor conde para todas as informações que lhe forem necessárias.

— Um momento — exclamou Albert, antes que Monte-Cristo tivesse tempo de responder. — Tome cuidado com o que faz, senhor Morrel: vai enclausurar um viajante, Simbad, o Marujo, na vida de família... Vai condenar a patriarca um homem que veio para ver Paris.

— Oh, não — respondeu Morrel sorrindo —, a minha irmã tem vinte e cinco anos, o meu cunhado tem trinta; eles são jovens,

alegres e felizes; aliás, o senhor conde se sentirá em casa, só verá os seus anfitriões quando quiser descer à sala deles.

— Obrigado, senhor, obrigado — disse Monte-Cristo —, vou contentar-me em ser apresentado por você à sua irmã e a seu cunhado, se quiser dar-me essa honra; mas não aceito a oferta de nenhum dos senhores, pois já tenho a minha própria casa pronta e montada.

— Como assim? — exclamou Morcerf. — Então vai se hospedar num hotel? Seria muito incômodo para o senhor.

— Mas então eu estava incômodo em Roma? — perguntou Monte-Cristo.

— Nossa, em Roma — disse Morcerf —, o senhor gastou cinquenta mil piastras para mandar mobiliar um apartamento, mas presumo que não esteja disposto a ter tanta despesa todos os dias.

— Não foi isso que me impediu — respondeu Monte-Cristo. — É que eu tinha decidido ter uma casa em Paris: uma casa minha, claro. Mande o meu criado vir na frente: ele já deve ter comprado essa casa e mandado mobiliá-la.

— Mas não me diga que tem um criado que conhece Paris... — exclamou Beauchamp.

— É a primeira vez que ele vem à França, assim como eu; ele é negro e não fala — disse Monte-Cristo.

— Então, é Ali? — perguntou Albert, em meio à surpresa geral.

— Sim, senhor... É Ali em pessoa: o meu núbio, o meu mudo, que você viu em Roma, suponho.

— Sim, certamente — respondeu Morcerf —, lembro-me dele perfeitamente. Mas como o senhor encarregou um núbio de comprar-lhe uma casa em Paris, e um mudo de mobiliá-la? O pobre infeliz deve ter feito tudo errado.

— Engana-se, senhor... Ao contrário: estou certo de que ele deve ter escolhido tudo de acordo com o meu gosto; como sabe, o meu gosto não é igual ao de todo o mundo. Ele chegou há uma semana; deve ter corrido toda a cidade com o instinto de um bom cão a caçar sozinho; ele conhece os meus caprichos, as minhas fantasias, as minhas necessidades: deve ter organizado tudo do meu jeito. Ele sabia que eu chegaria hoje às dez da manhã; às

nove, já estava me esperando na barreira de Fontainebleau; entregou-me este papel; é o meu novo endereço: pegue, leia. — E Monte-Cristo passou uma folha a Albert.

— Campos Elíseos, 30 — leu Morcerf.

— Ah, isto é realmente original! — não pôde impedir-se de exclamar Beauchamp.

— E muito principesco... — acrescentou Château-Renaud.

— Como! Não conhece a sua casa? — perguntou Debray.

— Não... — disse Monte-Cristo. — Como lhe disse, eu não queria me atrasar. Vestime em minha carruagem e desci à porta do visconde.

Os jovens entreolharam-se: não sabiam se tudo era uma comédia representada por Monte-Cristo, mas o que saía da boca desse homem tinha, apesar de sua originalidade, tanta simplicidade que era impossível supor que ele estivesse mentindo. Aliás, por que mentiria?

— Então — disse Beauchamp —, teremos de nos contentar em prestar ao senhor conde todos os pequenos serviços que estiverem ao nosso alcance... Como jornalista, vou abrir-lhe todos os teatros de Paris.

— Agradeço, senhor — disse Monte-Cristo, sorrindo. — Mas o meu intendente já tem ordens de alugar-me um camarote em cada teatro.

— E o seu intendente também é núbio, também é mudo? — perguntou Debray.

— Não, senhor... É simplesmente um compatriota de vocês, se é que um corso pode ser compatriota de alguém. Mas você o conhece, senhor de Morcerf.

— Seria por acaso o bravo *signor* Bertuccio, que em Roma se saiu tão bem alugando as janelas?

— Justamente: viu-o em meus aposentos, no dia em que tive a honra de recebê-lo para almoçar. É um bravo homem muito bom, foi um pouco soldado, um pouco contrabandista, um pouco de tudo o que é possível ser, enfim. Eu sequer juraria que ele não tenha algum problema com a polícia, por causa de uma ninharia, uma punhalada, talvez.

— E escolheu esse honesto cidadão do mundo para ser o seu intendente, senhor conde? — perguntou Debray. — Quanto ele lhe rouba por ano?

— Bem, palavra de honra — disse o conde —, não mais do que outro qualquer, tenho certeza... Mas cuida de meus negócios, não conhece o impossível, e eu o mantenho.

— Então — disse Château-Renaud —, está com a sua casa montada, tem um palácio nos Campos Elíseos, criados, intendente... Só lhe falta uma amante.

Albert sorriu: lembrou-se da bela grega que vira em Roma, no camarote do conde, no teatro Valle e no teatro Argentina.

— Tenho mais do que isso — disse Monte-Cristo. — Tenho uma escrava; vocês alugam as suas amantes no teatro da Ópera, no teatro do Vaudeville, no teatro das Variedades; eu comprei a minha em Constantinopla; isto me custou mais caro, mas a esse respeito já não preciso mais me preocupar com nada.

— Mas o senhor se esquece — disse Debray, rindo — de que nós somos, como disse o rei Carlos, francos no nome e francos na natureza? De que, ao colocar os pés na terra da França, a sua escrava se tornou livre?

— Quem dirá isto a ela? — perguntou Monte-Cristo.

— Mas, ora, o primeiro que aparecer.

— Ela só fala grego.

— Então é diferente.

— Mas ao menos nós a veremos? — perguntou Beauchamp. — Ou, além de ter um mudo, também tem eunucos?

— Juro que não tenho — disse Monte-Cristo. — Não levo o orientalismo a esse extremo: todos os que me cercam são livres para me deixar, e ao me deixar não precisarão mais de mim, nem de ninguém; talvez por isso não me deixem.

Havia muito tempo tinham passado à sobremesa e aos charutos.

— Meu caro — disse Debray, erguendo-se —, são duas e meia da tarde, o seu convidado é encantador, mas não há boa companhia que não se deixe, às vezes até mesmo trocando-a pela má companhia: preciso voltar ao meu ministério. Falarei sobre o conde ao ministro, precisamos saber quem é ele.

— Cuidado — disse Morcerf —, os mais espertos já desistiram disso.

— Ora, temos três milhões para a nossa polícia, é verdade que eles são quase sempre gastos antes... Mas não importa: sempre há de restar uns cinquenta mil francos para gastar nisso.

— E, quando souber quem é ele, você me dirá?

— Prometo-lhe. Até a vista, Albert... Senhores, seu humilde criado...

E, ao sair, Debray gritou bem alto, no vestíbulo: — Adiante!

— Bom — disse Beauchamp a Albert —, não irei à Câmara, mas tenho a oferecer a meus leitores algo melhor do que um discurso do senhor Danglars...

— Por favor, Beauchamp — disse Morcerf —, nem uma palavra, suplico-lhe... Não me tire o mérito de apresentá-lo e explicá-lo. E ele não é bastante interessante?

— Ele é melhor do que isso — respondeu Château-Renaud. — Realmente, é um dos homens mais extraordinários que já vi em toda a minha vida. Você vem, Morrel?

— Só o tempo de dar o meu cartão ao conde, que bem me quer prometer fazer-nos uma pequena visita à rua Meslay, número 14.

— Esteja certo: não deixarei de ir, senhor Morrel — disse o conde, curvando-se.

E Maximilien Morrel saiu com o barão de Château-Renaud, deixando Monte-Cristo sozinho com Morcerf.

XLII. A APRESENTAÇÃO

Ao se ver a sós com Monte-Cristo, Albert lhe disse: — Senhor conde: permita-me iniciar a minha missão de cicerone mostrando-lhe o exemplo de um apartamento de solteiro. Acostumado aos palácios da Itália, para o senhor será um bom estudo calcular em quantos pés quadrados pode viver um jovem parisiense que não leva a fama de ser o pior alojado. À medida que passarmos de uma peça a outra, abriremos as janelas para o senhor respirar.

Monte-Cristo já conhecia a sala de jantar e o salão do térreo. Albert levou-o primeiro a seu ateliê; como lembramos, era a sua peça predileta.

Monte-Cristo era um digno apreciador de todos os objetos que Albert acumulara naquela peça: velhos baús, porcelanas japonesas, tecidos do Oriente, vidros de Veneza, armas de todos os países do mundo — tudo lhe era familiar e ao primeiro olhar ele reconhecia o século, o país e a origem. Morcerf imaginara ser o explicador, mas, ao contrário, era ele quem fazia, sob a orientação do conde, um curso de arqueologia, de mineralogia e de história natural. Desceram ao térreo. Albert introduziu o seu hóspede no salão. Esse salão era forrado de obras dos pintores modernos; havia paisagens de Dupré, com canas compridas, árvores altas, vacas mugindo e céus maravilhosos; havia cavaleiros árabes de Delacroix — com seus longos mantos brancos, cinturões brilhantes, armas com fios de ouro — montados em cavalos que se mordiam com fúria, enquanto os homens se dilaceravam com maças de ferro; aquarelas de Boulanger, ilustrando todo o *Nossa Senhora de Paris*³ com aquele vigor que leva o pintor a rivalizar com o poeta; havia telas de Diaz, que faz as flores mais belas do que as flores, o sol mais brilhante do que o sol; desenhos de Decamps, tão coloridos quanto os de Salvator Rosa, entretanto mais poéticos; pastéis de Giraud e de Müller, figurando crianças com cabeças de anjo, mulheres com traços de virgem; esboços arrancados ao álbum da viagem ao Oriente de Dauzats, rabiscados em alguns segundos sobre a sela de um camelo ou sob a cúpula de uma mesquita; enfim, tudo o que a arte moderna pode oferecer em troca e em compensação pela arte perdida e desaparecida com os séculos precedentes.

Ao menos dessa vez, Albert esperava mostrar algo novo ao estranho viajante; mas, para sua grande surpresa, o viajante, sem precisar procurar as assinaturas — algumas, aliás, limitadas a iniciais —, atribuía instantaneamente o nome de cada autor à sua obra, de forma que era fácil ver: não apenas ele conhecia cada um daqueles nomes, mas também apreciara e estudara cada um daqueles talentos.

Do salão, passaram ao quarto de dormir. Era um modelo de elegância e, ao mesmo tempo, de gosto severo: ali, um único retrato, mas assinado por Léopold Robert, resplandecia em sua moldura de ouro pálido.

Esse retrato logo atraiu o olhar do conde de Monte-Cristo: ele deu três rápidos passos pelo quarto e parou subitamente diante dele.

Era o retrato de uma jovem de vinte e cinco ou vinte e seis anos, de pele morena, olhar de fogo, velado pelas pálpebras lânguidas; ela usava o traje pitoresco das pescadoras catalãs, com o seu corpete vermelho e negro, as suas agulhas de ouro espetadas nos cabelos; ela olhava o mar e a sua silhueta elegante destacava-se sobre o duplo azul das ondas e do céu.

O quarto estava escuro — não fosse isso, Albert poderia ver a palidez lívida a espalhar-se pelas faces do conde, surpreender o estremecimento nervoso a percorrer-lhe os ombros e o peito.

Fez-se um momento de silêncio: Monte-Cristo permanecia com o olhar obstinadamente fixo naquela pintura.

— Você tem aqui uma bela amante, visconde — disse Monte-Cristo com voz perfeitamente calma. — E esse traje, traje de baile certamente, cai-lhe maravilhosamente.

— Ah, senhor — disse Albert —, esse é um equívoco que eu não lhe perdoaria, se, ao lado desse retrato, tivesse visto algum outro. O senhor não conhece a minha mãe; é ela que vê neste quadro; ela mandou pintar esse retrato há seis ou oito anos. Esse é um traje à fantasia, parece, e a semelhança é tanta que ainda creio ver a minha mãe bem como ela era em 1830. A condessa mandou fazer esse retrato durante uma viagem do conde de Morcerf. Sem dúvida a sua intenção era fazer-lhe uma agradável surpresa quando ele voltasse; mas, estranhamente, esse retrato desagradou a meu pai; e nem o valor da pintura, que, como pode ver, é uma das mais belas telas de Léopold Robert, conseguiu demovê-lo da antipatia que lhe tomou. A bem da verdade, cá entre nós, meu caro conde, o senhor de Morcerf é um dos pares mais assíduos no Luxemburgo, é um general famoso pela teoria, mas a sua admiração às artes é das mais medíocres; o mesmo não acontece à minha mãe, que pinta de

forma notável; estimando muito essa obra para poder dela separar-se para sempre, ela deu-a a mim, para que em meu quarto ela ficasse menos exposta ao desagrado do senhor de Morcerf, cujo retrato pintado por Gros hei de mostrar-lhe. Perdoe-me se lhe falo assim tão intimamente de minha família; mas, como terei a honra de apresentá-lo ao conde de Morcerf, digo-lhe tudo isso para que não lhe aconteça de elogiar esse retrato na frente dele. Além do mais, o quadro tem triste influência: raramente a minha mãe vem aqui sem olhar esse retrato, e mais raramente ainda o olha sem chorar. A nuvem provocada pelo aparecimento dessa pintura no palácio foi, aliás, a única que se formou entre o conde e a condessa: apesar de casados há mais de vinte anos, eles ainda são tão unidos quanto no primeiro dia.

Monte-Cristo lançou rápido olhar a Albert, como se procurasse segundas intenções em suas palavras; mas era evidente que o jovem as pronunciara com toda a simplicidade de sua alma.

— Agora — continuou Albert —, já viu todas as minhas riquezas, senhor conde: permita-me oferecê-las ao senhor, por mais indignas que elas sejam... Sinta-se em casa e, para ficar mais à vontade ainda, queira me acompanhar até ao senhor de Morcerf, a quem escrevi de Roma contando o favor que me prestou, a quem falei da visita que me prometera, e, posso lhe dizer, o conde e a condessa esperavam impacientemente que lhes fosse permitido agradecer-lhe. Bem sei que não liga para essas coisas, senhor conde, e que as cenas de família não impressionam muito a Simbad, o Marujo: já viu tantas outras cenas! Entretanto, aceite o que lhe proponho como iniciação à vida parisiense: vida de polidez, visitas e apresentações.

Monte-Cristo inclinou-se sem responder; aceitava a proposta sem entusiasmo e sem queixas, como uma das conveniências sociais que todo homem educado aceita como um dever. Albert chamou o seu camareiro e ordenou-lhe que fosse informar o senhor e a senhora de Morcerf da chegada iminente do conde de Monte-Cristo.

Albert seguiu-o, à frente do conde.

Ao chegarem ao vestíbulo do conde de Morcerf, via-se, acima da porta de entrada do salão, um escudo — o seu rico adorno, em

harmonia com a decoração da salinha, mostrava a importância que o dono do palácio dava ao brasão.

Monte-Cristo parou ante o brasão, examinando-o atentamente.

— Azul, com sete aves de ouro pousadas em bando. É, certamente, o escudo de sua família, senhor? — perguntou Monte-Cristo. — Embora eu conheça os componentes do brasão, o que me permite decifrá-lo, sou bastante ignorante em matéria heráldica, eu, conde por acaso, fabricado pela Toscana, com a ajuda de uma comenda de Santo Estêvão, e teria evitado bancar o grande senhor se não me repetissem que, quando se viaja muito, esse título vem a ser absolutamente necessário. Afinal, ao menos para que os fiscais não nos assediem, é preciso ter alguma coisa pintada nas laterais de nossa carruagem. Então me desculpe fazer-lhe tal pergunta.

— A pergunta não é de forma alguma indiscreta, senhor... — disse Morcerf, com a simplicidade da convicção —, e adivinhou muito bem: são as nossas armas, isto é, as armas do ancestral de meu pai... Mas, como vê, elas se fundem a outro escudo, de um vermelho com torre de prata, do ancestral de minha mãe; pelas mulheres, sou espanhol, mas a casa de Morcerf é francesa, e, pelo que ouvi dizer, é até mesmo uma das casas mais antigas do sul da França.

— Sim — disse Monte-Cristo —, é o que estas aves indicam. Quase todos os peregrinos armados que tentaram, ou fizeram, a conquista da Terra Santa usaram como armas cruces, sinal da missão a que se votaram, ou aves migrantes, símbolo da longa viagem que iam empreender e que esperavam concluir nas asas da fé. Um de seus ancestrais paternos devia estar presente em alguma de suas Cruzadas e, supondo que seja apenas a de São Luís, isso já o remonta ao século XIII, o que já é muito bonito.

— É possível — disse Morcerf. — Há em algum lugar, no gabinete de meu pai, uma árvore genealógica que nos esclarecerá... Sobre essa árvore, há muito tempo, teci comentários que seriam muito edificantes para d’Hozier e Jaucourt. Agora já não penso mais nisso; e eu lhe direi no entanto, senhor conde, em virtude de minhas atribuições de cicerone, que as pessoas

começam a se interessar muito por essas coisas sob o nosso governo popular.

— Bem, então o seu governo deveria ter escolhido em seu passado algo melhor do que os dois cartazes que notei em seus monumentos e que não têm nenhum senso heráldico. Quanto ao senhor, visconde — continuou Monte-Cristo, voltando-se para Morcerf —, é mais feliz do que o seu governo, pois as suas armas são realmente belas e falam à imaginação. Sim, é bem isto: você é ao mesmo tempo de Provença e da Espanha; é o que explica, se o retrato que me mostrou é fiel, a bela cor morena que eu tanto admirava nas faces da nobre catalã.

Seria preciso ser Édipo, ou a própria Esfinge, para adivinhar a ironia que o conde aplicou a essas palavras, aparentemente sublinhadas pela maior polidez; assim, Morcerf agradeceu-lhe com um sorriso e, passando à frente para indicar-lhe o caminho, empurrou a porta que se abria sob as armas de seu brasão e que, como dissemos, permitia entrar no salão.

No lugar mais visível dessa grande sala também se via um retrato: o de um homem com idade entre trinta e cinco e trinta e oito anos, vestido com um uniforme de general, com a dupla dragona em espiral — sinal das patentes superiores —, a fita da Legião de Honra no pescoço — o que assinalava que ele era comendador — e no peito, à direita, a medalha de grão-oficial da Ordem do Salvador e, à esquerda, a medalha da grã-cruz de Carlos III — o que indicava que a pessoa representada no retrato devia ter participado das guerras da Grécia e da Espanha, ou, o que dá absolutamente no mesmo em matéria de condecorações, ter desempenhado alguma missão diplomática nesses dois países.

Monte-Cristo estava ocupado a analisar esse retrato, com não menos atenção do que dera ao retrato da mulher, quando se abriu uma porta ao lado e ele viu-se diante do conde de Morcerf em pessoa.

Esse era um homem com idade entre quarenta e quarenta e cinco anos, mas parecia ter ao menos cinquenta; o bigode e as sobrancelhas negras contrastavam estranhamente com os cabelos quase brancos, cortados bem curtos, no estilo militar; estava vestido

à paisana e levava uma fita na lapela: os diversos galões evocavam as diversas ordens com que fora condecorado. Esse homem entrou com passo bastante nobre e com uma espécie de pressa. Sem dar um só passo, Monte-Cristo assistiu-o vir a seu encontro; parecia que os seus pés estavam pregados ao chão, enquanto os seus olhos estavam pregados ao rosto do conde de Morcerf.

— Papai — disse o jovem —, tenho a imensa honra de apresentar-lhe o senhor conde de Monte-Cristo, aquele generoso amigo que tive a sorte de encontrar nas circunstâncias difíceis que lhe contei.

— Senhor, seja bem-vindo entre nós — disse o conde de Morcerf, cumprimentando o conde de Monte-Cristo, com um sorriso —, prestou à nossa casa, conservando-lhe o seu único herdeiro, um serviço que solicita eternamente a nossa gratidão.

E, ao dizer essas palavras, o conde de Morcerf apontou uma poltrona a Monte-Cristo, enquanto ele mesmo sentava-se diante da janela.

Sentando-se na poltrona apontada pelo conde de Morcerf, Monte-Cristo acomodou-se de modo que ficasse escondido pela sombra das grandes cortinas de veludo e pudesse ler nos traços do conde — marcados pela fadiga e pela preocupação — toda uma história de sofrimentos secretos escritos em cada uma das rugas desenhadas antes do tempo.

— A senhora condessa estava se vestindo — disse o conde de Morcerf — quando o visconde mandou avisá-la da visita que teria a alegria de receber... Ela já vai descer: em dez minutos estará no salão.

— É muita honra para mim — disse Monte-Cristo —, logo no dia de minha chegada a Paris, travar relações com um homem de mérito igual à sua reputação, a quem a merecida fortuna não foi injusta... Mas não terá ela ainda, nas planícies da Mitidja ou nas montanhas do Atlas, um bastão de marechal a oferecer-lhe?

— Oh — replicou Morcerf, enrubescendo um pouco —, já me reformei, senhor. Nomeado par durante a Restauração, eu estava presente na primeira campanha, servindo sob as ordens do marechal de Bourmont... Assim, eu poderia aspirar a um comando

superior; quem sabe o que teria acontecido se o ramo primogênito tivesse permanecido no trono! Mas a revolução de Julho de 1830 era, ao que parece, gloriosa o bastante para permitir-se ser ingrata; e foi ingrata a todo serviço militar que não datava do período napoleônico; assim, entreguei a minha demissão, pois quando conquistamos as nossas patentes nos campos de batalha já quase não sabemos manobrar no terreno escorregadio dos salões... Assim, larguei a espada, lancei-me à política, dedico-me à indústria, estudo as artes úteis. Durante os vinte anos de serviço militar, tinha vontade de fazê-lo, mas não tinha tempo.

— São ideias como essas que mantêm a superioridade de sua nação sobre os demais países, senhor — respondeu Monte-Cristo. — Fidalgo nascido em grande casa, dono de uma bela fortuna, no início o senhor aceitou ganhar as suas primeiras patentes como soldado desconhecido, o que é bem raro... A seguir, como general, par de França, comendador da Legião de Honra, aceitou começar um novo aprendizado, sem outra esperança, sem outra recompensa além de vir a ser um dia útil a seus semelhantes... Ah, senhor: isso é realmente belo; e digo mais: isso é sublime.

Albert via e ouvia Monte-Cristo com surpresa; não estava acostumado a vê-lo elevar-se a palavras tão entusiásticas.

— Ai — continuou o estrangeiro, certamente para dissipar a imperceptível nuvem que as suas palavras provocavam nas feições de Morcerf —, não fazemos o mesmo na Itália... Crescemos segundo a nossa raça e a nossa espécie, conservamos a mesma folhagem, o mesmo tamanho e, muitas vezes, a mesma inutilidade por toda a nossa vida.

— Mas, cavalheiro — respondeu o conde de Morcerf —, para um homem com o seu mérito, a Itália não é uma pátria, e a França estende-lhe os seus braços; responda a este apelo: a França talvez não seja ingrata com todo o mundo; ela trata mal os seus filhos, mas costuma acolher com grandeza os estrangeiros.

— Ah, papai — disse Albert, sorrindo —, bem se vê que você não conhece o conde de Monte-Cristo. Os seus prazeres estão além deste mundo; ele não aspira a honras: só aceita as honras que cabem em um passaporte.

— Essa é a expressão mais justa que já ouvi a meu respeito — respondeu o estrangeiro.

— Soube ser o senhor de seu próprio futuro — disse o conde de Morcerf, suspirando — e escolher o caminho das flores.

— Exato, cavalheiro — replicou Monte-Cristo, com um daqueles sorrisos que um pintor nunca poderia reproduzir e um fisiologista desistiria de analisar.

— Se eu não temesse fatigar o conde — disse o general, evidentemente encantado com as maneiras de Monte-Cristo —, eu o levaria à Câmara... Hoje haverá uma sessão curiosa para quem não conhece os nossos senadores modernos.

— Eu lhe seria eternamente grato, senhor, se quisesse renovar esse convite em outra ocasião; mas hoje lisonjeia-me a esperança de ser apresentado à senhora condessa... Vou esperar.

— Ah, ali está a minha mãe! — exclamou o visconde.

De fato, voltando-se rapidamente, Monte-Cristo viu a senhora de Morcerf à entrada do salão, no limiar da porta oposta àquela por onde entrara o seu marido: quando Monte-Cristo virou-se para ela, a condessa, imóvel e pálida, deixou cair o seu braço que, não se sabe por que, apoiara-se ao umbral dourado; ela já estava ali havia alguns segundos e ouvira as últimas palavras pronunciadas pelo visitante de além-montanhas.

O visitante levantou-se e cumprimentou profundamente a condessa, que também se inclinou, muda e cerimoniosa.

— Ai, meu Deus, senhora — perguntou o conde de Morcerf —, o que você tem? Será que por acaso o calor deste salão lhe faz mal?

— Está doente, mamãe? — exclamou o visconde, correndo ao encontro de Mercedes.

Ela agradeceu a ambos com um sorriso.

— Não — disse Mercedes —, mas senti certa emoção ao ver pela primeira vez o homem que nos salvou das lágrimas e do luto. Cavalheiro — continuou a condessa, avançando com a majestade de uma rainha —, devo-lhe a vida de meu filho: por essa boa ação, eu o abençoo. Agora, sou-lhe grata pelo prazer que me proporciona ao dar-me a oportunidade de agradecer-lhe assim como o abençoei, ou seja, do fundo do coração.

O conde de Monte-Cristo inclinou-se mais uma vez, mais profundamente do que da primeira vez; estava ainda mais pálido do que Mercedes.

— Senhora — disse ele —, o senhor conde e a condessa recompensam-me com demasiada generosidade um gesto muito simples. Salvar um homem, poupar o tormento de um pai, poupar a sensibilidade de uma mulher, não é de forma alguma uma boa ação: é apenas um ato de humanidade.

A essas palavras, pronunciadas com extraordinária delicadeza e polidez, a senhora de Morcerf respondeu em tom comovido: — Cavalheiro, que sorte o meu filho tê-lo como amigo... Dou graças a Deus por ter providenciado essa amizade.

E Mercedes ergueu os seus belos olhos aos céus com uma gratidão tão infinita que o conde acreditou ver brotarem-lhe duas lágrimas.

O conde de Morcerf aproximou-se dela.

— Senhora — disse ele —, já pedi as minhas desculpas ao senhor conde por ser obrigado a deixá-lo: você há de renovar o meu pedido, imploro-lhe. A seção na Câmara começa às duas horas: já são três horas, e vou ter de discursar.

— Vá, meu senhor: eu me encarregarei de fazer o nosso hóspede esquecer-se de sua ausência — disse a condessa no mesmo tom sensível. — Senhor conde — continuou ela, virando-se para Monte-Cristo —, pode nos dar o prazer de passar o resto do dia conosco?

— Obrigado, senhora, agradeço; estou maravilhosamente encantado com o convite; mas cheguei de viagem hoje de manhã e desci da carruagem bem aqui em sua porta. De que modo me encontro instalado em Paris, ignoro... Onde estou instalado, mal o sei: o que vem a ser uma preocupação muito branda, bem o sei, mas entretanto importante.

— Teremos este prazer ao menos outra vez, promete? — perguntou a condessa.

Monte-Cristo inclinou-se sem responder, mas o seu gesto podia passar por consentimento.

— Então, já não o retenho mais, cavalheiro — disse a condessa —, pois não desejo que o meu reconhecimento torne-se uma indiscrição ou uma inconveniência.

— Meu caro conde — disse Albert —, se bem quiser, tentarei retribuir-lhe em Paris a sua graciosa cortesia em Roma e colocar a minha carruagem à sua disposição, até que tenha tempo de preparar os seus próprios carros.

— Mil vezes obrigado pela sua gentileza, visconde — disse Monte-Cristo —, mas imagino que o senhor Bertuccio tenha empregado convenientemente as quatro horas e meia que acabo de lhe conceder e que encontrarei à porta alguma carruagem já atrelada.

Albert já estava acostumado a essas maneiras do conde; sabia que ele era como Nero, em busca do impossível, e nada mais o surpreendia — mas queria julgar por si mesmo de que maneira as ordens do conde tinham sido cumpridas: acompanhou-o até o portão do palácio.

Monte-Cristo não se enganara: assim que ele apareceu no vestíbulo do conde de Morcerf, um valete — o mesmo que em Roma entregara a carta do conde aos dois jovens e anunciara-lhes a sua visita — correrá para fora do peristilo, de maneira que ao chegar à escadaria o ilustre viajante realmente encontrou a sua carruagem a esperá-lo.

Era um cupê saído das oficinas de Keller e uma parelha pela qual Drake recusara, ainda na véspera, dezoito mil francos, como sabiam todos os leões de Paris.

— Cavalheiro — disse o conde a Albert —, não o convido a acompanhar-me até a minha casa: eu só poderia mostrar-lhe uma casa improvisada e, como sabe, quanto às improvisações, tenho uma reputação a zelar. Conceda-me um dia e então permita-me convidá-lo. Assim terei mais certeza de não faltar às leis da hospitalidade.

— Se me pede um dia, senhor conde, posso ficar tranquilo: já não será mais uma casa que me mostrará, será um palácio. Decididamente, tem algum gênio à sua disposição.

— Ora, deixe que pensem isso — disse Monte-Cristo, colocando o pé nos degraus forrados de veludo de sua esplêndida carruagem —, isso me fará algum bem entre as damas.

E lançou-se ao interior da carruagem, que se fechou atrás dele e partiu a galope, mas não tão rápido que o conde não percebesse o movimento imperceptível que fez tremer a cortina do salão onde deixara a senhora de Morcerf.

Quando Albert reviu a mãe, encontrou a condessa na alcova, mergulhada em uma grande poltrona de veludo; toda a peça, mergulhada na penumbra, só deixava ver os reflexos cintilantes a brilhar aqui e ali no ventre de alguma porcelana chinesa ou no canto de alguma moldura dourada.

Albert não podia ver o rosto da condessa, escondido em uma nuvem de gaze que ela enrolara ao redor de seus cabelos como uma auréola de vapor; mas parecia-lhe que a sua voz estava alterada; distinguiu também, entre os perfumes das rosas e girassóis da jardineira, o aroma ácido e penetrante dos sais de vinagre; sobre uma das divisões cinzeladas da lareira, de fato, o frasco da condessa, saindo de seu estojo de pele, atraiu a inquieta atenção do jovem.

— Está doente, mamãe? — exclamou ele ao entrar. — Será que passou mal na minha ausência?

— Eu?... Não, Albert... Mas, compreende?, essas rosas, tuberosas e flores de laranjeira, durante esses primeiros calores, a que não estamos acostumados, exalam perfumes tão intensos...

— Então, mamãe — disse Morcerf, levando a mão à campainha —, precisamos mandar levá-las para o seu vestíbulo. Você está realmente indisposta... Até mesmo há pouco, quando entrou no salão, já estava muito pálida.

— Eu estava pálida, você disse, Albert?

— De uma palidez que lhe cai à maravilha, mamãe, mas que nem por isso deixou de assustar a papai e a mim.

— O seu pai lhe disse isso? — perguntou vivamente Mercedes.

— Não, senhora: foi a você mesma que ele fez essa observação, lembra-se?

— Não me lembro... — disse a condessa.

Um criado entrou: atendia ao som da campainha puxada por Albert.

— Leve essas flores ao vestíbulo... ou ao gabinete de toailete — disse o visconde. — Elas fazem mal à senhora condessa.

O criado obedeceu.

Fez-se um longo silêncio, que permaneceu durante todo o tempo em que as flores eram removidas.

— O que significa esse nome de Monte-Cristo? — perguntou a condessa, quando o criado saiu levando o último vaso de flores. — É um nome de família, um nome de terras ou um simples título?

— Acho que é um título, mamãe, nada mais. O conde comprou uma ilha no arquipélago toscano e, como ele mesmo disse hoje de manhã, fundou uma comendadoria. Como sabe, é assim que se faz para Santo Estêvão de Florença, para São Jorge Constantिनiano de Parma, até mesmo para a ordem de Malta. Aliás, ele não tem nenhuma pretensão à nobreza e diz ser um conde de acaso, embora a opinião geral em Roma seja a de que o conde é um senhor muito importante.

— As suas maneiras são excelentes — disse a condessa —, ao menos pelo que pude julgar nos breves instantes em que ele esteve aqui.

— Oh, são perfeitas, mamãe, até mesmo tão perfeitas que ultrapassam em muito tudo o que vi de mais aristocrático nas três nobrezas mais altivas da Europa: a inglesa, a espanhola e a alemã.

A condessa refletiu por um momento e, depois dessa breve hesitação, prosseguiu: — Você viu, meu caro Albert... É uma pergunta de mãe que lhe faço, compreende?... Você viu o senhor de Monte-Cristo em sua intimidade; você tem perspicácia, conhece bem a sociedade, tem mais tato que o normal em sua idade; acha que o conde é realmente o que parece ser?

— E o que ele parece ser?

— Você mesmo disse, agora mesmo: um senhor muito importante.

— Eu lhe disse, mamãe, que ele era considerado como tal.

— Mas e o que você acha, Albert?

— Não tenho opinião formada sobre o conde, confesso... Acho que ele é maltês.

— Não lhe pergunto a sua origem... Pergunto sobre a sua pessoa.

— Ah, a sua pessoa, isso é diferente... Vi tantas coisas estranhas nele que, se você quer que eu lhe diga o que penso, eu lhe responderei: facilmente o vejo como um dos personagens de Byron, marcado pelo selo fatal da desgraça; como um Manfred, Lara ou Werner; como uma dessas ruínas, enfim, de alguma velha família, como um homem deserdado da fortuna paterna, que encontra uma fortuna com a força de seu gênio aventureiro, que o coloca acima das leis da sociedade.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que Monte-Cristo é uma ilha no meio do mar Mediterrâneo, uma ilha sem habitantes, sem polícia, covil de contrabandistas de todos os países, de piratas de todas as nações. Quem sabe se esses dignos industriais não pagam a seu senhor algum direito de asilo?

— É possível — disse a condessa a sonhar.

— Mas não importa — continuou o jovem —, contrabandista ou não, você há de convir, mamãe, já que o viu: o senhor conde de Monte-Cristo é um homem notável e vai fazer o maior sucesso nos salões de Paris. Olhe: esta manhã mesmo, na minha sala, ele começou o seu ingresso na sociedade enchendo de surpresa até mesmo o Château-Renaud.

— E que idade poderia ter o conde? — indagou Mercedes, dando visivelmente grande importância a essa pergunta.

— Ele tem trinta e cinco, trinta e seis anos, mamãe.

— Tão jovem! Impossível... — disse Mercedes, respondendo ao mesmo tempo ao que lhe dizia Albert e ao que lhe diziam os próprios pensamentos.

— Mas é verdade. Ele me disse três ou quatro vezes, e certamente sem premeditação: em tal época eu tinha cinco anos, em tal outra eu tinha dez anos, em tal outra doze... Atento a esses detalhes, curioso, eu comparava essas datas e nunca o apanhei em contradição. A idade desse homem singular, que não tem idade, é,

portanto, tenho certeza, trinta e cinco anos... Ademais, lembre-se, mamãe, como o seu olhar é vivo, como os seus cabelos são negros, como a sua testa, apesar de pálida, não tem rugas... Ele tem uma natureza não só vigorosa, mas também jovem.

A condessa baixou a cabeça, como se tomada por uma tempestade de pensamentos amargos.

— E esse homem foi tomado de amizade por você, Albert? — perguntou ela, com tremor nervoso.

— Acho que sim, senhora.

— E você... também gosta dele?

— Ele me agrada, senhora, apesar do que dizia Franz d'Épinay: Franz queria que eu visse o conde como um homem que voltou de outro mundo.

A condessa fez um gesto de terror.

— Albert — disse ela, em voz alterada —, sempre o preveni contra os novos conhecimentos. Agora, você é um homem: poderia dar conselhos até a mim mesma. Entretanto, vou lhe repetir: seja prudente, Albert.

— Mas, querida mãe, para que o conselho me fosse útil, seria preciso que eu soubesse do que desconfiar. O conde nunca desempenha um papel... O conde só bebe água dourada com uma gota de vinho espanhol... O conde se diz tão rico que nunca poderia me pedir dinheiro emprestado sem cair no ridículo: então o que você quer que eu receie da parte do conde?

— Você tem razão — disse a condessa —, os meus terrores são loucos, ainda mais tendo por alvo o homem que lhe salvou a vida. A propósito, Albert: o seu pai recebeu bem o conde? É importante sermos mais do que educados com o conde. O senhor de Morcerf às vezes anda muito ocupado, os seus negócios o deixam preocupado... Seria possível que, sem querer...

— Papai foi perfeito, senhora — interrompeu Albert —, e digo mais: ele pareceu infinitamente lisonjeado ao ouvir dois ou três elogios muito hábeis que o conde teceu com tanta felicidade quanto a propósito, como se o conhecesse há trinta anos... Cada uma daquelas pequenas flechas elogiosas deve ter acariciado o meu pai — acrescentou Albert, rindo —, de maneira que eles se despediram

como os melhores amigos do mundo, e o senhor de Morcerf até mesmo queria levar o conde à Câmara, para ouvir o seu discurso.

A condessa não respondeu: estava absorta em devaneios tão profundos que os seus olhos se fecharam pouco a pouco. O jovem, de pé diante dela, olhava-a com aquele amor filial mais terno e mais afetuoso entre os filhos cujas mães são ainda jovens e belas; então, depois de ver os seus olhos se fecharem, escutou-a respirar por um momento em sua suave imobilidade e, imaginando-a adormecida, afastou-se na ponta dos pés, fechando com cuidado a porta da quarto onde deixava a sua mãe.

— Esse diabo de homem — murmurou o jovem, balançando a cabeça —, eu bem que o avisei que ele faria sensação na sociedade... Meço o seu sucesso num termômetro infalível: a minha mãe o notou, logo ele deve ser bastante notável.

E desceu às suas cavalariças, não sem certo despeito secreto: sem sequer imaginá-lo, o conde de Monte-Cristo comprara dois cavalos que remetiam os seus baios ao segundo lugar na opinião dos entendidos.

— Decididamente — disse o jovem —, os homens não são iguais; preciso pedir a papai que desenvolva esse teorema na Câmara Alta.

XLIII. O SENHOR BERTUCCIO

Enquanto isso, o conde de Monte-Cristo chegara à sua casa; o trajeto levara seis minutos. Esses seis minutos foram suficientes para que ele fosse visto por vinte jovens que, sabendo o preço da parilha que eles mesmos não puderam comprar, tinham posto as suas montarias a galope para verem o esplêndido senhor a presentear-se com cavalos de dez mil francos cada.

A residência escolhida por Ali, destinada a ser a casa de cidade de Monte-Cristo, situava-se à direita, subindo os Campos Elíseos, entre pátio e jardim; denso arvoredado, erguendo-se no meio do pátio, escondia parte da fachada; ao redor desse arvoredado avançavam como dois braços duas alamedas a estenderem-se à direita e à

esquerda e a levarem as carruagens do portão a uma dupla escadaria onde em cada degrau havia um vaso de porcelana cheio de flores. Essa casa, isolada no meio de amplo espaço, além da entrada principal tinha outra entrada que dava para a rua de Ponthieu.

Antes que o cocheiro chamasse o porteiro, o portão maciço girou em seus gonzos; tinham visto o conde aproximar-se, e em Paris, como em Roma, como em toda parte, ele era servido com a velocidade do raio. Então o cocheiro entrou, descreveu o semicírculo sem abrandar o passo, e o portão já se fechara enquanto as rodas ainda rangiam na areia da alameda.

A carruagem parou do lado esquerdo da escadaria; dois homens se aproximaram da portinhola; um deles era Ali, que sorriu a seu patrão com incrível expressão de franca alegria e se achou pago por um simples olhar de Monte-Cristo.

O outro cumprimentou humildemente e deu o braço ao conde para ajudá-lo a descer da carruagem.

— Obrigado, senhor Bertuccio — disse o conde, saltando agilmente os três degraus do estribo. — E o tabelião?

— Ele está no pequeno salão, Excelência — respondeu Bertuccio.

— E os cartões de visita que eu lhe disse que mandasse gravar assim que soubesse o número da casa?

— Já estão prontos, senhor conde... Fui ao melhor gravador do Palais-Royal, que fez a prancha na minha frente... Conforme as suas ordens, o primeiro cartão gravado foi imediatamente levado ao senhor barão Danglars, o deputado, na rua da Chaussée d'Antin, nº 7... Os outros estão em cima da lareira do quarto de dormir de Vossa Excelência.

— Bom... Que horas são?

— Quatro horas.

Monte-Cristo entregou as luvas, o chapéu e a bengala ao mesmo laçaiio francês que corraera do vestíbulo do conde de Morcerf para chamar a carruagem; então ele passou ao pequeno salão, conduzido por Bertuccio, que lhe mostrou o caminho.

— Que mármore pobres, os deste vestíbulo... — disse Monte-Cristo. — Espero que retirem tudo isso.

Bertuccio inclinou-se.

Como dissera o intendente, o tabelião esperava no pequeno salão.

Era uma honesta figura de segundo escrivão de Paris elevado à intransponível dignidade de tabelião do subúrbio.

— O senhor é o tabelião encarregado da venda da casa de campo que pretendo comprar? — perguntou Monte-Cristo.

— Sim, senhor conde — replicou o tabelião.

— A escritura de venda está pronta?

— Sim, senhor conde.

— Trouxe-a?

— Aqui está.

— Perfeito... E onde fica essa casa que estou comprando? — perguntou displicentemente Monte-Cristo, dirigindo-se em parte a Bertuccio, em parte ao tabelião.

O intendente fez um gesto que significava: — Não sei.

Surpreso, o tabelião olhou Monte-Cristo.

— Como? — perguntou ele. — O senhor conde não sabe onde fica a casa que está comprando?

— Juro que não... — disse o conde.

— O senhor conde não conhece a casa?

— E como diabo a conheceria? Cheguei de Cádiz hoje de manhã... nunca vim a Paris... inclusive é a primeira vez que coloco os pés na França.

— Então é diferente — respondeu o tabelião. — A casa que o senhor conde está comprando fica em Auteuil.

A essas palavras, Bertuccio empalideceu visivelmente.

— E onde fica Auteuil? — perguntou Monte-Cristo.

— A dois passos daqui, senhor conde — disse o tabelião —, um pouco depois de Passy, num lugar encantador, no meio do bosque de Bolonha.

— Tão perto assim? — disse Monte-Cristo. — Mas isso não é o campo... Como diabo me escolheu uma casa às portas de Paris, senhor Bertuccio?

— Eu? — exclamou o intendente com estranha solicitude. — Eu não... Não foi a mim que o senhor conde encarregou de escolher essa casa... Que o senhor conde bem queira se lembrar, procurar na memória, interrogar as suas lembranças.

— Ah, você tem razão — disse Monte-Cristo. — Agora me lembro: li esse anúncio num jornal e deixei-me seduzir pelo título mentiroso: *Casa de campo*.

— Ainda é tempo — disse vivamente Bertuccio. — Se Vossa Excelência quiser me encarregar de procurar em outro lugar, encontrarei o que houver de melhor, seja em Enghien, em Fontenay-aux-Roses ou em Bellevue.

— Palavra que não... — disse despreocupadamente Monte-Cristo. — Já que tenho essa, vou comprá-la.

— E o senhor tem razão — disse animadamente o tabelião, receando perder os seus honorários. — É uma propriedade encantadora: água viva, bosques frondosos, habitação confortável, embora abandonada há um bom tempo... Sem falar na mobília: por mais velha que seja, tem o seu valor, principalmente agora, quando todos querem ter antiguidades. Perdão, mas creio que o senhor conde tem o gosto de sua época.

— Diga que continuo tendo — afirmou Monte-Cristo. — Então a casa é conveniente?

— Ah, senhor, melhor do que isso: a casa é magnífica!

— Ora, não vamos perder essa oportunidade... — disse Monte-Cristo. — A escritura, por favor, senhor tabelião...

E o conde assinou a escritura rapidamente, depois de lançar um olhar ao trecho em que se mencionava a localização da casa e os nomes dos proprietários.

— Bertuccio — disse o conde —, dê cinquenta e cinco mil francos a esse senhor.

O intendente saiu em passo incerto e voltou com um maço de notas bancárias que o tabelião contou, como um homem habituado a só receber o seu dinheiro depois da purga legal.

— E agora — perguntou o conde —, já estão cumpridas todas as formalidades?

— Todas, senhor conde.

— Tem as chaves?

— As chaves estão nas mãos do porteiro que guarda a casa... Mas aqui está a ordem que lhe dei de instalar o senhor em sua nova propriedade.

— Muito bem.

E Monte-Cristo fez ao tabelião um sinal de cabeça que significava: — Já não preciso mais de você, pode ir.

— Mas — arriscou o honesto tabelião — acho que o senhor conde se enganou... Tudo incluído, são apenas cinquenta mil francos...

— E os seus honorários?

— Já estão incluídos nesta soma, senhor conde.

— Mas você não veio de Auteuil até aqui?

— Sim, claro.

— Bem, então devo lhe pagar pelo incômodo — disse o conde. E despediu-o com um gesto.

O tabelião saiu recuando, inclinando-se até o chão; desde o dia em que estreara na profissão, era a primeira vez que via um cliente igual àquele.

— Acompanhe esse senhor — disse o conde a Bertuccio.

E o intendente saiu atrás do tabelião.

Assim que se viu só, o conde tirou do bolso uma carteira com fechadura, abrindo-a com uma pequena chave sempre amarrada a seu pescoço.

Depois de procurar por um instante, deteve-se numa folha que trazia algumas anotações, confrontou as notas com a escritura de venda pousada sobre a mesa e, convocando as suas lembranças: — Auteuil, rua de La Fontaine, nº 28... É bem isto — disse a si mesmo. — Agora, devo confiar em uma confissão arrancada pelo terror religioso ou pelo terror físico? Afinal, em uma hora saberei de tudo.

— Bertuccio! — gritou o conde, batendo com uma espécie de martelinho de cabo dobrável em uma campainha que emitiu um som agudo e prolongado, semelhante a um gongo. — Bertuccio!

O intendente apareceu no limiar.

— Senhor Bertuccio — disse o conde —, uma vez não me disse que já tinha viajado pela França?

— Por algumas partes da França, sim, Excelência.

— E certamente conhece os arredores de Paris?

— Não, Excelência, não... — respondeu o intendente com uma espécie de tremor nervoso que Monte-Cristo, conhecendo realmente as emoções, atribuiu com razão ao excesso de preocupação.

— Pena que não conheça os arredores de Paris — disse o conde —: quero visitar a minha nova propriedade ainda hoje à noite e, se você conhecesse, acompanhando-me poderia me dar informações úteis.

— A Auteuil?! — exclamou Bertuccio, com a sua tez de cobre tornando-se quase lívida. — Eu, ir a Auteuil?

— Bem, então o que há de surpreendente em você ir a Auteuil, eu lhe pergunto... Quando eu estiver morando em Auteuil, você também terá de ir, já que faz parte da casa.

Ante o olhar imperioso do patrão, Bertuccio baixou a cabeça e permaneceu imóvel, sem responder.

— Ah, sim, mas o que há com você? Então vai me obrigar a tocar mais uma vez a campainha para chamar a carruagem? — disse Monte-Cristo no tom em que Luís XIV pronunciou o famoso: “Quase tive de esperar!”.

Bertuccio deu apenas um salto do pequeno salão ao vestíbulo e gritou em voz rouca: — Os cavalos de Sua Excelência!

Monte-Cristo escreveu duas ou três cartas; quando lacrava a última, o intendente reapareceu.

— A carruagem de Vossa Excelência está à porta — disse ele.

— Bem, então pegue suas luvas e seu chapéu — disse Monte-Cristo.

— Eu vou com o senhor conde? — exclamou Bertuccio.

— Claro... você vai ter que dar as suas ordens, pois pretendo morar naquela casa.

Não havia exemplo de alguém ter se recusado a uma ordem do conde; portanto, o intendente, sem fazer qualquer objeção, seguiu o patrão, que subiu à carruagem e fez-lhe sinal para segui-lo.

O intendente sentou-se respeitosamente no banco da frente.

XLIV. A CASA DE AUTEUIL

Monte-Cristo notara que, ao descer a escadaria, Bertuccio benzera-se à maneira dos corsos — isto é, cortando o ar em cruz com o polegar — e, ao tomar seu lugar na carruagem, murmurara baixinho uma breve oração. Qualquer outro, se não fosse um homem curioso, teria piedade da estranha repugnância manifestada pelo digno intendente ante o passeio extramuros planejado pelo conde; mas, ao que parece, Monte-Cristo era curioso demais para dispensar Bertuccio da breve viagem. Em vinte minutos, chegaram a Auteuil. A emoção do intendente era sempre crescente. Ao entrar na aldeia, Bertuccio, encolhido no canto da carruagem, começou a examinar com febril emoção cada uma das casas pelas quais passavam.

— Mande parar na rua de La Fontaine, nº 28 — disse o conde, fixando impiedosamente o olhar no intendente a quem dava a ordem.

O suor inundou o rosto de Bertuccio, mas ele obedeceu e, inclinando-se para fora da carruagem, gritou ao cocheiro: — Rua de La Fontaine, n.º 28.

O nº 28 ficava no final da aldeia. Durante a viagem, a noite chegara — ou melhor, uma nuvem negra carregada de eletricidade dava às trevas prematuras a aparência e a solenidade de um episódio dramático. A carruagem parou — o valete correu à portinhola e abriu-a.

— Bem, não vai descer, senhor Bertuccio? — perguntou o conde. — Então vai ficar na carruagem? Mas em que diabo está pensando esta noite?

Bertuccio precipitou-se pela portinhola e ofereceu o ombro ao conde, que dessa vez apoiou-se nele e desceu um a um os três degraus do estribo.

— Bata e me anuncie — disse o conde.

Bertuccio bateu, a porta se abriu e o porteiro apareceu.

— Quem é? — perguntou ele.

— É o seu novo patrão, bravo homem — disse o valete.

E estendeu ao porteiro o bilhete de apresentação dado pelo tabelião.

— Então a casa foi vendida? — perguntou o porteiro. — E é esse senhor que vem morar na casa?

— Sim, meu amigo... — disse o conde. — E vou tentar não o deixar com saudades de seu ex-patrão.

— Oh, senhor — disse o porteiro —, não posso sentir muitas saudades dele, pois nós nos víamos muito raramente... Há mais de cinco anos ele não aparece, e juro que ele fez muito bem em vender uma casa que não lhe servia para nada.

— E como se chamava o seu ex-patrão? — perguntou Monte-Cristo.

— Senhor marquês de Saint-Méran... Ah, ele não vendeu esta casa pelo preço que ela lhe custou, tenho toda a certeza.

— Marquês de Saint-Méran?!... — repetiu Monte-Cristo. — Mas parece-me que esse nome não me é estranho... — prosseguiu o conde. — Marquês de Saint-Méran...

E ele pareceu tentar se lembrar.

— Um velho fidalgo — prosseguiu o porteiro —, um fiel servidor dos Bourbons... Ele tinha uma filha única, que se casou com o senhor de Villefort, que foi procurador do rei em Nîmes e depois em Versalhes.

Monte-Cristo lançou um olhar que encontrou Bertuccio mais pálido do que o muro onde se apoiava para não cair.

— E essa filha não morreu? — perguntou Monte-Cristo. — Parece-me que ouvi dizer isso.

— Sim, senhor, há vinte e um anos, e desde então não voltamos a ver três vezes o pobre e caro marquês.

— Obrigado, muito obrigado — disse Monte-Cristo, julgando pela prostração do intendente que já não poderia mais puxar aquela corda sem arriscar-se a arrebatá-la —, obrigado! Dê-me luz, bravo homem.

— Devo acompanhar o senhor?

— Não, não é preciso, Bertuccio me iluminará. — E Monte-Cristo acrescentou a essas palavras a doação de duas moedas de ouro que despertaram uma explosão de bênçãos e suspiros.

— Ah, senhor — exclamou o porteiro, depois de procurar inutilmente em torno da lareira —, não tenho velas aqui.

— Pegue uma das lanternas da carruagem, Bertuccio, e mostre-me os apartamentos — disse o conde.

O intendente obedeceu sem fazer comentários, mas era fácil ver, pelo tremor da mão a segurar a lanterna, quanto lhe custava obedecer.

Percorreram um andar térreo bem amplo; um primeiro andar composto de salão, sala de banhos e dois quartos. Por um dos quartos, chegaram a uma escada espiral que levava ao jardim.

— Olhe: uma escada de serviço — disse o conde —, é bem cômodo. Ilumine-me, senhor Bertuccio... Vá na frente, vamos ver aonde essa escada nos leva.

— Ela leva ao jardim, senhor — disse Bertuccio.

— E como sabe disso, pode me dizer?

— Isto é, acho que leva...

— Bem, vamos verificar.

Bertuccio deu um suspiro e seguiu à frente. Realmente, a escada levava ao jardim.

Ante a porta exterior, o intendente parou.

— Então vamos, senhor Bertuccio — disse o conde.

Mas Bertuccio estava apavorado, estúpido, aniquilado. Os seus olhos desvairados pareciam procurar ao redor os vestígios de um passado terrível — as suas mãos crispadas pareciam tentar repelir lembranças assustadoras.

— Bem, e então? — insistiu o conde.

— Não, não! — exclamou Bertuccio, pousando a lanterna no canto da parede interna. — Não, senhor: não vou em frente, é impossível!

— Que está dizendo? — articulou a voz irresistível de Monte-Cristo.

— Mas veja bem, senhor — exclamou o intendente —, isto não é natural... Ao ter de comprar uma casa em Paris, o senhor compra uma casa justamente em Auteuil, e, comprando-a em Auteuil, esta casa é justamente o nº 28 da rua de La Fontaine... Ah, por que não

Ihe contei tudo lá, meu senhor! Então certamente não exigiria que eu viesse... Eu esperava que a casa do senhor conde fosse outra, não esta. Como se em Auteuil não houvesse outra casa, só a casa do assassinato!

— Oh, oh! — exclamou Monte-Cristo, parando de repente. — Que palavra terrível você acaba de pronunciar! Diabo de homem! Corso inveterado! Tudo é mistério ou superstição! Ora, vamos: pegue esta lanterna e visitemos o jardim... Ao meu lado não terá medo, espero!

Bertuccio agarrou a lanterna e obedeceu. Ao abrir-se, a porta deixou ver um céu pálido — em vão a lua se esforçava para lutar contra um mar de nuvens a cobri-la com as suas ondas escuras, que ela iluminava por um instante, e que depois se perdiam, mais escuras ainda, nas profundezas do infinito.

O intendente quis seguir à esquerda.

— Não, senhor — disse Monte-Cristo —, por que ir pelas alamedas? Olhe que belo gramado: vamos em frente.

Bertuccio enxugou o suor a correr pela testa, mas obedeceu; entretanto, continuou seguindo à esquerda.

Monte-Cristo, ao contrário, seguiu à direita; ao chegar a um arvoredado, deteve-se.

O intendente não conseguiu mais se conter.

— Afaste-se, senhor — exclamou ele —, afaste-se, eu lhe suplico: está exatamente no lugar!

— Em que lugar?

— No mesmo lugar em que ele caiu.

— Meu caro senhor Bertuccio — disse Monte-Cristo, rindo —, volte a si, eu lhe ordeno... Não estamos em Sartène ou em Corte. Isto não é um matagal, mas sim um jardim inglês... mal conservado, concordo, mas nem por isso precisamos caluniá-lo.

— Senhor, saia daí! Saia daí, eu lhe suplico.

— Acho que você está ficando louco, mestre Bertuccio — disse friamente o conde. — Se assim for, avise-me: vou mandar interná-lo em algum manicômio, antes que aconteça alguma desgraça.

— Ai, Excelência — disse Bertuccio, balançando a cabeça e juntando as mãos, numa atitude que faria o conde rir, se

pensamentos mais importantes não o tivessem capturado naquele momento, concentrando a sua atenção nas menores expansões daquela consciência apavorada —, ai, Excelência: a desgraça já aconteceu.

— Senhor Bertuccio — disse o conde —, sinto muito, sinto-me muito à vontade para lhe dizer que gesticulando desse jeito vai torcer os braços, revirando os olhos como um possesso, de cujo corpo o diabo não quer sair... Ora, quase sempre vejo que o diabo mais decidido a não sair de seu lugar é discreto. Eu sabia que você era corso, sombrio, sempre ruminando alguma velha história de vingança, e lhe perdoava isso na Itália, porque na Itália esse tipo de coisa é normal... Mas na França, normalmente, acham que o assassinato é algo de muito mau gosto; há policiais para combatê-lo, juízes para condená-lo, cadafalsos para vingá-lo.

Bertuccio juntou as mãos e como, ao fazer esses movimentos, não largava a lanterna, a luz iluminou-lhe o rosto transtornado.

Monte-Cristo contemplou-o com o mesmo olhar que em Roma contemplara o suplício de Andrea; então, em tom de voz que fez novo arrepio percorrer o corpo do pobre intendente: — Então o abade Busoni estava mentindo — disse ele — quando, depois de sua viagem à França, em 1829, ele o enviou a mim, com uma carta de recomendação exaltando as suas preciosas qualidades? Bem, então eu vou escrever ao abade... Vou lhe dizer que ele é responsável pelo seu protegido, então certamente saberei o que significa toda essa história de assassinato. Mas aviso-o, senhor Bertuccio: quando vivo em um país, costumo me conformar às suas leis, não tenho vontade de brigar com a justiça da França por sua causa.

— Oh, não faça isso, Excelência... Sempre o servi fielmente, não é verdade? — exclamou Bertuccio, desesperado. — Sempre fui um homem honesto e até mesmo, sempre que possível, pratiquei boas ações.

— Não digo que não — respondeu o conde —, mas por que diabo você está tão agitado? Isto é mau sinal: uma consciência limpa não mostra tanta palidez nas faces, tanto tremor febril nas mãos...

— Mas, senhor conde — disse Bertuccio, hesitando —, não foi o senhor mesmo quem me disse que o abade Busoni, que ouviu minha confissão nas prisões de Nîmes, o avisara, ao mandar-me ao senhor, que eu carregava um grande remorso na consciência?

— Sim, mas, como ele o mandou a mim dizendo-me que você daria um ótimo intendente, imaginei que você só tivesse roubado...

— Oh, senhor conde! — exclamou Bertuccio, com repugnância.

— Ou que, como você era corso, não conseguira resistir ao desejo de fazer uma pele, como se diz na Córsega, metaforicamente, quando, ao contrário, se desfaz uma pele...

— Bem, então, sim, meu senhor, sim, meu bom senhor, foi isso! — exclamou Bertuccio, lançando-se aos joelhos do conde. — Sim, foi uma vingança, juro, uma simples vingança.

— Entendo... Mas o que não entendo é por que justamente esta casa o eletriza a tal ponto.

— Mas, meu senhor, não é muito natural — disse Bertuccio —, já que foi nesta casa que a vingança foi executada?

— O quê? Na minha casa?

— Oh, meu senhor, ela ainda não era sua — respondeu ingenuamente Bertuccio.

— Mas então de quem era? Do senhor marquês de Saint-Méran, acho que nos disse o porteiro... Que diabo você tinha para se vingar do marquês de Saint-Méran?

— Oh, não dele, senhor, mas sim de outro.

— Mas que estranha coincidência — disse Monte-Cristo, parecendo entregue a seus devaneios —, você chegar assim, por acaso, sem quaisquer preliminares, numa casa onde aconteceu uma cena que lhe provoca remorsos tão terríveis.

— É a fatalidade — disse o intendente — que provoca tudo isso, senhor... tenho toda a certeza... Primeiro, o senhor compra uma casa justo em Auteuil, e essa casa vem a ser aquela onde eu cometi um assassinato... O senhor desce ao jardim justo pela escada por onde ele desceu... O senhor para, justo no lugar onde ele recebeu o golpe... A dois passos, debaixo desse plátano, estava a cova onde ele acabara de enterrar a criança: tudo isso não é obra do acaso, não, pois nesse caso o acaso seria muito semelhante à Providência.

— Bem, então vejamos, senhor corso: suponhamos que seja a Providência... Sempre suponho tudo o que se quiser... Aliás, é preciso fazer concessões aos espíritos enfermos. Vejamos, ordene as suas ideias e conte-me essa história.

— Nunca a contei... Só uma vez... e foi para o abade Busoni. Uma história dessas — acrescentou Bertuccio, balançando a cabeça — só pode ser contada no segredo do confessorário.

— Então, meu caro Bertuccio — disse o conde —, você vai achar melhor eu devolvê-lo a seu confessor... Você será, como ele, cartuxo ou bernardino: contarão um ao outro os seus segredos. Mas eu temo um hóspede aterrado por fantasmas como esses... Não gosto de empregados que não ousam passear à noite em meu jardim. E depois, confesso, não estou muito ansioso pela visita de algum comissário de polícia... Pois fique sabendo de uma coisa, mestre Bertuccio: na Itália só se paga a justiça quando ela se cala, mas na França, pelo contrário, ela só é paga quando fala. Ora, eu o imaginava um pouco corso, bom contrabandista, hábil intendente, mas vejo que ainda tem outras cordas em seu arco. Já não tenho nada a ver consigo, senhor Bertuccio.

— Oh, meu senhor, meu senhor! — exclamou o intendente, aterrorizado pela ameaça. — Oh, se só depende disso permanecer a seu serviço, vou falar: vou contar tudo... E se eu o deixar, bem, então será para marchar ao cadafalso.

— Então é diferente — disse Monte-Cristo —, mas, se pretende mentir, pense bem: mais vale não falar nada.

— Não, senhor, juro pela salvação da minha alma: vou contar tudo! Afinal, o próprio abade Busoni só soube parte de meu segredo. Mas primeiro, eu lhe suplico, afaste-se desse plátano... Olhe: a lua vai iluminar aquela nuvem, e aí, na posição em que está, envolto nessa capa que me esconde a sua fisionomia, parece o senhor de Villefort!...

— Como! — exclamou Monte-Cristo. — Foi o senhor de Villefort...

— Vossa Excelência o conhece?

— O ex-procurador do rei em Nîmes?

— É.

— Que se casou com a filha do marquês de Saint-Méran?

— É.

— E que tinha na barra dos tribunais a fama de ser o mais honesto, o mais severo, o mais rígido magistrado...

— Bem, então, senhor — exclamou Bertuccio —, esse homem de reputação irretocável...

— Sim.

— Era um infame.

— Bah — exclamou Monte-Cristo —, impossível.

— Mas é bem assim.

— Ah, verdade? — disse Monte-Cristo. — E você tem provas?

— Ao menos, eu tinha!

— E perdeu-as, infeliz?

— Sim... Mas procurando bem podemos encontrar...

— Verdade? — disse o conde. — Conte-me essa história, senhor Bertuccio! Pois realmente ela já começa a me interessar.

E, cantarolando uma pequena ária de *Lucia*, o conde foi sentar-se em um banco, enquanto Bertuccio o seguia convocando as suas lembranças.

Bertuccio ficou em pé diante dele.

XLV. A VENDETA — Por onde quer que eu comece a contar a história, senhor conde? — perguntou Bertuccio.

— Ora, mas por onde quiser — disse Monte-Cristo —, já que não sei absolutamente nada.

— Mas eu imaginava que o abade Busoni tinha contado a Vossa Excelência...

— Sim, contou-me alguns detalhes, naturalmente, mas há sete ou oito anos... Já me esqueci de tudo.

— Então eu posso, sem medo de aborrecer Vossa Excelência...

— Vamos, senhor Bertuccio, vamos: você vai ser o meu jornal da noite.

— Tudo começou em 1815...

— Ah, ah! — fez Monte-Cristo. — 1815 não foi ontem...

— Não, senhor, mas os menores detalhes estão tão presentes em minha memória quanto se fosse ontem... Eu tinha um irmão, um irmão mais velho, que estava a serviço do imperador Napoleão. Ele tinha se tornado tenente de um regimento formado inteiramente por corsos. Esse irmão era o meu único amigo... Nós ficamos órfãos, eu aos cinco anos, ele aos dezoito; ele me criava como se eu fosse seu filho. Em 1814, no reino dos Bourbons, ele tinha se casado; então o imperador Napoleão voltou da ilha de Elba, o meu irmão logo voltou ao serviço militar e, levemente ferido em Waterloo, retirou-se com o exército para além do rio Loire.

— Mas é a história dos Cem Dias que você está me contando, senhor Bertuccio... — disse o conde — e essa história já foi contada, se não me engano.

— Desculpe-me, Excelência, mas esses primeiros detalhes são necessários, e o senhor me prometeu ser paciente.

— Só tenho uma palavra. Vamos, continue!

— Um dia, nós recebemos uma carta; é preciso lhe dizer que morávamos na pequena aldeia de Rogliano, no final do cabo Corso; a carta era de meu irmão: ele nos dizia que o exército tinha sido desmobilizado e que ele voltaria passando por Châteauroux, Clermont-Ferrand, Le Puy e Nîmes... E me pedia, caso eu tivesse algum dinheiro, que o mandasse a Nîmes, a um estalajadeiro que nós conhecíamos, com quem eu tinha relações...

— Relações de contrabando — disse Monte-Cristo.

— Eh, meu Deus, senhor conde, é preciso sobreviver.

— Certamente... Continue.

— Eu amava ternamente o meu irmão, como lhe disse, Excelência... Então, em vez de mandar-lhe o dinheiro, decidi levá-lo pessoalmente. Eu tinha mil francos; deixei quinhentos com Assunta, a minha cunhada; peguei os outros quinhentos francos e tomei o caminho de Nîmes. Era algo fácil: eu tinha o meu barco e um carregamento a transportar pelo mar; tudo era favorável a meu plano.

“Mas, feito o carregamento, o vento tornou-se contrário, de maneira que ficamos quatro, cinco dias sem poder entrar no rio

Ródano. Até que enfim chegamos; subimos até Arles; deixei o barco entre Bellegarde e Beaucaire, tomei o caminho de Nîmes.”

— Então, chegamos, não é?

— Sim, senhor... Desculpe-me, mas, como Vossa Excelência verá, só lhe conto as coisas absolutamente necessárias. Ora, naquele momento estavam acontecendo os famosos massacres do Sul. Ali havia dois ou três assaltantes chamados Trestaillon, Truphemy e Graffan, que nas ruas degolavam todos os suspeitos de bonapartismo. Com certeza o senhor conde já ouviu falar desses assassinatos.

— Vagamente... Eu estava bem longe da França nessa época. Continue.

— Ao entrar em Nîmes, caminhava-se sobre sangue, literalmente; a cada passo, encontravam-se cadáveres; os assassinos, organizados em bandos, matavam, roubavam e incendiavam.

“Ao ver essa carnificina, fiquei todo arrepiado, não por mim, simples pescador corso: eu não tinha muita coisa a temer... Ao contrário, aqueles tempos eram bons tempos para nós, contrabandistas... Mas temia por meu irmão, soldado do Império napoleônico, que voltava do exército do Loire com o seu uniforme e as suas dragonas: logo, ele tinha tudo a temer.

“Corri até a casa de nosso estalajadeiro. Os meus pressentimentos não tinham me enganado: o meu irmão tinha chegado a Nîmes na véspera, e na própria porta daquele a quem vinha pedir hospitalidade ele tinha sido assassinado.

“Fiz todo o possível para saber quem eram os seus assassinos; mas ninguém ousou me dizer os seus nomes, tanto eles eram temidos. Então me lembrei dessa justiça francesa, de que tanto tinham me falado, que não temia nada, e me apresentei ao procurador do rei.”

— E esse procurador do rei se chamava Villefort? — perguntou negligentemente Monte-Cristo.

— Sim, Excelência... Ele vinha de Marselha, onde era substituto. O seu zelo lhe valera a promoção. Tinha sido um dos primeiros, dizia-se, a contar ao governo que Napoleão desembarcara da ilha de Elba.

— Então você se apresentou em sua casa... — disse Monte-Cristo.

— Então eu lhe disse: senhor procurador, o meu irmão foi assassinado ontem, nas ruas de Nîmes, não sei por quem, mas é sua missão sabê-lo. Aqui o senhor é o chefe da justiça, e à justiça cabe vingar aqueles que ela não soube defender.

“— E quem era o seu irmão? — perguntou o procurador do rei.

“— Tenente do batalhão corso.

“— Então ele era um soldado do usurpador?

“— Ele era um soldado dos exércitos franceses.

“— Então — respondeu ele —, quem feriu com a espada, com a espada foi ferido.

“— O senhor se engana, cavalheiro... Foi ferido com o punhal.

“— E o que você quer que eu faça? — respondeu o magistrado.

“— Mas eu já lhe disse: quero que o vingue.

“— De quem?

“— De seus assassinos.

“— E por acaso eu os conheço?

“— Mande procurá-los.

“— Para quê? O seu irmão deve ter se envolvido em alguma briga e deve ter se batido em duelo. Todos esses soldados

veteranos cometem excessos que eram sucessos no tempo do Império do usurpador, mas que agora lhes saem muito mal... Ora, a nossa gente do Sul não gosta nem de soldados, nem de excessos.

“— Cavaleiro — eu disse —, não é por mim que peço. Eu vou chorar ou vou me vingar, isso é tudo... Mas o meu pobre irmão tinha uma mulher. Se também me acontecer uma desgraça, essa pobre criatura vai morrer de fome, pois ela vivia do trabalho de meu irmão. Consiga para ela uma pequena pensão do governo.

“— Cada revolução tem as suas catástrofes — respondeu o senhor de Villefort. — O seu irmão foi vítima dessa revolução: é pena, mas o governo não deve nada à sua família... Se tivéssemos de julgar todas as vinganças que os partidários do usurpador praticaram contra os partidários do rei, quando os bonapartistas estavam no poder, talvez hoje o seu irmão viesse a ser condenado à morte. O que aconteceu foi algo muito natural: é a lei das represálias.

“— Nossa, senhor! — exclamei eu. — Como pode o senhor, um magistrado, falar assim comigo?...

“— Todos esses corsos são loucos, palavra de honra — respondeu o cavaleiro de Villefort —, eles acham que o seu compatriota ainda é imperador... Engana-se em tempo, meu caro... Devia ter vindo me dizer isso há dois meses. Agora é tarde... Fora daqui!... Se não der o fora, mando pô-lo para fora.

“Eu o olhei por um momento para ver se com nova súplica haveria alguma esperança.

“Esse homem era de pedra. Aproximei-me dele: “— Bem — disse-lhe a meia-voz —, já que conhece os corsos, já deve saber como eles cumprem a sua palavra... Acha bem feito matarem o meu irmão, que era bonapartista, porque o senhor é monarquista... Bem, eu, que também sou bonapartista, vou lhe dizer uma coisa: eu vou matar o senhor... A partir de agora, declaro-lhe a vendeta; portanto, cuide-se bem, tome cuidado... Porque, na primeira vez que nos encontrarmos cara a cara, a sua última hora terá chegado.

“Então, antes que ele voltasse de sua surpresa, abri a porta e desapareci.”

— Ah, ah! — fez Monte-Cristo. — Com a sua cara de honesto, você apronta essas coisas, senhor Bertuccio... E a um procurador do rei, ainda por cima! Nossa! E ao menos ele sabia o que queria dizer a palavra “vendeta”?

— Ele sabia tão bem que, a partir daquele momento, não saiu mais sozinho, trancou-se em casa, mandou me procurarem por toda parte. Felizmente, eu estava tão bem escondido que ele não conseguiu me encontrar. Então ele foi dominado pelo medo; tremia à ideia de ficar muito tempo em Nîmes; pediu transferência, e como, de fato, era um homem muito influente, foi transferido para Versalhes; mas, como o senhor sabe, não existe distância para um corso que jurou vingança a seu inimigo; e a carruagem dele, por mais bem conduzida que fosse, nunca esteve mais de meio dia à minha frente, embora eu a seguisse a pé.

“O principal não era matá-lo: cem vezes eu tive essa oportunidade; mas era preciso matá-lo sem ser descoberto, principalmente sem ser preso. Daí em diante eu já não me pertencia: eu tinha de proteger e sustentar a minha cunhada. Durante três meses espionei o senhor de Villefort; durante três meses ele não deu um passo, um passeio, não fez um gesto sem que o meu olhar o seguisse onde quer que ele fosse. Enfim, descobri que ele vinha secretamente a Auteuil: segui-o o tempo todo e vi-o entrar aqui nesta casa onde nós estamos; mas em vez de entrar pela porta da frente, como todo o mundo, ele vinha a cavalo, ou de carruagem... Deixava a carruagem, ou o cavalo, na pousada e entrava por essa pequena porta que o senhor está vendo ali.”

Monte-Cristo fez com a cabeça um sinal que provava: em meio às trevas, ele realmente enxergava a entrada apontada por Bertuccio.

— Eu já não tinha mais o que fazer em Versalhes... Mudei para Auteuil e me informei. Se eu quisesse apanhá-lo, claro que era aqui que eu devia armar a minha cilada.

“Como disse o porteiro a Vossa Excelência, a casa pertencia ao senhor de Saint-Méran, sogro de Villefort. O senhor de Saint-Méran morava em Marselha; assim, esta casa de campo lhe era inútil: logo,

diziam que ele tinha acabado de alugá-la a uma jovem viúva que só era conhecida por ‘baronesa’.

“De fato, certa noite, olhando por cima do muro, vi uma mulher jovem e bela passeando sozinha neste jardim, que não era visto de nenhuma janela estranha: ela não parava de olhar para a pequena porta: entendi que naquela noite ela estava esperando o senhor de Villefort. Quando ela estava perto de mim o suficiente para eu distinguir seus traços, apesar das trevas, vi uma bela jovem, de dezoito ou dezenove anos, alta e loira. Como ela só vestia um simples roupão e nada escondia a sua cintura, pude notar que ela estava grávida e sua gravidez já parecia bastante avançada.

“Instantes depois, abriu-se a portinha; um homem entrou: a jovem correu o mais rápido possível a seu encontro; eles lançaram-se nos braços um do outro, beijaram-se carinhosamente e foram juntos para a casa.

“Esse homem era o senhor de Villefort. Imaginei que ao sair, principalmente ao sair de noite, ele deveria atravessar sozinho toda a extensão do jardim.”

— E depois você veio a saber o nome dessa mulher? — perguntou o conde.

— Não, Excelência — respondeu Bertuccio. — O senhor vai ver que não tive tempo de saber.

— Continue.

— Naquela noite — continuou Bertuccio —, talvez eu pudesse matar o procurador do rei... Mas eu ainda não conhecia muito bem o jardim em todos os seus detalhes. Eu temia não o matar instantaneamente e, se alguém acesse a seus gritos, não poder fugir. Então adiei a execução para o próximo encontro e, para que nada me escapasse, aluguei um quartinho com vista para a rua que se estendia ao longo do muro do jardim.

“Três dias depois, lá pelas sete da noite, vi sair da casa um criado a cavalo, que galopou pelo caminho que levava à estrada de Sèvres; imaginei que ele ia para Versalhes. Eu não estava enganado. Três horas depois, o homem voltou todo coberto de pó: tinha entregado a sua mensagem. Dez minutos depois, outro

homem a pé, envolvido numa capa, abria a portinha do jardim, fechando-a atrás dele.

“Desci rapidamente. Eu ainda não tinha visto o rosto de Villefort, mas o reconheci pelas batidas de meu coração; atravessei a rua, cheguei a um marco colocado no canto do muro: em cima desse marco eu tinha visto o jardim pela primeira vez.

“Mas desta vez eu não me contentei em olhar: tirei a minha faca do bolso, verifiquei se a ponta estava bem afiada e pulei o muro.

“Meu primeiro cuidado foi correr até a porta; ele tinha deixado a chave do lado de dentro, só tomando o cuidado de dar duas voltas na fechadura.

“Assim, nada impediria a minha fuga por aquele lado. Comecei a estudar o lugar. O jardim formava um retângulo; um gramado de fina relva inglesa se estendia no meio; nos cantos do gramado tinha arvoredos de densa folhagem, cheios de flores de outono.

“Para ir da casa à portinha, ou da portinha à casa, ao entrar ou sair, o senhor de Villefort era obrigado a passar bem perto de um dos arvoredos.

“Era fim de setembro... O vento soprava com força... Um quarto de lua pálida, a todo momento velada por densas nuvens que deslizavam rapidamente pelo céu, iluminava a areia das alamedas que levavam até a casa, mas não conseguia atravessar as trevas dos arvoredos cerrados, onde um homem podia se esconder sem medo de ser visto.

“Eu me escondi no arvoredo mais próximo de onde Villefort devia passar; assim que me escondi, no meio das rajadas de vento que curvavam as árvores acima da minha cabeça, julguei ouvir uma espécie de gemido. Mas como sabe... ou melhor, como não sabe, senhor conde... quem espera o momento de cometer um assassinato sempre julga ouvir gritos surdos no ar. Durante duas horas, várias vezes julguei ouvir os mesmos gemidos. Soou meia-noite.

“Quando a última badalada ainda vibrava, lúgubre, vi uma frágil luz iluminar as janelas da escada escondida por onde descemos agora mesmo.

“A porta se abriu e o homem de capa reapareceu.

“Tinha chegado o momento terrível, mas fazia tanto tempo eu estava preparado para aquele momento que nada em mim vacilou... Peguei a minha faca, estendia e me preparei.

“O homem da capa veio direto a mim; mas, enquanto ele avançava no espaço aberto, julguei notar que ele segurava uma arma na mão direita; tive medo, não de lutar, mas de fracassar. Quando ele chegou a poucos passos de mim, percebi: o que eu imaginava ser uma arma não era mais do que uma pá.

“Eu ainda não tinha adivinhado com que intenção o senhor de Villefort levava uma pá na mão quando ele parou à beira do arvoredo, lançou um olhar ao redor e começou a cavar um buraco no chão. Foi então que percebi: na sua capa havia alguma coisa que ele tinha acabado de colocar no gramado para ter maior liberdade de movimento.

“Então, confesso, certa curiosidade se misturou ao meu ódio: eu quis saber o que Villefort estava fazendo; fiquei imóvel, sem respirar; esperei.

“Logo tive uma ideia que se confirmou quando vi o procurador do rei tirar da capa um pequeno cofre com cerca de setenta centímetros de comprimento e vinte centímetros de largura.

“Deixei que colocasse o cofre no buraco, que ele cobriu de terra; então ele pisou a terra removida para esconder os vestígios de sua obra noturna. Então, atirei-me sobre ele, enterrei a minha faca em seu peito e lhe disse: “— Eu sou Giovanni Bertuccio! Tua morte por meu irmão, teu tesouro para a viúva dele: bem vês que a minha vingança é mais completa do que eu esperava.

“Não sei se ele ouviu essas palavras; não acredito, pois ele caiu, sem dar um grito; senti as gotas de seu sangue jorrarem quentes em minhas mãos e em meu rosto; mas eu estava ébrio, eu delirava; aquele sangue me refrescava, em vez de me queimar. Num segundo, desenterrei o cofre, com o auxílio da pá; depois, para não perceberem que eu tinha roubado, também enchi o buraco de terra, joguei a pá por cima do muro, fugi pela porta, que fechei com duas voltas do lado de fora, levando a chave.”

— Bom! — disse Monte-Cristo. — Ao que vejo, houve um pequeno assassinato seguido de roubo.

— Não, Excelência — respondeu Bertuccio —, houve uma vendeta seguida de restituição.

— E ao menos a quantia era grande?

— Não era dinheiro.

— Ah, sim, eu me lembro... — disse Monte-Cristo —, não tinha falado de uma criança?

— Justamente, Excelência... Corri até o rio, sentei na margem e, com pressa de saber o que o cofre continha, arrombei a fechadura com a minha faca.

“Em uma fralda de fina cambraia estava envolvida uma criança recém-nascida... O seu rosto púrpura, as suas mãos violetas, indicavam que a criança devia ter sucumbido à asfixia causada pelo cordão umbilical enrolado ao redor do pescoço; todavia, como a criança ainda não estava fria, hesitei em lançá-la às águas que corriam a meus pés. De fato, instantes depois, julguei perceber leve batimento na região do coração; liberei seu pescoço do cordão que o envolvia e, como eu tinha sido enfermeiro no hospital de Bastia, fiz o que faria um médico em tais circunstâncias, ou seja, soprei-lhe corajosamente ar nos pulmões... Depois de um quarto de hora de esforços inauditos, vi a criança respirar, ouvi um grito escapar de seu peito.

“Eu também dei um grito, mas um grito de alegria. ‘Deus não me amaldiçoa’, disse a mim mesmo, ‘pois permite que eu devolva a vida a uma criatura humana, em troca da vida que tirei de outra!’

— E o que você fez com essa criança? — perguntou Monte-Cristo. — Era uma bagagem bem embaraçosa para um homem que precisava fugir.

— Eu também nem pensei em ficar com a criança. Mas sabia que em Paris existia um asilo que recebia essas pobres criaturas. Ao passar a barreira, declarei ter encontrado essa criança na estrada e me informei. O cofre estava ali como prova; a fralda de fina cambraia indicava que a criança tinha pais ricos; o sangue que me cobria poderia ser tanto da criança quanto de qualquer outro indivíduo. Não me fizeram perguntas; indicaram o asilo, que ficava bem no alto da rua do Inferno, e, depois de tomar o cuidado de cortar a fralda no meio, de maneira que uma das duas letras a

marcá-la continuasse a envolver o corpo da criança enquanto eu escondia a outra, depusitei o meu fardo na roda, toquei a campainha e fugi correndo... Quinze dias depois, eu já estava de volta a Rogliano e dizia a Assunta: “— Console-se, minha irmã... Israel morreu, mas vinguei-o.

“Então ela me pediu que eu explicasse as minhas palavras e eu lhe contei tudo o que tinha acontecido.

“— Giovanni — disse Assunta —, devia ter trazido essa criança: nós tomaríamos o lugar dos pais que ela perdeu... Nós a chamaríamos de Benedito, e, graças a essa boa ação, Deus realmente teria nos bendito.

“Como única resposta, entreguei-lhe a metade da fralda que eu tinha escondido, para podermos reclamar a criança, se ficássemos mais ricos.”

— E que letras marcavam a fralda? — perguntou Monte-Cristo.

— Um H e um N, encimados por um diadema de barão.

— Creio, Deus me perdoe!, que está usando termos científicos, senhor Bertuccio! Onde diabo você fez os seus estudos heráldicos?

— Aqui a seu serviço, senhor conde, onde todas as coisas se aprendem.

— Continue... estou curioso de saber duas coisas.

— Mas que coisas, meu senhor?

— O que aconteceu a esse menino... Não me disse que era um menino, senhor Bertuccio?

— Não, Excelência... Não me lembro de ter falado isso.

— Ah, pensei que tinha ouvido, me enganei.

— Não, o senhor não se enganou não, pois de fato ele era um menino... Mas Vossa Excelência desejava, como disse, saber duas coisas: qual é a segunda?

— A segunda era o crime do qual você era acusado quando pediu um confessor, quando o abade Busoni foi encontrá-lo, atendendo a seu pedido, na prisão de Nîmes.

— Talvez seja uma longa história, Excelência.

— Que importa? Não são mais do que dez horas, você sabe que não durmo, suponho que também não tenha lá muita vontade de dormir.

Bertuccio inclinou-se e retomou a sua narrativa.

— Um tanto para expulsar as lembranças que me assediavam, um tanto para prover as necessidades da pobre viúva, retomei com ardor o trabalho de contrabandista, então facilitado pelo relaxamento das leis que sempre segue as revoluções. O litoral do Sul, principalmente, não era muito bem vigiado, devido aos eternos motins que aconteciam em Avignon, em Nîmes, em Uzes... Aproveitamos essa espécie de trégua que nos era concedida pelo governo para criar relações com todo o litoral. Desde o assassinato de meu irmão nas ruas de Nîmes, eu nunca mais quis entrar naquela cidade. Assim, o estalajadeiro com quem tínhamos negócios, vendo que nós não o procurávamos mais, veio nos procurar; ele tinha aberto uma filial de sua pousada na estrada de Bellegarde a Beaucaire, chamada *Ponte do Gard*. Assim, nós tínhamos, na região de Aigues-Mortes, de Martigues e de Bouc, uma dúzia de entrepostos onde depositávamos as nossas mercadorias e onde, se preciso, encontrávamos refúgio contra os fiscais aduaneiros e os policiais. O trabalho de contrabandista rende muito quando acompanhado de alguma inteligência e certo vigor; eu, particularmente, vivia nas montanhas, tinha então duplo motivo para temer os policiais e os fiscais, pois qualquer comparecimento perante os juízes poderia provocar uma investigação, que sempre seria uma excursão pelo passado, e em meu passado poderiam encontrar algo mais grave do que charutos de contrabando ou barris de aguardente circulando sem licença. Assim, preferindo mil vezes a morte à prisão, eu fazia coisas espantosas, coisas que mais de uma vez me provaram: o excessivo cuidado que dedicamos a nosso corpo é praticamente o único obstáculo ao sucesso dos nossos projetos que exigem decisão rápida e execução enérgica e determinada. De fato, uma vez feito o sacrifício da vida, já não se é mais igual aos outros homens, ou melhor, os outros homens já não são mais nossos iguais, e quem tomou essa resolução sente instantaneamente decuplicarem as suas forças e ampliarem-se os seus horizontes...

— Filosofia, senhor Bertuccio! — interrompeu o conde. — Mas então você já fez um pouco de tudo na vida?

— Oh, perdão, Excelência!

— Não, não! É que filosofia às dez e meia da noite é um pouco tarde... Mas não tenho outra observação a fazer: julgo-a exata, e o mesmo não pode se dizer de todas as filosofias.

— As minhas incursões tornaram-se assim cada vez mais extensas, cada vez mais frutíferas. Assunta era econômica e a nossa pequena fortuna crescia. Certo dia, quando eu partia para uma viagem, ela me disse: — “Vá... Quando voltar, vou fazer-lhe uma surpresa”.

“Eu a interroguei inutilmente: ela não quis me contar nada e eu parti.

“A viagem durou cerca de seis semanas: estivemos em Luca, carregando azeite, e em Livorno, embarcando algodão inglês... Desembarcamos sem contratempo, realizamos os nossos lucros e voltamos muito contentes.

“Ao chegar em casa, a primeira coisa que vi, bem no meio do quarto de Assunta, num berço luxuoso, se comparado ao resto da casa, foi uma criança de sete ou oito meses. Dei um grito de alegria. Meus únicos momentos de tristeza, desde o assassinato do procurador do rei, tinham sido provocados pelo abandono dessa criança. Nem preciso dizer: remorsos pelo assassinato eu não tinha.

“A pobre Assunta adivinhara tudo: aproveitando a minha ausência, munida de metade da fralda, tendo anotado, para não esquecer, o dia e a hora exata em que a criança tinha sido deixada no asilo, Assunta partira para Paris e fora pessoalmente reclamá-la. Nenhuma pergunta lhe foi feita e entregaram-lhe a criança.

“Ah, confesso, senhor conde: ao ver aquela pobre criatura dormindo em seu berço, o meu peito inchou, tantas lágrimas saíram de meus olhos...

“— Na verdade, Assunta — exclamei —, você é uma mulher digna, a Providência lhe dirá bendita.”

— Isto é menos exato do que a sua filosofia — disse Monte-Cristo. — Em verdade, não passa de fé.

— Ai, Excelência — continuou Bertuccio —, o senhor tem toda razão: foi aquela própria criança que Deus encarregou de minha punição. Nunca natureza mais perversa revelou-se mais

precocemente, embora não se possa dizer que fosse mal-educada, pois a minha cunhada a tratava como filho de um príncipe... Era um menino de feições encantadoras, olhos azul-claros como os tons de porcelana chinesa que tão bem se harmonizam com o branco leitoso do tom geral... Mas os seus cabelos, de um loiro muito vivo, davam a seu rosto um caráter estranho, multiplicado pela vivacidade de seu olhar e pela malícia de seu sorriso. Infelizmente, há um provérbio que diz: ou o ruivo é muito bom, ou muito mau; o provérbio não foi desmentido por Benedito: desde pequeno, ele se mostrou muito mau. Também era verdade que a ternura da mãe encorajava essas primeiras inclinações; a criança, por quem a minha pobre cunhada ia ao mercado da cidade, a quatro ou cinco léguas de distância, para comprar as melhores frutas e os doces mais delicados, desprezava as laranjas de Palma e as conservas de Gênova, preferindo as castanhas roubadas ao vizinho, pulando a cerca, ou as maçãs secas de seu celeiro, enquanto tinha à sua disposição as castanhas e maçãs de nosso próprio pomar.

“Certo dia, quando Benedito tinha cinco ou seis anos, o vizinho Wasilio, que, conforme o costume de nossa terra, não escondia nem a sua bolsa nem as suas joias, pois, como o senhor conde sabe melhor do que ninguém, na Córsega não existem ladrões, o vizinho Wasilio queixou-se a nós: um luís tinha desaparecido de sua bolsa... Pensamos que ele tinha errado na conta, mas ele garantiu que tinha certeza absoluta. Naquele dia, Benedito tinha saído cedo, e ficamos muito preocupados quando à noite o vimos voltar trazendo um macaco que encontrara, segundo ele, acorrentado ao tronco de uma árvore. Mas já fazia um mês o desejo da malvada criança, que já não sabia mais o que imaginar, era ter um macaco. Um palhaço que passara por Rogliano, conduzindo macacos a dar saltos que encantaram o menino, provavelmente tinha inspirado a sua infeliz fantasia.

“— Não há macacos em nossos bosques — eu lhe disse —, muito menos macacos acorrentados... Então me confesse como conseguiu esse macaco.

“Benedito sustentou a sua mentira, acrescentando detalhes que honravam mais a sua imaginação do que a sua honestidade; eu me

irritei, ele começou a rir; eu o ameacei, ele deu dois passos para trás.

“— Você não pode me bater — disse ele —, não tem esse direito: você não é o meu pai!

“Nunca viemos a saber quem tinha lhe contado esse fatal segredo, que tínhamos escondido dele com o maior cuidado; de qualquer forma, essa resposta, em que o menino se revelava inteiramente, quase me assustou; o meu braço erguido caiu, realmente, sem tocar o culpado; o menino venceu, e essa vitória lhe deu tanta audácia que a partir desse momento todo o dinheiro de Assunta, cujo amor a ele parecia aumentar à medida que o menino se tornava menos digno de amor, foi gasto em caprichos que ela não sabia combater, em loucuras que ela não tinha coragem de impedir. Quando eu estava em Rogliano, as coisas ainda andavam bem... Mas, assim que eu partia, Benedito se tornava o senhor da casa e tudo andava mal. Com apenas onze anos de idade, todos os seus amigos eram escolhidos entre jovens de dezoito a vinte anos, entre os piores sujeitos de Bastia e de Corte, e, graças a algumas travessuras que mereceriam nome mais sério, a justiça já tinha nos advertido.

“Eu estava assustado; qualquer informação poderia ter consequências funestas: justamente então, fui obrigado a me afastar da Córsega, numa expedição importante. Pensei muito e, tentando evitar uma desgraça, decidi levar Benedito comigo. Esperava que a vida ativa e rude de contrabandista, a rigorosa disciplina a bordo, mudasse aquele caráter pronto a se corromper, se já não estivesse terrivelmente corrompido.

“Então chamei Benedito de lado e o convidei a me acompanhar, adornando o convite com todas as promessas capazes de seduzir um menino de doze anos.”

“Ele me deixou ir até o final: quando terminei, morreu de rir: “— Você está louco, titio? — ele disse (assim me chamava quando estava de bom humor). — Eu, trocar a vida que levo pela que você leva? Trocar a minha boa e excelente indolência pelo terrível trabalho que você se impõe?! Passar a noite no frio, o dia no calor... Viver se escondendo... Quando se aparece, levar tiros de fuzil, e

tudo isso para ganhar um pouquinho de dinheiro?! Dinheiro, tenho tanto quanto quero! Mãe Assunta me dá dinheiro quando lhe peço. Então, veja bem, eu seria um imbecil se aceitasse o seu convite.

“Fiquei estupefato com essa audácia e raciocínio. Benedito voltou a brincar com os seus amigos: vi-o de longe, apontando-me a eles como um idiota.”

— Que criança encantadora! — murmurou Monte-Cristo.

— Oh, se o menino fosse meu — respondeu Bertuccio —, se ele fosse meu filho, ou ao menos meu sobrinho, eu o poria no bom caminho, pois a consciência dá a força. Mas a ideia de bater numa criança cujo pai eu havia matado tornava impossível qualquer lição. Eu dava bons conselhos à minha cunhada, que em nossas discussões sempre tomava a defesa do pequeno infeliz; e como ela me confessou que, várias vezes, quantias consideráveis lhe tinham desaparecido, indiquei-lhe um lugar onde poderia esconder o nosso pequeno tesouro. Mas a minha decisão já estava tomada. Benedito sabia ler, escrever e contar perfeitamente, pois quando por acaso se aplicava ao trabalho aprendia num dia o que os outros aprendiam numa semana. A minha decisão, dizia eu, estava tomada; pretendia empregá-lo como secretário em algum navio de longo curso e, sem avisá-lo de nada, mandar raptá-lo uma bela manhã e mandar levá-lo a bordo; assim, recomendando-o ao capitão, todo o seu futuro dependeria dele mesmo.

“Estabelecido esse plano, parti para a França.

“Dessa vez, todas as nossas manobras deveriam acontecer no golfo de Lion, e essas manobras tornavam-se cada vez mais difíceis, pois estávamos em 1829. A tranquilidade estava perfeitamente restabelecida; assim, a vigilância do litoral tornara-se mais constante e mais severa do que nunca. Tal vigilância ainda era momentaneamente aumentada pela feira de Beaucaire, que acabara de ser aberta.

“O início de nossa expedição foi sem obstáculos. Amarramos a nossa barca, que tinha um fundo falso, onde escondíamos as mercadorias contrabandeadas, no meio de uma porção de barcos que navegavam entre as duas margens do rio Ródano, desde Beaucaire até Arles. Ao chegar ali, à noite começamos a

descarregar as nossas mercadorias proibidas, que eram levadas à cidade por pessoas que tinham relações conosco, ou por donos de pousadas onde as depositávamos. Talvez porque o sucesso nos tornava imprudentes, talvez porque fomos traídos, uma tarde, perto das cinco horas, quando íamos começar a jantar, o nosso grumete chegou sem fôlego, dizendo que tinha visto uma patrulha de fiscais vindo em nossa direção. Não era bem a patrulha que nos assustava: a todo instante, principalmente naquele momento, companhias inteiras rondavam as margens do Ródano; o que nos assustava eram as precauções tomadas pela patrulha para não ser vista. Num instante, levantamo-nos, mas já era tarde; a nossa barca, o evidente alvo das buscas, estava cercada. Entre os fiscais, vi alguns policiais; e, tão assustado ao ver os policiais quanto era corajoso ao ver qualquer outro corpo militar, desci ao porão e, deslizando por uma escotilha, deixei o rio me levar e nadei entre duas águas, só respirando entre longos intervalos, até que cheguei, sem ser visto, a um fosso que acabavam de abrir, ligando o Ródano ao canal que se estende de Beaucaire a Aigues-Mortes. Ao chegar ali, eu estaria salvo, pois poderia seguir pelo fosso sem ser visto. Cheguei ao canal sem dificuldade. Não era por acaso e sem pensar que eu seguira aquele caminho; já falei a Vossa Excelência de um estalajadeiro de Nîmes que abrisse uma pousada na estrada de Bellegarde a Beaucaire...”

— Sim — disse Monte-Cristo —, lembro-me perfeitamente. Esse homem digno, se não me engano, era até mesmo seu sócio?

— Era — respondeu Bertuccio —, mas havia sete ou oito anos ele cedera o seu estabelecimento a um ex-alfaiate de Marselha que, depois de se arruinar em seu ofício, queria tentar fazer a sua fortuna em outra profissão. Nem preciso dizer que os pequenos entendimentos que tínhamos com o antigo proprietário foram mantidos com o novo... Assim, era a esse homem que eu pretendia pedir asilo.

— E como se chamava esse homem? — perguntou o conde, que parecia começar a devolver algum interesse ao relato de Bertuccio.

— Ele se chamava Gaspard Caderousse, era casado com uma mulher da aldeia de Carconte, uma mulher que só conhecíamos pelo nome de sua aldeia... Era uma pobre mulher vitimada pela febre dos pântanos, e ela estava morrendo de cansaço. Mas o homem era um sujeito robusto, de quarenta ou quarenta e cinco anos, que mais de uma vez, em circunstâncias difíceis, tinha nos dado provas de sua presença de espírito e de sua coragem.

— E você disse — perguntou Monte-Cristo — que essas coisas aconteceram no ano de...

— 1829, senhor conde...

— Em que mês?

— No mês de junho.

— No começo ou no fim de junho?

— No dia 3, no fim da tarde.

— Ah — fez Monte-Cristo —, no dia 3 de junho de 1829... Bem, continue.

— Então eu pretendia pedir asilo era a Caderousse... Mas como de hábito, mesmo em circunstâncias normais, não entrávamos em sua pousada pela porta que dava para a estrada, decidi não contrariar os nossos costumes: pulei a cerca do jardim, deslizei rastejando através das magras oliveiras e figueiras silvestres, e cheguei, temendo que Caderousse tivesse algum hóspede em sua pousada, a uma espécie de sótão onde algumas vezes eu passara a noite tão bem quanto na melhor cama... Esse sótão só era separado do salão térreo da pousada por uma divisória de madeira onde havia buracos feitos especialmente para nós, para que pudéssemos espiar e esperar o momento oportuno de revelar a nossa presença no local. Eu pretendia avisar Caderousse de minha chegada, se ele estivesse sozinho, terminar em sua pousada a refeição interrompida pelo aparecimento dos fiscais, e aproveitar a tempestade que se anunciava para voltar às margens do Ródano e verificar o que acontecera à barca e aos tripulantes. Então deslizei pelo sótão, e fiz muito bem, pois bem naquele momento Caderousse entrou na pousada com um desconhecido.

“Fiquei quieto e esperei, não com a intenção de surpreender os segredos do meu anfitrião, mas porque já não havia nada mais a

fazer... Aliás, a mesma coisa já tinha acontecido umas dez vezes.

“O homem que acompanhava Caderousse era evidentemente estranho ao Sul da França: era um desses comerciantes forasteiros que vêm vender joias na feira de Beaucaire e, durante todo o mês que dura essa feira, para onde correm vendedores e compradores de todas as partes da Europa, às vezes ganham cem ou cento e cinquenta mil francos em seus negócios.

“Caderousse entrou primeiro, rapidamente.

“Então, ao ver a sala de baixo vazia, como de hábito guardada apenas pelo cão, chamou a sua mulher.

“— Ei, Carconte — disse ele —, aquele digno padre não nos enganou... O diamante é verdadeiro.

“Ouviram-se uma exclamação de alegria; quase ao mesmo tempo, a escada estalou sob passos carregados de fraqueza e enfermidade.

“— O que disse? — perguntou a mulher, mais pálida do que uma morta.

“— Disse que o diamante é verdadeiro... Aqui está este senhor, um dos melhores joalheiros de Paris, que está pronto a nos dar por ele cinquenta mil francos. Mas, para ter certeza de que o diamante é nosso, ele pede que você lhe conte, como já fiz, de que forma milagrosa o diamante caiu em nossas mãos. Enquanto isso, cavalheiro, sente-se, por favor, e, como está muito quente, vou lhe trazer algum frescor.

“O joalheiro examinava atentamente o interior da pousada e a visível pobreza dos que iam lhe vender um diamante que parecia saído do cofre de um príncipe.

“— Conte, senhora — disse ele, sem dúvida querendo aproveitar a ausência do marido para que nenhum sinal da parte deste influenciasse a mulher, e para ver se as duas histórias se encaixavam.

“— Ah, meu Deus — disse a mulher, com volubilidade —, foi uma bênção dos céus que nós estávamos longe de esperar. Imagine, meu caro senhor: em 1814 ou 1815 o meu marido era ligado a um marinheiro chamado Edmond Dantès... Esse pobre

rapaz, que Caderousse já tinha esquecido completamente, não o esqueceu, e ao morrer deixou-lhe o diamante que acaba de ver.

“— Mas como Dantès veio a ser proprietário desse diamante? — perguntou o joalheiro. — Já o tinha antes de entrar na prisão?”

“— Não, senhor — respondeu a mulher. — Mas, ao que parece, na prisão ele conheceu um inglês muito rico; e como na prisão o seu companheiro de cela ficou doente, como Dantès cuidou dele como se fosse o seu irmão, o inglês, ao sair do cativo, deixou ao pobre Dantès, que com menos sorte morreu na prisão, esse diamante que por sua vez ele nos legou ao morrer, encarregando o digno abade, que veio aqui esta manhã, de nos entregar...”

“— É exatamente a mesma história — murmurou o joalheiro. — E, afinal de contas, essa história pode ser verdadeira, por mais inverossímil que pareça à primeira vista. Então só não estamos de acordo sobre o preço.

“— Como, não estamos de acordo? — disse Caderousse. — Achei que o senhor tinha concordado com o preço que pedi.

“— Isto é — disse o joalheiro —, ofereci quarenta mil francos.

“— Quarenta mil! — exclamou a Carconte. — Certamente não o venderemos por esse preço. O abade nos disse que ele valia cinquenta mil francos, sem contar a montagem.

“— E como se chamava esse abade? — perguntou o incansável interrogador.

“— Abade Busoni — respondeu a mulher.

“— Então ele era estrangeiro?”

“— Era um italiano dos arredores de Mântua, acho.

“— Mostre-me esse diamante — disse o joalheiro —, preciso vê-lo mais uma vez: muitas vezes, à primeira vista, julgamos mal as pedras.

“Caderousse tirou do bolso um pequeno estojo de pele negro, abriu-o e passou-o ao joalheiro. Ao ver o diamante, que era grande como uma avelã, lembro-me como se ainda estivesse vendo, os olhos da Carconte brilharam de cobiça.”

— E que achava de tudo isso, senhor a escutar às portas? — perguntou Monte-Cristo. — Acreditava nessa bela fábula?

— Sim, Excelência... Eu não via Caderousse como um homem mau, achava-o incapaz de cometer um crime, ou mesmo um roubo.

— Isso honra mais o seu coração do que a sua experiência, senhor Bertuccio... Conheceu esse Edmond Dantès de quem falavam?

— Não, Excelência, até então nunca tinha ouvido falar dele, e nunca mais ouvi falar dele, a não ser uma vez, quando o próprio abade Busoni o mencionou, quando o vi na prisão de Nîmes.

— Bem, continue.

— O joalheiro tomou o anel das mãos de Caderousse, tirou do bolso uma pequena pinça de aço e um par de balanças de cobre; então, afastando os grampos de ouro que fixavam a pedra no anel, tirou o diamante de seu alvéolo e pesou-o cuidadosamente.

“— Posso oferecer até quarenta e cinco mil francos — disse ele —, mas nem um centavo a mais... Aliás, como era esse o valor do diamante, foi exatamente essa a quantia que trouxe comigo.

“— Oh, mas não seja por isso — disse Caderousse —, voltarei com o senhor a Beaucaire para receber os outros cinco mil francos.

“— Não... — disse o joalheiro, devolvendo o anel e o diamante a Caderousse. — Não, não vale mais do que isso, e eu já estou arrependido de ter oferecido tanto, porque nessa pedra há um defeito que eu não tinha visto antes... Mas não importa, mantenho a minha palavra: eu disse quarenta e cinco mil francos, não volto atrás.

“— Ao menos recoloque o diamante no anel — disse a Carconte asperamente.

“— Está certo — disse o joalheiro, recolocando a pedra no engaste.

“— Bom, bom, bom — disse Caderousse, colocando o estojo no bolso —, nós vamos vendê-lo a outro.

“— Está bem — disse o joalheiro —, mas vender a outro não será tão fácil quanto a mim; outro comprador não se contentaria com as informações que vocês me deram; não é natural um homem como você ter um diamante de cinquenta mil francos; ele iria avisar as autoridades, seria preciso encontrar o abade Busoni, e abades que dão diamantes de dois mil luíses são muito raros... A justiça

começaria a se interessar pelo caso, você seria preso e, se fosse considerado inocente, se o libertassem depois de três ou quatro meses de prisão, o anel já teria se perdido no processo, ou lhe devolveriam uma pedra falsa, que valeria três francos, em vez de um diamante que vale cinquenta mil, talvez até mesmo cinquenta e cinco mil, mas, você há de concordar, meu bravo homem, correremos certos riscos ao comprá-lo.

“Caderousse e a sua mulher interrogaram-se com os olhos.

“— Não — disse Caderousse —, não somos assim tão ricos para desperdiçar cinco mil francos.

“— Como quiser, meu caro amigo — disse o joalheiro. — Mas, como vê, eu trouxe todo o dinheiro...

“E tirou de um bolso um punhado de ouro, fazendo-o brilhar diante dos olhos deslumbrados do estalajadeiro; do outro bolso, tirou um maço de notas bancárias.

“Violenta luta desencadeou-se visivelmente no espírito de Caderousse: evidentemente, aquele pequeno estojo de pele que ele virava e revirava em suas mãos não lhe parecia corresponder ao valor da imensa quantia que fascinava os seus olhos.

“Ele virou-se para a sua mulher.

“— O que você me diz? — perguntou a ela, em voz baixa.

“— Venda, venda... — disse ela. — Se ele voltar a Beaucaire sem o diamante, vai nos denunciar. E, como ele disse, quem sabe se algum dia vamos reencontrar o abade Busoni.

“— Bem, que seja! — disse Caderousse. — Então fique com o diamante por quarenta e cinco mil francos... Mas a minha mulher quer também uma corrente de ouro, e eu quero também um par de fivelas de prata.

“O joalheiro tirou do bolso uma caixa magra e comprida que continha diversas amostras dos objetos solicitados.

“— Olhe — disse ele —, eu sou honesto em meu negócio... Podem escolher à vontade.

“A mulher escolheu uma corrente de ouro que podia valer uns cinco luíses; seu marido escolheu um par de fivelas que podia valer quinze francos.

“— Espero que não se arrependam... — disse o joalheiro.

“— O abade disse que o diamante valia cinquenta mil francos — murmurou Caderousse.

“— Ora, vamos, dê-me logo esse diamante! Mas que homem terrível! — continuou o joalheiro, tirando-lhe das mãos o diamante. — Eu lhe ofereço quarenta e cinco mil francos... duas mil e quinhentas libras de renda anual... ou seja, uma fortuna que eu mesmo adoraria ganhar... E ele ainda não se dá por satisfeito?!

“— E os quarenta e cinco mil francos?! — perguntou Caderousse em voz rouca. — Vejamos... Onde é que eles estão?

“— Estão aqui! — disse o joalheiro.

“E espalhou sobre a mesa quinze mil francos em ouro e trinta mil francos em notas bancárias.

“— Esperem, vou acender a lamparina — disse a Carconte —, já está escuro e poderíamos nos enganar na conta...

“De fato, durante a discussão, a noite chegara e, com ela, a tempestade que ameaçava havia meia hora. Ouvíamos a explosão de raios e trovões ao longe, mas nem o joalheiro, nem Caderousse, nem a Carconte pareciam se preocupar com o barulho, os três possuídos pelo demônio do lucro.

“Até mesmo eu sentia estranho fascínio ao ver todo aquele ouro, todas aquelas notas... Parecia que eu estava sonhando e, como acontece em sonho, eu me sentia preso a meu lugar.

“Caderousse contou e recontou o ouro e as notas; depois, passou-os à sua mulher, que também os contou e recontou. Enquanto isso, o joalheiro fazia o diamante cintilar à luz da lamparina, e o diamante lançava raios que o faziam esquecer os raios que inflamavam as janelas anunciando a tempestade.

“— Bem, e então, a conta está correta? — perguntou o joalheiro.

“— Está — disse Caderousse. — Carconte: passe a carteira e traga um saco.

“A Carconte andou até um armário e voltou trazendo uma velha carteira de couro, de onde tirou antigas cartas engorduradas, substituindo-as pelas notas, e um saco que guardava duas ou três moedas de seis libras, que provavelmente vinham a ser toda a fortuna do miserável casal.

“— Então — disse Caderousse —, apesar de ter nos dado talvez dez mil francos a menos, gostaria de cear conosco? É de bom coração que o convido.

“— Obrigado — disse o joalheiro —, já deve ser tarde, preciso voltar a Beaucaire... Minha mulher já deve estar preocupada — ele puxou o relógio. — Nossa! — exclamou —, já são quase nove horas, não vou chegar a Beaucaire antes da meia-noite... Adeus, meus filhos... Se acaso encontrarem mais alguns abades Busoni, lembrem-se de mim...

“— Em uma semana, você já não vai mais estar em Beaucaire — disse Caderousse —, já que a feira termina na semana que vem...

“— Não, mas isso não quer dizer nada... Escreva para o meu endereço em Paris: Senhor Joannès, Palais-Royal, galeria de Pierre, nº 45... Se valer a pena, venho imediatamente.

“Um trovão ecoou, acompanhando um relâmpago tão claro que quase eclipsou a luz da lamparina.

“— Oh — exclamou Caderousse —, oh, você vai partir bem no meio da tempestade?

“— Oh, não tenho medo de trovão... — disse o joalheiro.

“— E de ladrão?... — perguntou a Carconte. — Durante a feira, a estrada nunca é segura.

“— Oh, quanto a ladrões — disse Joannès —, aqui está, pronto para eles...

“E tirou do bolso um par de pequenas pistolas carregadas até a boca.

“— Aqui está — disse ele —, cão que ladra e morde ao mesmo tempo: pronto para os dois primeiros que cobiçarem o seu diamante, pai Caderousse...

“Caderousse e sua mulher trocaram um olhar sombrio. Parecia que algum pensamento terrível ocorrera a ambos ao mesmo tempo.

“— Então, boa viagem! — exclamou Caderousse.

“— Muito obrigado! — exclamou o joalheiro.

“E ele pegou a bengala, que deixara encostada num velho baú, e saiu. No instante em que abriu a porta, entrou uma rajada de vento

tão forte que quase apagou a lamparina.

“— Oh — disse ele —, vai cair uma tempestade daquelas... Vou ter de andar duas léguas debaixo dessa tempestade!

“— Fique! — disse Caderousse. — Você pode dormir aqui!

“— Pois é, fique! — disse a Carconte em voz trêmula. — Nós cuidaremos do senhor...

“— Não, só posso dormir em Beaucaire. Adeus!

“Caderousse caminhou lentamente até a porta.

“— Não vejo nem céu nem terra — disse o joalheiro, já fora da casa. — Tenho de pegar a direita ou a esquerda?”

“— A direita — disse Caderousse —, não tem o que errar, a estrada está cheia de árvores dos dois lados.

“— Bom, já estou lá — disse a voz quase perdida ao longe.

“— Então feche a porta! — exclamou a Carconte. — Não gosto de portas abertas quando está trovejando...

“— Nem quando há dinheiro em casa, não é mesmo?... — respondeu Caderousse, dando duas voltas na fechadura.

“Ele entrou, andou até o armário, pegou o saco e a carteira: ambos começaram a recontar pela terceira vez o seu ouro e as suas notas.

“Nunca vi expressão semelhante à daqueles dois rostos: a magra luz da lamparina iluminava a sua cobiça. A mulher, principalmente, tornou-se terrível: o tremor febril que costumava agitá-la tinha se redobrado. O seu rosto pálido tornara-se lívido; os seus olhos fundos flamejavam.

“— Mas então por que — perguntou ela em voz surda — você o convidou para dormir aqui?

“— Ora — respondeu Caderousse, estremeando —, para... para que ele não tivesse de se molhar até Beaucaire.

“— Ah — exclamou a mulher com expressão indescritível —, pensei que fosse por outro motivo...

“— Mulher! Mulher — exclamou Caderousse —, por que você sempre imagina essas coisas? E por que não guarda o que imagina para si mesma?

“— Dá na mesma — disse a Carconte, depois de um instante de silêncio —, você não é homem!

“— Como assim? — exclamou Caderousse.

“— Se você fosse homem, ele não teria saído daqui...

“— Mulher!

“— Ou então ele não chegaria a Beaucaire.

“— Mulher!

“— A estrada faz um cotovelo, e ele é obrigado a seguir a estrada, enquanto há um atalho ao longo do canal...

“— Mulher, você ofende o bom Deus. Olhe, escute...

“De fato, ouviram terrível trovão; ao mesmo tempo, um relâmpago azulado iluminou toda a sala, e a tempestade, diminuindo lentamente, pareceu afastar-se, lamentando, da casa maldita.

“— Jesus! — exclamou a Carconte, benzendo-se.

“No mesmo instante, no meio daquele silêncio de terror que costuma seguir os trovões, ouviram bater à porta.

“Caderousse e sua mulher estremeceram e olharam-se aterrados.

“— Quem é? — exclamou Caderousse levantando-se e juntando num só monte todo o ouro e todas as notas espalhadas pela mesa, cobrindo-os com ambas as mãos.

“— Sou eu! — exclamou uma voz.

“— Eu quem?”

“— Ora, Joannès, o joalheiro!

“— Bem, e então, o que você estava dizendo? — continuou a Carconte, com sorriso terrível. — Que eu ofendo o bom Deus?... Ora, veja: o bom Deus o envia de volta para nós.

“Caderousse caiu pálido e ofegante em sua cadeira.

“A Carconte, ao contrário, levantando-se, andou em passo firme até à porta, abrindo-a: “— Então entre, meu caro senhor Joannès... — disse ela.

“— Juro — disse o joalheiro, encharcado —, parece que o diabo não quer que eu volte a Beaucaire esta noite. As mais breves loucuras são sempre as melhores,⁴ meu caro senhor Caderousse... O senhor me ofereceu hospitalidade: aceito-a, e volto para dormir em sua casa.

“Caderousse balbuciou algumas palavras, enxugando o suor a escorrer pela testa.

“Assim que o joalheiro entrou, a Carconte deu duas voltas na fechadura.”

XLVI. A CHUVA PÚRPURA “Ao entrar, o joalheiro lançou um olhar interrogador ao redor: nada parecia levantar suspeitas, se ele não as tivesse — nada parecia confirmá-las, se as tivesse.

“Caderousse continuava segurando suas notas e seu ouro com as duas mãos. A Carconte sorria a seu hóspede, tentando ser o mais agradável possível.

“— Ah, ah! — riu o joalheiro. — Parece que vocês estavam com medo de algum erro na conta?... Estavam recontando a sua fortuna, depois que saí?

“— Não — disse Caderousse —, mas o acaso que nos tornou donos dessa fortuna é tão inesperado que nem conseguimos acreditar... Quando não temos a prova material diante de nossos olhos, ainda imaginamos estar sonhando.

“O joalheiro sorriu.

“— Há viajantes em sua estalagem? — perguntou ele.

“— Não — respondeu Caderousse —, ninguém nunca dorme aqui. Estamos muito perto da cidade, ninguém pernoita.

“— Então vou incomodá-los terrivelmente?

“— Você incomodar-nos? Ah, meu caro senhor — disse amavelmente a Carconte —, não, de maneira alguma, juro...

“— Então vejamos... Onde vou ficar?

“— No quarto de cima.

“— Mas o quarto de cima não é o de vocês?

“— Oh, não importa... Temos outra cama na sala ao lado.

“Caderousse olhou a sua mulher com surpresa.

“O joalheiro cantarolou uma pequena música, aquecendo as costas com a lenha que a Carconte acabara de acender na lareira

para secar o seu hóspede.

“Enquanto isso, ela servia num canto da mesa — onde estendera uma toalha — os magros restos de um jantar, acrescentando dois ou três ovos cozidos.

“Caderousse voltara a guardar as notas na carteira, o ouro no saco, e ambos em seu armário. Andava para lá e para cá, sombrio e pensativo, de vez em quando erguendo os olhos ao joalheiro, que se aquecia diante da lareira e, quando se sentia seco de um lado, virava de outro.

“— Pronto! — disse a Carconte, pondo uma garrafa de vinho na mesa. — Quando quiser cear, já está tudo pronto.

“— E vocês? — perguntou Joannès.

“— Eu não vou cear — respondeu Caderousse.

“— Nós jantamos muito tarde — apressou-se a dizer a Carconte.

“— Então eu vou cear sozinho? — perguntou o joalheiro.

“— Nós o serviremos — respondeu a Carconte, com uma solicitude que não lhe era habitual, mesmo para com os seus clientes.

“De vez em quando, Caderousse lançava a ela um olhar rápido como o raio.

“A tempestade continuava.

“— Está ouvindo?... Está ouvindo? — perguntou a Carconte. — Nossa, o senhor fez muito bem em voltar.

“— O que não me impede — disse o joalheiro —, se enquanto ceio a tempestade se acalmar, de voltar a pegar a estrada.

“— É o mistral — disse Caderousse, sacudindo a cabeça —, vai ventar até amanhã.

“E deu um suspiro.

“— Caramba — disse o joalheiro, sentando-se à mesa —, pobre de quem está lá fora.

“— É verdade — disse a Carconte —, quem está lá fora vai passar uma noite terrível. — O joalheiro começou a cear; a Carconte continuou a oferecer-lhe todos os pequenos cuidados de uma solícita anfitriã; normalmente tão rabugenta e rude, ela tornara-se um modelo de bondade e polidez. Se o joalheiro a conhecesse antes, tão grande mudança certamente o surpreenderia e não

deixaria de inspirar-lhe algumas suspeitas. Quanto a Caderousse, não dizia uma palavra: continuava a caminhar e parecia evitar até mesmo olhar o seu hóspede.

“Quando a ceia terminou, Caderousse foi ele mesmo abrir a porta.

“— Acho que a tempestade se acalma — disse ele.

“Mas bem nesse momento, como a desmenti-lo, terrível trovão sacudiu a casa e uma rajada de vento úmida de chuva entrou, apagando a lampiona.

“Caderousse fechou a porta; sua mulher acendeu uma vela na brasa a extinguir-se.

“— Olhe — disse ela ao joalheiro —, o senhor deve estar muito cansado... Já troquei os lençóis... Suba, deite-se... Durma bem.”

“Joannès ainda ficou por alguns momentos, para ver se a tempestade não se acalmava; quando teve certeza de que os trovões e a chuva só aumentavam, deu boa-noite a seus anfitriões e subiu a escada.

“Ele passou acima de minha cabeça e ouvi os degraus estalarem a seus passos.

“A Carconte seguiu-o com olhos ávidos, enquanto Caderousse, ao contrário, dava-lhe as costas e nem mesmo o olhava.

“Todos esses detalhes, que desde então sempre me voltam à lembrança, não me impressionaram enquanto se passavam a meus olhos; afinal, tudo o que acontecia era muito natural; exceto a história do diamante, que me parecia mesmo um pouco incrível, tudo decorria normalmente.

“Assim, como eu estava morrendo de cansaço, como eu esperava aproveitar a primeira pausa da tempestade para seguir viagem, resolvi dormir algumas horas e ir-me embora durante a madrugada.

“No quarto de cima, eu ouvia o joalheiro fazer os preparativos para passar bem a noite. Logo ouvi a sua cama estalar sob o seu peso: ele acabara de se deitar.

“Eu sentia os meus olhos se fecharem sozinhos; como eu não suspeitava de nada, não tentei lutar contra o sono; lancei um último olhar ao interior da cozinha: Caderousse estava sentado ao lado de

uma mesa comprida, num desses bancos de madeira que nos albergues de aldeia substituem as cadeiras; estava de costas para mim, de modo que eu não podia ver o seu rosto; aliás, mesmo se ele estivesse de frente, eu não poderia ver o seu rosto, pois as suas mãos escondiam-lhe a cabeça.

“A Carconte olhou-o por alguns momentos, deu de ombros e foi sentar-se à sua frente.

“Nesse momento, a chama a extinguir-se chegou a um resto de lenha seca esquecida por ela: um clarão um pouco mais vivo iluminou as trevas interiores. A Carconte tinha os olhos fixos no marido, que continuava na mesma posição: vi-a estender a ele a sua mão em gancho e tocar-lhe a testa.

“Caderousse estremeceu. Parecia que a mulher movia os lábios, mas talvez porque ela falava muito baixo, talvez porque os meus sentidos já estavam entorpecidos pelo sono, os sons de suas palavras não chegavam a mim. Eu não via mais do que através de uma névoa, naquela incerteza que antecede o sono, quando imaginamos que começamos a sonhar... Enfim, meus olhos se fecharam: perdi a consciência de mim mesmo.

“Eu estava no mais profundo dos sonhos quando acordei com um tiro de pistola, seguido de um grito terrível. Alguns passos cambaleantes soaram no assoalho do quarto e uma massa inerte rolou pela escada, bem acima de minha cabeça.

“Eu ainda não estava bem desperto. Ouvia gemidos, ouvia gritos abafados, como os gritos que acompanham uma luta.

“Um último grito, mais prolongado que os anteriores, degenerando em gemidos, arrancou-me inteiramente da minha letargia.

“Ergui-me sobre um braço, abri os olhos, que nada viam na escuridão, e levei a mão à testa — em minha testa parecia gotejar, através das tábuas da escada, uma chuva morna e abundante.

“O mais profundo silêncio sucedera àquele barulho terrível. Ouvi os passos de um homem a andar acima de minha cabeça; os seus passos fizeram a escada estalar. O homem desceu à sala térrea, aproximou-se da lareira e acendeu uma vela.

“Esse homem era Caderousse; o seu rosto estava pálido, a sua camisa estava toda ensanguentada.

“Acesa a vela, ele subiu rapidamente a escada — ouvi novamente os seus passos rápidos e inquietos.

“Instantes depois ele desceu novamente. Levava na mão o estojo; verificou se o diamante estava lá dentro, por um instante pensou em que bolso colocá-lo; então, certamente achando que o bolso não era esconderijo seguro, enrolou o diamante em seu lenço vermelho, amarrando-o ao redor do pescoço.

“Então ele correu ao armário, pegou suas notas e seu ouro, colocou as notas no bolsinho da calça, o ouro no bolso do casaco, pegou duas ou três camisas e, correndo à porta, desapareceu na escuridão. Então tudo se tornou claro e lúcido para mim; censurei-me pelo que acabara de acontecer, como se eu fosse o verdadeiro culpado. Parecia que eu ouvia gemidos: o infeliz joalheiro podia não estar morto; talvez eu pudesse, socorrendo-o, reparar uma parte do mal que eu não fizera, mas que eu deixara que fizessem. Empurrei com os ombros uma das tábuas mal fixadas que se encontravam entre a sala térrea e a espécie de tambor onde eu estava deitado. As tábuas cederam e me vi dentro da casa.

“Corri à vela, lancei-me pela escada; um corpo a atravessava: era o cadáver da Carconte.

“O tiro de pistola que eu ouvira tinha sido disparado contra ela: perfurara-lhe inteiramente a garganta e, além do duplo ferimento a jorrar, ela vomitara sangue.

“Sem dúvida, ela estava morta.

“Saltei sobre o seu corpo e segui adiante.

“No quarto reinava terrível desordem. Alguns móveis estavam derrubados; os lençóis nos quais o infeliz joalheiro se agarrara estendiam-se pelo chão do quarto; ele também caíra por terra, cabeça apoiada contra a parede, nadando em um mar de sangue a jorrar de três grandes ferimentos recebidos em pleno peito.

“No quarto ferimento permanecia fixada a longa faca de cozinha, mas só se via seu cabo.

“Caminhei até a segunda pistola, que não disparara: provavelmente a pólvora estava molhada.

“Aproximei-me do joalheiro: ele ainda não estava morto; ao barulho que fiz, a meus passos firmes sobre o assoalho, ele abriu olhos alucinados, moveu os lábios, como se quisesse falar, e expirou.

“Esse terrível espetáculo me deixara quase louco; a partir do instante em que eu já não podia mais prestar socorro a ninguém, só tive vontade de fugir. Precipitei-me pela escada, enterrando as mãos nos cabelos, dando um rugido de terror.

“Na sala térrea havia meia dúzia de fiscais aduaneiros, dois ou três policiais, um verdadeiro exército armado.

“Agarraram-me; nem tentei opor resistência: eu já não era mais senhor de meus sentidos. Tentei falar, dei alguns gritos desconexos, nada mais.

“Vi que os fiscais e policiais apontavam-me o dedo; olhei o meu corpo e vi que eu estava todo coberto de sangue. Aquela chuva morna que eu sentira cair sobre mim pelas tábuas da escada era o sangue da Carconte.

“Apontei-lhes o lugar onde eu estivera escondido.

“— O que ele quer dizer? — perguntou um policial.

“Um fiscal foi ver.

“— Ele quer dizer que entrou por ali — respondeu ele.

“E mostrou o buraco por onde realmente eu entrara.

“Então compreendi que me julgavam o assassino. Recuperei a voz, recuperei as forças; livre-me das mãos dos dois homens que me seguravam, gritando: — ‘Não fui eu! Não fui eu!’.

“Dois policiais apontaram as suas carabinas para a minha cabeça.

“— Se você fizer um movimento — disseram eles —, está morto!

“— Mas — gritei eu — digo e repito: não fui eu!

“— Você vai contar a sua historinha aos juízes de Nîmes — responderam eles. — Enquanto isso, queira nos acompanhar... E só temos um conselho a lhe dar: não oponha resistência!

“Não era minha intenção resistir: eu fora aniquilado pela surpresa e pelo terror. Algemaram-me, amarraram-me ao rabo de um cavalo, levaram-me para Nîmes.

“Eu tinha sido seguido por um fiscal; ele me perdera de vista perto do albergue, mas desconfiara que eu passaria a noite ali; mandara avisar os seus companheiros: eles haviam chegado bem a tempo de ouvir o tiro de pistola e de me agarrar em meio a tantas provas de culpabilidade que logo compreendi quanto trabalho teria para provar a minha inocência.

“Então só me agarrei a uma coisa: o meu primeiro pedido ao juiz de instrução foi para implorar-lhe que mandasse procurar por toda parte um tal de abade Busoni, que naquele dia estivera na pousada da Ponte do Gard. Se Caderousse tivesse inventado aquela história, se esse abade não existisse, evidentemente eu estaria perdido — a não ser que Caderousse também fosse preso e confessasse tudo.

“Dois meses se passaram, durante os quais — devo confessar em favor de meu juiz — todas as buscas foram feitas para encontrar aquele que eu lhe apontara. Eu já tinha perdido toda a esperança. Caderousse não fora preso. Eu ia ser julgado na primeira audiência, quando no dia 8 de setembro, ou seja, três meses e cinco dias depois daquela tragédia, o abade Busoni, quando eu menos esperava, apresentou-se no cárcere, dizendo que soubera que um prisioneiro queria falar com ele. Soubera da coisa em Marselha, disse ele, e correria para fazer a minha vontade.

“Entenda com que ardor eu o recebi... Conte-lhe tudo o que tinha testemunhado; logo abordei a história do diamante; contra toda a minha expectativa, a história era totalmente verdadeira; também contra a minha expectativa, ele deu inteira fé a tudo o que eu lhe disse. Foi então que, entusiasmado com a sua caridade angelical, reconhecendo nele profundo conhecimento dos costumes da minha terra, pensando que o perdão do único crime que eu cometera talvez pudesse brotar de seus lábios tão caridosos, contei-lhe, no sigilo da confissão, a aventura de Auteuil em todos os seus detalhes. O que eu fizera por impulso obteve o mesmo resultado que teria se eu o tivesse feito por astúcia: a confissão daquele assassinato, que nada me obrigava a revelar-lhe, provava-lhe que eu não cometera os assassinatos da pousada; ele deixou-me ordenando-me que esperasse, prometendo fazer tudo o que

estivesse a seu alcance para convencer os juizes de minha inocência.

“Tive a prova de que de fato ele se ocupara de mim quando vi minha prisão relaxar-se gradualmente, e quando soube que logo seria julgado.

“Enquanto isso, a Providência permitiu que Caderousse fosse preso no exterior e trazido para a França. Ele confessou tudo, acusando a sua mulher da premeditação e sobretudo da instigação. Ele foi condenado aos trabalhos forçados perpétuos e eu fui libertado.”

— E foi então — disse Monte-Cristo — que você se apresentou a mim, trazendo uma carta do abade Busoni...

— Sim, Excelência: ele demonstrava visível interesse por mim.

“— A sua condição de contrabandista vai perdê-lo — disse-me ele. — Se sair daqui, abandone-a!

“— Mas, meu padre — eu lhe perguntei —, como quer que eu sobreviva e garanta a sobrevivência de minha pobre cunhada?

“— Um de meus penitentes — ele me respondeu — tem grande estima por mim, e encarregou-me de arrumar-lhe um homem de confiança. Se você quiser ser esse homem, eu o enviarei a ele.

“— Oh, meu padre — exclamei —, quanta bondade!

“— Mas jure-me que eu nunca vou me arrepender disso...

“Estendi a mão para fazer o juramento.

“— Não é preciso... — disse ele. — Conheço bem os corsos e gosto deles. Aqui está a minha recomendação...

“E ele escreveu aquelas linhas que lhe entreguei — e graças a essas linhas Vossa Excelência teve a bondade de me tomar a seu serviço. Agora, pergunto com orgulho a Vossa Excelência: já teve motivo de se queixar de mim?”

— Não — respondeu o conde —, e confesso, com prazer, que você é um bom servidor, Bertuccio, embora lhe falte confiança.

— A mim, senhor conde?

— Sim, a você... Como é possível que você tenha uma cunhada e um filho adotivo, mas todavia nunca me tenha falado nem de uma, nem de outro?

— Ai, Excelência: é que ainda não lhe contei a parte mais triste de minha vida... Parti para a Córsega. Como o senhor pode entender muito bem, eu tinha pressa de rever e consolar a minha pobre cunhada; mas quando cheguei a Rogliano encontrei a casa de luto; tinha acontecido uma cena terrível, os vizinhos nunca se esquecerão... Seguindo os meus conselhos, a minha pobre cunhada resistia às exigências de Benedito, que a toda hora queria obrigá-la a dar-lhe todo o dinheiro que havia em casa. Certa manhã, ele ameaçou-a e desapareceu durante o dia inteiro. Ela chorou, pois essa querida Assunta dedicava ao miserável um coração de mãe. Chegada a noite, ela continuou o esperando, sem ir dormir. Às onze horas, quando ele chegou com dois de seus amigos, habituais companheiros de todas as suas loucuras, ela estendeu-lhe os braços; mas eles a dominaram, e um dos três — receio que tenha sido aquele garoto infernal —, um dos três exclamou: “— Vamos logo à questão: ela vai ter de dizer onde está o dinheiro...”

“Bem naquele dia, o vizinho Wasilio estava em Bastia; só a mulher dele estava em casa. Ninguém, a não ser ela, poderia ver ou ouvir o que estava acontecendo na casa da minha cunhada. Dois deles seguraram a pobre Assunta, que, não conseguindo acreditar na possibilidade de semelhante crime, sorria àqueles que iriam tornar-se os seus carrascos; o terceiro fez barricadas nas portas e janelas; então voltou e os três juntos, abafando os gritos de terror que aqueles preparativos mais sérios lhe arrancavam, aproximaram os pés de Assunta do braseiro, pretendendo obrigá-la a confessar onde estava escondido o nosso pequeno tesouro; mas em meio à luta o fogo alastrou-se até a roupa dela: então eles a largaram, para não serem queimados. Em meio às chamas, ela correu à porta, mas a porta estava trancada. Correu à janela, mas havia barricada na janela. Então a vizinha ouviu gritos terríveis: era Assunta gritando por socorro. Logo a sua voz foi abafada; os gritos tornaram-se gemidos; e no dia seguinte, depois de uma noite de terror e de angústia, quando a mulher de Wasilio aventurou-se a sair de casa e conseguiu autorização judicial para abrirem a porta de nossa casa, encontraram Assunta meio queimada, mas ainda respirando, os armários arrombados, o dinheiro desaparecido. Quanto a Benedito,

deixara Rogliano para não mais voltar; desde esse dia, nunca mais o vi, nem mesmo ouvi falar dele.

“Foi então — continuou Bertuccio —, depois de saber dessas tristes notícias, que fui à casa de Vossa Excelência. Então eu já não tinha mais que lhe falar de Benedito, que desaparecera, nem de minha cunhada, que morrera.”

— E o que você pensou a respeito dessa tragédia? — perguntou Monte-Cristo.

— Que era o castigo pelo crime que eu cometera — respondeu Bertuccio. — Ah, esses Villefort eram uma raça maldita...

— Também acho — murmurou o conde em tom lúgubre.

— E agora, não é verdade? — continuou Bertuccio —, agora Vossa Excelência compreende por que esta casa, que eu não vira mais, este jardim, onde agora me vi de repente, este lugar, onde matei um homem, puderam me causar tão sombrias emoções; agora o senhor sabe o motivo; enfim, não estou bem certo se diante de mim, aqui, a meus pés, o senhor de Villefort não esteja deitado na cova que cavara para seu filho.

— De fato, tudo é possível — disse Monte-Cristo, levantando-se do banco onde estava sentado —, até mesmo — acrescentou baixinho — que o procurador do rei não esteja morto... O abade Busoni fez bem em enviá-lo a mim. Você também fez bem em me contar a sua história, pois assim não vou levá-lo a mal. Quanto a esse Benedito, tão mal nomeado, já tentou descobrir os seus traços? Já tentou saber o que foi que lhe aconteceu?

— Nunca tentei... Se soubesse onde ele está, em vez de ir procurá-lo, fugiria dele como de um monstro. Não: felizmente, nunca ouvi ninguém falar dele; espero que esteja morto...

— Não espere, Bertuccio... — disse o conde. — Os maus não morrem assim, pois Deus parece guardá-los para torná-los instrumento de suas vinganças.

— Que seja — disse Bertuccio. — Tudo o que peço aos céus é apenas que nunca mais volte a vê-lo. Agora — continuou o intendente, baixando a cabeça —, já sabe de tudo, senhor conde... O senhor é o meu juiz aqui embaixo, como Deus o será lá em cima... Não me dirá algumas palavras de consolo?

— Realmente, você tem razão, e posso lhe dizer o que lhe diria o abade Busoni: aquele que você feriu, aquele Villefort, merecia um castigo pelo que fez a você, e talvez também por outra coisa... Benedito, se está vivo, servirá, como lhe disse, a alguma vingança divina, depois também será punido. Quanto a você, na verdade só tem algo a censurar-se: pergunte-se por que, depois de salvar aquela criança da morte, não a entregou à mãe dele... Esse é o crime, Bertuccio!

— Sim, senhor: esse é o crime, o verdadeiro crime, pois nisso fui covarde. Depois de salvar a vida da criança, só tinha uma coisa a fazer, como o senhor disse: devolvê-la à mãe. Mas para isso eu teria de fazer perguntas, chamar a atenção, entregar-me, talvez... Eu não queria morrer, agarrava-me à vida pela minha cunhada, pelo amor-próprio inato a nós corsos, que nos leva a permanecer íntegros e vitoriosos em nossa vingança; e afinal talvez eu me agarrasse à vida pelo próprio amor à vida. Oh, eu não sou bravo como o meu pobre irmão!

Bertuccio escondeu o rosto nas mãos e Monte-Cristo lançou-lhe um longo e indefinível olhar.

Depois de um momento de silêncio, que a hora e o lugar tornavam ainda mais solene: — Para terminar dignamente esta conversa, que será a última sobre essas aventuras, senhor Bertuccio — disse o conde em um tom melancólico que não lhe era habitual —, guarde bem as minhas palavras, muitas vezes ouvi o próprio abade Busoni dizê-las: “Para todos os males, há dois remédios: o tempo e o silêncio”. Agora, senhor Bertuccio, permita-me passear por um instante neste jardim. O que é uma emoção pungente para você, ator nessa terrível cena, para mim será uma sensação quase suave, que duplicará o valor desta propriedade. As árvores, veja, senhor Bertuccio, só agradam porque dão sombra, e a própria sombra só agrada porque é cheia de devaneios, sonhos e visões. Olhe: comprei um jardim imaginando comprar um simples espaço cercado de muros, mas que nada; de repente, este espaço revela-se um jardim cheio de fantasmas que não estavam no contrato. Ora, adoro os fantasmas; nunca ouvi dizer que os mortos tivessem feito em seis mil anos tanto mal quanto os vivos fazem em

um dia. Então vá, senhor Bertuccio, e durma em paz. Se o seu confessor no momento supremo for menos indulgente do que foi o abade Busoni, chame-me, se eu ainda estiver neste mundo, e encontrarei palavras que embalarão suavemente a sua alma no momento em que ela estiver pronta a colocar-se a caminho para fazer a rude viagem que se chama eternidade.

Bertuccio inclinou-se respeitosamente diante do conde e afastou-se dando um suspiro.

Monte-Cristo ficou só e, dando quatro passos à frente: — Aqui, perto deste plátano — murmurou ele —, a cova onde a criança foi colocada; ali, a pequena porta por onde se entrava no jardim; nesse canto, a escada oculta que leva ao quarto de dormir. Não é preciso anotar tudo isso em minha caderneta, pois aqui está, diante de meus olhos, ao meu redor, a meus pés, o mapa em relevo, o mapa vivo.

Depois de uma última volta pelo jardim, o conde dirigiu-se à carruagem; ao vê-lo sonhador, Bertuccio subiu, sem nada dizer, ao banco ao lado do cocheiro.

A carruagem retomou o caminho de Paris.

Na mesma noite, ao chegar à sua casa dos Campos Elíseos, o conde de Monte-Cristo visitou toda a moradia como o faria um homem há muitos anos familiarizado com ela; nem uma só vez, embora caminhasse à frente, enganou-se ao abrir uma porta, ao tomar uma escada ou um corredor, indo sempre diretamente para onde pretendia ir. Ali o acompanhava nessa revista noturna. O conde deu a Bertuccio várias ordens para a decoração ou para a nova distribuição da moradia e, puxando o relógio, disse ao núbio atento: — São onze e meia: logo Haydée vai chegar. Avisaram as mulheres francesas?

Ali estendeu a mão ao apartamento destinado à bela grega — apartamento tão isolado que, com sua porta oculta pela tapeçaria, podia-se visitar a casa inteira sem desconfiar que houvesse ali um salão e dois quartos habitados. — Como dizíamos, Ali estendeu a mão ao apartamento, fez o número três com os dedos da mão esquerda e, apoiando a cabeça sobre a mesma mão aberta, fechou os olhos, fingindo dormir.

— Ah — fez Monte-Cristo, habituado a essa linguagem —, elas são três, esperando no quarto de dormir, não é verdade?

— Sim — fez Ali agitando a cabeça.

— A senhora deve estar cansada hoje à noite — continuou Monte-Cristo —, certamente vai querer dormir; que não a façam falar: as súditas francesas devem apenas cumprimentar sua nova senhora e retirar-se; faça com que a súdita grega não se comunique com as súditas francesas.

Ali se inclinou.

Logo se ouviu o chamado do porteiro; o portão abriu-se, uma carruagem rodou pela alameda e parou em frente à escadaria. O conde desceu; a portinhola já estava aberta; ele estendeu a mão a uma jovem envolta em um manto de seda verde bordada em ouro que lhe cobria a cabeça. A jovem tomou a mão que lhe estendiam, beijou-a com certo amor mesclado a respeito, e algumas palavras foram trocadas com ternura da parte da jovem, com suave gravidade da parte do conde, naquela linguagem sonora que o velho Homero colocou na boca de seus deuses.

Então, precedida por Ali, que carregava uma tocha de cera rosa, a jovem — que não era outra senão a bela grega, a habitual companheira de Monte-Cristo na Itália — foi conduzida a seu apartamento, e o conde se retirou ao pavilhão que lhe era reservado.

À meia-noite e meia, todas as luzes da casa estavam apagadas — podia-se imaginar que todos dormiam.

XLVII. CRÉDITO ILIMITADO

No dia seguinte, por volta das duas horas da tarde, uma carruagem, puxada por dois magníficos cavalos ingleses, parou em frente à porta de Monte-Cristo; um homem vestindo uma casaca azul, com botões de seda também azuis, colete branco atravessado por enorme corrente de ouro, calça cor de avelã, cabelos tão negros, cobrindo de tal forma as sobrancelhas, que dificilmente seriam julgados naturais, pois pouco harmonizavam com as rugas

inferiores, que não conseguiam esconder; enfim, um homem com idade entre cinquenta e cinquenta e cinco anos — mas que buscava aparentar quarenta — avançou a cabeça pela portinhola da carruagem, onde desenhava-se uma coroa de barão, e mandou o seu cavaliariço perguntar ao porteiro se o conde de Monte-Cristo se encontrava em casa.

Enquanto esperava, esse homem observava, com atenção tão minuciosa que se tornava quase impertinente, o exterior da casa, o que se podia distinguir do jardim e o traje de alguns empregados a ir e vir. Esse homem tinha um olho vivo, entretanto mais astucioso do que espiritual. Os seus lábios eram tão finos que, em vez de se projetarem para a frente, recolhiam-se à boca; enfim, a largura e a proeminência das maçãs do rosto — sinal infalível de astúcia —, a depressão da testa, a projeção do occipital — que em muito ultrapassava as suas imensas orelhas nada aristocráticas —, contribuía para dar aos olhos de qualquer fisionomista um aspecto quase repugnante à figura desse personagem, que entretanto era muito recomendável aos olhos vulgares, graças a seus cabelos magníficos, ao enorme diamante que levava na camisa e à fita vermelha que se estendia entre as abotoaduras de sua casaca.

O cavaliariço bateu no vidro do porteiro e perguntou: — Não é aqui que mora o senhor conde de Monte-Cristo?

— É aqui que mora Sua Excelência — respondeu o porteiro —, mas... — Seu olhar consultou Ali.

Ali fez um sinal negativo.

— Mas...? — perguntou o cavaliariço.

— Mas Sua Excelência não se encontra visível — respondeu o porteiro.

— Neste caso, aqui está o cartão de meu patrão: o senhor barão Danglars... Entregue-o ao conde de Monte-Cristo e diga-lhe que a caminho da Câmara meu patrão desviou-se para ter a honra de vê-lo.

— Eu não falo com Sua Excelência — disse o porteiro. — O valete cumprirá a missão.

O cavaliariço voltou à carruagem.

— E então? — perguntou Danglars.

O garoto, muito envergonhado da lição que recebera, transmitiu ao patrão a resposta que lhe dera o porteiro.

— Oh — fez o patrão —, então esse senhor que chamam de Excelência é um príncipe... Só o seu valete tem o direito de lhe falar... Não importa, ele tem um crédito a receber de mim, vou vê-lo quando ele quiser o dinheiro.

E Danglars atirou-se ao fundo da carruagem, gritando ao cocheiro de maneira que pudesse ser ouvido do outro lado da rua: — À Câmara dos Deputados!

Através de uma persiana de seu pavilhão, Monte-Cristo, avisado a tempo, vira o barão e estudara-o — com a ajuda de excelente binóculo — com não menos atenção do que a empregada por Danglars ao analisar a casa, o jardim e os trajés.

— Realmente — murmurou Monte-Cristo com um gesto de desgosto, enfiando os tubos de seu binóculo no estojo de marfim —, mas realmente esse homem é uma criatura horrível... Impossível não reconhecer, assim que o vemos, a serpente de fronte achatada, o abutre de crânio corcovado, o gavião de bico fino! Ali! — gritou Monte-Cristo, logo batendo na sineta de cobre. Ali entrou. — Chame Bertuccio — disse ele.

Logo Bertuccio entrou.

— Vossa Excelência mandou me chamar? — disse o intendente.

— Sim, senhor — disse o conde. — Você viu os cavalos que estavam à minha porta?!

— Claro, Excelência... Realmente, esses cavalos eram muito belos.

— Como é possível — exclamou Monte-Cristo, franzindo as sobrancelhas —, enquanto lhe pedi os dois mais belos cavalos de Paris, que ainda haja em Paris outros dois cavalos tão belos quanto os meus, sem que estejam em minhas estrebarias?

Ante o franzir de sobrancelhas e o grave tom da voz, Ali baixou os olhos e empalideceu.

— Não é tua culpa, meu bom Ali — disse em árabe o conde com uma delicadeza que não imaginaríamos possível em sua voz ou em sua fisionomia —, não és um conhecedor de cavalos ingleses...

A serenidade retornou à fisionomia de Ali.

— Senhor conde — disse Bertuccio —, os cavalos de que fala não estavam à venda.

Monte-Cristo deu de ombros.

— Saiba, senhor intendente — disse ele —, que tudo sempre está à venda para quem sabe oferecer o preço.

— O senhor Danglars pagou por eles dezesseis mil francos, senhor conde...

— Bem, então deveria ter lhe oferecido trinta e dois mil francos... Ele é banqueiro: um banqueiro nunca perde a oportunidade de duplicar seu capital.

— O senhor conde está falando sério? — perguntou Bertuccio.

Monte-Cristo olhou para o intendente como alguém surpreso por ousarem lhe fazer uma pergunta.

— Ao anoitecer — disse ele —, vou fazer uma visita; então vou querer que aqueles dois cavalos já estejam atrelados à minha carruagem, com arreios novos.

Bertuccio retirou-se, inclinando-se; perto da porta, deteve-se: — A que horas Vossa Excelência pretende fazer essa visita? — perguntou ele.

— Às cinco horas — disse Monte-Cristo.

— Devo observar a Vossa Excelência que já são duas horas — aventurou o intendente.

— Eu sei — contentou-se em responder Monte-Cristo. Então, dirigindo-se a Ali: — Mande desfilarem todos os cavalos diante da senhora — disse ele. — Que ela escolha os dois cavalos que melhor lhe convierem, e que ela me mande dizer se deseja jantar comigo: nesse caso, sirvam o jantar em seu apartamento; ao descer, chame o valete.

Ali mal acabara de sair quando o valete entrou.

— Senhor Baptistin — disse o conde —, já está a meu serviço há um ano; é o tempo de experiência que costumo impor a meus empregados: o senhor foi aprovado.

Baptistin inclinou-se.

— Resta saber se eu fui aprovado pelo senhor — continuou Monte-Cristo.

— Oh, senhor conde! — apressou-se a exclamar Baptistin.

— Escute até o fim — continuou o conde. — O senhor ganha mil e quinhentos francos por ano, ou seja, o ordenado de um bom e bravo oficial que arrisca a sua vida diariamente; tem uma mesa que muitos chefes de repartição, infelizes servidores infinitamente mais ocupados que o senhor, invejariam... Criado, o senhor mesmo tem criados que cuidam de sua roupa e do que lhe é necessário. Além de seus mil e quinhentos francos de ordenado, o senhor me rouba, nas compras que faz para a minha toailete, mais cerca de mil e quinhentos francos por ano.

— Oh, Excelência!

— Não estou me queixando, senhor Baptistin: é razoável... Entretanto, quero que isso pare por aí. Não encontraria em lugar algum um emprego igual a este que a sua boa sorte lhe proporcionou. Nunca bato em meus criados, nunca digo palavrões, nunca me encolerizo, sempre perdoo um erro, mas nunca perdoo uma negligência ou um esquecimento. As minhas ordens costumam ser breves, mas claras e precisas; prefiro repeti-las duas, até mesmo três vezes, a vê-las mal interpretadas.

“Sou bastante rico para saber tudo o que desejo saber, e sou muito curioso, aviso-o. Assim, se eu souber que o senhor falou de mim, bem ou mal, que comentou as minhas atitudes, que vigiou a minha conduta, o senhor deixará imediatamente a minha casa. Nunca advirto os meus criados mais do que uma só vez; o senhor está avisado: vá!”

Baptistin inclinou-se e deu três ou quatro passos para retirar-se.

— A propósito — continuou o conde —, já ia me esquecendo de lhe dizer: anualmente deposito certa quantia em nome de meus criados. Os que eu despeço perdem necessariamente esse dinheiro, que passa àqueles que permanecem e que terão direito a ele, depois de minha morte... Há um ano está em minha casa; a sua fortuna começou: continue-a.

Esse discurso, feito diante de Ali — que permanecia impassível, pois não entendia uma palavra de francês —, produziu no senhor Baptistin um efeito compreensível a todos aqueles que estudaram um pouco a fisiologia do criado francês.

— Vou tratar de me conformar, em todos os aspectos, aos desejos de Vossa Excelência — disse ele. — Aliás, vou tomar o senhor Ali como modelo.

— Oh, de maneira alguma! — exclamou o conde, com frieza de mármore. — Ali tem muitos defeitos mesclados às suas qualidades; então, não o tome como exemplo, pois Ali é uma exceção; ele não recebe salário, não é um criado: é meu escravo, é meu cão; se ele faltasse a seu dever, eu não o expulsaria: eu o mataria.

Baptistin arregalou os olhos.

— Você duvida? — disse Monte-Cristo.

E repetiu a Ali as mesmas palavras que acabara de dizer em francês a Baptistin.

Ali escutou, sorriu, aproximou-se de seu patrão, colocou um joelho no chão e beijou-lhe respeitosamente a mão.

Esse pequeno corolário da lição levou ao cúmulo a estupefação do senhor Baptistin.

O conde fez sinal para que Baptistin saísse e Ali o seguisse. Ambos passaram ao gabinete do conde, onde conversaram longamente.

Às cinco da tarde, o conde bateu três vezes na sineta. Uma batida chamava Ali — duas batidas, Baptistin — três batidas, Bertuccio.

O intendente entrou.

— Os meus cavalos! — exclamou Monte-Cristo.

— Já estão na carruagem, Excelência — respondeu Bertuccio.
— Devo acompanhar o senhor conde?

— Não: o cocheiro, Baptistin e Ali bastam.

O conde desceu e viu — atrelados à sua carruagem — os cavalos que horas antes admirara na carruagem de Danglars.

Ao passar ao lado deles, lançou-lhes um olhar.

— Realmente, eles são belos! — exclamou o conde. — E você fez muito bem em comprá-los, embora tenha demorado um pouco...

— Excelência — disse Bertuccio —, foi bem difícil comprá-los, e eles custaram muito caro.

— Os cavalos são menos belos, portanto? — perguntou o conde, dando de ombros.

— Se Vossa Excelência está contente — respondeu Bertuccio —, tudo bem. Aonde vai Vossa Excelência?

— À rua da Chaussée d'Antin... À casa do barão Danglars.

A conversa acontecia no alto da escadaria. Bertuccio deu um passo para descer o primeiro degrau.

— Espere, senhor... — disse Monte-Cristo, detendo-o. — Estou precisando de terras à beira-mar, na Normandia, por exemplo, entre o Havre e Boulogne... Dou-lhe um amplo espaço, como vê... É preciso que, nessas terras, haja um pequeno porto, uma pequena enseada, uma pequena baía, onde o meu veleiro possa entrar e atracar; ele só precisa de cinco metros de profundidade. O veleiro estará sempre pronto a navegar, a qualquer hora do dia ou da noite, quando eu quiser zarpar. Informe-se em todos os tabelionatos sobre uma propriedade nas condições que mencionei; quando souber de algo, vá visitá-la e, se ficar satisfeito, compre-a, em seu nome. Agora o veleiro deve estar navegando para Fécamp, não é verdade?

— Na mesma noite em que deixamos Marselha, eu o vi lançar-se ao mar.

— E o iate?

— O iate tem ordem de permanecer em Martigues.

— Bem, comunique-se de vez em quando com os dois capitães que os comandam, para que eles não durmam...

— E quanto ao barco a vapor?...

— O barco que está em Châlons?

— É.

— As mesmas ordens dadas aos dois navios a vela.

— Bem!

— Assim que essa propriedade for comprada, vou colocar mudas de cavalos, de dez em dez léguas, na estrada do Norte e na estrada do Sul.

— Vossa Excelência pode contar comigo.

O conde fez um sinal de aprovação, desceu a escadaria, saltou à carruagem — que, levada ao trote da magnífica parelha, só parou diante do palácio do banqueiro.

Danglars presidia uma comissão que discutia ferrovias quando vieram lhe anunciar a visita do conde de Monte-Cristo. Aliás, a discussão já estava quase encerrada.

Ao ouvir o nome do conde, levantou-se.

— Senhores — disse ele, dirigindo-se a seus pares, muitos deles respeitáveis membros de uma ou outra Câmara —, queiram me perdoar por deixá-los assim... Mas imaginem que a casa Thomson e French, de Roma, envia-me um certo conde de Monte-Cristo, abrindo-lhe em meu banco crédito ilimitado... É a brincadeira mais engraçada que os meus correspondentes estrangeiros já fizeram comigo. Ora, vocês imaginam, fiquei muito curioso, e ainda estou... Hoje de manhã, passei pela casa do pretense conde. Fosse ele um verdadeiro conde, como sabem, não seria tão rico. Tal senhor não se encontrava visível... Que lhes parece? Não são maneiras de alteza, ou de bela dona, as afetadas por esse tal de Monte-Cristo? Aliás, a casa localizada nos Campos Elíseos, que lhe pertence, como me informei, pareceu-me apropriada. Mas um crédito ilimitado — continuou Danglars, rindo a sua vil risada — torna muito exigente o banco onde o crédito é aberto. Então estou com pressa de ver o nosso homem. Sinto-me mistificado. Mas esses estrangeiros não sabem com quem estão lidando... Ri melhor quem ri por último.

Ao concluir essas palavras — dando-lhes uma ênfase que dilatou as narinas do senhor barão —, Danglars deixou os seus convidados e passou a um salão branco e dourado que fazia muito sucesso na rua da Chaussée d'Antin.

Para lá ele mandara levarem o visitante, para impressioná-lo desde o início.

O conde estava de pé, observando algumas cópias das pinturas de Albani e Giordano, que haviam vendido ao banqueiro como pinturas originais, e que, apesar de serem cópias, destoavam muito das chicórias de ouro de todas as cores que adornavam o teto.

Ao barulho que Danglars fez ao entrar, o conde voltou-se.

Danglars cumprimentou-o ligeiramente, meneando a cabeça, e fez-lhe sinal para sentar-se em uma poltrona de madeira dourada, forrada de cetim branco, bordada em ouro.

O conde sentou-se.

— É ao senhor de Monte-Cristo que tenho a honra de falar?

— E eu — respondeu o conde —, ao senhor barão Danglars... cavaleiro da Legião de Honra... membro da Câmara dos Deputados...?

Monte-Cristo repetia todos os títulos que encontrara no cartão do barão.

Danglars percebeu a ironia e mordeu os lábios.

— Desculpe-me, senhor — disse Danglars —, por não ter lhe dado logo o título com que me foi anunciado... Mas, como sabe, vivemos sob um governo popular, e eu sou um representante dos interesses do povo.

— Portanto — respondeu Monte-Cristo —, mesmo conservando o hábito de fazer-se chamar de barão, o senhor perdeu o hábito de chamar os outros de conde...

— Ah, também não faço questão de meus títulos, senhor — respondeu descuidadamente Danglars. — Eles me nomearam barão e me fizeram cavaleiro da Legião de Honra por alguns serviços prestados, mas...

— Mas o senhor renunciou a seus títulos, como fizeram outrora os senhores de Montmorency e de Lafayette? É um belo exemplo a seguir, senhor...

— Ainda, não inteiramente... — prosseguiu Danglars, embaraçado. — Por causa dos criados, compreende...

— Sim... Para os criados, o senhor se chama de monsenhor... Para os jornalistas, o senhor se chama de senhor... E, para os seus eleitores, de cidadão... São detalhes muito aplicáveis ao governo constitucional. Sim, compreendo perfeitamente.

Danglars beliscou os lábios finos; viu que naquele terreno não venceria Monte-Cristo: tentou passar a um terreno que lhe era mais familiar.

— Senhor conde — disse Danglars, inclinando-se —, recebi uma carta de apresentação da casa Thomson e French...

— Estou encantado, senhor barão... Permita-me chamá-lo como o chamam os seus criados... É um mau hábito adquirido nos países onde ainda há barões, justamente porque já não se fazem mais barões... Estou encantado, como lhe dizia... Então, já não

precisarei apresentar-me a mim mesmo, o que sempre me embaraça... Então, como o senhor dizia, recebeu uma carta de apresentação?

— Sim — respondeu Danglars. — Mas confesso-lhe que não compreendi muito bem o significado.

— Bah!

— E até mesmo tive a honra de passar em sua casa para pedir-lhe algumas explicações.

— À vontade, senhor: aqui estou, escutando, pronto a ouvi-lo...

— Esta carta — continuou Danglars —, eu a tenho comigo, creio... (E revistou os bolsos.) Sim, aqui está: esta carta abre ao senhor conde de Monte-Cristo crédito ilimitado em minha casa...

— Bem, e então, senhor barão, o que vê de incompreensível nessa carta?

— Nada, senhor... Apenas a palavra *ilimitado*...

— Bem, e então? Essa palavra não é francesa? Compreenda, a carta foi escrita por anglo-alemães.

— Oh, naturalmente, senhor!... Quanto à sintaxe, não há nada a corrigir... Mas o mesmo não pode ser dito quanto à contabilidade.

— Acaso a casa Thomson e French — perguntou Monte-Cristo, com o ar mais ingênuo que conseguiu assumir —, em sua opinião, não é totalmente segura, senhor barão? Mas que diabo, isso me aborreceria, pois tenho alguns capitais investidos nessa casa...

— Ah, sim, ela é totalmente segura... — respondeu Danglars, com sorriso quase irônico. — Mas o significado da palavra *ilimitado*, em termos financeiros, é tão vago...

— Ser ilimitado... Não é verdade? — disse Monte-Cristo.

— Era exatamente isso, senhor, que eu queria dizer... Ora... O vago é a dúvida... E, como disse o sábio: na dúvida, abstenha-se.⁵

— O que significa — disse Monte-Cristo — que, se a casa Thomson e French está disposta a fazer loucuras, a casa Danglars não está disposta a seguir seu exemplo...

— Como assim, senhor conde?

— Sim, claro... Os senhores Thomson e French fazem negócios sem fixar os limites... Mas o senhor Danglars fixa um limite para os

seus... É um homem sábio, como ele disse agora mesmo...

— Senhor — respondeu orgulhosamente o banqueiro —, ninguém nunca reclamou de minha caixa...

— Então — respondeu friamente Monte-Cristo —, parece que eu serei o primeiro...

— E por que motivo?

— Pelas explicações que o senhor me pede... E que muito se assemelham a indecisões.

Danglars mordeu os lábios: era a segunda vez que era vencido por aquele homem, e dessa vez em seu próprio terreno. A sua irônica polidez não era mais do que fingida, e tocava naquele extremo vizinho que era a impertinência.

Monte-Cristo, muito pelo contrário, sorria com o melhor humor do mundo e tinha, quando queria, certo ar ingênuo que lhe oferecia muitas vantagens.

— Enfim, senhor — disse Danglars, depois de um momento em silêncio —, vou tentar fazer-me compreender pedindo que o senhor mesmo fixe a soma que deseja obter em meu banco.

— Mas, senhor — disse Monte-Cristo, decidido a não ceder uma polegada de terreno na discussão —, se eu pedi a seu estabelecimento um crédito ilimitado, foi precisamente por não saber de que quantia precisaria.

O banqueiro imaginou que finalmente chegara o momento de passar à frente; reclinou-se em sua poltrona e, com sorriso grosseiro e orgulhoso: — Oh, senhor — disse ele —, não tenha medo de desejar... Então poderá se convencer de que as cifras da casa Danglars, embora sejam limitadas, podem satisfazer as mais amplas exigências e, mesmo se pedisse um milhão...

— Como? — exclamou Monte-Cristo.

— Eu disse um milhão... — repetiu Danglars, gesticulando estupidamente.

— E o que eu faria com um milhão? — exclamou o conde. — Ah, meu Deus! Senhor, se eu só precisasse de um milhão, não teria aberto crédito por uma miséria dessas. Um milhão?! Mas sempre levo um milhão em minha carteira ou em minha bolsinha de viagem.

E Monte-Cristo tirou de uma caderneta, onde estavam os seus cartões de visita, dois bônus de quinhentos mil francos cada um, pagáveis ao portador pelo Tesouro.

Era preciso destruir e não irritar um homem como Danglars. A bordoadada teve o seu efeito: o banqueiro cambaleou e sentiu vertigens — mirou Monte-Cristo com olhos arregalados, com pupilas incrivelmente dilatadas.

— Vejamos — disse Monte-Cristo —, confesse-me que desconfia da casa Thomson e French... Meu Deus: é muito simples! Eu já o esperava e, embora não entenda muito bem de negócios, tomei as minhas precauções. Aqui estão, portanto, duas cartas semelhantes à carta de apresentação que recebeu... Uma delas é da casa Arestein e Eskoles, de Viena, para o senhor barão de Rothschild... A outra é da casa Baring, de Londres, para o senhor Laffitte... Diga uma palavra, senhor, e o deixarei livre de qualquer preocupação, dirigindo-me a uma dessas duas casas.

Estava feito: Danglars estava vencido; ele abriu com visível tremor a carta de Viena e a carta de Londres, que o conde lhe estendia com a ponta dos dedos; verificou a autenticidade das assinaturas com uma minúcia que seria insultante para Monte-Cristo, se ele mesmo não tivesse provocado a perplexidade do banqueiro.

— Oh, senhor!... Aqui estão três assinaturas que valem milhões... — exclamou Danglars, levantando-se, como a saudar o poder do ouro personificado naquele homem à sua frente. — Três créditos ilimitados, em nossas três casas! Queira me perdoar, senhor conde, mas, mesmo deixando de ser desconfiados, ainda podemos permanecer surpresos.

— Oh, uma casa como a sua não deveria surpreender-se! — disse Monte-Cristo com toda a sua polidez. — Então o senhor pode me remeter algum dinheiro, não é verdade?

— Pode falar, senhor conde... Estou às suas ordens.

— Muito bem! — continuou Monte-Cristo. — Agora que nos entendemos... Pois nós nos entendemos, não é verdade?

Danglars fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— E já não tem mais desconfianças? — prosseguiu Monte-Cristo.

— Oh, senhor conde — exclamou o banqueiro —, nunca tive!

— Não... Só queria uma prova, nada mais. Muito bem! — repetiu o conde. — Agora que nos entendemos, agora que já não tem mais desconfianças, fixemos, se assim vier a desejar, uma soma aproximada para o primeiro ano... Seis milhões, por exemplo.

— Seis milhões... Que seja! — disse Danglars, sufocado.

— Se eu precisar de mais — continuou casualmente Monte-Cristo —, aumentaremos a quantia... Mas não espero ficar mais de um ano na França, e, durante esse ano, imagino que não vou ultrapassar essa cifra... Enfim, veremos... Para começar, queira mandar me entregarem quinhentos mil francos amanhã... Estarei em casa até o meio-dia... Aliás, se eu não estiver, deixarei um recibo com o meu intendente.

— O dinheiro estará em sua casa amanhã, às dez da manhã, senhor conde — respondeu Danglars. — Prefere em ouro, em papéis bancários ou em dinheiro?

— Metade em ouro, metade em papéis, por favor.

E o conde levantou-se.

— Devo confessar-lhe uma coisa, senhor conde — disse Danglars por sua vez. — Eu acreditava ter noções exatas acerca de todas as grandes fortunas da Europa... Todavia, a sua, que me parece considerável, era-me, confesso-lhe, totalmente desconhecida... Ela é recente?

— Não, senhor — respondeu Monte-Cristo —, pelo contrário, ela é muito antiga... Ela era uma espécie de tesouro de família no qual era proibido tocar... Assim, os juros acumulados triplicaram o capital... A proibição fixada pelo testamenteiro caducou há apenas alguns anos... Só então recebi essa herança. A sua ignorância a respeito dessa fortuna é muito natural. Aliás, em breve vai conhecê-la melhor.

E o conde emoldurou essas palavras num daqueles sorrisos pálidos que tanto medo provocavam em Franz d'Épinay.

— Com os seus gostos e as suas intenções — prosseguiu Danglars —, o senhor vai exhibir pela capital um luxo que nos

esmagará a todos, a nós outros pequenos e pobres milionários... Entretanto, como o senhor me parece ser um amante das artes... pois quando cheguei estava admirando os meus quadros... peço-lhe permissão para mostrar-lhe a minha galeria... São todos quadros antigos, todos quadros de mestres, certificados como tais... Não gosto dos modernos.

— E tem plena razão, cavalheiro, pois geralmente os modernos têm um grande defeito: ainda não tiveram tempo de se tornarem antigos.

— Posso mostrar-lhe algumas esculturas de Thorwaldsen, Bartolini e Canova, todos eles artistas estrangeiros? Como vê, não aprecio os artistas franceses...

— Tem todo o direito de ser injusto com eles, cavalheiro: são seus compatriotas.

— Mas deixemos tudo isso para mais tarde, para quando nos conhecermos melhor. Hoje, vou me contentar, se o senhor me permitir, em apresentá-lo à senhora baronesa Danglars... Perdoe-me a pressa, senhor conde, mas um cliente igual a você quase já faz parte da família.

Monte-Cristo inclinou-se, assinalando que aceitava a honra que o financista bem queria oferecer-lhe.

Danglars soou: um criado de uniforme brilhante apareceu.

— A senhora baronesa encontra-se em seus aposentos? — perguntou Danglars.

— Sim, senhor barão — respondeu o laçao.

— Sozinha?

— Não, a senhora se encontra com visitas.

— Não seria indiscreto apresentá-lo diante de outros, não é mesmo, senhor conde? Ou está incógnito?

— Não, senhor barão — disse Monte-Cristo, sorrindo —, não me concedo esse direito...

— E quem está com a senhora? O senhor Debray? — perguntou Danglars com uma bonomia que levou Monte-Cristo a sorrir intimamente, já informado sobre os transparentes segredos íntimos do financista.

— O senhor Debray, sim, senhor barão — respondeu o laçao.

Danglars fez um sinal com a cabeça.

Então, voltando-se para Monte-Cristo: — O senhor Lucien Debray — disse ele — é um velho amigo nosso... Ele é secretário particular do ministro do Interior... Quanto à minha mulher, nada lucrou ao se casar comigo, pois ela pertence a uma família muito antiga: era uma senhorita de Servières, viúva em primeiras núpcias do senhor coronel marquês de Nargonne.

— Não tive a honra de conhecer a senhora Danglars... Mas já cheguei a ver o senhor Lucien Debray.

— Verdade? — exclamou Danglars. — Onde o viu?

— Na casa do senhor de Morcerf.

— Ah, então você conhece o pequeno visconde?! — exclamou Danglars.

— Nós estávamos juntos em Roma, durante o carnaval.

— Ah, é verdade! — exclamou Danglars. — Acho que ouvi algo a respeito de um estranho incidente com bandidos, com ladrões, nas ruínas... Ele só escapou dessa por milagre. Acho que ele contou algo de tudo isso à minha mulher e à minha filha, quando voltou da Itália.

— A senhora baronesa espera os senhores — veio dizer o laçao.

— Passo à sua frente para mostrar-lhe o caminho — disse Danglars, inclinando-se.

— E eu o sigo — disse Monte-Cristo.

XLVIII. OS CAVALOS MALHADOS

Seguido pelo conde, o barão atravessou uma longa fileira de salas notáveis pela pesada suntuosidade, pelo pomposo mau gosto, e chegou à alcova da senhora Danglars, pequena peça octogonal forrada de cetim rosa recoberto por musselina das Índias; as poltronas eram de velha madeira dourada, com velhos forros; nos cimos das portas desenhavam-se pastorais no gênero de Boucher;⁶ enfim, dois belos pastéis em medalhão, em harmonia com o resto da mobília, faziam desse quarto a única peça do palácio com algum

caráter; é verdade que essa alcova escapara ao projeto traçado pelo senhor Danglars e seu arquiteto — uma das mais altas e eminentes celebridades do Império. A decoração da alcova coubera exclusivamente à baronesa e a Lucien Debray. Portanto, o senhor Danglars — grande admirador das antiguidades em voga durante o Diretório⁷ — desprezava muito aquele pequeno refúgio galante, onde aliás só era admitido se desculpasse a sua presença trazendo algum acompanhante; assim, na verdade, não era Danglars que apresentava: ao contrário, era ele o apresentado, sendo bem ou mal recebido conforme a baronesa fosse ou não com a cara de seu acompanhante.

A senhora Danglars — cuja beleza ainda merecia menção, apesar de seus trinta e seis anos — estava ao piano, pequena obra-prima de marcenaria, enquanto Lucien Debray, sentado diante de uma mesinha de costura, folheava um álbum.

Antes da chegada de Monte-Cristo, Lucien já tivera tempo de contar à baronesa muitas coisas sobre o conde. Durante o almoço na casa de Albert, vimos como Monte-Cristo causara impressão a seus convidados; tal impressão — por menos impressionável que ele fosse — ainda não se apagara em Debray, e as informações sobre o conde que ele dera à baronesa ecoavam as suas impressões. Assim, a curiosidade da senhora Danglars, excitada pelos velhos detalhes transmitidos por Morcerf e pelos recentes detalhes provenientes de Lucien, estava no auge. Portanto, as atenções voltadas ao piano e ao álbum eram apenas pequenas astúcias de sociedade a dissimular as suas verdadeiras preocupações. Assim, a baronesa recebeu o senhor Danglars com um sorriso, o que de sua parte não era algo habitual. O conde, por sua vez, retribuiu o seu cumprimento com reverência cerimoniosa, mas também graciosa.

Lucien trocou com o conde uma saudação de quem já o conhecia e com Danglars um gesto de intimidade.

— Senhora baronesa — disse Danglars —, permita-me apresentar-lhe o senhor conde de Monte-Cristo, que me foi enviado pelos meus colegas de Roma com as mais insistentes

recomendações... Só tenho uma palavra a dizer: ele logo vai tornar-se a coqueluche de todas as nossas belas damas; veio a Paris com a intenção de aqui permanecer um ano gastando seis milhões... O que promete uma série de bailes, jantares, ceias à meia-noite, quando espero que o senhor conde não nos esqueça, assim como nós não o esqueceremos em nossas festinhas.

Embora a apresentação fosse de uma louvação bastante grosseira, geralmente é algo tão raro um homem vir a Paris para gastar num ano a fortuna de um príncipe que a senhora Danglars lançou ao conde um olhar que não era desprovido de certo interesse.

— E o senhor chegou...? — perguntou a baronesa.

— Ontem de manhã, minha senhora...

— E veio, conforme o seu hábito, ao que me disseram, do fim do mundo?

— Desta vez, vim de Cádiz, senhora, pura e simplesmente.

— Oh, o senhor chega em uma estação horrível... Paris é detestável no verão; já não há mais bailes, nem reuniões, nem festas. A Ópera italiana está em Londres, a Ópera francesa está em toda parte, menos em Paris; e, quanto ao Teatro Francês, como sabe, já não está mais em parte alguma. Resta-nos, portanto, como única distração, algumas tristes corridas de cavalos no Campo de Marte e em Satory. Participará das corridas, senhor conde?

— Eu, minha senhora — disse Monte-Cristo —, farei tudo o que se faz em Paris, se tiver a sorte de encontrar alguém que me informe adequadamente acerca dos hábitos franceses.

— É um apreciador de cavalos, senhor conde?

— Passei parte de minha vida no Oriente, senhora, e, como sabe, os orientais só apreciam duas coisas no mundo: a nobreza dos cavalos e a beleza das mulheres.

— Ah, senhor conde — exclamou a baronesa —, deveria ter a galanteria de colocar as mulheres em primeiro lugar.

— Como vê, senhora, eu tinha razão quando agora mesmo desejava ter um preceptor capaz de me guiar nos meandros dos hábitos franceses.

Nesse momento, a camareira favorita da senhora baronesa Danglars entrou, aproximou-se da patroa e soprou-lhe algumas palavras ao ouvido.

A senhora Danglars empalideceu.

— Impossível! — exclamou ela.

— Entretanto, é a mais pura verdade, senhora — respondeu a camareira.

A senhora Danglars voltou-se para o marido.

— Isso é verdade, senhor?

— O quê, senhora? — perguntou Danglars, visivelmente agitado.

— O que me disse esta menina...

— E o que ela lhe disse?

— Ela me disse que, no momento em que meu cocheiro foi atrelar meus cavalos em minha carruagem, já não os encontrou na estrebaria... Eu lhe pergunto: o que significa isso?

— Senhora — disse Danglars —, escute-me...

— Oh, estou escutando, senhor, pois estou curiosa de saber o que tem a me dizer... Farei desses senhores os nossos juízes, e vou começar por lhes dizer o que está havendo. Senhores — prosseguiu a baronesa —, o senhor barão Danglars tem dez cavalos na estrebaria; entre esses dez cavalos, dois são meus: cavalos encantadores, os mais belos cavalos de Paris; você os conhece, senhor Debray: os meus cavalos malhados de preto e branco. Muito bem: no momento em que a senhora de Villefort pede emprestada a minha carruagem, que lhe prometi para ir ao bosque amanhã, eis que os dois cavalos desapareceram! O senhor Danglars deve ter recebido alguns milhares de francos, deve tê-los vendido... Oh! Que raça vil, meu Deus, essa raça dos especuladores!

— Senhora — respondeu Danglars —, esses cavalos eram muito bravos, tinham apenas quatro anos, eles me faziam temer por você.

— Ah, senhor — disse a baronesa —, como sabe muito bem, há um mês tenho a meu serviço o melhor cocheiro de Paris... a não ser que o tenha vendido junto com os cavalos.

— Cara amiga: vou encontrar cavalos iguais, até mesmo mais bonitos, se possível, mas cavalos mansos, calmos, que não me

inspirem tanto temor.

A baronesa deu de ombros aparentando profundo desprezo.

Danglars pareceu não perceber esse gesto mais que conjugal e, voltando-se para Monte-Cristo: — Na verdade, lamento não o ter conhecido antes, senhor conde — disse ele. — Está montando a sua casa?

— Estou — disse o conde.

— Eu teria lhe oferecido esses cavalos. Imagine que os dei de graça, praticamente... Mas, como lhe disse, queria me desfazer deles: são cavalos para jovens.

— Cavalheiro — disse o conde —, eu lhe agradeço... Há pouco comprei cavalos muito bons, e não paguei muito caro. Veja-os, senhor Debray: entende de cavalos, não é?

Enquanto Debray aproximava-se da janela, Danglars aproximou-se de sua mulher.

— Imagine, senhora — disse-lhe baixinho —, que vieram me oferecer um preço exorbitante por esses cavalos... Não sei quem foi o louco pronto a se arruinar que me enviou o seu intendente hoje de manhã, mas fato é que ganhei dezesseis mil francos nesse negócio... Não brigue comigo: eu lhe darei quatro mil francos, e darei dois mil a Eugénie.

A senhora Danglars deixou cair sobre o marido um olhar esmagador.

— Oh, meu Deus! — exclamou Debray.

— O que foi? — perguntou a baronesa.

— Mas eu não estou enganado... São os seus cavalos, baronesa, os seus próprios cavalos, que estão atrelados à carruagem do conde.

— Os meus cavalos malhados?! — exclamou a senhora Danglars.

E correu à janela.

— Realmente, são eles! — disse ela.

Danglars estava estupefato.

— Mas será possível? — exclamou Monte-Cristo, fingindo surpresa.

— Incrível! — murmurou o banqueiro.

A baronesa disse duas palavras ao ouvido de Debray, que por sua vez aproximou-se de Monte-Cristo.

— A baronesa manda perguntar-lhe por quanto o seu marido lhe vendera a sua parelha.

— Mas não sei muito bem — disse o conde —, foi uma surpresa que o meu intendente me fez e... que me custou trinta mil francos, creio.

Debray foi transmitir a resposta à baronesa.

Danglars estava tão pálido, tão desconcertado, que o conde parecia sentir pena dele.

— Olhe — disse o conde a Danglars — como as mulheres são ingratas: os cuidados de sua parte de forma alguma comoveram a baronesa... Ingrata não é a palavra, é louca que eu deveria dizer. Mas que fazer? Sempre amamos o que prejudica... Assim, o mais simples, pode crer, meu caro barão, é deixá-las fazer sempre o que lhes dá na cabeça... Se quebrarem a cabeça, ao menos, ora, só poderão queixar-se de si mesmas.

Danglars nada respondeu: previa para breve uma cena desastrosa; as sobrancelhas da senhora baronesa já tinham se franzido e, como as de Júpiter Olímpico,⁸ pressagiavam uma tempestade; sentindo a ameaça, Debray pretextou ter um compromisso e se foi. Monte-Cristo, não desejando perder a posição que esperava conquistar permanecendo por mais tempo, cumprimentou a senhora Danglars e retirou-se, entregando o barão à cólera de sua mulher.

— Bom — pensou Monte-Cristo, retirando-se —, cheguei onde queria... Agora tenho em minhas mãos a paz do casal e vou conquistar ao mesmo tempo o coração do Senhor e o coração da Senhora Danglars... Que sorte! Mas — continuou ele —, em meio a tudo isso, não cheguei a ser apresentado à senhorita Eugénie Danglars, embora tivesse muita vontade de conhecê-la. Mas — prosseguiu, com o sorriso que lhe era peculiar — aqui estamos, em Paris, e temos tempo pela frente... Ficaré para mais tarde!...

Enquanto refletia, o conde subiu à carruagem e voltou para casa.

Duas horas depois, a senhora Danglars recebeu encantadora carta do conde de Monte-Cristo, na qual ele lhe declarava que, não desejando fazer a sua estreia na sociedade parisiense desesperando uma bela mulher, suplicava-lhe que aceitasse os seus cavalos de volta.

Os cavalos conservavam os mesmos arreios com que ela os vira de manhã; entretanto, no meio de cada roseta que eles levavam nas orelhas, o conde mandara costurar um diamante.

Danglars também recebeu a sua carta. O conde pedia-lhe permissão para fazer à baronesa esse capricho de milionário, implorando-lhe que desculpasse as maneiras orientais a acompanhar a devolução dos cavalos. À noite, Monte-Cristo partiu para Auteuil, acompanhado por Ali.

No dia seguinte, ao redor das três horas, Ali, chamado por um toque de sineta, entrou no gabinete do conde.

— Ali — disse-lhe o conde —, você sempre me fala de sua habilidade em lançar o laço...

Ali fez sinal que sim e endireitou-se orgulhosamente.

— Muito bem! Então, com o laço, você apanharia um boi?

Ali fez sinal que sim com a cabeça.

— Um tigre?

Ali fez o mesmo sinal.

— Um leão?

Ali fez o gesto de um homem a lançar o laço e imitou um rugido estrangulado.

— Muito bem, entendi — disse Monte-Cristo. — Você já caçou leões?

Ali fez orgulhoso sinal com a cabeça.

— Mas conseguiria deter, em sua corrida, dois cavalos desembestados?

Ali sorriu.

— Bem, então escute — disse Monte-Cristo. — Agora mesmo vai passar uma carruagem levada por dois cavalos malhados, os mesmos cavalos que usei ontem. Mesmo que venha a ser esmagado, é preciso que você pare essa carruagem em frente à minha porta.

Ali desceu à rua e traçou uma linha no chão, em frente à porta; então entrou e apontou a linha ao conde, que o seguiu com os olhos.

O conde bateu-lhe suavemente no ombro: era a sua maneira de agradecer a Ali. Então o núbio foi fumar o seu chibuke na esquina entre a casa e a rua, enquanto Monte-Cristo entrava despreocupado.

Entretanto, por volta das cinco horas — ou seja, na hora em que o conde esperava a carruagem —, podia-se ver surgir em Monte-Cristo os sinais quase imperceptíveis de leve impaciência: ele passeava em um quarto que dava para a rua, de vez em quando apurando os ouvidos e aproximando-se da janela por onde se via Ali soltando baforadas com uma regularidade a mostrar que o núbio encontrava-se inteiramente dedicado àquela importante tarefa.

De repente, ouviram-se rodas distantes, mas a aproximarem-se na velocidade do raio; então apareceu uma carruagem: o cocheiro tentava inutilmente frear os cavalos, que avançavam furiosos, desembestados, pulando como loucos.

Na carruagem, uma jovem e uma criança de sete ou oito anos, abraçadas, tinham perdido até a força de dar um grito, dominadas pelo imenso terror; bastaria uma pedra sob a roda, uma árvore no meio do caminho, para arrebentar a carruagem, que estalava. A carruagem passava bem no meio do caminho e na rua ouviam-se os gritos de terror dos que a viam se aproximar.

De repente, Ali pousa o chibuke, tira do bolso o laço, lança-o, envolve em tripla volta as patas dianteiras do cavalo à esquerda; deixa-se arrastar três ou quatro passos pela violência do impulso; mas, depois desses três ou quatro passos, o cavalo laçado cai, desaba sobre o varal, partindo-o, e paralisa os esforços feitos pelo outro cavalo para continuar a corrida. O cocheiro aproveitou esse momento de pausa para saltar de seu assento; mas, com os seus dedos de ferro, Ali já agarrara as narinas do outro cavalo — o animal, relinchando de dor, estendeu-se convulsivamente ao lado de seu companheiro.

Tudo isso durou o tempo que leva a bala para atingir seu alvo.

Entretanto, bastou esse tempo para que da casa em frente ao local do acidente saísse correndo um homem seguido por vários criados. No momento em que o cocheiro abre a portinhola, ele tira da carruagem a dama, que com uma mão agarra-se à almofada, enquanto com a outra aperta contra o peito o seu filho desmaiado. Monte-Cristo carregou os dois ao salão e, colocando-os num sofá: — Já não precisa ter medo de nada, senhora — disse ele —: está salva.

A mulher voltou a si e, como resposta, mostrou-lhe o seu filho com um olhar mais eloquente do que todas as preces.

Realmente, a criança continuava desmaiada.

— Sim, senhora: compreendo — disse o conde, examinando a criança. — Mas fique tranquila: não lhe aconteceu nada de mal, apenas o medo o fez desmaiar.

— Oh, senhor — exclamou a mãe —, não está dizendo isso só para me tranquilizar? Olhe como ele está pálido! Meu filho! Minha criancinha! Meu Édouard! Responda à sua mãe! Ah, senhor, mande chamar um médico... Dou toda a minha fortuna a quem me devolver meu filho!

Monte-Cristo fez um gesto para acalmar a mãe desesperada e, abrindo uma caixa, tirou um frasco da Boêmia, incrustado de ouro, contendo um licor vermelho como sangue, deixando cair apenas uma gota nos lábios da criança.

Embora ainda pálido, o menino logo abriu os olhos.

Ao assistir à cena, a alegria da mãe quase chegou ao delírio.

— Onde estou? — exclamou ela. — A quem devo tanta alegria, depois de uma provação tão cruel?

— A senhora está na casa do mais feliz dos homens: feliz por ter lhe poupado uma desgraça — respondeu Monte-Cristo.

— Oh, maldita curiosidade! — exclamou a dama. — Paris inteira falava desses magníficos cavalos da senhora Danglars, e tive a loucura de querer experimentá-los.

— Como! — exclamou o conde, com surpresa admiravelmente representada. — Aqueles cavalos são os da baronesa?

— Sim, senhor... Conhece-a?

— A senhora Danglars?... Tive essa honra, e minha alegria é duplicada ao vê-la salva do perigo que esses cavalos a fizeram correr; perigo que poderia atribuir a mim: ontem eu tinha comprado esses cavalos do barão; mas a baronesa pareceu lamentar tanto a perda dos cavalos que devolvi-os ontem, implorando-lhe que os aceitasse.

— Mas então o senhor é, portanto, o conde de Monte-Cristo de que Hermine tanto me falou ontem?

— Sim, senhora — fez o conde.

— Eu, senhor, sou a senhora Héloïse de Villefort...

O conde saudou-a como alguém que jamais ouvira aquele nome.

— Oh, como o senhor de Villefort lhe será grato! — prosseguiu Héloïse. — Afinal, ele lhe deve a nossa vida, a vida de nós dois: o senhor salvou a vida de sua mulher e de seu filho. Certamente, não fosse o seu generoso criado, esta querida criança e eu estaríamos mortas.

— Ai, senhora: ainda estou tremendo pelo perigo que vocês correram.

— Oh... espero que me permita recompensar dignamente a devoção daquele homem.

— Senhora — respondeu Monte-Cristo —, não vá me estragar Ali, por favor, nem com louvores, nem com recompensas: são hábitos que não desejo que ele adquira. Ali é meu escravo; ao salvar as suas vidas, ele me serve, e é seu dever servir-me.

— Mas ele arriscou a vida! — exclamou a senhora de Villefort, a quem aquele tom patronal impunha-se singularmente.

— Eu salvei a vida dele, senhora — respondeu Monte-Cristo. — Logo, a vida dele me pertence.

A senhora de Villefort calou-se: talvez estivesse refletindo sobre aquele homem, que, à primeira vista, causava tanta impressão aos espíritos.

Durante esse momento de silêncio, o conde pôde observar à vontade o menino que a mãe cobria de beijos. Ele era pequeno, frágil, pele branca como a das crianças ruivas, mas uma floresta de cabelos negros, rebeldes a qualquer penteado, cobria a sua testa curva e, caindo sobre os seus ombros, emoldurando o seu rosto,

redobrava a vivacidade de seus olhos cheios de malícia dissimulada e de maldade juvenil; a sua boca, que mal voltara a ser vermelha, era ampla, de lábios finos; os traços dessa criança de oito anos pareciam ter no mínimo doze. O seu primeiro impulso foi livrar-se, com brusco impulso, dos braços da mãe e abrir a caixa de onde o conde tirara o frasco do elixir; então, sem pedir permissão a ninguém, como criança acostumada a satisfazer todos os seus caprichos, começou a destampar os frascos.

— Não toque nisso, meu amigo — disse vivamente o conde —: alguns desses licores são perigosos, não só se forem ingeridos, mas até mesmo se forem inalados.

A senhora de Villefort empalideceu e deteve o braço do filho, puxando-o a si; uma vez acalmado o seu temor, ela logo lançou à caixa um breve mas expressivo olhar que o conde captou de passagem.

Nesse instante, Ali entrou.

A senhora de Villefort fez um gesto de alegria e, abraçando fortemente a criança: — Édouard — disse ela —, está vendo esse bom servidor? Ele foi muito corajoso: expôs a própria vida para deter os cavalos que nos arrastavam e a carruagem que já se partia. Então agradeça a ele: provavelmente, não fosse ele, a esta hora, ambos estaríamos mortos.

A criança moveu os lábios e virou desdenhosamente a cabeça.

— Ele é muito feio — disse o menino.

O conde sorriu, como se a criança estivesse correspondendo ao que ele esperava; mas a senhora de Villefort repreendeu o filho com uma moderação que certamente não agradaria a Jean-Jacques Rousseau, se o pequeno Édouard se chamasse Émile.⁹

— Viste? — disse em árabe o conde a Ali. — Esta dama pede ao filho que lhe agradeça por ter salvado a vida de ambos, e a criança responde que és muito feio.

Ali virou por um instante a sua cabeça inteligente e olhou a criança sem mostrar nenhuma expressão, mas um simples tremor de sua narina mostrou a Monte-Cristo que o árabe acabara de ser ferido no coração.

— Senhor conde — perguntou a senhora de Villefort, levantando-se para ir embora —, esta casa é a sua residência habitual?

— Não, senhora — respondeu o conde —, esta é uma espécie de pousada que comprei: moro na avenida dos Campos Elíseos, nº 30... Mas vejo que a senhora já está totalmente recuperada, e que deseja retirar-se. Acabo de ordenar que atrelem aqueles mesmos cavalos à minha carruagem, e Ali, esse rapaz tão feio — disse o conde, sorrindo ao menino —, vai ter a honra de conduzi-la à sua casa, enquanto o seu cocheiro vai ficar aqui para mandar consertar o seu carro. Assim que esse trabalho indispensável for concluído, uma de minhas parelhas a levará para a casa da senhora Danglars.

— Mas com esses cavalos nunca me atreverei a sair daqui — exclamou a senhora de Villefort.

— Oh, a senhora vai ver — disse Monte-Cristo —: nas mãos de Ali, esses cavalos vão ficar mansos como cordeiros.

De fato, Ali se aproximara dos cavalos, que tinham se levantado com muita dificuldade. Levava à mão uma pequena esponja embebida em vinagre aromático; com ela esfregou as narinas e as têmporas dos animais cobertos de suor e espuma e quase imediatamente eles começaram a bufar ruidosamente e a estremecer de corpo inteiro durante alguns segundos.

Então, em meio à multidão que os destroços da carruagem e o barulho do acidente tinham atraído para a frente da casa, Ali fez atrelar os cavalos ao carro do conde, tomou as rédeas, subiu à boleia e — para grande surpresa do público, que tinha visto aqueles cavalos dispararem como turbilhão — foi obrigado a usar vigorosamente o chicote para fazê-los partir, e mesmo assim só conseguiu obter dos famosos cavalos malhados, agora estúpidos, petrificados, mortos, um trote tão incerto e devagar que a senhora de Villefort precisou de quase duas horas para chegar ao subúrbio de Saint-Honoré, onde morava.

Assim que chegou em casa, tranquilizadas as primeiras emoções da família, ela escreveu o seguinte bilhete à senhora Danglars: Cara Hermine, Acabo de ser milagrosamente salva, ao

lado de meu filho, por aquele mesmo conde de Monte-Cristo de que tanto falamos ontem à noite, e que eu nem desconfiava que veria hoje. Ontem você me falou dele com um entusiasmo que não pude deixar de censurar com todas as forças de meu pobre pequeno espírito, mas hoje acho esse entusiasmo bem abaixo do homem a inspirá-lo. Hermine: os seus cavalos desembestaram no parque Ranelagh, como se estivessem frenéticos, e provavelmente íamos nos arreentar em mil pedaços, o meu pobre Édouard e eu, de encontro à primeira árvore no meio do caminho, ou ao primeiro poste do bairro, quando um árabe, um negro, um núbio, enfim um homem negro, a serviço do conde, conseguiu, a um sinal dele, creio, parar o impulso dos cavalos, arriscando-se ele mesmo a arreentar-se, e realmente foi um milagre ele não ter se arreentado... Então o conde correu, levou-nos à sua casa, a Édouard e a mim, e ali trouxe o meu filho de volta à vida. Foi na própria carruagem do conde que fui trazida de volta ao palácio; a sua carruagem lhe será devolvida amanhã. Encontrará os seus cavalos bem enfraquecidos depois desse acidente; eles estão como que bestificados; parece que não conseguem perdoar-se a si mesmos por terem sido domados por um homem. O conde encarregou-me de dizer-lhe que dois dias de descanso na estrebaria e cevada como único alimento deixarão os cavalos tão fogosos, isto é, tão assustadores quanto ontem.

Adeus! Não lhe agradeço pelo passeio... E, quando penso, é todavia ingratidão guardar-lhe rancor pelos caprichos de seus cavalos, pois é devido a um desses caprichos que devo ter visto o conde de Monte-Cristo, e o ilustre estrangeiro parece-me — à parte os milhões de que dispõe — um problema tão curioso e tão interessante que espero estudá-lo a qualquer preço, mesmo que tenha de voltar a passear no bosque com os seus próprios cavalos assanhados.

Édouard enfrentou o acidente com uma coragem milagrosa. Ele desmaiou, mas sem dar um grito, antes; sem derramar uma lágrima, depois. Pode me dizer que o meu amor materno me cega, mas há uma alma de ferro naquele pobre corpinho tão frágil, tão delicado.

A nossa querida Valentine manda dizer muitas coisas à sua querida Eugénie; eu a beijo de todo o coração.

HÉLOÏSE DE VILLEFORT.

P.S. Portanto, faça-me encontrar-me, de alguma forma, esse conde de Monte-Cristo em sua casa, faço questão absoluta de voltar a vê-lo. Aliás, acabo de conseguir do senhor de Villefort que ele lhe faça uma visita; espero que ele a faça.”

À noite, o incidente em Auteuil era o tema de todas as conversas: Albert contou-o à sua mãe, Château-Renaud ao Jockey-Club, Debray ao salão do ministro. O próprio Beauchamp, em seu jornal, fez ao conde a galanteria de uma *variedade* de vinte linhas, alçando o nobre estrangeiro a herói de todas as damas da aristocracia.

Muitas pessoas foram deixar o seu cartão na casa da senhora de Villefort para terem o direito de renovar as suas visitas oportunamente e então ouvirem de sua boca todos os detalhes daquela pitoresca aventura.

Já o senhor de Villefort, como dissera Héloïse, vestiu uma casaca negra, luvas brancas, o mais belo uniforme de gala e subiu à sua carruagem que, na mesma noite, parou à porta do número 30, na casa dos Campos Elíseos.

XLIX. IDEOLOGIA Se o conde de Monte-Cristo vivesse há mais tempo na sociedade parisiense, teria dado o devido valor à visita que vinha lhe fazer o senhor de Villefort.

Muito bem na corte, fosse o rei a governar do ramo primogênito ou do ramo caçula, fosse o ministro governante doutrinário, liberal ou conservador; considerado hábil por todos, como em geral são consideradas hábeis as pessoas que nunca passaram por fracassos políticos; odiado por muitos, mas calorosamente protegido por alguns — mesmo sem ser amado por ninguém —, o senhor de Villefort gozava de uma das mais altas posições da magistratura, mantendo-se nessas alturas como um Harlay, ou como um Molé.¹⁰ O seu salão, rejuvenescido por uma jovem — bem como por uma filha do primeiro casamento de apenas dezoito anos —, não deixava de ser um daqueles severos salões de Paris onde se observa o culto das tradições e a religião da etiqueta. Fria polidez, absoluta

fidelidade aos princípios governamentais, profundo desprezo pelas teorias e pelos teóricos, profundo ódio aos ideólogos — tais eram os elementos da vida íntima e pública mostrados pelo senhor de Villefort.

O senhor de Villefort era não apenas magistrado: era quase um diplomata. As suas relações com a antiga corte, da qual sempre falava com dignidade e respeito, proporcionavam-lhe o respeito da nova corte, e ele sabia de tantas coisas que não apenas sempre o respeitavam, mas também algumas vezes o consultavam. O que talvez não acontecesse se pudessem livrar-se do senhor de Villefort; mas — como os senhores feudais rebeldes a seu suserano — ele ocupava uma fortaleza inabalável. Essa fortaleza era o seu cargo de procurador do rei, cargo que lhe oferecia vantagens maravilhosamente exploradas, e que ele só deixaria para eleger-se deputado, passando assim da neutralidade à oposição.

Em geral, o senhor de Villefort fazia ou recebia poucas visitas: a sua mulher visitava por ele; era um hábito aceito na sociedade, hábito que colocavam na conta das relevantes e inúmeras ocupações do magistrado, embora na verdade fosse apenas um cálculo orgulhoso, uma quintessência aristocrática, enfim a aplicação desse axioma: — *Fingindo autoestima, serás estimado* —, axioma cem vezes mais útil em nossa sociedade do que o dos gregos: — *Conhece-te a ti mesmo* —, em nossos dias substituído pela arte menos difícil e mais vantajosa de conhecer os outros.

O senhor de Villefort era um poderoso protetor para os seus amigos; para os seus inimigos era um adversário oculto, mas encarniado; para os indiferentes era a estátua da lei feita homem: aparência altiva, fisionomia impassível, olhar gelado e inexpressivo — ou insolentemente penetrante e examinador —, assim era o homem cujo pedestal quatro revoluções, que se sucederam habilmente, haviam construído e a seguir cimentado.

O senhor de Villefort tinha a fama de ser o homem menos curioso e menos banal da França; dava um baile a cada ano e só aparecia por um quarto de hora, ou seja, quarenta e cinco minutos a menos do que o rei em seus bailes; nunca era visto nos teatros, nem nos concertos, nem em nenhum lugar público; às vezes, mas

raramente, jogava uma partida de uíste, quando tinham o cuidado de lhe escolher dignos parceiros de jogo: um embaixador, um arcebispo, um príncipe, um presidente ou, enfim, uma rica duquesa viúva.

Assim era o homem cuja carruagem acabara de parar à porta do conde de Monte-Cristo.

O valete anunciou o senhor de Villefort no momento em que o conde, inclinado diante de uma grande mesa, seguia em um mapa o itinerário de São Petersburgo à China.

O procurador do rei entrou no mesmo passo grave e compassado com que entrava no tribunal; era bem o mesmo homem, ou melhor, a continuação do mesmo homem que outrora vimos como procurador substituto em Marselha. A natureza, coerente com os seus princípios, em nada mudara o curso que deveria seguir. De esbelto, passara a magro; de pálido, a amarelo; os seus olhos encovados tornaram-se cavos — os seus óculos com aro de ouro, pousando nas órbitas, pareciam fazer parte do rosto; toda a sua roupa era negra — a não ser a gravata branca — e essa cor fúnebre só era quebrada pela leve risca da fita vermelha que passava sutilmente pela lapela e parecia um fio de sangue desenhado pelo pincel.

Por mais senhor de si que fosse Monte-Cristo, ele examinou com visível curiosidade, retribuindo-lhe o cumprimento, o magistrado, que, habitualmente desconfiado, sobretudo pouco crédulo quanto às maravilhas sociais, estava mais disposto a ver no “nobre estrangeiro” — assim já chamavam Monte-Cristo — um cavalheiro de indústria a explorar um novo teatro, ou um malfeitor a regressar do exílio, do que um príncipe da Santa Sé ou um sultão das *Mil e uma noites*.

— Cavalheiro — disse Villefort no tom exclamativo afetado pelos magistrados em suas locuções oratórias, tom que não conseguem ou não desejam abandonar na conversa —, cavalheiro, o notável serviço que ontem prestou à minha mulher e a meu filho impõe-me o dever de agradecer-lhe... Venho portanto cumprir esse dever e exprimir-lhe todo o meu reconhecimento.

Ao pronunciar essas palavras, o severo olhar do magistrado nada perdera de sua arrogância habitual. As palavras que acabara de dizer tinham sido articuladas na sua voz de procurador geral, com aquela inflexível rigidez do pescoço e dos ombros que — é preciso repetir — levava os seus bajuladores a dizer que ele era a estátua viva da lei.

— Cavalheiro — replicou o conde, por sua vez, com frieza glacial —, fico muito feliz ao salvar um filho para a sua mãe, pois dizem que o sentimento de maternidade é o mais sagrado de todos, e essa felicidade que sinto o dispensaria, cavalheiro, de cumprir um dever cuja execução me honra, sem dúvida, pois bem sei que o senhor de Villefort não prodigaliza o favor que me faz, mas, por mais precioso que seja esse favor, para mim não vale tanto quanto a minha própria satisfação interior...

Surpreso com essas palavras inesperadas, Villefort estremeceu como o soldado que acusa o golpe sob a armadura protetora — um franzir de seus lábios desdenhosos indicou que desde já não considerava o conde de Monte-Cristo um nobre muito bem-educado.

O magistrado lançou um olhar ao redor, buscando o que dizer para retomar a conversa, que ao cair parecia ter se espatifado no chão.

Então viu o mapa que Monte-Cristo estudava no momento em que entrara e continuou: — O senhor se interessa por geografia, cavalheiro? É um estudo muito rico, sobretudo para o senhor que, como me garantiram, já viu tantos países quanto os que aparecem impressos nesse atlas.

— Sim, senhor — respondeu o conde —, quis fazer sobre a espécie humana vista em massa o mesmo que o senhor pratica diariamente sobre as exceções, ou seja, quis fazer um estudo fisiológico. Pensei que depois me seria mais fácil descer do todo à parte, em vez de subir da parte ao todo. Como quer o axioma algébrico, devemos passar do conhecido ao desconhecido, não do desconhecido ao conhecido... Mas, então, sente-se, cavalheiro, eu lhe suplico...

E Monte-Cristo indicou ao procurador real uma poltrona: o magistrado viu-se obrigado a dar-se ao trabalho de arrastar a

poltrona, enquanto o conde só precisou deixar-se cair na poltrona onde estava ajoelhado quando entrara o nobre promotor; dessa forma, o conde ficou de perfil para o visitante, de costas para a janela, com o cotovelo apoiado sobre o mapa geográfico que no momento era o assunto da conversa, que tomava rumos análogos às conversas na casa de Morcerf e na casa de Danglars, se não quanto à situação, ao menos quanto aos personagens.

— Ah, o senhor filosofa... — continuou Villefort, depois de um instante em silêncio que aproveitara reunindo forças, como um atleta diante de terrível adversário. — Pois bem, meu senhor, palavra de honra: se, como o cavalheiro, eu não tivesse nada a fazer, procuraria uma ocupação menos triste...

— É verdade, senhor — prosseguiu Monte-Cristo —, e o homem é uma lagarta horrível para quem o estuda ao microscópio solar. Mas creio que o cavalheiro acaba de dizer que não tenho nada a fazer... Então, vejamos: por acaso o senhor imagina ter alguma coisa a fazer? Ou, para falar mais claramente: imagina que o que faz valha a pena ser chamado de alguma coisa?

A surpresa de Villefort redobrou ante esse segundo golpe tão rudemente desferido pelo estranho adversário; havia muito tempo o magistrado não ouvia um paradoxo tão forte — ou melhor, para ser mais exato, era a primeira vez que ouvia algo semelhante.

O procurador régio buscou e rebuscou o que responder.

— Cavalheiro — disse ele —, o senhor é estrangeiro, e, como disse, creio, passou boa parte de sua vida nos países orientais... Então não sabe como a justiça humana, sumária nesses países bárbaros, entre nós é prudente e rigorosa?

— Realmente, meu senhor, mas realmente... É o antigo *pede claud*.¹¹ Sei de tudo isso, pois foi principalmente da justiça em todos os países que me ocupei, comparando os processos criminais de todas as nações com a justiça natural; e devo lhe dizer, cavalheiro: foi ainda a lei dos povos primitivos, ou seja, a lei de talião, que achei mais conforme ao coração de Deus.

— Se esta lei fosse adotada, senhor — disse o procurador do rei —, ela simplificaria muito os nossos códigos, logo os nossos

magistrados já não teriam, como disse há pouco, muita coisa a fazer.

— Isso vai acontecer, talvez — disse Monte-Cristo. — Como sabe, as invenções humanas caminham do complexo ao simples, e o simples sempre é a perfeição.

— Enquanto esperamos, senhor — disse o magistrado —, os nossos códigos sobrevivem, com os seus artigos contraditórios, extraídos dos costumes gauleses, das leis romanas, dos hábitos francos... Ora, como há de convir, o conhecimento de todas essas leis não é adquirido sem longos trabalhos, e é preciso vasto estudo para adquirir esse conhecimento, bem como um grande esforço mental para não o esquecer.

— Também sou dessa opinião, cavalheiro... Mas tudo o que o senhor sabe a respeito do código francês eu o sei não apenas a respeito desse código, bem como a respeito dos códigos de todas as nações: as leis inglesas, turcas, japonesas, hindus, são-me tão familiares quanto as leis francesas... E eu tinha razão ao dizer que, relativamente (o senhor sabe que tudo é relativo, cavalheiro), comparado com tudo o que fiz, o senhor tem muito pouco a fazer, e, comparado com tudo o que aprendi, o senhor tem ainda muita coisa a aprender.

— Mas por que motivo estudou tudo isso? — continuou Villefort, surpreso.

Monte-Cristo sorriu.

— Bem, cavalheiro... — disse ele. — Vejo que, apesar de sua fama de homem superior, o senhor só consegue ver tudo do ponto de vista material e vulgar da sociedade, começando pelo homem e terminando pelo homem, ou seja, do ponto de vista mais restrito e estreito que é permitido à inteligência humana abraçar.

— Explique-se, cavalheiro — disse Villefort, cada vez mais surpreso. — Não o compreendo... muito bem.

— Digo, senhor, que, com os olhos fixos na organização social das nações, vê apenas as engrenagens da máquina, não o sublime operário que a faz agir; digo que só reconhece à sua frente, e ao seu redor, os titulares dos cargos cujas nomeações foram assinadas por ministros, ou por um rei, e que os homens que Deus colocou

acima dos titulares, dos ministros e dos reis, dando-lhes uma missão a realizar, em vez de um cargo a preencher, digo que esses escapam à sua curta visão. Isso é próprio à fraqueza humana, aos órgãos frágeis e incompletos. Tobias achava que o anjo que lhe devolveria a visão era um homem comum.¹² As nações achavam que Átila, que iria aniquilá-los, era um conquistador igual a todos os conquistadores, e foi preciso que Tobias e Átila revelassem as suas missões celestes para serem reconhecidos; foi preciso que Tobias dissesse: — Eu sou o anjo do Senhor —, que Átila dissesse: — Eu sou o martelo de Deus —, para que a essência divina de ambos se revelasse.

— Então — disse Villefort, cada vez mais surpreso, imaginando falar com um iluminado, ou com um louco —, imagina ser igual a um desses seres extraordinários que acaba de citar...?

— Por que não? — exclamou friamente Monte-Cristo.

— Perdão, cavalheiro — continuou Villefort, perplexo —, mas queira me desculpar se, ao apresentar-me em sua casa, eu ignorava estar me apresentando na casa de um homem cujos conhecimentos e espírito ultrapassam tanto os conhecimentos comuns e o espírito habitual dos homens... Não é costume entre nós, infelizes corrompidos da civilização, que cavalheiros possuidores de uma fortuna imensa, como o senhor, ao que me disseram... Note que não estou perguntando, apenas repetindo... como eu dizia, não é hábito entre nós que esses privilegiados cheios de riquezas percam seu tempo com especulações sociais, com sonhos filosóficos feitos no máximo para consolar aqueles que o destino deserdou dos bens da terra.

— Ah, senhor — retomou o conde —, então chegou à posição eminente que ocupa sem ter admitido, até mesmo sem ter encontrado exceções... Nunca exercita o seu olhar, que, entretanto, teria tanta necessidade de sagacidade e segurança, a adivinhar num relance que espécie de homem se encontra à sua frente? Um magistrado não deveria ser, não o melhor aplicador da lei, não o mais hábil intérprete das obscuridades das tramas, mas sim uma sonda de aço a explorar os corações, mas sim uma pedra de toque

a buscar o ouro de que toda alma sempre é feita, com mais ou menos mistura?

— Cavalheiro — disse Villefort —, o senhor me confunde, dou-lhe a minha palavra, nunca ouvi ninguém falar como o senhor...

— É que o senhor permanece sempre encerrado no círculo das condições gerais, nunca ousa, com um só bater de asas, alçar voo rumo às esferas superiores que Deus povoou de seres invisíveis ou excepcionais.

— E o senhor admite, cavalheiro, que essas esferas existem, que os seres excepcionais e invisíveis encontram-se entre nós?

— Por que não? Acaso vê o ar que respira, sem o qual não poderia viver?

— Então não vemos esses seres de que fala?

— Sim, claro, nós os vemos quando Deus permite que eles se materializem... O senhor os toca, roça-os, fala-lhes, e eles lhe respondem.

— Ah — disse Villefort, sorrindo —, confesso que desejo ser avisado quando um desses seres entrar em contato comigo...

— O seu desejo já foi atendido, senhor... Já foi avisado agora mesmo, e agora, mais uma vez, eu o aviso...

— Então, o senhor mesmo...

— Eu sou um desses seres excepcionais, sim, cavalheiro, e creio que, até o presente, nenhum homem viu-se em posição semelhante à minha. Os reinos dos reis são limitados, seja pelas montanhas, seja pelos rios, seja pelas mudanças de costumes, seja pelas mutações das linguagens... O meu reino, entretanto, é tão grande quanto o mundo, pois eu não sou italiano, nem francês, nem hindu, nem americano, nem espanhol: sou cosmopolita. País algum pode dizer que me viu nascer. Só Deus sabe que país me verá morrer. Adoto todos os costumes, falo todas as línguas. Acha-me francês, não é verdade, porque falo francês com a mesma facilidade e com a mesma clareza que o senhor? Muito bem! Ali, o meu núbio, acha que sou árabe... Bertuccio, o meu intendente, acha que sou romano... Haydée, a minha escrava, acha que sou grego... Então, compreende?... Não sendo de país algum, não pedindo proteção a nenhum governo, não reconhecendo homem algum como meu irmão, nenhum dos escrúpulos que detêm os poderosos, ou dos obstáculos que paralisam os fracos, paralisa-me ou me detém. Tenho apenas dois adversários; eu não diria dois vencedores, pois com persistência posso submetê-los; são eles a distância e o tempo. O terceiro, o mais terrível, é minha condição de homem mortal. Só esta condição pode me deter em meu caminho antes de alcançar o objetivo que pretendo: tudo o mais já está previsto. O que os homens chamam de caprichos do destino, ou seja, a ruína, a

mudança, as eventualidades, já está previsto; e, se alguns desses caprichos podem me atingir, nenhum deles pode me vencer. A não ser que morra, sempre serei o que sou; eis por que lhe digo coisas que nunca ouviu, nem mesmo da boca dos reis, pois os reis precisam do senhor, e os outros homens o temem. Quem é que não se diz, em uma sociedade tão ridiculamente organizada quanto a nossa: “Talvez um dia eu venha a precisar do procurador do rei...”

— Mas o senhor mesmo não pode dizer o mesmo? Afinal, a partir do momento em que vive na França, está naturalmente submetido às leis francesas...

— Sei disso, senhor — respondeu Monte-Cristo. — Mas quando vou viajar a um país já começo a estudar, da minha maneira, todos os homens de quem posso ter algo a esperar ou a temer, e consigo conhecê-los tão bem quanto eles se conhecem a si mesmos, talvez até melhor. Resultado: se eu vier a depender de um procurador do rei, seja ele quem for, certamente ele ficará mais embaraçado do que eu mesmo.

— O que significa — continuou Villefort, hesitando — que, a natureza humana sendo frágil, todo homem, segundo o senhor, cometeu... faltas?

— Faltas... ou crimes — respondeu casualmente Monte-Cristo.

— E que só o senhor, entre os homens que não reconhece como irmãos, como disse há pouco — continuou Villefort em voz levemente alterada —, só o senhor é perfeito?

— Perfeito, não — respondeu o conde —: apenas impenetrável. Mas paremos por aqui, cavalheiro, se a conversa o desagradar... Não sou mais ameaçado pela sua justiça do que o senhor pela minha dupla visão.

— Não, não, senhor! — exclamou enfaticamente Villefort, sem dúvida temendo parecer fugir da raia. — Não, com a sua brilhante e quase sublime conversação, elevou-me acima dos níveis habituais; já não estamos conversando: estamos dissertando... Ora, sabe como os teólogos, nas cátedras da Sorbonne, ou os filósofos, em suas discussões, às vezes se dizem verdades cruéis... Suponha que estejamos fazendo teologia social e filosofia teológica; então eu

Ihe diria isto, por mais rude que seja: “Meu irmão, está sacrificando-se ao orgulho; está acima dos outros, mas acima de você há Deus”.

— Acima de todos, senhor — respondeu Monte-Cristo, com voz tão profunda que Villefort estremeceu sem querer. — Tenho o meu orgulho com relação aos homens, serpentes sempre prontas a se levantarem contra quem as olha de cima sem esmagá-las com o pé. Mas livrou-me desse orgulho perante Deus, que me tirou do nada para fazer de mim o que sou.

— Então, senhor conde, admiro-o — disse Villefort, que, pela primeira vez, nesse estranho diálogo, acabara empregando a fórmula aristocrática “conde” para designar o estrangeiro, que até então só chamara de “senhor” ou “cavalheiro”. — Sim, eu lhe digo, se é realmente forte, realmente superior, realmente santo ou impenetrável, o que, tem razão, vem a ser mais ou menos o mesmo, seja soberbo, senhor: esta é a lei das dominações. Mas deve ter, entretanto, uma ambição qualquer...

— Tive uma, senhor.

— Qual?

— Como acontece a todo homem uma vez na vida, eu também fui levado por Satã à mais alta montanha da terra;¹³ ali chegando, ele me mostrou o mundo inteiro, e, como dissera outrora a Cristo, disse a mim: “Vejam, filho dos homens: para me adorar, o que queres?”. Então eu refleti por muito tempo, pois havia muito tempo uma ambição terrível realmente devorava o meu coração; então eu lhe respondi: “Escute: sempre ouvi falar da Providência; entretanto, nunca a vi, nem vi nada que se assemelhasse a ela, o que me leva a acreditar que ela não existe; eu quero ser a Providência, pois o que conheço de mais belo, maior e mais sublime no mundo é recompensar e punir”. Mas Satã baixou a cabeça e deu um suspiro. “Enganas-te — disse ele —, a Providência existe; apenas não a vês, pois, filha de Deus, ela é invisível como o seu pai. Nada viste semelhante a ela, pois ela procede por desígnios ocultos, caminha por vias obscuras; tudo o que posso fazer por ti é tornar-te um dos agentes dessa Providência”. O negócio foi fechado, talvez nele eu

perca a minha alma; mas não importa — continuou Monte-Cristo —, se tivesse de fazê-lo de novo, voltaria a fechar o negócio.

Villefort olhava Monte-Cristo com suprema surpresa.

— Senhor conde — disse ele —, tem parentes?

— Não, senhor: sou sozinho no mundo.

— Que pena!

— Por quê? — perguntou Monte-Cristo.

— Porque então poderia ver um espetáculo capaz de vencer o seu orgulho. Disse que só teme a morte...?

— Não disse que a temo: disse que só ela poderia me deter.

— E a velhice?

— A minha missão já estará cumprida antes que eu envelheça.

— E a loucura?

— Uma vez, quase fiquei louco, e o senhor conhece o axioma: *non bis in idem*.¹⁴ É um axioma jurídico: portanto, de sua alçada.

— Senhor — retomou Villefort —, ainda há algo mais a temer além da morte, da velhice ou da loucura: há, por exemplo, a apoplexia, esse raio que nos atinge sem destruir-nos, depois do qual, entretanto, tudo está terminado... Continuamos a ser nós mesmos, todavia já não somos mais nós mesmos... Como Ariel,¹⁵ tornamo-nos quase anjos, mas já não somos mais do que uma massa inerte, e, como Caliban,¹⁶ tornamo-nos animais; na língua humana, isso se chama pura e simplesmente *apoplexia*, como eu ia lhe dizendo. Por favor, vamos continuar esta conversa em minha casa, senhor conde, no dia em que tiver vontade de encontrar um adversário capaz de compreendê-lo, ávido para refutá-lo, e lhe apresentarei o meu pai, o senhor Noirtier de Villefort, um dos mais ardorosos jacobinos da revolução francesa, ou seja, a mais brilhante audácia a serviço da mais vigorosa organização; um homem que talvez não tenha visto todos os reinos da terra, como o senhor, mas que ajudou a abalar um dos reinos mais poderosos; enfim, um homem que, como o senhor, pretendia ser um dos enviados não de Deus, mas, como jacobino, do Ser Supremo; não da Providência, mas da fatalidade; pois bem, senhor: o rompimento de um vaso sanguíneo em um lóbulo cerebral acabou com tudo isso, não em um

dia, não em uma hora, mas em um segundo... Na véspera, o senhor Noirtier, velho jacobino, velho senador, velho carbonário, rindo da guilhotina, rindo do canhão, rindo do punhal; o senhor Noirtier, brincando com as revoluções; o senhor Noirtier, para quem a França era apenas um vasto tabuleiro onde peões, torres, cavalos e rainha deveriam desaparecer se o rei fosse posto em xeque-mate; o senhor Noirtier, tão temível, no dia seguinte passou a ser aquele pobre senhor Noirtier, velho paralisado, entregue aos caprichos da criatura mais frágil da casa, isto é, da sua neta, Valentine... Enfim, um cadáver mudo e gelado, que vive sem sofrer apenas para dar tempo à matéria de chegar sem sobressaltos à sua inteira decomposição.

— Ah, senhor — disse Monte-Cristo —, infelizmente, esse espetáculo não é estranho a meus olhos, nem a meu pensamento; sou um pouco médico, e, como os meus colegas, mais de uma vez procurei a alma na matéria viva e na matéria morta; e, como a Providência, ela permaneceu invisível a meus olhos, embora presente em meu coração. Cem autores, desde Sócrates, desde Sêneca, desde Santo Agostinho, desde Gall, fizeram em prosa, ou em verso, a aproximação que o senhor acaba de fazer; todavia, compreendo que os sofrimentos de um pai possam provocar grandes transformações no espírito de seu filho. Já que deseja me convidar, senhor, vou contemplar, para o bem de minha humildade, esse terrível espetáculo que muito deve entristecer a sua casa.

— Assim seria, sem dúvida, se Deus não tivesse me dado ampla compensação. Ao lado do velho, que desce ao túmulo arrastando-se, há duas crianças que começam a viver: Valentine, filha de meu primeiro casamento com a senhorita Renée de Saint-Méran, e Édouard, o filho a quem o senhor salvou a vida.

— E a que conclusão o leva essa compensação? — perguntou Monte-Cristo.

— Concluo, senhor — respondeu Villefort —, que meu pai, desorientado pelas paixões, cometeu algumas dessas faltas que escapam à justiça humana, mas que cabem à justiça divina!... E que Deus, querendo punir apenas uma pessoa, só castigou a ele.

Com um sorriso nos lábios, no fundo do coração Monte-Cristo deu um rugido que levaria Villefort a fugir, se Villefort pudesse ouvi-lo.

— Adeus, senhor — disse o magistrado, que já havia algum tempo levantara-se e falava em pé. — Eu o deixo, levando do senhor uma lembrança de estima que, espero, poderá lhe ser agradável, quando me conhecer melhor, pois não sou um homem banal, pelo contrário. Aliás, o senhor fez da senhora de Villefort uma amiga eterna.

O conde despediu-se e contentou-se em acompanhar Villefort apenas até à porta de seu gabinete; o procurador chegou à sua carruagem precedido por dois lacaios, que a um gesto de seu senhor apressaram-se a abri-la.

Então, quando o procurador do rei desapareceu: — Vamos — disse Monte-Cristo, arrancando com esforço um suspiro do peito oprimido —, vamos, chega de venenos como esse... Agora que o meu coração está cheio de veneno, vamos em busca do antídoto.

Bateu uma vez na sineta.

— Vou subir ao apartamento da senhora — disse a Ali. — Que em meia hora a carruagem esteja pronta!

L. HAYDÉE

Lembramos quem eram os novos, ou melhor, os velhos conhecidos do conde de Monte-Cristo que moravam na rua Meslay: eram Maximilien, Julie e Emmanuel.

A expectativa de uma agradável visita a fazer, de alguns momentos felizes a desfrutar, de uma luz do paraíso a se insinuar no inferno onde se encerrara voluntariamente, espalhara — desde o momento em que perdera Villefort de vista — a mais encantadora serenidade nos traços do conde; e Ali, que acorrera ao som do sino, ao ver aquele rosto a irradiar tão rara alegria, retirara-se na ponta dos pés, sem respirar, procurando não espantar os bons pensamentos que imaginava ver a voar em volta de seu amo.

Era meio-dia: o conde reservara-se uma hora para subir aos aposentos de Haydée; parecia que a alegria não podia voltar de repente àquela alma por tanto tempo esmagada — que ela precisaria preparar-se para as emoções suaves, assim como as outras almas precisam preparar-se para as emoções violentas.

A jovem grega ocupava um apartamento completamente separado do apartamento do conde, como dissemos. Seu apartamento era inteiramente mobiliado à maneira oriental — isto é, o soalho era coberto de grossos tapetes turcos, tecidos de seda forravam as paredes, em cada cômodo amplo divã estendia-se em volta de toda a peça, com pilhas de almofadas a se deslocarem à vontade de seus usuários.

Haydée tinha três criadas francesas e uma grega. As três francesas ficavam na primeira sala, sempre prontas a acorrer ao toque de uma sineta de ouro, a obedecer às ordens da escrava helena, que sabia francês o suficiente para transmitir os desejos de sua ama às três camareiras, a quem Monte-Cristo recomendara dedicar a Haydée os cuidados que dedicariam a uma rainha.

A jovem encontrava-se na peça mais retirada de seu apartamento — isto é, em uma espécie de alcova redonda, iluminada apenas por cima —, onde a luz do dia só penetrava através das janelas de vidro rosa. Ela estava deitada no chão sobre almofadas de cetim azul, bordadas a prata, com as costas apoiadas no divã, envolvendo a cabeça em seu braço direito levemente dobrado, enquanto com o braço esquerdo fixava nos lábios o tubo de coral onde se encaixava o pau flexível de seu cachimbo, que só deixava chegar à sua boca o vapor perfumado pela água de beijoim, através da qual a sua suave aspiração o obrigava a passar.

A sua pose — muito natural para uma mulher do Oriente — seria, para uma francesa, sensualidade talvez um tanto afetada.

Quanto às suas roupas, eram as das mulheres epirotas — isto é, ceroulas de cetim branco, com flores rosa, deixando descobertos dois pés de criança que pareceriam mármore da ilha de Paros, se os víssemos brincar com as sandalinhas de bico curvo, bordadas a ouro e pérolas; uma túnica listrada azul e branca, amplas mangas abertas nos braços, com botoeiras de prata e botões de pérolas;

enfim, uma espécie de corpete que deixava ver, através do decote aberto em forma de coração, o pescoço e todo o alto do peito, abotoando-se, abaixo dos seios, em três botões de diamante. Quanto à parte de baixo do corpete e à parte de cima das ceroulas, perdiam-se em uma dessas cintas de cores vivas, de longas franjas sedosas, cobiçadas pelas nossas elegantes parisienses.

A sua cabeça estava coberta por pequeno barrete de ouro bordado de pérolas, meio inclinado, e, debaixo do barrete, no lado inclinado, uma bela rosa natural, de cor púrpura, mostrava-se mesclada a cabelos tão negros que pareciam azuis.

Quanto à beleza de seu rosto, ela era a beleza grega em toda a perfeição de sua espécie, com os seus grandes olhos negros aveludados, o seu nariz bem desenhado, os seus lábios de coral e os seus dentes de pérola.

Afinal, nesse conjunto encantador, a flor da juventude brotava com todo o seu brilho, todo o seu perfume; Haydée devia ter dezenove ou vinte anos.

Monte-Cristo chamou a serva grega e mandou pedir permissão a Haydée para entrar em sua alcova.

Como resposta, Haydée fez sinal à serva para erguer a tapeçaria que pendia à porta: a abertura quadrada emoldurou a jovem deitada como um quadro encantador.

Monte-Cristo entrou.

Haydée levantou-se sobre o cotovelo do braço que segurava o cachimbo e, estendendo a sua mão ao conde, ao mesmo tempo que o acolhia com um sorriso: — Por que — disse ela, na língua sonora das filhas de Esparta e de Atenas —, por que mandas me pedir permissão para entrar em minha alcova? Já não és mais o meu senhor?... Já não sou mais a tua escrava?

Monte-Cristo também sorriu.

— Haydée — disse ele —, você sabe...

— Por que não me chamas de tu, como sempre? — interrompeu a jovem grega. — Acaso cometi algum erro? Nesse caso, é preciso me castigar, mas não me chamar de você.

— Haydée — continuou o conde —, bem sabes que estamos em França; logo, estás livre.

— Livre para fazer o quê? — perguntou a jovem.

— Livre para me deixar.

— Te deixar?!... E por que te deixaria?

— Que sei eu? Vamos ver a sociedade.

— Não quero ver ninguém.

— E se, entre os belos jovens que encontrares, achares um que te agrade, eu não seria injusto para...

— Nunca vi homens mais belos que ti, nunca amei senão a meu pai e a ti.

— Pobre criança — disse Monte-Cristo —, é que só falaste com teu pai e comigo.

— Bem, então por que preciso falar com outros? O meu pai me chamava de *sua alegria*, tu me chamas de *teu amor*, ambos me chamam de *sua criança*.

— Tu te lembras de teu pai, Haydée?

A jovem sorriu.

— Ele está aqui e aqui — disse ela, colocando a mão sobre os olhos e sobre o coração.

— E eu, onde estou? — perguntou Monte-Cristo, sorrindo.

— Tu — disse ela —, tu estás em toda parte...

Monte-Cristo tomou a mão de Haydée para beijá-la; mas a ingênua criança retirou a mão e ofereceu-lhe a fronte.

— Agora, Haydée — disse-lhe ele —, tu sabes que és livre, és senhora, és rainha... Podes continuar usando as tuas roupas ou tirá-las, à vontade... Ficarás aqui quando quiseres ficar, ou sairás quando quiseres sair: sempre haverá uma carruagem atrelada para ti; Ali e Myrto vão te acompanhar por toda parte e sempre estarão às tuas ordens; só te peço uma única coisa...

— Diz.

— Guarda segredo de teu nascimento, não digas uma palavra sobre o teu passado; não pronuncies, em nenhuma ocasião, o nome de teu ilustre pai, nem o de tua pobre mãe.

— Já te disse, senhor: não verei ninguém.

— Escuta, Haydée... Talvez essa reclusão bem oriental seja impossível em Paris... Continua a estudar a vida de nossos países do norte, como fizeste em Roma, em Florença, em Milão e em

Madri... Isso sempre te servirá, se continuares a viver aqui ou se voltares para o Oriente...

A jovem ergueu ao conde os seus grandes olhos úmidos e respondeu: — Ou se nós voltarmos ao Oriente, queres dizer, não é verdade, meu senhor?

— Sim, minha menina — disse Monte-Cristo. — Bem sabes que não serei eu que te deixarei. Não é a árvore que deixa a flor: é a flor que deixa a árvore.

— Não te deixarei jamais, senhor — disse Haydée —, pois estou certa de que não poderia viver sem ti.

— Pobre criança! Em dez anos serei velho, em dez anos serás muito jovem ainda.

— Meu pai tinha uma longa barba branca; isto não me impedia de amá-lo... O meu pai tinha sessenta anos, e me parecia mais belo do que todos os jovens que eu via.

— Mas vamos, diz-me, achas que vais te acostumar a este lugar?

— Vou ver-te?

— Todos os dias.

— Bem, então por que perguntas, senhor?

— Temo que te canses.

— Não, senhor, pois de manhã pensarei que virás, à noite lembrarei que vieste... Aliás, quando estou sozinha, tenho belas lembranças, revejo quadros imensos, grandes horizontes, com o Pindo e o Olimpo ao fundo... Depois, tenho no coração três sentimentos com os quais a gente nunca se aborrece: a tristeza, o amor e a gratidão.

— És uma digna filha do Epiro, Haydée, graciosa e poética... Logo se vê que descendes daquela família de deusas que nasceu em tua terra. Então, fica tranquila, minha filha: agirei de forma que tua juventude não se perca, pois, se me amas como a teu pai, eu te amo como a minha filha.

— Enganas-te, senhor; eu não amava meu pai como te amo; o meu amor por ti é um outro amor: o meu pai está morto e eu não estou morta; todavia, se morreres, morrerei.

O conde estendeu a mão à jovem com um sorriso cheio de profunda ternura; ela beijou-lhe a mão, como de hábito.

Assim, bem disposto para a visita que faria a Morrel e à sua família, o conde partiu, murmurando esses versos de Píndaro:¹⁷ — “A juventude é uma flor, o amor é seu fruto... Feliz o cultivador que o colhe depois de vê-lo amadurecer lentamente”.

Conforme as suas ordens, a carruagem estava pronta. Ele entrou e a carruagem — como sempre — partiu a galope.

LI. A FAMÍLIA MORREL

Em poucos minutos, o conde chegou à rua Meslay, nº 7.

A casa era branca, alegre, precedida por um pátio onde dois pequenos canteiros exibiam flores belíssimas.

No porteiro que lhe abriu a porta, o conde reconheceu o velho Coclès. Mas, como lembramos, Coclès tinha apenas um olho: como havia nove anos aquele olho enfraquecera consideravelmente, Coclès não chegou a reconhecer o conde.

Para estacionarem à entrada, as carruagens tinham de manobrar para evitar um pequeno jato d'água a jorrar de uma fonte de pedra — maravilha que excitara muitos ciúmes nas vizinhanças, levando a chamarem aquela casa de *Pequena Versalhes*. Nem precisamos dizer que na fonte nadava uma multidão de peixinhos vermelhos e amarelos.

Erguendo-se acima de um andar de cozinhas e adegas, a casa tinha, além do térreo, dois amplos andares, coroados pelas águas-furtadas; os jovens a haviam comprado com as dependências, que consistiam em uma imensa oficina e dois pavilhões ao fundo do jardim — além do próprio jardim. Ao conhecer a casa e as dependências, Emmanuel já vislumbrara nelas o potencial de um pequeno investimento; reservara-se a casa, metade do jardim e traçara uma linha — isto é, construía um muro entre a sua propriedade e a vasta oficina, que alugara junto com os pavilhões e a respectiva parte do jardim; assim, encontrava-se muito bem alojado por uma quantia bem modesta, tão à vontade na casa

própria quanto o mais exigente proprietário de um palácio no subúrbio de Saint-Germain.

A sala de jantar era de carvalho; o salão, de acaju e veludo azul; o quarto de dormir, de limão e damasco verde; havia também um gabinete de trabalho para Emmanuel — que não trabalhava — e um salão de música para Julie — que não era musicista.

O segundo andar pertencia inteiramente a Maximilien: era a reprodução idêntica do primeiro andar de sua irmã, mas a sala de jantar transformara-se em uma sala de bilhar, onde ele recebia os seus amigos.

Maximilien estava vigiando pessoalmente os cuidados dispensados a seu cavalo, fumando o seu charuto à entrada do jardim, quando a carruagem do conde parou à porta.

Como dissemos, Coclès abriu a porta e Baptistin, pulando de seu assento, perguntou se o senhor e a senhora Herbault e o senhor Maximilien Morrel encontravam-se visíveis para o conde de Monte-Cristo.

— Para o conde de Monte-Cristo?! — exclamou Morrel, jogando o charuto e correndo na direção da visita. — Naturalmente estamos visíveis para ele... Ah, obrigado, mil vezes obrigado, senhor conde, por não ter esquecido a sua promessa.

E o jovem oficial apertou tão cordialmente a mão do conde que este teve certeza de que o gesto era sincero, logo vendo que era impacientemente esperado e recebido com entusiasmo.

— Entre, entre — disse Maximilien —, quero apresentá-lo... Um homem igual ao senhor não deve ser anunciado por um criado... A minha irmã está em seu jardim, tirando as rosas secas... O meu irmão está lendo os seus dois jornais, *A Imprensa* e *Os Debates*, a seis passos dela: em qualquer lugar onde esteja a senhora Herbault, basta procurar num raio de quatro metros para encontrar o senhor Emmanuel... E *reciprocamente*, como dizem na Escola Politécnica.

O barulho de passos levou uma jovem com idade entre vinte e vinte e cinco anos, vestindo um roupão de seda, limpando cuidadosamente uma magnífica roseira avelã, a erguer a cabeça.

Essa jovem era a nossa pequena Julie, que se tornara — como havia predito¹⁸ o enviado da casa Thomson e French — a senhora Emmanuel Herbault.

Ao ver um estranho, ela deu um grito. Maximilien riu.

— Não se preocupe, minha irmã... — disse ele. — O senhor conde só chegou a Paris há dois ou três dias, mas já sabe o que é uma dona, uma dona de casa do Marais, e, se não sabe, você pode ensinar-lhe.

— Ah, cavalheiro — disse Julie —, trazê-lo assim de repente, sem avisar, foi uma traição de meu irmão, que não tem a menor consideração pela pobre irmã... Penelon!... Penelon!...

Um velho que cavava um canteiro de roseiras de Bengala fixou a enxada na terra e aproximou-se, de chapéu na mão, escondendo como podia nas profundezas de suas bochechas o tabaco que mascava. Algumas mechas brancas prateavam a sua cabeleira ainda densa, enquanto a sua pele bronzeada, o seu olhar esperto e vivo, revelavam o velho marinheiro queimado pelo sol do equador e calejado pelo sopro das tempestades.

— Acho que me chamou, senhorita Julie...? — exclamou ele. — Aqui estou!

Penelon conservara o hábito de chamar a filha do patrão de senhorita Julie, sem jamais aprender a chamá-la de senhora Herbault.

— Penelon — disse Julie —, vá avisar o senhor Emmanuel que recebemos uma visita maravilhosa, enquanto Maximilien leva o conde para o salão.

Então, voltando-se para Monte-Cristo: — O senhor me permite sair por um minuto, não é mesmo? — disse ela.

E, sem esperar a autorização do conde, ela correu por trás das plantas e entrou na casa por uma alameda lateral.

— Ah, mas que coisa, meu caro senhor Morrel — disse Monte-Cristo —, lamento provocar tanta revolução no seio de sua família...

— Mas é mesmo — disse Maximilien, rindo —: está vendo o marido dela?... Ele vai trocar a túnica por uma casaca... Oh, é que

o senhor já é famoso aqui na rua Meslay: a sua visita era muito esperada, pode crer.

— O senhor me parece ter uma família muito feliz — disse o conde, respondendo aos próprios pensamentos.

— Ah, sem dúvida! Posso lhe garantir que sim, senhor conde... Mas o que esperava: não lhes falta nada para ser felizes... Eles são jovens, alegres, eles se amam, e, com as suas vinte e cinco mil libras de renda anual, imaginam, eles que já viram de perto tantas grandes fortunas, imaginam ser tão ricos quanto os Rothschild...

— Mas vinte e cinco mil libras de renda anual é pouco... — disse Monte-Cristo com doçura tão suave que penetrou no coração de Maximilien como se fossem as palavras de um terno pai. — Mas esses jovens não vão parar por aí: eles vão se tornar milionários... Seu cunhado é advogado?... Médico?

— Ele era negociante, senhor conde, e cuidava do negócio do meu pobre pai... O senhor Morrel morreu deixando uma fortuna de quinhentos mil francos; eu recebi metade, a minha irmã a outra metade, pois éramos apenas dois filhos. O marido dela, que se casou sem outro patrimônio além de sua nobre honestidade, de sua imensa inteligência e de sua reputação intocável, queria possuir tanto quanto a sua mulher. Então ele trabalhou até conseguir juntar duzentos e cinquenta mil francos; seis anos foram suficientes. Juro, senhor conde: era um espetáculo comovente ver aquelas duas crianças tão esforçadas, tão unidas, destinadas por sua capacidade à mais alta fortuna, e que, não querendo mudar nada nos hábitos da empresa paterna, levaram seis anos para juntar o que os inovadores juntariam em dois ou três anos; é por isso que em Marselha ainda ecoam os louvores que não poderiam recusar a uma abnegação tão corajosa. Até que um dia Emmanuel foi conversar com sua mulher, que tinha acabado de pagar todas as dívidas.

“— Julie — disse ele —, aqui está o último maço de cem francos que Coclès acaba de me entregar, completando os duzentos e cinquenta mil francos que fixamos como limite de nossos ganhos. Você se contenta com esse pouco, com que teremos de viver futuramente? Escute: a empresa movimenta um milhão por ano, e pode render quarenta mil francos de lucros anuais. Se quisermos,

venderemos a clientela, ganhando trezentos mil francos em uma hora: aqui está uma carta do senhor Delaunay, oferecendo-nos essa quantia em troca de nosso negócio, que ele quer fundir ao seu... Veja o que você acha que devemos fazer.

“— Meu amigo — disse minha irmã —, a casa Morrel só pode ser dirigida por um Morrel... Salvar eternamente o nome de nosso pai do vai e vem financeiro: isso não vale trezentos mil francos?”

“— Era o que eu achava — respondeu Emmanuel —, mas queria saber a sua opinião.

“— Bem, então, meu amigo, essa é a minha opinião... Nós recebemos tudo o que tínhamos a receber, assim como pagamos todas as nossas dívidas; podemos encerrar a conta desta quinzena e fechar o caixa; vamos encerrar!”

“Foi o que fizeram no mesmo instante. Eram três horas: às três e um quarto, chegou um cliente para fazer o seguro da viagem de dois navios — o que daria um lucro líquido de quinze mil francos.

“— Cavalheiro — disse Emmanuel —, para fazer este seguro, queira dirigir-se a nosso colega, o senhor Delaunay... Quanto a nós, já encerramos o nosso negócio.

“— Desde quando? — perguntou o cliente, surpreso.

“— Há um quarto de hora.

“E é por isso, senhor — continuou, sorrindo, Maximilien —, que minha irmã e meu cunhado têm apenas vinte e cinco mil libras de renda.”

Maximilien estava terminando a sua história — durante a qual o coração do conde dilatava-se cada vez mais — quando Emmanuel apareceu, já de chapéu e casaca; cumprimentou como quem conhecia a qualidade do visitante; então, depois de conduzir o conde ao redor do pequeno canteiro florido, levou-o para o interior da casa.

O salão já estava perfumado pelas flores que dificilmente cabiam em um imenso vaso japonês com alças naturais. Julie, vestida para a ocasião e muito bem penteada (fizera tudo isso em apenas dez minutos!), apresentou-se para receber o conde à entrada.

Ouvia-se o canto dos pássaros em um viveiro próximo; os ramos dos falsos ébanos e das acácias rosa vinham a bordar com os seus

cachos as cortinas de veludo azul. Naquele encantador pequeno retiro, tudo respirava calma — desde o canto dos pássaros até o riso dos anfitriões.

Desde que chegara àquela casa, o conde já se impregnara de sua felicidade; portanto, permanecia calado e sonhador, esquecendo que o esperavam para continuar a conversa interrompida depois dos primeiros cumprimentos.

Ele percebeu que o silêncio tornava-se quase inconveniente e, arrancando-se com esforço de seu devaneio: — Senhora — disse ele finalmente —, perdoe-me uma emoção que deve surpreendê-la, acostumada a esta paz e a esta alegria que encontro aqui; mas para mim é algo tão novo ver a satisfação em rosto humano que não me canso de olhar para você e seu marido.

— Realmente, somos muito felizes, senhor... — respondeu Julie. — Mas passamos muito tempo sofrendo, e poucas pessoas pagaram pela felicidade um preço tão caro quanto nós.

Os traços do conde exprimiam interrogação e curiosidade.

— Oh, tudo isso é uma longa história de família, como lhe dizia outro dia o Château-Renaud — respondeu Maximilien. — Para o senhor, conde, acostumado a passar por ilustres desgraças e esplêndidas alegrias, haveria pouco interesse nesta cena íntima. Entretanto, como lhe disse Julie, sofremos dores muito intensas, embora encerradas em cenas íntimas...

— E Deus lhe deu, como dá a todos nós, consolo pelo sofrimento? — perguntou Monte-Cristo.

— Sim, senhor conde — disse Julie. — Podemos dizer que sim, pois ele fez por nós o que só faz pelos seus eleitos: enviou-nos um de seus anjos.

O rubor subiu às faces do conde — ele tossiu, para ter uma forma de esconder a sua emoção, levando o lenço à boca.

— Os que nasceram em berço de ouro, os que nunca passaram necessidade — disse Emmanuel —, nem imaginam o que vem a ser a alegria de viver... Assim como os que nem imaginam o valor de um céu sem nuvens, os que nunca arriscaram a vida à mercê de uma jangada, no meio do mar em fúria.

Monte-Cristo levantou-se e, sem nada responder — pois, pelo tremor de sua voz, poderiam perceber a emoção a agitá-lo —, começou a percorrer todo o salão, passo a passo.

— Nosso exagero o faz rir, senhor conde... — disse Maximilien, acompanhando Monte-Cristo com os olhos.

— Não, não! — respondeu Monte-Cristo muito pálido, sentindo com uma mão os batimentos de seu coração, enquanto com a outra apontava ao jovem um globo de cristal sobre uma bolsa de seda a repousar, preciosamente deitada em uma almofada de veludo negro. — Apenas perguntava a mim mesmo de que serve esta bolsa, que de um lado contém um papel, parece, e do outro um belíssimo diamante.

Maximilien assumiu ares graves e respondeu: — Este, senhor conde, é o mais precioso de nossos tesouros de família.

— Realmente, esse diamante é belíssimo — respondeu Monte-Cristo.

— Oh, o meu irmão não está se referindo ao valor da pedra, embora ela seja estimada em cem mil francos, senhor conde... Ele só quis dizer que os objetos guardados nessa bolsa são as relíquias do anjo de que falamos agora há pouco.

— Isso é algo que não consigo compreender, entretanto não devo fazer perguntas, senhora — respondeu Monte-Cristo, curvando-se. — Perdoe-me, não quis ser indiscreto.

— Indiscreto, o senhor disse? Oh, pelo contrário: o senhor nos deixa muito felizes ao dar-nos a oportunidade de falar sobre esse assunto! Se fizéssemos segredo da bela ação que esta bolsa nos lembra, não a exporíamos assim, aos olhos de todos. Oh, gostaríamos de poder publicá-la em todo o universo, para que algum sinal de nosso benfeitor desconhecido revelasse-nos a sua presença.

— Ah, verdade? — fez Monte-Cristo, em voz embargada.

— Meu senhor — disse Maximilien, erguendo o globo de cristal e beijando religiosamente a bolsa de seda —, esta bolsa foi tocada pela mão do homem que salvou meu pai da morte, a nós da ruína e a nosso nome da vergonha... Do homem graças a quem nós, pobres crianças destinadas à miséria e às lágrimas, hoje podemos

ouvir pessoas se extasiarem com a nossa felicidade. Esta carta — e, tirando um bilhete da bolsa, Maximilien mostrou-o ao conde —, esta carta foi escrita por ele, no dia em que meu pai tinha tomado a decisão mais desesperada, e esse diamante foi dado como dote à minha irmã pelo generoso desconhecido.

Monte-Cristo abriu a carta e leu-a com indefinível expressão de felicidade; era o bilhete que nossos leitores já conhecem, endereçado a Julie e assinado por Simbad, o Marujo.

— Desconhecido, disse o senhor?... Então o homem que lhes fez esse favor permanece desconhecido para vocês?

— Sim, senhor... Nunca tivemos a felicidade de apertar a sua mão... Mas não foi por falta de pedir a Deus esse favor — continuou Maximilien. — Mas em toda essa aventura há misteriosos caminhos que ainda não conseguimos compreender... Tudo isso foi conduzido por mãos invisíveis, poderosas como as de um mago encantador.

— Oh — exclamou Julie —, ainda não perdi todas as esperanças de um dia beijar aquela mão, como beijo a bolsa que ela tocou. Há quatro anos, Penelon estava em Trieste: conde, Penelon é o bravo marinheiro que o senhor viu de enxada na mão, o piloto que se tornou jardineiro... Quando estava em Trieste, Penelon viu no cais um inglês embarcando em um iate, e reconheceu aquele que apareceu na casa de meu pai no dia 5 de junho de 1829, e que me escreveu esse bilhete no dia 5 de setembro... Era bem ele mesmo, segundo Penelon, que entretanto não ousou lhe falar.

— Um inglês! — exclamou Monte-Cristo, sonhador, preocupado com os olhares de Julie. — Um inglês?

— Sim — continuou Maximilien —, um inglês que se apresentou em nossa casa como o enviado da casa Thomson e French, de Roma... Eis por que outro dia na casa de Morcerf o senhor me viu estremecer quando disse que os seus banqueiros se chamavam Thomson e French... Em nome do céu, senhor: como dissemos, isso aconteceu em 1829... Chegou a conhecer esse inglês?

— Mas também não havia me dito que a casa Thomson e French sempre se negou a reconhecer que lhes tinha feito esse favor?

— Sim.

— Então esse inglês não seria um homem que, grato a seu pai por alguma boa ação já esquecida, aproveitaria esse pretexto para lhe fazer um favor?

— Nessas circunstâncias, senhor, tudo é possível, até mesmo um milagre.

— Como ele se chamava? — perguntou Monte-Cristo.

— Ele não deixou outro nome — respondeu Julie, olhando o conde com profunda atenção — além do nome com que assinou o bilhete: Simbad, o Marujo...

— O que não vem a ser um nome verdadeiro, evidentemente, mas sim um pseudônimo...

Então, como Julie o olhava com atenção cada vez maior, tentando captar no ar e reunir certos tons de sua voz: — Então, vejamos — continuou ele —: não seria um homem de meu tamanho, mais ou menos, um pouco mais alto, talvez, um pouco mais magro, enforcado numa alta gravata, abotoado, forte, apertado em suas roupas, sempre com um lápis na mão?

— Oh, mas então o senhor o conhece?! — exclamou Julie, com os olhos a brilhar de alegria.

— Não — disse Monte-Cristo —, apenas suponho... Conheci um lorde Wilmore que costumava espalhar assim a sua generosidade.

— Sem se dar a conhecer?

— Ele era um homem estranho... Não acreditava em gratidão.

— Oh, meu Deus! — exclamou Julie, em tom sublime, juntando as mãos. — Então em que acreditava o infeliz?

— Ele não acreditava, ao menos na época em que o conheci — respondeu Monte-Cristo, comovido até à última fibra por essa voz que chegava do fundo da alma —, mas, desde então, talvez tenha tido provas de que a gratidão existe.

— E o senhor conhece esse homem? — perguntou Emmanuel.

— Oh, se o conhece, senhor — exclamou Julie —, diga, diga, pode nos levar até ele, mostrá-lo, dizer-nos onde ele está? Então, diga, Maximilien! Então, diga, Emmanuel: se algum dia o encontrássemos, ele teria de acreditar na memória do coração.

Monte-Cristo sentiu duas lágrimas brotarem em seus olhos; deu mais alguns passos pelo salão.

— Em nome do céu, senhor — disse Maximilien —, se sabe algo sobre esse homem, diga-nos o que sabe!

— Ai — disse Monte-Cristo, contendo a emoção de sua voz —, se for lorde Wilmore o seu benfeitor, temo que nunca o encontrem... Deixei-o em Palermo, há dois ou três anos, quando ele estava partindo para os países mais fabulosos, de forma que duvido muito que ele um dia volte.

— Ah, senhor, não seja cruel! — exclamou Julie, aterrorizada.

E as lágrimas brotaram nos olhos da jovem.

— Senhora — disse gravemente Monte-Cristo, devorando com o olhar as duas pérolas líquidas a rolar pelas faces de Julie —, se lorde Wilmore visse o que acabo de ver aqui, ele voltaria a amar a vida, pois essas lágrimas que a senhora derrama o reconciliariam com a espécie humana.

E estendeu a mão a Julie, que lhe deu a sua, cativada pelo olhar e pela voz do conde.

— Mas esse lorde Wilmore — disse ela, agarrando-se à sua última esperança — não tinha um país, uma família, parentes?... Não era conhecido, enfim? Não poderíamos...?

— Oh, inútil procurar, minha senhora — disse o conde. — Não construa doces quimeras sobre essas palavras que deixei escapar. Não: provavelmente, lorde Wilmore não é o homem que você está procurando; ele era meu amigo, eu sabia de todos os seus segredos, ele teria me contado...

— E ele não lhe disse nada a esse respeito? — exclamou Julie.

— Nada.

— Nunca disse uma palavra que pudesse levá-lo a supor...?

— Nunca.

— Entretanto, o senhor logo mencionou o nome dele...

— Ah, como sabe... nesses casos, a gente imagina...

— Ah, minha irmã... Minha irmã — disse Maximilien, em defesa de Monte-Cristo —: o conde tem razão... Lembre-se do que sempre nos dizia o nosso querido pai: não foi um inglês que nos deu essa alegria.

Monte-Cristo estremeceu.

— O que o seu pai lhes dizia, senhor Morrel?... — perguntou o conde, ansioso.

— O meu pai, senhor, achava que essa história era um milagre. O meu pai acreditava que esse benfeitor tinha saído do túmulo por nós. Oh, mas que superstição comovente, senhor: mesmo não acreditando nela, eu estava longe de querer destruir essa crença em seu nobre coração! Assim, quantas vezes ele não sonhava, não delirava, pronunciando baixinho o nome de um amigo muito querido, o nome de um amigo perdido... E quando ele estava perto da morte, quando a aproximação da eternidade tinha dado a seu espírito algo da iluminação do fim, essa ideia, que até então era apenas uma dúvida, tornou-se uma certeza, e as últimas palavras que ele pronunciou ao morrer foram estas: “Maximilien: era Edmond Dantès!”.

A essas palavras, a palidez do conde, que havia alguns segundos era crescente, tornou-se aterradora. Todo o seu sangue acabara de afluir ao coração — ele não conseguia falar; tirou o relógio, como se tivesse esquecido a hora, pegou o chapéu, apresentou à senhora Herbault um cumprimento brusco e embaraçado e, apertando as mãos de Emmanuel e de Maximilien: — Senhora — disse ele —, permita-me voltar algumas vezes para ficar às suas ordens. Adoro a sua casa e estou muito agradecido pela sua acolhida, pois esta é a primeira vez que me esqueço em muitos anos.

E saiu rapidamente.

— É um homem singular, esse conde de Monte-Cristo... — disse Emmanuel.

— Sim, é verdade — respondeu Maximilien —, mas acredito que ele tenha um excelente coração, e tenho certeza de que ele gosta de nós.

— E eu...! — exclamou Julie. — A sua voz ecoou em meu coração... Algumas vezes cheguei a ter a impressão de que não era a primeira vez que eu a ouvia.

No final do subúrbio de Saint-Honoré, atrás de um belo palácio notável entre as notáveis moradias desse bairro rico, estende-se um vasto jardim com densas castanheiras que ultrapassam os muros imensos, altos como muralhas, e que deixam, quando chega a primavera, cair as suas flores róseas e brancas em dois vasos de pedra canelada dispostos paralelamente sobre duas pilastras quadrangulares onde se encaixa um portão gradeado da época de Luís XIII.

Essa entrada grandiosa está condenada, apesar dos magníficos gerânios a brotar nos dois vasos, gerânios que balançam ao vento as suas folhas marmóreas e as suas flores púrpura, desde que os donos do palácio — e isso já faz muito tempo — limitaram-se à posse do palácio, do pátio cheio de árvores que dá para o subúrbio e do jardim fechado pelo portão, que antigamente dava para um magnífico pomar de um arpen²⁰ ao lado da propriedade. Mas como o demônio da especulação traçou uma linha — isto é, uma rua — ao fim desse pomar, e como a rua, antes de existir, já recebera um nome graças a uma polida placa de ferro, imaginaram poder vender o pomar para construir junto à rua e fazer concorrência à grande artéria de Paris chamada subúrbio de Saint-Honoré.

Mas, em matéria de especulação, o homem põe e o dinheiro dispõe; a rua já batizada morreu no berço; depois de pagar religiosamente, o comprador do pomar não conseguiu alcançar na revenda a soma que pretendia e, esperando uma alta de preço que, mais dia menos dia, não poderia deixar de indenizá-lo muito além de seus prejuízos passados e de seu capital imobilizado, contentou-se em alugar o terreno a hortelões pela quantia de quinhentos francos por ano.

Era dinheiro investido a meio por cento, o que não é muito nos tempos que correm, quando tanta gente o investe a cinquenta por cento e ainda acha que esse dinheiro rende muito pouco.

Todavia, como dissemos, a grade do jardim que antigamente dava para o pomar está condenada, a ferrugem róí os seus gonzos; até mesmo mais: para que ignóbeis hortelões não contaminem com os seus olhares vulgares o interior do espaço aristocrático,

acrescentou-se às barras uma cerca de tábuas que sobe a dois metros de altura. É verdade que as tábuas não estão muito bem ajustadas: não conseguem impedir olhares furtivos entre as brechas; mas essa casa é uma casa severa, que não teme indiscrições.

No pomar, em vez de repolhos, cenouras, rabanetes, ervilhas e melões, crescem grandes alfafas — única cultura a sugerir que aquele lugar abandonado ainda não foi totalmente esquecido. Um pequeno portão baixo, dando para a rua planejada, é a entrada desse terreno cercado de muros que os locatários acabam de abandonar, devido à sua esterilidade, e que, há uma semana, em vez de render meio por cento, como no passado, já não rende absolutamente nada.

Do lado do palácio, as castanheiras que mencionamos coroam os muros, o que não impede outras árvores luxuriantes e floridas de introduzir nas brechas os seus ramos ávidos de ar. Num canto onde a folhagem é tão densa que a luz mal penetra, um vasto banco de pedra e cadeiras de jardim sugerem um local de reunião, ou o recanto predileto de algum morador do palácio, a cem passos, que quase não se vê através da verde muralha a envolvê-lo. Enfim, a escolha desse recanto misterioso é justificada, ao mesmo tempo, pela ausência de sol, pelo eterno frescor — mesmo nos dias mais ardentes do verão —, pelo canto dos pássaros e pela distância da casa e da rua — ou seja, dos negócios e do barulho.

Ao cair da tarde de um dos dias mais quentes que a primavera já proporcionara aos habitantes de Paris, sobre o banco de pedra havia um livro, uma sombrinha, um cesto de costura e um lenço de cambraia começando a ser bordado; não longe do banco, perto da grade, de pé diante das tábuas, colando o rosto à cerca, uma jovem mergulhava o olhar através das fendas no terreno deserto que já conhecemos.

Quase ao mesmo tempo, o pequeno portão desse terreno fechava-se sem barulho: um jovem alto, forte, vestindo uma blusa de brim e boné de veludo — mas com bigodes, barba e cabelos negros extremamente cuidados que destoavam um pouco daquele traje popular —, depois de rápido olhar ao redor assegurando-se de

que ninguém o espiava, passou pelo portão, fechou-o atrás de si e dirigiu-se rapidamente à grade.

Ao ver aquele que esperava — mas certamente não nesses trajes —, a jovem sentiu medo e recuou.

Entretanto, através dos vãos do portão, com aquele olhar que só pertence aos apaixonados, o jovem vira flutuar o vestido branco e o comprido cinto azul. Saltou à divisória e, aproximando a boca de um vão: — Não tenha medo, Valentine — disse ele —: sou eu.

A jovem aproximou-se.

— Oh, senhor... — disse ela —, por que demorou tanto hoje? Não sabia que logo vamos jantar?... Que precisei de muita diplomacia e de muito engenho para me livrar de minha madrastra, que me vigia, de minha camareira, que me espiona, e de meu irmão, que me atormenta, para vir trabalhar aqui nesse bordado que receio não terminar tão cedo? Depois de se desculpar por seu atraso, você me dirá que roupa nova é essa que resolveu adotar, me levando a quase não o reconhecer.

— Querida Valentine — disse o jovem —, você está muito acima de meu amor para que eu ouse falar dele... Entretanto, sempre que a vejo, preciso lhe dizer que a adoro, para que o eco de minhas próprias palavras acaricie suavemente o meu coração, quando nos separamos. Agora, agradeço-lhe a sua censura: ela é encantadora, pois me prova, não ousou dizer que me esperava, mas que estava pensando em mim... Você deseja saber o motivo de meu atraso e a causa de meu disfarce; vou lhe contar, esperando que você me desculpe: escolhi uma profissão.

— Uma profissão?... Que quer dizer, Maximilien? Então somos tão felizes que você pode falar de nós brincando?

— Oh, Deus me livre de brincar com o que é a minha própria vida — disse o jovem. — Mas, cansado de correr pelos campos e de pular muros, seriamente assustado com a ideia que outro dia você fez nascer em mim, a ideia de que um dia o seu pai me faria ser julgado como um ladrão, o que comprometeria a honra de todo o exército francês, não menos assustado com a possibilidade de estranharem me ver eternamente rondar ao redor desse terreno, onde não há a menor cidadela a ser sitiada, a menor fortaleza a ser

defendida por um capitão de cavalaria colonial, eu me tornei hortelão e adotei os trajes de minha profissão...

— Bom, mas que loucura!

— Ao contrário, acho que é a coisa mais sábia que já fiz em minha vida, pois nos dá toda segurança.

— Então, explique-se.

— Bem, então eu fui procurar o dono desse pomar; como o arrendamento aos antigos locatários tinha terminado, eu o aluguei. Toda essa alfafa que você está vendo me pertence, Valentine... Nada me impede de mandar construir uma cabana no meio desse feno e de passar a viver a vinte passos de você! Oh, não consigo mais conter a minha alegria, a minha felicidade... Acredita, Valentine, que é possível comprar essas coisas? É impossível, não é verdade? Bem, então, toda essa felicidade, toda essa alegria, todo esse êxtase, pelos quais eu daria dez anos da minha vida, me custaram sabe quanto?... Quinhentos francos por ano, a pagar trimestralmente. Assim, como vê, no futuro já não há nada a temer. Aqui estou em minha casa, posso colocar escadas em meu muro e olhar por cima dele, e tenho o direito de lhe dizer que a amo, sem temer que uma patrulha venha me incomodar, enquanto o seu orgulho não se ferir ao ouvir essas palavras saírem da boca de um pobre operário vestido de blusa e usando boné.

Valentine deu um pequeno grito de alegre surpresa; então, de repente: — Ai, Maximilien — disse ela tristemente, como se uma nuvem de ciúme de repente encobrisse o raio de sol a iluminar seu coração —, agora nós seremos extremamente livres; a nossa felicidade nos fará tentar Deus; abusaremos de nossa segurança, e nossa segurança nos perderá.

— Como pode me dizer isso, minha amiga, a mim que, desde que a conheço, provo-lhe a cada dia que subordinei os meus pensamentos e a minha vida à sua vida e a seus pensamentos? O que lhe deu confiança em mim? A minha honra, não é verdade? Quando me disse que um vago instinto nos assegurava que você corria algum grande perigo, coloquei a minha devoção a seu serviço, sem lhe pedir outra recompensa além da alegria de servi-la. Desde então, será que por uma palavra, por um sinal, dei-lhe motivo

para se arrepender de ter me escolhido entre os que se alegrariam ao morrer por você? Você me disse, pobre criança, que estava noiva do senhor d'Épinay, que o seu pai desejava esse casamento, ou seja, que ele era uma certeza, pois tudo o que o senhor de Villefort deseja acontece infalivelmente... Bem, então permaneci à sombra, esperando tudo não da minha vontade, não da sua vontade, mas dos acontecimentos, da Providência, de Deus, e afinal você me ama, teve piedade de mim, Valentine, e me disse isso... Obrigado por essas doces palavras; só lhe peço que as repita de vez em quando, fazendo-me esquecer de tudo.

— E é isso que lhe dá coragem, Maximilien... É isso que me proporciona ao mesmo tempo uma vida bem doce e bem infeliz, a ponto de eu sempre me perguntar o que é melhor para mim: a tristeza que costumava me causar o rigor de minha madrastra, a sua cega preferência pelo seu filho, ou a felicidade cheia de perigos que sinto ao vê-lo.

— Perigos?! — exclamou Maximilien. — Como pode dizer uma palavra tão dura e tão injusta?! Acaso já viu algum escravo mais submisso do que eu? Você me permitiu dirigir-lhe a palavra algumas vezes, Valentine, mas proibiu-me de segui-la; eu obedeci. Desde que descobri uma maneira de chegar a esta cerca, de conversar com você através deste portão, de estar enfim tão perto de você, sem vê-la, diga-me: alguma vez pedi para tocar a barra de seu vestido através dessa grade? Alguma vez dei um passo para pular este muro ridículo, que não é obstáculo para a minha juventude e para a minha força? Nunca me queixei de seu rigor, nunca exprimi um desejo em voz alta... Cumpri a minha palavra como um cavaleiro dos tempos antigos. Ao menos, reconheça isso, para que eu não a julgue injusta.

— É verdade — disse Valentine, passando entre duas tábuas a ponta de um de seus dedos finos, no qual Maximilien pousou os lábios. — É verdade, você é um amigo respeitoso. Mas afinal você só agiu com o sentimento de seu interesse, meu querido Maximilien... Você sabia muito bem que, no dia em que o escravo se tornasse exigente demais, acabaria perdendo tudo. Você me prometeu a amizade de um irmão, a mim que não tenho amigos, a

mim que meu pai esquece, a mim que a minha madrasta persegue, e que só tem como consolo o velho paralisado, mudo, gelado, com a sua mão que não consegue apertar a minha, e que só me fala com os olhos, com o coração ainda a bater por mim com um resto de calor. Amarga ironia do destino, que me faz inimiga e vítima de todos aqueles que são mais fortes do que eu, dando-me um cadáver como apoio, como amigo! Oh, realmente, Maximilien, repito-lhe: sou muito infeliz; você tem razão em me amar por mim, não por si mesmo.

— Valentine — disse o jovem com profunda emoção —, eu não direi que só amo você no mundo, porque também amo a minha irmã e meu cunhado, mas amo-os com um amor suave, tranquilo, que em nada se assemelha ao amor que sinto por você: quando penso em você, o meu sangue ferve, o meu peito se inflama, o meu coração transborda; mas esta força, este ardor, esta potência sobre-humana, eu os empregarei a amá-la apenas até o dia em que você me disser que os empregue a servi-la. Dizem que o senhor Franz d'Épinay ficará ausente por mais um ano; em um ano, quantas oportunidades favoráveis podem surgir para nós, quantos acontecimentos podem nos favorecer! Então vamos continuar a ter esperanças: é tão bom e tão doce ter esperanças! Mas, enquanto isso, você, Valentine, você que me reprova o meu egoísmo, o que foi para mim? A bela e fria estátua da Vênus pudica... Em troca de minha devoção, de minha obediência, de meu pudor, o que você me prometeu? Nada... O que você me concedeu? Muito pouca coisa... Você me fala do senhor d'Épinay, o seu noivo, e suspira à ideia de um dia ser dele. Vamos, Valentine: isso é tudo o que tem na alma? Mas como! Eu lhe ofereço a minha vida, eu lhe dou a minha alma, eu lhe consagro até o mais insignificante batimento de meu coração, e enquanto sou todo seu, enquanto me digo baixinho que morrerei se a perder, você nem se assusta à simples ideia de pertencer a outro! Oh, Valentine! Valentine, se eu fosse você, se eu me soubesse amado como você está certa de que a amo, eu já teria passado cem vezes a minha mão entre as barras dessa grade e apertado a mão do pobre Maximilien, dizendo-lhe: "Sou sua, só sua, Maximilien, neste mundo e no outro".

Valentine nada respondeu, mas o jovem ouviu-a suspirar e chorar.

A reação de Maximilien foi imediata.

— Oh — exclamou ele —, Valentine! Valentine: esqueça as minhas palavras, se nelas houver algo que possa feri-la!

— Não — disse ela —, você tem razão... Mas não vê que sou uma pobre criatura, abandonada em uma casa quase estranha, pois o meu pai é quase um estranho para mim, e a minha vontade vem sendo contrariada há dez anos, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, pela vontade de ferro dos senhores que me esmagam? Ninguém vê como sofro: não conto a ninguém, só a você. Aparentemente, aos olhos de todo o mundo, tudo é bom para mim, tudo é afeição, mas na verdade tudo me é hostil. A sociedade diz: o senhor de Villefort é sério demais, severo demais para ser terno com a filha, mas ao menos ela teve a sorte de encontrar na senhora de Villefort uma segunda mãe... Muito bem: a sociedade se engana, o meu pai me abandona com indiferença, a minha madrasta me odeia com fúria tanto mais terrível quanto é velada por um eterno sorriso.

— Odeia?!... A você, Valentine?! E como seria possível odiá-la?

— Ai, meu amigo — disse Valentine —, sou obrigada a confessar que esse ódio contra mim vem de um sentimento quase natural. Ela adora o filho dela, o meu meio-irmão, Édouard.

— E então?

— Então... Isso me parece estranho, misturar ao que estamos dizendo uma questão financeira... Então, meu amigo: imagino que o seu ódio vem ao menos daí... Como ela não tem fortuna de seu lado, como eu já sou rica pelo lado materno, como esta fortuna ainda será mais do que duplicada pela herança de meus avós, o senhor e senhora de Saint-Méran, que um dia devo receber, bem, então, imagino que ela tem inveja de mim. Oh, meu Deus, se eu pudesse lhe dar metade dessa fortuna e me sentir na casa do senhor de Villefort como uma filha na casa paterna, certamente eu o faria imediatamente.

— Pobre Valentine!

— Sim, sinto-me amarrada e ao mesmo tempo sinto-me tão fraca que pareço protegida pela corda que me amarra: tenho medo de desfazer os nós. Aliás, papai não é um homem cujas ordens possam ser desobedecidas impunemente: ele é poderoso contra mim, também o seria contra você, também o seria contra o próprio rei, pois é protegido por um passado irrepreensível e por uma posição quase inatacável... Oh, Maximilien, eu lhe juro: não luto porque temo que nessa luta você seja esmagado, bem como eu.

— Mas afinal, Valentine — continuou Maximilien —, por que desesperar assim, ver o futuro sempre sombrio?

— Ah, meu amigo, porque julgo o futuro pelo passado.

— Entretanto, vejamos: se eu não sou um partido ilustre, do ponto de vista aristocrático, pertenço, todavia, à sociedade em que você vive... O tempo em que havia duas França na França já não existe mais; as mais altas famílias da monarquia dos Bourbons fundiram-se às famílias do Império napoleônico: a aristocracia da lança casou-se com a nobreza do canhão. Bem, eu pertenço a esta nobreza: tenho um belo futuro no exército, gozo de uma fortuna limitada, mas independente; enfim, a memória de meu pai é venerada em nossa terra como a de um dos negociantes mais honestos que já existiram. Digo *nossa terra*, Valentine, porque você também é quase de Marselha.

— Nem me fale de Marselha, Maximilien: só essa palavra já me lembra a minha bondosa mãe, aquele anjo que todos lamentaram; o anjo que, depois de velar pela filha em sua breve passagem pela terra, também vela por ela (ao menos assim espero) durante a sua eterna permanência no céu. Oh, se a minha pobre mãe estivesse viva, Maximilien, eu já não teria mais nada a temer... Eu contaria a ela que o amo, e ela nos protegeria.

— Ai, Valentine — prosseguiu Maximilien —, se ela estivesse viva, provavelmente eu não conheceria você... Pois, como disse, se ela estivesse viva você seria feliz, e Valentine feliz me olharia com muito desdém, do alto de sua grandeza...

— Ah, meu amigo — exclamou Valentine —, agora é você que está sendo injusto... Mas diga-me...

— O que quer que eu lhe diga? — perguntou Maximilien, ao ver que Valentine hesitava.

— Diga-me — prosseguiu a jovem —, antigamente, em Marselha, houve algum motivo de desentendimento entre o seu pai e o meu?

— Não que eu saiba — respondeu Maximilien —, a não ser, entretanto, que o seu pai era um partidário mais do que zeloso dos Bourbons, enquanto o meu pai era um homem devotado ao imperador Napoleão. Imagino que esse tenha sido o único motivo de discordância entre eles. Mas por que essa pergunta, Valentine?

— Vou lhe contar — continuou a jovem —, pois você precisa saber de tudo. Bem, aconteceu naquele dia em que a sua nomeação como oficial da Legião de Honra foi publicada no jornal. Todos nós estávamos na casa de meu avô, o senhor Noirtier, e também estava presente o senhor Danglars, sabe? Aquele banqueiro dono dos cavalos que anteontem quase mataram a minha madrasta e o meu irmão... Eu estava lendo o jornal em voz alta a meu avô, enquanto os homens falavam do casamento da senhorita Danglars. Quando eu cheguei ao parágrafo que falava de você, quando o li, pois na véspera, de manhã, você já tinha me contado essa boa notícia... Quando cheguei, como disse, ao parágrafo sobre você, eu estava muito feliz... Mas também muito trêmula, ao ver-me obrigada a pronunciar o seu nome em voz alta, e provavelmente eu omitiria o seu nome, se não temesse que o meu silêncio fosse mal interpretado... Então eu reuni toda a minha coragem e li.

— Querida Valentine!

— Bem..., assim que eu pronunciei o seu nome, o meu pai virou a cabeça. Eu estava tão convencida (veja como eu sou louca!) que todo o mundo ia ficar comovido ao ouvir o seu nome, que até imaginei ver estremecer o meu pai e até mesmo (quanto a ele, não passava de uma ilusão, tenho certeza), até mesmo o senhor Danglars.

“— Morrel?! — exclamou o meu pai. — Espere um pouco... (E ele franziu as sobrancelhas.) Não seria um daqueles Morrel de Marselha?... Um daqueles furiosos bonapartistas que tanto mal nos fizeram em 1815?

“— Sim — respondeu o senhor Danglars. — Imagino que ele seja até mesmo o filho do velho armador.”

— Verdade? — exclamou Maximilien. — E o que foi que o seu pai respondeu? Diga-me, Valentine...

— Oh, ele disse algo terrível... Nem ousou repetir.

— Diga assim mesmo — continuou Maximilien, sorrindo.

“— O imperador deles — continuou o meu pai, franzindo as sobrancelhas — sabia colocar todos esses fanáticos em seu lugar: chamava-os de *bucha de canhão*, e esse era o único nome que eles mereciam... Vejo com satisfação que o novo governo recoloca em vigor esse princípio salutar. Mesmo se fosse só por esse motivo que ele conserva a Argélia, eu felicitaria o governo, embora a Argélia nos custe um pouco caro...”

— Realmente, essa é uma política um tanto brutal — disse Maximilien. — Mas não enrubesça, minha querida amiga, por causa do que disse o senhor de Villefort... O meu bravo pai em nada cedia ao seu nesse ponto, e sempre repetia: “Então, por que será que o imperador, que faz tantas coisas boas, não faz também um regimento de juizes e de advogados, para mandá-los logo às trincheiras?”. Como vê, querida amiga, os partidos se equivalem, quanto ao pitoresco da expressão e quanto à delicadeza de pensamento... Mas e o senhor Danglars, o que foi que ele disse diante dessa tirada do procurador real?

— Oh, ele começou a rir, com aquele riso sonso que lhe é peculiar, que eu acho feroz... Depois eles logo se levantaram e saíram. Só então eu percebi que o meu avô estava muito agitado. Devo lhe dizer, Maximilien, que só eu adivinho as agitações desse pobre paralítico; aliás, eu já desconfiava que aquela conversa na frente dele (pois já não lhe dão mais atenção alguma, pobre vovô!) o impressionara muito, pois tinham falado mal de seu imperador e, ao que parece, ele era fanático pelo imperador.

— Realmente — disse Maximilien —, o seu avô é um dos nomes mais conhecidos do Império: ele foi senador e, como sabe (ou melhor, como não sabe, Valentine), esteve presente em quase todas as conspirações bonapartistas que aconteceram durante a Restauração.

— Sim, às vezes ouço dizerem baixinho essas coisas, que me parecem estranhas: o avô bonapartista, o pai monarquista... Enfim, o que você esperava?... Então eu olhei para ele.

“Ele me mostrou o jornal com os olhos.

“— O que você tem, vovozinho? — eu lhe perguntei. — Está contente?

“Ele fez com a testa sinal de que sim.

“— Contente com o que o meu pai acabou de dizer? — eu lhe perguntei.

“Ele fez sinal de que não.

“— Com o que o senhor Danglars disse?

“Ele repetiu o sinal de que não.

“— Então porque o senhor Morrel — eu não ousei dizer Maximilien — foi nomeado oficial da Legião de Honra?

“Ele fez sinal de que sim.”

— Acredita, Maximilien? — continuou Valentine. — Ele estava contente porque você foi nomeado oficial da Legião de Honra, ele que nem o conhece... Talvez seja loucura da parte dele, pois dizem que ele está voltando à infância; mas eu o adoro por aquele “sim”.

— É bizarro — pensou Maximilien. — Então, o seu pai me odiaria, enquanto o seu avô, pelo contrário... Que coisas estranhas, esses amores e ódios de partidos!

— Ch! — exclamou Valentine de repente. — Esconda-se, fuja... Vem gente!

Maximilien saltou a uma enxada e começou a revolver a alfafa impiedosamente.

— Senhorita, senhorita — gritou uma voz atrás das árvores —, a senhora de Villefort a está procurando por toda parte e a chamando... Há uma visita no salão.

— Uma visita?! — exclamou Valentine, bastante agitada. — E quem nos faz essa visita?

— Um grande senhor, um príncipe, ao que dizem: o senhor conde de Monte-Cristo.

— Já estou indo — disse bem alto Valentine.

Esse nome fez estremecer, do outro lado do muro, aquele a quem o *já estou indo* de Valentine servia de adeus ao final de cada

encontro.

— Ora! — pensou Maximilien, apoiando-se pensativo na enxada.
— Mas como é que o conde de Monte-Cristo conhece o senhor de Villefort?

LIII. TOXICOLOGIA Realmente era o senhor conde de Monte-Cristo quem acabara de entrar na casa da senhora de Villefort, pretendendo retribuir ao senhor procurador do rei a visita que este lhe fizera e, como podemos imaginar, ao ouvir o seu nome a casa inteira se agitara.

A senhora de Villefort — que estava sozinha no salão quando anunciaram o conde — logo mandou chamar o filho, para que o menino reiterasse os seus agradecimentos ao conde, e Édouard — que havia dois dias não parava de ouvir falarem do grande personagem — apressara-se a acorrer, não por obediência à mãe, não para agradecer ao conde, mas por simples curiosidade e para fazer alguma observação que lhe permitisse incluir uma das gracinhas que levavam a sua mãe a exclamar: — “Oh, mas que menino mau... Mas é preciso perdoá-lo: ele tem tanto espírito!”.

Depois das primeiras cortesias habituais, o conde informou-se sobre o senhor de Villefort.

— O meu marido está jantando na casa do senhor chanceler — respondeu a jovem mulher. — Ele acaba de partir agorinha mesmo e tenho certeza de que lamentará muito ver-se privado da alegria de vê-lo...

Duas visitas que haviam precedido o conde no salão, devorando-o com os olhos, retiraram-se logo após decorrido o tempo razoável exigido pela polidez e pela curiosidade.

— A propósito, o que é que a tua irmã Valentine está fazendo?! — disse a senhora de Villefort a Édouard. — Avisem-na, para que eu tenha a honra de apresentá-la ao senhor conde.

— A senhora tem uma filha? — perguntou o conde. — Mas então deve ser uma criança?

— É a filha do senhor de Villefort — replicou a jovem mulher. — Filha de um primeiro casamento: uma criatura alta, bela...

— Mas melancólica... — interrompeu o jovem Édouard, arrancando, para fazer um penacho em seu chapéu, as penas da cauda de uma magnífica arara, que gritava de dor em sua gaiola dourada.

— Silêncio, Édouard!

Então ela acrescentou:

— Esse jovem aturdido quase tem razão: repete aqui o que tantas vezes me ouviu dizer com pesar... Pois a senhorita de Villefort, apesar de tudo o que pudemos fazer para distraí-la, é de um caráter triste e de um humor silencioso, que às vezes prejudicam os efeitos de sua beleza... Mas ela não vem, Édouard?!... Então veja por que ela não vem.

— Porque a procuram onde ela não está.

— Onde a procuram?

— No quarto do vovô Noirtier.

— E ela não está lá, você acha?

— Não, não, não, não, não, ela não está lá — respondeu Édouard, cantarolando.

— E onde é que ela está? Se você sabe, diga.

— Ela está debaixo da grande castanheira — continuou o menino cruel, oferecendo, apesar dos gritos de sua mãe, moscas vivas ao papagaio, que parecia ser um grande admirador daquela espécie de caça.

A senhora de Villefort estendia a mão para soar e indicar à camareira o lugar onde encontraria Valentine quando esta entrou.

Ela parecia triste, de fato, e ao olhá-la atentamente poderíamos até ver vestígios de lágrimas em seus olhos.

Valentine — que, levados pela rapidez da narrativa, apresentamos aos nossos leitores sem dá-la a conhecer — era uma jovem alta e esbelta de dezenove anos, cabelos castanho-claros, olhos azul-escuros, andar lânguido, marcada pela refinada distinção que caracterizara a sua mãe; as suas mãos alvas e finas, o seu pescoço nacarado, as suas faces matizadas por cores fugazes davam-lhe, à primeira vista, o ar de uma daquelas belas inglesas

que se comparam poeticamente, em suas maneiras, a cisnes a se admirarem.

Ela entrou, portanto, e vendo, ao lado da mãe, o estrangeiro, de quem tanto ouvira falar, cumprimentou-o sem trejeitos afetados de jovem e sem baixar os olhos, com uma graça que redobrou a atenção do conde.

Este se levantou.

— Senhorita de Villefort, minha enteada — disse a senhora de Villefort a Monte-Cristo, inclinando-se em seu sofá e apontando Valentine.

— E o senhor conde de Monte-Cristo, rei da China, imperador da Cochinchina — disse o menino engraçado, lançando um olhar furtivo à irmã.

Dessa vez a senhora de Villefort empalideceu e quase se irritou com o flagelo doméstico que respondia pelo nome de Édouard; mas, muito ao contrário, o conde sorriu e pareceu olhar o menino com complacência, o que levou ao auge a alegria e o entusiasmo da mãe.

— Mas, senhora — continuou o conde, retomando a conversa, olhando sucessivamente a senhora de Villefort e Valentine —, já não tive a honra de ver em algum lugar a senhora e a senhorita? Agora mesmo eu estava pensando nisso... E, quando a senhorita entrou, vê-la foi como um clarão a mais a iluminar uma lembrança confusa... Perdoe-me essa palavra.

— Não é provável, senhor... A senhorita de Villefort pouco aprecia a sociedade, raramente saímos — disse a jovem senhora.

— Assim, não foi em sociedade que vi a senhorita, bem como a senhora, bem como esse travesso encantador. Aliás, a sociedade parisiense me é completamente desconhecida, pois, como creio ter tido a honra de ter lhe dito, estou em Paris há apenas alguns dias. Não, se me permite lembrar... Espere...

O conde colocou a mão na testa, como a concentrar todas as suas lembranças.

— Não, foi ao ar livre... Foi... Não sei... Mas parece-me que essa lembrança não se separa de um belo sol e de uma espécie de festa religiosa... A senhorita levava flores à mão... O menino corria

atrás de um belo pavão, em um jardim, e a senhora estava debaixo do arco de um parreiral... Ajude-me, minha senhora... As coisas que citei não lhe lembram nada?

— Não, na verdade... — respondeu a senhora de Villefort. — Entretanto, parece-me, cavalheiro, que, se o tivesse encontrado em algum lugar, a sua lembrança permaneceria presente em minha memória.

— O senhor conde viu-nos, talvez, na Itália... — disse timidamente Valentine.

— De fato, na Itália... É possível — disse Monte-Cristo. — Viajou à Itália, senhorita?

— A senhora e eu estivemos lá, há dois anos. Os médicos temiam pelo meu peito e haviam me recomendado o ar de Nápoles. Passamos por Bolonha, Perugia e Roma.

— Ah, é verdade, senhorita! — exclamou Monte-Cristo, como se essa simples menção bastasse para fixar todas as suas lembranças. — Foi em Perugia, no dia da festa de Corpus Christi, nos jardins da hospedaria do Correio, onde o acaso nos reuniu, a senhora, a senhorita, seu filho e eu, que me lembro de ter tido a honra de vê-los.

— Lembro-me perfeitamente de Perugia, senhor, e da hospedaria do Correio, e da festa de que me fala — disse a senhora de Villefort. — Mas em vão interrogo as minhas lembranças, e sinto vergonha de minha pouca memória: não me lembro de ter tido a honra de vê-lo.

— É estranho, eu também não — disse Valentine, erguendo os seus belos olhos a Monte-Cristo.

— Ah, eu me lembro! — disse Édouard.

— Vou ajudá-la, minha senhora — continuou o conde. — O dia tinha sido abrasador; a senhora esperava os cavalos, que não chegavam por causa das festividades. A senhorita foi para o fundo dos jardins e o seu filho desapareceu, correndo atrás da ave.

— Eu a peguei, mamãe... Lembra — disse Édouard —, eu arranquei três penas de sua cauda.

— A senhora permaneceu debaixo do arco do parreiral... Não se lembra mais, enquanto estava sentada num banco de pedra,

enquanto, como lhe disse, a senhorita de Villefort e o senhor seu filho estavam ausentes, de ter conversado muito tempo com alguém?

— Sim, realmente — disse a jovem senhora, enrubescendo —, sim, eu me lembro, com um homem envolto em longa capa de lã... Com um médico, creio.

— Justamente, minha senhora... Esse homem era eu... Eu estava naquela hospedaria havia quinze dias, tinha curado o meu valete da febre e o meu hospedeiro da icterícia, de maneira que me viam como um grande doutor. Conversamos muito tempo, senhora, sobre vários assuntos: Perugino, Rafael,²¹ costumes, roupas, a famosa *aqua-tofana*... Tinham lhe dito, creio, que em Peruggia algumas pessoas ainda conservavam o segredo dessa água.

— Ah, é verdade — exclamou a senhora de Villefort com certa inquietude —, sim, eu me lembro.

— Já não lembro mais em detalhe o que me disse, senhora — prosseguiu o conde com perfeita tranquilidade —, mas lembro-me perfeitamente de que, partilhando a meu respeito o equívoco de todos, consultou-me sobre a saúde da senhorita de Villefort.

— Entretanto, cavalheiro, o senhor era realmente médico — disse a senhora de Villefort —, já que curou doentes.

— Molière ou Beaumarchais lhe responderiam, senhora, que foi justamente por não ser médico que não curei os meus doentes, mas que os meus doentes se curaram.²² Eu me contentarei em lhe dizer que estudei a fundo a química e as ciências naturais, mas apenas como amador... A senhora compreende.

Nesse instante soaram seis horas.

— Seis horas! — disse a senhora de Villefort, visivelmente agitada. — Não vai ver, Valentine, se o seu avô já está pronto para jantar?

Valentine levantou-se e, cumprimentando o conde, saiu da sala sem pronunciar uma única palavra.

— Oh, meu Deus, senhora, foi por minha causa que despediu a senhorita de Villefort? — perguntou o conde quando Valentine saiu.

— De maneira alguma — respondeu vivamente a jovem senhora. — Mas esta é a hora em que mandamos servir ao senhor Noirtier a triste refeição que sustenta sua triste existência. Sabe, senhor, em que estado deplorável se encontra o pai de meu marido?

— Sim, senhora, o senhor de Villefort me falou disso... Uma paralisia, creio.

— Ai, sim, no pobre velho há completa ausência de movimentos, só a alma vela naquela máquina humana, mesmo assim pálida e trêmula, como uma vela a apagar-se. Mas perdão, cavalheiro, por entretê-lo com os nossos infortúnios domésticos... Interrompi-o no momento em que me dizia que era um hábil químico.

— Oh, eu não diria isso, minha senhora — respondeu o conde, sorrindo. — Muito pelo contrário, estudei a química porque, decidido a viver principalmente no Oriente, quis seguir o exemplo do rei Mitrídates.

— *Mithridates, rex Ponticus*²³ — disse o aturdido, recortando gravuras de um álbum magnífico. — O mesmo que toda manhã tomava o desjejum com creme e veneno.

— Édouard! Menino mau! — exclamou a senhora de Villefort, arrancando o livro mutilado das mãos do filho. — Você é insuportável, você nos aturde... Deixe-nos... Vá encontrar a sua irmã Valentine no quarto do bom vovô Noirtier.

— O álbum... — disse Édouard.

— Como? O álbum?

— É: eu quero o álbum...

— Por que você recortou os desenhos?

— Porque isso me diverte.

— Vá embora! Vá!

— Não vou, se não me derem o álbum — murmurou, sentando-se em uma grande poltrona, o menino, fiel a seu hábito de nunca ceder.

— Pegue, e deixe-nos em paz! — disse a senhora de Villefort; e entregou o álbum a Édouard, que partiu, acompanhado até à porta pela mãe.

O conde seguiu com os olhos a senhora de Villefort.

— Vejamos se ela fecha a porta na cara dele — murmurou o conde.

Quando o menino saiu da sala, a senhora de Villefort fechou a porta com o maior cuidado: o conde pareceu nem perceber.

Então, lançando um último olhar ao redor, a jovem senhora voltou a sentar-se na conversadeira.

— Permita-me observar-lhe, minha senhora — disse o conde, com a sua bonomia habitual —, que é muito severa com esse travesso encantador.

— É preciso, cavalheiro — respondeu a senhora de Villefort com verdadeiro tato materno.

— Ao falar do rei Mitrídates, o senhor Édouard estava recitando o seu Cornélio Nepo²⁴ — disse o conde —, e a senhora o interrompeu numa citação que prova que o seu preceptor não perdeu tempo com ele... Seu filho está muito adiantado para a idade dele.

— Fato é, senhor conde — respondeu a mãe, docemente lisonjeada —, que ele tem uma facilidade enorme, aprende tudo o que quer... Tem apenas um defeito: é muito voluntarioso, mas, a propósito do que ele estava falando, conde, o senhor acredita, por acaso, que Mitrídates seguisse essas precauções, e que essas precauções pudessem ser eficazes?

— Tanto acredito, senhora, que eu mesmo aqui presente segui essas precauções para não ser envenenado em Nápoles, Palermo e Esmirna, ou seja, em três ocasiões em que, não fosse a precaução, eu teria deixado de viver.

— E o expediente foi satisfatório?

— Perfeitamente.

— Sim, é verdade... Sim, eu me lembro: o senhor já tinha me contado algo semelhante em Peruggia.

— Verdade? — exclamou o conde com surpresa admiravelmente representada. — Não me lembro...

— Eu lhe perguntei se os venenos agiam da mesma forma, com a mesma energia, nos homens do Norte e nos homens do Sul, e o senhor até mesmo me respondeu que os temperamentos frios e

linfáticos dos setentrionais não apresentavam a mesma aptidão apresentada pela rica e enérgica natureza das pessoas do Sul.

— É verdade... — disse Monte-Cristo. — Vi russos devorarem, sem se incomodarem, substâncias vegetais que não deixariam de matar um napolitano, ou mesmo um árabe.

— Então acredita que o resultado seria mais certo entre nós do que no Oriente? Em meio a nossos nevoeiros, a nossas chuvas, um homem se acostumaria, com maior facilidade do que em latitudes mais quentes, à absorção progressiva de veneno?

— Certamente... Entretanto, naturalmente, só estaríamos imunes ao veneno com o qual já estamos habituados.

— Sim, compreendo... E como o senhor, por acaso, se habituaria... ou melhor, como se habituou?

— É muito simples. Suponha que já sabia de antemão que veneno iriam usar contra a senhora... Suponha que esse veneno seja a... brucina, por exemplo...

— A brucina é extraída da falsa angustura,²⁵ creio... — disse a senhora de Villefort.

— Exatamente, senhora — respondeu Monte-Cristo. — Mas vejo que não me resta muito a lhe ensinar: aceite os meus cumprimentos... Tais conhecimentos são raros entre as mulheres.

— Oh, confesso — disse a senhora de Villefort —, dedico a mais violenta paixão às ciências ocultas, que falam à imaginação como uma poesia, e se resolvem em cifras como uma equação algébrica... Mas continue, por favor: o que me diz interessa-me intensamente.

— Bem — continuou Monte-Cristo —, suponha que esse veneno seja a brucina, por exemplo, e que a senhora tome um miligrama no primeiro dia, dois miligramas no segundo... Bem, em dez dias, tomaria um centigrama... Em vinte dias, aumentando a dose em mais um miligrama, tomaria três centigramas... Ou seja, uma dose que a senhora suportaria sem dificuldade, mas que já seria muito perigosa para alguém que não tivesse tomado as mesmas precauções... Enfim, em um mês, bebendo água da mesma garrafa, mataria a pessoa que bebesse a mesma água que a senhora, sem

perceber, a não ser por um simples mal-estar, que houvesse alguma substância venenosa misturada a essa água.

— O senhor não conhece outro antídoto?

— Não conheço.

— Li e reli essa história de Mitrídates muitas vezes — disse a senhora de Villefort, pensativa — e imaginava ser uma fábula.

— Não, senhora... Contrariando o hábito da história, é uma verdade. Mas o que me diz agora, senhora, o que me pergunta, não é simplesmente um capricho casual, pois há dois anos, em Peruggia, já me fez quase as mesmas perguntas, e agora me diz que há muito tempo dedica sua atenção a essa história de Mitrídates...

— É verdade, cavalheiro: quando eu era jovem, os meus dois estudos favoritos eram a botânica e a mineralogia... Depois, quando soube mais tarde que o emprego das simples ervas muitas vezes explicava toda a história dos povos e toda a vida dos indivíduos do Oriente, assim como as flores explicavam todo o seu pensamento amoroso, lamentei não ser homem para tornar-me um Flamel, um Fontana ou um Cabanis...²⁶

— Tanto mais, minha senhora — continuou Monte-Cristo —, que os orientais não se limitam, como Mitrídates, a usar os venenos como couraça, mas também os empregam como punhal... Em suas mãos, a ciência se torna não apenas uma arma defensiva, mas também muitas vezes ofensiva; uma é útil contra os seus sofrimentos físicos, a outra contra os seus inimigos; os que queriam despertá-los, eles fazem adormecer com o ópio, a beladona, a falsa-angustura, o pau-de-cobra, o loureiro-cereja... As mulheres egípcias, turcas ou gregas, que aqui vocês chamam de feiticeiras, sabem de química o bastante para estarrecer um médico, e de psicologia o bastante para aterrar um confessor.

— É verdade? — exclamou a senhora de Villefort, com olhos a refletirem estranho brilho durante a conversa.

— Ah, meu Deus! Sim, senhora — continuou Monte-Cristo —, os dramas secretos do Oriente atam-se e desatam-se assim, desde a planta que leva a amar até a planta que leva a morrer... Desde a

bebida que abre a porta do céu até a bebida que mergulha um homem no inferno. Na natureza humana, física e moral, há nuances de todos os gêneros, bem como há caprichos e extravagâncias. E direi mais: a arte desses químicos sabe adequar admiravelmente o remédio e o mal às suas necessidades de amor ou aos seus desejos de vingança.

— Mas, cavalheiro... — continuou a jovem mulher — essas sociedades orientais, onde passou parte de sua existência, são portanto fantásticas como os contos que nos chegam de seus belos países? Então lá um homem pode ser suprimido impunemente? É portanto real a Bagdá ou a Bassorá do senhor Galland?²⁷ Os sultões e vizires que regem essas sociedades, constituindo o que na França chamamos de governo, são portanto tipos como Harum-al-Raschid, como Giaffar, que não apenas perdoam um envenenador, mas também o tornam primeiro-ministro, se o crime foi engenhoso, e nesse caso mandam gravar sua história em letras douradas para divertirem-se nas horas de tédio?

— Não, senhora... O fantástico não existe mais, mesmo no Oriente... Lá também há, disfarçados por outros nomes, escondidos em outras roupas, comissários de polícia, juízes de instrução, procuradores do rei, peritos... Lá também se enforca, decapita-se, empala-se, com prazer, os criminosos... Mas estes, como hábeis fraudadores, sabem despistar a justiça humana e garantir o sucesso de suas empresas mediante hábeis artimanhas. Entre nós, um idiota possuído pelo demônio do ódio ou da ganância, tendo um inimigo a destruir, ou um avô a aniquilar, vai a um droguista, dá-lhe um nome falso, que o identifica muito mais do que o seu nome verdadeiro, e compra, alegando que os ratos não o deixam dormir, cinco ou seis gramas de arsênico... Se ele é muito hábil, vai a cinco ou seis droguistas, sendo cinco ou seis vezes mais bem reconhecido... Depois, na posse de sua poção, serve a seu inimigo, seu avô, uma dose de arsênico que liquidaria um mamute ou um mastodonte, uma dose que inesperadamente leva a vítima a dar uivos que acordam o bairro inteiro. Então chega um enxame de guardas e policiais; mandam chamar um médico, que abre o morto e recolhe em seu

estômago, em suas entranhas, colheradas de arsênico. No dia seguinte, cem jornais contam o fato, com o nome da vítima e do assassino. Na mesma tarde, o droguista, ou os droguistas, vem, ou vêm, dizer: “Fui eu que vendi o arsênico ao senhor”; e, em vez de reconhecerem um comprador, reconhecem vinte; então o idiota criminoso é agarrado, preso, interrogado, confrontado, confundido, condenado e guilhotinado; ou, se for uma mulher de certa importância, é condenada à prisão perpétua. É assim que os setentrionais entendem a química, minha senhora. Mas Desrues²⁸ era mais hábil, confesso.

— Que esperava, cavalheiro? — disse rindo a jovem mulher. — Fazemos o que podemos... Nem todo o mundo possui o segredo dos Médici ou dos Bórgia.

— Agora — perguntou o conde, apurando-se —, quer que eu lhe diga a causa de todas essas inépcias? É que em seus teatros, ao menos pelo que pude julgar ao ler as peças neles representadas, sempre se veem pessoas engolindo o conteúdo de um frasco, ou mordendo o engaste de um anel, caírem duras, mortas, de repente... Cinco minutos depois, fecham-se as cortinas; os espectadores se dispersam. Ignoram-se as consequências do crime; nunca se veem os comissários de polícia com as suas insígnias, nem o cabo com os seus quatro homens, e isso autoriza muitos pobres cérebros a acreditar que as coisas se passam assim. Mas saia um pouco da França, vá a Alepo, ou ao Cairo, ou mesmo a Nápoles e Roma, e verá passar pela rua pessoas direitas, frescas e róseas, pessoas de quem o diabo coxo, se esbarrasse nelas com a sua capa, poderia lhe dizer: “Este cavalheiro está sendo envenenado há três semanas, estará totalmente morto em um mês”.

— Mas então — disse a senhora de Villefort — eles descobriram o segredo daquela famosa *aqua-tofana*, segredo que me diziam ter se perdido em Perugia?

— Ah, meu Deus, minha senhora: acaso alguma coisa se perde entre os homens? As artes se deslocam e dão a volta ao mundo; as coisas mudam de nome, nada mais, e o vulgo se engana; mas o resultado é sempre o mesmo, o veneno ataca especialmente este

ou aquele órgão; um ataca o estômago, outro ataca o cérebro, outro os intestinos. Pois bem: o veneno provoca uma tosse, essa tosse provoca uma secreção no peito, ou alguma outra doença catalogada no livro da ciência, o que não a impede de ser perfeitamente mortal, e, se não o fosse, se tornaria, graças aos remédios administrados pelos ingênuos médicos, geralmente péssimos químicos, que agem a favor ou contra a doença, como a senhora preferir, e eis um homem morto com arte, dentro de todas as regras, sobre o qual a justiça nada tem a declarar, como dizia um horrível químico amigo meu, o excelente abade Adelmonte de Taormina, na Sicília, que tinha estudado profundamente esses fenômenos nacionais.

— É aterrador, mas admirável — disse a jovem mulher, que ouvia atentamente, sem se mover. — Confesso, imaginava que todas essas histórias fossem invenções da Idade Média.

— Sim, sem dúvida, mas também foram aperfeiçoadas em nossos dias. Ora, para que servem o tempo, os incentivos, as medalhas, as condecorações, os prêmios Monthyon, se não para levar a sociedade à mais completa perfeição? Ora, o homem só será perfeito quando souber criar e destruir como Deus; ele já sabe destruir, já é meio caminho andado.

— De maneira — continuou a senhora de Villefort, voltando invariavelmente a seu objetivo — que os venenos dos Bórgia, dos Médici, dos René, dos Ruggieri e mais tarde, provavelmente, do barão de Trenk, tão explorados pelo drama moderno e pelo romance...

— Eram objetos de arte, minha senhora, nada mais — respondeu o conde. — Acredita que o verdadeiro cientista dirige-se simplesmente ao indivíduo? Não. A ciência adora os ricochetes, a audácia, a fantasia, se assim podemos dizer. Dessa maneira, por acaso, o excelente abade Adelmonte, de que lhe falei há pouco, tinha feito, nesse sentido, experiências extraordinárias.

— É verdade?

— Sim, vou mencionar apenas uma. O abade tinha um belíssimo jardim cheio de legumes, de flores e de frutos; entre esses legumes, ele escolhia o mais simples de todos: uma couve, por exemplo. Durante três dias ele regava essa couve com uma solução de

arsênico; no terceiro dia, a couve caía doente e amarelecia: era o momento de cortá-la; para todos, ela parecia madura e conservava a sua boa aparência: só para o abade Adelmonte ela estava envenenada. Então ele levava a couve para casa, pegava um coelho (o abade Adelmonte tinha uma coleção de coelhos, gatos e porquinhos-da-índia que nada devia à sua coleção de legumes, flores e frutos)... então o abade Adelmonte pegava um coelho e o fazia comer uma folha de couve; o coelho morria. Que juiz de instrução ousaria investigar isso? E que procurador do rei acusaria o senhor Magendie ou o senhor Flourens por causa dos coelhos, porquinhos-da-índia e gatos que eles mataram? Nenhum. Eis, portanto, o coelho morto sem que a justiça se preocupe. Morto o coelho, o abade Adelmonte manda a cozinheira esvaziá-lo e joga os intestinos numa esterqueira. Na esterqueira há uma galinha: ela bica os intestinos, adocece por sua vez e morre no dia seguinte. Enquanto a galinha se debate nas convulsões da agonia, passa um abutre (há muitos abutres na terra de Adelmonte), investe contra o cadáver, leva-o a um rochedo e janta-o. Três dias depois, o pobre abutre, que desde aquele jantar achou-se sempre indisposto, sente-se atordoado; ao voar pelas nuvens, rola no vazio e vem cair pesadamente no viveiro da senhora; o lúcio marinho, a enguia e a moreia comem gulosamente, como a senhora sabe, e mordem o abutre. Pois bem, suponha que no dia seguinte sirvam em sua mesa essa enguia, esse lúcio marinho ou essa moreia, envenenados à quarta geração: o seu convidado será envenenado à quinta e morrerá ao cabo de oito ou dez dias de dores de estômago, enjoos, abscessos no piloro. Farão a autópsia e os médicos dirão: “— O sujeito morreu de tumor no fígado ou de febre tifoide.”

— Mas — disse a senhora de Villefort — todas essas circunstâncias, que o senhor encadeia umas às outras, podem ser interrompidas pelo menor acidente; o abutre pode não passar a tempo, ou cair a cem metros do viveiro.

— Ah, é justamente aí que está a arte: para ser um grande químico no Oriente, é preciso dirigir o acaso; podemos consegui-lo.

A senhora de Villefort sonhava e escutava.

— Mas — disse ela — o arsênico é indelével; não importa como for absorvido, ele sempre se encontrará no corpo do homem, a partir do momento em que entrar em quantidade suficiente para provocar a morte.

— Bem — exclamou Monte-Cristo —, muito bem! Foi exatamente o que eu disse ao bom Adelmonte.

“Ele refletiu, sorriu e me respondeu com um provérbio siciliano, que também imagino ser um provérbio francês: — ‘Meu filho, o mundo não foi feito num dia, mas em sete; volte domingo’.

“No domingo seguinte, voltei; em vez de ter regado a sua couve com arsênico, ele a tinha regado com uma solução de sal à base de estricnina, *strychnos colubrina*, como dizem os cientistas. Desta vez, a couve não tinha de maneira alguma um aspecto doentio; assim, o coelho não desconfiou de nada, e assim, cinco minutos depois, o coelho estava morto; a galinha comeu o coelho e morreu no dia seguinte. Então bancamos os abutres, levamos a galinha e a abrimos. Dessa vez, todos os sintomas particulares tinham desaparecido: só restavam os sintomas gerais. Nenhuma evidência específica em nenhum órgão; nada além de excitação do sistema nervoso e vestígios de congestão cerebral, nada mais; a galinha não estava envenenada: tinha morrido de apoplexia. É um caso raro entre as galinhas, bem sei, mas muito comum entre os homens.”

A senhora de Villefort parecia cada vez mais sonhadora.

— Felizmente — disse ela —, tais substâncias só podem ser preparadas pelos químicos... Caso contrário, metade do mundo envenenaria a outra metade.

— Pelos químicos ou por pessoas que se ocupam de química — respondeu negligentemente Monte-Cristo.

— E depois — disse a senhora de Villefort, arrancando-se com esforço de seus próprios pensamentos —, por mais sabiamente preparado que seja, um crime é sempre um crime; se escapa da investigação humana, não escapa do olhar de Deus. Os orientais são mais fortes do que nós nos casos de consciência e prudentemente suprimiram o inferno, nada mais.

— Ah, minha senhora, esse é um escrúpulo que deve nascer naturalmente em uma alma honesta como a sua, mas que não

demoraria a ser desenraizado pelo raciocínio. O lado mau do pensamento humano sempre será resumido por esse paradoxo de Jean-Jacques Rousseau, como sabe: — O mandarim que matamos a cinco mil léguas de distância, apenas erguendo a ponta do dedo.²⁹ — A vida do homem se passa fazendo essas coisas, a sua inteligência se esgota a sonhá-las. A senhora encontraria muito poucas pessoas dispostas a cravar brutalmente uma faca no coração de seu semelhante, ou, para fazê-lo desaparecer da superfície do globo, a administrar-lhe essa quantidade de arsênico que mencionamos há pouco. Seria realmente uma excentricidade ou uma tolice. Para chegar a tanto, é preciso que o sangue se aqueça a trinta e seis graus, que o pulso bata a noventa pulsações, que a alma saia de seus limites habituais; mas, se a senhora passar da palavra ao sinônimo atenuado, como se pratica em filologia, fará uma simples eliminação, em vez de cometer um ignóbil assassinato, se pura e simplesmente tirar de seu caminho aquele que a incomoda, e isso sem choque, sem violência, sem o aparelho dos sofrimentos que, tornando-se um suplício, fazem da vítima um mártir, e fazem de quem age um *carnifex*,³⁰ com toda a força da expressão; se não houver sangue nem gritos, nem contorções, nem sobretudo aquela horrível e comprometedora instantaneidade da realização, então a senhora escapa ao rigor da lei humana que lhe diz: “Não perturbe a sociedade!”. Assim procedem e triunfam as pessoas do Oriente, personagens graves e fleumáticos, que pouco se preocupam com questões de tempo nas ocasiões de certa importância.

— Resta a consciência — disse a senhora de Villefort em voz comovida, com um suspiro abafado.

— Sim — disse Monte-Cristo —, sim: felizmente, resta a consciência, sem a qual nós seríamos muito infelizes. Depois de toda ação um tanto enérgica, é a consciência que nos salva, pois ela nos fornece mil boas desculpas que são julgadas apenas por nós mesmos; e essas razões, por melhores que sejam para preservar o nosso sono, talvez fossem medíocres diante de um tribunal para nos preservar a vida. Assim, Ricardo III, por exemplo,

devia ter sido maravilhosamente servido por sua consciência depois da eliminação dos dois filhos de Eduardo IV;³¹ de fato, ele podia dizer-se: “Esses dois filhos de um rei cruel e perseguidor, e que tinham herdado os vícios de seu pai, vícios que só eu soube perceber em suas inclinações juvenis; esses dois filhos me impediam de fazer a felicidade do povo inglês, a quem infalivelmente causariam a desgraça”. Assim foi servida por sua consciência Lady Macbeth, que, não importa o que tenha dito Shakespeare, pretendia dar um trono não a seu marido, mas a seu filho.³² Ah, o amor materno é uma virtude tão grande, um motivo tão poderoso, que leva a desculpar muitas coisas; assim, depois da morte de Duncan, Lady Macbeth teria ficado muito infeliz, não fosse a sua consciência.

A senhora de Villefort absorvia avidamente as terríveis máximas e os horríveis paradoxos esbanjados pelo conde com aquela ingênua ironia que lhe era peculiar.

Então, depois de um momento de silêncio: — Sabe, conde — disse ela —, que o senhor é um terrível argumentador, e que vê o mundo em cores um tanto sombrias? Então é observando a humanidade através de tubos e alambiques que a julga dessa maneira? Pois o senhor tinha razão: é um grande químico, e aquele elixir que fez o meu filho tomar, trazendo-o tão rapidamente de volta à vida...

— Oh, não se fie nisso, minha senhora — disse Monte-Cristo —, uma gota daquele elixir bastou para chamar à vida o menino que estava quase morrendo, mas três gotas levariam sangue a seus pulmões, de maneira a acelerar os batimentos de seu coração; seis gotas cortariam a sua respiração, provocariam uma síncope muito mais grave do que aquela em que ele se encontrava; dez gotas, enfim, o teriam fulminado. Viu, minha senhora, como o afastei rapidamente daqueles frascos que ele teve a imprudência de tocar?

— Então, trata-se de um veneno terrível?

— Oh, meu Deus, não! Primeiro, vamos admitir isto: a palavra veneno não existe, pois na medicina servimo-nos dos mais fortes

venenos, que se tornam, pela maneira como são administrados, remédios salutares.

— Então o que era?

— Era uma sábia poção de meu amigo, o excelente abade Adelmonte, poção que ele me ensinou a utilizar.

— Oh — disse a senhora de Villefort —, deve ser um excelente antiespasmódico.

— Soberano, como a senhora viu — respondeu o conde —, e uso-o com frequência... Com toda a prudência possível, naturalmente — acrescentou, rindo.

— Acredito — replicou no mesmo tom a senhora de Villefort. — Quanto a mim, tão nervosa, tão pronta a desmaiar, precisaria de um doutor Adelmonte para criar-me meios de respirar à vontade e livrar-me do temor de um belo dia morrer sufocada. Enquanto isso, como é algo difícil de encontrar na França, como o seu abade provavelmente não estará disposto a viajar a Paris por minha causa, limito-me aos antiespasmódicos do senhor Planche... A menta e as gotas de Hoffmann desempenham em mim um grande papel. Veja, eis as pastilhas que mando fazer expressamente; elas são em dose dupla.

Monte-Cristo abriu a caixa de tartaruga estendida pela jovem mulher e aspirou o aroma das pastilhas como amador digno de apreciar aquele preparado.

— Elas são delicadas — disse ele —, mas submetidas à necessidade da deglutição, função que muitas vezes é impossível ser realizada por parte da pessoa desmaiada... Prefiro o meu remédio.

— Bem, certamente, eu também preferiria, principalmente depois dos efeitos que eu mesma vi... Mas trata-se de um segredo, certamente, e não sou suficientemente indiscreta para pedir-lhe o segredo.

— Mas eu, senhora — disse Monte-Cristo, levantando-se —, sou suficientemente galante para oferecer-lhe o segredo.

— Oh, cavalheiro...

— Mas lembre-se de uma coisa: em pequena dose, é um remédio; em grande dose, é um veneno. Uma gota devolve a vida,

como a senhora viu; cinco ou seis gotas matariam infalivelmente, e de maneira tanto mais terrível quanto, misturadas num copo de vinho, não alterariam o sabor de forma alguma. Mas aqui me detenho, senhora, para não parecer estar a aconselhando.

Seis e meia acabavam de soar — anunciaram uma amiga da senhora de Villefort que vinha jantar com ela.

— Se eu já tivesse a honra de vê-lo pela terceira ou quarta vez, senhor conde, em vez de apenas pela segunda — disse a senhora de Villefort —, se eu já tivesse a honra de ser sua amiga, em vez de simplesmente ter a felicidade de receber a sua visita, eu insistiria em que ficasse para jantar, e não me deixaria vencer por uma primeira recusa...

— Mil agradecimentos, senhora — respondeu Monte-Cristo —, mas eu mesmo tenho um compromisso a que não posso faltar. Prometi levar ao espetáculo uma princesa grega, uma amiga minha que ainda não conhece o grande Teatro da Ópera e conta comigo para levá-la.

— Vá, cavalheiro... mas não se esqueça de minha receita...

— Como esquecê-la, minha senhora? Para tanto seria preciso esquecer a hora de conversa que acabo de passar a seu lado, o que seria totalmente impossível.

Monte-Cristo cumprimentou e saiu.

A senhora de Villefort permaneceu sonhadora.

— Eis um homem estranho — disse ela —, que tem todo o ar de se chamar Adelmonte.

Quanto a Monte-Cristo, o resultado ultrapassara as suas expectativas.

— Ora — disse ele ao sair —, esta é uma terra fértil... Tenho certeza de que a semente que ali plantei dará frutos.

No dia seguinte, fiel à sua promessa, enviou a receita solicitada.

LIV. ROBERT, O DIABO³³

A desculpa da Ópera era excelente: naquela noite haveria espetáculo na Academia Real de Música. Depois de longa

indisposição, Levasseur retornava no papel de Bertram e, como sempre, a obra do maestro da moda atrairia a mais brilhante sociedade de Paris.

Como a maioria dos jovens ricos, Morcerf tinha a sua cadeira de orquestra, mais dez camarotes de conhecidos a quem poderia pedir um lugar, sem contar o lugar a que tinha direito no camarote dos leões.

Château-Renaud tinha a cadeira ao lado da sua.

Em sua condição de jornalista, Beauchamp era o rei da sala e tinha lugar em toda parte.

Nessa noite, Lucien Debray tinha à sua disposição o camarote do ministro e oferecera-o ao conde de Morcerf, que, com a recusa de Mercedes, cedera-o a Danglars, mandando dizer-lhe que provavelmente faria uma visita à baronesa e à sua filha durante o espetáculo, se essas damas bem quisessem aceitar o camarote que lhes oferecia. Naturalmente, as damas aceitaram. Ninguém deseja tanto um camarote que não custa nada quanto um milionário.

Quanto a Danglars, dissera que os seus princípios políticos e a sua condição de deputado da oposição não lhe permitiam ir ao camarote do ministro. Logo, a baronesa escrevera a Lucien pedindo que fosse buscá-la, pois ela não poderia ir à Ópera sozinha com Eugénie.

De fato, se as duas mulheres fossem sozinhas, certamente as pessoas achariam isso de muito mau gosto; entretanto, se a senhorita Danglars fosse à Ópera com a mãe e com o amante da mãe, não haveria nada a comentar: é preciso ver o mundo como ele é.

Abriram-se as cortinas, como sempre, diante de uma sala quase vazia. É também hábito de nossa elegante moda parisiense só chegar ao espetáculo depois que o espetáculo começa: assim, o primeiro ato se passa com parte dos espectadores já presentes não a olhar ou escutar a peça, mas a olhar a entrada dos espectadores que chegam e a nada escutar além do barulho das portas e conversas.

— Olhe! — exclamou de repente Albert, ao ver se abrir um camarote lateral de primeira. — Olhe: a condessa G...!

— Quem é a condessa G...? — perguntou Château-Renaud.

— Oh, por exemplo, barão, eis uma pergunta que não lhe perdo... Pergunta quem é a condessa G...?

— Ah, é verdade! — disse Château-Renaud. — Não é aquela encantadora veneziana?

— Exatamente.

Nesse momento a condessa G... percebeu Albert e trocou com ele um cumprimento acompanhado de um sorriso.

— Você a conhece? — exclamou Château-Renaud.

— Conheço! — disse Albert. — Franz nos apresentou em Roma.

— Quer me fazer em Paris o mesmo favor que Franz lhe fez em Roma?

— Com prazer.

— Ch! — gritou o público.

Os dois jovens continuaram a conversar, sem parecerem dar a mínima atenção ao desejo de ouvir a música que a plateia parecia exprimir.

— Ela estava nas corridas do Campo de Marte — disse Château-Renaud.

— Hoje?

— Sim.

— Ah, é verdade, hoje havia corridas... Você apostou?

— Oh, uma miséria: cinquenta luíses.

— E quem ganhou?

— *Nautilus*... Apostei nele.

— Mas eram três corridas?

— Eram. Havia o prêmio do Jockey-Club, uma taça de ouro. Inclusive aconteceu algo muito estranho.

— O quê?

— Ch! Silêncio! — gritou o público.

— O quê? — repetiu Albert.

— Quem ganhou essa corrida foi um cavalo e um jóquei completamente desconhecidos.

— Como?

— Oh, meu Deus, foi... Ninguém tinha dado atenção a um cavalo inscrito com o nome de *Vampa* e a um jóquei inscrito com o

nome de *Jó*, quando de repente vimos avançar um admirável alazão e um jóquei do tamanho do pequeno polegar... Tiveram de enfiar vinte libras de chumbo em seus bolsos, o que não o impediu de chegar três corpos à frente de *Ariel* e de *Barbaro*, que corriam contra ele.

— E não souberam a quem pertencia o cavalo e o jóquei?

— Não.

— Você disse que o cavalo foi inscrito com o nome de...

— *Vampa*.

— Então — exclamou Albert —, já sei mais do que você: eu sei a quem ele pertence...

— Silêncio! — gritou a plateia pela terceira vez.

Dessa vez a revolta era tanta que os dois jovens finalmente perceberam: era a eles que o público se dirigia. Viraram-se, por um instante, procurando na multidão um homem que assumisse a responsabilidade pelo que eles viam como uma impertinência; mas ninguém reiterou o convite; viraram-se para o palco.

Nesse momento, o camarote do ministro se abria — a senhora Danglars, a sua filha e Lucien Debray tomavam os seus lugares.

— Ah, ah! — disse Château-Renaud. — Ali estão pessoas que você conhece, visconde... Então que diabo está olhando à direita? Você está sendo procurado.

Albert voltou-se e os seus olhos realmente encontraram os olhos da baronesa Danglars, que lhe fez com o leque pequeno cumprimento. Quanto à senhorita Eugénie, os seus grandes olhos negros mal se dignaram a baixar até a orquestra.

— Na verdade, meu caro — disse Château-Renaud —, não compreendo, à parte o casamento desigual, e não creio que seja isso que o preocupe muito... Não compreendo, repito, à parte o casamento desigual, o que você pode ter contra a senhorita Danglars... Trata-se, na verdade, de uma belíssima pessoa.

— Belíssima, com certeza — disse Albert —, mas, confesso, em matéria de beleza eu preferiria algo mais doce, mais suave, enfim mais feminino.

— Assim são os jovens... — disse Château-Renaud, que na qualidade de homem de trinta anos assumia ares paternos ante

Morcerf. — Nunca estão satisfeitos... Mas como, meu caro: arranjam-lhe uma noiva feita no modelo de Diana, a caçadora, e você não fica contente?

— Bem, pois é, justamente: eu preferiria algo no gênero da Vênus de Milo ou de Cápuia. Essa Diana caçadora, sempre no meio de suas ninfas, assusta-me um pouco... Tenho medo de que ela me trate como tratou Acteão.³⁴

De fato, um olhar lançado à jovem foi quase capaz de explicar a Château-Renaud o sentimento que Morcerf acabara de confessar. A senhorita Danglars era bela, mas, como lhe dissera Albert, de uma beleza um tanto contida: os seus cabelos eram de um belo negro, mas em suas ondas naturais notava-se certa rebelião à mão que desejava impor-lhes a sua vontade; os seus olhos, negros como os cabelos, emoldurados em magníficas sobancelhas que tinham apenas um defeito —o de franzirem-se algumas vezes —, eram notáveis sobretudo por uma expressão de firmeza surpreendente no olhar de uma mulher; o seu nariz tinha exatamente as proporções que um escultor daria ao nariz de Juno; apenas a sua boca era muito grande, mas guarnecida de belos dentes que ressaltavam ainda mais os lábios de um intenso carmim a contrastar com a palidez de sua pele; enfim, um sinal negro, situado no canto de sua boca, maior do que costumam ser essas espécies de caprichos da natureza, acabava de dar a essa fisionomia o caráter decidido que deixava Morcerf um tanto assustado.

Aliás, todo o resto da pessoa de Eugénie Danglars combinava com essa cabeça que acabamos de tentar descrever. Como dissera Château-Renaud, era Diana, a caçadora, mas com algo mais firme e mais musculoso em sua beleza.

Quanto à educação que ela recebera, se havia alguma reprovação a lhe fazer, era que, como certos aspectos de sua fisionomia, ela parecia pertencer um pouco a outro sexo. De fato, ela falava duas ou três línguas, desenhava com facilidade, fazia versos e compunha música; era apaixonada principalmente pela música, que estudava com uma de suas amigas de internato, jovem sem fortuna, mas com todas as inclinações possíveis para tornar-se

excelente cantora, ao que diziam. Também diziam que um grande compositor dedicava a essa amiga um interesse quase paternal, fazendo-a trabalhar na esperança de que um dia ela encontraria uma fortuna em sua voz.

Essa possibilidade de a senhorita Louise d'Armilly — era esse o nome da jovem talentosa — um dia entrar para o teatro levava a senhorita Eugénie Danglars, embora a recebendo em casa, a nunca se mostrar em público na sua companhia. Ademais, sem ter na casa do banqueiro a posição independente de uma amiga, Louise gozava de uma posição superior à das professoras comuns.

Segundos depois da entrada da senhorita Eugénie Danglars em seu camarote, o pano caiu e, graças à possibilidade proporcionada pelos longos intervalos para passear pela antessala, ou para fazer visitas durante meia hora, a plateia ficou quase vazia.

Morcerf e Château-Renaud foram dos primeiros a sair. Por um instante a senhora Danglars imaginara que a pressa de Albert era para vir apresentar-lhe os seus cumprimentos — ela inclinara-se ao ouvido da filha para anunciar-lhe essa visita; mas a filha contentara-se em balançar a cabeça, sorrindo; ao mesmo tempo — como a provar quanto a desconfiança de Eugénie era bem fundada —, Morcerf apareceu num camarote lateral da primeira fila. Tal camarote era o da condessa G...

— Ah, aqui está você, senhor viajante... — disse a condessa, estendendo-lhe a mão com toda a cordialidade de uma velha conhecida. — É muito amável de sua parte ter me reconhecido e principalmente ter me dado a preferência de sua primeira visita.

— Acredite, minha senhora — respondeu Albert —, soubesse eu de sua chegada a Paris, soubesse eu o seu endereço, não teria esperado tanto... Mas queira me permitir apresentar-lhe o senhor barão de Château-Renaud, meu amigo, um dos raros cavalheiros que ainda restam em França, pelo qual acabo de saber que a senhora se encontrava presente nas corridas do Campo de Marte.

Château-Renaud cumprimentou-a.

— Ah, o senhor se encontrava presente nas corridas, cavalheiro? — disse animadamente a condessa.

— Sim, senhora...

— Bem — continuou animadamente a senhora G... —, então pode me dizer a quem pertencia o cavalo que ganhou o prêmio do Jockey-Club?

— Não, senhora — disse Château-Renaud —, agora mesmo eu fazia essa mesma pergunta a Albert.

— Faz questão, senhora condessa? — perguntou Albert.

— De quê?

— De conhecer o dono do cavalo?

— Absoluta. Imagine que... Mas acaso, visconde, saberia quem...?

— A senhora ia contar uma história: “Imagine que...”, disse a senhora...

— Bem, então, imagine que aquele encantador cavalo alazão e aquele belo pequeno jóquei de casaca rosa tinham, à primeira vista, me inspirado tanta simpatia que eu torcia por um e por outro, exatamente como se eu tivesse apostado neles metade de minha fortuna... Então, quando os vi chegar em primeiro lugar, três corpos à frente dos outros corredores, fiquei tão alegre que comecei a bater palmas como louca. Imagine só a minha surpresa quando, ao chegar em casa, cruzei em minha escada com o pequeno jóquei rosa! Imaginei que o vencedor da corrida por acaso morava no mesmo prédio que eu, quando, ao abrir a porta de meu salão, a primeira coisa que vi foi a taça de ouro que era o prêmio ganho pelo cavalo e pelo jóquei desconhecidos... Na taça havia um pequeno bilhete onde estavam escritas estas palavras: “À condessa G..., lorde Ruthwen”.

— É exatamente isto — disse Morcerf.

— Como assim, “exatamente isto”?... Que quer dizer com isto?

— Quero dizer que é lorde Ruthwen em pessoa.

— Que lorde Ruthwen?

— O nosso, o vampiro, o lorde do teatro Argentina.

— Verdade? — exclamou a condessa. — Então ele está aqui?

— Exatamente.

— E você o vê? Recebe-o? Vai à casa dele?

— Ele é meu amigo íntimo, e o próprio senhor de Château-Renaud já teve a honra de conhecê-lo.

— O que o leva a imaginar que foi ele quem ganhou?
— O seu cavalo inscrito com o nome de *Vampa*.
— Bem, e daí?
— Bem, não se lembra do nome do famoso bandido que me fez prisioneiro?
— Ah, é verdade...
— Das mãos de quem o conde me tirou por milagre?
— Verdade...
— Ele se chamava *Vampa*... A senhora logo vê que é ele.
— Mas por que ele me mandou essa taça?
— Primeiro, senhora condessa, porque eu lhe falei muito de você, como pode imaginar... Depois, porque ele ficaria encantado de encontrar uma compatriota, ficaria feliz com o interesse que essa compatriota mostrasse a ele.
— Bem, espero que nunca tenha lhe contado as loucuras que falamos a seu respeito...
— Palavra, não poderia lhe jurar que não, e essa maneira de lhe oferecer a taça com o nome de lorde Ruthwen...
— Mas isso é terrível, ele vai me odiar mortalmente!
— Esse seu gesto é o de um inimigo?
— Não, confesso que não.
— Então!
— Então ele está em Paris?
— Está.
— E que impressão ele causou?
— Mas só falaram dele durante uma semana — disse Albert —, depois aconteceu a coroação da rainha da Inglaterra, o roubo dos diamantes da senhorita Mars, e agora só falam disso.³⁵
— Meu caro — disse Château-Renaud —, bem se vê que o conde é seu amigo, você o trata como tal... Senhora condessa, não acredite no que lhe diz Albert: aliás, pelo contrário, em Paris só se fala do conde de Monte-Cristo... Primeiro ele deu à senhora Danglars cavalos de trinta mil francos; depois salvou a vida da senhora de Villefort; depois ganhou a corrida do Jockey-Club, ao que parece... Ao contrário do que afirma Morcerf, garanto que o

conde ainda é o assunto do momento, durante um mês só vai se falar dele, se ele quiser continuar a fazer excentricidades, o que aliás parece ser a sua habitual maneira de viver.

— É possível — disse Morcerf. — Entretanto, quem foi que ocupou o camarote do embaixador da Rússia?

— Que camarote? — perguntou a condessa.

— Entre as colunas da primeira fila... Ele me parece bem diferente.

— Realmente... — disse Château-Renaud. — Já havia alguém ali durante o primeiro ato?

— Onde?

— Naquele camarote...

— Não — respondeu a condessa —, não vi ninguém... Então — continuou ela, voltando ao assunto principal —, acredita que foi o seu conde de Monte-Cristo que ganhou o prêmio?

— Tenho certeza.

— E que foi ele que me enviou aquela taça?

— Sem dúvida nenhuma.

— Mas eu não o conheço — disse a condessa — e sinto muita vontade de devolvê-la.

— Oh, não faça isso... Ele lhe mandaria outra, talhada em alguma safira, ou escavada em algum rubi. São as suas maneiras de agir... O que queria, é preciso vê-lo como ele é.

Nesse momento ouviu-se a campainha anunciando que o segundo ato iria começar. Albert levantou-se para voltar a seu lugar.

— Voltarei a vê-lo? — perguntou a condessa.

— Nos intervalos, se me permitir, virei perguntar se posso lhe ser útil para alguma coisa em Paris.

— Senhores — disse a condessa —, todo sábado à noite, na rua de Rivoli, 22, estou em casa para os meus amigos... Já estão avisados.

Os jovens cumprimentaram e saíram.

Ao entrarem na sala, viram a plateia de pé, com os olhos fixos num único ponto da sala: os seus olhares seguiram a direção geral e detiveram-se no camarote que pertencera ao embaixador da Rússia. Um homem vestido de negro, com idade entre trinta e cinco

e quarenta anos, acabara de entrar com uma mulher vestida em traje oriental. A mulher era extremamente bela, e o traje era de tal riqueza que, como dissemos, todos os olhos tinham se voltado instantaneamente para ela.

— Ah — disse Albert —, é Monte-Cristo e sua grega... — Realmente, eram Monte-Cristo e Haydée.

Instantes depois, a jovem era o objeto das atenções não apenas da plateia, mas de toda a sala: as mulheres inclinavam-se para fora dos camarotes, para verem brilhar à luz dos lustres aquela cascata de diamantes.

O segundo ato passou-se em meio àquele rumor surdo que nas multidões reunidas indica um grande acontecimento. Ninguém pensou em gritar silêncio. Aquela mulher tão jovem, tão bela, tão deslumbrante, era o mais curioso espetáculo a que se poderia assistir.

Dessa vez, um sinal da senhora Danglars mostrou claramente a Albert que a baronesa desejava receber sua visita no próximo intervalo.

Morcerf era refinado demais para fazer-se esperar quando lhe mostravam claramente que era esperado. Ao fim do ato, logo se apressou a subir ao proscênio.

Cumprimentou ambas as damas e estendeu a mão a Debray.

A baronesa acolheu-o com um sorriso encantador — Eugénie, com a sua habitual frieza.

— Palavra, meu caro — disse Debray —, está vendo um homem exausto, pronto a implorar-lhe que o substitua. Esta senhora aqui me atormenta com perguntas sobre o conde, pretendendo que eu saiba de onde ele é, de onde vem, para onde vai... Palavra, eu não sou Cagliostro,³⁶ e para me livrar do embaraço eu disse: “Pergunte tudo isso a Morcerf, ele conhece o seu Monte-Cristo como a palma da mão”... Então o chamaram.

— Não é incrível — disse a baronesa —, quando se tem meio milhão de fundos secretos à disposição, não saber quase nada?

— Senhora — disse Lucien —, peço-lhe que acredite: se eu tivesse meio milhão à minha disposição, eu o empregaria em outra

coisa, não em me informar sobre o senhor de Monte-Cristo, que a meus olhos não tem outro mérito além de ser duas vezes mais rico do que um nababo... Mas já passei a palavra a meu amigo Morcerf... Arranje-se com ele: já não tenho mais nada a ver com isso.

— Um nababo certamente não teria me dado uma parrelha de cavalos de trinta mil francos, com quatro diamantes nas orelhas de cinco mil francos cada...

— Oh, os diamantes — exclamou rindo Morcerf —, são a sua mania... Acho que, como Potemkin,³⁷ ele sempre tem os bolsos cheios deles, e semeia-os pelo caminho, como o Pequeno Polegar semeava as suas pedrinhas...

— Ele deve ter achado alguma mina... — disse a senhora Danglars. — Sabia que ele tem crédito ilimitado no banco do barão?

— Não, eu não sabia — respondeu Albert —, mas deve ser verdade.

— E sabia que ele contou ao senhor Danglars que pretende ficar um ano em Paris e gastar seis milhões?

— É o xá da Pérsia, viajando incógnito...

— E aquela mulher, senhor Lucien — disse Eugénie —, reparou como ela é bela?

— Na verdade, senhorita, só mesmo você para fazer tanta justiça às pessoas de seu próprio sexo.

Lucien aproximou a luneta do olho.

— Encantadora... — disse ele.

— E aquela mulher, o senhor de Morcerf saberia quem ela é?

— Senhorita — disse Albert, respondendo à interpelação quase direta —, sei mais ou menos, como tudo o que diz respeito ao personagem misterioso do qual falamos... Aquela mulher é grega.

— Isso logo se vê pelo seu traje: o senhor só está me informando o que toda a sala já sabe tão bem quanto nós.

— Lamento — disse Morcerf — ser um cicerone tão ignorante... Mas devo confessar que aqui terminam os meus conhecimentos... Além disso, sei que ela é musicista, pois um dia almocei com o conde e ouvi sons de uma viola que só podiam vir dela.

— Então o seu conde recebe?... — perguntou a senhora Danglars.

— E de uma maneira esplêndida, eu lhe garanto...

— Preciso convencer o senhor Danglars a lhe oferecer algum jantar, algum baile, para que ele nos retribua.

— Como? Iria à casa dele? — exclamou Debray, rindo.

— Por que não? Com o meu marido!

— Mas ele é solteiro, esse misterioso conde...

— Bem pode ver que não — disse, também rindo, a baronesa, apontando a bela grega.

— Essa mulher é uma escrava, segundo ele mesmo nos disse: lembra-se, Morcerf?... Em seu almoço.

— Convenhamos, meu caro Lucien — disse a baronesa —, que ela parece antes uma princesa.

— *Das Mil e uma noites*.

— *Das Mil e uma noites*, não digo... Mas o que faz as princesas, meu caro? São os diamantes, e ela está coberta de diamantes.

— Ela até exagera — disse Eugénie. — Seria mais bela sem esse excesso, pois então poderíamos ver o seu pescoço e os seus braços, que têm formas encantadoras.

— Oh, a artista... — disse a senhora Danglars. — Mire, veja como ela se apaixona...

— Amo tudo o que é belo — disse Eugénie.

— Mas então que me diz do conde? — disse Debray. — Parece-me que ele também não é nada mal.

— O conde? — perguntou Eugénie, como se ainda não tivesse se aventurado a olhar para ele. — O conde é muito pálido.

— Exatamente — disse Morcerf —, é nessa palidez que está o segredo que procuramos. Como sabe, a condessa G... imagina que ele seja um vampiro.

— Então ela voltou, a condessa G...? — perguntou a baronesa.

— Ela está naquele camarote lateral — disse Eugénie —, quase à nossa frente, mamãe... Aquela mulher, com belos cabelos loiros: é ela.

— Oh, sim — disse a senhora Danglars —, sabe o que devia fazer, Morcerf?

— Ordene, minha senhora...

— Devia fazer uma visita a seu conde de Monte-Cristo e trazê-lo a nós.

— Por quê? — perguntou Eugénie.

— Mas para conversarmos com ele... Não gostaria de conhecê-lo?

— De forma alguma.

— Criança estranha! — murmurou a baronesa.

— Oh — disse Morcerf —, provavelmente ele mesmo virá até nós. Olhe: ele a viu, senhora, e a cumprimenta.

A baronesa devolveu ao conde o seu cumprimento acompanhado de um sorriso encantador.

— Vamos — disse Morcerf —, eu me sacrifico... Deixo-a e vou ver se há algum meio de lhe falar.

— Vá a seu camarote... É bem simples.

— Mas não fui apresentado.

— A quem?

— À bela grega.

— É uma escrava, você disse.

— Sim, mas a senhora disse que é uma princesa... Não. Espero que ao ver-me sair ele venha ao meu encontro.

— É possível... Vá.

— Estou indo.

Morcerf cumprimentou e saiu. De fato, no momento em que passava diante do camarote do conde, a porta se abriu; o conde disse algumas palavras em árabe a Ali, que permanecia no corredor, e tomou o braço de Morcerf.

Ali fechou a porta e ficou em pé diante dela; no corredor havia muita gente ao redor do núbio.

— Na verdade — disse Monte-Cristo —, a sua Paris é uma cidade estranha, os seus parisienses são um povo singular... Parece que é a primeira vez que veem um núbio. Olha como eles se comprimem ao redor do pobre Ali, que nem imagina o que isso significa. Garanto-lhe uma coisa, por exemplo, um parisiense pode ir a Túnis, a Constantinopla, a Bagdá ou ao Cairo: não vão formar multidão ao redor dele.

— É que os seus orientais são pessoas sensatas e só olham o que vale a pena ser visto; mas, acredite, Ali só goza de tanta popularidade porque lhe pertence e porque nesse momento você é o homem da moda.

— Verdade? E a quem devo esse favor?

— Ora, a si mesmo. O senhor dá cavalos de mil luíses; salva a vida de mulheres de procuradores do rei; coloca nas corridas, com o pseudônimo de major Black, cavalos puro sangue e jóqueis do tamanho de um sagui; enfim, ganha taças de ouro e as presenteia a belas mulheres...

— E que diabo lhe contou todas essas loucuras?

— Nossa! A primeira foi a senhora Danglars, que morre de vontade de vê-lo em seu camarote, ou melhor, de que o vejam lá... A segunda foi o jornal de Beauchamp... A terceira foi o meu próprio imaginário. Por que chama o seu cavalo de *Vampa*, se deseja manter-se incógnito?

— Ah, é verdade! — exclamou o conde. — Foi uma imprudência... Mas então me diga: o conde de Morcerf nunca vem à Ópera? Procurei-o com os olhos e não o vi em parte alguma.

— Esta noite ele virá.

— Aonde?

— Ao camarote da baronesa, imagino.

— Aquela encantadora pessoa que está ao seu lado é filha dela?

— É.

— Dou-lhe os meus parabéns...

Morcerf sorriu.

— Falaremos disso mais tarde, em detalhe... — disse Morcerf.

— Que me diz da música?

— De que música?

— Ora, da música que acaba de ouvir.

— Digo que é muito bela, como música composta por um compositor humano, cantada por aves bípedes e sem plumas, como dizia o finado Diógenes.³⁸

— Ah, sim, meu caro conde, mas então me parece que você poderia ouvir, quando bem entendesse, os sete coros do Paraíso...

— Mas é um pouco assim... Quando quero ouvir música admirável, visconde, música como nunca ouvido mortal algum ouviu, eu durmo...

— Bem, então está às mil maravilhas aqui... Durma, meu caro conde, durma... O teatro da Ópera não foi inventado para outra coisa...

— Não, é verdade... Mas a sua orquestra faz muito barulho. Para que eu durma o sono que mencionei preciso de calma e silêncio, bem como de certo remédio...

— Ah, o famoso haxixe?

— Exatamente. Visconde, quando quiser ouvir música, venha cear comigo.

— Mas eu já a ouvi, ao ir almoçar com você — disse Morcerf.

— Em Roma?

— Sim.

— Ah, era a viola de Haydée... Sim, às vezes a pobre exilada se diverte tocando-me canções de sua terra.

Morcerf não insistiu mais; o conde se calou.

Nesse momento a campainha tocou.

— Dá-me licença? — disse o conde, tomando o caminho de seu camarote.

— Como não?

— Mil lembranças à condessa G..., da parte de seu vampiro.

— E à baronesa?

— Diga-lhe que, se ela me permitir, esta noite terei a honra de ir apresentar-lhe as minhas homenagens.

Começou o terceiro ato. Durante esse ato, o conde de Morcerf, pai de Albert, foi, como prometera, juntar-se à senhora Danglars.

O conde de Morcerf não era um desses homens que fazem revolução em uma sala; assim, ninguém percebeu a sua chegada, a não ser as pessoas presentes no camarote.

Entretanto, Monte-Cristo viu-o: leve sorriso desenhou-se em seus lábios.

Quanto a Haydée, nada via enquanto as cortinas estavam abertas; como todas as naturezas primitivas, ela adorava tudo o que fala ao ouvido e à visão.

E o terceiro ato desenrolou-se normalmente; as senhoritas Noblet, Julia e Leroux executaram as suas habituais acrobacias coreográficas; o príncipe de Granada foi desafiado por Robert, interpretado por Mario; enfim, o majestoso rei que todos conheciam deu a volta na sala para mostrar o seu manto de veludo, segurando a mão de sua jovem, e fecharam-se as cortinas, e a sala logo afluíu à antessala e aos corredores.

O conde saiu de seu camarote e, instantes depois, apareceu no camarote da baronesa Danglars.

A baronesa não conseguiu impedir-se de dar um grito de surpresa levemente mesclada a alegria.

— Ah, então venha, senhor conde — exclamou ela —, pois na verdade eu estava com pressa de juntar as minhas graças verbais aos agradecimentos por escrito que já lhe dei.

— Oh, senhora — disse o conde —, ainda se lembra daquela miséria? Eu já a tinha esquecido.

— Sim... Mas o que não se esquece, senhor conde, é que no dia seguinte o senhor salvou a minha boa amiga, a senhora de Villefort, do perigo que a levaram a correr aqueles mesmos cavalos.

— Também desta vez, minha senhora, não mereci os seus agradecimentos... Foi Ali, o meu núbio, quem teve a felicidade de prestar à senhora de Villefort esse relevante serviço.

— E foi também Ali — disse o conde de Morcerf — que livrou o meu filho das mãos dos bandidos romanos?

— Não, senhor conde — disse Monte-Cristo apertando a mão que o general lhe estendia —, não, desta vez coloco os agradecimentos na minha conta; mas o senhor já tinha me agradecido, já recebi os seus agradecimentos e, na verdade, sinto-me envergonhado de encontrá-lo ainda tão grato. Então, senhora baronesa, dê-me a honra, por favor, de apresentar-me à senhorita sua filha.

— Oh, o senhor já está mais do que apresentado, ao menos de nome, pois há dois ou três dias só falamos no senhor... Eugénie — continuou a baronesa, voltando-se para a filha —, o senhor conde de Monte-Cristo!

O conde inclinou-se — a senhorita Danglars fez leve movimento de cabeça.

— Está acompanhado por uma pessoa admirável, senhor conde — disse Eugénie —, é sua filha?

— Não, senhorita — disse Monte-Cristo, surpreso com a extrema ingenuidade ou com o espantoso atrevimento —, é uma pobre grega de quem sou tutor.

— E como ela se chama?

— Haydée — respondeu Monte-Cristo.

— Uma grega? — murmurou o conde de Morcerf.

— Sim, conde — respondeu a senhora Danglars —, e diga-me se chegou a ver na corte de Ali Paxá de Tebelin, a quem tão gloriosamente serviu, traje tão admirável quanto esse que temos diante de nossos olhos...

— Ah — disse Monte-Cristo —, serviu em Janina, senhor conde?

— Eu fui general-inspetor das tropas do paxá — respondeu o senhor Morcerf — e a minha pouca fortuna, não escondo, vem das liberalidades do ilustre chefe albanês.

— Mas olhem! — exclamou a senhora Danglars.

— Onde? — perguntou Morcerf.

— Ali! — exclamou Monte-Cristo.

E, abraçando o conde de Morcerf, inclinou-se para fora do camarote.

Nesse momento, Haydée, que procurava o conde de Monte-Cristo com os olhos, viu o seu rosto pálido ao lado do senhor Morcerf, abraçado a ele.

A visão provocou na jovem o efeito da cabeça de Medusa;³⁹ ela fez um movimento adiante, como a devorar ambos com o olhar; depois, quase ao mesmo tempo, voltou para trás e deu um frágil grito, que entretanto foi ouvido pelas pessoas mais próximas e por Ali, que logo abriu a porta do camarote.

— Olhe — disse Eugénie —, o que está acontecendo com a sua pupila, senhor conde? Parece que ela está passando mal.

— Realmente — disse o conde —, mas não se assuste, senhorita... Haydée é muito nervosa, logo muito sensível aos

aromas: um perfume de que não gosta basta para levá-la a desmaiar; mas — acrescentou o conde, tirando um frasco do bolso — aqui está o remédio.

E, depois de se despedir da baronesa e de sua filha com leve inclinação de cabeça, trocou um último aperto de mão com o conde de Morcerf, com Debray e saiu do camarote da senhora Danglars.

Quando entrou em seu camarote, Haydée ainda estava muito pálida: assim que o viu, ela agarrou-lhe a mão.

Monte-Cristo percebeu que as mãos da jovem estavam úmidas e geladas ao mesmo tempo.

— Com quem estavas conversando, meu senhor? — perguntou a jovem.

— Ora — respondeu Monte-Cristo —, com o conde de Morcerf, que esteve a serviço de teu ilustre pai, a quem confessa dever a sua fortuna.

— Ah, o miserável! — exclamou Haydée. — Foi ele que vendeu meu pai aos turcos... E essa fortuna é o preço da sua traição. Não sabias disso, meu querido senhor?

— Eu já tinha ouvido falar dessa história no Epiro — disse Monte-Cristo —, mas não conheço os detalhes. Vamos, minha filha, conta-me os detalhes, deve ser curioso.

— Oh, sim, vamos, vamos... Acho que eu morreria se ficasse mais tempo diante daquele homem.

E, levantando-se rapidamente, Haydée envolveu-se em seu manto de caxemira branca, bordado de pérolas e coral, e saiu rapidamente, no momento em que as cortinas se abriam.

— Veja se esse homem não é completamente diferente dos demais! — disse a condessa G... a Albert, que mais uma vez estava a seu lado. — Ele assistiu religiosamente ao terceiro ato do *Robert*, mas vai embora bem na hora em que o quarto ato vai começar.

LV. A ALTA E A BAIXA Alguns dias depois desse encontro, Albert de Morcerf fez uma visita ao conde de Monte-Cristo em sua casa dos Campos Elíseos, que já assumira aquele

ar de palácio que — graças à sua imensa fortuna — o conde dava às suas moradias, mesmo às mais temporárias. Albert vinha renovar os agradecimentos da senhora Danglars, que já lhe agradecera em uma carta assinada “baronesa Danglars, nascida Herminie de Servieux”.

Albert estava acompanhado por Lucien Debray, que acrescentou às palavras do amigo alguns cumprimentos não oficiais, sem dúvida, mas, graças à fineza de seu olhar, devidos a motivos dos quais o conde não poderia suspeitar.

Pareceu até mesmo a Monte-Cristo que Lucien vinha vê-lo movido por duplo sentimento de curiosidade — e que metade desse sentimento emanava da casa dos Danglars, na rua da Chaussée d’Antin. Realmente, Monte-Cristo poderia supor, sem medo de se enganar, que a senhora Danglars — não podendo ver com os próprios olhos a intimidade de um homem que oferecia cavalos de trinta mil francos, e que ia à Ópera com uma escrava grega vestindo um milhão em diamantes — encarregara os olhos com os quais costumava ver de fornecer-lhe algumas informações sobre essa intimidade.

Mas o conde não parecia desconfiar da menor relação entre a visita de Lucien e a curiosidade da baronesa.

— Você mantém relações quase contínuas com o barão Danglars? — perguntou Monte-Cristo a Albert de Morcerf.

— Mas claro, senhor conde... Deve se lembrar do que lhe disse.

— Aquilo continua valendo?

— Mais do que nunca — disse Lucien —, o casamento é inevitável.

E Lucien, certamente julgando que essas palavras misturadas à conversa davam-lhe o direito de esquecer o assunto, colocou o seu monóculo de tartaruga no olho e, mordendo o cabo de ouro de sua bengala, começou a passear pela sala, examinando as armas e os quadros.

— Ah — disse Monte-Cristo —, mas, pelo que me disse, eu não imaginava que esse casamento fosse tão imediato.

— O que esperava? As coisas acontecem sem que desconfiemos; enquanto nem pensamos nelas, elas pensam em nós; quando nos viramos, ficamos surpresos com o rumo que elas tomaram. O meu pai e o senhor Danglars serviram juntos na Espanha: o meu pai no exército, o senhor Danglars nos abastecimentos. Foi lá que o meu pai, arruinado pela revolução, e o senhor Danglars, que nunca havia tido patrimônio, lançaram os alicerces: o meu pai, de sua bela fortuna política e militar, e o senhor Danglars, de sua admirável fortuna política e financeira.

— Sim, é verdade — disse Monte-Cristo —, creio que durante a visita que lhe fiz o senhor Danglars me falou disso... E — continuou ele, lançando um olhar a Lucien, que folheava um álbum — e ela é bonita, a senhorita Eugénie? Pois imagino me lembrar de que ela se chama Eugénie...

— Muito bonita, ou melhor, muito bela — respondeu Albert —, mas de uma beleza que eu não aprecio. Eu sou um indigno!

— Você fala dela como se já fosse o marido!

— Oh — exclamou Albert, olhando ao redor para ver o que fazia Lucien.

— Sabe — disse Monte-Cristo em voz baixa —, não me parece muito entusiasmado com esse casamento!

— A senhorita Danglars é rica demais para mim — disse Morcerf —, isso me assusta.

— Ora — exclamou Monte-Cristo —, eis um belo motivo... Você também não é rico?

— O meu pai tem algo ao redor de cinquenta mil libras de renda, talvez me dê dez ou doze mil ao me casar.

— Fato é que é uma quantia bem modesta — disse o conde —, principalmente em Paris... Mas a fortuna não é tudo neste mundo: um belo nome e uma elevada posição social também valem alguma coisa. O seu nome é célebre, a sua posição é magnífica, e depois o conde de Morcerf é um soldado, adoram ver a integridade de Bayard aliar-se à pobreza de Duguesclin... O desinteresse é o mais belo raio de sol a brilhar numa nobre espada. Eu, muito pelo contrário, acho que essa união não poderia ser mais conveniente: a senhorita Danglars o enriquecerá, e você a enobrecerá!

Albert meneou a cabeça e ficou pensativo.

— Também há algo mais — disse ele.

— Confesso — continuou Monte-Cristo — que não consigo entender essa repugnância a uma jovem rica e bela.

— Oh, meu Deus! — exclamou Morcerf. — Essa repugnância, se é que há repugnância, não vem apenas de mim...

— Mas de quem, então? Pois você me disse que o seu pai desejava esse casamento.

— Vem da minha mãe, e a minha mãe é um olho prudente e seguro. Pois bem, ela não sorri a essa união, ela tem não sei que prevenção contra os Danglars.

— Oh — disse o conde em tom um tanto forçado —, isso é compreensível... A senhora condessa de Morcerf, que é a distinção, a aristocracia, a delicadeza em pessoa, hesita um pouco a tocar em mãos plebeias, grosseiras e rudes: é natural.

— Não sei muito bem se é isso, realmente — disse Albert. — Mas o que sei é que me parece que esse casamento, se acontecer, vai torná-la infeliz. Já devíamos ter nos reunido para falar dos detalhes há seis semanas... Mas eu estava com uma dor de cabeça...

— Verdadeira? — perguntou o conde, sorrindo.

— Oh, muito verdadeira... O medo, certamente... Adiaram a reunião por dois meses. Não há pressa, compreende... Ainda não tenho vinte e um anos, Eugénie tem apenas dezessete... Mas esses dois meses terminam na semana que vem. Vai ser preciso concretizar. Nem pode imaginar, meu caro conde, como estou embaraçado... Ah, como é feliz por ser livre!...

— Bem, então seja livre também... O que o impede, posso lhe perguntar?

— Oh, seria uma enorme decepção para o meu pai, se eu não me casasse com a senhorita Danglars...

— Então, case-se com ela — disse o conde com singular movimento de ombros.

— Sim — disse Morcerf. — Mas para a minha mãe não seria decepção: seria sofrimento.

— Então não se case — fez o conde.

— Vou ver, vou tentar... Você vai me dar conselhos, não é mesmo? E, se lhe for possível, vai me tirar desse embaraço... Oh, para não fazer a minha ótima mãe sofrer, eu brigaria com o meu pai, acho...

Monte-Cristo voltou-se; parecia emocionado.

— Ei — disse Albert a Debray, sentado em uma profunda poltrona ao fim do salão, segurando na mão direita um lápis, na esquerda uma caderneta —, que está fazendo? Um esboço igual aos de Poussin?⁴⁰

— Eu? — respondeu Debray tranquilamente. — Oh, sim, claro, imagine, um esboço! Gosto demais de pintura para me aventurar a tanto! Não, estou fazendo o contrário da pintura: estou fazendo contas.

— Contas?

— Sim, calculando: isso lhe interessa indiretamente, visconde... Calculando quanto a casa Danglars ganhou com a última alta do Haiti: de duzentos e seis, os fundos subiram a quatrocentos e nove, em três dias, e o prudente banqueiro tinha comprado muitos a duzentos e seis... Ele deve ter ganhado trezentas mil libras.

— Esse não é o seu melhor lance — disse Morcerf. — Este ano ele não ganhou um milhão com os bônus da Espanha?

— Escute, meu caro — disse Lucien —, aqui está o senhor conde de Monte-Cristo, que lhe dirá, como os italianos: *Danaro e santità*

*Metà della metà.*⁴¹

“E ainda é muito. Assim, quando me contam histórias como essa, dou de ombros.”

— Vocês estão falando do Haiti? — perguntou Monte-Cristo.

— Oh, o Haiti é outra coisa... O Haiti é o *descarte* da agiotagem francesa.⁴² Podemos adorar a *chaleira*, gostar do *uíste*, ser apaixonados pelo *bóston*, mas mesmo assim nos cansar de todos esses jogos; entretanto, sempre voltamos ao *descarte*, que é o nosso aperitivo. Assim, o senhor Danglars vendeu ontem a quatrocentos e nove e embolsou trezentos mil francos... Se tivesse esperado até hoje, os fundos voltariam a cair a duzentos e cinco: em

vez de ganhar trezentos mil francos, ele perderia vinte ou vinte e cinco mil...

— E por que os fundos caíram de quatrocentos e nove para duzentos e cinco? — perguntou Monte-Cristo. — Eu lhe peço perdão: sou muito ignorante a respeito de todas essas intrigas da Bolsa.

— Porque — respondeu Albert, rindo — as notícias se sucedem e não são coerentes...

— Ah, diabo — exclamou o conde —, o senhor Danglars joga para ganhar ou perder trezentos mil francos num único dia?! Ah, sim, mas então ele é imensamente rico?!

— Não é ele quem joga — exclamou vivamente Lucien —, é a senhora Danglars... Ela é realmente audaciosa.

— Mas você que é razoável, Lucien, que sabe da instabilidade das notícias, já que está na fonte delas, deveria impedi-la — disse Morcerf, com um sorriso.

— Como eu poderia impedi-la, se nem o seu marido o consegue? — perguntou Lucien. — Você sabe como é o temperamento da baronesa... Ninguém tem influência sobre ela: ela sempre faz tudo o que deseja fazer.

— Oh, se eu estivesse em seu lugar... — exclamou Albert.

— O que faria?

— Eu a curaria... Seria um favor para seu futuro genro!

— Mas como?

— Ah, nossa, é muito fácil: eu lhe daria uma lição.

— Uma lição?

— Sim. A sua posição como secretário do ministro lhe dá uma grande autoridade quanto às notícias... Mal você abre a boca, os agentes de câmbio estenografam correndo as suas palavras... Faça-a perder uns cem mil francos várias vezes seguidas: isso a tornará prudente.

— Não compreendo... — balbuciou Lucien.

— Mas é evidente — respondeu o jovem com uma ingenuidade que nada tinha de fingida. — Anuncie-lhe, uma bela manhã, qualquer coisa inesperada: uma notícia telegráfica que só você poderia saber... Por exemplo, que ontem o rei Henrique IV foi visto

na casa de Gabrielle... Isso provocará uma alta dos fundos, ela fará a sua jogada na bolsa baseada nessa notícia e certamente perderá quando no dia seguinte Beauchamp escrever em seu jornal: “É um engano as pessoas bem informadas pretenderem que o rei Henrique IV foi visto anteontem na casa de Gabrielle: esse fato é completamente inexato; o rei Henrique IV não saiu de Pont-Neuf.”

Lucien começou a rir com o canto da boca. Monte-Cristo, embora indiferente na aparência, não perdera uma palavra dessa conversa e o seu olho penetrante até mesmo imaginara ler um segredo no embaraço do secretário íntimo.

Esse embaraço de Lucien — e que escapara completamente a Albert — levou-o a abreviar sua visita; evidentemente, sentia-se pouco à vontade. Ao levá-lo à porta, o conde disse-lhe algumas palavras em voz baixa e ele respondeu: — Com prazer, senhor conde, aceito.

O conde voltou ao jovem Morcerf.

— Pensando bem, não acha — disse-lhe o conde — que fez mal ao falar desse jeito de sua sogra na frente do senhor Debray?

— Ora, por favor, conde — disse Morcerf —, não diga a palavra “sogra” antes da hora...

— Seriamente, e sem exagero: a condessa de Morcerf é tão contrária a esse casamento?

— Tanto que a baronesa raramente vem à nossa casa. E imagino que minha mãe não foi nem duas vezes na vida à casa da senhora Danglars.

— Então — disse o conde —, atrevo-me a falar-lhe de coração aberto: o senhor Danglars é o meu banqueiro, e o senhor de Villefort cumulou-me de gentilezas agradecendo o serviço que feliz acaso levou-me a prestar-lhe. Adivinho em tudo isso uma avalanche de jantares e banquetes. Ora, para não parecer me aproveitar faustosamente da situação, e até mesmo para ter o mérito de me antecipar, se preferir, planejei reunir, em minha casa de campo de Auteuil, o senhor e a senhora Danglars, o senhor e a senhora de Villefort... Se eu o convidasse para esse jantar, assim como ao senhor conde e à senhora condessa de Morcerf, o banquete não pareceria ser uma espécie de encontro matrimonial?... Ou ao

menos a senhora condessa de Morcerf não veria a reunião dessa maneira, principalmente se o senhor barão Danglars me fizesse a honra de trazer a sua filha? Então a sua mãe tomaria horror a mim, o que eu não quero que aconteça, de maneira alguma: ao contrário, e diga-lhe isso sempre que puder, faço questão de causar-lhe boa impressão.

— Palavra, conde — disse Morcerf —, agradeço-lhe pela franqueza que tem comigo, aceito a exclusão que me propõe. Disse que deseja causar boa impressão à minha mãe? Mas já lhe causou ótima impressão.

— Você acha? — perguntou Monte-Cristo, com interesse.

— Oh, tenho certeza. Quando nos deixou, outro dia, falamos do senhor durante uma hora... Mas, voltando ao assunto, que bom: se minha mãe soubesse dessa atenção da sua parte, e eu vou me aventurar a lhe contar, tenho certeza de que ela ficaria agradecidíssima. É verdade que, por sua vez, o meu pai ficaria furioso.

O conde riu.

— Bem — disse ele a Morcerf —, já está avisado. Mas imagino que não só o seu pai ficará furioso: o senhor e a senhora Danglars vão me achar um homem muito mal-educado. Eles sabem que nós dois temos certa intimidade, que você foi o primeiro parisiense que eu conheci, e não vão vê-lo em minha casa: vão me perguntar por que não o convidei. Então ao menos pense em alegar um compromisso anterior que pareça um tanto provável e avise-me com um bilhete. Você sabe: os banqueiros só acreditam nas palavras escritas.

— Farei melhor do que isso, senhor conde — disse Albert. — A minha mãe quer ir respirar os ares do mar. Para que dia está marcado o seu jantar?

— Para sábado.

— Estamos na terça, bem... Amanhã à noite, partiremos... Na manhã seguinte estaremos em Tréport. Sabia, senhor conde, que é um homem encantador ao deixar as pessoas assim tão à vontade?

— Eu? Na verdade, dá-me um valor maior do que eu tenho... Apenas quero lhe ser útil.

— Em que dia fez os convites?

— Hoje mesmo.

— Bem, vou correr à casa do senhor Danglars e avisá-lo que minha mãe e eu deixaremos Paris amanhã. Eu não o vi: logo, nada sei de seu jantar.

— Não seja louco: o senhor Debray acaba de vê-lo aqui em casa...

— Ah, é verdade...

— Pelo contrário, eu o vi e o convidei, sem fazer cerimônia, e você simplesmente me respondeu que não podia aceitar o meu convite, pois estava de partida para Tréport.

— Bem, então está combinado. Mas o senhor vai visitar a minha mãe ainda hoje?

— Hoje é difícil... E eu chegaria bem no meio de seus preparativos para a viagem.

— Bem, faça melhor do que isso: o senhor já era um homem encantador, será um homem adorável.

— O que devo fazer para alcançar essa sublimidade?

— O que deve fazer?

— Eu lhe pergunto.

— Hoje, o senhor está livre como o ar; venha jantar comigo; será uma reunião íntima: só o senhor, minha mãe e eu. Mal viu a minha mãe: agora vai vê-la bem de perto. Ela é uma mulher notável, e só lamento uma coisa: que não exista outra igual a ela, com vinte anos a menos; então juro que logo haveria uma condessa e uma viscondessa de Morcerf. E o meu pai não vai estar lá: está ocupado hoje à noite e janta na casa do referendário-mor. Venha, falaremos de viagens. O senhor que viu o mundo inteiro vai nos contar as suas aventuras, vai nos contar a história daquela bela grega, que estava ao seu lado na outra noite, na Ópera, a quem chama de escrava, mas a quem trata como princesa. Falaremos italiano, espanhol... Vamos, aceite: minha mãe vai ficar agradecida.

— Mil perdões — disse o conde. — O convite é dos mais gentis, mas lamento muito não poder aceitá-lo. Não estou tão livre quanto imagina: pelo contrário, tenho um encontro dos mais importantes.

— Ah, preste atenção: acaba de me ensinar como, por um jantar, livramo-nos de compromissos desagradáveis. Agora só precisa provar. Felizmente, eu não sou banqueiro, como o senhor Danglars; mas, aviso-o, sou tão incrédulo quanto ele.

— Então vou lhe provar — disse o conde.

E tocou a campainha.

— Hum — murmurou Morcerf —, já é a segunda vez que se recusa a jantar com minha mãe. É uma antipatia, conde?

Monte-Cristo estremeceu.

— Oh, imagine! — exclamou ele. — Aliás, ali está a prova que você queria.

Baptistin entrou e ficou de pé, à porta, aguardando.

— Eu não sabia de sua visita, não é? — perguntou o conde.

— Ora, o senhor é um homem tão extraordinário que não me atrevo a responder — disse Albert.

— Ao menos, eu não poderia adivinhar que você me convidaria para jantar...

— Oh, quanto a isso, é possível.

— Bem, escute, Baptistin... O que eu lhe disse hoje de manhã quando o chamei a meu escritório?

— Para fechar a porta do senhor conde assim que soassem cinco horas — respondeu o valete.

— E depois?

— Oh, senhor conde... — disse Albert.

— Não, não, quero absolutamente livrar-me dessa reputação misteriosa que você me criou, meu caro visconde... É muito difícil bancar o Manfred eternamente... Quero viver em casa de vidro, transparente. E depois... Continue, Baptistin.

— E depois, só receber o senhor major Bartolomeo Cavalcanti e seu filho.

— Ouviu, o senhor major Bartolomeo Cavalcanti, um homem da mais antiga nobreza da Itália... Dante se deu ao trabalho de ser o seu genealogista, o seu d'Hozier... Como você se lembra, ou não se lembra, no canto X do *Inferno*... E o filho dele, um jovem encantador, mais ou menos de sua idade, visconde como você, faz a sua entrada na sociedade parisiense com os milhões de seu pai.

Hoje à noite o major vai me trazer o seu filho Andrea, o *contino*, como dizemos na Itália. Vai confiá-lo a mim. Eu vou ajudá-lo, se ele tiver méritos. E você vai me ajudar, não vai?

— Certamente! Então esse major Cavalcanti é um velho amigo seu? — perguntou Albert.

— De maneira alguma: é um digno senhor, muito educado, muito modesto, muito discreto, igual a uma multidão, na Itália... Descendentes diretos de famílias antigas... Eu o vi várias vezes, em Florença, Bolonha, Luca, e ele me avisou que viria. Pessoas que conhecemos em viagem são exigentes: sempre reclamam de nós a amizade que uma vez lhes mostramos por acaso... Como se o homem civilizado, que sabe conviver uma hora com qualquer um, não tivesse os seus pensamentos íntimos... Esse bom major Cavalcanti vai rever Paris, que ele só viu de passagem, no tempo do Império de Napoleão, quando ia congelar em Moscou. Eu vou lhe dar um bom jantar, ele vai me deixar o seu filho; vou lhe prometer tomar conta dele: vou deixá-lo cometer todas as loucuras que quiser cometer e estaremos quites.

— Maravilha! — exclamou Albert. — E vejo que o senhor é um excelente tutor... Então, adeus, estaremos de volta no domingo. A propósito, recebi notícias de Franz.

— Ah, é verdade? — perguntou Monte-Cristo. — Ele continua se divertindo na Itália?

— Acho que sim... Mas está com saudades do senhor. Disse que o senhor era o sol de Roma, que sem o senhor é cinza. Nem sei mesmo se ele chega a dizer que até está chovendo.

— Então o seu amigo Franz mudou de ideia a meu respeito?

— Pelo contrário, continua a achá-lo fantástico, no mais alto grau... É por isso que sente saudades do senhor.

— Que jovem encantador! — exclamou Monte-Cristo. — Senti viva simpatia por ele, desde a primeira noite em que o vi, em busca de uma ceia qualquer, dignando-se a cear comigo. Acho que ele é filho do general d'Épinay...?

— Exatamente.

— O mesmo general que foi miseravelmente assassinado em 1815?

— Pelos bonapartistas...

— Exatamente! Palavra, eu o estimo! Para ele também não há planos de casamento?

— Sim, ele deve se casar com a senhorita de Villefort.

— Verdade?

— Assim como eu devo me casar com a senhorita Danglars — acrescentou Albert, rindo.

— Você está rindo?

— Estou.

— Por quê?

— Estou rindo porque daquele lado parece haver tanta simpatia pelo casamento quanto deste, entre a senhorita Danglars e eu... Mas realmente, meu caro conde, estamos falando das mulheres como as mulheres falam dos homens; é imperdoável!

Albert ergueu-se.

— Você já vai?

— Boa pergunta! Há duas horas o aborreço e o senhor tem a delicadeza de me perguntar se já vou! Na verdade, conde, o senhor é o homem mais educado da terra! E os seus empregados, como eles são bem criados! Principalmente o senhor Baptistin! Nunca consegui ter um igual a ele. Os meus parecem seguir o exemplo do Teatro Francês: como só têm uma palavra a dizer, sempre vêm dizê-la no alto do palco. Assim, se o senhor se desfizer do senhor Baptistin, peço-lhe a preferência.

— Está combinado, visconde.

— Não é tudo, espere: transmita os meus cumprimentos a seu discreto hóspede de Luca, ao senhor Cavalcanti dei Cavalcanti... E, se acaso ele quiser casar o filho, arranje-lhe uma mulher bem rica, bem nobre, ao menos por parte de mãe, e bem baronesa, por parte de pai... Eu vou ajudá-lo.

— Oh, oh! — respondeu Monte-Cristo. — Está falando sério?

— Estou.

— Palavra: não posso prometer nada.

— Ah, conde — exclamou Morcerf —, que valioso serviço o senhor me faria, e como eu o estimaria cem vezes mais ainda se, graças ao senhor, eu ficasse solteiro, ao menos por mais dez anos.

— Tudo é possível — respondeu gravemente Monte-Cristo.

E, tendo se despedido de Albert, entrou em seu gabinete e bateu três vezes em sua sineta.

Bertuccio apareceu.

— Senhor Bertuccio — disse o conde —, saiba que sábado recebo em minha casa de Auteuil.

Bertuccio sentiu leve arrepio.

— Está bem, senhor — disse ele.

— Preciso de você para que tudo seja convenientemente preparado — continuou o conde. — Aquela casa é muito bonita, ou ao menos pode ficar muito bonita.

— Seria preciso mudar tudo para consegui-lo, senhor conde, pois as tapeçarias envelheceram.

— Então mude tudo, a não ser a do quarto de damasco vermelho... Deixe esse quarto exatamente do mesmo jeito.

Bertuccio inclinou-se.

— Também não toque no jardim; mas no pátio, por exemplo, faça tudo o que quiser... Até prefiro que não o reconheçam.

— Farei tudo o que puder para que o senhor conde fique satisfeito... Mas eu ficaria mais tranquilo se o senhor conde quisesse me contar as suas intenções para o jantar.

— Na verdade, meu caro senhor Bertuccio — disse o conde —, desde que está em Paris acho-o desorientado, apavorado... Não me conhece mais?

— Mas, afinal, Sua Excelência poderia me dizer quem vai receber?

— Ainda não sei de nada, você também não precisa saber. Lúculo janta na casa de Lúculo, nada mais.

Bertuccio inclinou-se e saiu.

LVI. O MAJOR CAVALCANTI Nem o conde nem Baptistin haviam mentido ao anunciarem a Morcerf a visita do major toscano — visita que servira de pretexto para Monte-Cristo recusar o jantar que lhe era oferecido.

Acabavam de soar sete horas, e o senhor Bertuccio, seguindo as ordens que recebera, já tinha partido havia duas horas para Auteuil quando um carro de aluguel parou à porta do palácio, parecendo fugir todo envergonhado assim que deixou em frente ao portão um homem de aproximadamente cinquenta e dois anos, vestindo uma dessas casacas verdes com bordados negros de um molde aparentemente imperecível na Europa. Larga calça de pano azul, botas ainda quase novas, embora de verniz incerto e com solas um tanto grossas, luvas de pele de gamo, chapéu de forma semelhante à do chapéu policial, colarinho negro com galão branco que, se o proprietário não o usasse por livre e espontânea vontade, passaria por ser a argola do suplício — tal era o traje pitoresco com o qual se apresentou o personagem que soou no portão, perguntando se não era no nº 30 da avenida dos Campos Elíseos que morava o senhor conde de Monte-Cristo; à resposta afirmativa do porteiro, ele entrou, fechou o portão atrás de si e dirigiu-se à escadaria.

A cabeça pequena e angulosa desse homem, os seus cabelos grisalhos, o seu bigode denso e branco levaram-no a ser reconhecido por Baptistin, que recebera a exata descrição do visitante e esperava-o à frente do vestíbulo. Assim, mal ele pronunciou o seu nome perante o criado inteligente, Monte-Cristo foi avisado de sua chegada.

Introduziram o estrangeiro no salão mais simples. O conde ali o esperava e foi ao seu encontro com ar risonho.

— Ah, meu caro senhor — disse o conde —, seja bem-vindo. Eu o estava esperando.

— Verdade? — exclamou o toscano. — Vossa Excelência estava me esperando?

— Sim, eu tinha sido avisado de que o senhor chegaria hoje às sete horas.

— Que eu chegaria? Então o senhor tinha sido avisado?

— Exatamente.

— Ah, tanto melhor! Temia, confesso, que tivessem se esquecido desse pequeno cuidado.

— Qual?

— Avisá-lo.

— Oh, não!

— Mas o senhor tem certeza de que não está enganado?

— Tenho certeza.

— Era realmente a mim que Vossa Excelência esperava hoje às sete horas?!

— Realmente o senhor... Aliás, verifiquemos.

— Oh, se me esperava — disse o toscano —, não vale a pena...

— Mas claro, mas claro! — exclamou Monte-Cristo.

O toscano pareceu um tanto inquieto.

— Vejamos — disse Monte-Cristo —, o senhor não é o marquês Bartolomeo Cavalcanti?

— Bartolomeo Cavalcanti — repetiu vivamente o toscano —, exatamente...

— Ex-major a serviço da Áustria?

— Então era major que eu era? — perguntou timidamente o velho militar.

— Sim — disse Monte-Cristo —, era major. Esse é o nome que se dá na França à patente que o senhor tinha na Itália.

— Bom — disse o toscano —, não peço mais do que isso, o senhor compreende...

— Aliás, o senhor não veio aqui espontaneamente... — continuou Monte-Cristo.

— Oh, certamente!

— Foi-me enviado por alguém...

— Sim.

— Pelo excelente abade Busoni?

— É isso! — exclamou o major, alegre.

— E trouxe uma carta?

— Aqui está a carta.

— Ah, meu Deus, que bom... Dê-me a carta.

E Monte-Cristo pegou a carta, que ele abriu e leu.

O major olhava o conde com grandes olhos surpresos que miravam curiosamente cada canto do salão, mas retornavam invariavelmente ao dono da casa.

— Exatamente... É bem ele... Esse caro abade... “O major Cavalcanti, digno patrício de Luca, descendente dos Cavalcanti de Florença” — continuou Monte-Cristo, sempre lendo —, “gozando de uma fortuna de meio milhão de renda por ano”...

Monte-Cristo levantou os olhos do papel e o cumprimentou.

— De meio milhão de renda... — repetiu ele. — Nossa, meu caro senhor Cavalcanti...

— Ele disse meio milhão? — perguntou o toscano.

— Com todas as letras... E assim deve ser: o abade Busoni é o homem que melhor conhece todas as grandes fortunas da Europa.

— Então deve ser meio milhão — disse o toscano —, mas, palavra de honra, eu não imaginava que chegasse a tanto.

— Porque o senhor tem um intendente que o rouba... O que esperava, caro senhor Cavalcanti, é algo inevitável!

— O senhor acaba de me alertar — disse gravemente o toscano —, vou pôr o esperto na rua.

Monte-Cristo continuou a leitura: — “E a quem só faltava uma coisa para ser feliz.”

— Oh, meu Deus, sim! Só uma... — disse o toscano suspirando.

— “Reencontrar um filho adorado.”

— Um filho adorado!

— “Raptado em sua juventude, talvez por um inimigo de sua nobre família, talvez por ciganos.”

— Aos cinco anos de idade, senhor — exclamou o toscano, com profundo suspiro, erguendo os olhos ao céu.

— Pobre pai... — disse Monte-Cristo.

O conde continuou:

— “Devolvo-lhe a esperança, devolvo-lhe a vida, senhor conde, ao anunciar-lhe que o senhor pode ajudá-lo a encontrar esse filho, que há quinze anos ele procura em vão.”

O toscano olhou Monte-Cristo com indefinível expressão de preocupação.

— Sim, posso... — respondeu Monte-Cristo.

O major aprumou-se.

— Ah, ah! — exclamou ele. — Então a carta era inteiramente verdadeira?

— Tinha duvidado disso, meu caro senhor Bartolomeo?

— Não, nunca! Como duvidar? Um homem grave, um homem revestido de caráter religioso, como o abade Busoni, não se permitiria brincar dessa maneira... Mas ainda não leu tudo, Excelência.

— Ah, é verdade — disse Monte-Cristo —, também há um *post-scriptum*...

— Sim — repetiu o toscano —, sim... também... há... um... *post-scriptum*...

— “Para não causar ao major Cavalcanti o embaraço de transferir fundos de seu banqueiro, envio-lhe uma letra de câmbio de dois mil francos para as suas despesas de viagem e o crédito junto ao senhor da quantia de quarenta e oito mil libras que está me devendo.”

O major seguia com os olhos o *post-scriptum* com visível ansiedade.

— Bom! — limitou-se a dizer o conde.

— Ele disse *bom* — murmurou o toscano. — Então... senhor... — continuou ele.

— Então...? — perguntou Monte-Cristo.

— Então, o *post-scriptum*...

— Bem, o *post-scriptum*...?

— É acolhido pelo senhor tão favoravelmente quanto o restante da carta?

— Certamente. O abade Busoni e eu devemos um ao outro... Não sei se são exatamente quarenta e oito mil libras que ainda lhe devo, mas entre nós não há discussões sobre algumas cédulas bancárias... Ah, sim, então dava muita importância a esse *post-scriptum*, meu caro senhor Cavalcanti?

— Vou lhe confessar que, cheio de confiança na assinatura do abade Busoni, não me muni de outros fundos... — respondeu o toscano. — Assim, se esse recurso me faltasse, eu me veria bem embaraçado em Paris.

— Ora, um homem como o senhor fica embaraçado em algum lugar? — exclamou Monte-Cristo. — Ora, vamos!

— Ora, não conhecendo ninguém... — emendou o toscano.

— Mas o senhor é conhecido...

— Sim, sou conhecido, assim...

— Conclua, meu caro senhor Cavalcanti!

— Assim, o senhor me dará essas quarenta e oito mil libras?

— Assim que me pedir.

O major revirava grandes olhos espantados.

— Mas, então, sente-se... — disse Monte-Cristo. — Na verdade, não sei o que eu estava fazendo... Deixei-o de pé durante um quarto de hora.

— Não se preocupe com isso.

O major puxou uma poltrona e sentou-se.

— Agora — disse o conde —, quer tomar alguma coisa? Um copo de xerez, porto ou alicante?

— De alicante, já que o senhor insiste... É o meu vinho predileto.

— Tenho um alicante excelente. Com biscoitos, não é?

— Com um biscoito, já que me obriga.

Monte-Cristo soou a campainha; Baptistin apareceu.

O conde foi até ele:

— E então?... — perguntou em voz baixa.

— O jovem está aqui — respondeu o valete no mesmo tom.

— Ótimo... Para onde o levou?

— Para o salão azul, como ordenara Vossa Excelência.

— Maravilha... Traga vinho de Alicante e biscoitos.

Baptistin saiu.

— Sinceramente — disse o toscano —, dou-lhe um trabalho que me deixa embaraçado.

— Ora, vamos! — exclamou Monte-Cristo.

Baptistin entrou com os copos, o vinho e os biscoitos.

O conde encheu um copo e derramou no outro apenas algumas gotas do rubi líquido que continha a garrafa toda coberta de teias de aranha e de todos os outros sinais a indicar a antiguidade do vinho de maneira mais evidente do que as rugas no homem.

O major não se enganou na escolha: pegou o copo cheio e um biscoito.

O conde ordenou a Baptistin que deixasse a bandeja ao alcance da mão do hóspede, que começou a saborear o alicante com a

ponta dos lábios, fez uma cara de satisfação e molhou delicadamente o biscoito no copo.

— Então, cavalheiro — disse Monte-Cristo —, o senhor morava em Luca, era rico, é nobre, gozava da consideração geral, tinha tudo o que pode tornar um homem feliz?

— Tudo, Excelência — disse o major, devorando o biscoito —, absolutamente tudo...

— E só faltava uma coisa para a sua felicidade?

— Só uma... — disse o toscano.

— Era reencontrar o seu filho?

— Ah... — fez o major, pegando outro biscoito —, mas também isso me fazia muita falta.

O digno toscano ergueu os olhos para o céu e esforçou-se para suspirar.

— Agora vejamos, meu caro senhor Cavalcanti... — disse Monte-Cristo —, como teve esse filho tão querido? Pois me disseram que o senhor era solteiro...

— Era o que achavam, senhor — disse o major —, e eu mesmo...

— Claro — continuou Monte-Cristo —, e o senhor mesmo acreditou nesse rumor. Um pecado de juventude que queria esconder dos olhos de todos...

O toscano endireitou-se, assumiu o seu ar mais calmo e mais digno, ao mesmo tempo que baixava modestamente os olhos para controlar-se ou para dar asas à imaginação, enquanto olhava furtivamente o conde e seu sorriso estereotipado a exprimir sempre a mesma benevolente curiosidade.

— Sim, senhor — disse o hóspede —, eu queria esconder essa falta dos olhos de todos...

— Não pelo senhor mesmo — disse Monte-Cristo —, pois um homem está acima dessas coisas.

— Oh, não, não por mim mesmo, com certeza — disse o major com um sorriso, meneando a cabeça.

— Mas pela mãe de seu filho — disse o conde.

— Por sua mãe — exclamou o toscano, pegando um terceiro biscoito —, por sua pobre mãe!

— Então beba, meu caro senhor Cavalcanti — disse Monte-Cristo servindo ao toscano um segundo copo de alicante —, a emoção vai sufocá-lo.

— Por sua pobre mãe! — murmurou o toscano, verificando se o poder da vontade não poderia agir sobre a glândula lacrimal e molhar o canto de seu olho com uma falsa lágrima.

— Que pertencia a uma das famílias mais importantes da Itália, imagino...

— Nobre, de Fièsole, senhor conde... Nobre, de Fièsole!

— E se chamava...?

— Quer saber o nome dela?

— Oh, meu Deus — exclamou Monte-Cristo —, não precisa me dizer: eu sei...

— O senhor conde sabe tudo — disse o toscano, curvando-se.

— Oliva Corsinari, não é verdade?

— Oliva Corsinari!

— Marquesa?

— Marquesa!

— E o senhor acabou se casando com ela, todavia, apesar das oposições da família.

— Meu Deus! Sim, acabei fazendo isso.

— E — continuou Monte-Cristo — está com os seus papéis em ordem?

— Que papéis? — perguntou o toscano.

— Mas a sua certidão de casamento com Oliva Corsinari e a certidão de nascimento da criança.

— A certidão de nascimento da criança?

— A certidão de nascimento de Andrea Cavalcanti, de seu filho... Ele não se chama Andrea?

— Acho que sim — disse o toscano.

— Como? Acha?

— Nossa... Não ouse afirmar, ele desapareceu há tanto tempo...

— Está certo — disse Monte-Cristo. — Enfim, está com os papéis...?

— Senhor conde, lamento informar que, não sabendo que devia trazer esses documentos, esquecime de trazê-los comigo.

— Ah, diabo! — exclamou Monte-Cristo.

— Então eles são absolutamente necessários?

— Indispensáveis.

O toscano coçou a testa.

— Ah, *per Bacco*⁴³ — exclamou —, indispensáveis!

— Sem dúvida... E se aqui levantarem alguma dúvida sobre a validade de seu casamento, sobre a legitimidade de seu filho!

— Está certo — disse o toscano —, poderiam levantar dúvidas...

— Seria desagradável para o jovem...

— Seria fatal.

— Poderia impedir que ele fizesse um magnífico casamento.

— *O peccato!*⁴⁴

— Na França, compreende, são rigorosos... Não basta, como na Itália, procurar um padre e lhe dizer: “Nós nos amamos, case-nos”... Na França há casamento civil, e para se casar civilmente são necessários documentos que comprovem a identidade.

— Ah, que pena!... Não tenho esses papéis.

— Felizmente, eu os tenho... — disse Monte-Cristo.

— O senhor?

— Sim.

— O senhor os tem?

— Tenho.

— Ah, que maravilha! — disse o toscano, que, vendo o objetivo de sua viagem ameaçado pela ausência dos papéis, temia que seu esquecimento trouxesse alguma dificuldade ao recebimento das quarenta e oito mil libras. — Ah, que maravilha, que sorte... Sim, que sorte — repetiu —, eu não tinha pensado...

— Ora, acredito: impossível pensar em tudo. Mas felizmente o abade Busoni pensou pelo senhor.

— O senhor tem visto o caro abade?

— Ele é um homem precavido.

— Ele é um homem admirável — disse o toscano —, e ele enviou-lhe os papéis?

— Aqui estão.

O toscano juntou as mãos em sinal de admiração.

— O senhor se casou com Oliva Corsinari na igreja de Santa Paula de Montecatini... Aqui está a certidão do padre.

— Sim, nossa! Aqui está... — disse o major olhando-a com admiração.

— É aqui está a certidão de batismo de Andrea Cavalcanti, feita pelo padre de Seravezza.

— Tudo em ordem... — disse o major.

— Então, fique com esses papéis, não preciso deles... Entregue-os a seu filho, que vai guardá-los cuidadosamente.

— Naturalmente!... Se ele os perdesse...

— Bem, então, se ele os perdesse...? — perguntou Monte-Cristo.

— Bem — continuou o toscano —, então seríamos obrigados a escrever para a Toscana: demoraria muito conseguir outros.

— Realmente, seria difícil... — disse Monte-Cristo.

— Quase impossível — respondeu o toscano.

— Fico feliz de saber que o senhor compreende o valor desses papéis.

— Para mim eles têm um valor imenso.

— Agora — disse Monte-Cristo —, quanto à mãe do jovem...

— Quanto à mãe do jovem... — repetiu o major, inquieto.

— Quanto à marquesa Corsinari...

— Meu Deus — exclamou o toscano, vendo as dificuldades nascerem debaixo de seus pés —, haveria necessidade dela?

— Não, senhor — respondeu Monte-Cristo. — Aliás, ela não...

— Sim, sim — disse o major —, ela...

— Ela pagou o seu tributo à natureza...

— Ai, sim! — exclamou o toscano.

— Eu soube... — replicou Monte-Cristo. — Ela morreu há dez anos.

— E eu ainda choro a sua morte, senhor — disse o major, tirando do bolso um lenço quadriculado e enxugando sucessivamente primeiro o olho esquerdo, a seguir o olho direito.

— Como vê, todos nós somos mortais — disse Monte-Cristo. — Agora, compreende, meu caro senhor Cavalcanti, compreende que não é preciso saberem na França que está separado de seu filho há

quinze anos. Todas essas histórias de ciganos que raptam crianças já saíram de moda entre nós. Diremos que o senhor o mandou a um internato provinciano e quer que ele complete a sua educação na sociedade parisiense. Por isso deixou Viareggio, onde morava desde a morte de sua mulher. Basta isso.

— O senhor acha?

— Com certeza.

— Muito bem, então.

— Se vierem a saber algo dessa separação...

— Ah, sim... O que eu diria?

— Que um preceptor infiel, vendido aos inimigos de sua família...

— Vendido aos Corsinari?

— Certamente... tinha raptado essa criança para que o nome dos Cavalcanti se extinguísse.

— Correto, pois ele é filho único.

— Bem, agora que já está tudo combinado, que essas suas novas lembranças não vão traí-lo, certamente adivinhou que lhe preparei uma surpresa...?

— Uma surpresa agradável? — perguntou o toscano.

— Ah — disse Monte-Cristo —, vejo muito bem que não se enganam nem o olho nem o coração de um pai...

— Hum! — fez o major.

— Fizeram-lhe alguma revelação indiscreta? Ou melhor, o senhor adivinhou que ele estava aqui?

— Quem estava aqui?

— A sua criança, o seu filho, o seu Andrea...

— Adivinhei... — respondeu o toscano com a maior fleuma do mundo. — Então ele está aqui?

— Aqui mesmo — disse Monte-Cristo. — Ao entrar agora há pouco o camareiro me avisou que ele tinha chegado.

— Ah, que bom! Ah, que bom! — disse o major, agarrando a cada exclamação os bordados de seu capote.

— Meu caro senhor — disse Monte-Cristo —, eu compreendo toda a sua emoção, é preciso dar-lhe tempo para se recuperar... Também quero preparar o jovem para esse encontro tão desejado,

pois imagino que ele não esteja menos impaciente do que o senhor...

— Imagino que sim — disse Cavalcanti.

— Bem, dentro de um breve quarto de hora estaremos com o senhor.

— Então vai trazê-lo aqui? A sua bondade chega ao ponto de apresentá-lo pessoalmente a mim?

— Não, não quero colocar-me entre um pai e seu filho: vocês ficarão a sós, senhor major... Mas fique tranquilo: mesmo se a voz do sangue permanecer muda, o senhor não terá como se enganar: ele vai entrar por esta porta. É um belo jovem loiro, talvez um pouco loiro demais, de maneiras muito polidas... O senhor vai ver.

— A propósito — disse o major —, o senhor sabe que só trouxe comigo os dois mil francos que o bom abade Busoni me mandou. Com eles eu fiz a viagem, e...

— E o senhor está precisando de dinheiro... É muito justo, meu caro senhor Cavalcanti. Pegue: para arredondar a conta, aqui estão oito notas de mil francos.

Os olhos do major brilharam como diamantes.

— Agora fico lhe devendo quarenta mil francos — disse Monte-Cristo.

— Vossa Excelência quer um recibo? — perguntou o major guardando as notas no bolso interno do capote.

— Para quê? — indagou o conde.

— Mas para subtrair de suas contas com o abade Busoni...

— Bem, o senhor me dará um recibo geral quando receber os quarenta mil francos restantes. Entre pessoas honestas, essas precauções não são necessárias.

— Ah, sim, é verdade — exclamou o major —, entre pessoas honestas...

— Agora, uma última palavra, marquês...

— Diga.

— Permite-me uma pequena recomendação, não é verdade?

— Como não, peço-a!

— Não haveria mal em deixar de usar esse seu capote.

— Verdade? — exclamou o major olhando o seu traje com certa complacência.

— Sim, isso ainda se usa em Viareggio, mas em Paris há muito tempo essa roupa, por mais elegante que seja, saiu de moda.

— Que pena... — disse o toscano.

— Oh, se fizer questão, vista-o de novo quando for embora.

— Mas o que vou vestir?

— O que encontrar em suas malas.

— Como, em minhas malas? Só trouxe uma bolsa.

— Consigo, certamente. Para que carregar peso? Aliás, um velho soldado gosta de marchar com equipamento leve.

— Foi justamente por isso...

— Mas o senhor é um homem precavido e mandou as suas malas na frente... Elas chegaram ontem ao hotel dos Príncipes, na rua Richelieu... Foi lá que o senhor mandou reservar os seus aposentos.

— Então, nessas malas...?

— Imagino que o senhor teve a precaução de mandar o seu camareiro embalar tudo o que lhe é necessário: roupas civis, uniformes militares... Nas grandes ocasiões, vista uniforme: causa boa impressão. Não se esqueça de suas medalhas. Na França zombam delas, mas continuam a usá-las.

— Ótimo, ótimo, ótimo! — exclamou o major, que marchava de fascinação a fascinação.

— E agora que o seu coração está fortalecido para as emoções muito intensas — disse Monte-Cristo —, prepare-se, meu caro senhor Cavalcanti, para reencontrar o seu filho Andrea.

E, fazendo uma encantadora saudação ao toscano maravilhado, em êxtase, Monte-Cristo desapareceu atrás da tapeçaria.

LVII. ANDREA CAVALCANTI O conde de Monte-Cristo entrou no salão vizinho, que Baptistin chamava de salão azul, onde já o esperava um jovem de ar decidido, vestido

com bastante elegância, que um cabriolé de aluguel deixara meia hora antes à porta do palácio.

Baptistin não tivera dificuldade em reconhecê-lo: era bem aquele jovem alto, de cabelos loiros e curtos, barba vermelha, olhos negros, tez dourada e pele deslumbrante de brancura que havia sido descrito pelo seu patrão.

Quando o conde entrou no salão, o jovem estava negligentemente estendido em um sofá, castigando distraidamente a sua bota com um pequeno chicote com castão de ouro.

Ao ver Monte-Cristo, ele logo se levantou.

— O senhor é o conde de Monte-Cristo? — perguntou o jovem.

— Sim, cavalheiro — respondeu o conde —, e imagino ter a honra de falar ao senhor visconde Andrea Cavalcanti...

— Visconde Andrea Cavalcanti... — repetiu o jovem, acompanhando as suas palavras de uma saudação cheia de desembaraço.

— Deve ter uma carta de recomendação a mim...? — perguntou Monte-Cristo.

— Não lhe falei dela por causa da assinatura, que me pareceu estranha...

— Simbad, o Marujo, não é?

— Exatamente. Ora, como nunca conheci nenhum Simbad, o Marujo, a não ser o das *Mil e uma noites*...

— Bem, é um descendente dele, amigo meu, muito rico, um inglês mais do que original, quase louco... Seu verdadeiro nome é lorde Wilmore.

— Ah, isso explica tudo! — exclamou Andrea. — Agora tudo está claro. É o mesmo inglês que conheci... em... sim, maravilha!... Senhor conde, estou às suas ordens.

— Se o que me dá a honra de dizer-me é verdade — respondeu o conde, sorrindo —, espero que tenha a bondade de dar-me alguns detalhes sobre o senhor e a sua família.

— Com prazer, senhor conde — respondeu o jovem com uma desenvoltura que provava a solidez de sua memória. — Como o

senhor disse, sou o visconde Andrea Cavalcanti, filho do major Bartolomeo Cavalcanti, descendente dos Cavalcanti inscritos no livro de ouro de Florença... A nossa família, embora ainda muito rica, pois o meu pai tem uma renda de meio milhão, passou por muitas dificuldades, e eu mesmo, cavalheiro, aos cinco ou seis anos, fui raptado por um preceptor infiel, de modo que há quinze anos não vejo o autor de meus dias. Desde que cheguei à idade da razão, desde que sou livre e senhor de mim, procuro-o, mas inutilmente. Enfim, a carta de seu amigo Simbad, o Marujo, contou-me que ele está em Paris, e autoriza-me a procurar o senhor para obter notícias dele.

— Na verdade, cavalheiro, tudo o que me conta é bastante interessante — disse o conde, observando com sombria satisfação aquela expressão tranquila, marcada por uma beleza semelhante à do anjo mau —, e fez muito bem em aceitar integralmente o convite de meu amigo Simbad, pois o seu pai de fato está aqui e o espera.

Desde que chegara ao salão, o conde não perdera de vista o jovem; admirara a segurança de seu olhar e a firmeza de sua voz; mas a essas palavras tão naturais — *o seu pai de fato está aqui e o espera* — o jovem Andrea deu um salto e exclamou: — O meu pai?! O meu pai está aqui?

— Claro — respondeu Monte-Cristo —, seu pai, o major Bartolomeo Cavalcanti.

A impressão de terror espalhada pelos traços do jovem logo desapareceu.

— Ah, sim, é verdade — disse o jovem —, o major Bartolomeo Cavalcanti... E o senhor disse, conde, que ele está aqui, esse querido pai?

— Sim, senhor. E posso acrescentar que o deixei há pouco; a história que ele me contou sobre o filho querido, outrora perdido, me tocou muito; na verdade, os seus sofrimentos, os seus temores, as suas esperanças a respeito dariam um poema comovente. Enfim um dia ele recebeu notícias anunciando que os raptadores de seu filho poderiam libertá-lo, ou dizer onde ele estava, mediante uma quantia bem grande.

“Mas nada deteve o bom pai; a quantia foi enviada à fronteira do Piemonte, com um passaporte visado para a Itália. O senhor estava no sul da França, não é?”

— Sim, senhor — respondeu Andrea com ar bastante embaraçado. — Sim, eu estava no sul da França.

— Uma carruagem devia esperá-lo em Nice?

— Exatamente, cavalheiro... Ela me conduziu de Nice a Gênova, de Gênova a Turim, de Turim a Chambéry, de Chambéry a Pont-de-Beauvoisin, de Pont-de-Beauvoisin a Paris.

— Maravilha! Ele ainda esperava encontrá-lo no caminho, pois seguia essa mesma rota... Por isso o seu itinerário foi traçado assim.

— Mas se esse querido pai tivesse me encontrado — disse Andrea —, duvido que ele viesse a me reconhecer... Mudei um bocado desde que o perdi de vista.

— Oh, a voz do sangue! — exclamou Monte-Cristo.

— Ah, sim, é verdade — replicou o jovem —, eu não tinha pensado na voz do sangue!

— Agora — continuou Monte-Cristo —, só uma coisa preocupa o marquês Cavalcanti: o que o senhor fez enquanto estava longe dele; de que maneira foi tratado pelos seus raptores; se tiveram pela sua origem todas as considerações que lhe eram devidas; enfim, se não lhe ficou, do sofrimento moral a que foi exposto, sofrimento cem vezes pior do que o sofrimento físico, alguma fragilização das faculdades com que a natureza tão generosamente o dotou; e se o senhor mesmo acredita poder retomar e sustentar dignamente na sociedade a posição que lhe é própria.

— Senhor — balbuciou o jovem, confuso —, espero que nenhum relato falso...

— Escute-me! Ouvi falar no senhor, pela primeira vez, por meu amigo Wilmore, o lorde filantropo. Soube que ele o encontrara em uma situação desagradável, ignoro qual, e não lhe fiz nenhuma pergunta: não sou curioso. As suas desgraças o interessaram, portanto o senhor era interessante. Ele me disse que queria devolver-lhe a posição que o senhor perdera na sociedade, que procuraria o seu pai e o encontraria; procurou-o e, ao que parece,

encontrou-o, pois ele está aqui; enfim, ontem ele me avisou de sua chegada, dando-me também algumas outras instruções relativas à sua fortuna; isso é tudo. Sei que o meu amigo Wilmore é um original, mas, ao mesmo tempo, como ele é um homem firme, rico como uma mina de ouro, e que pode, portanto, dar-se às suas originalidades sem que elas o arruinem, prometi seguir as suas instruções. Agora, cavalheiro, não se ofenda com a minha pergunta; como serei obrigado a ciceroneá-lo um pouco, eu queria saber se as desgraças que lhe aconteceram, desgraças alheias à sua vontade, e que não diminuem de maneira alguma a consideração que lhe tenho, não o tornaram um pouco estranho a essa sociedade na qual a sua fortuna e o seu nome o chamam a fazer tão boa figura.

— Cavalheiro — respondeu o jovem, recuperando o seu desembaraço à medida que o conde falava —, fique tranquilo a esse respeito: os raptos que me afastaram de meu pai, sem dúvida pretendendo mais tarde vender-me a ele, como de fato vieram a fazer, calcularam que, para tirar bom partido de mim, era preciso preservar todo o meu valor pessoal, e até mesmo aumentá-lo, se possível; então recebi uma boa educação: fui tratado pelos ladrões de crianças mais ou menos como o eram, na Ásia Menor, os escravos que seus amos transformavam em gramáticos, médicos e filósofos, para vendê-los mais caros no mercado de Roma.

Monte-Cristo sorriu com satisfação — ao que parece, não esperava tanto do senhor Andrea Cavalcanti.

— Aliás — continuou o jovem —, se houvesse em mim alguma falha de educação, ou melhor, de convivência social, suponho que teriam a indulgência de desculpá-la, em consideração às desgraças que acompanharam o meu nascimento e continuaram em minha juventude.

— Bem — disse displicentemente Monte-Cristo —, faça como quiser, visconde, pois é senhor de si mesmo e isso lhe diz respeito; mas em seu lugar, palavra de honra, eu não diria uma palavra sobre todas essas aventuras: a sua história é um romance, e a sociedade, que adora os romances contidos entre duas capas de papel amarelo, desconfia estranhamente dos romances que ela vê encadernados em pergaminho vivo, mesmo que sejam dourados,

como o senhor. Essa é a dificuldade que me permito sublinhar-lhe, senhor visconde; assim que contar a alguém a sua tocante história, ela correrá na sociedade completamente desfigurada. O senhor se verá obrigado a fingir ser Antony, e o tempo dos Antony já está um pouco ultrapassado.⁴⁵ Terá talvez um sucesso de curiosidade, mas nem todos gostam de ser o centro das atenções e o alvo dos comentários. Talvez isso venha a cansá-lo.

— Creio que tem razão, senhor conde — disse o jovem, empalidecendo sem querer ante o inflexível olhar de Monte-Cristo. — Isso é um grave inconveniente.

— Oh, também não é preciso exagerar — disse Monte-Cristo. — Para evitar um erro, não caíamos na loucura. Não, apenas precisamos estabelecer um plano de conduta; e, para um homem inteligente como o senhor, esse plano é tanto mais fácil de adotar quanto é adequado a seus interesses: será preciso combater, mediante testemunhos e amizades honradas, tudo o que o seu passado possa ter de obscuro.

Andrea perdeu visivelmente o desembaraço.

— Bem que eu me ofereceria como seu fiador e avalista — disse Monte-Cristo. — Mas tenho o hábito moral de desconfiar dos meus melhores amigos e sinto necessidade de levar os outros a também desconfiarem; assim, eu desempenharia um papel incompatível com a personalidade, como dizem no teatro, e me arriscaria a ser vaiado, o que não é necessário.

— Entretanto, senhor conde — disse Andrea com ousadia —, em consideração a lorde Wilmore, que me recomendou ao senhor...

— Sim, com certeza — continuou Monte-Cristo. — Mas lorde Wilmore não me deixou ignorar, caro Andrea, que o senhor teve uma juventude um pouco tempestuosa. Oh — exclamou o conde ao ver a reação de Andrea —, não lhe peço uma confissão... Aliás, foi para que o senhor não precise de ninguém que fizeram vir de Luca o marquês Cavalcanti, seu pai. Vai vê-lo: ele é um pouco teimoso, um pouco afetado; mas é uma questão de uniforme: quando souberem que há dezoito anos ele está a serviço da Áustria, tudo

será desculpado; geralmente não somos exigentes com os austríacos. Em suma, garanto-lhe, é um pai bastante aceitável.

— Ah, o senhor me tranquiliza; não o vejo há tanto tempo que já não tenho nenhuma lembrança dele.

— E depois, como sabe, uma grande fortuna leva a perdoar muitas coisas.

— Então o meu pai é realmente rico, senhor?

— Milionário... Quinhentos mil francos de renda.

— Então — perguntou o jovem, ansioso —, vou me ver em uma posição... agradável?

— Das mais agradáveis, meu caro senhor... Ele lhe dá cinquenta mil libras de renda por ano, durante todo o tempo que o senhor ficar em Paris.

— Nesse caso, vou ficar para sempre.

— Ah, meu caro senhor, mas quem pode adivinhar o futuro? O homem põe, Deus dispõe.

Andrea deu um suspiro.

— Mas afinal — disse o jovem —, durante todo o tempo que eu ficar em Paris, e... se no futuro nenhuma circunstância me obrigar a ir embora, esse dinheiro de que me falava há pouco me está assegurado?

— Oh, perfeitamente.

— Por meu pai? — perguntou Andrea, inquieto.

— Sim, mas garantido pelo lorde Wilmore, que a pedido de seu pai abriu para o senhor um crédito de cinco mil francos por mês no estabelecimento do senhor Danglars, um dos mais sólidos banqueiros de Paris.

— E o meu pai pretende ficar muito tempo em Paris? — perguntou Andrea, inquieto.

— Apenas alguns dias — respondeu Monte-Cristo. — O seu serviço não lhe permite ausentar-se por mais de duas ou três semanas.

— Oh, o querido pai! — exclamou Andrea, visivelmente encantado com a pronta partida do pai.

— Portanto — disse Monte-Cristo, fingindo enganar-se com o tom daquela frase —, portanto, não quero retardar nem por um

momento a hora de os senhores se encontrarem. Está preparado para abraçar aquele digno senhor Cavalcanti?

— O senhor não duvida disso, espero...

— Bem, então entre nesse salão, meu jovem amigo, e encontrará o seu pai a esperá-lo.

Andrea fez profunda saudação ao conde e entrou no outro salão.

O conde seguiu-o com os olhos e, ao vê-lo desaparecer, pressionou uma mola fixada em um quadro que, afastando-se da moldura, deixava ver, através de uma fenda habilmente dissimulada, o interior do outro salão.

Andrea fechou a porta atrás de si e caminhou até o major, que se ergueu assim que ouviu o barulho de passos a se aproximarem.

— Ah, senhor, meu querido pai — disse Andrea em voz alta, de maneira que Monte-Cristo o ouvisse através da porta fechada —, é o senhor mesmo?

— Bom dia, meu querido filho — disse gravemente o major.

— Depois de tantos anos de separação — disse Andrea, continuando a olhar na direção da porta —, que alegria revernos!

— De fato, a separação foi longa.

— Não vamos nos abraçar, senhor? — disse Andrea.

— Como quiser, meu filho — disse o major.

E os dois homens se abraçaram como os atores se abraçam no Teatro Francês, ou seja, passando a cabeça por cima do ombro.

— Então enfim estamos reunidos!

— Estamos reunidos! — exclamou o major.

— Para não mais nos separarmos?

— Claro... Imagino, meu querido filho, que agora você vê a França como uma segunda pátria?

— Fato é — disse o jovem — que eu ficaria desesperado se deixasse Paris.

— E eu, compreende?, não poderia viver fora de Luca. Portanto, voltarei à Itália assim que puder.

— Mas antes de partir, meu querido pai, com certeza me entregará os papéis que me ajudarão a provar a que família pertenço.

— Sem dúvida alguma, pois vim expressamente para isso, e tive muita dificuldade em encontrá-lo, a fim de entregar-lhe esses papéis, para que recomeçássemos a nos procurar... Isso tomaria o resto de minha vida.

— E os papéis?

— Estão aqui.

Andrea pegou avidamente a certidão de casamento do pai, a sua própria certidão de batismo e, depois de abrir os papéis com uma avidez muito natural a um bom filho, percorreu os dois documentos com uma rapidez e com uma habilidade que denotavam uma visão bem afiada e o mais vivo interesse.

Quando terminou, indefinível expressão de alegria brilhou em seu rosto e, olhando o major com estranho sorriso: — Mas então não há galés na Itália?... — perguntou, em excelente toscano.

O major endireitou-se.

— E por que a pergunta? — disse ele.

— Lá fabricam impunemente documentos como esses? Meu querido pai: na França, por metade disso, seriam condenados a passar cinco anos respirando o ar das galés de Toulon.

— Como é? — perguntou o toscano, tentando assumir um ar majestoso.

— Meu caro senhor Cavalcanti — disse Andrea, apertando o braço do major —, quanto lhe pagam para ser meu pai?

O major ensaiou responder.

— Ch! — disse Andrea, baixando a voz —, vou lhe dar o exemplo da confiança: pagam-me cinquenta mil francos por ano para ser seu filho; assim, deve compreender que jamais estarei disposto a negar que o senhor seja o meu pai.

O major olhou inquieto ao redor.

— Ei, fique tranquilo, estamos sozinhos — exclamou Andrea. — Aliás, estamos falando italiano.

— Pois bem, a mim — disse o toscano —, vão me dar cinquenta mil francos de uma só vez.

— Senhor Cavalcanti — disse Andrea —, o senhor acredita em contos de fada?

— Não, antigamente eu não acreditava, mas agora me vejo obrigado a acreditar.

— Então o senhor teve provas?

O major tirou da algibeira um punhado de ouro.

— Como vê, provas palpáveis.

— Então acha que eu posso acreditar nas promessas que me fizeram?

— Acho que sim.

— Acha que esse bravo conde cumprirá suas promessas?

— Ponto por ponto... Mas, compreende, para atingir esse objetivo, precisamos desempenhar o nosso papel.

— Como assim?...

— Eu, o papel de terno pai...

— E eu, o papel de filho respeitoso.

— Já que eles querem que descenda de mim...

— *Eles* quem?

— Ora, não sei nada, aqueles que lhe escreveram... Não recebeu uma carta?

— Recebi.

— De quem?

— De um certo abade Busoni.

— Que não conhece?

— Que nunca vi.

— O que lhe dizia a carta?

— Não vai me trair?

— Claro que não: os nossos interesses são os mesmos.

— Então, leia.

E o major passou uma carta ao jovem.

Andrea leu em voz baixa.

O senhor é pobre, espera-o uma velhice infeliz. Quer se tornar, se não rico, ao menos independente?

Parta para Paris agora mesmo e vá reclamar ao senhor conde de Monte-Cristo, na avenida dos Campos Elíseos, nº 30, o filho que teve com a marquesa de Corsinari, filho raptado quando tinha cinco anos.

Esse filho se chama Andrea Cavalcanti.

Para que não coloque em dúvida a intenção deste signatário de lhe ser útil, encontrará, anexos: 1^o Um bônus de duas mil e quatrocentas libras toscanas, pagáveis no estabelecimento do Sr. Gozzi, em Florença; 2^o Uma carta de apresentação ao senhor conde de Monte-Cristo, mediante a qual lhe credito uma soma de quarenta e oito mil francos.

Esteja na casa do conde no dia 26 de maio, às sete horas da noite.

Assinado: abade BUSONI.

— É isso.

— Como... é isso? Que quer dizer? — perguntou o major.

— Que recebi uma carta quase igual.

— O senhor?

— Sim, eu.

— Do abade Busoni?

— Não.

— De quem então?

— De um inglês, de um certo lorde Wilmore, que usa o nome de Simbad, o Marujo.

— E que o senhor não conhece, assim como eu não conheço o abade Busoni?

— Exato... Mas já estou mais adiantado do que o senhor.

— O senhor o viu?

— Sim, uma vez.

— Onde isso?

— Ah, é justamente isso que não posso lhe dizer... Ficaria sabendo tanto quanto eu: não é necessário.

— E essa carta lhe dizia...?

— Leia.

O senhor é pobre e terá um futuro miserável: quer ter um nome, ser livre, ser rico?

— Ora! — exclamou o jovem, balançando sobre os calcanhares.

— Como se fosse possível fazer essa pergunta!

Tome a diligência que encontrará atrelada ao sair de Nice pela porta de Gênova. Passe por Turim, Chambéry e Pont-de-Beauvoisin. Apresente-se na casa do senhor conde de Monte-Cristo, na avenida dos Campos Elíseos, no dia 26 de maio, às sete horas da noite, e pergunte pelo seu pai.

O senhor é filho do marquês Bartolomeo Cavalcanti e da marquesa Oliva Corsinari, como comprovarão os documentos que lhe serão entregues pelo marquês, e que lhe permitirão apresentar-se com esse nome na sociedade parisiense.

Quanto à sua posição social, uma renda de cinquenta mil libras por ano lhe permitirá mantê-la.

Anexos, um bônus de cinco mil libras, pagáveis no estabelecimento do Sr. Ferrea, banqueiro em Nice, e uma carta de apresentação ao conde de Monte-Cristo, encarregado por mim de prover às suas necessidades.

SIMBAD, O MARUJO.

— Hum — fez o major —, que beleza!

— Não é mesmo?

— Viu o conde?

— Agora mesmo.

— E ele confirmou?

— Tudo.

— Compreende alguma coisa disso tudo?

— Juro que não.

— Há um otário nessa história...

— Em todo caso, o otário não é você, nem eu...

— Não, claro que não.

— Bem, e então?...

— Pouco nos importa, não é?

— Exatamente, é o que eu queria dizer... Vamos até o fim e joguemos juntos.

— Certo... Verá que sou digno de ser o seu parceiro.

— Não duvidei disso nem por um instante, meu querido pai...

— Você me honra, meu querido filho.

Monte-Cristo escolheu esse momento para entrar no salão. Ao ouvirem o rumor de seus passos, os dois homens lançaram-se aos braços um do outro; o conde encontrou-os abraçados.

— Bem, marquês — disse Monte-Cristo —, parece que o senhor encontrou um filho de acordo com o seu coração...?

— Ah, senhor conde, estou sufocando de alegria.

— E o senhor, meu jovem?

— Ah, senhor conde, estou explodindo de felicidade.

— Feliz pai! Feliz filho! — exclamou o conde.

— Só uma coisa me entristece — disse o major —: a necessidade de ter de deixar Paris tão brevemente.

— Oh, meu caro senhor Cavalcanti — disse Monte-Cristo —, espero que não parta antes que lhe apresente alguns amigos.

— Estou às ordens do senhor conde — disse o major.

— Agora, vamos, meu jovem: confesse.

— A quem?

— Mas ao senhor seu pai... Diga-lhe algumas palavras sobre o estado de suas finanças.

— Ah, diabo — exclamou Andrea —, o senhor tocou a corda sensível.

— Ouviu, major? — perguntou Monte-Cristo.

— Mas claro que ouvi.

— Sim, mas compreendeu?

— Perfeitamente.

— O querido filho disse que precisa de dinheiro...

— Que quer que eu faça?

— Que lhe dê dinheiro, ora!

— Eu?

— Sim, o senhor!

Monte-Cristo passou entre os dois homens.

— Pegue! — disse ele a Andrea, colocando um maço de notas bancárias em sua mão.

— O que é isso?

— A resposta de seu pai.

— De meu pai?

— Sim. Não acaba de dar a entender que precisa de dinheiro?

— Sim, e então?

— Então, ele me encarregou de lhe dar isso.

— Por conta de minha renda?

— Não, para as suas despesas de instalação.

— Oh, querido pai!

— Silêncio — disse Monte-Cristo —, bem vê que ele não quer que eu conte que isso vem dele.

— Aprecio essa delicadeza — disse Andrea, enfiando as notas na algibeira da calça.

— Está bem — disse Monte-Cristo —, agora vão!

— E quando teremos a honra de rever o senhor conde? — perguntou Cavalcanti.

— Ah, sim — perguntou Andrea —, quando teremos essa honra?

— Sábado, se quiserem... sim... ora... sábado. Ofereço um jantar em minha casa de Auteuil, na rua de La Fontaine, nº 28, a diversas pessoas, entre elas o senhor Danglars, seu banqueiro... Vou apresentá-los a ele: é preciso que ele os conheça para contar-lhes o seu dinheiro.

— Traje a rigor? — perguntou o major a meia-voz.

— Traje a rigor: uniforme, medalhas, calção.

— E eu? — perguntou Andrea.

— Oh, o senhor, muito simples: calça negra, botas envernizadas, colete branco, casaca negra ou azul, gravata comprida... Escolha Blin, ou Véronique, para vesti-lo. Se não souber os seus endereços, Baptistin os dará. Quanto menos afetar pretensão em seus trajes, sendo rico como é, melhor efeito causará. Se comprar cavalos, compre-os de Devedeux; se comprar um carro, vá ao Baptiste.

— A que horas devemos nos apresentar? — perguntou o jovem.

— Mas por volta das seis e meia.

— Muito bem, estaremos lá — disse o major, levando a mão ao chapéu.

Os dois Cavalcanti saudaram o conde e saíram.

O conde aproximou-se da janela e viu-os atravessarem o pátio de braços dados.

— Na verdade — murmurou ele —, ambos são dois grandes miseráveis! Que desgraça não serem realmente pai e filho!

A seguir, depois de um instante de sombria reflexão: — Vamos à casa dos Morrel! — disse ele. — Acho que o asco me enjoa mais do que o ódio.

LVIII. O POMAR DE ALFAFA É preciso que nossos leitores nos permitam levá-los de volta àquele pomar vizinho à casa do senhor de Villefort e, atrás da grade invadida por

castanheiras, encontraremos personagens que já conhecemos.

Desta vez, Maximilien chegou primeiro. É ele que cola o olho à cerca e espreita no vasto jardim uma sombra entre as árvores e o ruído de botinhas de seda sobre a areia das alamedas.

Enfim, o rangido tão desejado foi ouvido e, em vez de uma sombra, foram duas sombras que se aproximaram. O atraso de Valentine fora provocado por uma visita da senhora Danglars e da senhorita Eugénie Danglars — visita que se prolongara além da hora em que Valentine era esperada. Então, para não faltar a seu encontro, a jovem propusera à senhorita Eugénie um passeio ao jardim, pretendendo mostrar a Maximilien que não era culpada pelo atraso com o qual certamente ele sofria.

O jovem compreendeu tudo com aquela rapidez da intuição própria dos apaixonados e o seu coração sentiu-se aliviado. Aliás, sem chegar ao alcance da voz, Valentine dirigiu o passeio de maneira que Maximilien pudesse vê-la passar e voltar — a cada vez que ela passava e voltava, um olhar furtivo de sua namorada lançado ao outro lado da cerca chegava ao jovem, dizendo-lhe: “Tenha paciência, meu amigo: como pode ver, a culpa não é minha...”

E Maximilien, de fato, tinha paciência enquanto admirava o contraste entre as duas jovens: entre a loira de olhos lânguidos, corpo inclinado como um belo salgueiro, e a morena de olhos altivos, corpo ereto como um álamo; afinal, nem é preciso dizer que, nessa comparação entre duas naturezas tão opostas, toda vantagem no coração do jovem ia para Valentine.

Depois de meia hora de passeio, as duas jovens se afastaram: Maximilien compreendeu que a visita da senhora Danglars chegara ao fim.

De fato, instantes depois, Valentine voltou sozinha. Temendo que algum olhar indiscreto seguisse o seu retorno, ela vinha lentamente — em vez de dirigir-se diretamente à cerca, foi sentar-se em um

banco, depois de, sem afetação, interrogar cada tufo de folhagem e mergulhar seu olhar no fundo de todas as alamedas.

Depois dessas precauções, ela correu à cerca.

— Bom dia, Valentine — disse uma voz.

— Bom dia, Maximilien... Eu o fiz esperar, mas você viu o motivo?

— Sim, eu reconheci a senhorita Eugénie Danglars... Eu não a imaginava tão ligada a essa jovem.

— Quem lhe disse que nós éramos ligadas, Maximilien?

— Ninguém... mas isso me pareceu evidente pelo modo de vocês andarem de braços dados, pelo modo de vocês conversarem: pareciam duas colegas de internato trocando confidências.

— Nós trocamos confidências, realmente — disse Valentine. — Ela me confessou a sua repugnância a um casamento com o senhor de Morcerf... De minha parte, confessei-lhe que via como uma desgraça o casamento com o senhor d'Épinay.

— Querida Valentine!

— É por isso, meu amigo — continuou a jovem —, que você enxergou essa aparente intimidade entre mim e Eugénie... É porque, enquanto falava do homem que não posso amar, eu pensava no homem que amo.

— Como você é boa em todos os sentidos, Valentine, e tem em si algo que a senhorita Eugénie Danglars nunca terá: o encanto indefinido que é para a mulher o que o perfume é para a flor, o que o sabor é para o fruto; porque não basta para uma flor ser bela, não basta para um fruto ser belo.

— É o seu amor que o leva a ver as coisas assim, Maximilien!⁴⁶

— Não, Valentine, juro que não... Veja, eu olhava vocês duas agora mesmo e, palavra de honra, mesmo fazendo justiça à beleza da senhorita Danglars, eu não conseguia compreender como um homem poderia se apaixonar por ela.

— É que, como você dizia, Maximilien, eu estava ali, e a minha presença o tornava injusto.

— Não... mas... diga-me... uma questão de simples curiosidade, que emana de certas ideias que fiz sobre a senhorita Danglars.

— Oh, ideias bem injustas, embora eu não saiba exatamente quais são. Quando vocês nos julgam, a nós, pobres mulheres, não devemos esperar indulgência.

— Ora, como se, entre elas, as mulheres fossem muito justas, umas com as outras!

— Porque, quase sempre, há paixão em nossos julgamentos... Mas voltemos à sua pergunta.

— É porque ama alguém que a senhorita Danglars receia casar-se com o senhor de Morcerf?

— Maximilien, eu já lhe disse que não era amiga de Eugénie.

— Ah, meu Deus — exclamou Morrel —, mesmo quando não são amigas, as jovens sempre trocam confidências... Confesse que lhe fez algumas perguntas a respeito... Ah, você já está rindo.

— Sendo assim, Maximilien, não vale a pena termos esta cerca de tábuas entre nós.

— Ora, vamos, o que ela lhe disse?

— Ela me disse que não amava ninguém — disse Valentine. — Que tinha horror ao casamento. Que a sua maior alegria seria levar uma vida livre e independente, e que quase queria que seu pai perdesse toda a fortuna para que ela pudesse se tornar artista, como a sua amiga, a senhorita Louise d'Armilly.

— Ah, está vendo?

— Bem, o que isso prova? — perguntou Valentine.

— Nada — respondeu Maximilien, rindo.

— Então, por que está rindo? — perguntou Valentine.

— Ah — respondeu Maximilien —, você também está rindo, Valentine.

— Quer que eu vá embora?

— Oh, não, não! Mas falemos de você.

— Ah, sim, é verdade: só temos dez minutos para ficarmos juntos.

— Meu Deus! — exclamou Maximilien, aflito.

— Sim, Maximilien, você tem razão — disse Valentine, triste —, você tem em mim uma pobre amiga. Que vida o faço levar, pobre Maximilien, você que era feito para ser feliz! Isso me leva a censurar-me amargamente, acredite.

— Bem, que lhe importa, Valentine, se assim sou feliz? Se esta eterna espera me parece compensada por cinco minutos a seu lado, por duas palavras de sua boca, pela convicção profunda, infinita, de que Deus não criou dois corações tão em harmonia como os nossos, e não os reuniu milagrosamente, para depois separá-los.

— Bem, obrigada, espere por nós dois, Maximilien... Isso já me deixa um pouco feliz.

— O que há com você, Valentine, para me deixar sozinho tão depressa?

— Não sei bem... A senhora de Villefort me pediu que passasse em seu quarto para uma conversa da qual depende parte de minha fortuna, ao que ela mandou me dizer. Ah, meu Deus, que eles tomem a minha fortuna, sou muito rica, e depois de me tomarem a fortuna deixem-me em paz, livre... Você me amaria mesmo se eu fosse pobre, não é verdade, Morrel?

— Oh, sempre a amarei... Que me importa a riqueza ou a pobreza, se a minha Valentine estiver perto de mim e eu tiver certeza de que ninguém poderá nos separar! Mas essa conversa, Valentine, você não receia que seja alguma novidade sobre o seu casamento?

— Acho que não.

— Mas escute-me, Valentine, e não tenha medo: enquanto viver, eu não serei de outra.

— Imagina que me tranquiliza dizendo isso, Maximilien?

— Desculpe, tem razão, fui brutal! Ah, bem, eu queria lhe dizer que outro dia encontrei o senhor de Morcerf.

— E então?

— O senhor Franz é amigo dele, como você sabe.

— Sim... E então?

— Então, ele recebeu uma carta de Franz contando que logo vai voltar.

Valentine empalideceu e apoiou sua mão na cerca.

— Ah, meu Deus — exclamou ela —, se for isso! Mas não, essa notícia não viria da senhora de Villefort.

— Por que não?

— Porque... não sei... mas me parece que a senhora de Villefort, mesmo não se opondo francamente, não é simpática a esse casamento.

— Bem, Valentine, então me parece que vou adorar a senhora de Villefort...

— Oh, não se precipite, Maximilien — disse Valentine, com triste sorriso.

— Afinal, se ela é contrária a esse casamento, para evitá-lo ela não daria ouvidos a alguma outra proposta?

— Não acredite nisso, Maximilien... Não é o marido que a senhora de Villefort quer evitar: é o casamento.

— Como? O casamento? Se ela detesta tanto o casamento, por que se casou?

— Você não entendeu, Maximilien... Quando há um ano lhe falei em retirar-me para um convento, apesar das censuras que ela julgou dever me fazer, recebeu a minha decisão com alegria... Até o meu pai concordou, convencido por ela, tenho certeza... Só o meu pobre avô me deteve. Você não pode imaginar, Maximilien, que expressão há nos olhos desse pobre velho, que só ama a mim neste mundo, e que... Deus me perdoe se for uma blasfêmia... e que neste mundo só é amado por mim. Se você soubesse, quando ele soube de minha decisão, como me olhou, o que havia de desaprovação em seu olhar, de desespero em suas lágrimas a rolar sem queixas, sem suspiros, pelo seu rosto imóvel! Ah, Maximilien, senti algo semelhante ao remorso... Lancei-me a seus pés, gritando: “Perdão, vovô, perdão! Farão de mim o que quiserem, mas nunca o deixarei”. Então ele ergueu os olhos para o céu! Maximilien, posso sofrer muito... mas aquele olhar de meu velho avô compensou-me antecipadamente por tudo o que vou sofrer.

— Querida Valentine!... Você é um anjo, e realmente não sei como mereci, enfrentando beduínos à direita e à esquerda, a não ser que Deus os tenha considerado infiéis... Não sei como mereci que você se revelasse a mim. Mas enfim, Valentine, conte-me: qual é o interesse da senhora de Villefort em você não se casar?

— Não ouviu, agora mesmo, eu lhe dizer que era rica, Maximilien, muito rica? Da parte de minha mãe, tenho cerca de

cinquenta mil libras de renda; o meu avô e a minha avó, o marquês e a marquesa de Saint-Méran, devem me deixar outros cinquenta mil; o meu avô, o senhor Noirtier, tem a visível intenção de me tornar a sua única herdeira. Assim, comparado comigo, meu meio-irmão Édouard, que não espera nenhuma fortuna da parte da senhora de Villefort, é pobre. Ora, a senhora de Villefort ama esse filho com adoração, e, se eu entrasse para o convento, toda a minha fortuna, concentrada em meu pai, que herdaria do marquês, da marquesa e de mim, iria para o seu filho.

— Oh, como é estranha essa cobiça em uma mulher jovem e bela!

— Note que não é por ela, Maximilien, mas por seu filho, e o que você lhe reprova como um defeito, do ponto de vista do amor materno, é quase uma virtude.

— Mas vamos supor, Valentine — disse Morrel —, que você doasse parte de sua fortuna a seu irmão...

— E como fazer tal proposta — disse Valentine —, principalmente a uma mulher que sempre tem na boca a palavra *desinteresse*?

— Valentine, o meu amor sempre me foi sagrado, e, como todas as coisas sagradas, eu o cobri com o véu do meu respeito e o encerrei em meu coração; ninguém na terra, nem mesmo a minha irmã, desconfia desse amor, que não confiei a ninguém neste mundo. Mas, Valentine, você me permite falar desse amor a um amigo?

Valentine estremeceu.

— A um amigo? — exclamou ela. — Oh, meu Deus, Maximilien, estremeço só de ouvi-lo falar assim! A um amigo!... E quem é esse amigo?

— Escute, Valentine: já sentiu por alguém uma dessas simpatias irresistíveis que fazem com que, mesmo vendo uma pessoa pela primeira vez, você imagina conhecê-la há muito tempo, perguntando-se onde e quando a viu, de tal modo que, não conseguindo se lembrar do lugar, nem da época, você chega à conclusão de que a conheceu em um mundo anterior ao nosso, e que essa simpatia é apenas uma lembrança a despertar?

— Sim.

— Bem, foi isso o que senti ao ver esse homem extraordinário pela primeira vez.

— Homem extraordinário?

— Sim.

— Que você conhece, portanto, há muito tempo?

— Há apenas oito ou dez dias.

— E você chama de amigo um homem que só conhece há uma semana? Oh, Maximilien, eu o imaginava mais econômico no emprego dessa bela palavra *amigo*.

— Você tem razão logicamente, Valentine... Mas, diga o que disser, nada me fará voltar atrás neste sentimento instintivo. Acredito que esse homem estará presente em tudo o que me acontecer de bom no futuro, que às vezes o seu olhar profundo parece já conhecer e a sua mão poderosa dirigir.

— É, portanto, um adivinho? — disse Valentine, rindo.

— Palavra — disse Maximilien —, às vezes, sinto-me tentado a acreditar que ele adivinha... principalmente o bem.

— Oh — exclamou Valentine, com tristeza —, apresente-me a esse homem, Maximilien: quero que ele me diga se serei bastante amada para compensar tudo o que sofri.

— Pobre amiga!... Mas você já o conhece!

— Eu?

— Sim. Foi ele quem salvou a vida de sua madrasta e do filho dela.

— O conde de Monte-Cristo?

— Ele mesmo.

— Oh — exclamou Valentine —, ele jamais poderia ser meu amigo: ele é muito amigo de minha madrasta.

— O conde, amigo de sua madrasta, Valentine? O meu instinto não me iludiria tanto... Tenho certeza de que você está enganada.

— Oh, se você soubesse, Maximilien! Mas já não é mais Édouard quem reina na casa, é o conde: estimadíssimo pela senhora de Villefort, que vê nele o sumo dos conhecimentos humanos... Admirado, ouça bem, admirado por meu pai, que diz nunca ter ouvido formularem com tanta eloquência ideias tão

elevadas... Idolatrado por Édouard, que, apesar de seu medo dos grandes olhos negros do conde, corre para ele assim que o vê chegar e lhe abre a mão, onde sempre encontra algum brinquedo admirável... Quando o senhor de Monte-Cristo está aqui, ele não está na casa de meu pai, nem na casa da senhora de Villefort: ele está em sua própria casa.

— Bem, querida Valentine, se as coisas são assim como você diz, você já deve sentir, ou logo vai sentir, os efeitos da presença do conde. Se ele encontra Albert de Morcerf na Itália, é para tirá-lo das mãos dos bandidos... Se ele vê a senhora Danglars, é para dar-lhe um presente de rei... Se a sua madrasta e o seu irmão passam diante de sua porta, é para que seu núbio lhes salve a vida... Evidentemente, esse homem tem o poder de influir nos acontecimentos. Nunca vi gostos mais simples aliados a mais alta magnificência. O seu sorriso é tão doce, quando ele sorri para mim, que até me esqueço de como os outros acham o seu sorriso amargo. Oh, diga-me, Valentine, ele já lhe sorriu assim? Se lhe sorriu, você será feliz.

— A mim? — exclamou a jovem. — Oh, meu Deus, Maximilien, ele mal me olha... Ou melhor: se por acaso passo, ele desvia os olhos de mim. Oh, vamos, ele não é generoso, ou não tem aquele olhar profundo que lê no fundo dos corações, o que você erroneamente lhe atribui... Se ele fosse generoso, vendo-me triste, só, no meio dessa casa, ele me protegeria com essa influência que ele exerce... E já que ele desempenha, segundo você, o papel de sol, teria aquecido o meu coração com um de seus raios. Você disse que ele o estima, Maximilien... Ah, meu Deus, o que você sabe? Os homens sorriem a um alto oficial de um metro e oitenta e três centímetros, como você, com longo bigode e sabre comprido, mas imaginam poder esmagar sem receio uma pobre garota que chora.

— Oh, Valentine! Você está enganada, juro!

— Se não fosse assim, Maximilien, se ele me tratasse diplomaticamente, ou seja, como homem que, de uma maneira ou de outra, quer tomar conta da casa, ele teria, ao menos uma vez, me honrado com esse sorriso que você tanto vangloria... Mas não, ele me viu infeliz, ele sabe que em nada posso lhe ser útil, e nem

me dá atenção. Quem sabe até mesmo se, para cortejar o meu pai, a senhora de Villefort ou o meu irmão, ele não me prejudicará tanto quanto puder! Ora, vamos, francamente, não sou uma mulher que deva ser desprezada assim sem motivo... como você me disse. Ah, desculpe-me — continuou a jovem ao ver a impressão que as suas palavras provocavam em Maximilien —, eu sou má, eu lhe disse sobre esse homem coisas que nem imaginava ter no coração. Olhe: não nego que exista essa influência de que você me falou, até mesmo sobre mim... Mas, se ele exerce essa influência, como vê, é de maneira prejudicial e corruptora dos bons pensamentos.

— Está bem, Valentine — disse Morrel, suspirando —, não falemos mais nisso... Eu nada direi a ele.

— Ai, meu amigo — exclamou Valentine —, vejo que o estou atormentando. Oh, e nem posso apertar-lhe a mão para pedir-lhe perdão! Mas afinal só lhe peço que me convença... Diga-me: o que esse conde de Monte-Cristo fez por você?

— Confesso que você me embaraça muito, Valentine, perguntando-me o que o conde fez por mim: sim, sei bem, nada de mais. Assim, como já lhe disse, a minha afeição por ele é toda instintiva e não tem nada de racional. O sol fez algo por mim? Não; ele me aquece, à sua luz vejo você, nada mais. Este ou aquele perfume fez algo por mim? Não; o seu aroma dá prazer a um de meus sentidos. Não tenho nada a acrescentar quando me perguntam por que vanglorio esse perfume; a minha amizade por ele é tão estranha quanto a sua por mim. Uma voz secreta me adverte que há mais do que acaso nessa amizade inesperada e recíproca. Descubro correlação até entre os seus mais simples atos, os seus mais secretos pensamentos, e os meus atos, os meus pensamentos. Você vai rir de mim mais uma vez, Valentine, mas, desde que conheço esse homem, tenho a ideia absurda de que tudo o que me acontece de bom emana dele. Todavia, vivi trinta anos sem precisar desse protetor, não é verdade? Não importa, vou dar-lhe um exemplo: ele me convidou para jantar no sábado, o que é natural no ponto em que estamos, não é mesmo? Muito bem, o que eu soube depois? Que seu pai foi convidado para esse jantar, que sua madrastra estará presente. Vou me encontrar com eles, e quem

sabe o que resultará desse encontro no futuro? São circunstâncias aparentemente muito simples. Entretanto vejo nelas alguma coisa surpreendente; deposito nelas uma confiança estranha. Digo a mim mesmo que o conde, esse homem singular que adivinha tudo, quis que eu me encontrasse com o senhor e a senhora de Villefort, e às vezes, juro, tento ler em seus olhos se ele adivinhou o meu amor.

— Meu bom amigo — disse Valentine —, eu o tomaria por um visionário, sinceramente temeria pelo seu bom senso, se só ouvisse de sua boca raciocínios como esses. Ora, vê algo mais além de acaso nesse encontro? Ora, vamos, reflita. O meu pai, que nunca sai, esteve dez vezes prestes a recusar esse convite à senhora de Villefort, que, pelo contrário, arde de vontade de ver a casa desse nababo extraordinário e com muito esforço conseguiu que ele a acompanhasse. Não, não, acredite: além de você, Maximilien, não tenho ninguém a quem recorrer neste mundo, a não ser ao meu avô, um cadáver, nem outro apoio a não ser o de minha pobre mãe, uma sombra!

— Sinto que você tem razão, Valentine, sinto que a lógica está a seu favor — disse Maximilien. — Mas a sua voz tão doce, que sempre tem tanto poder sobre mim, hoje não me convence...

— Nem a sua, tampouco — disse Valentine —, e confesso que, se não tem outro exemplo a me dar...

— Tenho um — disse Maximilien, hesitando. — Mas, na verdade, Valentine, sou obrigado a confessar que ele é até mais absurdo do que o primeiro exemplo.

— Tanto pior — disse Valentine, rindo.

— Entretanto — continuou Morrel —, ele não é menos concludente para mim, homem totalmente cheio de inspiração e de sentimento, e que algumas vezes, nesses dez anos servindo o exército, ficou devendo a vida a uma dessas iluminações interiores que nos ditam um movimento para a frente ou para trás, para que a bala que iria nos matar passe ao nosso lado.

— Querido Maximilien, por que não atribuir o desvio das balas às minhas orações? Quando você está no exército, já não é mais por mim que rezo a Deus e à minha mãe: é por você.

— Sim, desde que a conheço — disse Morrel, rindo. — Mas e antes que eu a conhecesse, Valentine?

— Bem, já que não quer me dever nada, malvado, voltemos a esse exemplo que você mesmo confessa ser absurdo.

— Bem, olhe pelas frestas entre as tábuas e veja ali adiante, naquela árvore, o novo cavalo que me trouxe...

— Oh, que animal admirável! — exclamou Valentine. — Por que não o trouxe para perto da cerca? Então eu lhe falaria e ele me ouviria.

— De fato, como vê, é um animal de grande valor — disse Maximilien. — Bem, você sabe que a minha fortuna é limitada, Valentine, e que sou o que se chama de um homem sensato. Bem, eu tinha visto num mercador de cavalos aquele magnífico *Medea*, é assim que o chamo. Perguntei qual era o preço: disseram que custava quatro mil e quinhentos francos; como você bem pode entender, tive que deixar de achá-lo belo e fui embora, confesso, de coração partido, porque o cavalo tinha me olhado com carinho, tinha me afagado com o focinho, tinha rodopiado ao meu redor da maneira mais galante e encantadora. Na mesma noite, recebi alguns amigos em casa... O senhor de Château-Renaud, o senhor Debray, meia dúzia de outros maus sujeitos que você tem a sorte de não conhecer nem mesmo de nome... Sugeriram uma partida de *chaleira*; nunca jogo: não sou tão rico para poder perder, nem tão pobre para querer ganhar. Mas eu estava em minha casa, compreende, não tinha outra coisa a fazer a não ser mandar buscarem o baralho, foi o que fiz.

“Quando sentávamos à mesa, chegou o senhor de Monte-Cristo. Ele tomou o seu lugar, jogamos, eu ganhei... Mal ousou lhe confessar, Valentine: ganhei cinco mil francos... Nós nos despedimos à meia-noite. Não consegui me conter: peguei um cabriolé e mandei me levarem ao mercador de cavalos. Palpitante, febril, toquei a campainha: quem veio abrir deve ter me achado louco. Assim que abriram a porta, corri para dentro. Entrei nas cocheiras e olhei a manjedoura. Oh, que felicidade! *Medea* estava mascando o seu feno. Corro a uma sela; eu mesmo a coloco no dorso, ponho o freio, *Medea* se entrega com toda a graça do mundo

a essa operação!... Então, depositando os quatro mil e quinhentos francos nas mãos do mercador estupefato, volto, ou melhor, passo a noite passeando nos Campos Elíseos... Bem, vi luz na janela do conde: acho que vi a sua sombra atrás das cortinas. Agora, Valentine, eu juraria que o conde soube que eu desejava esse cavalo e perdeu de propósito para me deixar ganhar.”

— Meu querido Maximilien — disse Valentine —, na verdade, você tem muita imaginação... Você não vai me amar por muito tempo... Um homem que faz poesia assim desse jeito não poderia morrer de prazer entregando-se a uma paixão monótona como a nossa... Mas, meu Deus, está ouvindo? Estão me chamando...

— Oh, Valentine — exclamou Maximilien pela fresta da cerca —, dê-me o seu dedo mínimo, deixe-me beijá-lo.

— Maximilien, tínhamos prometido sermos um para o outro duas vezes, duas sombras!

— Como quiser, Valentine.

— Ficaré feliz se eu fizer o que você deseja?

— Oh, sim!

Valentine subiu em um banco e passou não o dedo mindinho através da fresta, mas sim a mão inteira por cima da cerca.

Maximilien deu um grito e, também pulando à cerca, agarrou aquela mão adorada e nela aplicou os seus lábios ardentes; mas logo a pequena mão deslizou entre as suas e o jovem ouviu Valentine fugir, talvez assustada com a sensação que acabara de experimentar!

¹ Gênesis 25: 29–34. (N.T.) ² Emmanuel Raymond, personagem presente nos capítulos [XXIX](#) (“A Casa Morrel”) e [XXX](#) (“O Cinco de Setembro”). (N.T.) ³ Victor Hugo, *Nossa Senhora de Paris* (ou *O corcunda de Notre-Dame*), romance de 1831. (N.T.) ⁴ “Les plus courtes folies sont toujours les meilleures.” Marguerite de Navarre (1492–1549), *Heptaméron*, III: XXI (1559). (N.T.) ⁵ Zoroastro (Zaratustra, c. 628–551 a.C., Pérsia — atual Irã), *Avesta* (o livro sagrado do zoroastrismo). (N.T.) ⁶ François Boucher (Paris, 1703–1770), pintor, desenhista, decorador e gravador. (N.T.) ⁷ Governo revolucionário de cinco membros, em 1795–1799. (N.T.) ⁸ Estátua de Fídias (c. 490–430 a.C.), o principal escultor de Atenas, considerada uma das maravilhas do mundo antigo. (N.T.) ⁹ Alusão à obra-prima de Jean-Jacques Rousseau (28/6/1712, Genebra – 2/7/1778, Ermenonville) *Emílio, ou da Educação* (1762), romance pedagógico. (N.T.) ¹⁰ Achille III de Harlay (1639–1712), conde de Beaumont, senhor de Grosbois, primeiro presidente em 1689–1701. — Louis Mathieu, conde de Molé (1781–1855), ministro em 1813–1814, 1817–1818, 1830, 1836–1839. (N.T.) ¹¹ “Castigo manco.” Horácio, *Odes*, III: 2. (N.T.) ¹² No Antigo Testamento, Tobias, 11s. (N.T.) ¹³ Alusão ao Novo Testamento: Mateus, 4. (N.T.) ¹⁴ “Não duas vezes pelo mesmo motivo”, ou, juridicamente, “O julgamento não pode ser repetido”, em latim. (N.T.) ¹⁵ Alusão ao Velho Testamento: Isaías, 29. (N.T.) ¹⁶ Como Ariel, Caliban é personagem de Shakespeare, *A tempestade* (1611). (N.T.) ¹⁷ Píndaro (c. 518 a.C., Tebas – 438 a.C., Argos), “o maior poeta lírico da Grécia antiga”, autor de *Odes*. (N.T.) ¹⁸ No final do capítulo [XXIX](#) (“A Casa Morrel”). (N.T.) ¹⁹ Píramo e Tisbe são dois jovens separados por um muro, na lenda narrada pelo poeta romano Ovídio (43 a.C.–17 d.C.), nas *Metamorfoses*. (N.T.) ²⁰ Um arpenze: 2.500 metros quadrados. — “Essa entrada grandiosa” pode ser interpretada de várias formas. (N.T.) ²¹ Pintores renascentistas. Perugino, pseudônimo de Pietro di Cristoforo Vannucci (Peruggia, c. 1450–1523), era professor de Rafael (Raffaello Sanzio, 1483, Urbino – 1520, Roma), o autor de *Escola de Atenas* (1508–1511), pintura em que exprime “o ideal neoplatônico de grandeza humana”. (N.T.) ²² Molière, *O doente imaginário* (1673). — Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais, o autor de *O barbeiro de Sevilha* (1776) e *As bodas de Figaro* (1784). (N.T.) ²³ *Mitrídates, Rei do Ponto*, em latim. (Ver nota seguinte.) — O aturdido é também o nome de uma comédia (1653) de Molière. (N.T.) ²⁴ O historiador romano Cornelius Nepus (c. 100 a.C.–25 a.C.), autor de *Sobre homens ilustres* (*De viris illustribus*) — mas “Mitrídates, o Rei do Ponto”, encontra-se em um livro escolar homônimo (1775) do abade Charles-François Lhomond (1727–1794), anota Claude Schopp. (N.T.) ²⁵ *Brucea ferruginea*. (Nota do Autor.) ²⁶ Nicolas Flamel (c. 1330, Pontoise – 22/3/1418, Paris), legendário alquimista medieval. — Félix Fontana (1730–1805), fisiologista italiano. — Pierre-Jean-Georges Cabanis (5/6/1757, Cosnac – 5/5/1808, Rueil-Malmaison), filósofo, médico e fisiologista (ver capítulo [XVII](#)). (N.T.) ²⁷ Antoine Galland (1646, Rollot – 1715, Paris) traduziu e adaptou *As mil e uma noites* em 1704–1717. —

Harum-al-Raschid e Giaffar são personagens de *As mil e uma noites*. (N.T.) ²⁸ Envenenador executado em 1777. (N.T.) ²⁹ Atribuído a Rousseau por Balzac em *O pai Goriot* (1834). (N.T.) ³⁰ “Carrasco”, em latim. (N.T.) ³¹ William Shakespeare, *Ricardo Terceiro* (1592). (N.T.) ³² Shakespeare, *Macbeth* (1605). (N.T.) ³³ Giacomo Meyerbeer (1791, Tasdorf – 1864, Paris), *Robert le Diable*, ópera de 1831. (N.T.) ³⁴ Ao banhar-se no rio, a deusa grega Diana, a caçadora, foi surpreendida nua pelo caçador Acteão e transformou-o em um cervo. (N.T.) ³⁵ Acontecimentos de junho de 1838. (N.T.) ³⁶ Conde Alessandro Cagliostro (pseudônimo de Giuseppe Balsamo, 1743–1795), mágico, charlatão e alquimista italiano. (N.T.) ³⁷ “Grigóri Potiómkin (1739–1791), marechal de campo russo, um dos favoritos da imperatriz Catarina II, a Grande”, informa Oleg Almeida. (N.T.) ³⁸ Diógenes (c. 413 a.C., Sinope – 320 a.C., Corinto), filósofo estoico grego, autor de *A república*. (N.T.) ³⁹ Na mitologia grega, Medusa é um monstro alado: o seu olhar petrificava quem a mirasse. (N.T.) ⁴⁰ Nicolas Poussin (1594, Villers – 1665, Roma), pintor e desenhista barroco francês. (N.T.) ⁴¹ “Dinheiro e santidade Metade da metade.” (Nota do autor.)

⁴² O personagem menciona quatro jogos de cartas: écarté, bouillotte, whist, boston. (N.T.) ⁴³ “Por Baco”, em italiano. Na mitologia romana, Baco é o deus do vinho e da alegria. Na mitologia grega, seu nome é Dionísio. (N.T.) ⁴⁴ “Oh, que pena”, em italiano. (N.T.) ⁴⁵ Alexandre Dumas, *Antony* (drama de 1831). (N.T.) ⁴⁶ A personagem provavelmente leu Stendhal, *Do amor* (1822), capítulos 2–12 (sobre a cristalização). (N.T.)

PARTIE

IV

LIX. O SENHOR NOIRTIER DE VILLEFORT

Eis o que se passara na casa do procurador do rei depois da partida da senhora Danglars e de sua filha, bem como durante a conversa que acabamos de relatar.

O senhor de Villefort entrara no quarto do pai, seguido pela senhora de Villefort; quanto a Valentine, sabemos onde estava.

Depois de cumprimentarem o velho, depois de dispensarem Barrois — antigo criado havia mais de vinte e cinco anos a seu serviço —, ambos sentaram-se diante do ancião.

O senhor Noirtier, sentado em sua grande cadeira de rodas onde o colocavam de manhã, de onde o tiravam à noite, sentado diante de um espelho que refletia todo o aposento e permitia-lhe ver — sem precisar esboçar movimentos que se tornaram impossíveis — quem entrava em seu quarto, quem saía e o que faziam a seu redor; o senhor Noirtier, imóvel como um cadáver, olhava com olhos inteligentes e vivos os seus filhos e as suas cerimoniosas reverências que lhe anunciavam algum assunto oficial e inesperado.

A visão e a audição eram os dois únicos sentidos que ainda animavam, como duas centelhas, aquela matéria humana já praticamente preparada para o túmulo; todavia, desses dois sentidos, só um podia revelar exteriormente a vida interior a animar a estátua, e o olhar a manifestar essa vida interior era semelhante a uma daquelas luzes distantes que, durante a noite, informam ao viajante perdido no deserto que ainda existe um ser a velar no silêncio e na escuridão.

Assim, nos olhos negros do velho Noirtier a sublinhar sobrancelhas negras — enquanto toda a cabeleira, que ele usava longa, a cair sobre os ombros, era branca —, em seus olhos, como acontece a todo órgão humano sobrecarregado pela ausência de

outros órgãos, concentravam-se toda a atividade, toda a habilidade, toda a força e toda a inteligência antes distribuídas pelo corpo e pelo espírito. Naturalmente, faltavam o gesto do braço, o som da voz, a atitude do corpo, mas os seus olhos poderosos compensavam tudo: ele comandava com os olhos, agradecia com os olhos; era um cadáver com olhos vivos, e às vezes nada era mais aterrador do que aquele rosto de mármore onde brilhava a cólera ou cintilava a alegria. Apenas três pessoas podiam compreender a linguagem do pobre paraplégico: Villefort, Valentine e o velho criado que já mencionamos. Mas como Villefort raramente via o pai, e, por assim dizer, apenas quando se via obrigado; como, quando o via, não procurava agradá-lo ao compreendê-lo, toda a felicidade do velho repousava em sua neta, e Valentine conseguira, graças a devoção, amor e paciência, compreender com o olhar todos os pensamentos de Noirtier. Àquela linguagem muda ou ininteligível para todos os outros, ela respondia com toda a sua voz, toda a sua fisionomia, toda a sua alma, de maneira que se estabeleciam diálogos animados entre a jovem e a suposta argila que quase se tornara pó, mas que todavia ainda era um homem de imenso saber, de penetração incomum, de vontade tão poderosa quanto pode vir a ser a alma encerrada em uma matéria pela qual ela perdeu o poder de fazer-se obedecer.

Valentine resolvera portanto o estranho problema de compreender o pensamento do ancião para fazê-lo compreender o dela; e, graças a essa solução, era muito raro que, nos assuntos corriqueiros da vida, ela não adivinhasse com precisão os desejos daquela alma viva ou as necessidades daquele cadáver já um tanto insensível.

Quanto ao criado, como havia vinte e cinco anos servia a seu amo, como dissemos, conhecia tão bem todos os seus hábitos que raramente Noirtier precisava pedir-lhe alguma coisa.

Entretanto, Villefort não precisava da ajuda nem de um nem de outro para entabular com seu pai a estranha conversa que vinha ter. Como dissemos, ele mesmo conhecia perfeitamente o vocabulário do velho e, se não o utilizava com mais frequência, era por hábito e indiferença. Então esperou Valentine descer ao jardim, dispensou

Barrois e, depois de tomar o seu lugar à direita do pai, enquanto a senhora de Villefort sentava-se à esquerda: — Senhor — disse ele —, não se surpreenda por Valentine não ter subido conosco e por eu ter dispensado Barrois, pois a conversa que teremos é daquelas que não podem acontecer diante de uma jovem ou de um criado; a senhora de Villefort e eu temos algo a comunicar-lhe.

O rosto de Noirtier permanecia impassível durante esse preâmbulo, enquanto o olhar de Villefort, ao contrário, parecia querer mergulhar profundamente no coração do velho.

— Esse comunicado — continuou o procurador do rei no seu tom gelado e que parecia jamais admitir contestação —, a senhora de Villefort e eu temos certeza de que lhe será agradável.

O olhar do ancião continuou inexpressivo: ele limitava-se a escutar.

— Senhor — continuou Villefort —, nós vamos casar Valentine.

Uma figura de cera não ficaria mais fria a essa notícia do que ficou a figura do velho.

— O casamento será realizado dentro de três meses — continuou Villefort.

O olhar do ancião continuou inanimado.

A senhora de Villefort tomou a palavra por sua vez e apressou-se a acrescentar: — Pensamos que esta notícia o interessaria, senhor... Aliás, Valentine sempre pareceu merecer a sua afeição; assim, só nos resta dizer-lhe o nome do jovem que lhe é destinado. Ele é um dos mais honrados partidos a que Valentine pode pretender; há fortuna, um belo nome e perfeitas garantias de felicidade no comportamento e nos gostos daquele a quem a destinamos, cujo nome o senhor não deve desconhecer. Trata-se do senhor Franz de Quesnel, barão d'Épinay.

Durante o breve discurso de sua esposa, Villefort cravara no ancião um olhar mais atento do que nunca. Quando a senhora de Villefort pronunciou o nome de Franz, os olhos de Noirtier, que seu filho conhecia tão bem, tremeram, e as pálpebras, dilatando-se como lábios a deixar passar palavras, deixaram passar um brilho.

O procurador do rei, que conhecia as antigas relações de inimizade pública existentes entre o seu pai e o pai de Franz,

compreendeu aquele brilho e aquela agitação; entretanto, procurou parecer não os perceber e, retomando a palavra onde a sua mulher a deixara: — Senhor — disse ele —, é importante, bem o compreende, que, como Valentine está perto de completar dezenove anos, ela enfim se estabeleça. Todavia, não o esquecemos em nossas conferências, e nos asseguramos antecipadamente de que o marido de Valentine aceitaria, se não viver ao nosso lado, pois talvez incomodássemos o jovem casal, ao menos que o senhor, a quem Valentine estima particularmente, e que de sua parte parece corresponder-lhe essa estima, viveria ao lado deles, de maneira que não precisaria alterar nenhum de seus hábitos e teria dois filhos, em vez de um, para cuidar do senhor.

O brilho do olhar de Noirtier tornou-se rubro de sangue.

Certamente passava-se algo terrível na alma desse ancião; certamente o grito de dor e de cólera subia à sua garganta e, não podendo explodir, sufocava-o, pois o seu rosto ficou vermelho, os seus lábios ficaram azuis.

Villefort abriu tranquilamente uma janela e disse: — Está muito quente aqui, esse calor faz mal ao senhor Noirtier.

Então ele voltou, mas não se sentou.

— Esse casamento — acrescentou a senhora de Villefort — agrada ao senhor d'Épinay e à sua família; aliás, a sua família compõe-se apenas de um tio e de uma tia. Como a sua mãe morreu ao dar à luz e o seu pai foi assassinado em 1815, isto é, quando o menino tinha apenas dois anos, ele segue apenas sua própria vontade.

— Assassinato misterioso — disse Villefort —, cujos autores permaneceram desconhecidos, embora a suspeita tenha pairado, sem se fixar, sobre a cabeça de muita gente.

Noirtier fez tal esforço que seus lábios se contraíram, como a sorrir.

— Ora — continuou Villefort —, os verdadeiros culpados, aqueles que sabem que cometeram o crime, aqueles sobre os quais pode se abater a justiça dos homens durante a vida e a justiça divina depois da morte, ficariam muito felizes se estivessem em

nosso lugar e tivessem uma filha a oferecer ao senhor Franz d'Épinay, apagando assim qualquer suspeita.

Noirtier acalmara-se com uma força inesperada naquele organismo enfraquecido.

— Sim, compreendo — respondeu, com o olhar, a Villefort, e esse olhar exprimia ao mesmo tempo profundo desdém e cólera inteligente.

Villefort, por sua vez, respondeu a esse olhar, no qual soubera ler o seu conteúdo, com um leve dar de ombros.

Então fez sinal à esposa para levantar-se.

— Agora, senhor — disse a senhora de Villefort —, receba todos os meus respeitos. Gostaria que Édouard viesse apresentar-lhe as suas homenagens?

Estava combinado que o ancião exprimia a sua aprovação fechando os olhos, a sua recusa piscando-os várias vezes, e tinha algum desejo a exprimir quando olhava para o alto.

Se ele queria ver Valentine, apenas fechava o olho direito.

Se ele queria ver Barrois, apenas fechava o olho esquerdo.

À proposta da senhora de Villefort, piscou vivamente os olhos.

A senhora de Villefort, acolhida por evidente recusa, cerrou os lábios.

— Então, quer ver Valentine? — perguntou ela.

— Sim — fez o velho fechando os olhos vivamente.

O senhor e a senhora de Villefort o cumprimentaram e saíram, ordenando que chamassem Valentine, aliás já avisada de que teria algo a fazer durante o dia ao lado do senhor Noirtier.

Depois deles, Valentine, ainda toda corada de emoção, entrou no quarto do velho. Ela só precisou de um olhar para compreender como o seu avô sofria e quantas coisas ele tinha a lhe dizer.

— Oh, meu vovô — exclamou ela —, mas o que foi que aconteceu? Eles te aborreceram, não é verdade, e estás irado?

— Sim — fez ele fechando os olhos.

— Irado com quem? Com meu pai? Não... Com a senhora de Villefort? Não... Comigo?

O velho fez sinal que sim.

— Comigo? — repetiu Valentine, surpresa.

O velho repetiu o sinal.

— E o que foi que te fiz, meu querido vovô? — exclamou Valentine.

Não houve resposta; ela continuou: — Não te vi durante o dia... Falaram-te algo de mim?

— Sim — disse vivamente o olhar do velho.

— Então, deixa-me ver... Meu Deus, juro, vovô... Ah... O senhor e a senhora de Villefort acabaram de sair daqui, não é?

— Sim.

— E foram eles que te disseram as coisas que te aborreceram? O quê, então? Queres que eu lhes pergunte, para que eu possa desculpar-me a ti?

— Não, não — fez o ancião.

— Oh, mas me assustas... O que eles poderiam ter dito, meu Deus? — E ela procurou. — Oh, já sei — disse ela, baixando a voz e aproximando-se do velho. — Eles falaram de meu casamento, não?

— Sim — replicou o olhar irado.

— Compreendo... Estás irado comigo pelo meu silêncio. Oh, vês, é que eles tinham me pedido que não te contasse nada... É que eles mesmos não tinham contado nada a mim, só soube desse segredo por indiscrição, de certa maneira... Por isso fui tão reservada contigo. Perdoa-me, vovô Noirtier.

Voltando a ser fixo e inexpressivo, o olhar pareceu responder: — “Não é apenas o teu silêncio que me aflige”.

— O que é, então? — perguntou a jovem. — Achas talvez que eu te abandonaria, vovô, e que meu casamento me faria esquecer-te?

— Não — disse o ancião.

— Então te disseram que o senhor d'Épinay consentiria em morarmos juntos?

— Sim.

— Então por que estás zangado?

Os olhos do ancião assumiram uma expressão de infinita ternura.

— Sim, compreendo — disse Valentine —, porque me amas?

O velho fez sinal que sim.

— E tens medo de que eu seja infeliz?

— Sim.

— Não gostas do senhor Franz?

Os olhos repetiram três ou quatro vezes: — Não, não, não.

— Então estás muito triste, vovô?

— Sim.

— Bem, escuta — exclamou Valentine ajoelhando-se diante de Noirtier e passando os braços ao redor de seu pescoço —, eu também estou muito triste, pois eu também não gosto do senhor Franz d'Épinay.

Um brilho de alegria passou pelos olhos do ancião.

— Quando eu quis me retirar para o convento, bem te lembras, também ficaste muito zangado comigo...

Uma lágrima umedeceu a pálpebra seca do velho.

— Bem — continuou Valentine —, era para evitar esse casamento, que me deixa desesperada.

A respiração de Noirtier tornou-se arfante.

— Então esse casamento te deixa muito triste, vovô? Oh, meu Deus! Se pudesses me ajudar, se nós dois pudéssemos evitar esse casamento! Mas não tens forças contra eles, embora o teu espírito seja tão vivo, a tua vontade tão firme... Mas, quando é preciso lutar, és tão frágil, até mesmo mais frágil do que eu. Ai, serias para mim um protetor tão poderoso, quando tinhas força e saúde... Mas hoje podes apenas compreender-me, alegrar-te ou afligir-te comigo. Essa é uma última felicidade que Deus se esqueceu de me tirar como as outras.

A essas palavras, houve nos olhos de Noirtier tal expressão de malícia e de profundidade que a jovem imaginou ler neles as palavras: — Tu te enganas... Ainda posso fazer muito por ti.

— Podes fazer algo por mim, meu querido vovô? — traduziu Valentine.

— Sim.

Noirtier ergueu os olhos ao céu. Era o sinal combinado entre ele e Valentine quando desejava alguma coisa.

— Que queres, querido vovô, vejamos...

Valentine procurou em seu espírito por um instante, exprimiu em voz alta os seus pensamentos à medida que eles lhe vinham e, vendo que a tudo o que ela dizia o velho sempre respondia *não*: — Já que sou tão tola — disse ela —, vamos aos grandes meios...

Então ela recitou, uma depois da outra, todas as letras do alfabeto, do A ao N, enquanto o seu sorriso interrogava os olhos do paralítico; ao N, Noirtier fez sinal de que sim.

— Ah — exclamou Valentine —, o que desejas começa pela letra N... É o N que nos interessa. Bem, vejamos: o que desejamos no N? Na-ne-ni-no...

— Sim, sim, sim — fez o velho.

— Ah, é *no*!

— Sim.

Valentine foi buscar um dicionário, que colocou em uma estante, diante de Noirtier; ela abriu o dicionário: quando viu os olhos do ancião fixos nas folhas, seu dedo percorreu vivamente as colunas, de alto a baixo.

O exercício, repetido desde que havia seis anos Noirtier caíra no lastimável estado em que se encontrava, tornara-se tão fácil que ela adivinhava rapidamente o pensamento do velho, como se ele mesmo estivesse procurando a palavra no dicionário.

À palavra *notário*, Noirtier fez sinal para parar.

— *Notário*... — disse ela. — Queres um notário, vovô?

O velho fez sinal de que era realmente um notário que ele desejava.

— Então é preciso mandar chamar um notário? — perguntou Valentine.

— Sim — fez o paralítico.

— Meu pai deve saber?

— Sim.

— Tens pressa de receber o teu notário?

— Sim.

— Então vão mandá-lo chamar agora mesmo, querido vovô. É tudo o que queres?

— Sim.

Valentine correu à campainha, chamou um criado e pediu-lhe que chamasse o senhor e a senhora de Villefort ao quarto do avô.

— Estás satisfeito? — perguntou Valentine. — Sim... Acho que sim, não? Não foi fácil descobrir o que querias...

E a jovem sorriu ao avô como se sorrisse a uma criança.

O senhor de Villefort entrou, trazido por Barrois.

— O que deseja, senhor? — perguntou ele ao paralítico.

— Senhor — disse Valentine —, o meu avô deseja um notário.

A esse pedido estranho, sobretudo inesperado, o senhor de Villefort trocou um olhar com o paralítico.

— Sim — fez o ancião com uma firmeza a indicar que, com a ajuda de Valentine e de seu velho criado, que agora sabia o que ele desejava, estava pronto para travar a luta.

— Quer ver o notário? — repetiu Villefort.

— Sim.

— Para quê?

Noirtier não respondeu.

— Mas para que precisa de um notário? — perguntou Villefort.

O olhar do paralítico permaneceu imóvel, conseqüentemente mudo, o que significava: — Persisto em minha vontade.

— Para pregar-nos alguma peça? — perguntou Villefort. — Vale a pena?

— Mas, afinal — disse Barrois, pronto a insistir com a habitual perseverança dos velhos criados —, se o senhor quer ver um notário, aparentemente precisa dele. Então vou chamar um notário.

Barrois não reconhecia outro amo além de Noirtier e nunca admitia que as suas vontades fossem contestadas de alguma forma.

— Sim, quero um notário — fez o ancião fechando os olhos em ar de desafio, como se dissesse: — “Vejam se ousarão recusar-me o que desejo”.

— Já que faz questão, senhor, terá um notário... Mas me desculparei junto a ele em nome do senhor, pois a cena será bem ridícula.

— Não importa — disse Barrois —, mesmo assim vou chamá-lo. E o velho criado saiu, triunfante.

LX. O TESTAMENTO

No instante em que Barrois saiu, Noirtier olhou Valentine com aquela expressão maliciosa que tantas coisas anuncia. A jovem compreendeu esse olhar — e Villefort também, pois a sua fronte ensombreceu-se e as suas sobranceiras se franziram.

Ele pegou uma cadeira, instalou-se no quarto do paraplégico e esperou.

Noirtier o observava com perfeita indiferença, mas com o canto do olho ordenara a Valentine que não se inquietasse e também ficasse.

Três quartos de hora depois, o criado chegou com o notário.

— Senhor — disse Villefort depois das primeiras saudações —, foi chamado pelo senhor Noirtier de Villefort: aqui está ele... Uma paralisia geral tirou-lhe o uso dos membros e da voz, e somente nós, com grande dificuldade, conseguimos compreender alguns fragmentos de seus pensamentos.

Noirtier fez com o olho um apelo a Valentine — apelo tão sério e imperativo que ela respondeu imediatamente: — Eu, senhor, compreendo tudo o que o meu avô quer dizer.

— É verdade — acrescentou Barrois —, tudo, absolutamente tudo, como eu disse ao senhor no caminho.

— Permita-me, cavalheiro, e a senhorita também — disse o tabelião dirigindo-se a Villefort e a Valentine. — Este é um dos casos em que o oficial público não pode proceder inconsideradamente sem assumir uma responsabilidade perigosa. Para que um documento seja válido, a primeira condição é que o notário esteja bem convencido de que interpretou fielmente a vontade de quem o ditou. Ora, eu mesmo não posso estar seguro da aprovação ou desaprovação de um cliente que não fala; e como o objeto de seus desejos, ou de suas repugnâncias, em vista de seu mutismo, não pode me ser claramente provado, o meu ministério é mais do que inútil e seria ilegalmente exercido.

O tabelião deu um passo para retirar-se. Imperceptível sorriso de triunfo desenhou-se nos lábios do procurador real.

Noirtier, por sua vez, olhou Valentine com tal expressão de sofrimento que ela colocou-se no caminho do tabelião.

— Senhor — disse ela —, a língua que falo com meu avô é uma língua que pode ser facilmente aprendida... Assim como a compreendo, posso em poucos minutos fazê-lo compreendê-la. De que precisa, senhor, para chegar à perfeita paz de sua consciência?

— Do que é necessário para que as nossas atas sejam válidas, senhorita — respondeu o notário. — Ou seja, da certeza da aprovação ou desaprovação. Pode-se fazer um testamento com o corpo doente, mas é preciso estar são de espírito.

— Bem, senhor, com dois sinais terá essa certeza: o meu avô nunca gozou de sua inteligência mais plenamente do que agora. O senhor Noirtier, privado da voz, privado de movimentos, fecha os olhos quando quer dizer sim, e pisca várias vezes quando quer dizer não. Agora já sabe o suficiente para conversar com o senhor Noirtier: experimente.

O olhar que o velho lançou a Valentine era tão úmido de ternura e gratidão que o próprio tabelião o compreendeu.

— Ouviu e compreendeu o que acaba de dizer a sua neta, senhor? — perguntou o tabelião.

Noirtier fechou os olhos lentamente e reabriu-nos no instante seguinte.

— E o senhor aprova o que ela disse? Isto é, que os sinais descritos por ela são realmente aqueles mediante os quais o senhor faz compreenderem o seu pensamento?

— Sim — fez novamente o velho.

— Foi o senhor quem mandou me chamar?

— Sim.

— Para fazer o seu testamento?

— Sim.

— E não quer que eu me retire sem ter feito o seu testamento?

O paralítico piscou os olhos vivamente e várias vezes.

— Bem, senhor, agora compreende — perguntou a jovem — e a sua consciência está em paz?

Antes que o tabelião pudesse responder, Villefort puxou-o para o lado: — Senhor — disse ele —, acredita que um homem possa

suportar impunemente um choque físico tão terrível quanto o que sofreu o senhor Noirtier de Villefort sem que o próprio moral tenha sido gravemente atingido?

— Não é precisamente isto o que me preocupa, senhor — respondeu o tabelião —, mas pergunto-me como poderemos adivinhar os seus pensamentos, para podermos provocar as suas respostas.

— Como vê, é impossível — disse Villefort.

Valentine e o velho ouviram essa conversa. Noirtier pousou um olhar fixo e firme em Valentine, olhar que evidentemente chamava uma resposta.

— Senhor — disse ela —, não se preocupe com isso. Por mais difícil que seja, ou melhor, que lhe pareça, descobrir o pensamento de meu avô, eu o revelarei, de maneira a dissipar todas as dúvidas a respeito. Há seis anos estou ao lado do senhor Noirtier, e ele mesmo pode dizer se nesses seis anos um único de seus desejos permaneceu sepultado em seu coração por não conseguir transmitir-me...

— Não — fez o velho.

— Então, tentemos — disse o tabelião. — Aceita a senhorita como sua intérprete?

O paralítico fez sinal que sim.

— Bem... Vejamos, senhor... Que deseja de mim, e que ato deseja fazer?

Valentine pronunciou todas as letras do alfabeto, até a letra T.

A essa letra, o eloquente olhar de Noirtier a deteve.

— É a letra T que o senhor pede — disse o tabelião. — Isto é visível.

— Espere — disse Valentine. — Então, voltando-se para o avô: — Ta... te...

O velho a deteve à segunda sílaba.

Então Valentine abriu o dicionário e, aos olhos do tabelião atento, folheou as páginas.

— Testamento — disse o seu dedo, detido pelo olhar de Noirtier.

— Testamento — exclamou o notário —, isto é visível... O senhor quer fazer um testamento.

— Sim — fez Noirtier várias vezes.

— Isto é maravilhoso, senhor, convenha — disse o tabelião a Villefort estupefato.

— De fato — replicou ele —, e mais maravilhoso ainda seria esse testamento... Pois, afinal, não imagino que os artigos possam se alinhar no papel, palavra por palavra, sem a inteligente inspiração de minha filha. Ora, Valentine talvez esteja um pouco interessada demais nesse testamento para ser a fiel intérprete dos obscuros desejos do senhor Noirtier de Villefort.

— Não, não, não! — fez o paralítico.

— Como? — exclamou o senhor de Villefort. — Valentine não é interessada em seu testamento?

— Não — fez Noirtier.

— Senhor — disse o notário, que, encantado com a experiência, já se prometia contar em sociedade os detalhes desse episódio pitoresco —, senhor, agora nada me parece mais fácil do que o que há pouco eu via como algo impossível, e esse testamento será muito simplesmente um testamento místico, ou seja, previsto e autorizado pela lei se for lido diante de sete testemunhas, aprovado pelo testador diante delas e lacrado pelo tabelião diante delas. Quanto ao prazo, apenas demorará mais do que um testamento comum... Primeiro, há as fórmulas de praxe, que são sempre as mesmas; quanto aos pormenores, a maioria será fornecida pelo próprio estado dos negócios do testador, e pelo senhor, que, tendo-os gerido, conhece-os. Ademais, para que esse ato seja inatacável, vamos autenticá-lo da forma mais completa; um de meus colegas vai me ajudar e, contrariando o costume, assistirá ao ditado. Está satisfeito, senhor? — continuou o tabelião, dirigindo-se ao velho.

— Sim — respondeu Noirtier, radiante por ser compreendido.

— O que ele vai fazer? — perguntou-se Villefort, a quem sua alta posição recomendava reserva, e que aliás não podia adivinhar as intenções do pai.

Então ele voltou-se para mandar chamarem o segundo tabelião designado pelo primeiro; mas Barrois, que ouvira tudo e adivinhara o desejo de seu patrão, já partira.

Então o procurador do rei mandou dizer à esposa que subisse.

Um quarto de hora depois, todos estavam reunidos no quarto do paralítico — o segundo tabelião já chegara.

Em poucas palavras, os dois funcionários ministeriais chegaram a um acordo. Leram uma fórmula de testamento vaga, comum; então, para começar, por assim dizer, a investigação de sua sanidade, o primeiro tabelião, virando-se para o velho, disselhe: — Quando se faz um testamento, senhor, ou é em benefício de alguém, ou em prejuízo de alguém.

— Sim — fez Noirtier.

— Tem alguma ideia da quantia a que chega a sua fortuna?

— Sim.

— Vou nomear várias cifras, que subirão sucessivamente; o senhor me interromperá quando eu chegar à cifra que acredita ser a sua.

— Sim.

Nesse interrogatório havia uma espécie de solenidade; aliás, talvez nunca a luta da inteligência contra a matéria tivesse sido tão visível; se não era um espetáculo sublime, como íamos dizer, era ao menos um espetáculo curioso.

Formara-se um círculo ao redor de Noirtier; o segundo tabelião sentara-se a uma mesa, pronto para escrever; o primeiro tabelião mantinha-se de pé diante dele e interrogava.

— A sua fortuna ultrapassa trezentos mil francos, não é verdade? — perguntou ele.

Noirtier fez sinal que sim.

— Possui quatrocentos mil francos? — perguntou o tabelião.

Noirtier ficou imóvel.

— Quinhentos mil?

A mesma imobilidade.

— Seiscentos mil? Setecentos mil? Oitocentos mil? Novecentos mil?

Noirtier fez sinal que sim.

— Possui novecentos mil francos?

— Sim.

— Em imóveis? — perguntou o tabelião.

Noirtier fez sinal que não.

— Em títulos de renda?

Noirtier fez sinal que sim.

— Esses títulos estão em suas mãos?

Um olhar dirigido a Barrois fez o velho criado sair e voltar instantes depois com uma caixinha.

— Permite que abramos essa caixa? — perguntou o tabelião.

Noirtier fez sinal que sim.

Abriram a caixinha e encontraram novecentos mil francos em títulos de renda pública.

O primeiro tabelião passou, um depois do outro, cada título a seu colega: a quantia era a mencionada por Noirtier.

— Exatamente — disse ele. — Evidentemente, a sua sanidade mostra toda a sua força e toda a sua extensão.

A seguir, voltando-se para o paralítico: — Então — disse ele —, possui novecentos mil francos de capital, quantia que, pela forma como está aplicada, deve lhe garantir aproximadamente quarenta mil libras de renda anual?

— Sim — fez Noirtier.

— A quem deseja deixar essa fortuna?

— Oh! — exclamou a senhora de Villefort. — Não resta dúvida... O senhor Noirtier ama unicamente a sua neta, a senhorita Valentine de Villefort... É ela quem cuida dele há seis anos... Ela soube cativar, com os seus cuidados assíduos, o afeto de seu avô, eu diria quase a sua gratidão... Portanto, é justo que ela receba a recompensa pela sua devoção.

Os olhos de Noirtier brilharam, como se ele não fosse enganado pelo falso assentimento dado pela senhora de Villefort às intenções que ela lhe supunha.

— Então, é à senhorita Valentine de Villefort que deixa esses novecentos mil francos? — perguntou o tabelião, que julgava nada ter de fazer além de registrar aquela cláusula, mas insistia em assegurar-se da concordância de Noirtier, querendo que tal concordância fosse constatada por todas as testemunhas dessa estranha cena.

Valentine dera um passo para trás e chorava, baixando os olhos; o ancião olhou-a por um instante com expressão de profunda

ternura; então olhou o tabelião e piscou os olhos da maneira mais significativa.

— Não? — perguntou o notário. — Como... Não é a senhorita Valentine de Villefort que institui como a sua herdeira universal?

Noirtier fez sinal que não.

— Não está enganado? — exclamou o tabelião, surpreso. — O senhor diz que não?

— Não — repetiu Noirtier —, não!

Valentine ergueu a cabeça; ela estava estupefata, não por ser deserdada, mas por ter provocado o sentimento que costuma ditar atos semelhantes.

Mas Noirtier olhou-a com tão profunda expressão de ternura que ela exclamou: — Oh, querido vovô, compreendo muito bem, só tiras de mim a tua fortuna, mas sempre me deixarás o teu coração...?

— Oh, sim, claro, certamente — disseram os olhos do paralítico, fechando-se com uma expressão que não enganaria Valentine.

— Obrigada! Obrigada! — murmurou a jovem.

Entretanto, essa recusa fizera nascer no coração da senhora de Villefort esperanças inesperadas; ela aproximou-se do velho.

— Então, é ao seu neto, Édouard de Villefort, que vai deixar a sua fortuna, meu caro senhor Noirtier? — perguntou a mãe.

O piscar dos olhos foi terrível: quase exprimia ódio.

— Não — fez o tabelião. — Então, é ao senhor seu filho, aqui presente?

— Não! — replicou o velho.

Os dois tabeliões olharam-se estupefatos; Villefort e sua esposa sentiram-se enrubescer, um de vergonha, outra de cólera.

— Mas o que lhe fizemos, vovô? — perguntou Valentine. — Não nos ama mais?

O olhar do velho passou rapidamente pelo filho, pela nora e deteve-se em Valentine com expressão de profunda ternura.

— Bem — exclamou ela —, se me amas, então, querido vovô, trata de aliar esse amor ao que fazes neste momento. Tu me conheces, sabes que jamais ambicionei a tua fortuna: aliás, dizem que sou rica, por parte de minha mãe, muito rica mesmo... Explica-te.

Noirtier fixou o seu olhar ardente na mão de Valentine.

— Minha mão? — perguntou ela.

— Sim — fez Noirtier.

— Sua mão! — repetiram todos os presentes.

— Ah, senhores, bem veem que tudo é inútil, e que o meu pobre pai está louco — exclamou Villefort.

— Oh — exclamou de repente Valentine —, entendi! O meu casamento, não é verdade, querido vovô?

— Sim, sim, sim — repetiu três vezes o paralítico, emitindo um brilho a cada vez que abria a pálpebra.

— Estás bravo conosco pelo casamento, não é?

— Sim.

— Mas isto é absurdo! — exclamou Villefort.

— Perdão, cavalheiro — disse o tabelião —, tudo isto, pelo contrário, é muito lógico e parece-me encadear-se perfeitamente.

— Não queres que eu me case com o senhor Franz d'Épinay?

— Não, não quero — exprimiu o olho do velho.

— E deserdas a sua neta — exclamou o tabelião — porque ela vai fazer um casamento contrário à sua vontade?

— Sim — respondeu Noirtier.

— Então, não fosse esse casamento, ela seria a sua herdeira?

— Sim.

Fez-se então profundo silêncio ao redor do velho.

Os dois tabeliões consultaram-se; Valentine, de mãos juntas, olhava o avô com um sorriso de agradecimento; Villefort mordida os lábios finos; a senhora de Villefort não conseguia reprimir um sentimento alegre que involuntariamente espalhava-se pelo seu rosto.

— Mas — disse afinal Villefort, o primeiro a romper o silêncio — parece-me que sou o único juiz das conveniências que advogam em favor desse matrimônio. Como único senhor da mão de minha filha, quero que ela se case com o senhor Franz d'Épinay, e ela se casará com ele.

Valentine caiu em uma poltrona, chorando.

— Senhor — disse o tabelião, dirigindo-se ao velho —, que espera fazer de sua fortuna, caso a senhorita Valentine se case com

o senhor Franz?

O velho ficou imóvel.

— Entretanto, pretende dispor dela?

— Sim — fez Noirtier.

— Em favor de alguém de sua família?

— Não.

— Em favor dos pobres, então?

— Sim.

— Mas — disse o tabelião — o senhor sabe que a lei se opõe a que despoje completamente o seu filho?

— Sim.

— Então, só disporá da parte que a lei o autoriza a distribuir?

Noirtier ficou imóvel.

— Continua a querer dispor de tudo?

— Sim.

— Mas, depois de sua morte, contestarão o testamento.

— Não.

— O meu pai me conhece, cavalheiro — disse o senhor de Villefort —, ele sabe que a sua vontade para mim será sagrada... Aliás, ele compreende que, em minha posição, não posso advogar contra os pobres.

O olho de Noirtier exprimiu o triunfo.

— Que decide, senhor? — perguntou o tabelião a Villefort.

— Nada, cavalheiro... É uma decisão tomada pelo espírito de meu pai, e sei que o meu pai não muda de decisão. Portanto, resigno-me. Esses novecentos mil francos sairão da família para enriquecer os hospitais... Mas não cederei a um capricho senil e agirei de acordo com a minha consciência.

E Villefort retirou-se com sua esposa, deixando seu pai livre para fazer o testamento como bem entendesse.

No mesmo dia, o testamento foi feito; foram buscar as testemunhas, o testamento foi aprovado pelo velho, fechado em sua presença e depositado no cartório do senhor Deschamps, o tabelião da família.

LXI. O TELÉGRAFO

Ao descerem, o senhor e a senhora de Villefort souberam que o conde de Monte-Cristo — que vinha visitá-los — tinha sido levado ao salão, onde os esperava; emocionada demais para entrar assim de repente, a senhora de Villefort passou por seu quarto, enquanto o procurador do rei, mais seguro de si, dirigiu-se diretamente ao salão.

Embora senhor de suas sensações, embora soubesse compor um rosto tranquilo, o senhor de Villefort não conseguiu livrar-se inteiramente da nuvem a pairar sobre a sua cabeça, de maneira que o conde de Monte-Cristo — com um sorriso a brilhar radiante — percebeu o seu ar sombrio e pensativo.

— Oh, meu Deus! — exclamou Monte-Cristo, depois dos cumprimentos iniciais. — Que tem, senhor de Villefort? Cheguei em hora errada, quando preparava alguma acusação muito importante?

Villefort tentou sorrir.

— Não, senhor conde — disse ele —, aqui não há outra vítima além de mim mesmo. Fui eu que perdi o meu processo... E foram o acaso, a teimosia, a loucura que formularam a acusação.

— Que quer dizer? — perguntou Monte-Cristo, com interesse perfeitamente dissimulado. — Aconteceu-lhe realmente alguma grave desgraça?

— Oh, senhor conde — exclamou Villefort, com calma cheia de amargura —, nem vale a pena falar disso... Não aconteceu quase nada, apenas uma simples perda financeira.

— De fato — respondeu Monte-Cristo —, uma perda financeira não é nada, com a fortuna que o senhor possui, com o seu espírito filosófico e elevado!

— Assim — respondeu Villefort —, não é a questão financeira que me preocupa, embora, afinal de contas, novecentos mil francos bem que valem uma lágrima, ou ao menos um gesto de lamento. Mas o que me fere, principalmente, é esse capricho do destino, do acaso, da fatalidade... Nem sei como chamar o poder a dirigir o golpe que me atinge e que contraria as minhas esperanças de

fortuna, talvez destruindo o futuro de minha filha, graças aos caprichos de um velho senil que voltou à infância...

— Ah, meu Deus, o que aconteceu? — exclamou o conde. — Novecentos mil francos, o senhor disse?... Mas na verdade, como o senhor disse, a soma merece ser lamentada até mesmo por um filósofo. E quem lhe dá esse desgosto?

— O meu pai, de quem já lhe falei.

— O senhor Noirtier, verdade? Mas o senhor me contou, ao que me parece, que ele estava completamente paralisado, que todas as suas faculdades estavam aniquiladas...

— Sim, as suas faculdades físicas, pois ele não consegue mais se mexer, não consegue mais falar; mas, apesar de tudo isso, ele pensa, quer e age, como vê... Deixei-o há cinco minutos, e neste momento ele está ocupado ditando um testamento a dois tabeliães.

— Mas então está falando?

— Melhor do que isso: ele se faz compreender.

— Como assim?

— Com a ajuda do olhar... Os seus olhos ainda continuam a viver e, como vê, a matar.

— Meu amigo — disse a senhora de Villefort, que acabava de entrar por sua vez —, talvez esteja exagerando a situação...

— Senhora... — disse o conde, inclinando-se.

A senhora de Villefort o saudou com o seu mais gracioso sorriso.

— Mas que me dizia então, senhor de Villefort? — perguntou Monte-Cristo. — Sobre a desgraça incompreensível?

— Incompreensível é a palavra! — prosseguiu o procurador do rei, dando de ombros. — Um capricho senil!

— E não há meio de fazê-lo mudar de ideia?

— Sim, claro que há — disse a senhora de Villefort. — E até mesmo depende de meu marido que esse testamento, em vez de ser feito em detrimento de Valentine, seja, pelo contrário, feito em favor dela.

Ao ver que o casal começava a falar por parábolas, o conde assumiu um ar distraído e olhou com a mais profunda atenção — e com a mais evidente aprovação — Édouard, que derramava tinta no bebedouro das aves.

— Minha querida — disse Villefort respondendo à esposa —, sabe que não gosto de posar em minha casa como patriarca; nunca pensei que o destino do universo dependesse de um sinal de minha cabeça. Entretanto, importa que as minhas decisões sejam respeitadas por minha família, e que a loucura de um velho e o capricho de uma criança não abalem um plano concebido em meu espírito há tantos anos. O barão d'Épinay era meu amigo, como sabe, e uma aliança com seu filho seria das mais convenientes.

— Você acha — disse a senhora de Villefort — que Valentine está de acordo com ele?... É verdade... Ela sempre se opôs a esse casamento, e eu não me surpreenderia se tudo o que acabamos de ver e ouvir seja apenas a execução de um plano combinado por eles.

— Senhora — disse Villefort —, acredite, não se renuncia assim a uma fortuna de novecentos mil francos.

— Ela renunciaria à sociedade, senhor, já que há um ano queria entrar para um convento.

— Não importa — prosseguiu Villefort —, digo que esse casamento deve acontecer, senhora!

— Contra a vontade de seu pai? — perguntou a senhora de Villefort, atacando outra corda. — Isto é grave!

Monte-Cristo fingia não escutar, mas não perdia uma palavra do que diziam.

— Senhora — continuou Villefort —, posso dizer que sempre respeitei o meu pai, pois, além do sentimento natural da descendência, eu tinha a consciência de sua superioridade moral, pois afinal um pai é sagrado por dois motivos: sagrado como nosso criador e sagrado como nosso senhor; mas hoje devo deixar de reconhecer inteligência em um velho que, pela simples lembrança do ódio ao pai, persegue assim o filho; então seria ridículo, de minha parte, conformar a minha conduta a seus caprichos. Continuarei a ter o maior respeito pelo senhor Noirtier. Suportarei, sem me queixar, a punição financeira que ele me inflige; mas permanecerei inabalável em minha vontade, e a sociedade apreciará de que lado se encontra a razão. Consequentemente, casarei a minha filha com o barão Franz d'Épinay, pois julgo que esse casamento é bom e

respeitável, e definitivamente quero casar a minha filha com quem eu bem entender.

— Mas como! — exclamou o conde, cuja aprovação o procurador do rei solicitara constantemente com o olhar. — Mas como, o senhor Noirtier deserda, estavam dizendo, a senhorita Valentine, só porque ela vai se casar com o barão Franz d'Épinay?

— Ah, meu Deus! Sim, senhor... Esse é o motivo — exclamou Villefort, dando de ombros.

— Ao menos, o motivo aparente — acrescentou a senhora de Villefort.

— O verdadeiro motivo, senhora... Acredite-me: eu conheço o meu pai.

— Mas será possível? — respondeu a jovem senhora. — Em que, eu lhe pergunto, o senhor d'Épinay desagrade mais do que qualquer outro ao senhor Noirtier?

— De fato — disse o conde de Monte-Cristo —, eu conheci o senhor Franz d'Épinay, filho do general de Quesnel, não é verdade?... Que foi feito barão d'Épinay pelo rei Carlos X...?

— Exatamente! — exclamou Villefort.

— Bem, mas trata-se de um jovem encantador, ao que me parece!

— Portanto, isso não passa de um pretexto, tenho certeza — disse a senhora de Villefort. — Os velhos são tiranos em suas afeições...: o senhor de Noirtier não quer que a sua neta se case.

— Mas — perguntou Monte-Cristo — sabem de algum motivo para esse ódio?

— Ah, meu Deus! Quem saberia?

— Alguma antipatia política, talvez?

— De fato, o meu pai e o pai do senhor d'Épinay viveram em tempos turbulentos: só vi os últimos dias desses tempos... — disse Villefort.

— O seu pai não era bonapartista? — perguntou Monte-Cristo. — Creio me lembrar de que o senhor me disse alguma coisa nesse sentido.

— O meu pai era jacobino antes de tudo — prosseguiu Villefort, levado pela sua emoção além dos limites da prudência —, e a toga

de senador que Napoleão lançou-lhe nos ombros apenas disfarçava o velho homem, mas sem transformá-lo. Quando o meu pai conspirava, não era pelo imperador: era contra os Bourbons... Porque o meu pai tinha isso de terrível: nunca lutou pelas utopias irrealizáveis, mas sim pelas causas possíveis, e ao triunfo dessas causas possíveis ele aplicava as terríveis teorias da Montanha¹ que não recuavam diante de meio algum.

— Bem — exclamou Monte-Cristo —, veja bem, é isto: o senhor Noirtier e o senhor d'Épinay devem ter se enfrentado no terreno da política. O senhor general d'Épinay, embora tivesse servido no tempo de Napoleão, não teria guardado, no fundo do coração, sentimentos monarquistas? Não foi ele que morreu assassinado certa noite, ao sair de uma associação napoleônica, onde o haviam chamado na esperança de nele encontrar um irmão?

Villefort olhou o conde quase com terror.

— Será que estou enganado? — perguntou Monte-Cristo.

— Não, conde — disse a senhora de Villefort —, aliás, pelo contrário, é justamente por causa do que o senhor acabou de dizer que, para superar velhos rancores, o senhor de Villefort teve a ideia de promover o amor entre dois filhos cujos pais se odiavam.

— Ideia sublime — exclamou Monte-Cristo —, ideia banhada em caridade que a sociedade deveria aplaudir. De fato, seria bonito ver a senhorita Noirtier de Villefort tornar-se a senhora Franz d'Épinay.

Villefort estremeceu e olhou Monte-Cristo como se quisesse ler no fundo de seu coração as intenções que ditavam as palavras que acabara de pronunciar.

Mas o conde conservou o bondoso sorriso estereotipado em seus lábios e também desta vez — apesar da profundidade de seu olhar — o procurador do rei nada viu além da epiderme.

— Dessa forma — continuou Villefort —, embora para Valentine seja uma grande desgraça perder a fortuna de seu avô, não creio, todavia, que só por isso o casamento deixe de acontecer... Não creio que o senhor d'Épinay recue diante dessa perda financeira... Ele vai ver que talvez eu valha mais do que essa perda, eu que a sacrifiquei ao desejo de manter a minha palavra. Ele vai calcular que

Valentine, aliás, já é rica pelos bens de sua mãe, bens administrados pelo casal de Saint-Méran, pelos seus avós maternos, que a adoram ternamente.

— E que bem merecem ser amados e tratados por Valentine como o senhor Noirtier — disse a senhora de Villefort. — Aliás, eles virão a Paris dentro de um mês, no máximo, e Valentine, depois dessa afronta, já não precisará ficar enterrada ao lado do senhor Noirtier, como tem ficado.

O conde escutava com complacência a voz dissonante a exprimir amores-próprios feridos e interesses contrariados.

— Mas parece-me — disse Monte-Cristo, depois de um instante de silêncio —, e já lhe peço perdão pelo que vou dizer... Parece-me que, se o senhor Noirtier deserda a senhorita de Villefort, culpada de querer se casar com um rapaz cujo pai ele odiava, não pode fazer a mesma censura ao pequeno Édouard...

— Não é mesmo, conde? — exclamou a senhora de Villefort com uma entonação impossível de descrever. — Não é injusto, terrivelmente injusto? Pobre Édouard, ele também é neto do senhor Noirtier, tanto quanto Valentine... Entretanto, se Valentine não viesse a se casar com o senhor Franz, o senhor Noirtier lhe deixaria todos os seus bens... Aliás, afinal de contas, Édouard leva o nome da família, o que não impede que Valentine, mesmo se for realmente deserdada pelo avô, ainda seja três vezes mais rica do que seu irmão.

Depois desse golpe, o conde escutou e não falou mais.

— Bem — continuou Villefort —, bem, senhor conde, por favor, não falemos mais nessas misérias de família... Sim, é verdade, a minha fortuna vai engrossar a renda dos pobres, que hoje são os verdadeiros ricos. Sim, o meu pai terá me frustrado de uma esperança legítima, e sem motivo... Mas eu terei agido como um homem de bom senso, como um homem de coração. O senhor d'Épinay, a quem eu tinha prometido a renda daquela quantia, vai recebê-la, nem que eu tenha de me impor as mais cruéis privações.

— Entretanto — disse a senhora de Villefort, voltando à única ideia que murmurava incessantemente no fundo de seu coração —,

talvez fosse melhor contar essa desventura ao senhor d'Épinay e deixá-lo decidir.

— Oh, seria uma grande desgraça! — exclamou Villefort.

— Uma grande desgraça? — repetiu Monte-Cristo.

— Certamente — respondeu Villefort, em tom mais calmo. — Um casamento desfeito, mesmo se por razões financeiras, leva a condenarem uma jovem... Além disso, velhos boatos que eu queria liquidar voltariam a se fortalecer. Mas não, isso não vai acontecer. O senhor d'Épinay, se for um homem honesto, vai achar-se ainda mais comprometido do que antes pelo deserdamento de Valentine... Não fosse assim, estaria agindo por simples interesse financeiro: não, isso é impossível.

— Penso como o senhor de Villefort — disse Monte-Cristo, fixando o olhar na senhora de Villefort. — E, fosse eu bastante íntimo para permitir-me dar-lhe um conselho, eu o convidaria, já que o senhor d'Épinay está voltando, é o que dizem, a fortalecer esse compromisso de maneira que ele não pudesse ser desfeito; enfim, eu me comprometeria numa batalha cujo desfecho deve ser muito honroso para o senhor de Villefort.

Este último levantou-se, impelido por sua visível alegria, enquanto a sua mulher empalidecia ligeiramente.

— Bem — disse ele —, é exatamente isso o que eu esperava, vou me valer da opinião de um conselheiro como o senhor — disse ele, estendendo a mão a Monte-Cristo. — Assim, portanto, que todos aqui considerem o que aconteceu hoje como não tendo acontecido; nada mudou em nossos planos.

— Cavalheiro — disse o conde —, a sociedade, por mais injusta que seja, saberá apreciar a sua decisão, garanto-lhe... Os seus amigos ficarão orgulhosos, e o senhor d'Épinay, mesmo se tiver de casar-se com a senhorita de Villefort sem o dote, o que seria impossível, ficará encantado por entrar numa família que sabe elevar-se à altura de tais sacrifícios para manter a sua palavra e cumprir o seu dever.

Ao dizer essas palavras, o conde levantara-se e preparava-se para sair.

— Vai nos deixar, senhor conde? — perguntou a senhora de Villefort.

— Sou obrigado, senhora... Vim apenas lembrar-lhes a sua promessa para sábado.

— Temia que nos esquecêssemos?

— A senhora é muito bondosa... Mas o senhor de Villefort tem ocupações tão importantes e às vezes tão urgentes...

— Meu marido deu a sua palavra, cavalheiro — disse a senhora de Villefort. — Acaba de ver como ele mantém a sua palavra quando tem tudo a perder... Com mais forte razão ele a mantém quando tem tudo a ganhar.

— E — perguntou Villefort — a reunião será em sua casa nos Campos Elíseos?

— Não — respondeu Monte-Cristo —, o que torna a sua devoção ainda mais meritória: será no campo.

— No campo?

— Sim.

— Onde? Perto de Paris, não é?

— Às portas de Paris, a meia légua da barreira, em Auteuil.

— Em Auteuil?! — exclamou Villefort. — Ah, é verdade, a minha senhora disse-me que o senhor moraria em Auteuil, quando foi levada à sua casa. E em que lugar de Auteuil?

— Na rua de La Fontaine!

— Na rua de La Fontaine?! — repetiu Villefort em voz estrangulada. — Em que número?

— Número 28.

— Mas — exclamou Villefort — então foi ao senhor que venderam a casa do senhor de Saint-Méran?

— Do senhor de Saint-Méran? — perguntou Monte-Cristo. — Então aquela casa pertencia ao senhor de Saint-Méran?

— Sim — respondeu a senhora de Villefort. — E sabe de uma coisa, senhor conde?

— O quê?

— Acha essa casa bonita, não é?

— Encantadora.

— Bem, o meu marido nunca quis morar lá.

— Oh — respondeu Monte-Cristo —, na verdade, cavalheiro, eis uma prevenção que não posso compreender.

— Não gosto de Auteuil, cavalheiro — respondeu o procurador do rei, procurando conter-se.

— Mas espero não ter a infelicidade — disse Monte-Cristo, preocupado — de ver essa antipatia privar-me da alegria de recebê-lo...?

— Não, senhor conde... Espero que não... Acredite, farei tudo o que puder... — balbuciou Villefort.

— Oh — respondeu Monte-Cristo —, não admito desculpas... Sábado, às seis da tarde, eu os espero, e, se não aparecerem, eu imaginaria, sei lá, que sobre aquela casa desabitada há vinte anos pesa alguma lúgubre tradição, alguma lenda sangrenta.

— Eu irei, senhor conde, eu irei — disse animadamente Villefort.

— Obrigado — disse Monte-Cristo. — Agora é preciso que me permitam despedir-me de vocês.

— De fato, o senhor dissera que era obrigado a deixar-nos, conde — disse a senhora de Villefort —, e imagino que já ia nos dizer o motivo, quando mudamos de assunto.

— Na verdade, senhora — disse Monte-Cristo —, não sei se ousaria dizer-lhes aonde vou.

— Ah, diga assim mesmo.

— Vou, como autêntico ignorante que sou, visitar algo que muitas vezes me fez sonhar horas inteiras.

— O quê?

— Um telégrafo. Juro, tanto pior, a palavra está dita...

— Um telégrafo?! — repetiu a senhora de Villefort.

— Ah, meu Deus, sim, um telégrafo... Algumas vezes vi no meio do caminho, no alto de uma colina, sob um belo sol, erguerem-se aqueles braços negros e dobráveis como as patas de um imenso coleóptero, e isso nunca sem emoção, juro, pois eu imaginava que aqueles bizarros sinais a fender o ar com precisão, a levar a trezentas léguas de distância a vontade desconhecida de um homem, sentado diante de uma mesa, a outro homem, sentado ao fim da linha, diante de outra mesa, desenhavam-se sobre o cinza das nuvens, ou sobre o azul do céu, graças apenas à força de

vontade desse chefe todo-poderoso; então eu acreditava nos gênios, nos duendes, nos gnomos, nos poderes ocultos, enfim, e eu ria. Ora, nunca tive vontade de ver de perto esses grandes insetos de ventre branco, de patas negras e magras, pois temia encontrar sob as suas asas de pedra o pequeno gênio humano bastante afetado, bastante pedante, bastante cheio de ciência, cabala ou feitiçaria. Mas eis que uma bela manhã eu soube que o motor de cada telégrafo era um pobre-diabo empregado a mil e duzentos francos por ano, o dia inteiro ocupado a olhar não o céu, como o astrônomo, não a água, como o pescador, não a paisagem, como um cérebro ocioso, mas sim o inseto de ventre branco, de patas negras, seu correspondente, instalado a quatro ou cinco léguas de distância. Então eu me senti invadido por uma curiosa vontade de ver de perto essa crisálida viva, de assistir à comédia que, do fundo de seu casulo, ela oferece a outra crisálida, puxando uns depois dos outros alguns fios de cordões.

— E está indo para lá?

— Estou.

— A que telégrafo? Ao do Ministério do Interior ou ao do Observatório?

— Oh, não, lá eu encontraria pessoas que iriam querer me obrigar a compreender coisas que prefiro ignorar, pessoas que me explicariam, contra a minha vontade, um mistério que elas não conhecem. Ora, prefiro conservar as ilusões que ainda tenho sobre os insetos... Já me basta ter perdido as que eu tinha sobre os homens. Portanto, não irei ao telégrafo do Ministério do Interior, nem ao telégrafo do Observatório. Preciso do telégrafo em pleno campo, para lá encontrar o homem bom e puro petrificado em sua torre.

— O senhor é um nobre singular — disse Villefort.

— Que linha me aconselha estudar?

— A mais ocupada a esta hora.

— Bom! Então, a da Espanha?

— Justamente. Quer uma carta do ministro para que lhe expliquem...

— Não — disse Monte-Cristo —, como lhe disse, pelo contrário, não quero compreender nada. A partir do momento em que eu

compreender alguma coisa, já não haverá mais telégrafo, não haverá mais do que um sinal do senhor Duchâtel, ou do senhor de Montalivet, transmitido ao prefeito de Bayonne e travestido em duas palavras gregas: — τηλε, γραφειν.² — É o inseto de patas negras, e a palavra aterradora, que quero conservar em toda a sua pureza, com toda a minha veneração.

— Então, vá, pois em duas horas já será noite: já não verá mais nada.

— Diabo, o senhor me assusta! Qual é o mais próximo?

— Na estrada de Bayonne?

— Sim, na estrada de Bayonne.

— É o de Châtillon.

— E depois do de Châtillon?

— É o da torre de Montlhéry, imagino.

— Obrigado, até à vista! Sábado vou contar-lhes as minhas impressões.

À porta, o conde encontrou os dois tabeliães que acabavam de deserdar Valentine e se retiravam encantados por terem lavrado um ato que não poderia deixar de lhes proporcionar grande honra.

LXII. MEIOS DE LIVRAR UM JARDINEIRO DOS ROEDORES QUE DEVORAM OS SEUS PÊSSEGOS

Na manhã seguinte — e não na mesma tarde, como dissera —, o conde de Monte-Cristo saiu de Paris pela barreira do Inferno, pegou a estrada de Orléans, passou pela aldeia de Linas, sem parar no telégrafo, que, bem no momento em que o conde passava, movia os seus longos braços magros, e chegou à torre de Montlhéry, situada, como todos sabem, no ponto mais elevado da planície homônima.

Ao pé da colina, o conde desceu e, por uma vereda circular de meio metro de largura, começou a escalar a montanha; ao chegar ao cume, viu-se detido por uma cerca viva onde os frutos verdes sucediam às flores róseas e brancas.

Monte-Cristo procurou a porta da pequena cerca e não tardou a encontrá-la. Era uma pequena cancela de madeira a girar em gonzos de vime e a fechar-se com um prego e um cordão. Num instante o conde compreendeu o mecanismo e a porta se abriu.

O conde viu-se então em um pequeno jardim de sete metros de comprimento e quatro de largura, limitado de um lado pela parte da cerca onde se enquadrava a engenhosa máquina que descrevemos chamando-a de porta — de outro lado, pela velha torre cercada de hera, toda semeada de goivos amarelos e cravos.

Ao vê-la assim enrugada e florida como uma avó a quem os netos vêm desejar feliz aniversário, ninguém diria que a torre poderia contar muitos dramas terríveis, se juntasse uma voz aos ouvidos ameaçadores que um velho provérbio atribui às paredes.

Percorria-se esse jardim seguindo uma alameda coberta de saibro vermelho, onde avançavam, com tons que deliciariam os olhos de Delacroix — o nosso Rubens moderno —, os ramos de um grande buxo envelhecido por muitos anos. Essa alameda tinha a forma de um 8, sempre a curvar-se, fazendo de um jardim de sete metros um passeio de vinte metros. Nunca Flora, a risonha e viçosa deusa dos bons jardineiros latinos, fora honrada com um culto tão minucioso e tão puro quanto o que lhe rendiam nesse pequeno pomar.

Realmente, entre as vinte roseiras que compunham o canteiro, nenhuma folha exibia sinais de parasitas, nenhuma haste exibia o pequeno cacho de pulgões verdes que devastam e roem as plantas que brotam em terreno úmido. Entretanto, não era umidade o que faltava a esse jardim: bem o mostrava a terra negra como fuligem, a folhagem opaca das árvores; aliás, a umidade artificial substituiria prontamente a umidade natural, graças a um tonel cheio de água estagnada, colocado num canto do jardim, onde estacionavam, sobre uma toalha verde, uma rã e um sapo que, certamente por incompatibilidade de gênios, mantinham-se sempre de costas um para o outro, nos dois extremos do círculo.

Aliás, não havia erva daninha alguma nas alamedas, nem sequer uma folha parasita nos canteiros; uma mulher elegante poda e limpa com menos cuidado os gerânios, cactos e rododendros de

sua jardineira de porcelana do que o fazia o até então invisível dono do pomarzinho.

Depois de fechar a porta prendendo o cordão no prego, Monte-Cristo parou e abraçou num só olhar toda a propriedade.

— Parece — murmurou ele — que o homem do telégrafo tem jardineiros durante o ano inteiro, ou então se dedica apaixonadamente à agricultura.

De repente, o conde chocou-se contra alguma coisa agachada atrás de um carrinho cheio de folhagem; alguma coisa ergueu-se, deixando escapar uma exclamação que exprimia sua surpresa, e Monte-Cristo se viu diante de um bom homem de uns cinquenta anos colhendo morangos que colocava sobre folhas de parreira.

Havia doze folhas de parreira e cerca de doze morangos.

Ao se levantar, o bom homem quase deixou cair os morangos, as folhas e o prato.

— Está fazendo a sua colheita, senhor? — perguntou Monte-Cristo sorrindo.

— Perdão, senhor — respondeu o bom homem levando a mão ao boné —, não estou lá em cima, é verdade, mas acabei de descer neste mesmo instante.

— Não quero incomodá-lo de maneira alguma, meu amigo — disse o conde —, recolha os seus morangos, se ainda resta algum.

— Faltam dez — disse o homem —, pois aqui estão onze, e eu tinha vinte e um, cinco a mais do que no ano passado. Mas isto não me surpreende: este ano a primavera foi quente e, como o senhor vê, os morangos só precisam de calor. Por isso, em vez dos dezesseis que colhi no ano passado, este ano já colhi, veja só, doze, treze, catorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito... Oh, meu Deus, ainda me faltam dois, eles estavam aqui ainda ontem, senhor, estavam, tenho certeza, eu contei... Só pode ter sido o filho da mãe Simon quem me furtou... Eu o vi rondando por aqui de manhã... Ah, que ladrãozinho, roubar de um cercado!... Ele não sabe onde vai parar.

— De fato — disse Monte-Cristo —, isto é grave, mas lembre-se: o delinquente não passa de uma criança gulosa.

— Naturalmente — disse o jardineiro —, mas não deixa de ser bastante desagradável. Porém, mais uma vez, perdão, senhor: estou fazendo um chefe esperar?

E interrogou, com olhar receoso, o conde e sua casaca azul.

— Fique tranquilo, meu amigo — disse o conde com aquele sorriso que se tornava, conforme a sua vontade, tão terrível e tão benevolente, e que dessa vez só exprimia benevolência. — Não sou um chefe que veio inspecioná-lo, mas sim um simples viajante levado pela curiosidade, e já começo a me arrepender desta visita ao ver que o faço perder o seu tempo.

— Oh, o meu tempo não é precioso — replicou o bom homem com um sorriso melancólico. — Mesmo assim, o tempo é do governo, eu não deveria perdê-lo, mas eu tinha recebido o sinal de que podia descansar uma hora (e lançou o olhar a um relógio de sol, pois havia de tudo no cercado da torre de Montlhéry, até mesmo um relógio de sol) e, como vê, ainda tenho dez minutos de descanso; além disso, os meus morangos ficaram maduros, e um dia a mais... Aliás, acredita, senhor, que os roedores os comem?

— Nossa, não, não acredito — respondeu seriamente Monte-Cristo. — Mas que vizinhança terrível, senhor, a dos roedores, para nós que não os comemos cristalizados no mel, como faziam os romanos.

— Ah, os romanos os comiam? — fez o jardineiro. — Comiam os roedores?

— Li isso em Petrônio — respondeu o conde.

— Verdade? Não deve ser bom, apesar da expressão: “gordo como um roedor”... E não surpreende, senhor, eles serem gordos, pois dormem o dia inteiro e só acordam para roer a noite inteira... Olhe, no ano passado eu tinha quatro damascos: eles roeram um. Eu tinha um pêssigo, só um, é verdade que é uma fruta rara... Pois bem, senhor, eles me devoraram metade do pêssigo, do lado da cerca; um pêssigo soberbo, que era excelente. Nunca comi um melhor.

— O senhor o comeu? — perguntou Monte-Cristo.

— Quer dizer, comi a metade que restava, entenda bem... Que delícia, senhor. Ah, nossa, os senhores roedores não escolhem os

piores pedaços. São como o filho da mãe Simon: ele não escolheu os piores morangos, vá!... Mas este ano — continuou o horticultor —, pode ficar tranquilo, isso não vai acontecer, nem que eu tenha de passar a noite vigiando quando os frutos estiverem quase maduros.

Monte-Cristo já vira o suficiente. Cada homem tem a sua paixão, que o devora no fundo do coração, como cada fruto tem o seu verme; a paixão do homem do telégrafo era a horticultura.

Ele começou a colher as folhas de parreira, que escondiam os cachos do sol, e assim conquistou o coração do jardineiro.

— O senhor veio para ver o telégrafo? — perguntou ele.

— Sim, senhor, se é que não é proibido pelo regulamento.

— Oh, não é proibido de forma alguma — disse o jardineiro —, pois não há nada de perigoso, pois ninguém sabe nem pode saber o que transmitimos.

— Realmente — disse o conde —, disseram-me que os senhores repetiam sinais que vocês mesmos não compreendem.

— Certamente, senhor, e prefiro assim... — disse, rindo, o homem do telégrafo.

— Por que prefere assim?

— Porque, desse modo, não tenho responsabilidade. Sou apenas uma máquina, mais nada, e, desde que funcione, não me pedem mais nada.

— Diabo — disse Monte-Cristo a si mesmo —, por acaso me vejo diante de um homem sem ambições? Nossa, seria uma desgraça.

— Senhor — disse o jardineiro lançando um olhar ao relógio de sol —, os dez minutos estão se esgotando: vou voltar ao meu posto. Gostaria de subir comigo?

— Vou segui-lo.

De fato, Monte-Cristo entrou na torre dividida em três andares; no andar térreo havia alguns instrumentos agrícolas: enxadas, ancinhos e regadores encostados à parede — era a única mobília.

O segundo andar era a habitação costumeira, ou melhor, noturna, do funcionário; continha alguns pobres utensílios domésticos, uma cama, uma mesa, duas cadeiras, um jarro de pedra, mais algumas ervas secas penduradas no teto, ervas que o

conde reconheceu como ervilhas de cheiro e feijões espanhóis em sementes que o bom homem conservava em suas cascas; ele etiquetara tudo aquilo com os cuidados de um mestre em agricultura do Jardim Botânico.

— É preciso passar muito tempo estudando telegrafia, senhor?
— perguntou Monte-Cristo.

— Não é o estudo que é longo, é o estágio.

— E quanto pagam?

— Mil francos por ano, senhor.

— Não é muito...

— Não... Mas com moradia, como pode ver.

Monte-Cristo olhou o quarto.

— Espero que ele não adore o seu alojamento! — murmurou ele.

Passaram ao terceiro andar: era a sala do telégrafo. Monte-Cristo olhou sucessivamente os dois controles de ferro com os quais o funcionário manobrava a máquina.

— É muito interessante — disse ele. — Mas, com o tempo, não se torna uma vida que deve lhe parecer um tanto insípida?

— Sim, no começo isso dá torcicolos, de tanto olhar, mas no fim de um ano ou dois a gente se acostuma... Aliás, temos as nossas horas de folga e os nossos dias de descanso.

— Dias de descanso?

— Sim.

— Quando?

— Quando há nevoeiro.

— Ah, é verdade.

— São dias de festa para mim... Nesses dias eu desço ao jardim e planto, corto, aparo, mato as lagartas... Em suma, o tempo passa.

— Desde quando está aqui?

— Há dez anos; mais cinco anos de estágio, quinze.

— O senhor tem...

— Cinquenta e cinco anos.

— Quanto tempo de serviço lhe falta para se aposentar?

— Oh, senhor, vinte e cinco anos.

— E de quanto é a aposentadoria?

— Cem escudos.

— Pobre humanidade! — murmurou Monte-Cristo.
— O que o senhor disse?... — perguntou o funcionário.
— Eu disse que é muito interessante.
— O quê?
— Tudo o que me mostra... E não compreende absolutamente nada dos sinais telegráficos?
— Absolutamente nada.
— Nunca tentou compreender?
— Nunca... Para quê?
— Todavia, há sinais que se dirigem diretamente ao senhor.
— Certamente.
— E esses sinais o senhor compreende?
— São sempre os mesmos.
— O que eles dizem?
— *Nada de novo... Você tem uma hora... Ou Até amanhã.*
— Isto é perfeitamente inocente — disse o conde —, mas, veja só, o seu correspondente não está começando a emitir sinais?
— Ah, é verdade... Obrigado, senhor.
— E o que ele está dizendo? Algo que o senhor compreenda?
— Sim... Está me perguntando se estou pronto.
— E como lhe responde?
— Com um sinal que indica ao meu correspondente da direita que estou pronto e ao mesmo tempo convida o meu correspondente da esquerda a se preparar por sua vez.
— É muito engenhoso — disse o conde.
— O senhor vai ver — prosseguiu com orgulho o bom homem —, em cinco minutos ele vai falar.
— Então tenho cinco minutos — murmurou Monte-Cristo —, é mais tempo do que preciso. Meu caro senhor — continuou em voz alta —, permite-me fazer-lhe uma pergunta?
— Faça.
— Gosta de jardinagem?
— Apaixonadamente.
— E ficaria feliz se, em vez de um terraço de sete metros, tivesse um cercado de sete mil metros quadrados?
— Senhor, eu o transformaria num paraíso terrestre.

- Com os seus mil francos, o senhor vive mal?
- Muito mal... Mas, enfim, vivo.
- Sim, mas tem apenas um ínfimo jardim.
- Ah, é verdade, o jardim não é grande...
- E mesmo assim, embora diminuto, povoado por roedores que devoram tudo.
- Esse é o meu flagelo.
- Mas diga-me: e se tivesse a infelicidade de virar a cabeça quando o correspondente da direita transmitisse os sinais?
- Eu não o veria.
- Então, o que aconteceria?
- Eu não poderia repetir os seus sinais.
- E então?
- Então, não repetindo os sinais por negligência, eu seria multado.
- Em quanto?
- Cem francos.
- O décimo de sua renda... Que beleza!
- Ah! — fez o funcionário.
- Isso já lhe aconteceu? — perguntou Monte-Cristo.
- Uma vez, senhor, uma vez que eu estava enxertando uma roseira-avelã.
- Bem... Agora, e se o senhor resolvesse mudar alguma coisa nos sinais, ou transmitir outros sinais?
- Então seria diferente: eu seria despedido e perderia a minha aposentadoria.
- Trezentos francos?
- Cem escudos, sim, senhor... Assim, compreende, eu nunca faria nada disso.
- Nem mesmo por quinze anos de seus ordenados? Vejamos: isso merece reflexão, hein?
- Por quinze mil francos?
- Sim.
- O senhor me assusta...
- Ora!
- O senhor quer me tentar?

— Exatamente! Quinze mil francos, entende?
— Senhor, deixe-me ver o meu correspondente da direita!
— Pelo contrário, não olhe para ele: olhe isto.
— O que é isto?
— Como! Nunca viu esses papéis?
— Notas bancárias?!— Exatamente... Quinze notas.
— E a quem pertencem?
— Ao senhor, se quiser.
— A mim?! — exclamou o funcionário, sufocado.
— Oh, meu Deus, sim! Ao senhor, em plena propriedade.
— Senhor, olhe: o meu correspondente da direita está transmitindo.
— Deixe-o transmitir.
— O senhor me distraiu, vou ser multado.
— Isso lhe custará cem francos... Como vê, tem todo o interesse em aceitar as minhas quinze notas bancárias.
— Senhor, o correspondente da direita está impaciente, está repetindo os sinais.
— Deixe-o repetir e aceite.
O conde colocou o maço na mão do funcionário.
— Agora — disse ele —, isto não é tudo... Com esses quinze mil francos, o senhor não vai sobreviver.
— Continuo a ter o meu emprego.
— Não, vai perdê-lo... Pois vai fazer sinais diferentes dos sinais de seu correspondente.
— Oh, senhor, o que está me propondo?
— Uma brincadeira.
— Senhor, a não ser que eu seja obrigado...
— Realmente, pretendo obrigá-lo.
E Monte-Cristo tirou do bolso outro maço.
— Aqui estão mais dez mil francos — disse ele. — Com os quinze mil que estão em seu bolso, são vinte e cinco mil. Com cinco mil francos, comprará uma bela casinha e sete mil metros quadrados de terra... Com os outros vinte mil, terá mil francos de renda.

— Um jardim de sete mil metros quadrados?

— E mil francos de renda.

— Meu Deus, meu Deus!

— Mas então aceite!

E Monte-Cristo colocou à força os dez mil francos na mão do funcionário.

— O que devo fazer?

— Nada muito difícil.

— Mas, afinal...?

— Repetir estes sinais.

Monte-Cristo tirou do bolso um papel onde havia três sinais traçados e números indicando a ordem em que deviam ser transmitidos.

— Como vê, não vai demorar.

— Sim, mas...

— É com este gesto que colherá os pêssegos, e mais...

O gesto foi feito; vermelho de febre, suando muito, o bom homem executou sucessivamente os três sinais dados pelo conde, apesar dos enérgicos movimentos do correspondente da direita, que, nada compreendendo daquela mudança, já começava a achar que o homem dos frutos enlouquecera.

Quanto ao correspondente da esquerda, repetiu conscienciosamente os mesmos sinais, que foram definitivamente recebidos pelo Ministério do Interior.

— Agora está rico — disse Monte-Cristo.

— Sim — respondeu o funcionário —, mas a que preço?

— Escute, meu amigo — disse Monte-Cristo —, não quero que sinta remorsos... Assim, acredite-me, juro, não fez mal a ninguém: apenas serviu aos desígnios de Deus.

O funcionário olhava as notas bancárias, apalpava-as, contava-as; ficou pálido, ficou vermelho; enfim, correu ao seu quarto para beber um copo d'água; mas não teve tempo de chegar ao jarro: desmaiou no meio dos feijões secos.

Cinco minutos depois que a notícia telegráfica chegou ao ministério, Debray mandou atrelar os cavalos à sua carruagem e correu à casa de Danglars.

— O seu marido tem títulos de empréstimo espanhóis? — disse ele à baronesa.

— Acho que sim! Tem cerca de seis milhões.

— Que ele os venda a qualquer preço.

— Por quê?

— Porque dom Carlos fugiu de Bourges e voltou à Espanha.

— Como sabe?

— Ora — disse Debray, dando de ombros —, como sei das notícias...

A baronesa não esperou que ele repetisse: correu à sala do marido, que por sua vez correu a seu corretor e ordenou-lhe que vendesse a qualquer preço.

Quando viram que o senhor Danglars estava vendendo, os fundos espanhóis logo baixaram. Danglars perdeu quinhentos mil francos, mas livrou-se de todos os seus títulos.

À noite, lia-se no *Mensageiro*: Despacho telegráfico.

O rei dom Carlos escapou da vigilância exercida sobre ele em Bourges e voltou à Espanha pela fronteira da Catalunha. Barcelona sublevou-se em seu favor.

Durante toda a noite, só se falou na previdência de Danglars, que vendera os seus títulos, e na felicidade do agiota, que perdera apenas quinhentos mil francos com esse golpe.

Os que haviam conservado os seus títulos ou comprado os títulos de Danglars consideraram-se arruinados e passaram uma noite terrível.

No dia seguinte, lia-se no *Monitor*: Foi sem qualquer fundamento que o *Mensageiro* anunciou ontem a fuga de dom Carlos e a revolta de Barcelona.

O rei dom Carlos não saiu de Bourges, e a Península goza da mais profunda tranquilidade.

Um sinal telegráfico mal interpretado devido à neblina deu lugar a esse equívoco.

Os fundos subiram ao dobro do valor a que haviam caído.

Isso significou, em prejuízos e ganhos perdidos, um milhão a menos para Danglars.

— Bom! — disse Monte-Cristo a Morrel, que estava na casa do conde no momento em que anunciaram a estranha reviravolta da

Bolsa que vitimara Danglars. — Acabo de fazer, por vinte e cinco mil francos, uma descoberta pela qual eu pagaria cem mil francos.

— O que foi que acabou de descobrir? — perguntou Maximilien.

— Acabo de descobrir os meios de livrar um jardineiro dos roedores que devoravam os seus pêssegos.

LXIII. OS FANTASMAS

À primeira vista, observada do exterior, a casa de Auteuil nada tinha de esplêndido, nada tinha do que se podia esperar de uma residência destinada ao magnífico conde de Monte-Cristo; mas essa simplicidade devia-se à vontade do dono, que realmente ordenara que nada fosse mudado no exterior — para nos convenceremos disso, bastava ver o interior. De fato, assim que a porta se abria, o espetáculo se transformava.

O senhor Bertuccio superara a si mesmo no bom gosto da mobília e na rapidez da execução; assim como outrora o duque d'Antin mandara abater em uma noite uma alameda de árvores que incomodava a vista de Luís XIV,³ assim também em três dias o senhor Bertuccio mandara plantar um pátio inteiramente nu: belos álamos e sicômoros trazidos com os seus enormes blocos de raízes sombreavam a fachada principal da casa; diante do edifício, em vez de pedras escondidas pelo mato, estendia-se um gramado cujas placas tinham sido colocadas naquela mesma manhã e que formava vasto tapete onde ainda brilhava a água que o regara.

Aliás, as ordens eram do conde; ele mesmo entregara a Bertuccio um mapa onde indicava a quantidade e o lugar das árvores a serem plantadas, bem como a forma e o espaço do gramado a substituir as pedras.

Vista assim, a casa tornara-se irreconhecível — o próprio Bertuccio afirmava que já não a reconhecia mais, assim encaixada em sua moldura verde.

Já que estava ali, o intendente não ficaria aborrecido em fazer algumas mudanças no jardim, mas o conde proibira expressamente

que tocassem em algo. Em compensação, Bertuccio encheu de flores os vestíbulos, as escadas e as lareiras.

O que demonstrava a extrema habilidade do intendente e a profunda sabedoria do patrão — um para servir, outro para fazer-se servir — era que essa casa, deserta por vinte anos, tão triste e sombria ainda na véspera, toda impregnada daquele cheiro de mofo que poderia ser chamado de aroma do tempo, adquirira em um dia, com o aspecto da vida, os aromas preferidos pelo dono, bem como a sua iluminação preferida; pois o conde, ao chegar, ali teria à mão os seus livros e as suas armas; diante de seus olhos teria os seus quadros preferidos; nos vestíbulos, os cães cujas carícias ele adorava e os pássaros de cujo canto gostava; pois toda aquela casa, desperta de seu longo sono como o palácio da Bela Adormecida, vivia, cantava, alegrava-se, como as casas que amamos durante muito tempo, que infelizmente tivemos de abandonar, mas onde deixamos involuntariamente parte de nossa alma.

Criados iam e vinham alegremente pelo belo pátio; alguns iam para as cozinhas e deslizavam, como se sempre tivessem morado naquela casa, pelas escadas restauradas na véspera; outros povoavam as cocheiras, onde as carruagens, numeradas e alinhadas, pareciam instaladas havia cinquenta anos; ou as estrebarias, onde os cavalos nas cocheiras respondiam relinchando aos cavaleiros, quando estes lhes falavam, com um respeito infinitamente maior que o de muitos criados quando falam a seus patrões.

A biblioteca era disposta em duas fileiras, nos dois lados da parede, e continha cerca de dois mil volumes — uma seção inteira destinava-se aos romances modernos; o romance publicado na véspera já estava arrumado em seu lugar, pavoneando-se em sua encadernação vermelha e dourada.

Do outro lado da casa, em simetria com a biblioteca, havia a estufa, cheia de plantas raras a brotarem em grandes porcelanas japonesas, e no meio da estufa, a maravilhar os olhos e o olfato, um bilhar que parecia abandonado no máximo havia uma hora pelos

jogadores, que tinham deixado as bolas repousarem no tapete verde.

Apenas um quarto havia sido respeitado pelo magnífico Bertuccio. Diante desse quarto, situado no canto esquerdo do primeiro andar, ao qual se subia pela escadaria, do qual se saía pela escada secreta, os criados passavam com curiosidade — e Bertuccio, com terror.

Às cinco horas precisamente o conde chegou, acompanhado por Ali, diante da casa de Auteuil. Bertuccio esperava a sua chegada com uma impaciência mesclada à inquietude — esperava alguns elogios, embora temesse um franzir de sobrancelhas.

Monte-Cristo desceu no pátio, percorreu toda a casa e deu a volta pelo jardim em silêncio, sem demonstrar o menor sinal de aprovação ou descontentamento.

Apenas quando entrou em seu quarto, localizado no lado oposto ao quarto fechado, estendeu a mão à gaveta de um pequeno móvel de pau-rosa que já notara na primeira visita.

— Isto só pode servir para guardar luvas — disse ele.

— De fato, Excelência — respondeu Bertuccio, encantado —, abra e encontrará luvas.

Nos outros móveis, o conde também encontrou o que esperava encontrar: garrafas, charutos, joias.

— Muito bem! — acrescentou.

E o senhor Bertuccio retirou-se com a alma encantada, tão grande, poderosa e real era a influência do conde sobre tudo o que o cercava.

Às seis horas precisamente ouviu-se o trote de um cavalo diante da porta de entrada. Era o nosso capitão de cavalaria que chegava montando *Medea*.

Monte-Cristo esperou-o na escadaria com um sorriso nos lábios.

— Sou o primeiro a chegar, eu já sabia! — gritou-lhe Morrel. — Fiz de propósito para tê-lo um instante a sós comigo, antes de todo mundo. Julie e Emmanuel mandam-lhe dizer milhões de coisas. Ah, já sabia que isto aqui é magnífico? Diga-me, conde: os seus criados cuidarão bem do meu cavalo?

— Fique tranquilo, meu caro Maximilien, eles entendem de cavalos.

— É que ele está precisando ser escovado. Se soubesse em que passo ele veio! Um verdadeiro relâmpago.

— Caramba, acredito, um cavalo de cinco mil francos! — exclamou Monte-Cristo no tom de um pai falando ao filho.

— Lamenta os cinco mil francos? — perguntou Morrel com o seu franco sorriso.

— Eu? Deus me livre! — respondeu o conde. — Não... Eu só lamentaria se o cavalo não fosse bom.

— Ele é tão bom, meu caro conde, que o senhor de Château-Renaud, o maior conhecedor de cavalos da França, e o senhor Debray, que monta os cavalos árabes do Ministério, neste momento estão correndo atrás de mim, e estão um tanto distantes, como vê, e ainda são seguidos pelos cavalos da baronesa Danglars, que trotando percorrem nada menos do que seis léguas por hora.

— Então eles o seguem? — perguntou Monte-Cristo.

— Olhe, aí estão eles.

De fato, no mesmo instante, uma carruagem com parelha fumegante e dois ofegantes cavalos de sela chegaram ao portão da casa, que se abriu diante deles. Logo a carruagem descreveu o seu círculo e foi parar à escadaria, seguida pelos dois cavaleiros.

Num instante, Debray pisou a terra e chegou à portinhola. Ofereceu a mão à baronesa, que ao descer fez-lhe um gesto imperceptível para todos, salvo para Monte-Cristo.

Mas o conde não perdia nada e naquele gesto viu brilhar um pequeno bilhete branco tão imperceptível quanto o gesto: com uma facilidade que mostrava o hábito da manobra, o bilhete passou da mão da senhora Danglars à mão do secretário do ministro.

Atrás de sua mulher desceu o banqueiro, pálido como se saísse não da carruagem, mas do sepulcro.

A senhora Danglars lançou ao redor um olhar rápido e investigador que apenas Monte-Cristo pôde compreender, olhar com que ela abraçou o pátio, o peristilo e a fachada da casa; então, reprimindo leve emoção, que certamente se traduziria em seu rosto se fosse permitido a esse rosto empalidecer, ela subiu a escadaria

dizendo a Morrel: — Se o senhor fosse um de meus amigos, eu lhe perguntaria se o seu cavalo está à venda.

Morrel esboçou um sorriso que mais parecia uma careta e virou-se para Monte-Cristo, como a implorar-lhe que o tirasse de seu embaraço.

O conde compreendeu.

— Ah, senhora — respondeu ele —, por que não é a mim que essa pergunta se dirige?

— Dirigindo-se ao senhor — disse a baronesa —, não temos o direito de desejar nada, pois já temos a certeza de obter. Por isso perguntei ao senhor Morrel.

— Infelizmente — prosseguiu o conde —, sou testemunha de que o senhor Morrel não pode ceder o seu cavalo: a sua honra está comprometida em preservá-lo.

— Como assim?

— Ele apostou que domaria *Medea* no espaço de seis meses. Agora compreende, baronesa, que, se ele se desfizesse do cavalo antes do prazo fixado pela aposta, não apenas a perderia, mas ainda diriam que ele teve medo... E um capitão de cavalaria, mesmo que para satisfazer o capricho de uma bela mulher, o que, em minha opinião, é uma das coisas mais sagradas deste mundo, não poderia deixar correr semelhante rumor.

— Como vê, senhora... — disse Morrel, dirigindo a Monte-Cristo um sorriso de gratidão.

— Parece-me, aliás — disse Danglars em tom áspero mal disfarçado pelo sorriso forçado —, que a senhora já tem cavalos suficientes.

A senhora Danglars não costumava deixar sem resposta semelhantes ataques; entretanto, para grande surpresa dos jovens, ela fingiu não ouvir e nada replicou.

Monte-Cristo sorria diante desse silêncio, que denunciava extraordinária humildade, enquanto mostrava à baronesa dois imensos vasos de porcelana chinesa onde serpenteavam plantas marinhas de dimensões e trabalhos tais que só a natureza poderia ter tanta riqueza, seiva e espírito.

A baronesa estava maravilhada.

— Ah, mas aí dentro poderíamos plantar um castanheiro das Tulherias! — exclamou ela. — Então como seria possível cozinhar semelhantes imensidões?

— Ah, senhora — respondeu Monte-Cristo —, não devemos perguntar isso a nós mesmos, fabricantes de estatuetas e de vidro-musselina... É um trabalho de outro tempo, uma espécie de obra dos gênios da terra e do mar.

— Como assim? E de que época isso pode ser?

— Não sei... Apenas ouvi dizer que um imperador da China havia mandado construir um forno diferente; no forno foram cozidos sucessivamente doze vasos iguais a estes. Dois se quebraram ao calor do fogo; desceram os outros dez a trezentas braças no fundo do mar. Sabendo o que queriam dele, o mar lançou nos vasos as suas plantas, retorceu os seus corais, incrustou as suas conchas; tudo foi cimentado por duzentos anos em profundezas inauditas, pois uma revolução derrubou o imperador que tinha tentado essa experiência e que só deixou a ata em que constava o cozimento dos vasos e a sua descida ao fundo do mar. Duzentos anos depois, encontraram a ata e quiseram recuperar os vasos. Para isso mandaram fazer máquinas e mergulhadores partiram para explorar a baía onde os vasos tinham sido jogados; mas dos dez potes só encontraram três: os outros tinham sido carregados e quebrados pelas ondas. Adoro esses vasos; no fundo deles às vezes imagino monstros informes, aterradores, misteriosos, semelhantes aos monstros que só os mergulhadores veem, mirando surpresos o seu olhar frio e sem brilho, onde dormiram miríades de peixes que neles se refugiaram para fugir da perseguição de seus inimigos.

Enquanto Monte-Cristo falava, Danglars, pouco interessado em curiosidades, arrancava maquinalmente, uma por uma, as flores de uma magnífica laranjeira; quando acabou com a laranjeira, dirigiu-se a um cacto; mas então o cacto, de temperamento menos dócil que a laranjeira, picou-o ultrajantemente.

Então ele estremeceu e esfregou os olhos como se saísse de um sonho.

— Senhor — disselhe Monte-Cristo sorrindo —, é apreciador de quadros e tem obras magníficas; assim, não lhe recomendo os

meus. Entretanto, aqui estão dois Hobbema, um Paul Potter, um Mieris, dois Gérard Dow, um Rafael, um Van Dyck, um Zurbarán e dois ou três Murillo que são dignos de lhe ser apresentados.

— Olhe — exclamou Debray —, aqui está um Hobbema que eu reconheço.

— Ah, é verdade?

— Sim, foram oferecê-lo ao museu.

— Que não tinha Hobbemas, imagino... — aventurou Monte-Cristo.

— Não, mas mesmo assim recusou-se a comprá-lo.

— Por quê? — perguntou Château-Renaud.

— Você é engraçado... Porque o governo não é assim tão rico...

— Ah, perdão! — exclamou Château-Renaud. — Ouço dizerem isso todo santo dia, há oito anos, e ainda não me acostumei...

— Vai acabar se acostumando — respondeu Debray.

— Acho que não... — disse Château-Renaud.

— O senhor major Bartolomeo Cavalcanti... O senhor visconde Andrea Cavalcanti... — anunciou Baptistin.

Uma gola de cetim negro que acabara de sair das mãos do fabricante, uma barba recente, bigodes grisalhos, olhar firme, um uniforme de major adornado por três medalhas e cinco cruces, em suma, um traje irretocável de velho soldado — assim apareceu o major Bartolomeo Cavalcanti, aquele terno pai que já conhecemos.

Perto dele, coberto por roupas brilhantes de novas, avançava, com um sorriso nos lábios, o visconde Andrea Cavalcanti, aquele respeitoso filho que também já conhecemos.

Os três jovens conversavam entre eles; os seus olhares iam do pai ao filho e detiveram-se, naturalmente, por mais tempo no filho, examinando-o atentamente.

— Cavalcanti! — disse Debray.

— Belo nome — fez Morrel —, caramba!

— Sim — disse Château-Renaud —, é verdade, esses italianos nomeiam-se bem, mas vestem-se mal.

— Não seja difícil, Château-Renaud — acrescentou Debray —, essas roupas são de excelente alfaiate, e são bem novas.

— É justamente isso o que reprovo. Esse cavalheiro tem os ares de quem se veste hoje pela primeira vez.

— Quem são esses cavalheiros? — perguntou Danglars ao conde de Monte-Cristo.

— O senhor ouviu: os Cavalcanti.

— Isso só me informa o nome deles, nada mais.

— Ah, é verdade, o senhor não está a par de nossa nobreza italiana: quem diz Cavalcanti diz raça de príncipes.

— Bela fortuna? — perguntou o banqueiro.

— Fabulosa.

— Que fazem eles?

— Tentam torrar a sua fortuna, mas não conseguem. Aliás, têm créditos em seu banco, pelo que me disseram ao me visitarem anteontem. E eu até mesmo os convidei pensando no senhor. Vou apresentá-los.

— Mas me parece que eles falam muito bem o francês — disse Danglars.

— O filho foi educado num colégio do Sul, em Marselha ou nos arredores, creio. Vai vê-lo entusiasmado.

— Pelo quê? — perguntou a baronesa.

— Pelas francesas, minha senhora... Ele faz questão de arranjar uma esposa em Paris.

— Ah, que boa ideia! — disse Danglars dando de ombros.

A senhora Danglars olhou o marido com uma expressão que em qualquer outro momento anunciaria uma tempestade; mas pela segunda vez calou-se.

— O barão parece muito sombrio hoje — disse Monte-Cristo à senhora Danglars. — Por acaso querem nomeá-lo ministro?

— Não, ainda não, que eu saiba. Acredito antes que ele jogou na Bolsa... Deve ter perdido e não sabe a quem culpar.

— O senhor e a senhora de Villefort! — exclamou Baptistin.

As duas pessoas anunciadas entraram. Apesar de seu domínio de si mesmo, o senhor de Villefort estava visivelmente comovido. Ao tocar sua mão, Monte-Cristo percebeu que ela tremia.

— Decididamente, só as mulheres sabem dissimular — disse Monte-Cristo a si mesmo olhando a senhora Danglars, que sorria ao

procurador do rei e beijava a sua mulher.

Depois dos cumprimentos iniciais, o conde viu Bertuccio — até então ocupado do lado da copa — deslizar em um pequeno salão vizinho.

Foi até ele.

— Que deseja, senhor Bertuccio? — perguntou o conde.

— Sua Excelência não me disse o número de seus convidados.

— Ah, é verdade.

— Quantos talheres?

— Conte o senhor mesmo.

— Todo mundo já chegou, Excelência?

— Sim.

Bertuccio olhou pela porta entreaberta.

Monte-Cristo não tirava os olhos dele.

— Ah, meu Deus! — exclamou Bertuccio.

— O que foi? — perguntou o conde.

— Aquela mulher, aquela mulher!...

— Qual?

— A de vestido branco, cheia de diamantes!... A loira!...

— A senhora Danglars?

— Não sei como ela se chama... Mas é ela, senhor, é ela!

— Ela quem?

— A mulher do jardim! A que estava grávida! A que passeava enquanto esperava!... Enquanto esperava!...

Bertuccio estava de boca aberta, pálido, com os cabelos em pé.

— Enquanto esperava quem?

Sem responder, Bertuccio apontou Villefort, de maneira semelhante a Macbeth ao apontar Banquo.⁴

— Oh, oh!... — murmurou ele enfim. — Está vendo?

— O quê? Quem?

— Ele!

— Ele? O senhor procurador do rei, de Villefort? Naturalmente, estou vendo.

— Mas então eu não o matei?!

— Ah, sim, mas acho que está ficando louco, meu bravo senhor Bertuccio — exclamou o conde.

— Mas então eu não o matei?!

— Ah, não, ele está bem vivo, como vê... Em vez de feri-lo entre a sexta e a sétima costela esquerda, como costumam fazer os seus compatriotas, deve tê-lo ferido um pouco acima ou abaixo... E essas pessoas da justiça têm a alma colada no corpo... Ou então nada do que me contou é verdade, é só um sonho de sua imaginação, uma alucinação de seu espírito... Deve ter dormido digerindo mal a sua vingança... Ela deve ter lhe pesado no estômago... Deve ter tido um pesadelo, nada mais. Vamos, acalme-se, conte: o senhor e a senhora de Villefort, dois; o senhor e a senhora Danglars, quatro; os senhores Château-Renaud, Debray, Morrel, sete; o senhor major Bartolomeo Cavalcanti, oito.

— Oito! — repetiu Bertuccio.

— Espere..., espere! Está com muita pressa de ir embora, que diabo! Esqueceu um de meus convidados. Olhe um pouco à esquerda... Olhe... O senhor Andrea Cavalcanti, o jovem de casaca negra, olhando a Virgem de Murillo, que está se voltando.

Dessa vez, Bertuccio começou a dar um grito que o olhar de Monte-Cristo deteve em seus lábios.

— Benedito! — murmurou ele baixinho. — Que fatalidade!

— Estão soando seis e meia, senhor Bertuccio — disse energicamente o conde. — É a hora em que ordenei sentarem-se à mesa... Sabe que não gosto de esperar.

E Monte-Cristo voltou ao salão onde o esperavam os seus convidados, enquanto Bertuccio voltava à sala de jantar apoiando-se nas paredes.

Cinco minutos depois, as duas portas do salão se abriram. Bertuccio apareceu e, como Vatel em Chantilly, fazendo um último e heroico esforço: — O senhor conde está servido — disse ele.

Monte-Cristo ofereceu o braço à senhora de Villefort.

— Senhor de Villefort — disse ele —, por favor, acompanhe a senhora baronesa Danglars.

Villefort obedeceu e passaram à sala de jantar.

LXIV. O JANTAR

Ao passarem à sala de jantar, era evidente que um mesmo sentimento animava todos os convidados. Eles se perguntavam que estranha influência trouxera todos àquela casa; entretanto, por mais surpresos e até mesmo inquietos que alguns se achassem ao se verem ali, não desejariam estar em nenhum outro lugar.

Todavia, relações tão recentes, o local excêntrico e isolado, a fortuna desconhecida e quase fabulosa do conde, impunham aos homens o dever de serem circunspectos, às mulheres a lei de não entrarem naquela casa onde não havia mulher para recebê-las; entretanto, homens e mulheres tinham desobedecido uns a circunspeção, outras a conveniência; e a curiosidade, arrebatando-os com as suas presas irresistíveis, prevalecera sobre tudo.

Até mesmo os Cavalcanti, pai e filho — um apesar de sua rigidez, outro apesar de seu desembaraço —, pareciam preocupados por se verem — na casa daquele homem cuja intenção não conseguiam compreender — reunidos com outros homens que viam pela primeira vez.

A senhora Danglars fizera um movimento ao ver, a convite de Monte-Cristo, o senhor de Villefort aproximar-se dela para oferecer-lhe o braço, e o senhor de Villefort sentira os seus olhos se turvarem atrás dos óculos de ouro ao sentir o braço da baronesa pousar no seu.

Nenhum desses dois movimentos escapara ao conde — no simples contato entre os indivíduos já havia para o observador daquela cena grande interesse.

O senhor de Villefort tinha à sua direita a senhora Danglars e à sua esquerda Morrel.

O conde sentara-se entre a senhora de Villefort e Danglars.

Os outros lugares foram preenchidos por Debray — sentado entre Cavalcanti pai e Cavalcanti filho — e por Château-Renaud — sentado entre a senhora de Villefort e Morrel.

A refeição foi magnífica: Monte-Cristo assumira a tarefa de subverter completamente a simetria parisiense e satisfazer mais a

curiosidade do que o apetite de seus convidados com os alimentos desejados. Ofereceu-lhes um festim oriental, mas oriental à maneira que podiam ser os festins dos contos de fada árabes.

Todos os frutos que as quatro partes do mundo podem oferecer intactos e saborosos no corno da abundância da Europa acumulavam-se em pirâmides nos vasos da China e nas taças do Japão. Aves raras, com a parte brilhante de sua plumagem, peixes monstruosos, estendidos em lâminas de prata, todos os vinhos do Arquipélago, da Ásia Menor e do Cabo, encerrados em frascos de formas bizarras, cuja aparência parecia aumentar ainda mais o seu sabor, desfilavam, como em uma revista que Apício fazia com os seus convidados, diante daqueles parisienses que achavam muito natural gastar mil luíses em um jantar para dez pessoas, desde que, como Cleópatra, comessem pérolas, ou, como Lourenço de Médici, bebessem ouro derretido.

Monte-Cristo percebeu a surpresa geral e começou a rir e a zombar em voz alta.

— Senhores — disse ele —, não de concordar, não é verdade, que, alcançado certo grau de fortuna, nada é mais necessário do que o supérfluo, assim como as senhoras concordarão que, alcançado certo grau de exaltação, nada é mais positivo do que o ideal, não é verdade? Ora, levando adiante esse raciocínio, o que é o maravilhoso? É o que nós não compreendemos. O que é um bem realmente desejável? É um bem que não podemos ter. Ora, ver coisas que não posso compreender, proporcionar-me coisas impossíveis de obter, essa é a pesquisa de toda a minha vida. Consigo-o de duas maneiras: com o dinheiro e com a vontade. Para realizar uma fantasia, por exemplo, tenho a mesma perseverança que você, senhor Danglars, tem para criar uma linha de trem; que você, senhor Villefort, para condenar um homem à morte; que você, senhor Debray, para pacificar um reino; que você, senhor de Château-Renaud, para agradar a uma mulher; e que você, Morrel, para domar um cavalo que ninguém consegue montar. Assim, por exemplo, vejam esses dois peixes, nascidos um a cinquenta léguas de São Petersburgo, outro a cinco léguas de Nápoles. Não é divertido reuni-los à mesma mesa?

— Que peixes são esses? — perguntou Danglars.

— Aqui está o senhor de Château-Renaud, que morou na Rússia, que lhe dirá o nome do primeiro — respondeu Monte-Cristo —, e aqui está o senhor major Cavalcanti, que é italiano, que lhe dirá o nome do outro.

— Acho que este é um esturjão — disse Château-Renaud.

— Exatamente.

— E este é, se não me engano, uma lampreia — disse Cavalcanti.

— Isso mesmo. Agora, senhor Danglars, pergunte a esses dois senhores onde se pescam esses dois peixes.

— Ora — disse Château-Renaud —, esturjões só podem ser pescados no Volga.

— Ora — disse Cavalcanti —, lampreias desse tamanho só existem no lago de Fusaro.

— Muito bem, exatamente: um veio do Volga, o outro do lago de Fusaro.

— Impossível! — exclamaram juntos todos os convidados.

— Muito bem, é exatamente isso que me diverte — exclamou Monte-Cristo. — Eu sou como Nero, *cupitor impossibilium*,⁵ e é exatamente isso que diverte vocês também neste momento; enfim, é isso que faz essa carne, que na verdade talvez não seja tão saborosa quanto a da perca ou a do salmão, parecer-lhes deliciosa neste momento: é que em seu espírito parecia impossível obtê-la, mas aqui está ela.

— Mas como conseguiram transportar esses dois peixes até Paris?

— Oh, meu Deus! Nada mais simples: transportaram esses dois peixes em grandes tonéis revestidos um de caniços e ervas do rio, outro de juncos e plantas do lago; foram colocados num furgão feito só para isso; assim sobreviveram, o esturjão doze dias, a lampreia oito; ambos estavam perfeitamente vivos quando o meu cozinheiro pegou-os para fazer um morrer no leite, outro no vinho. Não acredita, senhor Danglars?

— No mínimo, duvido — respondeu Danglars, rindo o seu riso grosseiro.

— Baptistin — disse Monte-Cristo —, mande trazer o outro esturjão e a outra lampreia... Você sabe: aqueles que vieram em outros tonéis e ainda estão vivos.

Danglars arregalou olhos surpresos; o grupo aplaudiu.

Quatro criados trouxeram dois tonéis cheios de plantas marinhas: em cada um deles palpitava um peixe igual aos que estavam servidos à mesa.

— Mas por que dois de cada espécie? — perguntou Danglars.

— Porque um poderia morrer — respondeu simplesmente Monte-Cristo.

— O senhor é realmente um homem prodigioso — disse Danglars —, os filósofos falam em vão, mas é soberbo ser rico.

— E, principalmente, ter ideias — disse a senhora Danglars.

— Oh, não me conceda a honra dessa ideia, minha senhora... Ela já era honrada pelos romanos... E Plínio conta que mandavam de Óstia a Roma, revezando escravos que os carregavam na cabeça, peixes da espécie daquele chamado *mulus*, que, pela sua descrição, é provavelmente o dourado. Também era um luxo vê-lo vivo, era um espetáculo muito divertido vê-lo morrer, pois ao morrer ele mudava de cor três ou quatro vezes e, como um arco-íris a evaporar, passava por todos os tons do prisma, depois era enviado às cozinhas. A sua agonia fazia parte de seu mérito. Se não o viam quando vivo, desprezavam-no quando morto.

— Sim — disse Debray —, mas entre Óstia e Roma só há sete ou oito léguas.

— Ah, isto é verdade — exclamou Monte-Cristo. — Mas onde estaria o mérito de viver mil e oitocentos anos depois de Lúculo se não fizéssemos melhor do que ele?

Os dois Cavalcanti arregalavam os olhos, mas tinham o bom senso de não dizer uma palavra.

— Tudo isso é muito bonito — disse Château-Renaud. — Entretanto, confesso, o que mais admiro é a admirável prontidão com que o senhor é servido. Não é verdade, senhor conde, que só comprou esta casa há cinco ou seis dias?

— No máximo, é verdade... — disse Monte-Cristo.

— Muito bem! Tenho certeza de que em uma semana a casa passou por uma reforma completa... Afinal, se não me engano, a casa tinha uma entrada diferente, o pátio era pavimentado e vazio, enquanto agora é um magnífico gramado cheio de árvores que parecem centenárias.

— O que esperava? Adoro o verde e a sombra — respondeu Monte-Cristo.

— De fato — disse a senhora de Villefort —, antigamente se entrava por um portão que dava para a estrada, e, no dia de minha milagrosa salvação, foi pela estrada, bem me lembro, que o senhor me fez entrar na casa.

— Sim, senhora — disse Monte-Cristo. — Mas depois preferi uma entrada que me permitisse ver o bosque de Boulogne através do portão.

— Em quatro dias — exclamou Morrel —, é um prodígio!

— De fato — disse Château-Renaud —, transformar uma velha casa em uma nova é algo milagroso... Pois ela era muito velha, esta casa, e até mesmo muito triste. Eu me lembro de ter sido encarregado por minha mãe de visitá-la, quando o senhor de Saint-Méran colocou-a à venda, há dois ou três anos.

— O senhor de Saint-Méran? — exclamou a senhora de Villefort. — Mas então esta casa pertencia ao senhor de Saint-Méran antes que a comprasse, senhor conde?

— Parece que sim — respondeu Monte-Cristo.

— Como assim, parece? Não sabe de quem comprou esta casa?

— Juro que não... Foi o meu intendente que se encarregou de todos esses detalhes.

— É verdade que há pelo menos dez anos ela não era habitada — disse Château-Renaud. — E era uma grande tristeza vê-la com as persianas fechadas, as portas trancadas, o mato no pátio. Na verdade, se a casa não pertencesse ao sogro de um procurador do rei, poderíamos confundir-la com uma dessas casas malditas onde algum grande crime foi cometido.

Villefort, que até então não tocara nos três ou quatro copos de vinhos extraordinários colocados à sua frente, tomou um ao acaso e esvaziou-o num só trago.

Monte-Cristo deixou passar um instante; então, em meio ao silêncio que seguira as palavras de Château-Renaud: — É estranho — disse ele —, senhor barão, mas este mesmo pensamento me ocorreu quando entrei aqui pela primeira vez... E esta casa me pareceu tão sinistra que eu nunca a teria comprado se o meu intendente não tivesse fechado o negócio por mim. Provavelmente o espertinho recebeu alguma gorjeta do tabelião.

— Provavelmente — balbuciou Villefort, tentando rir. — Mas acredite: nada tenho a ver com essa corrupção. O senhor de Saint-Méran queria que esta casa, que fazia parte do dote de sua neta, fosse vendida, pois, se ficasse mais três ou quatro anos deserta, cairia em ruínas.

Foi a vez de Morrel empalidecer.

— Havia, principalmente — continuou Monte-Cristo —, um quarto, ah, meu Deus, aparentemente muito simples, um quarto igual a todos os outros, forrado de damasco vermelho, que me pareceu, não sei por quê, extremamente dramático.

— Por quê? — perguntou Debray. — Dramático por quê?

— Podemos nos dar conta das coisas instintivas? — respondeu Monte-Cristo. — Não há lugares onde parece que respiramos naturalmente a tristeza? Por quê? Não sabemos... Por um encadeamento de lembranças, por um capricho do pensamento que nos leva a outros tempos, a outros lugares, que talvez nem tenham relação com os tempos e lugares em que estamos... Tanto assim que esse quarto me lembrava perfeitamente o quarto da marquesa de Ganges, ou o quarto de Desdêmona. Ah, juro, olhem, já que terminamos de jantar, preciso mostrar-lhes esse quarto, depois voltaremos a descer para tomar o café no jardim... Depois do jantar, o espetáculo.

Monte-Cristo fez um gesto interrogando os seus convidados. A senhora de Villefort levantou-se, Monte-Cristo também, todos seguiram o seu exemplo.

Villefort e a senhora Danglars permaneceram por um instante como que pregados em seus lugares; interrogavam-se com olhares frios, mudos e gelados.

— Ouviu? — perguntou a senhora Danglars.

— Precisamos ir — respondeu Villefort, levantando-se e oferecendo-lhe o braço.

Todos já haviam se espalhado pela casa, impulsionados pela curiosidade, pois achavam que a visita não se limitaria àquele quarto e que logo percorreriam o resto daquele cortiço que Monte-Cristo transformara em palácio. Então todos se lançaram pelas portas abertas. Monte-Cristo esperou os dois retardatários; então, quando ambos também passaram, seguiu-os com um sorriso que, se pudessem entender, espantaria os convidados muito mais do que o quarto onde iriam entrar.

Começaram de fato a percorrer os aposentos, os quartos mobiliados à moda oriental, com divãs e almofadas em vez de camas, com cachimbos e armas em vez de móveis; os salões forrados pelos mais belos quadros dos velhos mestres; as alcovas com tecidos da China, em cores caprichosas, com desenhos fantásticos e panos maravilhosos; enfim chegaram ao famoso quarto.

Ele não tinha nada de especial, a não ser que, embora estivesse escurecendo, não estava iluminado e conservava toda a sua antiga aparência, enquanto todos os outros quartos se revestiam de novos enfeites.

Esses dois motivos bastavam, de fato, para conferir-lhe um aspecto lúgubre.

— Uh! — exclamou a senhora de Villefort. — Realmente, é assustador.

A senhora Danglars tentou balbuciar algumas palavras que não foram ouvidas.

Vários comentários se cruzaram: a conclusão foi que de fato o quarto de damasco vermelho tinha um aspecto sinistro.

— Não é verdade? — perguntou Monte-Cristo. — Vejam como essa cama está colocada de maneira estranha, como as paredes são sombrias e sangrentas... E esses dois retratos a pastel,

desbotados pela umidade, não parecem dizer, com os seus lábios pálidos e os seus olhos arregalados: “Eu vi!”?

Villefort ficou pálido; a senhora Danglars caiu em um divã instalado ao lado da lareira.

— Oh! — exclamou a senhora de Villefort, sorrindo. — Como tem coragem de sentar-se nessa cadeira onde o crime talvez tenha sido cometido?

A senhora Danglars levantou-se depressa.

— E depois — disse Monte-Cristo — isto não é tudo.

— O que mais? — perguntou Debray, a quem a emoção da senhora Danglars não escapara.

— Ah, sim, o que mais? — perguntou Danglars. — Pois até agora confesso que não vi grande coisa... E você, senhor Cavalcanti?

— Ah! — exclamou este. — Em Pisa temos a torre de Ugolino, em Ferrara a prisão de Tasso, em Rimini o quarto de Francesca e Paolo...

— Sim, mas vocês não têm esta escadinha — disse Monte-Cristo abrindo uma porta escondida na parede —, olhem e digam o que acham...

— Que sinistra, a curvatura dessa escada! — exclamou Château-Renaud, rindo.

— Fato é — disse Debray — que não sei se é o vinho de Chio que leva à melancolia, mas certamente vejo esta casa bem sombria.

Quanto a Morrel, desde que mencionaram o dote de Valentine, permanecia triste e não dizia palavra.

— Imaginem — disse Monte-Cristo — um Otelo, ou algum abade do Ganges, descendo passo a passo, numa noite sombria e tempestuosa, esta escada, com algum fardo lúgubre que ele tem pressa de esconder dos olhos dos homens ou do olhar de Deus...

A senhora Danglars quase desmaiou nos braços de Villefort — ele mesmo viu-se obrigado a apoiar-se na parede.

— Ah, meu Deus, senhora — exclamou Debray —, o que tem? Como está pálida!

— O que ela tem — disse a senhora de Villefort — é muito simples... Ela tem que o conde de Monte-Cristo nos conta histórias

macabras, sem dúvida pretendendo nos fazer morrer de medo.

— É verdade — disse Villefort. — De fato, conde, está aterrorizando essas senhoras.

— O que tem? — repetiu baixinho Debray à senhora Danglars.

— Nada, nada — disse ela fazendo um esforço —, preciso de ar, nada mais.

— Quer descer ao jardim? — perguntou Debray, oferecendo o braço à senhora Danglars e caminhando para a escada secreta.

— Não — disse ela —, não... Prefiro ficar aqui mesmo.

— Na verdade, minha senhora — disse Monte-Cristo —, esse terror é sério mesmo?

— Não, senhor — disse a senhora Danglars. — Mas o senhor tem uma forma de sugerir as coisas que dá à ilusão a aparência de realidade.

— Oh, meu Deus, sim — exclamou Monte-Cristo, sorrindo —, e tudo isso não passa de imaginação... Pois afinal por que não ver este quarto antes como um bom e honesto quarto de mãe de família? Esta cama, com as suas cortinas roxas, como uma cama visitada pela deusa Lucina? E esta escada misteriosa como a passagem por onde, devagar, para não perturbar o sono reparador da parturiente, passa o médico, ou a ama de leite, ou o próprio pai, levando o filho que dorme...

Então a senhora Danglars, em vez de se tranquilizar com a doce descrição, deu um gemido e desmaiou de vez.

— A senhora Danglars está passando mal — balbuciou Villefort —, talvez seja preciso levá-la para a sua carruagem.

— Oh, meu Deus — exclamou Monte-Cristo —, e eu que esqueci o meu frasco...

— Eu trouxe o meu — disse a senhora de Villefort.

E ela passou a Monte-Cristo um frasco cheio de um licor vermelho semelhante àquele com que o conde exercera em Édouard a sua benéfica influência.

— Ah! — exclamou Monte-Cristo, tomando-o das mãos da senhora de Villefort.

— Sim — murmurou ela —, conforme as suas indicações, experimentei...

— E conseguiu?

— Acho que sim.

Tinham levado a senhora Danglars para o quarto ao lado. Monte-Cristo deixou cair em seus lábios uma gota do licor vermelho e ela voltou a si.

— Oh — exclamou ela —, que sonho terrível!

Villefort apertou fortemente o seu punho para fazê-la compreender que não havia sonhado.

Procuraram o senhor Danglars — pouco disposto às impressões poéticas, ele descera ao jardim e conversava com o senhor Cavalcanti pai sobre um projeto de ferrovia de Livorno a Florença.

Monte-Cristo parecia desesperado; tomou o braço da senhora Danglars e conduziu-a ao jardim, onde encontraram o senhor Danglars tomando café entre os senhores Cavalcanti pai e filho.

— Na verdade, minha senhora — disse ele —, realmente a assustei?

— Não, senhor... Mas, como sabe, as coisas nos impressionam conforme a disposição de espírito em que nos encontramos.

Villefort esforçou-se para rir.

— Então, o senhor compreende — disse ele —, basta uma suposição, uma fantasia...

— Então — disse Monte-Cristo —, acreditem se quiserem, estou convencido de que um crime foi cometido nesta casa.

— Cuidado — disse a senhora de Villefort —, aqui está o procurador do rei...

— Realmente — respondeu Monte-Cristo —, já que ele está aqui, vou aproveitar para dar o meu depoimento.

— O seu depoimento? — perguntou Villefort.

— Sim, e perante testemunhas.

— Tudo isso é muito interessante — disse Debray — e, se realmente houve crime, vamos fazer a digestão admiravelmente...

— Houve crime — disse Monte-Cristo. — Venham por aqui, senhores... Venha, senhor de Villefort... Para que o depoimento seja válido, deve ser feito às autoridades competentes.

Monte-Cristo tomou o braço de Villefort e, ao mesmo tempo que apertava sob o seu o braço da senhora Danglars, arrastou o

procurador do rei até debaixo do plátano onde a sombra era mais densa.

Todos os outros convidados os seguiram.

— Vejam — disse Monte-Cristo —, aqui, neste mesmo lugar (e batia a terra com o pé), aqui, para renovar essas árvores já velhas, mandei cavar e adubar a terra... Bem!... Os meus trabalhadores, ao cavarem, desenterraram um cofre, ou melhor, as ferragens de um cofre, no meio das quais estava o esqueleto de uma criança recém-nascida. Isto não é fantasmagoria? Espero...

Monte-Cristo sentiu o braço da senhora Danglars endurecer e a mão de Villefort tremer.

— Uma criança recém-nascida... — repetiu Debray. — Diabo! Isso está ficando sério, me parece...

— Bem — exclamou Château-Renaud —, eu não me enganei quando disse agora mesmo que as casas tinham uma alma e um rosto, como os homens, e traziam em sua fisionomia um reflexo de suas entranhas. A casa era triste porque tinha remorsos... E tinha remorsos porque escondia um crime.

— Oh, quem disse que era um crime? — exclamou Villefort, tentando um último esforço.

— Como! Uma criança enterrada viva num jardim não é um crime? — exclamou Monte-Cristo. — Então como chama esse ato, senhor procurador do rei?

— Mas quem disse que foi enterrada viva?

— Por que enterrá-la aqui, se ela estava morta? Este jardim nunca foi um cemitério.

— O que acontece aos infanticidas neste país? — perguntou ingenuamente o major Cavalcanti.

— Oh, meu Deus! Simplesmente, cortam-lhes o pescoço! — respondeu Danglars.

— Oh, cortam-lhes o pescoço... — repetiu Cavalcanti.

— Acredito que sim... Não é verdade, senhor de Villefort? — perguntou Monte-Cristo.

— Sim, senhor conde — respondeu Villefort em um tom que já não tinha mais nada de humano.

Monte-Cristo percebeu que as duas pessoas para quem preparara esta cena não poderiam suportar mais; e, não querendo levá-la longe demais: — Mas e o café, senhores — disse ele —, parece que esquecemos o café.

E levou os seus convidados à mesa colocada no meio do gramado.

— Na verdade, senhor conde — disse a senhora Danglars —, tenho vergonha de confessar a minha fraqueza, mas todas essas histórias terríveis me perturbaram... Permita que eu me sente, por favor.

E ela caiu numa cadeira.

Monte-Cristo saudou-a e aproximou-se da senhora de Villefort.

— Creio que a senhora Danglars ainda precisa de seu frasco — disse o conde.

Todavia, antes que a senhora de Villefort se aproximasse de sua amiga, o procurador do rei já dissera ao ouvido da senhora Danglars: — Preciso falar com você.

— Quando?

— Amanhã.

— Onde?

— No meu escritório... No tribunal, se preferir... Lá ainda é o lugar mais seguro.

— Eu irei.

Nesse momento, a senhora de Villefort aproximou-se.

— Obrigada, querida amiga — disse a senhora Danglars, tentando sorrir —, não foi nada, já estou me sentindo bem melhor.

LXV. O MENDIGO

A noite avançava; a senhora de Villefort já manifestara o desejo de voltar a Paris —o que a senhora Danglars não ousara, apesar de seu evidente mal-estar.

A pedido da esposa, o senhor de Villefort foi o primeiro a dar o sinal de partida. Ofereceu um lugar em sua carruagem à senhora Danglars, para que sua esposa cuidasse dela. Quanto ao senhor

Danglars, absorto em uma conversa industrial das mais interessantes com o senhor Cavalcanti, não dava a menor atenção ao que se passava.

Ao pedir o frasco à senhora de Villefort, Monte-Cristo percebera que o senhor de Villefort se aproximara da senhora Danglars; e, guiado pela situação, adivinhara o que Villefort lhe dissera, embora ele falasse tão baixo que a própria senhora Danglars mal o ouvira.

Sem se opor a nenhuma iniciativa, deixou Morrel, Debray e Château-Renaud partirem a cavalo; deixou as duas damas subirem à carruagem do senhor de Villefort; Danglars, por sua vez, cada vez mais encantado com Cavalcanti pai, convidou-o a acompanhá-lo em seu cupê.

Quanto a Andrea Cavalcanti, dirigiu-se a seu tálburi, que o esperava em frente ao portão, onde um *groom*,⁶ exagerando as maneiras da moda inglesa, erguendo-se na ponta de suas botas, segurava-lhe o enorme cavalo cinza-chumbo.

Durante o jantar, Andrea não falara muito precisamente por ser um rapaz muito inteligente, que naturalmente receava dizer alguma tolice no meio daqueles convidados ricos e poderosos, entre os quais os seus olhos dilatados percebiam — talvez não sem receio — um procurador do rei.

A seguir, ele fora monopolizado pelo senhor Danglars, que, depois de rápido olhar ao velho major cerimonioso e a seu filho ainda um tanto tímido, associando esses sintomas à hospitalidade de Monte-Cristo, concluía que estava lidando com algum nababo que viera a Paris para aperfeiçoar o seu filho único na vida social.

Assim, contemplara com inexprimível simpatia o enorme diamante a brilhar no dedinho do major — pois o major, como homem prudente e experiente, temendo que acontecesse algum acidente a seu dinheiro, convertera-o imediatamente num objeto de valor. Então, depois do jantar, sempre a pretexto de indústria e de viagens, interrogara pai e filho sobre a sua maneira de viver; — pai e filho, avisados de que era no banco de Danglars que deveriam lhes ser abertos, a um, o crédito de quarenta e oito mil francos pagos de uma só vez, a outro o crédito anual de cinquenta mil libras,

tinham sido encantadores e cheios de afabilidade com o banqueiro, e até teriam apertado a mão de seus criados, se estes não tivessem se esquivado, pois a sua gratidão não conhecia limites.

Uma coisa, sobretudo, aumentou a consideração — diríamos quase a veneração — de Danglars por Cavalcanti. Este, fiel ao princípio de Horácio: *nil admirari*,⁷ contentara-se, como vimos, a dar provas de ciência, dizendo o nome do lago onde se pescavam as melhores lampreias. A seguir, comera a sua parte de lampreia sem dizer uma palavra. Danglars concluía que esses luxos eram familiares ao ilustre descendente dos Cavalcanti, que em Luca provavelmente se alimentaria de trutas que mandava trazer da Suíça, e de lagostas que lhe enviavam da Bretanha, mediante procedimentos iguais aos utilizados pelo conde para mandar trazer as lampreias do lago Fusaro e os esturjões do rio Volga.

Assim, ele acolhera com muito prazer estas palavras de Cavalcanti: — Amanhã, meu senhor, terei a honra de fazer-lhe uma visita de negócios.

— E eu, meu senhor — respondera Danglars —, ficarei feliz em recebê-lo.

Foi então que ele propôs a Cavalcanti — desde que não ficasse muito infeliz por separar-se de seu filho — acompanhá-lo ao hotel dos Príncipes.

Cavalcanti respondeu que havia muito tempo o seu filho estava acostumado a levar a vida de jovem independente — logo, tinha os seus próprios cavalos e carruagens, e, como não tinham vindo juntos, não via problema em voltarem separados.

O major subira, portanto, à carruagem de Danglars e o banqueiro sentara-se a seu lado, cada vez mais encantado com as ideias de ordem e economia daquele homem, que todavia dava ao filho cinquenta mil francos por ano — o que sugeria uma fortuna de quinhentas ou seiscentas mil libras de renda anual.

Quanto a Andrea, para se dar ares de importância, começou a repreender o seu *groom* por esperá-lo no portão, em vez de ir buscá-lo na escadaria, obrigando-o assim ao trabalho de dar trinta passos para alcançar o seu tálburi.

O *groom* recebeu a lição com humildade; para conter o cavalo impaciente, que batia as patas, pegou o freio com a mão esquerda e com a direita passou as rédeas a Andrea, que as pegou e pousou agilmente a sua bota envernizada no estribo.

Nesse momento, uma mão apoiou-se em seu ombro. O jovem voltou-se, achando que Danglars, ou Monte-Cristo, tinham se esquecido de lhe dizer alguma coisa e voltavam à carga no momento da partida.

Entretanto, em vez de um ou outro, viu apenas uma figura estranha, bronzeada pelo sol, emoldurada em uma barba original, com olhos brilhantes como carbúnculos e um sorriso irônico ao redor de uma boca onde brilhavam, alinhados em seu lugar, sem que faltasse um só, trinta e dois dentes brancos, agudos e famintos como os de um lobo ou de um chacal.

Um lenço de quadrados vermelhos cobria aquela cabeça de cabelos grisalhos e sujos de terra; uma camisola das mais imundas, das mais rasgadas, cobria aquele corpo alto, magro e ossudo; parecia que os ossos, como os de um esqueleto, estalavam ao andar. Enfim, a mão que se apoiou no ombro de Andrea — a primeira coisa vista pelo jovem — pareceu-lhe de dimensões gigantescas.

O jovem reconheceu aquela figura à luz da lanterna de seu tálburi? Ou apenas ficou impressionado com a terrível aparência de seu interlocutor? Não poderíamos dizer, mas fato é que ele estremeceu e recuou de repente.

— Que deseja? — perguntou ele.

— Perdão, nosso burguês! — respondeu o homem, levando a mão ao lenço vermelho. — Talvez eu esteja incomodando, mas preciso falar com o senhor.

— À noite não se mendiga — disse o *groom*, fazendo um gesto para livrar o patrão do importuno.

— Não estou mendigando, meu belo rapaz — disse o desconhecido ao criado com sorriso irônico, com sorriso tão assustador que o criado se afastou. — Só quero dizer duas palavras ao seu burguês que me encarregou de uma missão há mais ou menos quinze dias.

— Vamos — disse Andrea, por sua vez, bem alto, para que o criado não notasse a sua perturbação —, que deseja? Diga logo, meu amigo.

— Eu queria... Eu queria... — disse em voz baixa o homem de lenço vermelho — que você me poupasse o trabalho de voltar a Paris a pé. Estou muito cansado e, como não jantei tão bem quanto você, mal consigo me aguentar em pé.

O jovem estremeceu diante dessa estranha familiaridade.

— Mas, afinal — disse ele —, vamos, o que deseja?

— Bem, desejo que me deixe subir em sua bela carruagem e me leve.

Andrea empalideceu, mas não respondeu.

— Oh, meu Deus, sim — exclamou o homem de lenço vermelho enfiando as mãos nos bolsos e olhando o jovem com olhos provocadores —, é uma ideia que me ocorreu, entende, meu pequeno Benedito...

A esse nome, o jovem certamente refletiu, pois aproximou-se de seu *groom* e lhe disse: — Realmente, esse homem foi encarregado por mim de uma missão; agora veio me prestar contas. Vá a pé até a barreira e pegue lá um cabriolé para não se atrasar.

Surpreso, o valete afastou-se.

— Espere ao menos chegarmos ao escuro — disse Andrea.

— Oh, quanto a isso, eu mesmo vou levá-lo a um ótimo lugar, espere — disse o homem de lenço vermelho.

E ele pegou o cavalo pelo freio, levando o tálburi para um lugar onde realmente era impossível a quem quer que fosse ver a honra que Andrea lhe concedia.

— Oh — disse ele —, não é pela glória de subir a uma bela carruagem... Não, é só porque estou cansado, e depois também um pouco porque preciso falar de negócios com você.

— Vamos, suba — disse o jovem.

Pena que não fosse dia, pois seria um espetáculo curioso ver aquele maltrapilho comodamente sentado em almofadas bordadas, ao lado do jovem e elegante condutor do tálburi.

Andrea conduziu o cavalo até a última casa da aldeia sem dizer uma única palavra a seu companheiro, que por sua vez sorria e se

mantinha em silêncio, como se maravilhado por passear em tão excelente locomoção.

Uma vez fora de Auteuil, Andrea olhou ao redor para assegurar-se sem sombra de dúvida de que ninguém poderia vê-los ou ouvi-los; então, detendo o cavalo e cruzando os braços diante do homem de lenço vermelho: — Ah, mas que coisa — disse ele —, por que veio perturbar a minha tranquilidade?

— Mas e você, meu rapaz, por que desconfia de mim?

— Em que desconfiei de você?

— Em quê? Ainda pergunta? Nós nos separamos na ponte do Var, você me disse que ia viajar ao Piemonte e à Toscana... Mas que nada, veio para Paris.

— Em que isso o incomoda?

— Em nada... Pelo contrário, até mesmo espero que isso me ajude.

— Ah, ah! — fez Andrea. — Quer dizer que quer se aproveitar de mim?

— Ora, vamos, não exagere...

— Seria um erro de sua parte, mestre Caderousse, já vou lhe avisando.

— Ah, meu Deus, não se zangue, pequeno... Todavia, deve saber o que é a desgraça... Pois bem, a desgraça nos torna invejosos. Eu o imaginava a percorrer o Piemonte e a Toscana, obrigado a se tornar *facchino* ou *cicerone*...⁸ Lamentava-o do fundo de meu coração, como lamentaria meu próprio filho. Sabe que sempre o chamei de meu filho.

— E daí... E daí?

— Calma, apressadinho!

— Estou calmo!... Vamos, conclua...

— E o vejo a galope, passando pela barreira dos Bons Homens com um *groom*, com um tálburi, com roupas brilhando de tão novas. Ah, sim, mas então você descobriu uma mina? Ou comprou um cargo de agente de câmbio?

— Então você admite estar com inveja?

— Não, estou contente, tão contente que quis transmitir-lhe os meus cumprimentos, pequeno... Mas, como eu não estava vestido decentemente, tomei as minhas precauções para não comprometê-lo.

— Excelentes precauções! — exclamou Andrea. — Você me abordou bem na frente do meu criado...

— Ah, o que queria que eu fizesse, meu filho? Abordei-o quando podia alcançá-lo. Você tem um cavalo muito veloz, um tílburí muito ligeiro... Desliza naturalmente como uma enguia... Se não o alcançasse esta noite, correria o risco de nunca mais vê-lo.

— Bem vê que não me escondo.

— Tem muita sorte, eu gostaria de poder dizer o mesmo... Eu me escondo... Sem contar que eu temia que você não me reconhecesse... Mas você me reconheceu — acrescentou Caderousse, com o seu sorriso perverso. — Você é muito gentil.

— Vamos — disse Andrea —, de que é que o senhor precisa?

— “O senhor”?... Que maldade, Benedito, tratar assim um velho camarada... Tome cuidado para não me deixar exigente.

Essa ameaça apaziguou a cólera do jovem; o vento do constrangimento acabara de soprar.

Ele fez o cavalo trotar.

— Isso é ruim para você mesmo, Caderousse — disse o jovem —, tratar assim um velho camarada, como você disse agora mesmo... Você é marselhês, eu sou...

— Agora já sabe o que é?

— Não, mas sei que fui criado na Córsega... Você é velho e teimoso; eu sou jovem e obstinado. Entre pessoas como nós, a ameaça é prejudicial, tudo deve ser amigável. Acaso é culpa minha se a sorte, que continua a ser tão má para você, é, pelo contrário, tão boa para mim?

— Então a sua sorte é muito boa? Mas não é um *groom* emprestado, um tílburí emprestado, roupas emprestadas que temos aqui? Bom, tanto melhor! — exclamou Caderousse, com olhos brilhantes de cobiça.

— Oh, bem vê que sim, bem sabe que sim, já que me abordou — disse Andrea, cada vez mais animado. — Se eu tivesse um lenço

como o seu na cabeça, uma camisola imunda nos ombros e sapatos furados nos pés, você não me reconheceria...

— Bem vê que me despreza, pequeno, e está errado... Agora que o encontrei, nada me impede de me vestir ricamente, como os outros, pois sei que você tem um bom coração: se tiver dois casacos, me dará um... Assim como eu lhe dava a minha porção de sopa e de feijão, quando você tinha muita fome.

— É verdade! — exclamou Andrea.

— Que apetite você tinha! Continua tendo um ótimo apetite?

— Continuo, sim — respondeu Andrea, rindo.

— Como deve ter jantado bem na casa daquele príncipe de onde está vindo!

— Não é um príncipe, é muito simplesmente um conde.

— Um conde, e um conde rico, hein?

— Sim, mas não se fie nisso... É um cavalheiro que não é lá muito pacífico.

— Oh, meu Deus! Então fique tranquilo! Não temos planos para o seu conde, vamos deixá-lo todinho para você. Mas — acrescentou Caderousse, retomando o sorriso perverso que já havia aflorado em seus lábios — é preciso dar alguma coisa em troca, compreende?

— Vamos, do que precisa?

— Acho que com cem francos por mês...

— Então?

— Eu viveria...

— Com cem francos?

— Mas viveria mal, como sabe... Mas com...

— Com?...

— Cento e cinquenta francos, eu ficaria muito feliz.

— Aqui estão duzentos — disse Andrea.

E colocou dez luíses de ouro na mão de Caderousse.

— Bom — fez Caderousse.

— Apresente-se ao porteiro no dia primeiro de cada mês e encontrará outro tanto.

— Ora, vamos! Ainda quer me humilhar?

— Como assim?

— Colocando-me ao lado da criadagem... Não, veja bem, só quero tratar diretamente com você.

— Está bem, que seja! Mande me chamar, e todo dia primeiro, pelo menos enquanto eu receber a minha renda, você também receberá a sua.

— Vamos, vamos! Já vi que eu não estava enganado, você é um bom rapaz, é uma bênção a sorte sorrir a pessoas como você. Vamos, conte-me a sua boa sorte.

— Por que precisa saber? — perguntou Cavalcanti.

— Bom! De novo a desconfiança.

— Não... Pois bem: encontrei o meu pai.

— Um verdadeiro pai?

— Claro! Enquanto ele pagar...

— Você acreditará e honrará... É justo... Como se chama o seu pai?

— Major Cavalcanti.

— E ele está satisfeito com você?

— Até agora, parece que o satisfaço.

— E quem o levou a encontrar esse pai?

— O conde de Monte-Cristo.

— O dono da casa de onde está vindo?

— É.

— Então trate de me introduzir na casa dele, diga que eu sou o seu avô, já que ele dá banquetes.

— Está bem, eu lhe falarei de você... Enquanto isso, o que vai fazer?

— Eu?

— É, você.

— Que bondade, preocupar-se com isso... — disse Caderousse.

— Uma vez que você se interessa por mim — prosseguiu Andrea —, parece-me que eu também posso muito bem pedir-lhe algumas informações...

— É justo... Vou alugar um quarto numa casa honesta, vestir-me com roupas decentes, barbear-me diariamente, ler os jornais no café... À noite, irei a algum espetáculo com um puxador de aplausos, vou parecer um padeiro aposentado... Este é meu sonho.

— Ora, mas que ótimo! Se realmente quiser executar esse plano e for sensato, tudo correrá às mil maravilhas.

— Você vai ver, senhor Bossuet!... E você, o que vai ser?... Par de França?

— Eh, eh! — fez Andrea. — Quem sabe?

— O senhor major Cavalcanti talvez o seja... Mas, infelizmente, a herança foi abolida...

— Não me fale em política, Caderousse!... E, agora que já conseguiu o que queria e que já chegamos, salte de minha carruagem e desapareça.

— Não, querido amigo!

— Como assim, não?

— Mas pense um pouco, meu pequeno... Um lenço vermelho na cabeça, quase descalço, sem documento, e dez napoleões de ouro no bolso, sem contar o que já havia lá, o que completa exatamente duzentos francos... Mas claro que não deixariam de me prender na barreira! Então, para me justificar, eu me veria obrigado a dizer que foi você quem me deu esses dez napoleões: daí, investigação, inquérito... Descubrem que deixei Toulon sem me despedir e levam-me de brigada em brigada até a margem do Mediterrâneo. Volto a ser, pura e simplesmente, o nº 106, e adeus meu sonho de parecer um padeiro aposentado! Não, meu filho... Prefiro ficar honrosamente aqui na capital.

Andrea franziu as sobrancelhas; como se gabara, era bem obstinado o suposto filho do major Cavalcanti. Deteve-se um instante, lançou rápido olhar ao redor e, quando o seu olhar acabava de descrever o círculo investigador, a sua mão desceu inocentemente à algibeira, onde começou a acariciar a coronha de uma pistola de bolso.

Enquanto isso, Caderousse, que não perdia de vista o seu companheiro, passava as mãos atrás das costas e abria suavemente um longo punhal espanhol que trazia consigo para qualquer eventualidade.

Como vemos, os dois amigos eram dignos de se entenderem, e se entenderam; a mão de Andrea saiu inofensivamente do bolso e

subiu até o bigode ruivo, acariciando-o por algum tempo.

— Meu bom Caderousse — disse Andrea —, então vai ser feliz?

— Farei tudo o que puder... — respondeu o estalajadeiro da Ponte do Gard, guardando o punhal na manga.

— Vamos, vejamos, então voltemos a Paris. Mas como vai fazer para passar a barreira sem despertar suspeitas? Parece-me que com essas roupas arrisca-se mais indo de carruagem do que a pé.

— Espere — disse Caderousse —, você vai ver.

Ele pegou o chapéu de Andrea, a capa de gola alta que o *groom* exilado do tíburi deixara em seu lugar e colocou-a nas costas; então assumiu a pose impassível de um criado de casa respeitável ao lado de um amo a guiar pessoalmente o seu carro.

— E eu — disse Andrea —, vou ficar de cabeça descoberta?

— Ora — exclamou Caderousse —, está ventando tanto que o vento pode muito bem ter levado o seu chapéu.

— Então vamos — disse Andrea —, acabemos com isso.

— Quem o impede? — exclamou Caderousse. — Espero que não seja eu...

— Ch! — fez Cavalcanti.

Atravessaram a barreira sem problemas.

Na primeira rua transversal, Andrea parou o cavalo e Caderousse desceu.

— Bem — exclamou Andrea —, e a capa de meu criado, e o meu chapéu?

— Ah! — respondeu Caderousse. — Não vai querer que eu me arrisque a pegar um resfriado...

— Mas e eu?

— Você? Ora, você é jovem, enquanto eu já começo a envelhecer... Até a vista, Benedito.

E enfiou-se no beco, onde desapareceu.

— Ai! — murmurou Andrea, dando um suspiro. — Não se pode ser completamente feliz neste mundo.

LXVI. CENA CONJUGAL

Os três jovens tinham se separado na praça Luís XV — ou seja, Morrel seguira pelos bulevares, Château-Renaud pela ponte da Revolução e Debray pelo cais.

Morrel e Château-Renaud, segundo todas as probabilidades, chegaram a seus “lares domésticos” — como ainda se diz na tribuna da Câmara nos discursos bem feitos, bem como no teatro da rua Richelieu nas peças bem escritas; mas o mesmo não aconteceu a Debray. Ao chegar à porta do Louvre, ele virou à esquerda, atravessou o Carrossel rapidamente, enfiou-se pela rua Saint-Roch, saiu na rua da Michodière e chegou à porta do senhor Danglars bem no momento em que a carruagem do senhor de Villefort, depois de deixá-lo com a esposa no subúrbio de Saint-Honoré, parava para deixar a baronesa em sua casa.

Como íntimo da casa, Debray entrou primeiro no pátio, atirou as rédeas às mãos de um valete e voltou à carruagem para receber a senhora Danglars, que lhe ofereceu o braço para dirigir-se a seus aposentos.

Uma vez fechado o portão, a baronesa e Debray ainda no pátio: — O que tem, Hermine? — perguntou Debray. — Por que passou mal ao ouvir aquela história, ou melhor, aquela fábula que o conde contou?

— Porque esta noite eu estava terrivelmente indisposta, meu amigo — respondeu a baronesa.

— Não, Hermine — disse Debray —, não vai me fazer acreditar nisso. Você estava, pelo contrário, muito bem disposta quando chegou à casa do conde. O senhor Danglars é que estava um pouco sombrio, é verdade... Mas sei que você não se importa com o mau humor dele. Alguém lhe fez alguma coisa. Conte-me o que foi que aconteceu... Sabe muito bem que eu nunca admitiria que lhe fizessem alguma impertinência.

— Você está enganado, Lucien, eu lhe asseguro — continuou a senhora Danglars —, e aconteceu exatamente o que eu lhe disse, além daquele mau humor que você percebeu, sobre o qual achei que nem valia a pena lhe falar.

Era evidente que a senhora Danglars estava sob a influência de uma dessas irritações nervosas muitas vezes imperceptíveis para as

próprias mulheres — ou, como adivinhara Debray, sentia alguma comoção secreta que não queria confessar a ninguém. Homem acostumado a considerar os vapores como um dos elementos da vida feminina, não insistiu mais, esperando o momento oportuno, fosse para nova interrogação, fosse para uma confissão *proprio motu*.⁹

A baronesa encontrou a senhorita Cornélie à porta de seu quarto.

A senhorita Cornélie era a camareira de confiança da baronesa.

— Que faz a minha filha? — perguntou a senhora Danglars.

— Ela estudou a noite inteira — respondeu a senhorita Cornélie —, depois foi dormir.

— Parece-me, entretanto, que estou ouvindo o seu piano...

— É a senhorita Louise d'Armilly que está tocando música, mas a sua filha está na cama.

— Bem — disse a senhora Danglars —, venha me despir.

Entraram no quarto. Debray estendeu-se em um grande canapé e a senhora Danglars entrou em seu vestiário com a senhorita Cornélie.

— Meu caro senhor Lucien — disse a senhora Danglars através da porta do vestiário —, sempre se queixa de que Eugénie não lhe dá a honra de dirigir-lhe a palavra...

— Senhora — disse Lucien, brincando com o cãozinho da baronesa, que, reconhecendo a sua qualidade de amigo da casa, costumava lhe fazer mil carícias —, eu não sou o único a lhe fazer tais queixas... Outro dia creio ter ouvido Morcerf queixar-se à senhora de não conseguir arrancar uma só palavra de sua noiva.

— É verdade — disse a senhora Danglars —, mas creio que uma bela manhã tudo isso vai mudar e você verá Eugénie entrar em seu gabinete.

— Em meu gabinete pessoal?

— Isto é, no gabinete do ministro.

— E por que isso?

— Para lhe pedir um emprego no Teatro da Ópera! Na verdade, nunca vi tanto entusiasmo pela música: isso é ridículo para uma

pessoa da sociedade!

Debray sorriu.

— Bem — exclamou ele —, se ela vier com o consentimento do barão e seu, nós lhe daremos esse emprego e nos encarregaremos de que tudo aconteça segundo o seu mérito, embora sejamos pobres demais para pagar um talento tão belo quanto o dela.

— Vá, Cornélie — disse a senhora Danglars —, já não preciso mais de você.

Cornélie desapareceu e pouco depois a senhora Danglars saiu de seu vestiário em uma encantadora camisola. Sentou-se perto de Lucien.

Então, sonhadora, começou a acariciar o pequeno cão de caça.

Lucien olhou-a por um instante em silêncio.

— Vamos, Hermine — disse ele afinal —, responda francamente: alguma coisa a atormenta, não é verdade?

— Que nada — respondeu a baronesa.

Entretanto, abafada, levantou-se, tentou respirar e foi se olhar em um espelho.

— Estou de dar medo esta noite — disse ela.

Debray levantava-se sorrindo para tranquilizar a baronesa quanto à sua aparência quando de repente a porta se abriu.

O senhor Danglars apareceu; Debray voltou a sentar-se.

Ao ruído da porta, a senhora Danglars voltou-se e olhou o marido com uma surpresa que nem mesmo se deu ao trabalho de dissimular.

— Boa noite, senhora — disse o banqueiro. — Boa noite, senhor Debray.

A baronesa certamente achou que aquela visita inesperada significava alguma coisa como um desejo de desculpar as palavras amargas que haviam escapado ao barão durante o dia.

Ela armou-se de ares dignos e, voltando-se a Lucien, sem responder ao marido: — Então, leia-me alguma coisa, senhor Debray — disse ela.

Debray, a quem aquela visita inesperada inicialmente inquietara um pouco, tranquilizou-se com a calma da baronesa e estendeu a

mão a um livro marcado no meio por uma espátula de lâmina de madrepérola incrustada em ouro.

— Perdão — disse o banqueiro —, mas vai ficar muito cansada, baronesa, ficando acordada até tão tarde... Já são onze horas, e o senhor Debray mora bem longe.

Debray ficou perplexo — não que o tom de Danglars não fosse perfeitamente calmo e educado; mas afinal, através daquela calma e educação, transparecia certa inusitada intenção de contrariar a vontade da esposa naquela noite.

A baronesa também ficou surpresa e manifestou o seu espanto por meio de um olhar que certamente daria o que pensar ao marido, se o marido não tivesse os olhos fixos no jornal, onde procurava o fechamento da Bolsa.

Assim, aquele olhar tão altivo resultou em pura perda, falhando completamente o seu efeito.

— Senhor Lucien — disse a baronesa —, eu lhe declaro que não tenho a menor intenção de dormir, tenho mil coisas a lhe contar esta noite... O senhor vai passar a noite me escutando, nem que tenha de dormir em pé.

— Às suas ordens, senhora — respondeu fleumaticamente Lucien.

— Meu caro senhor Debray — disse por sua vez o banqueiro —, não se mate, por favor, passando a noite a escutar as loucuras da senhora Danglars, pois pode muito bem escutá-las amanhã... Mas esta noite é minha, eu a reservo, e vou consagrá-la, se quiser me permitir, falando de graves interesses com a minha mulher.

Dessa vez, o golpe era tão direto e certo que deixou Lucien e a baronesa confusos; ambos interrogaram-se com o olhar, como a buscarem um no outro socorro contra aquela agressão; mas o irresistível poder do dono da casa triunfou e fortaleceu o marido.

— Ao menos, não vá imaginar que o estou expulsando, meu caro Debray — prosseguiu Danglars. — Não, de maneira alguma: circunstâncias imprevistas me obrigam a desejar ter uma conversa com a baronesa esta noite mesmo; isto acontece mui raramente para que me guardem rancor.

Debray balbuciou algumas palavras, despediu-se e saiu esbarrando nos cantos, como Mathan em *Athalie*.¹⁰

— É incrível — disse, quando a porta fechou-se atrás dele — como esses maridos, que entretanto nós achamos tão ridículos, facilmente levam vantagem sobre nós!

Quando Lucien saiu, Danglars instalou-se em seu lugar no canapé, fechou o livro que ficara aberto e, assumindo uma pose terrivelmente pretensiosa, continuou a brincar com o cão. Mas como o cão, que não sentia por ele a mesma simpatia que sentia por Debray, queria mordê-lo, ele pegou-o pelo pescoço e jogou-o sobre um sofá do outro lado do quarto.

Ao atravessar o espaço, o animal ganiu; mas, ao chegar a seu destino, escondeu-se atrás de uma almofada e, estupefato com aquele tratamento, ao qual não estava acostumado, ficou mudo e imóvel.

— Sabia, senhor — disse a baronesa sem pestanejar —, que está fazendo progressos? Habitualmente é apenas grosseiro; esta noite está sendo brutal.

— É que esta noite estou com um humor pior do que o normal — respondeu Danglars.

Hermine olhou o banqueiro com supremo desdém. Habitualmente aquele modo de mirar exasperava o orgulhoso Danglars; mas naquela noite ele nem pareceu dar a mínima atenção.

— E que tenho a ver com o seu mau humor? — respondeu a baronesa, irritada com a impassibilidade do marido. — Acaso teria eu algo a ver? Guarde os seus maus humores em seus aposentos, ou archive-os em seus escritórios... E, já que tem empregados a quem paga, descarregue neles os seus maus humores!

— Não, senhora — respondeu Danglars. — A senhora se engana redondamente em seus conselhos, madame... Portanto, não vou segui-los. Os meus escritórios são o meu Pactolo,¹¹ como disse, salvo engano, o senhor Desmoutiers, e não desejo atormentar o seu curso, nem perturbar a sua calma. Os meus empregados são pessoas honestas, que me ganham a minha

fortuna, a quem pago um valor infinitamente inferior ao que merecem, se avaliá-los pelo que me proporcionam; assim, não vou descarregar neles a minha cólera; vou descarregar a minha cólera nas pessoas que devoram os meus jantares, arrebetam os meus cavalos e saqueiam os meus cofres.

— E quem são essas pessoas que saqueiam os seus cofres? Explique-se mais claramente, meu senhor, por favor.

— Oh, fique tranquila... Se falo por enigmas, não espero que perca muito tempo a decifrá-los — continuou Danglars. — As pessoas que saqueiam os meus cofres são as pessoas que em uma hora tiram deles setecentos mil francos.

— Não o compreendo, senhor — disse a baronesa, buscando dissimular, ao mesmo tempo, a emoção de sua voz e o rubor de seu rosto.

— Muito pelo contrário, a senhora compreende muito bem! — exclamou Danglars. — Mas, se continuar de má vontade, eu lhe direi que acabo de perder setecentos mil francos do empréstimo espanhol.

— Ah, inacreditável... — riu a baronesa. — E é a mim que quer culpar por essa perda?

— E por que não?

— É culpa minha, se perdeu setecentos mil francos?

— Em todo caso, minha é que não é.

— De uma vez por todas, meu senhor — replicou asperamente a baronesa —, já lhe disse que nunca me falasse em dinheiro... É uma língua que não aprendi nem na casa de meus pais nem na casa de meu primeiro marido.

— É claro que eu acredito — disse Danglars —, eles não tinham um centavo, tanto uns como outros...

— Mais uma razão para que eu não tenha aprendido na casa deles o jargão bancário que aqui me dilacera os ouvidos dia e noite... Esse barulho de moedas que se contam e se recontam me é odioso... Pior que esse barulho, só o som de sua voz.

— Na verdade — disse Danglars —, isso é muito estranho! E eu que imaginava que você tinha o maior interesse em minhas somas!

— Eu? E quem o levou a imaginar semelhante tolice?

— Você mesma.

— Ah! Não acredito!

— Sem dúvida.

— Gostaria que você me dissesse em que ocasião.

— Oh, meu Deus, nada mais fácil! No último mês de fevereiro, você foi a primeira a me falar nos fundos do Haiti... Você tinha sonhado que um navio chegava ao porto do Havre, o navio trazia a notícia de que um pagamento adiado para o dia de são nunca iria se realizar. Sei da lucidez de seu sono; então mandei comprar abaixo do preço todos os títulos que consegui encontrar da dívida do Haiti... Ganhei quatrocentos mil francos, e cem mil lhe foram religiosamente entregues. Você fez deles o que quis, o que não me interessa.

“Em março, tratava-se de uma concessão de estrada de ferro. Três empresas concorreram, oferecendo as mesmas garantias. Você me disse que o seu instinto... E, embora você se diga alheia às especulações, acho, pelo contrário, que o seu instinto é muito desenvolvido em certas matérias... Você me disse que o seu instinto a levava a acreditar que o privilégio seria concedido à empresa chamada do Sul.

“Logo me inscrevi para comprar dois terços das ações dessa empresa. De fato, o privilégio lhe foi concedido, como você tinha previsto; o valor das ações triplicou, ganhei um milhão, menos duzentos e cinquenta mil francos que lhe dei de comissão. Como você empregou esses duzentos e cinquenta mil francos? Não tenho nada a ver com isso.”

— Mas aonde é que você quer chegar, meu senhor? — exclamou a baronesa, tremendo de despeito e de impaciência.

— Paciência, minha senhora, já estou terminando.

— Que bom!

— Em abril, você foi jantar na casa do ministro; falavam da Espanha e você ouviu uma conversa sigilosa: tratava-se da expulsão de dom Carlos; comprei fundos espanhóis. A expulsão se efetivou e ganhei seiscentos mil francos no dia em que Carlos V transpôs o rio Bidassoa. Desses seiscentos mil francos, você recebeu cinquenta mil escudos; esse dinheiro era seu, empregou-o

à vontade, não lhe peço contas; mas nem por isso deixa de ser verdade que você recebeu quinhentas mil libras este ano.

— Muito bem, e daí, meu senhor?

— Ah, sim, e daí? Muito bem, é bem nesse momento que a coisa se complica.

— Você tem uma maneira de falar... Mas realmente...

— A maneira exprime a minha ideia, é tudo de que preciso... Enfim, foi há três dias. Então, há três dias a senhora falava de política com o senhor Debray e concluiu de suas palavras que dom Carlos voltara à Espanha; então vendi os meus títulos, a notícia se espalhou, houve pânico, não vendi mais, dei; no dia seguinte, descobriu-se que a notícia era falsa, e com essa notícia falsa eu perdi setecentos mil francos.

— E daí?

— E daí? Se lhe dou um quarto quando ganho, é portanto um quarto que deve me dar quando perco... Um quarto de setecentos mil francos são cento e setenta e cinco mil francos.

— Mas o que você está me dizendo é extravagante... E na verdade não vejo como você pode meter o nome do senhor Debray no meio de toda essa história.

— Ora, porque se, por acaso, você não tiver os cento e setenta e cinco mil francos que reclamo, vai emprestá-los de seus amigos, e o senhor Debray é seu amigo.

— Que vergonha! — exclamou a baronesa.

— Oh, nada de gestos, nada de gritos, nada de drama moderno, minha senhora, ou vai me obrigar a lhe dizer que vejo aqui o senhor Debray rindo diante das quinhentas mil libras que lhe deu este ano, dizendo-se que enfim encontrou o que os mais hábeis jogadores nunca descobriram, ou seja, uma roleta em que sempre se ganha sem apostar, em que nunca se perde quando se perde.

A baronesa queria explodir.

— Miserável! — exclamou ela. — Ousaria me dizer que nada sabia do que agora ousa me censurar?

— Não lhe digo que sabia, não lhe digo que não sabia; digo: observe o meu comportamento nesses últimos quatro anos em que já não é mais a minha mulher, em que já não sou mais o seu

marido, e verá que ele sempre foi coerente. Pouco antes de nosso rompimento, você queria estudar música com aquele famoso barítono que estreou com tanto sucesso no Teatro Italiano; eu queria estudar dança com aquela dançarina que ficara tão famosa em Londres. Isso me custou, tanto para os seus estudos quanto para os meus, cerca de cem mil francos. Eu não falei nada porque deve haver harmonia entre os casais. Cem mil francos para que o homem e a mulher conheçam bem a fundo a dança e a música não é lá muito caro. Mas você logo desistiu do canto, ocorreu-lhe a ideia de estudar diplomacia com um secretário do ministro. Deixei-a estudar. Você compreende; que me importava, se você pagava as lições com o seu dinheiro? Mas agora vejo que você paga com o meu dinheiro, e que o seu aprendizado pode me custar setecentos mil francos por mês... Alto lá, minha senhora, as coisas não podem continuar assim. Ou o diplomata dará lições... gratuitas, e eu o tolerarei, ou ele não porá mais os pés na minha casa... Entendeu, minha senhora?

— Oh, é demais, meu senhor — exclamou Hermine, sufocada —, o senhor já passou dos limites da infâmia.

— Mas — disse Danglars — vejo com prazer que você não ficou atrás, mas obedece voluntariamente o artigo do código: “A mulher deve seguir o seu marido”.

— Injúrias!

— Você tem razão: vamos nos ater aos fatos, vamos raciocinar friamente. Eu nunca me meti em seus assuntos, a não ser para o seu bem; faça o mesmo. O meu dinheiro não lhe interessa, você disse? Que seja; use o seu dinheiro, mas não ponha nem tire do meu. Aliás, quem sabe tudo isso não passe de um golpe político traiçoeiro... E se o ministro, furioso por me ver na oposição, invejoso das simpatias populares que desperto, estiver combinado com o senhor Debray para me arruinar?

— Oh, provavelmente!...

— Mas com certeza! Quem já viu algo assim... Uma falsa notícia telegráfica, ou seja, o impossível, ou quase... Sinais totalmente diferentes transmitidos pelos dois últimos telégrafos!... Realmente, foi uma combinação contra mim.

— Meu senhor — disse com mais humildade a baronesa —, imagino que não ignora que esse empregado foi demitido, até falaram em processá-lo, até lhe deram ordem de prisão, e essa ordem teria sido cumprida se ele não tivesse escapado das primeiras investigações com a sua fuga, que prova a sua loucura, ou a sua culpa... Foi um erro.

— Sim, um erro que faz os ignorantes rirem, faz o ministro perder uma noite de sono, faz os senhores secretários de Estado rabiscarem papéis, mas que a mim custou setecentos mil francos.

— Mas, meu senhor — disse Hermine de repente —, se tudo isso, em sua opinião, é culpa do senhor Debray, por que, em vez de dizer tudo isso diretamente ao senhor Debray, vem se queixar a mim? Por que acusa o homem e ataca a mulher?

— Por acaso eu conheço o senhor Debray? — exclamou Danglars. — Por acaso quero conhecê-lo? Por acaso quero saber se ele dá conselhos? Por acaso quero seguir os seus conselhos? Acaso estou brincando? Não, é a senhora que faz tudo isso, e não eu!

— Mas me parece que, como você se aproveita de tudo isso...
Danglars deu de ombros.

— Loucas criaturas, na verdade, essas mulheres que se imaginam gênios só porque tiveram um ou dez casos e não foram comentadas por toda Paris! Mas então fique sabendo: mesmo se tivesse escondido os seus desregramentos de seu próprio marido, o que é o abecê dessa arte, pois na maior parte do tempo os maridos não querem saber, você não passaria de uma pálida cópia do que faz metade de suas amigas, as mulheres da sociedade. Mas comigo não; vi e continuo vendo; nesses quase dezesseis anos, você conseguiu esconder de mim um pensamento, talvez, mas não uma iniciativa, uma ação, um erro. Enquanto você, por sua vez, aplaudia a própria habilidade e acreditava firmemente me enganar, o que acontecia? Ora, graças à minha pretensa ignorância, desde o senhor de Villefort até o senhor Debray, nenhum de seus amantes deixou de tremer à minha frente. Nenhum deles deixou de me tratar como o dono da casa, a minha única pretensão perante a senhora; enfim, nenhum deles ousou dizer de mim o que agora lhe digo.

Permito-lhe tornar-me odioso, mas não lhe permito tornar-me ridículo e, sobretudo, proíbo-lhe expressamente, acima de tudo, arruinar-me.

Até o momento em que o nome de Villefort veio a ser pronunciado, a baronesa mostrara-se bastante calma; mas ao ouvir aquele nome ela empalidecera e, levantando-se, como que movida por uma mola, estendera os braços, como a desfazer uma aparição, e dera três passos na direção do marido, como a arrancar-lhe o fim do segredo que ele não conhecia, ou que talvez, por algum cálculo odioso, como eram quase todos os cálculos de Danglars, ele não queria revelar inteiramente.

— O senhor de Villefort?! Que significa isso? Que quer dizer?

— Quer dizer, minha senhora, que o senhor de Nargonne, o seu primeiro marido, não sendo filósofo, nem banqueiro, ou talvez sendo tanto um como outro, vendo que não havia nenhum partido a tirar de um procurador do rei, morreu de tristeza, ou de raiva, ao encontrá-la grávida de seis meses, depois de uma ausência de nove meses. Eu sou brutal, não apenas sei disso, como disso me vanglorio: é um de meus meios de sucesso em minhas operações comerciais. Por que, em vez de matá-la, ele matou a si mesmo? Porque não tinha fortuna a salvar. Mas eu me devo a meu dinheiro. O senhor Debray, o meu sócio, me fez perder setecentos mil francos. Que ele assuma a sua parte no prejuízo e continuaremos a fazer negócios... Senão, que declare falência por essas cento e setenta e cinco mil libras e faça o que fazem os falidos: desapareça. Ah, meu Deus, sei que ele é um rapaz encantador, quando as notícias estão corretas; mas, quando elas não estão corretas, há uns cinquenta no mundo que valem mais do que ele.

A senhora Danglars estava aterrada; entretanto, fez um supremo esforço para responder a esse último ataque. Ela caiu em uma poltrona, pensando em Villefort, na cena do jantar, naquela estranha série de desgraças que havia alguns dias abatiam-se incessantemente sobre a sua casa e transformavam em discussões escandalosas a acolchoada calma do lar.

Danglars nem sequer a olhou, embora ela fizesse tudo o que era possível para desmaiar. Ele abriu a porta do quarto sem acrescentar

uma só palavra e foi para seu quarto; assim, ao recobrar-se de seu quase desmaio, a senhora Danglars poderia acreditar que tivera apenas um pesadelo.

LXVII. PLANOS DE CASAMENTO

No dia seguinte a essa cena, na hora que Debray costumava escolher para, a caminho de seu gabinete, fazer uma pequena visita à senhora Danglars, seu cupê não apareceu no pátio.

A essa hora — isto é, cerca de meio-dia e meia —, a senhora Danglars pediu a sua carruagem e saiu.

Postado atrás de uma cortina, Danglars observara aquela saída, que ele aguardava. Deu ordens para que o avisassem assim que a senhora retornasse; mas às duas da tarde ela ainda não voltara.

Às duas da tarde, ele pediu os seus cavalos, dirigiu-se à Câmara e inscreveu-se para falar contra o orçamento.

Do meio-dia às duas horas, Danglars permanecera em seu gabinete abrindo a correspondência, cada vez mais sombrio, acumulando números sobre números e recebendo, entre outras visitas, a do major Cavalcanti, que, sempre azul, rígido e pontual, apresentou-se à hora anunciada na véspera para concluir o seu negócio com o banqueiro.

Ao sair da Câmara, Danglars — que dera visíveis sinais de agitação durante a sessão e sobretudo fora mais azedo do que nunca contra o ministério — subiu à sua carruagem e ordenou ao cocheiro levá-lo à avenida dos Campos Elíseos, nº 30.

Monte-Cristo estava em casa; mas estava com alguém e pediu a Danglars que o aguardasse por um momento no salão.

Enquanto o banqueiro esperava, a porta se abriu e ele viu entrar um homem vestido de padre que, em vez de esperar como ele, certamente por ser mais familiar do que ele na casa, cumprimentou-o, entrou numa sala e desapareceu.

Instantes depois, a porta por onde o padre entrara abriu-se e Monte-Cristo apareceu.

— Perdão, meu caro barão — disse ele —, mas um de meus melhores amigos, o abade Busoni, que o senhor deve ter visto passar, acaba de chegar a Paris; há muito tempo não nos víamos: não tive coragem de deixá-lo imediatamente. Espero que em vista do motivo o senhor me perdoe por tê-lo feito esperar.

— Como não — disse Danglars —, é muito simples: como escolhi mal o momento, vou me retirar.

— De maneira alguma; pelo contrário, sente-se. Mas, meu Deus, o que tem? Parece estar muito preocupado; na verdade, o senhor me assusta. Um capitalista triste é como um cometa: sempre pressagia alguma grande desgraça no mundo.

— O que tenho, meu caro senhor — disse Danglars —, é que o azar me persegue há vários dias e só recebo más notícias.

— Ah, meu Deus! — exclamou Monte-Cristo. — Teve mais prejuízos na Bolsa?

— Não, estou curado disso, ao menos nos últimos dias... Trata-se apenas de uma falência em Trieste.

— Verdade? E o seu falido por acaso seria Jacopo Manfredi?

— Exatamente! Imagine só, um homem que fazia comigo, há não sei quanto tempo, negócios de oitocentos ou novecentos mil francos por ano. Nunca um erro na conta, nunca um atraso... Um sujeito que pagava como um príncipe... que paga. Adiantei-lhe um milhão, e não é que o diabo do Jacopo Manfredi suspende os seus pagamentos?

— Verdade?

— Que fatalidade incrível. Esperava receber dele seiscentas mil libras, que não foram pagas, e além disso sou portador de quatrocentos mil francos em letras de câmbio assinadas por ele, pagáveis no fim do mês pelo seu correspondente em Paris. Estamos no dia 30, mandei descontá-las: pois bem, o correspondente desapareceu. Ao lado do meu negócio da Espanha, tenho um maravilhoso fim de mês...

— Mas foi realmente uma perda, o seu negócio da Espanha?

— Certamente, setecentos mil francos fora de meus cofres, nada menos do que isso.

— Mas como o senhor, um velho lobo das finanças, cometeu um erro desses?

— Ah, foi culpa da minha mulher. Ela sonhou que dom Carlos voltara à Espanha, e ela acredita nos sonhos. É magnetismo, disse ela, e, quando ela sonha uma coisa, ela garante que essa coisa não deixará de acontecer. Diante dessa convicção, permito-lhe jogar na Bolsa; ela tem as suas economias e o seu corretor; joga e perde. É verdade que não é o meu dinheiro que ela joga, mas o dela. Entretanto, não interessa, o senhor compreende: quando setecentos mil francos saem do bolso da mulher, o marido também sofre um bocado. Como, não sabia disso? Mas o caso foi muito comentado.

— De fato, ouvi falar nesse caso, mas ignorava os detalhes; afinal, ignoro completamente esses negócios da Bolsa.

— Então não joga?

— Eu? E como queria que eu jogasse? Já tenho tanto trabalho em cuidar das minhas rendas... Eu seria obrigado a contratar, além do intendente, um agente e um caixa. Mas, a propósito da Espanha, parece-me que a baronesa não sonhou inteiramente a história da volta de dom Carlos. Os jornais não disseram algo a respeito?

— E o senhor acredita em jornais?

— Eu, de maneira alguma... Mas parece-me que esse honesto *Mensageiro* era exceção à regra e só publicava as notícias confirmadas, as notícias telegráficas.

— Então, isso é que é inexplicável — prosseguiu Danglars. — Essa volta de dom Carlos era de fato uma notícia telegráfica.

— De maneira que foi aproximadamente um milhão e setecentos mil francos que o senhor perdeu este mês? — perguntou Monte-Cristo.

— Aproximadamente, não: exatamente essa quantia.

— Diabo! Para uma fortuna de terceira ordem — disse Monte-Cristo, com pena —, é um rude golpe...

— De terceira ordem? — exclamou Danglars, um tanto humilhado. — Que diabo entende por isso?

— Claro — continuou Monte-Cristo —, divido as fortunas em três categorias: fortuna de primeira ordem, fortuna de segunda ordem, fortuna de terceira ordem. Chamo de fortuna de primeira ordem a

que se compõe de tesouros que temos à mão: terras, minas, rendas de Estados como a França, a Áustria e a Inglaterra, desde que esses tesouros, minas e rendas formem um total de uma centena de milhões; chamo de fortuna de segunda ordem as explorações manufatureiras, as empresas em sociedade, os vice-reinos e principados que não ultrapassam um milhão e quinhentos mil francos de renda, o total formando um capital de uns cinquenta milhões; enfim, chamo de fortuna de terceira ordem os capitais que crescem por juros compostos, os ganhos que dependem da vontade de outros ou dos caprichos do acaso, que uma falência destrói, ou que uma notícia telegráfica abala; as especulações eventuais, enfim as operações submetidas aos acasos dessa fatalidade que poderíamos chamar de força menor, comparada à força maior, que é a força natural; o total formando um capital fictício ou real de uns quinze milhões. Diga, não é mais ou menos a sua situação?

— Sim, é verdade! — respondeu Danglars.

— Assim, com seis fins de mês como este — continuou imperturbavelmente Monte-Cristo —, um banco de terceira ordem estaria na agonia.

— Oh — exclamou Danglars, com sorriso muito pálido —, como o senhor anda depressa!

— Digamos sete meses — replicou Monte-Cristo no mesmo tom. — Diga-me, já pensou nisso alguma vez, que sete vezes um milhão e setecentos mil francos são quase doze milhões?... Não? Bem, tem razão, pois com tais pensamentos ninguém arriscaria os seus capitais, que são para o financista o que a pele é para o homem civilizado. Temos as nossas roupas mais ou menos suntuosas: o nosso crédito; mas quando o homem morre tem apenas a sua pele; assim como, ao sair dos negócios, o senhor terá apenas o seu bem real: cinco ou seis milhões no máximo; pois as fortunas de terceira ordem não representam mais que um terço ou um quarto de sua aparência, assim como a locomotiva de uma ferrovia, no meio da fumaça a envolvê-la e ampliá-la, nunca é mais do que uma máquina mais ou menos forte. Bem, dos cinco milhões que constituem o seu ativo real, o senhor acaba de perder cerca de dois milhões, subtraídos de sua fortuna fictícia ou de seu crédito; ou seja, meu

caro senhor Danglars: a sua pele acaba de ser aberta por uma sangria, que repetida quatro vezes provocaria a morte. Eh, eh, cuidado, preste atenção, meu caro senhor Danglars. Precisa de dinheiro? Quer que eu lhe empreste?

— Como o senhor calcula mal! — exclamou Danglars, chamando em seu auxílio toda a filosofia e toda a dissimulação das aparências. — A esta altura, o dinheiro já voltou a meus cofres através de outras especulações bem-sucedidas. O sangue perdido pela sangria voltou pela nutrição. Perdi uma batalha na Espanha, fui batido em Trieste; mas a minha frota naval da Índia já deve ter tomado alguns galeões... Os meus pioneiros do México já devem ter descoberto alguma mina.

— Muito bem! Muito bem, mas a cicatriz permanece, e à primeira perda irá se reabrir.

— Não, pois eu caminho sobre certezas — prosseguiu Danglars com a loquacidade banal do charlatão a louvar o próprio crédito. — Para me derrubar, seria preciso que três governos caíssem.

— Bom, isso não é impossível.

— Que na terra não houvesse colheitas.

— Lembre-se das sete vacas gordas e das sete vacas magras.¹²

— Ou do mar a se abrir, como no tempo do Faraó;¹³ mas há muitos mares, e os navios estariam prontos a formarem caravanas.

— Tanto melhor, mil vezes tanto melhor, meu caro senhor Danglars — disse Monte-Cristo —, vejo que eu estava enganado, que o senhor pertence às fortunas de segunda ordem.

— Acredito poder aspirar a essa honra — disse Danglars com um daqueles sorrisos estereotipados que causavam em Monte-Cristo o efeito de uma dessas luas pastosas com que os maus pintores arrematam as suas ruínas. — Mas, como estamos falando de negócios — acrescentou ele, encantado por encontrar esse pretexto para mudar de assunto —, fale-me um pouco do que posso fazer pelo senhor Cavalcanti.

— Naturalmente, dar-lhe dinheiro, se ele tiver crédito em seu banco e esse crédito parecer-lhe bom.

— Excelente! Ele apresentou-se esta manhã com um bônus de quarenta mil francos, pagável à vista pelo senhor, assinado Busoni, enviado pelo senhor a mim com seu endosso. Naturalmente, contei-lhe imediatamente os seus quarenta mil francos em dinheiro.

Monte-Cristo fez com a cabeça um sinal que indicava toda a sua aprovação.

— Mas isso não é tudo — continuou Danglars. — Ele abriu um crédito para o filho em meu estabelecimento.

— Quanto ele dá ao jovem, se não for indiscreto perguntar?

— Cinco mil francos por mês.

— Sessenta mil francos por ano. Eu bem que desconfiava — disse Monte-Cristo, dando de ombros. — Como são fracos, esses Cavalcanti... O que ele quer que um jovem faça com cinco mil francos por mês?

— Mas, sabe, se o jovem precisar de alguns milhares de francos a mais...

— Nada disso, o pai os deixaria por sua conta... Não conhece os milionários ultramontanos: são verdadeiros avarentos. E por meio de quem lhe abriu esse crédito?

— Oh, pela casa Fenzi, uma das melhores de Florença.

— Não quero dizer que o senhor vai perder, de maneira alguma... Entretanto, limite-se aos termos da carta de crédito.

— Então não confia nesse Cavalcanti?

— Eu lhe daria dez milhões pela sua assinatura. Trata-se de uma fortuna de segunda ordem, de que eu lhe falava há pouco, meu caro senhor Danglars.

— E, mesmo assim, como ele é simples! Eu o tomaria por um major, nada mais que isso.

— E já o honraria... Porque o senhor tem razão: a aparência dele não impressiona. Quando o vi pela primeira vez, ele me pareceu um velho tenente mofando debaixo de suas dragonas. Mas todos os italianos são assim; parecem velhos judeus, quando não nos impressionam como magos do Oriente.

— O jovem é melhor — disse Danglars.

— Sim, um pouco tímido, talvez... Mas, em suma, pareceu-me conveniente. Eu estava preocupado.

— Por quê?

— Porque o senhor o viu em minha casa quase que em sua estreia na sociedade, ao menos pelo que me disseram. Ele viajava com um preceptor muito severo e nunca tinha vindo a Paris.

— Todos esses italianos da nobreza costumam se casar entre eles mesmos, não é verdade? — perguntou casualmente Danglars.
— Adoram associar as suas fortunas.

— Geralmente agem assim, é verdade... Mas Cavalcanti é original: não faz nada como os outros. Não me tiram da ideia: ele trouxe o filho à França para arrumar uma nora.

— Acha isso?

— Tenho certeza.

— E já tinha ouvido falar de sua fortuna?

— Não se fala de outra coisa... Mas uns falam que ele tem milhões, outros falam que ele não tem um tostão.

— E qual é a sua opinião?

— Não se fie em minha opinião... Ela é muito pessoal.

— Mas, afinal...

— A minha opinião é que todos esses velhos poderosos, todos esses antigos soldados, pois esses Cavalcanti comandaram exércitos, governaram províncias... A minha opinião, dizia eu, é que eles escondem milhões em cantos que só os seus primogênitos conhecem e que dão a conhecer a seus primogênitos, de geração em geração... Prova é que todos eles são amarelos e secos como os seus florins do tempo da República... De tanto admirar os seus florins, eles conservam os seus reflexos.

— Perfeito — disse Danglars. — Tanto isso é verdade que não se sabe de uma plegada de terra de toda essa gente.

— De muito pouco, ao menos... Só sei que de Cavalcanti nada sei, a não ser seu palácio em Luca.

— Ah, ele tem um palácio? — exclamou Danglars, rindo. — Já é alguma coisa.

— Sim, e ainda aluga o palácio ao ministro das Finanças, enquanto ele mesmo mora numa casinha... Oh, como lhe disse, acho o bom velho bem avarento.

— Ora, vamos, não o lisonjeia...

— Escute, mal o conheço... Acho que só o vi três vezes na vida. Só sei o que ouvi do abade Busoni e dele mesmo; hoje de manhã ele falava de seus planos para o filho, deixando-me adivinhar que, cansado de ver um dinheiro considerável dormir na Itália, que é um país morto, gostaria de encontrar alguma maneira de ver os seus milhões se multiplicarem, seja na França, seja na Inglaterra. Mas, note bem, embora pessoalmente eu tenha a maior confiança no abade Busoni, não me responsabilizo por nada.

— Não importa, obrigado pelo cliente que me enviou... É um belo nome a inscrever em meus registros, e o meu tesoureiro, a quem contei quem eram os Cavalcanti, ficou cheio de orgulho. A propósito, e isto não passa de um simples pormenor turístico: quando essa gente casa os seus filhos, dá-lhes um dote?

— Ah, meu Deus, depende... Conheci um príncipe italiano, rico como uma mina de ouro, um dos principais nomes da Toscana, que, quando seus filhos se casavam conforme a sua vontade, dava-lhes milhões, e, quando eles se casavam contrariando a sua vontade, contentava-se em dar-lhes uma renda de trinta escudos por mês. Digamos que Andrea, se ele casar-se segundo o desejo do pai, vai receber talvez um, dois ou três milhões... Se Andrea casar-se com a filha de um banqueiro, por exemplo, talvez ele invista na casa do sogro do filho; entretanto, suponha que a nora o desagrade: então, adeus, Cavalcanti pai pega a chave de seu cofre, dá duas voltas na fechadura, então o senhor Andrea se veria obrigado a viver como um filho de família parisiense, marcando cartas ou viciando dados.

— Esse rapaz há de encontrar uma princesa bávara ou peruana... Há de querer uma coroa sólida, um Eldorado atravessado pelo rio Potosí.

— Não, todos esses grandes senhores do outro lado dos montes frequentemente se casam com simples mortais... Eles são como Júpiter: adoram cruzar as raças. Ah, sim: mas, para me fazer todas essas perguntas, meu caro senhor Danglars, por acaso o senhor está querendo casar Andrea?

— Confesso — disse Danglars — que isto não me parece um mau negócio... E eu sou um negociante.

— Não seria casá-lo com a senhorita Danglars, presumo... O senhor não gostaria de ver o pobre Andrea ser degolado por Albert...

— Albert! — exclamou Danglars, dando de ombros. — Ah, bem, claro, ele mal se preocupa com isso.

— Mas ele é noivo de sua filha, não é?

— Ou melhor, o senhor de Morcerf e eu falamos algumas vezes sobre esse casamento... Mas a senhora de Morcerf e Albert...

— Não vai me dizer que ele não é um bom partido...

— Eh, eh... A senhorita Danglars equivale ao senhor de Morcerf, me parece!...

— O dote da senhora Danglars será belo, de fato, não duvido, principalmente se o telégrafo não voltar a cometer loucuras.

— Oh, não apenas o dote... Mas então me diga, a propósito...

— Pois não?

— Então por que não convidou Morcerf e a família dele ao seu jantar?

— Eu convidei, mas ele alegou uma viagem a Dieppe com a senhora de Morcerf, a quem recomendaram o ar do mar.

— Sim, é verdade — disse Danglars, rindo —, o ar do mar deve lhe fazer bem.

— Por quê?

— Porque é o ar que ela respirava em sua juventude.

Monte-Cristo deixou passar a epigrama sem parecer dar-lhe atenção.

— Mas, afinal — disse o conde —, se Albert não é tão rico quanto a senhorita Danglars, não pode negar que ele tem um belo nome...

— Concordo, mas também gosto do meu nome — disse Danglars.

— Claro, o seu nome é popular, adorna o título com que julgaram adorná-lo, mas o senhor é um homem inteligente demais para não compreender que, segundo certos preconceitos enraizados demais para serem extirpados, nobreza de cinco séculos vale mais do que nobreza de vinte anos.

— É justamente por isso — disse Danglars com um sorriso que pretendia ser sardônico —, é por isso que preferiria o senhor Andrea Cavalcanti ao senhor Albert de Morcerf.

— Entretanto — disse Monte-Cristo —, suponho que os Morcerf nada ficam a dever aos Cavalcanti...?

— Os Morcerf?!... Ora, meu caro conde — continuou Danglars —, o senhor é um homem galante, não é verdade?

— Acho que sim.

— E, além disso, entende de brasões...

— Um pouco.

— Bem, veja a cor do meu brasão... É mais firme que a do brasão de Morcerf.

— Por quê?

— Porque, se não nasci barão, ao menos me chamo Danglars.

— E daí?

— Enquanto ele não se chama Morcerf.

— Como assim? Ele não se chama Morcerf?

— De maneira alguma.

— Ora, vamos!

— A mim, alguém me fez barão, de maneira que sou barão... Ele se fez conde sozinho, de maneira que não é conde.

— Impossível.

— Escute, meu caro conde — prosseguiu Danglars. — O senhor de Morcerf é meu amigo, ou melhor, meu conhecido há mais de trinta anos... O senhor sabe que não dou lá muita importância a meus brasões, pois nunca me esqueci de onde vim.

— Isso prova muita humildade ou muito orgulho — disse Monte-Cristo.

— Bem, quando eu era apenas um empregado, Morcerf era um simples pescador.

— E então, como ele se chamava?

— Fernand.

— Fernand de quê?

— Fernand Mondego.

— Tem certeza?

— Ora, ele me vendeu tanto peixe, claro que eu o conheço.

— Então por que lhe dá sua filha?

— Porque, sendo Fernand e Danglars dois arrivistas, ambos enobrecidos, ambos enriquecidos, no fundo eles se equivalem, a não ser quanto a certas coisas que falaram dele e nunca falaram de mim.

— O quê?

— Nada...

— Ah, sim, compreendo... O que me disse agora refresca a minha memória sobre esse nome, Fernand Mondego... Ouvi falarem esse nome na Grécia.

— A respeito do caso de Ali Paxá?

— Exatamente.

— Esse é o mistério — continuou Danglars —, e confesso que daria muitas coisas para descobri-lo.

— Isto não é difícil, se tiver mesmo muita vontade.

— Como assim?

— O senhor certamente tem algum representante na Grécia...?

— Naturalmente!

— Em Janina?

— Tenho representantes em toda parte...

— Bem, escreva a seu representante de Janina: pergunte-lhe que papel representou na catástrofe de Ali Paxá de Tebelin um francês chamado Fernand.

— O senhor tem razão! — exclamou Danglars, levantando-se imediatamente. — Vou escrever hoje mesmo.

— Escreva.

— Escreverei.

— E se receber alguma notícia muito escandalosa...

— Eu lhe direi.

— Eu ficarei agradecido.

Danglars correu para fora do salão e num salto alcançou a sua carruagem.

LXVIII. O GABINETE DO PROCURADOR DO REI Deixemos o banqueiro voltar, ao galope de seus cavalos, e sigamos a

senhora Danglars em sua excursão matinal.

Dissemos que ao meio-dia e meia a senhora Danglars pedira os seus cavalos e saíra de carruagem.

Ela dirigiu-se para os lados do subúrbio de Saint-Germain, tomou a rua Mazarine e mandou parar na passagem da Ponte Nova.

Então desceu da carruagem e atravessou a passagem. Estava vestida muito simplesmente, como convém a uma mulher de bom gosto quando sai à luz do dia.

Na rua Guénégaud ela subiu a um fiacre e indicou como destino da corrida a rua de Harlay.

Assim que entrou no carro, tirou do bolso um véu negro muito espesso, prendendo-o em seu chapéu de palha; então ela colocou o chapéu na cabeça e, olhando em um espelhinho de bolso, viu com prazer que dela só podiam ver a sua pele branca e as cintilantes pupilas de seus olhos.

O fiacre atravessou a Ponte Nova e, pela praça Dauphine, entrou no pátio de Harlay; foi pago quando a portinhola se abriu; correndo para a escada, que subiu agilmente, a senhora Danglars logo chegou à sala dos Passos Perdidos.

Durante o dia, há muitos negócios, bem como há muitas pessoas ocupadas no Palácio da Justiça; as pessoas ocupadas não olham muito as mulheres: a senhora Danglars atravessou, portanto, a sala dos Passos Perdidos sem ser mais notada do que dez outras mulheres que aguardavam os seus advogados.

Havia aglomeração na sala de espera do senhor de Villefort; mas a senhora Danglars nem precisou pronunciar o seu nome; assim que apareceu, um oficial de justiça levantou-se, caminhou até ela e perguntou-lhe se não era a pessoa esperada pelo procurador do rei — à sua resposta afirmativa, ele conduziu-a por um corredor reservado ao gabinete do senhor de Villefort.

O magistrado escrevia sentado em sua poltrona, de costas para a porta: ouviu a porta se abrir, o oficial pronunciar estas palavras: — “Entre, senhora!” — e a porta se fechar sem fazer um único movimento; entretanto, assim que percebeu se perderem os passos

do oficial a afastar-se, ele se voltou vivamente, foi fechar os ferrolhos, puxar as cortinas e vistoriar cada canto do gabinete.

A seguir, quando teve certeza de que não poderia ser visto nem ouvido e logo se acalmando: — Obrigado, minha senhora — disse ele —, obrigado por sua pontualidade.

E ofereceu-lhe uma cadeira que a senhora Danglars aceitou, pois seu coração batia com tanta força que se sentia quase sufocada.

— Então — disse o procurador do rei também se sentando e fazendo a sua poltrona descrever um semicírculo para ficar de frente para a senhora Danglars —, então, há quanto tempo, minha senhora, não tenho a alegria de conversar com você a sós, e, para o meu grande pesar, reencontramo-nos para ter uma conversa bem penosa.

— Entretanto, meu senhor, bem vê que acorri ao seu primeiro chamado, embora certamente esta conversa seja ainda mais penosa para mim do que para você.

Villefort sorriu amargamente.

— Então é verdade — disse ele, respondendo a seus próprios pensamentos muito mais do que às palavras da senhora Danglars —, então é verdade que todos os nossos atos deixam traços, alguns sombrios, outros luminosos, em nosso passado! Então é verdade que todos os nossos passos nesta vida se parecem com a marcha do réptil sobre a areia e deixam rastros! Ai, para muitos, essas trilhas são rastros de lágrimas.

— Senhor — disse a senhora Danglars —, compreende a minha emoção, não é verdade? Então me poupe, por favor... Esta sala, onde tantos culpados passaram trêmulos e envergonhados... Esta cadeira, onde também me sento trêmula e envergonhada... Oh, sabe, preciso recorrer a toda a minha razão para não ver em mim mesma uma mulher culpada e em você um juiz ameaçador...

Villefort balançou a cabeça e suspirou.

— E eu — replicou ele —, e eu digo a mim mesmo que o meu lugar não é na cadeira de juiz, mas sim no banco dos réus.

— Seu lugar? — exclamou a senhora Danglars, surpresa.

— Sim, meu lugar.

— Imagino que de sua parte, senhor, seu puritanismo exagera a situação — disse a senhora Danglars, com os seus olhos tão belos a iluminarem-se de brilho fugaz. — Esses rastros de que falava agora mesmo foram traçados por todas as juventudes ardentes. No fundo das paixões, além do prazer, há sempre um pouco de remorso; é por isso que o Evangelho, eterno recurso dos sofredores, deu-nos como amparo, a nós pobres mulheres, as admiráveis parábolas da pecadora perdoada e da mulher adúltera.¹⁴ É por isso que, confesso-lhe, ao lembrar-me desses delírios de minha juventude, às vezes penso que Deus há de me perdoar, pois, se não a desculpa, ao menos a compensação sempre esteve presente em meus sofrimentos... Mas que têm vocês a temer em tudo isso, vocês homens, a quem todo o mundo desculpa, a quem o escândalo enobrece?

— Minha senhora — replicou Villefort —, bem me conhece: não sou hipócrita, ou ao menos não banco o hipócrita sem motivo. Se a minha expressão é severa, é porque muito sofrimento nela se imprime; se o meu coração é de pedra, é para poder suportar os golpes que recebe. Eu não era assim em minha juventude, eu não era assim naquela noite de noivado em que estávamos todos sentados ao redor de uma mesa na rua do Grand-Cours, em Marselha.¹⁵ Mas depois tudo mudou, tanto em mim quanto ao meu redor; a minha vida consumiu-se a perseguir coisas difíceis e, ante as dificuldades, a destruir aqueles que, voluntária ou involuntariamente, por livre-arbítrio ou por acaso, encontravam-se em meu caminho para me criar dificuldades. Raramente o que desejamos ardentemente deixa de ser ardentemente defendido por aqueles de quem o queremos obter ou de quem o tentamos arrancar. Assim, a maioria das más ações dos homens surge diante deles disfarçada na forma especiosa da necessidade; depois de cometermos uma má ação, num momento de exaltação, de medo ou de delírio, percebemos que poderíamos contorná-la e evitá-la. O meio que seria correto empregar, que não vimos porque estávamos cegos, mostra-se então a nossos olhos simples e evidente; então a gente se fala: como é que eu não fiz isto, em vez de fazer aquilo?

Vocês, mulheres, pelo contrário, muito raramente são atormentadas pelos remorsos, pois muito raramente a decisão parte de vocês; as suas desgraças quase sempre lhes são impostas, os seus pecados quase sempre são o crime de outros.

— Em todo caso, o senhor há de convir — respondeu a senhora Danglars —: se cometi um pecado, se este pecado foi pessoal, ontem à noite fui severamente punida.

— Pobre mulher! — exclamou Villefort, apertando-lhe a mão. — Severamente demais para as suas forças, pois por duas vezes você quase sucumbiu, entretanto...

— O quê?...

— O quê?... Devo lhe dizer... Reúna toda a sua coragem, minha senhora, pois ainda não concluímos.

— Meu Deus! — exclamou a senhora Danglars, assustada. — O que mais?

— A senhora só vê o passado, e naturalmente ele é sombrio. Bem, então imagine um futuro ainda mais sombrio, um futuro... assustador, certamente... sangrento, talvez!

A baronesa conhecia a calma de Villefort; ficou tão espantada com a exaltação do procurador que abriu a boca para gritar — mas o grito morreu em sua garganta.

— Como é que esse passado terrível ressuscitou? — exclamou Villefort. — Como, do fundo do túmulo, do fundo de nossos corações, onde dormia, saiu como um fantasma para empalidecer as nossas faces e enrubescer as nossas frentes?

— Ai — exclamou Hermine —, certamente o acaso!

— O acaso! — exclamou Villefort. — Não, não, senhora: não existe acaso!

— Existe sim... Não foi um acaso, fatal, é verdade, mas mesmo assim um acaso, que provocou tudo isso? Não foi por acaso que o conde de Monte-Cristo comprou aquela casa? Não foi por acaso que ele mandou cavar a terra? Não foi por acaso, enfim, que aquela infeliz criança foi desenterrada debaixo das árvores? Pobre criatura inocente saída de mim, a quem nunca pude dar um beijo, mas a quem dei muitas lágrimas. Ah, meu coração saiu pela boca diante

do conde quando ele falou naqueles queridos despojos encontrados debaixo das flores.

— Bem, minha senhora, não foi por acaso... E é isso o que eu tinha de terrível a lhe dizer — respondeu Villefort em voz abafada.

— Não, não houve despojos encontrados sob as flores... Não, não houve criança desenterrada... Não, não é preciso chorar... Não, não é preciso gemer: é preciso tremer.

— O que o senhor quer dizer? — exclamou a senhora Danglars, estremeando.

— Quero dizer que o senhor de Monte-Cristo, ao cavar ao pé daquelas árvores, não poderia encontrar nem esqueleto de criança, nem ferragens de cofre, pois debaixo daquelas árvores não havia esqueleto nem ferragens.

— Não havia esqueleto nem ferragens? — repetiu a senhora Danglars, fixando no procurador do rei olhos com pupilas terrivelmente dilatadas que indicavam terror. — Não havia esqueleto nem ferragens? — repetiu ela mais uma vez, como alguém a tentar capturar pelo som das palavras e pelo ruído da voz as suas ideias prestes a lhe escapar.

— Não! — exclamou Villefort, deixando a fronte cair entre as mãos. — Não, cem vezes não!

— Mas não foi lá que sepultou a pobre criança, meu senhor? Por que me enganar? Com que intenção? Vamos, diga.

— Foi lá... Mas escute-me, minha senhora, escute-me, e vai me lastimar, pois carreguei durante vinte anos, sem nunca lhe pedir que me ajudasse, o fardo de dores que vou lhe contar.

— Meu Deus! Você me assusta! Mas não importa: fale, estou ouvindo.

— Já sabe o que aconteceu naquela noite dolorosa em que expirava em sua cama, naquele quarto de damasco vermelho, enquanto eu, quase tão ofegante quanto você, esperava que desse à luz. A criança nasceu, recebia sem movimento, sem respiração, sem voz: nós a julgamos morta.

A senhora Danglars fez um movimento rápido, como se quisesse saltar da cadeira.

Mas Villefort deteve-a juntando as mãos, como a implorar sua atenção.

— Nós a julgamos morta — repetiu ele. — Coloquei-a num cofre que deveria substituir o caixão, descí ao jardim, cavei uma cova e enterrei-a às pressas. Mal terminei de cobri-la de terra, o braço do corso estendeu-se à minha frente. Vi uma espécie de sombra se erguer, vi uma espécie de relâmpago brilhar. Senti uma dor, quis gritar, um arrepio gelado percorreu todo o meu corpo e apertou a minha garganta... Caí agonizando, julguei que estava morto. Nunca me esquecerei de sua sublime coragem, senhora, quando, voltando a mim, arrastei-me expirando até o pé da escada, onde, também expirando, você veio me socorrer. Era preciso guardar segredo sobre a terrível catástrofe; você teve a coragem de voltar para a sua casa, amparada pela sua ama; pretextei que um duelo causara o meu ferimento. Contrariando todas as expectativas, ambos guardamos o segredo; levaram-me para Versalhes; durante três meses, lutei contra a morte; enfim, quando eu parecia voltar à vida, receitaram-me o sol e o ar do Sul. Quatro homens, percorrendo seis léguas por dia, me levaram de Paris a Chalon. A senhora de Villefort seguia a padiola em sua carruagem. Em Chalon, puseram-me no rio Saône, depois passei para o rio Ródano e, levado apenas pela velocidade da corrente, descí até Arles, depois de Arles voltei à minha liteira e segui o meu caminho até Marselha. A minha convalescença durou dez meses; não ouvi mais falar em você, não ousei perguntar o que tinha lhe acontecido. Quando voltei a Paris, soube que você, viúva do senhor de Nargonne, tinha se casado com o senhor Danglars.

“Em que pensei depois de recuperar a consciência? Sempre na mesma coisa, sempre naquele cadáver de criança que todas as noites, em meus sonhos, saía do seio da terra e pairava acima da cova ameaçando-me com o olhar e com os gestos. Assim, mal voltei a Paris, fui me informar; aquela casa não era habitada desde que saímos dela, mas acabara de ser alugada por nove anos. Fui procurar o locatário, fingi ter muito interesse em não ver aquela casa, que pertencia ao pai e à mãe de minha mulher, passar a mãos estranhas, ofereci uma recompensa para que renunciassem ao

aluguel; pediram-me seis mil francos: eu teria dado até dez mil, até vinte mil. Eu tinha o dinheiro comigo, fiz assinarem imediatamente a rescisão de contrato; então, assim que obtive a tão desejada assinatura, parti a galope para Auteuil. Desde que eu saíra daquela casa, ninguém havia entrado nela.

“Eram cinco horas da tarde: subi ao quarto vermelho e esperei anoitecer.

“Ali, tudo o que há um ano eu me repetia em minha contínua agonia voltou-me à ideia de maneira mais ameaçadora do que nunca.

“Aquele corso que me jurara vingança, que me seguira de Nîmes a Paris... Aquele corso que tinha se escondido no jardim, que tinha me ferido, tinha me visto cavar a cova e enterrar a criança; ele poderia ter descoberto quem você era; talvez a conhecesse... Um dia, não a faria pagar pelo segredo desse caso terrível?... Isto não seria para ele uma doce vingança, quando descobrisse que eu não morrera de sua punhalada? Então era urgente que antes de tudo, a qualquer preço, eu fizesse desaparecer os traços daquele passado, eu destruísse todos os vestígios materiais; só restaria eternamente aquela realidade em minha lembrança.

“Por isso eu tinha anulado o contrato de aluguel, por isso eu tinha vindo, por isso eu esperava.

“A noite chegou, esperei ficar bem escuro; eu estava sem luz naquele quarto, onde rajadas de vento faziam tremer as cortinas, e atrás das cortinas eu sempre imaginava ver algum espião emboscado, e de vez em quando eu estremecia, parecia que atrás de mim ouvia os seus gemidos naquela cama, mas não ousava me voltar. O meu coração batia no silêncio, eu o sentia bater tão forte que pensei que o meu ferimento iria se reabrir; enfim, ouvi cessarem, um depois do outro, todos aqueles diversos ruídos do campo. Compreendi que não tinha mais nada a temer, que não podia ser visto nem ouvido: resolvi descer.

“Escute, Hermine: julgo-me tão corajoso quanto qualquer outro homem, mas quando tirei do meu peito aquela chavinha da escada de que nós dois gostávamos tanto, e que você queria colocar num chaveiro de ouro, quando abri a porta, quando, através das janelas,

vi uma lua pálida lançar, sobre os degraus em espiral, uma longa faixa de luz branca como um fantasma, agarrei-me à parede, quase gritei... Achei que ia ficar louco.

“Finalmente, consegui me controlar. Desci a escada, degrau a degrau; a única coisa que eu não conseguia vencer era um estranho tremor nos joelhos. Agarrei-me ao corrimão; se eu o largasse por um instante, teria caído.

“Cheguei à porta do jardim; ao abri-la, vi uma pá encostada no muro. Eu tinha uma lanterna furta-fogo; no meio do gramado, parei para acendê-la; depois continuei o meu caminho.

“Era fim de novembro: todo o verdor do jardim tinha desaparecido, as árvores não eram mais que esqueletos com longos braços descarnados, as folhas mortas estalavam sobre a areia, sob os meus passos.

“O terror apertava com tanta força o meu coração que ao me aproximar do arvoredo tirei uma pistola do bolso e a engatilhei. Eu não parava de ver a cara do corso aparecer entre os ramos.

“Iluminei o arvoredo com a minha lanterna: não havia nada. Olhei ao meu redor: eu estava sozinho; barulho algum perturbava o silêncio noturno, a não ser o canto de uma coruja que lançava o seu pio agudo e lúgubre como um apelo aos fantasmas da noite.

“Pendurei a minha lanterna na forquilha de um ramo em que eu tinha reparado um ano antes, no mesmo lugar em que eu tinha parado para cavar a cova.

“Durante o verão, tinha crescido bastante mato naquele lugar, e no outono não havia ninguém lá para desmatar. Entretanto, um lugar mais ralo chamou a minha atenção: era evidente que havia sido ali que eu revolvera a terra. Comecei a trabalhar.

“Enfim chegara o momento que eu esperava havia mais de um ano!

“Assim, como eu esperava, como eu trabalhava, como eu sondava cada tufo de relva, imaginando sentir resistência na ponta da pá... Nada! Entretanto, fiz um buraco duas vezes maior que o primeiro. Imaginei estar errado, ter me enganado de lugar; e me orientei, olhei as árvores, tentei reconhecer os detalhes que haviam me assombrado. Soprava uma brisa fria e aguda através dos ramos

secos, mas escorria suor em minha testa. Lembrei-me de que eu tinha recebido a punhalada quando pisoteava a terra para cobrir a cova; pisoteando aquela terra, apoiei-me num ébano; atrás de mim havia uma pedra artificial destinada a servir de banco aos visitantes; pois ao cair a minha mão, ao largar o ébano, eu sentira a frieza daquela pedra. À minha direita estava o ébano, atrás de mim estava a pedra; caí e descansei; levantei-me e comecei a cavar e alargar o buraco: nada! Nada! Sempre nada! O cofre não estava lá.”

— O cofre não estava lá?! — murmurou a senhora Danglars, sufocada pelo pavor.

— Não imagine que me limitei a essa tentativa — continuou Villefort. — Não... Revistei todo aquele arvoredor; imaginava que o assassino, tendo desenterrado o cofre, imaginando que fosse um tesouro, tentara se apossar dele e o havia levado; depois, ao descobrir o seu erro, havia feito outro buraco e o enterrara; nada... Depois me veio a ideia de que ele não tomaria tantos cuidados: jogaria o cofre em algum canto, pura e simplesmente. Nesta última hipótese, eu precisaria esperar o dia para fazer as minhas buscas. Subi para o quarto e esperei.

— Oh, meu Deus!

— Quando amanheceu, desci novamente. Primeiro fui até o arvoredor; esperava encontrar nele vestígios que me teriam escapado no escuro. Eu tinha revolvido a terra numa área de sete metros quadrados, numa profundidade de setenta centímetros. Um assalariado não faria num dia o que eu tinha feito numa hora. Nada: não vi absolutamente nada.

“Então comecei a procurar o cofre, supondo que o assassino o jogara em algum canto. Devia tê-lo jogado no caminho que levava à pequena porta de saída; mas essa nova investigação foi tão inútil quanto a primeira: com o coração apertado, voltei ao arvoredor, embora já não tivesse a menor esperança nele.”

— Oh! — exclamou a senhora Danglars. — Havia razão para ficar louco!

— Por um instante — disse Villefort —, imaginei estar louco, mas não tive essa sorte... Entretanto, apelando para as minhas forças,

logo para as minhas ideias: “Por que aquele homem teria levado aquele cadáver? — eu me perguntei.”

— Ora, como você mesmo disse — respondeu a senhora Danglars —, para ter uma prova.

— Ah, não, senhora, não podia ser por isso... Ninguém guarda um cadáver durante um ano, mas sim o leva a um magistrado e presta o seu depoimento. Ora, nada disso aconteceu.

— Bem, e então? — perguntou Hermine, toda palpitante.

— Então, há algo mais terrível, mais fatal, mais assustador para nós: talvez a criança estivesse viva e o assassino a salvou.

A senhora Danglars deu um grito terrível e, tomando as mãos de Villefort: — O meu filho estava vivo! — exclamou ela. — O senhor enterrou o meu filho vivo! Não tinha certeza de que o meu filho estava morto e o enterrou! Ah!...

A senhora Danglars levantara-se e se mantinha diante do procurador do rei, de pé, quase ameaçadora, apertando os punhos dele com as suas mãos delicadas.

— Que sei eu? Disselhe isso como poderia dizer-lhe qualquer outra coisa — respondeu Villefort com um olhar fixo a mostrar que aquele homem tão poderoso estava quase atingindo os limites do desespero e da loucura.

— Ah, meu filho! Meu pobre filho! — exclamou a baronesa, voltando a cair em sua cadeira e sufocando os seus soluços com o lenço.

Villefort voltou a si e compreendeu que, para desviar a tempestade maternal a formar-se sobre a sua cabeça, era preciso inspirar à senhora Danglars o terror que ele mesmo sentia.

— Então, compreenda bem: se assim for — disse ele, também se levantando e aproximando-se da baronesa para lhe falar em voz mais baixa —, nós estamos perdidos... Aquela criança vive, alguém sabe que ela vive, alguém possui o nosso segredo... E, como Monte-Cristo fala, na nossa frente, de uma criança desenterrada de um lugar em que essa criança já não estava, é ele quem possui esse segredo.

— Deus! Deus justo! Deus vingador! — murmurou a senhora Danglars.

Villefort só respondeu por uma espécie de rugido.

— Mas e essa criança, e essa criança, meu senhor? — perguntou a mãe, obstinada.

— Oh, mas como a procurei! — respondeu Villefort, torcendo os braços. — Quantas vezes a chamei nas minhas longas noites insones! Quantas vezes desejei ter uma riqueza de rei para comprar um milhão de segredos de um milhão de homens, para encontrar o meu segredo entre os deles! Enfim, um dia, quando, pela centésima vez, eu pegava a pá, eu me perguntei, também pela centésima vez, o que o curso poderia ter feito da criança... Uma criança atrapalha um fugitivo; ao perceber que ela ainda estava viva, talvez a tivesse jogado no rio.

— Oh, impossível — exclamou a senhora Danglars. — Assassina-se um homem por vingança, mas não se afoga uma criança a sangue-frio!

— Talvez — continuou Villefort — ele a tenha deixado no asilo de crianças abandonadas.

— Oh, sim, sim! — exclamou a baronesa. — O meu filho está lá, meu senhor!

— Corri ao asilo e soube que naquela mesma noite, na noite de 20 de setembro, uma criança tinha sido depositada na roda; estava envolta na metade de uma toalha de pano fino, intencionalmente rasgada. Nesta metade de toalha havia metade de uma coroa de barão e a letra H...

— Exato, exato! — exclamou a senhora Danglars. — Toda a minha roupa branca era marcada assim! O senhor de Nargonne era barão, e eu me chamo Hermine... Obrigada, meu Deus, o meu filho não estava morto.

— Não, ele não estava morto.

— E você me diz isso!... Você me diz isso sem temer me matar de alegria, meu senhor?! Onde está ele? Onde está o meu filho?

Villefort deu de ombros.

— Como é que vou saber? — disse ele. — E julga que, se eu soubesse, eu a faria passar por todas essas gradações, como faria um dramaturgo ou um romancista? Não, ai, não... Eu não sei. Cerca de seis meses depois, uma mulher foi reclamar a criança com a

outra metade da toalha. Essa mulher cumpriu todas as garantias exigidas pela lei e a criança foi entregue a ela.

— Mas deveria ter se informado sobre essa mulher, deveria tê-la encontrado.

— E do que julga que me ocupei, minha senhora? Fingi fazer uma investigação criminal e coloquei à procura dela os melhores espões e agentes da polícia. Seguimos a sua pista até Chalon; em Chalon, nós a perdemos.

— Perderam?

— Sim, perdemos... Perdemos para sempre.

A senhora Danglars escutara esse relato com um suspiro, uma lágrima, um grito para cada circunstância.

— E isso é tudo? — exclamou ela. — E o senhor limitou-se a isso?!

— Oh, não! — exclamou Villefort. — Nunca parei de buscar, de investigar, de me informar... Todavia, nos últimos dois ou três anos, relaxei um pouco. Mas agora vou recomeçar com mais perseverança e dedicação do que nunca... E vou vencer, você vai ver... Pois já não é mais a consciência que me move: é o medo.

— Mas o conde de Monte-Cristo nada sabe... — replicou a senhora Danglars. — Se soubesse, parece-me, ele não nos procuraria como nos procura.

— Oh, a maldade dos homens é bem profunda — disse Villefort —, pois é mais profunda do que a bondade de Deus. Reparou nos olhos desse homem enquanto falava conosco?

— Não.

— Mas chegou a examiná-lo profundamente?

— Certamente... Ele é estranho, nada mais. Só uma coisa me impressionou: em todo aquele magnífico banquete que nos ofereceu, ele não tocou em nada; é que ele queria não experimentar nenhum prato.

— Sim, é verdade! — exclamou Villefort. — Também reparei nisso. Se eu soubesse o que agora sei, também não teria tocado em nada; julgaria que ele queria nos envenenar.

— E teria se enganado, como bem pode ver.

— Sim, certamente... Mas acredite: esse homem tem outros planos. Por isso quis vê-la, por isso quis falar com você, por isso quis preveni-la contra todo o mundo, mas principalmente contra ele. Diga-me — continuou Villefort, fixando os olhos na baronesa de maneira mais profunda do que nunca —, não falou de nossa ligação a ninguém...?

— Nunca, a ninguém.

— Compreende — repetiu afetuosamente Villefort —, quando digo a ninguém, perdoe-me a insistência, digo a ninguém neste mundo, entende?

— Oh, sim, sim, entendo muito bem — disse a baronesa enrubescendo —, nunca, juro-lhe...

— Não costuma escrever à noite o que aconteceu durante o dia? Não mantém um diário?

— Não, ai! A minha vida se passa consumida pela frivolidade... Eu mesma a esqueço.

— Ao que sabe, não sonha em voz alta,?

— Tenho um sono de criança... não se lembra?

A púrpura subiu ao rosto da baronesa e a palidez invadiu o rosto de Villefort.

— É verdade — disse ele, tão baixo que mal foi ouvido.

— E então? — perguntou a baronesa.

— Então? Sei o que me resta fazer — continuou Villefort. — Em uma semana, saberei quem é o senhor de Monte-Cristo, de onde ele vem... para onde vai... e por que nos fala de crianças desenterradas em seu jardim.

Villefort pronunciou essas palavras num tom que faria o conde estremecer, se o conde pudesse ouvi-las.

Então apertou a mão que a baronesa recusava oferecer-lhe e acompanhou-a respeitosamente até a porta.

A senhora Danglars tomou outro fiacre, que a levou de volta à passagem da Ponte Nova; do outro lado da passagem encontrava-se a sua carruagem e o seu cocheiro, que, esperando-a, dormia tranquilamente em seu assento.

LXIX. UM BAILE DE VERÃO

No mesmo dia e hora, enquanto a senhora Danglars tinha o encontro que relatamos no gabinete do senhor procurador do rei, uma caleche de viagem entrou na rua do Helder, atravessou o portão do nº 27 e parou no pátio.

Instantes depois a portinhola se abriu e a senhora de Morcerf desceu apoiada no braço de seu filho.

Logo depois de acompanhar a mãe a seus aposentos, Albert pediu um banho, pediu seus cavalos e, depois de vestir-se com a ajuda do camareiro, mandou levarem-no aos Campos Elíseos, à casa do conde de Monte-Cristo.

O conde recebeu-o com o habitual sorriso. Era algo estranho: nunca alguém parecia dar um passo adiante no coração ou no espírito daquele homem. Os que desejavam — se assim pudermos dizer — forçar a passagem à sua intimidade batiam contra um muro.

Ao vê-lo, Morcerf — que corria a ele de braços abertos —, apesar de seu sorriso amistoso, deixou cair os braços e não ousou mais do que estender-lhe a mão.

Por sua vez, Monte-Cristo tocou-a — como sempre fazia —, mas sem apertá-la.

— Bem, aqui estou, meu caro conde — exclamou ele.

— Seja bem-vindo.

— Cheguei há uma hora.

— De Dieppe?

— De Tréport.

— Ah, é verdade...

— E a minha primeira visita é para o senhor.

— É encantador de sua parte — disse Monte-Cristo, como se dissesse qualquer outra coisa.

— Bem; então vejamos: quais são as notícias?

— As notícias? Pergunta isso a mim, um estrangeiro?

— Explico-me: quando pergunto quais são as notícias, pergunto se fez algo por mim...

— Então tinha me encarregado de alguma missão? — perguntou Monte-Cristo, fingindo preocupação.

— Vamos! Ora, vamos — exclamou Albert —, não banque o indiferente... Dizem que há simpatias que atravessam as distâncias: bem, em Tréport, recebi o meu choque elétrico... Se não trabalhou por mim, ao menos pensou em mim.

— Isso é possível — disse Monte-Cristo. — De fato, pensei em você... Mas, confesso, a corrente magnética de que eu era o condutor agia independentemente da minha vontade.

— Verdade? Conte-me isso, por favor.

— É simples... O senhor Danglars jantou em minha casa.

— Sei-o muito bem, pois foi para fugir à sua presença que viajamos, minha mãe e eu.

— Então, ele jantou com o senhor Andrea Cavalcanti.

— O seu príncipe italiano?

— Não exageremos... O senhor Andrea atribui-se apenas o título de visconde.

— “Atribui-se”, o senhor disse?

— Eu disse: “atribui-se”.

— Então ele não o é?

— Ah, como vou saber? Ele atribui-se, eu atribuo-lhe, nós atribuímos-lhe... Não é como se ele o fosse?

— Que homem estranho o senhor me pinta, não é? E então?

— Então o quê?

— Então o senhor Danglars jantou em sua casa?

— Sim, jantou.

— Com o seu visconde Andrea Cavalcanti?

— Com o visconde Andrea Cavalcanti, o marquês seu pai, a senhora Danglars, o senhor e a senhora de Villefort, pessoas encantadoras, o senhor Debray, Maximilien Morrel e também... espere... ah, o senhor de Château-Renaud!

— Falaram de mim?

— Nem uma palavra.

— É pena.

— Por quê? Parece-me que, se o esqueceram, agindo assim não fizeram mais do que você queria...

— Meu caro conde, se não falaram de mim é porque pensaram muito em mim, o que me desespera...

— Que lhe importa, se a senhorita Danglars não estava entre os que pensavam em você? Ah, é verdade, ela pode ter pensado em você na casa dela.

— Oh, quanto a isso, não, tenho certeza... Ou então, se ela pensou em mim, certamente foi do mesmo modo que penso nela...

— Mas que tocante simpatia! — exclamou o conde. — Então vocês se detestam?

— Escute — disse Morcerf —, se a senhorita Danglars fosse mulher capaz de ter piedade do martírio que não sofro por ela, capaz de me recompensar, fora das convenções matrimoniais estabelecidas entre as nossas famílias, seria uma maravilha. Enfim, acredito que a senhorita Danglars daria uma amante encantadora... Mas, como esposa, diabo...

— Então — disse Monte-Cristo, rindo —, essa é a sua maneira de encarar o seu futuro?

— Oh, meu Deus, sim... Um pouco brutal, é verdade, mas ao menos exata. Ora, se não posso tornar esse sonho real, como para atingir certo objetivo é preciso que a senhorita Danglars se torne a minha esposa, ou seja, que ela viva comigo, que ela pense a meu lado, que ela cante a meu lado, que ela faça versos e música a dez passos de mim, e isso por toda a minha vida, então eu me apavoro. Uma amante, meu caro conde, pode ser abandonada; mas uma esposa, peste, é outra coisa, tem de ser conservada eternamente, ou seja, de perto ou de longe. Ora, seria terrível suportar a senhorita Danglars eternamente, mesmo que de longe.

— Você é muito exigente, visconde.

— Sim, pois vivo pensando em algo impossível.

— Em quê?

— Em encontrar para mim uma mulher igual à que meu pai encontrou para ele.

Monte-Cristo empalideceu e contemplou Albert brincando com magníficas pistolas, a manejá-las rapidamente.

— Então o seu pai teve muita sorte? — perguntou ele.

— Conhece a minha opinião sobre a minha mãe, senhor conde: um anjo do céu; pode vê-la ainda bela, sempre espirituosa, melhor do que nunca. Estou chegando de Tréport; para qualquer outro filho, ai, meu Deus, acompanhar a mãe seria um sacrifício ou uma obrigação; mas eu passei quatro dias sozinho com ela, mais satisfeito, mais descansado, mais poético, eu lhe diria, do que se tivesse levado a Tréport a rainha Mab, ou Titânia.¹⁶

— Isso é uma perfeição desesperadora, e você dá a todos os que o ouvem grande vontade de permanecer solteiros.

— É por isso que, sabendo que existe no mundo uma mulher tão perfeita, não tenho pressa em me casar com a senhorita Danglars — replicou Morcerf. — Já chegou a reparar como o nosso egoísmo costuma revestir de cores brilhantes tudo o que nos pertence? O diamante a brilhar na vitrine de Marlé ou de Fossin torna-se muito mais belo quando passa a ser o nosso diamante; mas, se a evidência nos obrigar a reconhecer que existe outro diamante ainda mais cristalino, se somos eternamente condenados a usar um diamante inferior a outro, compreende como sofremos?

— Mundano! — murmurou o conde.

— É por isso que vou pular de alegria no dia em que a senhorita Eugénie perceber que sou apenas um átomo de nada; que mal tenho algumas centenas de mil francos, enquanto ela tem milhões.

Monte-Cristo sorriu.

— Eu tinha pensado outra coisa — continuou Albert. — Franz adora as coisas excêntricas, mas apesar disso eu quis levá-lo a se apaixonar pela senhorita Danglars; entretanto, às quatro cartas que lhe escrevi no estilo mais sedutor, Franz respondeu-me tranquilamente: “Sou excêntrico, é verdade, mas a minha excentricidade não chega ao ponto de faltar à minha palavra depois de tê-la dado.”

— É isso que eu chamo de devoção da amizade: dar a outro a mulher que só queríamos como amante.

Albert sorriu.

— A propósito — prosseguiu ele —, ele está chegando, o caro Franz... Mas pouco lhe importa, o senhor não gosta dele, não é

verdade?

— Eu? — exclamou Monte-Cristo. — Ah, meu caro visconde, de onde você tirou que eu não gosto do senhor Franz? Gosto de todo o mundo...

— E eu estou incluído nesse “todo o mundo”?... Obrigado!

— Oh, não vamos confundir — disse Monte-Cristo. — Gosto de todo o mundo da maneira que Deus nos manda amar o nosso próximo, cristãmente... Mas só odeio certas pessoas. Voltemos ao senhor Franz d'Épinay. Você disse que ele está chegando?

— Sim, chamado pelo senhor de Villefort, tão empenhado, ao que parece, em casar a senhorita Valentine quanto o senhor Danglars em casar a senhorita Eugénie. Decididamente, parece ser fatigante ser pai de senhoritas importantes; parece que isso os deixa com febre e que seus pulsos batem noventa vezes por minuto, enquanto não se livram delas.

— Mas o senhor d'Épinay não é igual a você... Ele aceita o seu mal pacientemente.

— Melhor do que isso: leva-o a sério... Usa gravatas brancas e já fala em sua família... Além disso, tem grande consideração pelos Villefort.

— Merecida, não é verdade?

— Acho que sim, o senhor de Villefort sempre foi considerado um homem severo, mas justo.

— Em tempo — disse Monte-Cristo —, ao menos você não o trata como ao pobre senhor Danglars.

— Talvez porque não sou obrigado a me casar com a filha dele — respondeu Albert, rindo.

— Na verdade, meu caro senhor — disse Monte-Cristo —, você é de uma vaidade revoltante.

— Eu?

— Sim, você... Mas pegue um charuto.

— Com prazer... E por que sou vaidoso?

— Ora, porque fica aí se defendendo, relutando em casar-se com a senhorita Danglars. Ah, meu Deus, deixe as coisas acontecerem e talvez não venha a ser o primeiro a não cumprir a sua palavra.

— Ora! — fez Albert, arregalando os olhos.

— Ah, sem dúvida, senhor visconde, não vão enforcá-lo se não se casar, que diabo! Vamos, sério — continuou Monte-Cristo, mudando de tom —, quer mesmo romper o noivado?

— Eu daria cem mil francos para romper.

— Então fique feliz: o senhor Danglars pagaria o dobro para atingir o mesmo objetivo.

— É bem verdade, essa sorte? — exclamou Albert, que entretanto ao dizer isso não conseguiu impedir que leve nuvem pairasse sobre a sua cabeça. — Mas então, meu caro conde, o senhor Danglars tem motivos para tanto?

— Ah, agora te reconheço, natureza orgulhosa e egoísta! Em tempo, encontro o homem que deseja ferir o amor-próprio de outrem a machadadas, mas que grita quando ferem o seu com uma agulha.

— Não! Mas é que me parece que o senhor Danglars...

— Devia estar encantado com você, não é verdade? Muito bem, o senhor Danglars é um homem de mau gosto, concordo, e está ainda mais encantado com outro...

— Com quem?

— Não sei... Estude, contemple, ouça as alusões de passagem, tire delas o melhor proveito.

— Bom, compreendo... Escute, a minha mãe... não! Não a minha mãe, desculpe, o meu pai teve a ideia de dar um baile.

— Um baile? Nesta época do ano?

— Os bailes de verão estão na moda.

— Se não estivessem, se a condessa quisesse, lançaria esta moda.

— Algo assim... Entende, são bailes puros-sangues... Os que ficam em Paris no mês de julho são verdadeiros parisienses. Quer se encarregar de um convite para os senhores Cavalcanti?

— Quando será o seu baile?

— Sábado.

— O senhor Cavalcanti pai já vai ter partido.

— Mas o senhor Cavalcanti filho vai ficar. Quer se encarregar de levar o senhor Cavalcanti filho?

— Escute, visconde, eu não o conheço...

— Não o conhece?

— Não... Vi-o pela primeira vez há três ou quatro dias, não me responsabilizo por nada.

— Mas costuma recebê-lo, não é verdade?

— Comigo é diferente... Ele me foi recomendado por um bravo abade, que também pode ter sido enganado. Convide-o diretamente, maravilha, mas não me peça que o apresente... Se depois ele viesse a se casar com a senhorita Danglars, você me acusaria de manipulação, iria querer me esganar... Aliás, nem sei se eu mesmo irei.

— Aonde?

— A seu baile.

— E por que não iria?

— Primeiro, porque você ainda não me convidou.

— Vim para convidá-lo pessoalmente.

— Oh, isso é encantador... Mas posso me ver impedido de comparecer.

— Quando eu lhe contar algo, creio que será bastante amável para sacrificar-nos quaisquer empecilhos.

— Conte.

— A minha mãe lhe pede.

— A senhora condessa de Morcerf? — perguntou Monte-Cristo, estremecendo.

— Ah, conde — exclamou Albert —, previno-o: a senhora de Morcerf conversa livremente comigo... Se ainda não sentiu vibrar em si as fibras simpáticas de que eu lhe falava há pouco, é porque essas fibras lhe faltam completamente, pois durante quatro dias nós só falamos no senhor.

— Em mim? Na verdade, você me envaidece!

— Escute, é um privilégio de sua situação, ser um problema vivo.

— Ah, então eu sou um problema para a sua mãe? Na verdade, eu a imaginava sensata demais para entregar-se a tais fantasias!

— Problema, meu caro conde, problema para todos, para a minha mãe como para os outros, problema aceito, mas não resolvido... O senhor permanece sempre em estado de enigma,

fique tranquilo. A minha mãe só se pergunta como é que o senhor pode ser tão jovem. Imagino que, no fundo, enquanto a condessa G... o toma pelo lorde Ruthwen, a minha mãe o toma por Cagliostro, ou pelo conde de Saint-Germain... Assim que for ver a senhora de Morcerf, confirme-lhe logo essa opinião. Isso não lhe será difícil: o senhor possui a pedra filosofal de um e o espírito de outro.

— Agradeço-lhe por ter me avisado — disse o conde, sorrindo —, vou tentar colocar-me à altura de corresponder a todas essas suposições...

— Então irá, no sábado?

— Já que a senhora de Morcerf me pede...

— O senhor é muito amável.

— E o senhor Danglars?

— Oh, ele já recebeu o triplo convite... O meu pai se encarregou disso. Tentaremos receber também o grande d'Aguesseau:¹⁷ o senhor de Villefort... Mas duvidamos.

— Nunca duvide de nada, diz o provérbio.

— O senhor dança, meu caro conde?

— Eu?

— Sim, o senhor... Que há de surpreendente em dançar?

— Ah, realmente, enquanto não passamos dos quarenta... Não, eu não danço não... Mas gosto de ver dançarem. E a senhora de Morcerf, dança?

— Nunca, também não... Vocês vão conversar: ela tem tanta vontade de conversar com o senhor!

— Verdade?

— Palavra de honra! E declaro-lhe que o senhor é o primeiro homem por quem a minha mãe manifesta essa curiosidade.

Albert pegou o seu chapéu e levantou-se; — o conde levou-o até a porta.

— Cometi um erro — disse ele, detendo-o no alto da escadaria.

— Qual?

— Fui indiscreto: não devia ter lhe falado do senhor Danglars.

— Pelo contrário: fale-me dele mais, fale-me dele sempre... Mas da mesma forma.

— Bem, você me tranquiliza... A propósito: quando chega o senhor d'Épinay?

— Em cinco ou seis dias, no mais tardar.

— E quando ele se casa?

— Assim que o senhor e a senhora de Saint-Méran chegarem.

— Então, traga-o, assim que ele chegar a Paris. Embora você diga que eu não goste dele, declaro-lhe que ficarei feliz em vê-lo.

— Bem, as suas ordens serão cumpridas, senhor...

— Até a vista.

— Até sábado, em todo caso, com certeza, não é verdade?

— Como não, está combinado.

O conde seguiu Albert com os olhos, acenando. Então, quando Albert já subira à sua carruagem, voltou-se e, vendo Bertuccio atrás dele: — E então? — perguntou ele.

— Ela foi ao Palácio — respondeu o intendente.

— E ficou muito tempo lá?

— Uma hora e meia.

— E voltou para casa?

— Diretamente.

— Bem... Meu caro senhor Bertuccio — disse o conde —, se agora eu puder lhe dar um conselho, vá à Normandia ver se encontra aquela terrinha de que lhe falei.

Bertuccio inclinou-se e, como os seus desejos encontravam-se em perfeita harmonia com a ordem que recebera, partiu na mesma noite.

LXX. AS INFORMAÇÕES

O senhor de Villefort cumpriu o que prometera à senhora Danglars — e sobretudo a si mesmo —, buscando saber de que maneira o senhor conde de Monte-Cristo descobrira a história da casa de Auteuil.

No mesmo dia, escreveu a certo senhor de Boville — que, depois de outrora ter sido inspetor das prisões, fora promovido à polícia de segurança — para obter as informações que desejava;

Boville pediu-lhe dois dias para saber ao certo quem poderia informá-lo. Dois dias depois, o senhor de Villefort recebeu a seguinte nota: A pessoa chamada conde de Monte-Cristo é conhecida particularmente por lorde Wilmore, rico estrangeiro que às vezes é visto em Paris, onde se encontra neste momento; o conde é igualmente conhecido pelo abade Busoni, padre siciliano de grande reputação no Oriente, onde fez muitas boas ações.

O senhor de Villefort respondeu dando uma ordem para obterem desses dois estrangeiros as informações mais urgentes e precisas; na noite seguinte, suas ordens já tinham sido cumpridas; eis as informações que recebeu: O abade, que estava passando apenas um mês em Paris, morava atrás da igreja de Saint-Sulpice, em uma pequena casa composta de um único andar acima do térreo; quatro cômodos — dois em cima e dois embaixo — constituíam toda a residência, onde ele morava sozinho.

Os dois cômodos de baixo eram uma sala de jantar com mesa, cadeiras e armário de nogueira, e um salão de madeira, pintado de branco, sem adornos, sem tapetes e sem relógio. Logo se via que o abade só dispensava a si mesmo os objetos estritamente necessários.

É verdade que o abade preferia o salão do primeiro andar. Esse salão, todo forrado de livros de teologia e pergaminhos, no meio dos quais ele se enterrava durante meses inteiros — segundo o seu camareiro —, na verdade era menos um salão do que uma biblioteca.

Esse camareiro observava os visitantes através de uma espécie de janelinha; quando os seus rostos eram desconhecidos ou não lhe agradavam, ele dizia que o senhor abade não se encontrava em Paris, com o que muitos se contentavam, pois sabiam que o abade vivia viajando e às vezes passava muito tempo ausente.

Aliás, estivesse em casa ou não, estivesse em Paris ou no Cairo, o abade sempre dava esmolas, que o camareiro distribuía incessantemente em nome de seu senhor, por meio da janelinha, que servia de roda.

A outra peça, situada ao lado da biblioteca, era um quarto de dormir. Uma cama sem cortinas, quatro cadeiras e um sofá de

veludo de Utrecht amarelo constituíam, ao lado de um oratório, toda a mobília.

Quanto a lorde Wilmore, hospedava-se na rua Fontaine-Saint-Georges. Era um desses turistas ingleses que devoram toda a sua fortuna viajando. Alugara o apartamento mobiliado onde ficava, onde passava apenas duas ou três horas por dia, onde raramente dormia. Uma de suas manias era negar-se terminantemente a falar a língua francesa, que entretanto escrevia, diziam, de maneira muito correta.

Na tarde posterior ao dia em que essas preciosas informações chegaram ao senhor procurador do rei, um homem desceu da carruagem na esquina da rua Férou e bateu a uma porta pintada de verde-oliva, perguntando pelo abade Busoni.

— O senhor abade saiu de manhã — respondeu o camareiro.

— Eu poderia não me contentar com essa resposta — disse o visitante —, pois venho da parte de uma pessoa para quem todos sempre se encontram em casa. Mas queira entregar ao abade Busoni...

— Já lhe disse que ele não se encontra — repetiu o camareiro.

— Então, assim que ele chegar, entregue a ele este cartão e este papel timbrado. À noite, às oito horas, o senhor abade já estará em casa?

— Oh, sem falta, senhor... A não ser que o abade esteja trabalhando, então é como se tivesse saído.

— Então voltarei hoje à noite, às oito horas — replicou o visitante.

E retirou-se.

De fato, à hora mencionada, o mesmo homem voltou, na mesma carruagem, que, dessa vez, em vez de estacionar na esquina da rua Férou, parou bem em frente à porta verde. Bateu, abriram, ele entrou.

Pelos sinais de respeito que o camareiro lhe prodigalizou, ele compreendeu que a sua carta provocara o efeito desejado.

— O senhor abade encontra-se em casa? — perguntou ele.

— Sim, ele está trabalhando na biblioteca... Mas está esperando o senhor — respondeu o empregado.

O estranho subiu uma escada bem rústica e, diante de uma mesa cuja superfície era inundada pela luz concentrada de um grande abajur, enquanto o resto da sala permanecia no escuro, viu o abade em traje eclesiástico, com a cabeça coberta por um daqueles capuzes que ocultavam o crânio dos latinistas da Idade Média.

— É ao senhor Busoni que tenho a honra de falar? — perguntou o visitante.

— Sim, senhor — respondeu o abade —, e o senhor é a pessoa que o senhor de Boville, antigo intendente das prisões, envia-me da parte do senhor chefe de polícia?

— Exatamente, senhor.

— Um dos agentes da Segurança de Paris?

— Sim, senhor — respondeu o estranho com uma espécie de hesitação e sobretudo com um pouco de rubor.

O abade ajustou os grandes óculos que lhe cobriam não apenas os olhos, mas também as têmporas e, sentando-se, fez sinal ao visitante para também sentar-se.

— Estou ouvindo, senhor — disse o abade, com um sotaque italiano dos mais carregados.

— A missão de que me encarregaram, senhor — prosseguiu o visitante, pesando cada uma de suas palavras, como se elas tivessem dificuldade em sair de sua boca —, é uma missão de confiança para quem a cumpre e para quem permite cumpri-la.

O abade inclinou-se.

— Sim — continuou o estranho —, a sua probidade, senhor abade, é tão reconhecida pelo senhor chefe de polícia que ele deseja saber do senhor, como magistrado, algo que interessa à segurança pública, em nome da qual lhe fui enviado. Portanto, esperamos, senhor abade, que não haja laços de amizade, nem consideração humana, que possam obrigá-lo a esconder a verdade da justiça.

— Contanto, senhor, que as coisas que deseja saber não contrariem os escrúpulos de minha consciência... Eu sou padre, meu senhor, e os segredos da confissão, por exemplo, devem permanecer entre mim e a justiça divina, não entre mim e a justiça humana.

— Oh, pode ficar tranquilo, senhor abade — disse o estranho —, de maneira alguma contrariaremos a sua consciência.

A essas palavras, o abade, puxando o abajur a seu lado, levou o foco do abajur a concentrar-se no lado oposto, de maneira que, enquanto iluminava em cheio o rosto do estranho, o seu rosto permanecia no escuro.

— Perdão, senhor abade — disse o enviado do senhor chefe de polícia —, mas esta luz me cansa a vista terrivelmente.

O abade abaixou o cartão verde do abajur.

— Agora, meu senhor, estou ouvindo: fale.

— Vamos direto ao assunto... Conhece o senhor conde de Monte-Cristo?

— O senhor se refere ao senhor Zaccone, presumo...?

— Zaccone?!... Então ele não se chama Monte-Cristo?

— Monte-Cristo é nome de terra, ou melhor, nome de rochedo, não nome de família.

— Bem, que seja... Não vamos discutir palavras; se o senhor de Monte-Cristo e o senhor Zaccone são o mesmo homem...

— Absolutamente o mesmo.

— Falemos do senhor Zaccone.

— Certo.

— Perguntei se o senhor o conhece.

— Eu o conheço muito bem.

— Quem é ele?

— É filho de um rico armador de Malta.

— Sim, sei muito bem, é o que dizem... Mas, como deve entender, a polícia não pode se contentar com *o que dizem*...

— Todavia — continuou o abade, sorrindo afavelmente —, quando *o que dizem* é verdade, bem que é preciso que todo o mundo se contente, e que a polícia também se contente, como todo o mundo.

— Mas o senhor tem certeza do que afirma?

— Como? Se eu tenho certeza?

— Veja bem, senhor: não suspeito de maneira alguma de sua boa fé... Eu lhe pergunto: tem certeza?

— Escute, eu conheci o senhor Zaccone, o pai.

— Ah, é?

— Sim, e, quando eu era criança, brinquei muitas vezes com o filho dele nos canteiros das construções.

— Mas, todavia, e esse título de conde?

— Sabe, isso se compra.

— Na Itália?

— Em toda parte.

— Mas e as suas riquezas, que são imensas, também segundo dizem...

— Oh, quanto a isso — respondeu o abade —, *imensas* é a palavra exata.

— O senhor, que o conhece, quanto acha que ele tem?

— Oh, deve ter cento e cinquenta, duzentas mil libras de renda.

— Ah, isso é razoável — disse o visitante —, mas falam em três, quatro milhões!

— Duzentas mil libras de renda, meu senhor, representam exatamente quatro milhões de capital.

— Mas falam em três ou quatro milhões de renda!

— Oh, isso não é muito plausível.

— E o senhor conhece a sua ilha de Monte-Cristo?

— Naturalmente... Todo homem que veio de Palermo, Nápoles ou Roma para a França, via mar, a conhece, pois passou ao lado dela e a viu de passagem.

— É um lugar encantador, ao que dizem...

— É um rochedo.

— E por que o conde teria comprado um rochedo?

— Justamente para vir a ser conde. Na Itália, para ser conde, ainda é necessário um condado.

— Certamente ouviu falar das aventuras de juventude do senhor Zaccone.

— O pai?

— Não, o filho.

— Ah, é aí que começam as minhas incertezas, pois é aí que perdi o meu jovem amigo de vista.

— Ele foi para a guerra?

— Acho que ele serviu.

- Em que arma?
- Na marinha.
- Ora, vamos: o senhor não é o seu confessor?
- Não, senhor... Acho que ele é luterano.
- Como assim? Luterano?
- Eu disse que acho... Não afirmo. Aliás, eu achava que a liberdade de cultos tinha sido estabelecida na França.
- Certamente... Portanto, não é de suas crenças que nos ocupamos neste momento, mas sim de suas ações... Em nome do senhor chefe de polícia, intimo-o a dizer o que sabe.
- Ele é considerado um homem muito caridoso. Nosso Santo Padre, o Papa, nomeou-o cavaleiro de Cristo, favor que só concede aos príncipes, pelos eminentes serviços prestados aos cristãos do Oriente... Ele também tem cinco ou seis medalhas conquistadas por relevantes serviços prestados aos príncipes e aos Estados.
- E ele as usa?
- Não, mas orgulha-se delas... Ele diz que prefere as recompensas concedidas aos benfeitores da humanidade às recompensas concedidas aos destruidores dos homens.
- Então esse homem é um quacre puritano?
- Exatamente, ele é um quacre puritano, mas sem o grande chapéu e a roupa marrom, naturalmente.
- Ele tem amigos?
- Sim, pois ele considera amigos todos os que o conhecem.
- Mas, afinal, ele tem inimigos?
- Só um.
- Como se chama?
- Lorde Wilmore.
- E onde ele se encontra?
- Neste momento, em Paris.
- E ele poderia me dar informações?
- Preciosas... Ele estava na Índia, junto com Zaccone.
- Sabe onde ele mora?
- Em algum lugar na Chaussée d'Antin... Mas ignoro a rua e o número.
- E o senhor não se dá com esse inglês?

— Gosto de Zaccone, mas ele o detesta... Brigamos por causa disso.

— Senhor abade, acha que o conde de Monte-Cristo já tinha estado na França, antes dessa viagem que acaba de fazer a Paris?

— Ah, quanto a isso, posso responder com pertinência... Não, senhor, nunca tinha estado na França, pois ele dirigiu-se a mim, há seis meses, para obter as informações que desejava. Então, como eu não sabia quando voltaria a Paris, recomendei-lhe o senhor Cavalcanti.

— Andrea?

— Não... Bartolomeo, o pai.

— Muito bem, senhor... Só preciso lhe perguntar mais uma coisa, e intimo-o, em nome da honra, da humanidade e da religião, a me responder francamente.

— Diga, senhor.

— Sabe com que intenção o senhor conde de Monte-Cristo comprou uma casa em Auteuil?

— Naturalmente, pois ele me disse.

— Com que intenção, senhor?

— Com a intenção de transformá-la num hospício de alienados, semelhante ao hospício fundado pelo barão de Pisani, em Palermo. Conhece esse hospício?

— De nome, senhor.

— É uma instituição magnífica.

Então o abade cumprimentou o estranho como quem deseja dar a entender que não ficaria aborrecido em voltar ao trabalho interrompido.

O visitante, talvez por compreender o desejo do abade, talvez por não ter mais perguntas a fazer, também se levantou. O abade levou-o até a porta.

— O senhor dá esmolas muito ricas — disse o visitante — e, embora digam que o senhor é rico, gostaria de oferecer-lhe alguma coisa para os seus pobres... De sua parte, dignar-se-ia a aceitar a minha oferenda?

— Não, obrigado, senhor... Só faço questão de uma coisa no mundo: de que o bem que eu faço parta de mim.

— Todavia...

— É uma decisão invariável. Mas procure, senhor, e encontrará:¹⁸ infelizmente, no caminho de todo homem rico, há muitas misérias a se acumularem!

O abade despediu-se pela última vez, abrindo a porta; o estranho também se despediu e saiu.

A carruagem levou-o diretamente à casa do senhor de Villefort.

Uma hora depois, a carruagem saiu novamente, dessa vez dirigindo-se à rua Fontaine-Saint-Georges. Parou no nº 5. Era lá que morava lorde Wilmore.

O estranho escrevera a lorde Wilmore solicitando um encontro, que o lorde marcara para as dez horas. Assim, quando o enviado do senhor chefe de polícia chegou, dez minutos antes das dez horas, responderam-lhe que lorde Wilmore, que era a exatidão e a pontualidade em pessoa, ainda não chegara, mas sem dúvida chegaria às dez horas em ponto.

O visitante esperou no salão. Esse salão não tinha nada de notável: era igual a todos os salões de casarão mobiliado. Uma lareira com dois modernos vasos de Sèvres, um relógio com um Cupido estendendo o seu arco, um espelho duplo, de cada lado desse espelho uma gravura, uma representando Homero conduzindo o seu guia, a outra representando Belisário a pedir esmola, um papel de parede cinza sobre cinza, um móvel de tecido vermelho e estampas negras: assim era o salão de lorde Wilmore.

O salão era iluminado por globos de vidro fosco que só espalhavam uma luz frágil, que parecia ter sido preparada especialmente para os olhos fatigados do enviado pelo chefe de polícia.

Ao cabo de dez minutos de espera, o relógio soou dez horas; à quinta badalada, a porta se abriu e lorde Wilmore entrou.

Lorde Wilmore era um homem mais alto do que baixo, com suíças esparsas e ruivas, tez branca e cabelos loiros a embranquecerem. Estava vestido com toda a excentricidade inglesa, ou seja, usava uma casaca azul com botões dourados e gola alta pespontada — como se usava em 1811 —, um colete de casimira branca e uma calça nanquim três polegadas curta demais, mas que presilhas do mesmo tecido nanquim impediam de subir até os joelhos.

A sua primeira frase ao entrar foi: — Como sabe, cavalheiro, eu não falo francês.

— Ao menos sei que o senhor não gosta de falar a nossa língua — respondeu o enviado pelo chefe de polícia.

— Mas pode falar francês, cavalheiro — replicou lorde Wilmore. — Pois, se não falo a língua, compreendo-a.

— E eu — replicou o visitante, mudando de idioma — falo inglês o suficiente para manter a conversa nesta língua. Portanto, não se incomode, cavalheiro.

— Hau! — fez lorde Wilmore, naquela pronúncia que pertence apenas aos mais puros nativos da Grã-Bretanha.

O enviado do chefe de polícia passou ao lorde Wilmore a sua carta de apresentação. O lorde leu-a com uma fleuma bem britânica; então, ao terminar a leitura: — Compreendo... — disse ele, em inglês. — Compreendo perfeitamente.

Então começaram as perguntas.

Foram quase as mesmas que haviam sido feitas ao abade Busoni. Mas, como lorde Wilmore, na condição de inimigo do conde de Monte-Cristo, não era tão reservado quanto o abade, as respostas foram bem mais extensas; ele contou a juventude de Monte-Cristo, que, segundo ele, aos dez anos passara a servir um desses pequenos soberanos da Índia que fazem a guerra aos ingleses; então Wilmore o encontrara pela primeira vez, quando combateram um contra o outro. Nessa guerra, Zaccone tinha sido feito prisioneiro, tinha sido enviado à Inglaterra e confinado em velhos navios, de onde fugira a nado. Então começaram as suas viagens, os seus duelos e as suas paixões; então acontecera a insurreição da Grécia e ele servira nas fileiras dos gregos. Enquanto servia aos gregos, descobrira uma mina de prata nas montanhas da Tessália, mas tomara o cuidado de não contar a ninguém a sua descoberta. Depois da batalha de Navarin, quando o governo grego se consolidou, ele pediu ao rei Oto o privilégio de explorar aquela mina: o privilégio lhe foi concedido. Daí a sua imensa fortuna, que segundo lorde Wilmore poderia chegar a um ou dois milhões de renda, fortuna que todavia poderia esgotar-se de repente, se a própria mina se esgotasse.

— Mas sabe por que ele veio à França? — perguntou o visitante.

— Ele quer especular nas estradas de ferro — respondeu lorde Wilmore. — E depois, como é químico hábil e físico não menos distinto, descobriu um novo telégrafo e pretende difundi-lo.

— Quanto ele gasta por ano, aproximadamente? — perguntou o enviado do chefe de polícia.

— Oh, quinhentos ou seiscentos mil francos, no máximo — respondeu lorde Wilmore. — Ele é avarento.

Era evidente que o ódio movia as palavras do inglês e, não sabendo o que reprovar ao conde, reprovava-lhe a avareza.

— Sabe alguma coisa sobre sua casa de Auteuil?

— Sim, naturalmente.

— Bem, o que sabe?

— Pergunta com que intenção ele a comprou?

— Sim.

— Bem, o conde é um especulador que certamente vai se arruinar com as suas experiências e utopias: ele imagina que existe em Auteuil, na região da casa que comprou, uma mina de água mineral capaz de rivalizar com as águas de Bagnères-de-Luchon e Cauterets... Quer transformar a sua aquisição em uma *Badehaus*,¹⁹ como dizem os alemães. Ele já revirou todo o seu jardim duas ou três vezes, tentando encontrar o famoso curso d'água... E, como não conseguiu encontrá-lo, em pouco tempo o senhor vai vê-lo comprar as casas vizinhas. Ora, como lhe quero mal, espero que em sua estrada de ferro, em seu telégrafo elétrico ou em sua exploração de banhos ele se arruíne... Eu o sigo para saborear a sua ruína, que não pode deixar de acontecer um dia desses.

— E por que lhe quer mal? — perguntou o visitante.

— Quero-lhe mal — respondeu lorde Wilmore — porque, ao passar pela Inglaterra, ele seduziu a mulher de um amigo meu.

— Mas, se lhe quer mal, por que não procura vingar-se dele?

— Já dueli três vezes com o conde — respondeu o inglês. — Na primeira vez, com a pistola; na segunda, com a espada; na terceira, com o sabre.

— E o resultado desses duelos foi...

— Na primeira vez, ele me quebrou o braço... Na segunda vez, perfurou meu pulmão... Na terceira, ele me fez este ferimento.

O inglês baixou a gola da camisa que lhe subia até as orelhas e mostrou uma cicatriz: a roxidão indicava que era recente.

— De maneira que lhe quero muito mal — repetiu o inglês — e certamente ele morrerá em minhas mãos.

— Mas o senhor não me parece estar a caminho de matá-lo — disse o enviado da chefia.

— Hau! — fez o inglês. — Todo dia pratico tiro, a cada dois dias o instrutor Grisier vem à minha casa.

Era o que o visitante queria saber, ou melhor, era tudo o que o inglês parecia saber. Portanto, o agente levantou-se e, depois de despedir-se do lorde Wilmore, que lhe respondeu com a rigidez e a cortesia inglesas, retirou-se.

Por sua vez, lorde Wilmore, depois de ouvir fechar-se atrás dele a porta da rua, entrou em seu quarto, onde, num passe de mágica, perdeu os seus cabelos loiros, as suas suíças ruivas, o seu falso maxilar e a sua cicatriz, para readquirir os cabelos negros, a tez mate e os dentes de pérola do conde de Monte-Cristo.

É verdade que, por sua vez, foi o senhor de Villefort — e não o enviado pelo senhor chefe de polícia — quem entrou na casa do senhor de Villefort.

O procurador do rei fora um tanto tranquilizado por aquelas duas visitas, que aliás não tinham lhe informado nada de tranquilizador, mas também não tinham lhe mostrado nada de inquietante. Assim, pela primeira vez desde o jantar em Auteuil, naquela noite ele dormiu com certa tranquilidade.

LXXI. O BAILE

Os mais quentes dias de julho tinham chegado quando, por sua vez, na ordem temporal, chegou aquele sábado em que deveria acontecer o baile do senhor de Morcerf.

Eram dez horas da noite: as grandes árvores do jardim do palácio do conde destacavam-se vigorosamente sobre um céu onde

deslizavam — desnudando tons azuis semeados de estrelas douradas — os últimos vapores de uma tempestade que rugira ameaçadora durante o dia inteiro.

Nas salas do térreo, ouvia-se o som da música e o turbilhão da valsa e do galope, enquanto deslumbrantes feixes de luz passavam afiados através das frestas das persianas.

Nesse momento, o jardim estava entregue a uma dúzia de criados, a quem a dona da casa, tranquilizada ao ver o tempo serenar-se cada vez mais, acabara de dar a ordem de servirem a ceia.

Até então, não haviam decidido se a ceia seria na sala de jantar ou debaixo de uma comprida tenda de lona erguida no gramado. O belo céu azul, semeado de estrelas, acabara de decidir o processo a favor da tenda e do gramado.

As alamedas do jardim eram iluminadas por lanternas coloridas — como é hábito na Itália — e a mesa da ceia estava cheia de velas e de flores — como é costume em todos os países onde se compreende um pouco o luxo da mesa, o mais raro de todos os luxos, quando se deseja torná-lo completo.

No momento em que, depois de ter dado suas últimas ordens, a condessa de Morcerf entrava em seus salões, os salões começavam a encher-se de convidados atraídos muito mais pela encantadora hospitalidade da condessa do que pela privilegiada posição do conde: tinham certeza de que, graças ao bom gosto de Mercedes, aquela festa ofereceria alguns detalhes dignos de serem contados ou copiados à vontade.

A senhora Danglars, a quem os acontecimentos que contamos inspiravam profunda inquietação, hesitara em ir à casa da senhora de Morcerf, até que, de manhã, a sua carruagem cruzara com a de Villefort. Villefort lhe fizera um sinal, as duas carruagens se aproximaram e, através das portinholas: — Vai à casa da senhora de Morcerf, não é? — perguntara o procurador do rei.

— Não — respondera a senhora Danglars —, estou muito mal.

— Deveria ir — replicou Villefort com um olhar significativo. — Seria importante que fosse vista lá.

— Ah, acha mesmo? — perguntou a baronesa.

— Acho.

— Nesse caso, irei.

E as duas carruagens retomaram os seus caminhos opostos. Assim, a senhora Danglars viera munida não apenas de sua própria beleza, mas também de luxo deslumbrante, e entrara por uma porta no exato momento em que Mercedes entrava por outra.

A condessa mandou Albert ao encontro da senhora Danglars; Albert avançou, fez à aparência da baronesa os devidos elogios e tomou-lhe o braço para levá-la onde ela quisesse.

Albert olhou ao redor de si.

— Está procurando a minha filha? — perguntou sorrindo a baronesa.

— Confesso que sim — disse Albert. — Teria tido a crueldade de não a trazer?

— Fique tranquilo, ela encontrou a senhora de Villefort e tomou-lhe o braço... Olhe: ali estão elas, atrás de nós, ambas de vestido branco, uma com um ramo de camélias, outra com um ramo de miosótis... Mas então me diga...

— O que procura? — perguntou Albert sorrindo.

— Esta noite não receberá o conde de Monte-Cristo?

— Dezessete! — exclamou Albert.

— Que quer dizer?

— Quero dizer que tudo vai muito bem — replicou o visconde, rindo —, e que a senhora é a décima sétima pessoa a me fazer a mesma pergunta... O conde está fazendo sucesso!... Felicito-o por isso...

— E responde a todo mundo como respondeu a mim?

— Ah, é verdade, não lhe respondi... Fique tranquila, minha senhora, nós receberemos o homem da moda: somos privilegiados.

— Esteve ontem no Teatro da Ópera?

— Não.

— Ele esteve...

— Ah, verdade? E o *eccentric-man*²⁰ cometeu alguma nova extravagância?

— Seria possível ele passar sem as extravagâncias? Elssler estava dançando *O diabo manco*;²¹ a princesa grega do conde estava maravilhada. Depois da cachucha, ele colocou um anel magnífico no ramo de flores e lançou-o à encantadora dançarina, que no terceiro ato voltou com o anel no dedo, em homenagem ao conde. E a sua princesa grega, o senhor também vai recebê-la?

— Não, vão ter de passar sem ela... A sua posição na casa do conde não é lá muito clara.

— Olhe, deixe-me aqui e vá cumprimentar a senhora de Villefort — disse a baronesa. — Ela está morrendo de vontade de falar com você.

Albert cumprimentou a senhora Danglars e caminhou na direção da senhora de Villefort, que abria a boca à medida que ele se aproximava.

— Aposto — disse Albert, interrompendo-a — que sei o que vai me dizer...

— Ah, então me diga! — exclamou a senhora de Villefort.

— Se eu adivinhar, vai confessar que adivinhei?

— Vou.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra!

— Vai me perguntar se o conde de Monte-Cristo já chegou, ou se ele já vai chegar...

— De maneira alguma... Não é nele que penso neste momento. Ia lhe perguntar se recebeu notícias do senhor Franz.

— Sim, ontem.

— O que ele dizia?

— Que partia junto com a sua carta...

— Bem... Agora, e o conde?

— O conde virá, fique tranquila.

— Sabia que ele tem outro nome além de Monte-Cristo?

— Não, não sabia.

— Monte-Cristo é um nome de ilha, e ele tem um nome de família.

— Nunca ouvi falar.

— Bem, então estou mais adiantada que você... Ele se chama Zaccone.

— É possível.

— Ele é maltês.

— Também é possível.

— Ele é filho de um armador.

— Oh!... Mas, na verdade, deveria contar essas coisas em voz alta: faria o maior sucesso.

— Ele serviu na Índia, explora uma mina de prata na Tessália, veio a Paris para criar um negócio de águas minerais em Auteuil.

— Muito bem! Em tempo — exclamou Morcerf —, isto é que é notícia! Permite-me repeti-las?

— Permito, mas pouco a pouco, uma a uma, sem dizer que elas vêm de mim.

— Por quê?

— Porque é quase um segredo furtado.

— De quem?

— Da polícia.

— Então essas notícias surgiram...

— Ontem à noite, na casa do chefe de polícia. Paris ficou chocada, como sabe, com aquele luxo inusitado, e a polícia mandou averiguar.

— Muito bem... Só faltava mandar prenderem o conde como vagabundo, a pretexto de ele ser muito rico.

— Palavra, é exatamente o que poderia ter lhe acontecido, se as informações não fossem favoráveis.

— Pobre conde! E ele sabe o perigo que correu?

— Acho que não.

— Então é bom avisá-lo. Assim que ele chegar, não deixarei de avisá-lo.

Neste momento, um belo jovem de olhos vivos, cabelos negros e bigode brilhante veio cumprimentar respeitosamente a senhora de Villefort. Albert estendeu-lhe a mão.

— Minha senhora — disse Albert —, tenho a honra de apresentar-lhe o senhor Maximilien Morrel, capitão de cavalaria

colonial, um de nossos bons e, principalmente, um de nossos bravos oficiais.

— Já tive o prazer de encontrar esse senhor em Auteuil, na casa do senhor conde de Monte-Cristo — respondeu a senhora de Villefort, afastando-se com acentuada frieza.

Essa resposta e, principalmente, o tom a exprimi-la apertaram o coração do pobre Morrel, mas uma compensação era-lhe reservada: ao voltar-se, viu no canto da porta uma bela e alva figura cujos olhos azuis dilatados e sem expressão manifesta perdiam-se nele, enquanto o ramo de miosótis subia lentamente a seus lábios.

Esse cumprimento foi tão bem compreendido que Morrel, com a mesma expressão no olhar, também aproximou o lenço da boca; e as duas estátuas vivas, cujos corações batiam tão rapidamente sob o mármore aparente de suas faces, separadas uma da outra por toda a dimensão da sala, esqueceram-se por um instante — ou melhor, por um instante esqueceram o mundo naquela muda contemplação.

Poderiam permanecer assim perdidas uma na outra, sem que ninguém percebesse o seu esquecimento de todas as coisas: o conde de Monte-Cristo acabara de entrar.

Como já dissemos, o conde, por prestígio fictício ou natural, atraía a atenção de todos, em toda parte em que aparecia; não era a sua casaca negra, impecável em seu corte, é verdade, mas simples e sem adorno; não era o seu colete branco, sem bordado algum; não eram as suas calças, ajustando-se nos pés da forma mais delicada, que chamavam a atenção — era a sua tez mate, eram os seus cabelos negros ondulados, era o seu rosto calmo e puro, era o seu olhar profundo e melancólico, era enfim a sua boca desenhada com uma sutileza maravilhosa, a assumir tão facilmente a expressão de imenso desdém, que levavam todos os olhares a se fixarem nele.

Poderia haver ali homens mais belos, mas certamente não havia homens mais *significativos*, que nos perdoem a expressão: tudo no conde queria dizer alguma coisa e tinha o seu valor; pois o hábito do pensamento útil dera a seus traços, à expressão de seu rosto e ao

mais insignificante de seus gestos uma flexibilidade e uma firmeza incomparáveis.

Aliás, a nossa sociedade parisiense é tão estranha que talvez nada disso chamaria a atenção se em tudo isso não houvesse uma história misteriosa dourada por uma imensa fortuna.

De qualquer modo, ele avançou — sob o peso dos olhares e através da troca dos breves cumprimentos — até a senhora de Morcerf, que, de pé, diante da lareira adornada de flores, vira-o aproximar-se em um espelho colocado em frente à porta e preparara-se para recebê-lo.

Então ela voltou-se para o conde com um sorriso estudado, no mesmo momento em que ele se inclinava diante dela.

Certamente ela imaginou que o conde iria lhe falar; certamente, por sua vez, o conde imaginou que ela iria lhe dirigir a palavra; mas ambos permaneceram mudos, de tal modo uma banalidade lhes parecia indigna; e, depois de uma troca de cumprimentos, Monte-Cristo dirigiu-se a Albert, que se aproximava dele com a mão estendida.

— Viu a minha mãe? — perguntou Albert.

— Acabo de ter a honra de cumprimentá-la — disse o conde —, mas não vi o senhor seu pai.

— Olhe: ele está falando de política ali, naquele pequeno grupo de grandes celebridades.

— Na verdade — perguntou Monte-Cristo —, aqueles senhores que vejo ali adiante são celebridades? Eu não teria desconfiado... E de que tipo? Como sabe, há celebridades de todas as espécies.

— Primeiro, ali está um erudito, aquele cavalheiro alto e magro... Ele descobriu, no campo de Roma, uma espécie de lagarto que tem uma vértebra a mais que os outros e voltou para comunicar ao Instituto a sua descoberta. A coisa foi contestada por muito tempo... Mas afinal o cavalheiro alto e magro conseguiu convencê-los. A vértebra tinha feito muito barulho no mundo erudito; o cavalheiro alto e magro era apenas cavaleiro da Legião de Honra: foi nomeado oficial.

— E com razão! — exclamou Monte-Cristo. — Essa condecoração me parece sabiamente concedida... Então, se ele

descobrir uma segunda vértebra, será nomeado comendador?

— Provavelmente — respondeu Morcerf.

— E aquele outro, que teve a singular ideia de se cobrir com uma casaca azul bordada de verde, quem poderia ser?

— Não foi ele quem teve a ideia de se cobrir com aquela casaca... Foi a República, que, como sabe, era um tanto artista e, querendo dar um uniforme aos acadêmicos, pediu a David que desenhasse um fardão.

— Ah, é verdade — exclamou Monte-Cristo. — Então aquele cavalheiro é acadêmico?

— Há uma semana ele faz parte da douta assembleia.

— E qual é o seu mérito, a sua especialidade?

— A sua especialidade? Acho que ele enfia alfinetes na cabeça de coelhos, faz as galinhas comerem garança, extrai a medula espinhal dos cães com barbatanas de baleia.

— Por isso ele pertence à Academia de Ciências?

— Não... À Academia Francesa.

— Mas o que tem a Academia Francesa a ver com isso?

— Vou lhe explicar, parece que...

— Que certamente as suas experiências fizeram a ciência dar um grande passo à frente?

— Não, mas que ele escreve em excelente estilo.

— Isso deve lisonjear enormemente o amor-próprio dos coelhos em cuja cabeça ele enfia alfinetes — disse Monte-Cristo —, das galinhas cujos ossos ele tinge de vermelho, dos cães cuja medula espinhal ele extrai.

Albert começou a rir.

— E aquele outro? — perguntou o conde.

— Aquele outro?

— Sim, o terceiro.

— Ah, o de casaca azul-clara?

— É.

— Ele é um colega do conde, o colega que acaba de se opor terminantemente a que a Câmara dos Pares tenha um uniforme... Ele fez o maior sucesso na tribuna discursando a respeito... Ele estava mal com as gazetas liberais, mas a sua nobre oposição à

vontade da corte acaba de reconciliá-lo com elas... Falam em nomeá-lo embaixador.

— E quais são os seus predicados para o pariato?

— Ele fez duas ou três óperas cômicas, adquiriu quatro ou cinco ações do *Século* e votou cinco ou seis anos pelo ministério.

— Bravo, visconde! — exclamou Monte-Cristo, rindo. — Você é um cicerone encantador... Agora, vai me fazer um favor, não é verdade?

— Que favor?

— Não vai me apresentar a esses cavalheiros e, se eles pedirem para ser apresentados a mim, vai me avisar.

Nesse momento, o conde sentiu uma mão pousar em seu braço; voltou-se: era Danglars.

— Ah, é o senhor, barão?! — exclamou ele.

— Por que me chama de barão? — perguntou Danglars. — Bem sabe que não ligo para o meu título. Não sou como o senhor, visconde... O senhor dá enorme importância a seu título, não é?

— Certamente — respondeu Albert —, pois, se eu não fosse visconde, não seria mais nada, enquanto o senhor pode sacrificar o título de barão e ainda será milionário.

— O que me parece ser o mais belo título, sob a monarquia de Julho — disse Danglars.

— Infelizmente — disse Monte-Cristo —, não se é milionário vitalício como se é barão, acadêmico ou par de França... Como provam os milionários Frank e Poulmann, de Frankfurt, que acabam de abrir falência.

— Verdade? — exclamou Danglars, empalidecendo.

— Palavra... Recebi a notícia esta noite, pelo correio... Eu tinha cerca de um milhão no banco deles... Mas, avisado a tempo, exigi o reembolso há mais ou menos um mês.

— Ah, meu Deus! — exclamou Danglars. — Eles me levaram duzentos mil francos.

— Bem, então já está avisado... A assinatura deles vale cinco por cento.

— Sim, mas fui avisado tarde demais — disse Danglars. — Eu já tinha honrado a assinatura deles.

— Bom! — exclamou Monte-Cristo. — Eis mais duzentos mil francos que vão se juntar a...

— Ch! — exclamou Danglars. — Nem me fale dessas coisas... — Em seguida, aproximando-se de Monte-Cristo: — ... Sobretudo na presença do senhor Cavalcanti filho — acrescentou o banqueiro, que ao pronunciar essas palavras voltou-se sorrindo para o jovem Cavalcanti.

Morcerf deixara o conde para ir conversar com sua mãe. Danglars deixou-o para cumprimentar Cavalcanti filho. Monte-Cristo viu-se sozinho por um momento.

Entretanto, o calor começava a tornar-se excessivo. Os criados circulavam pelos salões com bandejas cheias de frutas e gelados.

Monte-Cristo enxugou no lenço o rosto molhado de suor; entretanto, recuou quando a bandeja passou diante dele e nada tomou para se refrescar.

A senhora de Morcerf não tirava os olhos de Monte-Cristo. Ela viu a bandeja passar sem que ele a tocasse; notou inclusive os gestos com que ele repelia a bandeja.

— Albert — perguntou ela —, reparou numa coisa?

— No quê, mamãe?

— O conde nunca aceitou jantar na casa do senhor de Morcerf...

— Sim, mas aceitou almoçar na minha casa, e foi nesse almoço que ele fez o seu ingresso na sociedade.

— Sua casa não é a casa do conde — murmurou Mercedes. — E, desde que ele chegou, eu o examino.

— E então?

— E então? Ele não comeu nem bebeu.

— O conde é muito sóbrio.

Mercedes sorriu tristemente.

— Aproxime-se dele — disse ela — e, à primeira bandeja que passar, insista...

— Por que isso, mamãe?

— Faça-me esse favor, Albert — disse Mercedes.

Albert beijou a mão da mãe e foi postar-se ao lado do conde.

Outra bandeja passou, carregada como as precedentes; ela viu Albert insistir com o conde; Albert até mesmo pegou um gelado e

passou-o ao conde, mas Monte-Cristo recusou-se obstinadamente.

Albert voltou para junto da mãe; a condessa estava muito pálida.

— Então, você viu... — disse ela. — Ele recusou.

— Sim... Mas em que isso pode preocupá-la?

— Como sabe, Albert, as mulheres são singulares. Eu veria com prazer o conde comer alguma coisa em minha casa, mesmo que fosse um simples grão de romã. Aliás, pode ser que ele não se adapte aos costumes franceses, pode ser que ele prefira outras coisas.

— Meu Deus, não! Na Itália eu o vi comer de tudo... Ele deve estar indisposto esta noite.

— Aliás — disse a condessa —, sempre vivendo em climas quentes, talvez ele seja menos sensível que os outros ao calor...

— Acho que não, pois ele se queixava de estar sufocando e perguntava por que, já que as janelas já estavam amplamente abertas, não abriam também as persianas.

— Então — disse Mercedes —, esse é o meio de eu verificar se o conde faz questão absoluta dessa abstinência.

E ela saiu do salão.

Instantes depois, as persianas se abriram: através dos jasmims e clematites a adornar as janelas, os convidados puderam ver o jardim todo iluminado pelas lanternas e a ceia servida sob a tenda.

Dançarinos e dançarinas, jogadores e conversadores deram um grito de alegria — todos os pulmões sufocados aspiraram deliciosamente o ar a entrar plenamente.

Ao mesmo tempo, Mercedes reapareceu mais pálida do que saíra, mas com aquela firmeza fisionômica que nela era notável em certas circunstâncias. Foi direto ao grupo em que o marido se destacava: — Não prenda aqui esses cavalheiros, senhor conde — disse ela. — Se eles não estiverem jogando, vão preferir respirar o ar do jardim a ficar sufocando aqui.

— Ah, senhora — exclamou um velho general muito galante, que cantara *Partindo para a Síria!* em 1809 —, não iremos para o jardim sozinhos.

— Está bem! — exclamou Mercedes. — Então vou dar o exemplo. — E, voltando-se para Monte-Cristo: — Senhor conde —

disse ela —, dê-me a honra de oferecer-me o seu braço.

A essas simples palavras, o conde quase cambaleou; então mirou Mercedes por um momento. Esse momento teve a rapidez do raio, mas à condessa pareceu durar um século, pois naquele único olhar Monte-Cristo exprimira mil pensamentos.

Ele ofereceu o braço à condessa; ela apoiou-se nele, ou, melhor dizendo, aflorou-o com a sua mãozinha, e ambos desceram uma das escadarias rodeadas de rododendros e de camélias.

Atrás deles, pela outra escadaria, com ruidosas exclamações de prazer, duas dezenas de convidados correram para o jardim.

LXXII. PÃO E SAL

Ao lado de seu companheiro, a senhora de Morcerf entrou sob a abóbada de folhagem: essa abóbada era uma alameda de tílias que levava a uma estufa.

— Estava quente demais naquele salão, não é verdade, senhor conde? — disse ela.

— Sim, senhora... E sua ideia de mandar abrir as portas e persianas foi ótima.

Ao concluir essas palavras, o conde percebeu que a mão de Mercedes tremia.

— Mas a senhora, com esse vestido leve, sem outra proteção no pescoço além dessa echarpe de gaze, não está com frio? — perguntou ele.

— Sabe para onde o levo? — perguntou a condessa, sem responder à pergunta de Monte-Cristo.

— Não, senhora — respondeu Monte-Cristo. — Mas, como vê, não oponho resistência.

— Levo-o para a estufa que vê ali adiante, no fim desta alameda.

O conde olhou Mercedes como a interrogar; mas ela continuou o seu caminho sem nada dizer; por sua vez, Monte-Cristo permaneceu mudo.

Chegaram à estufa cheia de frutos magníficos que, desde o início de julho, amadureciam naquela temperatura sempre calculada

para substituir o calor do sol frequentemente ausente entre nós.

A condessa deixou o braço de Monte-Cristo e foi colher na parreira um cacho de uvas moscatel.

— Pegue, senhor conde — disse ela, com sorriso tão triste que era possível ver lágrimas brotarem no canto de seus olhos —, pegue: sei que as nossas uvas francesas não são comparáveis às suas uvas da Sicília e de Chipre, mas o senhor será indulgente com o nosso pobre sol do Norte...

O conde inclinou-se e deu um passo para trás.

— Recusa a minha uva? — disse Mercedes em voz trêmula.

— Senhora — respondeu Monte-Cristo —, peço-lhe humildemente que me desculpe, mas nunca como uva moscatel.

Mercedes deixou cair o cacho, suspirando.

Um pêsego magnífico pendia numa espaldeira vizinha, aquecido, como a parreira, pelo calor artificial da estufa. Mercedes aproximou-se do fruto aveludado e colheu-o.

— Então aceite este pêsego — disse ela.

Mas o conde fez o mesmo gesto de recusa.

— Oh, de novo? — exclamou ela, em tom tão doloroso que parecia abafar um soluço. — Na verdade, estou sem sorte.

Longo silêncio seguiu-se a essa cena; o pêsego, como o cacho de uvas, rolou na areia.

— Senhor conde — disse enfim Mercedes, olhando Monte-Cristo com olhar suplicante —, segundo uma comovente tradição árabe, aqueles que partilham pão e sal sob o mesmo teto tornam-se eternos amigos.

— Eu conheço essa tradição, senhora — respondeu o conde. — Mas nós estamos na França, não na Arábia, e na França não há amizades eternas, nem partilha de sal e pão.

— Mas, afinal — disse a condessa, palpitante, com os olhos fixos nos olhos de Monte-Cristo, agarrando-lhe quase convulsivamente o braço com as duas mãos —, nós somos amigos, não somos?

O sangue afluiu ao coração do conde, que ficou pálido como a morte; então, subindo do coração à garganta, o sangue invadiu o

seu rosto e os seus olhos vagaram no vazio durante alguns segundos, como os olhos de um homem a desmaiar.

— Certamente somos amigos, senhora — respondeu ele. — Aliás, por que não seríamos?

Esse tom era tão diferente do desejado pela senhora de Morcerf que ela voltou-se para deixar escapar um suspiro que mais parecia um gemido.

— Obrigada — disse ela.

E ela seguiu adiante. Assim eles percorreram todo o jardim sem pronunciar uma única palavra.

— Cavalheiro — disse de repente a condessa, depois de dez minutos de passeio silencioso —, é verdade que viu muito, viajou muito, sofreu muito?

— Sofri muito, sim, senhora — respondeu Monte-Cristo.

— Mas agora é feliz?

— Certamente — respondeu o conde —, já que ninguém ouve as minhas queixas.

— E a sua felicidade presente torna a sua alma mais doce?

— A minha felicidade presente iguala-se ao meu sofrimento passado — disse o conde.

— Não é casado? — perguntou a condessa.

— Eu, casado? — respondeu Monte-Cristo, estremeando. — Quem lhe disse isso?

— Ninguém me disse... Mas o senhor foi visto várias vezes levando à Ópera uma bela jovem.

— Uma escrava que comprei em Constantinopla, senhora... A filha de um príncipe que tornei minha filha, pois não tenho outra afeição no mundo.

— Então vive só?

— Vivo só.

— Não tem irmã... filho... pai?...

— Não tenho ninguém.

— Como pode viver assim, sem nada que o prenda à vida?

— Não é culpa minha, senhora... Em Malta, amei uma jovem, ia me casar com ela, quando veio a guerra e me levou para longe dela, como um turbilhão. Eu imaginava que ela me amava o bastante

para me esperar, para permanecer fiel até mesmo a meu túmulo. Mas, quando voltei, ela já tinha se casado. Essa é a história de todo homem que já teve vinte anos. Talvez eu tivesse um coração mais fraco que os outros, talvez eu tenha sofrido mais do que eles sofreriam em meu lugar, nada mais.

A condessa parou por um momento, como se precisasse daquela pausa para respirar.

— Sim — disse ela —, e esse amor permaneceu em seu coração... Só se ama uma vez... E nunca voltou a ver essa mulher?

— Nunca.

— Nunca?!

— Nunca voltei à terra onde ela vivia.

— A Malta?

— Sim, a Malta.

— Então ela está em Malta?

— Acho que sim.

— E perdoou-a pelo que ela o fez sofrer?

— A ela, perdoei.

— Mas só a ela?... Ainda odeia os que o separaram dela?

— Eu, de maneira alguma... Por que os odiaria?

A condessa parou diante de Monte-Cristo; ainda tinha em sua mão um pedaço do cacho perfumado.

— Tome — disse ela.

— Nunca como moscatel, senhora — respondeu Monte-Cristo, como se nunca tivessem tocado nesse assunto.

A condessa lançou o cacho ao arbusto mais próximo, com um gesto de desespero.

— Inflexível! — murmurou ela.

Monte-Cristo permaneceu impassível, como se a censura não fosse dirigida a ele.

Nesse instante, Albert apareceu.

— Oh, mamãe!... — exclamou ele. — Que desgraça!

— O quê? O que aconteceu? — perguntou a condessa, arrumando-se, como se depois do sonho voltasse à realidade. — Uma desgraça, você disse? De fato, devem acontecer desgraças!

— O senhor de Villefort está aqui.

— E então?

— Ele veio buscar a mulher e a filha.

— Por quê?

— Porque a senhora marquesa de Saint-Méran chegou a Paris com a notícia de que o senhor de Saint-Méran morreu, ao deixar Marselha, na primeira muda de cavalos. A senhora de Villefort estava tão alegre que não conseguiu compreender nem acreditar nessa desgraça... Mas a senhorita Valentine, às primeiras palavras, apesar das precauções tomadas pelo pai, adivinhou tudo: o golpe fulminou-a como um raio, e ela caiu desmaiada.

— E o que o senhor de Saint-Méran é da senhorita de Villefort?
— perguntou o conde.

— Avô materno. Ele vinha para apressar o casamento de Franz com sua neta.

— Ah, é verdade!

— Agora Franz vai ter de esperar. Por que o senhor de Saint-Méran não é avô também da senhorita Danglars?

— Albert! Albert! — exclamou a senhora de Morcerf, em tom de suave reprovação. — O que está dizendo? Ah, senhor conde... O senhor, por quem ele tem tanta consideração, diga-lhe que ele não deve falar assim!

Ela deu alguns passos adiante.

Monte-Cristo olhou-a de maneira tão estranha, com uma expressão ao mesmo tempo tão sonhadora e tão cheia de afetuosa admiração, que ela voltou.

Então ela lhe tomou a mão, ao mesmo tempo que apertava a mão do filho, e, juntando as duas mãos: — Somos amigos, não é mesmo? — disse ela.

— Oh, ser seu amigo, minha senhora... não tenho essa pretensão — disse o conde —, mas em todo caso sou seu mui respeitoso servidor.

A condessa partiu com inexprimível aperto no coração e, antes que ela desse dez passos, o conde viu-a levar o lenço aos olhos.

— Vocês brigaram, minha mãe e o senhor? — perguntou Albert, surpreso.

— Pelo contrário — respondeu o conde —, ela acaba de me dizer na sua frente que somos amigos.

E eles voltaram ao salão, de onde Valentine e o casal de Villefort acabavam de sair.

Desnecessário dizer que Morrel saiu atrás deles.

LXXIII. A SENHORA DE SAINT-MÉRAN

Realmente, uma cena lúgubre acabara de se passar na casa do senhor de Villefort.

Após a saída das duas mulheres para o baile — sem que todas as instâncias da senhora de Villefort pudessem convencer seu marido a acompanhá-las —, o procurador do rei trancara-se em seu gabinete, como de hábito, com uma pilha de documentos que assustariam qualquer um, mas que em seu cotidiano mal bastavam para satisfazer seu robusto apetite de trabalhador.

Dessa vez, todavia, os documentos eram algo formal — Villefort não se trancara para trabalhar, mas para refletir; e, trancada a porta, dada a ordem de só o importunarem em caso de urgência, ele sentou-se em sua poltrona e começou a repassar mais uma vez na memória tudo o que, nos últimos sete ou oito dias, fazia transbordar a taça de suas sombrias desgraças e de suas amargas lembranças.

Então, em vez de atacar os documentos empilhados à sua frente, ele abriu uma gaveta da escrivaninha, manipulou um mecanismo secreto e tirou o maço de suas anotações pessoais — manuscritos preciosos, entre os quais classificara e etiquetara, com números que só ele conhecia, os nomes de todos aqueles que, em sua carreira política, em seus negócios econômicos, em suas acusações nos tribunais ou em seus amores misteriosos tinham se tornado seus inimigos.

O número de inimigos era formidável, agora que ele começava a tremer; entretanto, todos aqueles nomes, por mais poderosos e formidáveis que fossem, muitas vezes tinham-no levado a sorrir como sorri o viajante que, do cimo culminante da montanha, contempla a seus pés os picos agudos, os caminhos impraticáveis e

as beiras dos precipícios que para alcançar teve de escalar por tanto tempo e tão penosamente.

Quando já repassara todos aqueles nomes na memória, quando já os lera, relera, estudara e comentara em suas listas, sacudiu a cabeça.

— Não — murmurou ele —, nenhum desses inimigos esperaria paciente e laboriosamente até o dia de hoje para só agora vir me esmagar com esse segredo. Como diz Hamlet, às vezes o ruído das coisas mais profundamente enterradas sai da terra e, como as chamas do fósforo, corre loucamente pelo ar; mas são chamas que só iluminam por um momento e se perdem.²² O corso deve ter contado a história a algum padre, que por sua vez também deve tê-la contado. O senhor de Monte-Cristo deve tê-la ouvido e, para se esclarecer...

“Mas se esclarecer para quê?”, prosseguiu Villefort, depois de um instante de reflexão. “Que interesse teria o senhor de Monte-Cristo, ou o senhor Zaccone, filho de um armador de Malta, explorador de uma mina de prata na Tessália, vindo pela primeira vez à França, em esclarecer um episódio sombrio, misterioso e inútil como esse? Entre as informações incoerentes que me foram dadas pelo abade Busoni e pelo lorde Wilmore, pelo amigo e pelo inimigo, só uma coisa é clara, precisa e patente a meus olhos: em tempo algum, em caso algum, em circunstância alguma houve o menor contato entre mim e ele.”

Mas Villefort dizia a si mesmo essas palavras sem que ele mesmo acreditasse no que dizia. Para ele o mais terrível não era nem mesmo a revelação, pois poderia negá-la e até mesmo desmenti-la; pouco se importava com aquele *Mane, Tecel, Parsin*,²³ que aparecia de repente em letras de sangue na parede; o que lhe importava era saber a que corpo pertencia a mão que as traçara.

No momento em que tentava acalmar a si mesmo — quando, temendo despertar aquele inimigo adormecido havia tanto tempo, contentava-se com um futuro restrito às alegrias do lar, em vez daquele grande futuro político que em seus sonhos ambiciosos entrevira algumas vezes —, um ruído de carruagem ecoou no pátio;

a seguir ele ouviu na escada os passos de uma pessoa idosa, depois soluços e lamentos como os de criados quando querem mostrar interesse pelo sofrimento de seus amos.

Ele correu para abrir o ferrolho de seu gabinete e logo, sem ser anunciada, entrou uma velha senhora, com o xale no braço e o chapéu na mão. Os seus cabelos grisalhos mostravam uma testa mate como marfim amarelado; seus olhos, em cujos cantos a idade cavara rugas profundas, quase desapareciam sob o inchaço das lágrimas.

— Oh, senhor! — exclamou ela. — Ah, senhor, que desgraça, que vai matar também a mim... Oh, sim, certamente vai matar também a mim!

E, caindo na poltrona mais próxima da porta, ela explodiu em soluços.

Os criados, de pé à entrada, não ousando avançar, olhavam o velho criado de Noirtier, que, tendo ouvido aquele barulho no quarto do amo, também acorrera e mantinha-se atrás dos outros.

Villefort levantou-se e correu à sogra: era ela mesma.

— Eh, meu Deus, senhora — perguntou ele —, mas o que foi que aconteceu? O que a perturba tanto? E o senhor de Saint-Méran não a acompanha?

— O senhor de Saint-Méran morreu — disse a velha marquesa sem preâmbulo, sem expressão, com uma espécie de estupor.

Villefort recuou um passo e bateu as mãos uma contra a outra.

— Morreu?!... — balbuciou ele. — Morreu assim... de repente?

— Há uma semana — continuou a senhora de Saint-Méran —, partimos juntos na carruagem, depois do jantar. O senhor de Saint-Méran estava doente havia alguns dias... Entretanto, a ideia de rever a nossa querida Valentine dava-lhe coragem e, apesar de suas dores, ele queria vir, quando, a seis léguas de Marselha, depois de ter tomado as suas pastilhas habituais, foi dominado por um sono tão profundo que não me parecia natural; mesmo assim, eu hesitava em acordá-lo, quando me pareceu que o seu rosto se avermelhava e as veias das têmporas pulsavam mais rápido que de costume. Todavia, como já era noite e eu já não via mais nada, deixei-o dormir; de repente ele deu um grito abafado e dilacerante,

como o grito de um homem com pesadelos, e num movimento brusco jogou a cabeça para trás. Chamei o camareiro, mandei parar a carruagem, chamei o senhor de Saint-Méran e o fiz respirar o meu frasco de sais, mas tudo havia terminado, ele estava morto, e foi ao lado de seu cadáver que cheguei a Aix.

Villefort permanecia estupefato e boquiaberto.

— E certamente a senhora chamou um médico?

— Imediatamente... Mas, como lhe disse, era tarde demais.

— Certamente... Mas ao menos ele conseguiu descobrir de que doença tinha morrido o pobre marquês?

— Meu Deus! Sim, senhor, ele me disse, parece que foi de uma apoplexia fulminante.

— E então o que fez a senhora?

— O senhor de Saint-Méran sempre dizia que, se morresse longe de Paris, queria que seu corpo fosse levado para o jazigo da família. Mandei colocá-lo em um caixão de chumbo e precedo-o em alguns dias.

— Oh, meu Deus, pobre viúva! — exclamou Villefort. — Tantos cuidados depois de tamanho golpe, e na sua idade!

— Deus me deu forças até o fim... Aliás, esse querido marquês certamente faria por mim o mesmo que fiz por ele. É verdade que, desde que o deixei, acho que estou louca. Já não consigo mais chorar... É verdade, dizem que na minha idade já não temos mais lágrimas... Todavia, parece-me que enquanto sofremos deveríamos poder chorar. Senhor, onde está Valentine? Foi por ela que viemos: quero ver Valentine.

Villefort pensou que seria terrível responder que Valentine estava no baile; disse apenas à marquesa que sua neta saíra com a madrastra, mas que já iriam avisá-la.

— Imediatamente, senhor... Imediatamente, suplico-lhe — disse a velha senhora.

Villefort colocou o braço sobre o braço da senhora de Saint-Méran e acompanhou-a a seus aposentos.

— Descanse, minha mãe — disse ele.

A essas palavras, a marquesa ergueu a cabeça e, vendo aquele homem a lembrar-lhe a filha tão saudosa — que para ela revivia em

Valentine —, sentiu-se comovida ao ser chamada de *mãe* e começou a chorar, caindo de joelhos em uma poltrona onde escondeu a sua venerável cabeça.

Villefort recomendou-a aos cuidados das mulheres, enquanto o velho Barrois subia sem fôlego ao quarto do amo; pois nada assusta tanto os velhos quanto a morte afastar-se por um instante para ir golpear outro velho.

A seguir, enquanto a senhora de Saint-Méran, ainda ajoelhada, rezava fervorosamente, Villefort mandou chamar uma carruagem de aluguel e foi pessoalmente à casa da senhora de Morcerf buscar a mulher e a filha e trazê-las para casa.

Ao chegar à porta do salão, estava tão pálido que Valentine correu a ele, gritando: — Oh, papai! Aconteceu alguma desgraça?

— A sua boa avó acaba de chegar, Valentine — disse o senhor de Villefort.

— E o meu avô? — perguntou a jovem, muito trêmula.

A única resposta do senhor de Villefort foi oferecer o braço à filha.

Em tempo: tomada de vertigem, Valentine cambaleou; a senhora de Villefort apressou-se a ampará-la e ajudou o marido a levá-la para a carruagem, dizendo: — Mas que estranho! Quem poderia imaginar uma coisa dessas? Oh, sim, mas que estranho!

E toda aquela família desolada saiu assim, espalhando a sua tristeza, como uma fita negra, por toda a festa.

Ao pé da escada, Valentine encontrou Barrois a esperá-la: — O senhor de Noirtier deseja vê-la esta noite — disse ele em voz baixa.

— Diga-lhe que irei assim que sair do quarto de minha boa avó — disse Valentine.

Com a delicadeza de sua alma, a jovem compreendera que quem mais precisava dela naquela hora era a senhora de Saint-Méran.

Valentine encontrou a avó na cama; mudas carícias, expansões tão dolorosas do coração, suspiros entrecortados, lágrimas ardentes, foram os únicos detalhes narráveis desse encontro, assistido, no braço do marido, pela senhora de Villefort, cheia de respeito, ao menos aparentemente, pela pobre viúva.

Instantes depois, ela inclinou-se ao ouvido do marido: — Com sua permissão — disse ela —, é melhor eu me retirar, pois a minha presença parece afligir ainda mais a sua sogra.

A senhora de Saint-Méran ouviu-a.

— Sim, sim — disse ela ao ouvido de Valentine —, é melhor ela se retirar... Mas fique, querida, fique.

A senhora de Villefort saiu e Valentine ficou sozinha ao lado da cama da avó, pois o procurador do rei, consternado com aquela morte imprevista, seguira a sua esposa.

Entretanto, Barrois subira pela primeira vez para o quarto do velho Noirtier; este ouvira o barulho que se fazia na casa e, como dissemos, enviara o velho criado a se informar.

Quando voltou, aquele olhar tão vivo, sobretudo tão inteligente, interrogou o mensageiro: — Ai, senhor — exclamou Barrois —, aconteceu uma grande desgraça: a senhora de Saint-Méran chegou, o marido dela morreu.

O senhor de Saint-Méran e Noirtier nunca tinham sido ligados por laços de profunda amizade; todavia, sabe-se o efeito que sempre provoca em um velho o anúncio da morte de outro velho.

Noirtier deixou a cabeça cair no peito, como um homem arrasado, ou como um homem que pensa; então fechou apenas um olho.

— A senhorita Valentine? — perguntou Barrois. — Ela está no baile, como o senhor sabe muito bem, pois ela veio aqui se despedir em traje de gala.

Noirtier fechou novamente o olho esquerdo.

— Sim, quer vê-la?

O ancião fez sinal de que era isso o que desejava.

— Bem, vão mandar buscá-la na casa da senhora de Morcerf, certamente... Vou esperar que ela chegue e lhe direi que suba a seu quarto. É isso?

— Sim — respondeu o paralítico.

Barrois esperou a volta de Valentine e, como vimos, quando ela chegou contou-lhe o desejo do avô.

Em virtude desse desejo, Valentine subiu ao quarto de Noirtier, ao sair do quarto da senhora de Saint-Méran — que, por mais

agitada que estivesse, acabara sucumbindo ao cansaço e dormia em sono febril.

Tinham colocado ao alcance de sua mão uma mesinha onde havia uma garrafa de laranjada — a sua bebida habitual — e um copo.

Então, como dissemos, a jovem deixara a cama da marquesa para subir ao quarto de Noirtier.

Valentine beijou o velho, que a olhou tão ternamente que a jovem sentiu mais uma vez brotarem em seus olhos lágrimas cuja fonte julgara extinta.

O velho insistia com seu olhar.

— Sim, sim — disse Valentine —, queres dizer que ainda tenho um bom avô, não é?

O velho fez sinal de que realmente era isso o que o seu olhar queria dizer.

— Ai, felizmente — continuou Valentine. — Sem isso, meu Deus, o que seria de mim?

Era uma hora da manhã. Também com vontade de ir dormir, Barrois observou que, depois de uma noite tão dolorosa, todos precisavam descansar. O velho não quis dizer que seu descanso era ver a sua neta. Despediu-se de Valentine, a quem realmente a dor e o cansaço davam um ar abatido.

No dia seguinte, ao entrar no quarto da avó, encontrou-a na cama: a febre não cedera; pelo contrário, um fogo sombrio brilhava nos olhos da velha marquesa; ela parecia dominada por violenta irritação nervosa.

— Oh, meu Deus, querida vovó, a senhora está pior? — exclamou Valentine ao ver todos aqueles sintomas de agitação.

— Não, minha filha, não — respondeu a senhora de Saint-Méran. — Mas esperava com impaciência que você chegasse para mandar chamar o seu pai.

— O meu pai? — perguntou Valentine, inquieta.

— Sim, quero falar com ele.

Valentine não ousou contrariar o desejo da avó, cujo motivo aliás ignorava, e instantes depois Villefort entrou.

— Senhor — disse a senhora de Saint-Méran indo direto ao assunto, parecendo temer que o tempo lhe faltasse —, como me escreveu, trata-se do casamento desta criança?

— Sim, senhora — respondeu Villefort. — Até mesmo é mais que um plano: é um compromisso.

— O seu genro se chama senhor Franz d'Épinay?

— Sim, senhora.

— Ele é filho do general d'Épinay, que era dos nossos e foi assassinado dias antes de o usurpador regressar da ilha de Elba?

— Ele mesmo.

— Essa aliança com a neta de um jacobino não o repugna?

— Felizmente, as nossas dissensões civis já se acabaram, minha mãe — respondeu Villefort. — O senhor d'Épinay era quase uma criança quando o pai dele morreu; ele conhece muito pouco o senhor Noirtier e o verá, se não com prazer, ao menos com indiferença.

— É um bom partido?

— Em todos os sentidos.

— E o jovem?

— Goza da consideração geral.

— Ele é decente?

— É um dos homens mais distintos que conheço.

Durante toda a conversa, Valentine permanecera muda.

— Muito bem, senhor — disse, após alguns segundos de reflexão, a senhora de Saint-Méran —, devem se apressar, pois tenho pouco tempo de vida.

— A senhora? A senhora, vovó? — exclamaram juntos o senhor de Villefort e Valentine.

— Sei o que estou dizendo — continuou a marquesa. — Devem se apressar, para que, já não tendo mais mãe, ela tenha ao menos a sua avó para abençoar o seu casamento. Sou a única que lhe resta do lado de minha pobre Renée, que o senhor esqueceu tão depressa...

— Ah, senhora — exclamou Villefort —, esquece-se de que era necessário dar uma mãe a esta pobre criança órfã...

— Uma madrasta nunca é uma mãe, senhor... Mas não é disso que se trata: trata-se de Valentine... Deixemos os mortos em paz.

Tudo isso era dito com tal volubilidade, em tal tom, que havia algo nessa conversa que parecia um começo de delírio.

— Será feito segundo a sua vontade, senhora — disse Villefort —, e com muito prazer, já que a sua vontade está de acordo com a minha... E, assim que o senhor d'Épinay chegar a Paris...

— Vovó — disse Valentine —, as conveniências, o luto tão recente... Gostaria de fazer um casamento sob tão tristes auspícios?

— Minha filha — interrompeu vivamente a avó —, nada dessas razões vulgares que impedem os espíritos fracos de construir solidamente o seu futuro... Eu também me casei no leito de morte de minha mãe, e certamente não fui infeliz por causa disso.

— Ainda essa ideia de morte, minha senhora? — exclamou Villefort.

— Ainda?! Sempre!... Digo-lhe que vou morrer, entendeu? Então, antes de morrer, quero ver o meu genro... Quero ordenar-lhe que faça a minha neta feliz... Quero ler em seus olhos se ele pretende me obedecer... Quero conhecê-lo, enfim! — continuou a avó com uma expressão aterradora. — Para vir buscá-lo, voltando do fundo de minha sepultura, se ele não for o que deve ser, se ele não for o que precisa ser.

— Senhora — disse Villefort —, é preciso se livrar dessas ideias exaltadas que quase beiram a loucura. Os mortos, uma vez deitados em seu túmulo, ali dormem, sem jamais se reerguerem.

— Oh, sim, sim, vovó, acalme-se! — exclamou Valentine.

— E eu, senhor, eu lhe digo que não é bem assim como imagina. Esta noite tive um sono terrível... De certa forma, eu me via dormir, como se a minha alma já pairasse acima de meu corpo: os meus olhos, que eu tentava abrir, fechavam-se involuntariamente... Todavia, sei muito bem que isso lhes parecerá impossível, principalmente ao senhor... Muito bem: com os meus olhos fechados, eu vi, bem no lugar em que o senhor está, vindo desse canto da porta do vestiário da senhora de Villefort, eu vi entrar, sem fazer barulho, uma forma branca.

Valentine deu um grito.

— Era a febre que a agitava, senhora... — disse Villefort.

— Duvide se quiser, mas eu tenho certeza do que digo: vi uma forma branca... E, como se Deus temesse que eu recusasse o testemunho de apenas um dos meus sentidos, ouvi o meu copo se mexer, olhe: olhe, este mesmo copo que está aqui, ali, em cima da mesa.

— Oh, vovó, era um sonho.

— Tanto não era um sonho que eu estendi a mão para a sineta e, ao fazer esse gesto, a sombra desapareceu. Então a camareira entrou com uma vela.

— Mas a senhora não viu ninguém?

— Os fantasmas só se mostram aos que devem vê-los: era a alma de meu marido. Muito bem: se a alma de meu marido volta para me chamar, por que a minha própria alma não voltaria para defender a minha neta? O elo é ainda mais direto, parece-me.

— Oh, senhora — exclamou Villefort, sem querer comovido até o fundo de suas entranhas —, não dê asas a essas ideias lúgubres... A senhora vai viver conosco; vai viver muito tempo feliz, amada, respeitada, e a faremos esquecer...

— Nunca, nunca, nunca! — exclamou a marquesa. — Quando chega o senhor d'Épinay?

— Nós o esperamos a qualquer momento.

— Bem... Assim que ele chegar, avisem-me. Apressemos-nos, apressemos-nos. Aliás, quero ver também um tabelião, para ter certeza de que Valentine herdará todos os nossos bens.

— Oh, vovó — murmurou Valentine, pousando os lábios na testa ardente da avó —, quer que eu morra também? Meu Deus! A senhora está com febre. Não é um tabelião que devemos chamar, é um médico!

— Um médico? — disse ela, dando de ombros. — Não tenho nada; tenho sede, nada mais.

— O que vai beber, vovó?

— O de sempre, você sabe: a minha laranjada. O meu copo está ali na mesa: passe-me, Valentine.

Valentine derramou a laranjada da garrafa no copo e pegou-o para dá-lo à avó com certo pavor: era o mesmo copo que, segundo a anciã, havia sido tocado pela sombra.

A marquesa esvaziou o copo num só gole.

Então ela agitou-se no travesseiro, repetindo: — O tabelião, o tabelião!

O senhor de Villefort saiu; Valentine sentou-se ao lado da cama da avó. A pobre criança também parecia precisar muito desse médico que recomendara à avó. Um rubor semelhante ao de uma chama queimava as maçãs de seu rosto, a sua respiração era breve e ofegante, seu pulso batia como se ela tivesse febre.

É que a pobre criança estava pensando no desespero de Maximilien quando soubesse que a senhora de Saint-Méran, em vez de ser sua aliada, sem saber agia como se fosse sua inimiga.

Mais de uma vez Valentine pensara em contar tudo à avó — e não hesitaria um instante se Maximilien Morrel se chamasse Albert de Morcerf ou Raoul de Château-Renaud... Mas Morrel tinha origem plebeia e Valentine sabia o desprezo que a orgulhosa marquesa de Saint-Méran tinha por todos os que não eram de sua raça. Assim, o seu segredo, no momento em que ia se revelar, era sempre contido em seu coração pela triste certeza de que, uma vez conhecido esse segredo por seu pai e por sua madrasta, tudo estaria perdido.

Cerca de duas horas se passaram assim. A senhora de Saint-Méran dormia um sono febril e agitado. Então anunciaram o tabelião.

Embora o anúncio fosse feito em voz baixa, a senhora de Saint-Méran soergueu-se no travesseiro.

— O tabelião? — exclamou ela. — Que ele entre, que ele entre!

O tabelião estava à porta: ele entrou.

— Vá, Valentine — disse a senhora de Saint-Méran —, e deixe-me a sós com esse senhor.

— Mas, vovó...

— Vá, vá.

A jovem beijou a testa da avó e saiu com o lenço nos olhos.

À porta, encontrou o camareiro, que lhe contou que o médico estava esperando no salão.

Valentine desceu rapidamente. O médico era amigo da família e, ao mesmo tempo, um dos homens mais hábeis da época: gostava muito de Valentine, que vira nascer. Tinha uma filha quase da mesma idade da senhorita de Villefort, mas nascida de mãe tuberculosa; a sua vida era um constante temor pela sua filha.

— Oh, meu caro senhor d'Avrigny — exclamou Valentine —, nós o esperávamos com muita impaciência. Mas, primeiro, como vão Madeleine e Antoinette?

Madeleine era a filha do senhor d'Avrigny; Antoinette era a sua sobrinha.²⁴

— Antoinette está muito bem — respondeu ele. — Madeleine vai bem. Mas você mandou me chamar, minha filha? — continuou ele. — Quem está doente não é o seu pai, nem a senhora de Villefort... Quanto a nós, embora seja visível que não conseguimos nos livrar de nossos nervos, não presumo que você precise de mim, a não ser para lhe recomendar que não deixemos a nossa imaginação delirar...

Valentine enrubesceu; o senhor d'Avrigny levava a ciência da adivinhação quase até o milagre, pois era um desses médicos que sempre tratam o físico por meio do moral.

— Não — disse ela —, é para a minha pobre avó. O senhor já sabe que a desgraça nos atingiu, não é?

— Não sei de nada — disse o senhor d'Avrigny.

— Ai — exclamou Valentine, contendo as lágrimas —, o meu avô morreu.

— O senhor de Saint-Méran?

— Sim.

— De repente?

— De um ataque de apoplexia fulminante.

— De apoplexia? — repetiu o médico.

— Sim... Assim, a minha pobre avó está imaginando que seu marido, de quem ela nunca se separou, a está chamando, e que ela vai juntar-se a ele. Oh, senhor d'Avrigny, eu lhe recomendo muito a minha pobre avó.

— Onde está ela?

— Em seu quarto, com o tabelião.

— E o senhor Noirtier?

— Sempre na mesma: perfeita lucidez de espírito, mas a mesma imobilidade, o mesmo mutismo.

— E o mesmo amor por você, não é verdade, minha querida filha?

— Sim — disse Valentine suspirando —, ele me ama muito.

— E quem não a amaria?

Valentine sorriu tristemente.

— E que tem a sua avó?

— Uma excitação nervosa singular, um sono agitado e estranho... Esta manhã ela disse que, enquanto estava dormindo, a sua alma pairava acima de seu corpo, que ela se via dormindo... Isso é delírio... Ela acha que viu um fantasma entrar em seu quarto, que ouviu o barulho do tal fantasma mexendo em seu copo...

— Isso é estranho — disse o doutor —, eu não sabia que a senhora de Saint-Méran era sujeita a essas alucinações...

— É a primeira vez que a vejo assim — disse Valentine —, e esta manhã ela me deu muito medo, eu imaginei que ela estava louca... E o meu pai, meu caro senhor d'Avrigny, certamente o senhor conhece o meu pai como um espírito sério, bem, até o meu pai pareceu estar muito impressionado.

— Vamos ver — disse o senhor d'Avrigny. — O que está me dizendo me parece muito estranho.

O tabelião descia; avisaram Valentine que sua avó estava sozinha.

— Suba — disse ela ao doutor.

— E você?

— Oh, eu não me atrevo: ela tinha me proibido de mandar chamá-lo... Aliás, como o senhor disse, eu também estou agitada, febril, indisposta... Vou dar uma volta no jardim para me acalmar.

O doutor apertou a mão de Valentine e, enquanto subia ao quarto da avó, a jovem descia a escadaria do jardim.

Não precisamos dizer em que lugar do jardim Valentine preferia passear. Depois de dar duas ou três voltas pelos canteiros que cercavam a casa, depois de colher uma rosa para colocar no cinto

ou nos cabelos, ela costumava desaparecer nas sombras da alameda que levava ao banco, depois ia do banco ao portão.

Dessa vez, como de hábito, Valentine deu duas ou três voltas em meio às suas flores, mas sem colhê-las: o luto de seu coração, que ainda não tivera tempo de se espalhar por toda a sua pessoa, repelia esse simples adorno; então ela dirigiu-se à sua alameda. Enquanto avançava, parecia ouvir uma voz dizer o seu nome: parou, surpresa.

Então essa voz chegou mais distinta a seus ouvidos: ela reconheceu a voz de Maximilien.

LXXIV. A PROMESSA De fato, era Morrel, que desde a véspera já não vivia. Com o especial instinto dos apaixonados e das mães, ele tinha adivinhado que, com o regresso da senhora de Saint-Méran e com a morte do marquês, aconteceria alguma coisa na casa de Villefort que afetaria os seus amores por Valentine.

Como veremos, os seus pressentimentos eram legítimos e já não era mais uma simples inquietação que o levava, com temor e tremor, à cerca das castanheiras.

Mas Valentine não fora avisada de que Morrel a esperava, não era a hora em que ele costumava aparecer, e era por mero acaso — ou, se preferirmos, por feliz coincidência — que ela passeava no jardim.

Quando ela apareceu, Morrel chamou-a: ela correu à cerca.

— Você a esta hora? — disse ela.

— Sim, minha pobre amiga — respondeu Morrel. — Venho trazer e levar más notícias.

— Então esta é a casa da desgraça! — exclamou Valentine. — Fale, Maximilien... Mas na verdade a soma de sofrimentos já é mais do que suficiente.

— Querida Valentine — disse Morrel, buscando controlar a própria emoção para melhor se expressar —, escute-me

atentamente, por favor... Tudo o que vou lhe dizer é grave. Quando pretendem casá-la?

— Escute — disse Valentine por sua vez —, não quero esconder nada de você, Maximilien. Esta manhã, falaram de meu casamento, e minha avó, de quem eu esperava forte apoio, não apenas declarou-se a favor desse casamento, mas também o deseja a tal ponto que só o retorno do senhor d'Épinay o retarda... Assim que ele chegar, vão assinar o contrato.

Doloroso suspiro rasgou o peito do rapaz: ele olhou a jovem por muito tempo, com tristeza.

— Ai — respondeu ele em voz baixa —, é terrível ouvir a mulher amada dizer tranquilamente: “A hora de seu suplício está marcada: vai acontecer dentro de algumas horas; mas não importa: é assim que deve ser e, de minha parte, não farei qualquer objeção”... Muito bem: já que, como você disse, só esperam o senhor d'Épinay chegar para assinar o contrato, já que você vai pertencer a ele um dia depois que ele chegar, vai ser amanhã que ficará noiva do senhor d'Épinay, já que ele chegou a Paris esta manhã.

Valentine deu um grito.

— Há uma hora, eu estava na casa do conde de Monte-Cristo — disse Morrel. — Ele me falava da dor da sua família, eu lhe falava de sua própria dor, quando de repente uma carruagem chegou ao pátio. Escute. Até então, eu não acreditava em pressentimentos, Valentine... Mas agora me vejo obrigado a acreditar. Ao som daquela carruagem, fiquei todo arrepiado... Logo ouvi passos na escada. Eu fiquei mais assustado com o som desses passos do que Don Juan com o som dos passos do comendador. Enfim, a porta se abriu; Albert de Morcerf entrou primeiro, e eu já não acreditava em mim mesmo, achava que eu tinha me enganado, quando atrás dele entrou outro rapaz e o conde exclamou: “Ah, senhor barão Franz d'Épinay!”... Apelei para todas as minhas forças, para toda a coragem que tenho no coração, tentando me conter. Talvez eu tivesse ficado pálido, talvez eu tivesse tremido... Mas com certeza mantive o sorriso nos lábios. Mas, cinco minutos depois, fui embora, sem ter ouvido uma só palavra do que eles tinham falado durante esses cinco minutos... Eu estava aniquilado.

— Pobre Maximilien! — murmurou Valentine.

— Aqui estou, Valentine. Agora, vejamos: responda-me como a um homem para quem a sua resposta significa a vida ou a morte. O que você pretende fazer?

Valentine baixou a cabeça; ela estava arrasada.

— Escute — disse Morrel —, não é a primeira vez que você pensa nesta situação a que chegamos: a situação é grave, pesada, suprema. Mas não acho que seja o momento de se abandonar a um desespero estéril... Isso só é bom para quem quer sofrer à vontade, embriagar-se com as próprias lágrimas... Existe gente assim, e sem dúvida Deus recompensará no céu essa resignação na terra... Mas quem tem vontade de lutar não perde um tempo tão precioso: devolve imediatamente à sorte o golpe que dela recebeu. É sua vontade lutar contra a má sorte, Valentine? Responda-me: é isso que vim lhe perguntar...

Valentine estremeceu e olhou Morrel com olhos arregalados de espanto. Essa ideia de resistir a seu pai, à sua avó, enfim a toda a sua família, nunca lhe ocorrera.

— O que está me dizendo, Maximilien? — perguntou Valentine.

— O que chama de luta? Oh, o que está dizendo é sacrilégio. O quê? Eu, lutar contra a ordem de meu pai, contra a vontade de minha avó moribunda? Isso é impossível!

Morrel fez um gesto.

— Você é um coração nobre demais para não me compreender, e você me compreende tão bem, querido Maximilien, que o vejo reduzido ao silêncio... Lutar, eu? Deus me livre! Não, não... Guardo toda a minha força para lutar contra mim mesma e para beber as minhas lágrimas, como você disse... Quanto a afligir o meu pai, quanto a perturbar os últimos momentos de minha avó, isso nunca, jamais!

—Você tem toda a razão — disse friamente Morrel.

— Como pode me falar tão friamente, meu Deus! — exclamou Valentine, magoada.

— Eu lhe falo assim como homem que a admira, senhorita!... — prosseguiu Maximilien.

— “Senhorita”!... — exclamou Valentine. — “Senhorita”!... Oh, o egoísta!... Ele me vê desesperada e finge não me entender.

— Você está enganada... Pelo contrário, eu a entendo perfeitamente... Você não quer contrariar o senhor de Villefort, não quer desobedecer à marquesa, amanhã vai assinar o contrato que deve ligá-la a seu marido...

— Mas, meu Deus, o que mais eu poderia fazer?

— Não devia perguntar a mim, senhorita, pois eu seria mau juiz nessa causa, o meu egoísmo me cegaria — respondeu Morrel, com voz abafada e punhos cerrados a mostrar a sua ira crescente.

— O que você me proporia, Morrel, se me visse disposta a aceitar a sua proposta? Vamos, responda... Não basta dizer: “Você está errada”... É preciso dar um conselho.

— Está falando sério, Valentine? Então está me dizendo que devo lhe dar um conselho?

— Claro que sim, querido Maximilien... Se o conselho for bom, eu o seguirei... Sabe muito bem que sou devotada ao meu amor...

— Valentine — disse Morrel, acabando de afastar uma tábua já solta na cerca —, dê-me a sua mão para provar que perdoa a minha ira... É que eu estava com a cabeça nas nuvens, e há uma hora as ideias mais malucas atravessam o meu espírito... Oh, se você recusasse o meu conselho...

— Muito bem, que conselho?

— Este, Valentine...

A jovem ergueu os olhos para o céu e deu um suspiro.

— Eu sou livre — continuou Maximilien —, eu sou rico o suficiente para nós dois... Eu lhe juro que você será a minha mulher antes que meus lábios pousem em sua fronte.

— Você me faz tremer! — exclamou a jovem.

— Siga-me — continuou Morrel. — Eu vou levá-la à casa de minha irmã, que é digna de ser sua irmã... Nós partiremos para Argel, para a Inglaterra ou para a América, se você não preferir que nós fuçamos juntos para alguma província, onde esperaremos, para voltar a Paris, que os nossos amigos vençam a resistência de sua família.

Valentine sacudiu a cabeça.

— Eu já sabia, Maximilien — disse ela. — É um conselho louco, e eu seria ainda mais louca do que você se não o detivesse imediatamente com uma única palavra: *impossível*, Morrel, impossível.

— Então vai seguir a sua sorte, tal qual o destino a estabelecer, sem nem ao menos tentar combatê-la? — exclamou Morrel, com tristeza.

— Sim, mesmo que eu tenha de morrer!

— Muito bem, Valentine — respondeu Maximilien —, mais uma vez eu lhe digo que você tem razão. De fato, sou eu que sou louco, e você me prova que a paixão cega até mesmo os espíritos mais sensatos. Então, obrigado, agradeço a você por raciocinar sem paixão. Então, que seja: o caso está encerrado; amanhã, você estará definitivamente prometida ao senhor Franz d'Épinay, não pela formalidade teatral criada para dar um final feliz às comédias, denominada assinatura do contrato matrimonial, mas sim pela sua própria vontade.

— Mais uma vez, você me desespera, Maximilien — disse Valentine. — Mais uma vez, você revolve o punhal na ferida! O que faria, diga-me, se a sua irmã seguisse um conselho igual a esse que você me dá?

— Senhorita — respondeu Morrel, com sorriso amargo —, eu sou egoísta, como você disse, e, como egoísta, não penso no que fariam os outros em meu lugar, mas sim no que espero fazer. Penso que a conheço há um ano; desde que a conheço, depusitei todas as esperanças de felicidade em seu amor; um belo dia, você disse que me amava; desde esse dia, coloquei todas as minhas esperanças de futuro em suas mãos: isso era a minha vida. Agora já não penso mais nada; só me digo que a sorte mudou, que eu imaginava ter conquistado o céu, mas o perdi. Isso acontece todo santo dia, quando um jogador perde não apenas o que tem, mas também o que não tem.

Morrel pronunciou essas palavras com perfeita calma; Valentine olhou-o por um instante com os seus grandes olhos investigativos, tentando evitar que os olhos de Morrel penetrassem o caos a agitar-se no fundo de seu coração.

— Mas, afinal, o que você vai fazer? — perguntou Valentine.

— Eu vou ter a honra de lhe dizer adeus, senhorita... Deus, que ouve as minhas palavras e lê no fundo de meu coração, é testemunha de que lhe desejo uma vida bem tranquila, bem feliz, bem plena, para que nela não haja lugar para você se lembrar de mim.

— Oh! — murmurou Valentine.

— Adeus, Valentine, adeus! — exclamou Morrel, inclinando-se.

— Aonde vai? — gritou, estendendo a mão através da cerca e agarrando Maximilien pela casaca, a jovem, que compreendia, por sua agitação interior, que a calma de seu amado não podia ser real.
— Aonde vai?

— Vou tratar de não perturbar mais a sua família, de dar um exemplo digno de ser seguido por todos os homens honrados e devotados que se encontrarem em minha situação.

— Antes de me deixar, diga-me: o que vai fazer, Maximilien?

O jovem sorriu tristemente.

— Oh, fale! Fale — exclamou Valentine —, por favor!

— A sua decisão mudou, Valentine?

— A minha decisão não pode mudar, infeliz!... Você sabe muito bem! — exclamou a jovem.

— Então adeus, Valentine!

Valentine sacudiu a cerca com uma força que ninguém lhe atribuiria e, como Morrel se afastava, ela passou ambas as mãos através da cerca, juntando-as e retorcendo os braços: — O que vai fazer? Eu quero saber! — exclamou ela. — Aonde vai?

— Oh, fique tranquila — disse Maximilien, parando a três passos do portão. — A minha intenção não é responsabilizar outro homem pelos rigores que o destino me reserva. Outro homem a ameaçaria de ir procurar o senhor Franz, de provocá-lo, de duelar com ele... Tudo isso seria insensato. O que o senhor Franz tem a ver com tudo isso? Hoje de manhã ele me viu pela primeira vez, ele já se esqueceu de que me viu... Ele nem sabia que eu existia quando as convenções de suas duas famílias estabeleceram que vocês pertenceriam um ao outro. Portanto, não tenho nada a ver com o senhor Franz e juro-lhe que não vou culpá-lo.

— Mas a quem você vai culpar? A mim?

— A você, Valentine? Oh, Deus me livre! A mulher é sagrada: a mulher amada é santa.

— A você mesmo, então, infeliz, a você mesmo?

— Sou eu o culpado, não é verdade? — perguntou Morrel.

— Maximilien! — exclamou Valentine. — Maximilien, venha cá, eu lhe ordeno!

Maximilien aproximou-se com seu doce sorriso e, não fosse a sua palidez, pareceria estar em seu estado normal.

— Escute, minha querida, minha adorada Valentine — disse ele em sua voz melodiosa e grave —, pessoas como nós, que nunca esboçaram um pensamento que as fizesse enrubescer perante a sociedade, perante os seus pais e perante Deus... pessoas como nós podem ler no coração um do outro como num livro aberto. Nunca escrevi romances, não sou um herói melancólico, não banco ser Manfred, nem Antony... Mas sem palavras, sem gritos, sem juramentos, depusitei a minha vida em você... Você me deixa e tem razão de agir assim, digo e repito... Mas afinal você me deixa e a minha vida está perdida. A partir do momento em que você se afasta de mim, Valentine, eu fico sozinho no mundo. A minha irmã é feliz ao lado de seu marido... Seu marido é apenas meu cunhado, ou seja, um homem que apenas as convenções sociais ligam a mim... Assim, ninguém neste mundo precisa de minha existência, que vem a ser inútil. Sabe o que vou fazer? Vou esperar até o último segundo que você esteja casada, pois não quero perder nem a sombra de uma dessas probabilidades inesperadas que às vezes nos reserva o acaso, pois afinal, daqui até lá, o senhor Franz d'Épinay pode morrer... No momento em que vocês dois se aproximarem, pode cair um raio bem no meio do altar: para o condenado à morte, tudo parece possível; para o condenado, os milagres passam à classe do possível, quando se trata de salvar a própria vida. Então digo que vou esperar até o último momento, e quando a minha desgraça for certa, sem remédio, sem esperança, vou escrever uma carta confidencial a meu cunhado, outra carta ao chefe de polícia, para avisá-los de minhas intenções; e no canto de algum bosque, à beira de alguma vala, à margem de algum rio, vou

explodir os miolos; isso é tão certo quanto eu ser o filho do homem mais honesto que já viveu na França.

Um tremor convulsivo agitou os membros de Valentine; ela largou a cerca que segurava com ambas as mãos, os seus braços caíram ao longo do corpo, duas grandes lágrimas rolaram em suas faces.

O jovem permaneceu diante dela, sombrio e decidido.

— Oh, por piedade — exclamou ela —, por piedade: você vai sobreviver, não é verdade?

— Não, palavra de honra — disse Maximilien. — Mas que lhe importa, você terá feito o seu dever, ficará com a consciência tranquila.

Valentine caiu de joelhos, com as mãos no coração partido.

— Maximilien — exclamou ela —, Maximilien, meu querido amigo, meu irmão na terra, meu venerável esposo no céu, eu lhe imploro, faça como eu, viva com o sofrimento, talvez um dia sejamos enfim reunidos.

— Adeus, Valentine — repetiu Morrel.

— Meu Deus — exclamou Valentine, erguendo as mãos aos céus, com expressão sublime —, como vê, eu fiz tudo o que pude para continuar a ser uma mulher submissa... Pedi, supliquei, implorei... Ele não ouviu nem os meus pedidos, nem as minhas súplicas, nem os meus prantos. Bem — continuou ela, enxugando as lágrimas e readquirindo a firmeza —, bem, não quero morrer de remorsos: prefiro morrer de vergonha. Você vai viver, Maximilien, e eu não serei de ninguém, só sua. A que horas? Em que momento? Imediatamente? Fale, ordene: estou pronta.

Morrel, que mais uma vez dera alguns passos para se afastar, voltou mais uma vez e, pálido de alegria, com o coração revigorado, estendendo através da cerca as duas mãos a Valentine: — Valentine — disse ele —, querida amiga, não me fale assim, ou então eu morro. Por que então eu a obrigaria, se você me ama como eu a amo? Quer me obrigar a viver apenas por humanidade? Nesse caso, prefiro morrer.

— De fato — murmurou Valentine —, quem é que me ama neste mundo? Ele. Quem me consolou de todos os meus sofrimentos?

Ele. Em quem repousam as minhas esperanças? Em quem pousam os meus olhos perdidos? Em quem repousa o meu coração ferido? Nele, nele, sempre nele. Bem, você tem razão, por sua vez, Maximilien: eu vou segui-lo, vou abandonar a casa paterna, tudo... Oh, como sou ingrata! — exclamou Valentine, soluçando. — Tudo, até mesmo o meu bom avô, que eu estava esquecendo!

— Não — disse Maximilien —, você não vai abandoná-lo. Você me disse que o senhor Noirtier sente certa simpatia por mim... Bem, então, antes de fugir, você lhe contará tudo; do seu consentimento você fará um escudo perante Deus; então, assim que nos casarmos, ele virá viver conosco: em vez de uma neta, terá dois netos. Você me contou como ele lhe fala, como você lhe responde; logo vou aprender essa tocante linguagem dos sinais, vá, Valentine. Oh, juro, em vez do desespero que nos espera, é a felicidade que eu lhe prometo!

— Oh, olhe, Maximilien, olhe como é grande o seu poder sobre mim; você quase me faz acreditar no que me diz, mas o que me diz é insensato, pois o meu pai vai me amaldiçoar... Pois eu conheço o seu coração inflexível, ele nunca vai me perdoar. Então, escute-me, Maximilien: se por algum artifício, se por oração, ou por acidente, sei lá... Enfim, se por algum meio eu conseguir retardar o casamento, você estará à minha espera, não é?

— Sim, juro, se você me jurar que esse terrível casamento nunca vai acontecer e que, mesmo se a arrastarem até o juiz, até o padre, você dirá não.

— Juro, Maximilien, pelo que tenho de mais sagrado no mundo: pela minha mãe!

— Então esperemos — disse Morrel.

— Sim, esperemos — repetiu Valentine, voltando a respirar ao ouvir essa palavra. — Há tantas coisas que podem salvar infelizes como nós...

— Confio em você, Valentine — disse Morrel. — Tudo o que fizer será bem feito... Mas e se não ouvirem as suas súplicas, se o seu pai, se a senhora de Saint-Méran, exigirem que o senhor d'Épinay seja chamado amanhã para assinar o contrato...

— Então, tem a minha palavra, Morrel.

— Em vez de assinar...

— Vou encontrá-lo e fugiremos... Mas, daqui até lá, não tentemos Deus, Morrel... Não nos vejamos mais: é um milagre, uma providência, ainda não termos sido surpreendidos... Se fôssemos surpreendidos, se soubessem como nos vemos, estaríamos perdidos.

— Você tem razão, Valentine. Mas como saber...

— Pelo tabelião, o senhor Deschamps...

— Eu o conheço.

— E por mim mesma... Eu vou lhe escrever, pode acreditar. Meu Deus! Esse casamento, Maximilien, me é tão odioso quanto a você.

— Bem! Bem! Obrigado, minha adorada Valentine — exclamou Morrel. — Então, tudo está dito; assim que eu souber a hora, vou correr para cá, você vai pular este muro em meus braços, não vai ser difícil... Uma carruagem vai esperá-la no portão do pomar, subiremos juntos à carruagem, eu a levarei para a casa de minha irmã... Lá, incógnitos, se você quiser, ou abertamente, se preferir, teremos consciência de nossa força e de nossa vontade, não vamos deixar nos degolarem como a um cordeiro, que só se defende com suspiros.

— Está combinado — disse Valentine. — Eu também vou lhe dizer, Maximilien: o que você fizer será bem feito.

— Oh!

— Bem, então está contente com a sua mulher? — perguntou tristemente a jovem.

— Minha adorada Valentine, dizer apenas *sim* é muito pouco...

— Diga assim mesmo.

Valentine aproximara-se, ou melhor, aproximara os seus lábios da cerca, e suas palavras deslizavam, como o seu hálito perfumado, até os lábios de Morrel, que colava a sua boca do outro lado da cerca fria e inexorável.

— Até breve — disse Valentine, arrancando-se de sua felicidade —, até breve.

— Vou receber uma carta sua?

— Sim.

— Obrigado, querida esposa... Até breve.

Ouviu-se o som de um beijo inocente e perdido — Valentine desapareceu sob as tílias.

Morrel escutou os últimos ruídos daquele vestido a roçar na vegetação, daqueles pés a correrem pela areia; ergueu os seus olhos para o céu com inefável sorriso, agradecendo ao céu por permitir-lhe ser tão amado, e também desapareceu.

O jovem voltou para casa e esperou o resto da noite, esperou o dia seguinte inteiro, sem nada receber. Enfim, dois dias depois, pelas dez da manhã, quando se preparava para encaminhar-se ao senhor Deschamps — o tabelião —, recebeu pelo correio um pequeno bilhete que reconheceu ser de Valentine, embora nunca tivesse visto a sua letra.

O bilhete era concebido nestes termos: Lágrimas, súplicas, preces, de nada adiantaram. Ontem passei duas horas na igreja Saint-Philippe-du-Roule e durante duas horas rezei a Deus do fundo da alma; Deus foi insensível como os homens e a assinatura do contrato está marcada para esta noite às nove horas.

Só tenho uma palavra, como só tenho um coração, Morrel, e esta palavra lhe foi dada, este coração é seu.

Esta noite, portanto, às nove horas menos um quarto, na cerca.

Sua mulher, VALENTINE DE VILLEFORT.

P.S. — A minha pobre avó está cada vez pior; ontem a sua exaltação tornou-se delírio: hoje o seu delírio beira a loucura.

Você me amará muito, não é, Morrel, para me fazer esquecer que a deixarei nesse estado?

Creio que escondem do vovô Noirtier que a assinatura do contrato deve acontecer esta noite.

Morrel não se limitou às informações dadas por Valentine; foi até a casa do tabelião, que lhe confirmou a notícia — a assinatura do contrato aconteceria às nove horas da noite.

Então ele passou na casa de Monte-Cristo; foi ali que ficou sabendo: Franz viera anunciar-lhe a cerimônia; a senhora de Villefort, por sua vez, escrevera ao conde para pedir-lhe desculpas por não o convidar, mas a morte do senhor de Saint-Méran e o estado em que se encontrava a viúva lançavam sobre essa reunião

um véu de tristeza com o qual ela não queria nublar a fronte do conde, a quem desejava todas as espécies de felicidade.

Na véspera, Franz tinha sido apresentado à senhora de Saint-Méran, que só saíra da cama para essa apresentação e para lá retornara imediatamente.

Como é fácil compreender, Morrel encontrava-se em um estado de agitação que não podia escapar a um olhar tão perspicaz quanto o do conde; assim, Monte-Cristo foi-lhe mais afetuoso do que nunca, tão afetuoso que duas ou três vezes Maximilien esteve prestes a contar-lhe tudo. Mas lembrou-se da promessa formal feita a Valentine — o segredo permaneceu encerrado no fundo de seu coração.

Durante aquele dia, o jovem releu vinte vezes a carta de Valentine. Era a primeira vez que ela lhe escrevia — e em que ocasião! A cada vez que lia a carta, Maximilien renovava a si mesmo o juramento de tornar Valentine feliz. De fato, que autoridade não tem a jovem que toma uma decisão tão corajosa — que devoção não merece da parte daquele a quem tudo sacrificou! Como ela realmente deve ser, para o seu amado, o primeiro e mais digno objeto de culto! Ela é, ao mesmo tempo, rainha e mulher, e é impossível agradecer-lhe e amá-la a contento.

Morrel imaginava com inexprimível agitação o momento em que Valentine chegaria dizendo: — Aqui estou, Maximilien... Tome-me...

Ele organizara toda a fuga; escondera duas escadas perto da cerca; um cabriolé, que seria conduzido pelo próprio Maximilien, esperava; não haveria criados ou luzes; virada a primeira esquina, acenderiam as lanternas, para não caírem, por excesso de cuidados, nas mãos da polícia.

De vez em quando, calafrios percorriam todo o corpo de Morrel; ele imaginava o momento em que, no alto daquele muro, protegeria a descida de Valentine e sentiria — trêmula e abandonada em seus braços — aquela a quem só apertara a mão, só beijara a ponta dos dedos.

Mas quando a tarde chegou, quando Morrel viu que estava chegando a hora, sentiu necessidade de ficar sozinho; seu sangue fervia; as mais simples perguntas, até mesmo a voz de um amigo, o

irritariam; fechou-se em seu quarto, tentando ler; mas o seu olhar deslizou pelas páginas sem nada compreender e ele acabou largando o livro, para voltar a esboçar, pela segunda vez, o seu plano, as suas escadas e a sua cerca.

Enfim chegou a hora.

Um homem apaixonado nunca deixa os relógios marcharem em paz; Morrel atormentou tanto os seus relógios que eles acabaram marcando oito e meia às seis horas. Então ele pensou que era tempo de partir, que nove horas era realmente a hora da assinatura do contrato, mas certamente Valentine não esperaria aquela assinatura inútil; assim, tendo saído da rua Meslay às oito e meia em seu relógio, Morrel chegou à cerca quando soavam oito horas no relógio da igreja Saint-Philippe-du-Roule.

O cavalo e o cabriolé foram escondidos atrás de um pequeno casebre em ruínas onde Morrel costumava se esconder.

Aos poucos escureceu e as folhagens do jardim comprimiram-se em grandes tufos de um negro opaco.

Então Morrel saiu do esconderijo e com o coração palpitando foi olhar pelo buraco da cerca: ainda não havia ninguém.

Soaram oito e meia.

Mais meia hora passou nessa espera; Morrel andava de um lado para o outro; depois, a intervalos cada vez mais curtos, espreitava entre as tábuas. O jardim ficava cada vez mais escuro, mas, em meio às trevas, em vão ele procurava um vestido branco, em meio ao silêncio em vão ele buscava ouvir o ruído de passos.

A casa, visível através das folhagens, permanecia às escuras e em nada se parecia com uma casa aberta para um acontecimento tão importante quanto a assinatura de um contrato de casamento.

Morrel consultou o seu relógio, que marcava nove horas e três quartos, mas quase ao mesmo tempo a mesma voz do relógio da igreja, já ouvida duas ou três vezes, retificou o erro do relógio de bolso, anunciando as nove e meia.

Já era meia hora de espera a mais do que a própria Valentine calculara: ela dissera nove horas, ou até mesmo antes das nove, não depois.

Esse foi o momento mais terrível para o coração do jovem, quando cada segundo se abatia sobre ele como um martelo de chumbo.

O menor ruído da folhagem, o menor sopro do vento apurava os seus ouvidos e cobria sua testa de suor; então, todo arrepiado, ele ajeitava a sua escada e, para não perder tempo, já colocava o pé no primeiro degrau.

Em meio a essas alternâncias de medo e esperança, em meio a essas expansões e apertos do coração, soaram dez horas na igreja.

— Oh — murmurou Maximilien, aterrado —, impossível a assinatura de um contrato durar tanto tempo, a não ser que tenha havido algum imprevisto... Avaliei todas as possibilidades, calculei o tempo que duram todas as cerimônias: aconteceu alguma coisa.

Então às vezes ele caminhava agitado diante do portão, às vezes voltava a apoiar a testa febril no ferro gelado. Valentine tinha desmaiado depois de assinar o contrato? Valentine tinha sido apanhada em sua fuga? Essas eram as duas únicas hipóteses que o jovem podia supor — ambas desesperadoras.

Agarrou-se a uma ideia: em meio à sua fuga, tinham faltado forças a Valentine e ela caíra desmaiada no meio do caminho.

— Oh, se assim for — exclamou, correndo para o alto da escada —, vou perdê-la, e por culpa minha!

O demônio que lhe soprara esse pensamento não o deixou mais, sussurrando em seu ouvido com aquela persistência que leva certas dúvidas, ao fim de um instante, pela força do raciocínio, a tornarem-se convicções. Os seus olhos, que buscavam vencer as trevas crescentes, julgavam ver alguma coisa caída no meio da alameda escura; Morrel aventurou-se a chamar — pareceu-lhe que o vento lhe trazia um gemido inarticulado.

Enfim soaram dez e meia; era impossível conter-se por mais tempo: poderia ter acontecido qualquer coisa; as têmperas de Maximilien latejavam com força, nuvens passavam diante de seus olhos: ele escalou o muro e saltou para o outro lado.

Ele estava na casa dos Villefort, onde acabara de entrar, pulando o muro; pensou nas consequências que poderia ter esse ato, mas não tinha ido tão longe para recuar.

Durante algum tempo, avançou rente ao muro e, atravessando a alameda num só salto, penetrou entre as árvores.

Num instante chegou ao fim do arvoredo. Do lugar em que estava podia ver a casa.

Então Morrel teve certeza de algo que já suspeitara ao tentar espiar através das árvores: em vez das luzes que imaginara ver brilhar em todas as janelas, como é natural nos dias de cerimônia, não viu nada além do prédio cinzento, velado também por uma grande cortina de sombra projetada por uma imensa nuvem a esconder a lua.

Às vezes uma luz vacilante atravessava as três janelas do primeiro andar. Essas três janelas eram as dos aposentos da senhora de Saint-Méran.

Outra luz permanecia imóvel atrás de cortinas vermelhas: essas cortinas vermelhas eram as do quarto da senhora de Villefort.

Morrel adivinhou tudo isso. Tantas vezes, para seguir Valentine em pensamento o tempo todo, tantas vezes, dizíamos nós, desenhara a planta daquela casa que, mesmo sem nunca tê-la visto, já a conhecia.

O jovem ficou ainda mais assombrado com aquela escuridão e com aquele silêncio do que ficara com a ausência de Valentine.

Perdido, louco de dor, decidido a tudo enfrentar para rever Valentine e assegurar-se da desgraça que pressentia, fosse ela qual fosse, Morrel chegou ao fim do arvoredo e já se preparava para atravessar o mais rapidamente possível o canteiro completamente descoberto quando um som de voz ainda bem distante, mas que o vento lhe trazia, chegou até ele.

Ao ouvir o barulho, deu um passo para trás; já meio saído da folhagem, embrenhou-se nela completamente e permaneceu imóvel e mudo, escondido na escuridão.

A sua decisão estava tomada: se fosse Valentine sozinha, quando ela passasse Morrel a chamaria com uma palavra; se Valentine estivesse acompanhada, ao menos a veria e teria certeza de que não lhe acontecera nenhuma desgraça; se fossem estranhos, ouviria algumas palavras de sua conversa e poderia compreender aquele mistério até então incompreensível.

Então a lua saiu da nuvem que a escondia e, à porta da escadaria, Morrel viu Villefort aparecer, acompanhado por um homem vestido de negro. Eles desceram os degraus e dirigiram-se ao arvoredor. Não tinham dado nem quatro passos quando o homem vestido de preto Morrel reconheceu o doutor d'Avrigny.

Ao vê-los se aproximar, o jovem recuou maquinalmente até encontrar o tronco de um sicômoro bem no centro do arvoredor; ali foi obrigado a parar.

Logo a areia parou de ranger sob os passos dos dois homens.

— Ah, caro doutor — disse o procurador do rei —, decididamente, o céu se declara contra a nossa casa. Que morte terrível! Que golpe fulminante! Não tente me consolar, ai, não há consolo para tanta desgraça, a dor é muito intensa, profunda demais! Morta!... Morta!

Um suor frio gelou a fronte do jovem e fez os seus dentes baterem. Quem então teria morrido naquela casa que o próprio Villefort dizia amaldiçoada?

— Meu caro senhor de Villefort — respondeu o médico em um tom que redobrou o terror do jovem —, não o trouxe aqui para consolá-lo... Aliás, muito pelo contrário.

— O que quer dizer? — perguntou o procurador do rei, aterrado.

— Quero dizer que, por trás da desgraça que acaba de lhe acontecer, talvez haja outra ainda maior.

— Oh, meu Deus! — murmurou Villefort juntando as mãos. — O que mais vai me dizer?

— Estamos mesmo bem sozinhos, meu amigo?

— Oh, sim, bem sozinhos. Mas o que significam todos esses cuidados?

— Significam que eu tenho uma confiança terrível a lhe fazer — respondeu o doutor. — Vamos nos sentar.

Mais do que sentar-se, Villefort caiu em um banco. O doutor ficou de pé à sua frente, com uma das mãos pousada em seu ombro.

Gelado de medo, Morrel apoiava uma mão na testa e com a outra comprimia o coração, temendo que ouvissem os seus batimentos.

— Morta!... Morta! — repetia Morrel em pensamento, com a voz do coração.

E ele mesmo sentia estar morrendo.

— Fale, doutor, estou ouvindo — disse Villefort. — Pode bater, estou preparado para tudo.

— A senhora de Saint-Méran era bem idosa, de fato, mas gozava de perfeita saúde.

Morrel respirou pela primeira vez em dez minutos.

— A desgraça a matou — disse Villefort. — Sim, a desgraça, doutor! Esse hábito de viver quarenta anos ao lado do marquês!...

— Não foi a desgraça, meu caro Villefort — disse o médico. — A desgraça pode matar, embora sejam raros os casos, mas não mata em um dia, não mata em uma hora, não mata em dez minutos.

Villefort nada respondeu; limitou-se a levantar a cabeça, que até então mantivera abaixada, e a olhar o médico com olhos apavorados.

— O senhor estava lá durante a agonia? — perguntou o senhor d'Avrigny.

— Naturalmente — respondeu o procurador real. — O senhor me pediu em voz baixa que eu ficasse.

— Reparou nos sintomas do mal que vitimou a senhora de Saint-Méran?

— Certamente... A senhora de Saint-Méran teve três ataques sucessivos, com intervalos de alguns minutos entre eles; ataques cada vez mais próximos e mais graves. Quando o senhor chegou, a senhora de Saint-Méran já estava ofegante havia alguns minutos; então ela teve uma crise que imaginei ser um simples ataque de nervos, mas depois comecei a me assustar realmente quando a vi soerguer-se na cama, estendendo os membros e o pescoço. Então, pela sua expressão, caro doutor, compreendi que o caso era mais grave do que eu imaginava. Passada a crise, doutor, procurei os seus olhos, mas já não os encontrei. O senhor tomava o pulso, contava os batimentos, e a segunda crise se manifestou antes que o senhor se virasse para mim. Essa segunda crise foi mais terrível do que a primeira; repetiram-se os mesmos movimentos nervosos, a boca contraiu-se e ficou roxa.

“Na terceira crise, ela expirou.

“Desde o fim da primeira crise, eu já tinha reconhecido o tétano; o senhor me confirmou essa opinião.”

— Sim, na frente de todo mundo — replicou o médico. — Mas agora estamos sozinhos.

— Que vai me dizer, meu Deus?

— Que os sintomas de tétano e de envenenamento por substâncias vegetais são absolutamente os mesmos.

O senhor de Villefort ergueu-se; então, depois de um instante imóvel, em silêncio, voltou a cair em seu banco.

— Oh, meu Deus, doutor — exclamou ele —, tem certeza do que está dizendo?

Morrel não sabia se estava sonhando ou se estava acordado.

— Escute — disse o doutor —, tenho plena consciência da importância de minha declaração e do caráter do homem a quem a faço.

— É ao juiz ou ao amigo que está falando? — perguntou Villefort.

— Ao amigo, apenas ao amigo neste momento... As semelhanças entre os sintomas de tétano e os sintomas de envenenamento por substâncias vegetais são tão grandes que, se eu tivesse de assinar o que estou dizendo, confesso que hesitaria. Assim, repito-lhe, não é ao magistrado que me dirijo: é ao amigo. Bem, ao amigo, eu digo: durante os três quartos de hora que tudo durou, estudei a agonia, as convulsões, a morte da senhora de Saint-Méran... Bem, não apenas estou convicto de que a senhora de Saint-Méran morreu envenenada, como também posso dizer, sim, posso dizer que veneno a matou...

— Senhor!... Senhor!

— Tudo estava ali, olhe: sonolência interrompida por crises nervosas, superexcitação do cérebro, torpor dos centros... A senhora de Saint-Méran sucumbiu a uma dose violenta de brucina ou de estricnina, que lhe administraram por acaso, certamente, por engano, talvez.

Villefort tomou a mão do doutor.

— Oh, isso é impossível! — exclamou ele. — Estou sonhando, meu Deus, estou sonhando! É terrível ouvir um homem como o senhor dizer algo assim! Em nome do céu, eu lhe suplico, meu caro doutor: diga-me que pode estar enganado...

— Com certeza, posso, mas...

— Mas?...

— Mas não creio...

— Doutor, tenha piedade de mim... Nos últimos dias me aconteceram coisas tão incríveis que eu já estou achando que estou ficando louco...

— Alguém além de mim tratou da senhora de Saint-Méran?

— Ninguém.

— Mandaram ao farmacêutico alguma receita que não passou pelo meu crivo?

— Nenhuma.

— A senhora de Saint-Méran tinha inimigos?

— Que eu saiba, não.

— Alguém tinha interesse em sua morte?

— Não, meu Deus, não!... A minha filha é a sua única herdeira. Só Valentine... Oh, se uma suspeita dessas me assaltasse, eu me apunhalaria para castigar o meu coração por ser capaz de por um segundo abrigar uma suspeita dessas...

— Oh — exclamou por sua vez o senhor d'Avrigny —, caro amigo, Deus não me permite acusar ninguém... Falo apenas de um acidente, entenda bem, de um engano. Mas, acidente ou engano, o fato é real e fala em voz baixa à minha consciência, exigindo que a minha consciência lhe fale em voz alta. Informe-se.

— Com quem? Como? De quê?

— Vejamos: Barrois, o velho criado, não teria se enganado? Não teria dado à senhora de Saint-Méran alguma poção preparada para o seu amo?

— Para o meu pai?

— Sim.

— Mas como uma poção preparada para o senhor Noirtier poderia vir a envenenar a senhora de Saint-Méran?

— Nada mais simples: sabe que em certas doenças os venenos atuam como remédio; a paralisia é uma dessas doenças. Há cerca de três meses, por exemplo, depois de ter tentado tudo para devolver o movimento e a fala ao senhor Noirtier, decidi tentar um último recurso... Há três meses, dizia eu, trato-o com brucina; assim, na última poção que lhe receitei, havia seis centigramas de brucina... Seis centigramas sem ação nos órgãos paralisados do senhor Noirtier... Seis centigramas a que aliás ele se acostumou, ingerindo doses sucessivas, mas que bastariam para matar qualquer outra pessoa.

— Meu caro doutor: não há nenhuma comunicação entre os aposentos do senhor Noirtier e os da senhora de Saint-Méran, e Barrois nunca entrou no quarto de minha sogra. Enfim, eu lhe direi, doutor: embora saiba que o senhor é o homem mais competente e, sobretudo, o homem mais consciencioso do mundo, embora em qualquer circunstância a sua palavra seja para mim uma luz que me ilumina como a luz do sol, bem, doutor, bem, preciso, apesar dessa convicção, apoiar-me neste axioma: *errare humanum est*.²⁵

— Escute, Villefort — disse o doutor —, há algum colega meu em quem você deposita tanta confiança quanto em mim?

— Por que pergunta? Aonde quer chegar?

— Chame-o, e eu lhe direi o que vi, o que observei, e nós faremos a autópsia.

— E encontrarão vestígios do veneno?

— Não, do veneno não, não disse isso... Mas nós constataremos a exasperação do sistema nervoso, reconheceremos a asfixia patente, incontestável, e lhe diremos: caro Villefort, se foi por negligência que a coisa aconteceu, vigie os seus criados; se foi por ódio, vigie os seus inimigos.

— Oh, meu Deus! O que está me propondo, d'Avrigny? — respondeu Villefort, abatido. — A partir do momento em que alguém além do senhor souber desse mistério, será necessária uma investigação; e uma investigação, em minha casa... Impossível! Todavia — continuou o procurador real, corrigindo-se, olhando o médico com preocupação —, todavia, se o senhor quiser, se fizer

questão, farei a investigação. De fato, talvez eu deva dar sequência a este caso... O meu caráter o ordena. Mas, doutor, desde já me vê cheio de tristeza... Introduzir em minha casa tanto escândalo, depois de tanto sofrimento! Oh, a minha mulher e a minha filha morreriam... E eu, doutor, eu, o senhor sabe: um homem não chega aonde cheguei, um homem não é procurador do rei durante vinte e cinco anos sem acumular um bom número de inimigos... Os meus inimigos são inúmeros. Tornando-se público, este caso será para eles um triunfo que os fará pular de alegria, enquanto eu me cobrirei de vergonha. Doutor: perdoe-me essas ideias mundanas. Se o senhor fosse um padre, eu não ousaria lhe dizer isso... Mas o senhor é um homem, o senhor conhece os outros homens... Doutor, doutor: o senhor não me disse nada, não é verdade?

— Meu caro senhor de Villefort — respondeu o médico, comovido —, o meu primeiro dever é a humanidade. Eu teria salvado a senhora de Saint-Méran, se a medicina pudesse salvá-la; mas ela está morta, eu me devo aos vivos. Enterremos bem no fundo de nossos corações esse terrível segredo. Permitirei que atribuam à minha ignorância o silêncio guardado, se os olhos de alguém se voltarem para esse caso. Entretanto, meu senhor, não pare de investigar: investigue ativamente, pois talvez essa história não pare por aqui... E, quando descobrir o culpado, se o descobrir, serei eu quem lhe dirá: o senhor é juiz, faça o que quiser!

— Oh, obrigado! Obrigado, doutor! — exclamou Villefort, com inefável alegria. — Nunca tive amigo melhor do que o senhor.

E, como se temesse que o doutor d'Avrigny voltasse atrás em sua palavra, levantou-se e arrastou o médico na direção da casa.

Eles se afastaram.

Como se estivesse precisando respirar, Morrel saiu do arvoredo e a lua iluminou aquele rosto tão pálido que parecia um fantasma.

— Deus me protege de maneira evidente, mas terrível! — pensou ele. — Mas Valentine... Valentine, pobre amada! Resistirá ela a tanto sofrimento?

Ao dizer-se essas palavras, ele olhou sucessivamente a janela de cortinas vermelhas e as três janelas de cortinas brancas.

A luz desaparecera quase completamente da janela de cortinas vermelhas. Com certeza a senhora de Villefort acabara de apagar a lâmpada — só uma lamparina ainda enviava o seu reflexo às vidraças.

Na quina do edifício, ao contrário, ele viu abrir-se uma das três janelas de cortinas brancas. Uma vela sobre a lareira projetou no exterior alguns raios de luz pálida — uma sombra veio por instantes debruçar-se à varanda.

Morrel estremeceu — parecia-lhe ter ouvido um soluço.

Não surpreendia que aquela alma, habitualmente tão corajosa, tão forte, mas agora perturbada, exaltada pelas duas mais fortes paixões humanas — o amor e o medo —, se enfraquecesse a ponto de sofrer alucinações supersticiosas.

Embora fosse impossível, escondido como ele estava, que os olhos de Valentine o vissem, Morrel julgou ser chamado pela sombra da janela; o seu espírito perturbado dizia-lhe isso, o seu coração ardente o repetia. Esse duplo engano tornava-se uma realidade irresistível e, movido por um desses incompreensíveis impulsos de juventude, ele saltou para fora de seu esconderijo e, em dois pulos, arriscando-se a ser visto, arriscando-se a assustar Valentine, arriscando-se a dar o alarme por algum grito involuntário da jovem, atravessou o canteiro do jardim, que o luar tornava amplo e branco como um lago, e, alcançando a fileira de laranjais que se estendia em frente à casa, chegou aos degraus da escadaria, que subiu rapidamente, e empurrou a porta, que se abriu sem resistência diante dele.

Valentine não o vira: os seus olhos erguidos aos céus seguiam uma nuvem de prata a deslizar pelo azul, uma nuvem em forma de sombra a subir aos céus; o seu espírito poético e exaltado dizia-lhe que era a alma da avó.

Entrementes, Morrel atravessara o vestíbulo e encontrara o corrimão da escada; tapetes estendidos sobre os degraus abafavam os seus passos — aliás, Morrel chegara a tal ponto de exaltação que nem mesmo a presença do senhor de Villefort o assustaria. Se Villefort aparecesse à sua frente, a decisão de Morrel já estava tomada: ele se aproximaria do juiz e lhe contaria tudo, pedindo-lhe

que desculpasse e aprovasse aquele amor que o unia à sua filha e a sua filha a ele; Morrel estava louco.

Felizmente, não viu ninguém.

Foi sobretudo então que o conhecimento da planta da casa, adquirido por meio de Valentine, lhe serviu; chegou sem dificuldade ao alto da escada e quando, ao chegar ali, procurava se orientar, um soluço cujo timbre reconheceu indicou-lhe o caminho a seguir; ele voltou-se: uma porta entreaberta deixava chegar até ele o reflexo de uma luz e o som da voz a gemer. Ele empurrou a porta e entrou.

No fundo de uma alcova, sob o lençol branco a cobrir a sua cabeça e a desenhar a sua forma, jazia a morta, ainda mais assustadora aos olhos de Morrel depois da revelação do segredo do qual o acaso o fizera possuidor.

Ao lado da cama, de joelhos, cabeça escondida nas almofadas de uma ampla poltrona, Valentine, trêmula e sacudida pelos soluços, estendia acima da cabeça, que não se via, as suas mãos unidas e tesas.

Ela se afastara da janela ainda aberta e rezava em voz alta, em tom que comoveria o coração mais insensível; as palavras saíam de seus lábios rápidas, incoerentes e ininteligíveis, tanto a dor lhe apertava a garganta com garras em chamas.

Deslizando através da abertura das persianas, a lua empalidecia a luz da vela e azulava com tons fúnebres aquele quadro desolador.

Morrel não conseguiu resistir a esse espetáculo; ele não era de devoção exemplar, não era fácil de impressionar, mas Valentine a sofrer, a chorar, a retorcer os braços diante dele, era mais do que ele poderia suportar em silêncio. Ele deu um suspiro e murmurou um nome: a cabeça mergulhada nas lágrimas, marmorizada no veludo da poltrona — uma cabeça de Madalena de Correggio²⁶ —, ergueu-se e ficou voltada para ele.

Valentine viu-o e não demonstrou qualquer surpresa. Já não existem emoções intermediárias em um coração tomado pelo supremo desespero.

Morrel estendeu a mão à sua amada. Como a se desculpar por não ter ido ao encontro, Valentine apontou-lhe o cadáver jacente

sob o lençol fúnebre e recomeçou a chorar.

Nem Valentine nem Morrel se atreviam a falar naquele quarto. Ambos hesitavam em romper aquele silêncio que parecia imposto pela morte de pé em algum canto e com o dedo nos lábios.

Afinal, Valentine foi a primeira a se atrever.

— Amigo — disse ela —, como pode estar aqui? Ai, eu lhe diria “seja bem-vindo”, se não fosse a morte que lhe tivesse aberto a porta desta casa.

— Valentine — disse Morrel em voz trêmula, juntando as mãos —, eu estava à sua espera desde as oito e meia... Ao não ver você chegar, fiquei preocupado, pulei o muro, entrei no jardim... Então, vozes falando do fatal acidente...

— Vozes de quem? — interrompeu Valentine.

Morrel estremeceu: toda a conversa entre o doutor e Villefort voltou-lhe à lembrança e, através do lençol, ele imaginava ver aqueles braços retorcidos, aquele pescoço teso, aqueles lábios violeta.

— As vozes de seus criados me informaram tudo — respondeu ele.

— Mas vir até aqui é nos condenar, meu querido — disse Valentine, sem medo e sem ira.

— Peço desculpas — respondeu Morrel no mesmo tom —, vou me retirar.

— Não — disse Valentine —, vão vê-lo, fique.

— Mas e se vierem?

A jovem balançou a cabeça.

— Ninguém virá — disse ela —, fique tranquilo, eis nossa proteção.

E ela apontou a silhueta do cadáver esboçada pelo lençol.

— Mas o que aconteceu ao senhor d'Épinay? Conte-me, eu lhe suplico... — exclamou Morrel.

— O senhor Franz chegou para assinar o contrato bem no momento em que minha querida avó dava o último suspiro.

— Ai! — exclamou Morrel, com sentimento de alegria egoísta, pois pensava consigo mesmo que aquela morte retardaria indefinidamente o casamento de Valentine.

— Mas o que aumenta a minha dor — prosseguiu a jovem, como se aquele sentimento devesse ser punido imediatamente — é que a minha pobre querida avó, ao morrer, ordenou que nos casássemos o mais breve possível... Até mesmo ela, meu Deus, imaginando me proteger, até mesmo ela agia contra mim.

— Escute! — exclamou Morrel.

Ambos os jovens fizeram silêncio.

Ouviu-se a porta se abrir — passos fizeram estalar o soalho do corredor e os degraus da escada.

— É meu pai, saindo de seu gabinete — disse Valentine.

— E acompanhando o médico — acrescentou Morrel.

— Como sabe que é o médico? — perguntou Valentine, surpresa.

— Presumo... — respondeu Morrel.

Valentine mirou o jovem.

Entretanto, ouviram a porta da rua se fechar. O senhor de Villefort trancou também a porta do jardim — então voltou a subir a escada.

Ao entrar no vestíbulo, parou por um momento, como se hesitasse entre entrar em seu quarto ou no quarto da senhora de Saint-Méran. Morrel escondeu-se atrás de um reposteiro. Valentine não fez um movimento; parecia que suprema dor colocava-a acima dos temores comuns.

O senhor de Villefort entrou em seu quarto.

— Agora — disse Valentine —, você não vai mais poder sair nem pela porta do jardim nem pela porta da rua.

Morrel olhou a jovem com surpresa.

— Agora — disse ela —, só há uma saída possível e segura: a do quarto de meu avô.

Ela ergueu-se.

— Vem — disse ela.

— Aonde? — perguntou Maximilien.

— Ao quarto de meu avô.

— Eu, ir ao quarto do senhor Noirtier?!

— Sim.

— Pensou bem, Valentine?

— Pensei bem, e por muito tempo. Só tenho esse amigo no mundo, e nós dois precisamos dele... Vem.

— Cuidado, Valentine — disse Morrel, hesitando em fazer o que a jovem lhe ordenava —, cuidado, a venda caiu de meus olhos: ao vir aqui, cometi um ato de loucura. E você, tem certeza de que ainda tem razão, minha querida?

— Sim — respondeu Valentine —, só tenho um escrúpulo no mundo: deixar a sós os restos de minha pobre avó, que me encarreguei de velar.

— Valentine — disse Morrel —, a morte é sagrada por si mesma.

— Sim — respondeu a jovem. — Aliás, vai ser rápido: vem.

Valentine atravessou o corredor e desceu uma escadinha que levava ao quarto de Noirtier. Morrel a seguiu na ponta dos pés. Ao chegarem à porta do quarto, encontraram o velho criado.

— Barrois — disse Valentine —, feche a porta, não deixe ninguém entrar.

Ela entrou primeiro.

Noirtier, ainda sentado em sua poltrona, atento ao menor ruído, avisado por seu velho criado de tudo o que se passava, olhava avidamente a porta do quarto: ao ver Valentine, seus olhos brilharam.

Nos gestos e na atitude da jovem havia algo grave e solene que impressionou o ancião: os seus olhos brilhantes tornaram-se indagadores.

— Meu querido vovô — disse ela em voz pausada —, ouça-me bem: sabe que minha boa vovó Saint-Méran morreu há uma hora, e que agora, a não ser você, já não tenho ninguém que me ame neste mundo?

Uma expressão de infinita ternura brilhou nos olhos do ancião.

— Então, não é verdade, não é só a você que posso confiar os meus sofrimentos e as minhas esperanças?

O paralítico fez sinal que sim.

Valentine tomou a mão de Maximilien.

— Então — disse ela —, olhe bem este senhor.

O velho fixou em Morrel o seu olhar indagativo e levemente surpreso.

— É o senhor Maximilien Morrel — disse ela —, filho daquele honesto comerciante de Marselha, de quem certamente já ouviu falar.

— Sim — fez o ancião.

— É um bom nome, que Maximilien logo vai tornar glorioso, pois aos trinta anos ele já é capitão de cavalaria colonial, já é oficial da Legião de Honra...

O velho fez sinal de que se lembrava dele.

— Muito bem, meu bom vovô — disse Valentine ajoelhando-se diante do velho e apontando Maximilien —, eu o amo e só serei dele! Se obrigarem-me a me casar com outro, vou me deixar morrer ou vou me matar.

Os olhos do paralítico exprimiam todo um universo de pensamentos em tumulto.

— Você ama o senhor Maximilien Morrel, não é verdade, vovozinho? — perguntou a jovem.

— Sim — fez o velho imóvel.

— E bem que pode nos proteger, nós que somos também teus filhos, contra a vontade do meu pai...?

Noirtier pousou o seu olhar inteligente em Morrel, como a lhe dizer: — Depende...

Maximilien compreendeu.

— Senhorita — disse ele —, você tem um dever sagrado a cumprir no quarto de sua avó... Quer me permitir ter a honra de conversar por um instante com o senhor Noirtier?

— Sim, sim, é isto — fez o olhar do velho.

Então ele olhou Valentine, inquieto.

— O senhor está perguntando como ele vai conseguir compreendê-lo: não é, vovô?

— Sim.

— Oh, fique tranquilo... Falamos tantas vezes sobre o senhor que ele sabe muito bem como lhe falar.

Depois, voltando-se para Maximilien com adorável sorriso — embora esse sorriso fosse velado por profunda tristeza: — Ele sabe tudo o que sei — disse ela.

Valentine levantou-se, puxou uma cadeira para Morrel, recomendou a Barrois não deixar ninguém entrar; depois de beijar ternamente o avô, de dizer “adeus” com tristeza a Morrel, ela saiu.

Então Morrel, para provar a Noirtier que gozava da confiança de Valentine e conhecia todos os seus segredos, pegou dicionário, pena e papel, colocando tudo em cima de uma mesa onde havia uma lâmpada.

— Mas primeiro, senhor, permita-me contar-lhe quem sou eu — disse Morrel —, como eu amo a senhorita Valentine, quais são as minhas intenções a respeito dela.

— Escuto — fez Noirtier.

Era um espetáculo bem imponente ver aquele velho — aquele fardo aparentemente inútil — vir a ser o único protetor, o único apoio, o único juiz de um casal de jovens belos e fortes, que mal começavam a viver.

A sua fisionomia, cheia de nobreza e austeridade notáveis, impunha-se a Morrel, que começou a sua história a tremer.

Então contou como tinha conhecido Valentine, como tinha se apaixonado por ela — e como Valentine, em seu isolamento, em sua infelicidade, acolhera a oferta de sua devoção. Contou-lhe qual era a sua origem, a sua posição, a sua fortuna; e mais de uma vez, ao interrogar o olhar do paralítico, esse olhar lhe respondeu: — Está bem, continue...

— Agora — disse Morrel ao terminar a primeira parte de seu relato —, agora que já lhe falei, senhor, de meu amor e de minhas esperanças, devo lhe falar também de nossos planos?

— Sim — fez o velho.

— Bem, eis o que nós tínhamos planejado.

Então ele contou tudo a Noirtier: como um cabriolé esperava na esquina, como ele esperava raptar Valentine, levá-la para a casa da irmã, casar-se com ela e, em respeitosa espera, aguardar o perdão do senhor de Villefort.

— Não — fez Noirtier.

— Não? — perguntou Morrel. — Não é assim que se deve fazer?

— Não.

— Então esse plano não conta com sua aprovação?

— Não.

— Bem, há outro meio — disse Morrel.

O olhar interrogador do velho perguntou: — Qual?

— Eu vou — continuou Maximilien —, eu vou procurar o senhor Franz d'Épinay, fico feliz de poder lhe dizer isto na ausência da senhorita de Villefort, e me comportarei diante dele de maneira que o obrigue a ser um homem galante...

O olhar de Noirtier continuou a interrogar.

— Está perguntando o que vou fazer?

— Sim.

— Bem... Eu vou procurá-lo, como lhe disse... Vou lhe falar dos laços que me ligam à senhorita Valentine... Se ele for um homem delicado, vai provar a sua delicadeza renunciando por si mesmo à mão de sua noiva; então eu lhe garanto a minha eterna amizade e devoção... Se ele recusar, impelido pelo interesse, ou persistindo num ridículo orgulho, depois de lhe provar que ele constrangeria a minha mulher, que Valentine não ama nem poderia amar outro além de mim, duelarei com ele, dando-lhe todas as vantagens, e o matarei, ou ele me matará. Se eu o matar, ele não se casará com Valentine... Se ele me matar, terei certeza de que Valentine não se casará com ele.

Noirtier observava com inefável prazer aquela nobre e sincera fisionomia, na qual se desenhavam todos os sentimentos que a sua língua exprimia, acrescentando, pela expressão de um belo rosto, tudo o que a cor acrescenta a um desenho sólido e verdadeiro.

Entretanto, quando Morrel acabou de falar, Noirtier fechou os olhos várias vezes — o que era, como sabemos, a sua maneira de dizer não.

— Não? — disse Morrel. — Então o senhor desaprova este plano, assim como desaprovou o primeiro?

— Sim, desaprovo — fez o velho.

— Mas então, senhor, que fazer? — perguntou Morrel. — As últimas palavras da senhora de Saint-Méran foram para que o casamento de sua neta não se fizesse esperar... Devo deixar as coisas acontecerem?

Noirtier permaneceu imóvel.

— Sim, compreendo — disse Morrel —, devo esperar.

— Sim.

— Mas qualquer atraso nos perderá, senhor — continuou o jovem. — Sozinha, Valentine não terá forças, vai ser coagida como uma criança. Ao entrar aqui milagrosamente para saber o que estava acontecendo, ao ser milagrosamente admitido na sua presença, senhor, não me parece razoável esperar que esta boa sorte se repita. Acredite, só é possível optar entre essas duas alternativas que lhe proponho; perdoe a vaidade de minha juventude: optemos pela melhor... Diga-me qual das duas o senhor prefere: autoriza a senhorita Valentine a confiar na minha honra?

— Não.

— Prefere que eu vá procurar o senhor d'Épinay?

— Não.

— Mas, meu Deus! De quem virá o socorro que esperamos do céu?

O ancião sorriu com os olhos, como estava acostumado a sorrir quando lhe falavam do céu. Sempre restara um pouco de ateísmo nas ideias do velho jacobino.

— Do acaso? — perguntou Morrel.

— Não.

— Do senhor?

— Sim.

— Do senhor?

— Sim — repetiu o ancião.

— Compreende bem o que estou lhe perguntando, senhor? Desculpe a minha insistência, mas a minha vida depende de sua resposta... A nossa salvação virá do senhor?

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim.

— Garante?

— Sim.

E no olhar que fazia esta afirmação havia tal firmeza que seria impossível duvidar de sua vontade, e mesmo de seu poder.

— Oh, obrigado, senhor! Mil vezes obrigado! Mas como, a não ser que um milagre do Senhor lhe devolva a fala, o gesto e o movimento, como o senhor poderá, preso a essa cadeira, mudo e imóvel, como o senhor poderá opor-se a esse casamento?

Um sorriso iluminou o rosto do velho — sorriso estranho: sorriso dos olhos em um rosto imóvel.

— Então devo esperar? — perguntou o jovem.

— Sim.

— Mas e o contrato de casamento?

O mesmo sorriso reapareceu.

— Quer dizer que o contrato não será assinado?

— Sim — disse Noirtier.

— Então o contrato não será nem mesmo assinado?! — exclamou Morrel. — Oh, perdoe, meu senhor! Quando a felicidade é muito grande, a gente fica desconfiada. O contrato não será assinado?

— Não — respondeu o paralítico.

Apesar dessa segurança, Morrel não conseguia acreditar. Aquela promessa de um velho impotente era tão estranha que, em vez de brotar da força de vontade, poderia emanar de um enfraquecimento dos órgãos; não é natural o insensato que ignora a sua loucura pretender realizar coisas que se encontram além de suas forças? O fraco fala dos fardos que levanta, o tímido fala dos gigantes que enfrenta, o pobre fala dos tesouros que manipula; o mais humilde camponês, por conta de seu orgulho, julga-se Júpiter.

Talvez por perceber a indecisão do jovem, talvez por não confiar inteiramente na docilidade que ele demonstrara, Noirtier olhou-o fixamente.

— O que deseja, senhor? — perguntou Morrel. — Que eu lhe repita a minha promessa de não fazer nada?

O olhar de Noirtier permaneceu fixo e firme, como a dizer que uma promessa não lhe bastava; então passou do rosto à mão.

— Quer que eu jure, senhor? — perguntou Maximilien.

— Sim — fez o paralítico com a mesma solenidade —, quero.

Morrel compreendeu que o velho atribuía grande importância a esse juramento.

Estendeu a mão.

— Palavra de honra — disse ele —, juro esperar a sua decisão antes de agir contra o senhor d'Épinay.

— Bem — fez o velho com os olhos.

— Agora, senhor — perguntou Morrel —, ordena que eu me retire?

— Sim.

— Sem rever a senhorita Valentine?

— Sim.

Morrel fez sinal de que estava pronto a obedecer.

— Agora — continuou Morrel —, permita-me, senhor, que o seu filho o beije, como há pouco o beijou a sua filha...

Não havia como se enganar pela expressão dos olhos de Noirtier.

O jovem pousou os lábios na testa do velho, no mesmo lugar em que a jovem pousara seus lábios.

Então se despediu do ancião mais uma vez e saiu.

No patamar encontrou o velho criado, que, prevenido por Valentine, esperava Morrel e guiou-o pelas sinuosidades de um corredor escuro, que levava a uma pequena porta que dava para o jardim.

Dali Morrel alcançou o portão; subindo em uma árvore, num instante alcançou o alto do muro e, pela sua escada, num segundo chegou ao pomar de alfafa, onde o seu cabriolé continuava a esperá-lo.

Ele subiu ao carro e, partido por tantas emoções, mas com o coração mais tranquilo, por volta da meia-noite chegou à rua Meslay, atirou-se à cama e dormiu, como se mergulhado em profunda embriaguez.

LXXV. O MAUSOLÉU DA FAMÍLIA VILLEFORT

Dois dias depois, por volta das dez horas da manhã, numerosa multidão encontrava-se reunida à porta do senhor de Villefort: via-se avançar longa fila de carruagens fúnebres e particulares ao longo do subúrbio de Saint-Honoré e da rua do Pepino.

Entre essas carruagens havia uma de forma singular que parecia ter feito longa viagem. Era uma espécie de furgão pintado de negro, um dos primeiros carros a chegar à reunião fúnebre.

Os curiosos averiguaram e souberam que, por estranha coincidência, aquele carro encerrava o corpo do senhor marquês de Saint-Méran — os que tinham vindo para um só cortejo seguiriam dois cadáveres.

O número de seguidores era grande; o senhor marquês de Saint-Méran, um dos dignitários mais zelosos e mais fiéis ao rei Luís XVIII e ao rei Carlos X, conservara grande número de amigos que, somados às pessoas que as conveniências sociais colocavam em relação com Villefort, formavam uma tropa considerável.

Mandaram avisar imediatamente as autoridades e conseguiram que os dois funerais acontecessem ao mesmo tempo. Um segundo carro, adornado com a mesma pompa fúnebre, foi levado até a porta do senhor de Villefort e o caixão foi transportado do furgão postal ao carro fúnebre.

Os dois corpos deviam ser enterrados no cemitério do Père-Lachaise, onde havia muito tempo o senhor de Villefort mandara erguer o mausoléu destinado a sepultar toda a sua família. Nesse mausoléu já tinha sido depositado o corpo da pobre Renée, a quem seu pai e sua mãe vinham se juntar, depois de dez anos de separação.

Paris, sempre curiosa, sempre comovida com as pompas fúnebres, assistiu com religioso silêncio à passagem do esplêndido cortejo que acompanhava à sua última morada dois dos nomes dessa velha aristocracia mais célebres pelo espírito tradicional, pela firmeza do comércio e pela obstinada devoção aos princípios.

Na mesma carruagem fúnebre, Beauchamp, Albert e Château-Renaud falavam dessa morte quase súbita.

— Vi a senhora de Saint-Méran ainda o ano passado em Marselha — dizia Château-Renaud —, eu estava voltando da Argélia... Ela era uma mulher destinada a viver cem anos graças à sua saúde perfeita, a seu espírito sempre presente e à sua atividade sempre prodigiosa... Que idade ela tinha?

— Sessenta e seis anos — respondeu Albert —, ao menos foi o que Franz me garantiu. Mas não foi a idade que a matou: foi a dor que ela sentiu com a morte do marquês... Parece que depois dessa morte, que a abalou terrivelmente, ela nunca mais recuperou a razão.

— Mas, afinal, de que ela morreu? — perguntou Beauchamp.

— De uma congestão cerebral, ao que parece, ou de uma apoplexia fulminante. Não é a mesma coisa?

— Mais ou menos.

— De apoplexia? — perguntou Beauchamp. — É difícil acreditar... A senhora de Saint-Méran, que eu também só vi uma ou duas vezes na vida, era pequena, frágil, de constituição muito mais nervosa do que sanguínea... São raras as apoplexias provocadas pela desgraça num corpo de constituição como a da senhora de Saint-Méran.

— Em todo caso — disse Albert —, qualquer que seja a doença ou o médico que a matou, olhe só o senhor de Villefort, ou melhor, a senhorita Valentine, ou, melhor ainda, o nosso amigo Franz, na posse de uma magnífica herança: oitenta mil libras de renda, imagino.

— Herança que será quase duplicada pela morte daquele velho jacobino, de Noirtier.

— Isso é que é avô tenaz — disse Beauchamp. — *Tenacem propositi virum.*²⁷ Acho que ele apostou com a morte que enterraria todos os seus herdeiros. E vai ganhar a aposta, tenho certeza. Ele é bem o velho convencional de 1793 que dizia a Napoleão em 1814: “O senhor está caindo porque o seu império é um jovem caule fatigado pelo crescimento... Adote a República como tutor; voltemos com uma boa Constituição aos campos de batalha, e eu lhe prometo quinhentos mil soldados, outra Marengo, uma segunda Austerlitz. As ideias não morrem, senhor: às vezes, elas cochilam, mas despertam mais fortes do que antes de adormecer.”

— Parece que para ele os homens são como as ideias — disse Albert. — Só uma coisa me preocupa: saber como Franz d'Épinay

vai se virar com um sogro-avô que não consegue se separar de sua mulher... Mas onde está Franz?

— Ele está na primeira carruagem, ao lado do senhor de Villefort, que já o considera como membro da família...

Em cada uma das carruagens que seguiam o cortejo a conversa era quase a mesma; todos estavam surpresos com aquelas duas mortes tão próximas e tão rápidas, mas ninguém suspeitava do terrível segredo que fora revelado pelo senhor d'Avrigny ao senhor de Villefort naquele passeio noturno.

Depois de marchar por cerca de uma hora, o cortejo chegou à porta do cemitério; o tempo estava calmo, mas sombrio; logo, em harmonia com a cerimônia fúnebre a que vinham assistir. Entre os grupos que se dirigiam ao mausoléu da família, Château-Renaud reconheceu Morrel, que viera sozinho, de cabriolé; ele andava sozinho, muito pálido e silencioso, no pequeno caminho cheio de árvores.

— Você aqui? — perguntou Château-Renaud, dando o braço ao jovem capitão. — Então conhece o senhor de Villefort? Mas então como é que nunca o vi na casa dele?

— Não conheço o senhor de Villefort — respondeu Morrel —, mas conhecia a senhora de Saint-Méran.

Nesse momento, Albert e Franz juntaram-se a eles.

— O lugar não é o ideal para uma apresentação — disse Albert. — Mas não importa: não somos supersticiosos. Senhor Morrel, permita-me apresentar-lhe o senhor Franz d'Épinay, excelente companheiro de viagem, com quem atravessei a Itália. Meu caro Franz, este é o senhor Maximilien Morrel, excelente amigo que fiz na sua ausência, cujo nome me ouvirá pronunciar sempre que eu falar de coragem, espírito e gentileza.

Morrel hesitou por um momento. Perguntou-se se não era condenável hipocrisia aquele cumprimento quase amistoso a um homem que ele secretamente combatia; mas o seu juramento e a gravidade das circunstâncias voltaram-lhe à memória: esforçou-se para nada deixar transparecer em seu rosto e, contendo-se, cumprimentou Franz.

— A senhorita de Villefort está muito triste, não é? — perguntou Debray a Franz.

— Oh, cavalheiro — respondeu Franz —, uma tristeza inefável... Hoje de manhã ela estava tão desfigurada que mal a reconheci.

Essas palavras aparentemente tão simples partiram o coração de Morrel. Então aquele homem vira Valentine? Então ele falara com ela?

Foi então que o jovem e impulsivo oficial precisou de todas as suas forças para resistir ao desejo de quebrar seu juramento.

Ele tomou o braço de Château-Renaud e arrastou-o rapidamente para o mausoléu, diante do qual os agentes funerários acabavam de depositar os dois caixões.

— Magnífica residência — disse Beauchamp admirando o jazigo —, palácio de verão, palácio de inverno... Você também vai morar aí, meu caro d'Épinay, pois logo também vai pertencer à família. Quanto a mim, como filósofo, eu quero uma pequena casa no campo, um chalé debaixo das árvores, menos pedras lapidadas em cima de meu pobre corpo.

“Quando eu morrer, direi aos que me cercarem o que Voltaire escrevia a Piron: *Eo rus*,²⁸ e tudo estará acabado... Ora, vamos!... Coragem, Franz: a sua mulher herda.”

— Na verdade, Beauchamp — disse Franz —, você é insuportável. Os negócios políticos o acostumaram a rir de tudo, e os homens que conduzem os negócios se acostumaram a não acreditar em nada. Mas enfim, Beauchamp, quando tiver a honra de se encontrar entre homens comuns, quando tiver a felicidade de se afastar da política por um momento, trate de trazer o seu coração, em vez de deixá-lo guardado no bengaleiro da Câmara dos Deputados ou da Câmara dos Pares.

— Ah, meu Deus — exclamou Beauchamp —, o que é a vida? Uma pausa na antessala da morte.

— Rompo as minhas relações com Beauchamp... — brincou Albert, recuando quatro passos ao lado de Franz, deixando Beauchamp continuar as suas dissertações filosóficas ao lado de Debray.

O mausoléu da família de Villefort formava um quadrado de pedras brancas com cerca de sete metros de altura; uma separação interna dividia em dois compartimentos a família Saint-Méran e a família Villefort; cada compartimento tinha a sua porta de entrada.

Não se viam, como nos outros túmulos, aquelas ignóbeis gavetas superpostas nas quais uma econômica distribuição encerra os mortos com uma inscrição que mais parece uma etiqueta; tudo o que a princípio se via pela porta de bronze era uma antecâmara severa e escura, separada do túmulo por um muro.

Era no meio desse muro que se abriam as duas portas que mencionamos há pouco, portas que comunicavam com as sepulturas dos Villefort e dos Saint-Méran.

Ali era possível exprimir livremente as dores, sem que os passeantes brincalhões — que fazem de uma visita ao Père-Lachaise um passeio no campo ou um encontro amoroso — viessem perturbar com seus cantos, gritos ou correrias a muda contemplação ou a oração banhada de lágrimas do futuro habitante do mausoléu.

Os dois caixões entraram no mausoléu da direita: era o da família Saint-Méran; foram colocados sobre cavaletes já prontos, que já esperavam os despojos mortais; apenas Villefort, Franz e alguns parentes próximos penetraram no santuário.

Como as cerimônias religiosas tinham sido realizadas na porta e não havia discursos a fazer, os presentes logo se dispersaram; Château-Renaud, Albert e Morrel tomaram uma direção; Debray e Beauchamp, outra.

Franz ficou com o senhor de Villefort; na porta do cemitério, Morrel deteve-se ao primeiro pretexto; viu Franz e o senhor de Villefort saírem em uma carruagem fúnebre e teve um mau presságio ante aquela conversa. Então voltou para Paris e, embora estivesse na mesma carruagem de Château-Renaud e Albert, não ouviu uma palavra do que os dois jovens disseram.

De fato, no momento em que Franz ia despedir-se do senhor de Villefort: — Senhor barão — dissera Villefort a Franz —, quando nos veremos?

— Quando quiser, senhor — respondera Franz.

— O mais cedo possível.

— Estou às suas ordens, senhor... Gostaria que voltássemos juntos?

— Se isso não lhe causar nenhum incômodo...

— Nenhum.

Foi assim que o futuro sogro e o futuro genro subiram à mesma carruagem, e que Morrel, ao vê-los passar, ficou, com razão, bastante preocupado.

Villefort e Franz voltaram ao subúrbio de Saint-Honoré.

O procurador do rei, sem entrar nos aposentos de ninguém, sem falar com a mulher ou com a filha, levou o jovem a seu gabinete e, mostrando-lhe uma cadeira: — Senhor d'Épinay — disse ele —, devo lembrar-lhe, e o momento talvez não seja tão mal escolhido quanto poderíamos julgar à primeira vista, pois a obediência aos mortos é a primeira oferenda que deve ser depositada sobre o seu caixão... Devo portanto lembrar-lhe o desejo manifestado anteontem pela senhora de Saint-Méran em seu leito de morte: que o casamento de Valentine não seja adiado. Você sabe que os negócios da finada estão em perfeita ordem; que o seu testamento assegura a Valentine toda a fortuna dos Saint-Méran; ontem o tabelião me mostrou as atas que permitem redigir de maneira definitiva o contrato de casamento.

“Pode procurar o tabelião e pedir-lhe, de minha parte, que lhe mostre essas atas. O tabelião é o senhor Deschamps, praça Beauvau, subúrbio de Saint-Honoré.”

— Cavalheiro — respondeu d'Épinay —, talvez não seja este o momento para a senhorita Valentine, mergulhada como está em sua dor, pensar num marido... Na verdade, eu recearia...

— Valentine não terá desejo mais intenso que o de cumprir as últimas vontades de sua avó... — interrompeu-o o senhor de Villefort. — Assim, os obstáculos não virão desse lado, garanto-lhe.

— Nesse caso, cavalheiro — respondeu Franz —, como os obstáculos tampouco virão do meu lado, faça como quiser... A minha palavra está dada e a cumprirei não apenas com prazer, mas também com alegria.

— Então — disse Villefort —, nada mais nos detém... O contrato deveria ter sido assinado há três dias, já o encontraremos pronto: poderemos assinar hoje mesmo.

— Mas e o luto? — perguntou Franz, hesitando.

— Fique tranquilo, cavalheiro — respondeu Villefort. — Não será em minha casa que as conveniências serão negligenciadas. A senhorita de Villefort poderá retirar-se durante os três meses de praxe para as suas terras de Saint-Méran... Digo suas terras, pois essa propriedade lhe pertence. Lá, em uma semana, se o senhor quiser, sem ruído, sem barulho, sem fausto, o casamento civil será realizado. Era desejo da senhora de Saint-Méran que sua neta se casasse naquela propriedade. Realizado o casamento, o senhor poderá voltar a Paris, enquanto a sua mulher passará o tempo de luto com sua madrasta.

— Como quiser, cavalheiro — disse Franz.

— Então — prosseguiu o senhor de Villefort —, faça a gentileza de esperar meia hora... Valentine vai descer ao salão. Vou mandar chamar o senhor Deschamps, leremos e assinaremos o contrato imediatamente e nesta mesma noite a senhora de Villefort acompanhará Valentine à sua propriedade, onde em uma semana vamos encontrá-las.

— Cavalheiro — disse Franz —, só tenho um pedido a lhe fazer.

— Que pedido?

— Desejo que Albert de Morcerf e Raoul de Château-Renaud estejam presentes a essa assinatura... Como sabe, eles são as minhas testemunhas.

— Meia hora é suficiente para avisá-los... Prefere ir chamá-los pessoalmente? Ou prefere mandar chamá-los?

— Prefiro ir pessoalmente, cavalheiro.

— Vou esperá-lo daqui a meia hora, portanto, barão, e em meia hora Valentine estará pronta.

Franz cumprimentou o senhor de Villefort e saiu.

Assim que a porta da rua se fechou atrás do jovem, Villefort mandou avisar Valentine que ela deveria descer ao salão em meia hora, pois esperavam o tabelião e as testemunhas do senhor d'Épinay.

Esta notícia inesperada provocou grande sensação na casa. A senhora de Villefort não queria acreditar — Valentine sentiu-se fulminada por um raio.

Ela olhou ao redor, como se buscasse a quem pedir socorro.

Ela quis descer ao quarto do avô, mas encontrou na escada o senhor de Villefort, que a tomou pelo braço e levou-a para o salão.

Na antecâmara, Valentine encontrou Barrois e lançou ao velho criado um olhar desesperado.

Logo depois de Valentine, a senhora de Villefort entrou no salão com o pequeno Édouard. Era visível que a jovem senhora também recebera a sua porção dos sofrimentos da família: estava pálida e parecia terrivelmente cansada.

Ela sentou-se, colocou Édouard sobre os joelhos e de vez em quando apertava contra o peito, com movimentos quase convulsivos, aquela criança na qual parecia concentrar-se toda a sua existência.

Logo se ouviu o ruído de duas carruagens entrando no pátio.

Uma era a do tabelião, outra a de Franz e seus amigos.

Num instante, todo o mundo estava reunido no salão.

Valentine estava tão pálida que se viam as veias azuis de suas têmporas desenharem-se ao redor de seus olhos e correrem ao longo de suas faces.

Franz não conseguia esconder a sua intensa emoção.

Château-Renaud e Albert olhavam-se surpresos: a cerimônia que recentemente terminara não lhes parecia mais triste do que aquela que iria começar.

A senhora de Villefort sentara-se na penumbra, atrás de uma cortina de veludo, e, como estava constantemente inclinada sobre o filho, era difícil ler em seu rosto o que se passava em seu coração.

O senhor de Villefort estava impassível, como sempre.

O tabelião, depois de arrumar, com o habitual método dos funcionários da lei, os papéis sobre a mesa, depois de tomar o seu lugar na poltrona e erguer os óculos, virou-se para Franz: — É o senhor que é o senhor Franz de Quesnel, barão d'Épinay? — perguntou o tabelião, embora já o soubesse perfeitamente.

— Sim, senhor — respondeu Franz.

O tabelião inclinou-se.

— Então, devo avisá-lo, cavalheiro — disse ele —, e isto da parte do senhor de Villefort, que o seu planejado casamento com a senhorita de Villefort mudou as disposições do senhor Noirtier com relação à neta, e que ele aliena inteiramente a fortuna que devia transmitir-lhe. Apressememo-nos a acrescentar — continuou o tabelião — que o testador tinha o direito de alienar apenas parte de sua fortuna e, tendo-a alienado inteiramente, o testamento não resistirá à contestação: será declarado nulo e sem efeito.

— Sim — disse Villefort. — Entretanto, previno antecipadamente o senhor d'Épinay: enquanto eu for vivo, o testamento de meu pai jamais será contestado, pois a minha posição me proíbe até mesmo a sombra de um escândalo.

— Cavalheiro — disse Franz —, lamento terem levantado tal questão na frente da senhorita Valentine. Nunca procurei saber a quanto monta a sua fortuna, que, por mais reduzida que seja, sempre será maior do que a minha. O que minha família busca na aliança com o senhor de Villefort é a consideração; o que eu busco é a felicidade.

Valentine fez um imperceptível sinal de agradecimento, enquanto duas lágrimas silenciosas rolavam pelas suas faces.

— Aliás, cavalheiro — disse Villefort, dirigindo-se ao futuro genro —, à parte essa perda de uma porção de suas esperanças, esse testamento inesperado não tem nada que deva feri-lo pessoalmente... A perda se explica pela fraqueza de espírito do senhor Noirtier. O que desagrada a meu pai não é a senhorita de Villefort casar-se com o senhor: é Valentine casar-se... Uma união com qualquer outro lhe inspiraria o mesmo desgosto. A velhice é egoísta, cavalheiro, e a senhorita de Villefort fazia ao senhor de Noirtier uma fiel companhia que a senhora baronesa d'Épinay já não poderá mais fazer-lhe. O lamentável estado em que se encontra o meu pai faz com que raramente lhe falemos de assuntos sérios, que a fraqueza de seu espírito não lhe permitiria acompanhar, e estou plenamente convencido de que neste momento, embora conservando a lembrança de que sua neta está se casando, o

senhor Noirtier esqueceu até mesmo o nome de quem vai se tornar o seu neto.

Assim que o senhor de Villefort concluiu essas palavras, enquanto Franz respondia com uma mesura, a porta do salão se abriu e Barrois apareceu.

— Senhores — disse ele, com voz estranhamente firme para um criado a dirigir-se a seus amos em circunstância tão solene —, senhores, o senhor Noirtier de Villefort deseja falar imediatamente com o senhor Franz de Quesnel, barão d'Épinay.

Ele também, como o tabelião, para que não pudesse haver engano de pessoa, dava ao noivo todos os seus títulos.

Villefort estremeceu; a senhora de Villefort deixou o filho escorregar de seus joelhos; Valentine ergueu-se, pálida e muda como uma estátua.

Albert e Château-Renaud trocaram um segundo olhar mais surpreso do que o primeiro.

O tabelião olhou Villefort.

— É impossível — disse o procurador do rei. — Aliás, o senhor d'Épinay não poderia deixar o salão neste momento.

— É precisamente neste momento — continuou Barrois com a mesma firmeza — que o senhor Noirtier, meu amo, deseja falar de importantes assuntos com o senhor Franz d'Épinay.

— Então agora o bom vovô Noirtier já está falando? — perguntou Édouard com a sua habitual impertinência.

Mas essa brincadeira não fez sorrir nem mesmo a senhora de Villefort, tão preocupados estavam os espíritos, tão solene parecia a situação.

— Diga ao senhor Noirtier — respondeu Villefort — que o que ele pede não é possível.

— Então o senhor Noirtier avisa aos senhores — replicou Barrois — que se fará transportar pessoalmente ao salão.

A surpresa chegou ao cúmulo.

Uma espécie de sorriso desenhou-se no rosto da senhora de Villefort. Sem querer, Valentine ergueu os olhos ao teto, para agradecer ao céu.

— Valentine — disse o senhor de Villefort —, por favor, vá depressa saber o que vem a ser essa nova fantasia de seu avô.

Valentine logo deu alguns passos para sair, mas o senhor de Villefort mudou de ideia.

— Espere — disse ele —, vou acompanhá-la.

— Perdão, cavalheiro — disse Franz por sua vez —, parece-me que, se foi a mim que o senhor Noirtier mandou chamar, é sobretudo a mim que cabe satisfazer os seus desejos; aliás, ficarei feliz de apresentar-lhe os meus respeitos, já que ainda não tive a oportunidade de solicitar essa honra.

— Oh, meu Deus! — exclamou Villefort, visivelmente preocupado. — Não se incomode...

— Desculpe, cavalheiro — disse Franz no tom de alguém que tomou a sua decisão. — Faço questão de não perder esta oportunidade de provar ao senhor Noirtier o quanto ele estava errado ao opor-me resistências que estou decidido a vencer, sejam elas quais forem, com a minha profunda devoção.

E, sem se deixar reter mais tempo por Villefort, Franz também se levantou e seguiu Valentine, que já descia a escada com a alegria de um náufrago a alcançar uma ilha.

O senhor de Villefort seguiu os dois.

Château-Renaud e Morcerf trocaram um terceiro olhar ainda mais surpreso do que os dois primeiros.

LXXVI. A ATA

Noirtier esperava, vestido de negro e instalado em sua poltrona.

Quando as três pessoas que ele aguardava entraram, olhou para a porta, que seu camareiro fechou imediatamente.

— Preste atenção — disse em voz baixa Villefort a Valentine, que não conseguia esconder a sua alegria —, se o senhor Noirtier quiser lhe comunicar coisas que impeçam o seu casamento, proíba de lhe dar ouvidos!

Valentine enrubesceu, mas nada respondeu.

Villefort aproximou-se de Noirtier.

— Este senhor é Franz d'Épinay — disselhe. — O senhor mandou chamá-lo e ele se rende à sua vontade. Certamente esperamos este encontro há muito tempo, e ficarei encantado se ele lhe provar que sua oposição ao casamento de Valentine era infundada.

Noirtier respondeu apenas com um olhar que fez um arrepio percorrer as veias de Villefort.

Ele fez com o olho sinal para Valentine aproximar-se.

Num instante, recorrendo aos meios que costumava utilizar em suas conversas com o avô, ela achou a palavra *chave*.

Então consultou o olhar do paralítico: os olhos dele fixaram-se na gaveta de um pequeno móvel entre as duas janelas.

Ela abriu a gaveta e de fato achou uma chave.

Quando ela pegou a chave e o velho lhe fez sinal de que era exatamente o que queria, os olhos do paralítico fixaram-se numa velha escrivaninha havia muitos anos esquecida, onde achavam que só havia papéis inúteis.

— Quer que eu abra a escrivaninha? — perguntou Valentine.

— Sim — fez o velho.

— Quer que eu abra as gavetas?

— Sim.

— As laterais?

— Não.

— A do meio?

— Sim.

Valentine abriu-a e retirou um maço de papéis.

— É isto o que queria, vovozinho? — perguntou ela.

— Não.

Ela retirou sucessivamente todos os outros papéis, até esvaziar completamente a gaveta.

— Mas agora a gaveta já está vazia — disse ela.

Os olhos de Noirtier fixaram-se no dicionário.

— Sim, vovozinho: entendi — disse a jovem.

E ela repetiu, uma depois da outra, cada letra do alfabeto: no S, Noirtier deteve-a.

Ela abriu o dicionário e percorreu-o até a palavra *segredo*.

— Ah, há um segredo! — exclamou Valentine.

— Sim — fez Noirtier.

— E quem conhece esse segredo?

Noirtier olhou a porta por onde saíra o criado.

— Barrois? — perguntou ela.

— Sim — disse Noirtier.

— Quer que eu o chame?

— Sim.

Valentine foi até a porta e chamou Barrois.

Entrementes, o suor da impaciência escorria pela testa de Villefort, enquanto Franz permanecia estupefato.

O velho criado apareceu.

— Barrois — disse Valentine —, meu avô me mandou pegar a chave naquele console, abrir esta escrivaninha e puxar esta gaveta; agora, há um segredo nesta gaveta, parece que você o conhece: abra-a.

Barrois olhou o ancião.

— Obedeça — disse o olhar inteligente de Noirtier.

Barrois obedeceu; um fundo falso se abriu e mostrou um maço de papéis amarrados em fita negra.

— É isto o que deseja, senhor? — perguntou Barrois.

— Sim — fez Noirtier.

— A quem devo entregar os papéis? Ao senhor de Villefort?

— Não.

— À senhorita Valentine?

— Não.

— Ao senhor Franz d'Épinay?

— Sim.

Surpreso, Franz deu um passo à frente.

— A mim, senhor? — perguntou ele.

— Sim.

Franz recebeu os papéis das mãos de Barrois e, lançando os olhos à capa, leu: Para ser entregue, depois de minha morte, a meu amigo, o general Durand, que por sua vez, ao morrer, legará este pacote a seu filho, com a ordem de conservá-lo muito bem, pois contém um documento da mais alta importância.

— Muito bem, senhor — disse Franz —, que deseja que eu faça com esses papéis?

— Naturalmente, que os conserve lacrados, como eles estão — disse o procurador do rei.

— Não, não — respondeu vivamente Noirtier.

— Deseja, talvez, que este cavalheiro os leia? — perguntou Valentine.

— Sim — respondeu o velho.

— Ouviu, senhor barão? Meu avô lhe pede que leia esses papéis — disse Valentine.

— Então vamos nos sentar — disse Villefort com impaciência —, pois isso vai levar algum tempo.

— Sentem-se — fez o olhar do velho.

Villefort sentou-se, mas Valentine ficou de pé ao lado do avô, apoiada em sua poltrona, e Franz ficou de pé diante dele.

Ele segurava os misteriosos papéis.

— Leia — disseram os olhos do ancião.

Franz abriu o envelope e fez-se enorme silêncio no quarto. Em meio ao silêncio, leu: Extrato das atas de uma seção do clube bonapartista da rua Saint-Jacques, realizada no dia 5 de fevereiro de 1815.

Franz se deteve.

— Cinco de fevereiro de 1815: o dia em que o meu pai foi assassinado!

Valentine e Villefort ficaram mudos; mas o olho do velho disse claramente: — Continue.

— Mas foi ao sair desse clube — continuou Franz — que o meu pai desapareceu!

O olhar de Noirtier continuou a dizer: — Leia.

Franz continuou:

Os abaixo-assinados Louis-Jacques Beauregard, tenente-coronel de artilharia, Étienne Duchampy, general de brigada, e Claude Lecharpal, diretor das Águas e Florestas, Declaram que no dia 4 de fevereiro de 1815 chegou uma carta da ilha de Elba que recomendava à benevolência e à confiança dos membros do clube bonapartista o general Flavien de Quesnel, que, tendo servido o Imperador de 1804 a

1815, devia ser muito devotado à dinastia napoleônica, apesar do título de baronato que Luís XVIII acabara de conceder à sua propriedade de Épinay.

Em consequência, um bilhete foi enviado ao general de Quesnel, convidando-o a assistir à sessão do dia seguinte, 5 de fevereiro. O bilhete não indicava a rua nem o número da casa onde devia acontecer a reunião; não trazia nenhuma assinatura, mas anunciava ao general que, se ele quisesse esperar pronto, iriam buscá-lo às nove horas da noite.

As sessões aconteciam das nove à meia-noite.

Às nove horas, o presidente do clube apresentou-se na casa do general: o general estava pronto; o presidente lhe disse que uma das condições de sua introdução era que ele ignorasse eternamente o local da reunião e deixasse vendiar os seus olhos, jurando não tentar erguer a venda.

O general de Quesnel aceitou a condição e prometeu pela sua honra não tentar ver para onde o levariam.

O general mandara preparar a sua carruagem, mas o presidente lhe disse que seria impossível utilizá-la, pois não valeria a pena vendiar os olhos do amo se o cocheiro ficasse de olhos abertos e reconhecesse as ruas por onde passariam.

— Então, que fazer? — perguntou o general.

— Estou com a minha carruagem — disse o presidente.

— Então confia tanto em seu cocheiro que lhe confia um segredo que julga imprudente contar ao meu?

— O nosso cocheiro é membro do clube — disse o presidente. — Seremos conduzidos por um conselheiro de Estado.

— Então — disse rindo o general —, correremos outro risco: o de capotar.

Registramos essa brincadeira como prova de que o general não foi de maneira alguma obrigado a assistir à sessão, mas veio por livre e espontânea vontade.

Ao subir à carruagem, o presidente lembrou ao general a promessa que fizera: deixar vendiar-lhe os olhos. O general não levantou nenhuma objeção a essa formalidade: um lenço deixado na carruagem para esse fim serviu de venda.

No meio do caminho, o presidente julgou ver que o general tentava enxergar por baixo da venda: lembrou-lhe o seu juramento.

— Ah, é verdade! — disse o general.

A carruagem parou diante de uma passagem da rua Saint-Jacques. O general desceu, apoiado no braço do presidente, cuja dignidade ignorava, tomando-o por um simples membro do clube; atravessaram a passagem, subiram um andar e entraram na sala de deliberações.

A sessão começara. Avisados da espécie de apresentação que aconteceria naquela noite, todos os membros do clube estavam presentes. Ao chegar ao meio da sala, o general foi convidado a tirar a venda. Logo aceitou o convite e pareceu muito impressionado ao encontrar tantos conhecidos numa sociedade de cuja existência até então nem suspeitava.

Interrogaram-no sobre os seus sentimentos, mas ele limitou-se a responder que as cartas da ilha de Elba já haviam respondido...

Franz interrompeu-se.

— O meu pai era monarquista — disse ele. — Não havia necessidade de interrogá-lo sobre os seus sentimentos: eles eram conhecidos.

— E daí vem a minha ligação com seu pai, meu caro senhor Franz — disse Villefort. — A gente se liga facilmente quando partilha as mesmas opiniões.

— Leia — continuou a dizer o olhar do velho.

Franz continuou:

Então o presidente tomou a palavra para pedir ao general que fosse mais explícito; mas o senhor de Quesnel respondeu que primeiro queria saber o que esperavam dele.

Então foi lida ao general aquela mesma carta da ilha de Elba que o recomendava ao clube como um homem com quem poderiam contar. Um parágrafo inteiro expunha o provável retorno de Napoleão da ilha de Elba e prometia nova carta e detalhes mais amplos à chegada do *Faraó*, navio pertencente ao armador Morrel, de Marselha, cujo capitão era inteiramente dedicado ao Imperador.

Durante toda essa leitura, o general, em quem haviam imaginado poder confiar como em um irmão, deu, pelo contrário, visíveis sinais de descontentamento e repugnância.

Terminada a leitura, ele permaneceu silencioso, de sobrancelhas franzidas.

— Então — disse o presidente —, que me diz desta carta, senhor general?

— Digo que há muito pouco tempo prestamos juramento ao rei Luís XVIII — respondeu o general —, para agora já violá-lo em benefício do ex-imperador.

Dessa vez a resposta era clara demais para que fosse possível enganar-se sobre os seus sentimentos.

— General — disse o presidente —, para nós não existe rei Luís XVIII, bem como não existe ex-imperador... Existe apenas Sua Majestade, Imperador e Rei, há dez meses afastado da França, seu Estado, pela violência e pela traição.

— Perdão, cavalheiros — disse o general —, é possível que para vocês não exista rei Luís XVIII... Mas para mim existe, visto que ele me fez barão e marechal-de-campo, e jamais esquecerei que devo esses dois títulos a seu feliz retorno à França.

— Senhor — disse o presidente em tom mais sério, erguendo-se —, tome cuidado com o que fala... As suas palavras nos demonstram claramente que se enganaram a seu respeito na ilha de Elba e nos enganaram! A comunicação que lhe fizemos baseou-se na confiança que tínhamos no senhor; logo, em um sentimento que o honra. Agora sabemos que estávamos errados: um título e uma patente o aliaram ao novo governo que nós queremos derrubar. Não o obrigaremos a prestar-nos a sua colaboração; não recrutaremos ninguém contra a sua consciência, contra a sua vontade; mas o obrigaremos a agir como um homem honrado, mesmo se não estiver disposto a tanto.

— Chamam de ser um homem honrado saber de sua conspiração e não a revelar?! Chamo isso de cumplicidade. Como veem, sou ainda mais franco do que vocês...

— Ah, papai! — exclamou Franz, interrompendo-se. — Agora compreendo por que o assassinaram...

Valentine não conseguiu impedir-se de lançar um olhar a Franz: o jovem realmente estava belo em seu entusiasmo filial.

Villefort passeava de um lado para o outro atrás dele.

Noirtier seguia com os olhos a expressão de cada um e mantinha a sua atitude digna e severa.

Franz voltou ao manuscrito e continuou: — O senhor foi convidado a comparecer à assembleia — disse o presidente —, não foi trazido à força; propusemos que vendasse os olhos, o senhor concordou. Quando aceitou esses dois pedidos, sabia perfeitamente que não nos ocuparíamos de consolidar o trono de Luís XVIII, ou não teríamos tanto cuidado em nos esconder da polícia. Agora, compreende, seria muito cômodo vestir uma máscara, com ela surpreender os segredos das pessoas e depois simplesmente despir essa máscara para condenar aqueles que confiaram no senhor. Não, não, primeiro o senhor vai nos dizer francamente se é pelo rei casual que reina neste momento ou por Sua Majestade o Imperador.

— Eu sou monarquista — respondeu o general —, prestei juramento a Luís XVIII, mantereí meu juramento.

Essas palavras foram seguidas de um murmúrio geral; podia-se ver, pelos olhares de grande número de membros do clube, que eles pensavam em fazer o senhor d'Épinay se arrepende de suas imprudentes palavras.

O presidente ergueu-se novamente e impôs silêncio. Então lhe disse: — O senhor é um homem sério e sensato o bastante para compreender as consequências da situação em que nos encontramos, uns diante dos outros, e a sua própria franqueza nos dita as condições que vemo-nos obrigados a impor-lhe: o senhor vai nos dar a sua palavra de honra de que nada revelará do que ouviu.

O general levou a mão à espada e exclamou: — Se fala em honra, comece por não ignorar as suas leis, e não imponha nada pela violência.

— E o senhor — continuou o presidente, com uma calma talvez mais terrível do que a cólera do general —, não toque em sua espada: é um conselho que lhe dou.

O general olhou ao redor e vislumbrou atitudes que revelavam um princípio de agitação.

Mesmo assim, não cedeu; ao contrário, reunindo toda a sua força: — Não vou jurar — disse ele.

— Então, senhor, vai morrer — respondeu tranquilamente o presidente.

O senhor d'Épinay ficou muito pálido; olhou mais uma vez ao redor: vários membros do clube cochichavam e procuravam armas sob as suas capas.

— General — disse o presidente —, fique tranquilo: o senhor se encontra entre pessoas honradas, que buscarão por todos os meios convencê-lo, antes de recorrer a

medidas extremas; mas também, como disse, o senhor está entre conspiradores, conhece o nosso segredo, precisa guardá-lo.

Um silêncio cheio de significado seguiu-se a essas palavras e, como o general nada respondia: — Fechem as portas — disse o presidente aos porteiros.

O mesmo silêncio de morte sucedeu essas palavras.

Então o general avançou e, fazendo violento esforço sobre si mesmo: — Eu tenho um filho — disse ele — e, ao me ver entre assassinos, devo pensar nele.

— General — disse nobremente o chefe da assembleia —, um homem sozinho sempre tem o direito de insultar cinquenta homens: é o privilégio da fraqueza. Entretanto, é um erro recorrer a esse direito. Acredite em mim, general: jure e não nos insulte.

O general, mais uma vez dominado pela superioridade do chefe da assembleia, hesitou por um instante; enfim, avançando até a mesa do presidente: — Qual é a fórmula do juramento? — perguntou ele.

— Esta: “Juro pela minha honra nunca revelar a ninguém neste mundo o que vi e ouvi no dia 5 de fevereiro de 1815, entre nove e dez horas da noite, e declaro merecer a morte se violar o meu juramento.”

O general pareceu abalado por um tremor nervoso que o impediu de responder durante alguns segundos; enfim, superando uma repugnância manifesta, pronunciou o juramento exigido, mas em voz tão baixa que mal foi ouvido; assim, vários membros exigiram que ele o repetisse em voz mais alta e mais clara, o que foi feito.

— Agora desejo me retirar — disse o general. — Finalmente estou livre?

O presidente levantou-se, designou três membros da assembleia para acompanhá-lo e subiu à carruagem com o general, depois de vendar-lhe os olhos.

Entre esses três membros estava o cocheiro que os trouxera.

Os demais membros do clube separaram-se em silêncio.

— Para onde quer que o levemos? — perguntou o presidente.

— Para qualquer lugar onde eu possa ficar livre da sua presença — respondeu o senhor d'Épinay.

— Senhor — replicou então o presidente —, tome cuidado, já não estamos mais na assembleia, está lidando com homens isolados... Não os insulte, se não quiser ser responsabilizado por seu insulto.

Entretanto, em vez de compreender essa linguagem, o senhor d'Épinay respondeu: — O senhor continua a ser tão valente em sua carruagem quanto em seu clube, pela simples razão, cavalheiro, de que quatro homens sempre são mais fortes do que um só.

O presidente mandou parar a carruagem.

Estavam exatamente naquele lugar do cais dos Olmos onde fica a escada que desce até o rio Sena.

— Por que mandou parar aqui? — perguntou o senhor d'Épinay.

— Porque o senhor insultou um homem, cavalheiro — disse o presidente —, e este homem não quer dar nem mais um passo sem lhe pedir lealmente reparação.

— Mais uma maneira de assassinar — disse o general, dando de ombros.

— Cale a boca, cavalheiro — respondeu o presidente —, se não quiser que eu o veja como um desses homens a que se referia há pouco, ou seja, como um covarde que usa sua fraqueza como escudo. O senhor está sozinho, apenas um lhe responderá; tem uma espada no cinto, eu tenho uma nesta bengala; não tem

testemunha, um desses senhores será a sua testemunha. Agora, se quiser, pode tirar a sua venda.

O general arrancou instantaneamente o lenço que lhe vendava os olhos.

— Finalmente — disse ele —, vou saber com quem estou lidando.

Abriam a carruagem: os quatro homens desceram...

Franz interrompeu-se mais uma vez. Até mesmo enxugou um suor frio que lhe escorria da testa; havia algo de terrível em ver o filho trêmulo e pálido lendo em voz alta os detalhes até então ignorados da morte de seu pai.

Valentine juntava as mãos, como se estivesse rezando.

Noirtier olhava Villefort com uma expressão quase sublime de desprezo e orgulho.

Franz continuou:

Como dissemos, estávamos no dia 5 de fevereiro. Havia três dias geava a cinco ou seis graus; a escada estava toda coberta de gelo; o general era alto e gordo; o presidente ofereceu-lhe o lado do corrimão para descer.

As duas testemunhas seguiam atrás.

A noite estava escura; o terreno da escada ao rio estava úmido de neve e de geada; via-se a água correr, negra, profunda, carregando alguns blocos de gelo.

Uma das testemunhas foi buscar uma lanterna num barco a carvão e, à luz da lanterna, as armas foram examinadas.

A espada do presidente — que, como ele dissera, era simplesmente uma espada que ele levava na bengala — era cinco polegadas mais curta que a de seu adversário e não tinha copo de guarda.

O general d'Épinay propôs sortear as duas espadas: o presidente respondeu que fora ele quem desafiara e que ao desafiar afirmara que cada um usaria as próprias armas.

As testemunhas insistiram: o presidente impôs-lhes silêncio.

Pousaram a lanterna no chão: os dois adversários postaram-se cada um de seu lado; o combate começou.

A luz transformava as duas espadas em dois relâmpagos. Quanto aos homens, mal se viam, tão densa era a escuridão.

O senhor general era considerado uma das melhores lâminas do exército. Mas foi tão vivamente pressionado desde as primeiras estocadas que recuou; ao recuar, caiu.

As testemunhas julgaram-no morto; mas o seu adversário, que sabia não o ter tocado, ofereceu-lhe a mão para ajudá-lo a se levantar. Essa circunstância, em vez de acalmar, irritou o general, que por sua vez precipitou-se contra o adversário.

Mas o seu adversário não recuou um passo. Recebendo-o com a sua espada, por três vezes o general recuou, sendo muito acossado, e voltou à carga.

Na terceira vez, caiu novamente.

Julgaram que ele tinha escorregado, como da outra vez; entretanto, ao verem que ele não se levantava, as testemunhas aproximaram-se dele e tentaram colocá-lo de pé; mas o homem que o pegara pela cintura sentiu na mão um calor úmido.

Era sangue.

O general, que estava quase desmaiado, voltou a si.

— Ah!... — exclamou ele. — Mandaram-me algum espadachim, algum mestre de armas de regimento...

Sem responder, o presidente aproximou-se da testemunha que segurava a lamparina e, arregaçando a manga, mostrou o braço perfurado por duas estocadas; então, abrindo a casaca e desabotoando o colete, mostrou o peito rasgado por um terceiro ferimento.

Todavia, não dera um suspiro sequer.

O general d'Épinay entrou em agonia e expirou cinco minutos depois...

Franz leu essas últimas palavras em voz tão embargada que elas mal foram ouvidas — então interrompeu a leitura e passou a mão nos olhos, como a expulsar uma nuvem.

Todavia, depois de um minuto de silêncio, Franz continuou: O presidente voltou a subir a escada, depois de guardar a sua espada na bengala; um rastro de sangue marcava o seu caminho sobre a neve. Ainda não chegara ao alto da escada quando ouviu um estalo surdo na água: era o corpo do general, que as testemunhas acabavam de lançar ao rio, depois de constatarem a sua morte.

O general sucumbiu, portanto, em um duelo leal, não em uma emboscada, como poderiam dizer.

Dando fé, assinamos a presente para estabelecer a verdade dos fatos, receando que em dado momento algum dos atores desta cena terrível venha a ser acusado de assassinato com premeditação, ou de corrupção das leis da honra.

Assinado: BEAUREGARD, DUCHAMPY E LECHARPAL.

Quando Franz terminou essa leitura tão terrível para um filho; quando Valentine, pálida de emoção, enxugou uma lágrima; quando Villefort, trêmulo e encolhido em um canto, tentou serenar a tempestade com olhares suplicantes endereçados ao implacável ancião: — Meu senhor — disse d'Épinay a Noirtier —, já que conhece essa terrível história em seus mínimos detalhes, já que a fez atestar por assinaturas honradas, já que, afinal, parece interessar-se por mim, embora até agora o seu interesse só tenha se revelado pela dor, não me recuse uma última satisfação: diga-me o nome do presidente do clube, para que eu possa saber finalmente quem matou o meu pobre pai.

Parecendo alucinado, Villefort procurou a maçaneta da porta. Valentine, que fora a primeira a adivinhar a resposta do velho — e que muitas vezes tinha visto no antebraço do avô as cicatrizes de dois golpes de espada —, recuou um passo.

— Em nome do céu, senhorita! — exclamou Franz, contemplando a noiva. — Uni-vos a mim: preciso saber o nome desse homem que me fez órfão aos dois anos!

Valentine permaneceu imóvel e muda.

— Olhe, senhor — disse Villefort —, confie em mim: não prolongue esta cena terrível... Os nomes, aliás, foram escondidos de propósito. Nem mesmo o meu pai sabe quem era esse presidente e, mesmo se soubesse, não poderia revelá-lo: os nomes próprios não se encontram no dicionário.

— Oh, que desgraça! — exclamou Franz. — A única expectativa que me embalou durante toda essa leitura, e que me deu forças para ir até o fim, era ao menos saber o nome daquele que matou o meu pai! Senhor! Senhor! — exclamou ele, mirando Noirtier. — Em nome do céu! Faça um esforço... Por favor, eu lhe suplico, conte-me quem foi, dê-me a entender...

— Sim — respondeu Noirtier.

— Oh, senhorita, senhorita! — exclamou Franz. — O seu avô fez sinal de que podia me apontar... esse homem... Ajude-me... a senhorita o compreende... colabore.

Noirtier olhou o dicionário.

Franz pegou o dicionário com um tremor nervoso e pronunciou sucessivamente as letras do alfabeto até o E.

A esta letra, o ancião fez sinal de que sim.

— E? — repetiu Franz.

O dedo do jovem percorreu as palavras, mas a todas as palavras Noirtier respondia com um sinal negativo.

Valentine escondia a cabeça entre as mãos.

Afinal, Franz chegou à palavra EU.

— Sim! — fez o ancião.

— O senhor? — exclamou Franz, com os cabelos em pé. — O senhor, senhor Noirtier? Foi o senhor quem matou o meu pai?

— Sim — respondeu Noirtier, fixando no jovem um olhar majestoso.

Sem forças, Franz caiu em uma poltrona.

Villefort abriu a porta e fugiu, pois tinha vontade de asfixiar aquele resto de existência que ainda pulsava no coração do terrível ancião.

LXXVII. OS PROGRESSOS DE CAVALCANTI FILHO

Enquanto isso, o senhor Cavalcanti pai tinha partido para voltar ao serviço — não no exército de Sua Majestade o imperador da Áustria, mas na roleta das termas de Luca, onde ele era um dos mais assíduos cortesãos.

Não é preciso dizer que ele levara, com a mais escrupulosa exatidão, até o último cêntimo da quantia que lhe fora cedida para a viagem — e como recompensa pela maneira majestosa e solene com que desempenhara o papel de pai.

Com essa partida, o senhor Andrea herdara todos os documentos que provavam ter ele a honra de ser filho do marquês Bartolomeo e da marquesa Oliva Corsinari.

Portanto, ele já se encontrava mais ou menos ancorado nessa sociedade parisiense tão hospitaleira ao receber estrangeiros, tão pronta a tratá-los não pelo que são, mas pelo que pretendem ser.

Aliás, o que se pede a um jovem em Paris? Que fale um pouco de francês, que se vista convenientemente, que seja um bom jogador e pague em ouro.

Nem é preciso dizer que se é menos exigente com um estrangeiro do que com um parisiense.

Em uma quinzena, portanto, Andrea adquirira uma ótima posição; era chamado de “senhor conde”, diziam que tinha cinquenta mil libras de renda, falavam dos imensos tesouros do senhor seu pai — tesouros enterrados, diziam, nas pedreiras de Seravezza.

Ao ouvir mencionarem essa última circunstância como um fato, um sábio declarou ter visto as pedreiras em questão — o que

atribuiu grande peso às afirmações que até então flutuavam em estado duvidoso, e que então adquiriram a consistência da realidade.

Estávamos naquele círculo da sociedade parisiense onde já introduzimos os nossos leitores quando, certa noite, Monte-Cristo foi fazer uma visita ao senhor Danglars: o senhor Danglars saíra, mas propuseram ao conde introduzi-lo junto à baronesa — que se encontrava visível — e o conde aceitou.

Desde o jantar em Auteuil e dos acontecimentos decorrentes, nunca era sem uma espécie de tremor nervoso que a senhora Danglars ouvia pronunciarem o nome de Monte-Cristo. Se a presença do conde não seguia o som de seu nome, a sensação dolorosa tornava-se mais intensa; se, pelo contrário, o conde aparecia, a sua fisionomia franca, os seus olhos brilhantes, a sua amabilidade, até mesmo a sua galanteria junto à senhora Danglars logo expulsavam a última impressão de temor; parecia impossível à baronesa que um homem tão encantador na superfície pudesse esconder más intenções contra ela; aliás, os corações mais corrompidos só podem acreditar no mal quando o veem motivado por algum interesse: o mal inútil e sem motivo é visto como repugnante anomalia.

Quando Monte-Cristo entrou na alcova onde em certa oportunidade já introduzimos os nossos leitores, onde a baronesa seguia com olhar bastante inquieto os desenhos que sua filha lhe passava depois de admirá-los ao lado do senhor Cavalcanti filho, a sua presença provocou o efeito habitual: depois de perturbar-se um pouco ao ouvir o seu nome, foi sorrindo que a baronesa recebeu o conde.

Este, por sua vez, num só olhar abraçou toda a cena.

Ao lado da baronesa, quase deitada em um sofá para dois, Eugénie estava sentada e Cavalcanti, de pé.

O jovem Cavalcanti, vestido de negro como um herói de Goethe,²⁹ com sapatos de verniz e meias de seda brancas e bordadas, passava a sua mão muito branca, muito bem tratada, em seus cabelos loiros, entre os quais cintilava um diamante — apesar

dos conselhos de Monte-Cristo, o vaidoso jovem não pudera resistir ao desejo de enfiá-lo no dedo mínimo.

Esse movimento era acompanhado de olhares assassinos lançados à senhorita Danglars e de fatais suspiros enviados na mesma direção.

A senhorita Danglars era sempre a mesma — ou seja, bela, fria e irônica. Nenhum desses olhares, nenhum desses suspiros de Andrea lhe escapava; mas parecia que eram repelidos pela couraça de Minerva — couraça que alguns filósofos afirmam às vezes recobrir o peito de Safo.

Eugénie cumprimentou friamente o conde e aproveitou-se das primeiras formalidades da conversa para retirar-se a seu salão de estudos, de onde duas vozes a ecoar risonhas e estridentes, em harmonia com os primeiros acordes de um piano, logo informaram a Monte-Cristo que a senhorita Danglars acabara de preferir, à sua e à do senhor Cavalcanti, a companhia da senhorita Louise d'Armilly — sua professora de canto.

Foi principalmente nesse momento que, enquanto conversava com a senhora Danglars, parecendo absorvido pelo encanto da conversa, o conde reparou na solicitude do senhor Andrea Cavalcanti, na sua maneira de ir escutar a música à porta — que não se atrevia a atravessar — e de manifestar toda a sua admiração.

Logo chegou o banqueiro: o seu primeiro olhar foi para Monte-Cristo, é verdade — mas o segundo foi para Andrea.

Quanto à sua mulher, cumprimentou-o da maneira como certos maridos cumprimentam as suas esposas — de uma maneira que os solteiros só poderão imaginar quando for publicado um extenso tratado sobre a vida conjugal.³⁰

— As senhoritas não o convidaram a tocar com elas? — perguntou Danglars a Andrea.

— Ai, não, senhor... — respondeu Andrea dando um suspiro ainda mais intenso do que os outros.

Danglars logo avançou à porta entre os salões e abriu-a.

Viram-se então as duas jovens sentadas no mesmo banco, diante do mesmo piano: cada uma tocava com uma mão, exercício a que tinham se habituado por capricho, fantasia em que demonstravam um talento notável.

A senhorita d'Armilly — que nesse momento, graças à moldura da porta, vinha a ser, ao lado de Eugénie, um desses quadros vivos tão frequentes na Alemanha — era maravilhosamente bela, ou melhor, extraordinariamente gentil. Era uma pequena mulher frágil e loira como uma fada, com vasta cabeleira cacheada a cair sobre um pescoço um pouco comprido — como Peruggino costuma dar às suas virgens — e olhos enevoados pelo cansaço. Diziam que ela tinha o peito frágil — e que, como Antonia no *Violino de Cremona*, um dia morreria cantando.³¹

Monte-Cristo mergulhou naquele gineceu um olhar veloz e curioso: era a primeira vez que via a senhorita d'Armilly, de quem muitas vezes já ouvira falar naquela casa.

— E então?! — perguntou o banqueiro à filha. — E então, fomos excluídos?

Então ele conduziu o jovem ao pequeno salão e casualmente, ou de propósito, atrás de Andrea a porta se fechou de modo que, do lugar onde estavam sentados, Monte-Cristo e a baronesa já não conseguiam ver coisa alguma — mas, como o banqueiro saíra com Andrea, a senhora Danglars pareceu não notar coisa alguma.

Logo a seguir, o conde ouviu a voz de Andrea ressoar aos acordes do piano, a acompanhar uma canção corsa.

Enquanto o conde escutava sorrindo essa canção, que o fazia esquecer Andrea para lembrar Benedito, a senhora Danglars vangloriava a Monte-Cristo a imensa potência da alma do marido, que naquela mesma manhã, em uma falência milanesa, perdera trezentos ou quatrocentos mil francos.

E, com efeito, o elogio era merecido: se o conde não o tivesse sabido pela baronesa — ou talvez até mesmo por um dos meios que tinha de tudo saber —, a fisionomia do barão não lhe diria uma palavra a respeito.

— Bom! — pensou Monte-Cristo. — Ele já anda escondendo o que perde... Há um mês ele andava se vangloriando.

Então, em voz alta:

— Oh, senhora — exclamou o conde —, o senhor Danglars conhece tão bem a Bolsa que logo vai recuperar aqui o que vier a perder ali...

— Vejo que o senhor também incorre no erro geral — disse a senhora Danglars.

— E que erro seria esse? — perguntou Monte-Cristo.

— Supor que o senhor Danglars joga, enquanto, aliás, muito pelo contrário, ele nunca joga.

— Ah, sim, é verdade, senhora: lembro que o senhor Debray me disse que... A propósito: que fim levou o senhor Debray? Há três ou quatro dias não o vejo...

— Eu também não... — disse a senhora Danglars com um tato admirável. — Mas o senhor começou uma frase que ficou inacabada...

— Que frase?

— O senhor Debray lhe disse que...

— Ah, é verdade! O senhor Debray me disse que, na verdade, era a senhora que se entregava ao demônio do jogo.

— Tive essa tendência durante algum tempo, confesso — disse a senhora Danglars —, mas agora já não a tenho mais.

— E faz mal, senhora... Ah, meu Deus, as oportunidades de fortuna são precárias, e se eu fosse mulher, se o acaso fizesse dessa mulher a esposa de um banqueiro, por mais que eu confiasse na sorte de meu marido... pois, como sabe, na especulação, tudo é sorte ou azar... bem, como eu dizia, por mais que eu confiasse na sorte de meu marido, primeiro garantiria para mim uma fortuna pessoal independente, mesmo se tivesse de fazer fortuna colocando os meus interesses em mãos desconhecidas por meu marido.

A senhora Danglars enrubesceu sem querer.

— Olhe — continuou Monte-Cristo, como se nada tivesse percebido —, estão falando de um belo golpe que deram ontem nos títulos de Nápoles.

— Não tenho esses títulos — disse vivamente a baronesa —, nunca os tive... Mas, na verdade, chega de falar em Bolsa, senhor conde: estamos parecendo dois corretores... Falemos um pouco desses pobres Villefort, neste momento tão atormentados pela fatalidade.

— Mas o que foi que lhes aconteceu? — perguntou Monte-Cristo, com perfeita ingenuidade.

— O senhor deve ter ouvido... Depois de perderem o senhor de Saint-Méran três ou quatro dias depois de sua partida para Paris, acabam de perder a marquesa três ou quatro dias depois de sua chegada a Paris.

— Ah, é verdade — exclamou Monte-Cristo —, ouvi falar... Mas, como diz Claudius a Hamlet, esta é uma lei da natureza: os seus pais morreram antes deles e eles os choraram; eles morrerão antes de seus filhos e seus filhos os chorarão.³²

— Mas isso não é tudo...

— Como assim, não é tudo?!

— Não... Sabia que eles iam casar a filha...

— Com o senhor Franz d'Épinay... O casamento foi desfeito?

— Ontem de manhã, ao que parece, Franz desfez o compromisso.

— Ah, é verdade? E sabem-se as causas desse rompimento?

— Não.

— O que a senhora está dizendo, meu Deus! E o senhor de Villefort, como encara tanta desgraça?

— Como sempre: como filósofo.

Nesse momento, Danglars voltou sozinho.

— E então? — exclamou a baronesa. — Você deixou o senhor Cavalcanti com a sua filha?

— E com a senhorita d'Armilly — respondeu o banqueiro —, por quem a toma?

Então, voltando-se para Monte-Cristo: — Mas o príncipe Cavalcanti é um jovem encantador, não é mesmo, senhor conde? Mas ele é príncipe mesmo?

— Eu não garanto — disse Monte-Cristo. — Apresentaram-me o seu pai como marquês, ele seria conde... Mas acredito que ele mesmo não tem grandes pretensões a esse título.

— Por que não? — perguntou o banqueiro. — Se ele é príncipe, está errado em não se vangloriar. A cada um o seu direito. Não gosto que reneguem a sua origem.

— Oh, o senhor é um autêntico democrata — exclamou Monte-Cristo, sorrindo.

— Mas veja ao que você está se expondo — disse a baronesa a Danglars. — Se por acaso o senhor de Morcerf chegasse, encontraria o senhor Cavalcanti numa peça em que ele, noivo de Eugénie, nunca foi autorizado a entrar.

— Você fez bem em dizer “por acaso” — respondeu o banqueiro —, pois realmente podemos dizer que ele aparece tão raramente que só o acaso poderia trazê-lo.

— Enfim, se ele viesse e encontrasse esse jovem ao lado da sua filha, poderia ficar aborrecido.

— Ele? Oh, meu Deus! Você está enganada. O senhor Albert não nos dá a honra de ter ciúmes da noiva: não a ama o bastante para tanto. Aliás, que me importa ele ficar aborrecido ou não!

— Entretanto, no ponto a que chegamos...

— Sim, no ponto a que chegamos... Quer saber a que ponto nós chegamos? No baile da mãe, ele só dançou uma vez com a minha filha, enquanto o senhor Cavalcanti dançou três vezes com ela, e ele nem reparou...

— O senhor visconde Albert de Morcerf! — anunciou o camareiro.

A baronesa levantou-se depressa. Dirigia-se à sala de estudos para avisar a filha quando Danglars a deteve pelo braço.

— Deixe — disse ele.

Ela olhou-o, perplexa.

Monte-Cristo fingiu não ter visto esse jogo de cena.

Albert entrou; estava muito elegante e muito alegre. Cumprimentou a baronesa com desembaraço, Danglars com familiaridade, Monte-Cristo com afeto. Então, voltando-se para a

baronesa: — Queira permitir-me, minha senhora — disselhe ele —, perguntar-lhe como vai a senhorita Danglars...

— Vai muito bem, meu senhor — respondeu vivamente Danglars. — Neste momento ela está tocando música com o senhor Cavalcanti em seu pequeno salão.

Albert manteve o seu ar calmo e indiferente; talvez experimentasse algum despeito íntimo, mas sentia o olhar de Monte-Cristo fixo nele.

— O senhor Cavalcanti tem uma belíssima voz de tenor — disse Albert — e a senhorita Eugénie é um magnífico soprano, sem contar que ela toca piano como Thalberg. Deve ser um concerto encantador.

— Fato é que eles combinam à maravilha — disse Danglars.

Albert pareceu não notar a ambiguidade — tão grosseira, entretanto, que a senhora Danglars enrubesceu.

— Eu também sou músico, ao menos segundo os meus professores — continuou o jovem. — Bem, coisa estranha: até agora nunca consegui combinar a minha voz com nenhuma outra voz, e com as vozes de soprano ainda menos do que com as outras.

Danglars esboçou um pequeno sorriso que significava: — Mas então fique aborrecido! — E, certamente esperando chegar ao objetivo desejado, disse: — Então, ontem o príncipe e a minha filha conquistaram a admiração geral. Não esteve aqui ontem, senhor de Morcerf?...

— Que príncipe? — perguntou Albert.

— O príncipe Cavalcanti — respondeu Danglars, insistindo em dar esse título ao jovem.

— Ah, perdão — disse Albert —, eu não sabia que ele era príncipe. Ah, ontem o príncipe Cavalcanti cantou com a senhorita Eugénie? Na verdade, deve ter sido maravilhoso, lamento profundamente não ter ouvido... Mas não pude aceitar seu convite: fui obrigado a acompanhar a senhora de Morcerf à casa da baronesa de Château-Renaud mãe, onde cantavam os alemães.

Então, depois de um silêncio, com perfeita naturalidade: — Ser-me-á permitido — repetiu Morcerf — apresentar as minhas homenagens à senhorita Danglars?

— Oh, espere, espere, eu lhe suplico — exclamou o banqueiro, detendo o jovem. — Está ouvindo esta deliciosa cavatina, ta, ta, ta, ti, ta, ti, ta, ta... É maravilhoso, já vai acabar... Um segundo... Perfeito! Bravo! Bravi, brava!

E o banqueiro começou a aplaudir freneticamente.

— Realmente — disse Albert —, é maravilhoso, impossível compreender a música de seu país melhor do que o príncipe Cavalcanti. O senhor disse “príncipe”, não é? Aliás, se não for príncipe, o farão príncipe, é fácil na Itália. Mas, voltando a nossos adoráveis cantores, deveria nos dar um prazer, senhor Danglars: sem avisá-la de que chegou um estranho, deveria pedir à senhorita Danglars e ao senhor Cavalcanti que começassem outra canção. É uma coisa tão deliciosa gozar a música um tanto distante, na penumbra, sem ser visto, sem ver e, portanto, sem incomodar o músico, que assim pode entregar-se a todo o instinto de seu talento ou a todo o impulso de seu coração.

Desta vez, Danglars ficou desconcertado com a fleuma do jovem.

Chamou Monte-Cristo à parte.

— Então — perguntou-lhe Danglars —, que me diz de nosso apaixonado?

— Nossa! Ele me parece frio, isso é incontestável... Mas o que esperava? O senhor se comprometeu!

— Certamente, eu me comprometi, mas a dar a minha filha a um homem que a ama, não a um homem que não a ama. Veja esse homem: frio como mármore, orgulhoso como o pai dele... Se ainda fosse rico, se tivesse a fortuna dos Cavalcanti, passaríamos por cima... Nossa, não consulte a minha filha... Mas se ela tivesse bom gosto...

— Oh — disse Monte-Cristo —, não sei se é minha amizade a ele que me cega, mas garanto: o senhor de Morcerf é um jovem encantador que fará a sua filha feliz e, cedo ou tarde, virá a ser alguém... Pois afinal a posição do pai dele é excelente.

— Hum! — fez Danglars.

— Por que essa dúvida?

— Sempre há o passado... Esse passado obscuro.

— Mas o passado do pai não tem nada a ver com o filho.

— Claro que tem! Claro que tem!

— Vamos, não perca a cabeça... Há um mês, o senhor achava excelente esse casamento... Compreende, eu fico desconcertado: foi em minha casa que o senhor conheceu esse jovem Cavalcanti, que eu não conheço, repito.

— Eu o conheço — disse Danglars —, isso basta.

— O senhor o conhece? Então recebeu informações sobre ele?
— perguntou Monte-Cristo.

— E seria preciso? À primeira vista, já não sabemos com quem estamos lidando? Para começar, ele é rico.

— Eu não garanto.

— Entretanto, é seu fiador.

— Em cinquenta mil libras, uma miséria.

— Ele é muito bem-educado.

— Hum! — fez Monte-Cristo, por sua vez.

— Ele é músico.

— Todos os italianos são músicos.

— Olhe, conde: o senhor não está sendo justo com esse jovem.

— Bem, sim, confesso: lamento que, sabendo de seu compromisso com os Morcerf, ele venha se intrometer e abusar de sua fortuna.

Danglars começou a rir.

— Oh, como o senhor é puritano! — exclamou ele. — Mas em sociedade isso acontece todos os dias.

— Entretanto, não pode romper assim, meu caro senhor Danglars... Os Morcerf contam com esse casamento.

— Contam?

— Com certeza.

— Então, que se expliquem. O senhor deveria mencionar esse assunto a Morcerf pai, meu caro conde, o senhor que é tão bem recebido na casa...

— Eu? De onde diabo tirou isso?

— Ora, do baile que eles deram, parece-me... Como! A condessa, a orgulhosa Mercedes, a desdenhosa catalã, que mal se digna a abrir a boca com os seus velhos conhecidos, tomou-o pelo

braço, saiu com o senhor pelo jardim, desapareceu em pequenos atalhos e só reapareceu meia hora depois...

— Ah, barão, barão — disse Albert —, o senhor não está nos deixando escutar: para um melômano como o senhor, que barbaridade!

— Está bem, está bem, senhor brincalhão — respondeu Danglars.

A seguir, voltando-se para Monte-Cristo: — Encarrega-se de dizer isso a Morcerf pai?

— Com prazer, se assim desejar.

— Mas que dessa vez isso seja feito de maneira explícita e definitiva... Principalmente que ele me peça a minha filha, marque uma data, declare as suas condições financeiras... Enfim, que nos entendamos ou briguemos... Mas, compreende, não mais adiamentos.

— Bem, vou falar com ele.

— Não lhe direi que espero com prazer, mas enfim espero... Como sabe, um banqueiro deve ser escravo de sua palavra.

E Danglars deu um daqueles suspiros que meia hora antes eram dados por Cavalcanti filho.

— Bravi! Bravo! Brava! — exclamou Morcerf, parodiando o banqueiro e aplaudindo o fim da canção.

Danglars já começava a olhar Albert de lado quando vieram lhe dizer duas palavras ao ouvido.

— Já volto — disse o banqueiro a Monte-Cristo. — Espere por mim: talvez eu tenha alguma coisa a lhe dizer daqui a pouquinho.

E saiu.

A baronesa aproveitou a ausência do marido para empurrar a porta do salão de estudos da filha: viu-se o senhor Andrea, que estava sentado ao piano com a senhorita Eugénie, erguer-se como uma mola.

Albert cumprimentou sorrindo a senhorita Danglars, que, sem parecer de forma alguma perturbada, devolveu-lhe um cumprimento frio como sempre.

Cavalcanti parecia evidentemente embaraçado; cumprimentou Morcerf, que lhe devolveu o cumprimento com o ar mais

impertinente do mundo.

Então Albert começou a desmanchar-se em elogios à voz da senhorita Danglars e, em vista do que acabara de ouvir, a exprimir todo o arrependimento que sentia por ter perdido o sarau da véspera.

Abandonado a si mesmo, Cavalcanti chamou Monte-Cristo à parte.

— Vamos — disse a senhora Danglars —, chega de música e de elogios dessa espécie: venham tomar chá.

— Venha, Louise — disse a senhorita Danglars à sua amiga.

Passaram ao salão vizinho, onde realmente o chá já estava pronto.

No momento em que começavam a deixar as colheres nas xícaras — à maneira inglesa —, a porta se abriu e Danglars reapareceu visivelmente agitado.

Monte-Cristo, principalmente, percebeu aquela agitação e interrogou o banqueiro com o olhar.

— Bem — exclamou Danglars —, acabo de receber a minha correspondência da Grécia.

— Ah, ah! — fez o conde. — Foi por isso que o chamaram?

— Sim.

— Como vai o rei Oto? — perguntou Albert em tom de pura zombaria.

Danglars olhou-o de lado, sem responder, e Monte-Cristo virou-se para esconder a expressão de pena que acabava de transparecer em seu rosto, mas que logo se desfez.

— Vamos embora juntos, não é? — perguntou Albert ao conde.

— Sim, se quiser — respondeu o conde.

Albert não compreendera o olhar do banqueiro; então, voltando-se para Monte-Cristo, que compreendera o olhar perfeitamente: — Viu como ele me olhou? — perguntou Albert.

— Sim — respondeu o conde —, mas você viu algo de especial em seu olhar?

— Acho que sim... Mas o que ele quer dizer com notícias da Grécia?

— Como vou saber?

— Ao que presumo, o senhor tem informantes naquele país!
Monte-Cristo sorriu como se sorri quando se quer fugir da pergunta.

— Olhe — disse Albert —, ele está se aproximando do senhor... Vou parabenizar a senhorita Danglars pelo seu camafeu... Enquanto isso, o pai dela terá tempo de lhe falar.

— Se vai parabenizá-la, ao menos a parabenize por sua voz — disse Monte-Cristo.

— Não, é o que todos fariam.

— Meu caro visconde — disse Monte-Cristo —, você tem a soberba da impertinência.

Albert aproximou-se de Eugénie com um sorriso nos lábios.

Enquanto isso, Danglars inclinara-se ao ouvido do conde.

— Deu-me um excelente conselho — disse Danglars —, há toda uma terrível história nessas duas palavras: Fernand e Janina.

— Ah, bah! — fez Monte-Cristo.

— Sim, vou lhe contar... Mas leve embora o rapaz: eu me sentiria muito embaraçado na sua presença.

— É o que vou fazer: ele vai me acompanhar... Ainda quer que lhe mande o pai dele?

— Mais do que nunca.

— Está bem.

O conde fez um gesto a Albert.

Ambos se despediram das damas e saíram: Albert, com um ar perfeitamente indiferente ao desprezo da senhorita Danglars; Monte-Cristo, reiterando à senhora Danglars os conselhos a respeito da prudência que deve ter a esposa de um banqueiro para assegurar o seu próprio futuro.

O senhor Cavalcanti tornou-se o senhor do campo de batalha.

LXXVIII. HAYDÉE

Assim que os cavalos do conde viraram a esquina da avenida, Albert virou-se para o conde rindo de maneira ruidosa demais para não ser um tanto forçada.

— Muito bem — disse Albert —, eu lhe pergunto, como o rei Carlos X perguntava a Catarina de Médicis, depois da noite de São Bartolomeu:³³ como acha que me saí desempenhando o meu pequeno papel?

— A propósito de quê? — perguntou Monte-Cristo.

— Ora, a propósito da instalação do meu rival na casa do senhor Danglars...

— Que rival?

— Por Deus! Que rival? O seu protegido: o senhor Andrea Cavalcanti!

— Oh, nada de brincadeiras de mau gosto, visconde... De maneira alguma eu protejo o senhor Andrea, muito menos junto ao senhor Danglars.

— É a censura que lhe faria, se o jovem precisasse de proteção. Mas, felizmente para mim, ele pode passar sem ela.

— Como! Acha que ele a está cortejando?

— Uma coisa eu lhe garanto: ele revira olhos de pretendente e modula sons de apaixonado; ele aspira à mão da altiva Eugénie. Olhe, acabo de fazer um verso! Palavra de honra, não foi de propósito. Não importa, digo e repito: ele aspira à mão da altiva Eugénie.

— Que importa, se só pensam em você?

— Não diga isso, meu caro conde: maltratam-me dos dois lados.

— Como, dos dois lados?

— Com certeza: a senhorita Eugénie mal me respondeu, enquanto a senhorita d'Armilly, sua confidente, nada me respondeu.

— Sim, mas o pai dela o adora — respondeu Monte-Cristo.

— O pai dela? Muito pelo contrário: ele me cravou mil punhais no coração; punhais mágicos, é verdade, punhais de tragédia, mas que ele imaginava perfeitamente reais.

— Ciúme indica afeto.

— Sim, mas eu não estou com ciúme.

— Ele está.

— De quem? De Debray?

— Não, de você.

— De mim? Aposto que em uma semana ele me bate a porta na cara.

— Está enganado, meu caro visconde.

— Tem prova?

— Quer prova?

— Quero.

— Fui encarregado de solicitar ao senhor conde de Morcerf que fizesse um pedido definitivo ao barão.

— Encarregado por quem?

— Pelo próprio barão Danglars.

— Oh — exclamou Albert com toda a graça de que era capaz —, o senhor não vai fazer isso, não é verdade, meu caro conde?

— Você está enganado, Albert: vou fazer, já que prometi.

— Vamos — disse Albert com um suspiro —, parece que você faz absoluta questão de me casar.

— Faço questão de estar bem com todo o mundo; mas, por falar em Debray, não o vi mais na casa da baronesa.

— Houve uma briga.

— Com a senhora?

— Não, com o senhor.

— Então o marido descobriu alguma coisa?

— Ah, boa piada!

— Você acha que ele desconfiava? — fez Monte-Cristo com encantadora ingenuidade.

— Ah, nossa, mas de onde é que o senhor veio, meu caro conde?

— Do Congo, se quiser.

— Ainda não é longe o suficiente.

— Acaso conheço os maridos parisienses?

— Ah, meu caro conde, os maridos são iguais em toda parte; a partir do momento em que você estuda o indivíduo em determinado país, conhece a raça.

— Mas então por que motivo Danglars e Debray brigaram? Eles pareciam se entender tão bem... — disse Monte-Cristo, em novo assomo de ingenuidade.

— Ah, mas claro! Aqui entramos nos mistérios de Ísis, e eu não sou iniciado... Quando o senhor Cavalcanti filho for da família, pergunte-lhe isso.

A carruagem parou.

— Já chegamos — disse Monte-Cristo. — São só dez e meia, vamos subir?

— Com prazer.

— A minha carruagem o levará.

— Não, obrigado: o meu cupê deve ter nos seguido.

— Realmente, aí vem ele — disse Monte-Cristo, pulando ao chão.

Ambos entraram na casa; o salão estava iluminado: foram para lá.

— Faça-nos chá, Baptistin — disse Monte-Cristo.

Baptistin saiu sem dizer palavra. Dois segundos depois, reapareceu com uma bandeja cheia que, como os alimentos das peças feéricas, parecia brotar do chão.

— Realmente — disse Morcerf —, o que admiro no senhor, meu caro conde, não é a sua riqueza: talvez haja pessoas mais ricas do que o senhor; não é o seu espírito: Beaumarchais não tinha mais, mas tinha tanto espírito quanto o senhor; é a sua maneira de ser servido, sem que lhe digam uma palavra, no mesmo minuto, no mesmo segundo, como se adivinhassem o que deseja pela sua maneira de tocar a campainha, como se tudo o que deseja estivesse sempre pronto.

— O que você diz é um pouco verdade. Conhecem os meus hábitos. Por exemplo, você vai ver: não deseja fazer alguma coisa enquanto toma o seu chá?

— Claro: desejo fumar.

Monte-Cristo aproximou-se da campainha e tocou uma vez.

Um segundo depois, uma porta particular se abriu e Ali apareceu com dois chibouques já cheios de excelente fumo.

— É maravilhoso — disse Morcerf.

— Não, é muito simples — replicou Monte-Cristo. — Ali sabe que, ao tomar chá ou café, costumo fumar: sabe que pedi chá, sabe que cheguei com você, ouve-me chamá-lo, supõe o motivo e, como

ele é de um país onde a hospitalidade é praticada principalmente com o cachimbo, em vez de um só ele traz dois.

— Naturalmente, essa é uma explicação como outra qualquer; mas não deixa de ser verdade que só o senhor... Oh, mas o que é que estou ouvindo?

E Morcerf inclinou-se à porta, por onde realmente entravam sons correspondentes aos de um violão.

— Palavra, meu caro visconde: esta noite a sua sina é a música... Escapou do piano da senhorita Danglars para cair na viola de Haydée.

— Haydée?! Mas que nome adorável! Então há mulheres que realmente se chamam Haydée em algum lugar além dos poemas de lorde Byron?

— Claro... Haydée é um nome muito raro na França, mas bastante comum na Albânia e no Epiro; é como se você dissesse, por exemplo, castidade, pudor, inocência... É uma espécie de nome de batismo, como dizem os seus parisienses.

— Oh, mas que encanto! — exclamou Albert. — Como eu adoraria ver as nossas francesas se chamarem senhorita Bondade, senhorita Silêncio, senhorita Caridade Cristã! Já imaginou se a senhorita Danglars, em vez de chamar-se Claire-Marie-Eugénie, como se chama, se chamasse senhorita Castidade-Pudor-Inocência Danglars? Caramba: que efeito isso não faria numa publicação de proclamas!

— Louco! — exclamou o conde. — Não brinque em voz tão alta: Haydée poderia ouvi-lo.

— E ela se zangaria?

— Não — respondeu o conde com o seu ar altivo.

— Ela é boa gente? — perguntou Albert.

— Não se trata de bondade, mas de dever: uma escrava não se zanga com o seu amo.

— Ora, vamos! O senhor também não brinque... Acaso ainda existem escravos?

— Mas claro que sim: Haydée é minha escrava.

— Mas realmente o senhor não faz nada igual e não tem nada igual aos outros... Escrava do senhor conde de Monte-Cristo! É uma

alta posição na França. Da maneira como o senhor nada em dinheiro, é um lugar que deve valer cem mil escudos por ano.

— Cem mil escudos! A pobre criança tinha muito mais que isso: ela veio ao mundo deitada em tesouros perto dos quais os tesouros das *Mil e uma noites* são muito pouca coisa.

— Então ela é realmente uma princesa?

— Você o disse, e ela é até mesmo uma das maiores princesas de sua terra.

— Eu já tinha imaginado. Mas como uma grande princesa se tornou escrava?

— Como Dionísio, o Tirano, se tornou professor primário? Pelo acaso da guerra, meu caro visconde, pelo capricho da sorte.

— E o nome dela é segredo?

— Para todo o mundo, sim... Mas não para você, meu caro visconde, que é amigo meu e vai se calar, não é verdade? Não me promete se calar?

— Oh, palavra de honra!

— Conhece a história do paxá de Janina?

— De Ali-Tebelin? Claro: foi a serviço dele que o meu pai fez fortuna.

— É verdade, eu tinha me esquecido.

— Bem, o que Haydée é de Ali-Tebelin?

— Sua filha, muito simplesmente.

— Como, filha de Ali Paxá?

— E da bela Vasiliki.

— E ela é sua escrava?

— Oh, meu Deus, sim.

— Como assim?

— Ora, um dia, quando eu estava passando pelo mercado de Constantinopla, eu a comprei.

— Esplêndido! Com o senhor, meu caro conde, não se vive: sonha-se. Agora, escute bem: é muito indiscreto o que vou lhe pedir.

— Pode falar.

— Mas, como sai com ela, como a leva ao Ópera...

— E então?

— Posso me arriscar a lhe pedir isto?

— Pode se arriscar a me pedir qualquer coisa.
— Bem, meu caro conde, então me apresente a sua princesa.
— Com prazer... Mas com duas condições.
— Aceito-as desde já.
— A primeira é nunca revelar a ninguém essa apresentação.
— Muito bem! (Morcerf estendeu a mão.) Juro.
— A segunda é não lhe contar que seu pai serviu ao pai dela.
— Juro também.
— Maravilha, visconde... Não vai se esquecer desses dois juramentos, não é?

— Oh! — fez Albert.

— Muito bem. Sei que é um homem honrado.

O conde tocou novamente a campainha; Ali retornou.

— Avise Haydée que vou tomar o café com ela... — disselhe o conde. — E faça-a entender que lhe peço permissão para apresentar-lhe um amigo meu.

Ali se inclinou e saiu.

— Então, estamos combinados, meu caro visconde: nada de perguntas diretas. Se quiser saber alguma coisa, pergunte a mim e eu perguntarei a ela.

— Está combinado.

Ali reapareceu pela terceira vez e manteve o reposteiro erguido, para mostrar ao amo e a Albert que já podiam passar.

— Entremos — disse Monte-Cristo.

Albert passou a mão pelos cabelos e cofiou o bigode; o conde pegou o chapéu, colocou as luvas e precedeu Albert nos aposentos que Ali guardava como sentinela avançada e que defendiam, como um posto, as três camareiras francesas comandadas por Myrtho.

Haydée esperava na primeira peça, que era o salão, com olhos arregalados pela surpresa: era a primeira vez que um homem além de Monte-Cristo penetrava até ela; estava sentada em um sofá, em um canto, com as pernas cruzadas sob o corpo, e fizera, por assim dizer, um ninho nos estofos de seda listrados e bordados, os mais ricos do Oriente. Ao lado dela estava o instrumento cujos sons a haviam denunciado; ela estava encantadora assim.

Ao ver Monte-Cristo, ela soergueu-se com aquele duplo sorriso de filha e amante que só a ela pertencia; Monte-Cristo aproximou-se dela e estendeu-lhe a mão, na qual, como de hábito, a jovem pousou os lábios.

Albert ficara à porta, sob o império daquela estranha beleza que via pela primeira vez — beleza inimaginável na França.

— Quem me trouxe? — perguntou em romaico a jovem a Monte-Cristo. — Um irmão, um amigo, um simples conhecido ou um inimigo?

— Um amigo — disse Monte-Cristo na mesma língua.

— Seu nome?

— Conde Albert... É o mesmo que liberei das mãos dos bandidos em Roma.

— Em que língua quer que eu lhe fale?

Monte-Cristo voltou-se a Albert: — Sabe o grego moderno? — perguntou o conde ao jovem.

— Ai — exclamou Albert —, nem mesmo o grego antigo, meu caro conde... Homero e Platão nunca tiveram aluno tão medíocre, e até me atreveria a dizer tão negligente.

— Então — disse Haydée, provando com suas palavras que havia entendido a pergunta de Monte-Cristo e a resposta de Albert —, vou falar em francês ou em italiano, se porventura o meu amo quiser que eu fale...

Monte-Cristo refletiu por um instante: — Falará em italiano — disse ele.

A seguir, voltou-se a Albert: — Pena que não entenda o grego moderno ou o grego antigo: Haydée fala ambos admiravelmente... A pobre criança vai ser obrigada a lhe falar em italiano, o que talvez lhe dê uma falsa ideia dela.

Ele fez um sinal a Haydée.

— Seja bem-vindo, amigo que veio com meu amo e senhor — disse a jovem em excelente toscano, com aquele doce sotaque romano que torna a língua de Dante tão sonora quanto a língua de Homero. — Ali! Café e cachimbos.

E Haydée fez com a mão sinal para Albert aproximar-se, enquanto Ali se retirava para executar as ordens de sua jovem ama.

Monte-Cristo mostrou a Albert dois bancos dobráveis e cada um foi pegar o seu para aproximá-lo de uma mesinha cujo centro era ocupado por um narguilé — a mesa estava cheia de flores naturais, desenhos e álbuns de música.

Ali voltou, trazendo o café e os chibiques; quanto ao senhor Baptistin, aquela parte do apartamento lhe era proibida.

Albert recusou o cachimbo oferecido pelo núbio.

— Oh, aceite, aceite! — exclamou Monte-Cristo. — Haydée é quase tão civilizada quanto uma parisiense: acha o charuto Havana desagradável, pois não gosta de mau cheiro; mas, como sabe, o tabaco do Oriente é um perfume.

Ali saiu.

As xícaras de café estavam servidas; para Albert, acrescentara-se um açucareiro. Monte-Cristo e Haydée tomavam a bebida árabe à maneira dos árabes — isto é, sem açúcar.

Haydée estendeu a mão e pegou com a ponta de seus dedinhos rosa e finos a xícara de porcelana japonesa, levando-a aos lábios com o ingênuo prazer de uma criança a beber ou comer algo que adora.

Ao mesmo tempo, entraram duas mulheres trazendo mais duas bandejas cheias de gelados e sorvetes, que colocaram em duas mesinhas destinadas a esse uso.

— Meu caro anfitrião, e você, *signora* — disse Albert em italiano —, desculpem o meu assombro... Estou completamente aturdido, o que é muito natural; de repente me encontro no Oriente, no verdadeiro Oriente, não infelizmente como o vi, mas como o sonhei, no coração de Paris; agora mesmo eu ouvia passar os ônibus e tilintar as campainhas dos vendedores de limonada. Oh, *signora*, pena eu não falar grego: as suas palavras, aliadas a esse ambiente mágico, me levariam a uma noite que eu jamais esqueceria.

— Falo bastante bem o italiano para falar com o senhor — disse tranquilamente Haydée. — E, se ama o Oriente, farei tudo para que aqui o reencontre.

— Do que devo falar? — perguntou baixinho Albert a Monte-Cristo.

— De tudo o que quiser: de seu país, de sua juventude, de suas lembranças... Depois, se preferir, de Roma, de Nápoles ou de Florença.

— Oh! — exclamou Albert. — Não valeria a pena estar diante de uma grega para lhe falar de tudo o que falaríamos a uma parisiense... Deixe-me falar do Oriente.

— Faça-o, meu caro Albert: esse é o assunto que mais a agrada. Albert voltou-se para Haydée.

— Com que idade a *signora* deixou a Grécia? — perguntou ele.

— Aos cinco anos — respondeu Haydée.

— E ainda se lembra de sua pátria? — perguntou Albert.

— Quando fecho os olhos, revejo tudo o que vi. Há dois olhares: o olhar do corpo e o olhar da alma. O olhar do corpo às vezes pode esquecer, mas o olhar da alma sempre se lembra.

— E qual é a época mais remota de que consegue se lembrar?

— Eu mal sabia andar... A minha mãe, que se chamava Vasiliki... (Vasiliki quer dizer *real*... — acrescentou a jovem erguendo a cabeça), — a minha mãe me pegava pela mão, e, ambas cobertas por um véu, depois de botar no fundo da bolsa todo o ouro que nós tínhamos, nós íamos pedir esmola para os prisioneiros, dizendo: “Quem dá aos pobres empresta a Deus”.³⁴ Depois, quando a nossa bolsa ficava cheia, nós voltávamos ao palácio e, sem nada dizer a meu pai, mandávamos todo aquele dinheiro que tinham nos dado, tomando-nos por mulheres pobres, ao abade superior do convento, que o repartia entre os prisioneiros.

— E nessa época que idade você tinha?

— Três anos — respondeu Haydée.

— Então se lembra de tudo o que se passou a seu redor desde quando tinha três anos?

— De tudo.

— Conde — disse baixinho Morcerf a Monte-Cristo —, o senhor devia deixar a *signora* nos contar um pouco da sua história. O senhor me proibiu de lhe falar do meu pai, mas talvez ela venha a falar dele, e não tem noção de como eu ficaria feliz ao ouvir seu nome sair de uma boca assim tão bela.

Monte-Cristo voltou-se para Haydée e, com um sinal de sobrelance a indicar-lhe que deveria prestar muita atenção na recomendação que lhe faria, disselhe em grego: — Πατροζΰμεν ατην, μηδε ονομα προδοτου χαι προδοσιαν, ειπε ημιν.³⁵

Haydée deu um longo suspiro e uma nuvem escura passou por sua frente tão pura.

— O que disse a ela? — perguntou Morcerf em voz baixa.

— Eu lhe repeti que você é um amigo e ela não precisa lhe esconder nada.

— Então — disse Albert —, essa piedosa peregrinação pelos prisioneiros é a sua primeira recordação... Qual é a outra?

— A outra? Vejo-me à sombra dos sicômoros, perto de um lago: ainda vejo, através da folhagem, o seu espelho trêmulo... Contra o tronco mais velho e mais frondoso, o meu pai estava sentado em almofadas, e eu, frágil criança, enquanto a minha mãe estava deitada a seus pés, brincava com a sua barba branca, que descia até o peito, e com o alfanje com cabo de diamante preso em sua cintura; então, de vez em quando, vinha até ele um albanês e lhe dizia algumas palavras nas quais eu não prestava atenção... Ele respondia no mesmo tom de voz: “mate!” ou “perdoe!”.

— É estranho — disse Albert — ouvirmos tais coisas saírem da boca de uma jovem sem estarmos no teatro e pensarmos: isso não é ficção. E— perguntou Albert — com esse horizonte tão poético, com esse passado maravilhoso, o que acha da França?

— Acho que é um belo país — disse Haydée —, mas vejo a França como ela é, pois a vejo com olhos de mulher, enquanto me parece, ao contrário, que meu país, que só vi com meus olhos de criança, está sempre envolto em uma névoa luminosa ou sombria, conforme os meus olhos o tornam uma doce pátria ou um lugar de amargos sofrimentos.

— Tão jovem, *signora* — disse Albert, cedendo involuntariamente ao poder da banalidade —, como pode ter sofrido?

Haydée voltou os olhos para Monte-Cristo, que, fazendo um sinal imperceptível, murmurou: — Ειπε.³⁶

— Nada forma o fundo da alma como as primeiras recordações, e, à parte as duas que acabo de contar, todas as recordações de minha juventude são tristes.

— Fale, *signora*, fale — disse Albert —, juro que a escuto com inexprimível prazer.

Haydée sorriu tristemente.

— Quer então que eu passe às minhas outras recordações? — perguntou ela.

— Eu lhe suplico — disse Albert.

— Bem... Eu tinha quatro anos quando, certa noite, fui acordada por minha mãe. Estávamos no palácio de Janina: ela me pegou nas almofadas onde eu dormia e, quando abri meus olhos, vi os seus cheios de lágrimas.

“Ela me levou sem dizer nada.

“Ao vê-la chorar, eu também começava a chorar.

“— Silêncio, minha filha! — disse ela.

“Muitas vezes, apesar das consolações ou das ameaças maternas, manhosa como todas as crianças, eu continuava a chorar; mas dessa vez havia na voz de minha pobre mãe tal entonação de terror que eu me calei no mesmo instante.

“Ela me levava depressa.

“Então vi que descíamos uma vasta escadaria; à nossa frente, todas as criadas de minha mãe, carregando cofres, sacos, adornos, joias, bolsas de ouro, desciam a mesma escadaria, ou melhor, corriam.

“Atrás das mulheres, vinha uma guarda de vinte homens, armados de longos fuzis e pistolas, vestindo aquele uniforme que vocês conhecem na França, desde que a Grécia voltou a ser uma nação.

“Havia algo de sinistro, acredite — acrescentou Haydée, balançando a cabeça, empalidecendo diante de sua lembrança —, naquela longa fila de escravas e mulheres meio entorpecidas pelo sono, ou ao menos eu assim imaginava, eu que talvez julgasse os outros adormecidos por não estar muito bem acordada.

“Na escadaria corriam sombras gigantescas, sombras que as tochas de pinho faziam tremer nas abóbadas.

“— Depressa! — exclamou uma voz no fundo da galeria.

“Essa voz fez todos se curvarem, como o vento a varrer a planície faz curvar um campo de espigas.

“A mim, ela me fez estremecer.

“Essa voz era a de meu pai.

“Ele era o último, vestindo os seus trajes esplêndidos, empunhando a carabina que o imperador da França lhe dera; e, ajudado por Selim, o seu favorito, ele nos levava adiante como um pastor leva um rebanho desgarrado.

“O meu pai — disse Haydée, levantando a cabeça — era um homem ilustre que a Europa conhecia pelo nome de Ali Paxá, ou Ali-Tebelin, paxá de Janina, e diante dele a Turquia tremeu.”

Sem saber por quê, Albert estremeceu ao ouvir essas palavras pronunciadas em indefinível tom de altivez e dignidade; parecia-lhe que algo sombrio e assustador brilhava nos olhos da jovem quando, como uma pitonisa a evocar um fantasma, ela despertou a lembrança daquela figura sangrenta, cuja morte terrível tornou gigantesca aos olhos da Europa contemporânea.

— Em breve — continuou Haydée —, a marcha se deteve; estávamos ao pé da escada, à beira de um lago. A minha mãe me apertava contra o peito ofegante: dois passos atrás de nós, vi o meu pai lançando olhares inquietos para todos os lados.

“À nossa frente estendiam-se quatro degraus de mármore; ao pé do último degrau balançava uma barca.

“De onde estávamos, víamos erguer-se no meio do lago uma massa escura: era o quiosque para onde nos dirigíamos. Talvez por causa da escuridão, o quiosque parecia estar bem longe.

“Descemos até a barca. Sim, eu me lembro: ao tocarem a água, os remos não faziam nenhum barulho; debrucei-me para vê-los: os remos estavam envoltos nas faixas de nossos soldados.

“Na barca, além dos remadores, só havia mulheres, minha mãe, meu pai, Selim e eu.

“Os soldados haviam ficado à beira do lago, ajoelhados no último degrau, usando os outros três degraus como muralha, caso fossem atacados.

“A nossa barca voava como o vento.

“— Por que a barca vai tão depressa? — perguntei à minha mãe.

“— Ch!, minha filha — respondeu ela —, é que estamos fugindo.

“Eu não entendi. Por que o meu pai estaria fugindo, ele, o todopoderoso, ele, diante de quem os outros costumavam fugir, ele, que tinha como divisa: *Odeiam-me, logo me temem!*?”

“Realmente, era uma fuga que meu pai empreendia através do lago. Depois ele me disse que a guarnição do castelo de Janina, cansada de longo serviço...”

Aqui, Haydée pousou o seu expressivo olhar em Monte-Cristo, cujos olhos não abandonaram mais os seus. Então a jovem continuou lentamente, como alguém a inventar ou a suprimir.

— Você dizia, *signora* — disse Albert, que dava a maior atenção à narrativa —, que a guarnição de Janina, cansada de longo serviço...

— Havia se entendido com o chefe Kurchid, enviado pelo sultão para sequestrar o meu pai; foi então que papai, depois de enviar ao sultão um oficial francês em quem confiava inteiramente, tomou a decisão de se retirar para o asilo que ele preparara pessoalmente havia muito tempo, asilo que ele chamava de *kataphygion*, isto é, de seu refúgio.

— Lembra-se do nome desse oficial, *signora*? — perguntou Albert.

Monte-Cristo trocou com a jovem um olhar rápido como o raio, olhar que Morcerf não percebeu.

— Não, não me lembro — respondeu ela. — Mas, se vier a me lembrar, lhe direi.

Albert ia pronunciar o nome de seu pai quando Monte-Cristo ergueu mansamente o dedo em sinal de silêncio: o jovem lembrou-se de seu juramento e calou-se.

— Era para esse quiosque que nós navegávamos.

“Um térreo adornado de arabescos, banhando os seus terraços na água, e um primeiro andar dando para o lago, isso era o que o palácio oferecia de visível aos nossos olhos.

“Mas abaixo do térreo, prolongando-se pela ilha, havia um subterrâneo, vasta caverna para onde nos levaram, minha mãe, eu e nossas mulheres, onde se acumulavam, formando um só monte,

sessenta mil bolsas e duzentos tonéis; nas bolsas havia vinte e cinco milhões em ouro e nos barris trinta mil libras de pólvora.

“Ao lado dos barris, mantinha-se Selim, o favorito de meu pai de que lhe falei, a velar dia e noite, com uma lança, e na ponta da lança ardia uma mecha; ele tinha ordem de tudo explodir, quiosque, guarda, paxá, mulheres e ouro, ao primeiro sinal de meu pai.

“Eu me lembro de que as nossas escravas, conhecendo aquela temível vizinhança, passavam os dias e as noites a rezar, a chorar, a gemer...

“Quanto a mim, até hoje vejo o jovem soldado de tez pálida, de olhos negros, e, quando o anjo da morte descer até mim, tenho certeza de que reconhecerei Selim.

“Eu não poderia dizer quanto tempo ficamos assim: naquela época, eu ainda não sabia o que vinha a ser o tempo; algumas vezes, mas raramente, o meu pai mandava nos chamar, à minha mãe e a mim, ao terraço do palácio; eram as minhas horas de alegria, para mim, que só via no subterrâneo sombras a gemer e a lança inflamada de Selim. O meu pai, sentado diante de uma grande fresta, lançava um olhar sombrio às profundezas do horizonte, examinando cada ponto negro que aparecia no lago; enquanto a minha mãe, quase deitada ao lado dele, apoiava a cabeça em seu ombro, eu brincava a seus pés, admirando, com as surpresas da infância que ampliam ainda mais os objetos, as escarpas do monte Pindo que se erguiam no horizonte, os palácios de Janina a sair brancos e angulosos das águas azuis do lago, os tufos imensos de verde-negro amarrados como líquens às rochas da montanha, que de longe pareciam espuma, mas que de perto vêm a ser abetos gigantescos e murtas imensas.

“Certa manhã, papai mandou nos chamar: nós o encontramos muito calmo, entretanto mais pálido que de costume.

“— Tenha paciência, Vasiliki: hoje tudo estará terminado; hoje chega o decreto do soberano e minha sorte será decidida. Se o perdão for pleno, voltaremos vitoriosos a Janina; se tivermos más notícias, esta noite fugiremos.

“— Mas e se eles não nos deixarem fugir? — perguntou minha mãe.

“— Oh, fique tranquila — respondeu Ali, sorrindo. — Selim e sua lança em chamas cuidarão deles. Querem me ver morto, mas não querem morrer comigo.

“Mamãe apenas suspirou ao ouvir esse consolo, que não partia do coração de papai.

“Ela preparou-lhe água gelada, que ele bebia a todo instante, pois, desde a retirada para o quiosque, ele era inflamado por uma febre ardente; ela perfumou sua barba branca e acendeu seu chibouque: às vezes, seu olhar seguia distraidamente, por horas inteiras, a fumaça a volatizar-se no ar.

“De repente ele fez um gesto tão brusco que me vi dominada pelo medo.

“Então, sem desviar os olhos do ponto que chamava sua atenção, pediu sua luneta.

“Mais branca do que a parede em que se apoiava, mamãe passou-lhe a luneta.

“Eu vi a mão de papai tremer.

“— Uma barca!... Duas!... Três!... — murmurou o meu pai. — Quatro!...

“E ele se levantou, pegando as suas armas e colocando, eu me lembro, pólvora na caçoleta de suas pistolas.

“— Vasiliki — disse ele à minha mãe, tremendo visivelmente —, chegou a hora que vai decidir a nossa sorte; em meia hora saberemos a resposta do sublime imperador; retire-se para o subterrâneo com Haydée.

“— Não quero deixá-lo — disse Vasiliki. — Se você morrer, meu senhor, quero morrer a seu lado.

“— Fique ao lado de Selim! — gritou o meu pai.

“— Adeus, senhor! — murmurou a minha mãe, obedecendo, dobrada ao meio, como a esperar a morte.

“— Levem Vasiliki! — exclamou o meu pai a seus soldados.

“Entretanto, eu, que esqueciam, corri até ele e estendi-lhe as mãos; ele me viu e, inclinando-se para mim, beijou-me a testa.

“Oh, aquele beijo, aquele beijo foi o último, e ainda permanece aqui em minha testa.

“Ao descer distinguíamos, através das trepadeiras do terraço, as barcas a crescerem no lago, barcas que, se antes pareciam pontos negros, então já pareciam aves rondando a superfície das ondas.

“Enquanto isso, no quiosque, vinte soldados, sentados aos pés de meu pai e escondidos pela madeira, espiavam com sangue nos olhos a chegada das barcas e mantinham preparados os seus longos fuzis com adornos de madrepérola e prata: numerosos cartuchos espalhavam-se pelo chão; o meu pai olhava o relógio e caminhava angustiado.

“Foi isto o que mais me impressionou quando deixei papai, depois do último beijo que ele me deu.

“Mamãe e eu atravessamos o subterrâneo. Selim continuava em seu posto: ele nos sorriu tristemente. Fomos buscar almofadas do outro lado da caverna e nos sentamos ao lado de Selim: em meio aos grandes perigos, os corações devotados procuram se unir e, embora fosse muito nova, eu sentia instintivamente que uma grande desgraça pairava sobre as nossas cabeças.”

Albert ouvira falar muitas vezes — não da boca de seu pai, que nunca tocava nesse assunto, mas da boca de estranhos — dos últimos momentos do vizir de Janina; lera diversos relatos de sua morte; mas aquela história, vivificada pela pessoa e pela voz da jovem filha, aquele tom cheio de vida e aquela lamentável elegia penetravam Albert com um encanto e, ao mesmo tempo, com um horror inexprimíveis.

Quanto a Haydée, inteiramente entregue a essas terríveis lembranças, calara-se por um instante; a sua testa, como uma flor que se dobra em um dia de tempestade, inclinara-se sobre a mão, e os seus olhos, vagamente perdidos, pareciam ainda ver no horizonte o verde monte Pindo e as águas azuis do lago de Janina, espelho mágico a refletir o sombrio quadro que ela esboçava.

Monte-Cristo contemplava-a com indefinível expressão de interesse e compaixão.

— Continue, minha filha — disse o conde em grego moderno.

Haydée levantou a cabeça, como se as palavras sonoras que Monte-Cristo acabara de pronunciar a tirassem de um sonho, e continuou: — Eram quatro horas da tarde; embora o dia fosse claro

e brilhante lá fora, nós estávamos mergulhados nas sombras do subterrâneo.

“Um só clarão brilhava na caverna, como uma estrela trêmula ao fundo de um céu escuro: a mecha de Selim.

“A minha mãe era cristã e rezava.

“De vez em quando, Selim repetia as palavras consagradas: “— Deus é grande!

“Entretanto, mamãe ainda tinha algumas esperanças. Ao descer, ela julgara reconhecer o francês que havia sido enviado a Constantinopla, e em quem meu pai confiava plenamente, pois papai sabia que os soldados do sultão francês costumam ser nobres e generosos. Ela deu alguns passos até a escada e escutou.

“— Eles estão se aproximando — disse ela. — Tomara que tragam a paz e a vida.

“— O que teme, Vasiliki? — respondeu Selim com sua voz tão mansa e ao mesmo tempo tão altiva. — Se eles não trouxerem a paz, nós lhe daremos a morte.

“E ele reanimava a chama de sua lança com um gesto que o assemelhava ao Dionísio da antiga Creta.

“Mas eu, que era tão criança, tão ingênua, tinha medo daquela coragem que me parecia tão feroz e insensata, eu temia aquela morte aterradora no ar e na chama.

“A minha mãe tinha os mesmos temores, pois eu a sentia estremecer.

“— Meu Deus! Meu Deus, mamãe — exclamei —, nós vamos morrer?

“Às minhas palavras, as lágrimas e orações das escravas redobraram.

“— Filha — disseme Vasiliki —, Deus te livre de chegar a querer essa morte que agora temes.

“Então, em voz baixa:

“— Selim — disse ela —, qual é a ordem de nosso amo?

“— Se ele me enviar seu punhal, é sinal de que o sultão se recusa a conceder perdão, e boto fogo... Se ele me enviar seu anel, é sinal de que o sultão o perdoa, e deixo a pólvora.

“— Amigo — disse minha mãe —, quando a ordem de nosso amo chegar, se for o punhal que ele enviar, em vez de matar a nós duas dessa forma que nos aterra, nós lhe estenderemos o pescoço e você nos matará com esse punhal.

“— Sim, Vasiliki — respondeu tranquilamente Selim.

“Logo ouvimos uma espécie de gritaria; escutamos: eram gritos de alegria; o nome do francês que havia sido enviado a Constantinopla ecoava, repetido por nossos soldados; era evidente que ele trazia a resposta do sublime imperador, e que a resposta era favorável.”

— E não se lembra que nome era? — perguntou Morcerf, pronto a auxiliar a memória da narradora.

Monte-Cristo fez-lhe um gesto.

— Não me lembro... — respondeu Haydée.

“O barulho aumentava; ouviam-se passos cada vez mais próximos: os passos desciam os degraus do subterrâneo.

“Selim preparou a sua lança.

“Logo apareceu uma sombra no crepúsculo azulado, formado pelos raios de sol a penetrarem até a entrada do subterrâneo.

“— Quem é você? — gritou Selim. — Mas, seja quem for, não dê mais nem um passo...”

“— Glória ao sultão! — disse a sombra. — Pleno perdão é concedido ao vizir Ali... Não apenas a sua vida está salva, mas também lhe devolvem sua fortuna e seus bens.”

“Minha mãe deu um grito de alegria e me apertou contra o coração.

“— Pare! — exclamou Selim, ao ver que ela já corria à saída. — Como sabe, preciso esperar o anel.

“— É verdade — disse mamãe; e ela caiu de joelhos, erguendo-me para o céu, como se, ao mesmo tempo que rezava a Deus por mim, também quisesse me elevar até ele.”

E, pela segunda vez, Haydée deteve-se, vencida por tal emoção que o suor escorria de sua fronte a empalidecer, enquanto sua voz estrangulada parecia não poder atravessar a garganta seca.

Monte-Cristo serviu um pouco de água gelada em um copo e ofereceu-lhe, dizendo com uma ternura em que transparecia um tom

de ordem: — Coragem, minha filha.

Haydée enxugou os olhos, enxugou a testa e continuou: — Enquanto isso, os nossos olhos, acostumados à escuridão, tinham reconhecido o enviado do paxá: era um amigo.

“Selim o reconhecera; mas o bravo jovem só sabia uma coisa: obedecer!

“— Vem em nome de quem? — perguntou Selim.

“— Venho em nome de nosso amo, Ali-Tebelin.

“— Se vem em nome de Ali, sabe o que deve me dar?

“— Sim — disse o enviado —, e lhe trago o seu anel.

“Ao mesmo tempo, ele ergueu a mão acima da cabeça; mas estava muito longe e não havia luz para que Selim pudesse, de onde estávamos, distinguir e reconhecer o objeto que ele mostrava.

“— Não vejo o que segura — disse Selim.

“— Aproxime-se — disse o mensageiro —, ou eu me aproximarei.

“— Nem um, nem outro — respondeu o jovem soldado. — Coloque o objeto que me mostra aí mesmo no lugar em que está, nesse raio de luz, e retire-se até que eu o tenha visto.

“— Está certo — disse o mensageiro.

“E ele se retirou, depois de deixar o sinal de identificação no lugar indicado.

“E o nosso coração palpitava: o objeto nos parecia ser realmente um anel. Mas seria o anel de meu pai?

“Sempre segurando a mecha acesa, Selim foi até a entrada, inclinou-se radiante sob os raios de luz e apanhou o sinal.

“— O anel do amo — disse ele, beijando-o —, é bem ele!

“E, jogando a mecha ao chão, pisou-a e apagou-a.

“O mensageiro deu um grito de alegria e bateu as mãos. A esse sinal, quatro soldados do chefe Kurchid acorreram e Selim caiu, atravessado por cinco punhaladas. Cada um dera a sua.

“Todavia, ébrios de seu crime, embora ainda pálidos de medo, eles percorreram o subterrâneo, verificando em toda parte se havia fogo, rolando sobre os sacos de ouro.

“Enquanto isso, mamãe me tomou em seus braços e agilmente, saltando em sinuosidades que só nós conhecíamos, chegou a uma

escada secreta do quiosque, onde reinava terrível tumulto.

“As salas de baixo estavam totalmente tomadas pelos soldados de Kurchid, ou seja, pelos nossos inimigos. No instante em que mamãe ia empurrar a portinha, ouvimos ecoar, terrível e ameaçadora, a voz do paxá.

“Mamãe pregou o olho nas frestas das tábuas: por acaso havia uma fresta diante de mim: olhei.

“— Que desejam? — dizia o meu pai a homens que seguravam um papel com caracteres dourados.

“— O que desejamos — respondeu um deles — é comunicar-lhe a vontade de Sua Alteza. Está vendo este decreto?

“— Estou vendo — respondeu o meu pai.

“— Bem, então leia: ele pede a sua cabeça.

“Papai deu uma gargalhada mais assustadora do que uma ameaça e ainda não parara de rir quando dois tiros de pistola partiram de suas mãos e mataram dois homens.

“Os soldados, que tinham se deitado ao redor de meu pai com o rosto contra o chão, então se levantaram e abriram fogo: o lugar se encheu de barulho, fogo e fumaça.

“No mesmo instante, abriram fogo do outro lado e as balas vieram perfurar as tábuas ao nosso redor.

“Oh, como era belo, como era grande, o vizir Ali-Tebelin, meu pai, em meio às balas, sabre em punho, rosto negro de pólvora! Como os seus inimigos fugiam!

“— Selim! Selim — gritou ele —, guardião do fogo, cumpra o seu dever!

“— Selim morreu! — respondeu uma voz que parecia sair das profundezas do quiosque. — E você, meu senhor Ali, você está perdido!”

“Ao mesmo tempo, ouviu-se uma detonação surda e o chão voou pelos ares ao redor de meu pai.

“Os soldados inimigos atiravam através do assoalho. Três ou quatro de nossos soldados caíram, atingidos de baixo para cima, vítimas de ferimentos que se espalhavam por todo o corpo.

“Papai rugiu, enfiou os dedos nos buracos das balas e arrancou uma tábua inteirinha.

“Mas, ao mesmo tempo, vinte disparos de fogo concentraram-se nessa abertura, e as chamas, como se saíssem da cratera de um vulcão, atingiram as tapeçarias e as devoraram.

“Em meio a todo aquele tumulto aterrador, em meio àqueles gritos terríveis, dois disparos mais distintos do que todos, dois gritos mais dilacerantes, a ecoar acima de todos os gritos, gelaram-me de terror. Essas duas explosões tinham ferido mortalmente o meu pai: fora ele quem dera aqueles dois gritos.

“Todavia, ele permanecia de pé, agarrado a uma janela. Mamãe sacudia a porta, queria ir morrer ao lado dele, mas a porta estava fechada por dentro.

“Ao redor dele, os nossos soldados contorciam-se em convulsões de agonia; dois ou três, que não estavam feridos, ou que estavam apenas levemente feridos, atiraram-se pelas janelas.

“Ao mesmo tempo, todo o assoalho estalou, minado por baixo. Papai caiu sobre um joelho; ao mesmo tempo, vinte braços se estenderam, armados de sabres, pistolas, punhais: vinte golpes atingiram simultaneamente um só homem; e meu pai desapareceu num turbilhão de chamas, de fogo ateado por aqueles demônios a rugir, como se o inferno se abrisse a seus pés.

“Percebi que rolava no chão: a minha mãe caíra, desmaiada.”

Haydée deixou cair os braços, dando um gemido, olhando o conde como a lhe perguntar se estava satisfeito com sua obediência.

O conde levantou-se, aproximou-se dela, tomou-lhe a mão e disselhe em românico: — Descansa, querida criança, e toma coragem, lembrando que há um Deus para punir os traidores.

— Essa é uma história espantosa, conde — disse Albert, impressionado com a palidez de Haydée —, agora me arrependo de ter sido tão cruelmente indiscreto.

— Não foi nada — respondeu Monte-Cristo.

Então, pousando a mão na cabeça da jovem: — Haydée é uma mulher corajosa — continuou o conde. — Às vezes ela se consola contando os seus sofrimentos.

— É porque, meu senhor — disse vivamente a jovem —, é porque os meus sofrimentos me lembram as suas boas ações.

Albert olhou-a com curiosidade, pois ela ainda não contara o que ele mais queria saber, ou seja, como ela se tornara escrava do conde.

Nos olhares do conde e de Albert, Haydée viu, ao mesmo tempo, a expressão de um mesmo desejo.

Ela continuou:

— Quando mamãe voltou a si, estávamos diante do chefe inimigo.

“— Mate-me — disse ela —, mas poupe a honra da viúva de Ali.

“— Não é a mim que deve se dirigir — disse Kurchid.

“— A quem então?

“— A seu novo amo.

“— Quem é ele?

“— Ali está ele.

“E Kurchid apontou-nos um daqueles que mais haviam contribuído para a morte de meu pai” — continuou a jovem, com cólera sombria.

— Então — perguntou Albert —, vocês se tornaram propriedade desse homem?

— Não — respondeu Haydée. — Ele não se atreveu a ficar conosco: vendeu-nos a mercadores de escravos que se dirigiam a Constantinopla. Atravessamos a Grécia e, quase mortas, chegamos à porta imperial, cheia de curiosos que se afastavam para nos dar passagem, quando de repente os olhos de mamãe seguem a direção de todos os olhares: então ela dá um grito e cai, apontando-me uma cabeça em cima da porta imperial.

“Embaixo daquela cabeça estavam escritas estas palavras: “Esta é a cabeça de Ali-Tebelin, Paxá de Janina.

“Chorando, tentei erguer mamãe: ela estava morta!

“Fui levada para o bazar; um rico armênio me comprou, mandou me educar, deu-me professores e, quando eu completei treze anos, vendeu-me ao sultão Mamud.”

— E dele a comprei — disse Monte-Cristo —, como lhe disse, Albert, por uma esmeralda igual àquela onde guardo as minhas pastilhas de haxixe.

— Oh, meu amo! Você é bom! Você é grande! — exclamou Haydée, beijando a mão de Monte-Cristo. — Sou muito feliz por pertencer-lhe.

Albert ficara perplexo com o que acabara de ouvir.

— Então termine a sua xícara de café — disselhe o conde. — A história terminou.

¹ Montanha: o grupo dos deputados que se sentavam nos lugares mais altos da Assembleia. (N.T.) ² “Tele grafar”, “escrever de longe”, em grego. (N.T.) ³ Alusão às *Memórias* do duque de Saint-Simon (1675, Paris – 1755, Paris). (N.T.) ⁴ William Shakespeare, *Macbeth* (1605), ato 3, cena 1. (N.T.) ⁵ “O que deseja o impossível”, em latim. (N.T.) ⁶ “Cavaliço”, em inglês. (N.T.) ⁷ “Nunca se surpreender”, em latim. Horácio, *Epístolas*, 1, 6, 1. (N.T.) ⁸ Criado ou guia, em italiano. (N.T.) ⁹ “Por movimento próprio”, “espontânea”, em latim. (N.T.) ¹⁰ Jean Racine (1639–1699), *Athalie* (drama de 1691), ato 3, cena 5, final. (N.T.) ¹¹ Rio mitológico, fonte de riquezas fabulosas, onde se banhou o dourado rei Midas. (N.T.) ¹² Gênesis 41: 1–36. (N.T.) ¹³ Êxodo 14: 21ss. (N.T.) ¹⁴ Lucas 7: 37ss. — João 8: 3ss. (N.T.) ¹⁵ No capítulo IX (“A noite de noivado”). (N.T.) ¹⁶ Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão* (“Titânia, Rainha das Fadas”) e *Romeu e Julieta* (ato 1, cena 4, verso 88). (N.T.) ¹⁷ O juiz Henri-François d’Aguesseau (1668–1751). (N.T.) ¹⁸ “Buscai e achareis”... Mateus 7: 7. (N.T.) ¹⁹ Casa de banhos, em alemão. (N.T.) ²⁰ Homem excêntrico, esquisito. Em inglês. (N.T.) ²¹ Balé de Jean Coralli (1779–1854, Paris), com a bailarina Fanny Elssler (1810–1884, Viena), inspirado no romance *O diabo manco* (*Le diable boiteux*, 1707), de Alain Lesage (1668–1747). (N.T.) ²² Shakespeare, *Hamlet* (1600), ato 1, cena 2, versos 218ss. (N.T.) ²³ “Medido, Pesado, Dividido”. Daniel 5: 25–28. — Ver capítulo XV (“O número 34 e o número 27”). (N.T.) ²⁴ Personagens de Dumas, *Amaury* (romance de 1843). (N.T.) ²⁵ “Errar é humano”, em latim. Cícero, *Orações Filípicas* (c. 60 a.C.), XII, 2. (N.T.) ²⁶ Correggio, *Maria Madalena*, pintura de c. 1517. (N.T.) ²⁷ “O homem justo e tenaz em seus propósitos.” Em latim. Horácio, *Odes*, III, 3. — Ver capítulo X (“O pequeno gabinete das Tulherias”). (N.T.) ²⁸ “Vou para o campo”, em latim. Voltaire, *O século de Luís XIV* (1751). (N.T.) ²⁹ Goethe, *Fausto* (1808). (N.T.) ³⁰ Cf. Balzac, *Fisiologia do casamento* (1829); Stendhal, *Do amor* (1822). (N.T.) ³¹ E. T. A. Hoffmann, *O violino de Cremona* (conto fantástico de 1817). (N.T.) ³² Shakespeare, *Hamlet* (1600), ato 1, cena 2, versos 89ss. (N.T.) ³³ Ver Alexandre Dumas, *A rainha Margot* (romance de 1845 e peça de 1847). (N.T.) ³⁴ Provérbios 19: 17. (N.T.) ³⁵ “Conta-nos o destino de teu pai, mas não o nome do traidor, nem a traição.” (Nota do autor.) ³⁶ “Conta”, em grego. (Nota do autor.)

PARTE
V

LXXIX. ESCREVEM-NOS DE JANINA Franz havia saído do quarto de Noirtier tão perdido e desorientado que até mesmo Valentine sentira pena dele. Villefort, que se limitara a dizer algumas palavras sem nexos e a refugiar-se em seu gabinete, duas horas depois recebeu a seguinte carta: Depois do que foi revelado nesta manhã, o sr. Noirtier de Villefort já não pode mais supor que ainda seja possível uma aliança entre a sua família e a família do sr. Franz d'Épinay. O sr. Franz d'Épinay tem horror a pensar que o sr. Noirtier de Villefort, que parecia já conhecer os acontecimentos relatados nesta manhã, não o tenha prevenido nesse sentido.

Naquele momento, quem visse o magistrado tão abalado por tal golpe não imaginaria que ele o previra; realmente, ele nunca imaginaria que seu pai tivesse a franqueza, ou melhor, a rudeza de contar aquela história. É verdade que o senhor Noirtier, que dava pouca importância à opinião do filho, nunca se preocupara em esclarecer-lhe aquela história e que Villefort sempre imaginara que o general de Quesnel, ou o barão d'Épinay — conforme quisessem chamá-lo pelo nome que fizera ou pelo nome que lhe deram —, morreria assassinado, e não em um duelo leal.

Essa carta tão dura, vinda de um jovem até então tão respeitoso, era fatal para o orgulho de um homem como Villefort.

Assim que entrou em seu gabinete, sua mulher chegou.

A saída de Franz, chamado pelo senhor Noirtier, surpreendera a todos de tal forma que a posição da senhora de Villefort, ao ficar a sós com o tabelião e com as testemunhas, tornara-se cada vez mais embaraçosa. Então ela resolvera sair, dizendo que ia saber das notícias.

O senhor de Villefort contentou-se em dizer-lhe que, depois de uma conversa entre ele, o senhor Noirtier e o senhor d'Épinay, o casamento entre Valentine e Franz fora desfeito.

Era difícil comunicar o rompimento aos que aguardavam; então, ao voltar ao salão, a senhora de Villefort contentou-se em dizer que o senhor Noirtier, no começo da conversa, tivera uma espécie de ataque de apoplexia e que o contrato fora naturalmente adiado por alguns dias.

Essa notícia, por mais falsa que fosse, chegava tão singularmente na sequência de duas tragédias do mesmo gênero que os ouvintes olharam-se perplexos e retiraram-se sem dizer palavra.

Enquanto isso, Valentine, feliz e assustada ao mesmo tempo, depois de beijar e agradecer ao frágil velho, que com um só golpe acabara de romper uma corrente que ela já via como indissolúvel, pedira para retirar-se a seu quarto a fim de recompor-se — Noirtier dera-lhe com o olho a permissão solicitada.

Mas, em vez de subir a seu quarto, Valentine, ao sair, tomou o corredor e, abrindo o portão, correu para o jardim. Em meio a todos os acontecimentos que se acumulavam uns sobre os outros, um terror surdo oprimira constantemente o seu coração. Esperava que de repente Morrel aparecesse pálido e ameaçador como o proprietário de Ravenswood na assinatura do contrato de casamento de Lucie de Lammermoor.¹

Realmente, ela chegou ao portão bem a tempo. Maximilien, que desconfiara do que iria acontecer ao ver Franz deixar o cemitério ao lado do senhor de Villefort, seguira-o — então, depois de vê-lo entrar, vira-o sair mais uma vez e mais uma vez entrar ao lado de Albert e de Château-Renaud. Para ele já não havia mais dúvida. Então ele correria a seu pomar, pronto para o que viesse a acontecer — com certeza, assim que se visse livre, Valentine correria a seu encontro.

Ele não se enganara: mergulhando o olho entre as tábuas, de fato ele viu aparecer a jovem, que, sem tomar os cuidados costumeiros, correu ao portão.

Ao primeiro olhar que lhe lançou, Maximilien tranquilizou-se; à primeira palavra que ela pronunciou, ele pulou de alegria.

— Salvos! — exclamou Valentine.

— Salvos! — repetiu Morrel, não conseguindo acreditar em tamanha felicidade. — Mas salvos por quem?

— Pelo meu avô. Oh, ame-o muito, Morrel.

Morrel jurou amar o velho de todo o coração; e esse juramento não lhe custava nada: nesse momento, não se contentava em amá-lo como a um amigo, como a um pai — adorava-o como a um deus.

— Mas como ele conseguiu? — perguntou Morrel. — Através de que meios?

Valentine já abria a boca para contar tudo, mas lembrou-se de que no fundo de tudo aquilo havia um terrível segredo que não pertencia apenas a seu avô.

— Mais tarde — disse ela — eu lhe contarei tudo isso.

— Quando?

— Quando eu for a sua mulher.

Isso era levar a conversa a um capítulo em que Morrel era extremamente compreensivo: ele logo compreendeu que devia se contentar com o que já sabia — o que já era muito para um só dia. Todavia, só concordou em retirar-se depois de ouvir a promessa de que veria Valentine na noite seguinte.

Valentine prometeu o que Morrel queria. Tudo mudara a seus olhos: certamente agora lhe era menos difícil acreditar que se casaria com Maximilien do que uma hora antes acreditar que não se casaria com Franz.

Enquanto isso, a senhora de Villefort subira ao quarto de Noirtier.

Noirtier mirou-a com aquele olhar sombrio e severo com que costumava recebê-la.

— Senhor — disselhe ela —, eu não preciso lhe contar que o casamento de Valentine foi desfeito, já que foi aqui que o rompimento aconteceu.

Noirtier permaneceu impassível.

— Entretanto — prosseguiu a senhora de Villefort —, o que o senhor não sabe, cavalheiro, é que sempre me opus a esse casamento, que aconteceria contra a minha vontade.

Noirtier olhou a sua nora como homem que esperava uma explicação.

— Ora, agora que esse casamento, que eu sabia que em nada lhe agradava, está desfeito, venho lhe fazer um pedido que nem o senhor de Villefort nem Valentine podem fazer.

Os olhos de Noirtier indagaram qual seria esse pedido.

— Venho lhe pedir, senhor — continuou a senhora de Villefort —, como a única que tem esse direito, pois sou a única que não vai ganhar nada com isso... Venho lhe pedir que devolva, não direi as suas boas graças, ela nunca as perdeu, mas a sua fortuna à sua neta.

Os olhos de Noirtier permaneceram indecisos por um instante: evidentemente, ele se perguntava os motivos desse pedido e não conseguia descobri-los.

— Posso esperar, senhor — continuou a senhora de Villefort —, que as suas intenções estejam em harmonia com o pedido que vim lhe fazer?

— Sim — fez Noirtier.

— Nesse caso, senhor — disse a senhora de Villefort —, eu me retiro agradecida e ao mesmo tempo feliz.

E, saudando o senhor Noirtier, ela se retirou.

De fato, logo no dia seguinte, Noirtier mandou chamar o tabelião: o testamento anterior foi rasgado e foi feito outro, no qual ele deixava toda a sua fortuna para Valentine, com a condição de que não a separassem dele.

Então algumas pessoas, em sociedade, calcularam que a senhorita de Villefort, herdeira do marquês e da marquesa de Saint-Méran, voltando às graças de seu avô, um dia teria cerca de trezentas mil libras de renda.

Enquanto aquele casamento se rompia na casa dos Villefort, o senhor conde de Morcerf recebera a visita de Monte-Cristo e, para mostrar a sua consideração a Danglars, vestiu o seu uniforme de gala de tenente-general, que mandara adornar com todas as suas condecorações, e requisitou seus melhores cavalos. Assim enfeitado, Morcerf chegou à rua da Chaussée d'Antin e fez-se anunciar a Danglars, que fazia o seu balanço de fim de mês.

Havia algum tempo, o momento do balanço não era o melhor momento para encontrar o banqueiro de bom humor.

Assim, ao ver o velho amigo, Danglars assumiu o seu ar majestoso e instalou-se sem fazer cerimônia em sua poltrona.

Morcerf, habitualmente tão sério, mostrava, ao contrário, um ar risonho e afável; assim, quase certo de que as suas palavras seriam bem acolhidas, dispensou a diplomacia e, indo direto ao assunto: — Barão — disse ele —, aqui estou... Há muito tempo giramos ao redor de nossas palavras de outrora...

A essas palavras, Morcerf esperava ver suavizar-se a expressão do banqueiro, atribuindo aquele ar sombrio a seu silêncio; entretanto, pelo contrário, aquela expressão tornou-se incrivelmente ainda mais impassível e fria.

Assim, Morcerf detivera-se no meio de sua frase.

— Que palavras, senhor conde? — perguntou o banqueiro, como a buscar inutilmente em seu espírito a explicação do que o general queria dizer.

— Oh — exclamou o conde —, o senhor é muito formal, lembrando-me de que o cerimonial deve seguir todos os ritos. Muito bem, palavra... Perdoe-me: como só tenho um filho, como é a primeira vez que penso em casá-lo, ainda estou fazendo a minha aprendizagem... Vamos, às suas ordens.

E, com um sorriso forçado, Morcerf levantou-se, fez profunda reverência a Danglars e lhe disse: — Senhor barão, tenho a honra de pedir-lhe a mão da senhorita Eugénie Danglars, sua filha, para o meu filho, o visconde Albert de Morcerf.

Mas Danglars, em vez de acolher essas palavras com a boa vontade que Morcerf podia esperar dele, franziu as sobrancelhas e, sem convidar o conde, que permanecia de pé, a sentar-se: — Senhor conde — disse ele —, antes de lhe responder, eu precisaria refletir.

— Refletir? — repetiu Morcerf, cada vez mais surpreso. — Ainda não teve tempo de refletir em oito anos, desde que falamos sobre esse casamento pela primeira vez?

— Senhor conde — disse Danglars —, todos os dias acontecem coisas que fazem com que as reflexões que acreditávamos feitas

sejam refeitas.

— Como assim? — perguntou Morcerf. — Já não estou entendendo, barão!

— Quero dizer, senhor, que há quinze dias novas circunstâncias...

— Permita-me — disse Morcerf. — Estamos ou não estamos representando uma comédia?

— Como assim, uma comédia?

— Sim, vamos nos explicar melhor.

— É tudo o que lhe peço.

— Viu o senhor de Monte-Cristo?

— Sempre o vejo — disse Danglars, brincando com as pregas da camisa —, ele é meu amigo.

— Bem, numa das últimas vezes que o viu, disselhe que eu parecia esquecido e indeciso a respeito desse casamento...

— É verdade.

— Bem, aqui estou. Não estou esquecido nem indeciso, como pode ver, pois venho convidá-lo a cumprir a sua promessa.

Danglars não respondeu.

— Já mudou de ideia? — acrescentou Morcerf. — Ou só provocou o meu pedido para dar-se ao prazer de me humilhar?

Danglars compreendeu: se continuasse a conversa no tom que adotara, a coisa poderia acabar mal para ele.

— Senhor conde — disse Danglars —, tem todo o direito de ficar surpreso com a minha reserva, entendo muito bem; então, acredite, sou o primeiro a me afligir com isso; acredite, a minha reserva me foi imposta por imperiosas circunstâncias.

— O que está dizendo são palavras ao vento, meu caro senhor — disse o conde de Morcerf —, palavras com as quais um estranho talvez pudesse se contentar; mas o conde de Morcerf não é um estranho; e, quando um homem como ele vem procurar outro homem, quando lembra-lhe a palavra dada, e esse homem falta à sua palavra, ele tem todo o direito de logo exigir que ao menos lhe deem um bom motivo.

Danglars era covarde, mas não queria demonstrá-lo: irritou-se com o tom que Morcerf acabara de adotar.

— Um bom motivo não é o que me falta — respondeu Danglars.

— O que pretende dizer?

— Que um bom motivo, eu o tenho, mas é difícil explicá-lo.

— Entretanto — disse Morcerf —, bem pode imaginar que não posso me contentar com suas reticências... Em todo caso, algo me parece claro: o senhor recusa a minha aliança.

— Não, senhor — disse Danglars —, apenas adio a minha decisão, nada mais.

— Entretanto, suponho que não tenha a pretensão de imaginar que estou de acordo com os seus caprichos, que posso esperar tranquilamente, humildemente, o retorno de sua boa vontade...

— Então, senhor conde, se não pode esperar, consideremos os nossos projetos como inexistentes.

O conde mordeu os lábios até sangrarem para não explodir, como lhe aconselhava o seu temperamento soberbo e irritável; entretanto, entendendo que em tais circunstâncias o ridículo seria ele, já começava a dirigir-se à porta do salão, quando, mudando de ideia, voltou atrás.

Uma nuvem viera pairar sobre a sua cabeça, deixando, no lugar do orgulho ofendido, traços de vaga preocupação.

— Vamos, meu caro Danglars, nós nos conhecemos há muitos anos... — disse ele. — Assim, precisamos ter algumas considerações recíprocas. O senhor me deve uma explicação: ao menos quero saber a que infeliz acontecimento o meu filho deve a perda de suas boas intenções com relação a ele.

— Não é nada pessoal contra o visconde, isso é tudo o que posso lhe dizer, senhor — respondeu Danglars, que voltava a ser impertinente ao ver que Morcerf abrandava.

— Então é pessoal contra quem? — perguntou Morcerf em voz alterada, empalidecendo.

Percebendo todos esses sintomas, Danglars fixou nele um olhar mais firme que de costume.

— Agradeça-me por não me explicar melhor — disse ele.

Um tremor nervoso, certamente provocado pela cólera contida, agitava Morcerf.

— Tenho o direito — respondeu ele, fazendo violento esforço sobre si mesmo —, tenho o direito de exigir que o senhor se explique... Acaso é contra a senhora de Morcerf que o senhor tem alguma coisa? Acaso é a minha fortuna que não seria suficiente? Acaso seriam as minhas opiniões que, sendo diferentes das suas...

— Nada disso, senhor — disse Danglars. — Se assim fosse, seria imperdoável da minha parte, pois eu me comprometi sabendo de tudo isso. Não, não queira saber mais, sinto-me realmente envergonhado de obrigá-lo a fazer esse exame de consciência... É melhor pararmos por aqui, acredite. Fiquemos no meio-termo, no adiamento, que não é nem uma ruptura, nem um compromisso. Nada nos apressa, meu Deus! A minha filha tem dezessete anos, o seu filho tem vinte e um. Enquanto esperamos, o tempo anda... O tempo trará novos acontecimentos. Coisas que ontem pareciam obscuras, amanhã parecerão muito claras. Assim, às vezes, num dia, desaparecem as mais cruéis calúnias.

— Calúnias? O senhor disse calúnias? — exclamou Morcerf, empalidecendo. — Estão me caluniando?

— Senhor conde, como lhe disse, paremos por aqui...

— Então, senhor, devo aceitar tranquilamente a sua recusa?

— Recusa penosa principalmente para mim, cavalheiro. Sim, mais penosa para mim do que para o senhor, pois eu contava com a honra de sua aliança, e um casamento desfeito sempre causa mais dano à noiva do que ao noivo.

— Está bem, cavalheiro, não falemos mais nisso — disse Morcerf.

E, amassando as luvas com raiva, saiu do salão.

Danglars notou que nem uma vez Morcerf ousara perguntar se era por causa dele, Morcerf, que Danglars retirara a sua palavra.

À noite, teve uma longa conferência com vários amigos, e o senhor Cavalcanti, que se mantivera constantemente no salão das damas, foi o último a sair da casa do banqueiro.

No dia seguinte, ao despertar, Danglars pediu os jornais, que logo lhe trouxeram: descartou três ou quatro e pegou *O Imparcial*.

Era no *Imparcial* que Beauchamp vinha a ser o redator-chefe.

Danglars rasgou rapidamente o envelope, abriu o jornal com uma pressa nervosa, passou desdenhosamente pelo *Primeiro Paris* e, chegando às variedades, deteve-se com o seu perverso sorriso em uma coluna que começava com estas palavras: *Escrevem-nos de Janina*.

— Bom — disse ele, depois de ler —, aqui estão algumas linhas sobre o coronel Fernand que provavelmente vão me dispensar de dar explicações ao conde de Morcerf.

No mesmo momento — isto é, quando soavam nove horas da manhã —, Albert de Morcerf, vestido de negro, metodicamente abotoado, passo agitado, lacônico, apresentava-se na casa dos Campos Elíseos.

— O senhor conde de Monte-Cristo acaba de sair há cerca de meia hora — disse o porteiro.

— Ele levou Baptistin? — perguntou Morcerf.

— Não, senhor visconde.

— Chame Baptistin, quero falar com ele.

O porteiro foi pessoalmente chamar o camareiro e instantes depois voltou com ele.

— Meu amigo — disse Albert —, peço-lhe perdão por minha indiscrição, mas queria lhe perguntar pessoalmente: o seu amo realmente saiu?

— Sim, senhor — respondeu Baptistin.

— Até mesmo para mim?

— Sei como o meu amo fica feliz em recebê-lo, cavalheiro, e jamais incluiria o senhor em uma ordem geral.

— Que bom, pois preciso falar com ele sobre um caso sério. Acha que ele vai demorar?

— Não, pois ele pediu o almoço para as dez horas.

— Bem, então vou dar uma volta pelos Campos Elíseos: às dez horas estarei aqui... Se o conde chegar antes de mim, diga-lhe que lhe peço que me espere.

— Não vou esquecer, o senhor pode ter certeza.

Albert deixou à porta do conde o cabriolé de aluguel em que viera e foi passear a pé.

Ao passar diante da alameda das Viúvas, julgou reconhecer os cavalos do conde estacionados à porta do galpão de tiro de Gosset; aproximou-se e, depois de reconhecer os cavalos, reconheceu o cocheiro.

— O senhor conde está atirando? — perguntou Morcerf ao cocheiro.

— Sim, senhor — respondeu o cocheiro.

De fato, ao aproximar-se do galpão de tiro, Morcerf ouvira vários disparos regulares.

Ele entrou.

No pequeno jardim encontrou o funcionário.

— Desculpe — disse ele —, mas o senhor visconde poderia esperar um instante?

— Por que, Philippe? — perguntou Albert, que, como frequentador, surpreendia-se com esse obstáculo que não compreendia.

— Porque a pessoa que está praticando neste momento só atira quando está sozinha: nunca diante dos outros.

— Nem diante de você, Philippe?

— Como vê, senhor, estou na porta de minha guarita.

— E quem carrega as pistolas do conde?

— Seu criado.

— Um núbio?

— Um negro.

— Exato.

— Então conhece esse senhor?

— Vim procurá-lo... Ele é meu amigo.

— Oh, então é diferente. Vou entrar e avisá-lo.

Impelido pela própria curiosidade, Philippe entrou no estande de madeira. Segundos depois, Monte-Cristo apareceu no limiar.

— Desculpe-me por persegui-lo até aqui, meu caro conde — disse Albert. — Mas desde já lhe digo que não é culpa de seus criados: eu sou o único indiscreto. Fui à sua casa: disseram-me que o senhor estava passeando, mas que voltaria às dez horas para almoçar. Eu também fui passear, esperando dar dez horas, e passeando vi os seus cavalos e a sua carruagem.

— O que me diz me dá a esperança de que veio almoçar comigo.

— Não, obrigado, mas a essa hora não penso em almoçar. Talvez almoçemos mais tarde, mas em má companhia, infelizmente!

— Que diabo está me dizendo?

— Ora, meu caro, hoje vou duelar.

— Você? E por quê?

— Por duelar, ora!

— Sim, entendi, mas por que motivo? Como sabe, duela-se por vários motivos.

— Por causa da honra.

— Ah, isso é sério.

— Tão sério que vim lhe pedir que me faça um favor.

— Que favor?

— Ser a minha testemunha.

— Então isso está ficando grave. Não vamos falar aqui: vamos até a minha casa. Ali: dê-me água.

O conde arregaçou as mangas e passou ao pequeno vestíbulo ao lado dos galpões onde os atiradores costumam lavar as mãos.

— Então entre, senhor visconde — disse em voz baixa Philippe —, vai ver algo diferente.

Morcerf entrou. Em vez de alvos, na placa estavam coladas cartas de baralho.

De longe, Morcerf julgou que era um baralho completo: havia desde o ás até o dez.

— Ah, ah! — riu Albert. — Estava jogando pique?

— Não — disse o conde —, eu estava formando um baralho.

— Como assim?

— Sim, está vendo ases e dois; mas as minhas balas fizeram os três, cinco, sete, oito, nove e dez.

Albert aproximou-se.

De fato, as balas tinham — com linhas perfeitamente exatas e distâncias perfeitamente iguais — substituído os sinais ausentes e perfurado a cartolina nos lugares que deveriam ser pintados.

Aproximando-se da placa, Morcerf ainda apanhou duas ou três andorinhas que haviam tido a imprudência de passar ao alcance da

pistola do conde — andorinhas que o conde abatera.

— Diabo! — exclamou Morcerf.

— O que esperava, meu caro visconde — disse Monte-Cristo, enxugando as mãos na toalha trazida por Ali —, bem que eu preciso me ocupar em meus instantes de ócio; mas venha, o espero.

Ambos subiram ao cupê de Monte-Cristo e instantes depois chegaram à porta do nº 30.

Monte-Cristo levou Morcerf a seu gabinete e apontou-lhe uma cadeira. Ambos sentaram-se.

— Agora, vamos conversar em paz — disse o conde.

— Como vê, estou perfeitamente tranquilo.

— Com quem quer duelar?

— Com Beauchamp.

— Com seu amigo?

— É sempre com amigos que duelamos.

— Mas ao menos é preciso um motivo.

— Tenho um motivo.

— O que ele lhe fez?

— Ele, em seu jornal de ontem à noite... Mas tome: leia.

Albert estendeu a Monte-Cristo um jornal onde ele leu estas palavras: Escrevem-nos de Janina: Um fato até agora ignorado, ou ao menos inédito, chegou ao nosso conhecimento; os castelos que defendiam a cidade foram entregues aos turcos por um oficial francês em quem o vizir Ali-Tebelin depositava toda a confiança, oficial que se chamava Fernand.

— Muito bem — perguntou Monte-Cristo —, o que vê aí que possa chocá-lo?

— Como, o que vejo?

— Sim. Que lhe importa se os castelos de Janina foram entregues por um oficial chamado Fernand?

— Importa que meu pai, o conde de Morcerf, se chama Fernand, nome de batismo.

— E o seu pai servia Ali Paxá?

— Isto é, ele combatia pela independência dos gregos; é aí que mora a calúnia.

— Ah, sim, meu caro visconde, sejamos sensatos.

— É tudo o que quero.

— Então me explique: quem diabo sabe na França que o oficial Fernand e o conde de Morcerf são o mesmo homem? Neste momento, quem se preocupa com Janina, que foi tomada em 1822, ou em 1823, imagino...

— É justamente aí que mora a perfídia: deixaram o tempo passar, agora voltam a acontecimentos esquecidos para fazer um escândalo que pode abalar uma alta posição. Muito bem: eu, herdeiro do nome de meu pai, não admito que sobre esse nome flutue a menor sombra de dúvida. Vou mandar a Beauchamp, já que no jornal dele publicaram essa notícia, duas testemunhas, e ele vai desmenti-la.

— Beauchamp não vai desmentir nada.

— Então, vamos duelar.

— Não, vocês não vão duelar, pois ele lhe dirá que talvez houvesse, no exército grego, cinquenta oficiais que se chamavam Fernand.

— Apesar dessa resposta, vamos duelar. Oh, quero ver isso desaparecer... O meu pai, um soldado tão nobre, uma carreira tão ilustre...

— Ou então ele vai escrever: “Temos razões para acreditar que esse Fernand não tem nada a ver com o sr. conde de Morcerf, cujo nome de batismo também é Fernand”.

— Exijo um desmentido pleno e integral; não vou me contentar com isso!

— E vai lhe enviar as suas testemunhas?

— Sim.

— Faz mal.

— Ou seja, o senhor vai me recusar o favor que vim lhe pedir?...

— Ah, conhece a minha teoria sobre o duelo, eu a contei em Roma, lembra-se?

— Ainda, meu caro conde, hoje de manhã, agora mesmo, eu o encontrei exercendo uma ocupação pouco em harmonia com a sua teoria.

— Porque, meu caro amigo, compreende, nunca devemos ser exclusivos. Quando se vive com loucos, é preciso aprender a ser insensato; de repente, algum louco, que não teria mais motivos para brigar comigo do que você tem para brigar com Beauchamp, poderia vir me procurar por causa de qualquer besteira, ou me enviar as suas testemunhas, ou me insultar em um espaço público: bem, então eu precisaria matar esse louco.

— Então o senhor também admite que duelaria?

— Naturalmente!

— Bem, então por que quer que eu não duele?

— Não digo que não deva duelar; digo apenas que um duelo é algo grave, algo em que é preciso refletir.

— E ele refletiu, antes de insultar o meu pai?

— Se ele não refletiu, e confessá-lo, não deve querer-lhe mal por isso.

— Oh, meu caro conde, mas como o senhor é indulgente!

— E como você é rigoroso!... Vejamos: supondo... Ouça bem: supondo... Não vá se zangar com o que lhe digo.

— Estou ouvindo.

— Supondo que a notícia publicada seja verdadeira...

— Um filho não deve admitir tal suposição contra a honra de seu pai.

— Ah, meu Deus, estamos numa época em que se admitem tantas coisas!

— É justamente esse o vício da época.

— Tem a pretensão de reformá-la?

— Sim, quanto ao que me diz respeito.

— Meu Deus! Mas como você é rigoroso, meu caro amigo.

— É assim que eu sou.

— É inacessível aos bons conselhos?

— Não, quando vêm de um amigo.

— Acredita que sou seu amigo?

— Sim.

— Bem, então, antes de enviar as suas testemunhas a Beauchamp, informe-se.

— Com quem?

- Ora, com Haydée, por exemplo.
- Meter uma mulher em tudo isso... O que ela poderia fazer?
- Declarar-lhe que seu pai não teve nada a ver com a derrota ou com a morte do pai dela, por exemplo, ou esclarecê-lo a respeito, se por acaso o seu pai teve a infelicidade...
- Como já lhe disse, meu caro conde, eu não poderia admitir tal suposição.
- Então se recusa a informar-se?
- Eu me recuso.
- Definitivamente?
- Definitivamente!
- Então, um último conselho.
- Está bem, mas o último.
- Não o quer?
- Pelo contrário, peço-lhe.
- Não envie testemunhas a Beauchamp.
- Como?
- Vá vê-lo pessoalmente.
- Isso é contra todos os hábitos.
- O seu caso está além dos casos comuns.
- Então me diga: por que devo ir vê-lo pessoalmente?
- Porque assim o caso fica entre você e Beauchamp.
- Explique-se.
- Naturalmente... Se Beauchamp estiver disposto a se retratar, é preciso reconhecer-lhe o mérito da boa vontade; nem por isso ele deixará de se retratar. Mas se, pelo contrário, ele se recusar, será preciso contar o seu segredo a dois estranhos.
- Não serão dois estranhos: serão dois amigos.
- Os amigos de hoje são os inimigos de amanhã.
- Oh, não me diga!
- Beauchamp, por exemplo...
- Então...
- Então, recomendo-lhe prudência.
- Então, acredita que devo ir ver Beauchamp pessoalmente?
- Sim.
- Sozinho?

— Sozinho. Quando se quer obter algo do amor-próprio de um homem, deve-se evitar mostrar ao amor-próprio desse homem até mesmo a aparência do sofrimento.

— Creio que tem razão.

— Ah, mas que bom!

— Eu irei sozinho.

— Vá... Mas faria melhor ainda se não fosse.

— Isso é impossível.

— Então faça assim... É melhor do que lhe enviar as testemunhas.

— Mas, nesse caso, me diga: se apesar de todas as minhas precauções, de todos os meus cuidados, eu tiver de duelar, o senhor será a minha testemunha?

— Meu caro visconde — disse Monte-Cristo com suprema gravidade —, deve ter notado que em outras circunstâncias estive às suas ordens; mas o favor que agora me pede está além daqueles que posso lhe prestar.

— Por quê?

— Talvez um dia venha a saber.

— Mas até lá...

— Peço a sua indulgência para o meu segredo.

— Está bem... Vou pedir a Franz e a Château-Renaud.

— Ótimo, peça a Franz e a Château-Renaud.

— Mas afinal, se eu for duelar, o senhor me dará uma breve lição de esgrima ou de pistola?

— Não, isso também é algo impossível.

— Ora, vamos, o senhor é estranho... Então não quer se meter nesta história?

— De maneira alguma.

— Então não falemos mais nisso. Adeus, conde.

— Adeus, visconde.

Morcerf pegou o chapéu e saiu.

À porta encontrou o seu cabriolé; contendo o melhor possível a sua cólera, mandou levarem-no à casa de Beauchamp, mas Beauchamp estava no jornal.

Albert mandou levarem-no ao jornal.

Beauchamp estava em um gabinete escuro e cheio de poeira, como sempre são os escritórios de jornal.

Anunciaram-lhe Albert de Morcerf. Ele pediu para repetirem; então, ainda não conseguindo acreditar, gritou: entre!

Albert entrou.

Beauchamp soltou uma exclamação de surpresa ao ver o amigo transpor os maços de papéis e pisar com pés inexperientes os jornais de todos os tamanhos que abarrotavam não o assoalho, mas a laje avermelhada do escritório.

— Por aqui, por aqui, meu caro Albert — disse Beauchamp, estendendo a mão ao jovem. — Mas que diabo o traz? Está perdido, como o Pequeno Polegar? Ou veio simplesmente me convidar para almoçar? Trate de arrumar uma cadeira... Olhe: ali, ao lado daquele gerânio, a única coisa que me lembra que no mundo existem folhas que não são folhas de papel.

— Beauchamp — disse Albert —, é de seu jornal que vim lhe falar.

— Você, Morcerf? O que deseja?

— Desejo uma retificação.

— Você, uma retificação? A propósito do quê, Albert? Mas então sente-se!

— Obrigado — respondeu Albert pela segunda vez, com leve sinal de cabeça.

— Explique-se.

— Uma retificação acerca de uma notícia que fere a honra de um membro de minha família.

— Ora, vamos! — exclamou Beauchamp, surpreso. — Que notícia? Isso é impossível.

— A notícia que lhe escreveram de Janina.

— De Janina?

— Sim, de Janina... Na verdade, você até parece ignorar o que me trouxe...

— Palavra de honra... Baptiste! Um jornal de ontem! — gritou Beauchamp.

— Não é preciso: trouxe-lhe o meu.

Beauchamp leu balbuciando: “Escrevem-nos de Janina”, etc., etc...

— Compreende que o caso é sério — disse Morcerf quando Beauchamp terminou.

— Então esse oficial é seu parente? — perguntou o jornalista.

— Sim — disse Albert enrubescendo.

— Muito bem, que quer que eu faça para lhe ser útil? — disse Beauchamp, com delicadeza.

— Eu queria, meu caro Beauchamp, que você retratasse essa notícia.

Beauchamp olhou Albert com uma atenção que certamente mostrava muita benevolência.

— Vamos — disse ele —, isso vai nos levar a uma longa conversa... Afinal, uma retratação é sempre algo muito grave. Sente-se... Vou reler essas três ou quatro linhas.

Albert sentou-se e Beauchamp releu as linhas incriminadas pelo amigo com mais atenção do que da primeira vez.

— Muito bem, como vê — disse Albert com firmeza, até mesmo com grosseria —, em seu jornal insultaram alguém da minha família, e exijo uma retratação...

— Você... exige?...

— Sim, exijo.

— Permita-me lhe dizer que não está sendo nada diplomata, meu caro visconde.

— Nem pretendo sê-lo — replicou o jovem, erguendo-se. — Exijo a retratação de uma notícia que você publicou ontem, e vou consegui-la. Você é mui amigo — continuou Albert, apertando os lábios, ao ver que Beauchamp, por sua vez, começava a levantar a cabeça desdenhosa. — Você é mui amigo e, como tal, me conhece bem, espero, para entender minha insistência nessas circunstâncias.

— Se eu sou seu amigo, Morcerf, você acabará me levando a esquecê-lo, com palavras iguais às que disse há pouco... Mas então vejamos: não nos irriteemos, ou, ao menos, não ainda... Você parece inquieto, irritado, zangado... Vejamos: quem é esse parente que se chama Fernand?

— Ora, muito simplesmente, é o meu pai! — exclamou Albert. — O senhor Fernand Mondego, conde de Morcerf, velho militar que esteve em vinte campos de batalha, e querem cobrir as suas nobres cicatrizes com a lama impura recolhida na valeta.

— O seu pai? — exclamou Beauchamp. — Então é diferente... Entendo a sua indignação, meu caro Albert... Vamos reler...

E Beauchamp releu a notícia, desta vez pesando cada palavra.

— Mas aonde você vê — perguntou Beauchamp — que o Fernand do jornal venha a ser o seu pai?

— Em parte alguma, sei bem... Mas outros vão ver. É por isso que eu exijo que a notícia seja desmentida.

Às palavras *eu exijo*, Beauchamp ergueu os olhos a Morcerf e, logo os baixando, permaneceu pensativo por um momento.

— Vai desmentir essa notícia, não é verdade, Beauchamp? — repetiu Morcerf, com ira crescente, mas ainda contida.

— Sim... — disse Beauchamp.

— Em tempo — exclamou Albert.

— Mas só quando tiver certeza de que a notícia é falsa.

— Como?!

— Sim, vale a pena esclarecer o caso, e vou esclarecê-lo.

— Mas o que você vê a esclarecer nisso tudo, senhor? — exclamou Albert, perdendo a paciência. — Se não acredita que seja o meu pai, diga logo... Se acredita que seja ele, explique-me a sua opinião.

Beauchamp olhou Albert com aquele sorriso que lhe era peculiar, sorriso que sabia assumir o tom de todas as paixões.

— Senhor — replicou Beauchamp —, pois devemos nos chamar de *senhor*... Se foi para me pedir explicações que veio, deveria ter começado por aí, e não vir me falar de amizade e de outras coisas ociosas como as que tive de aguentar durante meia hora... Então me diga: é neste terreno que vamos pisar agora?

— Sim, se o senhor não retratar a infame calúnia!

— Um momento! Nada de ameaças, por favor, senhor Fernand de Mondego, visconde de Morcerf... Não admito ameaças de meus inimigos, quanto mais de meus amigos... Então, exige que eu desmint a notícia sobre o coronel Fernand, notícia com a qual, palavra de honra, não tive nada a ver?

— Sim, eu exijo! — exclamou Albert, começando a perder a cabeça.

— E se eu não desmentir, duelaremos? — continuou Beauchamp, com a mesma calma.

— Sim! — exclamou Albert, erguendo a voz.

— Muito bem — disse Beauchamp —, eis minha resposta, meu caro senhor: essa notícia não foi publicada por mim, eu nem a conhecia... Mas com as suas exigências o senhor atraiu a minha atenção à notícia, ela ganhou força... E subsistirá até que seja desmentida ou confirmada por quem de direito.

— Senhor — exclamou Albert, erguendo-se —, então eu terei a honra de enviar-lhe as minhas testemunhas... Discuta com elas o local e as armas.

— Perfeitamente, meu caro senhor.

— E esta noite, por favor, ou amanhã, no mais tardar, nós nos encontraremos.

— Não, senhor! Não, senhor! Estarei no terreno no momento conveniente, e, em minha opinião (tenho o direito de exprimir a minha opinião, pois fui eu quem recebeu a provocação)... E, em minha opinião, como eu ia dizendo, o momento ainda não chegou. Sei que o senhor maneja muito bem a espada: eu a manejo mais ou menos. Sei que o senhor acerta metade dos tiros no alvo: mais ou menos como eu... Sei que um duelo entre nós será um duelo sério, pois o senhor é corajoso e... eu também. Então não quero me arriscar a matá-lo ou a ser morto pelo senhor sem motivo. Agora sou eu quem vai lhe fazer a pergunta, e ca-te-go-ri-ca-men-te.

“O senhor exige essa retratação a ponto de me matar, se eu não a fizer, embora eu tenha lhe dito, embora eu lhe repita, embora eu lhe afirme, palavra de honra, que eu nem sabia dessa notícia, embora eu lhe declare, finalmente, que é impossível a qualquer um, a não ser a um Dom Japhet como o senhor,² adivinhar o conde de Morcerf sob o nome de Fernand?”

— Exijo, absolutamente.

— Muito bem, meu caro senhor: então estou pronto a cortar a garganta a seu lado, mas quero três semanas... Em três semanas,

o senhor me encontrará para lhe dizer: “Sim, a notícia é falsa, vou desmenti-la”... Ou então: “Sim, a notícia é verdadeira, tiro as espadas da bainha, ou as pistolas da caixa, à sua escolha”.

— Três semanas? — exclamou Albert. — Mas três semanas são três séculos, três séculos de desonra!

— Se você ainda fosse meu amigo, eu lhe diria: “Paciência, amigo”... Como prefere ser meu inimigo, eu lhe digo: “Não tenho nada a ver com isso, senhor”.

— Muito bem, daqui a três semanas, que seja — disse Morcerf. — Mas lembre-se: daqui a três semanas, não haverá mais adiamento nem subterfúgio que possa dispensá-lo...

— Senhor Albert de Morcerf — disse Beauchamp, também se levantando —, só posso atirá-lo pela janela daqui a três semanas, ou melhor, daqui a vinte e quatro dias, e só então, cavalheiro, o senhor terá o direito de me esquartejar. Estamos no dia 29 de agosto: portanto, no dia 21 de setembro... Até lá, acredite, e é um conselho de cavalheiro que lhe dou, poupemos os latidos de dois dogues acorrentados à distância...

E, cumprimentando gravemente o jovem, Beauchamp deu-lhe as costas e passou à sua tipografia.

Albert vingou-se em uma pilha de jornais, que espalhou com furiosos golpes de seu chicotinho; então ele partiu, não sem duas ou três vezes voltar-se para a porta da tipografia.

Enquanto Albert chicoteava a dianteira de seu cabriolé, depois de ter chicoteado os inocentes papéis enegrecidos que nada tinham a ver com sua fúria, ao atravessar a avenida viu Morrel, que, nariz ao vento, olhos brilhantes, braços soltos, passava diante dos Banhos Chineses, vindo do lado da porta Saint-Martin, indo para o lado da Madeleine.

— Ah — exclamou suspirando —, eis um homem feliz.

Por acaso, Albert não se enganava.

LXXX. A LIMONADA De fato, Morrel estava muito feliz.

O senhor Noirtier acabara de mandar chamá-lo — Morrel tinha tanta pressa de saber o motivo que nem pegara um cabriolé, fiando-se muito mais em suas duas pernas do que nas quatro pernas de um cavalo de aluguel; então saíra correndo da rua Meslay, rumo ao subúrbio Saint-Honoré.

Morrel caminhava a passos ginásticos — o pobre Barrois seguia-o como podia. Morrel tinha trinta e um anos: Barrois, sessenta; Morrel estava ébrio de amor: Barrois, alterado pelo enorme calor. Esses dois homens, tão separados por interesse e idade, pareciam as duas linhas que formam um triângulo: separadas pela base, juntam-se no topo.

O topo era Noirtier, que mandara chamar Morrel recomendando-lhe pressa — recomendação que Morrel seguia literalmente, para desespero de Barrois.

Ao chegar, Morrel sequer ofegava: o amor lhe dava asas; entretanto, Barrois — que havia muito tempo não se apaixonava —, Barrois nadava em suor.

O velho criado fez Morrel entrar pela porta privada — fechou a porta do gabinete e logo um roçar de vestido no soalho anunciou a visita de Valentine.

Valentine estava estonteantemente bela em seu traje de luto.

O sonho tornava-se tão suave que Morrel quase se esqueceu de que viera falar com Noirtier; mas a cadeira do velho logo rolou no assoalho e ele entrou.

Noirtier acolheu com olhar benevolente os agradecimentos que Morrel lhe prodigalizava pela maravilhosa intervenção que salvara Valentine e ele do desespero. Depois o olhar de Morrel interrogou a jovem sobre o novo favor que lhe seria concedido — Valentine, tímida, sentada longe de Morrel, esperava ver-se obrigada a falar.

Noirtier também olhou para ela.

— Então devo dizer o que o senhor me pediu? — perguntou Valentine.

— Sim — fez o olho de Noirtier.

— Senhor Morrel — disse então Valentine ao jovem, que a devorava com os olhos —, meu querido vovô Noirtier tinha mil coisas a lhe dizer, coisas que ele me contou nos últimos três dias.

Hoje ele mandou chamá-lo para que eu lhe conte tudo... Então, vou lhe contar, já que ele me escolheu como intérprete, sem alterar uma vírgula de suas intenções.

— Oh, estou ouvindo com muita impaciência — respondeu o jovem. — Fale, senhorita, fale...

Valentine baixou os olhos — o que a Morrel pareceu ser um bom presságio. Valentine só era fraca quando feliz.

— Meu avô quer deixar esta casa — disse ela. — Barrois está procurando uma casa apropriada.

— Mas e a senhorita — disse Morrel —, a senhorita que é tão querida e necessária ao senhor Noirtier?

— Eu — prosseguiu a jovem —, eu não vou deixar o meu avô... Isso já foi combinado entre nós. Os meus aposentos serão ao lado dos dele. Ou terei o consentimento do senhor de Villefort para ir morar com vovô Noirtier ou não o terei: no primeiro caso, parto em breve; no segundo caso, espero a maioridade, que chega em dez meses. Então estarei livre, terei uma fortuna independente, e...

— E?... — perguntou Morrel.

— E, com a autorização do vovozinho, cumprirei a promessa que fiz a você.

Valentine pronunciou essas últimas palavras em voz tão baixa que Morrel não poderia ouvi-las, não fosse o interesse que tinha em devorá-las.

— Vovô: não exprimi o seu pensamento? — acrescentou Valentine, dirigindo-se a Noirtier.

— Sim — fez o velho.

— Uma vez na casa de meu avô — acrescentou Valentine —, o senhor Morrel poderá vir me ver, na presença deste bom e digno protetor. Se o laço que os nossos corações, talvez ignorantes ou caprichosos, tinham começado a formar, parecer conveniente e oferecer garantias de felicidade futura à nossa experiência (ai, dizem que os corações, inflamados pelos obstáculos, esfriam na segurança!), então o senhor Morrel poderá pedir minha mão a mim mesma, estarei à sua espera.

— Oh! — exclamou Morrel, tentado a ajoelhar-se diante do velho como diante de Deus, diante de Valentine como diante de um anjo.

— Oh, que bem fiz eu em minha vida para merecer tanta felicidade?

— Até lá — continuou a jovem em sua voz pura e severa —, respeitaremos as conveniências, até mesmo a vontade de nossas famílias, desde que essa vontade nunca pretenda nos separar... Numa palavra, e repito esta palavra porque ela diz tudo, esperaremos.

— E os sacrifícios que essa palavra impõe, senhor — disse Morrel —, juro suportá-los não com resignação, mas com felicidade.

— Então — continuou Valentine, com um olhar maravilhoso para o coração de Maximilien —, nada de imprudências, meu amigo... Não comprometa aquela que, a partir de hoje, considera-se destinada a usar puramente, dignamente, o seu nome, Morrel...

Morrel colocou a mão no coração.

Entretanto, Noirtier mirava ambos com ternura. Barrois, que permanecera ao fundo, como um homem a quem nada é preciso esconder, sorria, enxugando as grossas gotas de suor que jorravam de sua fronte calva.

— Oh, meu Deus, mas como esse bom Barrois está sentindo calor! — exclamou Valentine.

— Ah — exclamou Barrois —, ora, é porque corri bastante, senhorita... Mas o senhor Morrel, devo lhe fazer justiça, corria ainda mais rápido do que eu.

Noirtier indicou com o olho uma bandeja onde estavam servidos uma garrafa de limonada e um copo. O que faltava na garrafa tinha sido bebido meia hora antes por Noirtier.

— Pegue, meu bom Barrois — ofereceu a jovem —, pegue, pois vejo que seus olhos estão devorando o resto desta garrafa.

— Fato é que estou morrendo de sede... — disse Barrois. — Beberei com prazer um copo de limonada à sua saúde.

— Então vá beber — disse Valentine — e volte logo.

Barrois levou a bandeja — assim que chegou ao corredor, através da porta que se esquecera de fechar viram-no inclinar a cabeça para trás e esvaziar o copo que Valentine enchera.

Valentine e Morrel despediam-se na presença de Noirtier quando ouviram a campainha ecoar na escada de Villefort.

Valentine olhou o relógio.

Era sinal de uma visita.

— É meio-dia — disse ela —, hoje é sábado, vovô: deve ser o doutor.

Noirtier fez sinal de que de fato devia ser o médico.

— Ele vai vir para cá: o senhor Morrel deve sair, não é mesmo, vovô?

— Sim — respondeu o velho.

— Barrois! — chamou Valentine. — Barrois, venha!

Ouviram a voz do velho criado a responder: — Já vou, senhorita.

— Barrois vai levá-lo até a porta — disse Valentine a Morrel. — Agora, lembre-se de uma coisa, senhor oficial: o meu vovô recomenda-lhe não fazer nada que possa comprometer a nossa felicidade.

— Prometi esperar — disse Morrel — e esperarei.

Nesse momento, Barrois entrou.

— Quem chegou? — perguntou Valentine.

— O senhor doutor d'Avrigny — respondeu Barrois, cambaleando.

— Bem, o que você tem, Barrois? — perguntou Valentine.

O velho não respondeu: olhava seu amo com olhos aterrados, enquanto com a mão crispada buscava algum apoio para permanecer de pé.

— Mas ele vai cair! — exclamou Morrel.

De fato, o tremor que dominara Barrois aumentava paulatinamente; os traços do rosto, alterados pelos movimentos convulsivos dos músculos faciais, anunciavam um ataque nervoso dos mais intensos.

Ao ver Barrois tão perturbado, Noirtier multiplicava os seus olhares inteligíveis e palpitantes a exprimir todas as emoções que agitam o coração humano.

Barrois deu alguns passos na direção do amo.

— Ah, meu Deus! Meu Deus! Senhor — exclamou ele —, o que é que tenho?... Que dor... Já não vejo mais nada. Mil pontas de fogo atravessam meu crânio. Oh, não me toquem, não me toquem!

De fato, os seus olhos tornavam-se salientes e desvairados, a sua cabeça caía para trás, enquanto o resto do corpo endurecia.

Apavorada, Valentine deu um grito; Morrel tomou-a nos braços, como a defendê-la de algum perigo desconhecido.

— Senhor d'Avrigny! Senhor d'Avrigny! — gritou Valentine em voz sufocada. — Aqui! Socorro!

Barrois girou em torno de si mesmo, deu três passos para trás, tropeçou e foi cair aos pés de Noirtier, apoiando a mão em seu joelho, gritando: — Meu amo! Meu bom amo!

Neste momento, o senhor de Villefort, atraído pelos gritos, apareceu à porta do quarto.

Morrel largou Valentine semidesmaiada e, pulando para trás, alcançou um canto do quarto, quase desaparecendo atrás de uma cortina.

Pálido, como se tivesse visto uma serpente erguer-se à sua frente, mirava o pobre agonizante com um olhar gelado.

Noirtier fervia de impaciência e terror; a sua alma voava em socorro do pobre velho, mais um amigo do que um criado. Via-se a terrível luta entre a vida e a morte traduzir-se em sua testa pela intumescência das veias e pela contração dos poucos músculos que ainda permaneciam vivos ao redor de seus olhos.

Barrois, com o rosto agitado, olhos injetados de sangue, cabeça inclinada para trás, jazia, batendo as mãos no assoalho, enquanto, pelo contrário, as suas pernas rígidas pareciam se quebrar em vez de dobrar.

Leve espuma subia de seus lábios e ele ofegava dolorosamente.

Villefort, estupefato, permaneceu por um instante com os olhos fixos naquele quadro que atraía toda a sua atenção desde que chegara ao quarto.

Ele não vira Morrel.

Depois de um instante de contemplação muda, durante a qual podia se ver o seu rosto empalidecer e os seus cabelos se eriçarem na cabeça: — Doutor, doutor! — exclamou ele, correndo à porta. — Venha! Venha!

— Senhora, senhora! — gritou Valentine, chamando a madrastra, esbarrando nas paredes da escada. — Venha, venha depressa! E traga seu frasco de sais!

— O que houve? — perguntou a voz metálica e contida da senhora de Villefort.

— Oh, venha, venha!

— Mas onde está o doutor? — gritava Villefort. — Onde está?

A senhora de Villefort desceu lentamente; ouviam-se as tábuas estalarem sob os seus pés. Numa mão ela segurava o lenço com que enxugava o rosto, na outra um frasco de sais ingleses.

Ao chegar à porta, logo olhou para Noirtier: a não ser pela emoção bem natural em tais circunstâncias, o rosto do ancião mostrava a saúde de sempre; então ela viu o moribundo.

Ela empalideceu e seu olhar, por assim dizer, saltou do criado ao amo.

— Mas em nome do céu, senhora, onde é que está o doutor? Ele entrou na casa. Como podem ver, trata-se de uma apoplexia: com uma sangria, ele será salvo.

— Ele comeu recentemente? — perguntou a senhora de Villefort, fugindo à pergunta.

— Senhora — respondeu Valentine —, ele não almoçou, mas correu muito esta manhã para dar um recado enviado pelo vovô. Ao voltar, só tomou um copo de limonada.

— Ah — exclamou a senhora de Villefort —, por que não tomou vinho? Limonada faz muito mal.

— A limonada estava à mão, na garrafa do vovô... O pobre Barrois estava com sede: bebeu o que viu pela frente.

A senhora de Villefort estremeceu; Noirtier envolveu-a em seu olhar profundo.

— Seu pescoço está tão inchado! — exclamou ela.

— Senhora — disse Villefort —, eu lhe pergunto, onde está o doutor d'Avrigny? Em nome do céu, responda!

— Ele está no quarto de Édouard, que está um pouco indisposto — respondeu a senhora de Villefort, já sem poder esquivar-se.

Villefort correu à escada para ir chamá-lo pessoalmente.

— Olhe — disse a jovem senhora, estendendo o frasco a Valentine —, vão sangrá-lo, com certeza. Vou subir a meu quarto, pois não suporto ver sangue.

E ela seguiu o marido.

Morrel saiu do canto escuro onde se escondera, onde em meio à preocupação geral ninguém o vira.

— Saia depressa, Maximilien — disselhe Valentine —, e espere que eu o chame... Vá.

Morrel consultou Noirtier com um gesto. Noirtier, que conservava todo o seu sangue-frio, fez sinal que sim.

Ele apertou a mão de Valentine contra o coração e saiu pelo corredor escondido.

No mesmo instante, Villefort e o doutor entravam pela outra porta.

Barrois começava a voltar a si: a crise passara, sua voz voltava, ele gemia e se erguia sobre um joelho.

D'Avrigny e Villefort deitaram Barrois num sofá.

— O que manda, doutor? — perguntou Villefort.

— Tragam água e éter. Há éter na casa?

— Sim.

— Corram e me tragam óleo de terebintina e emético.

— Corram! — exclamou Villefort.

— Agora, que todos se retirem.

— Eu também? — perguntou timidamente Valentine.

— Sim, senhorita: principalmente você — respondeu rudemente o doutor.

Valentine olhou o senhor d'Avrigny com surpresa, beijou a testa do senhor Noirtier e saiu.

Atrás dela, o doutor fechou a porta com expressão sombria.

— Olhe... Olhe, doutor: ele está voltando a si... Teve apenas um ataque sem importância.

O doutor d'Avrigny sorriu com expressão sombria.

— Como está se sentindo, Barrois? — perguntou o médico.

— Um pouco melhor, doutor.

— Poderia beber este copo de água com éter?

— Vou tentar... Mas não me toque.

— Por quê?

— Porque acho que se me tocarem, mesmo que com a ponta do dedo, a crise voltará.

— Beba.

Barrois pegou o copo, aproximou-o dos lábios roxos e virou quase a metade.

— Onde dói? — perguntou o médico.

— No corpo todo... Estou sentindo câibras terríveis.

— Está com tontura?

— Sim.

— E zumbidos nos ouvidos?

— Terríveis.

— Quando começou?

— Agora há pouco.

— De repente?

— Como o relâmpago.

— Nada ontem? Nada anteontem?

— Nada.

— Nem sonolência? Cansaço?

— Não.

— O que comeu hoje?

— Não comi nada... Só bebi um copo de limonada do meu amo, nada mais.

E Barrois fez com a cabeça um sinal para mostrar Noirtier, que, imóvel em sua cadeira, contemplava a terrível cena sem perder um só movimento, sem deixar escapar uma só palavra.

— Onde está essa limonada? — perguntou vivamente o médico.

— Na garrafa, lá embaixo.

— Lá embaixo onde?

— Na cozinha.

— Quer que eu vá buscá-la, doutor? — perguntou Villefort.

— Não, fique aqui, e trate de fazer o doente beber o resto deste copo d'água.

— Mas a limonada...

— Eu mesmo vou buscá-la.

D'Avrigny deu um salto, abriu a porta, correu à escada de serviço e quase derrubou a senhora de Villefort, que também descia à cozinha.

Ela deu um grito.

D'Avrigny nem lhe deu atenção; levado pela força de uma única ideia, saltou os três ou quatro últimos degraus, precipitou-se à cozinha e viu a garrafa, três quartos vazia, sobre a bandeja.

Agarrou-a como uma águia agarra a sua presa.

Ofegando, voltou a subir a escada e a entrar no quarto.

A senhora de Villefort subia lentamente a escada que levava a seu quarto.

— Era esta a garrafa que estava aqui? — perguntou d'Avrigny.

— Sim, senhor doutor.

— Esta limonada é a mesma que você bebeu?

— Acho que sim.

— Que gosto achou que ela tinha?

— Um gosto amargo.

O médico derramou algumas gotas de limonada na palma da mão, aspirou-as com os lábios e depois de bochechar, como se faz com o vinho ao degustar, cuspiu o líquido na lareira.

— É exatamente a mesma — disse ele. — E o senhor Noirtier também a bebeu?

— Sim — fez o velho.

— E também achou o gosto amargo?

— Sim.

— Ah, senhor doutor! — gritou Barrois. — A crise está voltando! Meu Deus, tenha piedade de mim!

O médico correu ao enfermo.

— O emético, Villefort: veja se ele chegou.

Villefort correu, gritando: — O emético, o emético! Trouxeram?

Ninguém respondeu. Na casa reinava o mais profundo terror.

— Se eu tivesse um meio de insuflar-lhe ar nos pulmões — disse d'Avrigny, olhando ao redor —, talvez houvesse um meio de evitar a asfixia. Mas não, nada? Nada!

— Oh, senhor — gritava Barrois —, vai me deixar morrer assim sem socorro? Oh, eu estou morrendo! Meu Deus, eu estou morrendo!

— Uma pena! Uma pena! — pediu o médico.

Viu uma em cima da mesa.

Tentou introduzir a pena na boca do enfermo, que em meio às convulsões fazia inúteis esforços para vomitar; mas os maxilares estavam tão cerrados que a pena não podia passar.

Barrois fora atingido por um ataque nervoso ainda mais intenso do que o anterior. Escorregara do sofá ao chão e contraía-se no assoalho.

O médico deixou-o em meio a essa crise — à qual não poderia trazer nenhum alívio — e aproximou-se de Noirtier.

— Como está se sentindo? — disselhe precipitadamente em voz baixa. — Bem?

— Sim.

— Estômago leve ou pesado? Leve?

— Sim.

— Como quando toma a pílula que lhe mandei tomar todos os domingos?

— Sim.

— Foi Barrois quem fez a sua limonada?

— Sim.

— Foi o senhor que lhe ofereceu limonada?

— Não.

— Foi o senhor de Villefort?

— Não.

— A senhora?

— Não.

— Então foi Valentine?

— Sim.

Um suspiro de Barrois, um bocejo que fazia estalarem os ossos de seu maxilar, chamou a atenção de d'Avrigny; ele deixou o senhor Noirtier e correu ao enfermo.

— Barrois — disse o médico —, consegue falar?

Barrois balbuciou algumas palavras ininteligíveis.

— Faça um esforço, meu amigo.

Barrois reabriu os olhos injetados de sangue.

— Quem fez a limonada?

— Eu.

— Trouxe-a a seu amo assim que a fez?

— Não.

— Então, deixou-a em algum lugar?

— Na copa... Estavam me chamando.

— Quem a trouxe para cá?

— A senhorita Valentine.

D'Avrigny coçou a testa.

— Oh, meu Deus! Meu Deus! — murmurou ele.

— Doutor! Doutor! — gritou Barrois, que sentia a chegada de uma terceira crise.

— Mas não vão trazer esse emético? — exclamou o médico.

— Aqui está um copo já preparado — disse Villefort, entrando.

— Por quem?

— Pelo jovem farmacêutico que veio comigo.

— Beba.

— Impossível, doutor, tarde demais... Minha garganta está apertada... Estou sufocando! Ai, o meu coração! Ai, a minha cabeça... Ai, que inferno... Ainda vou sofrer muito tempo assim?

— Não, não, meu amigo — disse o médico. — Logo já não vai sofrer mais.

— Ah, compreendo! — exclamou o infeliz. — Meu Deus! Tenha piedade de mim!

E, lançando um grito, caiu para trás, como se fulminado.

D'Avrigny pousou a mão em seu coração, aproximou um espelho de seus lábios.

— E então? — perguntou Villefort.

— Vá dizer à cozinha que me tragam bem depressa xarope de violeta.

Villefort desceu instantaneamente.

— Não tenha medo, senhor Noirtier — disse d'Avrigny —, vou levar o enfermo a outro quarto para sangrá-lo... Na verdade, este tipo de ataque é um espetáculo terrível de se ver.

E, pegando Barrois por baixo dos braços, arrastou-o para o quarto ao lado; mas quase imediatamente voltou ao quarto de Noirtier para pegar o resto da limonada.

Noirtier fechou o olho direito.

— Valentine, não é, quer Valentine? Vou mandar chamá-la.

Villefort subia de volta; d'Avrigny encontrou-o no corredor.

— E então? — perguntou ele.

— Venha — disse d'Avrigny.

E levou-o ao quarto.

— Continua desmaiado? — perguntou o procurador do rei.

— Ele morreu.

Villefort recuou três passos, juntou as mãos sobre a cabeça e, com uma comiseração inequívoca: — Morreu tão depressa — disse ele, olhando o cadáver.

— Sim, tão depressa, não é verdade? — disse d'Avrigny. — Mas isso não deve surpreendê-lo: o senhor e a senhora de Saint-Méran também morreram tão depressa... Oh, senhor de Villefort, morre-se depressa em sua casa.

— O quê? — exclamou o magistrado com acento de horror e de consternação. — Está voltando àquela terrível ideia?

— Nunca a deixei, senhor, nunca — disse d'Avrigny solenemente —, ela não me deixou um só instante... E, para que fique bem convencido de que desta vez eu não me engano, escute-me bem, senhor de Villefort.

Villefort tremia convulsivamente.

— Há um veneno que mata sem quase deixar vestígio. Esse veneno, eu o conheço bem: estudei todos os incidentes que ele provoca, todos os fenômenos que ele produz. Este veneno, reconheci-o agora há pouco no pobre Barrois, como já o reconhecera na senhora de Saint-Méran. Há uma maneira de reconhecer a presença desse veneno: ele devolve a cor azul ao papel tornassol avermelhado por um ácido. E ele tingem de verde o xarope de violeta. Aqui não temos papel tornassol; mas olhe: já estão trazendo o xarope de violeta que pedi.

De fato, ouviam-se passos no corredor; o médico entreabriu a porta, pegou das mãos da camareira uma taça no fundo da qual havia duas ou três colheradas de xarope e fechou a porta.

— Olhe — disse ele ao procurador do rei, cujo coração batia tão forte que era possível ouvi-lo —, nesta taça há xarope de violeta; nesta garrafa está o resto da limonada que o senhor Noirtier e Barrois beberam. Se a limonada for pura e inofensiva, o xarope

manterá sua cor; se a limonada estiver envenenada, o xarope ficará verde. Olhe!

O médico derramou lentamente algumas gotas da limonada da garrafa na taça e, no mesmo instante, viu-se uma nuvem se formar no fundo da taça: primeiro esta nuvem assumiu uma tonalidade azul; a seguir, do tom safira passou a opala, e de opala a esmeralda.

Ao chegar à cor da esmeralda, nela fixou-se, por assim dizer: a experiência não deixava nenhuma dúvida.

— O infeliz Barrois foi envenenado com falsa-angustura ou com noz de Santo Inácio — disse d’Avrigny. — Agora posso garanti-lo perante os homens e perante Deus.

Villefort não disse nada, mas ergueu os braços aos céus, abriu olhos atônitos e caiu fulminado numa poltrona.

LXXXI. A ACUSAÇÃO

O doutor d’Avrigny não tardou a reanimar o magistrado, que parecia ser um segundo cadáver naquela câmara mortuária.

— Oh, a morte não sai de minha casa! — exclamou Villefort.

— Isto é, o crime... — respondeu o médico.

— Senhor d’Avrigny! — exclamou Villefort. — Não posso lhe exprimir tudo o que se passa dentro de mim neste momento: é o terror, é a dor, é a loucura...

— Sim — disse o doutor d’Avrigny com calma imponente. — Mas creio que é tempo de agirmos, creio que é tempo de erguermos um dique contra essa torrente de mortalidade. Quanto a mim, já não me sinto mais capaz de continuar a guardar esses segredos, de renunciar à esperança de que logo a sociedade e as vítimas se vinguem.

Villefort lançou um olhar sombrio ao redor.

— Em minha casa — murmurou Villefort —, em minha casa!

— Vamos, magistrado — disse d’Avrigny —, seja homem; como intérprete da lei, honre-se com uma imolação completa.

— O senhor me faz estremecer, doutor... Uma imolação?...

— Foi o que eu disse.

— Então suspeita de alguém?

— Eu não suspeito de ninguém... A morte bate à sua porta, ela entra, ela anda não cegamente, mas inteligente como é, de quarto em quarto. Bem, eu sigo os seus passos, reconheço os seus rastros; adoto a sabedoria dos antigos: tateio; pois minha amizade à sua família, meu respeito pelo senhor, são duas vendas colocadas em meus olhos; pois bem...

— Oh, fale, doutor, fale! Terei coragem.

— Pois bem: o senhor tem em casa, no seio de sua residência, em sua família talvez, um desses terríveis fenômenos que só acontecem uma vez a cada século. Locusta e Agripina, que viveram na mesma época, são uma exceção que mostra o furor da Providência a condenar o Império Romano, manchado por tantos crimes. Brunhilda e Fredegunda são os resultados do trabalho penoso de uma civilização em sua gênese, quando o homem aprendia a dominar o espírito, ainda que pelo enviado das trevas. Pois bem, todas essas mulheres haviam sido, ou ainda eram, jovens e belas. Havia visto florescer em sua frente, ou em sua frente ainda florescia, a mesma flor de inocência que também se encontra na frente da culpada que se encontra em sua casa.

Villefort deu um grito, juntou as mãos e olhou o médico com um gesto de súplica.

Mas o médico prosseguiu sem piedade: — Pergunte a quem o crime beneficia, afirma um axioma da jurisprudência.

— Doutor! — exclamou Villefort. — Ai, doutor, quantas vezes a justiça dos homens não foi enganada por essas funestas palavras! Não sei, mas me parece que esse crime...

— Ah, então, finalmente, confessa que existe crime?

— Sim, reconheço que sim. O que esperava? É preciso reconhecer. Mas deixe-me continuar... Parece-me, dizia eu, que esse crime recai apenas sobre mim, não sobre as vítimas. Em meio a todos esses desastres estranhos, suspeito de algum desastre endereçado a mim.

— Oh, o homem — murmurou d'Avrigny —, o mais egoísta de todos os animais, a mais personalista de todas as criaturas, sempre

a acreditar que a terra gira, que o sol brilha, que a morte ceifa só para ele; formiga a amaldiçoar Deus do alto de uma folha de relva! E os que perderam a vida, não perderam nada? O senhor de Saint-Méran, a senhora de Saint-Méran, o senhor de Noirtier...

— Como? O senhor de Noirtier?

— Ah, sim! Acredita, por acaso, que era aquele infeliz criado que queriam matar? Não, não: como o Polônio de Shakespeare, ele morreu por outro.³ Era Noirtier quem devia beber a limonada; foi Noirtier que a bebeu, seguindo a ordem lógica das coisas: o outro só a bebeu por acidente; embora seja Barrois quem morreu, era Noirtier quem deveria morrer.

— Mas então como o meu pai não sucumbiu?

— Já lhe disse uma noite, no jardim, depois da morte da senhora de Saint-Méran: porque o corpo dele está acostumado ao efeito desse mesmo veneno; porque a dose insignificante para ele era mortal para qualquer outro; enfim, porque ninguém sabe, nem mesmo o assassino, que há um ano trato com brucina a paralisia do senhor Noirtier, enquanto o assassino não ignora, e comprovou-o pela experiência, que a brucina é um veneno violento.

— Meu Deus! Meu Deus! — murmurou Villefort, contorcendo os braços.

— Siga os passos do criminoso: ele mata o senhor de Saint-Méran...

— Oh, doutor!

— Eu juraria... O que me disseram dos sintomas combina muito bem com o que vi com meus próprios olhos.

Villefort desistiu de resistir e deu um gemido.

— Ele mata o senhor de Saint-Méran... — repetiu o médico —, ele mata a senhora de Saint-Méran... Dupla herança a receber.

Villefort enxugou o suor a correr em sua testa.

— Escute bem.

— Ai — balbuciou Villefort —, eu não perco uma palavra, uma única palavra.

— O senhor Noirtier — continuou, em sua voz impiedosa, o senhor d'Avrigny —, o senhor Noirtier recentemente fizera um

testamento contra você, contra a sua família, em favor dos pobres, enfim... O senhor Noirtier é poupado, nada se espera dele. Mas assim que ele destrói o seu primeiro testamento, assim que ele faz o segundo, atacam-no, certamente com medo de que ele fizesse um terceiro... O testamento foi feito anteontem, creio... Como pode ver, não perderam tempo.

— Oh, tenha piedade, senhor d'Avrigny!

— Nada de piedade, senhor: o médico tem uma missão sagrada na terra; é para realizá-la que ele sobe às fontes da vida e desce às misteriosas trevas da morte. Quando o crime foi cometido e Deus, certamente aterrado, desvia o seu olhar do criminoso, cabe ao médico dizer: "Aqui está ele!".

— Tenha piedade de minha filha, senhor! — murmurou Villefort.

— Como pode ver muito bem, é o senhor que a cita: o senhor, o pai dela!

— Tenha piedade de Valentine! Escute: isso é impossível... Eu preferiria acusar a mim mesmo! Valentine, um coração de diamante, um lírio de inocência!

— Nada de piedade, senhor procurador do rei: o crime é flagrante. A senhorita de Villefort embalou pessoalmente os medicamentos que enviaram ao senhor de Saint-Méran, e o senhor de Saint-Méran está morto.

"A senhorita de Villefort preparou os chás da senhora de Saint-Méran, e a senhora de Saint-Méran está morta.

"A senhorita de Villefort tomou das mãos de Barrois, enviado a dar um recado, a garrafa de limonada que o velho Noirtier sempre bebe de manhã, e o velho só escapou por milagre.

"A senhorita de Villefort é a culpada! É a envenenadora! Senhor procurador do rei: eu lhe denuncio a senhorita de Villefort; cumpra o seu dever!"

— Doutor, já não vou mais resistir, já não vou mais me defender, acredito no senhor; mas, por piedade, poupe a minha vida, a minha honra!

— Senhor de Villefort — replicou o médico, com força crescente —, há circunstâncias em que vou além de todos os limites da tola circunspecção humana. Se a sua filha tivesse cometido apenas um

único crime, se eu a visse planejar um segundo crime, eu diria ao senhor: “Adverte-a, castiga-a; que ela passe o resto de sua vida em algum claustro, em algum convento, a chorar, a rezar”. Se ela tivesse cometido um segundo crime, eu diria ao senhor: “Olhe, senhor de Villefort, eis um veneno que não tem antídoto conhecido, veloz como o pensamento, rápido como o raio, mortal como o relâmpago; dê-lhe esse veneno, recomendando a sua alma a Deus, e assim salve a sua honra e os seus dias, pois é o senhor que ela odeia. E vejo-a aproximar-se de sua cabeceira, com os seus sorrisos hipócritas, com as suas doces exortações! Pobre do senhor, senhor de Villefort, se não se apressar a golpeá-la primeiro!”. É isso o que eu lhe diria, se ela só tivesse matado duas pessoas... Mas ela assistiu a três agonias, ela contemplou três moribundos, ajoelhou-se diante de três cadáveres... Ao carrasco, a envenenadora! Ao carrasco! O senhor fala de sua honra, faça o que lhe digo, é a imortalidade que o espera!

Villefort caiu de joelhos.

— Escute — disse ele —, não tenho toda essa força que o senhor tem, ou melhor, que o senhor não teria se, em vez de minha filha Valentine, se tratasse de sua filha Madeleine.

O médico empalideceu.

— Doutor: todo homem filho de mulher nasceu para sofrer e morrer; doutor: sofrerei e esperarei a morte.

— Tome cuidado — disse o senhor d’Avrigny —, ela será lenta... Essa morte, o senhor a verá se aproximar depois de ter colhido o seu pai, a sua mulher, o seu filho talvez.

Villefort, sufocando, agarrou o braço do médico.

— Escute-me! — exclamou ele. — Tenha piedade de mim, ajude-me!... Não, a minha filha não é culpada... Arraste-nos a um tribunal, continuarei a dizer: “Não, a minha filha não é culpada... Não há crime em minha casa...”. Eu não admito, está ouvindo, que haja crime em minha casa; pois, quando o crime entra em algum lugar, é como a morte: não entra sozinho. Escute: que lhe importa que eu morra assassinado?... O senhor é meu amigo, é um homem, tem um coração?... Não, o senhor é médico!... Pois bem, eu lhe digo, não: minha filha não será arrastada por mim às mãos do

carrasco! Ah, eis uma ideia que me devora, que me leva como um insensato a cavar o meu peito com as unhas!... E se o senhor estivesse enganado, doutor! E se fosse outro, não a minha filha! Se, um dia, eu viesse, pálido como um fantasma, lhe dizer: “Assassino! Você matou a minha filha!...”. Olhe: se isto acontecesse, apesar de ser cristão, senhor d’Avrigny, eu me mataria!

— Está bem — disse o médico depois de um instante de silêncio —, vou esperar.

Villefort olhou-o como se ainda duvidasse de suas palavras.

— Entretanto — continuou o senhor d’Avrigny, em voz lenta e solene —, se alguém em sua casa ficar doente, se o senhor mesmo sentir-se mal, não me chame, pois não virei mais. Concordo em manter esse terrível segredo entre nós, mas não quero que a vergonha e o remorso entrem em minha casa, frutificando e se ampliando em minha consciência, da mesma forma como o crime e a desgraça vão se ampliar e frutificar em sua casa.

— Então, vai me abandonar, doutor?

— Sim, pois não posso acompanhá-lo adiante: só me deteria ao pé do cadafalso. Alguma outra revelação virá, trazendo o final dessa terrível tragédia. Adeus.

— Doutor: eu lhe suplico!

— Todos os horrores que maculam o meu pensamento tornam a sua casa odiosa e fatal. Adeus, senhor.

— Uma palavra, só mais uma palavra, doutor! O senhor se retira deixando-me todo o horror da situação, horror que o senhor ampliou com o que me revelou. Mas e da morte instantânea, súbita, daquele pobre e velho criado, o que vão dizer?

— É justo — disse o senhor d’Avrigny —, acompanhe-me.

O médico saiu primeiro — o senhor de Villefort o seguiu. Inquietos, os criados encontravam-se nos corredores e nas escadas por onde o médico deveria passar.

— Senhor — disse d’Avrigny a Villefort, falando em voz alta, para que todos o ouvissem —, o pobre Barrois andava muito sedentário, nos últimos anos: justo ele, que outrora se acostumara a correr a cavalo, ou de carruagem, os quatro cantos da Europa, ao lado de seu amo, acabou se matando nesse serviço monótono ao redor de

uma poltrona. Seu sangue engrossou. Ele estava inchado, com o pescoço curto e grosso, e foi atingido por uma apoplexia fulminante; foram me chamar tarde demais.

“A propósito — acrescentou ele em voz baixa —, tenha o cuidado de jogar essa taça de violeta nas cinzas.”

E o médico, sem apertar a mão de Villefort, sem voltar atrás um só instante no que dissera, saiu escoltado pelas lágrimas e lamentos de todos os criados da casa.

Na mesma noite, todos os criados de Villefort, que tinham se reunido na cozinha e conversado longamente entre eles, foram pedir à senhora de Villefort permissão para se retirarem. Nenhuma insistência, nenhuma proposta de aumento de ordenado conseguiu demovê-los; a todas as palavras, eles respondiam: — Queremos ir embora porque a morte habita esta casa.

Partiram, portanto, apesar das súplicas que lhes fizeram, testemunhando vivo pesar por deixarem patrões tão bons — principalmente a senhorita Valentine, tão boa, tão generosa e tão gentil.

A essas palavras, Villefort olhou Valentine.

Ela chorava.

Coisa estranha: em meio à emoção que essas lágrimas provocavam, ele olhou também a senhora de Villefort: pareceu-lhe que um sorriso fugaz e sombrio passava por aqueles lábios finos — como aqueles meteoros que vemos deslizar, sinistros, entre duas nuvens, ao fundo de um céu tempestuoso.

LXXXII. O QUARTO DO PADEIRO APOSENTADO

Na noite daquele mesmo dia em que o conde de Morcerf saía da casa de Danglars com uma vergonha e com uma raiva que a frieza do banqueiro explicavam, o senhor Andrea Cavalcanti — com cabelos frisados e brilhantes, bigodes afiados, luvas brancas que desenhavam as unhas —, quase de pé em sua carruagem descoberta, entrou no pátio do banqueiro da rua da Chaussée d'Antin.

Ao cabo de dez minutos de conversa no salão, achara um meio de levar Danglars a uma janela, e ali, depois de hábil preâmbulo, expusera os tormentos de sua vida, desde a partida de seu nobre pai. Desde essa partida, dizia ele, encontrara na família do banqueiro, onde fora recebido como um filho, todas as garantias de felicidade que um homem sempre deve procurar diante dos caprichos da paixão — quanto à própria paixão, tivera a sorte de encontrá-la nos belos olhos da senhorita Danglars.

Danglars escutava com a mais profunda atenção; havia dois ou três dias esperava essa declaração e, quando ela finalmente foi feita, os seus olhos dilataram-se tanto quanto tinham se fechado e ensombrecido ao escutar Morcerf.

Entretanto, ele não queria acolher a proposta do jovem sem antes lhe fazer algumas conscienciosas observações.

— Senhor Andrea — disse ele —, não é um tanto jovem demais para pensar em casamento?

— Não, senhor — replicou Cavalcanti —, ao menos creio que não: na Itália, em geral, os grandes senhores costumam se casar cedo; é um costume lógico. A vida é tão incerta que devemos agarrar a felicidade assim que ela se encontra a nosso alcance.

— Agora, cavalheiro — disse Danglars —, admitindo que suas propostas, que me honram, sejam aceitas por minha mulher e por minha filha: com quem debateríamos os interesses financeiros? Trata-se, parece-me, de uma negociação importante que só os pais sabem apreciar convenientemente, pensando na felicidade de seus filhos.

— Senhor: o meu pai é um homem sensato, cheio de ponderação e raciocínio. Ele previu a provável circunstância de eu sentir vontade de me estabelecer na França: portanto, ao partir, deixou-me todos os documentos que provam a minha identidade, além de uma carta em que me assegura, caso eu faça uma escolha que lhe agrade, cento e cinquenta mil libras de renda, a partir do dia de meu casamento. Ao que posso estimar, trata-se de um quarto da renda de meu pai.

— Quanto a mim — disse Danglars —, sempre tive a intenção de dar à minha filha quinhentos mil francos ao casá-la; aliás, ela é

minha única herdeira.

— Bem — exclamou Andrea —, como vê, tudo vai dar certo, supondo que meu pedido não seja rejeitado pela senhora baronesa Danglars e pela senhorita Eugénie. Estamos diante de cento e setenta e cinco mil libras de renda. Suponhamos uma coisa: eu conseguir que o marquês, em vez de me pagar o rendimento, me adiante o capital (não será fácil, sei muito bem, mas, enfim, não deixa de ser possível); o senhor faria esses dois ou três milhões renderem, e em mãos hábeis dois ou três milhões sempre podem render dez por cento.

— Nunca consigo mais do que quatro por cento — disse o banqueiro —, ou até mesmo apenas três e meio. Mas, para o meu genro, eu conseguiria cinco por cento, e nós dividiríamos o lucro.

— Muito bem, mas que maravilha, meu sogro! — exclamou Cavalcanti, deixando-se levar pela natureza um tanto vulgar que de vez em quando, apesar de seus esforços, manchava o verniz de aristocracia com que tentava cobri-la.

Mas logo, corrigindo-se:

— Oh, perdão, cavalheiro — disse ele —, como vê, a mera expectativa quase me leva a perder a cabeça... O que acontecerá quando ela se tornar real?

— Entretanto — disse Danglars, que, por sua vez, não atinava como essa conversa, no início desinteressada, logo se tornara um arranjo de negócios —, o seu pai certamente não poderá lhe recusar uma parte de sua fortuna...

— Que parte? — perguntou o jovem.

— A parte que vem de sua mãe.

— Ah, certamente, a parte que vem de minha mãe, Oliva Corsinari...

— E a quanto pode chegar essa parte da fortuna?

— Nossa — disse Andrea —, eu lhe asseguro, cavalheiro, que nunca pensei nesse assunto, mas, estimo, a pelo menos dois milhões.

Danglars sentiu aquela espécie de alegre falta de ar que sente o avaro ao reencontrar um tesouro perdido, ou o homem prestes a se

afogar ao perceber que pisa em terra firme e não mais no vazio que iria devorá-lo.

— Bem, cavalheiro — disse Andrea, cumprimentando o banqueiro com terno respeito —, posso esperar que...

— Senhor Andrea — disse Danglars —, espere e acredite: se nenhum obstáculo de sua parte detiver a marcha deste negócio, ele será concluído.

— Ah, cavalheiro, o senhor me enche de alegria — disse Andrea.

— Entretanto — disse Danglars, refletindo —, como se explica que o senhor conde de Monte-Cristo, seu patrono nesta sociedade parisiense, não tenha vindo com o senhor fazer-nos esse pedido?

Andrea enrubesceu imperceptivelmente.

— Estou vindo da casa do conde, senhor — respondeu ele —, trata-se incontestavelmente de um homem encantador, mas também de uma originalidade surpreendente; aprovou-me plenamente; disse mesmo não acreditar que meu pai hesitasse um só instante em me dar o capital em vez da renda; prometeu-me o seu empenho para me ajudar a obter isso de meu pai; mas declarou-me que pessoalmente nunca assumira e nunca assumiria a responsabilidade de fazer um pedido de casamento. Entretanto, devo-lhe fazer essa justiça: ele dignou-se a acrescentar que, se alguma vez deplorara essa repugnância, fora a meu propósito, pois achava que o casamento planejado seria feliz e apropriado. Ademais, se ele nada deseja fazer oficialmente, reserva-se o direito de conversar com o senhor a respeito, ele me disse, quando o senhor quiser.

— Ah, muito bem!

— Agora — disse Andrea, com o seu sorriso mais encantador —, deixo de falar ao sogro para dirigir-me ao banqueiro.

— Diga: o que deseja? — perguntou rindo Danglars por sua vez.

— Depois de amanhã, terei cerca de quatro mil francos a receber de seu banco; mas o conde compreendeu que o mês em que vamos entrar talvez trouxesse um aumento de despesas que minha pequena renda de solteiro não suportaria... Assim, aqui está

um bônus de vinte mil francos que ele, não direi que me deu, mas me ofereceu. Como vê, ele assinou-o pessoalmente; aceita-o?

— Pode me trazer bônus como este de um milhão que eu aceitarei — disse Danglars, colocando o papel no bolso. — Diga-me que hora prefere amanhã: o meu caixeiro passará em sua casa com um recibo de vinte e quatro mil francos.

— Ora, às dez da manhã, se estiver de acordo; quanto mais cedo melhor: amanhã, gostaria de ir até o campo.

— Está bem, às dez horas, no Hotel dos Príncipes; continua lá?

— Sim.

No dia seguinte, com uma exatidão que honrava a pontualidade do banqueiro, os vinte e quatro mil francos eram entregues ao jovem, que de fato saiu, deixando duzentos francos para Caderousse.

Da parte de Andrea, a saída tinha como principal objetivo evitar o seu perigoso amigo; assim, ele voltou à noite, o mais tarde possível.

Entretanto, assim que seus pés pisaram a calçada do pátio, Andrea encontrou à sua frente o porteiro do hotel, que o esperava de chapéu na mão.

— Cavalheiro — disse o porteiro —, aquele homem veio...

— Que homem? — perguntou descuidadamente Andrea, como se tivesse esquecido aquele de quem, ao contrário, lembrava-se muito bem.

— Aquele a quem Vossa Excelência fornece uma pequena renda.

— Ah, sim — exclamou Andrea —, aquele ex-criado de meu pai... Bem, deu-lhe os duzentos francos que deixei para ele?

— Sim, Excelência, precisamente.

Andrea fazia questão de ser chamado de Excelência.

— Mas — continuou o porteiro — ele não quis aceitar.

Andrea empalideceu; entretanto, como era noite, ninguém o viu empalidecer.

— Como! Ele não quis aceitar? — perguntou ele, em voz um tanto trêmula.

— Não! Ele queria falar com Vossa Excelência. Eu disse que o senhor tinha saído; ele insistiu. Até que enfim ele pareceu se convencer e me deu esta carta que trazia toda lacrada.

— Vejamos — disse Andrea.

Ele leu à luz da lanterna de seu carro: Você sabe onde moro; eu o espero amanhã às nove horas da manhã.

Andrea examinou o lacre para ver se havia sido violado e se olhares indiscretos poderiam ter penetrado no interior da carta; mas ela estava dobrada de tal maneira, com tanto luxo de ângulos e losangos, que para lê-la seria preciso romper o lacre: ora, o lacre estava perfeitamente intacto.

— Muito bem... — disse ele. — Pobre homem! Ele é uma excelente criatura.

E Andrea deixou o porteiro edificado por essas palavras, sem saber quem deveria admirar mais: se o jovem patrão ou o velho criado.

— Desatrele depressa e suba a meu quarto — disse Andrea a seu cocheiro.

Em dois saltos, o jovem chegou a seu quarto e queimou a carta de Caderousse, fazendo desaparecer até mesmo as cinzas.

Terminava essa operação quando o criado entrou.

— Você tem a mesma altura que eu, Pierre — disse Andrea.

— Tenho essa honra, Excelência — respondeu o valete.

— Deve ter um uniforme novo, que lhe trouxeram ontem...

— Sim, senhor.

— Tenho encontro com uma costureirinha, a quem não quero revelar nem o meu título, nem a minha condição. Emprésteme o seu uniforme e traga-me os seus documentos, para que, se necessário, eu possa dormir numa pousada.

Pierre obedeceu.

Cinco minutos depois, Andrea, completamente disfarçado, saía do hotel sem ser reconhecido, pegava um cabriolé e fazia-se conduzir à Pousada do Cavalo Vermelho, em Picpus.

No dia seguinte, ele saiu da Pousada do Cavalo Vermelho como saíra do Hotel dos Príncipes, isto é, sem ser notado, desceu a vila Santo Antônio, seguiu pela avenida até a rua Ménilmontant e,

parando na porta da terceira casa à esquerda, na ausência do porteiro, procurou a quem pedir informações.

— O que procura, meu belo rapaz? — perguntou a vendedora de frutas em frente.

— O senhor Pailletin, por favor, minha gorda titia... — respondeu Andrea.

— Um padeiro aposentado? — perguntou a fruteira.

— Exatamente, ele mesmo.

— No fim do pátio, à esquerda, no terceiro andar.

Andrea seguiu o caminho indicado e, no terceiro andar, encontrou uma pata de lebre que agitou, com um mau humor que o movimento precipitado da campainha ecoou.

Segundos depois, a figura de Caderousse apareceu à grade da porta.

— Ah, chegou bem na hora — exclamou Caderousse.

E puxou a tranca.

— Ora! — exclamou Andrea, entrando.

E atirou à sua frente o boné do uniforme, que, à falta de cadeira, pousou no solo e rolou sobre a sua circunferência.

— Vamos, vamos — disse Caderousse —, não se zangue, pequeno... Vejamos, olhe, eu estava pensando em você: veja só o belo almoço que teremos... Nada como as coisas que adoramos, raios.

De fato, ao respirar, Andrea sentiu um cheiro de cozinha cujos aromas grosseiros não deixavam de oferecer certo encanto a um estômago esfomeado; era aquela mistura de gordura fresca e alho que caracteriza a cozinha provençal de ordem inferior; era, ademais, um aroma de peixe gratinado; depois, acima de tudo, o áspero perfume de noz-moscada e de cravo. Tudo isso exalava de duas travessas fundas e cobertas, colocadas sobre dois fornos à lenha, e de uma caçarola que gemia no forno de um fogão de ferro.

Na peça ao lado, Andrea viu — além de uma mesa bem limpa, ornada com dois talheres, duas garrafas de vinho seladas, uma de vinho verde, outra de vinho amarelado de Jura — uma boa quantidade de aguardente num garrafão e uma salada de frutas

numa imensa folha de couve disposta com arte numa bandeja de porcelana.

— Que lhe parece, pequeno — exclamou Caderousse —, hein? Mas como isso cheira bem! Ah, nossa! Lembra? Eu era bom cozinheiro, lá: lembra como lambiam os dedos com os meus pratos? E você era o primeiro a apreciar os meus molhos, e acho que não chegava a desprezá-los...

E Caderousse começou a descascar um complemento de cebolas.

— Está bem, está bem — exclamou Andrea, mal-humorado. — Nossa! Se foi para almoçar comigo que me incomodou, que o diabo o carregue!

— Meu filho — disse proverbialmente Caderousse —, é comendo que se conversa... E depois, como você é ingrato: não tem prazer em ver um pouquinho o seu amigo? Eu estou chorando de alegria.

De fato, realmente, Caderousse estava chorando; mas seria difícil dizer se era de alegria ou se eram as cebolas que operavam a glândula lacrimal do antigo estalajadeiro da Ponte do Gard.

— Então, cale-se, hipócrita! — exclamou Andrea. — Acaso me ama?

— Sim, eu o amo, ou que o diabo me carregue! É uma fraqueza — disse Caderousse —, sei muito bem, mas é mais forte do que eu.

— O que não o impede de me fazer vir aqui para alguma perfídia.

— Ora, vamos! — exclamou Caderousse, limpando o facão no avental. — Se não o amasse, poderia suportar a vida miserável que você me proporciona? Veja bem: você está vestindo a roupa de seu criado; logo, tem um criado; eu, que não tenho, sou obrigado a descascar pessoalmente os meus legumes; você despreza a minha cozinha porque janta na mesa redonda do Hotel dos Príncipes, ou no Café de Paris... Bem, eu também poderia ter um criado, eu também poderia ter uma carruagem; eu também poderia jantar onde bem entendesse: muito bem, por que me privo? Para não dar trabalho a meu pequeno Benedito. Vamos, ao menos admita que eu poderia, hein?...

E um olhar perfeitamente claro de Caderousse completou o sentido da frase.

— Vamos — disse Andrea —, vamos admitir que você me ama: então por que exige que eu venha almoçar com você?

— Ora, para vê-lo, pequeno.

— E me ver para quê? Porque já estabelecemos previamente todas as nossas condições...

— Ah, querido amigo — exclamou Caderousse —, acaso existem testamentos sem pós-escritos? Mas você veio para almoçar primeiro, não é verdade? Bem, então vamos, sente-se e comecemos pelas sardinhas e pela manteiga fresca, que coloquei em folhas de parreira pensando em você, malvado... Ah, sim, está olhando a minha sala, as minhas quatro cadeiras de palha, as minhas imagens a três francos cada moldura. Ora, o que esperava: isto aqui não é o Hotel dos Príncipes...

— Ora, vamos, agora está descontente, já não está mais feliz, você que só queria parecer um padeiro aposentado...

Caderousse deu um suspiro.

— Bem, o que tem a me dizer? Você viu o seu sonho se realizar.

— Tenho a lhe dizer que é um sonho... Um padeiro aposentado, meu pobre Benedito, é rico, tem rendas...

— Ora, você tem rendas...

— Eu?

— Sim, você, já que lhe trago os seus duzentos francos.

Caderousse deu de ombros.

— É humilhante ficar recebendo dessa maneira dinheiro dado de má vontade, dinheiro fugaz, que pode vir a me faltar de um dia para o outro — disse ele. — Bem vê que me vejo obrigado a fazer economias para o caso de sua prosperidade não durar. Ah, meu amigo! A fortuna é inconstante, como dizia o esmoleiro do... regimento. Sei muito bem que sua prosperidade é imensa, celerado... Vai se casar com a filha de Danglars.

— Como? De Danglars?

— Certamente, de Danglars! É preciso que eu diga “do barão Danglars”? É como se eu dissesse “do conde Benedito”... Ele era um amigo, o Danglars, e, se ele não tivesse uma memória tão ruim,

teria de me convidar para esse casamento... Pois ele foi ao meu casamento... Sim, sim, sim, ao meu! Nossa! Naquele tempo, ele não era tão orgulhoso assim... Era um pobre caixeiro na casa do bom senhor Morrel. Jantei mais de uma vez com ele e com o conde de Morcerf... Ora, vamos: como pode ver, tenho ótimas relações e, se eu quisesse cultivá-las um pouco, nós nos encontraríamos nos mesmos salões.

— Ora, vamos: sua inveja o leva a ver arco-íris, Caderousse.

— Mas que nada, *Benedetto mio*, sei muito bem o que estou dizendo. Quem sabe um dia eu também venha a vestir a minha roupa de domingo, a gritar à porta da carruagem: “Abra, por gentileza!”... Antes disso, sente-se: vamos comer.

Caderousse deu o exemplo e começou a almoçar com bom apetite, fazendo o elogio de todos os pratos que servia a seu hóspede. Este pareceu seguir o seu conselho: abriu bravamente as garrafas e atacou a sopa de peixe marselhesa e o bacalhau gratinado ao alho e azeite.

— Ah, compadre — disse Caderousse —, parece que já está fazendo as pazes com o seu velho chefe de cozinha.

— Palavra que sim — respondeu Andrea; naquele momento, jovem e vigoroso como era, seu apetite prevalecia sobre todas as coisas.

— E está achando isso bom, peste?

— Tão bom que não consigo entender como um homem que cozinha e come coisas tão boas pode vir a se queixar da vida.

— Está vendo? — disse Caderousse. — É que toda a minha felicidade é extraviada por um só pensamento.

— Que pensamento?

— É que eu vivo às custas de um amigo, eu que sempre ganhei a vida bravamente, por mim mesmo.

— Oh, oh! Não se incomode com isso — disse Andrea —, tenho o suficiente para dois, não se preocupe.

— Não, mas realmente: acredite se quiser, mas todo fim de mês eu sinto remorsos...

— Oh, bom Caderousse!

— A tal ponto que ontem eu nem quis aceitar os seus duzentos francos.

— Sim, você queria falar comigo... Mas ora, vamos, será mesmo remorso?

— Autêntico remorso... E depois tive uma ideia.

Andrea estremeceu — sempre estremeceu diante das ideias de Caderousse.

— Mas que miséria, está vendo? — continuou Caderousse. — Viver eternamente à espera do fim do mês...

— Ai! — exclamou filosoficamente Andrea, decidido a ver até onde o seu companheiro queria chegar. — Não passamos a vida a esperar? Eu, por exemplo, acaso faço outra coisa? Entretanto, tenho paciência, não é verdade?

— Sim, porque, em vez de esperar duzentos miseráveis francos, você espera cinco ou seis mil, talvez dez, talvez até mesmo doze mil... Porque você vive fazendo segredo: lá, você sempre tinha o seu dinheirinho! Vivia escondendo os seus cofrinhos desse pobre amigo Caderousse. Felizmente, ele tinha um faro apurado, esse seu amigo Caderousse.

— Ora, vamos, agora você vai começar a divagar — disse Andrea —, a falar e discursar sobre o passado! Mas para que se repetir ao infinito, eu lhe pergunto...

— Ah, é que você só tem vinte e um anos, pode muito bem esquecer o passado... Eu tenho cinquenta: vejo-me obrigado a me lembrar... Mas não importa, voltemos aos negócios.

— Está bem.

— Eu queria dizer que, se estivesse em seu lugar...

— Bem, e então?...

— Eu aceitaria...

— Como? Você aceitaria...

— Sim, eu pediria um semestre adiantado, com a intenção de me tornar elegível, e de comprar uma fazenda... Então, recebendo o meu semestre, eu sumiria.

— Ora, pois, veja só... — fez Andrea. — Talvez não seja má ideia!

— Meu caro amigo — disse Caderousse —, coma os meus pratos e siga os meus conselhos: não vai lhe fazer mal algum, física e moralmente.

— Está bem — exclamou Andrea —, mas então por que é que você mesmo não segue os conselhos que dá? Por que não aceita um semestre, até mesmo um ano, e se retira para Bruxelas? Em vez de parecer um padeiro aposentado, você pareceria um falido em pleno exercício de suas funções: seria de bom tom.

— Mas como diabo você quer que eu me aposente com mil e duzentos francos?

— Ah, Caderousse! — exclamou Andrea. — Mas como você está ficando exigente! Há dois meses, você estava morrendo de fome.

— Comer abre o apetite — disse Caderousse, mostrando os seus dentes como um macaco que ri, ou como um tigre que rosna. — Assim — acrescentou ele, cortando com os mesmos dentes muito brancos e afiados, apesar da idade, um enorme pedaço de pão —, tenho um plano.

Os planos de Caderousse espantavam Andrea até mesmo mais do que as suas ideias; as ideias eram apenas o germe, enquanto o plano era a realização.

— Conte-me o seu plano — disse Andrea. — Deve ser uma beleza.

— E por que não? De quem foi o plano que nos permitiu sair do estabelecimento do senhor Coisa, hein? Meu, presumo... E meu plano não era nada mau, me parece, já que estamos aqui!

— Eu não disse que era — respondeu Andrea —, às vezes você acerta... Mas, afinal de contas, conte-me o seu plano.

— Bem — prosseguiu Caderousse —, você poderia, sem desembolsar um cêntimo, me adiantar uns quinze mil francos?... Não, quinze mil francos não é o suficiente, não quero me tornar um homem honesto por menos de trinta mil francos...

— Não — respondeu secamente Andrea —, não, não posso.

— Acho que você não me entendeu — respondeu friamente Caderousse, com ar calmo. — Eu disse: sem desembolsar um cêntimo...

— Não quer que eu roube para estragar todo o meu negócio, bem como o seu, junto com o meu, e que nos levem de volta para lá?

— Oh — exclamou Caderousse —, a mim tanto faz se me pegarem... Eu sou um sujeito engraçado, sabia?... E às vezes me divirto com os meus amigos... Eu não sou sem coração, como você, que gostaria de nunca mais voltar a ver os seus amigos!

Andrea fez mais do que estremecer dessa vez: empalideceu.

— Vamos, Caderousse, não seja besta — disse ele.

— Não, pode ficar tranquilo, meu pequeno Bedito... Mas então me indique algum meio de ganhar esses trinta mil francos sem meter você no meio... Deixe-me agir, nada mais!

— Muito bem, vou ver, vou pensar — disse Andrea.

— Mas, antes disso, você vai aumentar a minha mesada para quinhentos francos, não vai? Estou com uma mania: queria contratar uma empregada!

— Bem, você vai receber os seus quinhentos francos — disse Andrea. — Mas vai ficar pesado para mim, meu pobre Caderousse... Você abusa...

— Bah! — exclamou Caderousse. — Mas se você se abastece em cofres sem fundo...

Parecia que Andrea já esperava ouvir essas palavras de seu companheiro, pois seus olhos brilharam como um relâmpago que entretanto logo se apagou.

— Isso é verdade — respondeu Andrea —, meu protetor é maravilhoso para mim.

— Esse maravilhoso protetor, portanto, quanto ele lhe dá por mês? — perguntou Caderousse.

— Cinco mil francos — respondeu Andrea.

— Tantos milhares quanto você me dá centenas — replicou Caderousse. — Na verdade, só os bastardos alcançam a felicidade... Cinco mil francos por mês... Que diabo se pode fazer com tudo isso?

— Ah, meu Deus, logo se gasta tudo... Assim, como você, eu também gostaria muito de ter um capital.

— Um capital... sim... entendo... Todo mundo gostaria muito de ter um capital.

— Bem, eu vou ter um.

— E quem lhe dará? O seu príncipe?

— Sim, o meu príncipe... Infelizmente, vou ter de esperar.

— Esperar o quê? — perguntou Caderousse.

— A sua morte.

— A morte de seu príncipe?

— Sim.

— Por quê?

— Porque ele me colocou em seu testamento.

— Verdade?

— Palavra de honra!

— Quanto?

— Quinhentos mil!

— Só isso?!... É muito pouco...

— Pode crer.

— Ora, vamos, não é possível!

— Caderousse, você é meu amigo?

— Como não? Na vida e na morte...

— Bem, então, vou lhe contar um segredo.

— Conte.

— Então escute.

— Oh, claro, mudo como uma carpa.

— Muito bem, então, acho...

Andrea parou e olhou ao redor.

— Acha?... Não tenha medo, ora! Estamos sozinhos.

— Acho que eu encontrei o meu pai.

— O seu verdadeiro pai?

— Sim.

— E não o pai Cavalcanti?

— Não, porque esse partiu... O verdadeiro, como você disse.

— E esse pai... é...

— Bem, Caderousse, ele é o conde de Monte-Cristo.

— Bah!

— Sim... Entende?... Então tudo se explica. Ao que parece, ele não pode me confessar em voz alta, mas fez o senhor Cavalcanti me reconhecer, dando-lhe para isso cinquenta mil francos.

— Cinquenta mil francos para ser o seu pai?! Eu aceitaria por metade do preço, por vinte mil, por quinze mil... Por que não pensou em mim, ingrato?

— Acaso eu sabia disso? Tudo não aconteceu enquanto estávamos lá?

— Ah, é verdade... E você disse que, pelo seu testamento...?

— Ele me deixa quinhentas mil libras.

— Tem certeza?

— Ele me mostrou... Mas isso não é tudo.

— Existe um pós-escrito, como eu lhe dizia agora mesmo?

— Provavelmente.

— E nesse pós-escrito...?

— Ele me reconhece.

— Oh, mas que pai bondoso, mas que pai corajoso, mas que pai honestíssimo! — exclamou Caderousse, fazendo girar no ar um prato que aparou com as mãos.

— Pronto, você ainda vai me dizer que tenho segredos para você?

— Não, e a sua confiança o honra, a meus olhos. Então o seu príncipe, o seu pai, é rico, é riquíssimo?

— Acho que sim... Ele nem sabe quanto tem.

— Mas será possível?

— Ora, sei muito bem, eu que sou recebido na casa dele a qualquer hora. Outro dia mesmo, era um caixeiro que lhe levava cinquenta mil francos numa carteira grossa como esse guardanapo; ontem, era um banqueiro que lhe levava cem mil francos em ouro...

Caderousse estava atordoado; parecia-lhe que as palavras do jovem tinham o som do metal — ouvia rolar cascatas de moedas.

— E você sempre aparece nessa casa? — exclamou ele ingenuamente.

— Sempre que quero.

Caderousse permaneceu pensativo por um instante. Era fácil adivinhar que ele revolvía em seu espírito algum pensamento

profundo.

Então, de repente:

— Como eu adoraria ver tudo isso — exclamou ele —, como tudo isso dever ser maravilhoso!

— Fato é — respondeu Andrea — que é magnífico!

— E ele não mora na avenida dos Campos Elíseos?

— Número trinta...

— Ah — exclamou Caderousse —, número trinta?

— Sim, numa bela casa isolada, entre pátio e jardim: só dá ela...

— Pode ser... Mas não é com o exterior que me preocupo: é com o interior... Com os belos móveis! Hein, imagina só o que deve ter lá dentro!

— Você já chegou a ver as Tulherias?

— Não.

— Bem, é muito mais bonito.

— Então me diga, Andrea: deve ser bom se abaixar quando esse bom senhor Monte-Cristo deixa cair a sua bolsa, não?

— Oh, meu Deus! Não vale a pena esperar esse momento — respondeu Andrea —, o dinheiro se espalha naquela casa como as frutas num pomar.

— Então me diga: um dia você bem que podia me levar até lá...

— Como poderia? A que pretexto?

— Você tem razão... Mas você me deu água na boca... Não posso deixar de ver essa casa... Vou achar uma maneira.

— Deixe de besteira, Caderousse!

— Eu posso me apresentar como encerador.

— Há tapetes por toda parte.

— Ah, mas que pecado! Então vou me contentar em ver tudo isso na minha imaginação.

— É o melhor que você pode fazer, pode crer.

— Mas ao menos me conte como é a casa.

— Como eu poderia?

— Nada mais fácil. Ela é grande?

— Nem muito grande, nem muito pequena.

— Mas como é distribuída?

— Nossa, eu precisaria de papel e tinta pra fazer uma planta.

— Aqui está! — exclamou vivamente Caderousse.

E foi buscar em uma velha escrivadinha uma folha de papel em branco, tinta e pena.

— Tome — continuou Caderousse —, trace tudo isso no papel, meu filho.

Andrea tomou a pena com imperceptível sorriso e começou.

— A casa, como eu lhe disse, se encontra entre pátio e jardim...
Veja só, assim.

E Andrea traçou o jardim, o pátio e a casa.

— Muros altos?

— Não, dois ou três metros, no máximo.

— Mas que imprudência... — disse Caderousse.

— No pátio, canteiro de laranjeiras, gramados, plantações de flores.

— E armadilhas?

— Não.

— E as cavalariças?

— Dos dois lados do portão, aqui, onde está vendo.

E Andrea continuou a desenhar a sua planta.

— Vamos ver o andar térreo — disse Caderousse.

— No térreo, sala de jantar, dois salões, sala de bilhar, escada no vestíbulo, pequena escada escondida...

— Janelas?

— Janelas magníficas, tão belas, tão amplas, que, palavra, sim... acho que um homem do seu tamanho passaria por qualquer vidraça.

— Pra que diabo as escadas, quando se tem janelas como essas?

— Ora, o que queria... O luxo...

— Mas e persianas?

— Sim, persianas, mas que nunca são usadas. Mas que original, esse conde de Monte-Cristo: adora ver o céu até mesmo de noite!

— E os criados, onde é que eles dormem?

— Oh, eles têm as suas próprias dependências. Imagine um belo galpão à direita da entrada, onde guardam as escadinhas.

Bem, nesse galpão há uma porção de quartos para os criados, e todos os quartos têm campainhas.

— Ah, diabo, campainhas?

— O que disse?...

— Eu? Nada... Disse que isso custa muito caro, instalar campainhas... E para que serve, eu lhe pergunto...

— Antes havia um cão que passeava de noite pelo pátio, mas levaram o cão para a casa de Auteuil, sabe, aquela casa onde você esteve...?

— Sei.

— Eu lhe disse ainda ontem: “Mas que imprudência de sua parte, senhor conde... Porque quando o senhor vai para Auteuil, e leva os seus criados, a casa fica vazia”...

“— Bem, e daí? — ele perguntou.

“— Bem, daí, um belo dia podem roubá-lo.”

— O que ele respondeu?

— O que respondeu?

— É.

— Ele respondeu: “Bem, e daí, se me roubarem?”.

— Andrea, ele tem alguma escrivaninha mecânica.

— Como assim?

— Sim, que prende o ladrão numa rede e toca uma música... Me disseram que na última Exposição havia escrivaninhas assim.

— Ele não tem mais do que uma escrivaninha acaju, que está sempre aberta.

— E não roubam?

— Não, os criados que o servem lhe são muito devotados.

— Nessa escrivaninha deve ter dinheiro, hein?

— Talvez... Impossível saber o que tem.

— E onde fica?

— No primeiro andar.

— Então, pequeno, me esboce a planta do primeiro andar como esboçou a do térreo...

— É fácil.

E Andrea retomou a pena.

— No primeiro andar, está vendo, tem o vestibulo, o salão... À direita do salão, a biblioteca e o escritório... À esquerda do salão, um quarto e um vestiário... Nesse vestiário fica a famosa escrivaninha.

— E tem janela no vestiário?

— Duas: aqui... e aqui.

E Andrea desenhou duas janelas no toucador, que na planta formava o ângulo e figurava como um pequeno quadrado anexo ao amplo quadrado do quarto.

Caderousse pareceu sonhar.

— E ele sempre vai para Auteuil? — perguntou.

— Duas ou três vezes por semana... Amanhã, por exemplo, ele deve passar o dia e a noite lá.

— Tem certeza?

— Ele me convidou para ir jantar lá.

— Bem na hora... Isso é que é vida!... — exclamou Caderousse.

— Casa na cidade, casa no campo...

— Isso é que é ser rico.

— E você vai jantar?

— Provavelmente.

— E quando janta lá, dorme lá?

— Quando quero... Na casa do conde, sinto-me em minha casa.

Caderousse mirou o jovem como se quisesse arrancar a verdade do fundo de seu coração. Entretanto, Andrea tirou do bolso uma caixa de charutos, pegou um Havana, acendeu-o tranquilamente e começou a fumar sem afetação.

— Quando quer os quinhentos francos? — perguntou Andrea a Caderousse.

— Ora, agora mesmo, se você tiver...

Andrea tirou do bolso vinte e cinco luíses.

— Amarelinhas? Não, obrigado! — exclamou Caderousse.

— Bem, então não gosta delas?

— Aliás, muito pelo contrário, eu as aprecio... Mas não quero.

— Vai ganhar no câmbio, imbecil: o ouro vale cinco soldos a mais.

— Exatamente... Então o cambista vai mandar seguirem o amigo Caderousse, então vão prendê-lo, então vão fazê-lo confessar quem são os rendeiros que lhe pagam as suas rendas em ouro... Nada de besteira, pequeno: pague em dinheiro, simplesmente, em moedas redondas com a cara de um monarca qualquer. Todo mundo pode receber uma moeda de cinco francos.

— Você sabe muito bem que não tenho quinhentos francos aqui comigo: eu teria de trazer um caixeiro.

— Bem, então deixe o dinheiro em seu hotel, com seu porteiro: ele é um homem honesto, vou buscar.

— Hoje?

— Não, amanhã... Hoje não tenho tempo.

— Está bem, combinado... Amanhã, ao partir para Auteuil, vou deixar...

— Posso contar com isso?

— Naturalmente.

— É que já vou contratar a minha empregada, entende?

— Pode contratar. Mas depois chega, hein? Você não vai mais me encher?

— Nunca.

Caderousse ficara tão sombrio que Andrea temeu ver-se obrigado a perceber aquela mudança. Então redobrou a sua alegria e despreocupação.

— Mas como você está feliz! — exclamou Caderousse. — Até parece que já recebeu a sua herança!

— Ainda não, infelizmente!... Mas no dia em que a receber...

— Então...?

— Então, nós nos lembraremos dos amigos... Só lhe digo isso.

— Bom, mas como você tem boa memória, caramba!

— O que queria? Estava achando que você queria me explorar.

— Eu?... Ah, mas que ideia!... Eu, que, aliás, muito pelo contrário, ainda vou lhe dar um conselho de amigo.

— Que conselho?

— Deixe aqui o diamante que tem no dedo. Ah, sim, mas então você quer que nós sejamos presos? Então é para que a gente se perca que faz tanta besteira?

— O que quer dizer? — perguntou Andrea.

— Mas como! Então veste um uniforme, se disfarça de criado e deixa no dedo um diamante de quatro, cinco mil francos?!

— Droga, você tem razão! Por que não se torna policial?

— É que eu entendo de diamantes... Tive alguns.

— Você pode se vangloriar... — disse Andrea, que, sem se zangar com essa nova extorsão, como temia Caderousse, entregou tranquilamente o anel.

Caderousse examinou o anel tão de perto que para Andrea ficou evidente: ele verificava se as arestas do corte estavam bem vivas.

— É um diamante falso — disse Caderousse.

— Ora, vamos — fez Andrea —, está brincando?

— Oh, não se zangue, podemos verificar.

E Caderousse foi até a janela, fez o diamante deslizar na vidraça: ouviu-se o vidro gritar.

— *Confiteor!*⁴ — exclamou Caderousse, colocando o diamante no dedo mínimo. — Eu estava enganado... Mas esses joalheiros ladrões imitam tão bem as pedras que ninguém mais se atreve a roubar as joalherias: mais um ramo da indústria paralisado...

— Bem — disse Andrea —, já terminou? Ainda tem mais alguma coisa a me pedir? Não precisa do meu uniforme, do meu boné? Não se incomode, aproveite que estou aqui...

— Não... No fundo, você é um bom companheiro. Não vou mais retê-lo... Vou tentar me curar da minha ambição.

— Mas tome cuidado: ao vender esse diamante, não deixe acontecer o que você temia que acontecesse por causa do ouro.

— Eu não vou vender o diamante, fique tranquilo.

— Não... Ao menos, não hoje... — pensou o jovem.

— Mas que cara de sorte — disse Caderousse —, vai voltar para os seus lacaios, seus cavalos, sua carruagem, sua noiva...

— Sim, vou voltar... — disse Andrea.

— Olhe bem, espero que me dê um belo presente de casamento, no dia em que você se casar com a filha do meu amigo Danglars...

— Já lhe disse que isso era uma fantasia que você meteu na sua cabeça.

— Quanto é o dote?

— Mas se eu já lhe disse...!

— Um milhão?

Andrea deu de ombros.

— Digamos um milhão — continuou Caderousse. — Você nunca terá tanto quanto lhe desejo.

— Obrigado — disse o jovem.

— Oh, é de coração — acrescentou Caderousse, rindo o seu riso grosseiro. — Espere que vou acompanhá-lo.

— Não é preciso.

— Mas claro que é preciso.

— Por quê?

— Oh, porque a porta tem um segredinho... Uma medida de precaução que achei conveniente... Fechadura Huret e Fichet, revista e corrigida por Gaspard Caderousse... Quando você se tornar um capitalista, vou lhe fazer uma igual.

— Obrigado — disse Andrea. — Mandarei avisá-lo uma semana antes.

Separaram-se. Caderousse permaneceu no patamar — não somente até ver Andrea descer os três andares, mas também até vê-lo atravessar o pátio. Então entrou depressa, fechou cuidadosamente a porta e, como se fora hábil arquiteto, começou a estudar a planta que Andrea lhe fizera.

— Esse querido Benedito — murmurou ele —, acho que não se aborreceria se herdasse... Quem antecipar o dia em que ele porá a mão nesses quinhentos mil francos não será o seu pior inimigo.

LXXXIII. A INVASÃO

No dia seguinte à conversa que acabamos de narrar, o conde de Monte-Cristo realmente partiu para Auteuil, levando Ali, vários criados e cavalos que queria experimentar. O que mais determinara essa partida, na véspera não prevista nem por ele nem por Andrea,

fora a chegada de Bertuccio, que, ao voltar da Normandia, trazia notícias da casa e do veleiro. A casa estava pronta; o veleiro chegara havia uma semana e ancorara numa pequena enseada onde permanecia com sua tripulação de seis homens; depois de cumprir todas as formalidades legais, já estava pronto para voltar ao mar.

O conde louvou o zelo de Bertuccio e convidou-o a preparar-se para uma partida imediata — sua permanência na França não deveria durar mais do que um mês.

— Agora — disselhe o conde —, posso precisar ir de Paris ao Tréport numa noite... Quero oito mudas de cavalos escalonadas na estrada que me permitam percorrer cinquenta léguas em dez horas.

— Vossa Excelência já manifestara esse desejo... — respondeu Bertuccio. — Os cavalos já estão prontos. Comprei-os e alojei-os pessoalmente nos lugares mais convenientes, isto é, em aldeias onde ninguém costuma parar.

— Muito bem — disse Monte-Cristo —, ainda vou ficar por aqui mais um dia ou dois: tome as providências necessárias.

Quando Bertuccio ia sair para tomar essas providências, Baptistin abriu a porta: trazia uma carta numa bandeja de prata dourada.

— O que veio fazer aqui? — perguntou o conde ao vê-lo coberto de poeira. — Parece-me que não o chamei...

Sem responder, Baptistin aproximou-se do conde e mostrou-lhe a carta.

— Importante e urgente — disse Baptistin.

O conde abriu a carta e leu: O sr. de Monte-Cristo fica avisado: hoje à noite um homem se introduzirá em sua casa dos Campos Elíseos para subtrair papéis que julga encontrarem-se na escrivaninha do vestiário: sabe-se que o sr. conde de Monte-Cristo é bastante corajoso para não recorrer à intervenção da polícia, intervenção que poderia comprometer fortemente quem lhe dá este aviso. O sr. conde, seja por um vão entre o quarto e o vestiário, seja emboscando-se no vestiário, poderá fazer justiça pessoalmente. Muitas pessoas e precauções evidentes certamente afastariam o malfeitor e fariam o sr. de Monte-Cristo perder essa oportunidade de

conhecer um inimigo que o acaso revelou à pessoa que dá este aviso ao conde, aviso que talvez ela não tivesse oportunidade de repetir se, falhada essa primeira tentativa, o malfeitor tentasse novamente.

O primeiro impulso do conde foi acreditar numa cilada de ladrões, numa armadilha grosseira que lhe apontava um perigo menor para expô-lo a um perigo mais grave. Portanto, ia mandar levarem a carta a um comissário de polícia — apesar da recomendação, ou talvez até mesmo por causa da recomendação do amigo anônimo —, quando de repente veio-lhe a ideia de que realmente poderia tratar-se de algum inimigo pessoal que só ele poderia reconhecer ou, se necessário, de quem só ele poderia tirar proveito, como fizera Fiesco com o mouro que tentara matá-lo.⁵

Já conhecemos o conde; portanto, não precisamos dizer que era um espírito cheio de audácia e de vigor, que se obstinava contra o impossível com aquela energia característica dos homens superiores. Pela vida que levava, pela decisão que tomara e mantivera — não recuar diante de nada —, o conde viera a saborear prazeres inéditos nas lutas que às vezes travara contra a natureza, que é Deus, e contra a sociedade, que pode muito bem passar pelo diabo.

— Não querem roubar os meus papéis — disse Monte-Cristo —, querem me matar... Não são ladrões, são assassinos... Mas não quero que o senhor chefe de polícia se meta em meus assuntos particulares. Ora, sou bastante rico para não precisar dar prejuízo ao orçamento público.

O conde chamou Baptistin, que saíra da sala depois de entregar a carta.

— Você vai voltar a Paris — disse ele —, vai trazer para cá todos os criados que ficaram lá. Preciso de todo o meu pessoal em Auteuil.

— Mas então não vai ficar ninguém na casa, senhor conde? — perguntou Baptistin.

— Vai ficar o porteiro.

— O senhor conde sabe que a guarita fica longe da casa.

— E daí?

— Daí, poderiam roubar a casa inteira, sem que o porteiro ouvisse o menor barulho.

— Quem poderia?

— Ora, os ladrões.

— Você é um idiota, senhor Baptistin... Mesmo se roubassem toda a casa, os ladrões nunca me dariam o desgosto que me dá um serviço malfeito.

Baptistin inclinou-se.

— Você me ouviu — continuou o conde —, traga os seus camaradas, do primeiro ao último... Mas que na casa tudo fique como sempre... Apenas feche bem as janelas do térreo.

— E as janelas do primeiro andar?

— Sabe que nunca as fechamos. Vá.

O conde mandou avisar que jantaria sozinho em sua sala e que queria ser servido apenas por Ali.

Ele jantou com a tranquilidade e a sobriedade habituais; depois do jantar, fez sinal para Ali segui-lo, saiu pelo pequeno portão, dirigiu-se ao bosque de Bolonha — como se estivesse passeando —, tomou sem afetação o caminho de Paris e, ao cair da noite, viu-se diante de sua casa dos Campos Elíseos.

Tudo estava às escuras: apenas uma fraca luz ardia na casinha do porteiro, a uns quarenta passos da casa, como dissera Baptistin.

Monte-Cristo apoiou-se em uma árvore e, com aquele olhar que raramente se enganava, sondou a dupla alameda, examinou os transeuntes e mergulhou a vista nas ruas vizinhas para ver se não havia alguém emboscado. Em dez minutos, convenceu-se de que ninguém o espreitava.

Então correu com Ali ao pequeno portão, entrou depressa e, pela escada de serviço, cuja chave trazia, entrou em seu quarto, sem abrir ou mover uma única cortina, sem que nem mesmo o porteiro desconfiasse que na casa, que imaginava vazia, se encontrasse o seu principal morador.

Ao chegar a seu quarto, o conde fez sinal para Ali se deter; então passou ao vestiário, que examinou; tudo estava como de hábito: a preciosa escrivantina em seu lugar e a chave na

escrivadinha; fechou-a com duas voltas, pegou a chave, voltou à porta do quarto, puxou o duplo trinco do ferrolho e entrou.

Enquanto isso, Ali colocara sobre uma mesa as armas que o conde pedira: uma carabina curta e um par de pistolas duplas, cujos canos superpostos permitiam mirar tão seguramente quanto com pistolas de tiro. Assim armado, o conde tinha em suas mãos a vida de cinco homens.

Eram cerca de nove e meia; o conde e Ali comeram às pressas um pedaço de pão e beberam um copo de vinho espanhol; então Monte-Cristo fez deslizar um daqueles vidros móveis que lhe permitiam ver de um cômodo a outro. Ele tinha ao alcance as pistolas e a carabina; Ali, de pé ao lado dele, segurava uma dessas machadinhas árabes que desde as Cruzadas não mudam de forma.

Por uma das janelas do quarto, paralela à janela do vestiário, o conde podia ver a rua.

Duas horas se passaram assim; reinava a mais profunda escuridão; entretanto, Ali, graças à sua natureza selvagem, e o conde, certamente graças a uma qualidade adquirida, distinguiam entre as trevas até as menores vibrações das árvores do pátio.

A frágil luz da casinha do porteiro já se apagara havia muito tempo.

Era de se presumir que o ataque — se realmente houvesse algum ataque planejado — aconteceria pela escada do térreo, não por alguma janela. Na opinião de Monte-Cristo, os malfeitores queriam a sua vida, não o seu dinheiro. Então seria pelo quarto que atacariam, e chegariam ao quarto pela escada oculta, ou pela janela do vestiário.

Ele colocou Ali à porta da escada e continuou a vigiar o vestiário.

No relógio dos Inválidos soaram onze horas e três quartos; o vento oeste trazia com suas úmidas rajadas a lúgubre vibração das três badaladas.

Quando a última badalada se extinguia, o conde julgou ouvir leve ruído do lado do vestiário; esse primeiro ruído — ou melhor, esse primeiro rangido — foi seguido de um segundo, depois de um terceiro; ao quarto ruído, o conde já sabia o que esperar. Uma mão

firme e experiente tratava de cortar os quatro lados de uma vidraça com um diamante.

O conde sentiu o seu coração bater mais depressa. Por mais habituados ao perigo que estejam os homens, por mais prevenidos do risco, eles sempre compreendem, pelo palpitar do coração e pelo arrepio da carne, a enorme diferença existente entre o sonho e a realidade, entre o plano e a execução.

Entretanto, Monte-Cristo fez apenas um sinal para avisar Ali; este, compreendendo que o perigo vinha do lado do vestiário, deu um passo para aproximar-se do amo.

Monte-Cristo estava ansioso para saber quem eram os seus inimigos e quantos eram eles.

A janela onde trabalhavam ficava em frente ao vão por onde o conde espiava o vestiário. Portanto, os seus olhos fixaram-se nessa janela: ele viu uma sombra mais densa desenhar-se na escuridão; então uma das vidraças tornou-se subitamente opaca, como se do lado de fora tivessem colado uma folha de papel; então a vidraça estalou, sem cair. Pelo rombo passou um braço procurando o fecho; segundos depois, a janela girou em seus gonzos e um homem entrou.

O homem estava sozinho.

— Mas que ladrão atrevido — murmurou o conde.

Nesse momento, sentiu Ali tocar-lhe levemente o ombro; voltou-se: Ali apontava a janela do quarto onde estavam, que dava para a rua.

Monte-Cristo deu três passos até a janela; conhecia a extraordinária precisão dos sentidos do fiel criado. De fato, viu a sombra de outro homem desenhar-se em uma porta e subir numa pedra, parecendo tentar ver o que se passava na casa do conde.

— Bem — disse ele —, são dois: um age, outro vigia.

Fez sinal a Ali para não perder de vista o homem da rua e voltou ao do vestiário.

O cortador de vidros entrara e se orientava, estendendo os braços à sua frente.

Enfim, pareceu dar-se conta de tudo o que lhe interessava; havia duas portas no vestiário: ele foi trancar os ferrolhos de ambas.

Quando se aproximou da porta do quarto, Monte-Cristo pensou que ele iria entrar e preparou uma das pistolas; mas apenas ouviu o barulho dos ferrolhos deslizando em seus anéis de cobre. Era uma precaução e nada mais; o visitante noturno, ignorando o cuidado que o conde tomara de retirar os trincos, já podia sentir-se na própria casa e agir com toda a tranquilidade.

Sozinho, movimentando-se à vontade, o homem então tirou de seu amplo bolso algum objeto que o conde não conseguiu distinguir, colocou o objeto em cima de uma mesinha e dirigiu-se à escrivaninha: apalpou o lugar da fechadura e percebeu que, contra todas as suas expectativas, a chave não estava lá.

Entretanto, o arrombador de vidros era um homem precavido e previra tudo; o conde logo ouviu o roçar do ferro contra o ferro, produzido pelo molho de chaves informes que os chaveiros trazem quando chamados para abrir qualquer porta, a que os ladrões dão o nome de *rouxinóis*, certamente por causa do prazer que sentem ao ouvir o seu canto noturno a ranger na lingueta da fechadura.

— Ah, ah! — murmurou Monte-Cristo, com um sorriso de desapontamento. — É apenas um ladrão.

Entretanto, o homem, no escuro, não conseguia escolher o instrumento adequado. Recorrera ao objeto que colocara sobre a mesinha; pressionou uma mola: logo, uma luz pálida, mas bastante clara para que se pudesse ver, emitiu o seu reflexo dourado sobre as mãos e sobre o rosto desse homem.

— Ora — exclamou de repente Monte-Cristo, recuando em movimento de surpresa —, é...

Ali ergueu o seu machado.

— Não se mexa — disselhe Monte-Cristo em voz baixa —, largue o machado, nós não vamos precisar de armas.

A seguir, acrescentou algumas palavras em voz ainda mais baixa, pois a exclamação que a surpresa arrancara ao conde, embora em voz baixa, bastara para fazer estremecer o homem, que permanecia na pose da estátua do antigo amolador.

O conde acabara de dar uma ordem: logo Ali se afastou na ponta dos pés e tirou da parede da alcova uma roupa negra e um chapéu triangular. Enquanto isso, Monte-Cristo tirava depressa a

sua casaca, o seu colete e a sua camisa: graças ao raio de luz a infiltrar-se pelas frestas dos vidros, era possível reconhecer no peito do conde uma daquelas finas e flexíveis túnicas de malha de aço — a última delas, nesta França onde já não se teme mais os punhais, talvez tivesse sido usada pelo rei Luís XVI, que temia uma faca no peito, mas que foi ferido por um machado na cabeça.

Essa túnica logo desapareceu sob uma longa batina, assim como os cabelos do conde desapareceram sob uma peruca coroada; o chapéu triangular, colocado sobre a peruca, acabou de transformar o conde em abade.

Entretanto, o homem, ao não ouvir mais nada, movera-se — enquanto Monte-Cristo operava a sua metamorfose, ele fora direto à escrivaninha, cuja fechadura começava a estalar sob o seu *rouxinol*.

— Bom! — murmurou o conde, que certamente confiava em algum segredo de fechadura desconhecido pelo arrombador de portas, por mais hábil que ele fosse. — Bom, vou lhe dar mais alguns minutos. — E foi até a janela.

O homem que ele vira subir a uma pedra descera e não parava de andar pela rua; mas singularmente, em vez de se preocupar com quem pudesse vir da avenida dos Campos Elíseos ou do subúrbio Saint-Honoré, ele só parecia se preocupar com o que acontecia na casa do conde — todos os seus movimentos visavam ver o que acontecia no vestiário.

De repente, Monte-Cristo bateu na testa e deixou errar em seus lábios entreabertos um sorriso silencioso.

A seguir, aproximando-se de Ali: — Fique aqui — disse ele em voz baixa —, escondido no escuro, e se ouvir qualquer barulho, haja o que houver, só entre e apareça se eu chamá-lo pelo nome.

Ali fez com a cabeça sinal de que compreendera e que obedeceria.

Então Monte-Cristo tirou de um armário uma vela já acesa e, enquanto o ladrão estava totalmente concentrado na fechadura, abriu suavemente a porta, tendo o cuidado de fazer com que a luz que segurava iluminasse inteiramente o seu rosto.

A porta abriu-se tão suavemente que o ladrão nada ouviu. Mas, para sua grande surpresa, viu o quarto iluminar-se de repente.

Voltou-se.

— Ah, boa noite, meu caro senhor Caderousse! — exclamou Monte-Cristo. — Mas que diabo veio fazer aqui a esta hora?

— Abade Busoni! — exclamou Caderousse.

E, não sabendo como aquela estranha aparição chegara até ele, já que fechara as portas, deixou cair seu molho de chaves falsas e permaneceu imóvel, como se fulminado pelo espanto.

O conde foi colocar-se entre Caderousse e a janela, eliminando o único meio de fuga do ladrão aterrado.

— Abade Busoni! — repetiu Caderousse, fixando no conde olhos alucinados.

— Bem, com certeza, abade Busoni! — repetiu Monte-Cristo. — Ele mesmo, em pessoa, e fico feliz de vê-lo me reconhecer, meu caro senhor Caderousse... Isso prova que temos boa memória, pois, se não me engano, já faz uns dez anos que não nos vemos.

Essa calma, essa ironia, essa força, despertaram no espírito de Caderousse um terror vertiginoso.

— Abade! Abade! — murmurou ele, crispando os punhos e batendo os dentes.

— Então pretendemos roubar o conde de Monte-Cristo? — continuou o pretenso abade.

— Senhor abade — murmurou Caderousse, tentando alcançar a janela que o conde lhe interceptava impiedosamente —, senhor abade, eu não sabia... Eu lhe peço que acredite... Eu juro...

— Uma vidraça cortada — continuou o conde —, uma lanterna surda, um molho de rouxinóis, uma escrivanhinha meio arrombada: é evidente...

Caderousse sufocava em sua gravata, procurando um canto onde se esconder, um buraco por onde desaparecer.

— Vamos — disse o conde —, vejo que continua o mesmo, senhor assassino...

— Senhor abade, já que sabe de tudo, sabe muito bem que não fui eu quem matou, foi a Carconte... Isso foi admitido no julgamento, já que só me condenaram às galés.

— Então já cumpriu a sua pena e já o vejo procurando uma maneira de voltar para lá?

— Não, senhor abade... Eu fui libertado por alguém.

— Esse alguém fez um excelente serviço à sociedade...

— Ah — exclamou Caderousse —, todavia, eu tinha prometido...

— Então está fugindo da cadeia? — interrompeu Monte-Cristo.

— Ah, infelizmente — fez Caderousse, muito inquieto.

— Terrível reincidência... Isso vai levá-lo, salvo engano, à praça de Grève. Tanto pior, tanto pior, *diavolo!*... como diz o povo na minha terra.

— Senhor abade, cedi a uma tentação...

— É o que dizem todos os criminosos.

— A necessidade...

— Já chega — disse Busoni, com desdém —, a necessidade pode levar a pedir esmolas, a roubar um pão à porta de um padeiro, mas não a vir arrombar uma escrivaninha numa casa que se imagina desabitada... E quando o joalheiro Joannès acabava de lhe dar quarenta e cinco mil francos pelo diamante que lhe dei, quando você o matou para ficar com o diamante e com o dinheiro, também foi por necessidade?

— Perdão, senhor abade — disse Caderousse. — O senhor já me salvou uma vez, salve-me mais uma vez.

— Não tenho vontade.

— Está sozinho, senhor abade? — perguntou Caderousse, juntando as mãos. — Ou está com guardas prontos para me prenderem?

— Estou sozinho — respondeu o abade. — E mais uma vez teria piedade de você, e o deixaria ir, arriscando-me a novas desgraças que a minha fraqueza poderia me acarretar, se você me contasse toda a verdade.

— Ah, senhor abade — exclamou Caderousse, juntando as mãos e aproximando-se um passo de Monte-Cristo —, posso muito bem lhe dizer que o senhor é o meu salvador.

— Pretende me dizer que o soltaram da cadeia?

— Oh, exatamente, palavra de Caderousse, senhor abade!

— Quem o soltou?

— Um inglês.

— Como ele se chama?

— Lorde Wilmore.

— Eu o conheço... Portanto, se mentir para mim, eu saberei.

— Senhor abade, estou dizendo a mais pura verdade.

— Então esse inglês o protegia?

— Não, a mim não, mas a um jovem corso que era meu companheiro de cadeia.

— Como se chamava esse jovem corso?

— Benedito.

— É um nome de batismo?

— Ele não tinha outro nome... Era uma criança abandonada.

— Então esse jovem fugiu com você?

— Fugiu.

— Como?

— Nós trabalhávamos em Saint-Mandrier, perto de Toulon... O senhor conhece Saint-Mandrier?

— Conheço.

— Bem, enquanto a gente dormia, entre meio-dia e uma hora...

— Forçados, fazendo a sesta? E ainda tem gente que tem pena desses sujeitos! — exclamou o abade.

— Caramba! — fez Caderousse. — Não podemos trabalhar o tempo todo: nós não somos cachorros.

— Felizmente, para os cachorros — disse Monte-Cristo.

— Então, enquanto os outros faziam a sesta, nós nos afastamos um pouco, serramos os nossos ferros com uma lima que o inglês

fizera chegar até nós e fugimos a nado.

— E o que foi feito desse Benedito?

— Não sei de nada.

— Mas deveria saber.

— Na verdade, não sei... Nós nos separamos em Hyères.

E, para dar mais peso às suas palavras, Caderousse deu mais um passo na direção do abade, que permanecia imóvel em seu lugar, sempre calmo e interrogador.

— Está mentindo! — exclamou o abade Busoni, em tom de irresistível autoridade.

— Senhor abade!...

— Está mentindo! Esse homem continua a ser seu amigo, e você talvez se sirva dele como cúmplice, não é?

— Oh, senhor abade!...

— Desde que deixou Toulon, como tem vivido? Responda.

— Como posso.

— Está mentindo! — replicou pela terceira vez o abade, em tom ainda mais imperativo.

Aterrado, Caderousse olhou o conde.

— Tem vivido com o dinheiro que ele lhe dá — continuou o conde.

— Bem, é verdade — disse Caderousse. — Benedito tornou-se filho de um grande senhor.

— Como ele pode ser filho de um grande senhor?

— Filho natural...

— E como se chama esse grande senhor?

— Conde de Monte-Cristo, ele mesmo, o dono desta casa em que estamos.

— Benedito, filho do conde? — replicou Monte-Cristo, surpreso por sua vez.

— Pois é, devemos acreditar que sim, pois o conde lhe arrumou um falso pai, pois o conde lhe paga quatro mil francos por mês, pois o conde lhe deixa quinhentos mil francos em seu testamento...

— Ah, ah! — fez o falso abade, começando a compreender. — Enquanto isso, que nome esse jovem usa?

— Ele se chama Andrea Cavalcanti.

— Então ele é o jovem que o meu amigo, o conde de Monte-Cristo, recebe em sua casa, o jovem que vai se casar com a senhorita Danglars?

— Ele mesmo.

— E você permite isso, miserável?! Você que conhece a sua vida e a sua ignomínia?

— Por que espera que eu impeça o sucesso de um camarada?

— perguntou Caderousse.

— Tem razão, não é a você que cabe avisar o senhor Danglars, mas a mim.

— Não faça isso, senhor abade!...

— Por que não?

— Porque é o nosso pão que o senhor nos faria perder!

— Acha que, para conservar o pão de miseráveis como vocês, eu me tornaria auxiliar de sua trama, cúmplice de seus crimes?

— Senhor abade! — exclamou Caderousse, aproximando-se ainda mais.

— Vou contar tudo.

— A quem?

— Ao senhor Danglars.

— Raios — exclamou Caderousse, tirando uma faca já aberta de seu colete e golpeando o conde no meio do peito —, não vai contar nada, abade!

Para grande surpresa de Caderousse, o punhal, em vez de penetrar no peito do conde, bateu e voltou.

Ao mesmo tempo, o conde agarrou com a mão esquerda o punho do assassino, torcendo-o com tal força que a faca caiu de seus dedos rígidos — Caderousse deu um grito de dor.

Mas, sem que o grito o detivesse, o conde continuou a torcer o punho do bandido até que, com o braço deslocado, ele caiu — primeiro de joelhos, depois de cara no chão.

O conde apoiou o pé em sua cabeça e disse: — Não sei o que me impede de rachar-lhe o crânio, celerado!

— Ah, piedade, piedade! — gritou Caderousse.

O conde retirou o pé.

— Levante-se! — exclamou ele.

Caderousse levantou-se.

— Meu Deus! Mas que punho o senhor tem, abade! — exclamou Caderousse, acariciando o braço todo machucado pelas tesouras de carne que o haviam torcido. — Meu Deus! Mas que punho!

— Silêncio... Deus me deu forças para dominar um animal feroz como você... É em nome desse Deus que ajo... Lembre-se disso, miserável, e poupá-lo, neste momento, ainda é servir aos desígnios de Deus.

— Ui! — fez Caderousse, todo dolorido.

— Pegue esta pena, este papel e escreva o que vou lhe ditar.

— Eu não sei escrever, senhor abade...

— Está mentindo... Pegue esta pena e escreva!

Subjugado por aquela força superior, Caderousse sentou-se e escreveu: Senhor: o homem que recebe em sua casa, e a quem destina a sua filha, é um ex-forçado que fugiu comigo da cadeia de Toulon; ele usava o nº 59; eu, o nº 58.

Ele se chamava Benedito; mas ele mesmo ignora o seu verdadeiro nome, nunca tendo conhecido os seus pais.

— Assine! — prosseguiu o conde.

— Mas então o senhor quer me condenar?

— Se eu quisesse condená-lo, imbecil, eu o arrastaria até o primeiro corpo de guarda... Aliás, na hora em que o bilhete chegar a seu destino, é provável que você já não tenha mais nada a temer... Portanto, assine.

Caderousse assinou.

— O endereço: *Ao senhor barão Danglars, banqueiro, rua da Chausséed'Antin.*

Caderousse escreveu o endereço.

O abade pegou o bilhete.

— Agora — disse ele —, tudo bem, vá.

— Por onde?

— Por onde veio.

— Quer que eu saia por esta janela?

— Entrou por ela.

— Está planejando alguma coisa contra mim, senhor abade?

— Imbecil: o que quer que eu esteja planejando?
— Por que não me abre a porta?
— Para que acordar o porteiro?
— Senhor abade, diga-me que não quer a minha morte.
— Eu quero o que Deus quiser.
— Mas jure que não vai me atacar quando eu estiver descendo.
— Mas como você é tolo e covarde!
— O que quer fazer de mim?
— Eu é que lhe pergunto... Tentei fazer de você um homem feliz e não fiz mais do que um assassino!

— Senhor abade — exclamou Caderousse —, tente só mais uma vez.

— Está bem! — exclamou o conde. — Escute: sabia que eu sou um homem de palavra?

— Sabia — respondeu Caderousse.

— Se você chegar à sua casa são e salvo...

— A não ser ao senhor, que tenho a temer?

— Se você chegar à sua casa são e salvo, deixe Paris, deixe a França e, onde quer que esteja, enquanto se comportar honestamente, eu lhe mandarei uma pequena pensão... Porque, se você chegar à sua casa são e salvo, então...

— E então? — perguntou Caderousse, estremeando.

— Então acreditarei que Deus o perdoou, e também o perderei.

— Tão verdadeiro quanto eu ser cristão — balbuciou Caderousse, recuando —, o senhor me faz morrer de medo!

— Ora, vamos, vá! — exclamou o conde, apontando a janela a Caderousse.

Ainda não tranquilizado pela promessa, Caderousse passou a perna pela janela e colocou o pé na escada.

Na escada, parou, tremendo.

— Agora desça — disse o abade, cruzando os braços.

Caderousse começou a convencer-se de que não havia nada a temer daquele lado e desceu.

Então o conde aproximou-se com a vela, de maneira que dos Campos Elíseos podia-se ver aquele homem descer por uma janela iluminada por outro homem.

— O que está fazendo, senhor abade? — perguntou Caderousse. — Se passar uma patrulha...

E soprou a vela.

Então continuou a descer; mas só se acalmou quando sentiu a grama do jardim a seus pés.

Monte-Cristo voltou a seu quarto e, dando uma rápida espiada no jardim e na rua, primeiro viu Caderousse, que, depois de descer, dava a volta no jardim e ia colocar sua escada na extremidade do muro para sair por um lugar diverso daquele por onde entrara.

Então, passando do jardim à rua, viu o homem que parecia esperar correr paralelamente pela rua e parar perto da esquina onde Caderousse desceria.

Caderousse subiu lentamente a escada e, chegando aos últimos degraus, passou a cabeça por cima do muro para ver se a rua estava deserta.

Não se via ninguém, não se ouvia ruído algum.

Uma hora soou no relógio dos Inválidos.

Então Caderousse montou o muro e, puxando a sua escada, passou-a por cima dele; depois começou a descer, ou melhor, a deixar-se escorregar ao longo das duas vigas, manobra realizada com tal habilidade que mostrava muita prática naquele exercício.

Entretanto, começando a escorregar, não conseguiu mais parar. Em vão viu um homem saltar no escuro quando já estava na metade do caminho; em vão viu um braço levantar-se no momento em que tocava o chão; antes que pudesse se defender, esse braço atingiu-o tão furiosamente nas costas que ele largou a escada, gritando: — Socorro!

Um segundo golpe atingiu-o quase imediatamente no flanco e ele caiu, gritando: — Assassino!

Finalmente, quando ele rolava no chão, o adversário agarrou-o pelos cabelos e deu-lhe um terceiro golpe no peito.

Dessa vez, Caderousse tentou gritar mais uma vez, mas só conseguiu dar um gemido e deixar correr, gemendo, os três rios de sangue que saíam de seus três ferimentos.

Ao ver que ele já não gritava, o assassino ergueu-lhe a cabeça pelos cabelos; Caderousse tinha os olhos fechados e a boca torcida.

O assassino julgou-o morto: deixou cair a cabeça e desapareceu.

Então, percebendo que ele se afastava, Caderousse apoiou-se no cotovelo e, em voz agônica, gritou com supremo esforço: — Assassino! Estou morrendo! Aqui, senhor abade, aqui!

Esse lúgubre apelo atravessou as sombras da noite. A porta da escada escondida abriu-se, depois o pequeno portão do jardim, então Ali e seu amo acorreram com luzes.

LXXXIV. A MÃO DE DEUS

Caderousse continuava a gritar em voz dolorosa: — Senhor abade, socorro! Socorro!

— O que aconteceu? — perguntou Monte-Cristo.

— Aqui, socorro! — repetiu Caderousse. — Mataram-me!

— Aqui estamos! Coragem...

— Ah, acabou... Chegou tarde demais... Chegou para me ver morrer. Que golpes! Quanto sangue!

E desmaiou.

Ali e seu amo pegaram o ferido e transportaram-no a um quarto. Então Monte-Cristo fez sinal para que Ali o despisse e examinou os três terríveis ferimentos que o haviam atingido.

— Meu Deus — exclamou ele —, às vezes sua vingança se faz esperar... Mas então creio que ela desce dos céus ainda mais completa.

Ali olhou o amo como a lhe perguntar o que fazer.

— Vá chamar o senhor procurador do rei Villefort, que mora em Saint-Honoré, e traga-o aqui. Ao passar, acorde o porteiro e diga-lhe que chame um médico.

Ali obedeceu e deixou o falso abade sozinho com Caderousse, que continuava sem sentidos.

Quando o infeliz reabriu os olhos, o conde, sentado a alguns passos dele, olhava-o com sombria expressão de piedade e seus lábios, movendo-se, pareciam murmurar uma prece.

— Um médico, senhor abade, um médico! — exclamou Caderousse.

— Já foram chamar um... — respondeu o abade.

— Bem sei que é inútil para salvar a vida, mas talvez ele possa me dar forças... quero ter tempo de fazer minha declaração.

— Sobre o quê?

— Meu assassino.

— Então o conhece?

— Se o conheço? Sim, conheço: é Benedito.

— O jovem corso?

— Ele mesmo.

— Seu companheiro?

— É. Depois de me dar a planta da casa do conde, certamente esperando que eu o matasse e assim ele herdasse, ou que o conde me matasse e assim ele se livrasse de mim, ele me esperou na rua e me matou.

— Ao mesmo tempo que mandei chamar o médico, mandei chamar o procurador do rei.

— Ele vai chegar tarde demais — disse Caderousse —, sinto que estou perdendo todo o meu sangue.

— Espere — disse Monte-Cristo.

Ele saiu e cinco minutos depois voltou com um frasco.

Os olhos do moribundo, assustadores pela fixidez, durante a ausência do conde não tinham deixado a porta por onde instintivamente adivinhava que viria algum socorro.

— Depressa, senhor abade, depressa! — exclamou ele. — Sinto que vou desmaiar de novo.

Monte-Cristo aproximou-se e derramou nos lábios roxos do ferido três ou quatro gotas do licor contido no frasco.

Caderousse deu um suspiro.

— Oh — exclamou ele —, é a vida que o senhor me derrama... mais... mais...

— Duas gotas a mais o matariam — respondeu o abade.

— Oh, então que venha alguém a quem eu possa denunciar o miserável.

— Quer que eu anote o seu depoimento? Você o assinará.

— Sim... sim... — disse Caderousse, com os olhos brilhando à ideia daquela vingança póstuma.

Monte-Cristo anotou:

Morro assassinado pelo corso Benedito, meu companheiro de cadeia em Toulon, sob o nº 59.

— Depressa! Depressa! — exclamou Caderousse. — Ou não poderei assinar...

Monte-Cristo passou a pena a Caderousse, que reuniu as suas forças, assinou e caiu na cama, dizendo: — O senhor contará o resto, abade... Dirá que ele se faz chamar de Andrea Cavalcanti, que está no hotel dos Príncipes, que... Ah! Ah, meu Deus! Meu Deus: estou morrendo!

E Caderousse voltou a desmaiar.

O abade o fez inalar o aroma do frasco: o ferido reabriu os olhos.

O seu desejo de vingança não o abandonara durante o desmaio.

— Ah, dirá tudo isso, não é, senhor abade?

— Tudo isso, sim, e muitas outras coisas também.

— Que dirá?

— Direi que sem dúvida ele lhe deu a planta desta casa na esperança de que o conde o matasse. Direi que ele prevenira o conde com um bilhete... Direi que, na ausência do conde, fui eu quem recebeu o bilhete, ficando à sua espera.

— E ele será guilhotinado, não é? — perguntou Caderousse. — Ele será guilhotinado, promete? Morro com esta esperança, ela me ajudará a morrer.

— Direi — continuou o conde — que ele chegou depois de você, que o vigiou o tempo todo, que quando o viu sair correu para a esquina e se escondeu.

— Então o senhor viu tudo isso...

— Lembre-se de minhas palavras: “Se você chegar à sua casa são e salvo, então acreditarei que Deus o perdoou, e também o perdoarei”.

— E não me avisou? — exclamou Caderousse, tentando erguer-se sobre o cotovelo. — Sabia que eu ia ser morto, ao sair daqui, e não me avisou?

— Não, pois na mão de Benedito vejo a justiça de Deus, e eu julgaria ter cometido um sacrilégio se me opusesse aos desígnios da Providência divina.

— A justiça de Deus! Nem me fale nela, senhor abade... Se houvesse uma justiça de Deus, o senhor sabe melhor do que ninguém que há pessoas que seriam punidas, mas que não o são.

— Paciência! — exclamou o abade em tom que fez o moribundo estremecer. — Paciência!

Caderousse mirou-o, perplexo.

— E depois — continuou o abade —, Deus é cheio de misericórdia para todos, como o foi para você: ele é pai, antes de ser juiz.

— Ah, então o senhor acredita em Deus? — perguntou Caderousse.

— Se eu tivesse a infelicidade de não ter acreditado até o presente — disse Monte-Cristo —, passaria a acreditar ao ver você.

Caderousse ergueu os punhos crispados aos céus.

— Escute — disse o abade, estendendo a mão ao ferido, como a ordenar-lhe a fé —, veja o que fez por você, esse Deus que você se recusa a reconhecer em seu último momento: Deus lhe deu saúde, força, um trabalho garantido, até mesmo amigos, a vida, enfim, tal como deve se apresentar ao homem para lhe ser agradável, com a tranquilidade de sua consciência e com a satisfação de seus desejos naturais... Em vez de explorar esses dons do Senhor, tão raramente concedidos por ele em sua plenitude, eis o que você fez: abandonou-se à preguiça, à ebriedade, e na ebriedade você traiu um de seus melhores amigos.

— Socorro! — exclamou Caderousse. — Não preciso de um padre, mas sim de um médico... Talvez eu não esteja ferido de morte, talvez ainda não morra, talvez possam me salvar!

— Tanto está ferido de morte que, não fossem as três gotas de licor que lhe dei há pouco, já teria expirado... Então, escute!

— Ah — murmurou Caderousse —, mas que padre mais estranho é o senhor, desesperando os moribundos em vez de consolá-los...

— Escute... — continuou o abade. — Quando você traiu o seu amigo, Deus começou não a castigá-lo, mas a avisá-lo... Você caiu na miséria e teve fome... Você passou a cobiçar a vida que poderia conquistar, e já pensava no crime, dando a si mesmo a desculpa da necessidade, quando Deus fez por você um milagre... Quando, por minhas mãos, Deus enviou ao seio de sua miséria uma fortuna, extraordinária para você, pobre infeliz, que nunca tivera nada. Mas essa fortuna inesperada, imprevista e inaudita já não lhe bastou a partir do momento em que a obteve; quis duplicá-la; de que maneira? Mediante um assassinato. Você a duplica; então Deus lhe arranca a fortuna, conduzindo-o perante a justiça humana.

— Não fui eu que quis matar o judeu, foi a Carconte — disse Caderousse.

— Sim — disse Monte-Cristo. — Por isso, Deus, sempre... não direi *justo*, desta vez, pois sua justiça lhe daria a morte... mas Deus, sempre misericordioso, permitiu que seus juízes fossem tocados por suas palavras e lhe poupassem a vida.

— Por Deus! Para enviar-me à prisão perpétua... Mas que belo perdão!

— Mas esse perdão, miserável, você o considerou extraordinário quando lhe foi concedido... O seu coração covarde, tremendo diante da morte, pulou de alegria ao anúncio de uma vergonha perpétua, pois você murmurou, como todos os condenados: “A cadeia tem uma porta; o túmulo, não”. E você tinha razão, pois essa porta da cadeia abriu-se para você de maneira inesperada: um inglês visita Toulon; ele fizera a promessa de tirar dois homens da infâmia; escolhe você e seu companheiro: uma segunda fortuna lhe desce do céu, você encontra ao mesmo tempo o dinheiro e a tranquilidade, pode recomeçar a viver a vida de todos os homens, você que tinha sido condenado a viver a vida dos forçados; então, miserável, então você começa a tentar Deus pela terceira vez. “Eu não tenho o bastante”, você diz, quando tinha mais do que nunca tivera, e comete um terceiro crime, sem razão, sem perdão... Deus se cansou... Deus o castigou.

Caderousse enfraquecia a olhos vistos.

— Beber... — disse ele. — Tenho sede... Estou ardendo!

Monte-Cristo deu-lhe um copo d'água.

— Celerado de Benedito... — disse Caderousse, devolvendo o copo. — E ele vai escapar!

— Ninguém vai escapar, sou eu que lhe digo, Caderousse... Benedito vai ser punido!

— Então o senhor também vai ser punido — disse Caderousse. — Pois não cumpriu o seu dever de sacerdote... Não devia ter deixado Benedito me matar.

— Eu? — exclamou o conde com um sorriso que gelou de medo o moribundo. — Eu, não deixar Benedito matá-lo, quando você acabara de quebrar a sua faca contra a cota de malha que cobria o meu peito!... Sim, talvez, se eu o visse humilde e arrependido, não deixaria Benedito matá-lo, mas o vi orgulhoso e sanguinário, deixei que a vontade de Deus se cumprisse!

— Eu não acredito em Deus! — uivou Caderousse. — Você também não acredita... está mentindo... está mentindo!

— Cale-se — disse o abade —, está desperdiçando suas últimas gotas de sangue... Ah, você não acredita em Deus, e morre ferido por Deus!... Ah, você não acredita em Deus: entretanto, para perdoar, Deus só pede uma prece, uma palavra, uma lágrima... Deus poderia dirigir o punhal do assassino de maneira que você expirasse imediatamente... Deus lhe deu um quarto de hora para se arrepender... Então, caia em si, infeliz, e arrependa-se!

— Não — disse Caderousse —, não, não me arrependo... Deus não existe, a Providência não existe, só existe o acaso.

— Existe uma Providência, existe um Deus — disse Monte-Cristo —, prova é que você está aí morrendo, desesperado, renegando Deus, enquanto eu estou de pé à sua frente, rico, feliz, são e salvo, juntando as mãos perante esse Deus em quem você tenta não acreditar, mas em quem entretanto, no fundo do coração, você acredita.

— Mas então quem é o senhor? — perguntou Caderousse, fixando os olhos agonizantes no conde.

— Olhe-me bem! — exclamou Monte-Cristo, pegando a vela e aproximando-a do rosto.

— Bem, o abade... O abade Busoni...

Monte-Cristo tirou a peruca que o desfigurava e deixou caírem os seus belos cabelos negros que tão harmoniosamente emolduravam o seu rosto pálido.

— Oh! — exclamou Caderousse, apavorado. — Não fossem os cabelos negros, eu diria que o senhor é o inglês, eu diria que o senhor é lorde Wilmore.

— Eu não sou o abade Busoni, nem lorde Wilmore — disse Monte-Cristo. — Olhe bem, olhe mais além, olhe para as suas primeiras recordações.

Nessas palavras do conde havia uma vibração magnética que reavivou pela última vez os sentidos exaustos do miserável.

— Oh, de fato — murmurou ele —, parece que já o vi, parece que no passado o conheci...

— Sim, Caderousse, sim, você me viu, sim, você me conhecia...

— Mas afinal quem é o senhor? E por que, se me viu, se me conhecia, por que me deixa morrer?

— Porque nada pode salvá-lo, Caderousse, porque os seus ferimentos são mortais. Se você pudesse ser salvo, eu veria nisso uma derradeira misericórdia do Senhor, e ainda teria, juro pelo túmulo de meu pai, tentado devolvê-lo à vida e ao arrependimento.

— Pelo túmulo de seu pai! — disse Caderousse, reanimado por uma suprema centelha, soerguendo-se para ver mais de perto o homem que acabara de lhe fazer aquele juramento sagrado para todos os homens. — Eh, afinal, quem é você?

O conde não cessara de acompanhar os progressos da agonia. Compreendeu que aquele impulso vital era o último; aproximou-se do moribundo e, cobrindo-o com um olhar calmo e triste ao mesmo tempo: — Eu sou... — disselhe ao ouvido —, eu sou...

E os seus lábios, quase fechados, deram passagem a um nome pronunciado tão baixo que o próprio conde parecia temer ouvi-lo.

Caderousse, que se erguera sobre os joelhos, estendeu os braços, fez um esforço para recuar; depois, juntando as mãos, erguendo-as com supremo esforço: — Oh, meu Deus, meu Deus! — exclamou ele. — Perdão por tê-lo renegado... O Senhor existe, é o pai dos homens no céu e o juiz dos homens na terra. Meu Deus,

Senhor, ignorei-o por tanto tempo! Meu Deus, Senhor, perdoe-me!
Meu Deus! Senhor, receba-me!

E, fechando os olhos, Caderousse caiu para trás, dando um último grito e um último suspiro.

O sangue logo se deteve nos lábios de seus amplos ferimentos.

Ele estava morto.

— *Um!* — exclamou misteriosamente o conde, com os olhos fixos no cadáver já desfigurado por aquela morte terrível.

Dez minutos depois, o médico e o procurador do rei chegaram — um trazido pelo porteiro, outro por Ali — e foram recebidos pelo abade Busoni, que rezava ao lado do morto.

LXXXV. BEAUCHAMP

Em Paris, durante quinze dias, só se falou naquela tentativa de roubo que acontecera com tanta audácia na casa do conde. O moribundo assinara uma declaração que apontava Benedito como seu assassino. A polícia foi convidada a lançar todos os seus agentes no encalço do criminoso.

A faca de Caderousse, a lanterna surda, o molho de chaves e as roupas — salvo o colete, que não foi possível encontrar — foram arquivados; o corpo foi levado para o necrotério.

A todas as perguntas, o conde respondia que tal aventura acontecera enquanto ele estava em sua casa de Auteuil — portanto, ele só sabia o que lhe contara o abade Busoni, que naquela tarde, pelo maior dos acasos, pedira para passar a noite em sua casa dos Campos Elíseos, para fazer pesquisas em alguns preciosos livros raros que se encontravam na biblioteca.

Apenas Bertuccio empalidecia sempre que o nome de Benedito era pronunciado em sua presença; mas não havia motivo algum para que alguém notasse a palidez de Bertuccio.

Chamado a constatar o crime, Villefort reivindicara o caso e conduzia a investigação com aquele ardor apaixonado que o arrebatava em todas as causas criminais em que ele era chamado a fazer uso da palavra.

Mas três semanas já haviam se passado sem que as mais rigorosas investigações trouxessem qualquer resultado — a sociedade já começava a se esquecer da tentativa de roubo na casa do conde e do assassinato do ladrão por seu cúmplice para ocupar-se do próximo casamento da senhorita Danglars com o conde Andrea Cavalcanti.

Tal casamento era mais ou menos certo e o jovem era recebido como noivo na casa do banqueiro.

Haviam escrito ao senhor Cavalcanti pai, que aprovara o casamento e, manifestando todo o seu pesar pelo fato de seu serviço o impedir absolutamente de deixar Parma, onde se encontrava, declarava consentir em adiantar o capital equivalente a cento e cinquenta mil libras de renda.

Estava combinado que os três milhões seriam depositados no banco de Danglars, que os investiria; algumas pessoas haviam tentado despertar no jovem dúvidas sobre a solidez da posição de seu futuro sogro, que havia algum tempo sofria na Bolsa perdas reiteradas; mas o jovem, com desinteresse e confiança sublimes, repelia todas essas vãs afirmações, tendo a delicadeza de não repetir uma única palavra ao barão.

Assim, o barão adorava o conde Andrea Cavalcanti.

O mesmo não acontecia à senhorita Eugénie Danglars. Em seu ódio instintivo contra o matrimônio, ela acolhera Andrea como um meio de afastar Morcerf; entretanto, agora que Andrea se aproximava demais, ela começava a sentir visível repulsa ao noivo.

Talvez o barão tivesse percebido essa repulsa; mas, como só podia atribuí-la a um capricho, fingia nada perceber.

Entretanto, o prazo pedido por Beauchamp estava quase esgotado. Ademais, Morcerf pudera apreciar o valor do conselho de Monte-Cristo, quando este lhe dissera que deixasse as coisas correrem por si mesmas; ninguém dera atenção à notícia sobre o general — ninguém reconhecera no oficial que entregara o castelo de Janina o nobre com assento na Câmara dos Pares.

Nem por isso Albert se achava menos insultado, pois a intenção da ofensa era óbvia nas poucas linhas que o haviam ferido. Ademais, a maneira como Beauchamp encerrara a conversa tinha

deixado uma lembrança amarga em seu coração. Assim, ele acariciava em seu espírito a ideia daquele duelo, esperando poder esconder o seu real motivo mesmo a suas testemunhas, se Beauchamp o permitisse.

Quanto a Beauchamp, ninguém mais o vira, desde o dia da visita que Albert lhe fizera — a todos que perguntavam por ele, respondiam que se ausentara para uma viagem de alguns dias.

Onde estava Beauchamp? Ninguém sabia.

Certa manhã, Albert foi despertado por seu camareiro, que lhe anunciava a chegada de Beauchamp.

Albert esfregou os olhos, ordenou que mandassem Beauchamp esperar no pequeno salão de fumantes do térreo, vestiu-se rapidamente e desceu.

Encontrou Beauchamp andando de um lado para outro; ao vê-lo, Beauchamp parou.

— A iniciativa que toma, apresentando-se em minha casa pessoalmente, sem esperar a visita que eu pretendia lhe fazer hoje, parece-me de bom augúrio, senhor — disse Albert. — Vamos, diga logo, devo lhe estender a mão dizendo: “Beauchamp, admita um erro e conserve um amigo”? Ou devo simplesmente lhe perguntar: “Quais são as suas armas?”.

— Albert — disse Beauchamp com uma tristeza que deixou o jovem estarecido —, primeiro vamos nos sentar e conversar.

— Mas me parece, ao contrário, cavalheiro, que, antes de nos sentarmos, deve-me uma resposta...

— Albert — disse o jornalista —, há circunstâncias em que a dificuldade se encontra precisamente na resposta.

— Vou facilitá-la, cavalheiro, repetindo-lhe a pergunta: deseja se retratar? Sim ou não?

— Morcerf, as pessoas não se limitam a responder sim ou não a perguntas que envolvem a honra, a posição social, a vida de um homem como o senhor tenente-general conde de Morcerf, par de França.

— Então, que fazem?

— Fazem o que faço, Albert... Dizem: “O dinheiro, o tempo e a fadiga não são nada quando se trata da reputação e dos interesses

de toda uma família"... Dizem: "É preciso ter mais do que probabilidade: é preciso ter certeza para aceitar um duelo de morte com um amigo"... Dizem: "Se cruzo a espada, ou se aperto o gatilho de uma pistola apontada para um homem cuja mão apertei durante três anos, ao menos preciso saber por que estou fazendo isso, a fim de chegar ao campo do duelo com o coração tranquilo, com a consciência tranquila necessária a um homem quando é necessário que o seu braço salve a sua vida.

— Bem, e então? — perguntou Morcerf, com impaciência. — O que isso quer dizer?

— Quer dizer que estou voltando de Janina.

— De Janina? Você?

— Sim, eu.

— Impossível!

— Meu caro Albert, aqui está o meu passaporte... Veja os vistos: Genebra, Milão, Veneza, Trieste, Delvino, Janina. Você acreditaria nas polícias de uma república, de um reino e de um império?

Albert lançou os olhos ao passaporte e reergueu-os surpresos a Beauchamp.

— Esteve em Janina? — perguntou ele.

— Albert, se você fosse um estranho, um desconhecido, um simples lorde, como aquele inglês que veio pedir-me satisfações, há três ou quatro meses, e que matei, para me ver livre dele, você compreenderia se eu não me desse a tanto trabalho... Mas julguei que lhe devia esta prova de consideração. Levei uma semana para ir, uma semana para voltar, mais quatro dias de quarentena, mais quarenta e oito horas de estadia... Assim gastei as minhas três semanas. Cheguei esta noite, aqui estou.

— Meu Deus, meu Deus! Quanto rodeio, Beauchamp, quanta demora para me dizer o que espero de você!

— É que, na verdade, Albert...

— Parece que você hesita...

— Sim, tenho medo.

— Tem medo de admitir que o seu correspondente o enganou? Oh, deixe de amor-próprio, Beauchamp... Admita, Beauchamp: sua coragem não pode ser posta em dúvida.

— Oh, não é isso — murmurou o jornalista. — Pelo contrário...

Albert empalideceu terrivelmente; tentou falar, mas a palavra expirou em seus lábios.

— Meu amigo — disse Beauchamp no tom mais afetuosamente —, acredite, eu ficaria feliz em apresentar-lhe as minhas desculpas, eu me desculparia de coração... Mas, infelizmente...

— Mas o quê?

— A notícia tinha fundamento, meu amigo.

— Como? Aquele oficial francês...

— Sim.

— Aquele Fernand?

— Sim.

— Aquele traidor que entregou os castelos do homem a quem servia...

— Perdoe-me por lhe dizer o que lhe digo, meu amigo: aquele homem é seu pai!

Albert fez um gesto furioso para lançar-se sobre Beauchamp; mas este o deteve muito mais com o olhar afetuosamente do que com a mão estendida.

— Olhe, meu amigo — disse Beauchamp, tirando um papel do bolso. — Aqui está a prova.

Albert abriu o papel: era um atestado de quatro notáveis moradores de Janina, afirmando que o coronel Fernand Mondego — coronel instrutor a serviço do vizir Ali-Tebelin — entregara o castelo de Janina em troca de duas mil bolsas.

As assinaturas estavam autenticadas pelo cônsul.

Albert cambaleou e caiu esmagado em uma poltrona.

Desta vez, já não havia do que duvidar: o nome da família estava ali, com todas as letras.

Assim, depois de um momento de silêncio mudo e doloroso, o seu coração transbordou, as veias de seu pescoço incharam, uma torrente de lágrimas jorrou de seus olhos.

Beauchamp, que observara com profunda piedade o jovem cedendo ao paroxismo da dor, aproximou-se dele.

— Albert — disse ele —, agora me compreende, não é verdade? Eu quis ver tudo, julgar tudo pessoalmente, esperando que a

explicação fosse favorável a seu pai e que eu pudesse lhe fazer toda a justiça. Entretanto, pelo contrário, as informações obtidas constataam que aquele oficial instrutor, que aquele Fernand Mondego, promovido por Ali Paxá ao título de general governador, não é outro senão o conde Fernand de Morcerf... Então voltei, lembrando a honra que você me fez ao me admitir como seu amigo, e corri para você.

Albert, que continuava estendido em sua poltrona, mantinha as mãos sobre os olhos, como se quisesse impedir que a luz do dia chegasse até ele.

— Corri para você — continuou Beauchamp —, para lhe dizer: Albert, os pecados de nossos pais, nesses tempos de ação e reação, não podem recair sobre os filhos. Albert, muito poucos atravessaram essas revoluções, em meio às quais nascemos, sem que alguma nódoa de lama ou de sangue não tivesse manchado o seu uniforme de soldado ou a sua toga de juiz. Albert, ninguém no mundo, agora que tenho todas as provas, agora que sou senhor de seu segredo, pode me obrigar a um combate que a sua consciência, tenho certeza, repeliria como um crime; mas venho lhe oferecer o que você já não pode mais exigir de mim. Você quer que desapareçam essas provas, essas revelações, esses atestados que só eu possuo? Quer que esse terrível segredo fique entre nós dois? Palavra de honra, esse segredo nunca sairá de minha boca; diga, é isso o que quer, Albert? Diga, é isso o que quer, meu amigo?

Albert lançou-se ao pescoço de Beauchamp.

— Ah, nobre coração! — exclamou ele.

— Pegue — disse Beauchamp, passando os papéis a Albert.

Albert agarrou-os com mão convulsiva, apertou-os, amassou-os, pensou em rasgá-los; entretanto, temendo que o menor fragmento, levado pelo vento, um dia retornasse para golpeá-lo na testa, aproximou-se da vela sempre acesa para os charutos e queimou até o último pedaço.

— Querido amigo, excelente amigo! — murmurou Albert, enquanto queimava os papéis.

— Que tudo isso seja esquecido como um pesadelo — disse Beauchamp —, que desapareça como essas fagulhas que correm

pelo papel queimado, que tudo isso evapore como a última fumaça a exalar dessas cinzas mudas.

— Sim, sim — disse Albert —, e que reste apenas a eterna amizade que dedico a meu salvador, amizade que os meus filhos transmitirão aos seus, amizade que sempre me lembrará de que o sangue de minhas veias, a vida de meu corpo, a honra de meu nome, eu os devo a você... Pois se uma coisa dessas fosse conhecida, Beauchamp, oh, juro: eu estouraria os miolos... Ou não, pobre da minha mãe! Isso seria matá-la ao mesmo tempo... Ou eu me exilaria.

— Querido Albert! — exclamou Beauchamp.

Mas o jovem logo saiu dessa alegria inopinada e, por assim dizer, fictícia, recaindo mais profundamente em sua tristeza.

— Bem, e então, o que foi, meu amigo? — perguntou Beauchamp.

— Sinto o meu coração se partir — respondeu Albert. — Escute, Beauchamp: ninguém se separa assim, num segundo, do respeito, da confiança, do orgulho que o nome sem mancha do pai inspira a um filho. Oh, Beauchamp, Beauchamp! Agora, como vou encarar o meu pai? Vou recuar a testa, quando ele aproximar os lábios?... Minha mão, quando ele aproximar sua mão?... Veja bem, Beauchamp: eu sou o mais infeliz dos homens. Ah, minha mãe, minha pobre mãe — disse Albert, contemplando, através dos olhos afogados em lágrimas, o retrato da mãe. — Mamãe, se soube disso, como deve ter sofrido!

— Vamos — disse Beauchamp, tomando ambas as mãos de Albert —, coragem, meu amigo!

— Mas de onde é que veio aquela primeira notícia publicada em seu jornal? — exclamou Albert. — Atrás de tudo isso há um ódio desconhecido, um inimigo invisível.

— Bem, então — exclamou Beauchamp —, mais uma razão... Coragem, Albert! Nada de traços de emoção em seu rosto... Carregue essa dor dentro de você como a nuvem carrega em si a ruína e a morte... Segredo fatal que só se revela no momento em que desaba a tempestade. Vamos, meu amigo, guarde suas forças para o momento da tempestade.

— Oh, mas então você acha que a tempestade ainda não desabou? — perguntou Albert, aterrado.

— Eu não acho nada, meu amigo... Mas, afinal, tudo é possível. A propósito...

— O quê? — perguntou Albert, vendo que Beauchamp hesitava.

— Ainda vai se casar com a senhorita Danglars?

— A que propósito me faz essa pergunta, Beauchamp, num momento como este?

— É que, em minha opinião, o rompimento ou a realização desse casamento se relaciona com o assunto de que falamos neste momento.

— Como?! — exclamou Albert, com a testa inflamada. — Acha que o senhor Danglars...

— Só lhe pergunto em que pé anda o seu casamento. Mas que diabo! Não veja em minhas palavras algo que eu não disse, não lhes dê mais alcance do que elas têm...

— Não — disse Albert —, o casamento foi desfeito.

— Bem — disse Beauchamp.

Então, percebendo que o jovem recairia em sua melancolia: — Olhe, Albert — disse ele —: se confia em mim, vamos sair... Um passeio no bosque, de carruagem ou a cavalo, vai distraí-lo... Depois vamos almoçar em algum lugar... Depois cada um vai cuidar de sua vida.

— Está bem — disse Albert —, mas vamos a pé: acho que um pouco de exercício me fará bem.

— Combinado — disse Beauchamp.

E, saindo a pé, os dois amigos seguiram pela avenida. Ao chegar à Madeleine: — Olhe — disse Beauchamp —, já que fica no meio do caminho, vamos dar um pulo na casa do conde de Monte-Cristo: ele vai distraí-lo... Ele é ótimo para distrair os espíritos: nunca faz perguntas... Em minha opinião, as pessoas que não fazem perguntas são as que mais nos consolam.

— Está bem — disse Albert —, vamos até o conde: gosto dele.

LXXXVI. A VIAGEM

Ao ver os dois jovens juntos, Monte-Cristo deu um grito de alegria.

— Ah, ah! — exclamou ele. — Bem, espero que tudo tenha acabado, que tudo já esteja esclarecido, explicado...

— Sim — disse Beauchamp. — Boatos absurdos, que se desmentem por si mesmos, se agora fossem repetidos me encontrariam como o primeiro adversário... Então não falemos mais nisso.

— Albert lhe dirá que foi esse o conselho que lhe dei — replicou o conde. — Mas vejam só: imagino que vocês me encontraram bem no final da manhã mais maçante da minha vida.

— O que está fazendo? — perguntou Albert. — Pondo em ordem os seus papéis, parece-me...?

— Os meus papéis, graças a Deus, não! Os meus papéis sempre se encontram maravilhosamente em ordem, já que eu não tenho papéis... Estes papéis são do senhor Cavalcanti.

— Do senhor Cavalcanti? — perguntou Beauchamp.

— Pois é... Não sabia que ele é um jovem patrocinado pelo conde? — perguntou Morcerf.

— Não, senhor — respondeu Monte-Cristo —, vamos deixar bem claro: eu não patrocino ninguém, muito menos o senhor Cavalcanti...

— ... Que vai se casar com a senhorita Danglars, na minha vez, no meu lugar... O que, como bem pode imaginar, meu caro Beauchamp, me afeta cruelmente... — disse Albert, tentando sorrir.

— Mas como! Cavalcanti vai se casar com a senhorita Danglars? — perguntou Beauchamp.

— Pois é! Mas então você está chegando do fim do mundo? — perguntou Monte-Cristo. — Você, um jornalista... marido da Fama?! Paris inteira só fala nisso.

— E é o senhor, conde, quem patrocina esse casamento? — perguntou Beauchamp.

— Eu? Oh, silêncio, senhor novelista: não vá me dizer uma coisa dessas! Eu, meu Deus, patrocinar um casamento? Não, você não me conhece... Pelo contrário, eu me opus com todas as minhas forças, recusei-me a fazer o pedido.

— Ah, entendi — disse Beauchamp —, por causa de nosso amigo Albert...?

— Por causa de mim? — exclamou o jovem. — Oh, juro que não! O conde me fará a justiça de comprovar que, pelo contrário, sempre lhe pedi que me ajudasse a romper esse compromisso, que felizmente acabou se rompendo. O conde pretende que não é a ele que devo agradecer... Bem, então, como os antigos, elevarei um altar *Deo ignoto*.⁶

— Escute — disse Monte-Cristo —, tanto não é a mim quanto estou brigado com o sogro e com o jovem... Só a senhorita Eugénie, que não me parece ter profunda aspiração ao casamento, vendo até que ponto eu estava pouco inclinado a fazê-la renunciar à sua querida liberdade, conservou a sua afeição por mim.

— E acha que esse casamento está prestes a se realizar?

— Oh, meu Deus, acho que sim, apesar de tudo o que pude dizer... Eu não conheço o jovem... Dizem que ele é rico e de boa família, mas para mim essas afirmações são simples boatos. Eu disse e repeti tudo isso ao senhor Danglars, mas ele está encantado com o rapaz de Luca. Cheguei até a mencionar-lhe uma circunstância que para mim é mais grave: o jovem foi trocado no berço, foi raptado por ciganos, ou abandonado por seu preceptor, não sei muito bem. O que sei é que o pai dele perdeu-o de vista por mais de dez anos... O que ele fez, durante esses dez anos de vida errante, só Deus sabe... Bem, nada disso adiantou. Encarregaram-me de escrever ao major pedindo-lhe os documentos... Esses documentos estão aqui. Vou enviá-los, mas, como Pôncio Pilatos, lavo as mãos.

— E a senhorita d'Armilly — perguntou Beauchamp —, que cara faz ao senhor, que roubou a sua aluna?

— Céus, não sei lá muito bem, mas parece que ela vai partir para a Itália. A senhora Danglars me falou dela e me pediu cartas de recomendação para os *impresari*... Dei-lhe um bilhete para o diretor do teatro Valle, que me deve alguns favores. Mas o que você tem, Albert? Parece estar muito triste... Acaso, sem desconfiar, apaixonou-se pela senhorita Danglars?

— Que eu saiba, não... — respondeu Albert, sorrindo com tristeza.

Beauchamp começou a admirar os quadros.

— Mas, afinal — continuou Monte-Cristo —, você está diferente. Vamos, diga-me: o que você tem?

— Estou com dor de cabeça — respondeu Albert.

— Bem, meu caro visconde — disse Monte-Cristo —, nesse caso posso lhe oferecer um remédio infalível, um remédio que sempre funciona comigo quando tenho alguma contrariedade.

— Que remédio? — perguntou o jovem.

— A viagem.

— Verdade? — exclamou Albert.

— Verdade... E, veja só, como neste momento estou muito contrariado, vou viajar. Quer viajar comigo?

— O senhor, contrariado, conde?! — exclamou Beauchamp. — Mas por quê?

— Ora, você fala muito à vontade... Só queria ver como se sairia se fizessem uma investigação na sua casa...

— Uma investigação? Que investigação?

— Ah, a investigação que o senhor de Villefort está fazendo contra o meu adorável assassino, uma espécie de assaltante que fugiu da cadeia, parece...

— Ah, é verdade — exclamou Beauchamp —, li a notícia nos jornais. Quem é que é esse Caderousse?

— Bem... parece que é um provençal. O senhor de Villefort ouviu falar dele, quando estava em Marselha, e o senhor Danglars se lembra de tê-lo visto. Daí resulta que o senhor procurador do rei abraçou o caso com tanto empenho que, ao que parece, o caso interessou enormemente ao chefe de polícia, e graças a esse interesse, ao qual sou muito grato, há quinze dias aqui me mandam todos os bandidos que conseguem encontrar em Paris e nos arredores, a pretexto de serem eles os assassinos do senhor Caderousse... Daí resulta que, se isso continuar, dentro de três meses já não vai existir neste belo reino da França um único ladrão, um único assassino que não conheça a planta da minha casa na palma da mão... Assim, tomei a decisão de abandoná-la

completamente e ir tão longe quanto a terra puder me levar... Vem comigo, visconde, vou levá-lo.

— Com prazer.

— Então está combinado?

— Está... Mas para onde vamos?

— Eu já lhe disse: para onde o ar é puro, para onde o barulho nos nina, onde, por mais orgulhosos que sejamos, nos sentimos humildes e nos achamos pequenos. Adoro essa diminuição, eu que sou considerado o senhor do universo, como Augusto.⁷

— Mas, afinal, para onde vai?

— Vou para o mar, visconde, para o mar... Eu sou um marinheiro, como pode ver... Quando eu era criança, já era embalado nos braços do velho Oceano e no seio da bela Anfitrite... Brinquei com o manto verde de um e com a roupa azulada de outra... Amo o mar como se ama uma amante e, quando fico muito tempo sem vê-lo, sinto saudades do mar.

— Vamos, conde, vamos!

— Para o mar?

— Sim.

— Aceita o convite?

— Aceito.

— Bem, visconde, esta noite chegará a meu pátio um *briska*, uma carruagem de viagem na qual podemos nos deitar como em nossa cama; essa carruagem estará atrelada a quatro cavalos de muda. Senhor Beauchamp: cabem quatro e ainda sobra espaço... Se quiser vir conosco, eu o levo.

— Obrigado, estou chegando do mar.

— Como? Está chegando do mar?

— Sim, ou quase... Acabo de fazer uma pequena viagem às ilhas Borromeias.

— Não importa!... Venha assim mesmo! — exclamou Albert.

— Não, meu caro Morcerf: você deve compreender que, se recuso, é porque a coisa é mesmo impossível. Aliás — acrescentou Beauchamp, baixando a voz —, é melhor eu ficar aqui em Paris, ao menos para vigiar a caixa postal do jornal.

— Ah, você é um ótimo amigo — disse Albert. — Sim, você tem razão: vigie estreitamente, Beauchamp, e trate de descobrir quem é o inimigo que fez aquela revelação.

Albert e Beauchamp se despediram: o último aperto de mão encerrava todos os sentidos que os seus lábios não poderiam exprimir diante de um estranho.

— Excelente rapaz, esse Beauchamp! — exclamou Monte-Cristo, após a saída do jornalista. — Não é mesmo, Albert?

— Ah, sim, um homem de bom coração, eu lhe asseguro... Assim, eu o estimo com toda a força de minha alma. Mas, agora que estamos sozinhos, embora me seja quase indiferente, para onde vamos?

— Para a Normandia, se estiver de acordo.

— Maravilha... Mas vamos ficar sempre no campo, não é? Nada de companhia, nada de vizinhos?

— Só teremos a companhia de cavalos para correr, de cães para caçar, de um barco para pescar, nada mais.

— É tudo o que quero... Vou avisar minha mãe e estarei às suas ordens.

— Mas eles vão deixar? — perguntou Monte-Cristo.

— O quê?

— Você ir à Normandia?

— Me deixar? Acaso eu não sou livre?

— Livre para ir onde quiser sozinho sei muito bem que é, pois o encontrei solto pela Itália.

— E então?

— Mas livre para viajar com um homem que se chama conde de Monte-Cristo...?

— O senhor tem pouca memória, conde.

— Como assim?

— Já não lhe falei de toda a simpatia que minha mãe tem pelo senhor?

— A mulher varia muito, como disse Francisco Primeiro...⁸ A mulher é como a onda, como disse Shakespeare...⁹ Um sendo

grande rei, outro grande poeta, ambos deviam conhecer bem a mulher.

— Sim, a mulher... Mas minha mãe não é a mulher: ela é uma mulher.

— Permite a um pobre estrangeiro não compreender perfeitamente todas as sutilezas de sua língua?

— Quero dizer que minha mãe é econômica em seus sentimentos, mas, a partir do momento em que os concede, é para sempre.

— Ah, é verdade? — exclamou, suspirando, Monte-Cristo. — E você imagina que ela me deu a honra de me conceder outro sentimento além da mais perfeita indiferença?

— Escute: já lhe disse e lhe repito — exclamou Morcerf —, realmente o senhor deve ser um homem muito estranho, muito superior...

— Oh!

— Sim, pois minha mãe se deixou levar, não direi pela curiosidade, mas pelo interesse que o senhor inspira. Quando ficamos sozinhos, só falamos do senhor.

— E ela fala para desconfiar desse Manfred?

— Pelo contrário, ela me fala: — “Morcerf, acho o conde uma nobre natureza... Procure ser simpático com ele”.

Monte-Cristo desviou o olhar e deu um suspiro.

— Ah, verdade? — perguntou ele.

— De sorte que, entende — continuou Albert —, em vez de se opor à minha viagem, ela vai aprová-la de todo o coração, pois essa viagem está de acordo com as recomendações que ela me faz todos os dias.

— Então, vá — disse Monte-Cristo —, até o fim da tarde... Esteja aqui às cinco horas... Chegaremos lá à meia-noite ou uma hora.

— Como? Ao Tréport?

— Ao Tréport ou às redondezas.

— Só precisa de oito horas para percorrer quarenta e oito léguas?

— E já é muito — disse Monte-Cristo.

— Mas realmente o senhor é o homem dos prodígios, e vai chegar não apenas a superar as estradas de ferro, o que não é lá muito difícil, principalmente na França, mas também ainda vai andar mais rápido do que o telégrafo.

— Antes disso, visconde, como nós ainda precisaremos de sete ou oito horas para chegar lá, seja pontual.

— Fique tranquilo, até às cinco não preciso fazer nada, só me aprontar.

— Então, até às cinco da tarde.

— Até às cinco.

Albert saiu. Depois de lhe fazer, sorrindo, um aceno com a cabeça, Monte-Cristo permaneceu por um momento pensativo, parecendo absorto em profunda meditação. Afinal, passando a mão na testa, como a fugir de seu devaneio, aproximou-se da sineta e tocou duas vezes.

Ao som das duas badaladas produzidas por Monte-Cristo, Bertuccio entrou.

— Mestre Bertuccio — disse o conde —, não vai ser amanhã, nem depois de amanhã, como eu imaginava: vai ser esta tarde que partirei para a Normandia... Até às cinco horas, você tem mais tempo do que o necessário... Mande avisar os cavaleiros da primeira muda... O senhor de Morcerf me acompanha. Vá.

Bertuccio obedeceu — um picador partiu para Pontoise, avisando que a diligência passaria às seis horas em ponto. O cavaleiro de Pontoise mandou à escala seguinte um mensageiro, que mandou outro... Seis horas depois, todas as mudas de cavalos dispostas no caminho já estavam avisadas.

Antes de partir, o conde subiu ao quarto de Haydée: anunciou-lhe a viagem, contou-lhe para onde ia e deixou a casa toda às suas ordens.

Albert foi pontual. A viagem, sombria no começo, logo foi iluminada pelo efeito físico da velocidade. Morcerf nunca imaginara tanta rapidez.

— De fato — disse Monte-Cristo —, com a nossa carruagem fazendo duas léguas por hora, com essa lei estúpida que proíbe a um viajante ultrapassar outro sem lhe pedir licença, mas que dá a

um viajante doente ou extravagante o direito de prender atrás dele os viajantes velozes e saudáveis, não existe locomoção possível... Eu evito esse inconveniente viajando com minha própria carruagem e com meus próprios cavalos; não é verdade, Ali?

E, passando a cabeça pela portinhola, o conde dava gritos de encorajamento que davam asas aos cavalos: eles não corriam, voavam. A carruagem rolava pela estrada real como um trovão — todos se voltavam para ver passar aquele meteoro flamejante. Repetindo os gritos, Ali sorria, mostrando os seus dentes brancos, apertando em suas mãos fortes as rédeas espumantes, instigando os cavalos, cujas belas crinas voavam ao vento; filho do deserto, Ali se achava em seu próprio elemento e, com o seu rosto moreno, o seu olhar ardente, o seu capuz de neve, parecia, em meio à poeira que ele levantava, o gênio do vento simão e o deus da tempestade.

— Eis uma volúpia que eu não conhecia — disse Morcerf —: a volúpia da velocidade.

E as últimas nuvens em sua fisionomia se dissiparam, como se o ar que ele cortava carregasse essas nuvens consigo.

— Mas onde diabo encontra cavalos como esses? — perguntou Albert. — Manda fabricar cavalos?

— Exatamente — respondeu o conde. — Há seis anos, encontrei na Hungria um famoso ganhão, conhecido por sua velocidade... Eu o comprei, não me lembro por quanto: foi Bertuccio quem pagou. Naquele mesmo ano, ele teve trinta e dois filhos... É toda essa geração do mesmo pai que nós vamos passar em revista... Eles são todos iguais, negros, sem uma só mancha, a não ser uma estrela na testa, pois para aquele privilegiado do haras escolheram bairras éguas, assim como para os paxás escolhem favoritas.

— É admirável!... Mas então me diga, conde, o que faz com todos esses cavalos?

— Como vê, viajo com eles.

— Mas não viaja eternamente...

— Quando eu não precisar mais deles, Bertuccio vai vendê-los, e ele acha que ainda vai ganhar uns trinta ou quarenta mil francos.

— Mas não existirá rei da Europa rico o bastante para comprá-los.

— Nesse caso, ele vai vendê-los a algum simples vizir do Oriente, que vai esvaziar o seu tesouro para pagar os cavalos, e que vai encher de novo o seu tesouro administrando golpes de vara na sola dos pés de seus súditos.

— Conde, gostaria que eu lhe contasse uma ideia que me ocorreu?

— Conte.

— É que, depois do senhor, Bertuccio deve ser a pessoa física mais rica da Europa.

— Bem, o senhor está enganado, visconde... Tenho certeza: se você revirasse os bolsos de Bertuccio, não encontraria nem dez cêntimos.

— Por quê? — perguntou o jovem. — Então o senhor Bertuccio é algum fenômeno? Ah, meu caro conde, não me leve muito longe no maravilhoso, ou não vou mais acreditar no senhor, já vou lhe avisando.

— Não tenho nada a ver com o maravilhoso, Albert... Só com os números e com a razão, nada mais. Ora, escute só este dilema: um intendente rouba... mas por que ele rouba?

— Ora, porque é de sua natureza, acho — respondeu Albert. — Rouba por roubar.

— Bem... Não senhor, você está enganado: ele rouba porque tem uma mulher, tem filhos, tem pretensões ambiciosas para ele e sua família... Rouba principalmente porque nunca sabe se um dia vai deixar o seu patrão e quer garantir o seu futuro. Pois bem, o senhor Bertuccio é sozinho no mundo... Ele se serve de minha bolsa sem me prestar contas... Ele tem certeza de que nunca me deixará.

— Por quê?

— Porque eu nunca encontraria um melhor.

— Está girando num círculo vicioso, o círculo das probabilidades.

— Oh, nada disso... Encontro-me entre certezas. Para mim, o bom servidor é aquele sobre o qual eu tenho o direito de vida ou morte.

— E o senhor tem o direito de vida ou morte sobre Bertuccio? — perguntou Albert.

— Sim — respondeu friamente o conde.

Há palavras que encerram a conversa como uma porta de ferro. O *sim* do conde era uma dessas palavras.

O restante da viagem decorreu com a mesma velocidade: os trinta e dois cavalos, divididos em oito mudas, percorreram as suas quarenta e sete léguas em oito horas.

Chegaram no meio da noite à porta de um belo parque. O porteiro estava de pé e mantinha o portão aberto. Havia sido avisado pelo cavaliço da última muda.

Eram duas e meia da manhã. Conduziram Morcerf a seus aposentos. Ele encontrou, já preparados, um banho e uma ceia. O criado que viajara no banco traseiro da carruagem estava às suas ordens; Baptistin, que viajara na boleia, estava às ordens do conde.

Albert tomou o seu banho, ceou e deitou-se. Durante a noite inteira, foi embalado pelo som melancólico das ondas. Ao se levantar, foi direto à janela, abriu-a e viu-se num pequeno terraço onde tinha diante de si o mar — isto é, a imensidão — e atrás de si um belo parque que dava para uma pequena floresta.

Numa enseada um tanto ampla, balançava um pequeno veleiro de casco estreito e amplos mastros, içando na ponta uma bandeira com as armas de Monte-Cristo — armas que representavam uma montanha de ouro, pousada num mar azul, com uma cruz vermelha no alto —, o que tanto podia ser uma alusão a seu nome — lembrando o Calvário, que a paixão de Nosso Senhor transformou em uma montanha mais preciosa do que o ouro, e à cruz infame que o seu sangue divino tornou santa — quanto uma alusão a alguma lembrança pessoal de sofrimento e regeneração enterrada na noite do passado daquele homem misterioso.

Ao redor do veleiro, encontravam-se muitos barquinhos, pertencentes aos pescadores das aldeias vizinhas — barcos que pareciam humildes súditos à espera das ordens de sua rainha.

Ali, como em todos os lugares onde Monte-Cristo parava — nem que fosse para ali passar apenas dois dias —, a vida era organizada

pelo termômetro do mais alto conforto; assim a vida se tornava instantaneamente mais fácil.

Albert encontrou em sua antessala dois fuzis e todos os utensílios necessários a um caçador; um cômodo mais alto, situado no térreo, era reservado a todos os engenhosos instrumentos que os ingleses, grandes pescadores, por serem pacientes e ociosos, ainda não conseguiram fazer ser adotados pelos rotineiros pescadores franceses.

O dia inteiro passou em meio a esses diversos exercícios, nos quais, aliás, Monte-Cristo era excelente; mataram uma dúzia de faisões no parque, pescaram uma dúzia de trutas nos rios, jantaram num quiosque em frente ao mar e o chá foi servido na biblioteca.

Ao cair da tarde do terceiro dia, Albert, quebrado de fadiga ao levar aquela vida que parecia brinquedo para Monte-Cristo, dormia em uma poltrona perto da janela, enquanto o conde fazia com seu arquiteto a planta de uma estufa que queria instalar na casa, quando o barulho de um cavalo pisando o cascalho da estrada fez o jovem erguer a cabeça: ele olhou pela janela e, com uma surpresa das mais desagradáveis, viu no pátio o seu camareiro, que não o acompanhara para não incomodar Monte-Cristo.

— Florentin por aqui? — exclamou ele, saltando da poltrona. — Será que minha mãe está doente?

E correu para a porta do quarto. Monte-Cristo seguiu-o com os olhos e viu-o dirigir-se ao criado que, ainda sem fôlego, tirou do bolso um envelope selado. No envelope havia um jornal e uma carta.

— De quem é esta carta? — perguntou Albert, ansioso.

— Do senhor Beauchamp — respondeu Florentin.

— Foi Beauchamp que o mandou aqui?

— Sim, senhor. Ele me chamou à casa dele, deu-me o dinheiro necessário para a viagem, chamou-me um cavalo de muda e me fez prometer não parar até encontrar o senhor: fiz a viagem em quinze horas.

Albert abriu a carta, estremecendo. Às primeiras linhas, deu um grito e pegou o jornal com visível tremor.

De repente, os seus olhos se nublaram, as suas pernas pareceram lhe faltar e, prestes a cair, apoiou-se em Florentin, que estendeu o braço para ampará-lo.

— Pobre rapaz! — murmurou Monte-Cristo, tão baixo que nem ele mesmo podia ouvir o som das palavras de compaixão que pronunciava. — Não foi dito que o pecado dos pais recairia sobre os filhos até a terceira e quarta gerações?¹⁰

Enquanto isso, Albert recobrou as suas forças e, prosseguindo a leitura, sacudiu os cabelos sobre a testa molhada de suor; amassando a carta e o jornal: — Florentin — disse ele —, seu cavalo está em condições de voltar para Paris?

— O pangaré de muda está manco.

— Oh, meu Deus! E como estava a casa quando a deixou?

— Muito calma... Mas, quando voltei da casa do senhor Beauchamp, encontrei a senhora chorando; ela me chamara para saber quando o senhor voltaria. Então eu lhe disse que iria procurá-lo, a pedido do senhor Beauchamp. Seu primeiro movimento foi estender o braço para me deter, mas depois de pensar um pouco: “— Sim, vá, Florentin — disse ela —, que ele volte logo.”

— Sim, mamãe, sim — disse Albert —, vou voltar, fique tranquila, e infeliz o infame!... Mas antes de tudo é preciso partir.

Voltou à sala onde deixara Monte-Cristo.

Ele já não era o mesmo homem — cinco minutos tinham bastado para operar em Albert uma triste metamorfose; saíra em seu estado normal, voltava com a voz alterada, com o rosto sulcado por rubores febris, com os olhos brilhantes, pálpebras com veias azuis, andar cambaleante de um ébrio.

— Conde — disse ele —, obrigado por sua bondosa hospitalidade, que gostaria de desfrutar por mais tempo, mas preciso voltar a Paris.

— Mas o que aconteceu?

— Uma grande desgraça... Mas deixe-me ir... Trata-se de uma coisa mais preciosa do que a minha vida. Nada de perguntas, conde, eu lhe suplico, mas sim um cavalo!

— As minhas cavaliças estão às suas ordens, visconde — disse Monte-Cristo. — Mas vai se matar de cansaço se for montado a cavalo... Pegue uma caleça, um cupê, uma carruagem qualquer.

— Não, demoraria muito tempo... Aliás, estou precisando desse cansaço que o senhor receia por mim: ele vai me fazer bem.

Albert deu alguns passos, rodopiando como alguém atingido por uma bala, e foi cair em uma cadeira perto da porta.

Monte-Cristo não viu essa segunda fraqueza; estava à janela e gritava: — Ali, um cavalo para o senhor de Morcerf! Apressem-se: ele tem pressa!

Essas palavras devolveram a vida a Albert; ele correu para fora da sala, seguido pelo conde.

— Obrigado — murmurou o jovem, saltando à sela. — Volte assim que puder, Florentin. Há uma senha para que me entreguem os cavalos?

— Nenhuma: basta entregar o cavalo que está montando... Vão lhe selar outro imediatamente.

Albert ia esporear, mas se deteve.

— Talvez ache a minha partida estranha, surpreendente, insensata — disse o jovem. — Não imagina como algumas linhas escritas num jornal podem deixar um homem desesperado... Bem — acrescentou, lançando-lhe o jornal —, então leia isto, mas só depois que eu tiver partido, para não me ver enrubescer.

Enquanto o conde apanhava o jornal, ele cravou as esporas, que acabavam de colocar em suas botas, na barriga do cavalo, que, surpreso com a existência de um cavaleiro que imaginasse necessário imprimir-lhe tal estímulo, partiu como uma flecha.

O conde seguiu o jovem com os olhos, com um sentimento de infinita compaixão, e só quando ele desapareceu completamente, lançando os olhos ao jornal, leu o que segue: Aquele oficial a serviço de Ali, paxá de Janina, mencionado há três semanas pelo jornal *O Imparcial*, e que não apenas entregou os castelos de Janina, mas também vendeu o seu benfeitor aos turcos, chamava-se com efeito naquela época Fernand, como disse nosso respeitável colega; mas posteriormente acrescentou a seu nome de batismo um título de nobreza e um nome de terra.

Hoje ele se chama sr. conde de Morcerf e é membro da Câmara dos Pares.

Dessa maneira, aquele terrível segredo — que Beauchamp escondera com tanta generosidade — reaparecia como um fantasma armado, e outro jornal, cruelmente informado, publicara, dois dias depois que Albert partira para a Normandia, as poucas linhas que quase enlouqueceram o pobre rapaz.

LXXXVII. O JULGAMENTO

Às oito da manhã, Albert caiu como um raio na casa de Beauchamp. O camareiro fora avisado: introduziu Morcerf no quarto de seu amo, que acabara de entrar no banho.

— E aí? — exclamou Albert.

— E aí, meu pobre amigo — respondeu Beauchamp —, eu estava à sua espera.

— Aqui estou. Nem preciso lhe dizer, Beauchamp, que o acho leal demais, bondoso demais para ter comentado aquilo com alguém... Não, meu amigo. Aliás, a mensagem que você me enviou é uma garantia de sua afeição. Assim, não percamos tempo com preâmbulos: tem alguma ideia de onde vem o golpe?

— Eu lhe direi em duas palavras, agora mesmo.

— Sim, mas antes, meu amigo, precisa me contar com todos os detalhes a história dessa abominável traição.

E Beauchamp contou ao jovem esmagado pela vergonha e pela dor os fatos que repetiremos em toda a sua simplicidade.

Na manhã da antevéspera, o artigo aparecera em outro jornal, não no *Imparcial*, e — o que dava ainda mais gravidade ao caso — em um jornal bem conhecido por pertencer ao governo. Beauchamp almoçava quando a notícia saltou-lhe aos olhos; logo mandou chamar um cabriolé e, sem terminar a refeição, correu ao jornal.

Embora abraçasse ideias políticas completamente opostas às do diretor do jornal acusador, Beauchamp — o que às vezes acontece, diríamos até mesmo frequentemente — era seu amigo íntimo.

Quando ele chegou, o diretor lia o seu próprio jornal e parecia com prazer-se com um artigo na seção *Primeiro Paris* sobre o açúcar de beterraba que provavelmente era de sua autoria.

— Ah, mas que bom — exclamou Beauchamp —, já que está com o seu jornal nas mãos, meu caro, não preciso lhe dizer o que me traz.

— Acaso você é partidário da cana de açúcar? — perguntou o diretor do jornal ministerial.

— Não — respondeu Beauchamp —, sou até mesmo perfeitamente alheio à questão... Logo, venho por outro motivo.

— E por que motivo?

— Pelo artigo sobre Morcerf.

— Ah, sim, é verdade: não é um artigo curioso?

— Tão curioso que você se arrisca a ser acusado de difamação, me parece... Arrisca-se a um processo bastante duvidoso.

— De maneira alguma... Recebemos com a notícia todas as provas documentais e estamos perfeitamente convencidos de que o senhor de Morcerf vai ficar calado... Aliás, é um serviço prestado ao país, denunciar os miseráveis indignos das honras concedidas.

Beauchamp ficou atônito.

— Mas quem os informou tão bem? — perguntou ele. — Pois o meu jornal, que dera a notícia, foi obrigado a abster-se por falta de provas, apesar de termos mais interesse que vocês em desmascarar o senhor de Morcerf, pois ele é par de França e nós somos da oposição.

— Oh, meu Deus, é muito simples... Não corremos atrás do escândalo, ele é que veio nos procurar. Ontem chegou um homem de Janina trazendo-nos a formidável documentação e, como hesitássemos em nos lançar à acusação, ele nos disse que, se recusássemos, o artigo apareceria em outro jornal. Palavra, Beauchamp, você bem sabe o que é uma notícia importante... Não quisemos deixar passar essa. Agora o golpe foi dado... É terrível, vai repercutir até nos confins da Europa.

Beauchamp compreendeu que só lhe restava abaixar a cabeça e saiu desesperado para enviar um mensageiro a Morcerf.

Mas o que não pudera escrever a Albert — pois as coisas que vamos contar são posteriores à partida do mensageiro — é que no mesmo dia, na Câmara dos Pares, uma grande agitação se manifestara e reinava entre os grupos habitualmente tão calmos da alta assembleia. Muitos tinham chegado antes da hora e conversavam sobre o sinistro acontecimento que iria ocupar a atenção pública e fixá-la num dos membros mais conhecidos do ilustre corpo.

Leituras em voz baixa do artigo, comentários e trocas de impressões precisavam ainda mais os fatos. O conde de Morcerf não era estimado entre os seus colegas. Como todos os arrivistas, para manter a sua posição vira-se obrigado a observar um excesso de altivez. As grandes aristocracias riam dele; os talentos o repudiavam; as glórias puras desprezavam-no instintivamente. O conde se encontrava na desagradável situação de bode expiatório. Uma vez designado pelo dedo do Senhor para o sacrifício, todos se apressavam a gritar “fora!”.

O conde de Morcerf era o único que não sabia de nada. Não recebia o jornal que publicara a notícia difamatória; passara a manhã escrevendo cartas e experimentando um cavalo.

Chegou, portanto, à hora habitual, com a cabeça erguida, olhar altivo, gestos insolentes; desceu da carruagem, atravessou os corredores e entrou no salão, sem reparar nas hesitações dos contínuos e nas frias saudações dos colegas.

Quando Morcerf entrou, a sessão já estava aberta havia mais de meia hora.

Embora o conde, ignorando, como dissemos, tudo o que se passava, em nada tivesse mudado de ar ou de atitude, seu ar e sua atitude pareceram a todos mais orgulhosos que de costume — a sua presença nessa ocasião pareceu de tal forma agressiva à assembleia ciosa de sua honra que todos viram nela uma inconveniência, vários uma bravata, alguns um insulto.

Era evidente que a Câmara inteira ansiava por iniciar o debate.

Via-se o jornal acusador nas mãos de todos; mas, como sempre, todos hesitavam em assumir a responsabilidade pelo ataque. Enfim, um dos veneráveis pares, inimigo declarado do conde de Morcerf,

subiu à tribuna com uma solenidade que mostrava a chegada do momento esperado.

Fez-se um silêncio atarrador; Morcerf era o único a ignorar o motivo da profunda atenção que davam a um orador que não costumava ser ouvido com tanto zelo.

O conde deixou passar tranquilamente o preâmbulo, no qual o orador anunciava que falaria de algo tão grave, tão sagrado, tão vital para a Câmara que solicitava toda a atenção de seus colegas.

Às primeiras menções de Janina e do coronel Fernand, o conde de Morcerf empalideceu tão terrivelmente que um único arrepio percorreu toda a assembleia: todos os olhares concentraram-se no conde.

Os ferimentos morais têm uma particularidade: escondem-se, mas não cicatrizam; sempre dolorosos, sempre prontos a sangrar quando tocados, permanecem vivos e abertos no coração.

Terminada a leitura do artigo em meio ao mesmo silêncio, então perturbado por um murmúrio, que logo cessou quando o orador pareceu disposto a retomar a palavra, o acusador expôs os seus escrúpulos, buscando demonstrar como a sua tarefa era difícil; era a honra do senhor de Morcerf, era a honra de toda a Câmara, que ele pretendia defender, provocando um debate que envolveria questões pessoais, sempre tão delicadas. Enfim, concluiu pedindo a instauração de um inquérito urgente, para rebater a calúnia, antes que ela tivesse tempo de se propagar, e para restabelecer o senhor de Morcerf, vingando-o, na posição que a opinião pública por tanto tempo lhe concedera.

Morcerf estava tão arrasado e tão trêmulo diante daquela imensa e inesperada calamidade que mal conseguia balbuciar algumas palavras, encarando os seus colegas com um olhar perdido. Essa timidez, que aliás tanto podia ser atribuída à surpresa do inocente quanto à vergonha do culpado, proporcionou-lhe algumas simpatias. Os homens autenticamente generosos estão sempre prontos à compaixão quando a desgraça de seu inimigo ultrapassa os limites de seu ódio.

O presidente pôs o inquérito em votação; os favoráveis sentaram-se, os contrários levantaram-se: o inquérito foi aprovado.

Perguntaram ao conde em quanto tempo ele prepararia a sua defesa.

A coragem voltou a Morcerf quando ele percebeu que ainda continuava vivo, mesmo depois do terrível golpe.

— Senhores pares — respondeu ele —, não é com o tempo que se rechaça um ataque como esse, neste momento dirigido contra mim por inimigos desconhecidos, que certamente permanecem à sombra de sua obscuridade... É imediatamente, é com um raio que devo responder ao relâmpago que por um instante me cegou... Por que não me é dado, em vez desta defesa, poder derramar o meu sangue para provar a meus colegas que sou digno de marchar a seu lado?!

Tais palavras causaram uma impressão favorável ao acusado.

— Peço, portanto — disse ele —, que o inquérito seja instaurado o mais depressa possível, e fornecerei à Câmara todas as peças necessárias à eficácia do inquérito.

— Que dia deseja fixar? — perguntou o presidente.

— Desde já, coloco-me à disposição da Câmara — respondeu o conde.

O presidente balançou a sineta e perguntou: — A Câmara deseja que o inquérito seja instaurado hoje mesmo?

— Sim — foi a resposta unânime da assembleia.

Nomearam uma comissão de doze membros para examinar as peças fornecidas por Morcerf. A primeira sessão da comissão foi marcada para as oito da noite, nas salas da Câmara. Se fossem necessárias várias seções, elas aconteceriam na mesma hora e local.

Tomada essa decisão, Morcerf pediu licença para se retirar; precisava reunir as peças acumuladas havia muito tempo para enfrentar essa tempestade prevista pelo seu caráter cauteloso e indomável.

Beauchamp contou a Albert tudo o que acabamos de contar, mas o seu relato teve sobre o nosso a vantagem da animação das coisas vivas, em contraste com a frieza das coisas mortas.

Albert escutou-o tremendo ora de esperança, ora de cólera, às vezes de vergonha; pela confiança de Beauchamp, sabia que o

seu pai era culpado, e perguntava-se como, se ele era culpado, poderia vir a provar a sua inocência.

Chegando ao ponto em que estamos, Beauchamp calou-se.

— E depois? — perguntou Albert.

— E depois? — repetiu Beauchamp.

— É.

— Meu amigo, essa palavra me leva a um terrível dilema... Então quer saber a continuação?

— Preciso saber de qualquer jeito, meu amigo, e é melhor saber de sua boca que de outra.

— Bem — continuou Beauchamp —, então reúna toda a sua coragem, Albert... Você nunca precisou tanto dela.

Albert passou a mão na testa para assegurar-se de suas próprias forças, como um homem preparando-se para defender a própria vida testa a couraça enfiando-lhe a lâmina de sua espada.

Sentiu-se forte, imaginando que sua febre fosse energia.

— Continue! — exclamou ele.

— A noite caiu — continuou Beauchamp. — Paris inteira estava na expectativa dos acontecimentos. Muitos achavam que bastaria o seu pai aparecer para esmagar a acusação; muitos também diziam que o conde não apareceria; havia quem garantisse tê-lo visto partir para Bruxelas: alguns até foram à polícia perguntar se era verdade o que diziam, que o conde tirara o seu passaporte.

“Confesso que fiz todo o possível — continuou Beauchamp — para que um dos membros da comissão, um jovem par amigo meu, me colocasse numa espécie de tribuna. Às sete horas ele veio me buscar e, antes que alguém aparecesse, ele me recomendou a um assessor da Câmara, que me fechou numa espécie de camarote. Eu me escondi atrás de uma coluna, protegido pela completa escuridão; esperava ver e ouvir toda a cena terrível que iria se desenrolar.

“Às oito em ponto, todos já tinham chegado.

“O senhor de Morcerf entrou quando soava a última badalada das oito horas. Trazia na mão alguns papéis, a sua atitude parecia calma; contrariando os seus hábitos, ele parecia humilde, vestia-se

com esmero e severidade, e, conforme a tradição dos militares veteranos, a sua casaca era abotoada de alto a baixo.

“A sua presença produziu o melhor dos efeitos: a comissão estava longe de lhe ser antipática; diversos membros foram até o conde e o cumprimentaram.”

Albert sentiu o seu coração se partir ao ouvir todos esses detalhes; entretanto, em meio à sua dor, insinuava-se um sentimento de gratidão; gostaria de poder abraçar aqueles homens que tinham dado a seu pai aquela prova de estima quando a sua honra estava em jogo.

— Nesse momento, entrou um assessor da Câmara e entregou uma carta ao presidente.

“— Tem a palavra, senhor de Morcerf — disse o presidente, abrindo a carta.

“O conde começou a sua defesa, e posso lhe afirmar, Albert — continuou Beauchamp —, ele foi de uma eloquência e de uma habilidade extraordinárias. Ele apresentou peças que provavam que o vizir de Janina, até seu último suspiro, honrara-o com toda a sua confiança, pois encarregara-o de uma negociação de vida ou morte com o próprio imperador. Mostrou o anel, sinal de comando, com o qual Ali Paxá costumava selar as suas cartas, anel que Ali lhe dera para, ao voltar, a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo que estivesse em seu harém, chegar até ele. Infelizmente, disse o conde, a negociação fracassara e, quando voltara para defender o seu benfeitor, ele já estava morto. Mas, disse o conde, ao morrer, Ali Paxá confiara-lhe a sua amante favorita e a sua filha, tamanha era a sua confiança.”

Albert estremeceu ao ouvir essas palavras, pois, à medida que Beauchamp falava, todo o relato de Haydée voltava ao espírito do jovem e ele se lembrava do que a bela grega lhe dissera daquela mensagem, daquele anel e da maneira como fora vendida e reduzida à escravidão.

— E que efeito causou o discurso do conde? — perguntou Albert com ansiedade.

— Confesso que me comoveu, ao mesmo tempo que comoveu toda a comissão — respondeu Beauchamp.

“Entretanto, o presidente lançou negligentemente os olhos à carta que acabavam de lhe trazer; às primeiras linhas, a sua atenção foi despertada; leu-a, releu-a e, fixando os olhos no senhor de Morcerf: “— Senhor conde — disse o presidente —, acaba de nos dizer que o vizir de Janina confiara-lhe a sua mulher e a sua filha...”

“— Sim, senhor — respondeu Morcerf. — Mas nisto, como em tudo o mais, a má sorte me perseguia. Quando voltei, Vasiliki e sua filha Haydée tinham desaparecido.

“— O senhor as conhecia?

“— A minha intimidade com o paxá e a suprema confiança que ele tinha em minha fidelidade tinham me permitido vê-las mais de vinte vezes.”

“— Faz alguma ideia do que aconteceu a elas?

“— Sim, senhor... Ouvi dizer que tinham sucumbido ao desgosto e talvez à miséria. Eu não era rico, a minha vida corria grandes perigos, e não pude procurá-las, para minha grande lástima.

“O presidente franziu a sobrancelha imperceptivelmente.

“— Senhores — disse ele —, ouviram e acompanharam o senhor conde de Morcerf em suas explicações. Senhor conde, pode apresentar-nos alguma testemunha em apoio ao relato que acaba de nos fazer?”

“— Infelizmente, não, senhor — respondeu o conde. — Todos os que cercavam o vizir e que me conheceram em sua corte morreram ou se dispersaram... Fui o único... Ao menos, creio que fui o único entre os meus compatriotas a sobreviver àquela guerra terrível... Tenho apenas as cartas de Ali-Tebelin, e coloquei-as diante de seus olhos... Tenho apenas o anel, prova de sua vontade: aqui está ele... Tenho, enfim, a prova mais convincente que posso oferecer, isto é, depois de um ataque anônimo, a ausência de qualquer testemunho contra a minha palavra de homem honesto e contra a retidão de toda a minha vida militar.

“Um murmúrio de aprovação percorreu a assembleia; naquele momento, meu caro Albert, se não acontecesse nenhum incidente, a causa de seu pai estaria ganha.

“Só faltava votar, quando o presidente tomou a palavra: “— Senhores — disse ele —, senhor conde, presumo que não se zangariam se ouvissem uma testemunha muito importante, ao que ela assegura, e que acaba de se apresentar espontaneamente; essa testemunha, nós não duvidamos, segundo tudo o que nos disse o conde, é chamada a provar a completa inocência de nosso colega. Aqui está a carta que acabo de receber a respeito; desejam que a carta lhes seja lida? Ou preferem seguir em frente, sem que nos detenhamos neste incidente?

“O senhor de Morcerf empalideceu e crispou as mãos nos papéis que segurava; os papéis estalaram entre os seus dedos.

“A decisão da comissão foi pela leitura; quanto ao conde, estava pensativo e não tinha opinião a dar.

“Assim, o presidente leu a carta seguinte: Senhor presidente, Posso fornecer à comissão de inquérito encarregada de examinar a conduta no Epiro e na Macedônia do sr. tenente-general conde de Morcerf as informações mais corretas.

“O presidente fez uma breve pausa.

“O conde de Morcerf empalideceu; o presidente interrogou os ouvintes com os olhos.

“— Continue! — exclamaram de todos os lados.

“O presidente prosseguiu:

Eu estava presente quando Ali Paxá morreu; assisti a seus últimos momentos; sei o que aconteceu a Vasiliki e Haydée; estou à disposição da comissão, até mesmo reclamo a honra de fazer-me ouvir. Estarei no vestíbulo da Câmara no momento em que lhe entregarem este bilhete.

“— E quem é essa testemunha, ou melhor, esse inimigo? — perguntou o conde, em voz na qual era fácil notar profunda alteração.

“— Logo saberemos, senhor — respondeu o presidente. — A comissão gostaria de ouvir essa testemunha?

“— Sim, sim! — exclamaram, ao mesmo tempo, todas as vozes.

“Chamaram o assessor da Câmara.

“— Assessor — perguntou o presidente —, há alguém esperando no vestíbulo?

“— Sim, senhor presidente.

“— E quem é esse alguém?

“— Uma mulher, acompanhada de um criado.

“Todos se entreolharam.

“— Faça essa mulher entrar — disse o presidente.

“Cinco minutos depois, o assessor reapareceu; todos os olhos estavam fixos na porta, e eu mesmo — disse Beauchamp — compartilhava a expectativa e ansiedade gerais.

“Atrás do assessor caminhava uma mulher envolta em grande véu que a escondia inteiramente. Pelas formas traídas pelo véu, pelos perfumes que do véu exalavam, bem que se podia adivinhar a presença de uma mulher jovem e elegante, mas nada além disso.

“O presidente pediu à desconhecida que tirasse o véu: então puderam ver que a mulher vestia-se à maneira grega; além disso, era de suprema beleza.”

— Ah — exclamou Morcerf —, era ela!

— Ela quem?

— Haydée.

— Quem lhe contou?

— Ah, estou adivinhando... Mas por favor, Beauchamp, continue... Você vê que estou calmo e forte. Embora o fim deva estar próximo.

— O senhor de Morcerf olhava a mulher com surpresa e terror — continuou Beauchamp. — Para ele, era a vida ou a morte que saíria daquela boca encantadora; para todos os demais, era uma aventura tão extraordinária, tão cheia de curiosidade, que a salvação ou a condenação do senhor de Morcerf já não participava do acontecimento senão como elemento secundário.

“O presidente apontou uma cadeira à jovem, mas ela fez com a cabeça sinal de que permaneceria em pé. Quanto ao conde, voltara a cair em sua poltrona: era evidente que as suas pernas se recusavam a sustentá-lo.

“— Senhora — disse o presidente —, escreveu à comissão para lhe dar informações sobre o caso de Janina e afirmou ser testemunha ocular dos acontecimentos.

“— E, de fato, fui — respondeu a desconhecida em voz cheia de encantadora tristeza, marcada pela sonoridade peculiar às vozes orientais.

“— Entretanto — prosseguiu o presidente —, permita-me dizer-lhe: ainda era bem jovem naquela ocasião.

“— Eu tinha quatro anos... Mas, como os acontecimentos tinham suprema importância para mim, nenhum detalhe fugiu de meu espírito, nenhuma particularidade escapou de minha memória.

“— Mas que importância esses acontecimentos tinham para a senhora, e quem é a senhora para que essa grande catástrofe lhe tenha causado tão profunda impressão?

“— Tratava-se da vida ou da morte de meu pai — respondeu a jovem —, e eu me chamo Haydée, filha de Ali-Tebelin, paxá de Janina, e de Vasiliki, a sua bem-amada.

“O rubor modesto e altivo ao mesmo tempo a avermelhar as faces da jovem, a chama de seu olhar, a majestade de sua revelação, provocaram na assembleia um efeito inexprimível.

“Quanto ao conde, não teria ficado mais aniquilado se um raio ao cair tivesse aberto um abismo a seus pés.

“— Senhora — prosseguiu o presidente, depois de inclinar-se respeitosamente —, permita-me apenas uma simples pergunta, que não é uma dúvida, e esta pergunta será a última: pode provar a autenticidade do que afirma?

“— Posso, sim, senhor — disse Haydée, tirando do véu um saquinho de cetim perfumado —, aqui está a minha certidão de nascimento, redigida pelo meu pai e assinada pelos seus principais oficiais... Aqui está, ao lado de minha certidão de nascimento, minha certidão de batismo (meu pai consentiu que eu fosse educada na religião de minha mãe), certidão que o grande primaz da Macedônia e do Epiro revestiu com seu selo... Aqui está, enfim (e isto certamente é o mais importante), a certidão da venda que foi feita de minha pessoa e da pessoa de minha mãe ao mercador armênio El-Kobbir pelo oficial francês, que, em seu infame negócio com a Porta,¹¹ reservara-se, como parte da pilhagem, a filha e a

mulher de seu benfeitor, que ele vendeu pela quantia de mil bolsas, ou seja, por cerca de quatrocentos mil francos.

“O rosto do conde de Morcerf foi invadido por uma palidez esverdeada, seus olhos injetaram-se de sangue diante daquelas terríveis acusações, que foram acolhidas pela assembleia com lúgubre silêncio.

“Haydée, sempre calma, mas em sua calma muito mais ameaçadora do que outra seria em sua cólera, estendeu ao presidente a certidão de venda redigida em língua árabe.

“Como haviam previsto que algumas das peças produzidas estariam redigidas em árabe, em romaico ou em turco, o intérprete da Câmara fora avisado; chamaram-no.

“Um dos nobres pares a quem era familiar a língua árabe, que ele aprendera durante a sublime campanha do Egito, seguiu no pergaminho a leitura que o tradutor fez em voz alta: Eu, El-Kobbir, mercador de escravos e fornecedor do harém de Sua Alteza, reconheço ter recebido do senhor francês conde de Monte-Cristo, para entregá-la ao sublime imperador, uma esmeralda avaliada em duas mil bolsas, como pagamento por uma jovem escrava cristã, de onze anos de idade, chamada Haydée, filha reconhecida do finado senhor Ali-Tebelin, paxá de Janina, e de Vasiliki, sua favorita; Haydée me fora vendida, há sete anos, com sua mãe, morta ao chegar a Constantinopla, por um coronel francês, a serviço do vizir Ali-Tebelin, chamado Fernand Mondego.

Tal venda me fora feita por conta de Sua Alteza, de quem eu recebera procuração, mediante a quantia de mil bolsas.

Firmado em Constantinopla, com autorização de Sua Alteza, no ano de 1247 da Hégira.

Assinado, *EL-KOBBIR*.

A presente ata, para lhe dar plena fé, pleno crédito e plena autenticidade, será revestida do selo imperial, que o vendedor se obriga a apor.

“Ao lado da assinatura do mercador, de fato, via-se o selo do sublime imperador.

“A essa leitura e a essa visão, sucedeu um silêncio terrível; o conde já não tinha mais do que o olhar, e o seu olhar,

involuntariamente concentrado em Haydée, parecia de chama e de sangue.

“— Senhora — disse o presidente —, não podemos interrogar o conde de Monte-Cristo, que, creio, encontra-se em Paris, a seu lado?”

“— Senhor — respondeu Haydée —, o conde de Monte-Cristo, meu outro pai, há três dias encontra-se na Normandia.

“— Mas então, senhora — disse o presidente —, quem lhe aconselhou esta iniciativa, iniciativa que a Corte lhe agradece e que, aliás, é muito natural, considerando o seu nascimento e as suas desgraças?

“— Senhor — respondeu Haydée —, esta iniciativa foi-me inspirada pelo meu respeito e pelo meu luto. Embora cristã, Deus me perdoe!, sempre pensei em vingar o meu ilustre pai. Assim, quando pus os pés na França, quando soube que o traidor morava em Paris, os meus olhos e os meus ouvidos permaneceram constantemente alertas. Vivo retirada na casa de meu nobre protetor, mas vivo assim porque gosto da sombra e do silêncio, que me permitem viver em meu pensamento e em meu recolhimento. Mas o senhor conde de Monte-Cristo me cerca de cuidados paternos, e nada do que constitui a vida em sociedade me é estranho;¹² mas só aceito o seu rumor à distância. Assim, leio todos os jornais, assim como me enviam todos os álbuns, assim como recebo todas as melodias; e foi acompanhando à distância a vida dos outros que soube o que aconteceu esta manhã na Câmara dos Pares e o que deveria acontecer esta noite... Então, escrevi.

“— Então — perguntou o presidente —, o senhor conde de Monte-Cristo não tem nada a ver com a sua iniciativa?

“— Ele a ignora completamente, senhor, e inclusive o meu único receio é que ele a desaprove, quando souber dela... Todavia, para mim, que belo dia — continuou a jovem, erguendo ao céu um olhar a arder em chamas —, o dia em que encontro, finalmente, a oportunidade de vingar o meu pai!

“Durante todo esse tempo, o conde não pronunciara uma única palavra; os seus colegas o olhavam, certamente lamentavam toda

aquela fortuna destruída pelo sopro perfumado de uma mulher; a sua desgraça inscrevia-se pouco a pouco em seu rosto, em traços sinistros.

“— Senhor de Morcerf — disse o presidente —, reconhece esta senhora como a filha de Ali-Tebelin, paxá de Janina?

“— Não — disse Morcerf, fazendo esforço para levantar-se —, trata-se de uma trama urdida pelos meus inimigos.

“Haydée — que mantinha os olhos fixos na porta, como se esperasse alguém — voltou-se bruscamente e, vendo o conde de pé, deu um grito terrível: “— Não me reconhece? — exclamou ela. — Bem: felizmente, eu o reconheço! Você é Fernand Mondego, o oficial francês que instruía as tropas de meu nobre pai. Foi você que entregou os castelos de Janina! Foi você que, enviado por ele a Constantinopla para tratar, diretamente com o imperador, a vida ou a morte de seu benfeitor, trouxe um falso documento que lhe concedia perdão irrestrito! Foi você que, com esse documento, obtive o anel do paxá, que lhe proporcionaria a obediência de Selim, o guardião do fogo... Foi você que apunhalou Selim! Foi você que nos vendeu, à minha mãe e a mim, ao mercador El-Kobbir! Assassino! Assassino! Ainda tem na face o sangue de seu senhor! Olhem todos...

“Essas palavras tinham sido pronunciadas com um entusiasmo tão autêntico que todos os olhos se voltaram para a face do conde — ele mesmo levou a mão à face, como se sentisse, ainda quente, o sangue de Ali.

“— Então reconhece positivamente o senhor de Morcerf como sendo a mesma pessoa que o oficial Fernand Mondego?

“— Se o reconheço? — exclamou Haydée. — Oh, mamãe, você me disse: ‘Você era livre, tinha um pai que amava, era destinada a ser quase uma rainha! Olhe bem esse homem: foi ele que a tornou escrava, foi ele que ergueu na ponta de uma vara a cabeça de seu pai, foi ele que nos vendeu, foi ele que nos entregou! Olhe bem a sua mão direita, a que tem uma grande cicatriz; se esquecer o seu rosto, vai reconhecê-lo por essa mão, na qual caíram, uma a uma, as moedas de ouro do mercador El-Kobbir!’. Se o reconheço? Oh, que agora ele mesmo me diga que não me reconhece...

“Cada palavra caía como um cutelo sobre Morcerf e decepava uma parcela de sua energia; ao ouvir as últimas palavras, ele escondeu no peito, rapidamente, involuntariamente, a mão, de fato mutilada por um ferimento, e caiu em sua poltrona, abismado em sombrio desespero.

“Diante dessa cena, os espíritos presentes na assembleia turbilhonavam como folhas arrancadas do tronco pelo poderoso vento do norte.

“— Senhor conde de Morcerf — disse o presidente —, não se deixe abater, responda: a justiça da corte é suprema e igual para todos, como a justiça divina; ela não permitirá que seja esmagado pelos seus inimigos sem lhe dar os meios de combatê-los. Deseja que façamos novas investigações? Deseja que eu ordene a viagem de dois membros da Câmara a Janina? Fale!

“Morcerf nada respondeu.

“Então todos os membros da comissão se olharam com uma espécie de terror. Sabiam que o conde tinha um temperamento enérgico e violento. Só uma terrível prostração aniquilaria a defesa daquele homem; enfim, era preciso pensar que àquele silêncio, semelhante ao sono, sucederia um despertar semelhante ao relâmpago.

“— Bem — perguntou-lhe o presidente —, o que decide?

“— Nada! — disse, erguendo-se, o conde, em voz surda.

“— A filha de Ali-Tebelin, portanto, declarou realmente a verdade? — perguntou o presidente. — Seria ela realmente a terrível testemunha a quem o culpado nunca ousaria responder: ‘NÃO’? Então o senhor realmente cometeu todos os atos de que é acusado?

“O conde lançou ao redor um olhar cuja expressão desesperada comoveria tigres, mas não desarmava juízes; então ergueu os olhos à abóbada, mas logo os desviou, como se temesse que a abóbada se abrisse e revelasse outro tribunal, chamado céu, e outro juiz, chamado Deus.

“Então, com brusco movimento, arrancou os botões da casaca fechada que o sufocava e saiu do salão como se tivesse enlouquecido; por instantes, os seus passos ecoaram lugubrememente

sob a abóbada sonora, mas logo o rolar da carruagem levando-o a galope fez estremecer o pórtico do edifício florentino.

“— Senhores — disse o presidente quando o silêncio foi restabelecido —, o senhor conde de Morcerf é culpado de deslealdade, traição e indignidade?”

“— Sim! — responderam unanimemente todos os membros da comissão de inquérito.

“Haydée assistira à sessão até o fim; ela ouviu a sentença do conde ser pronunciada sem que traço algum de sua fisionomia exprimissem alegria ou piedade.

“Então, colocando o véu sobre o rosto, saudando majestosamente os conselheiros, saiu naquele passo em que Virgílio via caminhar as deusas”.¹³

LXXXVIII. A PROVOCAÇÃO

— Então — continuou Beauchamp —, aproveitei o silêncio e a escuridão do salão para sair sem ser visto. O assessor que me trouxera esperava na porta. Ele me conduziu pelos corredores até uma pequena porta que dava para a rua de Vaugirard. Saí com a alma arrasada e maravilhada ao mesmo tempo, me perdoe a expressão, Albert... Arrasada por sua causa, maravilhada pela nobreza daquela jovem a perseguir a vingança paterna. Sim, eu lhe juro, Albert: de onde quer que venha essa revelação, digo que ela até pode vir de um inimigo, mas que esse inimigo só pode ser um agente da Providência.

Albert segurava a cabeça entre as mãos; ergueu o rosto vermelho de vergonha, banhado de lágrimas, e, agarrando o braço de Beauchamp: — Amigo — disse ele —, minha vida está liquidada: só me resta, não dizer como você que a Providência me desferiu o golpe, mas sim descobrir quem é o homem que me persegue com sua inimizade; depois, quando eu o descobrir, matarei esse homem, ou esse homem me matará; então, conto com a sua amizade para me ajudar, Beauchamp, se é que o desprezo já não a matou em seu coração.

— O desprezo, meu amigo? E o que você tem a ver com essa desgraça? Não: graças a Deus, já não vivemos mais no tempo em que injustos preconceitos tornavam os filhos responsáveis pelas ações de seus pais. Rememore toda a sua vida, Albert: ela data de ontem, é verdade, mas nunca a aurora de um belo dia foi mais pura que o seu oriente! Não, Albert, acredite: você é jovem, rico... Deixe a França... Nesta grande Babilônia de vida agitada e de gostos inconstantes, tudo é logo esquecido... Você voltará, daqui a três ou quatro anos, casado com alguma princesa russa, e ninguém mais se lembrará do que aconteceu ontem, muito menos do que aconteceu há dezesseis anos...

— Obrigado, meu caro Beauchamp, obrigado pelas excelentes intenções que ditam as suas palavras... Mas isso não vai ser possível... Eu lhe contei o meu desejo e, agora, se for preciso, trocarei a palavra desejo pela palavra vontade. Você compreende: interessado como sou neste caso, não posso ver as coisas do seu ponto de vista. O que lhe parece provir de uma fonte celeste, a mim me parece provir de uma fonte muito menos pura. Confesso-lhe que a Providência me parece muito estranha a tudo isso, e ainda bem, pois, em vez do invisível e impalpável mensageiro das recompensas e punições celestes, encontrarei uma criatura palpável e visível, e nela me vingarei, oh, sim, juro, de tudo o que venho sofrendo há um mês. Agora, repito-lhe, Beauchamp: preciso voltar à vida humana e material e, se você ainda é meu amigo, como diz, ajude-me a descobrir a mão que desferiu esse golpe.

— Está bem! — exclamou Beauchamp. — Se você faz questão absoluta de que eu desça à terra, vou descer... Se faz questão de ir em busca do inimigo, eu irei com você. E o descobrirei, pois a minha honra tem quase tanto interesse quanto a sua em descobri-lo.

— Bem, então, Beauchamp, compreende? Imediatamente, sem delongas, comecemos a investigar. Cada minuto de atraso é uma eternidade para mim; o denunciante ainda não foi punido, então pode achar que nunca o será; e, palavra de honra, se ele acha isso, está muito enganado.

— Bem, então escute, Morcerf.

— Ah, Beauchamp, estou vendo que você deve saber de alguma coisa... Olhe, vai me devolver a vida!

— Não garanto que isso seja verdade, Albert, mas ao menos é uma luz na escuridão... Seguindo essa luz, talvez cheguemos ao nosso objetivo.

— Diga logo, bem vê que estou morrendo de impaciência.

— Bem, vou lhe contar o que não quis lhe dizer quando cheguei de Janina.

— Fale.

— Eis o que aconteceu, Albert... Naturalmente, procurei o primeiro banqueiro da cidade para obter informações: à minha primeira menção ao caso, até mesmo antes que o nome de seu pai fosse pronunciado, ele disse: “— Ah, muito bem, adivinho o que o traz aqui.

“— Como assim? Por quê?

“— Porque há apenas quinze dias fui interrogado sobre o mesmo assunto.

“— Por quem?

“— Por um banqueiro de Paris, meu correspondente.

“— Que se chama...?

“— Senhor Danglars.”

— Ele? — exclamou Albert. — Mas é claro: é ele que há muito tempo persegue o meu pobre pai com o seu ódio invejoso... Ele, o pretenso homem do povo, que não pode perdoar ao conde de Morcerf ser par de França... E, veja bem, o rompimento do casamento sem motivo declarado... Sim, é bem isso.

— Informe-se, Albert... (Mas não se exalte antes da hora...) Informe-se, eu lhe digo, e se for verdade...

— Oh, sim, se for verdade — exclamou o jovem —, ele vai me pagar por tudo o que sofri.

— Cuidado, Morcerf: ele já é velho.

— Levarei em conta a sua idade como ele levou em conta a honra da minha família... Se Danglars odiava o meu pai, por que não duelou com ele? Oh, não, ele tem medo de se ver diante de um homem!

— Albert: não o condeno, apenas tenha calma... Albert: aja com prudência.

— Oh, não tenha medo... Aliás, você vai me acompanhar, Beauchamp: as coisas solenes devem ser resolvidas perante testemunhas. Antes que este dia termine, se o senhor Danglars for culpado, o senhor Danglars deixará de viver, ou eu estarei morto. Por Deus, Beauchamp: quero fazer um belo funeral em minha honra.

— Bem, então, quando uma decisão como essa é tomada, Albert, é preciso pô-la em prática imediatamente. Quer ir à casa do senhor Danglars? Então vamos.

Mandaram chamar um cabriolé de aluguel. Ao entrarem no palácio do banqueiro, viram o carro e o criado do senhor Cavalcanti à porta.

— Ah, mas que bom! — exclamou Albert em voz sombria. — Se o senhor Danglars não quiser duelar comigo, matarei o seu genro. Um Cavalcanti deve saber duelar.

Anunciaram o jovem ao banqueiro, que, ao ouvir o nome de Albert, sabendo o que acontecera na véspera, recusou-se a recebê-lo. Tarde demais: Albert seguira o laçao e, ao ouvir a ordem dada, forçou a porta e, acompanhado por Beauchamp, entrou no gabinete do banqueiro.

— Mas, cavalheiro — exclamou o banqueiro —, o dono da casa já não tem mais o direito de receber apenas quem deseja? Estranho, parece que o senhor se esquece desse direito...

— Não, senhor — disse friamente Albert. — Há circunstâncias, e o senhor se encontra numa delas, em que é preciso, a não ser por covardia, ofereço-lhe esta desculpa, estar em casa, ao menos para certas pessoas.

— Então, senhor, o que deseja de mim?

— Desejo — disse Morcerf, aproximando-se, sem parecer ver Cavalcanti, que se recostara à lareira —, desejo propor-lhe um encontro num canto afastado, onde ninguém nos perturbe durante dez minutos, e não lhe peço mais do que isso... Onde, de dois homens que se encontram, um ficará caído por terra.

Danglars empalideceu; Cavalcanti fez um gesto; Albert voltou-se para o jovem.

— Oh, meu Deus — exclamou ele —, se quiser, venha, senhor conde: tem o direito de ir até lá, já que é quase um membro da família, e eu convido a esse tipo de encontro tantas pessoas quantas quiserem aceitar o meu convite.

Parecendo estupefato, Cavalcanti olhou Danglars, que fazendo um esforço levantou-se e avançou entre os dois jovens. O ataque de Albert a Andrea acabara de colocá-lo em outro terreno; ele esperava que a visita de Albert tivesse motivo diferente do que supusera inicialmente.

— Ah, então é isso! — disse ele a Albert. — Cavalheiro, se veio aqui provocar o senhor Cavalcanti porque o preferi ao senhor, previno-o de que darei queixa ao procurador do rei.

— Está enganado, cavalheiro — disse Morcerf, com sombrio sorriso —, não estou falando de casamento, de maneira alguma: só me dirigi ao senhor Cavalcanti porque ele pareceu querer intervir em nossa discussão. Mas, afinal, o senhor tem razão: hoje estou querendo brigar com todo o mundo... Mas fique tranquilo, senhor Danglars: a prioridade lhe pertence.

— Cavalheiro — respondeu Danglars, pálido de cólera e de medo —, já vou lhe avisando: quando tenho o azar de encontrar em meu caminho um cão raivoso, eu o mato e, longe de me julgar culpado, penso ter prestado um serviço à sociedade. Ora, se está com raiva, se tentar me morder, já vou lhe avisando: eu o matarei sem piedade. Ora, acaso é culpa minha se o seu pai está desonrado?

— Sim, miserável! — exclamou Morcerf. — É culpa sua!

Danglars deu um passo para trás.

— Culpa minha? — exclamou ele. — Mas o senhor está louco! Acaso conheço a história grega? Acaso viajei àqueles países? Acaso fui eu que aconselhei o seu pai a vender os castelos de Janina? A trair...

— Silêncio! — exclamou Albert em voz surda. — Não, não foi o senhor que causou diretamente esse escândalo, essa desgraça, mas foi o senhor que hipocritamente o provocou.

— Eu?

— Sim, o senhor! De onde vem a revelação?

— Mas me parece que o jornal já o informou: de Janina, ora!

— Quem escreveu para Janina?

— Para Janina?

— Sim. Quem escreveu pedindo informações sobre o meu pai?

— Parece-me que todo mundo pode escrever a Janina.

— Mas só uma pessoa escreveu.

— Só uma?

— Sim! E essa pessoa foi o senhor.

— Escrevi, sem dúvida... Parece-me que, quando casamos a nossa filha com um jovem, podemos pedir informações sobre a família desse jovem... Isso é não apenas um direito, mas também um dever.

— O senhor escreveu, cavalheiro — disse Albert —, sabendo perfeitamente a resposta que receberia.

— Eu? Ah! Juro — exclamou Danglars, com uma confiança e segurança que talvez viessem menos do medo do que do interesse que no fundo sentia pelo pobre jovem —, juro que nunca teria me ocorrido escrever para Janina. Acaso eu conhecia a tragédia de Ali Paxá?

— Então alguém o impeliu a escrever?

— Naturalmente.

— Alguém o impeliu?

— Sim.

— Quem?... Conclua... Fale...

— Ora, nada mais simples... Eu estava falando sobre o passado de seu pai, dizendo que a origem de sua fortuna sempre permanecera obscura. A pessoa me perguntou onde seu pai fizera fortuna. Respondi: “Na Grécia”. Então ela me disse: “Bem, então escreva a Janina”.

— E quem lhe deu esse conselho?

— Ora, o seu amigo, o conde de Monte-Cristo.

— O conde de Monte-Cristo lhe falou para escrever a Janina?

— Sim, e eu escrevi. Quer ver minha correspondência? Vou lhe mostrar.

Albert e Beauchamp se entreolharam.

— Cavalheiro — disse então Beauchamp, que ainda não tomara a palavra —, parece que acusa o conde, que está ausente de Paris, e que neste momento não pode se defender...

— Eu não acuso ninguém, cavalheiro — disse Danglars —, estou contando, e posso repetir diante do senhor conde de Monte-Cristo o que acabo de dizer diante dos senhores.

— E o conde sabe que resposta o senhor recebeu?

— Eu lhe mostrei.

— Ele sabia que o nome de batismo de meu pai era Fernand, e que seu nome de família era Mondego?

— Sim, eu tinha lhe contado há muito tempo; aliás, não fiz mais do que qualquer um faria em meu lugar, talvez até tenha feito muito menos... Quando, no dia seguinte à resposta, encorajado pelo senhor de Monte-Cristo, o seu pai veio me pedir a minha filha oficialmente, como se faz quando se quer romper, recusei terminantemente, é verdade, mas sem explicações, sem escândalo. De fato, por que eu faria escândalo? Em que a honra ou a desonra do senhor de Morcerf me interessam? Isso não aumenta nem diminui a taxa de juros.

Albert sentiu o rubor subir-lhe à frente; já não havia mais dúvida: Danglars defendia-se com baixeza, mas com a segurança de um homem que fala, se não toda a verdade, ao menos parte da verdade, certamente não por consciência, mas por terror. Aliás, o que procurava Morcerf? Não era a maior ou menor culpabilidade de Danglars ou de Monte-Cristo: procurava um homem que respondesse por uma ofensa leve ou grave, um homem que duelasse, e era evidente que Danglars não duelaria.

Afinal, todas as coisas esquecidas ou despercebidas tornavam-se visíveis a seus olhos ou presentes em suas lembranças. Monte-Cristo sabia de tudo, pois fora ele quem comprara a filha de Ali Paxá; ora, sabendo de tudo, aconselhara Danglars a escrever para Janina. Conhecida essa resposta, ele acedera ao desejo manifestado por Albert de ser apresentado a Haydée; uma vez diante dela, deixara a conversa fluir para a morte de Ali, sem se opor ao relato de Haydée (mas certamente tendo dado à jovem,

com algumas palavras pronunciadas em romaico, instruções que não tinham permitido a Morcerf identificar o pai); aliás, ele não pedira a Morcerf que não pronunciasse o nome do pai diante de Haydée? Afinal, levava Albert para a Normandia, no momento em que sabia que o grande escândalo viria à tona. Não havia dúvida: tudo aquilo fora calculado e, sem sombra de dúvida, Monte-Cristo entendia-se com os inimigos de seu pai.

Albert levou Beauchamp a um canto e contou-lhe todas as suas ideias.

— Você tem razão — disselhe Beauchamp. — O senhor Danglars só tem a ver com a parte bruta e material do caso. É ao senhor de Monte-Cristo que você deve pedir explicações.

Albert voltou-se.

— Senhor — disse ele a Danglars —, compreende que não me despeço definitivamente... Restame saber se as suas acusações são justas, o que vou perguntar ao conde de Monte-Cristo.

E, cumprimentando o banqueiro, saiu com Beauchamp — sem parecer lembrar-se de Cavalcanti.

Danglars acompanhou-os até a porta, e à porta renovou a Albert a garantia de que nenhum motivo de ódio pessoal animava-o contra o senhor conde de Morcerf.

LXXXIX. O INSULTO

À porta do banqueiro, Beauchamp deteve Morcerf.

— Escute — disse Beauchamp —, há pouco, na casa do senhor Danglars, eu lhe disse que era ao senhor de Monte-Cristo que você devia pedir explicações...

— Sim, vamos à casa dele.

— Um instante, Morcerf... Antes de ir à casa do conde, reflita.

— Em que você quer que eu reflita?

— Na gravidade desse passo.

— Ele é mais grave do que ir à casa do senhor Danglars?

— Sim... O senhor Danglars era um homem de finanças, e, como sabe, os homens de finanças sabem muito bem quanto capital

arriscam para virem a duelar facilmente. O outro, pelo contrário, é um cavalheiro, ao menos aparentemente... Você não teme sob o cavalheiro encontrar o matador?

— Só temo uma coisa: encontrar um homem que não duele.

— Oh, fique tranquilo — disse Beauchamp. — Esse vai duelar. Até tenho um receio: que ele duele bem demais. Cuidado!

— Amigo — disse Morcerf com um belo sorriso —, isso é tudo que lhe peço... O melhor que pode me acontecer é eu ser morto defendendo o meu pai... Isso nos salvaria a todos.

— Mas a sua mãe morreria!

— Pobre mamãe — disse Albert, esfregando os olhos —, sei-o muito bem, mas é melhor ela morrer de desgosto do que morrer de vergonha.

— Está bem decidido, Albert?

— Estou.

— Então, vamos! Mas acha que nós o encontraremos?

— Ele devia voltar algumas horas depois de mim... Com certeza, já deve ter voltado.

Subiram à carruagem e mandaram seguir para a avenida dos Campos Elíseos, nº 30.

Beauchamp queria entrar sozinho, mas Albert lembrou-lhe que esse caso, escapando às regras costumeiras, permitia-lhe afastar-se da etiqueta do duelo.

O jovem agia em todo o episódio por uma causa tão sagrada que a Beauchamp só restava inclinar-se a todas as suas vontades: portanto, cedeu a Morcerf e contentou-se em acompanhá-lo.

Entre a casinha do porteiro e a escadaria, Albert não deu mais do que um salto. Foi Baptistin quem o recebeu à porta.

De fato, o conde acabara de chegar, mas estava no banho e proibira que recebessem alguém.

— Mas e depois do banho? — perguntou Morcerf.

— O conde jantará.

— E depois do jantar?

— O conde dormirá por uma hora.

— E depois.

— Depois, irá à Ópera.

— Tem certeza? — perguntou Albert.

— Absoluta... O conde encomendou os seus cavalos para as oito horas em ponto.

— Muito bem — replicou Albert. — Isso é tudo o que eu queria saber.

Então, voltando-se para Beauchamp: — Se tem algo a fazer, Beauchamp, faça-o agora... Se tem algum encontro esta noite, adie-o para amanhã. Você compreende que conto com você para ir à Ópera. Se puder, traga o Château-Renaud...

Beauchamp aproveitou a licença e despediu-se de Albert, depois de prometer ir buscá-lo um quarto antes das oito.

Ao chegar em casa, Albert mandou avisar Franz, Debray e Morrel que gostaria de vê-los aquela noite na Ópera.

A seguir, foi visitar a mãe, que, desde os acontecimentos da véspera, trancara as portas e não saíra de seu quarto. Encontrou-a na cama, esmagada pela dor daquela humilhação pública.

Ver Albert produziu em Mercedes o efeito que se podia esperar: ela apertou a mão do filho e explodiu em soluços. Mas as lágrimas a consolaram.

Albert ficou um instante de pé e mudo diante da figura da mãe. Pelo rosto pálido e pelas sobrancelhas franzidas, via-se que a resolução de vingança abrandava-se cada vez mais em seu coração.

— Mamãe — disse Albert —, sabe de algum inimigo do senhor de Morcerf?

Mercedes estremeceu ao perceber que o jovem não dissera “do meu pai”.

— Meu amigo — disse ela —, as pessoas na posição do conde têm muitos inimigos que sequer conhecem. Aliás, como sabe, os inimigos que conhecemos não são os mais perigosos.

— Sim, eu sei... Por isso apelo a toda a sua perspicácia. Mamãe, você é uma mulher tão superior que nada lhe escapa...

— Por que me diz isso?

— Porque você reparou, por exemplo, que, na noite do baile que nós demos, o senhor de Monte-Cristo não quis comer nada em

nossa casa.

Mercedes ergueu-se, trêmula, sobre o braço ardente de febre: — O senhor de Monte-Cristo?! — exclamou ela. — E que relação teria isso com a pergunta que você me fez?

— Como sabe, mamãe, o senhor de Monte-Cristo é quase um homem do Oriente, e os orientais, para conservarem toda a liberdade de vingança, nunca comem ou bebem na casa de seus inimigos.

— O senhor de Monte-Cristo, nosso inimigo, você está dizendo, Albert?... — replicou Mercedes, ficando mais pálida do que o lençol a cobri-la. — Quem lhe disse isso? Por quê? Você está louco, Albert... O senhor de Monte-Cristo só nos fez gentilezas. O senhor de Monte-Cristo salvou-lhe a vida, foi você mesmo que o apresentou a nós. Oh, por favor, meu filho: se está com essas ideias, afaste-as, e, se tenho uma recomendação a lhe fazer, direi mais, se tenho um pedido a lhe dirigir, dê-se bem com ele.

— Mamãe — replicou o jovem, com olhar sombrio —, você deve ter seu motivo para querer que eu me dê bem com esse homem.

— Eu? — exclamou Mercedes, enrubescendo tão depressa quanto empalidecera, mas logo ficando ainda mais pálida do que antes.

— Sim, claro, e esse motivo, não é verdade — replicou Albert —, é que esse homem só pode nos fazer mal...

Mercedes estremeceu e lançou ao filho um olhar indagativo.

— Você está me falando de maneira estranha — disse ela a Albert. — E com singulares prevenções, me parece. O que lhe fez o conde? Há três dias você estava com ele na Normandia... Há três dias eu o via, e você mesmo o via, como o seu melhor amigo.

Um sorriso irônico aflorou aos lábios de Albert. Mercedes notou esse sorriso e, com seu duplo instinto de mulher e de mãe, adivinhou tudo; mas, prudente e forte, escondeu a perturbação e os tremores.

Albert deixou a conversa morrer; instantes depois, a condessa reatou-a.

— Você vinha me perguntar como eu ia... — disse ela. — Vou lhe responder francamente, meu amigo: não me sinto bem. Você

deveria instalar-se aqui, Albert, você me faria companhia... Sinto necessidade de não ficar sozinha.

— Mãe — disse o jovem —, eu estaria às suas ordens, e sabe com que prazer, se um assunto urgente e importante não me obrigasse a deixá-la a noite inteira.

— Ah, muito bem — respondeu Mercedes, suspirando. — Vá, Albert: não quero torná-lo escravo de sua piedade filial.

Albert fingiu não entender, cumprimentou a mãe e saiu.

Assim que fechou a porta, Mercedes mandou chamar um criado de confiança e ordenou-lhe que seguisse Albert por todos os lugares onde ele fosse naquela noite e que voltasse depressa para lhe contar tudo.

Então ela chamou a camareira e, por mais fraca que estivesse, fez-se vestir, querendo estar pronta para qualquer eventualidade.

A missão dada ao laçao não era difícil de executar. Albert voltou a seu quarto e vestiu-se cuidadosamente. Dez minutos antes das oito, Beauchamp chegou: encontrara Château-Renaud, que lhe prometera estar no teatro antes que o pano subisse.

Ambos subiram ao cupê de Albert, que, não tendo motivo algum para esconder aonde ia, disse em voz alta: — À Ópera!

Em sua impaciência, chegou antes que se abrissem as cortinas.

Château-Renaud ocupava a sua cadeira: avisado de tudo por Beauchamp, Albert nada precisaria lhe explicar. O comportamento daquele filho que queria vingar o pai era tão normal que Château-Renaud de maneira alguma procurou dissuadi-lo, contentando-se em renovar-lhe a certeza de que estaria à sua disposição.

Debray ainda não chegara, mas Albert sabia que ele raramente faltava a um espetáculo da Ópera. Albert andou pelo teatro até que se abrissem as cortinas. Esperava encontrar Monte-Cristo no corredor ou na escada. A campainha chamou-o a seu lugar e ele foi sentar-se nas cadeiras de orquestra, entre Château-Renaud e Beauchamp.

Mas os seus olhos não deixavam aquele camarote entre colunas que, durante todo o primeiro ato, parecia obstinar-se a permanecer fechado.

Enfim, quando Albert, pela centésima vez, interrogava o seu relógio, no início do segundo ato a porta do camarote abriu-se e Monte-Cristo, vestido de negro, entrou e apoiou-se no corrimão para observar a sala; Morrel o seguia, procurando com os olhos a irmã e o cunhado. Descobriu-os num camarote da segunda fileira e acenou-lhes.

Ao lançar um olhar abrangente pela sala, o conde avistou um rosto pálido e olhos faiscantes que pareciam atrair avidamente os seus olhares; reconheceu Albert perfeitamente; mas a expressão que observou naquele rosto transtornado certamente aconselhou-o a fingir que não o reconheceria. Assim, sem fazer nenhum movimento que revelasse seus pensamentos, sentou-se, tirou o binóculo do estojo e apontou-o para outro lado.

Entretanto, sem parecer ver Albert, o conde não o perdia de vista: quando a cortina se fechou, ao fim do segundo ato, o seu olhar infalível e certo seguiu o jovem que saía da plateia acompanhado por seus dois amigos.

A seguir, o mesmo rosto reapareceu num camarote da primeira fila, em frente ao seu. O conde sentia a aproximação da tempestade e, quando ouviu a chave girar na fechadura de seu camarote, embora naquele momento conversasse com Morrel com a expressão mais risonha, o conde já sabia o que esperar, já estava preparado para tudo.

A porta se abriu.

Só então Monte-Cristo voltou-se e viu Albert lívido e trêmulo; atrás dele vinham Beauchamp e Château-Renaud.

— Ora — exclamou ele, com a benevolente polidez que costumava distinguir a sua saudação das banais cortesias da sociedade —, o meu cavaleiro chegou a seu objetivo... Boa noite, senhor de Morcerf.

E o semblante daquele homem, de tal maneira senhor de si mesmo, exprimia a mais perfeita cordialidade.

Só então Morrel se lembrou da carta que recebera do visconde, na qual, sem outras explicações, o visconde lhe pedia que fosse à Ópera, e compreendeu que iria acontecer algo terrível.

— Nós não viemos aqui para trocar gentilezas hipócritas ou falsas demonstrações de amizade — disse o jovem. — Nós viemos lhe pedir uma explicação, senhor conde.

A voz trêmula do jovem mal passava entre os seus dentes cerrados.

— Uma explicação, na Ópera? — perguntou o conde em tom bem calmo, com olhar bem penetrante, que revelava um homem eternamente seguro de si mesmo. — Tão pouco familiarizado que estou com os hábitos parisienses, cavalheiro, eu jamais imaginaria que fosse a Ópera o lugar onde se pedem as explicações.

— Entretanto, quando as pessoas se escondem — disse Albert —, quando não conseguimos chegar até elas, a pretexto de que elas se encontram no banho, à mesa ou na cama, é preciso falar-lhes onde elas se encontram.

— Não sou difícil de encontrar — disse Monte-Cristo —, pois ainda ontem, cavalheiro, se não me falha a memória, o senhor estava em minha casa.

— Ontem, cavalheiro — disse o jovem, com a cabeça confusa —, eu estava em sua casa porque ignorava quem era o senhor.

E, pronunciando essas palavras, Albert elevara a voz de maneira que os ocupantes dos camarotes vizinhos o ouvissem, assim como os que passavam pelo corredor.

Assim, ao rumor dessa discussão, os presentes nos camarotes se voltaram, as pessoas no corredor pararam atrás de Beauchamp e Château-Renaud.

— De onde está vindo, cavalheiro? — perguntou Monte-Cristo, sem demonstrar a menor emoção. — Parece não estar gozando de seu perfeito juízo.

— Se compreender as suas perfídias, cavalheiro, se conseguir fazê-lo compreender que desejo me vingar, estarei sempre gozando de meu perfeito juízo — respondeu Albert, furioso.

— Cavalheiro, eu não o entendo — replicou Monte-Cristo —, e, mesmo se o entendesse, o senhor estaria falando alto demais... Estou em meu camarote, cavalheiro, e aqui só eu tenho o direito de elevar a minha voz acima das outras. Saia, cavalheiro!

E Monte-Cristo indicou a porta a Albert com admirável gesto de autoridade.

— Ah, eu o farei sair de seu camarote! — exclamou Albert, amassando nas mãos convulsivas a sua luva, que o conde não perdia de vista.

— Bem, bem! — exclamou fleumaticamente Monte-Cristo. — O senhor quer briga, cavalheiro, estou vendo... Mas ouça um bom conselho, visconde, e não se esqueça: é um péssimo costume fazer muito barulho ao provocar alguém. O barulho não agrada a todo o mundo, senhor de Morcerf!

A este nome, um murmúrio de surpresa passou como um calafrio pelos espectadores da cena. Desde a véspera, o nome de Morcerf andava em todas as bocas.

Albert compreendeu a alusão melhor do que todos, antes de todos, e fez um gesto para lançar a sua luva ao rosto do conde; mas Morrel agarrou-lhe o punho, enquanto Beauchamp e Château-Renaud, temendo que a cena viesse a ultrapassar os limites de uma provocação, seguravam-no por trás.

Entretanto, Monte-Cristo, sem se levantar, inclinando a sua cadeira, limitou-se a estender a mão e, agarrando entre os dedos crispados do jovem a luva úmida e esmagada: — Cavalheiro — disse em tom terrível —, considero que a sua luva já foi atirada e a devolverei enrolada numa bala. Agora, saia de meu camarote, ou chamo os meus criados e mando atirá-lo porta afora.

Ébrio, transtornado, olhos injetados de sangue, Albert deu dois passos para trás.

Morrel aproveitou-se disso para fechar a porta.

Monte-Cristo pegou o binóculo e apontou-o para a sala, como se algo extraordinário não tivesse acabado de acontecer.

Aquele homem tinha um coração de bronze e um rosto de mármore.

Morrel inclinou-se a seu ouvido: — O que o senhor fez a ele? — perguntou.

— Eu? Nada, ao menos pessoalmente — respondeu Monte-Cristo.

— Mas essa estranha cena deve ter um motivo...

— A aventura do conde de Morcerf exaspera o pobre jovem.

— Teve alguma coisa a ver com isso?

— Foi por Haydée que a Câmara foi informada da traição do pai dele.

— De fato, contaram-me — disse Morrel —, mas eu não queria acreditar que essa escrava grega, que vi com o senhor aqui mesmo neste camarote, era filha de Ali Paxá... Não queria acreditar.

— Mas é verdade.

— Oh, meu Deus! — exclamou Morrel. — Agora compreendo tudo, e essa cena era premeditada.

— Como assim?

— Sim, Albert me escreveu pedindo que esta noite eu viesse à Ópera... Era para que eu fosse testemunha do insulto que queria lhe fazer.

— Provavelmente — disse Monte-Cristo, com a sua imperturbável tranquilidade.

— Mas o que fará com ele?

— Com quem?

— Com Albert...

— Com Albert? — continuou Monte-Cristo no mesmo tom. — O que farei com ele, Maximilien? Tão certo quanto você está aqui e eu lhe aperto a mão, eu o matarei amanhã, antes das dez horas da manhã. É isso o que farei com ele...

Morrel, por sua vez, tomou a mão de Monte-Cristo entre as suas e estremeceu ao sentir aquela mão tão fria e calma.

— Ah, conde — exclamou ele —, o pai dele o ama tanto!

— Nem me diga uma coisa dessas! — exclamou Monte-Cristo, no primeiro movimento de cólera que parecia experimentar. — Vou fazê-lo sofrer!

Estupefato, Morrel deixou cair a mão de Monte-Cristo.

— Conde, conde! — exclamou ele.

— Caro Maximilien — interrompeu o conde —, escute de que maneira adorável Duprez canta esta frase: “*Oh, Matilde!, ídolo da minha alma.*”

“Olhe, fui o primeiro a descobrir Duprez em Nápoles, o primeiro a aplaudi-lo... Bravo, bravo!”

Morrel compreendeu que já não havia mais nada a dizer e esperou.

A cortina, que se abria ao final da cena de Albert, logo se fechou. Bateram à porta.

— Entre — disse Monte-Cristo, sem que sua voz revelasse qualquer emoção.

Beauchamp apareceu.

— Boa noite, senhor Beauchamp — disse Monte-Cristo, como se visse o jornalista pela primeira vez naquela noite. — Sente-se...

Beauchamp cumprimentou, entrou e sentou-se.

— Senhor — disse a Monte-Cristo —, como deve ter visto, há pouco eu acompanhava o senhor Albert de Morcerf.

— O que significa — disse Monte-Cristo, rindo — que provavelmente vocês jantaram juntos... Fico feliz de ver que está mais sóbrio do que ele, senhor Beauchamp.

— Cavalheiro — disse Beauchamp —, admito que Albert errou ao exaltar-se... Venho por conta própria lhe pedir desculpas. Agora que as minhas desculpas estão pedidas... *as minhas*, entenda bem, senhor conde... venho lhe dizer que o considero galante demais para se recusar a dar-me alguma explicação sobre as suas relações com o pessoal de Janina... Depois acrescentarei duas palavras sobre aquela jovem grega.

Monte-Cristo fez com os lábios e com os olhos um pequeno sinal ordenando silêncio.

— Ora, vamos! — acrescentou Monte-Cristo, rindo. — Eis todas as minhas esperanças destruídas.

— Como assim? — perguntou Beauchamp.

— Certamente, apressa-se a me atribuir uma reputação de excêntrico: em sua opinião, sou um Lara, um Manfred, um lorde Ruthwen... Depois, passado o momento de me ver como excêntrico, você se livra desse tipo e tenta me transformar num homem banal... Quer que eu seja comum, vulgar... Enfim, pede-me explicações. Ora, vamos, Beauchamp, o senhor está brincando.

— Mas há ocasiões — disse Beauchamp, altivamente — em que a probidade ordena...

— Senhor Beauchamp — interrompeu o homem estranho —, quem ordena ao senhor conde de Monte-Cristo é o senhor conde de Monte-Cristo... Portanto, nem mais uma palavra a respeito, por favor... Faço o que bem entendo, senhor Beauchamp, e, acredite, faço sempre muito bem feito.

— Senhor — respondeu o jovem —, não se paga nessa moeda a pessoas honestas... A honra exige garantias.

— Senhor, eu sou uma garantia viva — replicou Monte-Cristo, impassível, mas com os olhos a se inflamarem de relâmpagos ameaçadores. — Ambos temos nas veias o sangue que desejamos derramar: eis nossa garantia mútua. Leve esta resposta ao visconde e diga-lhe que amanhã, antes das dez da manhã, terei visto a cor do sangue dele.

— Então só me resta fixar as regras do duelo — disse Beauchamp.

— Isso me é perfeitamente indiferente, cavalheiro — disse o conde de Monte-Cristo. — Portanto, é inútil vir me perturbar no meio do espetáculo por tão pouca coisa. Na França, duela-se com a espada ou com a pistola; nas colônias, usa-se a carabina; na Arábia, usa-se o punhal. Diga a seu cliente que, embora seja eu o insultado, para ser excêntrico até o final deixo a ele a escolha das armas e aceitarei tudo sem discussão, sem contestação... Tudo, entendeu bem? Tudo, até mesmo o duelo por sorteio, que é sempre estúpido. Mas comigo é diferente: tenho certeza de que vou vencer.

— Certeza de que vai vencer? — repetiu Beauchamp, olhando o conde com olhar estupefato.

— Ah, certamente — disse Monte-Cristo, dando de ombros levemente. — Sem isso, não duelaria com o senhor de Morcerf. Eu o matarei, é preciso, assim será. Apenas mande-me um bilhete à minha casa esta noite, indicando-me a arma e a hora... Não gosto de fazer-me esperar.

— Duelo a pistola, às oito horas da manhã, no bosque de Vincennes — disse Beauchamp desconcertado, sem saber se lidava com um fanfarrão presunçoso ou com alguma criatura sobrenatural.

— Está bem, senhor — disse Monte-Cristo. — Agora que está tudo combinado, deixe-me ouvir o espetáculo, por favor, e diga a

seu amigo Albert que não volte mais aqui esta noite: ele se prejudicaria, com todas as suas brutalidades de mau gosto. Que ele vá para casa, que durma...

Beauchamp saiu pasmo.

— Agora — disse Monte-Cristo voltando-se para Morrel —, posso contar com você, não é mesmo?

— Certamente — disse Morrel —, disponha de mim, senhor conde... Mas...

— O quê?

— Seria importante, conde, que eu soubesse o verdadeiro motivo...

— Quer dizer que se recusa?

— Não...

— O verdadeiro motivo, Morrel? — disse o conde. — Até mesmo esse jovem caminha às cegas e não sabe. O verdadeiro motivo só é sabido por mim e por Deus... Mas dou-lhe minha palavra de honra, Morrel: Deus, que o sabe, estará do nosso lado.

— Isso basta, conde — disse Morrel. — Quem é a sua segunda testemunha?

— Não conheço ninguém em Paris a quem eu queira dar essa honra, a não ser você, Morrel, e seu cunhado Emmanuel... Acha que Emmanuel gostaria de me prestar esse favor?

— Eu lhe respondo por ele como se fosse por mim, conde.

— Bem, é tudo de que preciso. Amanhã, às sete horas da manhã, em minha casa, certo?

— Estaremos lá.

— Ch! Abrem-se as cortinas, escutemos... Costumo não perder uma nota desta ópera... Mas que música adorável, a de *Guilherme Tell!*¹⁴

XC. A NOITE

Como de hábito, o senhor de Monte-Cristo esperou que Duprez terminasse de cantar o seu famoso *Siga-me!*. Só então ele se levantou e saiu.

À porta, Morrel despediu-se, renovando a promessa de estar com Emmanuel na casa do conde na manhã seguinte, às sete horas em ponto.

Então, sempre calmo e sorridente, Monte-Cristo subiu a seu cupê.

Cinco minutos depois, estava em casa.

Mas só quem não conhecesse o conde se deixaria enganar pela expressão com que ele disse a Ali, ao entrar: — Ali, as minhas pistolas com cabo de marfim!

Ali trouxe a caixa a seu amo, que começou a examinar essas armas com um cuidado muito natural para um homem que confiaria sua vida a um pedaço de ferro e de chumbo.

Eram as pistolas especiais que Monte-Cristo mandara fazer para praticar tiro ao alvo em seus aposentos. Bastava uma cápsula para expulsar a bala, e na sala ao lado ninguém desconfiaria que o conde — como se diz em linguagem de tiro — estava ocupado a aprimorar a sua mão.

Ele estava encaixando a arma em sua mão, procurando o ponto de mira em uma pequena placa de ferro laminado que servia de alvo, quando a porta de seu gabinete se abriu e Baptistin entrou.

Entretanto, antes mesmo que ele abrisse a boca, o conde viu à porta entreaberta uma mulher de véu, em pé, na penumbra da sala vizinha: ela seguira Baptistin.

Ela vira o conde de pistola na mão, viu duas espadas sobre a mesa e entrou.

Baptistin consultou o amo com o olhar.

O conde fez um sinal: Baptistin saiu e fechou a porta atrás dele.

— Quem é a senhora? — perguntou o conde à mulher velada.

A desconhecida lançou um olhar ao redor para assegurar-se de que estava sozinha; a seguir, inclinando-se, como se quisesse ajoelhar-se, e juntando as mãos, em tom de desespero: — Edmond — disse ela —, você não matará o meu filho!

O conde deu um passo para trás, soltou um grito abafado e deixou cair a arma que segurava.

— Que nome pronunciou, senhora de Morcerf? — perguntou ele.

— O seu — exclamou ela, tirando o véu —, o seu, que talvez apenas eu não tenha esquecido. Edmond: não é a senhora de Morcerf que vem a você, é Mercedes.

— Mercedes está morta, senhora — disse Monte-Cristo —, e não conheço mais ninguém com esse nome.

— Mercedes está viva, senhor, e Mercedes se lembra, pois só ela o reconheceu quando o viu, e até mesmo antes de vê-lo, por sua voz, Edmond, só pelo tom de sua voz, e desde então ela o segue passo a passo, ela o vigia, ela o teme, e não precisou procurar a mão de onde partia o golpe que feriu o senhor de Morcerf.

— Fernand, a senhora quer dizer... — disse Monte-Cristo com amarga ironia. — Já que estamos nos lembrando de nossos nomes, lembremo-nos de todos.

E Monte-Cristo pronunciara o nome de Fernand com tal expressão de ódio que Mercedes sentiu o arrepio de terror percorrer todo o seu corpo.

— Como bem pode ver, Edmond, não me enganei — exclamou Mercedes —, tenho razão de lhe dizer: “Poupe o meu filho!”.

— E quem lhe disse, senhora, que quero mal a seu filho?

— Ninguém, meu Deus! Mas uma mãe é dotada de uma dupla visão. Adivinhei tudo, segui-o esta noite à Ópera e, escondida em uma frisa, vi tudo.

— Então, se tudo viu, senhora, viu que o filho de Fernand me insultou publicamente? — perguntou Monte-Cristo, com calma terrível.

— Oh, por piedade!

— Viu — continuou o conde — que ele atiraria a sua luva em meu rosto, se um de meus amigos, o senhor Morrel, não tivesse segurado o seu braço...

— Escute-me... O meu filho também o adivinhou... Ele lhe atribui as desventuras que ferem seu pai.

— Senhora — disse Monte-Cristo —, está confundindo: não são desventuras, é um castigo... Não sou eu quem fere o senhor de Morcerf, é a Providência que o pune.

— E por que quer substituir a Providência? — exclamou Mercedes. — Por que se lembra quando ela se esquece? Edmond,

que lhe importa Janina e seu vizir? Que mal lhe fez Fernand Mondego ao trair Ali-Tebelin?

— Sim, senhora — respondeu Monte-Cristo —, tudo isso é um caso entre o capitão francês e a filha de Vasiliki. Isto não me interessa, você tem razão, e, se jurei me vingar, não foi do capitão francês, nem do conde de Morcerf: foi do pescador Fernand, marido da catalã Mercedes.

— Ah, senhor! — exclamou a condessa. — Que terrível vingança por uma falta que a fatalidade me fez cometer! Pois a culpada sou eu, Edmond, e, se você deve se vingar de alguém, é de mim, a quem faltou forças para suportar a sua ausência e o meu isolamento.

— Mas por que eu estava ausente? — exclamou Monte-Cristo. — Por que você estava isolada?

— Porque o prenderam, Edmond, porque você era prisioneiro.

— E por que me prenderam? Por que eu era prisioneiro?

— Ignoro... — disse Mercedes.

— Sim, a senhora ignora, ao menos é o que espero... Bem, vou lhe contar. Fui detido, era prisioneiro, porque debaixo das árvores do restaurante La Réserve, bem na véspera do dia em que me casaria com você, um homem, chamado Danglars, escrevera aquela carta que o pescador Fernand se encarregou pessoalmente de colocar no correio.

E Monte-Cristo, indo a uma escrivaninha, puxou uma gaveta de onde tirou um papel que perdera a cor original, cuja tinta se tornara cor de ferrugem, colocando-o diante dos olhos de Mercedes.

Era a carta de Danglars ao procurador do rei, a carta que, no dia em que pagara duzentos mil francos ao senhor de Boville, o conde de Monte-Cristo, disfarçado de representante da casa Thomson e French, subtraíra da pasta sobre Edmond Dantès.

Mercedes leu com terror as linhas seguintes: O senhor procurador do rei é avisado, por um amigo do trono e da religião, que o chamado Edmond Dantès, imediato do navio *Faraó*, que chegou nesta manhã de Esmirna, depois de passar por Nápoles e Porto-Ferrajo, foi encarregado, por Murat, de levar uma carta ao

usurpador, e, pelo usurpador, de levar uma carta ao comitê bonapartista de Paris.

Encontrarão a prova de seu crime ao prendê-lo; pois encontrarão essa carta com ele, ou na casa de seu pai, ou em sua cabine, a bordo do *Faraó*.

— Oh, meu Deus! — fez Mercedes, passando a mão na testa molhada de suor. — E esta carta...

— Comprei-a por duzentos mil francos, senhora — disse Monte-Cristo. — Mas ainda foi barato, porque hoje ela me permite desculpar-me a seus olhos.

— E o resultado desta carta?

— A senhora sabe: foi a minha prisão... Mas o que a senhora não sabe é o tempo que essa prisão durou. O que não sabe é que fiquei catorze anos a apenas um quarto de légua de você, num calabouço do castelo de If. O que não sabe é que a todo dia nesses catorze anos renovei o voto de vingança que fizera no primeiro dia, embora ignorasse que você se casara com Fernand, meu delator, e que o meu pai estava morto, e morto de fome!

— Santo Deus! — exclamou Mercedes, cambaleando.

— Mas foi o que soube quando saí da prisão, catorze anos depois de lá entrar, e foi o que me fez jurar, por Mercedes viva e por meu pai morto, vingar-me de Fernand, e... e estou me vingando.

— E tem certeza de que foi o infeliz Fernand quem fez isto?

— Juro pela minha alma, senhora, e ele o fez como eu lhe disse... Aliás, isto não é muito mais odioso do que, sendo francês por adoção, ter passado aos ingleses... Tendo nascido espanhol, ter combatido contra os espanhóis... Estando a soldo de Ali, ter traído e assassinado Ali. Diante de tudo isso, o que vem a ser a carta que acaba de ler? Uma mistificação galante que deve ser perdoada pela mulher que se casou com esse homem, eu reconheço e compreendo, mas que não é perdoada pelo namorado que se casaria com ela. Bem, os franceses não se vingaram do traidor, os espanhóis não fuzilaram o traidor. Ali, deitado em seu túmulo, deixou impune o traidor... Mas eu, traído, assassinado, também lançado a um túmulo, saí desse túmulo pela graça de Deus e devo a Deus a minha vingança... Ele me enviou para isso, aqui estou.

A pobre mulher deixou cair a cabeça e as mãos; suas pernas se dobraram e ela caiu de joelhos.

— Perdoe, Edmond — exclamou ela —, perdoe por mim, que ainda o amo!

A dignidade da esposa deteve o impulso da amante e da mãe.

A sua testa inclinou-se, quase tocando o tapete.

O conde correu até ela e levantou-a.

Então, sentada em uma poltrona, ela conseguiu, através das lágrimas, enxergar o pálido rosto de Monte-Cristo, onde a dor e o ódio ainda imprimiam um caráter ameaçador.

— Não esmagar essa raça maldita?! — murmurou ele. — Desobedecer a Deus, que me ressuscitou para puni-lo?! Impossível, senhora, impossível!...

— Edmond — disse a pobre mãe, recorrendo a todos os meios —, meu Deus! Quando o chamo de Edmond, por que não me chama de Mercedes?

— Mercedes — repetiu Monte-Cristo —, Mercedes! Bem, sim, tem razão, ainda é doce pronunciar este nome, e esta é a primeira vez em muito tempo que ele soa tão claramente ao sair de meus lábios. Oh, Mercedes, pronunciei o seu nome com suspiros de melancolia, com gemidos de dor, com o estertor do desespero; pronunciei-o gelado de frio, acorocado na palha do meu calabouço; pronunciei-o devorado pelo calor, rolando nas lajes da minha cela. Mercedes: é preciso que me vingue, pois passei catorze anos sofrendo, catorze anos chorando, amaldiçoando; agora, eu lhe digo, Mercedes: é preciso que me vingue!

E, temendo ceder às súplicas daquela que tanto amara, o conde apelava para as suas lembranças em apoio a seu ódio.

— Vingue-se, Edmond — exclamou a pobre mãe —, mas vingue-se sobre os culpados; vingue-se sobre ele, vingue-se sobre mim, mas não se vingue sobre o meu filho!

— Está escrito no Livro Sagrado — respondeu Monte-Cristo —: “Os pecados dos pais recairão sobre os filhos até a terceira e quarta gerações”.¹⁵ Se Deus ditou essas palavras a seu profeta, por que seria eu melhor do que Deus?

— Porque Deus tem o tempo e a eternidade, duas coisas que escapam aos homens.

Monte-Cristo deu um suspiro que parecia um rugido e agarrou seus belos cabelos com ambas as mãos.

— Edmond — continuou Mercedes, com os braços estendidos para o conde —, Edmond, desde que o conheço, tenho adorado o seu nome, tenho respeitado a sua memória. Edmond, meu amigo, não me obrigue a manchar essa imagem nobre e pura incessantemente refletida no espelho do meu coração. Edmond, se você soubesse todas as preces que dirigi a Deus por você, enquanto o esperei vivo, e desde que o julguei morto! Sim, morto, ai! Eu julgava o seu cadáver enterrado no fundo de alguma torre escura; eu julgava o seu corpo lançado ao fundo de algum daqueles abismos onde os carcereiros deixam rolar os prisioneiros mortos, e eu chorava! O que eu podia fazer por você, Edmond, a não ser rezar e chorar? Escute-me: durante dez anos, todas as noites, tive o mesmo sonho. Disseram que você tinha tentado fugir, que você tinha tomado o lugar de outro prisioneiro, que tinha se enfiado no sudário de um morto, e que então tinham lançado o cadáver vivo do alto do castelo de If; e que só o grito que você dera, ao bater contra os rochedos, revelara a substituição a seus coveiros transformados em carrascos. Bem, Edmond: juro sobre a cabeça de meu filho, por quem imploro a você, Edmond: durante dez anos, todas as noites, vi homens balançando alguma coisa informe e desconhecida no alto de um rochedo; durante dez anos, todas as noites, ouvi um grito terrível que me fazia acordar trêmula e gelada. E eu também, Edmond, oh, acredite, por mais criminosa que eu fosse, oh, sim, eu também sofri muito!

— Acaso sentiu o seu pai morrer na sua ausência? — exclamou Monte-Cristo, enterrando as mãos nos cabelos. — Acaso viu a mulher que você amava estender a mão a seu rival, enquanto você ofegava no fundo de um abismo?...

— Não — interrompeu Mercedes —, mas vi aquele que eu amava prestes a se tornar o assassino de meu filho!

Mercedes pronunciou essas palavras com uma dor tão pungente, em tom tão desesperado, que a essas palavras e a esse

tom um soluço dilacerou a garganta do conde.

O leão estava domado; o vingador estava vencido.

— O que você me pede? — perguntou ele. — Que o seu filho viva? Pois bem, ele viverá!

Mercedes deu um grito que fez brotar duas lágrimas nas pálpebras do conde, mas as duas lágrimas logo desapareceram, pois certamente Deus enviara algum anjo para recolhê-las, pois aos olhos do Senhor elas eram muito mais preciosas do que as mais ricas pérolas de Guzarate e Ofir.

— Oh — exclamou ela, tomando a mão do conde e levando-a aos lábios —, oh, obrigada! Obrigada, Edmond! Eis você exatamente como sempre o sonhei, como sempre o amei... Oh, agora posso dizê-lo.

— Tanto mais — respondeu Monte-Cristo — que o pobre Edmond não terá muito tempo para ser amado por você. O morto vai voltar ao túmulo, o fantasma vai voltar à noite.

— O que está dizendo, Edmond?

— Estou dizendo que, já que você o ordena, Mercedes, é preciso morrer.

— Morrer? E quem disse isso? Quem falou em morrer? De onde você tirou essas ideias de morte?

— Você não supõe que, ultrajado publicamente, diante de todo um teatro, na presença dos seus amigos e dos amigos de seu filho, provocado por um menino que se vangloriará de meu perdão como de uma vitória... Você não supõe, dizia eu, que continue por um instante com vontade de viver. O que mais amei, depois de você, Mercedes, foi a mim mesmo, ou seja, a minha dignidade; ou seja, essa força que me tornava superior aos outros homens; essa força era a minha vida. Com uma palavra, você a destruiu. Vou morrer.

— Mas esse duelo não vai acontecer, Edmond, já que você o perdoa.

— Ele vai acontecer, senhora — disse solenemente Monte-Cristo. — Todavia, em vez do sangue de seu filho ser tragado pela terra, será o meu sangue que vai correr.

Mercedes deu um grito e lançou-se a Monte-Cristo, mas de repente se deteve.

— Edmond — disse ela —, há um Deus acima de nós, pois você vive, pois o reviverei, e confio nele do fundo de meu coração. Esperando a ajuda divina, confio na sua palavra... Você disse que o meu filho viveria: ele viverá, não é?

— Ele viverá, sim, senhora — disse Monte-Cristo, surpreso de ver que sem outra exclamação, sem outro espanto, Mercedes aceitava o heroico sacrifício que ele lhe fazia.

Ela estendeu a mão ao conde.

— Edmond — disse Mercedes, enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas, encarando o homem a quem dirigia a palavra —, como é bonito de sua parte, como é grande o que acaba de fazer, como é sublime ter piedade de uma pobre mulher que o procurava com todas as probabilidades contrárias às suas esperanças! Ai, eu envelheci, mais pelos sofrimentos do que pela idade, e já não posso mais lembrar a meu Edmond, com um sorriso, com um olhar, aquela Mercedes que antigamente ele passou tantas horas a contemplar. Ah, acredite, Edmond: eu lhe disse que também sofri muito; repito, é muito triste ver passar a vida sem se lembrar de uma única alegria, sem manter uma única esperança; mas isto prova que nem tudo está acabado na terra. Não, nem tudo está acabado, sinto-o pelo que ainda me resta no coração. Oh, repito, Edmond: é bonito, é grande, é sublime perdoar como você acaba de fazer.

— Se você diz isso, Mercedes, o que diria então se soubesse a extensão do sacrifício que lhe faço? Suponha que o Senhor supremo, depois de criar o mundo, depois de fertilizar o caos, se detivesse a um terço da criação para poupar a um anjo as lágrimas que os nossos crimes um dia fariam correr em seus olhos imortais; suponha que depois de ter tudo preparado, tudo moldado, tudo fecundado, no momento de admirar a sua obra, Deus extinguisse o sol e chutasse o mundo para a noite eterna; então, você teria uma ideia, ou melhor, não, não, ainda não poderia fazer ideia do que perco ao perder a vida neste momento.

Mercedes olhou o conde com uma expressão que mostrava ao mesmo tempo surpresa, admiração e gratidão.

Monte-Cristo apoiou a testa nas mãos ardentes, como se sua testa já não conseguisse carregar sozinha todo o peso de seus pensamentos.

— Edmond — disse Mercedes —, só tenho mais uma palavra a lhe dizer.

O conde sorriu amargamente.

— Edmond — continuou ela —, verá que, se minha face empalideceu, se meus olhos perderam o brilho, se minha beleza se perdeu, se Mercedes afinal já não se parece mais consigo mesma pelos traços de seu rosto, verá que o meu coração continua sendo o mesmo!... Então, adeus, Edmond; já não tenho mais nada a pedir aos céus... Voltei a vê-lo tão nobre e tão grande quanto era antes. Adeus, Edmond... Adeus, e obrigada!

Mas o conde não respondeu.

Mercedes abriu a porta do gabinete e desapareceu antes que o conde voltasse do devaneio doloroso e profundo em que a sua vingança perdida o mergulhara.

Soava uma hora no relógio dos Inválidos quando a carruagem que levava a senhora de Morcerf, rodando pelo calçamento dos Campos Elíseos, fez o conde de Monte-Cristo erguer a cabeça.

— Insensato — exclamou ele —, no dia em que decidi me vingar, devia ter arrancado o coração!

XCI. O DUELO

Depois que Mercedes saiu, na casa de Monte-Cristo tudo voltou à escuridão. Ao redor dele e dentro dele o seu pensamento se deteve; seu espírito enérgico adormeceu como adormece o corpo depois de supremo cansaço.

— Mas como! — dizia-se ele, enquanto a lamparina e as velas consumiam-se tristemente e os criados esperavam com impaciência na antecâmara. — Mas como, eis o edifício tão lentamente preparado, erguido com tanto trabalho e cuidado, demolido por um só golpe, uma só palavra, um só sopro! Mas como! Aquele ego que eu julgava valer alguma coisa, aquele ego que me orgulhava tanto,

aquele ego que eu via tão pequeno nos calabouços do castelo de If, e que eu soube tornar tão grande, amanhã virá a ser um punhado de poeira! Ai, não é a morte do corpo que eu lamento: essa destruição do princípio vital não é o repouso para onde tudo tende, a que todo infeliz aspira, a calma da matéria pela qual ansiei por tanto tempo, ao encontro da qual eu caminhava, pela estrada dolorosa da fome, quando Faria apareceu no meu calabouço? O que é a morte para mim? Um degrau a mais na calma, talvez dois no silêncio. Não, logo não é a existência que lamento, é a ruína de meus projetos tão lentamente elaborados, tão laboriosamente construídos. A Providência, que eu imaginava ser a favor deles, era contrária a eles! Deus não queria que se realizassem!

“Esse fardo que carreguei, quase tão pesado quanto um mundo, e que eu imaginava poder carregar até o fim, era conforme o meu desejo, não conforme a minha força; era conforme a minha vontade, não conforme o meu poder, e vou ter de largá-lo no meio do caminho. Oh, vou voltar a ser fatalista, a mim, que catorze anos de desespero e dez anos de esperança tinham tornado providencial.

“E tudo isso, meu Deus, porque o meu coração, que eu imaginava morto e enterrado, estava apenas adormecido; porque ele despertou, porque ele bateu, porque cedi à dor desse pulsar despertado no fundo de meu peito pela voz de uma mulher!

“Entretanto — continuou o conde, abismando-se cada vez mais nas previsões para o terrível dia seguinte que Mercedes aceitara —, entretanto, é impossível que essa mulher, que é um nobre coração, tenha assim por egoísmo consentido em me deixar matar, a mim que sou tão cheio de força e de vida! É impossível que ela leve a tal ponto o amor, ou melhor, o delírio materno! Há virtudes em que o exagero seria um crime. Não, ela deve ter imaginado alguma cena patética, ela vai se lançar entre as espadas, e no campo de duelo será ridículo o que aqui era sublime.”

E o rubor do orgulho subiu ao rosto do conde.

— Ridículo — repetiu ele —, e o ridículo recairá sobre mim... Eu, ridículo?! Ora, vamos! Prefiro morrer.

E, de tanto exagerar antecipadamente as desventuras do dia seguinte, às quais se condenara ao prometer a Mercedes deixar o

filho dela viver, o conde veio a se dizer: — Tolice! Tolice! Tolice, praticar tanta generosidade, colocar-se como alvo inerte na mira da pistola desse rapaz! Ele nunca acreditaria que minha morte fosse um suicídio, o que, todavia, é tão importante para a honra de minha memória... (não por vaidade, não, meu Deus, mas apenas por justo orgulho, nada mais...) É importante para a honra de minha memória o mundo saber que eu mesmo aceitei por livre e espontânea vontade deter o meu braço já estendido para atirar, e que com esse braço, tão poderosamente armado contra os outros, feri a mim mesmo; assim é preciso, eu o farei.

E, tomando uma pena, tirou um papel do compartimento secreto de sua escrivaninha e traçou ao pé desse papel — que não era outra coisa senão o seu testamento, feito quando chegara a Paris — uma espécie de cláusula em que explicava sua morte às pessoas menos perspicazes.

— Faço isto, meu Deus — disse ele, erguendo os olhos aos céus —, tanto por sua honra, quanto pela minha. Há dez anos, considero-me, oh, meu Deus, o enviado de sua vingança, e não posso deixar que outros miseráveis além desse Morcerf... não posso deixar que um Danglars, um Villefort, não posso deixar enfim que o próprio Morcerf, imaginem que o acaso os livrou do seu inimigo. Que eles saibam, ao contrário, que a Providência, que já decretara a sua punição, só foi corrigida pelo poder de minha vontade; que o castigo evitado neste mundo espera-os no outro mundo, e que eles apenas trocaram o tempo pela eternidade.

Enquanto flutuava entre essas sombrias incertezas, vivendo o mau sonho do homem despertado pela dor, o dia veio clarear as vidraças e iluminar nas mãos do conde o pálido papel azul onde ele acabara de traçar a suprema justificação da Providência.

Eram cinco horas da manhã.

De repente, leve ruído chegou a seus ouvidos. Monte-Cristo pensou ter ouvido algo como um suspiro abafado; virou a cabeça, olhou ao redor e não viu ninguém. Mas o ruído repetiu-se de maneira muito clara: à dúvida, sucedeu a certeza.

Então o conde ergueu-se, abriu devagar a porta do salão e, sobre uma poltrona, com os braços pendentes, com a sua bela

cabeça pálida inclinada para trás, viu Haydée, que se colocara atravessada na porta, para que ele não pudesse sair sem vê-la, mas a quem o sono, tão poderoso contra a juventude, surpreendera, depois da fadiga de tão longa vigília.

O barulho que a porta fez ao se abrir não conseguiu tirar Haydée do sono.

Monte-Cristo deteve nela um olhar cheio de ternura e de remorso.

— Mercedes se lembrou de que tinha um filho — murmurou ele —, e eu me esqueci de que tenho uma filha!

A seguir, balançando tristemente a cabeça: — Pobre Haydée! — exclamou ele. — Ela queria me ver, queria me falar, receou ou adivinhou alguma coisa... Oh, não posso partir sem lhe dizer adeus, não posso morrer sem confiá-la aos cuidados de alguém.

E voltou devagar a seu lugar e escreveu, embaixo das primeiras linhas: Lego a Maximilien Morrel, capitão de cavalaria colonial e filho de meu ex-patrão Pierre Morrel, armador em Marselha, a quantia de vinte milhões, da qual uma parte será oferecida por ele à sua irmã Julie e a seu cunhado Emmanuel, desde que ele não considere que esse acréscimo de fortuna seja prejudicial à felicidade do casal. Esses vinte milhões encontram-se enterrados em minha caverna de Monte-Cristo, da qual Bertuccio sabe o segredo.

Se o seu coração estiver livre e ele quiser se casar com Haydée, filha de Ali, Paxá de Janina, que criei com o amor de um pai e que teve por mim a ternura de uma filha, ele realizará, não direi a minha última vontade, mas o meu último desejo.

O presente testamento já tornou Haydée herdeira do restante de minha fortuna, que consiste em terras, rendas na Inglaterra, Áustria e Holanda, mobiliário em meus diversos palácios e casas, e que, além desses vinte milhões, além dos diversos legados feitos a meus servidores, poderá ainda elevar-se a sessenta milhões.

Ele acabava de escrever essa última linha quando um grito dado atrás dele derrubou a pena de suas mãos.

— Haydée — exclamou ele —, você leu?

De fato, despertada pela luz do dia que feria as suas pálpebras, a jovem levantara-se e aproximara-se do conde sem que os seus passos leves — aliás, abafados pelo tapete — fossem ouvidos.

— Oh, meu senhor — disse ela, juntando as mãos —, por que escreve assim a essa hora? Por que me lega toda a sua fortuna, meu senhor? Então vai me abandonar?

— Vou fazer uma viagem, meu anjo — disse Monte-Cristo com expressão de melancolia e ternura infinitas —, e, caso me aconteça alguma desgraça...

O conde se deteve.

— E então?... — perguntou a jovem em um tom de autoridade que para o conde era inédito e que o fez estremecer.

— Então, caso me aconteça alguma desgraça — continuou Monte-Cristo —, quero que a minha filha seja feliz.

Haydée sorriu tristemente e balançou a cabeça.

— Pensa em morrer, meu senhor? — perguntou ela.

— É um pensamento salutar, minha filha, como disse o sábio.

— Bem, se morrer — disse ela —, legue a sua fortuna a outros, pois, se morrer... Já não precisarei de mais nada.

E, pegando o papel, ela rasgou-o em quatro pedaços, atirando-os no meio do salão. Então, como essa energia tão pouco habitual a uma escrava esgotara as suas forças, ela caiu, dessa vez não mais adormecida, mas desmaiada no assoalho.

Monte-Cristo inclinou-se a ela, ergueu-a nos braços: vendo aquele belo rosto pálido, aqueles belos olhos fechados, aquele belo corpo inanimado, como que abandonado, ocorreu-lhe pela primeira vez a ideia de que talvez ela o amasse de uma maneira diferente da maneira como uma filha ama o seu pai.

— Ai — murmurou ele, com profundo desânimo —, então eu ainda poderia ser feliz!

Então ele levou Haydée a seu apartamento e entregou-a, ainda desmaiada, às mãos de suas criadas; e, voltando a seu gabinete — que dessa vez fechou com força —, refez o testamento destruído.

Quando terminava, ouviu-se o barulho de um cabriolé entrando no pátio. Monte-Cristo aproximou-se da janela e viu chegarem Maximilien e Emmanuel.

— Bom — disse ele —, já era tempo! — E fechou o seu testamento com triplo lacre.

Instantes depois, ouviu um ruído de passos no salão e foi abrir pessoalmente.

Morrel apareceu à porta.

Estava aproximadamente vinte minutos adiantado.

— Talvez eu tenha vindo cedo demais, senhor conde — disse ele. — Mas confesso francamente que não consegui dormir um minuto, e o mesmo aconteceu a todos lá em casa. Eu estava precisando vê-lo firme e forte, com a sua corajosa confiança, para me acalmar um pouco.

Monte-Cristo não conseguiu resistir a essa prova de afeto: em vez de estender-lhe a mão, abriu-lhe ambos os braços.

— Morrel — disse em voz comovida —, mas que belo dia para mim, este dia em que me sinto amado por um homem como você. Bom dia, senhor Emmanuel. Então você vai comigo, Maximilien?

— Nossa — exclamou o jovem capitão —, estava duvidando?

— Mas e se eu tivesse me enganado...

— Escute: ontem eu o observei durante toda aquela cena da provocação, passei a noite inteira pensando em sua firmeza e concluí que ou a justiça devia estar do seu lado, ou que eu não devia mais confiar na fisionomia dos homens.

— Entretanto, Morrel, Albert é seu amigo.

— Ele é um simples conhecido, conde.

— Você não o conheceu no mesmo dia em que me conheceu?

— Sim, é verdade, mas e daí? Só me lembro disso quando o senhor me lembra.

— Obrigado, Morrel.

Então, tocando a sineta:

— Olha — disse a Ali, que logo acorreu —, manda entregar isto ao meu tabelião. É o meu testamento, Morrel. Quando eu morrer, você tomará conhecimento dele.

— Como assim — exclamou Morrel —, o senhor morrer?

— Ah, não é preciso prever tudo, meu caro amigo? Mas o que você fez ontem, depois de nos despedirmos?

— Estive no Tortoni, onde, como esperava, encontrei Beauchamp e Château-Renaud. Confesso que os procurava.

— Para quê, se já estava tudo combinado?

— Escute, conde: o caso é grave, inevitável.

— Duvidava disso?

— Não... A ofensa foi pública, todos já comentavam.

— E então?

— Então, eu esperava mudar as armas, trocar a pistola pela espada. A pistola é cega.

— E conseguiu? — perguntou ansiosamente Monte-Cristo, com imperceptível brilho de esperança.

— Não, porque conhecem a sua força na espada.

— Mesmo? Quem foi que me traiu?

— Os mestres de armas que o senhor derrotou.

— E você fracassou?

— Eles recusaram categoricamente.

— Morrel — disse o conde —, você já me viu atirar com a pistola?

— Nunca.

— Bem, temos tempo, veja só.

Monte-Cristo pegou as pistolas que segurava quando Mercedes entrara e, colando um ás de paus no alvo, com quatro tiros ele acertou sucessivamente as quatro extremidades do trevo.

A cada tiro, Morrel empalidecia.

Examinou as balas com as quais Monte-Cristo executara aquela proeza: viu que elas não eram maiores do que chumbinhos.

— É impressionante... — disse ele. — Veja só, Emmanuel!

Então, voltando-se a Monte-Cristo: — Conde — disse ele —, em nome do céu, não mate Albert! O infeliz tem uma mãe!

— É justo — disse Monte-Cristo —, e eu não tenho.

Essas palavras foram pronunciadas em tom que deixou Morrel arrepiado.

— O ofendido é o senhor, conde.

— Certamente... E o que isso significa?

— Significa que vai atirar primeiro.

— Vou atirar primeiro?

— Oh, isso eu consegui, ou melhor, exigi... Fizemos muitas concessões para que lhe fizessem essa.

— E a quantos passos?

— A vinte passos.

Um sorriso assustador percorreu os lábios do conde.

— Morrel — disse ele —, não se esqueça do que acaba de ver.

— É por isso que só conto com a sua emoção para salvar Albert — disse o jovem.

— Eu, emocionado? — perguntou Monte-Cristo.

— Ou com a sua generosidade, meu amigo... Certo de sua vitória como está, posso lhe dizer uma coisa que seria ridícula se a dissesse a outro.

— O quê?

— Quebre-lhe um braço, fira-o, mas não o mate.

— Morrel, preste atenção — disse o conde. — Eu não preciso ser encorajado a poupar o senhor de Morcerf... O senhor de Morcerf, digo-lhe desde já, tanto será poupado que voltará tranquilamente, com os seus dois amigos, enquanto eu...

— Bem, e o senhor?

— Oh, comigo vai ser diferente, vão ter de me carregar.

— Ora, vamos! — exclamou Morrel, fora de si.

— É como lhe digo, meu caro Morrel... O senhor de Morcerf vai me matar.

Morrel olhou o conde como alguém que nada compreendia.

— Então o que lhe aconteceu desde ontem à noite, conde?

— O que aconteceu a Brutus na véspera da batalha de Filipos: vi um fantasma.¹⁶

— E esse fantasma...?

— Esse fantasma, Morrel, me disse que já vivi o bastante.

Maximilien e Emmanuel se olharam; Monte-Cristo puxou o relógio.

— Vamos — disse ele —, já são sete e cinco, e o duelo está marcado para as oito em ponto.

Uma carruagem atrelada já os esperava; Monte-Cristo subiu com suas duas testemunhas.

Ao atravessarem o corredor, Monte-Cristo parara para escutar a uma porta; Maximilien e Emmanuel, que por discrição tinham dado

alguns passos adiante, julgaram ouvi-lo suspirar em resposta a um soluço.

Às oito em ponto, já estavam no local do duelo.

— Já chegamos — disse Morrel, passando a cabeça pela portinhola —, e somos os primeiros.

— O senhor vai me desculpar — disse Baptistin, que acompanhava o seu amo com terror inexprimível —, mas acho que estou vendo ali adiante uma carruagem à sombra das árvores.

Monte-Cristo saltou da carruagem com agilidade e deu a mão a Emmanuel e Maximilien para ajudá-los a descer.

Maximilien segurou a mão do conde entre as suas.

— Que bom — disse ele —, eis uma mão segura, como gosto de ver em um homem cuja vida repousa na bondade de sua causa.

— De fato — disse Emmanuel —, estou vendo dois jovens passeando, parecendo esperar.

Monte-Cristo puxou Morrel não à parte, mas um ou dois passos atrás de seu cunhado.

— Maximilien — perguntou-lhe —, seu coração está livre?

Morrel, surpreso, olhou Monte-Cristo.

— Não lhe peço uma confidência, meu caro amigo: apenas lhe faço uma simples pergunta... Responda sim ou não: é tudo o que lhe peço.

— Amo uma jovem, conde.

— Você a ama muito?

— Mais que à vida.

— Bem — disse Monte-Cristo —, mais uma esperança que se vai.

Então, suspirando:

— Pobre Haydée! — murmurou ele.

— Na verdade, conde — exclamou Morrel —, se o conhecesse menos, eu o julgaria menos corajoso do que é.

— Porque estou pensando em alguém que vou deixar, por quem suspiro? Ora, vamos, Morrel: pode um soldado avaliar tão mal a coragem? Acaso lamento perder a vida? Que me importa, a mim que passei vinte anos entre a vida e a morte, viver ou morrer? Aliás, fique tranquilo, Morrel: esta fraqueza, se de fato for uma fraqueza,

só a mostro a você. Sei que o mundo é um salão de onde é preciso sair educada e honestamente, ou seja, cumprimentando e pagando as suas dívidas de jogo.

— Tanto melhor — disse Morrel —, isso é que é falar... A propósito, trouxe as suas armas?

— Eu? Para que trazê-las? Espero que aqueles senhores tenham trazido as suas.

— Vou perguntar — disse Morrel.

— Bem, mas nada de negociações, entende?

— Oh, fique tranquilo.

Morrel avançou até Beauchamp e Château-Renaud. Estes, ao verem Maximilien se aproximar, deram alguns passos ao seu encontro.

Os três jovens se cumprimentaram, se não com afabilidade, ao menos com cortesia.

— Perdão, senhores — disse Morrel —, mas não estou vendo o senhor de Morcerf...

— Esta manhã — respondeu Château-Renaud —, ele mandou avisar que só nos encontraria no local do duelo.

— Ah! — fez Morrel.

Beauchamp puxou o relógio.

— Oito e cinco... Ainda não houve atraso, senhor Morrel — disse ele.

— Oh — respondeu Maximilien Morrel —, não foi com essa intenção que falei...

— Aliás — interrompeu Château-Renaud —, ali vem uma carruagem.

De fato, uma carruagem avançava a grande trote por uma das avenidas que davam no cruzamento em que estavam.

— Senhores — disse Morrel —, certamente trouxeram pistolas. O senhor de Monte-Cristo declara renunciar ao direito que tinha de servir-se das suas.

— Previmos esta delicadeza da parte do conde, senhor Morrel — respondeu Beauchamp —, e trouxe armas que comprei há oito ou dez dias, julgando que precisaria delas em tal caso. Elas são absolutamente novas, nunca foram usadas por ninguém. Quer examiná-las?

— Oh, senhor Beauchamp — exclamou Morrel, curvando-se —, quando me assegura que o senhor de Morcerf não conhece essas armas, não acha que a sua palavra me basta?

— Senhores — disse Château-Renaud —, não era Morcerf que vinha naquela carruagem: era, palavra, eram Franz e Debray.

De fato, os dois jovens mencionados se aproximaram.

— Vocês aqui, cavalheiros?! — exclamou Château-Renaud, trocando um aperto de mão com cada um deles. — E por que motivo?

— Porque esta manhã Albert mandou nos pedir que viéssemos ao local do duelo — disse Debray.

Beauchamp e Château-Renaud olharam-se perplexos.

— Senhores — disse Morrel —, acho que sei por quê.

— Diga!

— Ontem à tarde recebi uma carta do senhor Morcerf pedindo-me que fosse à Ópera.

— E eu também — disse Debray.

— E eu também — disse Franz.

— E nós também — disseram Château-Renaud e Beauchamp.

— Ele queria que vocês estivessem presentes à provocação — disse Morrel —, quer que estejam presentes ao duelo.

— Sim — disseram os jovens —, é isso, senhor Maximilien, provavelmente adivinhou corretamente.

— Mas, com tudo isso — murmurou Château-Renaud —, Albert não aparece: já está dez minutos atrasado.

— Ali está ele — disse Beauchamp —, vindo a cavalo... Vejam: ele vem a todo galope, acompanhado de seu criado.

— Mas que imprudência — disse Château-Renaud —, vir a cavalo para duelar à pistola! E eu que tinha lhe ensinado a lição tão bem!

— E depois, veja só — disse Beauchamp —, com um colarinho na gravata, com uma casaca aberta, com um colete branco... Por que não mandou logo desenhar um alvo no ventre? Seria mais simples, acabaria mais depressa!

Entretanto, Albert chegara a dez passos do grupo formado pelos cinco jovens; deteve o cavalo, saltou ao chão e largou as rédeas nas mãos do criado.

Albert aproximou-se.

Estava pálido, com os olhos vermelhos e inchados. Via-se que não dormira um segundo durante toda a noite.

Espalhada por toda a sua fisionomia, havia um tom de triste gravidade que não lhe era habitual.

— Obrigado, cavalheiros — disse Albert —, pela gentileza de aceitarem meu convite... Acreditem em minha ilimitada gratidão por essa prova de amizade.

À aproximação de Morcerf, Morrel dera dez passos para trás e mantinha-se à distância.

— E os meus agradecimentos se estendem também a você, senhor Morrel... — disse Albert. — Portanto, aproxime-se: não está a mais.

— O senhor talvez não saiba que eu sou testemunha do senhor de Monte-Cristo... — disse Maximilien.

— Não tinha certeza disso, mas já desconfiava. Tanto melhor! Quanto mais homens de honra tivermos aqui, mais ficarei satisfeito.

— Senhor Morrel — disse Château-Renaud —, pode anunciar ao senhor conde de Monte-Cristo que o senhor de Morcerf chegou, e que estamos à sua disposição.

Morrel fez um movimento para cumprir a sua missão.

Ao mesmo tempo, Beauchamp retirava da carruagem a caixa de pistolas.

— Esperem, senhores — disse Albert —, tenho duas palavras a dizer ao senhor conde de Monte-Cristo.

— Em particular? — perguntou Morrel.

— Não, senhor: diante de todos.

As testemunhas de Albert olharam-se surpresas; Franz e Debray trocaram algumas palavras em voz baixa; satisfeito com aquele incidente inesperado, Morrel foi chamar o conde, que passeava em outra alameda ao lado de Emmanuel.

— O que ele deseja? — perguntou Monte-Cristo.

— Ignoro, mas ele quer falar com o senhor.

— Oh — exclamou Monte-Cristo —, que ele não tente a Deus com algum novo ultraje!

— Não acho que seja essa a sua intenção — disse Morrel.

O conde avançou, acompanhado por Maximilien e Emmanuel; a sua face calma e cheia de serenidade contrastava enormemente com a face transtornada de Albert, que se aproximava, de seu lado, acompanhado pelos quatro jovens.

A três passos um do outro, Albert e o conde se detiveram.

— Senhores — disse Albert —, aproximem-se... Não quero que percam nem uma palavra do que terei a honra de dizer ao senhor conde de Monte-Cristo... Pois o que terei a honra de lhe dizer deve ser repetido pelos senhores a quem quiser ouvir, por mais estranho que lhes pareça meu discurso.

— Estou esperando, senhor — disse o conde.

— Cavalheiro — disse Albert, em voz a princípio trêmula, mas cada vez mais firme —, cavalheiro, acusei-o de ter divulgado a conduta do senhor de Morcerf no Epiro... Pois, por mais culpado que fosse o conde de Morcerf, eu não julgava que o senhor tivesse o direito de puni-lo. Mas hoje, cavalheiro, hoje sei que esse direito lhe pertence. Não é a traição de Fernand Mondego a Ali Paxá que

me deixa pronto a desculpá-lo: é a traição do pescador Fernand ao senhor, são as inauditas desgraças que seguiram essa traição. Assim o digo, assim o proclamo em voz alta: sim, senhor, teve razão de se vingar de meu pai, e eu, filho dele, agradeço-lhe por não ter feito mais.

Se caísse no meio dos espectadores desta cena inesperada, o relâmpago não os surpreenderia mais do que essa declaração de Albert.

Quanto a Monte-Cristo, os seus olhos tinham se erguido lentamente aos céus, com uma expressão de infinita gratidão, e ele não poderia admirar suficientemente como a natureza ferosa de Albert — cuja coragem conhecera bem, no meio dos bandidos romanos — dobrara-se de repente àquela súbita humilhação. Logo reconheceu a influência de Mercedes e compreendeu como aquele nobre coração não se opusera ao sacrifício que ela já sabia ser inútil.

— Agora, cavalheiro — continuou Albert —, se acha que as desculpas que acabo de lhe pedir são suficientes, estenda-me a mão, por favor. Depois do tão raro mérito da infalibilidade que me parece ser o seu, o primeiro de todos os méritos, em minha opinião, é saber reconhecer os próprios erros. Mas esse reconhecimento só diz respeito a mim mesmo. Eu agia bem, na opinião dos homens; mas o senhor agia bem na opinião de Deus. Só um anjo poderia salvar um de nós da morte, e o anjo desceu do céu, se não para sermos amigos, ai, a fatalidade torna essa amizade impossível, ao menos para sermos dois homens que se estimam.

Monte-Cristo, com os olhos úmidos, o peito ofegante, a boca entreaberta, estendeu a Albert uma mão que este pegou e apertou com um sentimento que parecia respeitoso temor.

— Senhores — disse ele —, o senhor de Monte-Cristo quer aceitar as minhas desculpas. Agi precipitadamente contra ele. A precipitação é má conselheira: agi mal. Agora o meu erro está reparado. Espero que a sociedade não me considere um covarde por ter feito o que minha consciência me ordenou fazer. Mas, em todo caso, se as pessoas se enganarem a meu respeito — acrescentou o jovem, erguendo a cabeça com orgulho, como se

lançasse um desafio a seus amigos e a seus inimigos —, tentarei mudar a sua opinião.

— Mas o que foi que aconteceu esta noite? — perguntou Beauchamp a Château-Renaud. — Parece que estamos representando um triste papel.

— Realmente, o que Albert acaba de fazer é triste demais, ou sublime demais — respondeu o barão.

— Ah, vamos — perguntou Debray a Franz —, o que significa isso? Mas como, o conde de Monte-Cristo desonra o senhor de Morcerf, e ele tem razão, aos olhos de seu filho?! Céus, se eu tivesse dez Janinas na minha família, só me julgaria obrigado a uma coisa: a duelar dez vezes.

Quanto a Monte-Cristo, com a cabeça inclinada, braços inertes, esmagado pelo peso de vinte e quatro anos de lembranças, não pensava nem em Albert, nem em Beauchamp, nem em Château-Renaud, nem em ninguém ali presente: pensava naquela corajosa mulher que viera lhe pedir a vida do filho, a quem ele oferecera a própria vida, e que acabara de salvá-lo contando um terrível segredo de família capaz de matar para sempre no jovem o sentimento de piedade filial.

— Sempre a Providência! — murmurou o conde. — Ah, só hoje tenho a certeza de que sou o enviado de Deus!

XCII. MÃE E FILHO

Com sorriso cheio de melancolia e dignidade, o conde de Monte-Cristo cumprimentou os cinco jovens e subiu à sua carruagem acompanhado por Maximilien e Emmanuel.

Albert, Beauchamp e Château-Renaud ficaram sozinhos no campo de batalha.

O jovem dirigiu às suas duas testemunhas um olhar que, sem ser tímido, parecia entretanto pedir a opinião deles sobre o que acabara de acontecer.

— Sinceramente, meu caro amigo — Beauchamp foi o primeiro a falar, talvez por ser mais sensível, talvez por ser menos dissimulado

—, permita-me felicitá-lo: tivemos um desfecho bastante inesperado para um caso bastante desagradável.

Albert permaneceu mudo, concentrado em seu devaneio. Château-Renaud contentou-se em bater a bota com sua bengala flexível.

— Não vamos embora? — perguntou ele depois desse silêncio embaraçoso.

— Quando quiser — respondeu Beauchamp. — Dê-me apenas o tempo de cumprimentar o senhor de Morcerf... Hoje ele deu provas de uma generosidade tão cavalheiresca... tão rara!

— Ah, é verdade! — exclamou Château-Renaud.

— É magnífico manter sobre si mesmo um domínio assim tão amplo! — continuou Beauchamp.

— Certamente... Quanto a mim, eu teria sido incapaz — disse Château-Renaud, com uma frieza das mais significativas.

— Senhores — interrompeu Albert —, creio que não compreenderam que entre o senhor de Monte-Cristo mim e se passou algo muito grave...

— É verdade, é verdade — respondeu prontamente Beauchamp —, mas nem todos os nossos tolos seriam capazes de compreender o seu heroísmo... E, cedo ou tarde, você pode ver-se obrigado a explicar-lhes com mais energia do que convém à saúde de seu corpo e à sua longevidade. Quer ouvir um conselho de amigo? Parta para Nápoles, Haia ou São Petersburgo, lugares calmos, onde os homens são mais inteligentes sobre as questões de honra do que as esquentadas cabeças parisienses. Uma vez lá, pratique bastante tiro ao alvo, pratique esgrima ao infinito... E torne-se bastante esquecido para voltar tranquilamente à França dentro de alguns anos, ou bastante respeitável em seus exercícios com as armas para conquistar a sua tranquilidade. Não é verdade, senhor de Château-Renaud, que tenho razão?

— É exatamente a minha opinião — respondeu o cavalheiro. — Nada provoca mais duelos sérios do que um duelo falhado.

— Obrigado, cavalheiros — respondeu Albert, sorrindo friamente. — Vou seguir o seu conselho, não porque vocês me aconselharam, mas porque já estava mesmo pensando em deixar a

França. Agradeço-lhes igualmente pelo serviço prestado como testemunhas. Ele está profundamente gravado em meu coração, pois, depois das palavras que acabo de ouvir, já não me lembro mais do que dele.

Château-Renaud e Beauchamp se olharam. Ambos tinham a mesma impressão —o tom em que Morcerf pronunciara o seu agradecimento era tão decidido que todos ficariam embaraçados se a conversa prosseguisse.

— Adeus, Albert — disse de repente Beauchamp, estendendo negligentemente a mão ao jovem, sem que este parecesse sair de sua letargia.

De fato, ante a mão estendida, ele nada respondeu.

— Adeus — disse por sua vez Château-Renaud, guardando a pequena bengala com a mão esquerda e cumprimentando com a mão direita.

Os lábios de Albert apenas murmuraram: “Adeus!”. Seu olhar era mais explícito: encerrava todo um poema de cóleras contidas, de orgulhosos desdêns e de generosa indignação.

Depois que as suas duas testemunhas subiram à carruagem, ele ainda conservou por algum tempo a sua pose imóvel e melancólica; então, de repente, soltando o cavalo da pequena árvore em torno da qual o criado prendera as rédeas, saltou agilmente à sela e retomou a galope o caminho de Paris. Um quarto de hora depois, chegava ao palácio da rua do Helder.

Ao descer do cavalo, julgou ver atrás da cortina do quarto do conde o rosto pálido do pai; Albert virou o rosto suspirando e entrou em seu pequeno pavilhão.

Ali chegando, lançou um último olhar a todas aquelas riquezas que tinham lhe tornado a vida tão doce e tão feliz desde a infância; olhou mais uma vez aqueles quadros: as figuras pareciam lhe sorrir, as paisagens pareciam animar-se de cores vivas.

Então ele tirou da moldura de carvalho o retrato da mãe, que enrolou, deixando vazio e sombrio o caixilho dourado a enquadrá-lo.

A seguir, pôs em ordem as suas belas armas turcas, os seus belos fuzis ingleses, as suas porcelanas japonesas, as suas taças trabalhadas, os seus bronzes artísticos, assinados por Feuchères ou

Barye; revistou os armários e trancou cada um deles; atirou em uma gaveta de sua escrivaninha, que deixou aberta, todo o dinheiro miúdo que trazia consigo, juntou a ele as mil bijuterias bizarras que povoavam as suas taças, estojos e prateleiras; fez um inventário exato e preciso de tudo e o colocou no lugar mais visível de uma mesa, depois de tirar dela os livros e papéis que a abarrotavam.

No início desse trabalho, apesar da ordem que Albert lhe dera de deixá-lo sozinho, seu criado entrara no quarto.

— O que deseja? — perguntou-lhe Morcerf, em tom mais triste do que irritado.

— Perdão, senhor — disse o camareiro. — O senhor me proibira incomodá-lo, é verdade, mas o conde de Morcerf mandou me chamar.

— E então? — perguntou Albert.

— Não quis apresentar-me ao conde sem receber as ordens do senhor.

— E por quê?

— Porque com certeza o conde deve saber que acompanhei o senhor ao duelo.

— Provavelmente — disse Albert.

— E, se ele manda me chamar, certamente é para me interrogar sobre o que aconteceu lá. O que devo responder?

— A verdade.

— Então direi que o duelo não aconteceu?

— Dirá que apresentei as minhas desculpas ao senhor conde de Monte-Cristo... Vá.

O valete reverenciou e saiu.

Então Albert voltou a seu inventário.

Quando terminava essa tarefa, um ruído de cavalos ecoando no pátio e de rodas de carruagem abalando as vidraças chamou a sua atenção; Albert aproximou-se da janela: viu o pai entrar em seu carro e partir.

Assim que o portão do palácio se fechou atrás do conde, Albert dirigiu-se aos aposentos da mãe; como não havia ninguém para anunciá-lo, penetrou até o quarto de Mercedes e, com o coração amargurado pelo que via e pelo que pressentia, parou à soleira.

Como se a mesma alma animasse aqueles dois corpos, Mercedes fazia em seu quarto o que Albert acabara de fazer no seu.

Tudo fora colocado em ordem: as rendas, os enfeites, as joias, a roupa e o dinheiro alinhavam-se no fundo das gavetas, cujas chaves a condessa reunia cuidadosamente.

Albert observou todos aqueles preparativos; entendeu-os e, exclamando “Mamãe!”, passou os braços ao redor do pescoço de Mercedes.

O pintor que conseguisse captar a expressão daquelas duas figuras certamente faria um belo quadro.

De fato, todos aqueles preparativos, derivados de uma decisão enérgica que não atemorizara Albert ao empreendê-los, atemorizava-o ao ver a mãe empreendê-los.

— O que está fazendo? — perguntou ele.

— O que estava fazendo? — respondeu ela.

— Oh, mamãe — exclamou Albert, comovido a ponto de mal conseguir falar —, não é a mesma coisa... Não, não pode tomar a mesma decisão que eu, pois vim avisá-la que estou dizendo adeus à sua casa e... e a você.

— Eu também, Albert — respondeu Mercedes. — Eu também estou partindo. Confesso que esperava que meu filho me acompanhasse... Enganei-me?

— Mamãe — disse Albert com firmeza —, não posso levá-la a partilhar o destino que escolhi... De hoje em diante vou ter de viver sem nome e sem fortuna... Para começar o aprendizado dessa rude existência, vou ter de pedir a um amigo o pão que comerei, até o momento em que ganhar o meu próprio pão. Então, querida mãe, agora vou até a casa de Franz pedir-lhe que me empreste a pequena soma que calculei ser necessária.

— Você, minha pobre criança?! — exclamou Mercedes. — Você, suportar a miséria, passar fome?! Oh, não diga isso, você iria de encontro a todas as minhas decisões.

— Mas não às minhas decisões, mamãe — respondeu Albert. — Sou jovem, sou forte, acho que sou corajoso... E desde ontem sei o que pode a vontade. Ai, mamãe, há pessoas que sofreram tanto, mas que todavia não morreram, como também edificaram uma nova

fortuna sobre a ruína de todas as promessas de felicidade que o céu lhes fizera, sobre as ruínas de todas as esperanças que Deus lhes dera! Aprendi isso, mamãe, e vi esses homens... Sei que, do fundo do abismo onde os mergulhara o inimigo, eles se reergueram com tanto vigor, com tanta glória, que venceram o ex-vencedor e o derrubaram por sua vez. Não, mamãe, não... Desde hoje rompo com o passado e não aceito mais nada dele, nem mesmo o meu nome, pois, como deve compreender, não é?, mamãe, o seu filho não pode usar o nome de um homem que deve enrubescer diante de outro homem.

— Albert, meu filho — disse Mercedes —, se eu tivesse um coração mais forte, seria esse o conselho que lhe daria... A sua consciência falou quando a minha voz extinta se calava... Escute a sua consciência, meu filho. Você tinha amigos, Albert; rompa momentaneamente com eles, mas não se desespere, em nome de sua mãe! A vida é bela, ainda, na sua idade, meu querido Albert, pois você tem apenas vinte e dois anos... E, como a um coração tão puro quanto o seu convém um nome sem mancha, use o nome de meu pai: ele se chamava Herrera. Eu o conheço, meu Albert... Seja qual for a carreira que seguir, em pouco tempo você tornará esse nome ilustre. Então, meu amigo, reaparecerá na sociedade ainda mais brilhante do que antes de suas desgraças... E, se isso não vier a acontecer, apesar de todas as minhas expectativas, ao menos deixe-me essa esperança, a mim, que só terei esse único pensamento, a mim, que não terei mais futuro, para quem o túmulo começa no limiar desta casa.

— Agirei segundo a sua vontade, mamãe — disse o jovem. — Sim, compartilho a sua esperança: a cólera do céu não vai nos perseguir, a você tão pura, a mim tão inocente. Mas, como estamos decididos, devemos agir prontamente. O senhor de Morcerf saiu do palácio há cerca de meia hora: como vê, a ocasião é propícia para evitar barulho e explicações.

— Estou à sua espera, meu filho — disse Mercedes.

Albert logo correu até a avenida, de onde trouxe um fiacre que devia levá-los para fora do palácio; lembrava-se de certa casinha mobiliada, na rua dos Santos Padres, onde sua mãe encontraria um

alojamento modesto, mas decente; então voltou para buscar a condessa.

Quando o fiacre parou em frente ao portão, no momento em que Albert descia um homem aproximou-se dele e entregou-lhe uma carta.

Albert reconheceu o intendente.

— Carta do conde — disse Bertuccio.

Albert pegou a carta, abriu-a e leu-a.

Depois de ler, procurou com os olhos Bertuccio, mas enquanto o jovem lia Bertuccio desaparecera.

Então Albert, com lágrimas nos olhos, com o peito a transbordar de emoção, entrou no quarto de Mercedes e, sem dizer uma só palavra, entregou-lhe a carta.

Mercedes leu:

Albert, Ao revelar-lhe que adivinhei o plano ao qual se entrega, creio revelar-lhe também que compreendo a delicadeza... Você está livre, deixa o palácio do conde e leva consigo a sua mãe, livre como você; mas pense bem, Albert: você lhe deve mais do que poderia lhe pagar, pobre coração nobre que você é. Reserve para si a luta, reclame para si o sofrimento, mas poupe-lhe essa miséria inicial que inevitavelmente acompanhará os seus primeiros esforços; pois ela não merece nem mesmo o reflexo da desgraça que hoje a golpeia, e a Providência não deseja que o inocente pague pelo culpado.

Sei que ambos vão deixar a casa da rua do Helder sem levar nada. Como vim a saber, não tente descobrir. Sei-o; nada mais.

Escute, Albert.

Há vinte e quatro anos, eu voltava, muito alegre e orgulhoso, à minha terra. Eu tinha uma noiva, Albert, uma santa jovem que eu adorava, e trazia à minha noiva cento e cinquenta luíses economizados penosamente com um trabalho sem descanso. Esse dinheiro era para ela, eu o destinava a ela, e, sabendo como o mar é traiçoeiro, eu enterrara o nosso tesouro no jardimzinho da casa onde meu pai morava em Marselha, nas alamedas de Meilhan.

Sua mãe, Albert, conhece bem aquela pobre querida casa.

Recentemente, vindo a Paris, passei por Marselha. Fui ver aquela casa de dolorosas recordações; e à noite, de enxada na mão, sondei o canto onde eu enterrara o meu tesouro. O cofrinho de ferro ainda estava no mesmo lugar, ninguém o tocara; ele está no canto que uma bela figueira, plantada por meu pai no dia em que nasci, cobre com sua sombra.

Pois bem, Albert, esse dinheiro, que outrora devia favorecer a vida e a tranquilidade dessa mulher que eu adorava, hoje, por estranho e doloroso acaso, encontrou o mesmo emprego. Oh, compreenda bem minha intenção: eu poderia oferecer milhões a essa pobre mulher, mas dou-lhe apenas o pedaço de pão preto

esquecido debaixo de meu pobre teto desde o dia em que fui separado daquela que eu amava.

Você é um homem generoso, Albert, mas talvez esteja cego de orgulho ou de ressentimento; se você recusar, se pedir a outro o que tenho o direito de lhe oferecer, direi que é pouco generoso de sua parte recusar a vida de sua mãe oferecida por um homem cujo pai o seu pai fez morrer nas garras da fome e do desespero.

Terminada a leitura, Albert permaneceu pálido e imóvel, à espera da decisão de sua mãe.

Mercedes ergueu aos céus um olhar de inefável expressão.

— Eu aceito — disse ela. — Ele tem o direito de pagar o dote que levarei para um convento.

E, guardando a carta no seio, pegou o braço do filho e, em passo talvez mais firme do que ela mesma esperava, tomou o caminho da escadaria.

XCIII. O SUICÍDIO

Entretanto, Monte-Cristo também voltava à cidade, ao lado de Emmanuel e Maximilien.

A volta foi alegre. Emmanuel não escondia a alegria de ver a paz suceder a guerra e confessava abertamente as suas tendências filantrópicas. No canto da carruagem, Morrel deixava a alegria do cunhado se evaporar em palavras e reservava para si uma alegria não menos sincera, mas que só transparecia em seu olhar.

Na barreira do Trono, encontraram Bertuccio: ele esperava ali, imóvel como uma sentinela em seu posto.

Monte-Cristo passou a cabeça pela portinhola, trocou com ele algumas palavras em voz baixa e o intendente desapareceu.

— Senhor conde — disse Emmanuel ao chegarem à altura da praça Real —, por favor, mande me deixarem na porta de minha casa, para que minha mulher não tenha tempo de se preocupar pelo senhor ou por mim.

— Se não fosse ridículo ficar exibindo o seu triunfo — disse Morrel —, eu convidaria o senhor conde a entrar conosco... Mas o conde certamente também tem corações trêmulos para acalmar.

Aqui estamos, Emmanuel: cumprimentemos o nosso amigo e o deixemos seguir seu caminho.

— Um momento — disse Monte-Cristo —, não me privem assim de repente dos meus dois companheiros... Emmanuel, vá ver a sua encantadora mulher, a quem o encarrego de apresentar todos os meus cumprimentos, e você, Morrel, acompanhe-me até os Campos Elíseos.

— Maravilha — disse Maximilien —, tanto mais que tenho um compromisso em seu bairro, conde.

— E o esperamos para almoçar? — perguntou Emmanuel.

— Não... — disse o jovem.

A portinhola se fechou — a carruagem seguiu seu caminho.

— Veja só como eu lhe dei sorte — disse Morrel, ao ver-se sozinho com o conde. — Não tinha pensado nisso?

— Tinha — disse Monte-Cristo —, é por isso que quero mantê-lo sempre ao meu lado...

— É um milagre! — continuou Morrel, respondendo a seu próprio pensamento.

— O quê? — perguntou Monte-Cristo.

— O que acaba de acontecer.

— Sim — respondeu o conde, com um sorriso —, exato, você disse a palavra, Morrel: é um milagre!

— Porque, afinal — continuou Morrel —, Albert é corajoso.

— Muito corajoso — disse Monte-Cristo. — Eu o vi dormir com o punhal suspenso sobre a sua cabeça.

— E eu sei que ele já duelou duas vezes, e duelou muito bem — disse Morrel. — Veja se isso combina com o seu comportamento desta manhã.

— Mais uma vez, a sua influência... — prosseguiu Monte-Cristo, sorrindo.

— Sorte de Albert não ser soldado — disse Morrel.

— Por quê?

— Desculpas no campo de batalha?!... — fez o jovem capitão, balançando a cabeça.

— Ora, vamos — disse o conde docemente —, não vá recair nos preconceitos dos homens vulgares, Morrel... Não concorda que, se

Albert é corajoso, não pode ser covarde? Ele não devia ter alguma razão para agir como agiu esta manhã? Portanto, o seu comportamento não é mais heroico do que qualquer outra coisa?

— Certamente, certamente — respondeu Morrel. — Eu lhe direi, no entanto, como o espanhol: “Hoje ele foi menos corajoso do que ontem”...

— Morrel, você vai almoçar comigo, não vai? — perguntou o conde, para mudar de assunto.

— Não... Vou embora às dez horas.

— Então o seu compromisso é para almoçar?

Morrel sorriu e balançou a cabeça.

— Mas, afinal, é preciso que você almoce em algum lugar...

— E se eu não estiver com fome? — perguntou o jovem.

— Oh — fez o conde —, só conheço dois sentimentos que tiram assim o apetite: a dor (e como, felizmente, vejo-o muito alegre, não se trata de dor) e o amor. Ora, pelo que você me disse a respeito de seu coração, posso acreditar...

— É verdade, conde — replicou alegremente Morrel —, não digo que não...

— E não ia me contar nada, Maximilien? — continuou o conde em tom tão animado que mostrava todo o seu interesse em conhecer aquele segredo.

— Hoje de manhã eu lhe mostrei que tinha um coração, não é verdade, conde?

Como resposta, Monte-Cristo estendeu a mão ao jovem.

— Bem — continuou o jovem —, desde que esse coração já não está mais com o senhor no bosque de Vincennes, ele está em outra parte, onde vou encontrá-lo.

— Vá — disse lentamente o conde —, vá, meu caro amigo... Mas, por favor: se esbarrar em algum obstáculo, lembre-se de que tenho algum poder neste mundo, de que fico feliz em empregar esse poder em favor das pessoas estimadas, e que o estimo, Morrel.

— Bem — disse o jovem —, vou me lembrar disso como os filhos egoístas lembram-se dos pais quando precisam deles. Quando precisar do senhor, e talvez isso venha a acontecer, vou procurá-lo, conde.

— Bem, tenho a sua palavra. Então, adeus.

— Até a vista.

Tinham chegado à porta da casa dos Campos Elíseos. Monte-Cristo abriu a portinhola. Morrel saltou à calçada. Bertuccio esperava na escadaria.

Morrel desapareceu pela avenida de Marigny. Monte-Cristo caminhou rapidamente ao encontro de Bertuccio.

— E então? — perguntou Monte-Cristo.

— Então — respondeu o intendente —, ela vai deixar a casa.

— E seu filho?

— Florentin, seu camareiro, acha que ele vai fazer o mesmo.

— Venha.

Monte-Cristo levou Bertuccio a seu gabinete, escreveu a carta que já conhecemos e entregou-a ao intendente.

— Vá — disse ele —, e vá depressa... A propósito, mande avisar Haydée que cheguei.

— Aqui estou — disse a jovem, que descera ao ouvir o ruído da carruagem: ao rever o conde são e salvo, seu rosto irradiava alegria.

Bertuccio saiu.

Todos os transportes de uma filha ao rever o pai querido, todos os delírios de uma amante ao rever o amante adorado, Haydée sentiu-os nos primeiros instantes daquele retorno aguardado por ela com tanta impaciência.

Embora fosse menos expansiva, a alegria de Monte-Cristo com certeza não era menor; a alegria, para os corações que sofreram por muito tempo, é como o orvalho para as terras secadas pelo sol: coração e terra absorvem a benéfica chuva que cai sobre eles, sem que nada apareça exteriormente.

Havia alguns dias, Monte-Cristo compreendia algo que por muito tempo não ousara imaginar: havia duas Mercedes no mundo, ele ainda poderia ser feliz.

Os seus olhos brilhantes de felicidade mergulhavam avidamente nos olhos úmidos de Haydée quando, de repente, a porta se abriu.

O conde franziu as sobrancelhas.

— O senhor de Morcerf! — exclamou Baptistin, como se esse nome já contivesse a sua desculpa.

De fato, o rosto do conde iluminou-se.

— Qual deles? — perguntou. — O conde ou o visconde?

— O conde.

— Meu Deus! — exclamou Haydée. — Então isso ainda não acabou?

— Não sei se acabou, minha filha querida — disse Monte-Cristo, tomando as mãos da jovem —, só sei que você não tem nada a temer.

— Oh, mas foi esse miserável que...

— Esse homem não tem nenhum poder sobre mim, Haydée — disse Monte-Cristo. — Foi quando o caso era com seu filho que era preciso temer.

— Assim, o que eu sofri — disse a jovem —, você nunca vai saber, meu senhor.

Monte-Cristo sorriu.

— Pelo túmulo de meu pai — disse Monte-Cristo, estendendo a mão sobre a cabeça da jovem —, eu lhe juro: se acontecer alguma desgraça, não será a mim...

— Acredito, meu senhor, como se ouvisse a voz de Deus — disse a jovem, oferecendo a fronte ao conde.

Monte-Cristo depositou naquela fronte tão pura e tão bela um beijo que fez dois corações baterem ao mesmo tempo, um com violência, outro surdamente.

— Oh, meu Deus! — murmurou o conde. — Permitiria que eu pudesse amar de novo?... Faça o senhor conde de Morcerf entrar no salão — disse ele a Baptistin, conduzindo a bela grega a uma escada oculta.

Uma palavra de explicação sobre essa visita, talvez esperada por Monte-Cristo, mas certamente inesperada por nossos leitores.

Enquanto Mercedes, como dissemos, fazia em seu quarto a mesma espécie de inventário que Albert fizera em seu quarto; enquanto ela classificava as suas joias, fechava as suas gavetas, juntava as suas chaves, para deixar tudo em perfeita ordem, não notara que uma figura pálida e sinistra aparecera na vidraça de uma porta que deixava entrar a luz do dia no corredor; dali era possível não apenas ver, mas também ouvir. Quem assim espreitava, sem

ser visto nem ouvido segundo todas as probabilidades, então viu, então ouviu tudo o que se passava no quarto da senhora de Morcerf.

Da porta envidraçada, o homem de cara pálida insinuou-se até o quarto do conde de Morcerf e, lá chegando, soergueu com a mão contraída a cortina de uma janela que dava para o pátio.

Ali ficou dez minutos imóvel, mudo, escutando as batidas de seu próprio coração. Para ele, dez minutos eram uma eternidade.

Foi então que Albert, voltando de seu duelo, percebeu o pai espreitando o seu retorno atrás de uma cortina e virou o rosto.

Os olhos do conde dilataram-se: ele sabia que o insulto de Albert a Monte-Cristo fora terrível — sabia que tal insulto, em qualquer país do mundo, provocaria um duelo mortal. Ora, Albert voltara são e salvo: logo, o conde estava vingado.

Um clarão de inefável alegria iluminou aquele rosto lúgubre, como o último raio de sol antes de se perder nas nuvens que menos parecem sua cama do que seu túmulo.

Mas, como dissemos, ele esperou em vão que o jovem subisse a seu quarto para contar-lhe o seu triunfo. Que o filho, antes do duelo, não quisesse ver o pai, cuja honra iria vingar, isso era compreensível; mas, uma vez vingada a honra do pai, por que esse filho não vinha lançar-se aos braços do pai?

Foi então que o conde, não podendo ver Albert, mandou chamar seu criado. Sabemos que Albert o autorizara a nada esconder do pai.

Dez minutos depois, via-se aparecer na escadaria o general de Morcerf, vestindo uma sobrecasaca negra com gola militar, calças negras, luvas negras.

Ao que parece, ele dera ordens prévias: assim que chegou ao último degrau da escadaria, a sua carruagem já atrelada saiu da cocheira e parou a seu lado.

Então o seu camareiro jogou dentro da carruagem um capote militar, enrijecido por duas espadas que envolvia; a seguir, fechando a portinhola, ele sentou-se perto do cocheiro.

O cocheiro inclinou-se diante da caleça para pedir ordens.

— Aos Campos Elíseos — disse o general —, à casa do conde de Monte-Cristo. Depressa!

Os cavalos saltaram sob o chicote a envolvê-los; cinco minutos depois, pararam em frente à casa do conde.

O senhor de Morcerf abriu pessoalmente a portinhola e, com a carruagem ainda a andar, saltou como um jovem à alameda, soou a campainha e desapareceu pela porta aberta, ao lado do criado.

Instantes depois, Baptistin anunciava ao senhor de Monte-Cristo o conde de Morcerf, e Monte-Cristo, despachando Haydée, ordenou que fizessem entrar no salão o conde de Morcerf.

O general media pela terceira vez todo o comprimento do salão quando, ao voltar-se, viu Monte-Cristo de pé à porta.

— Eh, é o senhor de Morcerf — disse tranquilamente Monte-Cristo. — Julguei ter ouvido mal.

— Sim, sou eu mesmo — disse o conde de Morcerf com terrível contração dos lábios, o que o impedia de articular com clareza.

— Agora, portanto, só me resta saber — disse Monte-Cristo — o motivo que me proporciona o prazer de ver o senhor conde de Morcerf assim tão cedo.

— Senhor, esta manhã teve um encontro com meu filho? — perguntou o general.

— Soube disso? — respondeu o conde.

— E soube também que meu filho tinha bons motivos para querer duelar com o senhor e para fazer todo o possível para matá-lo.

— De fato, cavalheiro, ele tinha bons motivos... Mas, como vê, apesar desses motivos, ele não me matou, nem sequer duelou comigo.

— Entretanto, ele o via como o motivo da desonra de seu pai, como o motivo da terrível ruína em que, neste momento, cai a minha casa.

— É verdade, cavalheiro — disse Monte-Cristo com a sua calma terrível. — Razão secundária, aliás, e não principal.

— Certamente o senhor apresentou-lhe alguma desculpa ou deu-lhe alguma explicação...

— Eu não lhe dei nenhuma explicação, e foi ele quem apresentou-me desculpas.

— Mas a que o senhor atribui esse comportamento?

— Provavelmente, à convicção de que havia em tudo isso um homem mais culpado do que eu.

— E quem seria esse homem?

— O pai dele.

— Que seja... — disse o conde, empalidecendo. — Mas o senhor sabe que o culpado não gosta de ser acusado de sua culpa.

— Sim, eu sei... Assim, eu já previa o que está acontecendo agora.

— Já previa que meu filho fosse um covarde? — exclamou o conde.

— O senhor Albert de Morcerf não é um covarde — disse Monte-Cristo.

— Um homem que empunha uma espada, um homem que tem um inimigo mortal ao alcance dessa espada... Esse homem, se não duela, é um covarde! Pena ele não estar aqui para que eu lhe diga isso!

— Cavalheiro — respondeu friamente Monte-Cristo —, não presumo que tenha vindo me procurar para me contar as suas pequenas intrigas familiares... Vá contar isso ao senhor Albert, talvez ele saiba o que lhe responder...

— Oh, não, não! — replicou o general com um sorriso fugaz. — Não, o senhor tem razão, não vim para isso! Vim para lhe dizer que também o vejo como meu inimigo! Vim para lhe dizer que o odeio instintivamente! Que, parece-me, sempre o conheci, sempre o odiei! E que afinal, se os jovens deste século já não duelam mais, é a nós que cabe duelar... Não é essa a sua opinião, cavalheiro?

— Perfeitamente... Assim, quando lhe disse que já previa o que está acontecendo, eu me referia à honra de sua visita...

— Tanto melhor... Então os seus preparativos já estão feitos?

— Estão sempre feitos, cavalheiro.

— Sabe que duelaremos até a morte de um de nós dois? — perguntou o general, com os dentes cerrados de raiva.

— Até a morte de um de nós dois — repetiu o conde de Monte-Cristo, fazendo leve movimento com a cabeça, de alto a baixo.

— Então vamos: não vamos precisar de testemunhas.

— Realmente — disse Monte-Cristo —, é inútil, nós nos conhecemos tão bem!

— Pelo contrário — disse o conde de Morcerf —, é que nós não nos conhecemos.

— Bah! — exclamou Monte-Cristo, com a mesma fleuma desesperadora. — Então, vejamos... O senhor não é o soldado Fernand, que desertou na véspera da batalha de Waterloo? Não é o tenente Fernand, que serviu de guia e espião ao exército francês, na Espanha? Não é o coronel Fernand, que traiu, vendeu e assassinou o seu benfeitor Ali Paxá? E todos esses Fernands reunidos não se tornaram o tenente-general conde de Morcerf, par de França?

— Oh! — exclamou o general, ferido por essas palavras como por ferro em brasa. — Oh, miserável que me reprova a minha vergonha no momento em que talvez vá me matar, não, eu não disse que você não me conhecia... Sei muito bem, demônio, que você penetrou na noite do meu passado, e que nela leu todas as páginas de minha vida, ignoro à luz de que archote... Mas talvez haja ainda mais honra em mim, em meu opróbrio, do que em você, debaixo de todas as suas aparências pomposas. Não, não, você me conhece, sei disso, mas eu não o conheço, aventureiro cheio de ouro e pedrarias! Em Paris, você se chama conde de Monte-Cristo; na Itália, Simbad, o Marujo; em Malta, como é mesmo o seu nome? Esqueci... Mas é o seu verdadeiro nome que lhe pergunto, é o seu verdadeiro nome que quero saber, em meio a seus cem nomes, para pronunciá-lo no campo do combate, no momento em que enterrar minha espada em seu coração.

O conde de Monte-Cristo empalideceu de maneira terrível: nos seus olhos selvagens brilharam um fogo devorador; ele deu um salto ao gabinete contíguo ao quarto e em menos de um segundo, arrancando a gravata, a sobrecasaca e o colete, vestiu uma blusa e um boné de marinheiro, sob o qual se desenrolaram os seus longos cabelos negros.

Voltou assim, terrível, implacável, caminhando, de braços cruzados, ao encontro do general, que nada compreendera de seu desaparecimento, que o esperava e que, sentindo os dentes baterem, as pernas lhe faltarem, recuou um passo e só parou ao encontrar numa mesa um ponto de apoio para sua mão crispada.

— Fernand! — gritou o conde. — De meus cem nomes, só preciso dizer-lhe um para fulminá-lo. Mas esse nome, você o adivinha, não é? Ou melhor, você se lembra? Pois apesar de todas as minhas desgraças, apesar de todas as minhas torturas, hoje lhe mostro um rosto que a alegria da vingança rejuvenesce, um rosto que você deve ter visto bastante em seus sonhos depois de seu casamento... com Mercedes, com a minha noiva!

O general, com a cabeça inclinada para trás, mãos estendidas, olhar fixo, devorou em silêncio aquele terrível espetáculo; então, procurando a parede para se apoiar, deslizou lentamente até a porta por onde saiu recuando, deixando escapar apenas este grito lúgubre, lamentoso, dilacerante: — Edmond Dantès!

Então, com suspiros que nada tinham de humano, arrastou-se até a fachada da casa, atravessou o pátio como um bêbado e caiu nos braços de seu camareiro, murmurando apenas, em voz ininteligível: — Ao palácio! Ao palácio!

No caminho, o ar fresco e a vergonha provocada pela atenção das pessoas deixaram-no em condições de coordenar as suas ideias; mas o trajeto foi curto — à medida que se aproximava de casa, o conde de Morcerf sentia renovarem-se todos os seus sofrimentos.

A alguns passos de casa, Morcerf mandou parar e desceu.

O portão do palácio estava escancarado; o cocheiro de um fiacre, muito surpreso por ter sido chamado àquela casa magnífica, estacionava no meio do pátio; Morcerf olhou aquele fiacre aterrado, mas sem ousar interrogar ninguém, e correu a seus aposentos.

Duas pessoas desciam a escada: ele só teve tempo de correr a um gabinete para evitá-las.

Era Mercedes, apoiada no braço do filho — ambos deixando o palácio.

Eles passaram a dois centímetros do infeliz, que, escondido atrás da cortina de damasco, chegou a ser tocado pelo vestido de seda de Mercedes e sentiu no rosto o hálito quente dessas palavras pronunciadas pelo filho: — Coragem, mamãe! Venha, venha: aqui já não estamos em nossa própria casa.

As palavras se extinguiram, os passos se afastaram.

O general aprumou-se, agarrando com mãos crispadas a cortina de damasco; reprimia o mais terrível soluço jamais saído do peito de um pai, abandonado ao mesmo tempo por sua esposa e por seu filho...

Logo ouviu bater a portinhola de ferro do fiacre, depois a voz do cocheiro, depois o rolar da pesada máquina sacudiu os vidros; então ele correu a seu quarto para ver mais uma vez tudo o que amara no mundo; mas o fiacre partiu sem que o rosto de Mercedes ou de Albert aparecesse na portinhola para dar à casa solitária, para dar ao pai e esposo abandonado o último olhar, o adeus e o pesar, isto é, o perdão.

Assim, no exato momento em que as rodas do fiacre sacudiam o calçamento do portão, um tiro ecoou, e uma fumaça escura saiu por uma das vidraças da janela do quarto, quebrada pela força da explosão.

XCIV. VALENTINE

Adivinha-se onde Morrel tinha compromisso e na casa de quem era o seu encontro.

Assim, ao deixar Monte-Cristo, Morrel encaminhou-se lentamente para a casa de Villefort.

Nós dissemos “lentamente”: é que Morrel tinha mais de meia hora para dar quinhentos passos; entretanto, apesar desse tempo ser mais do que suficiente, ele apressara-se a deixar Monte-Cristo, pois tinha pressa de ficar a sós com seus próprios pensamentos.

Ele sabia a que hora devia chegar — a hora em que Valentine, assistindo ao almoço de Noirtier, tinha certeza de não ser

perturbada nesse piedoso dever. Noirtier e Valentine permitiam-lhe duas visitas por semana e ele ia usufruir de seu direito.

Ele chegou — Valentine o esperava. Inquieta, quase alucinada, ela tomou-lhe a mão e levou-o até o avô.

Esta inquietude, levada, como dissemos, quase até a alucinação, vinha do barulho que a aventura de Morcerf provocara na sociedade; sabia-se (a sociedade sempre sabe) da aventura na Ópera. Na casa de Villefort, ninguém duvidava que essa aventura resultaria em um duelo; com o seu instinto de mulher, Valentine adivinhara que Morrel seria a testemunha de Monte-Cristo e, com a bem conhecida coragem do jovem, com a profunda amizade que ela sabia existir entre o jovem e o conde, temia que ele não se limitasse ao papel passivo que lhe era designado.

Compreende-se, portanto, com que avidez os detalhes foram pedidos, dados e recebidos, e Morrel pôde ler inefável alegria nos olhos de sua bem-amada quando ela soube que o terrível episódio tivera um desfecho tão feliz quanto inesperado.

— Agora — disse Valentine, fazendo a Morrel sinal para sentar-se ao lado do velho, enquanto ela mesma sentava-se no banquinho onde repousavam os pés do ancião —, agora falemos um pouco de nossos assuntos. Você sabe, Maximilien, que o vovô chegou a pensar em deixar esta casa e mudar para um apartamento fora do palácio do senhor de Villefort.

— Sim — respondeu Maximilien —, claro que me lembro desse plano, até mesmo o aplaudi.

— Bem — disse Valentine —, pode voltar a aplaudi-lo, Maximilien, pois o vovô o retomou.

— Maravilha! — exclamou Maximilien.

— E sabe que motivo alega o vovô para deixar a casa? — perguntou Valentine.

Noirtier olhava a neta para impor-lhe silêncio com o olhar, mas Valentine não olhava Noirtier: seus olhos, seu olhar, seu sorriso, tudo era para Morrel.

— Oh, qualquer que seja o motivo alegado pelo senhor Noirtier — exclamou Morrel —, acho que é muito bem fundado.

— Ótimo — disse Valentine. — Ele alega que o ar do subúrbio Saint-Honoré não me faz bem.

— De fato — disse Morrel. — Escute, Valentine: o senhor Noirtier pode ter razão... Há duas semanas vejo que a sua saúde anda alterada.

— Sim, um pouco, é verdade — respondeu Valentine. — Assim, o vovô constituiu-se como o meu médico, e, como o vovô sabe tudo, tenho plena confiança nele.

— Mas, afinal, é verdade que você está doente, Valentine? — perguntou ansiosamente Morrel.

— Oh, meu Deus, isso não se chama estar doente: sinto um mal-estar geral, nada mais... Perdi o apetite, e acho que o meu estômago trava uma luta para aceitar qualquer coisa.

Noirtier não perdia uma palavra de Valentine.

— E que tratamento está seguindo contra essa doença desconhecida?

— Oh, é muito simples — disse Valentine —, toda manhã tomo uma colher da poção que trazem para meu avô... Se eu disse uma colher, é que comecei por uma, mas agora já são quatro. Meu avô acha que é uma panaceia.

Valentine sorria, mas havia algo de triste e doloroso em seu sorriso.

Ébrio de amor, Maximilien olhava-a em silêncio; ela estava belíssima, mas sua palidez ganhara um tom mais abatido, em seus olhos brilhava uma chama mais ardente que de hábito, e suas mãos — habitualmente brancas como madrepérola — pareciam mãos de cera que um tom amarelo invadira com o tempo.

O jovem levou o olhar de Valentine a Noirtier; este observava, com sua estranha e profunda inteligência, a jovem absorta em seu amor; mas, como Morrel, ele também adivinhava os vestígios de surdo sofrimento — aliás, tão pouco visível que escapara aos olhos de todos, a não ser aos do avô e do enamorado.

— Mas essa poção da qual você passou a tomar quatro colheres foi receitada para o senhor Noirtier? — perguntou Morrel.

— Sei que ela é muito amarga — respondeu Valentine —, tão amarga que depois tudo o que bebo me parece ter o mesmo gosto.

Noirtier olhou a neta parecendo interrogar.

— Sim, vovô — disse Valentine —, é assim... Agora mesmo, antes de descer a seu quarto, bebi um copo de água com açúcar... Bem, só tomei metade, tão amarga a água me pareceu.

Noirtier empalideceu e fez sinal de que queria falar.

Valentine levantou-se para pegar o dicionário.

Noirtier seguiu-a com os olhos, com visível angústia.

De fato, o sangue subia à cabeça da jovem e suas maçãs se coloriam.

— Olhem! — exclamou ela, sem perder a alegria. — Estranho: não estou vendo nada! Será que é o sol batendo em meus olhos?...

E apoiou-se no fecho da janela.

— Não há sol — disse Morrel, ainda mais preocupado com a expressão do rosto de Noirtier do que com a indisposição de Valentine.

E correu a Valentine.

A jovem sorriu.

— Fique tranquilo, vovô... — disse ela a Noirtier. — Fique tranquilo, Maximilien: não é nada não, já passou... Mas então escutem! Não é o barulho de uma carruagem que estou ouvindo no pátio?

Ela abriu a porta de Noirtier, correu a uma janela do corredor e voltou depressa.

— Sim — disse ela —, é a senhora Danglars e sua filha, chegando para uma visita. Adeus, tenho que ir embora, pois viriam me procurar aqui... Ou melhor, até já: fique aqui com o vovô, senhor Maximilien, prometo não retê-las.

Morrel seguiu-a com os olhos, viu-a fechar a porta, ouviu-a subir a escadinha que levava aos aposentos da senhora de Villefort e aos seus.

Assim que ela desapareceu, Noirtier fez sinal a Morrel para pegar o dicionário.

Morrel obedeceu; orientado por Valentine, ele logo se acostumara a compreender o velho.

Entretanto, embora acostumado, como precisava passar em revista parte das vinte e quatro letras do alfabeto e procurar cada

palavra no dicionário, só ao fim de dez minutos o pensamento do velho foi traduzido por estas palavras: “Traga-me o copo d’água e a garrafa que estão no quarto de Valentine.”

Morrel logo soou chamando o criado que substituíra Barrois e, em nome de Noirtier, deu-lhe a ordem.

O criado voltou instantes depois.

A garrafa e o copo estavam completamente vazios.

Noirtier fez sinal de que queria falar.

— Por que o copo e a garrafa estão vazios? — perguntou ele. — Valentine disse que só tinha bebido metade do copo.

A tradução dessa nova pergunta consumiu mais cinco minutos.

— Não sei — disse o criado. — Mas a camareira está no quarto da senhorita Valentine... Talvez ela tenha esvaziado o copo.

— Pergunte-lhe — disse Morrel, desta vez traduzindo o pensamento de Noirtier pelo olhar.

O criado saiu e voltou logo em seguida.

— A senhorita Valentine passou em seu quarto para ir ao quarto da senhora de Villefort — disse ele. — E, ao passar, como estava com sede, bebeu o restante do copo... Quanto à garrafa, o senhor Édouard a esvaziou para fazer um tanque para seus patos.

Noirtier levou os olhos aos céus como um jogador que arrisca tudo o que tem numa só jogada.

Então os olhos do velho fixaram-se na porta e não a deixaram mais.

De fato, eram a senhora Danglars e sua filha que Valentine havia visto; elas foram conduzidas ao quarto da senhora de Villefort, que queria receber em seus aposentos; por isso Valentine passara pelos seus, que ficavam perto dos de sua madrasta — eles eram separados apenas pelos aposentos de Édouard.

As duas mulheres entraram no salão com aquela espécie de rigidez oficial que pressagia a comunicação de algum acontecimento.

Entre pessoas de mesma sociedade, uma nuance é logo compreendida. A senhora de Villefort respondeu àquela solenidade com solenidade.

Nesse momento, Valentine entrou e as reverências recomeçaram.

— Querida amiga — disse a baronesa, enquanto as duas jovens davam-se as mãos —, vim com Eugénie anunciar-lhe em primeira mão o iminente casamento de minha filha com o príncipe Cavalcanti.

Danglars conservara aquele título de príncipe: o banqueiro popular achava que “príncipe” era mais impressionante do que “conde”.

— Então, permita-me oferecer-lhe os meus sinceros cumprimentos — respondeu a senhora de Villefort. — O senhor príncipe Cavalcanti me parece ser um jovem repleto das mais raras qualidades.

— Escute... — disse a baronesa, sorrindo. — Se falamos como amigas, devo lhe dizer que o príncipe ainda não nos parece ser o que virá a ser. Nele ainda há um pouco daquela estranheza que nos leva a reconhecer, como francesas, logo à primeira vista, um nobre estrangeiro, italiano ou alemão. Mas ele parece ter um bom coração, muita fineza de espírito, e, quanto às conveniências, o senhor Danglars acha que sua fortuna é majestosa: foi essa a sua expressão.

— E, depois — disse Eugénie, folheando o álbum da senhora de Villefort —, acrescente que a senhora tem uma inclinação muito especial por esse jovem.

— E — disse a senhora de Villefort — nem preciso lhe perguntar se compartilha essa inclinação...

— Eu? — respondeu Eugénie, com o seu atrevimento habitual. — Oh, de maneira alguma, senhora... A minha vocação não era acorrentar-me aos cuidados de uma dona de casa ou aos caprichos de um homem, fosse ele quem fosse. A minha vocação era ser artista e livre, de acordo com meu coração, minha pessoa e meu pensamento.

Eugénie pronunciou essas palavras em tom tão vibrante e firme que o rubor subiu às faces de Valentine. A tímida jovem não conseguia compreender aquela vigorosa natureza que parecia não ter nenhum dos receios femininos.

— Ademais — continuou ela —, se sou destinada a ser casada, querendo ou não, devo agradecer à Providência, que, ao menos, proporcionou-me os desdêns do senhor Albert de Morcerf... Não fosse a Providência, hoje eu seria a mulher de um homem desonrado.

— Isso é verdade — disse a baronesa, com aquela estranha ingenuidade que às vezes encontramos nas grandes damas e que o convívio com os plebeus não lhes permite perder completamente. — Isso é verdade: não fosse a hesitação dos Morcerf, hoje minha filha estaria casada com aquele senhor Albert... O general fazia questão disso, até mesmo tentou convencer o senhor Danglars... Escapamos de uma boa.

— Mas — disse timidamente Valentine — será que toda aquela vergonha do pai recai sobre o filho? O senhor Albert me parece bem inocente de todas aquelas traições do general.

— Perdão, querida amiga — disse a implacável jovem. — O senhor Albert as reivindica e merece a sua parte: parece que depois de ter provocado o senhor de Monte-Cristo, ontem na Ópera, hoje lhe apresentou desculpas no campo de duelo.

— Impossível! — exclamou a senhora de Villefort.

— Ah, querida amiga — disse a senhora Danglars, com aquela mesma ingenuidade que já assinalamos —, a coisa é certa: soube-a do senhor Debray, que estava presente às desculpas.

Valentine também sabia a verdade, mas nada disse. Levada por uma palavra às suas recordações, encontrava-se em pensamento no quarto de Noirtier, onde Morrel a esperava.

Mergulhada nessa espécie de contemplação interior, Valentine havia um instante deixara de tomar parte na conversa; ela sequer poderia repetir o que diziam havia alguns minutos, quando de repente a mão da senhora Danglars, apoiando-se em seu braço, arrancou-a de seu devaneio.

— O que foi, minha senhora? — perguntou Valentine, estremeecendo ao contato dos dedos da senhora Danglars como estremeceria a um contato elétrico.

— Minha querida Valentine — disse a baronesa —, certamente, você não está bem...?

— Eu? — fez a jovem, passando a mão pela sua testa febril.

— Sim... Olhe-se neste espelho... Você enrubesceu e empalideceu sucessivamente três ou quatro vezes no espaço de um minuto.

— De fato — exclamou Eugénie —, você está muito pálida!

— Oh, não se preocupe, Eugénie... Estou assim há alguns dias.

E, por menos astuciosa que fosse, Valentine compreendeu que aquela era uma oportunidade de sair. Aliás, a senhora de Villefort veio em seu auxílio.

— Retire-se, Valentine — disse ela. — Realmente, você está doente, e estas senhoras terão a bondade de perdoá-la... Beba um copo de água pura, vai lhe fazer bem.

Valentine beijou Eugénie, cumprimentou a senhora Danglars — que já estava de pé para retirar-se — e saiu.

— Essa pobre criança — disse a senhora de Villefort quando Valentine desapareceu —, ela me preocupa seriamente... Não ficaria surpresa se lhe acontecesse algum incidente grave.

Enquanto isso, Valentine, numa espécie de exaltação que ela não percebia, atravessara o quarto de Édouard, sem responder a não sei que maldade do menino, e através de seus próprios aposentos chegara à escadinha. Já descera todos os degraus, menos os três últimos; já ouvia a voz de Morrel, quando de repente uma nuvem passou diante de seus olhos, seu pé adormecido pisou em falso, suas mãos já não tiveram mais força para segurar o corrimão, e, esbarrando na parede, ela rolou os três últimos degraus mais do que os desceu.

Morrel deu apenas um salto; abriu a porta e encontrou Valentine estendida à entrada.

Rápido como o raio, carregou-a nos braços e sentou-a numa poltrona.

Valentine abriu os olhos.

— Oh, como eu sou desastrada! — disse ela, com febril volubilidade. — Então já não sei mais andar? Esqueci que havia mais três degraus antes da entrada!

— Você se feriu, Valentine? — exclamou Morrel. — Oh, meu Deus, meu Deus!

Valentine olhou ao redor: viu o mais profundo pavor pintado nos olhos de Noirtier.

— Acalme-se, vovô — disse ela, procurando sorrir. — Não foi nada, não foi nada... Foi só uma tontura, nada mais.

— Mais uma vertigem! — exclamou Morrel, juntando as mãos. — Oh, veja o que é isso, Valentine, por favor.

— Não, nada disso — exclamou Valentine —, nada disso, estou lhe dizendo, tudo já passou, não foi nada não. Agora, deixe-me contar uma novidade: em uma semana, Eugénie se casa, e em três dias haverá uma espécie de grande festim, um banquete de noivado. Estamos todos convidados, meu pai, a senhora de Villefort e eu... Ao menos foi o que entendi.

— E então quando chegará a nossa vez de cuidar desses detalhes? Oh, Valentine, você, que tem tanta influência em nosso bom vovô, trate de fazê-lo responder: “Em breve!”...

— Então — perguntou Valentine —, conta comigo para acelerar o processo e despertar a memória do vovô?

— Sim — exclamou Morrel. — Meu Deus, meu Deus, que seja logo. Enquanto você não for minha, Valentine, sempre vou achar que você vai escapar de mim.

— Oh — respondeu Valentine, com movimento convulsivo —, oh, na verdade, Maximilien, você é tímido demais para um oficial, para um soldado que, dizem, nunca conheceu o medo. Ah, ah, ah!

E ela explodiu em riso estridente e doloroso, seus braços retesaram-se e contorceram-se, sua cabeça caiu na poltrona e ela ficou sem movimentos.

O grito de terror que Deus acorrentara aos lábios de Noirtier irrompeu em seu olhar.

Morrel compreendeu: era preciso pedir socorro.

O jovem pendurou-se à campainha; a camareira que estava nos aposentos de Valentine e o criado que substituíra Barrois acorreram ao mesmo tempo.

Valentine estava tão pálida, tão fria, tão inanimada que, sem escutarem o que lhes diziam, foram tomados pelo medo que assombrava incessantemente aquela casa maldita e lançaram-se pelos corredores gritando por socorro.

A senhora Danglars e Eugénie saíam naquele exato momento, mas ainda puderam se informar dos motivos de todo aquele rumor.

— Eu bem que lhe disse — exclamou a senhora de Villefort —, pobre pequena!

XCV. A CONFISSÃO

No mesmo instante, ouviram a voz do senhor de Villefort, que de seu gabinete gritava: — O que aconteceu?

Com o olhar, Morrel consultou Noirtier, que acabara de recobrar todo o sangue-frio e que, com o olhar, indicou-lhe o gabinete onde certa vez, em circunstância semelhante, o jovem se refugiara.

Ele só teve tempo de pegar o chapéu e correr para lá, ofegante: já se ouviam os passos do procurador do rei no corredor.

Villefort correu ao quarto, aproximou-se de Valentine e tomou-a nos braços.

— Um médico, um médico!... O senhor d'Avrigny! — gritou Villefort. — Ou melhor, eu mesmo vou...

E ele correu para fora do quarto.

Pela outra porta corria Morrel.

Ele acabava de ser atingido em pleno coração por aterradora lembrança: voltava-lhe à memória aquela conversa entre Villefort e o médico, a conversa que ouvira na noite da morte da senhora de Saint-Méran; aqueles sintomas, embora em grau menos assustador, eram os mesmos que haviam precedido a morte de Barrois.

Ao mesmo tempo, parecia-lhe ouvir a voz de Monte-Cristo murmurar em seus ouvidos, repetindo o que dissera duas horas antes: — Se precisar de alguma coisa, Morrel, procure-me... Posso muito...

Mais rápido que o pensamento, Morrel logo correu do subúrbio Saint-Honoré à rua Matignon, e da rua Matignon à avenida dos Campos Elíseos.

Enquanto isso, o senhor de Villefort chegava num cabriolé de aluguel à porta do doutor d'Avrigny; soou com tanta violência que ao abrir o porteiro parecia assustado. Villefort correu para a escada,

sem forças para falar. O porteiro o conhecia e deixou-o entrar, apenas gritando: — Em seu gabinete! O senhor procurador do rei... em seu gabinete!

Villefort já empurrava, ou melhor, já arrombava a porta.

— Ah — exclamou o médico —, é você...

— Sim — disse Villefort, fechando a porta. — Sim, doutor, sou eu que venho lhe perguntar se estamos bem sozinhos. Doutor, a minha casa é uma casa maldita.

— O quê? — perguntou o médico, aparentemente frio, mas profundamente emocionado. — Outro doente?

— Sim, doutor — exclamou Villefort, agarrando os cabelos com mão convulsiva —, sim!

O olhar de d'Avrigny significava: — Eu bem que o avisei...

Depois os seus lábios acentuaram lentamente estas palavras: — E agora, quem vai morrer em sua casa? Que nova vítima vai nos acusar de fraqueza perante Deus?

Um soluço doloroso saiu do coração de Villefort; ele aproximou-se do médico e, agarrando-lhe o braço: — Valentine! — exclamou Villefort. — Agora é a vez de Valentine!

— Sua filha?! — exclamou d'Avrigny, cheio de dor e de surpresa.

— Como vê, o senhor estava enganado — murmurou o magistrado. — Venha vê-la e, em seu leito de dor, peça-lhe perdão por ter suspeitado dela.

— Todas as vezes que mandou me chamar — disse o doutor d'Avrigny —, já era tarde demais... Mas não importa: vou até lá... Mas vamos depressa, senhor: com os inimigos que batem à sua porta, não há tempo a perder.

— Oh, desta vez, doutor, não vai precisar censurar a minha fraqueza. Desta vez, descobrirei o assassino e o pegarei.

— Tentemos salvar a vítima antes de pensar em vingá-la — disse d'Avrigny. — Vamos.

E o cabriolé que trouxera Villefort levou-o a galope, acompanhado por d'Avrigny, no exato momento em que Morrel, por sua vez, batia à porta de Monte-Cristo.

O conde estava em seu gabinete e, muito preocupado, lia um bilhete que Bertuccio acabara de lhe entregar às pressas.

Ao ouvir anunciarem Morrel, que o deixara havia apenas duas horas, o conde ergueu a cabeça.

Como para o conde, para Morrel também acontecera muita coisa durante aquelas duas horas, pois o jovem que o deixara com um sorriso nos lábios voltava com a fisionomia transtornada.

O conde levantou-se e correu ao encontro de Morrel.

— O que aconteceu, Maximilien? — perguntou-lhe. — Você está pálido, a sua testa está coberta de suor.

Em vez de sentar-se, Morrel caiu em uma poltrona.

— Sim — disse ele —, eu vim depressa, precisava lhe falar.

— Em sua família estão todos passando bem? — perguntou o conde em tom de afetuosa benevolência de cuja sinceridade ninguém duvidaria.

— Obrigado, conde, obrigado — disse o jovem, visivelmente ansioso para começar a conversa. — Sim, em minha família todos vão bem, obrigado...

— Que bom... Mas você tem algo a me dizer? — perguntou o conde, cada vez mais inquieto.

— Sim — disse Morrel —, é verdade, acabo de sair de uma casa onde a morte acabava de entrar para correr até o senhor.

— Então saiu da casa do senhor de Morcerf? — perguntou Monte-Cristo.

— Não — disse Morrel. — Então morreu alguém na casa do senhor de Morcerf?

— O general acaba de estourar os miolos — respondeu Monte-Cristo.

— Oh, que desgraça terrível! — exclamou Maximilien.

— Não para a condessa, não para Albert — disse Monte-Cristo. — Antes um pai e um marido morto do que um pai e um marido desonrado: o sangue lavará a vergonha.

— Pobre condessa! — exclamou Maximilien. — É principalmente ela que lamento: uma mulher tão nobre!

— Lamente também Albert, Maximilien, pois, acredite, ele é o digno filho da condessa. Mas voltemos a você: correu a mim, você disse... Terei a felicidade de lhe ser útil?

— Sim, preciso do senhor, isto é, imaginei, como um louco, que o senhor poderia me ajudar numa situação em que só Deus pode me ajudar.

— Mas diga assim mesmo — respondeu Monte-Cristo.

— Oh — exclamou Morrel —, na verdade não sei se me é permitido revelar tal segredo a ouvidos humanos... Mas a fatalidade me obriga, a necessidade me constrange, conde...

Morrel parou, hesitando.

— Sabia que o estimo? — perguntou Monte-Cristo, tomando afetuosamente a mão do jovem entre as suas.

— Oh, olhe, o senhor me encoraja, e depois algo me diz (Morrel pousou a mão no coração) que não devo esconder segredos do senhor.

— Você tem razão, Morrel... É Deus que fala a seu coração, é seu coração que lhe fala. Repita-me o que lhe diz o seu coração.

— Conde, poderia me fazer o favor de mandar Baptistin pedir notícias de alguém que o senhor conhece?

— Se me coloquei à sua disposição, com mais forte razão coloco também os meus criados.

— Oh, é que não viverei enquanto não tiver certeza de que ela está melhor.

— Quer que eu chame Baptistin?

— Não, eu mesmo vou falar com ele.

Morrel saiu, chamou Baptistin e disselhe algumas palavras em voz baixa. O camareiro saiu correndo.

— E então, tudo bem? — perguntou Monte-Cristo ao ver Morrel voltar.

— Sim, agora vou ficar um pouco mais tranquilo.

— Estou à sua disposição... — disse Monte-Cristo, sorrindo.

— Sim, vou falar... Escute: uma noite, eu estava num jardim... Eu estava escondido atrás das árvores, ninguém suspeitava que eu pudesse estar lá. Duas pessoas passaram perto de mim... Permita-me omitir provisoriamente os seus nomes... Elas conversavam em voz baixa, mas eu estava tão interessado em ouvir a conversa que não perdia uma palavra do que diziam.

— Isso começa lugubrememente, a julgar pela sua palidez e pela sua emoção, Morrel.

— Oh, sim, bem lugubrememente, meu amigo! Acabara de morrer alguém na casa do dono do jardim onde eu estava... Uma das duas pessoas cuja conversa eu ouvia era o dono do jardim, a outra era seu médico. Ora, o primeiro confiava ao segundo os seus temores e as suas dores... Pois era a segunda vez em menos de um mês que a morte se abatia, rápida e imprevista, sobre aquela casa, que parecia designada à ira de Deus por algum anjo exterminador.

— Ah, ah! — exclamou Monte-Cristo, olhando o jovem fixamente, virando a sua poltrona com movimento imperceptível, de maneira a colocar-se à sombra, enquanto a luz do dia batia no rosto de Maximilien.

— Sim — continuou Maximilien —, em menos de um mês a morte havia entrado duas vezes naquela casa.

— E o que dizia o médico? — perguntou Monte-Cristo.

— Ele dizia... ele dizia que aquela morte não era natural, que era preciso atribuí-la...

— A quê?

— Ao veneno!

— É verdade? — exclamou Monte-Cristo, com a leve tosse que, nos momentos de suprema emoção, ele simulava para disfarçar o rubor, a palidez ou a própria atenção com que escutava. — É verdade, Maximilien, que ouviu essas coisas?

— Sim, caro conde, ouvi, e o médico acrescentou que, se o acontecimento se repetisse, ele se veria obrigado a chamar a justiça.

Monte-Cristo ouvia, ou parecia ouvir, com a maior calma.

— Bem — disse Maximilien —, a morte bateu à porta pela terceira vez, e nem o dono da casa nem o médico disseram nada... A morte vai bater pela quarta vez, talvez... Conde: julga que o conhecimento desse segredo me obriga a quê?

— Meu caro amigo — disse Monte-Cristo —, você parece ter me contado uma aventura que ambos sabemos de cor. A casa onde você ouviu isso, eu a conheço, ou ao menos conheço uma igual... Uma casa onde há um jardim, um pai de família, um médico, uma

casa onde houve três mortes estranhas e inesperadas. Bem, olhe para mim: eu que não ouvi confidências, mas que sei de tudo isso tão bem quanto você, acaso tenho escrúpulos de consciência? Não, não tenho nada a ver com isso. Você disse que um anjo exterminador parecia designar aquela casa à ira do Senhor: pois bem, e quem lhe disse que essa suposição não seria realidade? Não veja coisas que os que têm interesse em vê-las não querem ver. Se for a justiça, e não a ira de Deus, que passeie por aquela casa, Maximilien, vire a cabeça e deixe a justiça de Deus agir.

Morrel estremeceu: no tom do conde havia algo ao mesmo tempo lúgubre, solene e terrível.

— Aliás — prosseguiu ele, com mudança de tom tão acentuada que nem parecia que estas palavras saíam da boca do mesmo homem —, aliás, quem lhe disse que isso iria se repetir?

— Já está se repetindo, conde! — exclamou Morrel. — É por isso que recorro ao senhor.

— Bem, o que quer que eu faça, Morrel? Acaso quer que eu avise o procurador do rei?

Monte-Cristo pronunciou essas últimas palavras com tanta clareza, em tom tão vibrante, que Morrel, erguendo-se de repente, exclamou: — Conde, conde! O senhor sabe de quem estou falando, não sabe?

— Ah, sim, perfeitamente, meu bom amigo, e vou lhe provar botando os pingos nos is, ou melhor, dando nomes aos homens. Uma noite, você estava passeando no jardim do senhor de Villefort... Ao que me disse, presumo que era na noite da morte da senhora de Saint-Méran. Você ouviu o senhor de Villefort conversar com o doutor d'Avrigny sobre a morte do senhor de Saint-Méran e sobre a não menos surpreendente morte da marquesa. O doutor d'Avrigny dizia que acreditava num envenenamento, e até mesmo em dois envenenamentos... E aqui está você, homem honesto por excelência, desde então ocupado em apalpar o seu coração, em sondar a sua consciência, para saber se devia revelar esse segredo ou calar-se... Já não estamos mais na Idade Média, meu caro amigo, já não existe mais Santa Vehme, já não existem mais juízes francos... Que diabo vai pedir a essa gente? "Consciência, o que

quer de mim?”, como dizia Sterne. Ah, meu caro, deixe-os dormir, se é que eles dormem, deixe-os empalidecer em suas insônias, se é que eles têm insônia, e, pelo amor de Deus, durma, você que não tem remorsos que o impeçam de dormir.

Terrível sofrimento desenhou-se nos traços de Morrel; ele agarrou a mão de Monte-Cristo.

— Mas, estou lhe dizendo, já está se repetindo!

— Bem — exclamou o conde, surpreso com essa insistência que ele não compreendia, olhando Maximilien com mais atenção —, deixe que se repita: trata-se de uma família de intrigas, de uma família de Atridas. Deus os condenou, e eles vão cumprir a sentença... Todos eles vão desaparecer como aqueles castelos que as crianças fabricam com cartas dobradas e que caem uns depois dos outros ao sopro do seu criador, mesmo que eles sejam duzentos. Há três meses, era o senhor de Saint-Méran... Há dois meses, era a senhora de Saint-Méran... Outro dia, era Barrois... Hoje é o velho Noirtier, ou a jovem Valentine...

— Você sabia? — exclamou Morrel, com acesso de terror tão extremo que Monte-Cristo estremeceu, ele que ficaria impassível se o próprio céu desabasse. — Você sabia e não me disse nada?

— Ah, que me importa? — replicou Monte-Cristo, dando de ombros. — Acaso conheço aquela gente, para perder um e salvar outro? Palavra que não, pois não tenho preferência entre o culpado e a vítima.

— Mas eu, eu — exclamou Morrel, uivando de dor —, eu a amo!

— Você ama a quem? — exclamou Monte-Cristo, saltando e agarrando as duas mãos que Morrel erguia, contorcendo-as, aos céus.

— Amo perdidamente, amo como louco, amo como homem que daria todo seu sangue para poupar-lhe uma lágrima, amo Valentine de Villefort, que estão assassinando neste momento, ouviu bem? Eu a amo e pergunto a Deus e ao senhor como posso salvá-la!

Monte-Cristo deu um grito selvagem, do qual só podem fazer ideia aqueles que já ouviram o rugido do leão ferido.

— Infeliz! — exclamou ele, contorcendo as mãos por sua vez. — Infeliz! Você ama Valentine?! Você ama aquela filha de uma raça

maldita?!

Nunca Morrel vira semelhante expressão; nunca olhar tão terrível flamejara à sua frente; nunca o gênio do terror, que ele vira aparecer tantas vezes, nos campos de batalha ou nas noites homicidas da Argélia, acendera ao redor dele fogos tão sinistros.

Morrel recuou aterrado.

Quanto a Monte-Cristo, depois dessa explosão e desse barulho, fechou os olhos por um momento, como se deslumbrado por relâmpagos interiores; durante esse momento, recolheu-se com tanta força que aos poucos foi se acalmando o movimento ondulante de seu peito inchado pelas tempestades — como vemos, depois das nuvens sombrias, as vagas turbulentas e espumantes se derreterem ao sol.

Esse silêncio, esse recolhimento, essa luta, duraram cerca de vinte segundos.

Então o conde ergueu a sua frente pálida.

— Veja — disse ele, em voz quase inalterada —, veja, caro amigo, como Deus sabe punir com a sua indiferença os homens mais fanfarrões e mais frios diante dos terríveis espetáculos que lhes oferece. Eu que contemplava, assistindo impassível e curioso; eu que contemplava o desenrolar dessa lúgubre tragédia; eu que, como o anjo mau, ria do mal que os homens fazem, escondidos atrás do segredo (e o segredo é fácil de guardar para os ricos e poderosos), eis que por minha vez sinto-me mordido por essa serpente cuja marcha tortuosa eu contemplava, e mordido no coração!

Morrel deu um gemido abafado.

— Vamos, vamos — continuou o conde —, deixe de se queixar desse jeito: seja homem, seja forte, seja cheio de esperança, pois eu estou aqui, velando por você.

Morrel balançou a cabeça com tristeza.

— Estou lhe dizendo que tenha esperança, entendeu? — exclamou Monte-Cristo. — Saiba que nunca minto, nunca me engano. É meio-dia, Maximilien: dê graças a Deus por ter vindo ao meio-dia, em vez de vir à noite, em vez de vir amanhã de manhã.

Então escute o que vou lhe dizer, Morrel: é meio-dia... Se Valentine não morreu até agora, não morrerá mais.

— Oh, meu Deus, meu Deus! — exclamou Morrel. — E eu que a deixei moribunda!

Monte-Cristo apoiou a mão na testa.

O que se passou naquela cabeça tão cheia de terríveis segredos? O que disse àquele espírito, implacável e humano ao mesmo tempo, o anjo da luz, ou o anjo das trevas?

Só Deus sabe!

Monte-Cristo ergueu a fronte mais uma vez, e dessa vez estava calmo como uma criança ao despertar.

— Maximilien — disse ele —, volte tranquilamente para casa... Ordeno-lhe não dar um passo, não tentar nenhuma iniciativa, não deixar flutuar em seu rosto a sombra da menor preocupação... Eu lhe darei notícias... Vá.

— Meu Deus, meu Deus — exclamou Morrel —, o senhor me apavora, conde, com todo esse sangue-frio. Então o senhor pode alguma coisa contra a morte? É mais do que um homem? É um anjo? É um Deus?

E o jovem, que perigo algum jamais fizera recuar um passo, recuava diante de Monte-Cristo, tomado por inefável terror.

Mas Monte-Cristo olhou-o com um sorriso tão melancólico e ao mesmo tempo tão doce que Maximilien sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos.

— Posso muito, meu amigo — respondeu o conde. — Vá: preciso ficar sozinho.

Morrel, subjugado por aquela prodigiosa ascendência que Monte-Cristo exercia sobre todos os que o cercavam, sequer tentou resistir a ela; apertou a mão do conde e saiu.

Mas, à porta, parou para esperar Baptistin ao vê-lo aparecer na esquina da rua Matignon: ele voltava correndo.

Enquanto isso, Villefort e d'Avrigny tinham se apressado. Ao chegarem, Valentine continuava desmaiada; o médico examinou a doente com o cuidado exigido pelas circunstâncias, com uma profundidade redobrada pelo conhecimento do segredo.

Villefort, suspenso em seu olhar e em seus lábios, esperava o resultado do exame. Noirtier, mais pálido do que a jovem, mais ansioso por uma solução do que o próprio Villefort, também esperava — tudo nele vinha a ser inteligência e sensibilidade.

Finalmente, d'Avrigny deixou escapar, lentamente: — Ela ainda está viva.

— Ainda?! — exclamou Villefort. — Oh, doutor, que palavra terrível o senhor disse.

— Sim — disse o médico —, repito o que falei: ela ainda está viva, o que muito me surpreende.

— Mas ela está salva? — perguntou o pai.

— Sim, já que está viva.

Nesse momento, o olhar de d'Avrigny encontrou o olho de Noirtier: nele brilhava alegria tão extraordinária, ideias tão ricas e fecundas, que o médico ficou impressionado.

Ele deixou a jovem mexer-se na poltrona: os lábios dela mal se delineavam, tão pálidos e brancos estavam, como todo o seu rosto, e ele permaneceu imóvel, olhando Noirtier, para quem cada gesto do médico era esperado e eloquente.

— Senhor — disse então d'Avrigny a Villefort —, chame a camareira da senhorita Valentine, por favor.

Villefort largou a cabeça da filha que segurava e foi pessoalmente chamar a camareira.

Assim que Villefort fechou a porta, d'Avrigny aproximou-se de Noirtier.

— O senhor tem alguma coisa a me dizer? — perguntou o médico.

O velho piscou expressivamente os olhos: era, lembramos, o único sinal afirmativo que ele tinha à disposição.

— Só a mim?

— Sim — fez Noirtier.

— Bem, ficarei com o senhor.

Neste momento, Villefort entrou, seguido pela camareira: atrás da camareira vinha a senhora de Villefort.

— Mas então o que fez esta querida criança? — exclamou ela.
— Ao sair de meu salão, ela se queixou de estar indisposta, mas

não imaginei que fosse sério.

E a jovem senhora, com lágrimas nos olhos, com todos os sinais de afeição de uma verdadeira mãe, aproximou-se de Valentine e tomou-lhe a mão.

D'Avrigny continuava a olhar Noirtier: viu os olhos do velho se dilatarem e arregalarem; viu as suas faces empalidecerem e tremerem; o suor brilhou em sua testa.

— Ah — fez o médico involuntariamente, seguindo a direção do olhar de Noirtier, ou seja, fixando os olhos na senhora de Villefort, que repetia: — Esta pobre criança ficará melhor em sua cama. Venha, Fanny, vamos deitá-la.

O doutor d'Avrigny, que via nessa proposta um meio de ficar a sós com Noirtier, fez sinal com a cabeça de que era realmente o melhor a ser feito, mas proibiu que ela tomasse qualquer coisa que ele não ordenasse.

Levaram Valentine, que voltara a si, mas que era incapaz de se mover e quase de falar, tanto os seus membros se ressentiam do abalo que acabara de sofrer.

Entretanto, ela ainda teve forças para saudar com o olhar o avô, a quem pareciam arrancar a alma ao levá-la.

D'Avrigny acompanhou a enferma, terminou as suas prescrições, ordenou a Villefort pegar um cabriolé e ir pessoalmente ao farmacêutico para que este preparasse as receitas na sua presença, trouxesse-as pessoalmente e o esperasse no quarto da filha.

Então, depois de repetir a ordem de não deixarem Valentine tomar nada, desceu ao quarto de Noirtier, fechou cuidadosamente as portas e, depois de assegurar-se de que ninguém os ouvia: — Vejamos — disse o médico —, sabe alguma coisa sobre a doença de sua neta?

— Sim — fez o olho do velho.

— Escute, não temos tempo a perder: vou interrogá-lo e o senhor me responderá.

Noirtier fez sinal de que estava pronto para responder.

— Tinha previsto o incidente que aconteceu hoje a Valentine?

— Sim.

D'Avrigny refletiu por um momento; então, aproximando-se de Noirtier: — Perdoe-me o que vou lhe dizer — acrescentou ele —, mas na situação terrível em que nos encontramos nenhum indício deve ser negligenciado. Assistiu à morte do pobre Barrois?

Noirtier ergueu os olhos ao céu.

— Sabe o motivo de sua morte? — perguntou d'Avrigny, pousando a mão no ombro de Noirtier.

— Sim — respondeu o velho.

— Acha que a morte dele foi natural?

Algo como um sorriso esboçou-se nos lábios inertes de Noirtier.

— Então lhe ocorreu a ideia de que Barrois havia sido envenenado?

— Sim.

— Acha que o veneno que o vitimou era destinado a ele?

— Não.

— Agora, acha que a mesma mão que vitimou Barrois, querendo vitimar outro, hoje atingiu Valentine?

— Sim.

— Então, ela também vai sucumbir? — perguntou d'Avrigny, fixando o seu profundo olhar em Noirtier.

E esperou o efeito desta frase no ancião.

— Não! — respondeu o velho, com um ar de triunfo capaz de derrubar todas as conjecturas do mais hábil adivinho.

— Então, tem esperanças? — perguntou d'Avrigny, surpreso.

— Sim.

— Que esperanças?

Os olhos do velho deram a entender que ele não conseguiria responder.

— Ah, sim, é verdade — murmurou d'Avrigny.

A seguir, voltando a Noirtier: — Espera que o assassino se canse? — perguntou.

— Não.

— Então espera que o veneno não tenha efeito em Valentine?

— Sim.

— Pois eu não lhe informo nada de novo, não é verdade — acrescentou d'Avrigny —, ao dizer-lhe que acabam de tentar

envenená-lo...?

O velho fez sinal com os olhos de que não tinha dúvidas a respeito.

— Então por que espera que Valentine escape?

Noirtier manteve obstinadamente os olhos fixos no mesmo lugar; d'Avrigny seguiu a direção de seus olhos: viu que estavam concentrados numa garrafa com a poção que lhe serviam todas as manhãs.

— Ah, ah! — exclamou d'Avrigny, tomado por uma ideia súbita.

— Teve a ideia...

Noirtier não o deixou terminar.

— Sim — fez ele.

— De imunizá-la contra o veneno...

— Sim.

— Habitando-a aos poucos...

— Sim, sim, sim — fez Noirtier, encantado por ser compreendido.

— Com efeito, ouviu-me dizer que havia brucina nas poções que lhe dou? E, acostumando-a a esse veneno, queria neutralizar os efeitos de um envenenamento?

A mesma alegria triunfante de Noirtier.

— E, de fato, o senhor conseguiu — exclamou d'Avrigny. — Não fosse essa precaução, agora Valentine estaria morta, morta sem socorro possível, morta sem misericórdia: o abalo foi tão violento... Mas ela só foi ferida: desta vez, ao menos, Valentine não morrerá.

Alegria sobre-humana expandia-se nos olhos do velho, que se erguiam ao céu com expressão de infinito reconhecimento.

Nesse momento, Villefort entrou.

— Pronto, doutor — disse Villefort —, aqui está o que me pediu.

— Essa poção foi preparada na sua presença?

— Sim — respondeu o procurador do rei.

— E não saiu de suas mãos?

— Não.

D'Avrigny pegou a garrafa, derramou algumas gotas da beberagem que ela continha na palma da mão e engoliu.

— Bem — disse o médico —, vamos subir ao quarto de Valentine, lá eu darei as minhas instruções a todo mundo, e você mesmo velará, senhor de Villefort, para que ninguém as desobedeça.

No momento em que d'Avrigny entrava no quarto de Valentine, acompanhado por Villefort, um padre italiano, de aspecto severo, palavras calmas e decididas, alugava para uso próprio a casa ao lado do palácio habitado pelo senhor de Villefort.

Impossível saber em virtude de que transação os três locatários daquela casa mudaram-se duas horas depois — mas o rumor geral que correu pelo bairro foi de que a casa não se encontrava solidamente assentada em seus alicerces e ameaçava ruir — o que não impediu o novo locatário de nela estabelecer-se, com sua modesta mobília, no mesmo dia, por volta das cinco da tarde.

O contrato foi assinado para três, seis ou nove anos pelo novo inquilino, que, conforme o hábito estabelecido pelos proprietários, pagou seis meses adiantados; o novo locatário, que, como dissemos, era italiano, chamava-se *signor* Giacomo Busoni.

Operários foram imediatamente chamados e, na mesma noite, os raros passantes que demoravam no alto do subúrbio viam com surpresa os carpinteiros e os pedreiros ocupados em reformar os alicerces da casa ameaçada.

XCVI. PAI E FILHA No capítulo anterior, vimos a senhora Danglars ir anunciar oficialmente à senhora de Villefort o próximo casamento da senhorita Eugénie Danglars com o senhor Andrea Cavalcanti.

Esse anúncio oficial, que indicava — ou parecia indicar — uma decisão tomada por todos os interessados nesse grande negócio, fora entretanto precedido por uma cena que precisamos contar a nossos leitores.

Pedimos-lhes, portanto, que deem um passo atrás e transportem-se, na mesma manhã daquele dia de grandes

catástrofes, àquele belo salão tão dourado que lhes demos a conhecer e que era o orgulho de seu proprietário, o senhor barão Danglars.

Nesse salão, de fato, por volta das dez horas da manhã, passeava havia alguns minutos, pensativo e visivelmente preocupado, o próprio barão, olhando cada porta e detendo-se a cada ruído.

Quando sua paciência se esgotou, ele chamou o camareiro.

— Étienne — disselhe —, vá ver por que a senhorita Eugénie me pediu que a esperasse no salão, e informe-se por que ela me faz esperar tanto tempo.

Exalado esse acesso de mau humor, o barão recuperou um pouco a calma.

De fato, a senhorita Danglars, depois de acordar, mandara pedir uma audiência a seu pai e designara o salão dourado como o local da audiência. A singularidade dessa iniciativa, acima de tudo o seu caráter oficial, não tinham surpreendido pouco o banqueiro, que imediatamente atendera ao desejo da filha e fora o primeiro a chegar ao salão.

Logo Étienne voltou de sua missão diplomática.

— A camareira de senhorita — disse ele — anunciou-me que a senhorita terminava a sua toailete e não tardaria a vir.

Danglars fez um sinal de cabeça indicando que estava satisfeito. Perante a sociedade, e mesmo perante a sua família, Danglars afetava ser o sujeito bondoso e o pai fraco: era uma face do papel que se impusera na comédia popular que representava; era uma fisionomia que adotara e que parecia lhe convir — como convinha ao lado direito das máscaras dos pais do teatro antigo ter o lábio repuxado e risonho, enquanto o lado esquerdo tinha o lábio caído e chorão.

Apressemo-nos a acrescentar que, na intimidade, o lábio repuxado e risonho descia ao nível do lábio caído e chorão; de maneira que, na maior parte do tempo, o sujeito bondoso desaparecia para dar lugar ao marido brutal e ao pai absoluto.

— Por que diabo essa maluca, que quer me falar, ao que pretende — murmurava Danglars —, não vem simplesmente a meu

gabinete — pensava ele —, e, sobretudo, por que ela quer me falar?

Pela vigésima vez, esse pensamento inquietante voltava a assombrar o seu cérebro, quando a porta se abriu e Eugénie apareceu, trajando um vestido de cetim negro bordado com flores sombrias da mesma cor, penteada e enluvada, como se fosse sentar-se em sua poltrona do Teatro Italiano.

— Bem, Eugénie, o que há? — exclamou o pai. — E por que o salão solene, quando ficaríamos à vontade em meu gabinete particular?

— O senhor tem toda razão — respondeu Eugénie, fazendo sinal ao pai de que podia sentar-se —, e acaba de fazer duas perguntas que resumem antecipadamente toda a conversa que teremos. Então vou responder a ambas, e, contra as leis costumeiras, primeiro à segunda, por ser a menos complexa. Escolhi o salão como local do encontro, senhor, para evitar as impressões desagradáveis e as influências do gabinete de um banqueiro. Aqueles livros-caixa, por mais dourados que sejam, aquelas gavetas fechadas como portas de fortalezas, aqueles maços de notas bancárias que vêm não se sabe de onde, aqueles montes de cartas que vêm da Inglaterra, da Holanda, da Espanha, das Índias, da China e do Peru, costumam agir estranhamente no espírito de um pai e o levam a se esquecer de que há no mundo um interesse maior e mais sagrado do que o da posição social e da opinião de seus clientes. Portanto, escolhi este salão, onde o senhor vê, sorridentes e felizes, em suas molduras magníficas, o seu retrato, o meu, o de mamãe e todas as espécies de paisagens pastorais e bucólicas enternecedoras. Eu me fio muito no poder das impressões exteriores. Talvez, principalmente para o senhor, isto seja um erro; todavia, o que esperava, eu não seria artista se não me restassem algumas ilusões.

— Muito bem — respondeu o senhor Danglars, que escutara a tirada com imperturbável sangue-frio, mas sem compreender uma palavra, absorto como estava, como todo homem cheio de segundas intenções, em descobrir o fio de suas próprias ideias nas ideias do interlocutor.

— Portanto, eis a segunda questão esclarecida, ou quase... — disse Eugénie sem a menor perturbação, com o atrevimento bem masculino que caracterizava os seus gestos e a sua fala — e o senhor me parece satisfeito com a explicação. Agora, vamos à primeira. O senhor me perguntava por que eu solicitei esta audiência... Vou dizer-lhe em duas palavras, senhor... Escute. Eu não quero me casar com o senhor conde Andrea Cavalcanti.

Danglars deu um pulo em sua poltrona e, ao pular, ergueu ao mesmo tempo os olhos e os braços aos céus.

— Meu Deus, sim, senhor — continuou Eugénie, sempre muito calma. — O senhor está surpreso, vejo muito bem, pois, desde que essa pequena intriga começou, não manifestei a menor oposição, sempre certa de que, no momento oportuno, oporia francamente às pessoas que não me consultaram, às decisões que me desagradam, uma vontade franca e absoluta. Entretanto, dessa vez, essa tranquilidade, essa passividade, como dizem os filósofos, vinham de outra fonte... Vinham de que, como filha submissa e dedicada... (leve sorriso desenhou-se nos lábios carmim da jovem) eu tentava ser obediente.

— E então? — perguntou Danglars.

— E então, senhor — continuou Eugénie —, eu tentei até o fim de minhas forças e, agora que chegou o momento, apesar de todos os esforços que tentei contra mim mesma, sinto-me incapaz de obedecer.

— Mas, afinal — disse Danglars, que, como espírito secundário, parecia antes de mais nada atordoado com o peso daquela lógica impiedosa, cuja fleuma mostrava tanta premeditação e força de vontade —, qual o motivo dessa recusa, Eugénie? O motivo?

— O motivo — replicou a jovem —, oh, meu Deus, não é que o sujeito seja mais feio, mais tolo ou mais desagradável do que os outros, não... O senhor Andrea Cavalcanti pode até mesmo passar por ser um belíssimo modelo para aqueles que consideram os homens pelo rosto e pelo corpo... Também não é porque o meu coração seja menos tocado por ele do que pelos outros... Esse seria um motivo de colegial, e que considero totalmente indigno de mim... Eu não amo absolutamente ninguém, como o senhor sabe

muito bem, não é verdade? Assim, não vejo por que motivo, sem que fosse absolutamente necessário, eu iria embarçar minha vida com um eterno companheiro. O sábio não disse, em algum lugar: “Nada em excesso”? E em outro lugar: “Carregue tudo consigo mesmo”? E até mesmo me ensinaram esses dois aforismos em latim e em grego... Um, creio, é de Fedro, o outro é de Bias. Bem, meu querido pai, no naufrágio da vida, pois a vida é um eterno naufrágio de nossas esperanças, lanço ao mar a minha bagagem inútil, nada mais, e fico com minha vontade, disposta a viver perfeitamente sozinha, portanto perfeitamente livre.

— Infeliz! Infeliz! — murmurou Danglars, empalidecendo, pois conhecia por vasta experiência a solidez do obstáculo que encontrava tão repentinamente.

— Infeliz! — repetiu Eugénie. — Infeliz, o senhor diz? Mas, na verdade, não, e essa exclamação me parece totalmente teatral e afetada. Feliz, pelo contrário, pois eu lhe pergunto: que me falta? A sociedade me acha bela, algo que me leva a ser acolhida favoravelmente. Gosto das boas acolhidas: elas alegram as fisionomias e então os que me cercam parecem-me menos feios. Sou dotada de algum espírito e de certa relativa sensibilidade, o que me permite extrair da existência geral, para integrar à minha, o que nela encontro de bom, como faz o macaco quando quebra a noz verde para extrair seu conteúdo. Sou rica, pois o senhor tem uma das maiores fortunas da França, pois sou filha única, e o senhor não é avarento como os pais da Porte-Saint-Martin e da Gaîté, que deserdam suas filhas quando elas não querem lhes dar netos. Aliás, a lei, previdente, tirou-lhe o direito de me deserdar, ao menos completamente, assim como lhe tirou o poder de me obrigar a casar com fulano ou beltrano. Assim, bela, espirituosa, adornada de algum talento, como dizem nas óperas cômicas, e rica!... Mas isso é a felicidade, senhor... Então, por que me chama de infeliz?

Ao ver a filha sorridente e orgulhosa até a insolência, Danglars não conseguiu reprimir um impulso de brutalidade que se traiu por uma exclamação, mas foi só. Sob o olhar interrogador da filha, diante daquelas belas sobancelhas negras franzidas pela

interrogação, ele voltou-se com prudência e logo se acalmou, domado pela mão de ferro da circunspeção.

— De fato, minha filha — respondeu ele, sorrindo —, você é tudo isso que se vangloria de ser, a não ser uma coisa, minha filha: não quero dizer-lhe bruscamente qual... Prefiro deixá-la adivinhar.

Eugénie olhou Danglars muito surpresa por lhe contestarem um dos florões da coroa de orgulho que acabara de colocar tão soberbamente na cabeça.

— Minha filha — continuou o banqueiro —, você me explicou perfeitamente quais eram os sentimentos que presidiam as decisões de uma jovem igual a você, quando decide não se casar. Agora é a minha vez de lhe dizer quais são os motivos de um pai igual a mim, quando decide que sua filha se casará.

Eugénie inclinou-se, não como filha submissa, a escutar, mas como adversária pronta a discutir, a esperar.

— Minha filha — prosseguiu Danglars —, quando um pai pede à sua filha que agarre um marido, ele sempre tem algum motivo para desejar o casamento. Alguns são dominados pela mania que você mencionou há pouco, ou seja, ver-se reviver nos netos. Eu não tenho essa fraqueza, digo-lhe desde já: as alegrias familiares me são quase indiferentes... Posso confessar isso a uma filha que sei ser bastante filósofa para compreender essa indiferença e não considerá-la um crime.

— Naturalmente — disse Eugénie. — Falemos francamente, senhor: gosto disso.

— Oh — exclamou Danglars —, você vê que sem partilhar em tese a sua simpatia pela franqueza, a ela me submeto quando creio que as circunstâncias me convidam. Então, continuando... Propus-lhe um marido não por você, pois, em verdade, naquele momento de maneira alguma eu pensava em você... Você gosta de franqueza: sou franco, espero... Mas porque eu precisava que você agarrasse esse marido o mais cedo possível, em virtude de certas combinações comerciais que ando estabelecendo neste momento.

Eugénie esboçou um gesto.

— É como tenho a honra de lhe dizer, minha filha, e não deve me querer mal por tanto, pois é você que me obriga... E é com

pesar, entenda bem, que ingresso nessas explicações aritméticas com uma artista como você, que teme ingressar no gabinete de um banqueiro por nele perceber, como dizem os filósofos, creio, por nele perceber impressões ou sensações desagradáveis e antipoéticas.

“Mas nesse gabinete de banqueiro, onde todavia você fez questão de entrar anteontem para me pedir os mil francos que lhe dou mensalmente para as suas fantasias, saiba, minha querida senhorita, que se aprendem muitas coisas úteis até mesmo para as jovens que não desejam se casar. Aprende-se, por exemplo, e em consideração à sua suscetibilidade nervosa eu lhe direi neste salão, aprende-se que o crédito de um banqueiro é sua vida física e moral, que o crédito sustenta o homem como a respiração anima o corpo, e um dia o senhor de Monte-Cristo me fez um discurso sobre isso que nunca esqueci. Aprende-se que, à medida que o crédito se retira, o corpo se torna cadáver, e que isso deve acontecer em muito pouco tempo ao banqueiro que tem a honra de ser o pai de uma filha tão lógica.”

Entretanto, em vez de curvar-se, Eugénie reagiu ao golpe.

— Arruinado! — exclamou ela.

— Você encontrou a expressão justa, minha filha, a expressão exata — disse Danglars coçando o peito com as unhas, conservando em sua fisionomia rude o sorriso de um homem sem coração, mas não sem espírito. — Arruinado! É isso...

— Ah! — fez Eugénie.

— Sim, arruinado! Bem, ei-lo revelado, esse segredo cheio de horror, como disse o poeta trágico.

“Agora, minha filha, saiba de minha boca como essa desgraça pode se tornar menor, não direi para mim, mas para você.”

— Oh — exclamou Eugénie —, o senhor é mau fisionomista, se imagina que é por mim que deploro a catástrofe que o senhor me expõe.

“Eu, arruinada! E que me importa? Não me resta meu talento? Não posso, como a Malibran, como a Pasta, como a Grisi, ganhar o que o senhor nunca me daria, qualquer que fosse a sua fortuna, ganhar cem ou cento e cinquenta mil libras de renda que só deverei

a mim, e que, em vez de me chegarem como chegavam esses pobres doze mil francos que o senhor me dava com olhares carrancudos e com palavras de censura à minha prodigalidade, virão a mim acompanhados de aclamações, de bravos e de flores? E, mesmo se eu não tivesse este talento de que o senhor duvida, como mostra o seu sorriso, ainda não me restaria este furioso amor à independência, que para mim é maior do que todos os tesouros, e que em mim é superior até mesmo ao instinto de conservação?

“Não, não é por mim que lamento, pois sempre vou saber me virar... Meus livros, meus lápis, meu piano, são coisas que não custam caro e que sempre poderei arranjar, sempre estarão comigo. Talvez imagine que me aflijo pela senhora Danglars, mas não se engane... Ou me engano redondamente, ou mamãe tomou todas as precauções contra a catástrofe que o ameaça e que passará sem atingi-la... Ela abrigou-se, espero, e não foi cuidando de mim que ela se esqueceu de suas preocupações financeiras... Pois, graças a Deus, ela deixou-me toda a minha independência, a pretexto de que eu amava a minha liberdade.

“Oh, não, senhor, desde a infância vi acontecerem muitas coisas ao meu redor... Eu as compreendi muito bem, para que a desgraça me cause mais impressão do que deveria causar... Desde que me conheço, nunca fui amada por ninguém, tanto pior! Isso me levou naturalmente a não amar ninguém, tanto melhor! Agora já conhece a minha profissão de fé.”

— Então — disse Danglars, pálido, com uma fúria que não tinha sua fonte no amor paterno ofendido —, então, senhorita, insiste em querer consumir a minha ruína?

— A sua ruína? — perguntou Eugénie. — Eu... consumir a sua ruína? O que quer dizer? Não compreendo...

— Tanto melhor, isso me deixa um raio de esperança... Escute.

— Estou escutando — disse Eugénie, olhando tão fixamente o pai que ele teve de se esforçar para não baixar os olhos diante do poderoso olhar da jovem.

— O senhor Cavalcanti casa-se com você — continuou Danglars — e, ao casar-se com você, traz-lhe três milhões de dote, que deposita em meu banco.

— Ah, muito bem! — exclamou, com soberano desprezo, Eugénie, alisando as luvas uma contra a outra.

— Acha que eu lhe subtrairia esses três milhões? — disse Danglars. — De maneira alguma: esses três milhões estão destinados a gerar pelo menos dez milhões... Obtive com um banqueiro, meu colega, a concessão de uma estrada de ferro, única indústria que em nossos dias oferece as fabulosas oportunidades de sucesso imediato com que outrora Law atraiu os bons parisienses, sempre boquiabertos diante da especulação, a um Mississipi fantástico. Pelos meus cálculos, eles devem possuir um milionésimo de ferrovia, como outrora se possuía um acre de terreno baldio às margens do rio Ohio. É um investimento hipotecário, o que é um progresso, como pode ver, pois teremos ao menos dez, quinze, vinte, cem libras de ferro, em troca do seu dinheiro! Pois bem, em uma semana devo depositar em meu nome quatro milhões! Esses quatro milhões, como lhe disse, vão gerar dez ou doze milhões...

— Mas durante aquela visita que lhe fiz anteontem, senhor, e da qual tão bem se lembra — replicou Eugénie —, eu o vi descontar... é este o termo, não é?... cinco milhões e meio... O senhor até mesmo me mostrou o montante em dois bônus do tesouro e ficou admirado de ver que um papel de tão grande valor não fascinava meus olhos como um relâmpago.

— Sim, mas esses cinco milhões e meio não pertencem a mim, são apenas uma prova da confiança que têm em mim... A minha fama de banqueiro popular valeu-me a confiança dos hospitais, e os cinco milhões e meio pertencem aos hospitais... Em qualquer outra época, eu não hesitaria em me servir deles, mas hoje sabem das grandes perdas que sofri e, como lhe disse, o crédito começa a retirar-se de mim. De um momento para outro, a administração pode reclamar o depósito, e, se o empregasse em outra coisa, seria obrigado a abrir uma falência vergonhosa. Não desprezo as falências, acredite, mas as falências que enriquecem, não as que arruínam. Mas, se você se casar com o senhor Cavalcanti, se eu receber os três milhões do dote, ou mesmo se acreditarem que vou recebê-los, o meu crédito se restabelece, e a minha fortuna, que há

um ou dois meses desaparece em abismos abertos a meus pés por uma fatalidade absurda, se consolida... Compreende?

— Perfeitamente... O senhor me empenha por três milhões, não é?

— Quanto mais alta a quantia, mais ela elogia... Ela lhe dá uma ideia de seu valor.

— Obrigada. Uma última palavra, senhor... Promete servir-se tanto quanto quiser do montante do dote que o senhor Cavalcanti deve trazer, mas não tocar na soma? Não se trata de uma questão de egoísmo, trata-se de uma questão de delicadeza. Quero ajudá-lo a recuperar sua fortuna, mas não quero ser sua cúmplice na ruína alheia.

— Mas eu já lhe disse — exclamou Danglars — que com esses três milhões...

— Acha que pode se livrar da dificuldade, senhor, sem precisar mexer nesses três milhões?

— Espero que sim, mas sempre com a condição de que o casamento, consumando-se, consolide o meu crédito.

— E poderá pagar ao senhor Cavalcanti os quinhentos mil francos que me oferece pelo meu contrato?

— Ao voltar da cerimônia, ele os receberá.

— Bem!

— Como, “bem!”? Que quer dizer?

— Quero dizer que ao pedir minha assinatura o senhor me deixa inteiramente livre, não é?

— Inteiramente.

— Então, bem! Como ia lhe dizendo, senhor, estou pronta a me casar com o senhor Cavalcanti.

— Mas quais são seus planos?

— Ah, isso é segredo meu... Onde estaria a minha superioridade sobre o senhor se, conhecendo o seu segredo, eu lhe contasse o meu?

Danglars mordeu os lábios.

— Então — disse ele —, está pronta a fazer algumas visitas oficiais que são absolutamente indispensáveis?

— Sim — respondeu Eugénie.

— E a assinar o contrato em três dias?

— Sim.

— Então, por minha vez, sou eu que lhe digo: “bem!”...

E Danglars tomou a mão da filha e apertou-a entre as suas.

Mas, coisa extraordinária, durante esse aperto de mão, o pai não ousou dizer: “Obrigado, minha filha”... E a filha não sorriu ao pai.

— A conferência está terminada? — perguntou Eugénie, levantando-se.

Danglars fez com a cabeça sinal de que já não tinha mais nada a dizer.

Cinco minutos depois, o piano soava sob os dedos da senhorita d’Armilly, e a senhorita Danglars cantava a maldição de Brabâncio sobre sua filha Desdêmona.

Ao fim da peça, Étienne entrou e anunciou a Eugénie que os cavalos estavam na carruagem e que a baronesa a esperava para fazer as suas visitas.

Vimos as duas mulheres passarem pela casa de Villefort, de onde saíram para continuar sua corrida.

XCVII. O CONTRATO

Três dias depois da cena que acabamos de contar — isto é, por volta das cinco da tarde do dia marcado para a assinatura do contrato entre a senhorita Eugénie Danglars e Andrea Cavalcanti, que o banqueiro se obstinava a chamar de príncipe —, uma brisa fresca agitava cada folha do pequeno jardim situado em frente à casa do conde de Monte-Cristo, no momento em que o conde preparava-se para sair, enquanto os seus cavalos o esperavam batendo as patas, seguros pela mão do cocheiro, que já estava em seu assento havia um quarto de hora, e o elegante carro que já vimos várias vezes, especialmente durante o banquete em Auteuil, contornou rapidamente a curva da porta de entrada e lançou — mais do que depositou — nos degraus da escadaria o senhor Andrea Cavalcanti, tão dourado e radiante quanto se estivesse prestes a casar-se com uma princesa.

Ele informou-se sobre a saúde do conde com aquela familiaridade que lhe era habitual e, escalando agilmente o primeiro andar, encontrou-o pessoalmente no alto da escada.

Ao ver o jovem, o conde se deteve. Quanto a Andrea Cavalcanti, ele estava lançado — e quando ele estava lançado nada o detinha.

— Ah, boa tarde, meu caro senhor de Monte-Cristo — disse ele ao conde.

— Ah, senhor Andrea — exclamou o conde em seu tom meio irônico —, como vai?

— Maravilhosamente, como vê. Vim conversar com o senhor sobre mil coisas... Mas, primeiro, o senhor estava saindo ou chegando?

— Saindo, senhor.

— Então, para não atrasá-lo, subirei, se me permitir, à sua carruagem, e Tom nos seguirá, conduzindo o meu carro a reboque.

— Não... — disse, com imperceptível sorriso de desprezo, o conde, que não queria ser visto na companhia do jovem. — Não, prefiro ouvi-lo aqui, caro senhor Andrea... Conversa-se melhor em casa, sem cocheiro para surpreender as nossas palavras no ar.

O conde entrou, portanto, num pequeno salão pertencente ao primeiro andar, sentou-se e, cruzando as pernas, fez sinal ao jovem para também sentar-se.

Andrea assumiu o seu ar mais risonho.

— O senhor sabe, caro conde, que a cerimônia acontecerá esta noite... — disse ele. Às nove horas assinaremos o contrato na casa do sogro.

— Ah, verdade? — disse Monte-Cristo.

— Como, o senhor não estava sabendo da novidade? O senhor Danglars não o avisou dessa solenidade?

— De fato — disse o conde —, ontem recebi uma carta dele... Mas acho que a hora não estava indicada.

— É possível... O sogro deve ter contado com a notoriedade pública.

— Bem — disse Monte-Cristo —, agora está feliz, senhor Cavalcanti: vai contrair uma aliança das mais vantajosas... E, afinal, a senhorita Danglars é bonita.

— Ah, sim — respondeu Cavalcanti em tom cheio de modéstia.

— E ela é principalmente muito rica, ao menos é o que imagino — disse Monte-Cristo.

— Muito rica, o senhor imagina? — repetiu o jovem.

— Certamente... Dizem que o senhor Danglars esconde pelo menos metade de sua fortuna.

— E confessa ter quinze ou vinte milhões — disse Andrea, com olhar radiante de alegria.

— Sem contar — acrescentou Monte-Cristo — que ele está na véspera de entrar num gênero de especulação já comum nos Estados Unidos e na Inglaterra, mas totalmente novo na França.

— Sim, sim, sei do que está falando... A concessão de estrada de ferro que ele acaba de conseguir, não é?

— Exato! Ele vai ganhar no mínimo dez milhões nesse negócio, é a opinião geral.

— Dez milhões! O senhor acredita? É magnífico! — exclamou Cavalcanti, embriagando-se ao tilintar metálico de palavras douradas.

— Sem contar — continuou Monte-Cristo — que você acabará recebendo toda essa fortuna, o que é justo: a senhorita Danglars é filha única. Aliás, sua fortuna pessoal, ao menos seu pai me disse, é quase igual à de sua noiva... Mas deixemos um pouco de lado as questões financeiras. Sabia, senhor Andrea, que conduziu todo esse negócio com muita rapidez e habilidade?

— Nada mal, nada mal — disse o jovem. — Nasci para ser diplomata.

— Bem, logo o farão entrar na diplomacia... Como sabe, a diplomacia não se aprende: é algo instintivo... Então está apaixonado?

— Na verdade, temo que sim — respondeu Andrea, no tom em que ouvira, no Teatro Francês, Dorante, ou Valère, responder a Alceste.

— E ela também está apaixonada?

— Deve estar — disse Andrea, com sorriso triunfante —, já que vai se casar comigo. Entretanto, não esqueçamos um detalhe importante.

— Qual?

— É que fui bastante ajudado em tudo isso.

— Ora...

— Com certeza.

— Pelas circunstâncias?

— Não, pelo senhor.

— Por mim? Ora, deixe disso, príncipe — disse Monte-Cristo, sublinhando o título com afetação. — O que eu poderia fazer por você? Já não bastavam seu nome, sua posição social e seu mérito?

— Não — respondeu Andrea —, não... Por mais que proteste, senhor conde, garanto que a posição de um homem como o senhor agiu mais do que meu nome, minha posição social e meu mérito.

— Está completamente enganado, senhor — disse Monte-Cristo, percebendo a pérfida manobra do jovem, compreendendo o alcance de suas palavras. — A minha proteção só lhe foi dada depois que eu soube da influência e da fortuna do senhor seu pai... Pois, afinal, quem me proporcionou, a mim que nunca havia visto nem o senhor, nem o seu ilustre progenitor, o imenso prazer de conhecê-los? Foram dois de meus bons amigos: lorde Wilmore e o abade Busoni. E quem me encorajou, não a lhe servir de garantia, mas a patrociná-lo? Foi o nome de seu pai, tão conhecido e tão honrado na Itália... Pessoalmente, eu não o conheço.

Essa calma, essa perfeita naturalidade, fizeram Andrea compreender que no momento ele era pressionado por mão mais musculosa do que a sua, e que a pressão não poderia ser facilmente detida.

— Ah, sim! — disse Andrea. — Mas então, senhor conde, é mesmo verdade que o meu pai possui uma fortuna imensa?

— Parece que sim, senhor — respondeu Monte-Cristo.

— E sabe se o dote que ele me prometeu já chegou?

— Recebi a carta de aviso do dote.

— Mas e os três milhões?

— Os três milhões provavelmente estão a caminho.

— Então, realmente, vou recebê-los?

— Ah, meu Deus! — exclamou o conde. — Parece-me que até agora, senhor, dinheiro é o que não lhe fez falta!

Andrea ficou tão surpreso que não conseguiu impedir-se de sonhar por um momento.

— Então — disse ele, voltando de seu devaneio —, só me resta, senhor, fazer-lhe um pedido, e este pedido o senhor há de compreender, mesmo se lhe for desagradável.

— Fale — disse Monte-Cristo.

— Graças à minha fortuna, travei relações com muitas pessoas distintas, e até mesmo tenho, ao menos no momento, uma multidão de amigos. Mas ao me casar, como o faço, diante de toda a sociedade parisiense, devo ser apoiado por um nome ilustre, e na falta da mão paterna é uma mão poderosa que deve me conduzir ao altar... Ora, meu pai não virá a Paris, não é?

— Ele está velho, coberto de ferimentos, e disse que sofre terrivelmente sempre que viaja.

— Compreendo... Bem, vim lhe fazer um pedido.

— A mim?

— Sim, ao senhor.

— Meu Deus, mas que pedido?

— Bem, substituir o meu pai.

— Ah, meu caro senhor, o quê? Depois dos numerosos encontros que tive a honra de ter com o senhor, ainda me conhece tão mal para me fazer tal pedido?

“Se me pedisse meio milhão emprestado, embora um empréstimo desses seja coisa rara, palavra de honra, o senhor seria menos importuno. Saiba, portanto, e eu julgava já ter lhe dito isto, que o conde de Monte-Cristo, em sua participação, principalmente moral, nas coisas deste mundo, nunca deixou de ter os escrúpulos, e direi mais, de ter as superstições de um homem do Oriente.

“Eu, que tenho um harém no Cairo, outro em Esmirna, outro em Constantinopla, presidir um casamento? Jamais!”

— Então se recusa?

— Claro... E se fosse meu filho, e se fosse meu irmão, eu também me recusaria.

— Ah, mas que coisa! — exclamou Andrea, desapontado. — Mas então que fazer?

— Como o senhor mesmo disse, o senhor tem um milhão de amigos.

— É verdade, mas foi o senhor que me apresentou na casa do senhor Danglars.

— Absolutamente! Vamos restabelecer os fatos em toda sua veracidade: fui eu que o convidei a jantar com ele em Auteuil, mas foi o senhor que se apresentou a ele... Diabo, isso é muito diferente.

— Sim, mas o meu casamento, o senhor ajudou...

— Eu? De maneira alguma, pode acreditar... Mas, então, lembre-se do que lhe respondi quando veio me implorar que eu fizesse o pedido: “Oh, eu nunca patrocino casamentos, meu caro príncipe: é um princípio vital para mim”.

Andrea mordeu os lábios.

— Mas, afinal — perguntou ele —, ao menos vai comparecer?

— Toda Paris estará lá?

— Oh, com certeza!

— Bem, lá estarei, como toda Paris — disse o conde.

— E vai assinar o contrato?

— Oh, não vejo nisso nenhum inconveniente, e os meus escrúpulos não vão assim tão longe.

— Enfim, já que não quer me conceder mais, tenho de me contentar com o que me concede. Mas uma última palavra, conde.

— Como não?

— Um conselho...

— Preste atenção: um conselho é pior do que um favor.

— Oh, este conselho o senhor pode me dar sem se comprometer.

— Diga lá.

— O dote de minha mulher é de quinhentas mil libras...

— Foi a cifra que o senhor Danglars mencionou também a mim.

— Devo recebê-la? Ou deixá-las nas mãos do tabelião?

— Em geral, eis como as coisas se passam, quando queremos que elas se passem com elegância: os seus dois tabeliães marcam um encontro para o dia seguinte, ou para dois dias depois do contrato... Então eles trocam os dotes, então eles trocam recibos...

Depois, celebrado o casamento, eles colocam os milhões à sua disposição, como chefe da casa.

— É que... — disse Andrea, com certa inquietude mal dissimulada — creio ter ouvido dizer que meu sogro tinha intenção de investir os nossos fundos naquele famoso negócio de estrada de ferro que o senhor mencionou há pouco.

— Bem — replicou Monte-Cristo —, ao que todo mundo diz, esse é o meio de triplicar os seus capitais em um ano. O senhor barão Danglars é bom pai e sabe contar.

— Ora, vamos — disse Andrea —, então tudo bem, a não ser a sua recusa, que me devora o coração.

— Não a atribua senão a escrúpulos muito naturais em tais circunstâncias.

— Vamos — disse Andrea —, que seja, aja como quiser... Até à noite, às nove horas.

— Até à noite.

E, apesar de leve resistência de Monte-Cristo, cujos lábios empalideceram, mas que entretanto conservou o seu sorriso de cerimônia, Andrea tomou a mão do conde, apertou-a, saltou a seu carro e desapareceu.

As quatro ou cinco horas que lhe restavam até às nove, Andrea empregou-as em corridas e em visitas destinadas a interessar os amigos que mencionara a aparecerem na casa do banqueiro com todo o luxo de suas carruagens, deslumbrando-os com promessas de ações que passaram a virar a cabeça de muitos, e cuja iniciativa naquele momento cabia a Danglars.

De fato, às oito e meia, o grande salão de Danglars, a galeria ao lado do salão e os três outros salões do térreo estavam tomados por uma multidão perfumada que atraía muito pouco a simpatia, mas que atraía muito aquela irresistível necessidade de estar no lugar onde se sabe que há novidade.

Um acadêmico diria que as festas de sociedade são coleções de flores que atraem borboletas volúveis, abelhas famintas e besouros a zumbir.

Nem é preciso dizer que os salões estavam resplandecentes de velas, a luz inundava as molduras douradas nas tapeçarias de seda,

e todo o mau gosto da mobília — que a seu favor só tinha a riqueza — brilhava em todo o seu esplendor.

A senhorita Eugénie estava vestida com a mais elegante simplicidade: um vestido de seda branca, bordado de branco, e uma rosa branca, quase escondida em seus cabelos negros de azeviche, vinham a ser todo o seu adorno, que não era enriquecido pela menor joia.

Mas podia-se ler em seus olhos aquela plena segurança destinada a desmentir o que aquela cândida toaleta tinha de vulgarmente virginal a seus próprios olhos.

A trinta passos dela, a senhora Danglars conversava com Debray, Beauchamp e Château-Renaud. Debray fizera sua entrada na casa para a grande solenidade, mas como todo mundo — sem nenhum privilégio particular.

O senhor Danglars — cercado por deputados e homens de finanças — explicava uma teoria de novas contribuições que pretendia implementar quando a força das circunstâncias obrigasse o governo a chamá-lo ao ministério.

Andrea, dando o braço a um dos mais elegantes dândis do Teatro da Ópera, explicava-lhe com bastante impertinência, pois ele precisava ser atrevido para parecer à vontade, os seus projetos de vida futura e os luxuosos progressos que esperava fazer, com as suas cento e setenta e cinco mil libras de renda, na moda parisiense.

A multidão geral vagava pelos salões como fluxo e refluxo de turquesas, rubis, esmeraldas, opalas e diamantes.

Como em toda parte, notava-se que as mulheres mais velhas eram as mais enfeitadas — e que eram as mais feias que se exibiam com mais insistência.

Se havia algum belo lírio branco, ou alguma rosa suave e perfumada, seria preciso procurá-la e descobri-la escondida em algum canto por uma tia com penas paradisíacas, ou por uma mãe não com pena, mas turbante.

A todo instante, no meio daquela balbúrdia, daquele zumbido, daqueles risos, a voz dos porteiros anunciava um nome conhecido

no mundo das finanças, respeitado no exército ou ilustre nas letras; então, discreto movimento dos grupos acolhia aquele nome.

Mas, para cada um que tinha o privilégio de agitar aquele oceano de ondas humanas, quantos não passavam acolhidos pela indiferença ou pelo riso do desdém.

No momento em que o ponteiro do pêndulo maciço, do pêndulo representando Endimião adormecido, marcava nove horas no quadrante de ouro — quando a campainha, fiel reprodutora do pensamento maquinal, soava nove vezes —, o nome do conde de Monte-Cristo ecoou por sua vez e, como se impelida pela flama elétrica, toda a assistência voltou-se para a porta.

O conde estava vestido de negro com sua simplicidade habitual; seu colete branco desenhava-lhe o peito vasto e nobre; seu colarinho negro parecia de um vigor singular, tanto ressaltava a palidez mate de sua pele; sua única joia era uma corrente de colete tão fina que mal se via o magro fio de ouro sobre o tecido branco.

Instantaneamente formou-se um círculo ao redor da porta.

Num relance, o conde avistou a senhora Danglars numa extremidade do salão, o senhor Danglars na outra e a senhorita Eugénie à sua frente.

Aproximou-se primeiro da baronesa Danglars, que conversava com a senhora de Villefort, que viera sozinha, pois Valentine continuava doente; e sem se desviar — todos lhe abriam caminho — passou da baronesa a Eugénie, que cumprimentou em termos tão rápidos, tão reservados, que a orgulhosa artista ficou chocada.

Ao lado dela estava a senhorita Louise d'Armilly, que agradeceu ao conde pelas cartas de recomendação para a Itália que lhe dera tão amavelmente, cartas que lhe seriam muito úteis, como ela disse.

Ao deixar essas damas, ele voltou-se e viu-se próximo a Danglars, que se aproximara para apertar-lhe a mão.

Depois de cumprir esses três deveres sociais, Monte-Cristo parou, passeando ao redor um olhar seguro, marcado pela expressão característica das pessoas de certa sociedade — principalmente de certa importância —, olhar que parecia dizer: “Fiz o que devia; agora, os outros que façam o que me devem.”

Andrea, que estava num salão ao lado, percebeu a espécie de frêmito que Monte-Cristo imprimira à multidão e correu para cumprimentar o conde.

Encontrou-o completamente cercado; disputavam as suas palavras, como sempre acontece às pessoas que falam pouco e nunca dizem uma palavra sem valor.

Os tabeliães fizeram sua entrada nesse momento e foram instalar seus papéis rabiscados sobre o veludo bordado a ouro que cobria a mesa de madeira dourada preparada para a assinatura.

Um dos tabeliães sentou-se, outro ficou em pé.

Iam proceder à leitura do contrato, que metade de Paris, presente na cerimônia, deveria assinar.

Cada um tomou o seu lugar, ou melhor, as mulheres formaram um círculo, enquanto os homens, mais indiferentes à banda do estilo enérgico — como dizia Boileau —, teceram os seus comentários sobre a agitação febril de Andrea, sobre a concentração do senhor Danglars, sobre a impassibilidade de Eugénie e sobre a forma ágil e desenvolta com que a baronesa se incumbia desse importante assunto.

O contrato foi lido em meio a profundo silêncio. Entretanto, assim que a leitura terminou, o rumor voltou aos salões muito maior do que fora antes: aquelas somas exorbitantes, aqueles milhões a rolar no futuro dos dois jovens, somando-se à exposição que haviam feito — numa sala exclusivamente dedicada a esse fim — do enxoval da noiva e dos diamantes da jovem, tinham repercutido com todo o seu prestígio na invejosa assistência.

Os encantos da senhorita Danglars tinham se multiplicado aos olhos dos jovens — naquele momento, ofuscavam o brilho do sol.

Quanto às mulheres, nem é preciso dizer que, embora invejassem aqueles milhões, não imaginavam precisar deles para serem belas.

Andrea, assediado pelos amigos, cumprimentado, adulado, começando a acreditar na realidade do sonho que vivia, estava prestes a perder a cabeça.

O tabelião tomou solenemente a pena, ergueu-a acima da cabeça e disse: — Senhores: vamos assinar o contrato.

O barão deveria ser o primeiro a assinar; a seguir, o procurador do senhor Cavalcanti pai; a seguir, a baronesa; a seguir, os futuros cônjuges, como se diz naquele abominável estilo que abunda nos papéis oficiais.

O barão tomou a pena e assinou; a seguir, o procurador.

A baronesa aproximou-se de braços dados com a senhora de Villefort.

— Minha amiga — disse ela, tomando a pluma —, não é algo desesperador? Um incidente inesperado, ocorrido no caso do assassinato e roubo em que o senhor conde de Monte-Cristo quase foi vítima, priva-nos da presença do senhor de Villefort.

— Oh, meu Deus! — exclamou Danglars, no mesmo tom em que diria: — “Juro, isso me é completamente indiferente”.

— Meu Deus! — exclamou Monte-Cristo, aproximando-se. — Receio muito ser a causa involuntária dessa ausência.

— Como, o senhor, conde? — exclamou a senhora Danglars ao assinar. — Se assim for, preste atenção, nunca o perdoarei.

Andrea era todo ouvidos.

— Mas não foi culpa minha — disse o conde. — E faço questão de provar.

Escutavam avidamente: Monte-Cristo, que raramente abria a boca, iria falar.

— Vocês se lembram — disse o conde, em meio ao mais profundo silêncio — que foi na minha casa que morreu aquele infeliz que viera me roubar, e que, ao sair de minha casa, foi morto, julga-se, por seu cúmplice...

— Sim — disse Danglars.

— Pois bem... Para socorrê-lo, despiram-no e jogaram suas roupas num canto, onde a justiça as recolheu... Mas a justiça, ao recolher o paletó e a calça para depositá-los no arquivo, esqueceu-se do colete.

Andrea empalideceu visivelmente e deslizou suavemente para o lado da porta: ele via aparecer uma nuvem no horizonte, e esta nuvem parecia-lhe encerrar a tempestade em seu ventre.

— Pois bem! Esse colete infeliz foi encontrado hoje todo coberto de sangue e com um furo no lugar do coração.

As damas deram um grito — duas ou três ameaçaram desmaiar.

— Trouxeram-me o colete. Ninguém seria capaz de adivinhar de onde vinha aquele trapo... Só eu imaginei que provavelmente era o colete da vítima. De repente, meu camareiro, revistando com asco e precaução aquela relíquia macabra, percebeu um papel no bolso e o retirou: era uma carta, dirigida a quem?... Ao senhor, barão.

— A mim? — exclamou Danglars.

— Oh, meu Deus! Sim, ao senhor... Consegui ler o seu nome através do sangue que manchava o bilhete — respondeu Monte-Cristo em meio às exclamações de surpresa geral.

— Mas então — perguntou a senhora Danglars, olhando o marido com preocupação — por que isso impede o senhor de Villefort?

— Muito simples, senhora — respondeu Monte-Cristo. — Esse colete e essa carta são o que chamam de provas materiais... Enviei tudo, carta e colete, ao senhor procurador do rei. O senhor compreende, meu caro barão: a via legal é a mais segura em matéria penal... Talvez se trate de alguma maquinação contra o senhor.

Andrea olhou fixamente Monte-Cristo e desapareceu no segundo salão.

— É possível — disse Danglars. — Esse homem assassinado não era um ex-prisioneiro?

— Sim — respondeu o conde —, um ex-prisioneiro chamado Caderousse.

Danglars empalideceu ligeiramente; Andrea deixou o segundo salão e chegou ao vestíbulo.

— Mas então assinem, assinem então! — exclamou Monte-Cristo. — Vejo que o meu relato deixou todo mundo impressionado... E peço humildemente perdão à senhora baronesa e à senhorita Danglars.

A baronesa, que acabara de assinar, devolveu a pena ao tabelião.

— Senhor príncipe Cavalcanti... — disse o tabelião —, senhor príncipe Cavalcanti, onde está?

— Andrea?! Andrea?! — repetiram muitas vozes de jovens que já tinham alcançado certo grau de intimidade com o nobre italiano para chamá-lo pelo prenome.

— Vá chamar o príncipe, avise-lhe que é a vez dele de assinar! — gritou Danglars a um porteiro.

Mas no mesmo instante a multidão dos presentes refluíu aterrada para o salão principal, como se algum monstro terrível tivesse invadido os salões, *quaerens quem devoret*.¹⁷

De fato, havia motivo para recuar, aterrar-se, gritar.

Um oficial de polícia colocara dois guardas à porta de cada salão e avançava na direção de Danglars, atrás de um comissário de polícia com sua faixa.

A senhora Danglars deu um grito e desmaiou.

Danglars, que se julgava ameaçado (certas consciências nunca se sentem em paz), Danglars ofereceu aos olhos de seus convidados uma fisionomia desfeita pelo terror.

— O que há, senhor? — perguntou Monte-Cristo, avançando ao encontro do comissário.

— Qual dos senhores — perguntou o magistrado, sem responder ao conde — se chama Andrea Cavalcanti?

Um grito de espanto partiu de todos os cantos do salão.

Procuraram — interrogaram.

— Mas afinal quem é esse Andrea Cavalcanti? — perguntou Danglars, quase alucinado.

— Um ex-prisioneiro que fugiu da prisão de Toulon.

— E qual foi o crime que ele cometeu?

— Ele é acusado — disse o comissário, com sua voz impassível — de ter assassinado o chamado Caderousse, seu ex-companheiro de prisão, no momento em que saía da casa do conde de Monte-Cristo.

Monte-Cristo lançou um rápido olhar ao redor.

Andrea já havia desaparecido.

XCVIII. A ESTRADA DA BÉLGICA Instantes depois da cena de confusão provocada nos salões do senhor Danglars pela

inesperada aparição do oficial de polícia e pela revelação que se seguira, o vasto palácio esvaziara-se com tanta rapidez quanto se tivessem anunciado um caso de peste ou de cólera-mórbida entre os convidados: em poucos minutos, por todas as portas, por todas as escadas, por todas as saídas, todos tinham se apressado a se retirar, ou melhor, a fugir; pois estavam diante de uma dessas circunstâncias em que não se deve tentar recorrer às banais consolações que, nas grandes catástrofes, tornam os melhores amigos tão importunos.

No palácio do banqueiro, só ficaram Danglars, encerrado em seu gabinete, nas mãos do oficial de polícia, prestando o seu depoimento; a senhora Danglars, aterrada, na alcova que já conhecemos; e Eugénie, que, olhar altivo e lábios desdenhosos, retirara-se para seu quarto ao lado de sua inseparável companheira — a senhorita Louise d'Armilly.

Quanto aos numerosos criados — ainda mais numerosos naquela noite do que de costume, pois para a festa a eles se somavam os sorveteiros, cozinheiros e mordomos do Café de Paris —, voltando contra os patrões a cólera pelo que chamavam de afronta, estacionavam em grupos na copa, nas cozinhas e em suas dependências, muito pouco preocupados com o serviço, que, aliás, achava-se muito naturalmente interrompido.

Entre esses diversos personagens impulsionados por interesses diversos, apenas dois merecem nossa atenção: a senhorita Eugénie Danglars e a senhorita Louise d'Armilly.

A jovem noiva, como dissemos, retirara-se com olhar altivo e lábios desdenhosos, com a pose de uma rainha ultrajada, ao lado da companheira, mais pálida e emocionada do que ela.

Ao chegar ao quarto, Eugénie trancou a porta por dentro, enquanto Louise caía em uma cadeira.

— Oh, meu Deus! Meu Deus, que coisa terrível! — exclamou a jovem musicista. — Quem poderia imaginar?... O senhor Andrea

Cavalcanti... um assassino... um foragido da prisão..., um forçado!

Um sorriso irônico contraiu os lábios de Eugénie.

— Na verdade, eu sou predestinada — exclamou ela. — Só escapei do Morcerf para cair no Cavalcanti!

— Oh, não confunda um com o outro, Eugénie...

— Cale-se!... Todos os homens são infames, e fico feliz de poder fazer algo mais do que detestá-los: agora eu os desprezo.

— Que vamos fazer? — perguntou Louise.

— Que vamos fazer?

— Sim.

— Mas o que faríamos daqui a três dias... partir.

— Então, mesmo não se casando, continua querendo...?

— Escute, Louise: tenho horror a essa vida de sociedade ordenada, compassada, pautada como a nossa partitura musical. O que sempre desejei, ambicionei, quis, é a vida de artista, a vida livre, independente, em que só dependemos de nós mesmos, em que só prestamos contas a nós mesmos. Ficar aqui para quê? Para daqui a um mês tentarem me casar de novo? E com quem? Com o senhor Debray, talvez, como já chegaram a sugerir... Não, Louise... Não, a aventura desta noite vai me servir de desculpa: eu não a procurei, não a pedi... Deus me deu esta aventura: seja ela bem-vinda.

— Mas como você é forte e corajosa! — exclamou a jovem loira e frágil à sua companheira morena.

— Então ainda não me conhece? Ora, vamos, Louise: falemos de nossas providências. A diligência de viagem...

— Felizmente, já foi comprada há três dias.

— Mandou levarem-na ao lugar onde devemos embarcar?

— Mandei.

— E o nosso passaporte?

— Aqui está!

Com o seu atrevimento habitual, Eugénie desdobrou o papel e leu: Sr. Léon d'Armilly, vinte anos de idade, profissão: artista, cabelos negros, olhos negros, viajando com sua irmã.

— Maravilha! Quem lhe conseguiu este passaporte?

— Quando fui pedir ao senhor de Monte-Cristo cartas para os diretores dos teatros de Roma e de Nápoles, exprimi-lhe meu receio

de viajar como mulher... Ele compreendeu perfeitamente, colocou-se à minha disposição para me conseguir um passaporte de homem e, dois dias depois, recebi este passaporte, onde acrescentei com minha mão: viajando com sua irmã.

— Bem — exclamou Eugénie alegremente —, então só precisamos fazer as malas: apenas partiremos na noite da assinatura do contrato, em vez de partir na noite de núpcias.

— Pense bem, Eugénie...

— Oh, já pensei bastante... Estou cansada de só ouvir falar de relatórios, fins de mês, alta, baixa, fundos espanhóis, papéis haitianos... Em vez disso, Louise, você compreende: o ar, a liberdade, o canto dos pássaros, as planícies da Lombardia, os canais de Veneza, os palácios de Roma, a praia de Nápoles... Quanto temos, Louise?

A jovem interrogada tirou de uma escrivanhinha entalhada uma pequena carteira fechada, abriu-a e contou vinte e três cédulas bancárias.

— Vinte e três mil francos — respondeu ela.

— E ao menos outro tanto em pérolas, diamantes e joias — disse Eugénie. — Estamos ricas. Com quarenta e cinco mil francos, temos com que viver como princesas durante dois anos, ou razoavelmente durante quatro...

“Mas, em menos de seis meses, você com a sua música, e eu com a minha voz, dobraremos o nosso capital. Vamos, cuide do dinheiro: eu cuido do cofre de joias... Assim, se uma de nós tiver o azar de perder o seu tesouro, a outra vai conservar o seu. Agora, a mala... Depressa... A mala!”

— Espere — disse Louise, indo escutar à porta da senhora Danglars.

— O que teme?

— Que nos surpreendam.

— A porta está fechada.

— Que nos mandem abrir.

— Podem mandar à vontade, não abriremos.

— Você é uma verdadeira amazona, Eugénie!

E as duas jovens, com prodigiosa atividade, começaram a juntar numa mala todos os utensílios de viagem que imaginavam necessários.

— Aqui, agora — disse Eugénie —, enquanto mudo de roupa, feche a mala.

Louise empurrou, com toda a força de suas mãozinhas brancas, a tampa da mala.

— Mas eu não consigo — disse ela —, não sou muito forte... Feche você.

— Ah, está certo — disse Eugénie rindo —, esqueci que eu sou o Hércules, e você é só a pálida Ônfale.

E a jovem, apoiando o joelho na mala, retesou os seus braços brancos e musculosos até que os dois compartimentos da mala se juntassem e a senhorita d'Armilly passasse o cadeado entre as duas argolas.

Terminada essa operação, Eugénie abriu uma cômoda cuja chave trazia e dela tirou uma manta de viagem de seda violeta acolchoada.

— Pegue — disse ela —, está vendo como pensei em tudo?... Com essa manta você não vai sentir frio.

— Mas e você?

— Oh, eu nunca sinto frio, você sabe... Aliás, com estas roupas de homem...

— Você vai se vestir aqui?

— Claro.

— Mas terá tempo?

— Não precisa se preocupar, sua medrosa... Todos estão ocupados com o grande escândalo. Aliás, o que haveria de surpreendente em estar trancada, quando só pensam no desespero que devo estar sentindo?

— Nada, é verdade... Você me tranquiliza.

— Venha, me ajude.

E, da mesma gaveta de onde tirara a manta que acabara de dar à senhorita d'Armilly — que já cobria os ombros com ela —, Eugénie tirou um traje masculino completo, desde as botinas até a

sobrecasaca, com uma provisão de roupa branca em que nada era supérfluo, em que só havia o necessário.

Então, com um desembaraço que mostrava não ser a primeira vez que se divertia vestindo roupas de outro sexo, Eugénie calçou as botinas, vestiu as calças, deu o laço na gravata, abotoou até o pescoço um colete alto e envergou uma sobrecasaca que ressaltava sua cintura fina e arredondada.

— Oh, está ótimo! Na verdade, está ótimo! — exclamou Louise, olhando-a com admiração. — Mas esses belos cabelos negros, essas tranças magníficas que faziam todas as mulheres morrerem de inveja, vão caber num chapéu de homem como aquele ali?

— Você vai ver só — disse Eugénie.

E, agarrando com a mão esquerda a trança espessa em torno da qual os seus longos dedos mal se fechavam, Eugénie agarrou com a mão direita um par de longas tesouras — logo o aço chiou no meio da rica e esplêndida cabeleira, que caiu inteiramente aos pés da jovem inclinada para trás, para não deixar os fios caírem na sobrecasaca.

A seguir, cortada a trança superior, Eugénie passou às tranças das têmporas, que abateu sucessivamente, sem deixar escapar o menor lamento: pelo contrário, seus olhos brilharam mais cintilantes e mais alegres que de costume sob as sobranceiras negras como ébano.

— Oh, os seus lindos cabelos! — exclamou Louise, lamentando-se.

— Ah, não estou mil vezes melhor assim? — exclamou Eugénie, alisando os cachos esparsos de seu penteado agora bem masculino. — Não me acha mais bela assim?

— Oh, você está linda, continua linda! — exclamou Louise. — Agora, para onde vamos?

— Ora, vamos para Bruxelas, se quiser... É a fronteira mais próxima. Chegaremos a Bruxelas, Liège, Aix-la-Chapelle... Subiremos o Reno até Estrasburgo, atravessaremos a Suíça e desceremos à Itália pelo Saint-Gothard... Está bom assim?

— Está ótimo.

— O que você está olhando?

— Você... É verdade: você está adorável assim, vão dizer que está me raptando.

— Nossa... E teriam razão.

— Oh, acho que você tinha jurado, Eugénie...

E as duas jovens, que todos supunham mergulhadas em lágrimas — uma pelos seus próprios motivos, outra por devoção à amiga —, não paravam de rir, enquanto faziam desaparecer os vestígios mais evidentes da desordem que naturalmente acompanhara os preparativos da fuga.

Então, depois de apagarem as luzes, com olhos vigilantes, ouvidos à espreita, pescoços tesos, as duas fugitivas abriram a porta de um vestiário que dava para uma escada de serviço que descia até o pátio — Eugénie ia à frente, levando numa mão a mala que, na alça oposta, a senhorita d'Armilly mal conseguia erguer com as duas mãos.

O pátio estava vazio. Soava meia-noite.

Na guarita do porteiro havia luz.

Eugénie aproximou-se mansamente e viu o digno suíço dormindo no fundo da casinha, estendido em sua poltrona.

Ela voltou até Louise, pegou a mala que por instantes descansara no chão e as duas amigas, seguindo a sombra projetada pelo muro, chegaram ao portão.

Eugénie fez Louise se esconder no canto da porta, de maneira que, se o porteiro acordasse, veria apenas uma pessoa.

Então, oferecendo-se à luz que iluminava o pátio: — A porta! — gritou ela, na mais bela voz de contralto, batendo no vidro.

O porteiro levantou-se, como previra Eugénie, e até mesmo deu alguns passos para identificar a pessoa que saía; entretanto, ao ver um jovem castigar impaciente a calça com o chicote, abriu imediatamente.

Louise logo deslizou como uma cobra pela porta entreaberta e saltou agilmente para fora. Eugénie, aparentemente calma, embora provavelmente seu coração batesse com mais força que de hábito, também saiu.

Um carregador passava — encarregaram-no da mala; as duas jovens indicaram-lhe como destino a rua da Vitória, número 36, e

seguiram atrás desse homem, cuja presença tranquilizava Louise; quanto a Eugénie, ela era forte como uma Judite ou uma Dalila.

Chegaram ao número indicado. Eugénie ordenou ao carregador que pousasse a mala, deu-lhe algumas moedas e depois de bater à janela despachou-o.

A janela em que Eugénie batera era a de uma pobre lavadeira já prevenida: ela ainda não se deitara e logo abriu.

— Senhorita — disse Eugénie —, mande o porteiro tirar a caleça da cocheira, e mande-o buscar os cavalos na estação de muda. Aqui estão cinco francos pelo trabalho que lhe damos.

— Mas realmente eu a admiro — disse Louise —, eu até diria que a respeito.

A lavadeira olhava, surpresa; mas, como já estava combinado que receberia vinte luíses, não fez a menor observação.

Um quarto de hora depois, o porteiro voltava trazendo o cocheiro e os cavalos, que num piscar de olhos foram atrelados à carruagem, onde o porteiro prendeu a mala, com ajuda de uma corda e de um torniquete.

— Aqui está o passaporte — disse o cocheiro. — Que estrada vamos tomar, meu jovem burguês?

— A estrada de Fontainebleau — respondeu Eugénie, com uma voz quase masculina.

— Ora, mas o que você está dizendo? — perguntou Louise.

— Só estou despistando — disse Eugénie. — Aquela mulher a quem demos vinte luíses pode nos trair por quarenta: na avenida, tomaremos outra direção.

E a jovem saltou à diligência transformada em excelente carro-leito sem quase tocar no estribo.

— Você sempre tem razão, Eugénie — disse a professora de canto, sentando-se ao lado da amiga.

Um quarto de hora depois, o cocheiro, tomando o caminho correto, atravessava — fazendo estalar seu chicote — o portão da barreira Saint-Martin.

— Ah — exclamou Louise, respirando —, enfim saímos de Paris...

— Sim, minha querida, e enfim o rapto está consumado — respondeu Eugénie.

— Sim, mas sem violência... — disse Louise.

— Vou considerar isso como uma circunstância atenuante... — respondeu Eugénie.

Essas palavras perderam-se em meio ao barulho da carruagem que rodava sobre o pavimento de La Villette.

O senhor Danglars já não tinha mais filha.

XCIX. A POUSADA DO SINO E DA GARRAFA E agora deixemos a senhorita Danglars e sua amiga viajarem pela estrada de Bruxelas — voltemos ao pobre Andrea Cavalcanti, tão fatalmente detido às portas da fortuna.

Apesar de ser ainda bem jovem, o senhor Andrea Cavalcanti era um rapaz muito habilidoso e inteligente.

Assim, aos primeiros rumores que penetraram no salão, vimos Andrea aproximar-se gradativamente da porta, atravessar uma ou duas salas e afinal desaparecer.

Uma circunstância que tínhamos nos esquecido de mencionar, mas que todavia não deve ser omitida, é que numa dessas duas salas que Cavalcanti atravessou estava exposto o enxoval da noiva: estojos de diamantes, xales de cachemira, rendas de Valenciennes, véus da Inglaterra — enfim, tudo o que forma o mundo de tentadores objetos cujo nome leva o coração das jovens a disparar de alegria e que chamamos de corbelha.

Ora, ao passar por aquela sala — o que prova que era não apenas um rapaz muito inteligente e habilidoso, mas também previdente —, Andrea apoderou-se do mais valioso dos adornos expostos.

Carregando esse viático, Andrea sentiu-se bem mais leve para pular a janela e deslizar entre as mãos dos guardas.

Alto e forte como um lutador antigo, musculoso como um espartano, Andrea correu durante um quarto de hora sem saber

para onde ir, procurando afastar-se do local onde quase fora preso.

Partindo da rua do Mont-Blanc, com o instinto dos obstáculos que os ladrões possuem como a lebre o da toca, ele chegara ao fim da rua Lafayette.

Ali parou, sufocado e ofegante.

Estava completamente sozinho; à esquerda havia o muro da prisão de Saint-Lazare, vasto deserto; à direita, Paris em toda a sua profundidade.

— Estou perdido? — perguntou-se Andrea. — Não, se conseguir percorrer uma distância maior que a de meus inimigos. Assim, minha salvação vem a ser simplesmente um problema de miriâmetros de extensão.

Nesse momento, viu, vindo do alto do subúrbio Poissonnière, um cabriolé de aluguel: o cocheiro, sombrio, fumando o seu cachimbo, parecia querer voltar ao fim do subúrbio Saint-Denis, onde certamente costumava estacionar.

— Ei, amigo! — exclamou Bedito.

— Pois não, meu burguês! — exclamou o cocheiro.

— Seu cavalo está muito cansado?

— Cansado?! Imagine! Ele não fez nada o dia inteiro. Quatro corridinhas de nada e vinte soldos de gorjeta, sete francos no total, e tenho de dar dez francos ao patrão!

— E a esses sete francos quer somar estes vinte aqui, hein?

— Com prazer, meu burguês... Eu não desprezo vinte francos. Então, que devo fazer para ganhar esses vinte?

— Algo muito fácil, se o seu cavalo não estiver muito cansado.

— Pois eu lhe garanto que ele vai voar como o vento... Basta dizer para que lado quer ir.

— Para o lado de Louvres.

— Ah, ah, sei: a terra do licor!

— Exatamente. Só preciso alcançar um amigo meu com quem vou caçar amanhã em La Chapelle-en-Serval. Ele devia me esperar aqui com seu cabriolé até às onze e meia, mas já é meia-noite... Deve ter se cansado de esperar e foi embora sozinho.

— Provavelmente.

— Bem, quer tentar alcançá-lo?

— É tudo o que quero.

— Se não o alcançarmos até Bourget, você ganhará vinte francos... Se não o alcançarmos até Louvres, ganhará trinta...

— E se nós o alcançarmos?

— Quarenta!... — exclamou Andrea, depois de um momento de hesitação, concluindo que não havia risco algum em prometer.

— Está bom! — exclamou o cocheiro. — Sobe, vamos embora! Simbora!...

Andrea subiu ao cabriolé, que, a galope, atravessou o subúrbio Saint-Denis, costeou o subúrbio Saint-Martin, atravessou a barreira e se meteu pela interminável Villette.

Cavalcanti não tinha a ilusão de alcançar aquele amigo imaginário, mas de vez em quando perguntava aos transeuntes retardatários, ou nas tavernas ainda abertas, se não tinham visto um cabriolé verde atrelado a um cavalo baio; e como na estrada dos Países Baixos circulam muitos cabriolés, como nove décimos dos cabriolés são verdes, não parava de chover informações.

Sempre tinham acabado de vê-lo passar; ele só estava quinhentos, duzentos, cem metros à frente; enfim o alcançavam, mas não era ele.

Uma vez, o cabriolé foi ultrapassado por uma caleça que voava, movida pelo galope de dois cavalos de posta.

— Ah — pensou Cavalcanti —, se eu tivesse essa caleça, esses dois ótimos cavalos e, principalmente, o passaporte para obtê-los!

E suspirou profundamente.

A caleça era aquela que levava as senhoritas Danglars e d'Armilly.

— A caminho, a caminho — exclamou Andrea —, logo vamos alcançá-la.

E o pobre cavalo retomou o furioso trote em que viera desde a barreira — chegou fumegante a Louvres.

— Realmente — disse Andrea —, já vi que não vou alcançar meu amigo, só vou matar o seu cavalo. Assim, é melhor parar. Aqui estão seus trinta francos, vou dormir no Cavalo Vermelho e pegar a primeira diligência em que houver lugar. Boa noite, meu amigo.

Depois de depositar seis moedas de cinco francos na mão do cocheiro, Andrea saltou agilmente à estrada.

O cocheiro embolsou alegremente a quantia e retomou a passo o caminho de Paris; Andrea fingiu que ia ao Hotel do Cavalo Vermelho, mas, depois de parar por um instante à porta do hotel ouvindo o ruído do cabriolé perder-se no horizonte, seguiu adiante e, em passos ginásticos, percorreu mais duas léguas.

Então descansou; devia estar bem perto de La Chapelle-en-Serval, para onde dissera que ia.

Não era o cansaço que detinha Andrea Cavalcanti: era a necessidade de tomar uma decisão e de fixar um plano.

Pegar a diligência seria impossível; embarcar na posta também era impossível. Para viajar, de qualquer forma, um passaporte era obrigatório.

Permanecer no departamento do Oise — ou seja, num dos departamentos mais expostos e vigiados da França — também seria impossível, principalmente para um homem como Andrea, tão entendido em matéria criminal.

Então ele sentou-se à beira de uma vala, escondeu a cabeça entre as mãos e refletiu.

Dez minutos depois reergueu a cabeça: a sua decisão já estava tomada.

Cobriu de poeira todo um lado do paletó que tivera tempo de pegar no vestíbulo e vestir por cima do traje de baile e, chegando a La Chapelle-en-Serval, corajosamente foi bater à porta da única pousada da região.

O hoteleiro veio abrir.

— Meu amigo — disse Andrea —, eu estava viajando de Mortefontaine a Senlis quando o meu cavalo, que é um animal arisco, espantou-se, saltou e me atirou a dez passos de distância. Mas tenho de chegar esta noite a Compiègne, ou minha família vai ficar muito preocupada... Tem um cavalo para me alugar?

Bom ou mau, um estalajadeiro sempre tem um cavalo.

O estalajadeiro de La Chapelle-en-Serval chamou o cavaliço, mandou-o selar o Branco e acordou o filho, menino de sete anos que montaria na garupa do senhor e traria o quadrúpede de volta.

Andrea deu vinte francos ao estalajadeiro e, ao tirá-los do bolso, deixou cair um cartão de visita.

Esse cartão de visita pertencia a um dos seus amigos do Café de Paris: quando Andrea se foi, o estalajadeiro pegou o cartão que caíra do bolso e ficou convencido de que alugara seu cavalo ao sr. conde de Mauléon, rua Saint-Dominique, 25 — nome e endereço que se encontravam no cartão.

O Branco não voava, mas seguia em passo igual e constante; em três horas e meia, Andrea percorreu as nove léguas até Compiègne; soavam quatro horas no relógio da Prefeitura Municipal quando ele chegou à praça onde paravam as diligências.

Em Compiègne há um excelente hotel de que se lembram até mesmo aqueles que lá só ficaram uma vez.

Andrea, que lá ficara em uma de suas excursões pelos arredores de Paris, lembrou-se da Pousada do Sino e da Garrafa: orientou-se, viu à luz de um lampião a tabuleta e, despedindo o menino, a quem deu todos os trocados que tinha, foi bater à porta, pensando com muita razão que tinha três ou quatro horas livres e melhor seria prevenir-se das próximas fadigas com um bom sono e uma boa ceia.

Um rapaz veio abrir.

— Meu amigo — disse Andrea —, estou chegando de Saint-Jean-au-Bois, onde jantei... Queria pegar a diligência da meia-noite... Mas me perdi como um tolo e passei quatro horas andando pela floresta. Então me dê um desses belos quatinhos que dão para o pátio... E mande subir uma galinha fria e uma garrafa de vinho de Bordeaux.

O rapaz de nada suspeitou: Andrea falava com a mais perfeita calma, tinha um charuto na boca e as mãos nos bolsos do paletó; suas roupas eram elegantes, sua barba recém-cortada, suas botas impecáveis; parecia não ser mais que um vizinho retardatário.

Enquanto o rapaz preparava o quarto, a hoteleira levantou-se: Andrea acolheu-a com o seu sorriso mais encantador e perguntou-lhe se não poderia ficar no quarto número 3, onde já ficara em sua última passagem por Compiègne; infelizmente, o número 3 estava ocupado por um jovem que viajava com a irmã.

Andrea pareceu desesperado; só se consolou quando a estalajadeira lhe garantiu que o número 7, que estava sendo preparado, era absolutamente igual ao número 3; enquanto esquentava os pés e conversava sobre as últimas corridas de Chantilly, ele esperou anunciarem que seu quarto estava pronto.

Não sem razão Andrea falara dos belos aposentos que davam para o pátio: o pátio da Pousada do Sino, com a sua tripla fileira de galerias que lhe davam a aparência de uma sala de espetáculos, com os seus jasmins e clematites subindo através de suas colunatas leves, como uma decoração natural, é uma das mais encantadoras entradas de pousada que existem no mundo.

A galinha era fresca, o vinho era velho, o fogo era claro e crepitante; Andrea surpreendeu-se ao cear com tanto apetite, como se nada tivesse acontecido.

A seguir foi para a cama e quase imediatamente dormiu aquele sono implacável a que o homem sempre se entrega aos vinte anos, mesmo quando sente remorsos.

Ora, vemo-nos obrigados a confessar que Andrea deveria sentir remorsos, mas não os sentia.

Eis qual era o plano de Andrea — plano que muito o ajudava a sentir-se seguro.

À aurora ele se levantaria, pagaria rigorosamente as suas contas e sairia da pousada; iria para a floresta e, pretextando fazer estudos de pintura, compraria a hospitalidade de um camponês; arrumaria uma roupa de lenhador e um machado: tiraria a fantasia do leão elegante para vestir a do operário; depois, com as mãos sujas de terra, cabelos escurecidos por um pente de chumbo, tez bronzeada por um preparado cuja receita lhe fora dada pelos velhos camaradas, chegaria, de floresta em floresta, à fronteira mais próxima, caminhando de noite, dormindo de dia, nas florestas ou nas clareiras, só aproximando-se de lugares habitados de vez em quando, para comprar pão.

Depois de atravessar a fronteira, Andrea venderia os diamantes, aplicaria o dinheiro que conseguisse em uma dezena de títulos bancários que traria sempre consigo, para o caso de necessidade, e

ainda teria um capital de cinquenta mil libras, o que não lhe parecia ser uma filosofia de vida muito dura.

Aliás, contava com o interesse dos Danglars em abafar o rumor da desventura.

Eis por que, à parte o cansaço, Andrea dormiu tão depressa e tão bem.

Aliás, para acordar mais cedo, Andrea não fechara as venezianas, contentando-se em trancar os ferrolhos da porta e deixar preparada no criado-mudo uma faca bem afiada e muito bem temperada que sempre o acompanhava.

Lá pelas sete da manhã, Andrea foi despertado por um raio de sol quente e brilhante que vinha brincar em seu rosto.

Em todo cérebro bem organizado, a ideia dominante — e sempre há uma —, a ideia dominante, dizíamos, é aquela que, depois de ser a última a adormecer, é a primeira a iluminar o despertar do pensamento.

Andrea ainda não abria inteiramente os olhos e o seu pensamento dominante já o assaltava e soprava-lhe ao ouvido que ele já dormira demais.

Pulou da cama e correu à janela.

Um guarda atravessava o pátio.

O guarda é um dos objetos mais impressionantes que existem no mundo, mesmo aos olhos de um homem sem preocupações; mas para toda consciência amedrontada, e com motivos para sê-lo, o amarelo, o azul e o branco que compõem seu uniforme assumem tons assustadores.

— Um guarda aqui, por quê? — perguntou-se Andrea.

Então logo respondeu a si mesmo com aquela lógica que o leitor já deve ter reparado nele: — Um guarda numa pousada, isso é normal, mas é melhor nos vestirmos.

E o jovem vestiu-se com uma rapidez que o seu camareiro não lhe arrancara, durante os meses de vida moderna que Andrea levava em Paris.

— Bom — disse Andrea, vestindo-se —, vou esperar o guarda ir embora: quando ele for embora, eu desapareço.

Enquanto pensava, Andrea, já de botas e gravata, foi mansamente até a janela e voltou a espiar pela cortina de musselina.

Não apenas o primeiro guarda não havia ido embora, como também o jovem avistou um segundo uniforme azul, amarelo e branco ao pé da escada por onde teria de descer, enquanto um terceiro guarda, a cavalo e de mosquetão em punho, montava sentinela no portão da rua por onde Andrea teria de sair.

Esse terceiro guarda era extremamente significativo, pois diante dele formava-se um semicírculo de curiosos que bloqueavam hermeticamente a porta do hotel.

— Estão me procurando! — foi a primeira ideia que ocorreu a Andrea. — Mas que diabo!

A palidez invadiu o rosto do rapaz; ele olhou ao redor com ansiedade.

Seu quarto, como todos naquele andar, só tinha uma saída para a galeria externa, exposta a todos os olhares.

— Estou perdido! — foi a segunda ideia que lhe ocorreu.

De fato, para um homem na situação de Andrea, a prisão significava o tribunal, o julgamento, a morte — a morte sem misericórdia e sem demora.

Por um instante, comprimiu convulsivamente a cabeça entre as mãos.

Nesse instante, quase enlouqueceu de medo.

Entretanto, em meio ao mundo de pensamentos a se contradizerem em sua cabeça, logo brotou uma ideia cheia de esperança; pálido sorriso desenhou-se em seus lábios lívidos e em suas faces contraídas.

Olhou ao redor: os objetos que procurava estavam reunidos sobre o mármore de uma escrivaninha — pena, tinta e papel.

Molhou a pena na tinta e escreveu, em mão que buscava ser firme, as seguintes linhas na primeira folha do caderno: “Não tenho dinheiro para pagar, mas não sou um homem desonesto: deixo em consignação este alfinete que vale dez vezes a despesa que fiz. Perdoem-me por ter escapado ao raiar do dia: eu estava envergonhado!”

Tirou o alfinete da gravata e colocou-o sobre o papel.

Feito isto, em vez de deixar os ferrolhos trancados, abriu-os; entreabriu também a porta, como se ao sair do quarto tivesse se esquecido de fechá-lo, e, se enfiando na lareira como um homem acostumado a essa espécie de ginástica, recolocou a grade, que representava Aquiles e Deidamia, apagou com os próprios pés os vestígios de seus passos nas cinzas e começou a escalar o arco da chaminé, que lhe oferecia a única via de salvação em que ainda tinha alguma esperança.

No mesmo instante, o primeiro guarda que Andrea avistara subia a escada atrás do comissário de polícia e apoiado pelo segundo guarda, que vigiava ao pé da escada, onde podia contar com o reforço do guarda estacionado à porta.

Eis a que circunstâncias Andrea devia essa visita, que com tanto empenho dispensara-se de receber.

Ao alvorecer, os telégrafos tinham despachado em todas as direções, e todas as localidades, quase imediatamente avisadas, tinham despertado as autoridades e lançado a força pública em busca do assassino de Caderousse.

Compiègne, residência real; Compiègne, cidade de caça; Compiègne, cidade de quartel, estava cheia de autoridades, guardas e comissários de polícia; portanto, as buscas tinham começado assim que receberam a ordem telegráfica e, sendo a Pousada do Sino e da Garrafa o principal hotel da cidade, naturalmente começaram as buscas por ele.

Aliás, segundo o relatório das sentinelas que naquela noite montavam guarda na Prefeitura Municipal (que fica ao lado da Pousada do Sino), segundo o relatório das sentinelas — como íamos dizendo — fora constatado que à noite vários viajantes tinham chegado ao hotel.

A sentinela rendida às seis da manhã até se lembrava: no momento em que assumia seu posto — ou seja, às quatro horas e alguns minutos da madrugada —, vira um jovem montado em um cavalo branco com um menino camponês na garupa; o jovem descera na praça, despedira o camponês e o cavalo e fora bater à porta da Pousada do Sino, que se abria e o recebera.

Esse jovem que chegara tão tarde atraíra todas as suspeitas.

Ora, esse jovem não era outro senão Andrea.

Com base nessas informações, o comissário de polícia e o guarda — que era sargento — encaminhavam-se para a porta de Andrea.

A porta estava entreaberta.

— Oh, oh! — exclamou o sargento, velha raposa entendida nas artimanhas da profissão. — Mau sinal, uma porta aberta! Preferia ver a porta bem aferrolhada!

De fato, o bilhete e o alfinete deixados por Andrea em cima da mesa confirmaram — ou melhor, reforçaram — a triste verdade.

Andrea havia fugido.

Dissemos “reforçaram” porque o sargento não era homem de render-se a uma única prova.

Ele olhou ao redor, espiou debaixo da cama, revirou as cortinas, abriu os armários e afinal parou diante da lareira.

Graças às precauções de Andrea, nas cinzas não havia vestígio algum de sua passagem.

Entretanto, a chaminé era uma saída e, nas circunstâncias em que se encontravam, todas as saídas deviam ser objeto de séria investigação.

Então o sargento mandou trazerem um feixe de lenha e palha; forrou a lareira como se fora um morteiro e botou fogo.

O fogo fez as paredes de tijolo estalarem; opaca coluna de fumaça lançou-se pela chaminé e subiu ao céu como o negro jato de um vulcão, mas o sargento não viu o prisioneiro cair, como esperava.

É que Andrea, desde criança em luta com a sociedade, valia bem um guarda, mesmo se esse guarda se elevasse à respeitável patente de sargento; assim, prevendo o incêndio, Andrea alcançara o telhado e escondera-se atrás da chaminé.

Por um instante, teve alguma esperança de estar salvo, pois ouviu o sargento chamar os dois guardas e gritar: — Ele já não está mais aqui!

Entretanto, esticando habilmente o pescoço, Andrea viu que os dois guardas, ao ouvirem o grito, em vez de se retirarem — como

seria natural —, redobravam a atenção.

Também olhou ao redor: a Prefeitura Municipal, colossal construção do século XVI, erguia-se como uma muralha sombria; à direita, pelas janelas do monumento, era possível enxergar todos os cantos e recantos do telhado, como do alto de uma montanha se enxerga todo o vale.

Andrea compreendeu que logo iria ver a cabeça do sargento aparecer em alguma daquelas janelas.

Descoberto, estaria perdido: se fosse caçado nos telhados, não teria nenhuma possibilidade de sucesso.

Decidiu, portanto, descer — não pelo mesmo caminho por onde viera, mas por um caminho semelhante.

Seus olhos buscaram uma chaminé onde não houvesse fumaça: alcançou-a, rastejando pelo telhado, e desapareceu em seu orifício sem ser visto por ninguém.

No mesmo instante, uma pequena janela da Prefeitura Municipal abria-se, dando passagem à cabeça do sargento de polícia.

Por um momento, a cabeça ficou imóvel como os relevos de pedra que decoravam o edifício — a seguir, dando longo suspiro de desapontamento, a cabeça desapareceu.

O sargento, calmo e digno como a lei que representava, passou sem responder às mil perguntas da multidão reunida na praça e voltou a entrar na pousada.

— E então? — perguntaram também os dois guardas.

— Então, meus filhos — respondeu o sargento —, desde a aurora, o bandido já deve estar bem longe de nós... Mas vamos procurar na estrada de Villers-Cotterêts e de Noyon, vamos vasculhar a floresta e lá vamos pegá-lo, indubitavelmente.

O honrado funcionário acabara de parir esse sonoro advérbio — com a peculiar entonação dos sargentos de polícia — quando um longo grito de terror, acompanhado pelo repetido tilintar de uma campainha, ecoou no pátio da pousada.

— Oh, oh, o que é isso? — exclamou o sargento.

— Eis um viajante que parece estar com muita pressa — disse o hoteleiro. — Em que número estão tocando?

— No número 3.

— Corra lá, rapaz!

Nesse momento, os gritos e o som da campainha redobram.

O rapaz começou a correr.

— Não! — exclamou o sargento, detendo o criado. — Quem está tocando parece querer algo mais do que um criado: vamos lhe mandar um guarda. Quem está no número 3?

— O jovenzinho que chegou com a irmã esta noite, de carruagem, e pediu um quarto com duas camas.

A campainha soou pela terceira vez, com entonação cheia de angústia.

— Venha, senhor comissário! — gritou o sargento. — Siga-me, vamos depressa!

— Um instante — disse o hoteleiro. — No quarto 3 há duas escadas: uma externa e uma interna.

— Bom — exclamou o sargento —, vou pela interna, pois sou do Departamento do Interior... As carabinas estão carregadas?

— Sim, sargento.

— Bem, vigiem a escada externa: se ele quiser fugir, atirem... Trata-se de um grande criminoso, segundo o telégrafo.

Seguido pelo comissário, o sargento logo desapareceu na escada interna, acompanhado pelo rumor que suas revelações sobre Andrea acabavam de provocar na multidão.

Eis o que havia acontecido: Andrea descera com muita habilidade dois terços da chaminé, mas então pisara em falso e, apesar do apoio das mãos, descera com velocidade e sobretudo com barulho além do desejado.

Não seria nada, se o quarto estivesse deserto; mas infelizmente o quarto estava ocupado.

Duas mulheres dormiam numa cama — o barulho acordou-as.

Seus olhares fixaram-se no ponto de onde vinha o barulho: pelo vão da lareira, viram aparecer um homem.

Fora uma dessas duas mulheres, a loira, quem dera o grito terrível que ecoara por toda a pousada, enquanto a outra, que era morena, lançando-se ao cordão da campainha, dera o alarme, agitando-o com todas as suas forças.

Como vemos, Andrea estava sem sorte.

— Piedade! — gritou ele, pálido, perdido, sem ver as pessoas a quem se dirigia. — Piedade! Não gritem, ajudem-me! Não quero lhes fazer mal.

— Andrea! O assassino! — gritou uma das jovens.

— Eugénie! Senhorita Danglars! — murmurou Cavalcanti, passando do terror ao estupor.

— Socorro! Socorro! — gritou a senhorita d'Armilly, tomando a campainha das mãos inertes de Eugénie, tocando mais alto que sua companheira.

— Ajudem-me... estão me perseguindo! — exclamou Andrea, juntando as mãos. — Piedade, por favor: não me entreguem!

— Tarde demais: já estão subindo — respondeu Eugénie.

— Bem, então me escondam em algum lugar, digam que estavam apavoradas sem motivo algum... Desviando as suspeitas, vocês salvarão a minha vida.

As duas mulheres, apertadas uma contra a outra, envolvendo-se em seus lençóis, permaneceram mudas àquela voz suplicante; todas as apreensões e todas as repugnâncias se chocavam em seus espíritos.

— Está bem, que seja — disse Eugénie —, volte pelo caminho por onde veio, infeliz, e não diremos nada.

— Aqui está ele! Aqui está! — gritou uma voz no patamar. — Aqui! Estou vendo!

De fato, o sargento colara o olho à fechadura e vira Andrea de pé, suplicando.

Violenta coronhada fez saltar a fechadura — duas outras fizeram saltar os ferrolhos: a porta golpeada caiu para dentro.

Andrea correu para a outra porta — que dava para a galeria do pátio — e abriu-a, pronto para pular.

Os dois guardas estavam ali, com as suas carabinas, e miraram contra ele.

Andrea parou bruscamente; de pé, pálido, com o corpo um pouco inclinado para trás, ele segurava a faca inútil na mão crispada.

— Fuja! — gritou a senhorita d'Armilly, em cujo coração entrava a piedade à medida que o terror saía. — Fuja!

— Ou mate-se! — exclamou Eugénie, no tom e pose de uma daquelas vestais que no circo romano, com o polegar, ordenavam ao gladiador vitorioso que liquidasse o adversário derrubado.

Andrea estremeceu e olhou a jovem com um sorriso de desprezo a demonstrar que sua corrupção nada compreendia daquela sublime ferocidade da honra.

— Por que me matar?! — exclamou ele, soltando a faca.

— Mas, como disse, vão condená-lo à morte — exclamou a senhorita Danglars —, vão executá-lo como o último dos criminosos!

— Ora — replicou Cavalcanti, cruzando os braços —, eu tenho amigos.

O sargento avançou até ele de sabre em punho.

— Vamos, vamos — disse Cavalcanti —, poupe o sabre, meu bravo: não vale a pena fazer tanto escândalo, eu me rendo.

E estendeu as mãos às algemas.

As duas jovens olhavam com terror aquela monstruosa metamorfose que se operava a seus olhos: o homem de sociedade despia sua fantasia e voltava a ser o condenado.

Andrea voltou-se para elas e, com sorriso sem vergonha: — Tem algum recado para o senhor seu pai, senhorita Eugénie? — perguntou ele. — Tudo indica que vou voltar a Paris.

Eugénie escondeu a cabeça entre as mãos.

— Oh, oh! — exclamou Andrea. — Não há de que se envergonhar: não lhe quero mal por ter pegado a carruagem para correr atrás de mim... Eu não era quase seu marido?

E com esse gracejo Andrea saiu, deixando as duas fugitivas entregues aos sofrimentos da vergonha e aos comentários da multidão.

Uma hora depois, ambas vestindo trajes femininos, elas subiam à caleça de viagem.

Tinham fechado a porta da pousada para poupá-las dos olhares indiscretos; entretanto, quando a porta se abriu, elas tiveram de passar entre duas filas de curiosos de olhos flamejantes e lábios murmurantes.

Eugénie baixou as cortinas, mas, se já não via, ainda ouvia: o rumor da zombaria chegava até ela.

— Oh, por que o mundo não é um deserto? — exclamou ela, lançando-se aos braços da senhorita d'Armilly, com os olhos faiscando aquela raiva que levava Nero a desejar que o mundo romano tivesse só uma cabeça para cortá-la num só golpe.

No dia seguinte, desciam no Hotel de Flandres, em Bruxelas.

Desde a véspera, Andrea encontrava-se atrás das grades.

C. A LEI

Vimos com que tranquilidade a senhorita Danglars e a senhorita d'Armilly tinham realizado sua transformação e operado sua fuga: todos estavam preocupados demais com os próprios assuntos para se preocuparem com elas.

Deixaremos o banqueiro, com o suor na testa, alinhar, diante do fantasma da falência, as imensas colunas de seu passivo, e seguiremos a baronesa, que, depois de sentir-se por um momento esmagada pela violência do golpe que acabara de atingi-la, iria encontrar o seu habitual conselheiro, Lucien Debray.

De fato, a baronesa contava com aquele casamento para enfim livrar-se de uma tutela que, com uma jovem do caráter de Eugénie, não deixava de ser muito incômoda; pois, nessa espécie de contrato implícito que conserva o elo hierárquico da família, a mãe só é realmente senhora da filha enquanto for para ela um exemplo de sensatez e um modelo de perfeição.

Ora, a senhora Danglars temia a perspicácia de Eugénie e os conselhos da senhorita d'Armilly; ela surpreendera certos olhares de desdém lançados pela filha a Debray, olhares que pareciam mostrar que a filha conhecia todo o mistério de suas relações amorosas e financeiras com o secretário íntimo; enquanto uma interpretação mais sagaz e aprofundada mostraria à baronesa que Eugénie detestava Debray não por ser ele uma pedra de escândalo no meio da casa paterna, mas simplesmente porque ela o classificava na categoria dos bípedes que Diógenes buscava já não chamar mais de homens — e que Platão designava pela perífrase de animais bípedes e implumes.

A senhora Danglars, de seu ponto de vista, e neste mundo infelizmente cada um tem o seu ponto de vista pessoal, o que nos impede de ver o ponto de vista dos outros — a senhora Danglars, de seu ponto de vista, dizíamos, lamentava pois infinitamente que o casamento de Eugénie não se consumasse, não porque esse casamento fosse conveniente, desejável e fizesse a felicidade da filha, mas porque esse casamento lhe restituiria a liberdade.

Então, como dissemos, ela correu à casa de Debray, que depois de ter assistido, como toda Paris, à festa do contrato e ao escândalo que se seguira, apressara-se a se retirar a seu clube, onde, com

alguns amigos, conversara sobre o acontecimento que então era o tema da conversa de três quartos desta cidade eminentemente mexeriqueira, chamada de capital do mundo.

No momento em que a senhora Danglars, de vestido negro, escondida em longo véu, subia a escada que levava aos aposentos de Debray, apesar de o porteiro lhe garantir que o jovem não estava em casa, Debray repelia as insinuações de um amigo que tentava lhe provar que, depois do terrível escândalo que acabara de acontecer, era seu dever, como amigo da casa, casar-se com a senhorita Eugénie Danglars e seus dois milhões.

Debray defendia-se como homem que só queria ser convencido, pois muitas vezes já lhe ocorrera tal ideia; afinal, como conhecia bem Eugénie e seu caráter independente e altivo, às vezes assumia uma atitude totalmente defensiva, dizendo que tal união seria impossível, completamente impossível, deixando-se todavia cativar pelas más ideias, que, segundo os moralistas, cativam incessantemente até o homem mais correto e mais puro, velando no fundo de sua alma como Satã a velar atrás da cruz.

O chá, o jogo, a conversa — interessante, como vemos, pois se discutiam tão graves interesses —, prosseguiram até a uma hora da manhã.

Enquanto isso, a senhora Danglars, introduzida pelo camareiro de Lucien, esperava, velada e palpitante, na sala verde, entre dois cestos de flores que ela mesma enviara de manhã, e que Debray, devemos dizer, pessoalmente arrumara, dispusera e podara com um cuidado que levava a pobre mulher a perdoar sua ausência.

Às onze e quarenta, a senhora Danglars, cansada de esperar inutilmente, subiu ao fiacre e ordenou que a levassem de volta para casa.

As mulheres de certa sociedade têm algo em comum com as modistas galantes: costumam voltar para casa antes da meia-noite.

A baronesa entrou no palácio com a mesma precaução que Eugénie acabara de tomar para sair; subiu depressa, com o coração apertado, a escada de seus aposentos — como sabemos, vizinhos dos aposentos de Eugénie.

Temia muito provocar algum comentário; acreditava tão firmemente — pobre mulher respeitável, ao menos nesse sentido — na inocência de sua filha e em sua fidelidade ao lar paterno...

Ao chegar a seus aposentos, foi escutar à porta de Eugénie: não ouvindo nenhum barulho, tentou entrar, mas a porta estava aferrolhada.

A senhora Danglars imaginou que Eugénie, fatigada pelas terríveis emoções da noite, deitara-se na cama e adormecera.

Chamou a camareira e interrogou-a.

— A senhorita Eugénie — respondeu a camareira — voltou a seu quarto com a senhorita d'Armilly... Depois elas tomaram chá juntas... Depois elas me despediram, dizendo que já não precisavam mais de mim.

Desde então, a camareira estava na copa e, como todos, achava que as duas jovens estavam no quarto.

Então a senhora Danglars deitou-se, sem suspeitar de nada; entretanto, tranquila quanto às jovens, sua mente voltou-se aos acontecimentos.

À medida que as ideias se esclareciam em sua cabeça, aumentavam as proporções da cena do contrato: já não era mais um simples escândalo, era uma explosão; já não era mais uma simples vergonha, era uma ignomínia.

Sem querer, a baronesa então lembrou que não tivera pena da pobre Mercedes, recentemente atingida, em seu marido e no filho, por uma desgraça igualmente imensa.

— Eugénie está perdida, e nós também — disse a si mesma. — Da maneira como vai ser comentado, o caso nos cobre de vergonha... Pois, em uma sociedade como a nossa, certos ridículos são feridas vivas, sangrentas, incuráveis.

“Felizmente — murmurou ela —, Deus deu a Eugénie esse estranho caráter que tantas vezes me fez tremer!”

E seu olhar grato ergueu-se ao céu, cuja misteriosa Providência dispõe tudo antecipadamente, segundo os acontecimentos que devem suceder, chegando a transformar um defeito, e até mesmo um vício, em virtude.

Depois o seu pensamento atravessou o espaço — como o pássaro sobre o abismo, abrindo as suas asas — e deteve-se em Cavalcanti.

— Esse Andrea era um miserável, um ladrão, um assassino... Mas esse Andrea tinha maneiras que mostravam alguma educação, se não uma educação completa... Esse Andrea apresentara-se à sociedade aparentando ser muito rico, apoiado por nomes respeitáveis.

Como ver claro nesse dédalo? A quem dirigir-se para sair dessa cruel situação?

Debray, a quem corraera ao primeiro impulso da mulher que pede socorro ao homem que ama e que às vezes a engana, Debray só poderia aconselhá-la; era a alguém mais poderoso do que Debray que ela deveria se dirigir.

Então a baronesa lembrou-se do senhor de Villefort.

Fora o senhor de Villefort quem decidira prender Cavalcanti; fora Villefort quem, sem piedade, trouxera a inquietude ao seio de sua família, como se ela viesse a ser uma família estranha.

Mas não... Pensando melhor, o procurador do rei não era um homem impiedoso... Era um magistrado escravo de seus deveres, um amigo leal e firme, que, brutalmente, mas com mão segura, escarpelara a corrupção... Ele não era um carrasco, era um cirurgião, um cirurgião que quisera separar, aos olhos da sociedade, a honra dos Danglars da ignomínia daquele jovem perdido que eles tinham apresentado à sociedade como genro.

Se o senhor de Villefort, amigo da família Danglars, agia assim, seria impossível supor que o procurador do rei já soubesse de algo e se prestasse a alguma das artimanhas de Andrea.

Pensando bem, o comportamento de Villefort aparecia à baronesa de um ponto de vista que beneficiaria a ambos.

Mas a inflexibilidade do procurador do rei devia parar por aí; ela iria procurá-lo no dia seguinte e conseguiria que ele lhe promettesse, se não furtar-se a seus deveres de magistrado, ao menos conceder-lhes toda a extensão de sua indulgência.

A baronesa invocaria o passado; rejuvenesceria as suas lembranças; suplicaria, em nome de um tempo de culpa, mas

também de felicidade; o senhor de Villefort abafaria o caso, ou ao menos deixaria (e, para tanto, só precisaria desviar os olhos), ou ao menos deixaria Cavalcanti fugir, e só julgaria o crime à sombra do criminoso que se chama “à revelia”.

Só então ela dormiu mais tranquila.

No dia seguinte, às nove horas, ela levantou-se e, sem chamar a camareira, sem dar o menor sinal de vida a ninguém, vestiu-se e, vestida com a mesma simplicidade da véspera, desceu a escada, saiu do palácio, andou até à rua de Provence, subiu a um fiacre e mandou seguir até à casa do senhor de Villefort.

Havia um mês, aquela casa amaldiçoada apresentava o lúgubre aspecto de um leprosário onde se declarara a peste: parte dos aposentos estava fechada interna e externamente; as janelas fechadas só se abriam por alguns instantes, para arejar: então se via aparecer à janela a cara assustada de um lacaio; depois a janela se fechava, como a laje de um túmulo a cair sobre um sepulcro, e os vizinhos se diziam baixinho: — Será que hoje veremos mais um caixão sair da casa do procurador do rei?

A senhora Danglars foi tomada por calafrios ao ver aquela casa desolada; desceu do fiacre com pernas bambas, aproximou-se da porta trancada e tocou.

Só ao terceiro toque da campainha, cujo tilintar lúgubre parecia participar da tristeza geral, um porteiro apareceu, entreabrindo a porta na medida indispensável para deixar passar as palavras.

Ele viu uma mulher, uma mulher de sociedade, uma mulher elegantemente vestida, mas a porta permaneceu quase fechada.

— Mas então abra logo! — exclamou a baronesa.

— Primeiro, quem é a senhora? — perguntou o porteiro.

— Quem sou eu? Mas você me conhece muito bem...

— Nós já não conhecemos mais ninguém, minha senhora...

— Mas você ficou louco, meu amigo? — exclamou a baronesa.

— A senhora vem da parte de quem?

— Oh, isto já é demais...

— Senhora, são ordens, desculpe-me... Seu nome?

— Senhora baronesa Danglars... Já me viu vinte vezes.

— É possível, senhora... Agora, que deseja?

— Oh, mas como você está esquisito! Vou me queixar ao senhor de Villefort da impertinência de seus criados.

— Senhora, não se trata de impertinência, mas sim de precaução: ninguém entra aqui sem a autorização do senhor d'Avrigny, ou sem audiência com o senhor procurador do rei.

— Pois bem, é justamente com o senhor procurador do rei que quero falar.

— Assunto urgente?

— Bem pode ver que sim, já que ainda não retornei à minha carruagem... Mas vamos concluir: aqui está meu cartão, leve-o a seu amo.

— A senhora vai aguardar meu retorno?

— Sim, vá...

O porteiro fechou a porta, deixando a senhora Danglars na rua.

É verdade que a baronesa não esperou muito tempo; instantes depois, a porta se abriu na medida indispensável para dar passagem à baronesa: ela passou e a porta se fechou atrás dela.

Ao chegar ao pátio, sem perder a porta de vista, o porteiro tirou um apito do bolso e apitou.

O camareiro do senhor de Villefort apareceu à escadaria.

— A senhora há de desculpar esse bravo homem — disse ele, indo ao encontro da baronesa —, mas as suas ordens são bem precisas, e o senhor de Villefort me encarregou de dizer à senhora que ele não poderia proceder de outra maneira.

No pátio estava um entregador, introduzido com as mesmas precauções: examinavam as suas mercadorias.

A baronesa subiu a escadaria; sentia-se profundamente impressionada com aquela tristeza, que parecia ampliar o círculo da sua, e, sempre guiada pelo camareiro, foi introduzida, sem que o guia a perdesse de vista, no gabinete do magistrado.

Embora a senhora Danglars estivesse muito preocupada com o assunto que a trazia, a recepção que lhe fora feita por toda aquela criadagem parecera-lhe tão indigna que ela começou por se queixar.

Mas Villefort ergueu a cabeça abatida pela dor e olhou-a com sorriso tão triste que as queixas expiraram nos lábios da senhora.

— Desculpe a meus criados um terror pelo qual não posso culpá-los... Suspeitos, eles passaram a suspeitar.

A senhora Danglars já ouvira muitas vezes nos salões falarem daquele terror acusado pelo magistrado, mas jamais poderia supor, não fosse a experiência de seus próprios olhos, que tal sentimento chegasse a tal ponto.

— O senhor também se sente infeliz? — perguntou ela.

— Sim, senhora — respondeu o magistrado.

— E tem pena de mim?

— Sinceramente, minha senhora.

— E sabe por que vim?

— Veio me falar do que lhe aconteceu, não é verdade?

— Sim, senhor, de uma terrível desgraça.

— Quer dizer, uma desventura.

— Uma desventura?! — exclamou a baronesa.

— Ai, senhora! — respondeu o procurador do rei com sua calma imperturbável. — Agora só chamo de desgraça as coisas irreparáveis.

— Ah, senhor, acha que vão esquecer...?

— Tudo se esquece, minha senhora — respondeu Villefort. — Sua filha vai se casar amanhã, se não hoje... Em uma semana, se não amanhã.

“E, quanto a lamentar o futuro da senhorita Eugénie, não creio que seja essa sua intenção.”

A senhora Danglars olhou Villefort, estupefata diante daquela tranquilidade quase irônica.

— Acaso estou com um amigo? — perguntou ela em tom cheio de dolorosa dignidade.

— Sabe que sim, senhora — respondeu Villefort, com as faces a cobrirem-se de leve rubor ao fazer essa afirmação.

De fato, tal afirmação aludia a outros acontecimentos, não àqueles de que falavam no momento.

— Bem, então seja mais afetuoso, meu caro Villefort — disse a baronesa. — Fale-me como amigo, não como magistrado, e, quando me sinto profundamente infeliz, não me diga que devo parecer alegre.

Villefort inclinou-se e disse: — Há três meses, quando ouço falar de desgraças, minha senhora, adquiri o mau hábito de pensar nas minhas próprias, então as comparações egoístas me acontecem sem querer. Por isso, comparadas com minhas desgraças, as suas me parecem simples desventuras... Por isso, comparada com a minha terrível situação, a sua me parece invejável... Mas, se isso a contraria, mudemos de assunto. A senhora estava dizendo...

— Vim lhe perguntar, meu amigo — disse a baronesa —, como anda o caso desse impostor...

— Impostor! — repetiu Villefort. — Decididamente, a senhora tende a atenuar certas coisas e exagerar outras... Impostor, o senhor Andrea Cavalcanti, ou melhor, o senhor Benedito?... Está enganada, minha senhora: o senhor Benedito é simplesmente um assassino.

— Não digo que sua retificação não seja justa, meu senhor, mas, quanto mais for severo com esse infeliz, mais vai prejudicar minha família. Ora, vamos, esqueça-o por um momento... Em vez de persegui-lo, deixe-o fugir.

— Chegou tarde demais, minha senhora... As ordens já foram dadas.

— Bem, então, se o prenderem... Acha que vão prendê-lo?

— Espero que sim.

— Se o prenderem (escute, sempre ouço dizer que as prisões estão lotadas), bem, então, deixe-o na prisão.

O procurador fez um gesto negativo.

— Ao menos até que minha filha se case! — replicou a baronesa.

— Impossível, minha senhora... A justiça tem as suas formalidades.

— Até mesmo para mim? — perguntou a baronesa, meio brincando, meio séria.

— Para todos — respondeu Villefort —, até mesmo para mim, como para os outros.

— Ah! — fez a baronesa, sem acrescentar em palavras o que seu pensamento acabava de trair nessa exclamação.

Villefort mirou-a com o olhar que buscava sondar os pensamentos.

— Sim, entendo o que quer dizer — replicou ele. — Refere-se a esses terríveis rumores espalhados pela sociedade, dizendo que todas essas mortes que há três meses me enchem de luto, que a morte à qual Valentine milagrosamente acaba de escapar, não são naturais...

— Eu não estava pensando nisso — disse energicamente a senhora Danglars.

— Sim, a senhora estava pensando nisso sim, senhora, e com justiça, pois só podia pensar nisso e repetir em voz baixa: “Você, que persegue o crime, me diga: por que a seu redor há tantos crimes que permanecem impunes?”.

A baronesa empalideceu.

— Estava se repetindo isso, não estava, minha senhora?

— Bem, confesso que sim...

— E vou lhe responder.

Villefort aproximou sua poltrona da cadeira da senhora Danglars; depois, apoiando as duas mãos na escrivaninha, em tom mais abafado que de costume: — Há crimes que permanecem impunes porque não se sabe quem são os criminosos — disse ele —, porque se teme castigar uma cabeça inocente em vez de uma cabeça culpada, mas quando os criminosos forem descobertos (Villefort estendeu a mão a um grande crucifixo em frente à escrivaninha), quando os criminosos forem descobertos — repetiu ele —, juro pelo Deus vivo, minha senhora: sejam quem forem, eles vão morrer.

“Agora, depois do juramento que acabo de fazer, e que vou cumprir, minha senhora, ainda ousa me pedir perdão a esse miserável?!”

— Ah, meu senhor — replicou a senhora Danglars —, tem certeza de que ele venha a ser assim tão culpado quanto dizem?

— Escute, aqui está o seu processo: Benedito, condenado primeiro a cinco anos de trabalhos forçados por falsificação, aos dezesseis anos... O jovem prometia, como vê... Depois, fugitivo... Depois, assassino.

— E quem é esse infeliz?

- Ah, quem sabe? Um vagabundo, um corso...
- Então ninguém o procurou?
- Ninguém... Não se sabe quem são seus pais.
- Mas e aquele homem que veio lá de Luca?
- Era outro bandido igual a ele: seu cúmplice, talvez...

A baronesa juntou as mãos.

— Villefort! — exclamou ela, em seu tom mais suave e carinhoso.

— Pelo amor de Deus, minha senhora! — respondeu o procurador real, com firmeza não isenta de secura. — Pelo amor de Deus, nunca me peça perdão para um culpado.

“Quem sou eu? A lei. Acaso a lei tem olhos para ver sua tristeza? Acaso a lei tem ouvidos para ouvir sua voz doce? Acaso a lei tem memória para lembrar-se de seus delicados pensamentos? Não, senhora: a lei manda e, quando a lei manda, ela fere.

“Você me dirá, no entanto, que sou um ser vivo, não um código legal... Um homem, e não um volume... Olhe para mim, senhora, olhe ao meu redor: os homens me trataram como irmão? Os homens me amaram? Os homens me consideraram? Os homens me pouparam? Alguém pediu perdão para o senhor de Villefort, e foi concedido o perdão ao senhor de Villefort? Não, não e não! Atacado, sempre atacado!

“Você insiste, mulher, como sereia que é, em me falar com esse olhar encantador e expressivo, a me lembrar de que devo enrubescer. Bem, que seja... Sim, enrubescer por causa daquilo que você sabe, e talvez por outra coisa também...

“Mas, afinal, desde que eu mesmo falhei, e talvez de maneira mais decisiva do que os outros, bem, desde então, desnudo os outros para ver suas feridas e sempre encontro, direi mais, sempre encontro com alegria, com felicidade, o selo da fraqueza ou da perversidade humana.

“Porque cada homem que eu descobria culpado, cada culpado que eu condenava, parecia-me uma prova viva, uma nova prova de que eu não era uma hedionda exceção! Ai, sim, infelizmente, todo mundo é mau, minha senhora: provemos e condenemos os maus.”

Villefort pronunciou as últimas palavras com ira febril que dava à sua linguagem feroz eloquência.

— Mas — replicou a senhora Danglars, tentando um último esforço — mas você disse que esse jovem é vagabundo, órfão, abandonado por todos?

— Tanto pior, tanto pior, ou melhor, tanto melhor... A Providência o fez assim para que ninguém precise chorar por ele.

— Isso é chutar cachorro morto, meu senhor...

— O cachorro que assassina...

— A desonra dele respingaria em minha casa.

— Já não tenho eu a morte em minha casa?

— Oh, meu senhor — exclamou a baronesa —, o senhor não tem pena dos outros?... Bem, sou eu quem lhe diz, os outros também não vão ter pena do senhor...

— Que seja! — exclamou Villefort, erguendo o braço ao céu, em gesto de ameaça.

— Ao menos, se esse infeliz for preso, adie seu julgamento para a próxima magistratura... Isso nos dará seis meses para que o esqueçam.

— Não — disse Villefort. — Tenho mais cinco dias... O inquérito foi concluído... Cinco dias são mais tempo do que o necessário... Aliás, não entende, minha senhora, que eu também preciso esquecer? Bem, quando eu estou trabalhando, e eu trabalho dia e noite, quando eu estou trabalhando há momentos em que me esqueço e, quando me esqueço, fico feliz, como os mortos, mas antes isso que sofrer.

— Meu senhor, ele fugiu... Deixe-o fugir... A inércia é uma clemência fácil.

— Mas já lhe disse que é tarde demais... Ao amanhecer, o telégrafo foi acionado, e a esta hora...

— Senhor — disse o camareiro, entrando —, um dragão trouxe este despacho do Ministério do Interior.

Villefort pegou a carta e abriu-a depressa.

A senhora Danglars estremeceu de terror — Villefort tremeu de alegria.

— Preso! — exclamou Villefort. — Ele foi preso em Compiègne... Acabou!

A senhora Danglars ergueu-se, fria e pálida.

— Adeus, meu senhor — disse ela.

— Adeus, minha senhora — respondeu o procurador real, quase alegre, levando-a à porta.

A seguir, voltando à escrivaninha: — Pois é — disse ele, socando a carta com a mão direita —, eu tinha uma fraude, eu tinha três roubos, eu tinha dois incêndios... Só me faltava um assassinato, aqui está... A sessão será uma maravilha.

CI. A APARIÇÃO

Como o procurador do rei dissera à senhora Danglars, Valentine ainda não estava curada.

Quebrada de cansaço, de fato ela estava de cama; foi em seu quarto, da boca da senhora de Villefort, que ela soube dos acontecimentos que acabamos de contar — ou seja, da fuga de Eugénie e da prisão de Andrea Cavalcanti, ou melhor, de Benedito, bem como da acusação de assassinato formulada contra ele.

Entretanto, Valentine estava tão fraca que talvez esse relato não teria provocado todo o efeito que poderia provocar se ela se encontrasse em seu estado de saúde normal.

De fato, apenas algumas ideias vagas, algumas formas indecisas, ainda misturadas a ideias estranhas e a fantasmas fugazes, nasciam em seu cérebro enfermo, ou passavam diante de seus olhos, e logo tudo se apagou para que as sensações pessoais retomassem toda a sua força.

Durante o dia, Valentine ainda se mantinha próxima da realidade graças à dedicação de Noirtier, que era levado ao quarto da neta e lá permanecia, abrigando Valentine em seu olhar paternal; depois, era a vez de Villefort, ao voltar do Palácio da Justiça, passar uma hora ou duas ao lado de seu pai e de sua filha.

Às seis da tarde, Villefort retirava-se a seu gabinete; às oito, chegava o doutor d'Avrigny, trazendo pessoalmente a poção noturna

preparada para a jovem; então levavam Noirtier.

Uma enfermeira escolhida pelo médico substituí-a a todos e só ia embora quando Valentine adormecia, por volta das dez ou onze da noite.

Ao descer, a enfermeira entregava as chaves do quarto de Valentine ao senhor de Villefort em pessoa, de maneira que então só se podia entrar lá passando pelos aposentos da senhora de Villefort e pelo quarto do pequeno Édouard.

Toda manhã, Morrel ia ao quarto de Noirtier saber notícias de Valentine — mas, coisa extraordinária, Morrel parecia cada dia menos preocupado.

Primeiro porque a cada dia Valentine estava melhor, embora dominada por violenta exaltação nervosa; depois, Monte-Cristo não lhe dissera — quando Morrel corraera alucinado à casa dele — que, se Valentine não morresse em duas horas, estaria salva?

Ora, Valentine continuava viva, e quatro dias já tinham se passado.

A exaltação nervosa que mencionamos perseguia Valentine mesmo durante o sono, ou melhor, durante o estado de sonolência que sucedia à vigília; — era então, no silêncio da noite, à meia-luz da lamparina colocada sobre a lareira, consumindo-se em sua redoma de alabastro, que ela via passar as sombras que povoam o quarto dos doentes e que acompanham a febre com as suas asas a tremer.

Então lhe parecia ver aparecer a madrasta a ameaçá-la, ou Morrel a abraçá-la, ou seres quase estranhos à sua vida cotidiana, como o conde de Monte-Cristo — até a mobília, nesses momentos de delírio, lhe parecia móvel e inconstante; e isso durava até às duas ou três horas da manhã, quando um sono de chumbo apossava-se da jovem e a conduzia até o dia.

Na noite seguinte à manhã em que Valentine soubera da fuga de Eugénie e da prisão de Bedito, quando, depois de se misturarem por um momento às sensações de sua própria existência, esses acontecimentos começavam a sair pouco a pouco de seu pensamento, depois da retirada sucessiva de Villefort, d'Avrigny e Noirtier, enquanto soavam onze horas na igreja Saint-Philippe du

Roule, e a enfermeira, tendo colocado à mão da doente a beberagem preparada pelo médico e fechado a porta de seu quarto, escutava trêmula, na copa para onde se retirava, os comentários dos criados, guardando na memória as lúgubres histórias que, havia três meses, divertiam as noites nos vestíbulos do procurador do rei, uma cena inesperada aconteceu naquele quarto tão cuidadosamente fechado.

A enfermeira se retirara havia cerca de dez minutos.

Valentine, havia uma hora dominada por aquela febre que voltava todas as noites, deixava a sua cabeça, insubmissa à vontade, continuar o trabalho ativo, monótono e implacável do cérebro, que se esgota reproduzindo incessantemente os mesmos pensamentos, ou recriando as mesmas imagens.

Da mecha da lamparina, lançavam-se milhares de irradiações, todas cheias de estranhos significados, quando, de repente, à luz trêmula, Valentine julgou ver sua biblioteca — colocada ao lado da lareira, numa cavidade da parede — abrir-se lentamente, sem que os gonzos sobre os quais ela parecia girar fizessem o menor barulho.

Em outra época, Valentine teria agarrado o cordão de seda da campainha pedindo socorro — mas no estado em que se encontrava nada mais a surpreendia.

Ela tinha consciência de que todas as visões a seu redor eram filhas de seu delírio — ela tinha essa convicção, pois de manhã não restava vestígio algum de todos aqueles fantasmas noturnos, que desapareciam à luz do dia.

Atrás da porta apareceu uma figura humana.

Graças à sua febre, Valentine estava familiarizada demais com essas espécies de aparições para se assustar: ela apenas arregalou os olhos, esperando reconhecer Morrel.

A figura continuou a avançar na direção da cama, depois parou, parecendo escutar com profunda atenção.

Nesse momento, um reflexo da lamparina bateu no rosto do visitante noturno.

— Não é ele! — murmurou ela.

E esperou, convencida de que estava sonhando, que aquele homem, como acontece nos sonhos, desaparecesse ou se transformasse em outra pessoa.

Mas ela tocou o próprio pulso e, sentindo-o bater violentamente, lembrou-se de que o melhor meio de fazer desaparecer tais visões importunas era beber: o frescor da bebida, aliás preparada com a intenção de acalmar as agitações de que Valentine se queixara ao médico, trazia, fazendo a febre baixar, uma renovação das sensações do cérebro; depois de beber, por instantes, ela sofria menos.

Valentine estendeu pois a mão para pegar o copo no pires de cristal onde ele repousava; entretanto, enquanto estendia o braço trêmulo para fora da cama, a aparição — mais viva do que nunca — deu mais dois passos na direção da cama, chegando tão perto da jovem que ela ouviu sua respiração e pensou sentir a pressão de sua mão.

Dessa vez, a ilusão — ou melhor, a realidade — ultrapassava tudo o que Valentine experimentara até então; ela começou a acreditar-se bem desperta e bem viva; teve consciência de que gozava de toda a sua razão e estremeceu.

A pressão que Valentine sentira tentava deter-lhe o braço.

Valentine recolheu o braço lentamente.

Então a figura — com olhar irresistível, parecendo aliás mais protetora do que ameaçadora —, a figura pegou o copo, aproximou-se da lamparina e examinou a beberagem, como se quisesse julgar sua transparência e sua pureza.

Mas essa primeira prova não bastou.

O homem, ou melhor, o fantasma, pois ele caminhava tão suavemente que o tapete abafava o barulho de seus passos, o homem tirou do copo uma colherada da beberagem e ingeriu-a.

Valentine observava o que se passava diante de seus olhos com profundo sentimento de estupor.

Ela acreditava que tudo aquilo estava prestes a desaparecer para dar lugar a outro quadro; mas o homem, em vez de dissolver-se como uma sombra, aproximou-se dela e, estendendo o copo a

Valentine, em voz cheia de emoção: — Agora — disse ele —, beba!...

Valentine estremeceu.

Era a primeira vez que uma de suas visões lhe falava em tom tão vivo.

Ela abriu a boca para dar um grito.

O homem pousou um dedo em seus lábios.

— Senhor conde de Monte-Cristo! — murmurou ela.

Pelo terror a desenhar-se nos olhos da jovem, pelo tremor de suas mãos, pelo gesto rápido que ela fez para esconder-se sob os lençóis, era possível reconhecer a última luta entre a dúvida e a convicção; entretanto, a presença do senhor de Monte-Cristo em seu quarto a essa hora, a sua entrada misteriosa, fantástica, inexplicável, pela parede, pareciam ser impossíveis para a razão abalada de Valentine.

— Não grite, não se assuste — disse o conde. — Não tenha nem mesmo, no fundo de seu coração, o brilho de uma suspeita ou a sombra de uma preocupação... O homem que vê à sua frente (pois, desta vez, você tem razão, Valentine, não se trata de uma ilusão), o homem que vê à sua frente é o pai mais terno e o amigo mais respeitoso que você poderia imaginar.

Valentine não soube o que responder: tinha tanto medo daquela voz, que lhe revelava a presença real de quem lhe falava, que temia associá-la à sua voz; mas o seu olhar assustado queria dizer: — “Se as suas intenções são puras, por que está aqui?”.

Com sua maravilhosa sagacidade, o conde compreendeu tudo o que se passava no coração da jovem.

— Escute-me — disse ele —, ou melhor, olhe para mim: veja os meus olhos avermelhados e o meu rosto mais pálido que de hábito... É que há quatro noites não prego o olho nem por um momento... Há quatro noites velo por você, protejo-a, preservo-a para o nosso amigo Maximilien.

Alegre fluxo de sangue subiu rapidamente às faces da enferma: o nome que o conde acabara de pronunciar liquidava o resto de desconfiança que ele inspirara.

— Maximilien!... — repetiu Valentine, tanto lhe parecia doce pronunciar esse nome. — Maximilien! Então ele contou tudo ao senhor?

— Tudo... Ele me disse que sua vida era a vida dele, e eu lhe prometi que você viveria.

— Prometeu-lhe que eu viveria?

— Sim.

— É verdade, o senhor acabou de falar em velar, em proteger... Então é médico?

— Sim, e o melhor médico que o céu poderia lhe enviar neste momento, acredite.

— O senhor disse que tem velado? — perguntou Valentine, inquieta. — Onde? Não o vi.

O conde apontou na direção da biblioteca.

— Eu estava escondido atrás dessa porta — disse ele. — E essa porta dá para a casa ao lado, que eu aluguei.

Em movimento de pudico orgulho, Valentine desviou o olhar e, com soberano terror: — Senhor — disse ela —, o que fez é de uma insensatez inédita, e essa proteção que me concedeu muito se assemelha a um insulto.

— Valentine — disse ele —, durante esta longa vigília, as únicas coisas que vi foram que pessoas vinham a seu quarto, que alimentos lhe preparavam, que líquidos lhe serviam... Então, quando esses líquidos me pareciam perigosos, eu entrava como acabo de entrar, esvaziava seu copo e substituía o veneno por uma bebida benigna, que, em vez da morte que lhe era preparada, fazia circular a vida em suas veias.

— O veneno?... A morte?... — exclamou Valentine, julgando-se mais uma vez dominada por alguma alucinação febril. — O que está dizendo, meu senhor?

— Ch, minha filha — murmurou Monte-Cristo, levando novamente o dedo a seus lábios —, eu disse o veneno... Sim, eu disse a morte e, repito, a morte, mas primeiro beba isto. (O conde tirou do bolso um frasco contendo um licor vermelho, derramando algumas gotas no copo.) “E, depois de beber, não tome mais nada esta noite.”

Valentine estendeu a mão, mas ao tocar o copo retirou-a com medo.

Monte-Cristo pegou o copo, bebeu metade e passou-o a Valentine, que então engoliu o resto do licor, sorrindo.

— Oh, sim — disse ela —, reconheço o gosto de minhas beberagens noturnas, do líquido que refrescava um pouco o meu peito, que acalmava um pouco as minhas ideias... Obrigada, senhor... obrigada.

— Foi assim que você viveu quatro noites, Valentine — disse o conde. — Mas e eu, como vivi? Oh, que horas cruéis você me fez passar! Oh, que torturas terríveis você me fez sofrer quando eu via colocarem em seu copo o veneno fatal, quando eu temia que você tivesse tempo de bebê-lo antes que eu tivesse tempo de jogá-lo na lareira!

— O senhor disse — exclamou Valentine, aterrorizada — que sofreu mil torturas vendo colocarem veneno fatal em meu copo? Se viu colocarem veneno em meu copo, viu também a pessoa que o colocava?

— Sim.

Valentine soergueu-se na cama e, cobrindo o peito mais pálido que a neve com a cambráia bordada, ainda úmida do suor frio do delírio, onde começava a misturar-se o suor ainda mais gelado do terror: — Você a viu? — repetiu a jovem.

— Sim — disse pela segunda vez o conde.

— O que me diz é terrível, senhor... Quer me fazer acreditar em algo infernal?... O quê!, na casa de meu pai, o quê!, em meu quarto, o quê!, em meu leito de sofrimento, continuam a me assassinar? Oh, retire-se, meu senhor, está tentando minha consciência, está blasfemando contra a bondade divina, isto é impossível, não pode ser...

— Seria você a primeira vítima dessa mão, Valentine? Não viu cair ao seu redor o senhor de Saint-Méran, a senhora de Saint-Méran, Barrois? Não veria cair o senhor Noirtier, se o tratamento que ele segue há cerca de três anos não o tivesse protegido, combatendo o veneno pelo hábito do veneno?

— Oh, meu Deus! — exclamou Valentine. — Então é por isso que há cerca de um mês meu bom vovô exige que eu compartilhe suas bebidas?

— E essas bebidas — exclamou Monte-Cristo — têm um gosto amargo como o da casca de laranja meio seca, não é?

— Sim, meu Deus, sim!

— Oh, isso explica tudo! — disse Monte-Cristo. — Ele também sabe que andam envenenando por aqui, e talvez saiba quem anda envenenando.

“Ele a preveniu contra a substância mortal, preveniu sua neta bem-amada, e a substância mortal foi enfraquecida pelo princípio de hábito ao veneno... Por isso você ainda está viva, o que eu não conseguia compreender, depois de ter sido envenenada, há quatro dias, com um veneno que não costuma perdoar.”

— Mas então quem é o assassino, o matador?

— E eu lhe pergunto: nunca viu alguém entrar em seu quarto durante a noite?

— Vi, sim. Muitas vezes pensei ver passarem como que sombras, vi essas sombras se aproximarem, se afastarem, desaparecerem... Mas eu achava que eram visões de minha febre, e agora mesmo, quando o senhor entrou, bem, por um bom tempo achei que estava delirando, ou sonhando...

— Então não sabe quem é a pessoa que não quer vê-la viva?

— Não — respondeu Valentine. — Por que alguém desejaria a minha morte?

— Então já vai saber quem é — disse Monte-Cristo, apurando os ouvidos.

— Como assim? — perguntou Valentine, olhando ao redor com terror.

— Porque esta noite você já não tem mais febre nem está delirando, porque esta noite você está bem desperta, porque já está soando meia-noite, a hora dos assassinos.

— Meu Deus! Meu Deus! — murmurou Valentine, enxugando com a mão o suor a brotar em sua testa.

De fato, soava meia-noite, lenta e tristemente — parecia que cada golpe do martelo de bronze golpeava o coração da jovem.

— Valentine — continuou o conde —, chame todas as suas forças em seu socorro, comprima seu coração em seu peito, prenda sua voz em sua garganta, finja dormir, e você vai ver, vai ver...

Valentine agarrou a mão do conde.

— Acho que estou ouvindo... — disse ela — Retire-se!

— Adeus, ou melhor, até já! — respondeu o conde.

A seguir, com sorriso tão triste e paternal que o coração da jovem encheu-se de gratidão, ele chegou à porta da biblioteca na ponta dos pés.

Mas voltando-se, antes de fechar a porta, disse: — Não faça um gesto, não diga uma palavra... Finja estar dormindo... Ou a matariam talvez antes que eu tivesse tempo de acudir.

E, dando esta ordem terrível, o conde desapareceu atrás da porta, que se fechou silenciosamente.

CII. LOCUSTA

Valentine ficou sozinha; dois outros relógios — mais atrasados que o de Saint-Philippe du Roule — também soaram meia-noite a distâncias diferentes.

Depois, à parte o barulho de algumas carruagens ao longe, tudo voltou ao silêncio.

Então toda a atenção de Valentine concentrou-se no relógio do quarto: o balanço marcava os segundos.

Ela começou a contar os segundos: notou que eram duas vezes mais lentos que as batidas de seu coração.

Entretanto ainda duvidava; a inofensiva Valentine não podia imaginar que alguém desejasse sua morte; por quê? Com que intenção? Que mal ela fizera para ter inimigos?

Não havia risco de adormecer.

Só uma ideia, uma ideia terrível, mantinha o seu espírito tenso: existia uma pessoa no mundo que tentara assassiná-la, e que tentaria de novo.

E se dessa vez essa pessoa, cansada de ver a ineficácia do veneno, como dissera Monte-Cristo, recorresse ao metal? E se o

conde não tivesse tempo de acudir? E se ela tivesse chegado a seus últimos momentos? E se nunca mais pudesse rever Morrel?

A esse pensamento, que a cobria de palidez lívida e de suor gelado ao mesmo tempo, Valentine quase agarrou o cordão da campainha e pediu socorro.

Mas, através da porta da biblioteca, parecia-lhe ver brilharem os olhos do conde, os olhos que ela não conseguia esquecer, os olhos que, quando pensava neles, matavam-na de vergonha, levando-a a perguntar se algum dia a gratidão poderia apagar o efeito constrangedor da indiscreta amizade do conde.

Vinte minutos, vinte eternidades, transcorreram assim; depois, ainda mais dez outros minutos; enfim, o relógio, gritando um segundo antes, acabou golpeando o metal sonoro.

Nesse exato momento, imperceptível arranhar de unha na madeira da biblioteca informou Valentine que o conde vigiava e recomendava-lhe vigília.

De fato, do outro lado — isto é, do lado do quarto de Édouard —, pareceu a Valentine ouvir o soalho estalar; ela apurou os ouvidos, prendendo a respiração quase sufocada; a maçaneta gemeu e a porta girou em seus gonzos.

Apoiada no cotovelo, Valentine só teve tempo de deixar-se cair na cama e esconder os olhos sob o braço.

Então, trêmula, agitada, com o coração apertado por inexprimível terror, esperou.

Alguém se aproximou da cama, roçando as cortinas.

Valentine reuniu todas as suas forças e deixou ouvir o murmúrio regular da respiração produzido por um sono tranquilo.

— Valentine! — disse baixinho uma voz.

A jovem sentiu o coração estremecer, mas nada respondeu.

— Valentine! — repetiu a mesma voz.

O mesmo silêncio: Valentine prometera não despertar.

Então tudo ficou imóvel.

Valentine só ouviu o barulho quase imperceptível de um líquido caindo no copo que ela acabara de esvaziar.

Então, protegida pelo braço estendido, atreveu-se a entreabrir a pálpebra.

Então viu uma mulher de camisola branca esvaziando em seu copo um líquido previamente preparado num frasco.

Durante esse breve momento, Valentine provavelmente reteve a respiração, ou certamente fez algum movimento, pois a mulher, inquieta, deteve-se e inclinou-se sobre a cama para verificar se de fato Valentine estava dormindo: a mulher era a senhora de Villefort.

Ao reconhecer a madrasta, Valentine foi tomada por intenso calafrio que imprimiu leve movimento à cama.

A senhora de Villefort logo se afastou, aproximando-se da parede, e ali, escondida atrás da cortina da cama, muda, atenta, espiou os menores movimentos de Valentine.

Esta se lembrou das terríveis palavras de Monte-Cristo; na mão que não segurava o frasco, parecera-lhe ver brilhar uma espécie de faca comprida e afiada.

Então Valentine, chamando toda a potência da vontade em seu socorro, esforçou-se para fechar os olhos; mas essa função do mais temeroso de nossos sentidos, essa função habitualmente tão simples, tornava-se naquele momento de execução quase impossível, de tal forma a curiosidade fazia esforços para abrir a pálpebra e contemplar a verdade.

Entretanto, certificada pelo silêncio — no qual recomeçava a fazer-se ouvir o som normal da respiração de Valentine — de que esta dormia, a senhora de Villefort voltou a estender o braço e, ainda meio escondida pelas cortinas à cabeceira da cama, acabou de esvaziar no copo de Valentine o conteúdo de seu frasco.

Então ela retirou-se, sem que o menor ruído indicasse a Valentine que ela já fora embora.

Valentine só vira desaparecer o braço tenro e bem torneado de uma mulher de vinte e cinco anos, jovem e bela, a espalhar a morte.

Impossível exprimir o que Valentine sentira durante o minuto e meio que a senhora de Villefort permanecera no quarto.

O arranhar de unhas na biblioteca tirou a jovem do estado de torpor em que mergulhara, estado semelhante ao desmaio.

Ela esforçou-se para erguer a cabeça.

Sempre silenciosa, a porta girou pela segunda vez em seus gonzos e o conde de Monte-Cristo reapareceu.

— E então? — perguntou o conde. — Ainda duvida?

— Oh, meu Deus! — murmurou a jovem.

— Você a viu?

— Ai!

— Você a reconheceu?

Valentine deu um gemido.

— Sim — disse ela —, mas não consigo acreditar...

— Então você prefere morrer, e provocar a morte de Maximilien?...

— Meu Deus, meu Deus! — repetiu a jovem, quase alucinada.

— Mas então não posso deixar a casa, fugir?...

— Valentine, a mão que a persegue a alcançaria em qualquer lugar: com ouro, vão comprar os seus criados e a morte surgirá disfarçada de todas as formas, na água que você beber na fonte, na fruta que colher na árvore...

— Mas o senhor não disse que a precaução do vovô me deixou imune ao veneno?

— Imune a um veneno, em pequenas doses... Mas vão mudar de veneno, ou aumentar a dose.

Ele pegou o copo e molhou os lábios.

— E, veja — disse ele —, isto já foi feito. Já não é com brucina que a envenenam: é com um simples narcótico. Sinto o gosto do álcool em que o dissolveram. Se você tivesse bebido o que a senhora de Villefort acaba de servir neste copo, Valentine... Valentine, você estaria perdida!

— Mas, meu Deus! — exclamou a jovem. — Por que ela me persegue assim?

— Como! Você é tão doce, tão boa, tão ignorante do mal que não compreende, Valentine?

— Não — respondeu a jovem. — Eu nunca lhe fiz mal algum.

— Mas você é rica, Valentine, você tem duzentas mil libras de renda, e esses duzentos mil francos de renda, você os tira do filho dela.

— Como assim? A minha fortuna não é dela, vem da minha família.

— Certamente, e por isso o senhor e a senhora de Saint-Méran foram mortos: para que você herdasse de sua família... Por isso, no dia em que você se tornou a sua herdeira, o senhor Noirtier foi condenado... Por isso, por sua vez, você deve morrer, Valentine... Para que seu pai herde de você, e seu irmão, tornando-se filho único, herde de seu pai.

— Édouard! Pobre menino: é por ele que cometem todos esses crimes?

— Ah, finalmente você compreendeu...

— Ah, meu Deus! Contanto que tudo isso não recaia sobre ele!

— Você é um anjo, Valentine.

— Mas então desistiram de matar meu avô?

— Refletiram que, com você morta, salvo deserdação, a fortuna iria naturalmente para seu irmão, e julgaram que matar seu avô, afinal de contas, sendo inútil, seria duplamente perigoso.

— E foi no espírito de uma mulher que tal plano teve origem? Oh, meu Deus! Meu Deus!

— Lembra-se de Peruggia, das árvores da pousada da posta, do homem de capa negra, que a sua madrasta interrogava sobre os venenos? Bem, então, desde aquela época, todo esse plano infernal amadurecia no cérebro dela.

— Oh, meu senhor! — exclamou a doce jovem, explodindo em lágrimas. — Se assim for, bem vejo que estou condenada à morte.

— Não, Valentine, não, pois previ todas as conspirações... Não, pois a nossa inimiga foi vencida, já que foi descoberta... Não, você vai viver, Valentine: você vai viver para amar e ser amada... Você vai viver para ser feliz e fazer feliz um nobre coração... Mas para viver, Valentine, é preciso ter plena confiança em mim.

— Ordene, senhor: que devo fazer?

— Deve ingerir cegamente o que eu lhe der.

— Oh, Deus é testemunha — exclamou Valentine —, se eu estivesse sozinha, preferiria morrer.

— Não confie nada a ninguém, nem mesmo a seu pai.

— Meu pai não participa dessa terrível conspiração, não é, meu senhor? — perguntou Valentine, juntando as mãos.

— Não... Entretanto, seu pai, homem acostumado às acusações jurídicas, seu pai deve desconfiar de que todas essas mortes que recaem sobre sua casa não são naturais. Seu pai é que deveria velar por você, ele é que deveria estar agora no lugar que ocupo... Ele é que deveria ter esvaziado este copo... Ele é que deveria ter se levantado contra o assassino... Fantasma contra fantasma — murmurou ele, terminando em voz muito baixa a sua frase.

— Senhor — disse Valentine —, farei tudo para viver, pois existem duas criaturas no mundo que me amam tanto que morreriam se eu morresse: o meu avô e Maximilien.

— Velarei por eles, como velo por você.

— Bem, senhor, então disponha de mim — disse Valentine. A seguir, em voz baixa: — Oh, meu Deus, meu Deus! — exclamou ela. — O que vai me acontecer?

— Aconteça o que acontecer, Valentine, não se assuste... Se sofrer, se perder a visão, a audição, o tato, não tema nada... Se acordar sem saber onde está, não tenha medo, mesmo se ao acordar se achar numa cova sepulcral ou presa num caixão... Recorra logo à sua presença de espírito e diga: “— Neste momento, um amigo, um pai, um homem, que deseja a minha felicidade e a de Maximilien, vela por mim”.

— Ai, ai! Que abismo terrível!

— Prefere denunciar sua madrasta, Valentine?

— Prefiro cem vezes morrer! Oh, sim, morrer!

— Não, você não vai morrer, e, aconteça o que acontecer, promete não se queixar, promete não perder a esperança?

— Pensarei em Maximilien.

— Você é minha filha bem-amada, Valentine... Só eu posso salvá-la, e eu a salvarei.

No auge do terror, Valentine juntou as mãos (pois sentia que chegara o momento de pedir coragem a Deus) e ergueu-se para rezar, murmurando palavras sem sentido, esquecendo que seus ombros brancos não tinham nada a cobri-los, a não ser sua longa cabeleira, e via-se seu coração bater sob a fina renda de sua camisola.

O conde apoiou suavemente a mão no braço da jovem, puxou até o pescoço dela a colcha de veludo e, com sorriso paternal: — Minha filha — disse ele —, acredite em minha devoção como acredita na bondade de Deus e no amor de Maximilien.

Valentine pousou nele um olhar cheio de gratidão e permaneceu dócil como uma criança sob a colcha.

Então o conde tirou do bolso de seu colete o estojo de esmeralda, abriu a tampa de ouro e deitou na mão direita de Valentine uma pequena pastilha redonda do tamanho de uma ervilha.

Com a outra mão, Valentine pegou-a e olhou o conde atentamente: nos traços daquele corajoso protetor havia um reflexo da majestade e do poder divinos. Era evidente que Valentine o interrogava com o olhar.

— Sim — respondeu.

Valentine levou a pastilha à boca e a engoliu.

— E, agora, até breve, minha filha — disse ele. — Já que está salva, vou tentar dormir.

— Vá — disse Valentine. — Aconteça o que acontecer, prometo não ter medo.

Monte-Cristo manteve por muito tempo os olhos fixos na jovem, que aos poucos adormecia, vencida pelo poder do narcótico que o conde lhe dera.

Então ele pegou o copo e esvaziou três quartos na lareira, para que acreditassem que Valentine bebera o que faltava, colocando o copo sobre o criado-mudo; a seguir, chegando à porta da biblioteca, desapareceu depois de lançar um último olhar a Valentine, que dormia com a confiança e a inocência de um anjo deitado aos pés do Senhor.

CIII. VALENTINE

A lamparina continuava ardendo sobre a lareira de Valentine, consumindo as últimas gotas de óleo que ainda boiavam na água; um círculo mais avermelhado já coloria o alabastro do globo, uma

chama mais viva já deixava escapar as últimas crepitações, que nos seres inanimados se assemelham às últimas convulsões da agonia, tantas vezes comparadas às das pobres criaturas humanas; um dia sombrio e sinistro acabava de iluminar com reflexos opalas as cortinas brancas e os lençóis da jovem.

Todos os ruídos da rua tinham se extinguido e o silêncio no interior era aterrador.

Então a porta do quarto de Édouard se abriu e uma cabeça que já tínhamos visto apareceu no espelho oposto à porta: era a senhora de Villefort, que voltava para verificar o efeito da beberagem.

Ela parou no limiar, escutou o crepitar da lamparina — único ruído perceptível naquele quarto que parecia deserto — e avançou silenciosamente até o criado-mudo para verificar se o copo de Valentine estava vazio.

Como dissemos, o copo ainda continha um quarto.

A senhora de Villefort pegou o copo e foi esvaziá-lo nas cinzas, revolvendo-as para facilitar a absorção do líquido; então lavou cuidadosamente o cristal, enxugou-o com seu próprio lenço e recolocou-o no criado-mudo.

Se alguém estivesse espiando o interior do quarto, poderia ver a hesitação da senhora de Villefort ao fixar os olhos em Valentine e aproximar-se da cama.

Aquela iluminação lúgubre, aquele silêncio, aquela terrível poesia da noite certamente combinavam com a espantosa poesia de sua consciência: a envenenadora tinha medo da própria obra.

Enfim ela animou-se, afastou a cortina, apoiou-se na cabeceira e contemplou Valentine.

A jovem não respirava mais: seus dentes semicerrados não deixavam escapar nenhum átomo do sopro que revela a vida; seus lábios embranquecidos tinham deixado de vibrar; seus olhos, afogados em vapor violeta que parecia infiltrar-se em sua pele, formavam uma saliência mais branca no lugar onde o globo ocular inflava a pálpebra, e seus longos cílios negros riscavam uma pele já sem brilho como a cera.

A senhora de Villefort contemplou aquele rosto de expressão tão eloquente em sua imobilidade; então se animou e, levantando a

coberta, pousou a mão no coração da jovem.

O coração estava mudo e gelado.

O que pulsava em sua mão era a artéria de seus dedos: ela retirou a mão, arrepiada.

O braço de Valentine pendia para fora da cama; do ombro ao cotovelo, o braço parecia modelado nas Graças de Germain Pilon; mas o antebraço estava levemente deformado por uma contração, e o pulso, de formas tão puras, um tanto rígido, com os dedos abertos, apoiava-se na madeira vermelha.

A raiz das unhas estava azul.

Para a senhora de Villefort, já não havia mais dúvidas: estava tudo acabado — a obra terrível, a última a ser realizada, estava enfim consumada.

A envenenadora já não tinha mais nada a fazer naquele quarto; recuou com tanta precaução que era visível seu receio de fazer qualquer ruído com os pés sobre o tapete; mas, ao recuar, mantinha a cortina aberta, contemplando o espetáculo da morte que traz em si irresistível atração, enquanto a morte não é decomposição, mas apenas imobilidade, enquanto permanece mistério, antes de vir a ser asco.

Os minutos transcorriam; a senhora de Villefort não conseguia soltar a cortina que mantinha aberta como uma mortalha acima da cabeça de Valentine. Ela pagou seu tributo ao devaneio: o devaneio do crime deve ser o remorso.

Nesse momento, as crepitações da lamparina redobraram.

A esse ruído, a senhora de Villefort estremeceu e deixou cair a cortina.

No mesmo instante, a lamparina apagou-se e o quarto mergulhou em terrível escuridão.

Em meio à escuridão, o relógio despertou e soou quatro e meia.

Apavorada com as sucessivas comoções, a envenenadora chegou tateando à porta e voltou a seu quarto, com o suor da angústia em sua testa.

A escuridão persistiu por mais duas horas.

Então, aos poucos, uma luz pálida invadiu o quarto, atravessando as lâminas das persianas; a seguir, também aos

poucos, intensificou-se, dando cor e forma aos objetos e aos corpos.

Foi nesse momento que a tosse da enfermeira ecoou na escada e a mulher entrou no quarto de Valentine com uma xícara na mão.

Para um pai, para um namorado, o primeiro olhar seria decisivo: Valentine estava morta; para aquela mercenária, Valentine estava apenas dormindo.

— Bom — disse ela, aproximando-se do criado-mudo —, ela bebeu parte de sua poção, o copo está dois terços vazio.

Então ela foi até a lareira, acendeu o fogo, instalou-se em sua poltrona e, embora tivesse acabado de acordar, aproveitou o sono de Valentine para dormir por mais alguns instantes.

O relógio despertou-a ao soar oito horas da manhã.

Então, surpresa com o obstinado sono em que a jovem permanecia, assustada com o braço a pender para fora da cama sem que a jovem o movesse, aproximou-se da cama — só então notou aqueles lábios frios e viu aquele peito gelado.

Ela tentou aproximar aquele braço do corpo, mas o braço só obedeceu com a assustadora rigidez que não enganaria uma enfermeira.

Ela deu um grito terrível.

Então, correndo à porta, gritou: — Socorro! Socorro!

— Como? Socorro? — respondeu ao pé da escada a voz do doutor d'Avrigny.

Era a hora em que o médico costumava aparecer.

— Como? Socorro? — exclamou a voz de Villefort, saindo às pressas de seu gabinete. — Doutor, não ouviu gritarem socorro?

— Sim, ouvi... Vamos subir — respondeu d'Avrigny —, vamos subir depressa, é no quarto de Valentine.

Mas, antes que o médico e o pai chegassem, os criados que estavam no mesmo andar, nos quartos ou nos corredores, chegaram e, vendo Valentine imóvel e pálida em sua cama, ergueram as mãos aos céus e cambalearam, como se tomados de vertigem.

— Chamem a senhora de Villefort! Acordem a senhora de Villefort! — gritou o procurador do rei, à porta do quarto onde parecia não ousar entrar.

Em vez de responderem, os criados olhavam o doutor d'Avrigny, que entrara no quarto, corraera a Valentine e a erguia nos braços.

— E ela também...! — murmurou ele, deixando-a cair. — Oh, meu Deus, meu Deus: quando se cansará?

Villefort entrou correndo.

— Que está dizendo, meu Deus! — exclamou, erguendo as mãos aos céus. — Doutor!... Doutor!...

— Estou dizendo que Valentine está morta — respondeu d'Avrigny em voz solene, terrível em sua solenidade.

O senhor de Villefort cambaleou, como se as pernas lhe faltassem, e caiu de cabeça na cama de Valentine.

Às palavras do médico, aos gritos do pai, os criados aterrados fugiram com surdas imprecações; pelas escadas e corredores, ouviram-se os seus passos precipitados, depois um grande movimento nos pátios, e foi tudo; o barulho extinguiu-se: do primeiro ao último, todos eles tinham abandonado a casa amaldiçoada.

Nesse momento, a senhora de Villefort, vestindo o braço na camisola, abriu a portinhola; por instantes, permaneceu no limiar, parecendo interrogar os presentes, recorrendo a algumas lágrimas rebeldes.

De repente, ela deu um passo, ou melhor, um salto adiante, com os braços estendidos ao criado-mudo.

Ela acabara de ver d'Avrigny inclinar-se curiosamente sobre a mesinha e pegar o copo que ela tinha certeza de ter esvaziado durante a noite.

O copo estava um terço cheio, exatamente como estava quando ela lançara seu conteúdo às cinzas.

Se o fantasma de Valentine se erguesse diante da envenenadora, não produziria tanto efeito sobre ela.

De fato, era exatamente aquela a cor da beberagem que ela colocara no copo de Valentine, e que Valentine bebera; era exatamente aquele veneno que não poderia enganar o olho do doutor d'Avrigny, e que o doutor d'Avrigny examinava atentamente: era certamente um milagre operado por Deus para que, apesar de todas as precauções da assassina, restasse um vestígio, uma prova, uma denúncia do crime.

Entretanto, enquanto a senhora de Villefort permanecia imóvel como a estátua do Terror, enquanto Villefort, com o rosto escondido nos lençóis do leito mortuário, nada via do que se passava ao seu redor, d'Avrigny aproximou-se da janela para melhor examinar o conteúdo do copo e provar uma gota na ponta do dedo.

— Ah — murmurou ele —, agora já não é mais brucina... Vamos ver o que é.

Então ele correu a um dos armários do quarto de Valentine — armário transformado em farmácia — e, tirando da caixa de prata um frasco de ácido nítrico, derramou algumas gotas no líquido opala, que logo se transformou em meio copo de sangue dourado.

— Ah! — fez d'Avrigny, com o horror do juiz a quem revelam a verdade, com a alegria do cientista a quem desvendam um problema.

A senhora de Villefort girou um instante ao redor de si mesma; os seus olhos lançaram chamas, depois se apagaram; vacilando, ela procurou a maçaneta da porta e desapareceu.

Instantes depois, ouviu-se o ruído distante de um corpo que caía no soalho.

Mas ninguém prestou atenção. A enfermeira estava ocupada a examinar a análise química, Villefort continuava aniquilado.

Só o doutor d'Avrigny seguira com os olhos a senhora de Villefort e notara a sua saída repentina.

Ele ergueu a tapeçaria do quarto de Valentine e, atravessando o quarto de Édouard, seu olhar conseguiu vislumbrar os aposentos da senhora de Villefort, que viu estendida sem movimento sobre o soalho.

— Vá socorrer a senhora de Villefort — disse ele à enfermeira —, a senhora de Villefort está passando mal!

— Mas e a senhorita Valentine? — balbuciou a enfermeira.

— A senhorita Valentine já não precisa mais de socorro — disse d'Avrigny —, já que a senhorita Valentine está morta.

— Morta! Morta! — suspirou Villefort, no auge de uma dor tanto mais dilacerante quanto era nova, desconhecida, inaudita para aquele coração de bronze.

— Morta, foi o que disse? — exclamou uma terceira voz. — Quem disse que Valentine está morta?

Os dois homens voltaram-se e à porta viram Morrel de pé, pálido, transtornado, terrível.

Eis o que havia acontecido: Na hora costumeira, pela portinha que levava ao quarto de Noirtier, Morrel se apresentara.

Contra o costume, encontrou a porta aberta; sem precisar tocar a campainha, entrou.

No vestíbulo, esperou um instante, chamando algum criado que o levasse ao quarto do velho Noirtier.

Mas ninguém respondera; como sabemos, os criados haviam abandonado a casa.

Naquele dia, Morrel não tinha nenhum motivo especial para muita preocupação: tinha a promessa de Monte-Cristo de que Valentine sobreviveria e até então a promessa fora fielmente cumprida. A cada noite, o conde lhe dava boas notícias, sempre confirmadas no dia seguinte pelo próprio Noirtier.

Entretanto, aquele deserto lhe pareceu estranho; chamou pela segunda vez, pela terceira: o mesmo silêncio.

Então resolveu subir.

A porta de Noirtier estava aberta, como as outras portas.

A primeira coisa que viu foi o velho em sua poltrona, no lugar habitual; seus olhos dilatados pareciam exprimir um terror íntimo, confirmado pela estranha palidez espalhada em seu rosto.

— Como vai, senhor? — perguntou o jovem, não sem sentir certo aperto no coração.

— Bem! — fez o velho com seu piscar de olhos. — Bem!

Mas a inquietação parecia crescente em sua fisionomia.

— O senhor está preocupado — disse Morrel —, precisa de alguma coisa?... Quer que eu chame um de seus criados?

— Sim — fez Noirtier.

Morrel agarrou o cordão da campainha, mas em vão quase o arrebentou: ninguém apareceu.

Voltou-se para Noirtier: a palidez e a angústia cresciam no rosto do ancião.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou Morrel. — Mas por que não vêm? Alguém está doente nesta casa?

Os olhos de Noirtier pareciam prestes a saltar das órbitas.

— Mas o que o senhor tem? — continuou Morrel. — O senhor me assusta... Valentine?! Valentine?!...

— Sim! Sim! — fez Noirtier.

Maximilien abriu a boca para falar, mas sua língua não conseguiu articular som algum: ele cambaleou e apoiou-se na parede.

Então estendeu a mão à porta.

— Sim! Sim! Sim! — repetiu o velho.

Maximilien lançou-se pela escadinha, que atravessou em dois saltos, enquanto Noirtier parecia lhe gritar com os olhos: — Mais depressa! Mais depressa!

Um minuto bastou para o jovem atravessar vários quartos — desertos como o resto da casa — e chegar ao quarto de Valentine.

Ele não precisou abrir a porta: ela estava escancarada.

Um soluço foi o primeiro som que percebeu. Viu, como através de uma nuvem, um vulto negro ajoelhado e perdido num monte confuso de lençóis brancos. O medo, o terrível medo pregava-o à porta.

Foi então que ouviu uma voz dizer — “Valentine está morta” — e uma segunda voz, como um eco, responder: — Morta! Morta!

CIV. MAXIMILIEN

Villefort levantou-se, quase envergonhado por se ver surpreendido no auge de seu sofrimento.

A terrível profissão que exercia havia vinte e cinco anos transformara-o em mais ou menos do que um homem.

Seu olhar, por instantes alucinado, fixou-se em Morrel.

— Quem é o senhor? — perguntou ele. — Esqueceu que não se entra assim numa casa habitada pela morte?

“Saia, senhor! Saia!”

Mas Morrel permanecia imóvel; não conseguia tirar os olhos do terrível espetáculo daquela cama em desordem e da pálida figura deitada na cama.

— Saia, senhor, ouviu? — gritou Villefort, enquanto d'Avrigny avançava de lado para fazer Morrel sair.

Parecendo alucinado, Morrel olhou o cadáver, os dois homens, o quarto todo: parecendo hesitar por um instante, abriu a boca; depois, afinal, não encontrando uma palavra para responder apesar do enxame de ideias fatais a invadir-lhe o cérebro, voltou pelo mesmo caminho, enterrando as mãos nos cabelos, de tal maneira que Villefort e d'Avrigny, por um momento distraídos de suas preocupações, depois de segui-lo com os olhos trocaram um olhar que queria dizer: — Ele é louco.

Entretanto, menos de cinco minutos depois, ouviram a escada gemer sob um peso considerável e viram Morrel com força sobre-humana carregar nos braços a cadeira de Noirtier, trazendo o velho ao primeiro andar da casa.

Ao chegar ao topo da escada, Morrel pousou a cadeira no chão e empurrou-a rapidamente até o quarto de Valentine.

Toda essa manobra foi executada com força decuplicada pela frenética exaltação do jovem.

Mas o que mais assustava era a fisionomia de Noirtier aproximando-se da cama de Valentine, empurrado por Morrel — na fisionomia de Noirtier a inteligência desdobrava todos os seus recursos, enquanto os olhos reuniam todas as suas forças para substituir as outras faculdades.

Assim, aquele rosto pálido, de olhar em chamas, foi para Villefort uma aparição terrível.

Sempre que se encontrava com o pai acontecia algo terrível.

— Veja o que fizeram! — gritou Morrel, com uma mão ainda apoiada no encosto da cadeira que empurrara até a cama, com a outra mão estendida a Valentine. — Veja, vovô, veja!

Villefort recuou um passo e olhou surpreso aquele jovem que lhe era quase desconhecido e que chamava Noirtier de “vovô”.

Nesse momento, toda a alma do velho pareceu concentrar-se em seus olhos, que se injetaram de sangue; então as veias do

pescoço incharam; uma cor azulada, como a que invade a tez do epilético, cobriu o pescoço, as faces e as têmporas; para a explosão interior de todo o seu ser só faltava um grito.

Esse grito saiu, por assim dizer, de todos os poros, terrível em seu mutismo, dilacerante em seu silêncio.

D'Avrigny correu ao velho e o fez respirar um violento revulsivo.

— Senhor! — exclamou então Morrel, tomando a mão inerte do paralítico. — Perguntam quem sou e que direito tenho de estar aqui. Oh, o senhor, que sabe, diga-lhe, diga-lhe!

E a voz do jovem extinguiu-se em seus soluços.

Quanto ao velho, sua respiração abafada sacudia-lhe o peito. Parecia dominado pelas agitações que precedem a agonia.

Enfim as lágrimas brotaram nos olhos de Noirtier, mais afortunado do que o jovem, que soluçava sem chorar. Sua cabeça não podia inclinar-se, mas seus olhos se fecharam.

— Diga — continuou Morrel, em voz estrangulada —, diga que eu era o noivo dela!

“Diga que ela era minha nobre amiga, meu único amor na terra!

“Diga, diga, diga que esse cadáver me pertence!”

E o rapaz, dando o terrível espetáculo de uma grande força que se quebra, caiu pesadamente de joelhos ao lado da cama que seus dedos crispados agarraram com violência.

Aquele sofrimento era tão pungente que d'Avrigny virou-se, para esconder sua emoção, e Villefort, sem pedir mais explicações, atraído por aquele magnetismo que nos atrai aos que amaram os que choramos, estendeu sua mão ao rapaz.

Mas Morrel nada via: agarrara a mão gelada de Valentine e, não conseguindo chorar, mordida os lençóis, rugindo.

Por alguns momentos naquele quarto só se ouviu o conflito entre os soluços, as imprecações e as preces.

Entretanto, um ruído sobrepujava todos os demais: a respiração rouca e dilacerante que, a cada aspiração, parecia arrebentar os impulsos de vida no peito de Noirtier.

Afinal, Villefort, o mais controlado de todos, depois de por assim dizer ceder seu lugar a Maximilien por algum tempo, tomou a palavra.

— Senhor — disse ele a Maximilien —, disse que amava Valentine... Que era seu noivo... Eu ignorava esse amor, eu ignorava esse compromisso... Entretanto, como pai, eu o perdoo... Pois vejo que seu sofrimento é grande, real e verdadeiro.

“Aliás, em mim também o sofrimento é grande demais para que em meu coração haja lugar para cólera.

“Mas, como vê, o anjo que o senhor esperava já deixou a terra... Ela já não tem mais o que fazer com as adorações dos homens, ela que a esta hora adora o Senhor... Então faça as suas despedidas, senhor, aos tristes despojos que ela esqueceu entre nós... Pela última vez, pegue a mão que o senhor pretendia e separe-se dela para sempre... Agora Valentine só precisa de um padre para abençoá-la.”

— O senhor se engana, cavalheiro — exclamou Morrel, erguendo-se num joelho, com o coração atravessado por uma dor mais intensa do que todas as que já sofrera. — O senhor se engana: Valentine, morta como está, não precisa só de um padre: precisa também de um vingador!

“Senhor de Villefort, mande chamar o padre: eu serei o vingador.”

— Que quer dizer, cavalheiro? — murmurou Villefort, estremecendo ante a nova inspiração do delírio de Morrel.

— Quero dizer — continuou Morrel — que há dois homens no senhor, cavalheiro. O pai já chorou bastante... Que o procurador do rei comece o seu trabalho.

Os olhos de Noirtier faiscaram; d’Avrigny aproximou-se.

— Senhor — prosseguiu o jovem, observando todos os sentimentos que se manifestavam nas fisionomias dos presentes —, sei o que digo, e vocês sabem tão bem quanto eu o que vou dizer: “Valentine morreu assassinada!”

Villefort baixou os olhos; d’Avrigny avançou mais um passo; Noirtier fez “sim” com os olhos.

— Ora, meu senhor — continuou Morrel —, nos tempos em que vivemos, uma criatura, mesmo se não for jovem, bela e adorável como era Valentine, uma criatura não desaparece violentamente do mundo sem que se peçam explicações.

“Ora, vamos, senhor procurador do rei — continuou Morrel, com veemência crescente —, nada de piedade! Eu lhe denuncio o crime: procure o assassino!”

E seu olhar implacável interrogava Villefort, que por sua vez solicitava com o olhar ora Noirtier, ora d’Avrigny.

Entretanto, em vez de encontrar socorro no pai e no médico, Villefort só encontrou neles um olhar tão impiedoso quanto o de Morrel.

— Sim! — fez o velho.

— Certamente! — disse d’Avrigny.

— Senhor — replicou Villefort, tentando lutar contra a vontade dos três e contra sua própria emoção —, o senhor está enganado, em minha casa não se cometem crimes... A fatalidade me ataca, Deus me prova: é horrível pensar... Mas aqui não se assassina ninguém!

Os olhos de Noirtier cintilaram; d’Avrigny abriu a boca para dizer algo.

Morrel estendeu o braço pedindo silêncio.

— E eu lhe digo que aqui se mata sim! — exclamou Morrel em voz mais baixa, mas sem perder nada de sua terrível vibração.

“Eu lhe digo que esta é a quarta vítima em quatro meses!”

“Eu lhe digo que já uma vez, há quatro dias, tentaram envenenar Valentine, mas fracassaram graças às precauções tomadas pelo senhor Noirtier!”

“Eu lhe digo que dobraram a dose, ou mudaram a natureza do veneno, e desta vez conseguiram!”

“Eu lhe digo que o senhor sabe de tudo isso tão bem quanto eu, pois afinal o doutor d’Avrigny o preveniu, como médico e como amigo.”

— Oh, mas o senhor está delirando, cavalheiro! — exclamou Villefort, em vão tentando debater-se no círculo em que se sentia aprisionado.

— Estou delirando? — exclamou Morrel. — Bem, então recorro ao próprio doutor d’Avrigny.

“Pergunte-lhe, senhor, se ainda se lembra das palavras que pronunciou em seu jardim, no jardim deste palácio, no próprio dia da

morte da senhora de Saint-Méran, quando o senhor e ele, julgando-se a sós, falavam sobre aquela morte trágica, na qual a fatalidade que o senhor alega e Deus que acusa injustamente só podem ser acusados de uma coisa: de terem criado o assassino de Valentine!”

Villefort e d’Avrigny olharam-se.

— Sim, sim, lembram-se? — continuou Morrel. — Essas palavras que os senhores imaginavam confiadas ao silêncio e à solidão caíram em meus ouvidos.

“Claro que naquela noite, ao ver a culpada complacência do senhor de Villefort para com sua família, eu devia ter contado tudo à polícia... Então eu não seria cúmplice, como sou na hora de tua morte, Valentine! Minha bem-amada Valentine! Mas o cúmplice vai ser o vingador... Este quarto assassinato é flagrante e visível aos olhos de todos, e se teu pai te abandona, Valentine, serei eu, juro, que perseguirei o assassino.”

E desta vez, como se a natureza enfim tivesse piedade daquele vigoroso organismo prestes a ser destruído pelas suas próprias forças, as últimas palavras de Morrel morreram em sua garganta; seu peito explodiu em soluços; suas lágrimas, por tanto tempo rebeldes, brotaram em seus olhos; ele se curvou e caiu de joelhos, chorando, ao lado da cama de Valentine.

Então foi a vez de d’Avrigny.

— Eu também — disse ele em voz forte —, eu também me junto ao senhor Morrel para pedir justiça pelo crime... Pois meu coração se revolta à ideia de que a minha covarde complacência encorajou o assassino!

— Oh, meu Deus, meu Deus! — murmurou Villefort, aniquilado.

Morrel ergueu a cabeça e, lendo nos olhos do velho que lançavam chamas sobrenaturais: — Olhem — disse ele —, olhem: o senhor Noirtier quer falar.

— Sim — fez Noirtier com expressão tanto mais terrível quanto todas as faculdades do pobre velho impotente concentravam-se em seu olhar.

— O senhor sabe quem é o assassino? — perguntou Morrel.

— Sim — replicou Noirtier.

— E vai nos orientar? — exclamou o jovem. — Escutemos! Doutor d’Avrigny, escutemos!”

Noirtier dirigiu ao infeliz Morrel um sorriso melancólico — um daqueles doces sorrisos dos olhos que tantas vezes tinham deixado Valentine tão feliz — e atraiu sua atenção.

A seguir, depois de amarrar, por assim dizer, os olhos do interlocutor aos seus, virou-os para a porta.

— O senhor quer que eu saia? — exclamou dolorosamente Morrel.

— Sim — fez Noirtier.

— Que pena, senhor... Tenha piedade de mim!

Os olhos do velho permaneceram impiedosamente fixados na porta.

— Ao menos vou poder voltar? — perguntou Morrel.

— Sim.

— Devo sair sozinho?

— Não.

— Quem deve sair comigo? O senhor procurador do rei?

— Não.

— O doutor?

— Sim.

— Quer ficar sozinho com o senhor de Villefort?

— Sim.

— Mas ele vai conseguir compreendê-lo?

— Sim.

— Oh — exclamou Villefort, quase alegre porque o interrogatório seria privado —, oh, fique tranquilo, compreendo muito bem o meu pai.

Ao dizê-lo, com a expressão de alegria que mencionamos, os dentes do procurador do rei batiam violentamente.

D’Avrigny tomou o braço de Morrel e conduziu o jovem para o quarto ao lado.

Então se espalhou por toda aquela casa um silêncio mais profundo que o da morte.

Enfim, um quarto de hora depois, ouviram-se passos vacilantes e Villefort apareceu à porta do salão onde estavam d’Avrigny e

Morrel, um absorto, outro a sufocar.

— Venham — disse ele.

E levou-os até à cadeira de Noirtier.

Então Morrel olhou Villefort atentamente.

O rosto do procurador real estava lívido; grandes manchas cor de ferrugem sulcavam sua fronte; ele segurava entre os dedos uma pena retorcida de mil maneiras que se desfazia em pedaços.

— Senhores — disse Villefort em voz estrangulada a d'Avrigny e Morrel —, senhores: jurem que o terrível segredo permanecerá sepultado entre nós!

Os dois homens esboçaram um movimento.

— Eu lhes suplico!... — continuou Villefort.

— Mas... — disse Morrel — quem é o culpado?... O matador?... O assassino?...

— Fique tranquilo, senhor, justiça será feita — disse Villefort. — Meu pai me revelou o nome do culpado... Meu pai tem sede de vingança, como vocês, mas meu pai lhes suplica, como eu, que guardem segredo sobre o crime. Não é verdade, papai?

— Sim — fez resolutamente Noirtier.

Morrel deixou escapar um gesto de horror e incredulidade.

— Oh — exclamou Villefort segurando o braço de Maximilien —, oh, cavalheiro, se meu pai, o homem inflexível que você conhece, lhe faz esse pedido, é por saber que Valentine será terrivelmente vingada. Não é verdade, papai?

O velho fez sinal que sim.

Villefort continuou.

— Ele me conhece, e foi a ele que dei minha palavra. Podem ficar tranquilos, senhores... Três dias, só lhes peço três dias: é menos do que lhes pediria a justiça... Em três dias a vingança que tirarei do assassino de minha filha fará estremecer até o fundo do coração os homens mais frios e indiferentes. Não é verdade, papai?

Ao dizer essas palavras, ele rangia os dentes e sacudia a mão adormecida do velho.

— Tudo o que foi prometido será cumprido, senhor Noirtier? — perguntou Morrel, enquanto o olhar de d'Avrigny interrogava.

— Sim! — fez Noirtier, com olhar de sinistra alegria.

— Então juram, senhores — disse Villefort, juntando as mãos de d’Avrigny e Morrel —, juram que terão piedade da honra de minha casa e que me confiarão o cuidado de vingá-la?...

D’Avrigny voltou-se e murmurou um “sim” bem fraco, mas Morrel arrancou sua mão das mãos do magistrado, correu à cama, imprimiu seus lábios nos lábios gelados de Valentine e fugiu com o longo gemido de uma alma a abismar-se no desespero.

Dissemos que todos os criados tinham desaparecido.

O senhor de Villefort viu-se portanto obrigado a pedir a d’Avrigny que se encarregasse das formalidades tão numerosas e tão delicadas provocadas pela morte em nossas grandes cidades, principalmente a morte acompanhada de circunstâncias tão suspeitas.

Quanto a Noirtier, era algo terrível ver aquela dor sem movimento, aquele desespero sem gestos, aquelas lágrimas sem voz.

Villefort voltou a seu gabinete; d’Avrigny foi chamar o médico da prefeitura, que exercia as funções de inspetor pós-morte, e que se chama com muita ênfase de “médico dos mortos”.

Noirtier não quis separar-se da neta.

Meia hora depois, o doutor d’Avrigny voltou com o colega; tinham fechado as portas da rua e, como o porteiro desaparecera com os outros criados, Villefort foi abrir pessoalmente.

Mas deteve-se no corredor, sem coragem de voltar à câmara mortuária.

Os dois médicos entraram portanto sozinhos no quarto de Valentine.

Noirtier estava ao lado da cama, pálido como a morta, imóvel e mudo como ela.

O médico dos mortos aproximou-se com a indiferença do homem que passa metade da vida ao lado de cadáveres, levantou o lençol que cobria a jovem e apenas entreabriu os seus lábios.

— Oh — exclamou d’Avrigny, suspirando —, pobre menina! Ela está bem morta, vá em frente.

— Sim — respondeu laconicamente o médico, deixando cair o lençol que cobria o rosto de Valentine.

Noirtier emitiu um surdo suspiro.

D'Avrigny voltou-se: os olhos do velho chamejavam. O bom doutor compreendeu que Noirtier queria ver sua neta; aproximou-se da cama e, enquanto o médico dos mortos mergulhava na água clorada os dedos que haviam tocado os lábios da finada, d'Avrigny descobriu o rosto calmo e pálido que parecia o semblante de um anjo adormecido.

Uma lágrima a renascer no canto do olho de Noirtier foi o agradecimento que o bom médico recebeu.

O médico dos mortos lavrou a certidão de óbito no canto de uma mesa, no próprio quarto de Valentine e, cumprida essa formalidade suprema, saiu acompanhado pelo médico.

Villefort ouviu-os descer e apareceu na porta de seu gabinete.

Em poucas palavras agradeceu ao médico e, voltando-se para o doutor d'Avrigny: — E agora — disse ele —, o padre?...

— Deseja incumbir algum sacerdote em especial de rezar ao lado de Valentine? — perguntou d'Avrigny.

— Não — disse Villefort —, chame o mais próximo.

— O mais próximo — disse o médico — é um bom abade italiano que se mudou para a casa ao lado. Quer que eu o avise ao passar?

— D'Avrigny — disse Villefort —, por favor, queira acompanhar este senhor. Aqui está a chave, para que você possa entrar e sair à vontade.

Traga o padre e encarregue-se de instalá-lo no quarto de minha pobre filha.

— Quer falar com ele, meu amigo?

— Quero ficar sozinho. Vocês vão me desculpar, não é? Um padre deve compreender todos os sofrimentos, inclusive o sofrimento paterno.

E o senhor de Villefort, dando um salvo-conduto a d'Avrigny, despediu-se pela última vez do médico desconhecido e voltou a seu gabinete, onde começou a trabalhar.

Para certos organismos, o trabalho é o remédio para todos os males.

Quando chegaram à rua, os médicos viram um homem vestindo batina parado na porta ao lado.

— É dele que eu estava falando — disse o médico dos mortos a d'Avrigny.

D'Avrigny aproximou-se do sacerdote.

— Senhor — disselhe ele —, estaria disposto a prestar um grande serviço a um pobre pai que acaba de perder a filha, ao senhor procurador do rei Villefort?

— Ah, senhor — respondeu o padre com acentuado sotaque italiano —, sim, eu sei, a morte se encontra em sua casa.

— Então não preciso lhe informar que espécie de serviço ele ousa pedir ao senhor...

— Eu vinha me oferecer, meu senhor — disse o padre. — É nossa missão ir ao encontro de nossos deveres.

— Trata-se de uma jovem.

— Sim, sei disso, soube pelos criados que vi fugindo da casa. Soube que ela se chamava Valentine... E já rezei por ela.

— Obrigado, meu senhor, obrigado — disse d'Avrigny. — E, como já começou a exercer o seu sagrado ministério, queira continuá-lo. Venha sentar-se ao lado da morta e toda uma família mergulhada no luto lhe será muito grata.

— Vou sim, meu senhor — respondeu o abade —, e ousou dizer que nenhuma oração será mais fervorosa do que a minha.

D'Avrigny tomou a mão do abade e, sem encontrar Villefort — encerrado em seu gabinete —, levou-o ao quarto de Valentine — os coveiros só viriam buscá-la na noite seguinte.

Quando entraram no quarto, o olhar de Noirtier encontrou o do abade e certamente julgou ler nele algo especial, pois não o deixou mais.

D'Avrigny recomendou ao padre não apenas a morta, mas também o vivo, e o padre prometeu a d'Avrigny dedicar suas orações a Valentine e seus cuidados a Noirtier.

O abade comprometeu-se solenemente e, com certeza para não ser incomodado em suas orações e para que Noirtier não fosse incomodado em seu sofrimento, assim que o doutor d'Avrigny deixou o quarto foi fechar não apenas os ferrolhos da porta por onde

o doutor acabara de sair, mas também os ferrolhos da porta que conduzia aos aposentos da senhora de Villefort.

CV. A ASSINATURA DE DANGLARS

O dia seguinte nasceu triste e nublado.

Os coveiros tinham realizado o seu ofício fúnebre durante a noite, colocando o corpo depositado sobre a cama no sudário que veste lugubrememente os finados, emprestando-lhes, diga-se o que se disser sobre a igualdade perante a morte, um último testemunho do luxo que amavam durante a vida.

O sudário não era senão uma peça de magnífica cambraia que a jovem comprara quinze dias antes.

À noite, homens chamados para isso tinham transportado Noirtier do quarto de Valentine para o seu e, contra todas as expectativas, o velho não criara dificuldades ao afastar-se do corpo da neta.

O abade Busoni velara até ao amanhecer e ao amanhecer fora para casa sem avisar ninguém.

Perto das oito da manhã, d'Avrigny voltara; encontrou Villefort, que ia ao quarto de Noirtier, e acompanhou-o para saber como o velho havia passado a noite.

Encontraram Noirtier dormindo um sono tranquilo e quase risonho na grande poltrona que lhe servia de cama.

Ambos detiveram-se à porta, surpresos.

— Olhe — disse d'Avrigny a Villefort, que olhava o pai dormir. — Olhe: a natureza sabe acalmar as dores mais intensas... Certamente ninguém diria que o senhor Noirtier não adorava a neta, mas ele dorme tranquilamente.

— Sim, e você tem razão — respondeu Villefort, surpreso. — Ele dorme tranquilamente, e isso é muito estranho, pois a menor contrariedade o deixa insone por noites inteiras.

— O sofrimento o deixou prostrado — replicou d'Avrigny.

Ambos voltaram pensativos ao gabinete do procurador real.

— Olhe, eu não dormi — disse Villefort, mostrando a d'Avrigny sua cama intacta. — O sofrimento não me deixa prostrado... Há duas noites não durmo... Mas em compensação veja só o meu escritório: como escrevi, meu Deus, durante esses dois dias e essas duas noites!... Como estudei esses documentos, como redigi a ata de acusação do assassino Benedito!... Oh, o trabalho, o trabalho, minha paixão, minha alegria, minha fúria, só ele é capaz de aniquilar todas as minhas dores!

E Villefort apertou convulsivamente a mão de d'Avrigny.

— Precisa de mim? — perguntou o médico.

— Não — respondeu Villefort —, mas volte às onze horas, por favor... Vai ser ao meio-dia a... a partida... Meu Deus! Minha pobre filha! Minha pobre filha!

E o procurador do rei, voltando a ser um homem, ergueu os olhos ao céu e suspirou.

— Então vai ficar no salão de visitas?

— Não, um primo vai se encarregar dessa triste honra. Eu vou trabalhar, doutor... Quando trabalho, esqueço-me de tudo.

De fato, o médico mal cruzara a porta e o procurador real já voltara ao trabalho.

Na escadaria, d'Avrigny encontrou o parente mencionado por Villefort, personagem insignificante nesta história e na família, uma dessas criaturas que já nascem destinadas a desempenhar o papel de serem úteis à sociedade.

Ele era pontual, vestia-se de negro, usava crepe no braço e chegara à casa do primo com uma fisionomia afetada que esperava manter enquanto necessário e depois despir.

Às onze da manhã, as carruagens fúnebres rodavam no pavimento do pátio e a rua do subúrbio Saint-Honoré enchia-se de murmúrios da multidão, igualmente ávida das alegrias e do luto dos ricos, correndo a um enterro pomposo com a mesma pressa com que corre a um casamento de duquesa.

Aos poucos o salão mortuário encheu-se; primeiro chegou parte de nossos velhos conhecidos — Debray, Château-Renaud, Beauchamp —, depois todos os ilustres dos tribunais, da literatura e do exército; pois o senhor de Villefort ocupava, menos pela posição

social do que pelo mérito pessoal, um dos primeiros lugares na sociedade parisiense.

O primo mantinha-se à porta e fazia todos entrarem, e é preciso dizer que para os indiferentes era um grande alívio ver ali um personagem indiferente que não exigia dos convidados uma fisionomia mentirosa ou falsas lágrimas, como faziam um pai, um irmão ou um noivo.

Os que se conheciam chamavam-se com o olhar e reuniam-se em grupos. Num desses grupos estavam Debray, Château-Renaud e Beauchamp.

— Pobre jovem — disse Debray, pagando, como aliás todos sem querer o faziam, seu tributo ao doloroso acontecimento —, pobre jovem! Tão rica, tão bonita! Poderia imaginar algo assim, Château-Renaud, quando viemos, há quanto tempo?... Há três semanas, um mês no máximo... para a assinatura do contrato que nem foi assinado?

— Juro que não — respondeu Château-Renaud.

— Você a conhecia?

— Falei com ela uma ou duas vezes no baile da senhora de Morcerf... Ela me pareceu encantadora, embora de temperamento um tanto triste. Você sabe onde está a madrasta?

— Ela foi passar o dia com a mulher desse digno cavalheiro que nos recebeu.

— Quem é ele?

— Ele quem?

— O cavalheiro que nos recebeu... É deputado?

— Não — respondeu Beauchamp. — Sou condenado a ver nossos nobres deputados todo santo dia, mas nunca o vi.

— Falou dessa morte em seu jornal?

— O artigo não é meu, mas falamos sim... Duvido que o senhor de Villefort goste do artigo: acho que disseram que, se quatro mortes em sequência acontecessem em outro lugar, não na casa do procurador real, o procurador realmente ficaria muito mais comovido.

— Aliás — disse Château-Renaud —, o doutor d'Avrigny, que é o médico da minha mãe, acha que Villefort está desesperado. Mas

quem você está procurando, Debray?

— Estou procurando o senhor de Monte-Cristo — respondeu o jovem.

— Vindo para cá eu o encontrei na avenida. Acho que ele está de partida, estava indo ao seu banqueiro — disse Beauchamp.

— Ao seu banqueiro? Mas seu banqueiro não é Danglars? — perguntou Château-Renaud a Debray.

— Acho que sim — respondeu o secretário particular, um tanto perturbado. — Mas o senhor de Monte-Cristo não é o único ausente. Eu não vi o Morrel.

— O Morrel? Ele os conhecia? — perguntou Château-Renaud.

— Acho que ele só foi apresentado à senhora de Villefort.

— Mesmo assim, ele deveria ter vindo — disse Debray. — O que ele vai comentar hoje à noite? Este enterro é a notícia do dia... Mas... Ch!... Vamos ficar quietos: ali vem o senhor ministro da Justiça e dos Cultos, ele vai se achar obrigado a fazer seu pequeno *speech* para o primo chorão.

E os três jovens aproximaram-se da porta para ouvir o pequeno *speech* do senhor ministro da Justiça e dos Cultos.

Beauchamp dissera a verdade: ao vir para o enterro, encontrara Monte-Cristo, que por sua vez dirigia-se ao palácio de Danglars, na rua da Chaussée d'Antin.

De sua janela, o banqueiro vira a carruagem do conde entrar no pátio e fora ao seu encontro com rosto abatido, mas afável.

— Bem, conde — disse ele, apertando a mão de Monte-Cristo —, veio dar-me os pêsames... Em verdade, a desgraça se encontra em minha casa... A tal ponto que quando o vi eu me perguntei se não desejava mal aos pobres Morcerf, o que justificaria o provérbio: “Quem deseja o mal colhe o mal”. Bem, juro que não, eu não desejava o mal a Morcerf... Talvez ele fosse um tanto orgulhoso demais para um homem que veio do nada, como eu vim, devendo tudo a si mesmo, como eu... Mas cada um com seus defeitos. Ah, veja bem, conde: as pessoas da nossa geração... Mas queira me perdoar, o senhor não é da nossa geração, o senhor é jovem... As pessoas da nossa geração não têm tido muita sorte este ano: veja o nosso puritano procurador do rei... Veja Villefort, que acaba de

perder a filha. Então, recapitulando: Villefort, como eu dizia, perdendo toda a sua família de maneira estranha... Morcerf desonrado e morto... Eu, coberto de ridículo pela loucura daquele Benedito, e depois...

— E depois o quê? — perguntou o conde.

— Ai, então não sabe?

— Uma nova desgraça?

— A minha filha...

— A senhorita Danglars?

— Eugénie nos deixou.

— Oh, meu Deus, mas o que está dizendo?

— A verdade, meu caro conde... Meu Deus, como o senhor é feliz por não ter mulher nem filhos!

— O senhor acha?

— Ah, meu Deus!

— E dizia que a senhorita Eugénie...

— Ela não conseguiu suportar a afronta que aquele miserável nos fez e me pediu permissão para viajar...

— E ela partiu?

— Ontem à noite.

— Com a senhora Danglars?

— Não, com uma parenta... Mas não deixamos de perdê-la, a nossa querida Eugénie... Pois duvido que, com o temperamento que ela tem, queira voltar à França!

— O que queria, meu caro barão — disse Monte-Cristo —, desgostos de família, desgostos que seriam insuportáveis para um pobre-diabo que só teria a filha como fortuna, mas suportáveis para um milionário... Por mais que os filósofos falem, os homens práticos sempre os desmentem: o dinheiro consola de muitas coisas... E o senhor se consolará mais depressa do que ninguém se admitir a virtude desse bálsamo soberano... O senhor, rei da finança, rei do ponto de encontro de todos os poderes...

Danglars olhou o conde de lado para ver se ele estava brincando ou falando sério.

— Sim — disse ele —, fato é que, se a fortuna consola, devo me consolar: sou rico.

— Tão rico, meu caro barão, que sua fortuna lembra as Pirâmides... Se quisessem demoli-las, não ousariam... Se ousassem, não conseguiriam.

Danglars riu da confiante sinceridade do conde e disse: — Isso me lembra: quando o senhor chegou, eu estava assinando cinco bônus... Já assinei dois... Permite-me assinar os outros três?

— À vontade, meu caro barão: à vontade.

Seguiu-se um instante de silêncio no qual se ouviu ranger a pena do banqueiro, enquanto Monte-Cristo admirava as molduras douradas do teto.

— Bônus da Espanha — disse Monte-Cristo —, bônus do Haiti, bônus de Nápoles?

— Não — respondeu Danglars, dando a sua risada superior —, bônus ao portador, bônus ao banco da França. Veja, senhor conde — acrescentou ele —, o senhor que é o imperador das finanças, assim como eu sou o rei das finanças, já viu muitos pedaços de papel desse tamanho valerem um milhão cada um?

Monte-Cristo colocou na palma da mão, como a pesá-los, os cinco pedaços de papel orgulhosamente apresentados por Danglars e leu: Queira o senhor gerente do banco mandar pagar à minha ordem, sobre os fundos por mim depositados, a quantia de um milhão, valor em conta.

Barão DANGLARS.

— Um, dois, três, quatro, cinco... — fez Monte-Cristo. — Cinco milhões! Peste, como anda o senhor, senhor Cresol

— É assim que faço negócio! — exclamou Danglars.

— Mas que maravilha, principalmente, como não duvido, se esta quantia for paga à vista.

— Ela será — exclamou Danglars.

— Que beleza, ter tanto crédito... Em verdade, só na França é possível ver essas coisas: cinco pedaços de papel valerem cinco milhões... Ver para crer.

— O senhor duvida?

— Não.

— O senhor fala num tom... Vamos, dê-se a esse prazer: vá com o meu caixeiro ao banco e o verá sair com bônus do tesouro desse valor.

— Não — disse Monte-Cristo, dobrando os cinco papéis —, juro que não, isso é tão curioso, farei pessoalmente a experiência. O meu crédito em seu banco era de seis milhões, saquei novecentos mil francos, o senhor ainda me deve cinco milhões e cem mil francos. Fico com esses cinco pedaços de papel, que só pela sua assinatura já considero válidos, e aqui está um recibo geral de seis milhões que encerra a nossa conta. Eu já trouxe o recibo preparado, pois devo lhe dizer que preciso muito de dinheiro ainda hoje.

Com uma mão, Monte-Cristo colocou os cinco bônus no bolso, enquanto com a outra passava o recibo ao banqueiro.

Se um raio caísse aos pés de Danglars, não o aterrorizaria tanto.

— O quê? — balbuciou ele. — O quê, senhor conde, vai retirar esse dinheiro? Mas perdão, perdão, é dinheiro que devo às casas de caridade, um depósito, e prometi pagar esta manhã.

— Ah — exclamou Monte-Cristo —, então é diferente. Não preciso exatamente desses cinco bônus, pode me pagar em outros valores... Só peguei os bônus por curiosidade, para poder dizer nos salões que sem qualquer aviso, sem me pedir sequer cinco minutos de prazo, o banco Danglars me pagou cinco milhões à vista! Seria notável! Mas aqui estão os seus bônus... Repito, dê-me em outros valores.

E passou os cinco papéis a Danglars, que, lívido, agarrou-os como um abutre a estender as garras pelas grades de sua gaiola para agarrar a carne que lhe roubam.

De repente ele se conteve, fez um esforço violento e mostrou-se polido.

Então Monte-Cristo viu-o sorrir e distender aos poucos os traços de sua fisionomia transtornada.

— De fato — disse Danglars —, o seu recibo é igual a dinheiro.

— Oh, meu Deus, sim! E se estivesse em Roma, com meu recibo, a casa Thomson e French logo lhe pagaria, como o senhor...

— Perdão, senhor conde, perdão!

— Então posso guardar esse dinheiro?

— Sim — disse Danglars, enxugando o suor a brotar na raiz de seus cabelos —, guarde, guarde...

Monte-Cristo recolocou os cinco bônus no bolso, com a intraduzível expressão em seu rosto que significava: — Nossa, pense bem... Se arrepender-se, ainda é tempo.

— Não — disse Danglars —, não: definitivamente, guarde as minhas assinaturas... Mas, como sabe, nada mais formal do que um homem de finanças... Eu destinava esse dinheiro às casas de caridade, julgaria roubá-las se não lhes desse exatamente esses bônus, como se um escudo não fosse igual a outro... Desculpe-me.

E começou a rir francamente, mas a rir de nervoso.

— Desculpo — respondeu graciosamente Monte-Cristo. — E embolso.

E guardou os bônus na carteira.

— Mas ainda não temos uma quantia de cem mil francos? — perguntou Danglars.

— Oh, que bagatela... — disse Monte-Cristo. — Os juros devem chegar a quase o mesmo... Guarde esses cem mil e estamos quites.

— Está falando sério, conde? — perguntou Danglars.

— Nunca brinco com os banqueiros — replicou Monte-Cristo com uma seriedade que beirava a impertinência.

E dirigiu-se para a porta, bem no momento em que o criado anunciava: — O senhor de Boville, tesoureiro-geral das casas de caridade!

— Caramba — disse Monte-Cristo —, parece que cheguei a tempo de apreciar as suas assinaturas tão disputadas.

Danglars voltou a empalidecer e apressou-se a despedir-se do conde.

O conde de Monte-Cristo cumprimentou cerimoniosamente o senhor de Boville, que se mantinha de pé no salão de espera e que, à saída de Monte-Cristo, foi imediatamente introduzido no gabinete do senhor Danglars.

Seria possível ver o seriíssimo semblante do conde irradiar efêmero sorriso ao notar a carteira que o senhor tesoureiro das casas de caridade levava à mão.

O conde encontrou sua carruagem à porta e mandou seguir depressa ao banco.

Entrementes, Danglars, contendo a emoção, ia ao encontro do tesoureiro-geral.

Não é preciso dizer que o sorriso e a gentileza em seus lábios eram estereotipados.

— Bom dia, meu caro credor — disse ele —, pois aposto que é o credor quem me visita...

— Adivinhou, barão — disse o senhor de Boville. — As casas de caridade apresentam-se ao senhor na minha pessoa... As viúvas e órfãos vêm pelas minhas mãos pedir-lhe uma esmola de cinco milhões.

— E ainda dizem que os órfãos são pobrezinhos! — disse Danglars, prolongando a brincadeira. — Pobres crianças!

— Assim, aqui estou em nome delas — disse o senhor de Boville. — Deve ter recebido a minha carta de ontem...

— Recebi.

— Aqui estou com meu recibo.

— Meu caro senhor de Boville — disse Danglars —, se o senhor me permitir, as suas viúvas e órfãos terão a bondade de esperar mais vinte e quatro horas, pois o senhor de Monte-Cristo, que acaba de ver saindo daqui... O senhor o viu, não é?

— Sim, e então?

— Então, o senhor de Monte-Cristo levou os seus cinco milhões!...

— Como assim?

— O conde tinha um crédito ilimitado comigo, crédito aberto pela casa Thomson e French, de Roma. Ele veio me pedir uma quantia de cinco milhões, de uma vez só, e dei-lhe um bônus ao Banco da França: é lá que meus fundos estão depositados... E, como deve compreender, eu recearia, retirando das mãos do senhor gerente dez milhões no mesmo dia, que isto viesse a lhe parecer muito estranho.

“Em dois dias — acrescentou Danglars, sorrindo —, já não diria o mesmo...”

— Ora, vamos! — exclamou o senhor de Boville no tom da mais completa incredulidade. — Cinco milhões para esse cavalheiro que saiu agora mesmo, e me cumprimentou como se eu o conhecesse?

— Talvez ele o conheça, sem que o senhor venha a conhecê-lo... O senhor de Monte-Cristo conhece todo mundo.

— Cinco milhões?!

— Aqui está o recibo... Faça como São Tomé: ver para crer ...

O senhor de Boville pegou o papel que Danglars lhe passou e leu: Recebi do sr. barão Danglars a quantia de cinco milhões e cem mil francos, que lhe será reembolsada quando desejar pela casa Thomson e French, de Roma.

— Nossa, é verdade! — exclamou Boville.

— Conhece a casa Thomson e French?

— Conheço — respondeu o senhor de Boville —, há tempos fechamos um negócio de duzentos mil francos... Mas depois nunca mais ouvi falar dessa casa.

— É uma das melhores da Europa — disse Danglars, jogando displicentemente em sua escrivaninha o recibo que apanhara das mãos do senhor de Boville.

— Então ele tinha cinco milhões a receber só do senhor?... Ah, mas então esse conde de Monte-Cristo é um nababo?

— Juro, não sei bem o que ele é, mas o conde tinha três créditos ilimitados: um comigo, outro com Rothschild, outro com Laffitte, e — acrescentou casualmente Danglars —, como vê, deu-me a preferência, deixando-me cem mil francos pelo ágio.

O senhor de Boville deu todos os sinais da maior admiração.

— Preciso ir visitá-lo — disse ele — e pedir-lhe alguma doação piedosa.

— Oh, é como se já a tivesse... Só as suas esmolas chegam a mais de vinte mil francos por mês.

— Magnífico... Aliás, eu lhe citarei o exemplo da senhora de Morcerf e de seu filho.

— Que exemplo?

— Doaram toda a sua fortuna às casas de caridade.

— Que fortuna?

— A sua fortuna, a fortuna do general de Morcerf, o finado.

— A que propósito?

— A propósito de não desejarem bens tão miseravelmente adquiridos.

— E vão viver de quê?

— A mãe se retira para a província e o filho se alista.

— Ora, ora! — exclamou Danglars. — Quanto escúpulo!

— Mandei registrar a ata de doação ontem.

— Quanto possuíam?

— Oh, nada de mais, um milhão e duzentos, ou um milhão e trezentos mil francos... Mas voltemos a nossos muitos milhões.

— Claro — disse Danglars, com a maior naturalidade. — Tem muita pressa desse dinheiro?

— Tenho... O balanço vai ser feito amanhã.

— Amanhã? Por que não me disse logo?... Mas até amanhã temos um século! A que horas, o balanço?

— Às duas da tarde.

— Mande buscar ao meio-dia — disse Danglars, com seu sorriso.

O senhor de Boville não respondeu muita coisa; fez que sim com a cabeça e agitou a carteira.

— Ei, tive uma ideia — exclamou Danglars —, faça melhor...

— Que quer que eu faça?

— O recibo do senhor de Monte-Cristo vale dinheiro... Leve o recibo ao Rothschild ou ao Laffitte... Eles vão aceitá-lo imediatamente.

— Apesar de reembolsável em Roma?

— Naturalmente... Só vai lhe custar um desconto de cinco ou seis mil francos.

O tesoureiro deu um pulo para trás.

— Caramba, não, prefiro esperar até amanhã. Mas que ideia!

— Por um momento, imaginei... Perdoe-me — disse Danglars, sem a menor vergonha —, imaginei que podia aceitar um pequeno desconto.

— Ah! — exclamou o tesoureiro.

— Escute, isso é comum, e nesse caso fazemos um sacrifício.

— Deus me livre, não — disse o senhor de Boville.

— Então, até amanhã... Não é, meu caro tesoureiro?

— Sim, até amanhã... Mas sem falta?

— Ah, está brincando? Ao meio-dia, mande buscar: o banco já estará avisado.

— Eu mesmo virei pessoalmente.

— Melhor ainda... Assim, terei o prazer de vê-lo.

Apertaram-se as mãos.

— A propósito — disse o senhor de Boville —, na avenida encontrei o enterro daquela pobre senhorita de Villefort... Não vai ao enterro?

— Não — respondeu o banqueiro —, ainda me sinto um pouco ridículo depois do caso Benedito, estou retirado.

— Ah, mas não faça isso... Por acaso tem alguma culpa em tudo isso?

— Escute, meu caro tesoureiro: quando temos um nome sem mancha como o meu, ficamos sensíveis.

— Todo mundo o lamenta, pode acreditar, e acima de tudo todo mundo lamenta a senhorita sua filha.

— Pobre Eugénie! — exclamou Danglars, suspirando profundamente. — O senhor sabia que ela foi para um convento?

— Não sabia...

— Ai, infelizmente, é verdade... Um dia depois do acontecimento, ela resolveu partir com uma religiosa sua amiga: ela vai procurar um convento bem severo, na Itália ou na Espanha.

— Oh, mas é terrível!

A essa exclamação, o senhor de Boville retirou-se, apresentando ao pai mil condolências.

Mal saíra, Danglars, com energia de gestos só compreensível para aqueles que viram Frédéric representar Robert Macário, exclamou: — Imbecil!

E, guardando o recibo de Monte-Cristo na carteira: — Venha ao meio-dia... — acrescentou ele. — Ao meio-dia, já estarei longe.

Depois deu duas voltas na chave, esvaziou todas as gavetas do cofre, juntou uns cinquenta mil francos em notas bancárias, queimou diversos papéis, colocou outros à vista e escreveu uma carta que lacrou e endereçou: “À senhora baronesa Danglars.”

— Esta noite — murmurou —, colocarei a carta pessoalmente em seu espelho.

A seguir, tirando um passaporte da gaveta: — Bom — disse ele —, ainda é válido por dois meses.

CVI. O CEMITÉRIO PÈRE-LACHAISE

O senhor de Boville tinha de fato encontrado o cortejo fúnebre que conduzia Valentine à sua última morada.

O tempo era sombrio e nublado; um vento ainda quente, mas já mortal para as folhas amareladas, arrancava-as dos galhos pouco a pouco desnudados, fazendo-as turbilhonar sobre a imensa multidão que lotava as avenidas.

O senhor de Villefort, parisiense legítimo, via o cemitério Père-Lachaise como o único digno de receber os restos mortais de uma família parisiense; os outros lhe pareciam ser apenas cemitérios campestres, pousadas da morte. Só no Père-Lachaise um finado de boa família podia sentir-se em sua própria casa.

Como vimos, ele comprara ali a concessão perpétua onde se erguia o monumento tão rapidamente ocupado por todos os membros de sua primeira família.

Na pedra do mausoléu, lia-se: FAMÍLIA SAINT-MÉRAN E VILLEFORT — pois essa havia sido a última vontade da pobre Renée, mãe de Valentine.

Era portanto para o Père-Lachaise que se encaminhava o pomposo cortejo que saíra do subúrbio Saint-Honoré. Atravessaram Paris inteira, cruzaram o subúrbio do Templo, depois seguiram pelas avenidas externas até o cemitério. Mais de cinquenta carruagens particulares seguiam vinte carruagens de luto e eram seguidas por mais de quinhentas pessoas a pé.

Quase todas eram jovens que a morte de Valentine atingira como um raio e que, apesar da atmosfera glacial do século e do prosaísmo da época, sofriam a influência poética da bela, casta e adorável jovem que desaparecera na flor da idade.

Na saída de Paris, viram chegar uma rápida carruagem de quatro cavalos que pararam de repente, imobilizando suas patas nervosas como molas de aço: era o senhor de Monte-Cristo.

O conde desceu de sua caleça e foi misturar-se à multidão que seguia o carro fúnebre a pé.

Château-Renaud viu-o: logo desceu de seu cupê e foi se juntar a ele. Beauchamp também desceu do cabriolé de aluguel em que estava.

O conde olhava atentamente por todas as brechas entre a multidão: visivelmente procurava alguém. Afinal não se conteve: — Onde está Morrel? — perguntou. — Algum dos senhores sabe onde ele anda?

— Já nos fizemos a mesma pergunta no velório — respondeu Château-Renaud —, pois nenhum de nós o viu.

O conde calou-se, mas continuou a olhar ao redor.

Enfim chegaram ao cemitério.

O olhar penetrante de Monte-Cristo sondou num relance os bosques de teixos e pinheiros e logo se despreocupou: uma sombra deslizava entre as negras carpas e Monte-Cristo certamente reconheceria aquele que procurava.

Sabe-se o que vem a ser um enterro nessa magnífica necrópole: grupos vestidos de negro espalhados pelas brancas alamedas, o silêncio do céu e da terra rompido pelo estalar de alguns galhos quebrados, de alguma cerca viva enterrada ao redor de um túmulo; então o canto melancólico dos sacerdotes, misturado a um soluço a sair aqui e ali de um feixe de flores onde se vê uma mulher chorando e rezando.

A sombra que Monte-Cristo reconheceria atravessou rapidamente o jardim atrás do túmulo de Abelardo e Heloísa, colocou-se ao lado dos coveiros diante dos cavalos que traziam o corpo e no mesmo passo chegou ao lugar escolhido para a sepultura.

Cada um olhava alguma coisa.

Monte-Cristo só olhava aquela sombra que seus vizinhos mal viam.

Por duas vezes o conde saiu de seu lugar para ver se as mãos daquele homem não procuravam alguma arma escondida entre as roupas.

Quando o cortejo parou, a sombra foi reconhecida: era Morrel, que, com a sua sobrecasaca negra abotoada até o pescoço, o rosto pálido, as faces escavadas, o chapéu amassado por mãos convulsas, encostara-se a uma árvore sobre uma elevação ao lado do mausoléu, para não perder nenhum detalhe da cerimônia fúnebre que se realizaria.

Tudo se passou como de hábito. Alguns homens — como sempre, os menos impressionados — pronunciaram discursos. Uns lastimavam aquela morte prematura — outros se estendiam sobre o sofrimento do pai; houve os bastante engenhosos para descobrir que a jovem mais de uma vez pedira perdão aos culpados para o senhor de Villefort, que mantinha suspenso o gládio da justiça sobre suas cabeças; enfim, esgotaram-se as metáforas floridas e as frases dolorosas, comentando de todas as formas as estrofes de Malherbe a Dupérier.

Monte-Cristo não escutava nada, não via nada — ou melhor, só via Morrel, cuja calma e imobilidade ofereciam um espetáculo assustador para o único que podia ler o que se passava no fundo do coração do jovem oficial.

— Olhe — disse de repente Beauchamp a Debray —, lá está Morrel! Onde diabos ele andava?

E apontaram-no a Château-Renaud.

— Mas como ele está pálido! — exclamou Château-Renaud, estremeando.

— Ele está com frio — replicou Debray.

— Não — disse lentamente Château-Renaud —, acho que ele está comovido... Maximilien é muito emotivo.

— Ora — exclamou Debray —, como você mesmo disse, ele mal conhecia a senhorita Villefort...

— É verdade... Mas lembro-me de que no baile da senhora de Morcerf ele dançou três vezes com ela... Sabe, conde, aquele baile em que o senhor foi a sensação...

— Não, não sei — respondeu Monte-Cristo, sem saber a que ou a quem respondia, ocupado em vigiar Morrel, cujas faces se azulavam, como se prendesse a respiração.

— Os discursos acabaram: adeus, senhores — disse bruscamente o conde.

E deu o sinal de partida, desaparecendo sem que se soubesse por onde.

A cerimônia fúnebre se encerrara: todos retomaram o caminho de Paris.

Os olhos de Château-Renaud ainda procuraram Morrel; mas, enquanto via o conde se afastar, Morrel deixara o seu lugar: depois de procurá-lo em vão, Château-Renaud acompanhou Debray e Beauchamp.

Monte-Cristo correria a um arvoredo e, escondido atrás de um grande túmulo, espiava cada movimento de Morrel, que aos poucos se aproximava do mausoléu abandonado pelos curiosos e depois pelos coveiros.

Morrel olhou ao redor lenta e vagamente, mas enquanto olhava para o outro lado Monte-Cristo aproximou-se mais dez passos sem ser visto.

O jovem ajoelhou-se.

O conde, com o pescoço esticado, olhar fixo e dilatado, pernas prontas para correr ao primeiro sinal, continuava a aproximar-se de Morrel.

O jovem curvou a cabeça até a lápide, abraçou a grade e murmurou: — Oh, Valentine!

À explosão dessas palavras, o coração do conde partiu-se; ele deu mais um passo e, batendo no ombro de Morrel: — É você, meu caro amigo?! — exclamou ele. — Eu estava à sua procura...

Monte-Cristo esperava uma explosão, censuras, recriminações: estava enganado.

Morrel olhou-o e, aparentando calma, disse: — Como vê, eu estava rezando...

O olhar penetrante do conde percorreu o jovem dos pés à cabeça.

Depois desse exame, pareceu mais tranquilo.

— Quer que eu o leve a Paris? — perguntou o conde.

— Não, obrigado.

— Mas, afinal, precisa de alguma coisa?

— Deixe-me rezar.

O conde afastou-se sem fazer uma única objeção, mas afastou-se para ocupar um novo posto de observação de onde não perdia um único gesto de Morrel, que enfim levantou-se, limpou os joelhos embranquecidos pela pedra tumular e tomou o caminho de Paris sem olhar para trás.

Desceu lentamente a rua da Roquette.

Dispensando a sua carruagem estacionada no Père-Lachaise, o conde seguia-o a cem passos.

Maximilien atravessou o canal e, através das avenidas, chegou à rua Meslay.

Cinco minutos depois de ser fechada por Morrel, a porta abriu-se para Monte-Cristo.

Julie estava na entrada do jardim, onde observava com a maior atenção o mestre Penelon, que, levando a sério a profissão de jardineiro, plantava mudas de roseiras.

— Ah, senhor conde de Monte-Cristo! — exclamou ela, com a alegria que todos os membros de sua família manifestavam quando Monte-Cristo visitava a rua Meslay.

— Maximilien acabou de chegar, não é, senhora? — perguntou o conde.

— Acho que o vi passar sim... — replicou a jovem. — Mas, por favor, chame Emmanuel.

— Perdão, senhora... Mas preciso subir imediatamente ao quarto de Maximilien — replicou Monte-Cristo —, preciso lhe dizer algo da maior importância.

— Então vá — disse ela, acompanhando-o com seu sorriso encantador até que ele desaparecesse na escada.

Monte-Cristo logo transpôs os dois andares que separavam o térreo dos aposentos de Maximilien; à entrada, escutou: não se ouvia ruído algum.

Como na maioria das casas antigas habitadas por solteiros, à entrada só havia uma porta envidraçada.

Mas naquela porta envidraçada não havia chave.

Maximilien estava lá dentro, mas era impossível ver através da porta: uma cortina de seda vermelha cobria os vidros.

A ansiedade do conde traduziu-se em vivo rubor, sintoma de emoção incomum naquele homem impassível.

— Que fazer? — murmurou ele.

E refletiu por um momento.

— Tocar? — continuou. — Oh, não, muitas vezes o barulho de campainha, isto é, de visita, apressa a decisão de quem se encontra na situação em que Maximilien deve estar neste momento, então ao disparo da campainha responde outro disparo.

Monte-Cristo estremeceu da cabeça aos pés e, como nele a decisão tinha a velocidade do raio, deu uma cotovelada numa vidraça da porta, estilhaçando-a; então abriu a cortina e viu Morrel, que, diante de sua escrivaninha, com uma pena na mão, acabava de pular da cadeira ao barulho da vidraça quebrada.

— Não é nada — disse o conde —, mil perdões, meu caro amigo, escorreguei, e ao escorregar bati o cotovelo em sua vidraça... Como está quebrada, vou aproveitar para entrar... Não se incomode, não se incomode...

E, passando o braço pela vidraça quebrada, o conde abriu a porta.

Morrel levantou-se, evidentemente contrariado, e foi ao encontro de Monte-Cristo menos para recebê-lo do que para barrar-lhe a passagem.

— Na verdade, é culpa de seus criados — disse Monte-Cristo, esfregando o cotovelo —, seus assoalhos são lisos como espelhos...

— O senhor se feriu? — perguntou friamente Morrel.

— Não sei... Mas o que estava fazendo? Escrevendo?

— Eu?

— Seus dedos estão sujos de tinta.

— É verdade — respondeu Morrel —, eu estava escrevendo...

Às vezes faço isso, embora seja militar.

Monte-Cristo deu alguns passos pelo quarto. Maximilien foi obrigado a deixá-lo passar, mas seguiu-o.

— Estava escrevendo? — disse Monte-Cristo, com fatigante olhar fixo.

— Já tive a honra de dizer-lhe que sim — fez Morrel. O conde lançou um olhar ao redor.

— Suas pistolas ao lado do tinteiro? — exclamou o conde, apontando a Morrel as armas sobre a escrivaninha.

— Estou de partida, vou viajar — respondeu Maximilien.

— Meu amigo! — disse Monte-Cristo, com voz infinitamente meiga.

— Senhor?!

— Meu amigo, meu caro Maximilien, nada de decisões extremas, eu lhe suplico!

— Eu, decisões extremas? — exclamou Morrel, dando de ombros. — Em que sentido, diga-me, uma viagem é uma decisão extrema?

— Maximilien — disse Monte-Cristo —, vamos ambos tirar as máscaras que usamos. Maximilien, você não me engana com essa calma fingida mais do que eu o engano com a minha frívola solicitude... Compreende bem, não é?, que para ter feito o que fiz, para ter quebrado os vidros, violado a privacidade do quarto de um amigo... Compreende, dizia eu, que, para ter feito tudo isso, eu devia estar bem preocupado, ou ter uma convicção terrível. Você está querendo se matar, Morrel...

— Bom — exclamou Morrel, estremecendo —, senhor conde, de onde tirou essas ideias?

— Digo e repito, você está querendo se matar — continuou o conde no mesmo tom de voz —, aqui está a prova.

E, aproximando-se da escrivaninha, ergueu a folha branca que o jovem colocara sobre uma carta começada e pegou a carta.

Morrel correu para arrancar-lhe a carta das mãos.

Mas Monte-Cristo previra essa atitude e evitou-a agarrando Maximilien pelo punho e detendo-o como a corrente de aço detém a mola em sua evolução.

— Bem vê que você queria se matar, Morrel — disse o conde —, está escrito!

— Bem — exclamou Morrel, passando sem transição da aparente calma à expressão violenta —, bem, então, se assim for, se eu decidir apontar para mim o cano dessa pistola, quem poderia me impedir? Quem teria a coragem de me impedir? Quando eu disser: “Todas as minhas esperanças estão arruinadas, o meu coração está partido, a minha vida acabou, ao meu redor só há luto e desgosto... A terra transformou-se em cinzas... Toda voz humana me dilacera”... Quando eu disser: “Deixar que eu morra é piedade, pois, se o senhor não deixar que eu morra, perderei a razão, ficarei louco”... Vamos, fale, senhor... Quando eu disser isso, quando virem que o digo com angústia, com lágrimas do meu coração, vão me responder: Você está errado!? Vão me impedir de não ser mais o mais infeliz? Fale, senhor, fale... Seria o senhor que teria essa coragem?

— Sim, Morrel — fez Monte-Cristo em tom calmo que contrastava estranhamente com a exaltação do jovem. — Sim, seria eu.

— O senhor? — exclamou Morrel, com crescente expressão de cólera e censura. — O senhor, que me iludiu com uma esperança absurda... O senhor, que me conteve, embalou, que me fez adormecer com vãs promessas, quando eu poderia, agindo rapidamente, tomando alguma decisão extrema, salvá-la, ou pelo menos vê-la morrer em meus braços... O senhor, que pretende ter todos os recursos da inteligência, todos os poderes da matéria... O senhor, que representa, ou melhor, finge representar o papel da Providência, e que não teve sequer a iniciativa de dar contraveneno a uma jovem envenenada! Ah, mas realmente o senhor me causaria pena, se não me causasse horror!

— Morrel!...

— Sim, o senhor falou em tirar a máscara... Bem, então fique satisfeito, eu a tiro... Sim, quando o senhor me seguiu ao cemitério, ainda lhe respondi, porque meu coração é bom... Quando entrou aqui, deixei que se aproximasse... Mas como o senhor abusa, como vem me enfrentar até neste quarto onde eu me refugiara como em meu túmulo... Como me traz nova tortura, a mim que imaginava já ter sofrido todas as torturas, o senhor, conde de Monte-Cristo, meu

pretensso benfeitor... Conde de Monte-Cristo, salvador universal, fique satisfeito: vai ver seu amigo morrer!...

E Morrel, com o riso da loucura dançando em seus lábios, voltou a correr às pistolas.

Monte-Cristo, pálido como um fantasma, mas com os olhos a emitir relâmpagos, estendeu a mão às armas e disse ao insensato: — E eu lhe digo e repito que você não vai se matar!

— Então me impeça! — replicou Morrel em novo assalto, que, como o anterior, quebrou-se contra o braço de aço do conde.

— Vou impedi-lo!

— Mas então quem é o senhor afinal para arrogar-se esse direito tirânico sobre criaturas livres e pensantes? — exclamou Maximilien.

— Quem sou? — repetiu Monte-Cristo. — Escute: Eu sou — prosseguiu o conde — o único homem no mundo que tem o direito de lhe dizer: Morrel, não quero que o filho de seu pai morra hoje”!.

Majestoso, transfigurado, sublime, Monte-Cristo avançou de braços cruzados ao jovem palpitante, que recuou um passo, vencido pela quase divindade daquele homem.

— Por que está falando de meu pai? — balbuciou o jovem. — Por que meter a memória de meu pai no meio do que me acontece agora?

— Porque eu sou aquele que já salvou a vida de seu pai, no dia em que ele queria se matar, como você quer se matar hoje... Porque eu sou o homem que enviou a bolsa à sua jovem irmã e o Faraó ao velho Morrel... Porque eu sou Edmond Dantès e o carreguei no colo, quando você era criança!

Morrel deu mais um passo para trás, cambaleando, sufocado, ofegando, esmagado; então de repente as suas forças o abandonaram e, com grande grito, ele caiu prosternado aos pés de Monte-Cristo.

Então, de repente, naquela admirável natureza produziu-se um movimento de regeneração súbita e completa: ele levantou-se, saltou para fora do quarto e correu à escada, gritando a plena voz: — Julie... Julie! Emmanuel... Emmanuel!

Monte-Cristo também quis correr, mas Maximilien preferiria morrer a deixar a porta que impedia a saída do conde.

Ao ouvirem Maximilien gritar, Julie, Emmanuel, Penelon e alguns criados acorreram aterrados.

Morrel pegou-os pelas mãos e, abrindo a porta: — Ajoelhem-se! — exclamou, em voz estrangulada pelas lágrimas. — Ajoelhem-se! Aqui está o benfeitor, o salvador de nosso pai! Aqui está...

la dizer:

“Aqui está Edmond Dantès!”

Mas o conde o deteve, segurando-lhe o braço.

Julie tomou a mão do conde, Emmanuel beijou-o como a um Deus protetor; Morrel voltou a cair de joelhos e tocou a testa no soalho.

Então o homem de bronze sentiu o seu coração dilatar-se no peito, um jato de chama devoradora jorrou de sua garganta a seus olhos, ele inclinou a cabeça e chorou.

Durante alguns momentos, naquele quarto, aconteceu um concerto de lágrimas e suspiros sublimes que deve ter parecido harmonioso até mesmo para os anjos mais queridos do Senhor!

Julie mal voltara da profunda emoção que acabara de sentir e correu para fora do quarto, desceu um andar, correu ao salão com alegria infantil e removeu o globo de cristal que protegia a bolsa dada pelo desconhecido nas alamedas de Meilhan.

Enquanto isso, o cunhado Emmanuel, em voz entrecortada, dizia ao conde: — Oh, senhor conde: como, ouvindo-nos falar tantas vezes de nosso benfeitor desconhecido, como, vendo-nos rodear uma lembrança de tanto reconhecimento e adoração, como esperou até hoje para dar-se a conhecer? Oh, foi uma crueldade para conosco, e quase me atreveria a dizer, senhor conde, para consigo mesmo.

— Escute, meu amigo — disse o conde —, e posso chamá-lo assim, pois sem desconfiar você é meu amigo há onze anos... A descoberta deste segredo foi provocada por um grande acontecimento que você deve ignorar. Deus é testemunha de que eu desejava enterrá-lo bem no fundo de minha alma por toda a minha vida... Mas seu cunhado Maximilien arrancou-me o segredo por meio de violências de que já se arrepende, tenho certeza.

Então, vendo que Maximilien jogara-se de lado em uma poltrona, embora permanecesse de joelhos: “Vele por ele”, acrescentou Monte-Cristo em voz baixa, apertando significativamente a mão de Emmanuel.

— Por quê? — perguntou o jovem, surpreso.

— Não posso lhe dizer... Mas vele por ele.

Emmanuel abraçou o quarto num olhar circular e viu as pistolas de Morrel.

Seus olhos detiveram-se assustados nas armas, que apontou a Monte-Cristo levantando lentamente o dedo à altura das pistolas.

Monte-Cristo inclinou a cabeça.

Emmanuel aproximou-se das pistolas.

— Deixe — disse o conde.

Então se aproximou de Morrel e pegou-lhe a mão; os movimentos tumultuosos que havia instantes agitavam o coração do jovem davam lugar a profundo assombro.

Julie voltou, trazendo a bolsa de seda: duas lágrimas brilhantes e alegres rolavam em suas faces, como duas gotas de orvalho matinal.

— Aqui está a relíquia — disse ela. — Não pense que ela me seja menos querida só porque o salvador nos foi revelado.

— Minha filha — respondeu Monte-Cristo, enrubescendo —, permita-me retomar esta bolsa... Agora que já conhecem os traços de meu rosto, só quero ser lembrado pela afeição que peço que me concedam.

— Oh — exclamou Julie, apertando a bolsa contra o coração —, não, não, eu lhe suplico, pois um dia o senhor poderia nos deixar, pois um dia infelizmente nos deixará, não é verdade?

— Adivinhou, senhora — respondeu Monte-Cristo, sorrindo. — Em uma semana deixarei este país, onde tantas pessoas que mereciam a vingança do céu viviam felizes, enquanto meu pai morria de fome e de dor.

Ao anunciar sua próxima partida, Monte-Cristo mantinha os olhos fixos em Morrel, notando que as palavras “deixarei este país” não arrancaram Morrel da letargia; então compreendeu que precisaria travar uma última luta com o sofrimento de seu amigo;

tomando as mãos de Julie e Emmanuel, que reuniu apertando-as nas suas, disselhes com a carinhosa autoridade de um pai: — Meus bons amigos, por favor, deixem-me sozinho com Maximilien.

Para Julie, era uma oportunidade de levar embora aquela preciosa relíquia que Monte-Cristo esquecia.

Ela puxou vivamente o marido.

— Vamos deixá-los — disse Julie.

O conde ficou a sós com Morrel, que permanecia imóvel como uma estátua.

— Vamos, Maximilien — disse o conde, tocando-lhe o ombro com seu dedo de chama —, enfim está voltando a ser um homem?

— Sim, pois estou voltando a sofrer.

A testa do conde enrugou-se: ele parecia entregue a sombria hesitação.

— Maximilien, Maximilien — exclamou Monte-Cristo —, essas ideias que o dominam são indignas de um cristão!

— Oh, fique tranquilo, meu amigo — disse Morrel erguendo a cabeça, mostrando ao conde um sorriso marcado por inefável tristeza —, já não sou eu que procuro a morte.

— Então — disse Monte-Cristo —, nada de armas, nada de desespero?

— Nada..., pois para curar minha dor tenho algo melhor do que o cano de uma pistola ou a ponta de uma faca.

— Pobre insensato!... Então o que tem?

— Tenho o meu próprio sofrimento que me matará.

— Meu amigo — disse Monte-Cristo com igual melancolia —, escute-me: Um dia, num momento de desespero igual ao seu, pois implicava em decisão semelhante, também quis me matar, como você... Um dia, seu pai, igualmente desesperado, também quis se matar. Se dissessem a seu pai, no momento em que ele apontava o cano da pistola para a cabeça... Se dissessem a mim, no momento em que eu recusava o pão do prisioneiro que eu não comia havia três dias... Se enfim dissessem a nós dois, nesse momento supremo: “Viva! Dia virá em que você será feliz e abençoará a vida”... Fosse de quem fosse essa voz, nós a acolheríamos com o sorriso da dúvida ou com a angústia da incredulidade; entretanto,

quantas vezes, ao beijá-lo, seu pai abençoou a vida, quantas vezes eu mesmo...

— Ah — exclamou Morrel, interrompendo o conde —, o senhor só tinha perdido a liberdade... O meu pai só tinha perdido a fortuna... Eu perdi Valentine.

— Olhe para mim, Morrel — disse Monte-Cristo, com aquela solenidade que em certas ocasiões tornava-o tão grande e persuasivo —, olhe para mim: não tenho nem lágrimas nos olhos, nem febre nas veias, nem palpitações fúnebres no coração... Entretanto, vejo-o sofrer, Maximilien, você que amo como se fosse meu filho... Bem, isso não lhe diz, Morrel, que a dor é como a vida, e que sempre há algo desconhecido além? Ora, se lhe peço, se lhe ordeno que viva, Morrel, é na certeza de que um dia você me agradecerá por conservar a sua vida.

— Meu Deus — exclamou o jovem —, meu Deus! Conde, o que está me dizendo? Preste atenção! Será que o senhor nunca amou?

— Meu filho! — respondeu o conde.

— De amor eu entendo — disse Morrel. — Como sabe, eu sou soldado desde que sou homem... Cheguei aos vinte e nove anos sem amar, pois nenhum dos sentimentos que experimentei anteriormente merece o nome de amor... Bem, aos vinte e nove anos conheci Valentine: assim, há quase dois anos a amo, há quase dois anos pude ler as virtudes da menina e da mulher escritas pela própria mão do Senhor em seu coração aberto para mim como um livro. Conde, para mim existia, ao lado de Valentine, uma felicidade infinita, imensa, desconhecida, uma felicidade grande demais, completa demais, divina demais para este mundo... Se este mundo não me deu essa felicidade, conde, devo lhe dizer que sem Valentine só existe para mim na terra desespero e desolação.

— Eu lhe disse que tenha esperança, Morrel — repetiu o conde.

— Então, preste atenção, repito eu também — disse Morrel —, pois o senhor está tentando me persuadir e, se me persuadir, me fará perder a razão, pois me fará acreditar que posso rever Valentine.

O conde sorriu.

— Meu amigo, meu pai! — exclamou Morrel, exaltado. — Preste atenção, eu lhe direi pela terceira vez, pois a influência que o senhor exerce sobre mim me aterra... Preste atenção no sentido de suas palavras... Pois meus olhos se reanimam, meu coração se reacende e renasce... Preste atenção, pois pode me levar a acreditar em coisas sobrenaturais. Eu obedeceria, se me mandasse levantar a pedra do sepulcro que recobre a filha de Jairo... Eu caminharia sobre as águas, como o apóstolo, se me fizesse um sinal para caminhar sobre as águas... Preste atenção, eu obedeceria.

— Tenha esperança, meu amigo — repetiu o conde.

— Ah — exclamou Morrel, caindo do alto de sua exaltação ao abismo de sua tristeza —, ah, está brincando comigo: comporta-se como as mães bondosas, ou melhor, como as mães egoístas que acalmam a dor do filho com palavras melosas porque não aguentam mais seus gritos. Não, meu amigo, eu estava errado ao lhe dizer que prestasse atenção... Não, não tenha medo, enterrarei minha dor com tanto cuidado bem no fundo de meu coração, vou deixar minha dor tão escondida, tão secreta, que o senhor já nem precisará mais se dar ao trabalho de ter pena. Adeus, meu amigo... Adeus!

— Pelo contrário — disse o conde —, a partir deste momento, Maximilien, você viverá ao meu lado, comigo, não me deixará mais, e em uma semana deixaremos para trás a França.

— E continua a me dizer que tenha esperanças?

— Eu lhe digo que tenha esperanças, pois conheço um meio de curá-lo.

— Conde, o senhor me entristece ainda mais, se isso é possível. Como consequência do golpe que me fere, não vê mais que uma dor banal, e imagina consolar-me com um meio banal: a viagem.

E Morrel sacudiu a cabeça com desdenhosa incredulidade.

— O que quer que eu lhe diga? — perguntou Monte-Cristo. — Tenho fé em minhas promessas, deixe-me tentar.

— Conde, o senhor apenas prolonga minha agonia, nada mais.

— Então — disse o conde —, como o seu coração é fraco, não tem força para dar a seu amigo alguns dias para a experiência que ele tenta...

Vamos, você sabia do que o conde de Monte-Cristo é capaz? Sabia que ele comanda muitos poderes terrestres? Sabia que ele tem muita fé em Deus para obter milagres daquele que disse que com fé o homem remove montanhas? Bem, esse milagre em que tenho esperança, espere-o, ou então...

— Ou então...? — repetiu Morrel.

— Ou então, preste atenção, Morrel, eu o chamarei de ingrato.

— Tenha piedade de mim, conde.

— Tenho tanta piedade de você, Maximilien, escute-me, tanta piedade que se não curá-lo em um mês, dia a dia, hora a hora, guarde bem minhas palavras, Morrel, eu mesmo o colocarei diante dessas pistolas bem carregadas e de um copo do mais seguro veneno da Itália, de um veneno mais seguro e mais rápido, acredite, do que o veneno que matou Valentine.

— O senhor me promete?

— Prometo, pois eu sou homem, pois eu também, como lhe disse, quis morrer, e muitas vezes, mesmo depois que a desgraça se afastou de mim, sonhei as delícias do sono eterno.

— Oh, certamente... O senhor me promete, conde? — exclamou Maximilien, inebriado.

— Não lhe prometo, eu lhe juro — disse Monte-Cristo, estendendo a mão.

— Em um mês, palavra de honra, se eu não me consolar, o senhor me deixará livre para dispor de minha vida, e, faça eu o que fizer, não me chamará de ingrato?

— Em um mês, dia a dia, Maximilien... Em um mês, hora a hora, e a data é sagrada, Maximilien... Não sei se tinha pensado nisso, mas hoje estamos no dia 5 de setembro. Hoje faz dez anos que salvei o seu pai, que queria morrer.

Morrel tomou as mãos do conde e beijou-as; o conde deixou-o beijá-las, como se achasse que tal adoração lhe era devida.

— Em um mês — continuou Monte-Cristo —, você terá, à mesa onde ambos estaremos sentados, boas armas e uma morte suave... Mas, em compensação, promete esperar até lá e seguir vivendo?

— Oh, também juro! — exclamou Morrel.

Monte-Cristo puxou o jovem ao coração e abraçou-o longamente.

— E agora — disse o conde —, a partir de hoje, você vai morar comigo... Vai ocupar os aposentos de Haydée, e ao menos minha filha será substituída por meu filho.

— Haydée? — exclamou Morrel. — Que houve com Haydée?

— Ela partiu esta noite.

— Foi-se embora?

— Foi me esperar... Então se prepare para ir me encontrar na rua dos Campos Elíseos, e faça-me sair daqui sem ser visto.

Maximilien baixou a cabeça e obedeceu como uma criança, ou como um apóstolo.

CVII. A PARTILHA No hotel da rua Saint-Germain-des-Prés que Albert de Morcerf escolhera para sua mãe e para si, o primeiro andar, composto de um pequeno apartamento completo, estava alugado a um personagem bem misterioso.

Tal personagem era um homem cujo rosto nem mesmo o porteiro via quando ele entrava ou saía, pois no inverno o homem escondia o queixo numa daquelas gravatas vermelhas usadas pelos cocheiros de boas casas esperando os patrões à saída dos espetáculos, e no verão estava sempre assoando o nariz bem no momento em que poderia ser visto ao passar pela guarita.

Vale dizer que, contrariando os hábitos costumeiros, tal morador do hotel não era espiado por ninguém, e o rumor corrente de que o seu incógnito escondia um indivíduo de altíssima posição, de braço comprido, levava a respeitarem suas misteriosas aparições.

Suas visitas eram sempre no mesmo horário, embora às vezes se antecipassem ou se atrasassem; entretanto, quase sempre, no inverno ou no verão, era por volta das quatro da tarde que ele tomava posse de seu apartamento, onde jamais passava a noite.

Às três e meia da tarde, no inverno, o fogo era aceso pela criada discreta que cuidava do pequeno apartamento; às três e meia da

tarde, no verão, a mesma criada trazia gelados.

Às quatro da tarde, como dissemos, chegava o personagem misterioso.

Vinte minutos depois, uma carruagem parava em frente ao hotel; uma mulher vestida de negro ou de azul-marinho passava como uma sombra diante da guarita e subia a escada, sem que se ouvisse um único degrau estalar sob os seus leves pés.

Nunca lhe perguntavam aonde ia.

Seu rosto, como o do desconhecido, era pois perfeitamente estranho aos dois guardiões da porta, porteiros exemplares, únicos talvez, na imensa confraria dos porteiros da capital, capazes de tanta discrição.

Não é preciso dizer que ela não ia além do primeiro andar. Arranhava a porta de maneira especial; a porta se abria, depois se fechava hermeticamente, e tudo estava dito.

Para sair do hotel, a mesma manobra que ao entrar.

A desconhecida saía primeiro, sempre de véu, e subia à sua carruagem, que às vezes desaparecia por uma esquina, às vezes pela outra; vinte minutos depois, o desconhecido também saía, enterrado em sua gravata ou escondido em seu lenço, e também desaparecia.

No dia seguinte à visita de Monte-Cristo a Danglars, dia do enterro de Valentine, o habitante misterioso entrou por volta das dez da manhã, em vez de entrar às quatro da tarde, como de hábito.

Quase ao mesmo tempo, sem esperar os vinte minutos habituais, chegou uma carruagem de aluguel e a dama de véu subiu rapidamente a escada.

A porta abriu-se e fechou-se.

Mas, antes mesmo que a porta se fechasse, a dama exclamava: — Oh, Lucien!... Oh, meu amigo!

Assim, sem querer, o porteiro ouviu essa exclamação e finalmente soube que seu locatário se chamava Lucien; mas como ele era um porteiro exemplar prometeu-se não contar nada nem mesmo à sua mulher.

— Bem, mas o que há, querida amiga? — perguntou o homem cujo nome fora revelado pela confusão ou pela ansiedade da dama

de véu. — Fale, diga...

— Meu amigo, posso contar consigo?

— Certamente, como sabe muito bem. Mas o que foi que aconteceu? Seu bilhete desta manhã me deixou terrivelmente perplexo. Mas que ansiedade, mas que confusão em seu bilhete: vamos, me acalme ou me assuste de vez!

— Lucien, um grande acontecimento! — exclamou a dama, lançando a Lucien um olhar interrogador. — O senhor Danglars partiu esta noite.

— Partiu? O senhor Danglars partiu? Para onde foi?

— Não sei...

— Como, não sabe? Então ele partiu para não voltar?

— Sem dúvida! Às dez da noite, os seus cavalos o levaram à barreira de Charenton... Lá ele encontrou um carro de viagem já atrelado... Subiu ao carro com seu camareiro, ordenando ao cocheiro levá-lo a Fontainebleau.

— Bem, e daí?

— Espere, meu amigo... Ele me deixou uma carta.

— Uma carta?

— Sim... Leia.

E a baronesa tirou do bolso uma carta aberta, passando-a a Debray.

Antes de ler, Debray hesitou por um momento, como se procurasse adivinhar o conteúdo da carta, ou melhor, como se, fosse qual fosse o conteúdo, já tivesse tomado uma decisão.

Segundos depois, suas ideias se clarearam e ele leu.

Eis o que continha o bilhete que deixara a senhora Danglars tão perturbada: Senhora e esposa muito fiel: Sem pensar, Debray parou e olhou a baronesa, que enrubesceu até à raiz dos cabelos.

— Leia! — exclamou ela.

Debray continuou: Quando receber esta carta, já não terá mais marido! Oh, não se alarme assim tão depressa; já não terá marido, como já não terá filha; ou seja, estarei em uma das trinta ou quarenta estradas que levam para fora da França.

Devo-lhe explicações e, como a senhora é uma mulher capaz de compreendê-las perfeitamente, dar-lhas-ei.

Portanto, escute: Um reembolso de cinco milhões foi-me solicitado esta manhã: fi-lo; outro da mesma importância foi solicitado quase ao mesmo tempo: adiei-o para amanhã; hoje parto para evitar esse amanhã, que me seria penoso demais suportar.

Compreende isso, não é verdade, senhora e mui preciosa esposa?

Digo: Compreende, pois conhece tão bem quanto eu meus negócios; conhece-os até mesmo melhor do que eu, pois, se perguntassem onde foi parar uma boa metade de minha fortuna, recentemente ainda bastante considerável, eu seria incapaz de responder, enquanto a senhora, muito pelo contrário, estou certo disso, sabê-lo-ia perfeitamente.

Pois as mulheres têm sentidos infalíveis, explicam até mesmo o maravilhoso mediante uma álgebra que elas mesmas inventaram. Eu, que só conhecia minhas contas, só sei que nada sei, desde o dia em que minhas contas me enganaram.

Já chegou alguma vez a se admirar da rapidez de minha queda, minha senhora?

Não ficou um pouco deslumbrada com a incandescente evaporação de meus lingotes?

Eu confesso que só vi fogo; esperamos que a senhora tenha encontrado um pouco de ouro em meio às cinzas.

É com esta consoladora esperança que me afasto, senhora prudentíssima esposa, sem que minha consciência me reprove de maneira alguma por abandoná-la; restam-lhe amigos, as cinzas mencionadas e, cúmulo da felicidade, a liberdade que me apresso a devolver-lhe.

Todavia, minha senhora, é chegado o momento de deslizar neste parágrafo duas palavras de explicação íntima.

Enquanto tive esperança de que a senhora trabalhasse para o bem-estar de nosso lar, para a fortuna de nossa filha, fechei filosoficamente os olhos; mas, como a senhora transformou o lar em vasta ruína, não quero servir de alicerce para a fortuna de outrem.

Encontrei-a rica, mas pouco honrada.

Perdoe-me falar-lhe com tal franqueza; mas, como provavelmente só falo para nós dois, não vejo por que adornar as minhas palavras.

Aumentei nossa fortuna, que por mais de quinze anos foi crescente, até o momento em que catástrofes ainda desconhecidas e incompreensíveis para mim atacaram-na e destruíram-na, sem que, posso dizê-lo, eu tivesse culpa alguma.

A senhora só trabalhou para aumentar sua fortuna, e conseguiu-o, estou moralmente convencido disso.

Deixo-a, portanto, como a encontrei, rica, mas pouco honrada.

Adeus.

Eu também vou, a partir de hoje, trabalhar por conta própria.

Acredite em toda a minha gratidão pelo exemplo que me deu e que vou seguir, Seu marido muito devotado,
Barão DANGLARS.

A baronesa não havia tirado os olhos de Debray, durante essa longa e penosa leitura; vira o jovem mudar de cor algumas vezes, apesar de todo o autocontrole do rapaz.

Quando ele terminou, dobrou cuidadosamente o papel e voltou à atitude pensativa.

— E então? — perguntou a senhora Danglars, com ansiedade compreensível.

— E então, senhora — repetiu maquinalmente Debray.

— O que acha desta carta?

— Muito simples, senhora... Acho que o senhor Danglars partiu com suspeitas.

— Sem dúvida... Mas isso é tudo o que tem a me dizer?

— Não compreendo — disse Debray, com frieza glacial.

— Ele partiu! Partiu definitivamente! Partiu para nunca mais voltar!

— Oh — fez Debray —, não acredite nisso, baronesa...

— Não, eu lhe digo, ele não vai voltar... Eu o conheço: ele é um homem inabalável em todas as decisões que envolvem seus interesses. Se ele me julgasse útil para alguma coisa, teria me levado... Se me deixa em Paris, é porque nossa separação pode ser útil a seus planos: ela é irrevogável, estou livre para sempre — acrescentou a senhora Danglars, com a mesma expressão de súplica.

Porém, em vez de responder, Debray deixou-a naquela ansiosa interrogação do olhar e do pensamento.

— O quê? — exclamou ela afinal. — O senhor não me responde?

— Mas só tenho uma pergunta a lhe fazer: quais são seus planos?

— É o que eu ia lhe perguntar — respondeu a baronesa, com o coração a palpitar.

— Ah — fez Debray —, então é um conselho que me pede?

— Sim, é um conselho que lhe peço — repetiu a baronesa, com o coração apertado.

— Então, se é um conselho que me pede — respondeu friamente o jovem —, aconselho-a a viajar.

— Viajar?! — murmurou a senhora Danglars.

— Certamente... Como disse o senhor Danglars, a senhora é rica e perfeitamente livre. Ausentar-se de Paris será absolutamente necessário, ao menos é o que julgo, depois do duplo escândalo do casamento rompido da senhorita Eugénie e do desaparecimento do

senhor Danglars. O mais importante é que todos a imaginem abandonada e pobre... Pois à mulher de um falido não perdoariam a opulência e o fausto de sua casa. Para não aparentar opulência, basta ficar duas semanas em Paris repetindo a todos que foi abandonada, contando-o às melhores amigas, que repetirão nos salões como se deu esse abandono. Depois deixará seu palácio, lá deixando suas joias... Abandone suas riquezas e todos enaltecerão seu desinteresse e lhe cantarão louvores. Então todos a imaginarão abandonada e pobre... Pois só eu conheço sua situação financeira e estou pronto a prestar-lhe contas como sócio leal.

A baronesa, pálida e aterrada, escutara esse discurso com tanto espanto e desespero quanto Debray exprimira calma e indiferença ao pronunciá-lo.

— Abandonada! — repetiu ela. — Oh, realmente abandonada... Sim, o senhor tem razão, e ninguém duvidará de meu abandono.

Foram essas as únicas palavras que aquela mulher tão orgulhosa, tão violentamente apaixonada, conseguiu responder a Debray.

— Mas rica, até mesmo riquíssima — continuou Debray, tirando da carteira e espalhando na mesa alguns papéis que ela continha.

A senhora Danglars esperou, muito ocupada em conter as batidas do coração e em segurar as lágrimas que sentia surgirem ao redor de suas pálpebras.

Mas afinal prevaleceu na baronesa o sentimento de dignidade; se não conseguiu controlar o coração, ao menos conseguiu conter as lágrimas.

— Senhora — disse Debray —, há cerca de seis meses somos sócios.

“A senhora forneceu um capital de cem mil francos.

“Nossa sociedade começou em abril deste ano.

“Em maio, começaram nossas operações.

“Em maio, ganhamos quatrocentos e cinquenta mil francos.

“Em junho, os lucros se elevaram a novecentos mil francos.

“Em julho, acrescentamos ao capital um milhão e setecentos mil francos... Como sabe, foi o mês dos bônus espanhóis.

“Em agosto, no começo do mês, perdemos trezentos mil francos... Mas no dia 15 nos recuperamos e no fim do mês nos desforramos... Pois as nossas contas, atualizadas desde o dia de nossa associação até ontem, quando as fechei, mostram um ativo de dois milhões e quatrocentos mil francos, ou seja, um milhão e duzentos mil francos para cada um de nós.

“Agora — continuou Debray, consultando o seu caderno com o método e a tranquilidade de um cambista —, também temos oitenta mil francos de juros compostos daquela soma em minhas mãos.”

— Mas — interrompeu a baronesa — o que significam esses juros, se o senhor nunca investiu esse dinheiro?

— Peço-lhe perdão, minha senhora — disse friamente Debray. — Eu tinha a sua procuração para investi-lo e dela me vali.

“São portanto quarenta mil francos de juros relativos à sua metade, mais os cem mil francos do capital inicial, ou seja, um milhão e trezentos e quarenta mil francos relativos à sua parte.

“Ora, minha senhora — continuou Debray —, tomei a precaução de realizar seu dinheiro anteontem... Não faz muito tempo, como vê... Parece que eu já desconfiava que seria urgentemente chamado a prestar-lhe contas.

“O seu dinheiro está aqui, metade em notas bancárias, metade em bônus ao portador.

“Digo aqui, e é verdade, pois como eu não julgava a minha casa muito segura, como eu não achava os tabeliães muito discretos, como as propriedades falam ainda mais alto do que os tabeliães... Enfim, como a senhora não tem o direito de comprar algo ou de possuir algo fora da comunhão de bens conjugal, guardei todo esse dinheiro, que hoje é sua única fortuna, num cofre escondido no fundo desse armário, e para maior segurança eu mesmo construí esse cofre.

“Agora — continuou Debray, abrindo primeiro o armário e depois o cofre —, agora, minha senhora, aqui estão oitocentas notas de mil francos cada uma, que, como vê, parecem um volumoso álbum encadernado em ferro... Acrescentei um cupom de rendas de vinte e cinco mil francos... Depois, quanto a seu saldo, que perfaz algo ao redor de cento e dez mil francos, aqui está um bônus à vista a meu

banqueiro, e, como o meu banqueiro não é o senhor Danglars, o bônus será pago, pode ficar sossegada...”

A senhora Danglars pegou maquinalmente o bônus à vista, o cupom de rendas e o maço de notas bancárias.

Espalhada em cima de uma mesa, aquela enorme fortuna parecia ser quase nada.

A senhora Danglars, com os olhos secos, mas com o peito cheio de soluços, reuniu-a e guardou o estojo de aço na bolsa, colocou o cupom de rendas e o bônus à vista na carteira, e de pé, pálida, muda, esperou doces palavras que a consolassem de ser tão rica.

Mas esperou em vão.

— Agora — disse Debray —, a senhora tem uma existência magnífica, algo ao redor de sessenta mil libras de renda, o que é enorme para uma mulher que não poderá ostentar durante ao menos um ano.

“É um privilégio para todas as fantasias que lhe passarem pela cabeça... Além do mais, se achar a sua parte insuficiente, em consideração ao passado que lhe foge, poderá recorrer à minha parte, senhora, e estou disposto a lhe oferecer, oh, a título de empréstimo, bem entendido, tudo o que possuo, ou seja, um milhão e sessenta mil francos.”

— Obrigada, senhor — respondeu a baronesa —, muito obrigada... Compreende que me dá muito mais do que o necessário para uma pobre mulher que, ao menos por um bom tempo, não espera reaparecer na sociedade.

Debray ficou surpreso por um momento, mas recobrou-se e fez um gesto que poderia traduzir-se pela mais polida fórmula de exprimir esta ideia: — Como quiser!

Talvez até então a senhora Danglars ainda esperasse alguma coisa, mas ao ver o gesto de indiferença que Debray acabara de fazer, o olhar oblíquo a acompanhar o gesto, assim como a reverência profunda e o significativo silêncio a seguir, ela ergueu a cabeça, abriu a porta e, sem fúria, sem abalo, mas também sem hesitação, dirigiu-se à escada, sem sequer se dignar a dirigir um último cumprimento àquele que a deixava partir daquela maneira.

— Ora — disse Debray, depois que ela saiu —, mas que belos planos: ela vai ficar em seu palácio, vai ler romances e, como não vai poder jogar na Bolsa, vai jogar cartas.

E voltou a seu caderno, riscando com o maior cuidado as somas que acabara de pagar.

— Restam-me um milhão e sessenta mil francos — disse ele. Pena que a senhorita de Villefort esteja morta! Essa jovem me convinha em todos os sentidos, eu me casaria com ela.

E fleumaticamente, como de hábito, depois da saída da senhora Danglars esperou mais vinte minutos antes de sair por sua vez.

Durante esses vinte minutos, Debray fez contas, colocando o relógio a seu lado.

Aquele personagem diabólico que qualquer imaginação aventureira criaria com maior ou menor felicidade, se Lesage não tivesse adquirido a prioridade numa obra-prima, Asmodeu, que removia os tijolos das casas para ver o seu interior, gozaria de singular espetáculo se, enquanto Debray fazia contas, movesse um tijolo do pequeno hotel da rua Saint-Germain-des-Prés.

Em cima do quarto onde Debray partilhara dois milhões e meio com a senhora Danglars, havia outro quarto também ocupado por pessoas que nós conhecemos, pessoas que desempenharam importante papel nos acontecimentos que contamos para reencontrarmos com certo interesse.

Nesse quarto estavam Mercedes e Albert.

Mercedes mudara bastante nesses últimos dias, não porque, mesmo quando era muito rica, tivesse chegado a exibir o fausto orgulhoso que visivelmente coloca acima de todos, levando a não reconhecermos mais a mulher quando ela aparece vestida com mais simplicidade; nem tampouco porque tivesse caído naquele estado de depressão em que nos vemos obrigados a vestir o uniforme da miséria; não: Mercedes mudara porque os seus olhos já não brilhavam, porque a sua boca já não sorria, enfim porque constante embaraço detinha em seus lábios a expressão rápida e natural antes lançada por um espírito sempre preparado.

Não havia sido a pobreza que secara o espírito de Mercedes — não era a falta de coragem que lhe tornava tão pesada a pobreza.

Mercedes, retirada do meio em que vivia, perdida na nova esfera que escolhera, como alguém que passa de repente de um salão esplendidamente iluminado às trevas; — Mercedes parecia uma rainha que passa de seu palácio a uma choupana e, reduzida ao estritamente necessário, não se reconhece nem na louça de barro que é obrigada a pôr pessoalmente na mesa, nem no estrado que sucede a sua cama.

De fato, a bela catalã, ou a nobre condessa, já não tinha mais nem o seu olhar altivo, nem o seu sorriso encantador, pois ao fixar seus olhos no que a cercava só via objetos aflitivos: um quarto forrado de papéis cinzentos, que os econômicos proprietários escolhem de preferência por sujarem menos; um piso sem tapetes; móveis que chamavam a atenção e obrigavam a vista a deter-se na pobreza de um falso luxo: enfim, tudo o que quebrava, com seus tons gritantes, a harmonia tão necessária a olhos acostumados a conjuntos elegantes.

A senhora de Morcerf ali vivia desde que deixara o seu palácio; diante daquele eterno silêncio, a cabeça lhe rodava como roda a do andarilho à beira do abismo: percebendo que Albert não parava de olhá-la furtivamente para julgar-lhe o estado de espírito, ela se limitava a um monótono sorriso nos lábios que, na ausência do suave fogo do sorriso dos olhos, provoca o efeito de uma simples reverberação de luz, isto é, de uma luminosidade sem calor.

Albert, por sua vez, parecia preocupado, pouco à vontade, incomodado por um resto de luxo que o impedia de assumir sua condição atual; queria sair sem luvas, mas achava suas mãos brancas demais; queria andar pela cidade a pé, mas achava suas botas brilhantes demais.

Entretanto, essas duas criaturas tão nobres e tão inteligentes, indissolúvelmente ligadas pelos laços de amor maternal e filial, tinham conseguido compreender-se sem falar nada, economizando todos os preâmbulos usados entre amigos para exprimir a verdade material da qual depende a vida.

Enfim, Albert conseguiu dizer à mãe, sem fazê-la empalidecer: — Mamãe, já não temos mais dinheiro.

Mercedes nunca conhecera a verdadeira miséria; muitas vezes, em sua juventude, falara em pobreza; mas não era a mesma coisa: carência e necessidade são dois sinônimos entre os quais existe todo um mundo.

Na aldeia dos Catalães, Mercedes carecera de mil coisas, mas nunca lhe faltaram outras. Enquanto as redes não estivessem rasgadas, pescavam peixes; enquanto vendessem peixes, havia fio para consertar as redes.

E depois, sem amizades, tendo apenas um amor sem relação com os detalhes materiais da situação, pensava-se em si, cada um em si, nada mais.

Do pouco que tinha, Mercedes servia-se tão generosamente quanto possível — agora, tinha que servir a dois, e isso com nada.

O inverno se aproximava: naquele quarto nu e já frio, Mercedes não tinha fogo, ela que já tivera um aquecedor com mil ramificações a esquentar toda a sua casa, dos vestíbulos à alcova; não tinha sequer uma pobre florzinha, ela cujos aposentos eram uma estufa quente, florida a peso de ouro!

Mas ela tinha o seu filho...

A exaltação de um dever talvez exagerado mantivera-os até então em esferas superiores.

A exaltação é quase entusiasmo, e o entusiasmo nos torna insensíveis às realidades terrenas.

Mas o entusiasmo se acalmara e aos poucos fora preciso descer do país dos sonhos ao mundo das realidades.

Afinal, era preciso falar da realidade, depois de ter esgotado todo o ideal.

— Mamãe — dizia Albert no momento em que a senhora Danglars descia a escada —, vamos contar todas as nossas riquezas, por favor... Preciso de um total para realizar os meus planos.

— Total: nada — disse Mercedes com doloroso sorriso.

— Na verdade, mamãe, o total é de três mil francos, para começar, e com esses três mil francos pretendo nos proporcionar uma vida adorável.

— Ah, meu filho! — suspirou Mercedes.

— Ah, mamãe querida — disse o jovem —, infelizmente gastei bastante o seu dinheiro para saber o seu valor. Veja bem: três mil francos são uma fortuna, e com esta soma construí um milagroso futuro de eterna segurança.

— Você diz isso, meu filho — disse a pobre mãe —, mas, primeiro, nós vamos aceitar esses três mil francos? — continuou Mercedes, corando.

— Mas já combinamos, me parece — disse Albert em tom firme —, já aceitamos, tanto mais que não temos esse dinheiro, que como sabe está enterrado no jardim daquela casinha das alamedas de Meilhan, em Marselha. Com duzentos francos — continuou Albert —, ambos iremos a Marselha.

— Com duzentos francos? — exclamou Mercedes. — Acha mesmo, Albert?

— Oh, quanto a isso, informei-me nas diligências e nos barcos a vapor, e já fiz as minhas contas. Você reserva o seu lugar na diligência para Chalon; como vê, mamãe, eu a trato como rainha: são trinta e cinco francos.

Albert pegou a pena e escreveu:

Diligência, trinta e cinco francos.....	35 fr.
De Chalon a Lyon, você vai de barco a vapor.....	6
De Lyon a Avignon, também de barco a vapor...	16
De Avignon a Marselha, sete francos.....	7
Despesas de viagem, cinquenta francos.....	50

— Digamos cento e vinte... — acrescentou Albert, sorrindo —, como vê, eu sou muito generoso, não é, mamãe?

— Mas e você, meu pobre filho?

— Eu? Não vê que me reservei oitenta francos? Um jovem, mamãe, não precisa de todo esse conforto... Aliás, sei muito bem o que é viajar.

— Com sua carruagem e seu camareiro...

— De qualquer maneira, mamãe.

— Está bem — disse Mercedes —, mas e esses duzentos francos?

— Esses duzentos francos, aqui estão, e depois mais duzentos... Olhe, vendi o meu relógio por cem francos, e os berloques por trezentos... Que maravilha! Berloques valendo três vezes mais do que o relógio... Sempre essa famosa história do supérfluo! Então estamos ricos, pois, em vez dos cento e catorze francos necessários para sua viagem, você tem duzentos e cinquenta...

— Mas não devemos alguma coisa aqui neste hotel?

— Trinta francos, mas vou pagá-los dos meus cento e cinquenta francos... Estamos combinados... Se, a rigor, só preciso de oitenta francos para minha viagem, você vê que estou nadando em luxo. Mas isso não é tudo: que me diz disto, mamãe?

E Albert tirou de uma caderneta com fecho de ouro, resto de suas antigas fantasias, ou talvez até mesmo terna lembrança de algumas daquelas mulheres misteriosas e veladas que batiam à sua porta — Albert tirou de uma caderneta uma nota de mil francos.

— O que é isso? — perguntou Mercedes.

— Mil francos, mamãe...

— Oh, isso está bem claro... Mas de onde vêm esses mil francos?

— Escute, mamãe, e contenha as suas emoções.

E Albert, erguendo-se, foi beijar a mãe nas duas faces, depois se deteve a olhá-la.

— Você não faz ideia, mamãe, como a acho bela! — exclamou o jovem com profundo sentimento de amor filial. — Na verdade, você é não só a mais bela, mas também a mais nobre mulher que já vi!

— Meu querido filho! — exclamou Mercedes, tentando em vão conter uma lágrima a brotar no canto da pálpebra.

— Na verdade, só lhe faltava ser infeliz para que eu transformasse meu amor em adoração.

— Não sou infeliz enquanto tenho o meu filho — disse Mercedes. — Não serei infeliz enquanto o tiver.

— Ah, justamente... — exclamou Albert. — Mas é aí que começa a provação, mamãe! Sabe o que está combinado?

— Então combinamos alguma coisa? — perguntou Mercedes.

— Sim, combinamos que você morará em Marselha, e eu partirei para a África, onde, no lugar do nome que deixei, farei o nome que adotei.

Mercedes deu um suspiro.

— Bem, mamãe: ontem me alistei na cavalaria de Argel — acrescentou o jovem, baixando os olhos com certa vergonha, pois ele mesmo não sabia como a sua queda era sublime. — Ou melhor, julguei que o meu corpo me pertencia e que poderia vendê-lo: desde ontem, estou substituindo alguém.

“Eu me vendi, como se diz, e — acrescentou ele, tentando sorrir — mais caro do que julgava valer, ou seja, por dois mil francos.”

— Então, esses dois mil francos?... — disse Mercedes, estremecendo.

— É metade da quantia, mamãe... A outra virá em um ano.

Mercedes ergueu os olhos ao céu com uma expressão que nada poderia descrever — as duas lágrimas represadas no canto dos olhos, transbordando sob a emoção íntima, correram silenciosamente ao longo de suas faces.

— O preço de seu sangue! — murmurou ela.

— Sim, se eu for morto... — disse Morcerf, rindo. — Mas eu lhe asseguro, mamãe, que, pelo contrário, tenho a intenção de defender cruelmente a minha pele... Nunca tive tanta vontade de viver quanto agora.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou Mercedes.

— Aliás, por que acha que serei morto, mamãe? Acaso Lamoricière, esse outro Ney do Sul, foi morto? Acaso Changarnier foi morto? Acaso Bedeau foi morto? Acaso Morrel, que nós conhecemos, foi morto? Pense então na sua alegria, mamãe, quando me vir voltar com meu uniforme bordado!

Eu lhe declaro que nesse uniforme espero ser soberbo: escolhi esse regimento por vaidade.

Tentando sorrir, Mercedes suspirou; aquela santa mãe compreendia que não podia deixar o filho suportar todo o peso do sacrifício.

— Bem — continuou Albert —, então compreende, mamãe: já são mais de quatro mil francos assegurados para a senhora... Com esses quatro mil francos você viverá ao menos dois anos.

— Acha? — perguntou Mercedes.

Essa palavra tinha escapado à condessa, acompanhada de uma dor tão verdadeira que o verdadeiro sentido não escapou a Albert; ele sentiu o coração se apertar e, tomando a mão da mãe, apertou-a ternamente nas suas: — Sim, você viverá! — exclamou ele.

— Viverei — exclamou Mercedes —, mas você não vai partir, não é, meu filho?

— Mamãe, eu vou partir — disse Albert com voz calma e firme. — Você me ama demais para me conservar a seu lado ocioso e inútil... Aliás, já assinei.

— Você agirá conforme a sua vontade, meu filho... Eu agirei conforme a vontade de Deus.

— Não conforme a minha vontade, mamãe, mas conforme a razão, conforme a necessidade. Somos duas criaturas desesperadas, não é verdade? O que é a vida para você hoje? Nada. O que é a vida para mim? Oh, muito pouca coisa sem a senhora, mamãe, acredite... Não fosse a senhora, esta vida, juro, teria terminado no dia em que suspeitei do meu pai e reneguei o seu nome! Enfim, vou viver, se me prometer manter a esperança... Se me confiar o cuidado de sua felicidade futura, duplicará as minhas forças... Ao chegar lá, vou procurar o governador da Argélia, que é um coração leal e, sobretudo, essencialmente soldado... Vou lhe contar a minha triste história... Vou lhe pedir que olhe por mim de

vez em quando e, se ele me der sua palavra, se olhar por mim, em seis meses serei oficial ou estarei morto. Se me tornar oficial, o seu futuro estará garantido, mamãe, pois terei dinheiro para você e para mim, além de um novo nome de que ambos teremos orgulho, pois será o seu verdadeiro nome. Se eu for morto... Bem, se eu for morto, então, querida mãe, você morrerá, se quiser, então as nossas desgraças terão terminado por seu próprio excesso.

— Está bem — respondeu Mercedes com seu nobre e eloquente olhar. — Você tem razão, meu filho: vamos mostrar às pessoas que nos observam e aguardam os nossos atos para julgar-nos, vamos lhes mostrar que ao menos somos dignos de ser lastimados.

— Mas nada de ideias fúnebres, querida mãe! — exclamou o jovem. — Juro que seremos felizes, ou ao menos poderemos sê-lo. A senhora é uma mulher cheia de inteligência e ao mesmo tempo cheia de resignação... Eu adquiri gostos mais simples e dominei as paixões, espero... Uma vez na cavalaria, ficarei rico... Uma vez na casa do senhor Dantès, você ficará tranquila. Vamos tentar! Eu lhe peço, mamãe, vamos tentar!

— Sim, vamos tentar, meu filho, pois você precisa viver, pois você precisa ser feliz — respondeu Mercedes.

— Então, mamãe, nossa partilha está feita — acrescentou o jovem, fingindo estar muito tranquilo. — Nós podemos partir hoje mesmo. Vamos: como lhe disse, já reservei o seu lugar.

— Mas e o seu, meu filho?

— Eu devo ficar mais dois ou três dias, mamãe... É um começo de separação, precisamos nos acostumar. Preciso de algumas recomendações, de algumas informações sobre a África... Vou encontrá-la em Marselha.

— Bem, então vamos partir! — exclamou Mercedes, envolvendo-se no único xale que trouxera, que por acaso era uma caxemira negra de grande valor. — Vamos partir!

Albert apanhou às pressas seus papéis, soou para pagar os trinta francos que devia ao dono do hotel e, oferecendo o braço à mãe, desceu a escada.

Alguém descia à frente deles; esse alguém, ao ouvir o roçar de um vestido de seda no corrimão, voltou-se.

— Debray! — murmurou Albert.

— Você, Morcerf! — respondeu o secretário do ministro, parando no degrau.

A curiosidade de Debray venceu o desejo de manter-se incógnito: aliás, ele já fora reconhecido.

De fato, parecia engraçado encontrar naquele hotel obscuro o jovem cuja infeliz aventura acabara de provocar tão grande escândalo em Paris.

— Morcerf! — repetiu Debray.

Então, percebendo na penumbra o aspecto ainda jovem e o véu negro da senhora de Morcerf: — Oh, perdão — acrescentou sorrindo —, preciso ir, Albert.

Albert compreendeu o pensamento de Debray.

— Mamãe — disse, voltando-se para Mercedes —, este é o senhor Debray, secretário do ministro do Interior, ex-amigo meu.

— Como? Ex-amigo? — balbuciou Debray. — Que quer dizer?

— Digo isso, senhor Debray — replicou Albert —, porque hoje já não tenho mais amigos nem devo tê-los. Agradeço-lhe muito a gentileza de me ter reconhecido, cavalheiro...

Debray subiu dois degraus e deu enérgico aperto de mão no interlocutor.

— acredite, meu caro Albert — disse com a emoção de que era capaz —, acredite que participei imensamente de seu sofrimento e coloco-me à sua inteira disposição.

— Obrigado, senhor — disse Albert, sorrindo —, mas, em meio a essa desgraça, permanecemos bastante ricos para não precisar recorrer a ninguém... Deixamos Paris e, paga a nossa viagem, ainda nos restam cinco mil francos.

O rubor subiu ao rosto de Debray, que tinha um milhão na carteira; por menos poético que fosse aquele espírito exato, ele não conseguiu deixar de pensar que no mesmo prédio, havia pouco, estavam duas mulheres — uma, justamente desonrada, saía achando-se pobre, com um milhão e quinhentos mil francos escondidos nas dobras de sua capa; outra, injustamente atacada, mas sublime em sua desgraça, saía achando-se rica, com algumas moedas.

Esse paralelo desmontou as suas frases polidas: a filosofia do exemplo esmagou-o; ele balbuciou algumas palavras civicamente educadas e desceu rapidamente.

Naquele dia, os funcionários do ministério — seus subordinados — viram-se obrigados a aguentar seu mau humor.

Mas ao cair da tarde ele tornou-se proprietário de uma belíssima casa situada na avenida da Madeleine, imóvel que lhe trazia cinquenta mil libras de renda.

No dia seguinte, no momento em que Debray assinava a escritura — ou seja, às cinco horas da tarde —, a senhora de Morcerf, depois de beijar ternamente o filho e ter sido ternamente beijada por ele, embarcava na diligência, que se fechou atrás dela.

Um homem estava escondido no pátio da transportadora Laffitte atrás de uma dessas janelas em arco de sobreloja que encimam os escritórios: ele viu Mercedes subir à carruagem; viu a diligência partir; viu Albert se afastar.

Então passou a mão pela testa cheia de dúvidas e disse: — Ai, como vou devolver a esses dois inocentes a felicidade que lhes roubei?

“Deus me ajudará!”

CVIII. O FOSSO DOS LEÕES

Um dos pavilhões da Força — aquele que encerra os prisioneiros mais perigosos, com mais longas penas — chama-se pátio São Bernardo.

Em sua linguagem enérgica, os prisioneiros o chamam de Fosso dos Leões, provavelmente porque os cativos têm dentes que sempre mordem as grades e às vezes os guardas.

É uma prisão dentro da prisão; os muros são duas vezes mais grossos. Todo dia um carcereiro inspeciona cuidadosamente as grades maciças e, pela estatura hercúlea, pelos olhares frios e penetrantes desses guardas, percebe-se que foram escolhidos para reinar sobre seu povo pelo terror e pela espionagem.

O pátio desse pavilhão é cercado de muros enormes, sobre os quais o sol desliza obliquamente quando se decide a penetrar naquele abismo de fealdades físicas e morais. É ali, sobre o pavimento, que desde a aurora arrastam-se inquietos, ferozes, pálidos, como sombras, os homens que a justiça mantém curvados sob o cutelo por ela afiado.

Eles são vistos aglomerados, agachados ao longo do muro que absorve e retém o máximo de calor. Ali permanecem, conversando em duplas, ou geralmente isolados, com o olhar sempre voltado para a porta, que se abre para chamarem algum habitante dessa lúgubre residência, ou para lançar nesse abismo uma nova escória expelida pelo vaso da sociedade.

O pátio São Bernardo tem um parlatório próprio; é um quadrado longo, dividido em duas partes por duas grades instaladas paralelamente a um metro uma da outra, de maneira que o visitante não possa apertar a mão do prisioneiro ou passar-lhe alguma coisa. Esse parlatório é escuro, úmido e absolutamente horrível, sobretudo se pensarmos nas terríveis confidências que passam através daquelas grades e enferrujam as barras.

Entretanto, por mais feio que seja, esse lugar é o paraíso aonde vão se revigorar em companhia aguardada, apreciada, homens que têm os dias contados: é tão raro sair do Fosso dos Leões para ir a algum outro lugar que não seja a barreira Saint-Jacques, o trabalho forçado ou a solitária !

No pátio que acabamos de descrever, onde suava fria umidade, passeava com as mãos nos bolsos um jovem observado com muita curiosidade pelos habitantes do Fosso.

Ele passaria por ser um homem elegante, graças ao corte de sua roupa, se essa roupa não estivesse em farrapos; entretanto, não estava gasta: o tecido, fino e sedoso nos lugares intactos, recuperava facilmente o seu brilho sob as mãos acariciadoras do prisioneiro, que tentava dar-lhe aparência de roupa nova.

Com o mesmo cuidado ele fechava uma camisa de cambraia, que desbotara bastante desde sua chegada à prisão, e em suas botas envernizadas ele passava a ponta de um lenço bordado com iniciais encimadas por coroa heráldica.

Alguns hóspedes do Fosso dos Leões observavam com vivo interesse a requintada elegância da toailete do prisioneiro.

— Vejam, o príncipe está se embelezando! — exclamou um dos ladrões.

— Ele já é bonito por natureza — disse outro —, só lhe falta um pente e brilhantina para ofuscar todos os senhores de luvas brancas.

— Sua roupa deve ser novinha, as botas brilham, mas que beleza!... Mas que maravilha, ter um colega assim tão elegante... Esses guardas bandidos são bem maus. Invejosos!... Rasgar uma roupa dessas!

— Parece que ele é uma celebridade — disse outro —, já fez de tudo... e em grande estilo!... Tão novo, e já escolado em prisões! Caramba, é soberbo!

E o objeto dessa repugnante admiração parecia apreciar os elogios — ou a fumaça dos elogios, pois não chegava a ouvir as palavras.

Terminada a sua toailete, ele aproximou-se da janelinha da cantina, onde se apoiava um guarda: — Vamos, senhor — disse ele —, me empreste vinte francos, logo lhe pago... Comigo não se corre risco. Lembre que meus pais têm mais milhões do que você tem tostões... Vamos, vinte francos, por gentileza, pra eu comprar um lugar reservado e um roupão. Essa roupa e essas botas me matam. Mas isso é roupa, meu senhor, para um príncipe Cavalcanti?

O guarda deu-lhe as costas e deu de ombros. Nem mesmo riu dessas palavras que divertiriam qualquer outro: esse homem já ouvira muitos outros — ou melhor, ouvira sempre a mesma coisa.

— Vamos — disse Andrea —, o senhor é um homem sem coração, vou pedir sua demissão.

Essa frase fez voltar-se o guarda, que dessa vez caiu em sonora gargalhada.

Então os prisioneiros se aproximaram e formaram uma roda.

— Pois eu lhe digo — continuou Andrea — que com essa miserável quantia eu posso arrumar uma roupa e um quarto, para receber de maneira decente a ilustre visita que espero receber de repente.

— Ele tem razão, tem razão!... — exclamaram os prisioneiros. — Nossa, mas logo se vê que se trata de um homem elegante.

— Bem, então lhe emprestem os vinte francos — disse o guarda, apoiando o outro ombro enorme. — Acaso não devem isso a um camarada?

— Eu não sou camarada dessa gente — disse orgulhosamente o jovem. — Não me insulte, não tem esse direito.

Os ladrões se entreolharam, murmurando em voz baixa, e uma tempestade desencadeada pela provocação do guarda, mais do que pelas palavras de Andrea, começou a trovejar sobre o prisioneiro aristocrata.

O guarda, seguro de fazer o *quos ego* quando as ondas se tornassem demasiadamente tumultuosas, deixou-as subir pouco a pouco, para pregar uma peça no reivindicador importuno e relaxar um pouco durante a longa jornada de guarda.

Os ladrões já se aproximavam de Andrea; uns exclamavam: — A sapata! A sapata!

Cruel operação, que consiste em chutar não com sapata, mas com sapato ferrado, um confrade caído em desgraça entre esses senhores.

Outros propunham a enguia — outro tipo de brincadeira, que consiste em encher de areia, pedrinhas e grandes moedas, quando disponíveis, um lenço torcido, que os carrascos descarregam como chicote nas costas e na cabeça da vítima.

— Vamos chicotear o belo senhor! — exclamaram alguns. — O senhor honesto!

Mas Andrea, virando-se para eles, piscou o olho, encheu a bochecha com a língua e emitiu aquele estalido dos lábios que equivale a mil sinais inteligentes entre bandidos obrigados a se calar.

Era um sinal maçônico que Caderousse lhe ensinara.

Reconheceram um dos seus.

Logo os lenços foram largados; a sapata ferrada retornou ao pé do principal carrasco. Ouviram-se algumas vozes proclamarem que o senhor tinha razão, que o senhor podia ser honesto à sua

maneira, e que os prisioneiros deviam dar o exemplo da liberdade de consciência.

O tumulto serenou. O guarda ficou tão surpreso que logo agarrou as mãos de Andrea e começou a revistá-lo, atribuindo a súbita mudança dos habitantes do Fosso dos Leões a alguma manifestação mais significativa do que a mágica.

Andrea deixou que o guarda o revistasse, não sem protestar.

De repente ecoou uma voz na janelinha: — Benedito! — gritou um inspetor.

O guarda largou a sua presa.

— Me chamaram? — exclamou Andrea.

— Ao parlatório! — exclamou a voz.

— Está vendo, uma visita... Ah, meu caro senhor, vai ver só se se pode tratar um Cavalcanti como um homem ordinário!

E Andrea, deslizando pelo pátio como um vulto negro, correu à janelinha entreaberta, deixando admirados os colegas e o próprio guarda.

De fato, chamavam-no ao parlatório, e isso não deveria nos maravilhar menos do que ao próprio Andrea, pois o astucioso jovem, desde que chegara à prisão, em vez de utilizar como os demais o benefício de escrever para pedir socorro, guardara o mais estoico silêncio.

— Evidentemente, sou protegido por alguém poderoso — dizia ele —, tudo me prova isso... A minha rápida fortuna, a facilidade com que contornei todos os obstáculos, uma família improvisada, um nome ilustre que veio a me pertencer, o ouro chovendo sobre mim, as mais altas alianças prometidas à minha ambição... O infeliz esquecimento de minha sorte e a ausência de meu protetor me deixaram perdido, sim, mas não completamente, não para sempre! A mão protetora retirou-se por um momento, mas deve voltar a se estender e a me amparar no momento em que eu me julgar prestes a ser tragado pelo abismo.

“Por que arriscar um passo imprudente, que talvez me levasse a perder meu protetor? Ele pode me salvar de duas maneiras: pela fuga misteriosa, comprada a peso de ouro, ou obrigando os juízes à

absolvição. Antes de falar ou agir, vou esperar ter a certeza de que fui totalmente abandonado, e então...”

Andrea elaborara um plano que podia ser considerado hábil; o miserável era atrevido no ataque e rude na defesa.

A miséria da prisão comum, as privações de toda espécie, ele as suportara. Entretanto, pouco a pouco, o natural, ou melhor, o hábito prevalecera. Andrea sofria por viver nu, sujo, faminto; o tempo lhe pesava.

Foi nesse momento de desânimo que a voz do inspetor chamou-o ao parlatório.

Andrea sentiu o coração disparar de alegria. Era cedo demais para que fosse a visita do juiz de instrução, tarde demais para que fosse um chamado do diretor da prisão ou do médico: só podia ser a esperada visita.

Atrás das grades do parlatório onde foi introduzido, Andrea viu, com os olhos dilatados por ávida curiosidade, a figura sombria e inteligente do intendente Bertuccio, que também olhava com dolorosa surpresa as barras entrecruzadas, as portas aferrolhadas e a sombra que se agitava atrás das grades.

— Ah! — exclamou Andrea, tocado no coração.

— Bom dia, Benedito — disse Bertuccio com sua voz oca e sonora.

— O senhor? O senhor? — exclamou o jovem, olhando ao redor com terror.

— Pobre criança, não me reconhece? — exclamou Bertuccio.

— Silêncio! Fale baixo! — exclamou Andrea, que sabia que aquelas paredes tinham ouvidos. — Meu Deus, meu Deus, não fale assim tão alto!

— Você queria conversar comigo a sós, não é? — perguntou Bertuccio.

— Oh, sim! — exclamou Andrea.

— Está bem.

Revistando o bolso, Bertuccio fez sinal a um guarda que aparecia atrás do vidro da janelinha.

— Leia! — disse Bertuccio.

— O que é isto? — perguntou Andrea.

— A ordem para o levarem a um quarto, instalarem-no e deixarem-nos conversar.

— Oh! — exclamou Andrea, pulando de alegria.

E imediatamente, recolhendo-se, disse a si mesmo: — Mais uma vez o protetor desconhecido! Não se esqueceram de mim! Querem segredo, já que querem conversar a sós num quarto. Eu os peguei... Bertuccio foi enviado por meu protetor!

O guarda conversou por um momento com um superior, depois abriu as duas portas gradeadas e levou Andrea — que morria de alegria — a um quarto do primeiro andar com vista para o pátio.

O quarto era caiado de branco, como de hábito nas prisões; tinha um aspecto alegre que pareceu radiante ao prisioneiro: um aquecedor, um leito, uma cadeira e uma mesa constituíam a suntuosa mobília.

Bertuccio sentou-se na cadeira, Andrea atirou-se na cama. O guarda retirou-se.

— Então, que tem a me dizer? — perguntou o intendente.

— E o senhor? — perguntou Andrea.

— Mas fale primeiro...

— Oh, não... É o senhor que tem muito a me dizer, já que veio me procurar.

— Está bem! Você continuou a carreira de suas celeridades: roubou, assassinou...

— Bom... Se foi para me dizer essas coisas que me trouxe a um quarto particular, não precisava se incomodar. Já sei de tudo isso. Mas há coisas que não sei... Falemos delas, por favor. Quem o mandou?

— Oh, oh! Está muito ansioso, senhor Benedito.

— Não estou? Então vamos ao que interessa. Acima de tudo, poupemos as palavras inúteis. Quem o mandou?

— Ninguém.

— Como sabia que eu estava preso?

— Há muito tempo o reconheci no elegante insolente que tão graciosamente castigava um cavalo nos Campos Elíseos.

— Nos Campos Elíseos?... Ah, ah, está esquentando, como se diz no jogo de esconde-esconde... Nos Campos Elíseos!... Ah,

então falemos um pouco de meu pai, que tal?

— Então, quem sou eu?

— O senhor, meu bravo cavalheiro, é meu pai adotivo... Mas não foi o senhor, imagino, que colocou à minha disposição cem mil francos que devorei em quatro ou cinco meses... Não foi o senhor que me criou um pai italiano e nobre... Não foi o senhor que me introduziu na sociedade e me convidou para certo jantar que imagino ainda estar saboreando em Auteuil, ao lado da melhor companhia de toda Paris, ao lado de certo procurador do rei com quem eu devia ter cultivado relações que me seriam tão úteis neste momento... Não foi o senhor, enfim, que me afiançou um ou dois milhões quando me aconteceu o fatal acidente da descoberta da artimanha... Então, vamos, estimável corso, fale...

— O que quer que lhe diga?

— Vou ajudá-lo... Agora mesmo, meu digno pai adotivo, você estava falando dos Campos Elíseos...

— E daí?

— Daí, nos Campos Elíseos mora um senhor muito, muito rico.

— Na casa de quem você roubou e assassinou, não é verdade?

— Acho que sim.

— O senhor conde de Monte-Cristo?

— Foi você que o nomeou, como dizia o senhor Racine... Bem, devo lançar-me a seus braços, apertá-lo a meu peito, gritando: “Papai, papai!”, como dizia o senhor Pixérécourt ?

— Chega de brincadeira — respondeu gravemente Bertuccio —, que tal nome não seja mais pronunciado aqui como você ousou pronunciá-lo.

— Ora — exclamou Andrea, um pouco aturdido com a linguagem solene de Bertuccio —, por que não?

— Porque aquele que usa tal nome é demasiadamente favorecido pelos céus para ser pai de um miserável igual a você.

— Oh, mas que belas palavras...

— Palavras de grandes efeitos, se não tomar cuidado!

— Ameaças?... Não tenho medo delas... Direi...

— Imagina estar lidando com pigmeus da sua espécie? — perguntou Bertuccio, em tom tão calmo, com olhar tão firme, que

Andrea ficou abalado até o fundo das entranhas. — Acha que está lidando com os seus celerados companheiros de cadeia, ou com os ingênuos bobos da sociedade? Benedito, você foi apanhado por uma mão terrível... Esta mão quer se abrir para você: aproveite... Não brinque com o relâmpago que a mão depõe por um instante, mas que pode retomar, se tentar deter seu livre curso.

— Meu pai... Quero saber quem é o meu pai!... — exclamou o teimoso. — Morrerei se preciso, mas saberei... O que me causa escândalo? O bem... a reputação... os reclames, como disse Beauchamp, o jornalista. Mas vocês, pessoas da alta sociedade, apesar de seus milhões e de seus brasões, sempre têm algo a perder com o escândalo... Então, quem é o meu pai?

— Eu vim aqui para lhe dizer...

— Ah!... — exclamou Benedito, com os olhos brilhando de alegria.

Neste momento a porta se abriu e o carcereiro disse a Bertuccio: — Perdão, cavalheiro, mas o juiz de instrução aguarda o prisioneiro.

— É a conclusão de meu interrogatório... — disse Andrea ao digno intendente. — Aos diabos o importuno!

— Vou voltar amanhã — disse Bertuccio.

— Bom! — exclamou Andrea. — Senhores guardas: estou à sua inteira disposição... Ah, meu caro senhor, deixe uma dezena de escudos com o pessoal, para que me forneçam o que eu precisar.

— Assim farei — replicou Bertuccio.

Andrea estendeu-lhe a mão, Bertuccio manteve a sua no bolso, fazendo soar algumas moedas de prata.

— Era isso que eu queria dizer — disse Andrea, simulando um sorriso, mas totalmente subjugado pela estranha tranquilidade de Bertuccio. — Será que me enganei? — perguntou a si mesmo, ao subir à carruagem comprida e gradeada chamada de saladeira. — Veremos! Então, até amanhã! — acrescentou, voltando-se para Bertuccio.

— Até amanhã! — respondeu o intendente.

CIX. O JUIZ

Lembremos que o abade Busoni ficara sozinho com Noirtier na câmara ardente, e que o velho e o padre eram os guardiões do corpo da jovem.

Talvez as exortações cristãs do abade, sua doce caridade e suas palavras persuasivas tivessem devolvido coragem ao velho: desde o momento em que começara a conversar com o padre, em vez do desespero que a princípio o dominara, tudo em Noirtier mostrava grande resignação e calma surpreendente para aqueles que se lembravam da profunda afeição que ele dedicava a Valentine.

O senhor de Villefort não via o ancião desde a manhã do falecimento. Todo o pessoal havia sido renovado: Villefort contratara novo camareiro para si e outro criado para Noirtier; duas mulheres tinham entrado para o serviço da senhora de Villefort; todos — inclusive o porteiro e o cocheiro — ofereciam novos rostos que por assim dizer se interpunham entre os vários padrões daquela casa maldita e interceptavam as já bem frias relações existentes entre eles. Aliás, o tribunal iria se reunir dentro de dois ou três dias, e Villefort, encerrado em seu gabinete, elaborava com febril atividade o processo contra o assassino de Caderousse. Esse caso — como todos aqueles em que o conde de Monte-Cristo estava envolvido — era muito comentado pela sociedade parisiense. As provas não eram convincentes, pois repousavam em algumas palavras escritas por um condenado moribundo, ex-companheiro de prisão do acusado, e que poderia estar acusando o companheiro por ódio ou vingança: apenas a convicção do magistrado era firme; o procurador do rei chegara à terrível certeza de que Benedito era culpado e pretendia extrair da difícil vitória no tribunal um desses desfrutes do amor-próprio que ainda mantinham despertas as fibras de seu coração gelado.

O processo se instruía, portanto, graças ao incessante trabalho de Villefort, que pretendia abrir a próxima temporada judicial com esse caso; assim, vira-se obrigado a esconder-se mais do que nunca para não ter de responder à enorme quantidade de pedidos de credenciais para a audiência.

Ademais, decorrera tão pouco tempo desde que a pobre Valentine fora enterrada, a dor da casa era ainda tão recente, que

ninguém se surpreendia ao ver o pai tão severamente absorto em seu dever, isto é, na única distração que podia encontrar para o seu pesar.

Só uma vez, no dia seguinte àquele em que Benedito recebera a segunda visita de Bertuccio, quando o intendente deveria revelar-lhe o nome do pai — no dia seguinte àquele, que fora um domingo, só uma vez, dizíamos, Villefort estivera com o pai: num momento em que o magistrado, moído de cansaço, descera ao jardim de seu palácio e melancólico, curvado por implacável pensamento, como Tarquínio a decepar com seu chicote as cabeças das papoulas mais altas, o senhor de Villefort abatia com sua bengala as longas e agonizantes hastes das rosas malvas que se erguiam ao longo das alamedas como espectros dessas flores tão brilhantes na estação que acabava de se encerrar.

Mais de uma vez Villefort chegara ao fundo do jardim, ou seja, àquele famoso portão que dava para o pomar abandonado, retornando sempre pela mesma alameda, retomando o passeio no mesmo passo, com os mesmos gestos, quando seus olhos voltaram-se maquinalmente para a casa, a ouvir as ruidosas brincadeiras do filho, que viera do internato para passar o domingo e a segunda-feira ao lado da mãe.

Ao voltar-se ele viu numa das janelas abertas o senhor Noirtier, que mandara empurrarem sua cadeira até a janela para gozar os últimos raios de um sol ainda quente, raios que vinham saudar as flores agonizantes das trepadeiras e as folhas vermelhas das parreiras virgens que cobriam a varanda.

Os olhos do ancião cravavam-se, por assim dizer, num ponto que Villefort mal distinguia. O olhar de Noirtier era tão raivoso, tão feroz, tão ardente de impaciência que o procurador do rei, acostumado a captar todas as impressões daquela fisionomia que tão bem conhecia, afastou-se de sua trajetória para descobrir a quem aquele pesado olhar se dirigia.

Então viu, através de um arvoredo de tílias com ramos já quase nus, a senhora de Villefort, que, sentada com um livro à mão, de vez em quando interrompia a leitura para sorrir a seu filho ou devolver-

lhe a bola de borracha que ele não parava de lançar do salão ao jardim.

Villefort empalideceu, pois compreendia o que o ancião queria.

Noirtier não parava de olhar para o mesmo objeto, mas de repente seu olhar passou da mulher ao marido, e foi o próprio Villefort que teve de suportar a intensidade daqueles olhos fulminantes que, ao mudarem de objeto, mudaram também de linguagem, sem todavia nada perderem de sua ameaçadora expressão.

A senhora de Villefort, ignorando todas aquelas paixões, cujos fogos cruzados passavam acima da sua cabeça, naquele momento segurava a bola do filho, fazendo-lhe sinal para vir buscá-la com um beijo; mas Édouard fez-se de rogado — provavelmente a carícia materna não parecia a ele recompensa suficiente para todo o incômodo que teria: enfim decidiu-se, pulou da janela, caiu no meio de um canteiro de girassóis e rainhas-margaridas e correu para a senhora de Villefort, com a testa coberta de suor. A senhora de Villefort enxugou-lhe a testa, beijou aquele úmido marfim e despachou o menino com a bola numa mão e um punhado de doces na outra.

Villefort, atraído por irresistível sedução assim como o pássaro é atraído pela serpente, aproximou-se da casa; enquanto se aproximava, o olhar de Noirtier descia a segui-lo e o fogo de suas pupilas parecia adquirir tal grau de incandescência que Villefort sentia-se devorado até o fundo do coração. De fato, lia-se naquele olhar extrema censura e, ao mesmo tempo, terrível ameaça. Então as pálpebras e os olhos de Noirtier ergueram-se aos céus, como se lembrasse ao filho um juramento esquecido.

— Está bem, senhor! — respondeu Villefort embaixo, no pátio. — Está bem! Tenha paciência por mais um dia... O que eu disse está dito.

Noirtier pareceu acalmado por essas palavras: seus olhos voltaram-se para outro lado com indiferença.

Villefort desabotoou com violência a sobrecasaca que o sufocava, passou uma mão lívida pela testa e entrou em seu gabinete.

A noite transcorreu fria e tranquila; todos se deitaram e dormiram como de hábito naquela casa. Também como de hábito, apenas Villefort não se deitou ao mesmo tempo que os outros: trabalhou até às cinco horas da manhã revendo os últimos interrogatórios feitos na véspera pelos promotores, examinando os depoimentos das testemunhas e fazendo correções em seu discurso de acusação — um dos mais enérgicos e mais hábeis que já elaborara.

No dia seguinte, segunda-feira, deveria realizar-se a primeira sessão do tribunal. Villefort viu esse dia amanhecer nublado e sinistro — a sua luz azul fez brilhar no papel as linhas traçadas a tinta vermelha. O magistrado adormecera por um instante, enquanto a sua lâmpada dava os últimos suspiros: ele despertou com as crepitações, com dedos úmidos e avermelhados como se tivessem mergulhado em sangue.

Abriu a janela: grande faixa laranja atravessava ao longe o céu e cortava em dois os frágeis álamos que se perfilavam em negro no horizonte. No pomar de alfafa, além do portão das castanheiras, uma cotovia subia aos céus, cantando o seu canto claro e matinal.

O sereno da aurora inundou a cabeça de Villefort e refrescou a sua memória.

— É hoje! — disse ele, com esforço. — Hoje o homem que empunhará o gládio da justiça deve ferir os culpados, sejam eles quem forem.

Então os seus olhos dirigiram-se involuntariamente para a janela de Noirtier à sua frente: a janela onde vira o velho na véspera.

As cortinas estavam fechadas.

Entretanto, a imagem do pai era-lhe tão presente que ele se dirigiu àquela janela fechada como se estivesse aberta, como se por aquela abertura ainda visse o ancião a ameaçá-lo.

— Sim — murmurou ele —, sim, pode ficar tranquilo!

A cabeça recaiu-lhe no peito e, com a cabeça assim inclinada, ele deu algumas voltas pelo gabinete — depois enfim atirou-se todo vestido a um sofá, menos para dormir do que para relaxar os membros contraídos pelo cansaço e pela frieza do trabalho a penetrar até o miolo dos ossos.

Pouco a pouco, todos despertaram: de seu gabinete, Villefort ouviu os sucessivos ruídos que constituíam, por assim dizer, a vida da casa — as portas a se abrirem, o tilintar da campainha da senhora de Villefort a chamar a camareira, os primeiros gritos do menino a despertar com alegria, como de hábito nessa idade.

Villefort também tocou: seu novo camareiro entrou no gabinete e entregou-lhe os jornais.

Além dos jornais, trazia uma xícara de chocolate.

— O que está me trazendo? — perguntou Villefort.

— Uma xícara de chocolate.

— Não pedi nada... Quem tomou esse cuidado?

— A senhora... Ela me disse que o senhor certamente falaria muito hoje, nesse julgamento de assassinato, e precisava se fortalecer.

E o valete colocou na mesa ao lado do sofá — como as outras mesas, carregada de papéis — a taça de prata dourada.

O valete saiu.

Villefort olhou por um instante a xícara com ar sombrio, depois de repente pegou-a com gestos nervosos e engoliu num só trago todo o líquido que ela continha. Parecia que ele esperava que a bebida fosse mortal e que buscava a morte para livrar-se de um dever que lhe impunha algo bem mais difícil do que morrer. A seguir, levantou-se e passeou pelo gabinete com uma espécie de sorriso que seria terrível de se ver, se alguém o visse.

O chocolate era inofensivo: o senhor de Villefort não sentiu nada.

À hora do almoço, o senhor de Villefort não apareceu à mesa.

O camareiro entrou em seu gabinete.

— A senhora mandou avisar o senhor que acabam de soar onze horas e a audiência será ao meio-dia — disse o valete.

— Bem, e daí? — exclamou Villefort.

— A senhora já fez a sua toailete: ela já está pronta e pergunta se acompanhará o senhor...

— Aonde?

— Ao Palácio da Justiça.

— Para quê?

— A senhora disse que gostaria muito de assistir a essa sessão.

— Ah! — exclamou Villefort, em tom quase assustador. — Ela gostaria?...

O criado recuou um passo e disse: — Se o senhor quiser ir sozinho, direi à senhora.

Villefort ficou mudo por um instante, cravando as unhas em sua cara pálida, em contraste com a barba negra de ébano.

— Diga à senhora que quero falar com ela e lhe peço que me espere em seu quarto — respondeu, enfim.

— Sim, senhor.

— Depois volte para barbear-me e vestir-me.

— Num instante.

De fato, o camareiro só desapareceu para reaparecer, barbear Villefort e vesti-lo solenemente de negro.

A seguir, quando terminava: — A senhora disse que esperaria o senhor assim que terminasse a toaleta — disse o valete.

— Já vou.

E com os autos debaixo do braço, chapéu na mão, Villefort dirigiu-se aos aposentos da esposa.

À porta, deteve-se por um instante e enxugou com o lenço o suor da testa lívida.

Então abriu a porta.

A senhora de Villefort estava sentada numa espreguiçadeira, folheando com impaciência jornais e impressos que o garoto Édouard divertia-se a rasgar antes mesmo que sua mãe tivesse tempo de terminar a leitura.

Ela estava muito bem-vestida para sair; seu chapéu a esperava, pousado em uma poltrona; já colocara as luvas.

— Ah, aqui está o senhor — clamou ela, com sua voz calma e natural. — Meu Deus, mas como o senhor está pálido! Virou a noite trabalhando? Mas por que não veio almoçar conosco? Bem, vai me levar ou irei sozinha com Édouard?

Como se vê, a senhora de Villefort multiplicara as perguntas para obter uma resposta; mas ante todas essas perguntas o senhor de Villefort permanecia frio e mudo como uma estátua.

— Édouard — disse Villefort, fixando no menino um olhar imperioso —, vá brincar no salão, meu amigo: preciso conversar

com sua mãe.

Ao ver essa atitude fria, esse tom resoluto, essas estranhas preliminares, a senhora de Villefort estremeceu.

Édouard levantara a cabeça e olhava a mãe: ao ver que ela não confirmava a ordem do senhor de Villefort, voltou a cortar as cabeças de seus soldados de chumbo.

— Édouard! — gritou o senhor de Villefort tão duramente que o menino pulou no tapete. — Ouviu?... Vá!

Pouco acostumado a esse tratamento, o menino ergueu-se e empalideceu — difícil dizer se era de ira ou de medo.

O pai foi até ele, agarrou-lhe o braço e beijou-lhe a testa.

— Vá, meu filho, vá! — disse ele.

Édouard saiu.

O senhor de Villefort foi até a porta e aferrolhou-a.

— Oh, meu Deus! — exclamou a jovem senhora, olhando o marido até o fundo da alma e esboçando um sorriso congelado pela impassibilidade de Villefort. — O que houve?

— Senhora, onde guarda o veneno que costuma usar? — articulou claramente e sem rodeios o magistrado, colocando-se entre a mulher e a porta.

A senhora de Villefort sentiu o que deve sentir a cotovia ao ver o milhafre estreitar sobre a sua cabeça os seus círculos assassinos.

Um som rouco e abafado, que não era nem um grito nem um suspiro, escapou do peito da senhora de Villefort, que empalideceu até à lividez.

— Senhor — disse ela —, eu... eu não compreendo.

E, como se levantara num acesso de terror, num segundo acesso — certamente mais forte do que o primeiro — voltou a cair nas almofadas do sofá.

— Eu lhe perguntei — continuou Villefort, com voz perfeitamente calma — em que lugar a senhora esconde o veneno com a ajuda do qual matou o meu sogro, o senhor de Saint-Méran, a minha sogra, Barrois e a minha filha Valentine.

— Ah, senhor! — exclamou a senhora de Villefort, juntando as mãos. — Mas o que está dizendo?

— Não lhe cabe me interrogar, mas responder...

— Responder ao marido ou ao juiz? — balbuciou a senhora de Villefort.

— Ao juiz, senhora! Ao juiz!

Era um espetáculo terrível a palidez daquela mulher, a angústia de seu olhar, o tremor de todo o seu corpo.

— Ah, senhor! — murmurou ela. — Ah, senhor!... — e foi tudo.

— Não responde, senhora?! — exclamou o terrível interrogador. Então acrescentou, com sorriso ainda mais assustador do que sua cólera: — É verdade que a senhora não nega!

Ela fez um gesto.

— Nem poderia negar — acrescentou Villefort, estendendo a mão a ela, como a agarrá-la em nome da justiça. — A senhora cometeu todos esses crimes com desavergonhada habilidade, com um impudor que todavia só podia enganar pessoas que, por gostarem da senhora, fechavam os olhos... Desde a morte da senhora de Saint-Méran, eu sabia que existia um envenenador em minha casa... O doutor d'Avrigny me preveniu... Depois da morte de Barrois, Deus me perdoe, minhas suspeitas recaíram sobre alguém, sobre um anjo!... Suspeitas que, mesmo onde não existe crime, velam incessantemente acesas no fundo de meu coração... Mas, depois da morte de Valentine, não tive mais dúvidas, senhora, e não apenas eu, mas outros também... Assim, o seu crime, agora já conhecido por duas pessoas, suscitado por muitas outras, vai se tornar público... E, como eu lhe dizia ainda há pouco, senhora, já não é mais um marido que lhe fala, é um juiz!

A jovem senhora escondeu o rosto em suas mãos.

— Oh, senhor — balbuciou ela —, eu lhe suplico, não se fie nas aparências!

— A senhora seria covarde? — exclamou Villefort, em tom de desprezo. — De fato, sempre notei que os envenenadores eram covardes... Seria covarde, a senhora que teve a terrível coragem de ver expirar à sua frente dois velhos e uma jovem assassinados pela senhora?!

— Senhor! Senhor!

— Seria covarde — continuou Villefort, com exaltação crescente —, a senhora que contou, um a um, os minutos de quatro agonias?

A senhora que elaborou os seus planos infernais e preparou as suas beberagens infames com uma habilidade e com uma precisão tão milagrosas? A senhora, que calculou tudo tão bem, teria se esquecido de calcular uma única coisa, ou seja, aonde poderia levá-la a revelação de seus crimes? Oh, isso é impossível, e certamente a senhora guardou algum veneno mais suave, mais sutil e mais fatal do que os outros para escapar do castigo que merece... Ao menos espero que tenha feito isso.

A senhora de Villefort torceu as mãos e caiu de joelhos.

— Bem sei... bem sei que a senhora confessa — disse ele. — Mas a confissão feita a juízes, a confissão feita no derradeiro momento, a confissão feita quando já não se pode mais negar, essa confissão em nada diminui o castigo que se inflige ao culpado!

— O castigo?! — exclamou a senhora de Villefort. — O castigo, senhor?! É a segunda vez que o senhor pronuncia essa palavra!

— Certamente... Julgou que escaparia por ser quatro vezes culpada? Julgou que não seria castigada por ser a esposa daquele que exige o castigo? Não, senhora, não! Seja ela quem for, o cadafalso espera a envenenadora, principalmente se, como eu lhe dizia ainda há pouco, a envenenadora não teve o cuidado de conservar para si mesma algumas gotas de seu mais seguro veneno.

A senhora de Villefort deu um grito selvagem — o terror horrível e indomável invadiu os seus traços desfigurados.

— Oh, não tema o cadafalso, senhora — disse o magistrado —, não quero desonrá-la, pois isso seria desonrar a mim mesmo... Não, pelo contrário, se a senhora me ouviu bem, deve compreender que não poderá morrer no cadafalso.

— Não, eu não compreendi... O que quer dizer? — balbuciou a infeliz mulher, completamente aterrada.

— Quero dizer que a mulher do primeiro magistrado da capital não vai injuriar com sua infâmia um nome sem mancha, não vai desonrar ao mesmo tempo o marido e o filho.

— Não! Oh! Não!

— Muito bem, senhora, será uma boa ação de sua parte, e por essa boa ação lhe agradeço.

— Agradece-me, eh, por quê?

— Pelo que a senhora acaba de me dizer.

— E o que foi que eu disse? Perdi a cabeça... Já não estou entendendo mais nada, meu Deus! Meu Deus!

E levantou-se, com os cabelos em confusão, com os lábios a espumar.

— A senhora respondeu à pergunta que lhe fiz ao chegar aqui: “Onde guarda o veneno que costuma usar?”.

A senhora de Villefort ergueu os braços aos céus e apertou convulsivamente as mãos uma contra a outra.

— Não, não! — vociferou ela. — Não, o senhor não pode querer isso...

— O que não quero, senhora, é que morra num cadafalso, está ouvindo? — respondeu Villefort.

— Oh, senhor, piedade!

— O que quero é que a justiça seja feita. Estou na terra para punir, senhora — acrescentou ele, com os olhos em chamas. — A qualquer outra mulher, mesmo que ela fosse uma rainha, eu enviaria o carrasco... Mas com a senhora serei misericordioso. Eu lhe direi: “Não é verdade, senhora, que guardou algumas gotas de seu veneno mais suave, mais rápido e mais fatal?”.

— Oh, perdoe-me, senhor... Deixe-me viver!

— E ela é covarde! — exclamou Villefort.

— Lembre-se de que sou sua mulher!

— A senhora é uma envenenadora!

— Em nome do céu...

— Não.

— Em nome do amor que já teve por mim!...

— Não! Não!

— Em nome do nosso filho! Ah, por nosso filho, deixe-me viver!

— Não, não! Não, eu lhe digo... Se eu deixá-la viver, talvez um dia a senhora o mate, como matou os outros.

— Eu?! Matar o meu filho?! — exclamou a mãe selvagem, lançando-se a Villefort. — Eu, matar o meu Édouard?!... Ah, ah!

E um riso terrível, riso de demônio, riso de louca, completou a frase e perdeu-se em dilacerante estertor.

A senhora de Villefort tinha caído aos pés de seu marido.

Villefort aproximou-se dela.

— Pense bem, senhora... — disse ele. — Se, quando eu voltar, a justiça ainda não tiver sido feita, eu a denuncio com minha própria boca, eu a prendo com minhas próprias mãos.

Ela escutava ofegante, abatida, esmagada; só o seu olhar vivia, alimentando uma chama terrível.

— A senhora me ouviu?! — exclamou Villefort. — Vou sair e pedir a pena de morte para um assassino... Se, ao voltar, encontrá-la viva, esta noite a senhora dormirá na prisão.

A senhora de Villefort deu um suspiro, os seus nervos relaxaram e ela desabou sobre o tapete.

O procurador do rei pareceu esboçar um gesto de piedade: olhou-a de maneira menos severa e, inclinando-se levemente sobre ela, disse lentamente: — Adeus, senhora... Adeus!

Esse adeus caiu sobre a senhora de Villefort como lâmina mortal.

Ela desmaiou.

O procurador do rei saiu e, ao sair, deu duas voltas na chave.

CX. O JULGAMENTO

“O caso Benedito” — como então era chamado no Palácio da Justiça e em sociedade — provocara enorme sensação. Freqüentador do Café de Paris, da avenida de Gand e do bosque de Bolonha, o falso Cavalcanti, enquanto permanecera em Paris, nos dois ou três meses que durara o seu esplendor, conhecera muita gente. Os jornais tinham narrado as diversas fases da vida elegante e da vida carcerária do acusado, provocando a mais viva curiosidade, principalmente entre aqueles que haviam conhecido pessoalmente o príncipe Andrea Cavalcanti; portanto, eram principalmente esses que estavam decididos a tudo arriscar para verem no banco dos réus o senhor Benedito, assassino de seu companheiro de cadeia.

Para muita gente, Benedito vinha a ser, se não uma vítima, ao menos um erro judiciário: tinham visto o senhor Cavalcanti pai em Paris e esperavam vê-lo reaparecer para reclamar seu ilustre rebento. Muitas pessoas que nunca tinham ouvido falar da famosa polonesa com quem ele desembarcara na casa do conde de Monte-Cristo haviam ficado impressionadas com o ar digno, com a fidalguia e com a experiência mundana mostrados pelo velho patrício, que, vale dizer, parecia um perfeito cavalheiro sempre que não abria a boca e não fazia contas.

Quanto ao próprio acusado, muitos se lembravam de tê-lo visto tão amável, tão belo, tão pródigo que preferiam acreditar em alguma maquinação da parte de algum inimigo, como é comum em sociedade, onde as grandes fortunas elevam os meios de fazer o mal e o bem à altura do maravilhoso e o poder à altura do inaudito.

Portanto, todos acorreram ao julgamento, uns para saborear o espetáculo, outros para comentá-lo. Desde as sete horas da manhã, faziam fila no portão, e uma hora antes da abertura da sessão a sala já estava cheia de privilegiados.

Antes da entrada do júri — e muitas vezes até mesmo depois —, uma sala de audiência, nos dias de grandes processos, assemelha-se bastante a um salão onde muitas pessoas se reconhecem, aproximam-se (quando estão próximas o suficiente para não perderem os seus lugares), acenam-se (quando estão separadas por muitos populares, advogados ou guardas).

Era um desses magníficos dias de outono que às vezes nos compensam por um verão ausente ou breve; as nuvens que o senhor de Villefort vira de manhã eclipsarem o sol nascente tinham se dissipado como que por magia, deixando brilhar em toda a sua limpidez um dos últimos, um dos mais belos dias de setembro.

Beauchamp, um dos reis da imprensa — logo, com um trono em toda parte —, olhava com seu óculo à direita e à esquerda. Descobriu Château-Renaud e Debray, que acabavam de conquistar as boas graças de um policial, convencendo-o a colocar-se atrás deles, em vez de obstruí-los, como era seu direito. O digno agente farejara o secretário do ministro e o milionário; mostrou-se cheio de

atenções aos nobres vizinhos e permitiu-lhes inclusive irem fazer uma visita a Beauchamp, prometendo guardar seus lugares.

— Bem — exclamou Beauchamp —, viemos ver o nosso amigo!

— Ah, meu Deus, pois é — respondeu Debray —, o digno príncipe... Ora, vá, que o diabo carregue os príncipes italianos!

— Um homem que tinha Dante como genealogista, e remontava à Divina comédia!

— Nobreza de força — disse fleumaticamente Château-Renaud.

— Ele será condenado, não será? — perguntou Debray a Beauchamp.

— Ah, meu caro — respondeu o jornalista —, acho que é a você que devemos perguntar isso: conhece o ambiente do tribunal melhor do que nós... Viu o presidente do tribunal na última festa de seu ministro?

— Sim.

— O que ele lhe disse?

— Algo que vai surpreendê-los.

— Ah, então conte logo, caro amigo: há tempos não me contam nada desse gênero.

— Bem, ele me disse que Benedito, visto como uma fênix de sutileza, como um gigante de astúcia, não passa de um ladrão de segunda classe, de um idiota absolutamente indigno das experiências que farão com os seus órgãos frenológicos, depois de sua morte.

— Ora — exclamou Beauchamp —, mas ele desempenhava razoavelmente o papel de príncipe.

— Para você, Beauchamp, que detesta esses pobres príncipes, e que fica encantado quando descobrem suas faltas... Mas não para mim, que farejo instintivamente o fidalgo e descubro uma família aristocrática, onde quer que esteja, como autêntico perdigueiro dos brasões.

— Então, nunca acreditou em seu principado?

— Em seu principado? Sim... Em ser príncipe? Não.

— Nada mal — disse Debray. — Entretanto, eu lhe asseguro, para qualquer outro ele poderia passar por príncipe... Eu o vi na casa de ministros.

— Ah, sim — disse Château-Renaud. — Como se os seus ministros entendessem de príncipes!

— Há verdade no que acaba de dizer, Château... — respondeu Beauchamp, gargalhando. — A frase é breve, mas agradável. Peça-lhe permissão para usá-la em meus artigos.

— Pode usá-la, meu caro senhor Beauchamp — disse Château-Renaud —, pode usá-la... Eu lhe cedo a minha frase pelo que ela vale.

— Mas — disse Debray a Beauchamp —, se eu falei com o presidente, você deve ter falado com o procurador do rei, não?

— Não foi possível... O senhor de Villefort passou uma semana trancado... Isso é muito natural: depois dessa estranha série de desgraças domésticas, coroada pela estranha morte da filha...

— Estranha morte?! Mas o que está dizendo, Beauchamp?

— Oh, sim, então banque o ignorante, a pretexto de que tudo isso acontece à nobreza de toga — disse Beauchamp, levando o óculo ao olho e tentando fixá-lo.

— Meu caro senhor — disse Château-Renaud —, permita-me dizer-lhe que, em matéria de óculo, está longe de Debray... Debray, dê uma lição ao senhor de Beauchamp.

— Vejam — disse Beauchamp —, eu não me engano.

— O quê?

— É ela.

— Ela quem?

— Diziam que tinha partido.

— A senhorita Eugénie? — perguntou Château-Renaud. — Será que ela já voltou?

— Não, a mãe dela.

— A senhora Danglars?

— Ora, vamos — exclamou Château-Renaud —, impossível... Dez dias depois da fuga da filha, três dias depois da falência do marido!

Debray enrubesceu levemente e seguiu a direção do olhar de Beauchamp.

— Ora, vamos — exclamou ele —, é uma mulher de véu, uma dama desconhecida, alguma princesa estrangeira, talvez a mãe do

príncipe Cavalcanti... Mas me parece que você dizia, ou melhor, ia dizer coisas bastante interessantes, Beauchamp...

— Eu?

— Sim. Você falava da estranha morte de Valentine.

— Ah, sim, é verdade... Mas por que será que a senhora de Villefort não veio?

— Pobre cara mulher! — disse Debray. — Certamente está ocupada destilando água de erva cidreira para os hospitais, preparando cosméticos para si e suas amigas... Vocês sabiam que, ao que dizem, nessa brincadeira ela gasta dois, três mil escudos por ano?... Mas realmente você tem razão, por que será que a senhora de Villefort não veio? Eu a veria com grande prazer, gosto muito dessa mulher.

— E eu — disse Château-Renaud —, eu a detesto.

— Por quê?

— Não sei... Por que se gosta? Por que se detesta? Eu a detesto por antipatia.

— Ou por instinto, como sempre...

— Talvez... Mas voltemos ao que você dizia, Beauchamp.

— Bem — continuou Beauchamp —, não estão curiosos de saber, meus senhores, por que se vive morrendo na casa Villefort?

— “Se vive morrendo” é bonito — disse Château-Renaud.

— Meu caro, a frase está em Saint-Simon...

— Mas o fato está na casa do senhor de Villefort... Voltemos a ela.

— Nossa! — disse Debray. — Confesso que há três meses não perco de vista essa casa tomada pelo luto, e anteontem mesmo, a respeito de Valentine, a senhora me dizia...

— Que senhora? — perguntou Château-Renaud.

— A mulher do ministro, ora!

— Ah, perdão — exclamou Château-Renaud —, não frequento casas de ministros, deixo isso aos príncipes...

— Você era apenas belo, mas agora virou uma brasa, barão... Tenha piedade de nós, ou nos queimaria, como um novo Júpiter.

— Já não vou dizer mais nada — disse Château-Renaud. — Mas que diabo, tenham piedade de mim, não me deem a réplica.

— Vamos, vamos concluir o nosso diálogo, Beauchamp... Então eu lhe dizia que anteontem a senhora me pedia informações sobre o caso... Instrua-me e o instruirei.

— Bem, então, senhores, se se vive morrendo, repito a frase, na casa Villefort, é porque há um assassino na casa...

Os dois jovens estremeceram, pois mais de uma vez já lhes ocorrera a mesma ideia.

— E quem seria esse assassino? — perguntaram ambos ao mesmo tempo.

— O garoto Édouard.

O riso dos dois ouvintes não desconcertou de maneira alguma o orador, que continuou: — Sim, senhores, o garoto Édouard, menino prodígio, que já mata como pai e mãe.

— Está brincando?

— De maneira alguma... Ontem contratei um criado que veio da casa do senhor de Villefort: escutem bem...

— Estamos escutando...

— ... E já vou despedi-lo amanhã, porque ele come demais, para se recuperar do jejum de terror que reinava por lá... Bem, parece que o menino mimado meteu a mão num frasco de droga que de vez em quando ele costuma usar contra os que o contrariam. Primeiro foram o vovozinho e a vovozinha de Saint-Méran que o contrariaram, e ele lhes serviu três gotas de seu elixir: três gotas bastam... Depois foi o velho criado do vovô Noirtier, o bravo Barrois, que costumava tratar mal o menino travesso, sabe...: o menino travesso serviu-lhe três gotas de seu elixir... O mesmo foi feito com a pobre Valentine, que não o tratava mal, mas de quem ele tinha ciúmes: ele serviu-lhe três gotas de seu elixir e para ela, como para os demais, foi o fim da história.

— Mas que diabo de conto está nos contando? — perguntou Château-Renaud.

— É, um conto do outro mundo, não é? — disse Beauchamp.

— É absurdo — disse Debray.

— Ah — continuou Beauchamp —, mas vocês já estão procurando meios de se estender! Mas que diabo, então perguntem

ao meu criado, ou melhor, àquele que amanhã já não será mais o meu criado: era o que se dizia na casa.

— Mas onde está esse elixir? O que é?

— Ora, o menino o esconde.

— Onde o conseguiu?

— No laboratório da senhora sua mãe.

— Então sua mãe tem venenos no laboratório?

— Como vou saber? Vocês vêm me fazer perguntas de procurador do rei... Só estou repetindo o que me disseram, nada mais... Apenas cito o meu autor: não posso fazer mais nada. Aterrado, o pobre-diabo já não comia mais.

— Incrível!

— Mas não, meu caro: não há nada de incrível... No ano passado vimos o caso daquele menino da rua Richelieu que se divertia matando os irmãos e as irmãs, enfiando-lhes um alfinete na orelha, enquanto eles dormiam... A geração que nos sucede é bastante precoce, meu caro...

— Meu caro — disse Château-Renaud —, aposto que você não acredita numa única palavra do que está nos contando... Mas não estou vendo o conde de Monte-Cristo: como é que ele não está aqui?

— Ele já está cheio — disse Debray. — E depois ele não vai querer aparecer na frente de todo mundo, ele que foi enganado por todos os Cavalcanti, que, parece, o procuraram com cartas de crédito falsas, levando-o a perder uma centena de mil francos hipotecados ao principado.

— A propósito, senhor de Château-Renaud — perguntou Beauchamp —, como está o Morrel?

— Meu Deus — respondeu o cavalheiro —, eu já fui três vezes à casa dele... E nada de Morrel... Mas a irmã dele não me pareceu preocupada: ela me disse alegremente que também não o via há dois ou três dias, mas tinha certeza de que ele estava bem.

— Ah, já sei! O conde de Monte-Cristo não pode vir ao julgamento! — exclamou Beauchamp.

— Por quê?

— Porque ele é ator do drama.

— Ele também assassinou alguém? — perguntou Debray.

— Não, pelo contrário: tentaram assassiná-lo. Sabe muito bem que foi ao sair da casa dele que o bom senhor Caderousse foi assassinado pelo seu amiguinho Bedito. Sabe muito bem que foi na casa dele que encontraram o famoso colete onde estava a carta que acabou com a assinatura do contrato de casamento. Está vendo o famigerado colete? Ele está ali, todo ensanguentado, em cima da mesa, como prova.

— Ah, estou vendo!

— Ch! Senhores, o julgamento... A nossos lugares!

De fato, ouviu-se grande barulho no tribunal; o policial chamou os seus dois protegidos com um “ei!” enérgico, e o oficial de justiça, aparecendo à porta da sala de deliberações, gritou com aquela voz esganiçada que os oficiais de justiça já tinham nos tempos de Beaumarchais: — O julgamento, senhores!

CXI. A PEÇA DE ACUSAÇÃO

Os juízes tomaram assento em meio ao mais profundo silêncio; os jurados sentaram-se em seus lugares; o senhor de Villefort — objeto da atenção e, diríamos, quase da admiração geral —, coberto pela toga, instalou-se em sua cadeira, passeando um olhar tranquilo ao redor.

Todos olhavam admirados aquela fisionomia grave e severa: os sofrimentos paternos pareciam não influir em sua impassibilidade; todos olhavam com uma espécie de terror aquele homem tão alheio às emoções humanas.

— Guardas — exclamou o presidente do tribunal —, tragam o réu.

A essas palavras, a atenção do público multiplicou-se e todos os olhares concentraram-se na porta por onde Bedito deveria entrar.

Logo a porta se abriu e o réu apareceu.

Todos tiveram a mesma impressão e ninguém se enganou com a expressão de sua fisionomia.

Seus traços não mostravam a marca da emoção profunda que faz o sangue refluir para o coração e descolore a testa e as faces. Suas mãos, graciosamente pousadas uma sobre o chapéu, outra na abertura do colete branco acolchoado, não eram agitadas por tremor algum; seu olhar era calmo, até mesmo brilhante. Assim que chegou, seus olhos começaram a percorrer todas as fileiras de juízes e assistentes, detendo-se longamente no presidente e principalmente no procurador do rei.

Ao lado de Andrea instalou-se o advogado nomeado pela corte (pois Andrea não quisera ocupar-se desses detalhes, aos quais parecia não dar a mínima importância), jovem de cabelos de um loiro pálido, faces coradas por uma emoção cem vezes mais visível do que a do réu.

O presidente solicitou a leitura da peça de acusação, redigida, como sabemos, pela pena tão hábil e tão implacável de Villefort.

Durante a leitura, que foi longa, e que para qualquer outro seria fatigante, a atenção do público não deixou de voltar-se para Andrea, que suportou seu peso com a alma alegre de um espartano.

Talvez nunca Villefort tivesse sido tão conciso e eloquente; o crime era apresentado em suas cores mais vivas; os antecedentes do réu, sua transfiguração, o caráter de seus atos desde a mais tenra idade eram analisados com o talento que a prática de vida e o conhecimento do coração humano podiam fornecer a um espírito tão elevado quanto o do procurador do rei.

Apenas com esse preâmbulo, Benedito estaria eternamente condenado pela opinião pública, antes de ser materialmente punido pela lei.

Andrea não prestou a menor atenção nas sucessivas acusações que se erguiam e recaíam sobre ele: o senhor de Villefort — que muitas vezes o observava, certamente continuando nele os estudos psicológicos que muitas vezes pudera fazer sobre os réus —, o senhor de Villefort nem uma vez conseguiu obrigá-lo a baixar os olhos, por mais que seu olhar fosse fixo e profundo.

Enfim a leitura terminou.

— Réu — disse o presidente —, seu nome e sobrenome?

Andrea ergueu-se.

— Perdoe-me, senhor presidente — disse ele, em voz de timbre a vibrar com perfeita clareza —, mas vejo que vai seguir uma ordem de perguntas que não posso acompanhar. Tenho a pretensão, que a mim caberá justificar mais tarde, de ser uma exceção aos réus comuns. Então, por favor, queira permitir-me responder seguindo outra ordem... Nem por isso deixarei de responder a todas as perguntas.

Surpreso, o presidente olhou os jurados, que olharam o procurador do rei.

Grande surpresa manifestou-se em toda a sala.

Mas Andrea não pareceu perturbar-se de maneira alguma.

— Sua idade? — perguntou o presidente. — Responderá a essa pergunta?

— A essa pergunta, como às outras, responderei, senhor presidente, mas em sua vez.

— Sua idade? — repetiu o magistrado.

— Tenho vinte e um anos, ou melhor, só irei completá-los dentro de alguns dias, já que nasci na noite de 27 para 28 de setembro de 1817.

O senhor de Villefort, que estava fazendo anotações, ergueu a cabeça ao ouvir essa data.

— Onde nasceu? — continuou o presidente.

— Em Auteuil, perto de Paris — respondeu Benedito.

O senhor de Villefort voltou a erguer a cabeça, olhou Benedito como se olhasse a cabeça de Medusa e ficou lívido.

Quanto a Benedito, passou graciosamente pelos lábios a ponta bordada de um lenço de fina cambraia.

— Sua profissão? — perguntou o presidente.

— Primeiro, fui falsário — disse Andrea com a maior tranquilidade do mundo. — Depois me tornei ladrão e, muito recentemente, me tornei assassino.

Um murmúrio — ou melhor, uma tempestade de indignação e de surpresa — explodiu em todos os cantos da sala; os próprios juízes olharam-se estupefatos; os jurados manifestaram a maior repulsa àquele cinismo, inesperado da parte de um homem elegante.

O senhor de Villefort levou a mão à testa, que, antes pálida, tornara-se vermelha e febril; de repente ergueu-se olhando ao redor como alguém alucinado: sentia falta de ar.

— Está procurando alguma coisa, senhor procurador do rei? — perguntou Benedito com o seu mais amável sorriso.

O senhor de Villefort nada respondeu e voltou a sentar-se — ou melhor, voltou a cair em sua cadeira.

— E agora, réu, consente em dizer o seu nome? — indagou o presidente. — A brutal afetação com que enumerou os seus diversos crimes, que qualificou de profissão, e a espécie de ponto de honra que lhes atribui, algo que, em nome da moral e do respeito à humanidade, a corte deve censurar-lhe severamente, são talvez a razão que o leva a postergar o seu nome: deseja emoldurar esse nome nos títulos que o precedem.

— Incrível, senhor presidente — disse Benedito no tom de voz mais gracioso, com as maneiras mais polidas —, como o senhor leu bem no fundo de meu pensamento... Foi, com efeito, com essa intenção que lhe pedi que mudasse a ordem das perguntas.

O espanto atingira o seu auge; nas palavras do réu já não havia mais nem bravata nem cinismo: o auditório emocionado pressentia algum raio fulminante no fundo daquela nuvem sombria.

— Bem — disse o presidente —, seu nome?

— Não posso lhe dizer meu nome, pois não o sei... Mas sei o nome de meu pai, e posso lhe dizer.

Doloroso deslumbramento cegou Villefort: viram cair de seu rosto gotas de suor ácidas e apressadas sobre os papéis que ele remexia com mão convulsa e transtornada.

— Diga então o nome de seu pai — continuou o presidente.

Nenhum sopro, nenhuma respiração, perturbavam o silêncio daquela imensa assembleia; todos esperavam.

— Meu pai é o procurador do rei — respondeu tranquilamente Andrea.

— Procurador do rei?! — exclamou estupefato o presidente, sem notar a perturbação que transfigurava a fisionomia de Villefort. — Procurador do rei?!

— Sim, e, já que desejam saber seu nome, vou lhes dizer: ele se chama de Villefort!

A explosão por tanto tempo contida pelo respeito que no tribunal se mostra à justiça irrompeu como trovão do fundo de todos os peitos; a própria corte nem pensou em reprimir esse impulso da multidão. As interjeições e injúrias dirigidas a Bedito, que permanecia impassível, os gestos enérgicos, os movimentos dos guardas, o riso de escárnio daquela lama que, em toda multidão, sobe à superfície nos momentos de perturbação e escândalo, tudo isso durou cinco minutos, até que os magistrados e os oficiais de justiça conseguissem restabelecer o silêncio.

Em meio a todo esse barulho, ouvia-se a voz do presidente, que exclamava: — Estaria zombando da justiça, réu, e ousaria oferecer a seus concidadãos o espetáculo de uma corrupção que, numa época que todavia nada deixa a desejar neste aspecto, nunca teve igual?

Dez pessoas acorreram ao senhor procurador do rei, quase fulminado em sua cadeira, e ofereceram-lhe consolações, encorajamentos, protestos de apoio e de simpatia.

A calma se restabelecera na sala, salvo num canto onde um grupo bastante numeroso se agitava e cochichava.

Diziam que em meio ao grupo uma mulher acabara de desmaiar; fizeram-na respirar saís: ela voltava a si.

Durante todo esse tumulto, Andrea voltara o rosto sorridente para o público; então, apoiando finalmente uma mão no braço de carvalho do banco, na mais graciosa atitude: — Senhores — disse ele —, Deus me livre de insultar a corte e, na presença deste respeitável público, provocar um escândalo inútil. Perguntaram a minha idade, eu respondi... Perguntaram onde nasci, respondi... Perguntaram meu nome, não pude dizer, pois meus pais me abandonaram. Mas sem dizer meu nome, já que não tenho nome, posso muito bem dizer o nome de meu pai: ora, repito, meu pai se chama senhor de Villefort, e posso prová-lo.

Havia no tom do jovem uma certeza, uma convicção e uma energia que reduziram o tumulto ao silêncio. Por um momento, os

olhares dirigiram-se ao procurador do rei, que mantinha em sua cadeira a imobilidade de um homem fulminado pelo raio.

— Senhores — continuou Andrea, impondo silêncio com o gesto e com a voz —, eu lhes devo a prova e a explicação de minhas palavras.

— Mas — exclamou o presidente do tribunal, irritado — no interrogatório o senhor declarou que se chamava Benedito, disse ser órfão, disse que a Córsega era sua pátria.

— No interrogatório, eu disse o que me convinha dizer no interrogatório, pois não queria que enfraquecessem ou eliminassem, o que inevitavelmente aconteceria, a solene repercussão que eu queria dar às minhas palavras.

“Agora, repito, nasci em Auteuil, na noite de 27 para 28 de setembro de 1817, e sou filho do senhor de Villefort, procurador do rei. Agora, querem os detalhes? Vou fornecê-los.

“Eu nasci no primeiro andar da casa número 28, na rua de La Fontaine, num quarto forrado de damasco vermelho. O meu pai me pegou nos braços dizendo à minha mãe que eu estava morto, envolveu-me numa toalha marcada com um H e um N e levou-me para o jardim, onde me enterrou vivo.”

A comoção percorreu todos os presentes quando viram que a segurança do réu crescia com o terror do senhor de Villefort.

— Mas como sabe de todos esses detalhes? — perguntou o presidente.

— Vou lhe dizer, senhor presidente... No jardim onde meu pai acabara de me enterrar, introduzira-se, naquela mesma noite, um homem que o odiava mortalmente e havia muito tempo o espionava para cumprir a vingança corsa. O homem estava escondido entre as árvores; viu o meu pai enterrar um cofre e deu-lhe uma facada enquanto ele enterrava; depois, julgando que o cofre fosse algum tesouro, abriu a cova e me encontrou ainda vivo. Esse homem me levou para o Asilo das Crianças Abandonadas, onde fui inscrito com o número 57. Três meses depois, a cunhada dele fez a viagem de Rogliano a Paris para ir me buscar, reclamou-me como filho e me levou.

“Assim, embora nascido em Auteuil, fui criado na Córsega.”

Houve um instante de silêncio, mas de um silêncio tão profundo que, não fosse a ansiedade que mil peitos pareciam respirar, julgarse-ia que a sala estivesse vazia.

— Continue — disse a voz do presidente.

— Certamente — continuou Benedito —, eu poderia vir a ser feliz na casa dessa brava gente que me adorava... Mas minha natureza perversa prevaleceu sobre todas as virtudes que minha mãe adotiva tentava derramar em meu coração. Cresci no mal e cheguei ao crime. Um dia, enfim, quando eu amaldiçoava a Deus por me ter feito tão perverso e por me ter dado um destino tão terrível, meu pai adotivo veio me dizer: “— Não blasfeme, infeliz, pois Deus lhe deu a vida sem cólera! O crime vem de seu pai, e não de você... De seu pai que o destinou ao inferno, se você morresse, ou à miséria, se um milagre o devolvesse à vida!

“Desde então, parei de blasfemar contra Deus, mas amaldiçoei o meu pai... Por isso pronunciei aqui as palavras que me censurou, senhor presidente... Por isso provoquei o escândalo que ainda faz os presentes tremerem. Se tratar-se de mais um crime, castigue-me... Mas se o convenci de que, desde o dia em que nasci, meu destino era fatal, doloroso, amargo, lamentável, tenha piedade de mim!”

— Mas e a sua mãe? — perguntou o senhor presidente.

— Minha mãe me julgava morto... Minha mãe não tem culpa nenhuma. Não quis saber o nome de minha mãe... Não a conheço.

Nesse momento, um grito agudo, que terminou em soluço, ecoou no meio do grupo que, como dissemos, rodeava uma mulher.

Essa mulher sofreu violento ataque dos nervos e foi retirada do tribunal; enquanto a retiravam, o espesso véu que escondia seu rosto afastou-se: reconheceram a senhora Danglars.

Apesar do esgotamento de seus nervos, apesar do zumbido que castigava seus ouvidos, apesar da espécie de loucura que perturbava seu cérebro, Villefort reconheceu-a e levantou-se.

— As provas?! As provas?! — exclamou o presidente. — Réu, lembre-se de que essa teia de horrores precisa apoiar-se nas provas mais evidentes.

— As provas?! — exclamou Benedito, rindo. — Quer provas?!

— Sim.

— Bem, então olhe para o senhor de Villefort e peça-me provas...

Todos se voltaram para o procurador do rei, que, sob o peso dos mil olhares voltados para ele, avançou até a cerca do tribunal cambaleando, com os cabelos em desordem, com o rosto ferido pela pressão das unhas.

Toda a assembleia emitiu um longo murmúrio de espanto.

— Pedem-me provas, meu pai — disse Benedito —, quer que eu as apresente?

— Não, não! — balbuciou o senhor de Villefort em voz estrangulada. — Não, é inútil.

— Como, inútil? — exclamou o presidente. — Mas o que quer dizer?

— Quero dizer — exclamou o procurador do rei — que me debateria em vão sob o abraço mortal que me esmaga, senhores... Reconheço que estou nas mãos do Deus vingador. Nada de provas! Não é preciso: tudo o que esse jovem acaba de dizer é verdade!

Um silêncio sombrio e pesado, como o que precede as catástrofes da natureza, envolveu em seu manto de chumbo todos os presentes, que já estavam de cabelo em pé.

— O quê, senhor de Villefort? — exclamou o presidente. — Não estaria cedendo a uma alucinação? O quê? Estaria gozando da plenitude de suas faculdades? Compreender-se-ia que uma acusação tão estranha, tão imprevista, tão terrível, tenha perturbado o seu espírito... Vamos, controle-se.

O procurador do rei abanou a cabeça. Os seus dentes tiritavam com violência, como os de um homem devorado pela febre, mas ele exibia uma palidez mortal.

— Gozo da plenitude de minhas faculdades, senhor — disse ele. — Só o corpo sofre, o que é compreensível. Reconheço-me culpado de tudo o que esse jovem acaba de me acusar, e desde já me coloco à disposição do novo procurador do rei, meu sucessor.

E ao pronunciar essas palavras, em voz surda e quase sufocada, o senhor de Villefort dirigiu-se cambaleando à porta, que o oficial de justiça abriu-lhe com gesto maquinal.

Toda a sala permanecia muda e consternada ante aquela revelação e aquela confissão que davam desfecho tão cruel às diversas peripécias que nos últimos quinze dias agitavam a alta sociedade parisiense.

— Bem — exclamou Beauchamp —, que agora venham me dizer que o drama não existe na natureza!

— Palavra — disse Château-Renaud —, eu ainda preferiria terminar como o senhor de Morcerf: um tiro de pistola parece suave perto de tamanha catástrofe.

— E afinal mata — disse Beauchamp.

— E eu que por um momento pensei em me casar com a filha dele! — exclamou Debray. — Ainda bem que ela morreu, meu Deus, pobre menina!

— O julgamento está suspenso, senhores — disse o presidente —, e a causa adiada para a próxima sessão. O caso deve ser instruído novamente e confiado a outro magistrado.

Quanto a Andrea, com a mesma tranquilidade — mas muito mais interessante —, deixou a sala escoltado pelos guardas, que involuntariamente o tratavam com respeito.

— Bem, então o que acha disso, meu bravo homem? — perguntou Debray ao policial, colocando um luís em sua mão.

— Haverá circunstâncias atenuantes — respondeu o policial.

CXII. EXPIAÇÃO

O senhor de Villefort vira abrirem-se diante dele as alas da multidão, embora ela fosse bastante compacta. As grandes dores são de tal maneira veneráveis que, mesmo nos tempos mais infelizes, não há exemplo de que a primeira reação da multidão reunida não tenha sido uma reação de simpatia diante de uma grande catástrofe. Muitas pessoas odiadas foram assassinadas em motins; mas raramente um infeliz, mesmo que criminoso, foi insultado por homens que assistiam à sua condenação à morte.

Villefort atravessou então as fileiras de espectadores, guardas e funcionários do palácio, e afastou-se, reconhecido culpado pela sua

própria confissão, mas protegido pela sua dor.

Há situações que os homens compreendem por instinto, mas não conseguem explicar pela inteligência; nesses casos, o maior poeta é aquele que solta o grito mais veemente e mais natural. A multidão compreende esse grito como um relato coerente e tem razão em contentar-se com esse grito, e mais razão ainda em achá-lo sublime, quando verdadeiro.

Aliás, seria difícil exprimir o estado de estupor em que se encontrava Villefort ao sair do tribunal, descrever aquela febre que fazia pulsar cada artéria, retesando cada fibra, inchando e quase arrebetando cada veia, dissecando cada poro do corpo mortal em milhões de sofrimentos.

Villefort arrastou-se através dos corredores guiado apenas pelo hábito; tirou dos ombros a toga magistral, não por pensar em deixá-la por conveniência, mas por pesar em seus ombros como um fardo esmagador, como uma túnica de Nesso fecunda em torturas.

Chegou cambaleante ao pátio de Harlay, viu sua carruagem, despertou o cocheiro abrindo-a pessoalmente e deixou-se cair nas almofadas, indicando com o dedo a direção do subúrbio Saint-Honoré.

O cocheiro partiu.

Todo o peso de sua fortuna em ruínas acabava de desmoronar sobre a sua cabeça: esse peso o esmagava e ele desconhecia as consequências; não as estimara: sentia-as; não se lembrava das penas de seu código como um frio assassino a comentar um artigo conhecido.

Tinha Deus no fundo de seu coração.

— Deus! — murmurava sem mesmo saber o que dizia. — Deus! Deus!

Não via senão a Deus por trás do desmoronamento que acabava de se produzir.

A carruagem deslizava velozmente; sacudindo nas almofadas, Villefort sentiu algo pressioná-lo.

Levou a mão ao objeto: era um leque esquecido pela senhora de Villefort entre a almofada e o encosto da carruagem; esse leque

despertou uma lembrança, e tal lembrança foi um relâmpago no meio da noite.

Villefort pensou em sua mulher...

— Oh — exclamou, como se ferro em brasa atravessasse seu coração.

De fato, fazia uma hora, só tinha diante dos olhos uma face de sua miséria, e então de repente outra face — não menos terrível — apresentava-se a seu espírito.

Acabava de bancar o juiz inexorável diante daquela mulher — acabava de condená-la à morte; e ela, assaltada pelo terror, esmagada pelo remorso, abismada pela vergonha que ele acabava de lhe provocar com a eloquência de sua virtude irrepreensível, ela, pobre mulher frágil e sem defesa ante um poder absoluto e supremo, ela talvez estivesse preparando-se para morrer naquele exato momento!

Já se passara uma hora desde a sua condenação; nesse momento certamente ela repassava na memória todos os seus crimes, pedia perdão a Deus, escrevia uma carta implorando de joelhos perdão a seu virtuoso marido, perdão que ela comprava com sua morte.

Villefort deu um segundo rugido de dor e de raiva.

— Ah — exclamou, rolando sobre o cetim da carruagem —, aquela mulher só se tornou criminosa porque me tocou... Eu transpiro o crime, eu! E ela pegou o crime como quem pega tifo, como quem pega cólera, como quem pega peste, e eu a puni!... Ousei lhe dizer: “Arrependa-se e morra”... Eu! Oh, não, não! Ela vai viver... Ela vai me acompanhar... Vamos fugir, deixar a França, seguir adiante enquanto a terra puder nos levar. E eu lhe falava em cadafalso!... Meu Deus! Como ousei pronunciar essa palavra? Mas, a mim também, o cadafalso espera!... Vamos fugir... Sim, vou me confessar a ela; sim, todo dia eu lhe direi, humilhando-me, que eu também cometi um crime... Oh, aliança do tigre com a serpente! Oh, digna mulher de um marido igual a mim!... É preciso que ela viva, é preciso que a minha infâmia faça a dela empalidecer!

E, em vez de descê-lo, Villefort quebrou o vidro dianteiro de sua carruagem.

— Rápido, mais rápido! — exclamou, em voz que levou o cocheiro a pular no assento.

Os cavalos, conduzidos pelo medo, voaram até sua casa.

— Sim, sim! — repetia Villefort, enquanto se aproximava de casa. — Sim, é preciso que aquela mulher viva, é preciso que ela se arrependa e crie o meu filho, o meu pobre filho, o meu único filho, ao lado do indestrutível velho, que sobreviveu à destruição da família. Ela o amava... Por ele fez tudo isso. Nunca se deve condenar o coração de uma mãe que ama o seu filho... Ela vai se arrepender: ninguém vai saber que ela era culpada... Os crimes cometidos em minha casa, e que o mundo já comenta, com o tempo serão esquecidos... Ou, se alguns inimigos se lembrarem, bem, então eles se juntarão à minha lista de crimes. Um, dois, três crimes a mais, que me importa! Minha mulher vai se salvar levando o ouro, levando principalmente meu filho, para longe do abismo onde me parece que o mundo vai cair comigo. Ela vai viver, ela ainda vai ser feliz, já que todo seu amor vai para seu filho, já que seu filho não vai abandoná-la. E terei feito uma boa ação, o que me alivia o coração.

E o procurador do rei respirou livremente, como havia muito tempo não respirava.

A carruagem parou no pátio do palácio.

Villefort pulou do estribo à escadaria; viu os criados surpresos por vê-lo voltar tão depressa. Nada mais leu em suas fisionomias; ninguém lhe dirigiu a palavra; apenas paravam diante dele, como de hábito, para deixá-lo passar — nada mais.

Passou em frente ao quarto de Noirtier e, pela porta entreaberta, viu talvez duas sombras, mas não se preocupou em saber quem estaria com seu pai: suas preocupações impeliavam-no adiante.

— Vamos — disse ele, subindo a escadinha que levava ao corredor dos aposentos de sua mulher e do quarto vazio de Valentine —, vamos, não há nada diferente aqui.

Antes de tudo, fechou a porta do corredor.

— Que ninguém nos perturbe — disse ele. — Quero falar à vontade, me acusar diante dela, dizer-lhe tudo...

Aproximou-se da porta, pôs a mão na maçaneta de cristal: a porta cedeu.

— Não está fechada! Oh, que bom! — murmurou.

E entrou na sala onde à noite armavam uma cama para Édouard: embora no internato, Édouard voltava todas as noites — sua mãe jamais queria separar-se dele.

Abraçou num olhar toda a sala.

— Ninguém — disse ele —, ela está em seu quarto, sem dúvida.

Correu para a porta.

Ela estava trancada.

Parou, tremendo.

— Héloïse! — gritou ele.

Pareceu-lhe ouvir um móvel se mover.

— Héloïse! — repetiu.

— Quem é? — perguntou a voz de quem ele chamava.

Pareceu-lhe que aquela voz estava mais fraca do que de costume.

— Abra, abra — exclamou Villefort —, sou eu!

Apesar da ordem, apesar do tom de angústia com que a dera, não abriram.

Villefort arrombou a porta com um pontapé.

À entrada do quarto que dava para sua alcova, a senhora de Villefort estava de pé, pálida, traços contraídos, olhando-o com olhos de uma fixidez aterradora.

— Héloïse! Héloïse! — exclamou. — O que tem? Fale!

A jovem senhora estendeu-lhe a mão tesa e lívida.

— Está feito, senhor — disse ela, num estertor que pareceu rasgar-lhe a garganta. — O que mais deseja de mim?

E desabou no tapete.

Villefort correu a ela, tomando-lhe a mão. Aquela mão apertava convulsivamente um frasco de cristal com tampa de ouro.

A senhora de Villefort estava morta.

Ébrio de terror, Villefort recuou até o limiar da porta e olhou o cadáver.

— Meu filho! — exclamou ele de repente. — Onde está meu filho? Édouard! Édouard!

E correu para fora do quarto, gritando: — Édouard! Édouard!

Esse nome era pronunciado com tal tom de angústia que os criados acorreram.

— Meu filho! Onde está meu filho? — perguntou Villefort. — Afastem o menino desta casa, não o deixem ver...

— O senhor Édouard não se encontra lá embaixo, senhor — respondeu o camareiro.

— Ele deve estar brincando no jardim... Vá ver: vá ver!

— Não, senhor... A senhora chamou seu filho há cerca de meia hora... O senhor Édouard entrou no quarto da senhora e não saiu mais.

Um suor gelado inundou a testa de Villefort, seus pés escorregaram na laje, suas ideias começaram a girar em sua cabeça como engrenagens desordenadas de um relógio quebrado.

— No quarto da senhora! — murmurou ele. — No quarto da senhora! — E voltou lentamente sobre os seus passos, enxugando a testa com uma mão e apoiando-se nas paredes com a outra.

Ao entrar no quarto, voltaria a ver o corpo da infeliz mulher.

Para chamar Édouard, teria de despertar os ecos daquele quarto transformado em sepultura: falar seria violar o silêncio do túmulo.

Villefort sentiu a língua paralisada em sua garganta.

— Édouard! Édouard! — balbuciou.

O menino não respondia: onde estaria o menino que, segundo os criados, entrara no quarto da mãe e não saíra mais?

Villefort deu um passo adiante.

O cadáver da senhora de Villefort jazia atravessado à porta da alcova onde necessariamente estaria Édouard; o cadáver parecia velar na soleira, com olhos fixos e abertos, com espantosa e misteriosa ironia nos lábios.

Atrás do cadáver, a portinhola aberta deixava ver parte da alcova, um piano vertical e a ponta de um sofá de cetim azul.

Villefort deu três ou quatro passos adiante e viu o filho deitado no sofá.

O menino dormia, certamente.

O infeliz teve um impulso de inexprimível alegria: um raio de pura luz descia ao inferno onde ele se debatia.

Só era preciso passar por cima do cadáver, entrar na alcova, pegar o filho nos braços e fugir com ele para longe, muito longe.

Villefort já não era mais aquele homem que sofisticada correção transformava em modelo de homem civilizado: era um tigre mortalmente ferido que estraçalha os dentes em seu último ataque.

Já não tinha mais medo de preconceitos, só tinha medo de fantasmas. Tomou impulso e saltou por cima do cadáver, como se tivesse de transpor um braseiro em chamas devoradoras.

Pegou o filho nos braços, apertando-o, sacudindo-o, chamando-o: o filho não respondeu. Colou os lábios ávidos em suas faces: suas faces estavam lívidas e geladas; apalpou seus membros enrijecidos; pôs a mão em seu coração: seu coração já não batia mais.

A criança estava morta.

Uma folha dobrada em quatro caiu do peito de Édouard.

Villefort, fulminado, deixou-se cair de joelhos; a criança escapou de seus braços inertes e rolou para o lado de sua mãe.

Villefort apanhou a folha: reconheceu a letra de sua mulher e percorreu-a avidamente.

Eis o conteúdo:

Sabe que eu era uma boa mãe, pois foi por meu filho que me tornei criminoso!
Uma boa mãe não parte sem o seu filho!

Villefort não podia acreditar em seus olhos; Villefort não podia acreditar em sua razão. Arrastou-se até o corpo de Édouard, que examinou mais uma vez, com a minuciosa atenção de uma leoa a observar o seu leãozinho morto.

Então um grito dilacerante escapou de seu peito: — Deus! — murmurou ele. — Sempre Deus!

Aquelas duas vítimas o aterravam; sentia-se dominado pelo horror daquela solidão povoada por dois cadáveres.

Pouco tempo antes, ele era amparado pela raiva, essa imensa faculdade dos homens fortes, e pelo desespero, essa suprema virtude da agonia, que levava os Titãs a escalarem os céus e Ajax a mostrar o seu punho aos deuses.

Villefort curvou a cabeça sob o peso de seus sofrimentos, levantou-se, sacudiu os cabelos úmidos de suor, eriçados de terror, e aquele que nunca tivera piedade de ninguém foi procurar o velho, o seu pai, para em sua fraqueza ter alguém a quem contar a sua desgraça, alguém ao lado de quem chorar.

Desceu a escada que já conhecemos e entrou no quarto de Noirtier.

Quando Villefort entrou, Noirtier parecia atento a escutar — tão afetuosamente quanto lhe permitia sua imobilidade — o abade Busoni, sempre calmo e frio, como de hábito.

Ao ver o abade, Villefort levou a mão à testa. O passado acorreu-lhe como uma daquelas ondas cuja fúria levanta mais espuma do que as outras ondas.

Lembrou-se da visita que fizera ao abade dois dias após o jantar em Auteuil e da visita que lhe fizera o abade no dia da morte de Valentine.

— O senhor aqui?! — exclamou. — Mas então o senhor só aparece para escoltar a morte?

Busoni aprumou-se; percebendo a alteração do rosto do magistrado, o brilho feroz em seus olhos, compreendeu ou julgou compreender que a cena do tribunal se consumara; ignorava o resto.

— Só vim uma vez, para rezar perante o corpo de sua filha — respondeu Busoni.

— E hoje, o que veio fazer?

— Vim lhe dizer que já me pagou suficientemente sua dívida... E que a partir deste momento vou rezar a Deus para que se contente, assim como eu.

— Meu Deus! — exclamou Villefort, recuando, com o terror em seu rosto. — Esta voz não é a voz do abade Busoni!

— Não.

O abade arrancou a falsa tonsura e sacudiu a cabeça: seus longos cabelos negros, deixando de ser comprimidos, caíram em seus ombros e emolduraram seu rosto viril.

— É o rosto do senhor de Monte-Cristo! — exclamou Villefort, com olhos desvairados.

— Ainda não é isso, senhor procurador do rei: procure melhor e mais longe.

— Essa voz! Essa voz! Onde foi que a ouvi pela primeira vez?

— O senhor a ouviu pela primeira vez em Marselha, há vinte e três anos, no dia de seu casamento com a senhorita de Saint-Méran. Procure em seus arquivos.

— O senhor não é Busoni? O senhor não é Monte-Cristo? Meu Deus, o senhor é aquele inimigo oculto, implacável, mortal! Fiz alguma coisa contra o senhor em Marselha, oh, pobre de mim!

— Sim, você tem razão, exatamente isso — disse o conde, cruzando os braços sobre o largo peito. — Procure! Procure!

— Mas o que foi que lhe fiz? — exclamou Villefort, cujo espírito já flutuava no limite em que se confundem a razão e a loucura, naquela névoa que já não é mais sonho e ainda não é despertar. — O que foi que lhe fiz? Diga! Fale!

— O senhor me condenou a uma morte lenta e terrível, o senhor matou o meu pai, o senhor me tirou o amor, com a liberdade, e a fortuna, com o amor!

— Quem é o senhor? Mas então quem é o senhor, meu Deus!

— Eu sou o fantasma de um infeliz que o senhor enterrou nas masmorras do castelo de If. Nesse espectro, enfim saído do túmulo, Deus colocou a máscara do conde de Monte-Cristo, cobrindo-o de ouro e diamantes, para que só hoje o senhor o reconhecesse.

— Ah, eu o reconheço, eu o reconheço! — exclamou o procurador do rei. — Você é...

— Eu sou Edmond Dantès!

— Você é Edmond Dantès?! — exclamou o procurador do rei, agarrando o conde pelo punho. — Então venha!

E arrastou-o pela escada; surpreso, Monte-Cristo seguiu-o, sem saber para onde o procurador real o levava, pressentindo mais uma catástrofe.

— Olhe, Edmond Dantès! — disse Villefort, mostrando ao conde o cadáver da esposa e o corpo do filho. — Olhe! Veja bem, não acha que já está bem vingado?!

Monte-Cristo empalideceu ante o terrível espetáculo; compreendeu que acabara de ultrapassar os direitos da vingança;

compreendeu que já não poderia mais dizer: — Deus está comigo e do meu lado.

Jogou-se com sentimento de inexprimível angústia sobre o corpo da criança, abriu os seus olhos, apalpou o seu pulso e correu com ela ao quarto de Valentine, trancando-o com duas voltas na chave.

— Meu filho! — exclamou Villefort. — Ele está levando o cadáver de meu filho! Oh, maldição! Desgraça! Morte a ti!

E quis correr atrás de Monte-Cristo, mas, como em sonho, sentiu seus pés criarem raízes, seus olhos se projetarem para além das órbitas, seus dedos se curvarem contra a carne de seu peito e cravarem-se gradualmente, até que o sangue avermelhasse as suas unhas, as veias de suas têmporas se enchessem de espíritos inquietos a levantar a abóbada muito estreita de seu crânio e mergulhar o seu cérebro num dilúvio de fogo.

Tal imobilidade durou alguns minutos, até que terrível perturbação da razão se consumasse.

Então ele deu um grande grito, seguido de longa gargalhada, e precipitou-se pelas escadas.

Um quarto de hora depois, o quarto de Valentine se abriu e o conde de Monte-Cristo reapareceu.

Pálido, olhar sombrio, peito oprimido, todos os traços daquele rosto habitualmente tão calmo, tão nobre, eram perturbados pela dor.

Ele segurava nos braços a criança — nenhum socorro pudera devolvê-la à vida.

Ele ajoelhou-se e depositou-a religiosamente ao lado da mãe, pousando sua cabeça no peito materno.

Depois, levantando-se, saiu e, encontrando um criado na escada, perguntou: — Onde está o senhor de Villefort?

O criado, sem lhe responder, estendeu a mão na direção do jardim.

Monte-Cristo desceu a escadaria, encaminhou-se ao jardim e viu, entre os criados a cercá-lo, Villefort, com uma enxada na mão, escavando a terra com uma espécie de fúria.

— Mas ainda não é bem aqui — dizia ele —, não é bem aqui.

E continuava a cavar.

Monte-Cristo aproximou-se dele e, em voz baixa: — Senhor — disselhe em tom quase humilde —, o senhor perdeu um filho, mas...

Villefort interrompeu-o; não escutara nem compreendera.

— Oh, eu vou encontrá-lo! — exclamou ele. — Não venha me dizer que ele não está aqui, eu vou encontrá-lo, nem que tenha de procurá-lo até o dia do juízo final.

Monte-Cristo recuou aterrado.

— Oh — exclamou —, ele está louco!

E, como se temesse que as paredes da casa maldita desabassem sobre ele, correu para a rua, pela primeira vez duvidando que tivesse o direito de fazer o que fizera.

— Oh, já basta, já é o bastante — exclamou —, salvemos o último.

Ao voltar para casa, Monte-Cristo encontrou Morrel, que passeava pelo palácio dos Campos Elíseos, silencioso como uma sombra a esperar o momento fixado por Deus para regressar a seu túmulo.

— Prepare-se, Maximilien — disse ele sorrindo —, vamos deixar Paris amanhã.

— O senhor não tem mais nada a fazer aqui? — perguntou Morrel.

— Não — respondeu Monte-Cristo —, e queira Deus que eu já não tenha feito demais.

CXIII. A PARTIDA Os recentes acontecimentos preocupavam toda Paris. Emmanuel e sua esposa os comentavam, com surpresa muito natural, no pequeno salão da rua Meslay; comparavam as três catástrofes, tão repentinas quanto inesperadas, de Morcerf, Danglars e Villefort.

Maximilien, que viera visitá-los, escutava-os — ou melhor, assistia à conversa — mergulhado em sua habitual indiferença.

— Na verdade — dizia Julie —, não parece, Emmanuel, que essas pessoas tão ricas, tão felizes até ontem, se esqueceram, no cálculo em que se baseia sua fortuna, sua felicidade e seu prestígio, da parte do gênio mau, e o gênio, como as fadas perversas dos contos de Perrault que se esqueceram de convidar para um casamento ou um batismo, apareceu de repente para vingar-se desse fatal esquecimento?

— Quantos desastres! — dizia Emmanuel, pensando em Morcerf e Danglars.

— Quanto sofrimento! — dizia Julie, pensando em Valentine, que por instinto feminino não queria mencionar diante do irmão.

— Se foi Deus que os castigou — dizia Emmanuel —, foi porque Deus, que é a suprema bondade, nada encontrou no passado dessas pessoas que merecesse a atenuação da pena; foi porque essas pessoas eram malditas.

— Não estaria sendo temerário demais em seu julgamento, Emmanuel? — perguntou Julie. — Quando meu pai, de pistola em punho, estava prestes a estourar os miolos, se alguém dissesse, como você disse agora: “Esse homem mereceu a sua pena”, esse alguém não estaria enganado?

— Sim, mas Deus não permitiu que seu pai perecesse, assim como não permitiu que Abraão sacrificasse o seu filho... Ao patriarca, como a nós, ele enviou um anjo que no meio do caminho cortou as asas da morte.

Emmanuel mal acabara de pronunciar essas palavras e a sineta tocou.

Era o sinal dado pelo porteiro de que estava chegando uma visita.

Quase no mesmo instante, a porta do salão se abriu e o conde de Monte-Cristo apareceu no limiar.

Os dois jovens deram um grito de alegria.

Maximilien ergueu a cabeça e voltou a baixá-la.

— Maximilien — disse o conde, sem parecer notar as diferentes impressões que a sua presença provocava nos anfitriões —, vim buscá-lo.

— Buscar-me? — disse Morrel, como a sair de um sonho.

— Sim — disse Monte-Cristo —, não combinamos que o levaria, ontem não o avisei para que esperasse pronto?

— Aqui estou — disse Maximilien —, só vim me despedir.

— E para onde vai, senhor conde? — perguntou Julie.

— Primeiro, para Marselha, senhora.

— Para Marselha? — repetiram juntos os dois jovens.

— Sim, e levo o seu irmão.

— Ai, senhor conde — disse Julie —, devolva-o a nós curado!

Morrel virou-se para esconder intenso rubor.

— Então perceberam que ele estava mal? — perguntou o conde.

— Sim — respondeu a jovem —, e receio que esteja se entediando conosco.

— Vou distraí-lo — replicou o conde.

— Estou pronto, senhor — disse Maximilien. — Adeus, meus bons amigos... Adeus, Emmanuel... Adeus, Julie!

— Como assim, adeus? — exclamou Julie. — Vai partir assim tão de repente, sem preparativos, sem passaporte?

— São as delongas que redobram a dor das separações — disse Monte-Cristo —, e Maximilien, tenho certeza, já deve ter tomado todas as providências, como lhe recomendei...

— Estou com meu passaporte, e minhas malas estão prontas — disse Morrel, com sua tranquilidade indiferente.

— Muito bem — disse Monte-Cristo, sorrindo —, reconheço a prontidão do bom soldado.

— E vocês vão nos deixar assim, imediatamente? — perguntou Julie. — Não nos concedem nem um dia, nem uma hora?

— A minha carruagem espera à porta, senhora... Preciso chegar a Roma dentro de cinco dias.

— Mas Maximilien não vai a Roma! — exclamou Emmanuel.

— Vou onde o conde quiser me levar — disse Morrel, com sorriso triste. — Pertença a ele por um mês ainda.

— Oh, meu Deus, como ele diz isso, senhor conde...

— Maximilien me acompanha — disse o conde com a sua convincente afabilidade —, pode ficar tranquila quanto ao seu irmão.

— Adeus, irmã! — exclamou Morrel. — Adeus, Emmanuel...

— Sua indiferença me parte o coração — disse Julie. — Oh, Maximilien, Maximilien, você está nos escondendo alguma coisa...

— Ora — disse Monte-Cristo —, logo vão vê-lo voltar alegre, risonho e feliz...

Maximilien lançou a Monte-Cristo um olhar quase desdenhoso, quase irritado.

— Vamos partir! — disse o conde.

— Antes de partir, senhor conde — disse Julie —, permita-me lhe dizer tudo o que outro dia...

— Senhora — interrompeu o conde, tomando-lhe as mãos —, tudo o que pudesse me dizer nunca valeria o que leio em seus olhos, o que seu coração sente, o que meu coração compreende. Como os heróis de romances, eu deveria ter partido sem me despedir... Mas esta virtude estava acima de minhas forças, pois sou um homem fraco e vaidoso, pois o olhar úmido, alegre e terno de meus semelhantes me faz bem. Agora vou partir, e em meu egoísmo chego a lhes dizer: “Não se esqueçam de mim, meus amigos, pois provavelmente nunca mais me verão”.

— Nunca mais o veremos?! — exclamou Emmanuel, enquanto duas grandes lágrimas rolavam pelas faces de Julie. — Nunca mais o veremos?! Mas então não é um homem, é um deus que nos deixa, e este deus vai subir aos céus depois de aparecer aqui na terra para fazer o bem!

— Não diga isso! — exclamou Monte-Cristo. — Nunca digam isso, meus amigos... Os deuses nunca fazem o mal, os deuses se detêm onde querem se deter, o acaso não é mais forte do que eles, mas são eles, pelo contrário, que controlam o acaso. Não, eu sou um homem, Emmanuel, e sua admiração é tão injusta quanto suas palavras são sacrilégios.

E, beijando a mão de Julie, que se precipitou a seus braços, estendeu a outra mão a Emmanuel; depois, arrancando-se daquela casa, doce ninho onde a felicidade era a anfitriã, fez sinal para Maximilien segui-lo, e o jovem seguiu-o passivo, insensível, consternado como estava desde a morte de Valentine.

— Devolva a alegria a meu irmão! — murmurou Julie ao ouvido de Monte-Cristo.

Monte-Cristo apertou-lhe a mão como a apertara onze anos atrás na escada do gabinete do velho Morrel.

— Continua confiando em Simbad, o Marujo? — perguntou ele, sorrindo.

— Oh, sim!

— Bem, então durma na paz e na confiança do Senhor.

Como dissemos, a carruagem esperava: quatro cavalos vigorosos agitavam as suas crinas e batiam os cascos com impaciência.

Ao pé da escada, Ali esperava, com o rosto a brilhar de suor; parecia estar chegando de longa corrida.

— Bem — perguntou-lhe o conde em árabe —, esteve na casa do velho?

Ali fez sinal que sim.

— E desdobrou a carta diante de seus olhos, como mandei?

— Sim — repetiu respeitosamente o escravo.

— E o que ele disse?, ou melhor, o que ele fez?

Ali colocou-se à luz, de maneira que seu amo pudesse vê-lo, e, imitando com sua inteligência tão devotada a fisionomia do velho, fechou os olhos como fazia Noirtier quando queria dizer: “Sim”.

— Bem, ele aceita... — disse Monte-Cristo. — Vamos partir!

Mal pronunciara essa frase, a carruagem já rodava, os cavalos já arrancavam do calçamento uma poeira de centelhas.

Maximilien acomodou-se em seu canto sem dizer palavra.

Meia hora se passou; a carruagem parou de repente: o conde acabara de puxar o cordão de seda correspondente ao dedo de Ali.

O núbio desceu e abriu a portinhola.

A noite cintilava de estrelas. Estavam no cume da encosta de Villejuif, no alto de onde Paris, como um mar sombrio, agita os seus milhões de luzes que parecem ondas fosforescentes, ondas de verdade, ondas mais ruidosas, mais apaixonadas, mais movimentadas, mais furiosas, mais ávidas do que as ondas do Oceano irritado, ondas que não conhecem a calma, como as do vasto mar, ondas que não param de se chocar, de espumar, de tragar!...

O conde ficou só e, a um sinal de sua mão, a carruagem avançou alguns passos.

Então, de braços cruzados, contemplou por muito tempo aquele forno aonde vinham fundir-se, contorcer-se e se modelar todas aquelas ideias que se lançam do abismo fervilhante para irem agitar o mundo. A seguir, depois de concentrar o seu poderoso olhar naquela Babilônia que faz sonhar os poetas religiosos, bem como os irônicos materialistas: — Grande cidade! — murmurou ele, inclinando a cabeça e juntando as mãos, como se rezasse. — Há menos de seis meses atravessei as tuas portas. Acho que foi o espírito de Deus que me trouxe a ti e me leva de volta triunfante; o segredo de minha presença dentro de tuas muralhas, confiei-o a Deus, o único que podia ler em meu coração; só ele sabe que me retiro sem ódio e sem orgulho, mas não sem pesar; só ele sabe que não fiz uso, nem por mim nem por causas vãs, do poder que ele me atribuiu. Oh, grande cidade! Foi em teu seio palpitante que encontrei o que procurava; minerador paciente, revirei as tuas entranhas para delas fazer sair o mal; agora a minha obra está concluída, a minha missão está terminada; agora já não podes mais oferecer-me nem alegrias nem dores, adeus! Adeus, Paris!

O seu olhar, como o de um gênio noturno, ainda passeou pela vasta planície; depois, passando a mão na testa, ele subiu à carruagem, que logo se fechou e desapareceu do outro lado da colina em meio a um turbilhão de poeira e barulho.

Percorreram mais dez léguas sem pronunciar uma palavra. Morrel sonhava: Monte-Cristo observava-o sonhar.

— Morrel — disselhe o conde —, está arrependido de ter vindo comigo?

— Não, senhor conde... Mas deixar Paris...

— Se eu achasse que a felicidade o esperaria em Paris, Morrel, não o teria trazido.

— É em Paris que Valentine repousa, e deixar Paris é perdê-la pela segunda vez.

— Maximilien — disse o conde —, os amigos que perdemos não repousam na terra, enterram-se em nosso coração, e foi Deus que assim quis, para que sempre nos acompanhassem. Tenho dois

amigos que sempre me acompanham assim: um é aquele que me deu a vida, outro é aquele que me deu a inteligência. Os espíritos de ambos vivem em mim. Consulto-os na dúvida e, se fiz algum bem, devo-o a seus conselhos. Consulte a voz de seu coração, Morrel, e pergunte-lhe se deve continuar a me fazer essa cara feia.

— Meu amigo — disse Maximilien —, a voz de meu coração é bem triste e só me promete desgraças.

— É próprio dos espíritos enfraquecidos ver todas as coisas através do luto... É a alma que cria os seus próprios horizontes: sua alma está sombria, é ela que lhe cria um céu tempestuoso.

— Talvez seja verdade — disse Maximilien.

E voltou ao seu devaneio.

A viagem transcorreu com a maravilhosa rapidez característica do conde: as cidades passavam como sombras à beira da estrada; as árvores agitadas pelos primeiros ventos de outono pareciam vir ao encontro deles como gigantes descabelados, fugindo rapidamente quando as alcançavam. Na manhã seguinte, chegaram a Chalon, onde o barco a vapor do conde os esperava; sem perder um instante, a carruagem foi levada a bordo; os dois viajantes embarcaram.

O barco era talhado para a corrida: parecia uma canoa indígena; suas duas rodas pareciam duas asas a rasgar a água como uma ave migratória; o próprio Morrel sentia aquela espécie de embriaguez da velocidade e às vezes o vento a agitar seus cabelos parecia por instantes pronto a dissipar as nuvens a pairar sobre sua cabeça.

Quanto ao conde, à medida que se afastava de Paris, uma serenidade quase sobre-humana parecia envolvê-lo como uma auréola. Ele parecia um exilado voltando à sua pátria.

Em breve, Marselha, branca, quente, viva; Marselha, a irmã caçula de Tiro e Cartago, sucedendo-as no domínio do Mediterrâneo; Marselha, cada dia mais jovem à medida que envelhece, surgiu diante de seus olhos. Para ambos, eram imagens impregnadas de lembranças a torre redonda, o forte São Nicolau, a prefeitura de Puget, o porto com cais de tijolos onde ambos brincavam na infância.

Assim, de comum acordo, detiveram-se na Canebière.

Um navio partia para Argel; os fardos e passageiros a abarrotarem o convés, a multidão de parentes e amigos a se despedir, a gritar e chorar, espetáculo sempre comovente mesmo para aqueles que todo dia o assistem, todo aquele movimento não distraiu Maximilien de uma ideia que o dominara quando pusera os pés nas grandes pedras do cais.

— Olhe — disse ele, tomando o braço de Monte-Cristo —, foi daqui que meu pai assistiu à entrada do Faraó no porto... Foi aqui que o bravo homem que o senhor salvou da morte e da desonra se atirou a meus braços... Ainda sinto a impressão de suas lágrimas em meu rosto, e ele não chorava sozinho, muita gente também chorava ao nos ver.

Monte-Cristo sorriu.

— Eu estava ali — disse ele, apontando a Morrel a esquina de uma rua.

Ao dizer isso, na direção indicada pelo conde ouviu-se doloroso gemido e viu-se uma mulher fazer sinal a um passageiro do navio que partia. A mulher estava de véu; Monte-Cristo seguiu-a com os olhos, com uma emoção que Morrel facilmente notaria se, ao contrário do conde, seus olhos não estivessem fixos no navio.

— Oh, meu Deus! — exclamou Morrel. — Eu não me engano! Aquele jovem a acenar o chapéu, aquele jovem de uniforme, é Albert de Morcerf!

— Sim — disse Monte-Cristo —, já o tinha reconhecido.

— Como assim, se estava olhando para o lado oposto?

O conde sorriu, como costumava fazer quando não queria responder.

E os seus olhos se dirigiram à mulher de véu, que desapareceu na esquina.

Então ele se voltou.

— Meu caro amigo — disse ele a Maximilien —, não tem algo a fazer nesta terra?

— Tenho de ir chorar no túmulo de meu pai — respondeu surdamente Morrel.

— Está bem, vá e me espere lá... Vou encontrá-lo.

— Vai me deixar?

— Sim... Eu também tenho uma piedosa visita a fazer.

Morrel deixou sua mão cair na mão que o conde lhe estendia; depois, com um aceno de cabeça, com melancolia impossível de exprimir, deixou o conde e dirigiu-se para o leste da cidade.

Monte-Cristo deixou Maximilien se afastar, permanecendo no mesmo lugar até ele desaparecer; então se encaminhou às alamedas de Meilhan, a fim de encontrar a casinha que o começo desta história já deve ter familiarizado aos nossos leitores.

Essa casa ainda estava de pé, à sombra da grande alameda de tílias que serve de passeio aos marselheses ociosos, coberta por vastas cortinas de parreiras que confundiam, sobre a pedra amarelada pelo ardente sol do Sul, os seus braços enegrecidos e aparados pela idade. Dois degraus de pedra, gastos pelo atrito dos pés, conduziam à porta de entrada, porta feita de três tábuas que nunca, apesar de suas separações anuais, tinham conhecido o verniz e a pintura, esperando pacientemente que a umidade voltasse a aproximá-las.

Aquela casa, tão encantadora apesar de sua antiguidade, tão alegre apesar de sua aparente miséria, era exatamente a mesma onde outrora morava Dantès pai. Mas o velho morava na mansarda, e o conde pusera o prédio inteiro à disposição de Mercedes.

Foi ali que entrou a mulher de longo véu que Monte-Cristo vira afastar-se do navio que partia: ela fechava a porta no exato momento em que ele aparecia à esquina, de maneira que o conde viu a mulher desaparecer assim que a avistou.

Para ele, aqueles degraus gastos eram velhos conhecidos; sabia melhor do que ninguém abrir aquela velha porta: um prego de cabeça larga erguia a lingueta interna.

Assim, entrou sem bater, sem avisar, como um amigo, como um morador.

Ao fim de uma alameda com piso de tijolos, abria-se um jardinzinho rico em calor, sol e luz — o mesmo jardim onde, no lugar indicado, Mercedes encontrara a quantia que a delicadeza do conde conservara por vinte e quatro anos; da soleira da porta da rua viam-se as primeiras árvores desse jardim.

Ao chegar à soleira, Monte-Cristo ouviu suspiros semelhantes a soluções: os suspiros guiaram seu olhar e, sob a abóbada do jasmineiro da Virgínia com densa folhagem e grandes flores púrpura, viu Mercedes sentada, inclinada, a chorar.

Ela erguera o véu e, sozinha diante do céu, escondendo o rosto com ambas as mãos, dava livre curso a suspiros e soluções por tanto tempo contidos pela presença do filho.

Monte-Cristo deu alguns passos adiante: a areia rangeu sob seus pés.

Mercedes ergueu a cabeça e deu um grito de terror ao ver um homem à sua frente.

— Senhora — disse o conde —, já não tenho o poder de oferecer-lhe a felicidade, mas ofereço-lhe o consolo: a senhora se dignaria a aceitá-lo como vindo de um amigo?

— Estou, de fato, muito infeliz — respondeu Mercedes —, sozinha no mundo... Só tinha o meu filho, e ele me deixou.

— E ele fez bem, senhora — replicou o conde —, ele é um nobre coração. Compreendeu que todo homem deve um tributo à pátria: uns, seus talentos; outros, suas forças... Estes, seus esforços; aqueles, o seu sangue. Ficando com a senhora, ele levaria a seu lado uma vida inútil, não se acostumaria a vê-la sofrer. Ficaria rancoroso por impotência. Mas ficará grande e forte lutando contra a adversidade, que ele transformará em fortuna. Deixe-o reconstruir o futuro de ambos, senhora... Ouso prometer-lhe que ele está em boas mãos.

— Oh — exclamou a pobre mulher, balançando tristemente a cabeça —, essa fortuna de que fala, do fundo da alma peço a Deus que lhe conceda, mas não a gozarei. Tantas coisas se partiram em mim e ao redor de mim que me sinto perto do túmulo. Fez bem, senhor conde, em me reaproximar do lugar onde fui tão feliz. É no lugar onde fomos felizes que devemos morrer.

— Infelizmente, senhora — disse Monte-Cristo —, todas as suas palavras caem amargas e calcinantes em meu coração, tanto mais amargas e calcinantes quanto a senhora tem razão em me odiar; fui eu que causei todos os seus males; por que não me lamenta em vez de me acusar? A senhora me faria ainda muito mais infeliz...

— Odiar, acusar você, Edmond... Odiar, acusar o homem que salvou a vida de meu filho, pois era sua intenção fatal e sangrenta, não é verdade, matar o filho de quem o senhor de Morcerf tanto se orgulhava? Oh, olhe para mim e veja se há em mim a menor sombra de censura.

O conde ergueu os olhos e deteve-os em Mercedes, que, quase de pé, estendia as mãos a ele.

— Oh, olhe-me — continuou ela, com sentimento de profunda melancolia —, hoje é possível suportar o brilho de meus olhos, já não estamos mais no tempo em que eu vinha sorrir a Edmond Dantès, que me esperava ali em cima, na janela da mansarda onde morava o seu velho pai... Desde então, muitos dias dolorosos se passaram, cavando um abismo entre mim e aquela época. Acusá-lo, Edmond, odiá-lo, meu amigo, não! É a mim que acuso e odeio! Oh, como sou miserável... — exclamou ela, juntando as mãos e erguendo os olhos aos céus. — E fui punida!... Eu tinha religião, inocência e amor, as três felicidades que fazem os anjos, e, miserável como sou, duvidei de Deus...

Monte-Cristo deu um passo em sua direção e, em silêncio, estendeu-lhe a mão.

— Não — disse ela, retirando delicadamente a mão —, não, meu amigo, não me toque. Você me poupou, mas, entre todos aqueles que você castigou, eu era a mais culpada. Todos os outros agiram por ódio, cobiça ou egoísmo; eu agi por covardia. Eles cobiçavam; eu tinha medo. Não, não aperte a minha mão, Edmond... Você prepara alguma palavra afetuosa, eu o sinto: não a diga! Guarde-a para alguma outra, pois eu já não a mereço. Olhe... (ela descobriu totalmente o rosto) olhe, a desgraça me encheu de cabelos grisalhos; meus olhos derramaram tantas lágrimas que eles se cercaram de veias roxas; minha testa se encheu de rugas. Você, ao contrário, Edmond, você continua jovem, belo, altivo. Pois você teve fé, teve força, apoiou-se em Deus, e Deus o amparou. Eu fui covarde, eu reneguei, e Deus me abandonou: olhe para mim.

Mercedes derreteu-se em lágrimas; o coração da mulher se partia ao choque das lembranças.

Monte-Cristo tomou-lhe a mão e beijou-a respeitosamente; mas ela mesma sentiu que aquele beijo era sem calor, era como o beijo que o conde pousaria na mão de mármore da estátua de uma santa.

— Há existências predestinadas: uma primeira falta aniquila todo o futuro — continuou ela. — Eu o julgava morto, eu deveria ter morrido; pois que adiantou carregar eternamente o seu luto em meu coração? Para transformar uma mulher de trinta e nove anos numa mulher de cinquenta, nada mais. Que adiantou, sendo a única pessoa a reconhecê-lo, ter salvado apenas o meu filho? Não deveria ter salvado também o homem que, por mais culpado que fosse, eu aceitara como marido? Entretanto, deixei-o morrer; que estou dizendo, meu Deus! Contribuí para sua morte com minha covarde insensibilidade, com meu desprezo, não me lembrando, não desejando me lembrar, de que fora por mim que ele se tornara perjuro e traidor! Que adiantou, enfim, ter acompanhado meu filho até agora, se agora o abandono, se o deixo partir sozinho, se o entrego à terra devoradora da África? Oh, eu fui covarde, repito; reneguei o meu amor e, como todos os renegados, trago má sorte a todos os que me cercam!

— Não, Mercedes — disse Monte-Cristo —, não... Deve ter melhor opinião de si mesma. Não, você é uma nobre e santa mulher, foi seu sofrimento que me desarmou; todavia, atrás de mim, invisível, desconhecido, irado, havia Deus, e eu era apenas seu mandatário, e Deus não quis deter o raio que eu lançara. Oh, invoco esse Deus, aos pés do qual há dez anos me prosterno todos os dias, esse Deus é testemunha de que sacrifiquei minha vida a você, Mercedes, e além da vida sacrifiquei-lhe os planos da vida. Mas posso lhe dizer com orgulho, Mercedes: Deus precisava de mim, e eu sobrevivi. Examine o passado, examine o presente, tente adivinhar o futuro; e veja se eu não fui o instrumento do Senhor; as mais terríveis desgraças, os mais cruéis sofrimentos, o abandono de todos os que me amavam, a perseguição daqueles que não me conheciam, eis a primeira parte de minha vida; então, de repente, depois da prisão, da solidão, da miséria, o ar livre, a liberdade, uma fortuna tão surpreendente, tão prodigiosa, tão desmedida que, a não ser que eu fosse cego, teria de pensar que Deus me destinava essa

fortuna com grandes desígnios. Desde então essa fortuna pareceu-me um sacerdócio; desde então, nunca mais pensei naquela vida cuja doçura, pobre mulher, você às vezes saboreou; nunca mais tive uma só hora de calma; eu me sentia impelido como a nuvem de fogo a atravessar o céu para ir queimar as cidades malditas. Como os capitães aventureiros que embarcam para uma viagem perigosa planejando uma temerosa expedição, eu preparava os víveres, carregava as armas, acumulava os meios de ataque e defesa, acostumando meu corpo aos exercícios mais violentos, minha alma aos choques mais rudes, ensinando meu braço a matar, meus olhos a ver sofrer, minha boca a sorrir diante das cenas mais terríveis... Eu que era bom, confiante e distraído, tornei-me vingativo, dissimulado, cruel, ou melhor, impassível como a surda e cega fatalidade. Então me lancei no caminho que se abria à minha frente, atravessei o espaço, alcancei os meus fins: pobres daqueles que encontrei pelo caminho!

— Basta — exclamou Mercedes —, basta, Edmond! Acredite: a única pessoa a reconhecê-lo foi também a única a compreendê-lo. Ora, Edmond: a pessoa que soube reconhecê-lo, a pessoa que soube compreendê-lo, se você a encontrasse em seu caminho e a despedaçasse como vidro, ela não deixaria de admirá-lo, Edmond! Assim como há um abismo entre mim e o passado, há também um abismo entre você e os outros homens... E para mim a mais dolorosa tortura, confesso, é fazer essa comparação... Pois não há nada no mundo que se equivalha a você, nada que se assemelhe a você. Agora, diga-me adeus, Edmond, e vamos nos separar.

— Antes de deixá-la, Mercedes, o que deseja? — perguntou Monte-Cristo.

— Só desejo uma coisa, Edmond: que o meu filho seja feliz.

— Reze ao Senhor, o único que tem a vida dos homens em suas mãos, para afastá-lo da morte, e eu me encarrego do resto.

— Obrigada, Edmond.

— E para você, Mercedes?

— Eu não preciso de nada, vivo entre duas sepulturas; uma é a de Edmond Dantès, morto há muito tempo... Eu o amava! Essa frase já não combina mais com meus lábios murchos, mas meu

coração ainda se lembra, e por nada neste mundo eu gostaria de perder essa memória do meu coração. A outra sepultura é a de um homem que Edmond Dantès matou... Aprovo esse homicídio, mas devo rezar pelo morto.

— Seu filho será feliz, minha senhora — reiterou o conde.

— Então serei tão feliz quanto puder sê-lo.

— Mas... afinal... o que fará?

Mercedes sorriu tristemente.

— Se lhe dissesse que viverei nesta terra como a Mercedes de outrora, ou seja, trabalhando, você não acreditaria... Já não sei mais do que rezar, mas não preciso trabalhar: o pequeno tesouro que você enterrou foi encontrado no lugar que indicou... Vão perguntar quem sou eu, o que faço... Não vão saber como vivo, que me importa? Este é um assunto entre Deus, você e eu.

— Mercedes — disse o conde —, não a censuro, mas você exagerou no sacrifício, abandonando toda aquela fortuna acumulada pelo senhor de Morcerf: metade dela cabia por direito à sua economia e vigilância...

— Já sei o que vai me propor... Mas não posso aceitar, Edmond: meu filho me proibiria.

— Então vou evitar fazer por você qualquer coisa que não conte com a aprovação do senhor Albert de Morcerf. Indagarei as intenções dele e me submeterei. Mas, se ele aceitar o que quero fazer, vai imitá-lo sem resistência?

— Você sabe, Edmond, que já não sou mais uma criatura pensante... Já não tomo mais decisões, a não ser a de nunca mais tomar decisões. Deus me sacudiu de tal forma em suas tempestades que perdi a vontade... Estou em suas mãos como um pardal nas garras da águia. Ele não quer que eu morra, já que estou viva. Se me enviar socorro, essa será sua vontade, e aceitarei.

— Tome cuidado, senhora — disse Monte-Cristo. — Não é assim que se adora a Deus! Deus quer que o compreendamos e discutamos seu poder: por isso deu-nos o livre-arbítrio.

— Infeliz — exclamou Mercedes —, não me diga isso... Se eu acreditasse que Deus me deu o livre-arbítrio, o que me restaria para salvar-me do desespero?

Monte-Cristo empalideceu levemente e baixou a cabeça, esmagado pela veemência daquele sofrimento.

— Não quer me dizer até breve? — perguntou ele, estendendo-lhe a mão.

— Pelo contrário, eu lhe digo até breve — respondeu Mercedes, apontando-lhe o céu solenemente. — Isso lhe prova que ainda tenho esperança.

E, depois de tocar a mão do conde com sua mão trêmula, Mercedes correu à escada e desapareceu dos olhos do conde.

Então Monte-Cristo saiu lentamente do prédio e tomou o caminho do porto.

Mas Mercedes não o viu se afastar, embora estivesse à janela do quartinho do pai de Dantès: seus olhos procuravam ao longe o navio que levava seu filho para o vasto mar.

É verdade que sua voz, como que à sua revelia, murmurava baixinho: — Edmond! Edmond! Edmond!

CXIV. O PASSADO

O conde saiu com a alma angustiada daquela casa onde, segundo todas as probabilidades, deixava Mercedes para nunca mais revê-la.

Desde a morte do pequeno Édouard, grande mudança se produzira em Monte-Cristo. Ao chegar ao cume de sua vingança pela trilha lenta e tortuosa que seguira, avistara, do outro lado da montanha, o abismo da dúvida.

E havia mais: a conversa que acabara de ter com Mercedes despertara tantas lembranças em seu coração que as próprias lembranças precisavam ser combatidas.

Um homem da têmpera do conde não podia entregar-se por muito tempo à melancolia que anima os espíritos vulgares, dando-lhes aparente originalidade, mas que extermina as almas superiores. O conde disse a si mesmo: se quase chegava a censurar-se, era preciso que um erro tivesse se insinuado em seus cálculos.

— Examino mal o passado — disse ele —, não posso ter me enganado tanto assim.

“O quê? — prosseguiu ele. — O objetivo que me propusera seria insensato? O quê? Teria eu seguido um caminho errado durante dez anos? O quê? Bastaria uma hora para provar ao arquiteto que a obra em que ele concentrava todas as suas esperanças era uma obra, se não impossível, ao menos sacrílega!

“Não quero me acostumar a tal ideia: ela me deixaria louco. O que hoje falta a meus raciocínios é a avaliação exata do passado, pois revejo tal passado da outra extremidade do horizonte. De fato, à medida que avançamos, o passado, como a paisagem através da qual caminhamos, apaga-se à medida que nos afastamos. Acontece comigo o que acontece às pessoas que se feriram em sonho: veem e sentem o ferimento, mas não se lembram de terem sido feridas.

“Então, vamos, homem regenerado... Vamos, rico extravagante... Vamos, sonhador desperto... Vamos, visionário todo-poderoso... Vamos, milionário invencível... Retoma por um momento a funesta perspectiva da vida miserável e faminta, repassa os caminhos para onde a fatalidade o empurrou, a desgraça o conduziu, o desespero o recebeu... Muitos diamantes, ouro e felicidade brilham hoje nos vidros desse espelho em que Monte-Cristo contempla Dantès... Esconde esses diamantes, suja esse ouro, apaga esses raios... Rico, reencontra o pobre... Livre, reencontra o prisioneiro... Ressuscitado, reencontra o cadáver.”

Enquanto dizia tudo isso a si mesmo, Monte-Cristo seguia pela rua Caisserie. A mesma rua pela qual, vinte e quatro anos antes, fora conduzido por uma escolta silenciosa e noturna; aquelas casas de aspecto risonho e animado estavam, naquela noite, sombrias, mudas e fechadas.

— Mas são as mesmas casas — murmurou Monte-Cristo. — Só que então era noite, agora é dia claro, o sol ilumina tudo isso e deixa tudo alegre.

Ele desceu ao cais pela rua Saint-Laurent e avançou até a Consigne: era o lugar do porto onde havia embarcado. Um barco de passeio passava com sua cobertura de lona: Monte-Cristo chamou o

capitão, que logo navegou até ele, com a pressa que imprimem a esse exercício os barqueiros que farejam uma boa gorjeta.

O tempo estava magnífico: a viagem foi uma festa. No horizonte, o sol caía, vermelho e flamejante, sobre as ondas que se incendiavam à sua aproximação; o mar, liso como um espelho, às vezes se encrespava aos saltos dos peixes que, perseguidos por algum inimigo oculto, lançavam-se fora d'água para buscar sua salvação em outro elemento; enfim, no horizonte, viam-se passar, brancos e graciosos como gaivotas migrantes, os barcos dos pescadores a navegar para Martigues, ou navios mercantes a navegar para a Córsega ou para a Espanha.

Apesar do belo céu azul, apesar dos barcos de graciosos contornos, apesar da luz dourada a inundar a paisagem, o conde, envolto em sua capa, lembrava-se, um por um, de todos os detalhes da terrível viagem: aquela luz única e isolada a arder nos Catalães, aquela visão do castelo de If a revelar-lhe seu destino, aquela luta com os guardas quando tentou se atirar ao mar, seu desespero quando se viu dominado, aquela sensação fria da ponta do cano da carabina a pressionar sua têmpora como um anel de gelo.

E aos poucos, como fontes evaporadas pelo verão que, quando se acumulam as nuvens do outono, umedecem pouco a pouco e começam a brotar gota a gota, o conde de Monte-Cristo sentiu gota a gota brotar em seu peito aquele velho fel extravasado que outrora inundara o coração de Edmond Dantès.

Para ele, desde então, já não existia belo céu azul, barcos graciosos, luz ardente; o céu velou-se de crepes fúnebres e a aparição do sombrio gigante que se chama castelo de If o fez estremecer, como se de repente lhe aparecesse o fantasma de um inimigo mortal.

Chegaram.

O conde recuou instintivamente até a ponta do barco.

Não escutou o barqueiro lhe dizer com sua voz mais gentil: — Chegamos, senhor.

Monte-Cristo lembrou-se de que naquele mesmo lugar, naquele mesmo rochedo, tinha sido violentamente arrastado pelos guardas,

tinham-no obrigado a subir aquela rampa espetando-lhe a espinha com a ponta de uma baioneta.

Então o percurso parecera muito longo a Dantès; Monte-Cristo julgou-o muito curto; cada remada sobressaltara, além da úmida poeira do mar, um milhão de pensamentos e lembranças.

Desde a revolução de julho de 1830, já não havia mais prisioneiros no castelo de If — apenas um posto destinado a impedir o contrabando ocupava os edifícios; um porteiro aguardava os curiosos no portão para mostrar-lhes esse monumento de terror transformado em monumento de curiosidade.

Entretanto, embora conhecesse todos os detalhes, quando entrou sob a abóbada, quando desceu a escada sombria, quando foi conduzido aos calabouços que pedira para ver, uma palidez fria invadiu o seu rosto — o suor gelado escorreu até o coração.

O conde perguntou se ainda restava algum velho carcereiro do tempo da Restauração: todos tinham se aposentado ou mudado de emprego.

O porteiro que o conduzia só estava ali desde 1830.

Conduziram-no a seu próprio calabouço.

Ele reviu a lívida luz do dia a infiltrar-se pelo estreito respiradouro; reviu o lugar onde ficava a sua cama, retirada havia muito tempo, e, atrás da cama, embora vedado, mas ainda visível pela colocação de pedras mais recentes, o túnel cavado pelo abade Faria.

Monte-Cristo sentiu as pernas lhe faltarem; pegou um banco de madeira e sentou-se.

— Contam algumas histórias sobre este castelo, além da história da prisão de Mirabeau? — perguntou o conde. — Há alguma tradição sobre estas celas lúgubres, onde custa acreditar que homens chegavam a encerrar um homem vivo?

— Sim, senhor — disse o porteiro —, e a respeito deste mesmo calabouço o carcereiro Antoine me contou uma.

Monte-Cristo estremeceu. “O carcereiro Antoine” era o seu carcereiro. Ele quase esquecera o seu nome e o seu rosto, mas ao ouvir o nome pronunciado reviu-o tal como era, com o rosto cercado

pela barba, o casaco marrom e o molho de chaves — parecia ainda ouvir o tilintar daquelas chaves.

O conde voltou-se e julgou vê-lo na penumbra do corredor, adensada pela luz da tocha a arder nas mãos do porteiro.

— O senhor quer que eu lhe conte? — perguntou o porteiro.

— Quero — disse o conde —, conte.

E pousou a mão no peito para amortecer a violenta pulsação do coração, assustado por ouvir contarem a sua própria história.

— Conte — repetiu o conde.

— Este calabouço — continuou o porteiro —, há muito tempo atrás, era habitado por um prisioneiro, por um homem muito perigoso, ao que parece, tanto mais perigoso quanto era muito habilidoso. Na mesma época, outro homem habitava este castelo, um homem que não era mau: era um pobre padre que era louco.

— Ah, sim, louco — repetiu Monte-Cristo —, e qual era sua loucura?

— Ele oferecia milhões em troca de sua liberdade.

Monte-Cristo ergueu os olhos ao céu, mas não viu o céu: entre ele e o firmamento havia um véu de pedra. Pensou que existira um véu não menos denso entre os olhos daqueles a quem o abade Faria oferecia tesouros e os tesouros que ele oferecia.

— Os prisioneiros podiam se ver? — perguntou Monte-Cristo.

— Oh, não, senhor, era expressamente proibido... Mas eles escaparam da proibição cavando uma galeria que ia de um calabouço ao outro.

— E qual dos dois cavou a galeria?

— Oh, foi o jovem, com certeza — disse o porteiro. — O jovem era forte e habilidoso, enquanto o pobre abade era fraco e idoso... Aliás, seu espírito já andava indeciso demais para seguir uma ideia.

— Cegos!... — murmurou Monte-Cristo.

— Assim — continuou o porteiro —, o jovem cavou a galeria, com quê? Não se sabe, mas ele a cavou, prova é que ainda vemos os vestígios... Olhe, está vendo?

E aproximou a tocha da parede.

— Ah, sim, realmente — exclamou o conde, em voz embargada pela emoção.

— Daí resultou que os dois prisioneiros se comunicaram. Quanto tempo durou essa comunicação? Não se sabe. Ora, um dia, o velho prisioneiro ficou doente e morreu. Adivinhe o que fez o jovem? — exclamou o porteiro, interrompendo-se.

— Diga.

— Ele carregou o defunto, deitou-o em sua própria cama com a cara virada para a parede, depois voltou ao calabouço vazio, tapou o buraco e se enfiou no saco do morto. Já tinha visto algo parecido?

Monte-Cristo fechou os olhos e sentiu-se reviver todas as impressões que experimentara quando aquela lona grosseira, ainda impregnada pelo frio do cadáver, arranhava-lhe o rosto.

O zelador continuou:

— Então veja só qual era seu plano: ele julgava que os mortos eram enterrados no castelo de If e, como andava desconfiado de que não desperdiçavam caixões com os prisioneiros, esperava levantar a terra com os ombros... Mas infelizmente havia no castelo um costume que perturbava seu plano: não enterravam os mortos... Eles só prendiam uma bola de ferro nos pés e jogavam os mortos no mar... O que foi feito. O nosso homem foi jogado no mar do alto da galeria... No dia seguinte encontraram o verdadeiro morto em sua cama e adivinharam tudo, pois os coveiros então disseram o que não tinham se atrevido a dizer antes... No momento em que o corpo era atirado no abismo, eles tinham ouvido um grito terrível, instantaneamente abafado pela água na qual ele tinha desaparecido.

O conde respirou penosamente, o suor escorria-lhe pelo rosto, a angústia partia-lhe o coração.

— Não — murmurou ele —, não! A dúvida que me acometia era um começo de esquecimento... Mas aqui o coração é cavado de novo e volta a sentir fome de vingança.

— E o prisioneiro — perguntou ele —, nunca mais ouviram falar dele?

— Nunca, nunca mais... Compreende, de duas, uma: ou caiu na horizontal e, como caía de dezessete metros, deve ter morrido imediatamente...

— O senhor tinha dito que lhe tinham prendido uma bola de ferro nos pés: ele deve ter caído de pé.

— Ou caiu de pé... — continuou o porteiro —, então o peso da bola deve ter arrastado o prisioneiro para o fundo do mar, onde ele ficou, pobre homem!

— Lamenta?

— Mas claro que sim, embora ele estivesse em seu elemento.

— O que quer dizer?

— Que corria um rumor de que esse infeliz era, em seu tempo, um oficial da marinha preso por bonapartismo.

Verdade! — murmurou o conde. — Deus te criou para flutuar acima das ondas e das chamas. Portanto, o pobre marinheiro vive na lembrança de alguns narradores... Contam a sua terrível história no canto da lareira, ficam arrepiados no momento em que ele rasga o espaço para desaparecer no fundo do mar.

— Nunca souberam o seu nome? — perguntou o conde em voz alta.

— Ah, sim, claro — exclamou o guarda —, como? Ele só era conhecido pelo nome de número 34.

— Villefort! Villefort! — murmurou Monte-Cristo. — Então é isso o que muitas vezes você deve ter repetido, quando meu espectro importunava as suas insônias...

— O senhor deseja continuar a visita? — perguntou o porteiro.

— Sim, principalmente se quiser me mostrar a cela do pobre abade.

— Ah, a do número 27?

— Sim, a do número 27 — repetiu Monte-Cristo.

E pareceu-lhe ainda ouvir a voz do abade Faria quando lhe perguntara o seu nome e o abade lhe gritara esse número através da muralha.

— Venha.

— Espere — disse Monte-Cristo —, deixe-me lançar um último olhar a todos os aspectos deste calabouço.

— Isso vem a calhar — disse o guia —, esqueci a chave do outro calabouço.

— Vá buscá-la.

— Deixo a tocha.

— Não, leve-a.

— Mas vai ficar sem luz?

— Vejo bem no escuro.

— Olhe, é como ele!

— Ele quem?

— O número 34. Dizem que ele estava tão acostumado à escuridão que era capaz de achar um alfinete no canto mais escuro de seu calabouço.

— Precisou de dez anos para isso — murmurou o conde.

O guia afastou-se, levando a tocha.

O conde dissera a verdade: depois de ficar alguns segundos no escuro, já enxergava tudo como à luz do dia.

Então olhou ao redor e reconheceu perfeitamente o seu calabouço.

— Sim — disse ele —, aqui está a pedra onde eu me sentava! Aqui está a marca dos meus ombros, que deixaram a sua impressão no muro! Aqui estão os vestígios do sangue que correu de minha testa, no dia em que tentei quebrar a cabeça contra o muro!... Oh, esses números... Eu me lembro... Eu os tracei no dia em que calculava a idade de meu pai para saber se ainda o encontraria vivo, calculava a idade de Mercedes para saber se ainda a encontraria livre... Tive momentos de esperança quando terminei esses cálculos... Não contava com a fome, com a infidelidade!

E um riso amargo escapou da boca do conde. Acabava de ver como em sonho o seu pai conduzido ao túmulo... Mercedes caminhando para o altar!

Na outra parede da muralha, uma inscrição chamou-lhe a atenção. As letras se destacavam ainda brancas na parede esverdeada: “MEU DEUS, CONSERVE A MINHA MEMÓRIA” — leu Monte-Cristo.

— Oh, sim — exclamou —, esta era a minha única oração, nos últimos tempos de prisão. Eu já não pedia mais a liberdade, eu pedia a memória, temendo ficar louco e esquecer... Meu Deus: conservou a minha memória e eu me lembrei. Obrigado, meu Deus, obrigado!

Nesse momento a luz da tocha se refletiu nas paredes: o guia estava descendo.

Monte-Cristo foi ao seu encontro.

— Siga-me — disse o guia; e, sem precisar subir de novo à luz do dia, fez o conde seguir um corredor subterrâneo que levava a outra entrada.

Também ali Monte-Cristo foi assaltado por uma multidão de recordações.

A primeira coisa que chamou sua atenção foi o meridiano traçado na parede, com o qual o abade Faria contava as horas; a seguir, os restos da cama onde o pobre prisioneiro morrera.

A essa visão, em vez das angústias que o conde sentira em seu calabouço, um sentimento doce e terno — um sentimento de profunda gratidão — animou o seu coração; duas lágrimas rolaram de seus olhos.

— Era aqui que ficava o abade louco — disse o guia. — Era por ali que o jovem vinha encontrá-lo — e apontou a Monte-Cristo a abertura do túnel, desse lado ainda bem aberta. E continuou: — Pela cor da pedra, um especialista concluiu que os prisioneiros se comunicaram durante cerca de dez anos. Pobres homens, devem ter se aborrecido muito durante esses dez anos!

Dantès pegou alguns luíses no bolso e estendeu a mão àquele homem que, pela segunda vez, lamentava-o sem conhecê-lo.

O porteiro aceitou-os, imaginando receber moedas de pouco valor, mas à luz da tocha percebeu o alto valor da quantia dada pelo visitante.

— O senhor deve ter se enganado — disse ele.

— Como assim?

— O senhor me deu moedas de ouro.

— Sei disso.

— Como, sabe?

— Sim.

— Sua intenção é me dar esse ouro?

— Sim.

— E posso guardá-lo honestamente?

— Sim.

Surpreso, o porteiro olhou Monte-Cristo.

— E honestidade! — exclamou o conde, como Hamlet.

— Senhor — prosseguiu o porteiro, sem ousar acreditar em sua sorte —, senhor, não compreendo a sua generosidade.

— Entretanto, é fácil compreendê-la, meu amigo — disse o conde. — Fui marinheiro, sua história me comoveu mais do que a ninguém.

— Então, senhor — disse o guia —, já que é tão generoso, merece que eu lhe ofereça alguma coisa.

— O que tem a me oferecer, meu amigo? Conchas, artigos de palha? Obrigado...

— Não, senhor, não, alguma coisa relacionada com a história que contei agora mesmo.

— Verdade? — exclamou vivamente o conde. — E o que é?

— Escute — disse o porteiro —, eis o que aconteceu: eu disse a mim mesmo: sempre encontramos alguma coisa numa cela onde um prisioneiro ficou quinze anos, e comecei a procurar nas paredes.

— Ah — exclamou Monte-Cristo, lembrando-se do duplo esconderijo do abade —, é verdade.

— De tanto procurar — continuou o porteiro —, descobri que soava oco na cabeceira da cama e na entrada da lareira.

— Sim — disse Monte-Cristo —, sim.

— Levantei as pedras e descobri...

— Uma escada de corda e ferramentas? — exclamou o conde.

— Como sabe disso? — perguntou o porteiro, surpreso.

— Não sei, adivinho — disse o conde. — Costuma ser essa espécie de coisas que se encontra nos esconderijos dos prisioneiros.

— Sim, senhor — disse o guia —: uma escada de corda e ferramentas.

— E ainda as tem? — exclamou Monte-Cristo.

— Não, senhor... Vendi todos esses objetos, que eram interessantíssimos, a visitantes... Mas guardei outra coisa.

— O quê? — perguntou o conde, impaciente.

— Guardei uma espécie de livro escrito em tiras de pano.

— Oh — exclamou Monte-Cristo —, guardou esse livro?

— Não sei bem se é um livro — disse o porteiro —, mas guardei essa coisa.

— Vá buscá-la, meu amigo, vá — disse o conde. — E, se for o que presumo, fique tranquilo.

— Vou correndo, senhor.

E o guia saiu.

Então o conde foi se ajoelhar religiosamente diante das ruínas daquela cama que a morte transformara em altar.

— Oh, meu segundo pai — disse ele —, você que me deu a liberdade, a ciência, a riqueza: você que, como as criaturas de essência superior à nossa, tinha a ciência do bem e do mal... se no fundo do túmulo resta alguma coisa de nós que estremece à voz dos que permanecem na terra, se na transfiguração que sofre o cadáver alguma coisa animada paira nos lugares onde amamos muito, ou sofremos muito, então, nobre coração, espírito supremo, alma profunda, por uma palavra, por um sinal, por uma revelação qualquer, imploro-lhe, em nome desse amor paterno que me concedia e desse respeito filial que lhe dedicava, afasta de mim o resto de dúvida que, se não se transformar em convicção, virá a ser remorso.

O conde baixou a cabeça e juntou as mãos.

— Olhe, senhor! — exclamou uma voz atrás dele.

Monte-Cristo estremeceu e voltou-se.

O porteiro estendia-lhe as tiras de pano onde o abade Faria expandira todos os tesouros de sua ciência. Tal manuscrito era a grande obra do abade Faria sobre a realeza na Itália.

O conde apossou-se dele ansiosamente e, com os olhos logo pousando na epígrafe, leu: Arrancará os dentes do dragão e pisoteará os leões, disse o Senhor.

— Ah — exclamou ele —, eis a resposta! Obrigado, meu pai, obrigado!

E, tirando do bolso uma pequena carteira que continha dez notas bancárias de mil francos cada: — Olhe — disse ele —, pegue esta carteira.

— Está me dando?

— Sim, mas com a condição de só olhar o conteúdo depois que eu for embora.

E, colocando no peito a relíquia que acabava de encontrar, e que para ele tinha o valor do mais rico tesouro, lançou-se para fora do subterrâneo e, embarcando: — Para Marselha! — ordenou.

A seguir, afastando-se, com os olhos fixos na sombria prisão, disse: — Ai daqueles que mandaram me prender nesta sombria prisão, ai daqueles que esqueceram que eu estava preso!

Ao passar diante dos Catalães, o conde voltou-se; e, envolvendo a cabeça em sua capa, murmurou o nome de uma mulher.

A vitória era completa: o conde vencera a dúvida duas vezes.

Aquele nome, pronunciado com expressão de ternura próxima ao amor, era o de Haydée.

Ao pisar em terra, Monte-Cristo dirigiu-se para o cemitério, onde sabia que encontraria Morrel.

O conde também, dez anos antes, tinha procurado piedosamente um túmulo naquele cemitério, mas havia procurado em vão. Ele, que voltava à França com milhões, não conseguira encontrar o túmulo de seu pai morto de fome.

Morrel bem que mandara colocar uma cruz, mas a cruz caíra e o coveiro a queimara, como sempre fazem os coveiros com a madeira velha a jazer nos cemitérios.

O digno armador fora mais feliz; morto nos braços de seus filhos, fora — carregado por eles — repousar ao lado da esposa, que o precedera em dois anos na eternidade.

Duas grandes lápides de mármore, onde se inscreviam os seus nomes, estavam estendidas uma ao lado da outra num pequeno recinto cercado por uma balaustrada de ferro e sombreado por quatro ciprestes.

Maximilien estava apoiado em uma dessas árvores e mirava as duas sepulturas sem nada ver.

Sua dor era profunda, quase alucinada.

— Maximilien — disselhe o conde —, não é aí que deve olhar, é ali!

E apontou-lhe o céu.

— Os mortos estão em toda parte — respondeu Morrel. — Não foi isso que o senhor me disse quando me fez deixar Paris?

— Maximilien — respondeu o conde —, na viagem você pediu para passar alguns dias em Marselha: continua sendo essa a sua vontade?

— Já não tenho vontade, conde... Mas me parece que aqui em Marselha esperarei com menos sofrimento.

— Melhor assim, Maximilien, pois assim eu o deixo, mas você mantém sua palavra, não é verdade?

— Ah, vou esquecê-la, conde — respondeu Morrel —, vou esquecê-la!

— Não, não vai esquecê-la, pois acima de tudo é um homem honrado, Morrel, pois você jurou, pois você vai jurar de novo.

— Oh, conde, tenha piedade de mim! Conde, eu sou tão infeliz!

— Conheci um homem mais infeliz do que você, Morrel...

— Impossível...

— Ai — exclamou Monte-Cristo —, este é um dos orgulhos de nossa pobre humanidade: cada homem se acha mais infeliz do que os outros infelizes que choram e gemem a seu lado.

— O que há de mais infeliz do que o homem que perdeu o único bem que amava e desejava no mundo?

— Escute, Morrel — disse Monte-Cristo —, e por um momento concentre-se no que vou lhe dizer. Conheci um homem que, como você, depositava todas as esperanças de felicidade numa mulher. Esse homem era jovem, tinha um velho pai que amava, uma noiva que adorava... Ia se casar com ela, quando, de repente, um desses caprichos do destino que fariam duvidar da bondade de Deus, se Deus não se revelasse mais tarde mostrando que para ele tudo é um meio de levar à sua unidade infinita; quando, de repente, um capricho do destino roubou-lhe a liberdade, a noiva, o futuro que ele sonhava e imaginava seu (pois, cego como estava, só conseguia ler no presente), e atirou-o ao fundo de um calabouço.

— Ah — exclamou Morrel —, do calabouço se sai em uma semana, em um mês, em um ano...

— Ele ali ficou catorze anos, Morrel — disse o conde, pousando a mão no ombro do jovem.

Maximilien estremeceu.

— Catorze anos? — murmurou.

— Catorze anos — repetiu o conde. — Ele também, durante esses catorze anos, teve muitos momentos de desespero... Ele também, como você, Morrel, achando-se o mais infeliz dos homens, quis se matar.

— E então? — perguntou Morrel.

— Então, no momento supremo, Deus revelou-se a ele por meio humano... Pois Deus já não faz mais milagres... Talvez, à primeira vista (é preciso tempo para que olhos velados pelas lágrimas se desvelem plenamente), ele não tivesse compreendido essa infinita misericórdia do Senhor... Mas afinal teve paciência e esperou. Um dia, ele saiu milagrosamente do túmulo, transfigurado, rico, poderoso, quase Deus... Seu primeiro grito foi para o pai: o pai estava morto.

— No meu caso também: meu pai está morto — disse Morrel.

— Sim, mas seu pai morreu em seus braços, amado, feliz, honrado, rico, idoso... O pai dele morreu pobre, desesperado, duvidando de Deus... E quando, dez anos depois de sua morte, seu filho procurou o seu túmulo, até mesmo o seu túmulo tinha desaparecido, ninguém podia lhe dizer: “É aqui que repousa no Senhor o coração que tanto te amou”.

— Oh! — exclamou Morrel.

— Aquele era, portanto, um filho mais infeliz do que você, Morrel, pois ele sequer sabia onde encontrar a sepultura de seu pai.

— Mas — disse Morrel — ao menos lhe restava a mulher que ele amava.

— Você se engana, Morrel... Aquela mulher...

— Estava morta? — exclamou Maximilien.

— Pior do que isso: ela tinha sido infiel... Ele se casara com um dos perseguidores de seu noivo. Como pode ver, Morrel, esse homem era um amante mais infeliz do que você.

— E a esse homem — perguntou Morrel — Deus enviou consolo?

— Enviou-lhe ao menos a calma.

— E esse homem ainda pode vir a ser feliz?

— Assim ele espera, Maximilien.

O jovem deixou a cabeça cair sobre o peito.

— Eu lhe prometo — disse, depois de um instante de silêncio, estendendo a mão a Monte-Cristo —, mas lembre-se...

— No dia 5 de outubro, Morrel, espero-o na ilha de Monte-Cristo. No dia 4, um iate o esperará no porto de Bastia... Esse iate se chamará Eurus... Diga o seu nome ao capitão, que o levará a mim. Está combinado, não é, Maximilien?

— Está combinado, conde, e cumprirei o combinado... Mas lembre-se de que no dia 5 de outubro...

— Filho, ainda não sabe o que é a promessa de um homem... Já lhe disse vinte vezes que nesse dia, se ainda quisesse morrer, eu o ajudaria, Morrel. Adeus.

— Vai me deixar?

— Sim, tenho um compromisso na Itália... Eu o deixo sozinho, sozinho a lutar contra a desgraça, sozinho com essa águia de poderosas asas que o Senhor envia a seus eleitos para transportá-los a seus pés... A história de Ganimedes não é uma fábula, Maximilien: é uma alegoria.

— Quando vai partir?

— Agora mesmo... O barco a vapor me espera: daqui a uma hora, estarei longe de você... Acompanha-me até o porto, Morrel?

— Estou à sua inteira disposição, conde.

— Abrace-me.

Morrel acompanhou o conde até o porto; a fumaça já saía, como imensa dispersão de plumas, do tubo negro a lançá-la aos céus. Logo o navio partiu e, uma hora depois, como dissera Monte-Cristo, a mesma crista de fumaça branca riscava, quase invisível, o horizonte oriental escurecido pelas primeiras brumas noturnas.

CXV. PEPPINO

No mesmo instante em que o navio a vapor do conde desaparecia além do cabo Morgiou, um homem viajando em diligência, na estrada de Florença a Roma, acabava de deixar a

cidadezinha de Aquapendente. Ele viajava bem depressa, percorrendo muito chão em pouco tempo, mas sem atrair suspeitas.

Vestindo uma sobrecasaca, ou melhor, um sobretudo que a viagem surrara infinitamente, mas que deixava ver, ainda nova e brilhante, uma fita da Legião de Honra repetida em sua lapela, esse homem, não apenas por essa repetição, mas também pelo sotaque com que falava ao cocheiro, devia ser francês. Outra prova de que nascera no país da língua universal era que de italiano só sabia as palavras empregadas em música que podem, como o *goddam* de Fígaro, substituir todas as sutilezas de determinado idioma.

— Allegro! — dizia ele aos cocheiros a cada subida.

— Moderato! — exclamava ele a cada descida.

E só Deus sabe quantas subidas e descidas há de Florença a Roma pela estrada de Aquapendente!

Essas duas palavras, ademais, muito faziam rir a brava gente a quem eram dirigidas.

Diante da cidade eterna — isto é, ao chegar a La Storta, pico de onde se contempla Roma —, o viajante sequer sentiu aquele pico de entusiástica curiosidade que leva qualquer estrangeiro a levantar-se do fundo de seu assento e esforçar-se para ver a famosa cúpula de São Pedro, que logo se avista antes de qualquer outra coisa.

Não, ele limitou-se a tirar uma carteira do bolso e da carteira tirar um papel dobrado em quatro, que desdobrou e dobrou de novo com atenção eivada de respeito, contentando-se em murmurar: — Bom, ainda o tenho.

A carruagem atravessou a porta del Popolo, dobrou à esquerda e parou no Hotel de Espanha.

Mestre Pastrini, nosso velho conhecido, recebeu o viajante na soleira da porta, de chapéu na mão.

O viajante desceu, encomendou um bom jantar e perguntou o endereço da casa Thomson e French, que lhe foi informado imediatamente, pois essa casa era uma das mais conhecidas de Roma.

Ela situava-se na via dei Banchi, perto de São Pedro.

Em Roma, como em toda parte, a chegada de uma diligência é um acontecimento. Dez meninos descendentes de Mário e dos Gracos, descalços, cotovelos arranhados, mas com a mão no quadril e o braço pitorescamente curvado sobre a cabeça, admiravam o viajante, a diligência e os cavalos; a esses guris da cidade por excelência juntavam-se cerca de cinquenta curiosos dos Estados de Sua Santidade, daqueles que fazem círculos cuspidos no rio Tibre do alto da ponte Santo Ângelo, quando o Tibre não está seco.

Portanto, como os meninos e os curiosos de Roma, mais felizes que os de Paris, compreendem todas as línguas — principalmente a língua francesa —, ouviram o viajante pedir um quarto, o jantar e afinal o endereço da casa Thomson e French.

Assim, quando o recém-chegado saiu do hotel com o obrigatório cicerone, um homem destacou-se do grupo de curiosos e sem ser notado pelo viajante, sem parecer ser notado pelo guia, caminhou a pouca distância do estrangeiro, seguindo-o com a mesma habilidade que poderia demonstrar um agente da polícia parisiense.

O francês tinha tanta pressa de fazer sua visita à casa Thomson e French que sequer teve tempo de esperar que os cavalos fossem atrelados; a carruagem deveria alcançá-lo no caminho ou esperá-lo à porta do banqueiro.

Chegou antes que a carruagem o alcançasse.

O francês entrou, deixando no vestíbulo o seu guia, que logo começou a conversar com dois ou três daqueles industriais sem indústria — ou melhor, industriais de mil indústrias — que em Roma se instalam à porta dos banqueiros, das igrejas, das ruínas, dos museus e dos teatros.

Ao mesmo tempo que o francês, entrou também o homem que se destacara do grupo de curiosos; o francês tocou a campainha do guichê dos escritórios e entrou na primeira sala; sua sombra fez o mesmo.

— Senhores Thomson e French? — perguntou o estrangeiro.

Uma espécie de lacaios levantou-se ao sinal de um funcionário de confiança, solene guardião do primeiro escritório.

— Quem devo anunciar? — perguntou o lacaio, preparando-se para seguir à frente do estrangeiro.

— O senhor barão Danglars — respondeu o viajante.

— Queira me acompanhar — disse o lacaio.

Uma porta se abriu; o lacaio e o barão desapareceram pela porta.

O homem que entrara atrás de Danglars sentou-se em um banco de espera.

O funcionário continuou a escrever durante aproximadamente cinco minutos; durante esses cinco minutos, o homem sentado manteve o mais profundo silêncio e a mais estrita imobilidade.

Depois a pena do funcionário deixou de chiar sobre o papel: ele ergueu a cabeça, olhou atentamente ao redor e, depois de assegurar-se que estavam a sós: — Ah, ah! Você por aqui, Peppino? — exclamou ele.

— Pois é! — respondeu laconicamente Peppino.

— Farejou algo de bom nesse gordo?

— Não há nenhum grande mérito nisso: fomos avisados.

— Então, curioso, sabe o que ele veio fazer aqui?

— Ora, ele veio receber... Só resta saber quanto.

— Logo lhe diremos, meu amigo.

— Muito bem... Mas não vá me dar informações falsas, como no outro dia.

— O que quer dizer, de quem está falando? Daquele inglês que no outro dia daqui levou três mil escudos?

— Não, esse realmente tinha três mil escudos, nós os encontramos. Estou falando daquele príncipe russo.

— E então?

— Então, você tinha falado em trinta mil libras, mas só encontramos vinte e duas.

— Vocês não devem ter procurado direito.

— Foi Luigi Vampa em pessoa que fez a revista.

— Nesse caso, ou ele tinha pago suas dívidas...

— Um russo?

— Ou gasto o dinheiro.

— Afinal de contas, é possível.

— Com certeza... Mas deixe-me ir a meu posto de observação, o francês vai fazer sua retirada sem que eu possa saber a cifra exata.

Peppino fez um sinal afirmativo e, tirando um rosário do bolso, começou a resmungar algumas preces, enquanto o funcionário desaparecia pela mesma porta que dera passagem ao laçao e ao barão.

Ao cabo de uns dez minutos, o funcionário voltou radiante.

— E então? — perguntou Peppino ao amigo.

— Alerta, alerta! — exclamou o funcionário. — A quantia é bem alta.

— Cinco ou seis milhões... não é verdade?

— Sim... Sabe o valor?

— Com recibo de Sua Excelência o conde de Monte-Cristo.

— Conhece o conde?

— Com crédito em Roma, Veneza e Viena.

— Exatamente — exclamou o funcionário. — Mas como é que está assim tão bem informado?

— Eu lhe disse que já tínhamos sido avisados.

— Então por que me procurou?

— Para ter certeza de que de fato ele é o homem que esperávamos.

— É bem ele... Cinco milhões... Uma bela soma, não é, Peppino?

— É.

— Nunca teremos tanto...

— Ao menos — respondeu filosoficamente Peppino —, teremos algumas migalhas.

— Ch! Aí vem o nosso homem.

O funcionário retomou a pena, Peppino o rosário: quando a porta se abriu, um escrevia, o outro rezava.

Danglars apareceu radiante, acompanhado pelo banqueiro, que o levou até a porta.

Atrás de Danglars saiu Peppino.

Conforme o combinado, a carruagem que vinha buscar Danglars esperava em frente à casa Thomson e French. O cicerone mantinha

a portinhola aberta: o cicerone é uma criatura muito lisonjeira e tem mil e uma utilidades.

Danglars saltou à carruagem com a agilidade de um jovem de vinte anos.

O cicerone fechou a portinhola e sentou-se ao lado do cocheiro.

Peppino subiu ao banco traseiro.

— Sua Excelência deseja ver São Pedro? — perguntou o cicerone.

— Para quê? — respondeu o barão.

— Nossa, para ver!

— Não vim a Roma para ver — disse bem alto Danglars. Depois acrescentou em voz baixa, com o seu sorriso cúpido: — Vim para haver, para embolsar...

E de fato embolsou a carteira, onde acabara de guardar uma carta.

— E Sua Excelência vai para...?

— Para o hotel.

— Casa Pastrini — disse o cicerone ao cocheiro.

E a carruagem partiu rápida como uma carruagem particular.

Dez minutos depois, o barão entrava em seus aposentos, e Peppino instalava-se no banco colocado em frente ao hotel, depois de dizer algumas palavras ao ouvido de um daqueles descendentes de Mário e dos Gracos já mencionados no início deste capítulo, e o descendente tomou o caminho do Capitólio com toda a velocidade de suas pernas.

Danglars estava cansado, satisfeito e com sono. Deitou-se, pôs a carteira debaixo do travesseiro e adormeceu.

Peppino tinha tempo de sobra: jogou a mora com alguns carregadores, perdeu três escudos e, para consolar-se, bebeu uma garrafa de vinho de Orvieto.

No dia seguinte, Danglars acordou tarde, embora tivesse se deitado cedo; fazia cinco ou seis noites que dormia muito mal, se é que dormia.

Almoçou copiosamente e, pouco interessado, como dissera, em ver as belezas da cidade eterna, pediu cavalos de viagem para o meio-dia.

Mas Danglars não havia contado com as formalidades da polícia e com a preguiça do alugador de cavalos.

Os animais só chegaram às duas horas, e o cicerone só trouxe o passaporte visado às três.

Todos esses preparativos tinham atraído um bom número de curiosos à porta do mestre Pastrini.

Também não faltavam descendentes dos Gracos e de Mário.

O barão atravessou triunfalmente esses grupos, que o chamavam de Excelência para ganharem uma moeda.

Como até então Danglars — como sabemos, homem muito popular — contentara-se em ser chamado de barão e nunca fora chamado de Excelência, o título lisonjeou-o e levou-o a distribuir uma dúzia de moedas a toda aquela canalha, que por mais doze moedas o chamaria até de Alteza.

— Qual estrada? — perguntou o cocheiro em italiano.

— Estrada de Ancona — respondeu o barão. Mestre Pastrini traduziu a pergunta e a resposta, e a carruagem partiu a galope.

Danglars queria, na verdade, passar em Veneza e lá receber parte de sua fortuna; depois de Veneza, iria a Viena, onde receberia o restante.

Sua intenção era fixar-se em Viena, que haviam lhe garantido ser uma cidade de prazeres.

Mal percorrera três léguas pelos campos de Roma, a noite começou a cair; Danglars não imaginara ter partido tão tarde — senão, teria ficado; perguntou ao cocheiro quanto faltava para chegar à próxima cidade.

— *Non capisco!* — respondeu o cocheiro.

Danglars fez um movimento com a cabeça que queria dizer: “Muito bem!”.

A carruagem prosseguiu seu caminho.

— Vou parar na primeira muda — pensou Danglars.

Ele ainda sentia um pouco do bem-estar da véspera, quando dormira tão bem. Estava muito bem acomodado numa boa carruagem inglesa com molas duplas; sentia-se embalado pelo galope de dois bons cavalos; a próxima muda ficava a sete léguas

de distância, ele sabia. Que fazer quando se é banqueiro felizmente falido?

Danglars pensou durante dez minutos na esposa que ficara em Paris, mais dez minutos na filha a correr o mundo com a senhorita d'Armillly; concedeu mais dez minutos a seus credores e à maneira como empregaria o dinheiro deles; então, já não tendo mais nada em que pensar, fechou os olhos e adormeceu.

Às vezes, todavia, sacudido por um solavanco mais forte do que os outros, Danglars abria momentaneamente os olhos; então, sentia-se levado com a mesma velocidade através dos mesmos campos de Roma, semeados de aquedutos em ruínas, que pareciam gigantes de granito petrificados em meio à sua corrida. Mas a noite era fria, escura, chuvosa, e era bem melhor para um homem meio adormecido permanecer no fundo de sua carruagem, de olhos bem fechados, do que botar a cabeça na portinhola para perguntar onde estava a um cocheiro que não sabia responder outra coisa senão: "*Non capisco!*".

Então Danglars continuou a dormir, dizendo a si mesmo que faltava muito tempo para chegar à muda.

A carruagem parou; Danglars pensou que finalmente chegara ao destino tão desejado. Abriu os olhos, olhou pelo vidro esperando encontrar-se no meio de alguma cidade, ou ao menos de alguma aldeia; mas só viu uma espécie de casebre isolado e três ou quatro homens que iam e vinham como sombras.

Danglars esperou por um instante que o cocheiro que terminara seu turno viesse lhe cobrar o dinheiro da primeira etapa; queria aproveitar a ocasião para pedir algumas informações ao novo condutor; mas os cavalos foram desatrelados e substituídos sem que ninguém viesse cobrar o viajante. Surpreso, Danglars abriu a portinhola; mas uma mão vigorosa logo a empurrou e a carruagem partiu.

Estupefato, o barão acordou de vez.

— Ei — gritou ao cocheiro —, ei, *mio caro!*

Era ainda o italiano das canções que Danglars memorizara quando a filha cantava duetos com o príncipe Cavalcanti.

Mas o *mio caro* nada respondeu.

Então Danglars contentou-se em abrir o vidro.

— Ei, amigo! Aonde vamos? — exclamou, passando a cabeça pela janelinha.

— *Dentro la testa!* — gritou uma voz grave e imperiosa, acompanhada de um gesto de ameaça.

Danglars compreendeu que *dentro la testa* queria dizer: “Cabeça para dentro”. Como vemos, ele fazia rápidos progressos no italiano.

Obedeceu, não sem preocupação, e, como a preocupação aumentava a cada minuto, ao cabo de alguns instantes seu espírito, em vez do vazio que mencionamos no momento em que começara a viagem, quando sentira sono, seu espírito, como dizíamos, foi invadido por uma multidão de pensamentos, uns mais inclinados do que outros a manter desperta a atenção de um viajante, principalmente de um viajante na situação de Danglars.

Seus olhos conquistaram nas trevas aquele grau de acuidade inicialmente provocado pelas emoções fortes, grau que mais tarde se enfraquece por excesso de exercício. Antes de ter medo, vemos perfeitamente; enquanto temos medo, vemos duplamente; depois de ter medo, vemos confusamente.

À portinhola direita, Danglars viu um homem envolto numa capa a galopar.

— Algum guarda... — murmurou ele. — Devo ter sido denunciado pelos telégrafos franceses às autoridades pontifícias!

Resolveu sair de tal ansiedade.

— Para onde me levam? — perguntou ele.

— *Dentro la testa!* — repetiu a mesma voz, no mesmo tom de ameaça.

Danglars virou-se para a portinhola esquerda.

Outro homem a cavalo galopava à portinhola esquerda.

— Definitivamente — murmurou Danglars, com o suor em seu rosto —, definitivamente me pegaram.

E atirou-se ao fundo da carruagem, dessa vez não para dormir, mas para refletir.

Instantes depois, a lua surgiu.

Do fundo da carruagem, Danglars lançou um olhar aos campos: então reviu os grandes aquedutos, fantasmas de pedra que notara

ao passar; mas, em vez de estarem à direita, agora estavam à esquerda.

Compreendeu que tinham mandado a carruagem dar meia-volta e retornavam a Roma.

— Oh, pobre de mim — murmurou —, devem ter conseguido a extradição...

A carruagem continuava a rodar com incrível velocidade. Passou-se uma hora terrível, pois a cada sinal que reconhecia em sua passagem o fugitivo passava a ter certeza de que o levavam de volta. Enfim, viu uma massa sombria contra a qual lhe pareceu que a carruagem ia se chocar. Mas a carruagem desviou-se, contornando aquela massa sombria, que não era nada mais do que o cinturão de muralhas em volta de Roma.

— Oh, oh — murmurou Danglars —, não entramos na cidade, então não é a justiça que me prende... Meu Deus, pode ser que...

Seus cabelos se arrepiaram.

Lembrou-se das interessantes histórias de bandidos romanos tão ridicularizadas em Paris, histórias que Albert de Morcerf contava à senhora Danglars e a Eugénie, quando o jovem visconde pensava em tornar-se filho de uma e marido da outra.

— Ladrões, talvez! — murmurou ele.

De repente, a carruagem rodou sobre algo mais duro do que o chão de uma estrada de terra. Danglars arriscou olhar os dois lados da estrada: avistou monumentos de forma estranha e seu pensamento, preocupado com as histórias de Morcerf que agora voltavam à sua memória com todos os pormenores, seu pensamento soprou-lhe que devia estar na via Ápia.

À esquerda da carruagem, numa espécie de vale, via-se uma escavação circular.

Era o circo de Caracalla.

A uma palavra do homem que galopava à direita, a carruagem parou.

Ao mesmo tempo, a portinhola esquerda se abriu.

— *Scendi!* — ordenou uma voz.

Danglars desceu imediatamente: ainda não falava o italiano, mas já o entendia.

Mais morto do que vivo, o barão olhou ao redor.

Quatro homens o cercavam — sem contar o cocheiro.

— *Di quà* — disse um dos quatro homens, descendo por uma vereda que levava da via Ápia ao meio dos acidentes do terreno desigual no campo de Roma.

Danglars seguiu o guia sem discussão, e nem precisou se voltar para saber que era seguido por mais três homens.

Entretanto, pareceu-lhe que esses homens detinham-se como sentinelas a distâncias semelhantes.

Após cerca de dez minutos de caminhada, durante os quais não trocou uma só palavra com o guia, Danglars viu-se entre uma colina e o mato alto; três homens de pé e calados formavam um triângulo do que ele era o centro.

Quis falar: sua língua embarçou-se.

— *Avanti* — disse a mesma voz em tom breve e imperioso.

Dessa vez Danglars compreendeu duplamente: pela palavra e pelo gesto, pois o homem que caminhava atrás dele empurrou-o adiante com tanta violência que ele esbarrou no guia.

Esse guia era o nosso amigo Peppino, que se enfiou no mato alto por sinuosas veredas que só fuinhas e lagartos considerariam um caminho praticável.

Peppino parou diante de uma rocha escondida pelo mato alto; essa rocha — entreaberta como uma pálpebra — deu passagem ao jovem, que nela desapareceu como desaparecem em seus alçapões os diabos de nossos contos de fada.

A voz e o gesto daquele que seguia Danglars levaram o banqueiro a fazer o mesmo. Já não havia mais dúvida: o francês falido estava lidando com bandidos romanos.

Danglars agiu como um homem colocado entre dois perigos terríveis a quem o medo dá coragem. Embora sua barriga não o ajudasse a penetrar nas fendas do campo de Roma, infiltrou-se atrás de Peppino e, deixando-se escorregar de olhos fechados, caiu de pé.

Ao tocar o chão, abriu os olhos.

A trilha era larga, mas escura. Peppino, pouco preocupado em esconder-se, agora que estava em casa, bateu a pedra de fogo e

acendeu uma tocha.

Dois outros homens desceram atrás de Danglars, formando a retaguarda; e, empurrando Danglars quando ele eventualmente parava, por um declive suave fizeram-no chegar ao centro de uma encruzilhada de aspecto sinistro.

De fato, as paredes das muralhas, cavadas como covas superpostas, pareciam, no meio das pedras brancas, abrir olhos negros e profundos como os das caveiras.

Uma sentinela bateu contra a mão esquerda a braçadeira de sua carabina.

— Quem vem lá? — exclamou a sentinela.

— Amigo, amigo! — exclamou Peppino. — Onde está o capitão?

— Ali — disse a sentinela, apontando por cima do ombro uma espécie de grande sala cavada na rocha cuja luz refletia-se no corredor através de amplas aberturas arqueadas.

— A presa é boa, capitão, a presa é boa — disse Peppino em italiano.

E, agarrando Danglars pela gola da sobrecasaca, conduziu-o a uma abertura semelhante a uma porta, pela qual se entrava na sala que o capitão parecia ter transformado em moradia.

— É esse o homem? — perguntou o capitão, que lia com muita atenção a Vida de Alexandre, de Plutarco.

— Ele mesmo, capitão, ele mesmo.

— Muito bem... Mostre-me.

A essa ordem bastante impertinente, Peppino aproximou tão bruscamente a tocha do rosto de Danglars que este teve de pular para não queimar as sobrancelhas.

Seu rosto transtornado exibia todos os sinais de pálido e hediondo terror.

— Esse homem está cansado — disse o capitão —, levem-no à sua cama.

— Oh — murmurou Danglars —, essa cama provavelmente é uma das covas cavadas na muralha... Esse sono é a morte que um desses punhais que vejo brilhar no escuro vai me proporcionar.

De fato, nas profundezas escuras da sala imensa, viam se erguer, sobre os seus leitos de ervas secas ou de peles de lobos, os

companheiros daquele homem que Albert de Morcerf encontrara lendo os Comentários de César e que Danglars encontrava lendo a Vida de Alexandre.

O banqueiro gemeu baixinho e seguiu o guia; não tentou implorar nem gritar. Já não tinha mais força, nem vontade, nem energia, nem sentimento; seguia em frente porque o arrastavam.

Ele tropeçou num degrau e, compreendendo que havia uma escada à sua frente, abaixou-se instintivamente para não bater a cabeça: viu-se numa cela esculpida em plena pedra.

Essa cela estava limpa, embora vazia, e seca, embora situada debaixo da terra a uma profundidade incomensurável.

Um leito feito de ervas secas, coberto de peles de cabra, estava não preparado, mas estendido num canto da cela.

Ao vê-lo, Danglars julgou ver o radiante símbolo de sua salvação.

— Oh, Deus seja louvado! — murmurou ele. — É uma cama de verdade!

Era a segunda vez em uma hora que invocava o nome de Deus, o que não lhe acontecia havia dez anos.

— *Ecco* — disse o guia.

E, empurrando Danglars à cela, fechou a porta atrás dele.

Um ferrolho rangeu; Danglars estava preso.

Aliás, mesmo se não houvesse ferrolho, seria preciso ser São Pedro, ter como guia um anjo celeste, para atravessar a guarnição que vigiava os subterrâneos de São Sebastião e acampava ao redor de seu chefe, em quem os nossos leitores certamente já reconheceram o famoso Luigi Vampa.

Danglars também reconhecera esse bandido, embora não tivesse acreditado em sua existência quando Morcerf tentara introduzir a sua história na França. Não reconhecera apenas o bandido, como também a cela onde Morcerf fora trancado e que, ao que tudo indicava, era o alojamento dos estranhos.

Essas lembranças, nas quais, aliás, Danglars demorava-se com certa alegria, devolviam-lhe a tranquilidade. Se os bandidos não o haviam liquidado sumariamente, não teriam a menor intenção de matá-lo.

Tinham-no capturado para roubá-lo e, como ele só trazia consigo alguns luíses, pediriam resgate.

Lembrou-se de que Morcerf fora avaliado em algo ao redor de quatro mil escudos; como se atribuía um valor muito superior ao de Morcerf, ele mesmo calculou mentalmente que o seu resgate seria de oito mil escudos.

Oito mil escudos equivaliam a quarenta e oito mil libras.

Ainda lhe restaria algo em torno de cinco milhões e cinquenta mil francos.

Com isso é possível se virar em qualquer lugar.

Assim, quase certo de se livrar — pois não havia exemplo de um resgate avaliado em cinco milhões e cinquenta mil libras —, Danglars estendeu-se em seu leito, onde, depois de se virar duas ou três vezes, adormeceu com a tranquilidade do herói da história que Luigi Vampa estava lendo.

CXVI. A CARTA DE LUIGI VAMPA Para todo sono — a não ser para aquele que Danglars chegara a temer —, existe um despertar.

Danglars despertou.

Para um parisiense acostumado às cortinas de seda, às paredes forradas de veludo, ao perfume que sobe da alva lenha da lareira e desce das abóbadas de cetim, o despertar numa caverna de pedra calcária deve ser como um sonho mau.

Ao tocar aquelas cortinas de pele de bode, Danglars devia imaginar que sonhava com samoiedos ou lapões.

Mas em tais circunstâncias bastou um segundo para transformar a mais forte dúvida em certeza.

— Sim, sim — murmurou ele —, estou nas mãos dos bandidos de que nos falou Albert de Morcerf.

Sua primeira providência foi respirar, para certificar-se de que não estava ferido: era um expediente que descobrira em Dom Quixote, que não era o único livro que lera, mas que era o único do qual guardara alguma coisa.

— Não — disse ele —, não me mataram nem me feriram, mas talvez tenham me roubado.

E levou rapidamente as mãos aos bolsos. Estavam intactos: os cem luíses que reservara para a viagem de Roma a Veneza estavam no bolso da calça; a carteira onde guardara a carta de crédito de cinco milhões e cinquenta mil francos estava no bolso da sobrecasaca.

— Bandidos bem diferentes — disse a si mesmo —, não levaram minha bolsa e minha carteira... Como eu me dizia ontem ao deitar, vão pedir resgate. Veja só, também não levaram meu relógio... Então vejamos que horas são.

O relógio de Danglars, obra-prima de Bréguet, ao qual dera corda cuidadosamente na véspera, antes da viagem, marcava cinco e meia da manhã. Sem ele, Danglars ficaria completamente perdido com relação ao tempo, pois a luz do dia não penetrava na cela.

Devia pedir uma explicação aos bandidos? Devia esperar pacientemente que eles se explicassem? A última alternativa seria a mais prudente: Danglars esperou.

Esperou até ao meio-dia.

Durante todo esse tempo uma sentinela vigiava a sua porta. Às oito da manhã a sentinela foi rendida.

Então Danglars teve vontade de saber por quem era vigiado.

Ele notara que raios de luz, não do dia, mas da lamparina, infiltravam-se através das tábuas da porta malfeita; aproximou-se de uma dessas frestas no momento exato em que o bandido bebia alguns goles de aguardente — o que, devido ao odre de pele que continha o líquido, espalhava um cheiro que muito repugnou a Danglars.

— Urg! — fez ele, recuando até o fundo da cela.

Ao meio-dia o homem da aguardente foi substituído por outro guarda. Danglars teve a curiosidade de ver o novo guardião: aproximou-se novamente da fresta.

Esse era um atlético bandido, um Golias de olhos grandes, lábios grossos, nariz achatado; sua cabeleira ruiva caía sobre os ombros em mechas sinuosas como cobras.

— Oh, oh — murmurou Danglars —, esse parece ser mais um bicho-papão do que uma criatura humana... Em todo caso, sou velho e duro como couro... Gordo branco não é bom de se comer.

Como se vê, Danglars ainda tinha bastante presença de espírito para brincar.

No mesmo instante, como a provar-lhe que não era um bicho-papão, o guarda sentou-se diante da porta da cela e tirou de sua sacola pão preto, cebolas e queijo, começando imediatamente a devorá-los.

— Diabo me leve — murmurou Danglars, lançando através das frestas da porta um olhar ao banquete do bandido —, diabo me leve se compreendo como é possível comer esse lixo.

E foi sentar-se em suas peles de bode, que lembravam-lhe o cheiro de aguardente da primeira sentinela.

Mas em vão: os segredos da natureza são incompreensíveis — há bastante eloquência em certos convites materiais enviados pelas substâncias mais grosseiras aos estômagos em jejum.

De repente, Danglars sentiu que o seu estômago estava vazio naquele momento: então achou o homem menos feio, o pão menos preto, o queijo mais fresco.

Enfim, as cebolas cruas, horrorosa alimentação do selvagem, lembraram-lhe certos deliciosos molhos Robert e certos guisados que o seu cozinheiro preparava de maneira soberba, quando Danglars lhe dizia: — “Senhor Deniseau, para hoje prepare-me um bom pratinho canalha”.

Ergueu-se e foi bater à porta.

O bandido ergueu a cabeça.

Danglars entendeu que fora ouvido e insistiu.

— *Che cosa?* — perguntou o bandido.

— Diga, então me diga, meu amigo — exclamou Danglars, tamborilando na porta com os dedos —, parece que já é hora de pensarem em me alimentar também!

Mas por não compreender, ou por não ter recebido ordens relativas à alimentação de Danglars, o gigante voltou a seu banquete.

Danglars sentiu o orgulho ferido e, não querendo mais lidar com aquele bruto, voltou a deitar-se em suas peles de bode e não abriu mais a boca.

Quatro horas se passaram; o gigante foi substituído por outro bandido. Danglars, que sentia terrível formigamento no estômago, levantou-se devagar, voltou a colar o olho às frestas da porta e reconheceu a inteligente fisionomia de seu guia.

Era realmente Peppino que se preparava para montar a guarda mais agradável possível, sentando-se em frente à porta e segurando entre as pernas uma caçarola de barro contendo, quentes e cheirosos, grãos de bico cozidos com toucinho.

Ao lado dos grãos de bico, Peppino colocou também um belo cestinho de uvas de Velletri e uma garrafa de vinho de Orvieto.

Decididamente, Peppino era um degustador.

Ao ver todos aqueles preparativos gastronômicos, Danglars ficou com água na boca.

— Ah, ah — murmurou o prisioneiro —, vamos ver se esse é mais sociável do que o outro...

E bateu gentilmente à porta.

— Já vai — disse o bandido, que, frequentando o hotel de mestre Pastrini, acabara aprendendo francês — inclusive os seus idiotismos.

De fato, ele foi abrir.

Danglars reconheceu-o como aquele que lhe gritara de maneira tão furiosa: “Cabeça para dentro!”. Mas não era hora para recriminações: pelo contrário, assumiu a sua fisionomia mais simpática e, com gracioso sorriso: — Perdão, senhor — perguntou Danglars —, mas a mim também vão dar de comer?

— Mas como — exclamou Peppino —, Vossa Excelência por acaso está com fome?

— “Por acaso” é muito gentil — murmurou Danglars —, há precisamente vinte e quatro horas não como nada. Mas sim, senhor — acrescentou em voz alta —, estou com fome, até mesmo com muita fome.

— E Vossa Excelência deseja comer...?

— Agora mesmo, se possível.

— Nada mais simples — disse Peppino. — Aqui se consegue tudo o que se deseja, pagando, naturalmente, como em todas as boas casas cristãs.

— Naturalmente! — exclamou Danglars. — Embora, na verdade, as pessoas que nos prendem e nos encarceram deveriam ao menos alimentar seus prisioneiros.

— Ah, Excelência — respondeu Peppino —, esse não é o costume.

— O que é um péssimo hábito — replicou Danglars, que esperava amaciar o guarda com sua amabilidade —, mas me conformo... Vamos, deem-me de comer.

— Agora mesmo, Excelência... O que deseja?

E Peppino pousou sua caçarola no chão, de tal forma que a fumaça subiu diretamente às narinas de Danglars.

— Peça — continuou Peppino.

— Então vocês têm cozinhas aqui? — perguntou o banqueiro.

— Como, se temos cozinhas? Cozinhas completas!

— E cozinheiros?

— Excelentes!

— Bem, então um frango, um peixe, uma caça, qualquer coisa, contanto que eu coma...

— Como queira, Vossa Excelência... Disse um frango, não é?

— Sim, um frango.

Erguendo-se, Peppino gritou a plenos pulmões: — Um frango para Sua Excelência!

A voz de Peppino ainda vibrava sob as abóbadas e já aparecia um jovem belo, esbelto, seminu, como os antigos carregadores de peixe; trazia sobre a cabeça o frango numa bandeja de prata.

— Até parece que estamos no Café de Paris — murmurou Danglars.

— Aqui está, Excelência — exclamou Peppino, tomando o frango das mãos do jovem bandido e pousando-o sobre uma mesa carcomida, que ao lado do banco e do leito de pele de bode vinha a ser toda a mobília da cela.

Danglars pediu um garfo e uma faca.

— Aqui está, Excelência — disse Peppino, oferecendo-lhe uma faquinha de ponta arredondada e um garfo de madeira.

Danglars pegou a faca com uma mão, o garfo com a outra e começou a destrinchar a ave.

— Perdão, Excelência — disse Peppino, pousando uma mão no ombro do banqueiro. — Aqui se paga antes de comer... Pode não estar satisfeito ao sair...

— Ah, ah — murmurou Danglars —, já não é mais como em Paris, sem contar que provavelmente vão me esfolar... Mas devo agir com grandeza. Vamos, sempre ouvi dizer que na Itália a vida é barata... Um frango deve custar doze soldos em Roma.

— Aqui está — disse Danglars em voz alta, lançando um luís a Peppino. Peppino apanhou o luís, Danglars aproximou a faca do frango.

— Um momento, Excelência — disse Peppino, erguendo-se. — Um momento, Vossa Excelência ainda me deve alguma coisa.

— Quando eu dizia que me esfolariam! — murmurou Danglars. Então, decidido a conhecer as dimensões daquela extorsão: — Vejamos, quanto lhe devo por essa ave magérrima? — perguntou ele.

— Vossa Excelência deu um luís de entrada.

— Um luís de entrada por um frango?

— Certamente, de entrada.

— Bem... Continue, continue!

— Já não são mais do que quatro mil e novecentos e noventa e nove luíses que Vossa Excelência me deve.

Danglars arregalou os olhos ao ouvir a gigantesca brincadeira.

— Ah, muito engraçado — murmurou ele —, mas realmente muito engraçado!

E quis continuar a destrinchar o frango; mas Peppino segurou-lhe a mão direita com sua mão esquerda e estendeu a outra mão.

— Vamos — disse Peppino.

— O quê? Não está brincando? — perguntou Danglars.

— Nós nunca brincamos, Excelência — continuou Peppino, sério como um quacre.

— Como? Cem mil francos por um frango?

— Excelência, incrível o trabalho que temos para criar aves nestas malditas cavernas.

— Ora, vamos! — exclamou Danglars. — Acho tudo isso muito cômico, muito divertido, realmente... Mas, como estou com fome, deixe-me comer. Olhe, aqui está mais um luís para você, meu amigo.

— Então já não faltam mais do que quatro mil e novecentos e noventa e oito luíses — disse Peppino, mostrando o mesmo sangue-frio. — Com paciência, chegaremos lá.

— Oh, quanto a isso — disse Danglars, revoltado com aquela perseverança em brincarem com ele —, quanto a isso, nunca... Vá para o diabo... Você sabe com quem está falando?

Peppino fez um sinal: o jovem estendeu as mãos e retirou rapidamente o frango. Danglars atirou-se ao leito de pele de bode; Peppino fechou a porta e continuou a comer os seus grãos de bico com toucinho.

Danglars não podia ver o que Peppino estava fazendo, mas a mastigação do bandido não deixava dúvida sobre a atividade a que se entregava.

Estava claro que comia, até mesmo que comia ruidosamente, como um homem muito mal-educado.

— Grosseiro! — exclamou Danglars.

Peppino fingiu não ouvir e, sem sequer voltar a cabeça, continuou a comer com demorada lentidão.

Danglars achava que seu estômago estava furado como o tonel das Danaides e julgava que nunca mais conseguiria enchê-lo.

Entretanto, teve paciência por mais meia hora — mas seria justo dizer que essa meia hora pareceu-lhe um século.

Então se levantou e voltou à porta.

— Vamos, senhor — disse Danglars —, não me faça penar ao infinito: diga logo o que desejam de mim...

— Mas, Excelência, diga antes o que deseja de nós... Dê as suas ordens e nós as cumprimos.

— Então, primeiro, abra a porta.

Peppino abriu-a.

— Desejo — disse Danglars —, ora, desejo comer!

— Está com fome?

— Sabe muito bem que estou.

— Que deseja comer, Vossa Excelência?

— Um pedaço de pão seco, já que nestas malditas cavernas os frangos custam uma exorbitância.

— Pão? Que seja — disse Peppino.

“Olá! Pão!” — gritou ele.

O jovem trouxe um pãozinho.

— Aqui está! — disse Peppino.

— Quanto custa? — perguntou Danglars.

— Quatro mil e novecentos e noventa e oito luíses.

Dois luíses já foram pagos adiantados.

— Como?! Cem mil francos por um pão?!

— Cem mil francos! — ecoou Peppino.

— Mas você me pedia cem mil francos por um frango!

— Não servimos à carta, mas a preço fixo. Coma-se muito ou pouco, peçam-se dez pratos ou apenas um, o preço é sempre o mesmo.

— De novo essa brincadeira! Meu caro amigo, eu lhe declaro que isto é um absurdo, isto é estúpido! Diga logo que deseja que eu morra de fome, é muito mais simples.

— Mas não, Excelência, é o senhor que deseja se suicidar. Pague e coma.

— Pagar com o quê, triplo animal?! — exclamou Danglars, exasperado. — Acaso acha que se anda com cem mil francos no bolso?

— O senhor tem cinco milhões e cinquenta mil francos em seu bolso, Excelência — disse Peppino. — Isso equivale a cinquenta frangos a cem mil francos e meio frango a cinquenta mil francos...

Danglars estremeceu — a venda caiu de seus olhos: continuava a ser uma brincadeira, mas finalmente a entendia.

Seria até mesmo justo dizer que ele já não achava a brincadeira tão chata como antes.

— Vejamos — disse ele —, então vejamos: se eu lhe der esses cem mil francos, ao menos estaremos quites e poderei comer à vontade?

— Certamente — disse Peppino.

— Mas como dá-los? — perguntou Danglars, respirando mais livremente.

— Nada mais fácil... O senhor tem um crédito aberto na casa dos senhores Thomson e French, na via dei Banchi, em Roma... Dê-me um bônus de quatro mil e novecentos e noventa e oito luíses sobre esses senhores: nosso banqueiro o descontará.

Danglars quis ao menos dar-se o mérito da boa vontade; pegou a pena e o papel que Peppino lhe apresentava, preencheu o bônus e assinou.

— Olhe — disse ele —, aqui está seu bônus ao portador.

— E aqui está seu frango, senhor.

Danglars destrinchou a ave suspirando: ela parecia-lhe magra demais para uma soma tão gorda.

Quanto a Peppino, leu atentamente o papel, guardou-o no bolso e continuou a comer os seus grãos de bico.

CXVII. O PERDÃO

No dia seguinte, Danglars voltou a sentir fome; o ar daquela caverna abria-lhe o apetite; o prisioneiro imaginou que nesse dia não precisaria gastar nada: como homem econômico, escondera metade do frango e um pedaço de pão num canto da cela.

Mas, assim que comeu, sentiu sede: não contara com isso.

Lutou contra a sede até o momento em que sentiu a língua seca grudar no céu da boca.

Então, já não podendo mais resistir ao fogo que o devorava, chamou.

A sentinela abriu a porta: era uma cara nova.

Danglars pensou que mais valia lidar com um velho conhecido: chamou Peppino.

— Aqui estou, Excelência — disse o bandido, apresentando-se com uma prontidão que a Danglars pareceu bom presságio —, que deseja?

— Beber — disse o prisioneiro.

— Excelência — disse Peppino —, sabe que nos arredores de Roma o vinho custa os olhos da cara.

— Então me dê água — disse Danglars, procurando aparar o golpe.

— Oh, Excelência, a água é ainda mais rara que o vinho... A seca é tão grande!

— Vamos — disse Danglars —, ao que parece, vamos recomeçar!

E, enquanto sorria para parecer brincar, o infeliz sentia o suor banhar-lhe as fontes.

— Vamos, meu amigo — disse Danglars, vendo que Peppino permanecia impassível —, eu lhe peço um copo de vinho... Vai me recusar?

— Já lhe disse, Excelência — respondeu seriamente Peppino —, que não vendemos miudezas.

— Bem, então, vejamos: dê-me uma garrafa.

— De que vinho?

— Do mais barato.

— Todos os vinhos têm o mesmo preço.

— E qual é o preço?

— Vinte e cinco mil francos a garrafa.

— Diga — exclamou Danglars, com uma amargura que só Harpagon seria capaz de perceber no diapasão da voz humana —, diga logo que quer me esfolar, será mais rápido do que me devorar assim, pedaço a pedaço.

— É possível — disse Peppino — que seja essa a intenção do chefe.

— E quem é o chefe?

— Aquele a quem o conduziram anteontem.

— E onde está ele?

— Aqui.

— Deixe-me vê-lo.

— É simples.

Instantes depois, Luigi Vampa estava diante de Danglars.

— O senhor me chamou? — perguntou Vampa ao prisioneiro.

— O senhor que é o chefe das pessoas que me trouxeram aqui?

— Sim, Excelência... E daí?

— Que deseja de mim como resgate? Diga.

— Simplesmente os cinco milhões que traz consigo.

Danglars sentiu terrível espasmo partir-lhe o coração.

— Só tenho isso no mundo, senhor, e é o restante de uma imensa fortuna... Se me tirar isso, tira-me a vida.

— Proibiram-nos de derramar o seu sangue, Excelência.

— E quem proibiu?

— Aquele a quem nós obedecemos.

— Então obedecem a alguém?

— Sim, a um chefe.

— Achava que o chefe era o senhor...

— Eu sou o chefe desses homens... Mas outro homem é meu chefe.

— E esse chefe obedece a alguém?

— Sim.

— A quem?

— A Deus.

Danglars ficou pensativo por um momento.

— Não entendo — disse ele.

— É possível.

— Foi esse chefe quem o mandou me tratar assim?

— Sim.

— Qual é a sua intenção?

— Não sei.

— Mas a minha bolsa vai se esgotar.

— Provavelmente.

— Vejamos — disse Danglars —, quer um milhão?

— Não.

— Dois milhões?

— Não.

— Três milhões?... Quatro?... Vejamos: quatro? Dou-lhes, com a condição de que me deixem ir embora.

— Por que só nos oferece quatro milhões pelo que vale cinco?

— perguntou Vampa. — Isso é usura, senhor banqueiro, ou então já não entendo mais nada.

— Pegue tudo, pegue tudo, eu lhe digo — exclamou Danglars —, e mate-me.

— Ora, vamos, acalme-se, Excelência, ou vai acelerar a circulação sanguínea, o que lhe dará apetite para comer um milhão por dia... Então seja mais econômico, caramba!

— E quando eu já não tiver mais dinheiro para lhe pagar? — exclamou Danglars, exasperado.

— Então vai passar fome.

— Vou passar fome? — perguntou Danglars, empalidecendo.

— Provavelmente — respondeu fleumaticamente Vampa.

— Mas o senhor não disse que não queria me matar?

— Disse.

— E quer me deixar morrer de fome?

— Não é a mesma coisa.

— Bem, miseráveis — exclamou Danglars —, vou frustrar os seus cálculos infames... Morrer por morrer, prefiro morrer agora mesmo... Pode me fazer sofrer, me torturar, me matar, mas não terá mais a minha assinatura.

— Como quiser, Excelência — disse Vampa.

E saiu da cela.

Danglars atirou-se às suas peles de bode, rugindo.

Quem eram aqueles homens? Quem era esse chefe visível? Quem era aquele chefe invisível? Que planos tinham para ele? E, se todo mundo podia ser resgatado, por que só ele não podia?

Oh, certamente a morte, uma morte rápida e violenta, seria um bom meio de ludibriar os seus ferrenhos inimigos, que pareciam persegui-lo com uma vingança incompreensível.

Sim, mas morrer?!

Talvez pela primeira vez, em sua tão longa carreira, Danglars pensava na morte com desejo e, ao mesmo tempo, com medo de morrer; mas para ele chegara o momento de encarar o espectro implacável que vive no interior de cada criatura que, a cada pulsar do coração, diz a si mesmo: “Você vai morrer!”.

Danglars parecia um animal selvagem que a caça anima, depois desespera, mas que graças ao desespero às vezes consegue se salvar.

Danglars pensou em fugir.

Mas os muros eram a própria rocha, na única saída da cela um homem lia, além desse homem viam-se ir e vir sombras armadas de fuzis.

Sua decisão de não assinar durou dois dias — depois ele pediu comida e ofereceu um milhão.

Serviram-lhe uma ceia magnífica e levaram seu milhão.

E depois a vida do infeliz prisioneiro tornou-se uma perpétua divagação. Sofrera tanto que já não queria mais se expor a sofrer e aceitava todas as exigências; ao cabo de doze dias, numa tarde em que banqueteara como em seus belos tempos de fortuna, fez as contas e percebeu que assinara tantos papéis ao portador que só lhe restavam cinquenta mil francos.

Então, aconteceu-lhe estranha reação: ele, que acabava de dissipar cinco milhões, tentava salvar os cinquenta mil francos que ainda lhe restavam; em vez de entregar esses cinquenta mil francos, resolveu levar uma vida de privações, tendo vislumbres de esperança que beiravam a loucura; ele, que havia tanto tempo esquecera Deus, Dele se lembrou para dizer-se que às vezes Deus fazia milagres; a caverna poderia desmoronar; os carabineiros pontifícios poderiam descobrir aquele maldito esconderijo e vir em seu socorro; então lhe restariam cinquenta mil francos; cinquenta mil francos eram uma soma suficiente para impedir que um homem morresse de fome; implorou a Deus que lhe conservasse esses cinquenta mil francos e, implorando, chorou.

Assim se passaram três dias, durante os quais o nome de Deus esteve sempre presente, se não em seu coração, ao menos em seus lábios; de vez em quando, tinha momentos de delírio, quando julgava ver, através das janelas, num pobre quarto, um velho agonizando num pobre leito.

Esse velho também morria de fome.

No quarto dia, já não era mais um homem: era um cadáver vivo; apanhara no chão até as últimas migalhas de suas recentes refeições e começara a devorar a palha que cobria o chão.

Então suplicou a Peppino, como se suplica ao anjo da guarda, que lhe desse algum alimento; ofereceu-lhe mil francos por uma

fatia de pão.

Peppino não respondeu.

No quinto dia, arrastou-se até à entrada da cela.

— Mas então você não é cristão? — exclamou, ajoelhando-se.
— Quer assassinar um homem que é seu irmão diante de Deus?

“Oh, meus amigos de outrora, meus amigos de outrora” — murmurou ele.

E caiu de bruços.

Depois, erguendo-se, com uma espécie de desespero: — O chefe! — gritou ele. — O chefe!

— Aqui estou! — disse Vampa, aparecendo de repente. — Que mais deseja?

— Pegue o meu último ouro — balbuciou Danglars, estendendo a carteira — e deixe-me viver aqui, nesta caverna... Já não peço mais a liberdade: só peço para viver.

— Está sofrendo muito? — perguntou Vampa.

— Oh, sim, estou sofrendo, e cruelmente!

— Todavia, há homens que sofreram até mais do que o senhor.

— Não creio.

— Pode crer!... Os homens que morreram de fome.

Danglars lembrou o velho que, nas horas de alucinação, via, através das janelas de seu pobre quarto, gemer em seu leito.

Bateu a testa contra o chão, dando um gemido.

— Sim, é verdade, alguns sofreram até mais do que eu, mas ao menos eles eram mártires.

— Ao menos se arrepende? — perguntou uma voz sombria e solene, fazendo arrepiarem-se os cabelos de Danglars.

O seu olhar enfraquecido tentou distinguir os objetos e viu, atrás do bandido, um homem envolto em uma capa, quase escondido à sombra de uma pilastra de pedra.

— Do que devo me arrepender? — balbuciou Danglars.

— Do mal que o senhor fez — disse a mesma voz.

— Oh, sim, eu me arrependo! Eu me arrependo! — exclamou Danglars.

E bateu no peito com seu punho emagrecido.

— Então eu o perdoo — disse o homem, tirando a capa e dando um passo para colocar-se à luz.

— O conde de Monte-Cristo! — exclamou Danglars, mais pálido de terror do que estivera instantes antes de fome e miséria.

— O senhor está enganado... Eu não sou o conde de Monte-Cristo.

— E quem é o senhor?

— Eu sou aquele que o senhor vendeu, entregou, desonrou... Eu sou aquele cuja noiva o senhor prostituiu... Eu sou aquele em quem o senhor pisou para elevar-se à fortuna... Eu sou aquele cujo pai o senhor fez morrer de fome, que o senhor condenou a morrer de fome, mas que todavia o perdoa, pois ele mesmo também precisa ser perdoado... Eu sou Edmond Dantès!

Danglars deu apenas um grito e caiu prosternado.

— Levante-se — disse o conde —, sua vida está salva... Seus dois cúmplices não tiveram a mesma sorte: um deles está louco, o outro está morto! Guarde os cinquenta mil francos que lhe restam: é um presente... Quanto aos seus cinco milhões roubados dos hospitais, já foram devolvidos por mãos desconhecidas. Agora, coma e beba... Esta noite o senhor é meu hóspede. Vampa: quando este homem estiver saciado, ele estará livre.

Danglars permaneceu prosternado enquanto o conde se afastava; quando ergueu a cabeça, não viu mais do que uma espécie de sombra, diante da qual os bandidos se inclinavam, desaparecer no corredor.

Como ordenara o conde, Danglars foi servido por Vampa, que mandou lhe servirem o melhor vinho e as mais belas frutas da Itália, e que, embarcando-o em sua carruagem, abandonou-o na estrada, recostado a uma árvore.

Ali ele ficou até amanhecer, ignorando onde estava.

Ao amanhecer, percebeu que estava perto de um córrego: com sede, arrastou-se até a corrente.

Ao abaixar-se para beber, percebeu que seus cabelos tinham embranquecido.

CXVIII. O CINCO DE OUTUBRO

Eram quase seis horas da tarde; um dia cor de opala, no qual um belo sol de outono infiltrava os raios dourados, caía do céu ao mar quase azul.

O calor do dia extinguiu-se gradualmente e já se começava a sentir aquela brisa suave que parece a respiração da natureza a despertar depois da ardente sesta do meio-dia — sopro delicioso que refresca as costas do mar Mediterrâneo e carrega de praia em praia o perfume das árvores mesclado ao acre aroma do mar.

Nesse imenso lago que se estende de Gibraltar aos Dardanelos, de Túnis a Veneza, um iate ligeiro de formas puras e elegantes deslizava em meio às primeiras neblinas noturnas. Seus movimentos eram os do cisne a abrir as suas asas ao vento e a parecer deslizar sobre as águas. Ele avançava rápido e gracioso ao mesmo tempo, deixando atrás de si um rastro fosforescente.

Pouco a pouco, o sol, cujos últimos raios dourados saudamos, desaparecera no horizonte ocidental, mas, como a dar razão aos brilhantes sonhos da mitologia, suas luzes indiscretas, reaparecendo na crista de cada onda, pareciam revelar que o deus de chama acabara de esconder-se no seio de Anfitrite, que em vão buscava esconder seu amante nas dobras de seu manto azul.

O iate avançava velozmente, embora aparentemente só houvesse vento para fazer voar os cachos da cabeleira de uma jovem.

De pé à proa, um homem de alta estatura, pele bronzeada, olhos dilatados, via a terra aproximar-se dele em forma de massa escura, disposta em cone, saindo do meio das ondas como um imenso chapéu catalão.

— É esta a ilha de Monte-Cristo? — perguntou em voz grave, cheia de profunda tristeza, o viajante que momentaneamente parecia dar as ordens no pequeno iate.

— Sim, Excelência — respondeu o capitão —, nós chegamos.

— Nós chegamos! — murmurou o viajante, em tom de indefinível melancolia.

Então acrescentou em voz baixa: — Sim, ali está o porto.

E voltou a mergulhar em seus pensamentos, que se traduziam em sorriso mais triste do que lágrimas.

Minutos depois, distinguiram em terra o clarão de uma chama que logo se apagou e o estampido de uma arma de fogo chegou ao iate.

— Excelência — disse o capitão —, é o sinal de terra: deseja responder pessoalmente?

— Que sinal? — respondeu o homem.

O capitão estendeu a mão à ilha, em cujos flancos subia, isolada e quase branca, grande nuvem de fumaça a se espalhar.

— Ah, sim — continuou ele, como a sair de um sonho —, passe-me...

O capitão estendeu-lhe uma carabina já carregada: o viajante pegou-a, ergueu-a lentamente e atirou no ar.

Dez minutos depois, recolheram as velas e lançaram âncora a quinhentos metros de um pequeno porto.

O bote já estava no mar com quatro remadores e o piloto; o viajante desceu e, em vez de sentar-se à popa, para ele forrada de tapete azul, manteve-se de pé e de braços cruzados.

Os remadores esperavam, com os remos semierguidos como aves a secar as suas asas.

— Vamos! — exclamou o viajante.

Os oito remos caíram no mar ao mesmo tempo, sem respingar uma gota d'água; então, cedendo ao impulso, o barco deslizou velozmente.

Num instante, chegaram a uma pequena enseada, formada por um recorte natural; o barco tocou um fundo de areia fina.

— Excelência — disse o piloto —, suba nos ombros de dois de nossos homens, eles vão levá-lo a terra.

O jovem respondeu ao convite com gesto de completa indiferença, tirou as pernas do barco e deixou-se deslizar à água, que lhe subiu até a cintura.

— Ah, Excelência — murmurou o piloto —, não devia ter feito isto, o patrão vai ficar bravo com a gente.

O jovem continuou a avançar à margem, seguindo dois marinheiros que escolhiam o melhor caminho submerso.

Em trinta passos, chegaram a terra; o jovem sacudia os pés em terreno seco e olhava ao redor procurando o provável caminho que lhe indicariam, pois já era noite escura.

Quando voltava a cabeça, uma mão pousou em seu ombro e uma voz levou-o a estremecer.

— Boa noite, Maximilien — disse essa voz. — Você foi pontual, obrigado!

— É o senhor, conde?! — exclamou o jovem, com gestos que pareciam de alegria, apertando a mão de Monte-Cristo com ambas as mãos.

— Sim, como vê, tão pontual quanto você... Mas está todo molhado, meu caro amigo: precisa trocar-se, como diria Calipso a Telêmaco. Então venha, por aqui há aposentos preparados para você, onde esquecerá o frio e o cansaço.

Monte-Cristo viu que Morrel se voltava e esperou.

De fato, o jovem via com surpresa que palavra alguma fora pronunciada por aqueles que o haviam trazido: não os pagara, mas eles já tinham partido. Já se ouvia até mesmo a batida dos remos do barco, que retornava ao pequeno iate.

— Ah, sim — disse o conde —, está procurando os seus marinheiros?

— Claro... Não os paguei, mas eles partiram.

— Não se preocupe com isso, Maximilien — disse Monte-Cristo, rindo —, tenho um trato com a marinha para que o acesso à minha ilha seja livre de qualquer taxa de transporte e de viagem. Sou assinante, como se diz nos países civilizados.

Morrel olhou o conde com surpresa.

— Conde — disse ele —, o senhor já não é o mesmo que era em Paris.

— Como assim?

— Sim... Aqui o senhor ri.

A fisionomia de Monte-Cristo entristeceu-se de repente.

— Tem razão de me chamar ao juízo, Maximilien — disse ele. — Revê-lo era uma felicidade para mim, já ia esquecendo que toda

felicidade é passageira.

— Oh, não, não, conde — exclamou Morrel, tomando novamente as mãos do amigo. — Pelo contrário, ria, seja feliz, e prove-me com sua indiferença que a vida só é má para os que sofrem. Oh, o senhor é caridoso... O senhor é bom, o senhor é grande, meu amigo... E é para me dar coragem que finge essa alegria.

— Você está enganado, Morrel — disse Monte-Cristo —, eu estava mesmo feliz.

— Então, esqueceu-se de mim, melhor assim!

— Como assim?

— Sim, o senhor sabe, meu amigo, como dizia o gladiador ao sublime imperador ao entrar no circo, eu lhe digo: “Aquele que vai morrer te saúda”.

— Ainda não está consolado? — perguntou Monte-Cristo, com estranho olhar.

— Oh — suspirou Morrel, com olhar cheio de amargura —, acreditou realmente que eu poderia me consolar?

— Escute — disse o conde —, ouve bem as minhas palavras, não ouve, Maximilien? Não me tome por um homem vulgar, por uma matraca que emite sons vagos e vazios de sentido. Quando lhe pergunto se está consolado, eu lhe falo como homem para quem o coração humano já não tem mais segredos. Bem, Morrel, desçamos juntos ao fundo de seu coração e o sondemos. Nele ainda há aquela ardente impaciência do sofrimento que leva o corpo a sobressaltar-se como um leão picado pelo mosquito? Ainda há aquela sede devoradora que só cessa no túmulo? Ainda há aquela idealização da saudade que lança o vivo além da vida, em busca da morte? Ou há apenas o abatimento da coragem esgotada, o tédio que sufoca o raio de esperança que desejaria brilhar? A perda da memória levando à impotência das lágrimas? Oh, meu caro amigo, se for isso, se já não pode mais chorar, se imagina morto o seu coração adormecido, se já não encontra forças senão em Deus, se só olha para o céu, amigo, então deixemos de lado as palavras estreitas demais para o sentido que lhes dá a nossa alma. Maximilien, você está consolado, não se lamente mais.

— Conde — disse Morrel, com voz suave e firme ao mesmo tempo —, conde, escute-me como se escuta um homem que fala com o dedo apontado para a terra e com os olhos erguidos para o céu: se estou a seu lado, é para morrer nos braços de um amigo. Claro que há pessoas que eu amo: amo minha irmã Julie, amo meu cunhado Emmanuel... Mas preciso que me abram braços fortes e que me sorriam em meus últimos momentos... Minha irmã se desmancharia em lágrimas e desmaiaria... Eu a veria sofrer, e já sofri demais... Emmanuel arrancaria a arma das minhas mãos e encheria a casa de gritos. O senhor, conde, deu-me a palavra, o senhor é mais do que um homem, eu o chamaria de um Deus, se não fosse mortal; o senhor me conduzirá suavemente, com ternura, não é verdade, até às portas da morte?

— Amigo — respondeu o conde —, ainda me resta uma dúvida: teria você tão pouca força que recorreria ao orgulho para ostentar o seu sofrimento?

— Não, veja bem, eu sou simples — disse Morrel, estendendo a mão ao conde —, meu pulso não bate nem mais forte nem mais lento que o normal. Não, eu me sinto no fim do caminho... Não, não irei mais longe. O senhor me falou em esperar e ter esperança... Sabe o que o senhor fez, sábio infeliz? Esperei um mês, ou seja, sofri um mês! Tive esperança (o homem é uma criatura pobre e miserável!), tive esperança em quê? Não faço ideia, em algo desconhecido, absurdo, insensato! Num milagre... Qual? Só Deus pode dizer, ele que acrescentou à nossa razão essa loucura que se chama esperança. Sim, esperei... Sim, tive esperança, conde, e neste quarto de hora que passamos conversando o senhor cem vezes, sem saber, partiu, torturou o meu coração, pois cada uma de suas palavras me provou que para mim já não existe mais esperança. Oh, conde, como repousarei docemente, voluptuosamente, na morte!

Morrel pronunciou essas últimas palavras com uma explosão de energia que fez o conde estremecer.

— Meu amigo — continuou Morrel, ao ver que o conde se calava —, o senhor apontou o dia 5 de outubro como o fim do prazo que me solicitou... Meu amigo, o dia 5 de outubro é hoje...

Morrel puxou o relógio.

— São nove horas: ainda tenho três horas de vida.

— Está bem! — respondeu Monte-Cristo. — Venha.

Morrel seguiu maquinalmente o conde — eles já estavam na caverna, o que Maximilien ainda não percebera.

Então percebeu tapetes sob os pés, uma porta se abriu, perfumes o envolveram, intensa luz feriu seus olhos.

Morrel parou, hesitando em avançar; desconfiava das estimulantes delícias a cercá-lo.

Monte-Cristo puxou-o delicadamente.

— Não convém — disse ele — empregarmos essas três horas que nos restam como os antigos romanos que, condenados por Nero, seu imperador e herdeiro, sentavam-se à mesa coroados de flores e aspiravam a morte com o perfume dos girassóis e das rosas?

Morrel sorriu.

— Como quiser — disse ele. — A morte é sempre a morte, ou seja, o esquecimento, ou seja, o repouso, ou seja, a ausência de vida e, portanto, de sofrimento.

Sentou-se; Monte-Cristo sentou-se diante dele.

Estavam naquela maravilhosa sala de jantar que já descrevemos, onde estátuas de mármore levavam na cabeça cestos sempre cheios de flores e de frutos.

Morrel olhara tudo vagamente: provavelmente nada havia visto.

— Falemos como homem — disse ele, olhando o conde fixamente.

— Fale! — disse Monte-Cristo.

— Conde — continuou Morrel —, o senhor é o resumo de todos os conhecimentos humanos, o senhor me dá a impressão de ter vindo de um mundo mais avançado e mais sábio do que o nosso.

— Há algo de verdade nisso, Morrel — disse o conde, com aquele sorriso melancólico que o tornava tão belo. — Vim de um planeta que se chama sofrimento.

— Acredito em tudo o que o senhor me diz, sem procurar aprofundar o sentido de suas palavras, conde; prova é que o senhor me disse que vivesse e eu vivi; me disse que esperasse e esperei.

Ousarei portanto lhe perguntar, conde, como se o senhor já tivesse morrido uma vez: é muito mau, conde?

Monte-Cristo olhava Morrel com indefinível expressão de ternura.

— Sim — respondeu ele —, sim, certamente é muito mau, se você arrebentar brutalmente o invólucro mortal que obstinadamente pede para viver; se fizer a sua carne gritar ao sentir os dentes imperceptíveis de um punhal; se furar com uma bala cega, sempre pronta a extraviar-se no caminho, o seu cérebro, que ao menor choque sente dor, certamente sofrerá e deixará abominavelmente a vida, achando-a, em meio à sua desesperada agonia, melhor do que um repouso comprado tão caro.

— Sim, compreendo — disse Morrel —, a morte, assim como a vida, tem os seus segredos de dor e de volúpia: tudo está em conhecê-los.

— Justamente, Maximilien, e acaba de dizer o principal. A morte é, dependendo de nossos cuidados em nos darmos bem ou mal com ela, ou uma amiga que nos embala suavemente, como uma ama, ou uma inimiga que nos arranca a alma do corpo violentamente. Um dia, quando nosso mundo já tiver vivido mais um milênio, quando nos tornarmos senhores de todas as forças destrutivas da natureza para colocá-las a serviço do bem-estar geral da humanidade; quando o homem conhecer, como você dizia agora mesmo, os segredos da morte, a morte passará a ser tão suave e voluptuosa quanto o sono gozado nos braços de nossa bem-amada.

— E se o senhor também quisesse morrer, conde, saberia morrer assim?

— Sim.

Morrel estendeu-lhe a mão.

— Agora entendo — disse ele — por que o senhor marcou este encontro aqui, nesta ilha isolada, no meio do oceano, neste palácio subterrâneo, sepulcro que faria inveja a um faraó: é porque gosta de mim, não é mesmo, conde? É porque gosta de mim o bastante para me proporcionar uma dessas mortes de que me falava agora há pouco, uma morte sem agonia, uma morte que me permita

desaparecer pronunciando o nome de Valentine e apertando sua mão.

— Sim, adivinhou corretamente, Morrel — disse o conde com simplicidade —, é assim que entendo.

— Obrigado, a ideia de que amanhã já não sofrerei mais é agradável ao meu pobre coração.

— Não vai sentir falta de nada? — perguntou Monte-Cristo.

— Não! — respondeu Morrel.

— Nem mesmo de mim? — perguntou o conde, com profunda emoção.

Morrel interditou-se; os seus olhos tão puros se obscureceram de repente, depois brilharam intensamente; grande lágrima irrompeu e rolou, deixando um rastro de prata em seu rosto.

— O quê? — exclamou o conde. — Ainda sente falta de algo na terra e vai morrer?

— Oh, eu lhe suplico — exclamou Morrel, em voz frágil —, nem mais uma palavra, conde: não prolongue meu suplício!

O conde pensou que Morrel fraquejava.

Essa impressão momentânea ressuscitou nele a terrível dúvida que já vencera uma vez no castelo de If.

“O que me importa”, pensou, “é devolver a felicidade a este homem: vejo essa restituição como um peso que ponho na balança equilibrando o prato onde depositei o mal. Agora, e se eu estiver enganado, e se esse homem não for infeliz o bastante para merecer a felicidade?! Ai, que seria de mim, se só consigo esquecer o mal lembrando o bem?”

— Escute, Morrel — exclamou ele —, seu sofrimento é imenso, bem o vejo... Todavia, você acredita em Deus, não vai querer arriscar a salvação de sua alma.

Morrel sorriu com tristeza.

— Conde — disse ele —, sabe que não faço poesia a frio, sem paixão... Mas juro que minha alma já não me pertence mais.

— Escute, Morrel — disse Monte-Cristo —, não tenho nenhum parente no mundo, como sabe. Acostumei-me a vê-lo como um filho... Bem, para salvar meu filho, eu sacrificaria a própria vida, quanto mais minha fortuna.

— Que quer dizer?

— Quero dizer, Morrel, que você só quer deixar a vida porque ainda não experimentou todos os prazeres que a vida promete a uma grande fortuna. Morrel, eu possuo cerca de cem milhões, dou-os a você; com tamanha fortuna, você poderá atingir todas as metas que ambicionar. Se for ambicioso, todos os caminhos lhe serão abertos. Agite o mundo, mude a fisionomia do mundo, entregue-se a práticas insensatas, se preciso seja criminoso, mas viva.

— Conde, o senhor me deu sua palavra — respondeu Morrel friamente. E, puxando o relógio, acrescentou: — São onze e meia.

— Morrel! Pretende fazer isso na minha frente, em minha casa?

— Então, deixe-me partir — disse Morrel, tornando-se sombrio —, ou vou achar que não gosta de mim por mim, mas sim pelo senhor.

E ergueu-se.

— Está bem — disse Monte-Cristo, com a fisionomia a iluminar-se ao ouvir essas palavras. — Como quiser, Morrel, você é inflexível... Sim, você está profundamente infeliz, e, como você disse, só um milagre poderia curá-lo... Sente-se, Morrel, e espere.

Morrel obedeceu; Monte-Cristo levantou-se por sua vez e foi buscar num armário cuidadosamente trancado, do qual trazia a chave presa numa corrente de ouro, um pequeno cofre de prata maravilhosamente esculpido e cinzelado, com ângulos representando quatro figuras curvadas, semelhantes às cariátides de aparência desolada, figuras femininas simbolizando anjos que aspiram ao céu.

Colocou o cofre sobre a mesa.

Então, abrindo-o, tirou uma caixinha de ouro cuja tampa se levantava ao apertar-se uma mola secreta.

Essa caixa continha uma substância untuosa, meio sólida, de cor indefinível devido ao reflexo de ouro polido, safiras, rubis e esmeraldas que adornavam a caixa.

Era como um sucessivo cintilar de azul, púrpura e ouro.

O conde tirou uma pequena quantidade dessa substância com uma colher de prata dourada e ofereceu-a a Morrel, fixando nele um longo olhar.

Então foi possível ver que a substância era esverdeada.

— Aqui está o que você me pediu — disse ele. — Aqui está o que lhe prometi.

— Ainda vivo — disse o jovem, tomando a colher das mãos de Monte-Cristo —, agradeço-lhe do fundo do coração.

O conde pegou uma segunda colher e serviu-se pela segunda vez na caixa de ouro.

— Que vai fazer, amigo? — perguntou Morrel, segurando-lhe a mão.

— Ora, Morrel — disselhe o conde, sorrindo —, Deus me perdoe, acho que estou tão cansado da vida quanto você, e já que a ocasião se apresenta...

— Pare! — exclamou o jovem. — Oh, o senhor que ama, que é amado, que tem a fé da esperança, oh, não faça o que vou fazer; de sua parte, seria um crime. Adeus, meu nobre e generoso amigo; vou contar a Valentine tudo o que o senhor fez por mim.

E lentamente, sem nenhuma hesitação além de uma pressão da mão esquerda que estendia ao conde, Morrel engoliu, ou melhor, saboreou a misteriosa substância oferecida por Monte-Cristo.

Então ambos se calaram. Silencioso e atento, Ali trouxe o tabaco e os cachimbos, serviu o café e desapareceu.

Pouco a pouco, as luzes empalideceram nas mãos das estátuas de mármore que as seguravam e o perfume dos defumadores pareceu menos penetrante a Morrel.

Sentado diante dele, Monte-Cristo olhava-o do fundo da penumbra: Morrel só via o brilho dos olhos do conde.

Imensa dor dominou o jovem; ele sentia o cachimbo escapar de suas mãos; aos poucos os objetos perdiam forma e cor; os seus olhos nublados viam se abrirem como que portas e cortinas nas paredes.

— Amigo — disse ele —, sinto que estou morrendo; obrigado.

Fez um esforço para estender-lhe a mão pela última vez, mas a mão sem força caiu a seu lado.

Então, pareceu-lhe que Monte-Cristo sorria, não mais com o seu riso estranho e assustador, que muitas vezes lhe permitira entrever

os mistérios daquela alma profunda, mas com a benevolente compaixão que os pais sentem pelos filhos pequenos que deliram.

Ao mesmo tempo, o conde crescia a seus olhos; as suas formas, quase duplicadas, desenhavam-se nas tapeçarias vermelhas; jogara os cabelos negros para trás, aparecia de pé e altivo como um desses anjos com que se ameaçam os maus no dia do juízo final.

Abatido, aniquilado, Morrel afundou-se em sua poltrona: uma sonolência aveludada insinuou-se em cada uma de suas veias. Uma mudança de ideias mobiliou, por assim dizer, a sua cabeça, assim como uma nova disposição de desenhos mobília o caleidoscópio.

Deitado, inquieto, ofegante, Morrel já não sentia mais nada de vivo em si além desse sonho: parecia-lhe entrar a plenas velas no vago delírio que precede esse outro desconhecido que se chama morte.

Mais uma vez tentou estender a mão ao conde, mas dessa vez sua mão sequer se moveu; quis articular um supremo adeus: sua língua enrolou-se pesadamente em sua garganta, como uma pedra a vendar um sepulcro.

Seus olhos carregados de indolência fecharam-se sozinhos; entretanto, por trás de suas pálpebras, agitava-se uma imagem que ele reconheceu, apesar da escuridão em que se imaginava envolto.

Era o conde, que acabara de abrir uma porta.

Logo, imenso clarão a irradiar de uma sala vizinha — ou melhor, de um palácio maravilhoso — inundou a sala onde Morrel se entregava à sua doce agonia.

Então viu surgir no limiar daquela sala, no limite entre os dois quartos, uma mulher de maravilhosa beleza.

Pálida, sorrindo docemente, ela parecia o anjo da misericórdia exorcizando o anjo das vinganças.

— Será o céu que já se abre para mim? — pensou o moribundo. — Esse anjo é semelhante ao que perdi.

Monte-Cristo apontou à jovem o sofá onde Morrel estava deitado.

Ela avançou até ele com as mãos juntas, com um sorriso nos lábios.

— Valentine! Valentine! — gritou Morrel do fundo da alma.

Mas sua boca não proferiu som algum; e, como se todas as suas forças tivessem se consumido naquela emoção íntima, ele deu um suspiro e fechou os olhos.

Os lábios de Morrel ainda esboçaram um movimento.

Valentine precipitou-se para ele.

— Ele a chama — disse o conde. — Ele a chama do fundo de seu sono, o homem a quem você confiou o seu destino, de quem a morte quis separá-la! Mas felizmente eu estava lá e venci a morte! Valentine, doravante vocês já não vão mais se separar na terra; pois para revê-la ele se precipitava ao túmulo. Sem mim, ambos morreriam; devolvo-os um ao outro; possa Deus levar em conta essas duas existências que salvo!

Valentine tomou a mão de Monte-Cristo e, num impulso de alegria irresistível, levou-a aos lábios.

— Oh, agradeça-me sim — disse o conde —, oh, repita-me, nunca se canse de repetir-me, repita-me que a fiz feliz; não imagina como preciso dessa certeza.

— Oh, sim, sim, eu lhe agradeço do fundo de minha alma — disse Valentine —, e, se duvida da sinceridade de minha gratidão, bem, então pergunte a Haydée, interrogue a minha querida irmã Haydée, que, desde que partimos da França, me fez esperar pacientemente, falando-me do senhor, pelo feliz dia que hoje brilha para mim.

— Então você ama Haydée? — perguntou Monte-Cristo, com uma emoção que em vão tentava esconder.

— Oh, do fundo de minha alma!

— Bem, então escute, Valentine — disse o conde —, tenho um favor a lhe pedir.

— A mim, meu Deus! E eu mereço?...

— Sim; você chamou Haydée de irmã; que ela seja sua irmã de verdade, Valentine; dê a ela tudo o que julga dever a mim; protejam-na, Morrel e você, pois (a voz do conde quase se extinguiu em sua garganta), pois agora ela vai ficar sozinha no mundo...

— Sozinha no mundo?! — repetiu uma voz atrás do conde. — E por quê?

Monte-Cristo voltou-se.

Haydée estava ali de pé, pálida e gelada, mirando o conde com expressão de mortal estupor.

— Porque amanhã, minha filha, você estará livre — respondeu o conde. — Porque vai retomar o lugar que lhe é devido no mundo, porque não quero que meu destino ofusque o seu. Filha de príncipe, devolvo-lhe as riquezas e o nome de seu pai.

Haydée empalideceu, abriu suas mãos diáfanas, como virgem que se recomenda a Deus, e, em voz embargada pelas lágrimas: — Então, meu senhor, vai me deixar? — exclamou ela.

— Haydée! Haydée! Você é jovem, você é bela; esqueça até mesmo o meu nome e seja feliz.

— Está bem — disse Haydée —, suas ordens serão cumpridas, meu senhor; esquecerei até mesmo seu nome e serei feliz.

E ela deu um passo para trás, para retirar-se.

— Oh, meu Deus — exclamou Valentine, amparando no ombro a cabeça entorpecida de Morrel —, então não vê como ela está pálida, não compreende como ela sofre?

Com expressão dilacerante, Haydée disse a Valentine: — Por que quer que ele me compreenda, minha irmã? Ele é meu amo, eu sou sua escrava; ele tem o direito de nada ver.

O conde estremeceu ao timbre daquela voz, que fez vibrar até mesmo as fibras mais secretas de seu coração; seus olhos encontraram os olhos da jovem e não conseguiram suportar seu brilho.

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou Monte-Cristo. — Então seria verdade o que você me fez suspeitar? Haydée, então você seria feliz ao meu lado?

— Eu sou jovem — respondeu ela docemente —, amo a vida que você sempre me tornou tão doce, e lamentaria morrer.

— Isso quer dizer que se eu a deixasse, Haydée...

— Eu morreria, meu amo, sim!

— Mas então me ama?

— Oh, Valentine, ele pergunta se o amo! Valentine, diga-lhe se ama Maximilien!

O conde sentiu seu peito se ampliar e seu coração se dilatar; abriu os braços: Haydée neles se lançou, dando um grito.

— Oh, sim, eu o amo! — exclamou ela. — Eu o amo como se ama um pai, um irmão, um marido! Eu o amo como se ama a vida, como se ama a Deus, pois para mim você é o mais belo, o melhor e o maior dos seres criados!

— Então seja feita a sua vontade, meu anjo querido! — disse o conde. — Deus, que me lançou contra os meus inimigos e me fez vencedor, Deus, bem o vejo, não quer esse arrependimento ao fim de minha vitória; eu queria me castigar, Deus quer me perdoar. Então me ame, Haydée! Quem sabe o seu amor talvez me leve a esquecer o que preciso esquecer.

— Mas o que está dizendo, meu amo? — perguntou a jovem.

— Estou dizendo que uma palavra sua, Haydée, me esclareceu mais do que vinte anos de minha lenta sabedoria; só tenho você no mundo, Haydée; por você agarro-me à vida, por você posso sofrer, por você posso ser feliz.

— Está ouvindo, Valentine? — exclamou Haydée. — Ele disse que por mim pode sofrer, por mim, que daria a vida por ele?

O conde refletiu por um instante.

— Será que vislumbrei a verdade? — disse ele. — Oh, meu Deus, não importa: recompensa ou castigo, aceito esse destino. Venha, Haydée, venha...

E, abraçando a jovem pela cintura, apertou a mão de Valentine e desapareceu.

Cerca de uma hora se passou, durante a qual, ofegante, sem voz, olhos fixos, Valentine permaneceu ao lado de Morrel. Enfim ela sentiu o coração dele bater, um sopro imperceptível abrir seus lábios e o leve tremor que anuncia o retorno à vida percorrer todo o corpo do jovem.

Enfim seus olhos se abriram, a princípio fixos, como que loucos; então a visão lhe voltou, precisa, real; com a visão, o sentimento e, com o sentimento, a dor.

— Oh — exclamou ele, em tom de desespero —, ainda estou vivo, o conde me enganou!

E sua mão estendeu-se até a mesa e pegou uma faca.

— Amigo — disse Valentine, com seu adorável sorriso —, acorde: olhe para mim.

Morrel deu um grande grito e delirando, cheio de dúvidas, deslumbrado como que por uma visão celestial, caiu de joelhos...

No dia seguinte, aos primeiros raios de sol, Morrel e Valentine passeavam na praia de braços dados, Valentine contando a Morrel como Monte-Cristo aparecera em seu quarto, como lhe contara tudo, como a deixara muito perto do crime e afinal como a salvara milagrosamente da morte, mesmo deixando acreditarem que ela estava morta.

Eles tinham encontrado aberta a porta da caverna e saído; o céu deixava brilhar no azul matinal as últimas estrelas da noite.

Então Morrel viu na penumbra de um rochedo um homem que aguardava um sinal para se aproximar e apontou o homem a Valentine.

— Ah, é Jacopo — exclamou ela —, o capitão do iate.

E com um gesto convidou-o a se aproximar dela e de Maximilien.

— Tem algo a nos dizer? — perguntou Morrel.

— Preciso entregar-lhes esta carta do conde.

— Do conde? — murmuraram juntos os dois jovens.

— Sim, leiam.

Morrel abriu a carta e leu: Meu caro Maximilien, Há um barco ancorado para vocês. Jacopo os levará a Livorno, onde o senhor Noirtier espera a neta que ele quer abençoar antes que ela o acompanhe ao altar. Tudo o que se encontra nessa caverna, meu amigo, a minha casa dos Campos Elíseos e o meu pequeno castelo do Tréport, são o presente de casamento que Edmond Dantès oferece ao filho de seu patrão Morrel. A senhorita de Villefort fará a gentileza de aceitar metade, pois lhe suplico que dê aos pobres de Paris toda a fortuna que lhe couber por parte do pai, que enlouqueceu, e do irmão, que faleceu em setembro último com a madrastra.

Peça ao anjo que vai velar por sua vida, Morrel, para rezar algumas vezes por um homem que, como Satã, por um momento julgou-se igual a Deus, mas reconheceu, com toda a humildade de um cristão, que só nas mãos de Deus encontram-se o poder supremo e a sabedoria infinita. Essas preces talvez suavizem o remorso que ele traz no fundo do coração.

Quanto a você, Morrel, aqui está todo o segredo de minha conduta para com você: Não existe felicidade nem infelicidade neste mundo, o que existe é comparação entre esses dois estados, nada mais. Só aquele que passou pelo extremo infortúnio

pode sentir a extrema felicidade. É preciso ter querido morrer, Maximilien, para saber como é bom viver.

Assim, vivam e sejam felizes, filhos queridos do meu coração, e nunca se esqueçam de que, até o dia em que Deus quiser desvendar o futuro ao homem, toda sabedoria humana se encontrará nestas palavras: *Esperar e ter esperança!*

Seu amigo, EDMOND DANTÈS,
Conde de Monte-Cristo.

Durante a leitura desta carta, que lhe informava a loucura do pai e a morte do irmão — morte e loucura que ela ignorava —, Valentine empalideceu, doloroso suspiro escapou-lhe do peito e lágrimas não menos pungentes por serem silenciosas rolaram em suas faces; sua felicidade custava-lhe muito caro.

Morrel olhou ao redor, inquieto.

— Mas na verdade o conde exagera em sua generosidade — disse ele. — Valentine vai se contentar com minha modesta fortuna. Onde está o conde, meu amigo? Leve-me até ele.

Jacopo apontou o horizonte.

— O quê? O que quer dizer? — perguntou Valentine. — Onde está o conde? Onde está Haydée?

— Olhem — disse Jacopo.

Os olhos dos dois jovens fixaram-se na linha indicada pelo marinheiro: na linha azul-marinho que separava, no horizonte, o céu do mar Mediterrâneo, avistaram uma vela branca do tamanho da asa de uma gaivota.

— Ele partiu! — exclamou Morrel. — Partiu! Adeus, meu amigo, meu pai.

— Ela partiu! — murmurou Valentine. — Adeus, minha amiga! Adeus, minha irmã!

— Quem sabe um dia voltaremos a vê-los! — exclamou Morrel, enxugando uma lágrima.

— Meu amigo — disse Valentine —, o conde não acaba de nos dizer que a sabedoria humana encontra-se inteiramente nestas palavras: “*Esperar e ter esperança!*.”

¹ Walter Scott, *A noiva de Lammermoor* (1819, capítulo 33) — romance levado à ópera por Donizetti (*Lucia di Lammermoor*, 1835). Ver o [capítulo XXXV](#) (“Aparições”). (N.T.)

² Paul Scarron (batizado em 4/7/1610, Paris – 7/10/1660, Paris), *Dom Japhet da Armênia*, comédia de 1647. (N.T.) ³ Shakespeare, *Hamlet* (1600), ato 3, cena 4, versos 20ss. (N.T.) ⁴ “Confesso.” Em latim. (N.T.) ⁵ Na peça de Schiller *A conspiração de Fiesco* (1783). (N.T.) ⁶ *Ao Deus desconhecido*, em latim. Atos dos Apóstolos, 17: 23ss. (N.T.) ⁷ Corneille, *Cinna, ou A clemência de Augusto* (1643). (N.T.) ⁸ “Mas como a mulher varia, / Louco é quem nela se fia.” François I (1494–1547), palavras inscritas nos vitrais do castelo de Chambord. Versos colhidos por Pierre de Brantôme (1540–1614), *Vidas das damas galantes*. — Ver Stendhal, *O vermelho e o negro*, I, capítulo 23. (N.T.) ⁹ Shakespeare, *Otelo* (1604), ato 5, cena 2, verso 137 (“as water”). (N.T.) ¹⁰ Êxodo 20: 5. (N.T.) ¹¹ Com o governo turco. (N.T.) ¹² “Nada do que é humano me é estranho.” Terêncio (c. 185 a.C., Cartago — c. 159 a.C.), *O castigador de si mesmo* (comédia, 163 a.C.). (N.T.) ¹³ Virgílio, *Eneida* (c. 30 a.C.), livro 1, versos 400ss. (N.T.) ¹⁴ Rossini, *Guilherme Tell*, ópera de 1829. (N.T.) ¹⁵ Êxodo 20: 5; 34: 7. (N.T.) ¹⁶ Plutarco (c. 46–119 d.C.), *Vidas paralelas* (“Brutus”). (N.T.) ¹⁷ “Procurando alguém para devorar”, em latim. (N. E.)

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2017.

Título original: *Le Comte de Monte-Cristo* (1844–1846).

Alexandre Dumas (24/7/1802, Villers-Cotterêts – 5/12/1870, Puys), *O Conde de Monte-Cristo* (1844–1846) Direção

MARTIN CLARET

Produção editorial CAROLINA MARANI LIMA / MAYARA ZUCHELI Direção de arte JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

Diagramação

GIOVANA GATTI QUADROTTI

Capa e jaqueta

FABIANO HIGASHI

Revisão técnica e notas

OLEG ALMEIDA

Revisão ALEXANDER B. A. SIQUEIRA A ORTOGRAFIA DESTE LIVRO SEGUE O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE 1990, QUE PASSOU A VIGORAR EM 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dumas, Alexandre, 1802-1870.

O conde de Monte Cristo [livro eletrônico] / Alexandre Dumas; tradução Herculano Villas-Boas. — São Paulo: Martin Claret, 2020.

4.780 Kb; ePub.

Título original: *Le Comte de Monte-Cristo*

ISBN: 978-65-86014-09-9

1. Ficção francesa I. Título.

20-33754

CDD-843

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção: Literatura francesa 843

Cibele Maria Dias – Bibliotecária CRB-8/9427

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 — Bairro Sumaré — CEP: 01254-010 — São Paulo — SP

Tel.: (11) 3672-8144 — www.martinclaret.com.br